456

BIBLIOTECA DE CATALUNYA

OBRAS

POLITICAS E LITTERARIAS

A. F. Coelho

OBRAS

POLITICAS E LITTERARIAS

DE

FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

COLLECCIONADAS

PELO

Commendador Antonio Joaquim de Mello

EM VIRTUDE DA LEI PROVINCIAL N.° 900
DE 25 DE JUNHO DE 1869
MANDADAS PUBLICAR PELO EXM. SR. COMMENDADOR PRESIDENTE DA PROVINCIA

Desembargador Henrique Pereira de Lucena

TOMO I

1.ª EDICÇÃO

RECIFE

TYPOGRAPHIA MERCANTIL

1875

I

NOTICIA BIOGRAPHICA

Ferreira Coelho

NOTICIA

SOBRE

FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

Nunca foi sabio derramar verdades;
Tem sempre o erro em pé o cadafalso
Para o sabio, que a mascara lhe rasga,
Lhe amostra a face horrenda.

FELINTO ELYSIO.

Il fut sage, voilá son caractere; il voulut ètre utile, voilà sa gloire.

MR. THOMAS.

I

Narrar a vida de um sacerdote, cuja indole boa e liberal o induzio, desde verdes annos até á morte, a servir extremosamente a patria com suas luzes e pessoal exemplo, nas diversas vicissitudes politicas porque passou o Brazil, doutrinando a todos no amor da liberdade e independencia, da justiça, e de todos os deveres do homem e do cidadão; é tarefa patriotica mui agradavel, e de que bem podem resultar á sociedade muitos fructos beneficos e formosos.

Mas em seguida escrever tambem logo, e publicar as circumstancias horriveis da tyrannia, que o immolou, sem a minima sombra de direito e justiça, e só por mero luxo de força e vingança brutal, máo grado todos aquelles relevantes serviços e sciencias, que o adornavam, é uma tragedia, que o coração sensivel não pode recitar sem estremecer de horror e piedade, sem derramar lagrimas, e as vezes arrancar brados de indignação e de extremo desespero.

Verdade é, e bellamente a enunciou Chateaubriand, que durante a vida a felicidade pode ter seu merito; mas, depois da morte, ella perde o preço; porque aos olhos do futuro só ha de bello as existencias desgraçadas.

A estes martyres da intelligencia desapiedadamente immola-

dos sobre a terra, as adversidades são contadas em acrescentamento de gloria; elles dormem no sepulcro com seus immortaes soffrimentos, como os reis com suas coroas. Mas nunca será tão efficaz e reparador este balsamo, que plenamente sare a dolorosa chaga, que em taes casos corroe e incessantemente despedaça os corações sensiveis.

A Assembléa Legislativa da provincia de Pernambuco, pela Lei n. 900, de 25 de Junho de 1869, decretou que se levante um monumento á memoria do illustre Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, a cujos serviços e martyrios acabamos de alludir; monumento, não de peregrino e dourado marmore, nem de expressivo bronze, que o tempo desmorona e consome; mas da publicação pela imprensa de sua vida e serviços, e das suas obras litterarias; e esta na verdade é a mais duradoura e formosa estatua, que a dor, a gratidão e a constante saudade dos Pernambucanos podem erigir ao seu patriotismo, á sua brilhante litteratura, ao seu reconhecido saber.

Honra e louvores á digna Assembléa Legislativa da provincia, que assim se mostra justa, assim se expande em respeito e veneração ás lettras e ás sciencias, e em devoção e culto ao patriotismo infeliz! (1)

Alem de que, as grandes acções, diz Flechier, são exemplos para todos os seculos; os descendentes devem-se instruir com as virtudes de seus avós; e é importante para a prosperidade dos Estados conservar uma tradição publica das cousas memoraveis, que nelles se passam.

Pena é, que a nossa inhabilidade, o desconhecimento de um desenho correcto e sabio, nobreza de concepção e perita harmonia do todo, não nos permittam levantar uma fabrica admiravel, que inspire o gosto da virtude, o amor severo da justiça, a grandeza d'alma, e em summa a energia e zelo do bem da patria. Não pouparemos, porém, diligencia e trabalho; e imperfeito, como é, este nosso edificio historico, duas utilidades comtudo não deixará de conter; primeira, a de uma coroa posthuma ao preclaro merecimento, que com a immortalidade moral lhe pague a vida mortal, de que o furor canibal de um governo sanguinario o despojou; a unica possivel reparação e recompensa que, em taes circumstancias, toda a justiça e conveniencias sociaes reclamam e persuadem; já que

Nunca igualmente se galardoaram
Em vida os altos feitos: só na morte
Seu verdadeiro premio e honra acharam.

E a segunda utilidade é a de um escarmento, no medonho

exemplo alheio, aos governos e aos povos, para não aberrarem dos dictames da justiça e da humanidade, e conterem-se nos limites praticos destes deveres, que a razão eterna lhes impõe, olhos fitos na severa posteridade. Nada nos parece mais interessante á ordem publica e a fraternidade e caridade; que nunca se devem apartar d'entre os homens na sociedade civil, e nunca, nunca em nenhum tempo e situação esquecer.

II

Nasceu Frei Joaquim do Amor Divino na cidade do Recife de Pernambuco, no bairro de Fora de Portas, freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves. Não podemos saber o dia do nascimento e do seu baptismo, onde este celebrou-se, e quem os padrinhos; por que nada de tudo isto consta de registros quaesquer, ou lembranças; seus pais deixaram de existir ha muito, e alguns dos parentes, que ainda vivem, nada sabem a respeito.

No archivo do proprio convento de Nossa Senhora do Carmo da mesma cidade, onde elle tomou o habito em 8 de Outubro de 1796, fazendo solemne profissão no anno seguinte, e onde procedeu-se competentemente, e se julgou pelo padre Provincial a justificação do estado e requisitos da sua pessoa, para poder ter entrada na religião, tambem nada apparece sobre taes pontos e requisitos.

Domingos da Silva Rabello e sua mulher Francisca Maria Alexandrina de Siqueira foram os pais de Frei Joaquim do Amor Divino. Domingos da Silva Rabello, disse elle, era bem conhecido nesta cidade; e Pedro José de Siqueira, natural de Lisboa, e Clara Alves de Torres, foram os seus avós maternos. A demais ascendencia está declarada no escripto intitulado— *O caçador atirando segunda vez á Arara Pernambucana*, onde o leitor a poderá ver; pois que até por esta circumstancia é este escripto um dos que adiante se acharão, entre as demais producções, de cuja collecção nos encarregamos.

O agnome de Caneca é um appellido, com que alguns alcunhavam a familia decente e virtuosa deste religioso, em razão de ter o honrado e modesto pai uma officina de tanoeiro, que regeo por algum tempo: Frei Joaquim o acrescentou a seu sobrenome.

Feitos os necessarios estudos em seu convento, e na provincia natal, obteve do cardeal Pacca, nuncio em Portugal, dispensa apostolica da idade para se poder ordenar aos vinte e dous annos; o que se verificou.

Manifesta a sua erudição e sciencia, o seu convento lhe con-

ferio patente de leitor em rhetorica e geometria, no anno de 1803. Occupou na sua ordem o lugar distincto de definidor; e no anno de 1809, quando o padre mestre Frei Carlos de S. José, fallecido bispo do Maranhão, foi nomeado visitador do mesmo convento, foi elle Frei Joaquim do Amor Divino escolhido para secretario dessa commissão; emprego que desempenhou com zelo e a sua reconhecida intelligencia.

Por esse tempo era nesta cidade do Recife lente publico de geometria o Dr. Antonio Francisco Bastos, Pernambucano, do qual foi amigo Frei Joaquim, que com elle estudou e aprendeu mecanica e calculo. (2)

III

Eis que estronda na cidade do Recife a explosão democratica e independente, no dia 6 de Março de 1817. O lume fascinante da liberdade abala mais e força de preferencia o coração daquelles, que por seu saber são materia mais disposta para receberem e amarem sua poderosa influencia, sua encantadora belleza e seus beneficios; bem como do amor disse Camões:

Antes na altiva mente,
No subtil sangue, e engenho mais perfeito,
Ha mais conveniente,
E conforme sugeito,
Onde se imprime o brando e doce effeito.

O sabio Frei Joaquim do Amor Divino foi assaz impressionado, em todas as disposições de sua alma franca e sincera, pelo choque e effeitos da nova liberdade apparecida. E quando o governo provisorio da proclamada republica fez marchar uma expedição militar para o centro da provincia, que se sublevava, e contra a das Alagoas segunda vez, sob o commando do capitão mór do Cabo Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Frei Joaquim encorporou-se voluntario á mesma expedição, e por lá se achou nas diversas refregas e combates, porque a expedição passou.

O Rvd. Dr. Francisco Muniz Tavares, que tambem se envolveu, por seus sentimentos e factos liberaes, naquella admiravel revolução, e por ella padeceu nas prisões da cadeia da cidade da Bahia, na sua *Historia da Revolucão de Pernambuco em* 1817, assim se expressa a respeito do seu companheiro de infortunio Frei Joaquim:—Foi no Engenho-velho do Cabo, que essa

tropa expedida do Recife se reunio : para ali encaminhou-se tambem o chefe acompanhado por dous religiosos carmelitas, Frei Joaquim do Amor Divino, e Frei José Maria Brayner, ambos excellentes patriotas, sobresahindo o primeiro ao segundo pelos seus conhecimentos em litteratura, e particularmente em mathematica, requisito que o habilitava a exercer o posto de conselheiro, entretanto que o Brayner servia de secretario, e de capellão. (3)

Desappareceu a republica a effeitos de contra revoluções dos povos do interior, e de um bloqueio maritimo rigoroso, apezar de alguns combates e de tudo quanto humanamente foi possivel fazer, e fez em contrario o governo republicano, em tão pouco tempo, e segundo as faculdades da provincia ; porque em summa a ignorancia tem no vulgo o seu throno sobre fundamentos eternos.

Restaurada a autoridade regia, então viu-se a barbaria realista de quanta maldade é capaz ; os açoites nos presos, as galés, as injurias mais sordidas e vis, os sepulcraes segredos, as incommunicabilidades, correntes, grilhões enormes e duplicados, algemas, sequestros de todos os bens, forcas,....em uma palavra, imaginae quanto pode haver de inhumano, indigno e asqueroso, e acreditae-o realisado, e soffrido com a mais heroica resignação pelas victimas desgraçadas e vencidas, que se atreveram a proclamar livres.

Tinham dado muito nas vistas a adhesão e compromettimentos de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, e tinham-lhe sede os realistas ; foi preso, e embarcado para as prisões da capital da provincia da Bahia.

Antes de embarcar, ataram-lhe ao pescoço uma grossa corrente de ferro. Com a cabeça descoberta, elle e mais tres, e estes tres amarrados os braços com cordas, precediam a marcha dos demais, que em filas caminhavam, rodeados de forte destacamento de tropa, na populosa cidade do Recife. A musica militar os acompanhava, afim de convidar com o seu som todas as classes da povoação a serem testemunhas da lugubre procissão.

Depois de corrrerem assim as principaes ruas, chegaram ao brigue *Mercurio*, destinado para transportal-os : foram todos encerrados no fundo do porão; grilhões aos pés substituiram os laços de cordas nos braços dos tres que os traziam ; uma gargalheira atando estreitamente o pescoço de todos os presos, com as duas pontas cravadas no pavimento, obrigava a todos a permanecerem deitados, sem outro leito fora das alcatroadas taboas do mesmo porão.

Tres sentinellas armadas de baioneta e chibata, velavam continuamente, prohibindo não só a communicação da palavra, como o desafago dos gemidos. A sede augmentada pela quali-

dade do alimento salgado, unico subministrado, não podia ser saciada, se não por uma só medida d'agoa em todo o dia.

Como si aquelles tres sentinellas não bastassem para a rigorosa vigilancia, de hora em hora vinha um inspector, que diligente examinava si os ferros tinham sido limados. O somno, refrigerio dos afflictos, era de tal modo despertado por aquelles deshumanos algozes.

Por tudo isto passou, tudo isto padeceu Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Leitor, conclue o predito Historiador, a quem seguimos nesta exposição, aprende como são tratados os vassallos de um rei absoluto.

Depois de quatro dias de viagem, seguimos ainda o predito Historiador, e dos tormentos a que nella foram expostos os presos, ancorava no porto da Bahia o brigue *Mercurio*. Antes de desembarcarem, foram todos acorrentados, excepto Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, o Dr. Manoel José Pereira Caldas, e o deão de Olinda Bernardo Luiz Ferreira, que algemados caminhavam separados, indicando de ante mão a sorte que sobre elles já se havia lançado. Entrando os presos na cadeia, pareceu-lhes entrar no inferno, e que todas as legiões de demonios preparavam-se para recebel-os. A luz opaca de um velho candieiro, que apenas mostrava o ingresso daquella medonha caverna, reflectindo sobre os diversos objectos em roda, prestava-lhes mais lugubre aspecto; o estrondo das portas ferradas, que abriam-se, e fechavam-se ao mesmo tempo, (foi á noite a entrada na cadeia,) o rumor das correntes que preparavam-se como mais pesadas para troca das que foram trazidas de bordo da embarcação; os gemidos mandados da enxovia pelos escravos ahi detidos, e que todos os dias eram barbaramente açoutados; o empestado fedor da nojenta cloaca amalgamado com o fumo, que exhalavam os cornos em que trabalhavam alguns dos velhos encarcerados mais diligentes; tudo concorria para alterar a imaginação já assaz debilitada pelos actos violentos anteriormente praticados.

Os miseros Pernambucanos volviam os olhos procurando encontrar um semblante, que desse ligeiro signal de compaixão, e não descobriam, senão serpentes revestidas de carne humana. O carcereiro com o seu ajudante e dous negros, exercitados nas funcções de algoz, os recebiam, vomitando com os licores, de que sempre se embriagava, injurias que o mais vil arrieiro envergonhar-se-hia de proferir: *Eu sou Portuguez, sou o governador deste castello*, dizia, entre outras muitas sandices, o carcereiro, e *quero ser o carrasco para enforcar hoje mesmo a vós todos, infames rebeldes.* Pronunciava taes ditos esgrimindo uma espada desembainhada.

O capitão general havia estabelecido, que da Fazenda Publica fossem dados para a despeza diaria de cada um dos presos de Estado 200 reis, somma que reunida bastava para conveniente sustento. Entretanto o carcereiro incumbido da administração deste ramo, uma só vez no dia fazia distribuir aos desgraçados limitada porção de carne, quasi sempre putrefacta, envolvida em pouca farinha. Traziam este alimento negros escravos acorrentados, semi-núS, com o corpo ulcerado, e vertendo ainda sangue por continuos açoutes.

Quando os presos se embarcaram em Pernambuco, as suas familias enviaram ás respectivas embarcações bahús com roupas, para que lhes fossem entregues. Não se lhes communicou jamais a noticia de tal remessa; a crueldade por um refinamento inaudito reteve na Alfandega aquelles bahús. Por este motivo viam-se tantos respeitaveis cidadãos privados não só do ordinario alimento, como de uma simples camisa, para mudar a immunda e esfarrapada, que apenas cobria-lhes os descarnados ossos. A barba e as unhas cresciam com a poeira, porque faltava a agoa necessaria; e tocar em navalha, thesoura, faca ou garfo, era delicto imperdoavel. Nojentos vermes devoravam a pelle daquellas mumias viventes; a morte começou a dizimal-os.

Omittimos outros muitos vexames crueis e mortiferos, outros muitos improperios ao patriotismo infeliz, porque passaram os presos de Pernambuco na cadeia da cidade da Bahia, dos quaes todos era participante o benemerito Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

De tanta miseria nenhum Bahiano mostrou-se compadecido, nem ao menos indirectamente; negavam a amizade, suffocavam os mais suaves movimentos do coração, para não excitarem desconfianças. Tal era o terror, que inspirava o crime de lesa-magestade, e a legislação criminal, arbitraria e feroz daquelles tempos desgraçados! Tanto aterravam os espiritos as sanguinarias commissões militares, que na mesma cidade recentemente se tinham levantado, e assassinado a patriotas recommendaveis e sempre saudosos por suas virtudes e saber!

Mas algumas freiras, apenas ouviram no fundo de seus venerandos claustros os gemidos dos afflictos, requereram ao conde dos Arcos a permissão de dividirem com os pobres famintos a porção de pão que lhes tocava. Attendidas, a obra de misericordia foi executada. Gozou della Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

As senhoras D. Rosa e D. Candida, do convento do Desterro, soccorriam tambem, como podiam, aos demais presos, com a mais pura e amavel caridade e zelo.

Os presos se lhes mostravam muito agradecidos; elogiavam, com muitos versos, as suas virtudes e bons exemplos, não sendo

Frei Joaquim do Amor Divino o que menos se distinguio, apezar de não ser a metrificação poetica o seu forte, e de não fazer da poesia vulgar um frequente uso.

Alguns dos versos, que elle dedicou á sua bemfeitora, e que nos foi possivel, depois de muitas diligencias, alcançar, vão appensos á presente Noticia. E não só isto: escreveu o mesmo Frei-Joaquim uma grammatica da lingoa portugueza, a qual ensinou da prisão á sua beneficente protectora; recommendando-lhe, que lesse tão somente della até onde lhe ia marcado, e nada mais. e lhe participasse o que não entendesse, e as duvidas que lhe occorressem. E assim ella obrando, e diariamente proseguindo em iguaes tarefas e lições, aprendeu a grammatica portugueza, sendo o seu mestre Frei Joaquim, sem a ver, e sem outro modo de lições.

Essa grammatica o leitor á tem no Appenso.

Cessaram as carnificinas das commissões militares em Pernambuco, e foi esta substituida por uma alçada composta de desembargadores. Esta alçada, depois de muito tempo demorada em Pernambuco, transportou-se á cidade da Bahia, para onde fez tambem embarcar todos os presos que jaziam em Pernambuco, para serem sentenciados afinal na relação da mesma cidade, á vista da monstruosa devassa, a que a mesma alçada procedera em Pernambuco pela dita rebellião de 1817. Não havia ainda em Pernambuco um tal tribunal de segunda instancia, e a legislação de então não attendia lá a essas minudencias de foro do delicto, ou do domicilio; tudo era arbitrario e a capricho do poder, em detrimento das garantias da innocencia e da defeza.

Ou fosse a prolongação do tempo da prisão, (quasi dous annos,) que ordinariamente traz a piedade em favor do réo, mormente quando outros co-réos do mesmo delicto o tem pago com a vida; ou fosse effeitos da intriga, que surgio entre o capitão general Luiz do Rego Barreto e o presidente da alçada Bernardo Teixeira, não se renovou com o embarque e remessa destes ultimos presos o modo ignominioso e atormentador praticado com os primeiros, quando embarcaram-se; nem dentro das embarcações receberam máo tratamento: a cada um permittiu-se levar comsigo a roupa e dinheiro que julgasse necessario.

Foi tambem differente o tratamento, quando desembarcaram na Bahia.

Soffreram na cadeia o incommodo inevitavel da estreiteza do lugar, com a sua inseparavel immundicia; mas isto mesmo foi melhorado, passando-se os mais pobres para a enxovia, onde viveram misturados com os réos de policia e os negros escravos.

Desta epocha datou o melhoramento da condição dos infelizes. Das mãos dos que então chegaram, receberam pela pri-

meira vez cartas de suas familias, vestidos e soccorros pecuniarios, que lhes remettiam.

Com avultado ganho, o carcereiro começou a conceder o uso de papel, pennas e tinta. Com algum custo ainda obtiveram-se Novellas, e algumas Viagens, que passam de mão em mão ambiciosamente. Um dia, porém, disse o padre Francisco Muniz Tavares: Si nos havemos de entreter com essas Novellas, que corrompem antes do que moralisão, porque não mandamos vir livros de instrucção, que utilisando-nos, matam o tempo, que passamos na ociosidade? Foi dito e feito.

Os primeiros livros, que entraram, foi uma alluvião de diccionarios francezes, acompanhados de outros tantos Telemacos, Fabulas de Lafontaine, e outros classicos francezes: todos queriam aprender a lingoa; haviam cinco ou seis mestres, entre outros Felippe Mena Calado da Fonseca, e padre Muniz, que muito utilisou á mocidade; mais tarde ensinou elle logica. Alguns que já sabiam esta lingoa, applicaram-se a lingoa ingleza, como Manoel Clemente, Vilella Tavares e outros, tendo por mestres Francisco José Martins e Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva, que tambem ensinou a alguns direito natural, e algum tanto de direito civil. Pedro da Silva Pedroso ensinou por duas vezes arithmetica e algebra; e a geometria, e o calculo Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, que ensinou a muitos rapazes, entre outros a Wenceslau Miguel Soares Carneviva, depois tenente coronel commandante do corpo de artilheria em Pernambuco. Este moço, que mal sabia ler, e algumas definições geometricas, sahio sabendo bem mathematicas puras; e á força de copiar defesas dos collegas presos, adquirio uma calligraphia admirada por todos. Bazilio Quaresma Torreão ensinou tres cursos de geographia, e publicou depois um bom Tratado de geographia universal.

Em fim, todo o mundo estudava; a habitação das trevas transformou-se em asylo de luz.

Reinava entre todos a mais perfeita harmonia; mais virtuosa conducta não se pode imaginar: ella assaz claro provava que aquelles, que a praticavam, eram dignos de melhor sorte.

Ahi mesmo, nesse tormentoso carcere, glosou Frei Joaquim do Amor Divino a seguinte quadra melancolica e sinistra. Seria essa glosa um prenuncio, ou prophecia da sua derradeira e funesta sorte?

Não posso contar meus males,
Nem a mim mesmo em segredo;
E' tão cruel o meu fado,
Que até de mim tenho medo.

GLOSA

Dos homens sendo a paixão
Incendio voraz no peito,
Sempre tem funesto effeito,
Si não rebenta o volcão.
Eis porque, meu coração,
Pouco falta, que me estales;
Porque nos montes, nos valles,
Em deserto, ou povoado,
Não posso soltar um brado,
Não posso contar meus males.

Horrenda sorte, e funesta,
Escasso fado mofino,
Até me roubas, malino,
O allivio que me resta!
Tudo que sinto me attesta
Que os do Cocyto inda excedo;
Porque não tendo elles medo
De contra Deus blasphemar,
Não posso de mim fallar;
Que até de mim tenho medo.

Ver o polo negro arder
Em raios abrazadores;
Feros Notos berradores
Dos montes cedros varrer;
Todo o mundo estremecer,
Dos trovões ao rouco brado;
Da terra o centro rasgado
Nações inteiras sorvendo,
Quanto ver isto é horrendo!
E' tão cruel o meu fado.

O peito d'antes sereno
Centro de amor e ternura,
Agora é morada escura
De males mil, com que peno.
Vós p'ra quem um fado ameno

Aponta com aureo dedo,
Fugi de mim, porque cedo
Mudar-se vereis a sorte;
Pois o meu mal é tão forte,
Que até de mim tenho medo.

Succedeu ao conde dos Arcos no governo da provincia da Bahia o conde da Palma. Os presos não se abaixaram a enviar ao conde dos Arcos reclamação sobre objecto qualquer, no longo tempo de sua maior angustia e atropellos crueis; luctavam com a morte sem proferir um gemido. O novo governador privou o carcereiro da administração dos alimentos, e confiou-a ao benemerito capitão do regimento de artilheria daquella mesma cidade Manoel de S. Boa-ventura Ferraz; o qual a desempenhou muito bem, e com satisfação de todos os presos. (4)

Inesperadamente mudou toda a face da monarchia portugueza com a proclamação e adopção do systema politico de governo constitucional representativo, e suppressão do degradante governo absoluto. Sob a inspiração e influencia deste novo governo liberal, a relação da cidade da Bahia, sem faltar á justiça, julgou nulla a devassa formidolosa da alçada sobre a rebellião de 1817, e foram soltos os presos, a excepção de dous; e estes mesmos afinal foram perdoados pelas côrtes constituintes de Lisboa.

Depois de quatro annos completos de prisão, restituiu-se Frei Joaquim do Amor Divino Caneca á sua provincia natal, e aos braços e carinhos de seus pais e dos seus amigos saudosos.

IV

O mesmo homem da liberdade, zeloso do bem e grandezas de sua provincia natal, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca continuou a tomar parte, quanto lhe permittiram decentemente o seu estado e occupações, nos negocios e vicissitudes politicas da provincia de Pernambuco, sempre com honra e intrepidez, e geralmente mui acatado e estimado.

A' noticia da chegada do rei D. João VI á Lisboa no dia 3 de Julho de 1821, Frei Joaquim fez uma bonita ode, que imprimiu em 1822, applicando o lucro, que resultasse da sua venda, para soccorro de uma familia desgraçada. (5)

A primeira junta do governo constitucional de Pernambuco, de que era presidente Gervasio Pires Ferreira, conferio ao mesmo Frei Joaquim provisão da regencia da cadeira de geometria elementar em o 1.° de Janeiro de 1822, por ter passado á lente de

phoronomia o Dr. Antonio Francisco Bastos, que exercia aquelle magisterio. O novo provido na cadeira de geometria a regeu, vencendo o ordenado que tinha o seu antecessor.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca não foi um litterato e sabio ocioso; escreveo muitas obras. A quem rascunha estas regras declarou elle pessoalmente, que tinha de sua composição uma Historia da provincia de Pernambuco até o tempo do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro; mas não ha quem della dê a menor noticia, por mais diligencias que fizessemos desde a sua morte em 1825.

Alguns sermões, orações de sapiencia na abertura de tantas aulas de diversas faculdades, que elle regeu no seu convento, e fora delle, a todos que o quizeram ouvir e aproveitar-se, antes e de 1822 em diante; umas Notas a Genuense, e um Compendio de chronologia; tudo isto é perdido.

Existe impresso um sermão que elle pregou na Ordem 3.ª do Carmo do Recife, em principios do anno de 1823. Nelle vê-se quanto o seu illustrado patriotismo não perdia occasião e opportunidade de lugar para se insinuar, e expender.

Escreveo um Tratado de eloquencia, que existe.

Traduzio do francez o *Espelho das mulheres, ou arte de realisar por meio das graças os encantos da formosura.* Existe impresso por Januario Alexandrino, seu irmão; mas com tantos erros, e mudanças de antecedencias para subsequencias, e vice versa, nomes proprios, e phrases que se não podem entender, etc. que fôra sujar inutilmente papel, sem nenhum proveito e vantagem, o reproduzil-o aqui.

Tambem traduzio da Encyclopedia Ingleza a *Historia da Fra-maçonaria.* Contém esta impressão, feita, como a antecedente, no periodico *Annunciante*, que o dito seu irmão Januario deu á luz, os mesmos defeitos do outro; e demais está incompleta.

O que existe da penna de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, e que fôra com muita diligencia e por muitos annos recolhido por nós, e que ora em desempenho do nosso contracto entregamos ao publico, é mais que sufficiente para comprovar as luzes de que elle dispunha, e o fogo que lhe abrazava incessante o heroico peito no amor da liberdade e lustre da provincia, em que nasceu, e que elle tão estremecidamente amava.

V

Exultava o Brazil com as garantias de liberdade e venturas, que lhe offereciam as côrtes constituintes da monarchia, em Lis-

boa, e especialmente se orgulhava destas liberaes felicidades e vantagens a provincia de Pernambuco, como aquella, que primeira e mais arrojada e plenamente se havia sacrificado em 1817 por semelhantes mudanças e prosperidades; mas as cortes constituintes se foram desenvolvendo no sentido de privar-nos da categoria de reino, e reduzir-nos á de colonos. Censurou-se, disputou-se, guerreou-se; até que teve esta contenda um paradeiro na proclamação da independencia da nação brazileira, e acclamação do senhor D. Pedro I em imperador constitucional do imperio do Brazil.

Veja-se este documento importantissimo, nossa profissão de fé politica, primeiro e imprescriptivel fundamento do nosso direito publico constitucional, ao menos para a provincia de Pernambuco.

" TERMO DE ACCLAMAÇÃO DO AUGUSTO IMPERADOR CONSTITUCIONAL, E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL O SENHOR D. PEDRO I

Aos oito dias do mez de Dezembro de 1822, nesta villa do Recife e paços do concelho della, onde se achava o juiz de fora pela lei, vereadores, e procurador da camara, comigo escrivão da camara, ahi compareceram a excellentissima junta provisoria, o governador das armas, a relação, clero, nobreza e povo, os homens bons, que no mesmo senado tem servido, os misteres, e mais cidadãos de todas as classes civis e militares, para o fim de se acclamar ao senhor D. Pedro de Alcantara I imperador constitucional, e perpetuo defensor do Brazil: o que sendo-lhes proposto, responderam, que esta medida tomada pelos povos do Rio de Janeiro, e por elles transmittida as mais provincias do Brazil, não só era necessaria, como indispensavel á segurança do reino do Brazil, por *competir só ao rei constitucional os attributos do poder executivo;* e que por isso manifestavam ser a sua livre vontade, e a de todo o povo em geral desta provincia, desligar-se para sempre de Portugal, por ter sido por elle sempre cruelmente offendido nos seus direitos, e por *ser livre a qualquer parte integrante de alguma nação, que muda o seu pacto social e forma de governo, separar-se, si as condições do novo pacto não forem reciprocas, ou lhe não agrada-*

rem ; protestavam ser uma nação independente e livre, á custa da propria vida. E disseram mais, que sendo a acclamação do mesmo senhor uma consequencia necessaria e infallivel da independencia do Brazil, e um justo premio merecido á sua real resolução de ficar no Brazil, garantindo os seus direitos, acclamavam, reconheciam e obedeciam ao dito senhor como imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brazil. A vista do que, o juiz de fora presidente deste senado João Lucio da Costa Monteiro deu por tres vezes os seguintes vivas, que foram correspondidos por todo o povo, dito das classes e ordens, que se achavam no pateo da casa da camara, com muito enthusiasmo e prazer : Viva a nossa santa religião! Viva o senhor, o augusto senhor D. Pedro de Alcantara, primeiro imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brazil! E para de tudo constar mandaram fazer este termo, em que todos assignaram ; e eu José Maria de Albuquerque, escrivão da camara, o escrevi.—Affonso de Albuquerque Maranhão, presidente —José Marianno de Albuquerque Cavalcanti, secretario – Francisco Paes Barreto—Francisco de Paula Gomes dos Santos—Manoel Ignacio Bezerra de Mello—Pedro da Silva Pedroso, governador das armas—Lucas Antonio Monteiro de Barros —Antonio José Osorio de Pina Leitão—João Evangelista de Faria—Eusebio de Queiroz Coutinho da Silva—Francisco Affonso Ferreira—João Lucio da Costa Monteiro—Francisco de Barros Falcão de Lacerda—Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto—João Xavier Carneiro da Cunha—Luiz José Nunes de Castro—José Maria de Albuquerque Mello—Antonio Borges Leal, tenente coronel ajudante de ordens—Francisco de Paula Cavalcanti Lacerda, ajudante de ordens do governador das armas—Joaquim Bernardo de Figueiredo, capitão commandante interino—João Coelho de Carvalho, 2.º escripturario da Contadoria—José Antonio Pereira de Carvalho—José de Matos Girão, coronel de milicias—Bento José da Costa—Manoel Francisco Maciel Monteiro—José do Rego Barros —Francisco de Souza Rangel—João de Oliveira Gouvim Maciel—Domingos Fernandes de Souza Bandeira—An-

tonio José Ferreira Calado—João Baptista da Silva Dutra, capitão tenente da marinha nacional—Joaquim Clemente de Lemos Duarte—José Joaquim Soares de Andrade Brederode, capitão commandante da 2.ª Guerrilha—Patricio José Borges—Rufino José Correia de Almeida—José Gonçalves da Luz, sargento-mor commandante—Simeão Correia de Lima e Albuquerque—Antonio Luiz Bezerra da Silva—Manoel Izidro de Miranda, 3.º official da Secretaria—Praxedes da Fonseca Coutinho, alferes da 2.ª Guerrilha—Candido Gomes de Figueiredo Caninana, alferes—João Paulo de Lyra Flores—Bernardo Fernandes Vianna—Jorge Acurcio e Silveira—Antonio José de Miranda Castro. "

Esta solemnidade da acclamação do senhor D. Pedro I em imperador constitucional do Brazil foi tambem celebrada no mesmo dia com uma sumptuosa festa pela camara municipal da cidade do Recife, na igreja matriz do Corpo Santo, com assistencia da junta provisoria do governo, membros do tribunal da relação, que haviam assistido e intervido na acclamação, clero, nobreza e povo, como ainda então se dizia. Foi nella orador Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que eloquentemente desempenhou o assumpto, com geral persuasão, e applausos.

Este magnifico sermão foi impresso na corte do Rio de Janeiro, na Imprensa Nacional. Incluimo-lo nesta Obra.

No anno de 1822 escreveu Frei Joaquim do Amor Divino Caneca uma sabia e erudita *Dissertação sobre o que se deve entender por patria do cidadão e dos deveres de cada cidadão para com a mesma patria ;* a qual dissertação fez imprimir no anno seguinte, e teve por fim conciliar os animos dos Portuguezes indigenas de Pernambuco, e dos Portuguezes europeus nelle estabelecidos ; nobre e interessantissimo assumpto. Um exemplar dessa preciosa obra o patriotismo extreme e bem intencionado de seu autor nol-o passou de sua mão á nossa, no mesmo anno de 1823. Ella faz parte desta collecção.

O tenente coronel Pedro da Silva Pedroso, que exercia o posto de commandante das armas, neste mesmo anno de 1823, poz-se em conflicto com a junta do governo da provincia, e chegou ao excesso, assas reprehensivel e criminoso, de cercar a junta em seu palacio com tropa e artilheria ; e o desenfreio da gente de côr, que o seguia, appareceu e sentiu-se. Em summa subiram as desordens a ponto de sahir a junta do governo da capital do Recife, e ir estabelecer a sua sede na villa do Cabo, distante sete legoas, e ficar a populosa cidade do Recife sem governo algum por

sete dias consecutivos; nos quaes os cidadãos paisanos faziam, dia e noite, voluntarias rondas e a policia de vigilancia e prevenção; e não houve, cousa admiravel! a menor offensa ás pessoas, nem ataques á propriedade, na mesma rica cidade, em todos esses dias de anarchia e molestos desasocegos.

Pedroso, sendo convidado pela camara municipal, e por bons modos admoestado, e mesmo rogado, ahi cedeu a resignar o commando das armas, em bem da tranquillidade publica, e foi embarcado para a corte do Rio de Janeiro. Com elle foram remettidos para a mesma corte outras pessoas das mais complicadas nesta anarchia, e lá foram recolhidas á prisão.

Umas destas pessoas escreveu lá e publicou um periodico intitulado *Arara Pernambucana*, e nelle invertia os factos do acontecimento, e calumniava, com desfaçamento e audacia espantosa, os cidadãos de cá, attribuindo-lhes intenções e planos republicanos, em que ninguem pensava; o que arruinava o credito politico, a marcha regular e o decoro da provincia. Não soffreu Frei Joaquim do Amor Divino Caneca tanta calumnia e protervia; combateu-o com os tres escriptos—*Resposta ás calumnias e falsidades da Arara Pernambucana—O Caçador atirando á Arara Pernambucana — O Caçador atirando segunda vez á Arara Pernambucana.*

São tres peças de mestre, recommendaveis por seu estylo, vehemencia e logica; pena é, que envolvam tantos ataques á vida particular do audaz *Arara*, e descomposturas a algumas outras pessoas, alias benemeritas, posto fosse aquella epocha inexperiente a epocha dos enredos, ousadias e irregularidades, inclusive as da imprensa, no estado de dissolução social, em que nos achavamos, pela assumida independencia ainda não consolidada, ainda combatida, e disputadas as formas, em que deviamos ficar. O mesmo *Caçador da Arara*, talvez não duvidasse hoje, si fosse vivo, renegar esses excessos, ex-vi da sua probidade e virtudes publicas. Por nossa parte diremos aos leitores, que não olhem a taes descomedimentos, mais que fossem em represalias; já que a nossa obrigação de dar todas as obras do autor nos não permitte supprimir aquellas tres suas producções, que alias não o merecem, á parte tudo isso que quizeramos poder eliminar, justa ou injustamente.

Estas referidas tres composições, que com effeito deram cabo vergonhosamente do *Arara*, as incluimos nesta Obra.

Dedicou-se em seguida Frei Joaquim a escrever e publicar as famosas *cartas de Pitia a seu amigo Damão;* as quaes versam: a 1.ª sobre a analyse dos cinco primeiros numeros do *Diario do Governo*; a 2.ª sobre a pastoral do cabido de Olinda; a 3.ª sobre os projectos despoticos do ministerio do Rio de Janeiro; a 4.ª sobre o espirito anti-constitucional, revolucionario e anarchico do *Re-*

gulador Brasileiro; a 5.ª sobre a mesma materia da precedente; a 6.ª sobre a carta de João Baptista de Araujo Pitada; a 7.ª sobre a doutrina anti-constitucional e perigosa do *Conciliador Nacional* n.º 34; a 8.ª sobre a evacuação do convento do Desterro em Olinda, feita pelos padres mariannos; a 9ª sobre as sociedades secretas de Pernambuco; e a 10.ª sobre a sociedade maçonica em Pernambuco.

Todas estas cartas são de merito relevante, a muitos respeitos. O leitor as achará tambem nesta Obra.

VI

A assembléa constituinte da nação brasileira reunida trabalhava na cidade do Rio de Janeiro, mas foi cercada por tropa e artilheria, e dissolvida pelo decreto de 12 de Novembro de 1823.

Alguns dos seus deputados, chegados a Pernambuco, fizeram um Manifesto desta violenta façanha e fatal golpe de Estado, sobre o qual em outros escriptos já deixamos dito a nossa opinião, e feito algumas reflexões. Causou, como não podia deixar de causar, o maior abalo e exaltação esta arrebatada catastrophe; de sorte que a junta do governo da provincia de Pernambuco se reconheceu sem força moral para manter-se no leme da mesma provincia.

Perante um grande conselho, que convocou, e se reunio no dia 13 de Dezembro, assim o declarou, e pedio que se lhe aceitasse a demissão, que dava do governo. Foi em consequencia eleito presidente da provincia Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que servia de intendente da marinha, e o Dr. José da Natividade Saldanha para secretario, regulando-se esta eleição pela lei de 20 de Outubro de 1823; pelo que se elegeu tambem o conselho, que com o presidente devia governar, nos termos da mesma lei.

E como esta eleição foi feita pelo grande conselho, o corpo eleitoral das comarcas do Recife e Olinda, no dia 8 de Janeiro de 1824, reunido sob a presidencia da mesma camara de Olinda, considerada ainda como a da capital da provincia, a ratificou, ou elegeu de novo as mesmas pessoas, com pouca alteração quanto aos conselheiros. E o mesmo corpo eleitoral por uma respeitosa representação ao imperador, bem que energica, como cabe á nobreza de cidadãos livres, lhe pedio desculpa deste passo, de que esperava decidida approvação, vistas as circumstancias melindrosas da provincia, cujos males se exacerbarião, si se verificasse a nomeação de presidente da provincia por S. M., que se dizia estar feita, de Francisco Paes Barreto, um dos ex-membros da

passada junta, que de mais se reconhecera sem força moral para continuar no governo da mesma provincia.

Aqui foram as divergencias politicas da provincia, e seus grandes trabalhos e desgraças. Increpaes aos oppoentes de temerarios? A la fé que não tendiam elles para a servilidade e o desbrio; rebatiam ultrages, e luctavam para que a posteridade visse neste povo um povo digno e severo, que livremente se governava, dando a lei, e não curvado ao jugo e escarneo dos que lhe impunham por lei as restricções mentaes da sua vontade e pessoaes interesses.

O presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, homem energico e decidido, satisfazia as aspirações de decoro e resistencia da provincia, sob as quaes tinha sido eleito, sempre acatando a opinião geral. Assim reunio elle um grande conselho para o consultar sobre a posse e effectividade de Francisco Paes Barreto, presidente nomeado pelo imperador. Foi pela negativa o conselho. E sendo convidado tambem para dar o seu voto a este respeito Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, apresentou-se, e leu o seguinte, que correu impresso, com a acta respectiva.

" Convidado eu, como membro do corpo litterario desta praça, por officio de 5 deste, para que unido aos demais cidadãos desta provincia tratasse da tranquillidade e segurança da mesma, que se acha ameaçada, desde que aqui appareceu a carta de S. M. I e C., pela qual elegia para presidente politico da provincia ao morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, eu iria de encontro aos meus sentimentos patrioticos, si acaso me deixasse ficar embalando na rede da indolencia, e não viesse ter parte nos trabalhos dos meus compatriotas, correndo o mesmo risco delles, em dizer com franqueza a minha opinião sobre materia inteiramente espinhosa e arriscada.

Para fugir, portanto, ao labéo de apathico e insensivel ao socego, segurança e tranquillidade do meu paiz natal; escudado com o racional e justo preceito de S. M. I. de que *se advogue a causa da patria, ainda que seja contra sua augusta pessoa*, eu direi com a franqueza propria do meu caracter aquillo que sinto nesta questão, sem que me proponha á *lisongear ao povo, ou ao monarcha, para com a mascara do liberalismo, ou servilismo fundar a minha fortuna precaria sobre as ruinas da patria.*

Trata-se neste respeitavel ajuntamento dos Pernambucanos mais distinctos por suas luzes, suas virtudes moraes e civicas, pelo mais apurado zelo, pelo bem do seu paiz, si *acaso attendendo-se unicamente á nomeação feita por S. M. I. á favor de Francisco Paes Barreto, para presidente politico desta provincia, dever-se-ha dar posse ao dito nomeado.*

Si nada mais devesse entrar em linha de calculo, que a au-

toridade do mandante, e os officios da obediencia dos mandados, estava a questão resolvida. Nada restava á dizer-se, senão *que se deve dar posse ao eleito por S. M.* Mas como o problema não tem a simplicidade que parece á primeira vista, e se acha revestido de muitas e ponderosas circumstancias, que não são para serem desprezadas, a primeira resolução é irracional, injusta e inexequivel; pois que não abrange tudo que devera comprehender. Por isso voto, que se não admitta na presidencia da provincia o dito Francisco Paes Barreto; e as razões, em que me estribo para assim opinar, são deduzidas das intenções de S. M. I. e C., dos fins desta eleição, das qualidades e sufficiencia do eleito e das consequencias desta posse.

As intenções de S. M. no regimen constitucional do imperio não podem ser outras, que a conservação das provincias do mesmo imperio, sua paz e tranquillidade, e a felicidade de seus povos; pois que estes devem ser os sentimentos de um imperador constitucional, e do defensor perpetuo do Brazil; e elle mesmo o tem por vezes declarado á face de Deus e dos homens. Portanto, seria um sacrificio suppôr á este augusto senhor, que, deixando as raias desta justiça, se entregava aos impulsos descompassados de um capricho inconstante, ou de timbres irracionaes.

Como, porem, desta nomeação do Paes Barreto em presidente não se pode conseguir o bem estar dos povos desta provincia, e se arrisca a integridade do imperio, não se lhe deve dar posse, apezar da nomeação de S. M. I. e C. De mais, poder-se-ha suppor, que S. M. I. queira a execução de ordens suas, quando estas produzirem o effeito contrario ao que se deve desejar e esperar á beneficio dos povos? Um tal desejo só é proprio de um Nero sanguinario, de um Tiberio hypocrita e refolhado. Antes estou persuadido, que obrariamos de uma maneira meritoria da sua alta approvação, representando-lhe de novo com o mais profundo acatamento os males, que de certo se seguem desta eleição, fundada sem duvida sobre informações falsas, vasias de verdade, e engendradas por pessoas apaixonadas, e que della queriam tirar partido.

Alem disto, procedendo desta maneira roubaremos á S. M. I. a desaffeição e desconfiança dos povos, que poderão persuadir-se, que S. M. os quer governar por caprichos, com manifesta ruina do seu bem estar, lembrando-nos que *um monarcha, quando incorre na desconfiança da nação, é immediatamente reputado um inimigo interno, e fica desde então á borda do abysmo da ruina*, muito principalmente no tempo de agora, em que o espirito publico do Brazil se acha na maior e mais temerosa effervescencia, pela dissolução injusta e arbitraria da soberana assembléa constituinte, ao ponto de já haverem provincias, como a do Ceará, que se tem declarado positivamente pela separação e desmembração do imperio, si S. M. não convocar já e já as novas

côrtes, que nos constituam; e é muito de receiar-se, que esta faisca produza o incendio em todo o norte do imperio, e que o sul não fique mudo e estupefacto espectador deste successo.

E' desta maneira que eu concebo, que as justas intenções de S. M. nos impõem a necessidade de não aceitarmos por presidente a Francisco Paes Barreto.

Sabe todo o mundo, que o fim dos governos não é outro, que a conservação da sociedade, sua segurança, e o melhor e mais commodo viver dos homens; os quaes deixando o estado da natureza, em que viviam separados uns dos outros, sem poderem vigiar sobre a defeza commum, deram-se as mãos, e cederam parte da sua soberania natural nas mãos de um ou de muitos, para que estes lhes procurassem os bens, de que necessitavam.

A' vista, pois, desta origem e fim das sociedades, todas as vezes que os governos escusam estes fins saudaveis, não são admissiveis, nem jamais os que obedecem devem ser obrigados á força a recebel-os, ou a conserval-os, venham elles da fonte de que vierem. Que nesta hypothese de evidencia palpavel está a nomeação do morgado para presidente politico do nosso Pernambuco, é uma verdade mais clara do que a luz do meio dia; é uma verdade, não puramente theorica, sim uma verdade pratica, sustentada pela experiencia de mais de um anno do seu primeiro governo, já como membro da junta passada, já como pro-presidente della, quando por suas intrigas conseguio, que se lançasse fora o presidente Affonso de Albuquerque.

Em tempo nenhum, mesmo quando os povos se achavam abysmados nas trevas da ignorancia e nos prejuizos mais grosseiros, foi materia de obediencia aquellas ordens e determinações superiores, que envolviam manifestamente cousas prohibidas pelas leis natural e divina, e traziam com sigo o mal certo das sociedades; quanto mais no seculo presente, em que as luzes da philosophia e da verdade tem esclarecido os povos, e lhes ha feito ver a extensão dos seus direitos legitimos, e a quantidade dos deveres dos que governam. E' neste mesmo seculo, que S. M. I. e C. nos diz, que a obediencia tem seus limites, e que *é principio de eterna verdade, que a obrigação de obedecer cessa pelos abusos do obedecido* (Port. de 8 de Abril de 1823, Tom. 29) S. M. é o mesmo, que na sua falla do throno nos louva de não termos recebido as tropas portuguezas, apezar de nos serem mandadas pelo governo de Portugal, á quem então estavamos sugeitos; e elle mesmo fez outro tanto no Rio de Janeiro, attendendo ao bem e a felicidade do Brazil, de quem se declarou perpetuo defensor. E aquillo, que foi licito em cousas maiores, o deixará de ser nas pequenas, attenta a proporção das circumstancias? Quem o porá em duvida?

Como isto é uma verdade, ainda que amarga ao minis-

terio, eu não a devo calar; porque então faltaria ao respeito da illustre assembléa, á que fui chamado para fallar a verdade, e pugnar pela justiça, e me degradaria da qualidade de homem probo, unica distincção, que ambiciono, muito principalmente quando me lembro, que S. M. no seu manifesto aos Brasileiros principia desta maneira digna de um principe constitucional: *Está acabado o tempo de enganar os homens. Os governos, que ainda querem fundar o seu poder sobre a pretendida ignorancia dos povos, ou sobre antigos erros e abusos, tem de ver o colosso da sua grandeza tombar da fragil base, sobre que se erguera outr'ora.*

Como, finalmente, não ha hoje um só homem racional, que deixe de dar todo assenso, e estar firme na verdadeira sentença de Platão, de que—*Os povos não subsistem para commodo e divertimento dos reis, sim os reis para felicidade e conservação dos povos*—é uma imprudente e arriscada medida do ministerio de S. M. querer teimosa e caprichosamente ir de encontro á nossa felicidade, paz e socego, em uma occasião, em que á todas as luzes os seus despachos nos procuram males e calamidades. Por isso, fundado nestas razões, segunda vez repito, que se não deve admittir Francisco Paes Barreto á presidencia da provincia.

Não são menos attendiveis as razões, que nos offerecem para tomarmos este arbitrio as qualidades do eleito por S. M. Quando sobre estas eu lanço minhas vistas, e vou dellas fallar-vos, ponho de parte aquellas virtudes domesticas, em que se distingue Francisco Paes Barreto. Não haverá nesta praça pessoa alguma, que com verdade lhe negue o ser bom pae de familia, bom esposo, economico de sua casa, muito devoto de seus parentes, e aquellas outras qualidades, que se circumscrevem ao pequeno circulo de uma casa, e constituem o bom cidadão privado; porem daqui não se pode deduzir a sua aptidão para governar povos, e em crises de tanto risco, como a presente.

Não é a primeira vez que homens, que em o estado particular encheram com sufficiencia a extensão de seus deveres, levados á publica administração, deram com tudo em vasabarris, pertubaram a ordem publica, e causaram a ruina da sociedade. A historia está cheia de exemplos; e o governo passado do morgado, e as suas diligencias violentas para governar segunda vez, não admittem excepção á seu respeito.

Sabemos todos, pois fomos testemunhas contemporaneas e alguns presentes, que elle e alguns de seus parentes cooperaram, quanto poderam, para o descredito da primeira junta provisoria desta provincia, de que foi presidente Gervazio Pires Ferreira; e que afinal conseguiram o seu baque, e formaram a que se seguio, com suborno e alliciações; pois que seus apaniguados, dias antes da sua eleição, predisseram o governo tal qual ao depois appa-

receu. Sabe todo o Pernambuco as perturbações e os sustos que soffreu depois daquella mudança; não é occulto á ninguem quanto elle cooperou para a prisão do governador das armas, Joaquim José de Almeida, e que carregando sobre o presidente e secretario do governo todos os desaguisados e destemperos daquelle tempo, occasionou a expulsão destes dous. Diz-se que elle influio nas desavenças de Pedrozo com a junta provisoria, a qual veio a rematar-se em uma perfeita rebellião, derramando-se o sangue pernambucano na guerra civil. Sabem muitas pessoas os passos que elle deu, para que as testemunhas da devassa sobre aquelle successo jurassem á seu contento. Depois de pro-presidente, protegeu abertamente a insolentes, que com os mais atrevidos e crueis pasquins infamaram cidadãos honrados desta praça, e mesmo seus companheiros na governança. Determinou e mandou prender o deputado Barata e o capitão João Mendes Vianna, contra todo o direito e mesmo leis da hospitalidade e gratidão, e ia progredindo n'outras prisões arbitrarias só com o perverso fim de fazer serviços ao ministerio do Rio de Janeiro. Tramou a expulsão dos frades thereseos, para o que alliciou muita gente; e ao depois deitando o lado fóra, attribuia este successo a outras pessoas.

Pára em nosso poder a certidão authentica da sessão de 26 de Novembro, em que excedendo as raias da sua autoridade, mandou prender, sem culpa formada, o deputado Carvalho e seu irmão o exm. actual presidente, e todos aquelles que elle dizia tramavam a deposição da sua junta; e está toda a provincia actualmente soffrendo os effeitos das suas intrigas para se empossar violentamente do governo da provincia; e muita gente falla dos meios infames, de que usou para decidir pelo seu partido officiaes estimaveis, causando a insubordinação na tropa e a rebellião, pondo toda provincia em commoção, em sobresaltos, em perigos, com despezas da Fazenda Publica, ensopando a terra do sangue de seus patricios, e afinal, com as suas mentiras ao ministerio, pondo a sua patria sugeita ás hostilidades de um bloqueio, e de fazer S. M. guerra a Pernambuco, que nada menos é que fazer um pai injusta guerra á seus filhos mais benemeritos, o imperador á subditos fieis, e o protector áquelles, que não tem abusado da protecção.

E é este o homem, que por ser nomeado por S. M. devemos receber cegamente? E seremos rebeldes por representarmos á S. M., que, em lugar de nos mandar por presidente um amigo, um patriota, um homem da nossa confiança, nos mandou um inimigo declarado, sem interesse pelo nosso paiz, e da nossa execração?

Que governo poderá fazer um homem, que, fóra do talento para a intriga, não tem conhecimentos alguns; cujos despachos tem servido de objecto de riso, e um dos principios para se lhe faltar com o respeito e confiança, unicos sustentaculos das autoridades?

Todo governo é feito para dirigir a razão mediocre, commum, e sempre infantil da maior parte dos cidadãos, assim como um pai de familia está destinado á conduzir seus filhos, cuja razão ainda não está desenvolvida.

Que governo se pode esperar de um homem, que, para adiantar seus parentes, tem atropelado a justiça dos outros, e saltado as barreiras da sua autoridade para satisfazer suas paixões e de seus indignos apaniguados? E' um homem tal aceitavel, só porque foi nomeado por S. M. I.?

E' bem verdade, que, por concessão das cortes soberanas constituintes do Brazil, tem S. M. a attribuição de eleger presidentes para as provincias do imperio; mas isto é para eleger presidentes, que sejam uteis ao governo dos povos, presidentes, que lhes procurem a paz, a tranquillidade, o adiantamento physico e moral, e a sua felicidade; mas não presidentes, que sirvam de flagello aos povos, e instrumentos da sua destruição e morte. Eis a outra razão, pela qual insisto, que sem sermos qualificados de rebeldes, nem á soberania nacional, que fez a lei provisoria de 20 de Outubro do anno passado, nem á S. M. como chefe do executivo, nem á outra qualquer cousa, que gratuitamente se queira inculcar, não devemos aceitar o presidente nomeado por S. M. I.

Poder-se-ha suppor e esperar, que Francisco Paes Barreto, só pela nomeação, que delle fez S. M., haja de ter agora outra natureza, outros conhecimentos, outra constitucionalidade? Quem nos pode assegurar este milagre? E quem dará credito ao que avançar este absurdo? Nenhuma outra cousa se pode e deve esperar, que não sejam as mesmas irregularidades passadas, os mesmos despotismos e os mesmos attentados; e de mais a mais todas as funestas consequencias da furia da vingança pela opposição, que lhe tem feito toda a provincia, que não é uma pequena facção de pessoas obscuras e mal intencionadas, como elle disse á S. M., sim uma facção de todas as pessoas de probidade, de todas as camaras da provincia e seus povos. uma facção de todos os corpos da primeira e segunda linha, do clero, dos empregados publicos, e de tudo que constitue o povo pernambucano, que tem emittido o seu sentimento por tres vezes no collegio eleitoral, nos conselhos, e duas entre os militares.

E poder-se-ha dizer, sem desacerto, que hoje porque ha um conselho deixará o morgado de obrar mal? Isto é um argumento pueril. O conselho não é permanente; só tem uma sessão ordinaria em dois mezes. E o que não fará Francisco Paes Barreto, em dez mezes, por si só? E no mesmo tempo do conselho em sessão, tudo o que é governança não lhe é privativo? E nos dez mezes não pode elle por si só fazer mesmo aquellas cousas, que são das attribuições do conselho, á excepção de dois artigos? Que freio é para um ambicioso e vingativo dar ao con-

selho conta do que fez, para este arranjar as cousas desarranjadas, e remediar os males? Quantos males não pode elle causar, que não tenham remedio? Qual será o cidadão, que depois desta luta se julgue seguro nas mãos de um homem, que aspira á vingança, e que tem as costas defendidas pelo ministerio? Que perseguições, que estragos não devem receiar os militares, que marcharam contra elle e lhe fizeram fogo? E estes receios e sustos bem fundados poderão dar á provincia aquelle socego, que é necessario para se tratar do commercio, das sciencias, das artes, da agricultura, e mais industrias dos cidadãos? Que miseravel não virá a ser o nosso estado? E poderá isto deixar de pesar e angustiar o coração humano de S. M., que, como tem dito por muitas vezes, *está prompto para sacrificar a propria vida pelos seus subditos!*

Afinal, senhores, não é um direito constitucional o direito da petição? Poderá S. M., que por tantas vezes nos tem dito, que *na sua alma está gravada a monarchia constitucional*, deixar de attender-nos, como testifica o senhor commandante da força naval? E nós já não usámos delle, nos termos que deviamos? Si S. M. não recebeu as nossas reclamações, foi unicamente pela má fé do seu ministerio, e a malicia deste não deve damnificar o nosso direito; e é um absurdo que o direito de petição se applique depois da posse do morgado. Este direito é não só estabelecido para suspender os males, como tambem para prevenil-os. Si assim não fosse, estavamos no governo constitucional em peiores circumstancias, do que no regimen absoluto. Neste se suspende a execução de qualquer ordem superior, emquanto se offerecem á quem a dá as razões, que prohibem a sua execução; e si agora não tem esta mesma virtude, este direito vem a ser illusorio e irrisorio; pois é fora de toda razão e prudencia, que se deixem succedér os males, para depois se curarem, podendo-se ter prevenido os seus estragos. E' por esta razão e pelas mais, que hei produzido, que ultimamente digo, que se não deve dar posse a Francisco Paes Barreto.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

Lente de geometria.

O mesmo presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade não era um despota, que impunha ás camaras e a outras quaesquer influencias governamentaes legitimas os caminhos, que se deviam tomar, e seguir na marcha politica da provincia; o impulso de todo o andamento politico desta elle o recebia da opinião publica, e do jogo e manifestação dos outros instrumentos do poder: não forçou, não se insinuou á nenhuma corporação ou

pessoas, para este ou aquelle commettimento, ou empreza: é esta a pura verdade. Seja isto aqui dito de passagem em contraposição e rebate á inexactidão, com que alguns historiadores superficiaes lhe tem imputado o contrario, por meras supposições ou phantasias. Uma prova, entre outras muitas, d'esta sua conducta deu ainda elle convocando outro grande conselho para lhe darem a sua opinião sobre si cumpria que entrassem no territorio da provincia das Alagoas as forças, que nos limites d'esta tinha elle acampado, visto os desertores, e os dissidentes estarem fortificados em territorio d'aquella provincia, sob a protecção infensa do seu governo. O conselho realisou-se, e votou pela affirmativa. O voto de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi o que passamos a transcrever. Com a acta do conselho se imprimio o mesmo voto, e divulgou-se.

"Senhor presidente, antes de passar a responder aos quesitos, que V. Exc. se dignou offerecer-me, se me faz preciso expender algumas reflexões, das quaes como de principios partam as minhas resoluções, ou respostas. Seja a primeira a idéa, que devemos fazer da *guerra*, e suas diversas especies.—A *guerra*, segundo a define Puffendorf (lib. I. Cap. I § 8.) *é aquelle estado, em que se acham os homens, que mutuamente se fazem mal, e o rebatem por via da força; ou que se apressam em arrancar pelas vias de facto o que lhes é devido*—o que coincide com a mesma definição de Grocio citado por Scrodt (§ 180) a saber o—*estado, em que um defende o seu direito contra outro, por meio da força*—.Os fins, para que se intenta, e se faz uma guerra justa, são, segundo Puffendorf (tom. 2. lib. 8 cap. 6. § 3.) para nos conservarmos, e nos defender a nós, e o que nos pertence, contra as emprezas de um injusto aggressor—*ou para trazer á razão aquelles, que refusam dar-nos o que elles nos devem em virtude de um direito perfeito; ou em fim para obter a reparação do damno, ou da tortura, que se nos faz, e para termos seguranças, ao abrigo das quaes nada se possa temer para o futuro.* As guerras feitas, ou intentadas pelo primeiro motivo, chamam-se defensivas; e as que tem por objecto os dous ultimos fins, tem o nome de offensivas. Em terceiro lugar sabem todos, que qualquer sociedade tem de sua natureza os direitos inalienaveis de *segurança*, ou direito de não soffrer uma offensa; o de *defeza*, pelo qual resiste a offensa intentada; o direito de *indemnisação*, ou o de exigir do offensor a restituição do damno; e finalmente o direito de *precaução*, pelo qual procura livrar-se do medo da offensa futura.

Applicando, portanto, estes principios aos termos dos quesitos, respondemos de uma vez a todos elles: *Os commandantes das forças constitucionaes, estacionadas no rio Persinunga, devem já passal-o, e ir destruir a reunião que já estava feita na Barra Grande*, pelos direitos de *segurança*, de *defeza* e de *precaução*.

Sabe todo o mundo, que a reunião, que ali se está fazendo de muitas pessoas d'esta praça e de outros lugares, protegida pelo commandante do bloqueio, se destina a entrarem n'esta provincia em tempo opportuno para perturbarem a sua paz e tranquilidade, introduzirem na presidencia ao morgado Francisco Paes Barreto, e satisfazendo a vinganças com prisões mortes e exterminios, acenderem o facho da guerra civil, encaminhando-se tudo a plantar aqui o reino do despotismo com o juramento do illusorio projecto de constituição. E como póde aquelle ajuntamento fazer-se maior com a concurrencia dos descontentes do actual governo, dos dissidentes no artigo da liberdade politica do Brazil, dos intrigantes e homens inquietos, amantes da novidade, dos quaes ha n'esta praça um grande numero affeitos a isto desde 1817; e finalmente dos marinheiros, que andam expulsos de outras provincias. muito principalmente quando estão persuadidos alguns, que a justiça se acha n'aquella caballa, só por ser o morgado da eleição do imperador; e outros contam com premios e gratificações já do morgado, já do imperador; pois o interesse é a molla real do coração humano; deve-se já sem perda de tempo mandar dissolver e aniquilar aquelle conluío, antes que chegue a um estado de não poder ser destruido, e de poder dar-nos em que entender, e atacar-nos; e é uma maxima da guerra, que *é melhor prevenir, do que ser prevenido.*

Outro sim, não entra mais em questão, menos em duvida, que por isso mesmo que existe alli aquella reunião, como o foco da sedição, e coração de facciosos, os membros existentes aqui na praça se animam, e vai surdamente solapando os animos, seduzindo-os até com o favor de alguma circumstancia arrebentarem com o volcão, que tudo ha de devorar, como ha poucos dias ia succedendo com mortes atraiçoadas, assassinios clandestinos, e outras horrorosas perfidias, o que deu motivo as prisões dos ministros, secretario do morgado, e outras pessoas. E si acaso elles forem dissolvidos, e presos, ou mortos, desanimam-se os socios da praça, separam-se e tratam de suspender suas iniquas intenções, e malificios. Assim pensou M. Porcio Catão, sobre o perdão e soltura, que Cesar persuadia ao senado de Roma se desse a Lentulo, Cetego. Gadio e outros socios de Catilina, que foram presos. —*Ficai certos* (disse o orador aos padres conscriptos) *que decidindo vós da sorte de P. Lentulo e dos outros prisioneiros, decidis da sorte do exercito de Catilina, e de todos os conjurados; quanto mais vigor mostrardes no partido que tomardes, maior será a fraqueza d'elles; porém por pouco, que elles vos vejam abrandar, logo elles se apresentarão determinados.* O senado seguiu este parecer; e foram todos os prisioneiros estrangulados. Note-se, que si em Roma a morte de uns seis conjurados influiu sobre a sorte do exercito de Catilina e dos demais conjurados; como aqui

não ha de influir sobre os sediciosos do Recife a destruição do exercito do morgado? E julgo poder adiantar alguma cousa, que a dissolução d'aquella patuscada não póde deixar de influir na demora do Inglez Taylor aqui nas nossas aguas; pois que não podendo elle tirar soccorros das Alagoas, nem tendo que esperal-os da Parahyba, pelo que soubemos d'aquella cidade, outro remedio não terá, que deixar-nos em paz.

Isto é o que pensamos se deve fazer, ainda no caso de que os desertores não fizessem mais, do que reunirem-se e se conservarem parados em suas estancias. Como não será isto instante ao saber-se, que já é tanta a sua audacia, que ousam procurar as tropas constitucionaes áquem mesmo do Persinunga? A 21 do passado Abril, atacaram com 60 ou 80 a cavallos ao presidio, que tinhamos na povoação de S. José da Corôa Grande, de 30 homens de ordenanças, mal armados; e depois de ferirem a dous, aprisionaram a outro, levando comsigo o sargento commandante do presidio, que por corajoso não quiz fugir; pretendem cortar a rectaguarda dos constitucionaes pelos Barreiros, para o que tem sedusido os Indios d'aquelle lugar, dos quaes alguns desertaram para elles, e os que ficaram, estavam dispostos a reunirem-se com a sua chegada, e nos fazerem então a guerra, o que foi motivo para se mandar prender o ajudante Lino, e queimarem-se as palhoças dos que se haviam reunido aos rebeldes. E então conservaremos ali tantas forças, com tantos incommodos de suas familias, e mesmo da praça, com tantos gastos da Fazenda Publica, só para o fim de serem insultados, destruidos, e darmos todo o orgulho e gloria a quatro desertores, e á uma quadrilha de homens perfidos? Melhor fôra então não havel-os perseguido, do que principiar a fazel-o, para ao depois nos pormos em circumstancias de supportarmos maior deshonra do que elles, ou ficarmos na indigna condição de supplicantes e dependentes de sua magnanimidade.

Onde acharemos a razão, que justifique a inacção das nossas tropas, á respeito de inimigos tão audazes, quando se arrojam a fazer invasões no nosso territorio, talar campos, ferir, matar, estrangular? Será porque a nossa guerra deva de ser somente defensiva? E da natureza d'esta é não passar os limites do territorio? Si este é o principio, elle é falso em toda sua extensão. Leam-se os escriptores de direito publico, e veremos que não está o *defensivo* da guerra em nos conservarmos unicamente nas raias do nosso terreno; sim, que *muitas vezes tratam os povos de defender-se justamente, indo atacar em sua propria casa o inimigo, que de tempos faz incursões nas suas terras, e se retira promptamente, quando os vê apparecer para o repulsar; ou quando se previne ao meio dos preparativos, que faz o inimigo, para ao de*

pois cahir sobre os outros (Puffendorf. lib. 8 C. 6 § 4) como exactamente são as actuaes circumstancias da guerra do sul.

Depois disto, o negocio do morgado tem mudado inteiramente de natureza; e já não é a causa de um ambicioso, que se quer elevar á expensas do sangue de seus concidadãos, e ruina de sua patria. E' uma perfeita rebellião contra a independencia e integridade do imperio do Brazil; o qual é mais que bastante para ser atacado e levado á ultima ruina.

Consta dos officios dos majores Pitanga e Arruda, commandantes das duas meias brigadas, de 26 do passado, que aquelles impios proclamaram a união do Brazil com Portugal, pondo em suas proclamações o infame *viva a união da antiga familia portugueza*; o que lhes tem grangeado um partido de Portuguezes, que se pode fazer consideravel e temivel. E subsistindo este facto, não são elles dissidentes de todo o Brazil, perjuros do juramento, que prestaram de *independencia ou morte*; e inimigos declarados de toda a nação brazileira? E, como taes, não tem dado direito de fazermos a guerra offensiva? E perseguil-os até as gargantas do Orco? E deixar-nos-hemos ficar immoveis nos nossos quarteis, apathicos espectadores dos males, que vão a espalhar-se deste Etna sobre todo o Brazil? Quem não vê, que evitando a guerra, e não atacando aos sacrilegos rebeldes, nós em lugar de acabarmos com a guerra, a fomentamos, como disse Alexandre da guerra contra os Scythas; e que aquelle damno justo, que hoje podemos fazer á malvados tão odiosos, seremos amanhã obrigados á receber delles com injustiça? *Ita belum vitando alemus. et quod inferre possemus accipere cogemur*—(Curc. lib. 7, cap. 7). Quantos exemplos funestos desta natureza nos offerece a historia, os quaes depois não deixaram mais que pezar aos que foram suas victimas, e escarmento á posteridade? Lemos nos Annaes de Tacito, que " *Tiberio com a sua indecisão, em lugar de supprimir a guerra, antes a fomentou e manteve* " (3. 45. 5.) Conta-nos Tito Livio, que " *Attalo, e os Rhodios, alegrando-se imprudentemente com uma paz ficticia com Felippe de Macedonia, mantiveram uma guerra desoladora* " (lib. 31. 81. 7.) e deixou escripto Lucio Florio, que *a misera cidade de Masília em quanto deseja a paz, com o medo da guerra, cahio em desastrosa guerra* " (lib. 4. 2. 23).

E não serão bastantes tantos exemplos para sermos attentos aos nossos verdadeiros interesses, e nos fazerem entrar nos nossos deveres mais sagrados para com a nossa patria, para com o grande imperio do Brazil? Esta razão é tão forte, que para atacarmos os rebeldes, e lhes causarmos as mais barbaras hostilidades, não precisamos de ordens algumas superiores, antes devemos esperar toda a approvação da parte de S. M. I., que tem jurado a *independencia do Brazil ou a morte.* Todas as provincias do imperio, to-

dos os povos, que o habitam, tem em si o direito de declarar a guerra á aquelles rebeldes, uma vez que lhes conste a impia e sacrilega proclamação ; pois que alem de ser este um attentado contra a independencia e integridade do imperio, que todos os povos devem punir, se acha autorisado pelos exemplos mesmos domesticos.

Quando, no fatal anno de 1817, Pernambuco proclamou a separação de Portugal e o regimen democratico, o governo da Bahia, sem esperar ordens superiores, o declarou logo rebelde, e tomou uma attitude hostil, mandando-o invadir com forças terrestres e bloquear com as navaes; e o mesmo fez a regencia de Portugal, quanto a declaração da rebeldia, e seus portos bloqueiados por aquelle reino não poder dirigir-nos seu commercio.

Portanto, deve-se já e já decepar á ferro e queimar á fogo esta primeira cabeça, que levanta a hydra da revolta para Portugal, não só para que produzindo outras, não nos seja mais difficil, ou talvez impossivel subjugal-a, pois que, como diz o poeta, deve-se obstar aos principios, porque debalde se applicam os remedios, quando os males pela demora tomam vigorosas forças; mas tambem para aproveitar o valor e o enthusiasmo patriotico das nossas tropas, emquanto com o ocio e os vicios, suas consequencias, não se tornam poltronas, frouxas, effeminadas, incapazes de acções gloriosas ou desertoras para o inimigo.

Os exercitos são como as agoas, que, quando estanques, se enchem de materias heterogeneas, apodrecem e evaporam miasmas contagiosos e mortiferos; e com o continuo movimento e embate nos penedos se conservam claras, puras, salutiferas. Lembremo-nos, que no ocio e nas delicias de Capua foi que o grande Hanibal enfraqueceu o exercito, vencedor dos Romanos em tantas pelejas gloriosas, e elle mesmo se vio obrigado a andar errante, fugitivo, procurar o asylo de Anthioco e de Prusias, e afinal envenenar-se para escapar dos mesmos Romanos. E já ha muito tempo advertio Tito Quincio, no cerco de Lacedemonia, que " *o cerco e oppugnação das cidades é uma cousa lenta, e que muitas vezes causa tedio primeiro aos cercadores, do que aos cercados* " (Tit. Liv. lib. 34.)

A vista do expendido se vê, que a *segurança*, *defeza*, *precaução e dignidade* desta provincia, e mesmo *independencia*, *integridade* e *liberdade* do Brazil, correm evidente e eminente perigo com a continuação dos facciosos desertores e rebeldes na provincia das Alagoas; e como é de eterna verdade a proposição de Bruto á Colatino " *Que não se deve soffrer na republica aquillo d'onde pode sobrevir perigo á liberdade* " (Livio lib. 2.) Non ferendum in republica, unde periculum sit libertati, " devem as forças constitucionaes deixar as margens d'aquem do Persinunga, atravessal-o, entrar na provincia das Alagoas, dissolver os rebel-

des, e fazer-lhes a mais hostil perseguição, sem que jámais sirva de obice estarem ellas em provincia diversa da de Pernambuco.

E' bem verdade, que pela divisão das provincias do imperio e sua independencia, de umas á respeito das outras, os governos estabelecidos não podem intrometter-se nos territorios alheios, com ingerencia no governo economico dellas, e muito menos causar-lhes hostilidades. Mas isto é somente na marcha ordinaria das cousas, e quando as provincias limitrophes não abusam de sua independencia, para causarem incommodos e damnos aos povos seus vizinhos, e attentarem contra a causa geral da nação, como se está vendo no procedimento do governo alagoense para com nosco e todo o Brazil.

Esta provincia, antiga parte de Pernambuco, e com elle unida em relações de parentesco, depois da sua separação politica, sempre fez com elle uma causa commum nos negocios geraes. Seus governos, sempre em boa intelligencia com o deste, jámais se deram motivos de escandalo.

No tempo da junta provisoria do morgado, quando entraram a chocar-se o governo temporario do Porto Calvo com o provisorio das Alagoas, tremendo com o boato que correu de irem tropas daqui a favorecer o das Alagoas, officiaram á junta provisoria, rogando suspensão da marcha das tropas, em attenção a paz e tranquillidade dos povos daquella provincia. Depois da sua nova junta provisoria actual abriram uma communicação regular com o nosso actual governo, protestando amizade, união e identidade de opiniões e forças para a defeza da causa da nossa regeneração politica; mas o tempo tem feito ver, que taes protestos não passavam de palavras, e que a tranquillidade dos povos aquelle governo nem para os seus requer.

Escapou das forças constitucionaes o morgado e seus companheiros desertores, e acolhendo-se á aquella provincia, achou nella todo bom agazalho. Chegaram as nossas tropas ás margens do rio Persinunga, respeitaram as raias daquella provincia, e contentaram-se de requisitar ao governo licença para entrarem a prender o morgado, os novos desertores e os antigos de cavallaria, ou que os fizessem regressar da dita provincia. Este governo, querendo ganhar tempo para o que tinha em projecto, celebrou uma sessão, na qual se atreveu a legislar em uma materia fora da sua competencia, determinando que o Exm. Carvalho governasse a capital da provincia e o morgado o sul: pedio aos commandantes das forças constitucionaes suspensão do projecto que tinham de prisões, emquanto elle se entendia com o presidente Carvalho pelo seu deputado, juiz de fora do Penedo, Gustavo Adolpho de Aguilar, e responsabilisando-os pelo sangue que se houvesse de derramar dos povos.

Tem-se esperado até hoje pela missão do seu deputado, e

nada tem havido e apparecido da parte daquelle governo, e quando se entendia, que elle daria pelas reclamações que lhe fizeram os mesmos commandantes das forças á margem do Persinunga, sobre o ajuntamento que se fazia na Barra Grande, apparece o auxilio e protecção mais descarada daquelle governo, prestada ao morgado e seus sequazes rebeldes. Não só consentem na reformação daquelle *Catucá*, como que lhe mandam 50 caçadores e duas peças de artilheria, com suas respectivas guarnições; consentem que se recrutem milicias, que os rebeldes passando as raias daquella provincia venham a invadir o territorio desta; e unidos com os Mendonças e sua cambada marinheira, planizem bater os constitucionaes, e queiram cortar-lhes a rectaguarda pelos Barreiros: e sobre tudo isto ouvem, consentem e por ventura estimulam ao morgado para proclamar a *união com a antiga familia portugueza.*

Este mesmo governo é aquelle, que, em odio da sagrada causa da nossa regeneração politica, tem aberto a mais crua perseguição á todos os cidadãos honrados daquella provincia, que mais zelosos eram da nossa independencia e liberdade, consentindo e deixando impunes, e mesmo talvez mandando, mortes, roubos, desolações de propriedades, e quantas monstruosidades tem vindo ás cabeças dos loucos mais furiosos, o que tem feito andarem derramados por outras provincias, mormente por esta, muitos officiaes de primeira e segunda linhas, proprietarios de grandes fundos, e outras pessoas de consideração, reduzindo aquella provincia á casas desamparadas, familias desoladas; e tudo lagrimas, e tudo clamores e pranto.

E o territorio de um tal governo é que se deve respeitar, para nelle se não ir dissolver o *Catucá* do morgado? Por que principio o deixaremos de fazer? Será pela amizade, que elle nos professa?

A amizade se viola, disse Quincio ao tyranno Nabis, não só quando se tratam como inimigos os socios do amigo, mas tambem quando se ajuntam com os nossos inimigos " *Amicitia violatur, si socios amici pro hostibus habeas, si cum hostibus te conjungas* " (Tit. Liv. lib 34).

O que quer significar o auxilio militar, que elle tem dado ao morgado contra as nossas forças? Poder-se-ha dizer que se dirige a fazer respeitar as suas fronteiras? Como então os seus cabos hão consentido, que os rebeldes não se contentando com conservar-se nos limites da sua provincia, os transponham e venham hostilizar o nosso territorio? Que satisfação tem aquelle governo dado ás requisições e reclamações dos nossos chefes? Nenhuma inteiramente. E deveremos ter aquelle governo por um governo amigo, porque assim elle o disse em alguns officios ao nosso actual presidente? " E' pelas acções, e não pelas palavras,

que se devem conhecer os amigos—*Ex factis, non ex dictis amici pensandi sunt* (Tit. Liv. lib. 34). E estas acções provarão ao menos neutralidade, e não se quererem elles intrometter neste pleito? Soldados, armas, artilheria, munições de guerra, a faculdade de recrutar em seu territorio são serviços de humanidade, que os neutraes podem prestar aos contendores?

Qual será a pessoa, que possa livrar aquelle governo da qualificação de rebelde, pelo facto da proclamação do morgado á favor da união á Portugal? Quem o poderá relevar da criminação de inimigo da independencia do Brazil e sua liberdade? Ao negocio da proclamação unida a perseguição carniceira dos amantes da independencia e defensores d'esta, e o acolhimento franco e protector, que elle ha dado aos seus publicos inimigos, os Portuguezes, poderão provar alguma cousa á respeito dos sentimentos detestaveis d'aquelle governo sobre o primariro objecto dos negocios da nação brazileira? Provam tudo. Si não fora aquelle governo dos sentimentos dos rebeldes sobre a união com Portugal, que lhe ficava a obrar em uma tal conjunctura? Era por si mesmo dissolver aquella conjuração, prender os rebeldes, estivessem revestidos do maior caracter de autoridade, que fosse. Mas elles que tem feito? Deixaram passar o proclama, estão em perfeita harmonia com os rebeldes; os garantem, os soccorrem militarmente, e se unem com elles para invadirem o territorio dos constitucionaes, dos independentes.

E' por todas estas razões, que o meu voto é, que já se invada o territorio das Alagoas, não só para prender o morgado e seus satelites, mas tambem para desthronar aquelle governo rebelde, e fazer que os povos d'aquella provincia elejam outro que seja amante e defensor da independencia do imperio e sua constitucionalidade; que acabe com as desgraças que assolam aquella provincia, e estabeleça a ordem e tranquillidade publica, para o que nos chama não só a humanidade e fraternidade, mas tambem o exemplo, que nos offerecem as sagradas paginas, no interesse que tomaram todas as Tribus de Jacob pela affronta feita ao Levita, reunindo-se todas para a extincção da Tribu de Benjamin, d'onde sahiram os autores do attentado, sem que jamais possamos por isso incorrer em crime de injustos aggressores.

Bem sei, que nesta lide nos propomos a combater com individuos da mesma nação, que fallam a mesma lingua, professam o mesmo culto á divindade, e que estão enlaçados comnosco em parentesco e outras relações; mas são estes os mesmos que tem formado a malefica conspiração, que nos pode engolir a todos; são estes mesmos que se declaram parricidas, proclamando a união a Portugal; e são estes mesmos os que nenhuma attenção tem dado á sua reputação, aos sentimentos honrosos pela patria e em nenhum preço tem tido os mesmos parentescos e enlaces

sanguineos comnosco; e é a mais destemperada das imprudencias querermos zelar aquelles bens, que desprezam os mesmos proprietarios, muito principalmente quando a mal entendida doçura e clemencia ha de sem duvida reverter em nosso damno; mormente quando nos lembramos, que si Roma se tivesse lembrado da dignidade de Lentulo, da nobreza de Catilina, da mocidade de Cetego, e de outras qualidades que distinguiam a maior parte dos conjurados contra a patria, o ferro e o fogo a teriam reduzido a um montão de cadaveres e de ruinas.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

Lente de mathematicas

Algumas pessoas de patriotismo fogoso sabendo, ou conjecturando com bons fundamentos, que a camara municipal da cidade do Recife se dispunha a jurar e fazer jurar o projecto de constituição, que o imperador impunha, reuniram-se na casa da mesma camara; e esta ausente, a declaram deposta, e elegeram outra; tudo isto, si illegalmente feito, o fizeram todavia sem o menor barulho, e em serena tranquilidade.

Dissemos si illegalmente feita; mas no estado de desorganisação social, em que nos achavamos, pela dissolução da assembléa constituinte; supposto o diverso modo de confeccionar-se a constituição politica do Brazil, modo novo e avesso do que tinhamos proclamado e jurado, e comnosco o imperador, novidade e mudança a que não adheriamos; que havia ahi de rigorosamente illegal, n'aquellas deposição e eleição? Em tão extraordinarias circumstancias toda a applicação e cuidado, todo o zelo e afogo dos espiritos exaltados e attonitos dirigiam-se a procurar e manter o bem e dignidade nacional, a vigiar e defender a nossa honra, intelligencia e direitos, á salvação da patria, podemos dizel-o. Havia boa fé, e a melhor intenção. Nem se pode fugir de reconhecer, que posto a *salvação da patria* seja as mais das vezes um pretexto para o despotismo ou a anarchia, não deixa algumas vezes o emprego dessa *suprema lei* de ser um verdadeiro e saudavel recurso para a boa conservação e liberdade social.

Mas a quem se deve imputar, em ultima analyse, taes illegalidades, si de qualificarmos assim aquellas deposição e eleição não cabe desdizer-nos?

A nova camara por editaes, que repetidos fez affixar, e por innumeraveis cartas, que dirigio a todas as autoridades, empregados publicos de todas as classes, proprietarios e pessoas notaveis do seu districto, convidou-os a comparecer no dia, que marcou, na casa da mesma camara, para ahi livremente darem o seu

voto sobre a execução do decreto, que mandava jurar o *projecto* de constituição politica, que offerecera o imperador; pois que este magno assumpto pertencia a todos resolver, e não a ella só, e menos impor com o seu voto e conducta aos cidadãos do seu municipio. Muitos dos convidados por cartas deixaram de comparecer no dia aprazado, e pelos que compareceram foi o negocio discutido, e afinal venceu-se, que se não devia receber nem jurar o *projecto:* 1.° por ser illiberal, contrario á liberdade, independencia e direitos do Brazil, e apresentado por quem não tem poder para o dar; e 2.° por envolver o seu juramento perjurio ao juramento civico, em que se prometteu reconhecer e obedecer á assembléa brazileira constituinte e legislativa. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca leu o seu voto, e este impresso correu pelas mãos de todos; eil-o aqui.

"Senhor presidente, tendo eu recebido a honra de ser convidado por V. Exc., para, como membro do corpo litterario d'esta cidade, dar o meu voto sobre a materia do decreto de S. M. I e C. de 11 de Março d'este presente anno, pelo qual o dito senhor manda jurar, como constituição do imperio do Brazil, o projecto feito pelo ministerio e conselho do estado, appareci n'este lugar, não só para provar a V. Exc. quanto prezei o seu convite, mas tambem para fazer ver aos meus honrados compatriotas, que me não poupo á cooperar com elles para o bem e felicidade da patria, quanto permittem minha fraqueza e meu estado; e não para fazer parada de conhecimentos, que não tenho, nem passar por oraculo em uma assembléa que comprehende tantas pessoas, a cima de mim em principios luminosos e sentimentos liberaes. Portanto, me abalanço a manifestar as minhas curtas e mesquinhas idéas na esperança de que dos sabios merecerei correcção, e dos que não se acham n'esta linha, desculpa e docilidade; digo pois, que não se deve adoptar, nem jurar como constituição do imperio o projecto offerecido para este fim.

A certeza, em que estou, de fallar entre cidadãos livres, patriotas e caroaveis da verdade, é o sustentaculo da liberdade e franqueza, com que avanço esta proposição, que por mais escabrosa que pareça aos animos prejudicados, e idolatras fanaticos de antigos prejuizos, se fará aceitavel, si me não engano, pelas razões, que desenvolverei; e é a quanto aspiro.

Parecia-me, que seria util, para melhor estabelecer o meu voto, fazer aqui uma ligeira exposição das vicissitudes e mudanças politicas, porque ha passado a nossa patria, o Brazil, desde que S. M. I. se dignou ficar comnosco até agora; mas, respeitaveis senhores, lembrando-me que talvez a julgasseis superflua, por estardes ao facto de tudo, a deixei de mão, e passo logo a tratar da materia. Fallarei primeiramente da qualidade do pre-

sente projecto, quanto posso alcançar, para ao depois examinar, si se deve ou não adoptar.

Uma *constituição* não é outra cousa, que a acta do pacto social, que fazem entre si os homens, quando se ajuntam e associam para viverem em reunião ou sociedade. Esta acta, portanto, deve conter a materia, sobre que se pactuou, apresentando as relações, em que ficam os que governam, e os governados, pois que sem governo não póde existir sociedade. Estas relações, á que se dão os nomes de direitos e deveres, devem ser taes, que defendam e sustentem a vida dos cidadãos, a sua liberdade, a sua propriedade, e dirijam todos os negocios sociaes á conservação, bem estar e vida commoda dos socios, segundo as circumstancias de seu caracter, seus costumes, usos e qualidade do seu territorio etc. *Projecto* de constituição é o rascunho d'esta acta, que ainda se ha de tirar a limpo, ou apontamentos das materias que hão de ser ventiladas no pacto; ou, usando de uma metaphora, é o esboço na pintura, isto é, a primeira delineação, nem perfilada, nem acabada. Portanto, o *projecto* offerecido por S. M. nada mais é do que o apontamento das materias, sobre que S. M. vai a contractar comnosco. Vejamos, portanto, si a materia ahi lembrada, suas divisões e as relações destas são compativeis com as nossas circumstancias de independencia, liberdade, integridade do nosso territorio, melhoramento moral e physico, e segura felicidade.

Sendo a nossa primeira e principal questão, em que temos empenhado nossos esforços, brio e honra, a *emancipação* e *independencia* de Portugal, esta não se acha garantida no *projecto* com aquella determinação e dignidade necessaria; porque 1.° no *projecto* não se determina positiva e exclusivamente o territorio do imperio, como é de razão, e o tem feito sabiamente as constituições mais bem formadas da Europa e America; e com isto se deixa uma fisga, para se aspirar a união com Portugal; o que não só trabalham por conseguir os despotas da santa alliança e o rei de Portugal, como o manifestam os periodicos mais apreciaveis da mesma Europa e as negociações do ministerio portuguez com o do Rio de Janeiro e correspondencia daquelle rei com o nosso imperador, com o que S. M. tem dado fortes indicios de estar d'este accordo, não só pela dissolução arbitraria e despotica da soberana assembléa constituinte, e prohibição da outra que nos havia promettido, mas tambem, alem de outras muitas cousas, porque se retirou da capital do imperio para não solemnisar o dia 3 de Maio, anniversario da installação da assembléa, que por decreto era dia de grande gala; e no dia 13, dia dos annos do rei de Portugal, S. M. deu beija-mão no paço, e foi a Ilha das Enxadas, onde se achavam as tropas de Portugal, vindas de Montevidéo, estando arvorada com o maior escandalo a bandeira por-

tugueza; 2.º por quanto ainda que no 1.º artigo se diga, que a nação brazileira não admitte com outra qualquer laço algum de união ou federação, que se opponha a sua independencia, comtudo esta expressão é para illudir-nos; pois que o executivo, pela sua oitava attribuição (art. 102) pode ceder ou trocar o territorio do imperio ou de possessões, a que o imperio tenha direito, e isto independentemente da assembléa geral; 3.º porque jurando o imperador a integridade e indivisibilidade do imperio, não jura a sua independencia.

Ao depois é este juramento contradictorio com esta oitava attribuição; porque si S. M. jura a indivisibilidade do imperio, como pode ceder ou trocar o seu territorio? Só si isto se deve entender de ceder o territorio do imperio todo por inteiro e passar-nos então a todos, com suas familias e haveres, ou para os desertos da Tartaria, ou para os d'Africa, ou afinal lá para os Botucudos, entregando as nossas cidades e villas ao que com elle contractar.

O artigo 2.º não pode ser mais prejudicial á liberdade politica do Brazil; porque permittindo que as provincias actuaes soffram novas subdivisões, as reduz a um imperio da China, como já se lembrou e conheceu igual machiavelismo no projecto dos Andradas o deputado Barata; enfraquece as provincias, introduzindo rivalidades, augmentando os interesses dos ambiciosos para melhor poder subjugal-as umas por outras; e esta desunião tanto mais se manifesta pelo artigo 83, em que se prohibe aos conselhos provinciaes de poderem propor e deliberar sobre projectos de quaesquer ajustes de umas para as outras provincias, o que nada menos é, que estabelecer a desligação das provincias entre si, e fazel-as todas dependentes do governo executivo, e reduzir a mesma nação á diversas hordas de povos desligados e indifferentes entre si, para melhor poder em ultima analyse estabelecer-se o despotismo asiatico.

O poder moderador de nova invenção machiavelica é a chave mestra da oppressão da nação brazileira e o garrote mais forte da liberdade dos povos. Por elle o imperador pode dissolver a camara dos deputados, que é a representante do povo, ficando sempre no goso dos seus direitos o senado, que é a representante dos apaniguados do imperador. Esta monstruosa desigualdade das duas camaras, alem de se oppor de frente ao systema constitucional, que se deve chegar o mais possivel a igualdade civil, dá ao imperador, que já tem de sua parte o senado, o poder de mudar a seu bel prazer os deputados, que elle entender, que se oppõem aos seus interesses pessoaes, e fazer escolher outros de sua facção, ficando o povo indefeso nos attentados do imperador contra seus direitos, e realmente escravo, debaixo porem das formas da lei, que é o cumulo da desgraça, como tudo agora está succedendo

na França, cujo rei em Dezembro passado dissolveu a camara dos deputados, e mandando-se eleger outros, foram ordens do ministerio para os departamentos afim de que os prefeitos fizessem eleger taes e taes pessoas para deputados, declarando-se-lhes logo, que quando o governo empregava a qualquer, era na esperança de que este marcharà por onde lhe mostrassem a estrada. Demais, eu não posso conceber como é possivel, que a camara dos deputados possa dar motivos para ser dissolvida, sem jamais poder dal-os a dos senadores. A qualidade de ser a dos deputados temporaria, e vitalicia a dos senadores, não só é uma desigual dade, que se refunde toda em augmentar os interesses do imperador, como é o meio de crear no Brazil, que felizmente não a tem, a classe da nobreza oppressora das povos; a qual só se tem attendido n'aquelles povos, que foram constituidos depois de ja terem entre si seus duques, seus condes, seus marquezes, etc. E este é o mesmo fim da attribuição undecima do poder executivo, que na minha opinião é o braço esquerdo do despotismo, sendo o direito o ministerio organisado da maneira que se vê no projecto.

Podem os ministros de estado propor leis, (Art. 53) assistir a sua discussão, votar sendo senadores e deputados (Art. 54). Qual será a cousa, portanto, que deixarão elles de conseguir na assembléa geral? Podem ser senadores e deputados, (Art. 30) exercitando ambos os empregos de senadores e ministros; e o mesmo se diz dos conselheiros, (Art. 32) ao mesmo tempo que o deputado, sendo escolhido para ministro, não pode conservar um e outro emprego; isto alem de ser um estatuto sem o equilibrio, que deve de haver entre os mandados e o mandante, é um absurdo em politica, que aquelles que fazem ou influem na factura das leis sejam os mesmos que as executem; e não se pode apresentar uma prova mais authentica da falta de liberalidade do projecto, do que esta. E' por este motivo, que diz o sabio cardeal Maury, que " *Todo o cidadão que sabe calcular as consequencios dos principios politicos, deve abjurar uma patria em que aquelles que fazem as leis, são magistrados, e onde os representantes do povo que tem fixado a legislação, pretendem influir na administração da justiça.*

A suspensão da *sancção* imperial á qualquer lei formada pela assembléa geral por duas legislaturas (Art. 65) é inteiramente ruinosa a felicidade da nação, que pode muito bem depender de uma lei, que não deva admittir uma dilação pelo menos de oito annos, muito principalmente quando vemos, que para passar a lei como sanccionada, pela dilação do tempo, é indispensavelmente necessario, que as duas legislaturas seguintes insistam a eito sobre a mesma lei (Art. 65).

A oitava attribuição do poder executivo, que é de fazer tratados de alliança defensiva e offensiva, levando-os depois de

concluidos ao conhecimento da assembléa geral, é de muito perigo para a nação, pois que ella não interfere com o seu conhecimento e consentimento em negocio de tanta importancia, muito principalmente quando se vê, que o mesmo executivo julga necessaria a approvação previa da assembléa geral para execução dos breves, lettras pontificias, decretos de concilios, quando envolverem disposição geral. (Art. 14).

A attribuição privativa do executivo de empregar, como bem lhe parecer conveniente á segurança e defeza do imperio, a força armada de mar e terra (Art. 148), é a coroa do despotismo e a fonte caudal da oppressão da nação, e o meio de que se valeram todos os despotas para escravisar a Asia e Europa, como nos conta a historia antiga e moderna.

Pelos artigos 55, 56, 57, 58 e 59, a camara dos deputados está quasi escrava da dos senadores, e o remedio que se applica, no caso da discordia, me parece palliativo, obscuro e impraticavel.

Os conselhos das provincias são uns meros phantasmas para illudir os povos; porque devendo levar suas decisões á assembléa geral e ao executivo conjunctamente, isto bem nenhum pode produzir ás provincias; pois que o arranjo, attribuições e manejo da assembléa geral faz tudo em ultimo resultado depender da vontade e arbitrio do imperador, que arteiramente avoca tudo a si, e de tudo dispõe a seu contento, e pode opprimir a nação do modo mais prejudicial, debaixo das formas da lei. Depois, tira-se aos conselhos o poder de projectar sobre a execução das leis, attribuição esta, que parece de summa necessidade ao conselho; pois que este mais que nenhum outro, deve de estar ao facto das circumstancias do tempo, lugar, etc. da sua provincia, conhecimentos indispensaveis para a commoda e fructuosa applicação das leis.

Estas são as cousas maiores, que minha fraqueza pode descobrir no *projecto* em questão, e que eu julgo de summo perigo para a independencia do imperio, sua integridade, sustentação da liberdade dos povos e conservação sagrada da sua propriedade; e estas mesmas cousas as expuz summariamente, ou levemente tocadas, por não admittir a presente conferencia discursos extensos. Talvez eu nestas mesmas me engane, e não tenha idéas exactas, nem saiba combinal-as e conhecer-lhes a necessaria relação, que ha entre si, por cujo motivo me pareça máo, oppressor e contradictorio o *projecto*; mas no emtanto é o que por ora entendo, e sendo chamado para dar o meu voto, hei de votar não pelas idéas que os outros tem, sim pelas minhas; portanto digo, que pelo que é em si esta peça de politica, este rascunho de constituição não se deve admittir.

Agora direi o mesmo por outro principio, a saber, pela fonte

de que manou. E' principio conhecido pelas luzes do presente seculo, e até confessado por S. M., que a soberania, isto é, aquelle poder, sobre o qual não ha outro, reside na nação essencialmente; e deste principio nasce como primaria consequencia, que a mesma nação é quem se constitue, isto é, quem escolhe a forma do governo, quem distribue esta summa autoridade nas partes, que bem lhe parece, e com as relações que julga mais adequadas ao seu augmento, segurança da sua liberdade politica e sua felicidade; logo é sem questão, que a mesma nação, ou pessoa de sua commissão, é quem deve esboçar a sua constituição, purifical a das imperfeições e afinal estatuil a; portanto como S. M. I. não é nação, não tem soberania, nem commissão da nação brazileira para arranjar esboços de constituição e apresental-os, não vem este projecto de fonte legitima, e por isso se deve regeitar por *excepção de incompetencia*. Muito principalmente quando vemos, que estava a representação nacional usando da sua soberania em constituir a nação, e S. M. pelo mais extraordinario despotismo e de uma maneira a mais hostil dissolveu a soberana assembléa e se arrogou o direito de projectar constituições.

Reflicto, que só a acção de escolher por si a materia do pacto social, e dal-o, como faz S. M., é um acto da soberania, que elle não tem. Isto é uma consequencia immediata da soberania da nação, como pode occorrer a qualquer que pensar por alguns minutos neste negocio; mas si fossem precisos argumentos externos, alem de outros muitos, que por abreviar eu calo, basta lembrar o autor das reflexões contra os redactores do *Investigador Portuguez* na Inglaterra, o qual prova forte e justamente, que as cortes de Lamego, e outras de Portugal nunca tiveram o poder legislativo, como as camaras dos pares e communs da Inglaterra, porque os reis de Portugal foram os que nas cortes propuzeram a materia das ordenações e das leis. Em segundo lugar, que em S. M. não ha attribuição alguma, d'onde se possa deduzir o poder de nos dar constituição e mandal-a jurar, por quanto o titulo de imperador, com que o Brazil extemporaneamente o condecorou, não foi mais que uma declaração antecipada de que elle seria o chefe do poder executivo no systema constitucional, que proclamamos, com um certo poder provisorio, que se fazia indispensavel para preparar a nação para o effeito de se constituir, como mesmo S. M. confessou no dia 3 de Maio da abertura da assembléa soberana. o qual poder provisorio cessou com a abertura da assembléa, e as attribuições que elle teria, ainda haviam de ser declaradas pela mesma assembléa; é por isso que S. M. a dissolveu: as suas attribuições são tudo aquillo, que lhe adquirirem as suas armas, e lhes cederem a fraqueza e medo dos povos.

S. M. está tão persuadido, que a unica attribuição, que tem

sobre os povos, é esta do poder da força, a que chamam outros *a ultima razão dos estados*, que nos manda jurar o *projecto* com um bloqueio á vista, fazendo-nos todas as hostilidades; por cujo motivo não se deve adoptar nem jurar semelhante esboço de constituição, pois o juramento para ligar em consciencia, e produzir seu effeito, é indispensavelmente necessario ser dado em plena liberdade, e sem a menor coacção; e ninguem jámais obrou livremente obrigado da fome, e com boccas de fogo aos peitos.

Ainda que, illustres senhores, para se estabelecer uma verdade, não se faça mister multidão de provas, com tudo ha occasiões, em que ella deve de ser encarada por todos os lados, muito principalmente quando é de tanta monta como esta, e pode produzir consequencias funestissimas; e alem disto, correm impressos seductores, que se esforçam em sustentar o erro, adornando-o com as galas emprestadas da verdade e da justiça. Portanto, ainda vos lembro, que este juramento vos conduziria a um horroroso perjurio, que vos tornará detestaveis a face dos homens.

Vós, senhores, no dia 17 de Outubro de 1822, na igreja matriz do Sacramento, dissestes—*nós juramos perante Deus, seus sacerdotes e altares, adhesão á causa geral do Brazil, e seu systema actual, debaixo dos auspicios do Sr. D. Pedro, principe regente constitucional, e defensor perpetuo do Brazil, a quem obedecemos; e assim juramos reconhecer e obedecer as cortes brazilianas constituintes e legislativas, e defender a nossa patria, liberdade e direitos até vencer ou morrer.*

Como agora podereis jurar uma carta constitucional, que não foi dada pela soberania da nação, que vos degrada da sociedade de um povo livre e brioso, para um valongo de escravos e curral de bestas de carga? Um projecto, que destroe a vossa categoria no meio das nações livres do orbe? Seria injusta a materia do primeiro juramento para não vos ligar? Ou estareis agora loucos rematados? Ou haverá poder, que, dispensando-vos do primeiro juramento, possa de vós exigir o segundo? Onde está vossa moral, vossos costumes, vossa religião? Si tal desgraça succedesse, como olhariam para nós os outros povos nossos conterraneos e externos? Quem quererá contractar com um povo tão immoral e tão sem respeito aos laços mais sagrados da sociedade, e tão sem acatamento para a religião de que faz gloria?

Tenho ouvido á algumas pessoas, que se pode jurar o projecto, a excepção daquelles artigos, que offendem os nossos interesses. Isto ou é uma velhacaria, para por este geito manhoso nos lançarem os ferros do captiveiro; ou uma ignorancia pueril, que merece compaixão. Porque havendo-se demonstrado, que este artefacto politico é um systema de oppressão; que os principaes anneis desta cadeia, são inteiramente destruidores da nossa independencia, da integridade do Brazil, liberdade politica e civil,

tem se feito ver que o systema é máo, oppressor e ruinoso, e portanto inadmissivel,bem que hajam alguns elos intermedios, que sejam bons, como se veem alguns nas *disposições geraes.* Depois disto, espera-se, que o imperador, que teve a valentia de dissolver a assembléa constituinte com o maior escandalo da razão, da justiça e da constitucionalidade jurada; que se arrogou a monstruosa attribuição de dar constituição a quem a não devia dar, se abaixe a reformar o seu projecto por representação daquelles, que elle julga com o dever de lhe obedecer cegamente.

Si esta reflexão não vos convence de que o offerecimento do projecto ás camaras para ser discutido era illusorio, e sem o sincero desejo de o reformar conforme as annotações dos povos, eu me lembro, senhores, que a capital da Bahia depois de tantos sacrificios de sua honra e dignidade, depois de tanto servilismo, não mereceu a reforma de dous unicos artigos, que requereram, e tiveram do ministro do imperio a seguinte resposta—*E com quanto desejasse S. M. I. poder responder já a esta representação, manda pela secretaria de estado dos negocios do imperio participar a sobredita camara, que requerendo todas as outras, se jure o projecto sem restricção, não é possivel por ora fazer nelle mudança alguma, não havendo inconveniente em que se remetam essas observações, para quando se fizer a revisão marcada no mesmo projecto*— (cart. de 11 de Março de 1822)

E' por todas estas razões, que eu sou de voto, que se não adopte e muito menos jure o projecto de que se trata, por ser inteiramente máo, pois não garante a independencia do Brazil, ameaça a sua integridade, opprime a liberdade dos povos, ataca a soberania da nação, e nos arrasta ao maior dos crimes contra a divindade, qual o perjurio, e nos é apresentado da maneira mais coactiva e tyrannica.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

Lente de geometria

Neste vaivem de imposições e resistencias, nesta marcha politica retrograda da corte e insistencia da provincia, para obter o goso feliz de uma independencia segura e verdadeira, e da liberdade, conforme nol-a ensinaram e incutiram por todos os modos, decidiu-se Frei Joaquim do Amor Divino Caneca a escrever um periodico, em que tratasse e defendesse esta politica provincial, que lhe parecia a verdadeira e mais efficaz no presente, e digna da posteridade. Intitulou o periodico *o Typhes Pernambucano*, e desde o dia 25 de Dezembro de 1824, em que o começou a publicar, até o dia 12 de Agosto de 1825, imprimio delle vinte e nove numeros.

Este periodico interessa não só á litteratura da nossa provincia, pelo bem que é escripto, como á sua historia, por muitas noticias e factos que da mais importante epocha consagra á perpetua memoria dos vindouros. Todos os 29 numeros o leitor os achará nesta obra.

VII

O andamento politico armado da provincia não era assaz satisfactorio e faltava-lhe sobre tudo, mormente depois da nomeação do commandante das armas José de Barros para general em chefe, um chefe mui decidido e energico, capaz de commettimentos heroicos, e dotado desses *lances de olho* felizes, que muitas vezes prevalecem contra a superioridade do numero. Porem as praças de pret, e a mesma officialidade (geralmente desta fallando) eram boas e dispostas a baterem-se com brio e intrepidez, como por vezes o provaram.

O presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade tinha forças postadas nos limites da provincia ao norte, e no sul mantinha uma forte divisão. Em alguns lugares, porém, ia-se levantando a ignorancia em reacções mais ou menos fortes, e bandos de assassinos e ladrões pelo interior; estes, mormente, suscitados por caudilhos abrutados da provincia das Alagoas, e mesmo desta de Pernambuco. Estes bandos perversos conseguio o presidente Carvalho bater e dispersar.

Varios combates se haviam já dado entre as forças da provincia e as imperiaes da Barra Grande; onde depois desembarcaram as fluminenses, com as quaes vieram encorporados dous filhos distinctos de Pernambuco. A' essa tropa do Rio de Janeiro tambem se uniram alguns bandos do mato, commandados por aquelles dous patricios, Hollanda Cavalcanti e Pedroso, tenentes coroneis, e por outros poucos das ordenanças e milicias da provincia. O Pedroso espalhava demais um choveiro de proclamações impressas, que trouxe do Rio, á favor da causa imperial.

Um bloqueio maritimo nos apertava com a fome e outros embaraços, e já no silencio e trevas de uma noite havia *liberalmente* bombardeado a cidade do Recife.

A divisão do sul, falta de supprimentos de guerra e de bocca, levantara o acampamento, e se havia acampado por fim, depois de algumas estações e calamidades dos caminhos, no lugar dos Prazeres, á vista dos gloriosos Guararapes; bem que tivesse sahido do Recife, o general em chefe José de Barros, com abundantes supprimentos para a Barra Grande, onde não chegou, por quaesquer motivos, antes que se levantasse dahi o acampamento.

A provincia das Alagoas nos hostilisava, e a da Parahiba, tambem limitrophe ao norte, não o fazia menos, posto que nesta havia já um governo provisorio, que, apezar do presidente imperial, adheria á politica de resistencia pernambucana, com a qual forcejava por ligar-se e correr todos os riscos.

Neste estado de cousas o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que commandava em chefe as forças imperiaes, espalhava uma fraternal e bem conciliadora proclamação, na qual com damnado animo e furia sultanica, vociferava:

" *Malvados, tremei! A espada da justiça está por dias a decepar-vos a cabeça, rendei-vos, ou aliás estas bravas tropas, que eu commando, entrarão como si fossem por um paiz inimigo; pois mais inimigos que revolucionarios não podem haver. Não espereis mais benevolencia, o modo do vosso julgamento não admitte appello; uma commissão militar, da qual eu sou presidente, é que vos ha de fazer o processo, e mandar-vos punir. Soldados, deponde as armas; prendei esses que vos tem conduzido, não ao campo da honra, como deviam, mas ao da deshonra, do aviltamento e da ignominia.* "

Esta linda peça prova bem, e recommenda á posteridade, o liberalismo, gratidão e juizo do imperial mandante e do algoz mandatario; ella só, si mais não houvesse, era bastante para produzir a mais obstinada e indomavel resistencia.

Pelas seis horas da manhã do dia 11 de Setembro, recebeu em sua casa, na cidade do Recife, o presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade uma carta ou intimação escripta do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, datada do engenho Suassuna, á quatro legoas da mesma cidade, requerendo-lhe a entrega desta.

E' sempre expressando-se no mesmo tom irritavel e revoltante de um despota, que se persuade ter direito a tudo, que o poder e seus instrumentos fallam ao povo, irmão divergente, em assumpto de acceder á constituição, em que nenhum direito autorisa a força para o submetter. Vede-o.

" O brigadeiro Francisco de Lima e Silva, commandante em chefe do exercito cooperador da boa ordem da provincia de Pernambuco:

Em nome de S. M. o imperador constitucional e perpetuo defensor do Brazil, intima a Manoel de Carvalho Paes de Andrade, intruso presidente da mesma provincia, e a José de Barros Falcão de Lacerda, ex-governador das tropas, que immediatamente deponham as armas, que tão louca, como escandalosamente, tem levantado contra a legitima autoridade de S. M., e contra o systema jurado pela nação, si algum resto de sentimentos humanos lhes fere as consciencias em favor de um povo, que os vio nascer e os tem alimentado; pois que a sua obstinação arrastando os inevitaveis estragos do canhão e da espada, sepultará sem remedio nas

ruinas muitos e bons cidadãos, que não merecem ser sacrificados á seus desvarios. E declara, outro sim, a esses dous conspiradores, que por cada victima que de hoje em diante fizerem entre as pessoas, que se tem conservado fieis, padecerão dez dos seus partidistas. O que, para chegar ao conhecimento de todos, o general em chefe faz publico pelos meios que estão a seu alcance. Quartel general em o engenho Garapú, 10 de Setembro de 1824—*Francisco de Lima e Silva*, brigadeiro general. "

O presidente Manoel de Carvalho, nessa mesma manhã, acompanhado de alguns amigos, entre os quaes Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que o seguio depois, apresentou-se no acampamento dos Prazeres, sem que tivesse acautelado nada da sua casa e familia, no Recife; joias, mobilias, alfaias, roupas e dinheiro; tudo o que lhe foi depois saqueado, e completamente estragado o que não foi roubado pela tropa imperial invasora, que se intitulava cooperadora da boa ordem; o que melhor individuaremos na biographia do mesmo presidente Manoel de Carvalho, que trazemos entre mãos.

No acampamento, depois de apresentar elle Manoel de Carvalho ao general José de Barros Falcão de Lacerda, aos tenentes coroneis José Antonio Ferreira, Carapeba, José Maria Idelfonso e outros principaes commandantes a intimação do general Lima, que deixamos transcripta, tomou comsigo trezentos homens, e dirigiu-se a reforçar o ponto unico por onde as forças do general Lima poderião passar em direcção á capital; o qual ponto estava guarnecido fracamente. Durante esta marcha, soube por alguns soldados da guarnição do mesmo ponto, que as forças contrarias o haviam forçado, e, dispersada a sua guarnição,o tinham transposto. Tornando-se impossivel ajuntar-se Manoel de Carvalho ao grosso de suas tropas, aconselhado mesmo pelos amigos, embarcou em uma jangada, que o devia depor no norte, para dahi dirigir a defensa, e mesmo o ataque. Não custou pouco achar-se um jangadeiro, que se quizesse incumbir de semelhante tarefa.

Houve ainda, apezar desta ausencia de Manoel de Carvalho, diversos combates renhidos na ponte dos Carvalhos, no aterro dos Afogados e na Boa-Vista, com perdas consideraveis de parte á parte, e diversos incidentes, etc.; e por fim o exercito carvalhista se dirigio em retirada para a cidade de Olinda, onde, depois de varias e diversas circumstancias memoraveis, dissolveu-se.

Manoel de Carvalho Paes de Andrade, não tendo querido o jangadeiro conduzil-o a desembarcar na praia do Brum, nem mais alem, nem na de Olinda, por temer o muito fogo continuo, que se ouvia por todos estes lugares, recolheu-se á uma fragata ingleza. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca permaneceu entre a tropa carvalhista, achou-se em Olinda com ella, prestan-

do sempre o contingente de suas luzes, até que espontaneamente se dissolveu a mesma força ou exercito.

VIII

Os dias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, desde a ida ao acampamento dos Prazeres até a sua morte, foram dias tristes, trabalhosos e affiictos, exclusivamente empregados no serviço e bem da patria, segundo elle o entendia, na melhor boa fé, e total desinteresse pessoal.

Bem se vê tudo isto no *Itinerario* da sua ida e volta da provincia do Ceará, que nesta mesma jornada elle ia escrevendo á proporção que caminhava e pousava.

Não sendo possivel, nem convindo fazer extractos desse curiosissimo e historico *Itinerario*, passamos a transcrevel-o todo de uma copia fiel do original de sua letra, que, logo depois do seu assassinio juridico, obtivemos de Francisco de Souza Rangel, seu companheiro de prisão, á quem elle o dera, ou delle se apossára por qualquer outro modo. (6)

De 26 de Dezembro por diante, depois de haver respondido a commissão, foi o sabio patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca retirado da horrivel prisão dos cabeças, e passado para um quarto de cima na sala livre, onde ficou incommunicavel, até 10 de Janeiro subsequente depois do meio dia, quando foi levado dahi para ouvir a sua cruelissima sentença de morte natural para sempre.

O grande cidadão a ouvio sem a menor perturbação, mas interrompendo a leitura com fazer observar aos circumstantes a falsidade de algumas aleivosas razões, que nella se apontam como causal e fundamento da execravel condemnação, foi immediatamente mettido no oratorio.

Aqui, com serenidade admiravel e fortaleza verdadeiramente heroica, foi elle incessante em fazer praticas sabias, demonstrativas do injustissimo proceder dos tyrannos contra os direitos e a dignidade das nações e povos livres, e especialmente contra os honrados cidadãos, que trabalhavam por esclarecer os povos nos deveres de libertar a sua patria do jugo ferreo da oppressão e tyrania; e esses eloquentes discursos eram a constante conversa com que entretinha o official assistente e os sentinellas, repetindo-lhes muitas vezes, que elles, que então serviam de apoio ao despota, não tardariam mesmo em receber a ordinaria recompensa, com que esse ingrato costumava tratar desprezivelmente aos proprios, que se degradaram em ser sustentaculos de seus indignos caprichos.

Nesses e semelhantes discursos continuou em todos os tres dias do oratorio, sempre mostrando inalteravel semblante, e intermediando essas conversas patrioticas com algumas historietas engraçadas e producções poeticas, das quaes é bem conhecida a que segue.

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração:
A patria roubou-m'o todo;
Marilia que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo,
Não deve a morte temer;
Com a morte não se assusta
Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura
Da morte feia e cruel,
Do rosto só muda a côr
Da patria ao filho infiel.

Tem fim a vida daquelle
Que a patria não soube amar;
A vida do patriota
Não pode o tempo acabar.

O servil acaba inglorio
Da existencia a curta idade;
Mas não morre o liberal,
Vive toda a eternidade.

E como lhe trouxessem religiosos franciscanos algum tanto estupidos, e outros que taes manigrepos e barbadinhos, para lhe fazerem a costumada assistencia religiosa, e o confortarem devotos, elle com dignidade e prudencia os despedio, dizendo-lhes,

que ficava summamente agradecido ao religioso obsequio; porem que não necessitava de instrucções sobre uma materia de que elle se achava assaz instruido; e que quanto ao dever que tinha a preencher da confissão, elle tinha com quem melhormente confessar-se, que era o seu provincial dos carmelitas turonenses, a cuja religião pertencia, e que o mandaria chamar. Deste modo despedio a todos elles, e com o seu provincial o padre mestre Frei Carlos de S. José, depois bispo do Maranhão, confessou-se e recebeu o Sagrado Viatico, na manhã do dia 12.

Não cessou nunca de discorrer e conversar divertido, como d'antes, até quando dormindo, foi acordado pelo provincial, pondo-lhe a mão, e abalando-o, por serem horas de sahir para o patibulo.

Tendo-se elegido a um preso da cadeia, o pardo Agostinho Vieira, para ser o carrasco; este declarou que nunca o seria, em reverencia ao caracter sacerdotal.

Fez o carcereiro entrarem soldados armados na cadeia, para obrigarem Agostinho Vieira a prestar-se a enforcar a victima; mas este foi constante na denegação, apezar de lhe pisarem os peitos com os couces das granadeiras, deixando-o por morto; e repetia elle, que o matassem, mas que tal deshumanidade não commetteria.

No mesmo dia 12 o cabido, *sede vacante*, paramentado e de cruz alçada, e os religiosos de todas as ordens da cidade, encorporados todos, se dirigiram melancolicos e aterrados á commissão militar, em palacio, para rogar-lhe que sobrestivesse na execução da sentença até a resposta de uma supplica, que passavam a dirigir ao imperador. Não foram admittidos á presença, e mandou a commissão militar despedir a todos da porta da rua do palacio por Salvador José Maciel, arguindo asperamente este ao cabido e religiosos por se atreverem a obrar de semelhante maneira, que dava mostras de uma nova forma de rebellião. E o ministerio, sendo-lhe participado isto, respondeu por Aviso de 7 de Fevereiro, que já publicamos, que approvava a repulsa da commissão ao cabido, *sede vacante*, e clero, por ser a pretenção dos mesmos *louca e incurial!* Em tanto que o concilio de Sardica, no canon XVII, faz mesmo uma lei aos bispos de interporem sua mediação nos casos de sentenças do exilio e de banimento.

O espanto e a consternação dilaceravam geralmente os corações dos habitantes da cidade do Recife. Quem poderia ser insensivel a tanto horror e crueldade?

No dia 13 de Janeiro amanheceram as embocaduras de certas ruas e as avenidas da cidade occupadas por tropas, prevenindo algum tumulto, ou sublevação do povo.

Desautorada a victima do caracter sacerdotal á porta da igreja de Nossa Senhora do Terço, (7) dahi seguio para o patibulo no

largo das Cinco Pontas, que grande numero de tropa cercava e defendia.

Dous homens pretos, que antes haviam sido na cadeia postos a ferros, para assim os forçarem a ser algozes do condemnado patriota religioso, geralmente querido e admirado, sendo levados para junto da força e dahi tocados a couces d'armas, espaldeirados, nem por isso abateram-se á vileza, á que os queriam violentar.

Então a commissão militar, que havia ficado em sessão permanente, em palacio, avisada deste embaraço, sem fazer alteração ou mudança alguma por escripto á sentença, ordenou verbalmente, que fosse o religioso fuzilado.

O varão forte e justo, ensinou elle mesmo, ao alcaide perplexo e tremulo, o modo como o havia de amarrar a um dos esteios da forca.

E dispondo-se a fazer uma falla ultima ao povo, desistio disso a pedido do seu lacrimoso provincial assistente, de quem fora sempre particular amigo.

O crioulo João da Costa Palma, sendo um dos soldados da patrulha sacrificadora, e que bem conhecia a victima, em meio do caminho foi derrubado por uma syncope. Marcharam os outros soldados, e mataram o martyr a tiros de espingardas.

Vai-te, alma heroica e bella, vai-te em paz deste mundo injusto e ingrato ; descansa no seio da Eternidade, prototypo maravilhoso de todas as virtudes publicas ! E pois foi alvo constante de todos os teus dias trabalhosos amar e servir ao Brazil, nossa patria ; si lá na immutavel bemaventurança pode haver memoria deste valle de lagrimas, conservando por este Brazil o antigo amor ardente e exemplar, que entre nós e no mundo illustrado immortalisa o teu nome ; confiamos, que não cesses de implorar a divina misericordia em favor dos Brazileiros, que sentem todo o horror de teu asssassinio, e todo o peso e desventura da tua perda.

Immediatamente que a victima cahio e expirou, a tropa numerosa, de que estava cercada a forca, com o mais selvagem e provocante escarneo, acclamava : Viva S. M. imperial ! Viva a constituição ! Viva a independencia do Brazil ! E em seguida cantaram, acompanhados da musica militar, o hymno brazileiro.

E tudo isto para que, oh vindouros ? Para que se tornasse predilecta ao povo a ordeira monarchia ; para que D. Pedro fosse bem amado e adorado dos Brazileiros ; para que estes acreditassem na verdade e summa bondade da constituição, á que os violentavam, e que permittia tão diabolicas atrocidades e horrores !

E o cadaver da victima, deposto em um vil esquife por dous

calcetas esfarrapados, largaram-no junto á porta da Igreja do seu convento, da parte de fora, estando fechada.

Os frades se haviam retirado do convento no dia funesto do sacrificio para as casas de seus paes, parentes e amigos; e só ficou no convento o commissario dos terceiros Frei Bernardo de Nossa Senhora do Carmo, em uma casinha que a Ordem 3.ª por ali tem. Foi este quem mandou abrir a porta da igreja, e sepultar o cadaver em uma das catacumbas dos frades, no mesmo convento; catacumbas que já não existem no ser primeiro, e foram transtornadas e revolvidas, e os ossos que ellas continham removidos para o cemiterio do convento, e ahi confundidos e desprezados. (8)

XX

PROCESSO, DEFEZA E SENTENÇA CONDEMNATORIA

PROCESSO

DE

FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

EM 1824

COMMISSÃO MILITAR EM PERNAMBUCO

PROCESSO VERBAL E SUMMARISSIMO DOS REOS FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA, AGOSTINHO BEZERRA CAVALCANTI E FRANCISCO DE SOUZA RANGEL

PRESIDENTE, O BRIGADEIRO FRANCISCO DE LIMA E SILVA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e quatro, terceiro da independencia e do imperio, nesta cidade do Recife e casas do palacio do governo, aos vinte dias do mez de Dezembro do dito anno, reunida a commissão militar composta do brigadeiro general governador interino da provincia, e dos vogaes por elle nomeados, se fizeram presentes os decretos de S. M. I. e C. datados de vinte e seis de Julho deste anno, em um dos quaes suspende o § 8. do art. 179 do tit. 8. da constituição da monarchia, e se manda em virtude do § 35 do mesmo artigo constitucional em outro da mesma data crear uma commissão militar, para o fim de processar e julgar mui summaria e verbalmente os chefes da insurreição e rebeldia, havida na provincia de Pernambuco, de que era principal cabeça Manoel de Carvalho Paes de Andrade; e outro sim, a carta imperial de 16 de Outubro deste mesmo anno, com explicita declaração dos que se devem considerar chefes da rebellião; em consequencia foram propostos como taes os réos Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, como escriptor de papeis incendiarios, Agostinho Bezerra Cavalcanti, como commandante de um batalhão de Henriques, e Francisco de Souza Rangel, por ser do corpo de Guerrilha, e achado com os dous primeiros entre a tropa rebelde, que marchou pelo interior da provincia por occasião da restauração da capital pelo exercito cooperador da boa ordem: de que fiz este auto, e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator, o escrevi e assignei.—*Lima*, brigadeiro general.—*Thomaz Xavier Garcia de Almeida.*

Achando-se a integridade deste imperio ameaçada pela desastrosa rebeldia e facção de alguns habitantes de Pernambuco, desgraçadamente allucinados pelo rebelde Manoel de Carvalho Paes de Andrade, chefe da mesma, que temerariamente ousou proclamar a desmembração daquella provincia do imperio e de outras do norte, a titulo de confederação do Equador, como se manifesta das suas perfidas, incendiarias, revolucionarias e malvadas proclamações, dirigidas aos habitantes da mesma e mais provincias, chegando até aleivosamente a atacar a minha pessoa e suprema autoridade, e a prohibir que se jurasse o liberal projecto da constituição, pedido e jurado pelas mais provincias do imperio; e sendo em tão criticas circumstancias de absoluta necessidade tomarem-se as mais energicas e efficazes medidas, para se restabelecer a segurança publica, que é sempre a primeira lei dos estados, restituir aquella bella provincia a sua primitiva tranquillidade, livral-a da anarchia que a devora, e consolidar a união das mais : Hei por bem, com o parecer do meu conselho de estado, e na conformidade do art. 179, tit. 8., § 35 da constituição, suspender provisoriamente para a provincia de Pernambuco, até que cesse a necessidade urgente de tal medida, a disposição do § 8.° do mesmo artigo, para que se possa proceder sem as formalidades nelle prescriptas contra qualquer individuo, quando assim se mostre necessario, e o exija a paz daquella provincia, a sua segurança e salvação. As competentes autoridades, a quem o conhecimento deste pertencer, o tenham assim entendido, e o façam executar. Paço, em 26 de Julho de 1824, 3.° da independencia e do imperio.—Com a rubrica de S. M. imperial—*Clemente Ferreira França.*

Tendo, por decreto desta data, mandado suspender as formalidades decretadas no § 8. do art. 179 do tit. 8. da constituição, por assim o exigir a integridade do imperio,em conformidade do § 35 do mesmo titulo, para occorrer e de uma vez cortar os effeitos da abominavel facção de alguns habitantes da provincia de Pernambuco, de que é chefe o rebelde revolucionario Manoel de Carvalho Paes de Andrade, facção execrada, que actualmente dilacera aquella provincia, exposta aos horrores da mais terrivel anarchia ; e sendo necessario, que os chefes e cabeças de tão nefando crime sejam punidos com prompto castigo, como convem para extirpar tão contagioso mal, e fazer restituir a boa ordem, paz e segurança publica da mesma provincia: Hei por bem, com o parecer do meu conselho de estado, ordenar que semelhantes réos sejam summarissima e verbalmente processados em uma commissão militar, que só para este fim e presente caso será creada, e composta do coronel Francisco de Lima e Silva, como presidente, e na sua falta, da patente maior que houver no exercito, e dos vogaes que o mesmo nomear, sendo relator um juiz letrado, que igualmente nomeará. O mesmo coronel o tenha assim entendido e faça executar. Paço, em 26 de Julho de 1824, 3.° da independencia e do imperio.—Com a rubrica de S. M. imperial.—*Clemente Ferreira França.*

Coronel Francisco de Lima e Silva. Eu, o imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, vos envio muito saudar. Tendo por decreto da data de hontem mandado crear uma commissão militar para serem por ella sentenciados os cabeças da atroz e abominavel facção de alguns habitantes de Pernambuco, de que é chefe o rebelde revolucionario Manoel de Carvalho Paes de Andrade, encarregando-vos da presidencia della, e autorisando-vos para nomeardes os vogaes, de que deve ser composta, e convindo marcar em conformidade da lei: Hei por bem declarar-vos, que, alem de vós como presidente, e do relator, deverá a mesma commissão ser composta de mais quatro vogaes, que serão os officiaes de maior patente da brigada, que marcha debaixo do vosso commando para aquella provincia: o que me pareceu communicar-vos para vossa intelligencia e devida execução. Escripta no palacio do Rio de Janeiro, em 27 de Julho de 1824, 3.º da independencia e do imperio. —Imperador— *Clemente Ferreira França.*—Para o coronel *Francisco de Lima e Silva.*

Autorisando-me S. M. o imperador para nomear os vogaes e juiz relator, que devem compor a commissão militar, em conformidade das cartas imperiaes de vinte e seis e vinte e sete de Julho do corrente anno, tendo o mesmo augusto senhor ouvido para este fim o seu conselho de estado: em observancia das mesmas ordens, nomeio o Sr. Salvador José Maciel, coronel effectivo do corpo de engenheiros, vogal; o Sr. conde de Escragnolle, coronel graduado e commandante do quarto batalhão de caçadores da corte, vogal, e servirá de interrogante; o Sr. Manoel Antonio Leitão Bandeira, coronel graduado e commandante do terceiro batalhão da corte, vogal; o Sr. Francisco Vicente de Souto-maior, tenente coronel commandante do segundo batalhão de Caçadores da corte, vogal; o Sr. desembargador Thomaz Xavier Garcia para juiz relator. Palacio do governo de Pernambuco, em 18 de Dezembro de 1824.—*Francisco de Lima e Silva.*

O juiz relator da commissão militar faz saber aos réos Frei Joaquim do Amor Divino, Agostinho Bezerra Cavalcanti e Francisco de Souza Rangel, que tendo de responder perante a mesma commissão pelo crime de rebellião, hajam de preparar a sua defeza para o dia de segunda-feira, que se ha de contar vinte do corrente: e esta lhes será intimada perante duas testemunhas, que com os mesmos réos hajam de assignar. Palacio do governo, em 18 de Dezembro de 1824.—*Almeida.*

Frei Joaquim do Amor Divino.
Agostinho Bezerra Cavalcanti.
Francisco de Souza Rangel.

COMO TESTEMUNHAS

Francisco Fernandes de Souza
Antonio Borges da Silva
Antonio Joaquim Pereira Leitão, furriel.

Copia.—Relação dos individuos de que fazem menção as instrucções dadas na data de hoje ao commandante da brigada expedicionaria a Pernambuco, o coronel Francisco de Lima e Silva:—Manoel de Carvalho e Andrade—José de Barros Falcão de Lacerda—João Soares Lisboa—Frei Caneca—O preto Agostinho—O Cazumbá.—Todos os commandantes, officiaes e empregados publicos, que tiverem entrado na rebellião, todos os redactores de escriptos incendiarios.—Paço em 30 de Julho de 1824.—*Francisco Vilella Barboza.*—N. B. As instrucções de que acima se faz menção, tratando de outros objectos, fazem menção desta relação nos §§ 5. e 6., a que se refere, os quaes são do theor seguinte: Logo que entre na cidade, fará prender os individuos constante da relação inclusa, mandando immediatamente processar e julgar os cabeças por uma commissão militar, de que será presidente na forma do decreto de 26 do corrente. Remetterá presos todos os mais réos para bordo da esquadra, bem como toda a tropa insurgente.—Está conforme.—*Manoel dos Passos Figueiroa*, official maior.

Copia.—Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, commandante da brigada expedicionaria e cooperadora da boa ordem da provincia de Pernambuco. Eu, o imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, vos envio muito saudar. Foi-me presente o vosso officio de 28 de Setembro proximo passado, em que expondes, que achando-se já presos muitos dos complices da rebellião dessa provincia, não tendes ainda procedido contra elles na forma prescripta pelo decreto de 26, e carta imperial de 27 de Julho do corrente anno, que creou a commissão militar, pela falta de verdadeira intelligencia de quaes sejam, ou se devam reputar os chefes e cabeças della; e sendo fora de duvida, que como taes se devem considerar, não só todos os chefes de corpos e guerrilhas, e commandantes das fortalezas e reductos, que atrozmente rebellando-se contra a minha imperial pessoa, e integridade do imperio, com as armas nas mãos commandaram, e fizeram sanguinolenta opposição ás leaes e valorosas tropas, que desta marcharam em soccorro e salvação da referida provincia; mas tambem os que declamaram contra a minha legitima e suprema autoridade, atacando-a com escriptos violentos e injuriosos, e todos os que acintemente mataram os soldados da brigada, que tanto deve concorrer para o restabelecimento da boa ordem na mesma provincia: Hei por bem declarar-vos, que todos os réos de semelhante natureza se devem julgar

comprehendidos na referida commissão militar, para serem por ella processados e sentenciados, verbal e summariamente, sem attenção á sua qualidade, empregro e graduação qualquer que seja. O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e devida execução. Escripta no palacio do Rio de Janeiro, em 16 de Outubro de 1824, 3.° da independencia e do imperio.—Imperador.—*Clemente Ferreira França.*—Para o brigadeiro *Francisco de Lima e Silva.* Está conforme.—*Manoel dos Passos Figueiroa*, official maior.

PRIMEIRA SESSÃO

Aos vinte dias do mez de Dezembro do anno de mil oito centos e vinte e quatro, primeira sessão desta commissão militar, achando-se reunidos todos os membros della, e havendo-se já em sessão preparatoria mandado avisar os réos que tem de ser processados, determinou o presidente della, que viessem a perguntas, as quaes foram feitas pelo official interrogante o coronel conde de Escragnolle; sendo o primeiro delles o réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o qual foi interrogado da maneira que se segue: de que fiz este termo, eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.

INTERROGATORIO DO REO FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

Foi perguntado como era seu nome, naturalidade, estado e idade.

Respondeu, que se chamava Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, natural desta cidade do Recife, estado de religioso carmelita turonense, idade de quarenta e cinco annos e cinco mezes.

Foi perguntado, si sabia ou suspeitava a causa da sua prisão.

Respondeu, que fora preso por se achar na divisão das tropas, que daqui marcharam para o interior da provincia, na occasião em que entrara o exercito imperial.

Foi perguntado, si nunca propagara, ou publicara idéas, ou escriptos subversivos da boa ordem.

Respondeu, que fora redactor do periodico intitulado o *Typhis*, em o qual se contém as idéas que elle propagara, as quaes eram as mesmas, que havia lido em outros periodicos mesmo da corte; e que não havendo nunca sido chamado a jurados, se regulava pela lei que então existia sobre os abusos da liberdade de imprensa, dirigindo-se sempre ao ministerio, todas as vezes que atacava os desmandos publicos.

Foi perguntado, si nos ditos seus escriptos não havia disseminado idéas tendentes a promover a desunião das provincias, e ata-

car a integridade do imperio, quando taes principios se não achavam estampados em algum periodico da corte.

Respondeu, que lhe parecia, que nenhumas idéas desta natureza elle tinha manifestado em seus escriptos; e si alguma proposição existir d'onde isso se possa colligir, só a elle mesmo compete interpretal-a.

Foi-lhe perguntado, si não havia concorrido directa ou indirectamente para a eleição e conservação na presidencia da provincia de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, contra as expressas ordens de S. M. imperial.

Respondeu, que não interviera para a sua eleição, por quanto fora esta feita pelos eleitores de parochia; e quanto á sua conservação, sendo chamado para um conselho, como membro do corpo litterario, ahi emittira o seu voto, o qual corre impresso, e á elle se reporta, conforme nelle se contém.

Foi perguntado, si não havia cooperado de alguma sorte para o plano da confederação do Equador, proclamada por Manoel de Carvalho, e que ia arrancar pelos fundamentos a integridade do imperio brazileiro.

Respondeu, que nunca tivera idéa, nem nunca ouvira fallar de semelhante confederação, senão quando chegara ao sertão, aonde vio algumas proclamações do Filgueiras a este respeito; e tão somente fallou em seu periodico da união de algumas provincias do norte para o fim de se opporem á invasão da expedição portugueza, que S. M. imperial havia annunciado na occasião de mandar retirar o bloqueio, recommendando-nos que nos defendessemos della.

Foi instado, si dizendo elle que não havia nada cooperado para o plano da confederação do Equador, como é que havia publicado em os numeros... do seu *Typhis* algumas bases que pareciam ter applicação áquella forma de governo republicano.

Respondeu, que sim publicara essas bases, mas que alem de ser um papel, que lhe foi dado pelo mesmo Manoel de Carvalho para o publicar, não o fez com alguma intenção determinada, mas sim como maximas geraes para qualquer governo, que se quizesse constituir.

Foi perguntado, si havia contribuido para se não aceitar o projecto de constituição offerecido por S. M. imperial aos povos desta provincia.

Respondeu, que sendo chamado pela camara para dar o seu parecer sobre esta materia, o seu voto fora, que se não aceitasse tal projecto; referindo-se em tudo o mais ao dito seu voto, que consta dos livros da camara, ou que corre impresso.

Foi perguntado, si trabalhou de alguma sorte para que se atacasse e fizesse resistencia ao exercito cooperador da boa ordem.

Respondeu, que quando ainda estavam em Barra Grande as tropas do morgado, sendo chamado a conselho para deliberar, si devia ou não atacar aquellas tropas, dera elle réo o seu voto para que se atacasse, e isto pela razão de ter officiado o major Pitanga,

dizendo que o morgado fizera uma proclamação, em que dava vivas a união da familia portugueza.

Foi perguntado, si havia dado algum passo para que se fizesse resistencia ás tropas de S. M. imperial, com a chegada das quaes havia cessado o pretexto de se atacar a divisão da Barra Grande.

Respondeu, que nenhum facto praticou d'onde se podesse isto deduzir.

Foi perguntado, si elle não tinha-se encorporado com a força rebelde, que se oppoz á entrada do exercito cooperador; e si não a havia acompanhado até o ponto de ser subjugado pela tropa espedicionaria commandada pelo major Lamenha, e pelo qual fora remettido preso.

Respondeu que sim, havia acompanhado dita tropa; mas que os motivos, que tivera para isto, os queria dar por escripto, pois que faziam objecto da sua defeza, que apresentaria em vinte e quatro horas.

Foi perguntado, si não tinha elle praticado algum facto, pelo qual se possa colligir alguma intenção de sua parte de se oppor á entrada da expedição da côrte, como é que andava, e de então para cá, sem habito, e vestido de jaqué de guerrilha.

Respondeu, que não andou com jaqué de guerrilha, mas sim com jaqueta de chita, que trazia por baixo do habito; o qual havia tirado na marcha do Cabo para o Recife, e se perdera por ir na garupa de um cavallo, que desappareceu.

Foi finalmente perguntado, si tinha alguma cousa mais que allegar e dizer em sua defeza.

Respondeu, que nada mais tinha que dizer, visto que lhe era permittido dar a sua defeza por escripto; mas que como se achava succumbido pela natureza do tribunal, e tambem pela qualidade dos juizes, que eram militares, talvez sem os necessarios conhecimentos das leis juridicas, requeria que lhe fosse facultado consultar com um letrado no formalisar de sua mesma defeza, que o coadjuvasse nella: e assim deu a commissão por acabadas as perguntas, as quaes sendo lidas ao réo, achou estarem conforme tinha respondido; pelo que assignou com o coronel interrogante: e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.--*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.*

Todas as pessoas constantes da relação inclusa por mim assignadas, sendo notificadas para servirem de testemunhas nesta commissão militar sobre os factos que forem perguntados, devem comparecer neste palacio do governo pelas nove horas da manhã do dia 22 do corrente. Recife, 20 de Dezembro de 1824.—*Lima.*

Relação das testemunhas.---Manoel José Martins, tenente-coronel; José Joaquim de Carvalho, physico mor; José Maria de Albuquerque, escrivão da camara; Caetano Francisco Lumachi, escri-

vão da alfandega; Antonio Borges Leal, coronel; Manoel Correia Maciel, official maior da fazenda; João Baptista Pereira Lobo, feitor do algodão; Izidoro Martins Soriano, escrivão deputado---Recife, 20 de Dezembro de 1824.---*Francisco de Lima e Silva.*

SEGUNDA SESSÃO

Aos vinte e dois dias do mez de Dezembro de mil oito centos e vinte quatro, segunda sessão desta commissão militar, para se progredir na continuação della, que no dia de hontem se não podera reunir por ser dia santo, querendo a commissão obter uma melhor base deste conhecimento criminal, para com mais segurança pronunciar sobre elle o seu juizo final, deliberou que se inquirisse um summario de testemunhas idoneas, e coevas ao tempo dos factos arguidos; as quaes sendo d'antes prevenidas pelo presidente da commissão, foram perguntadas pelo coronel interrogante pela maneira seguinte: de que fiz este termo; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.

1.ª TESTEMUNHA

Izidoro Martins Soriano, natural do reino de Portugal, casado, escrivão deputado da junta da fazenda, de idade de trinta e tres annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado, quanto ao réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, si este havia concorrido e cooperado para a rebellião perpetrada nesta provincia contra a obediencia devida a S. M. imperial, e integridade do imperio.

Disse, que sabia, por notoriedade publica, que o réo era um dos que trabalhavam para os movimentos anarchicos da provincia por meio de seus escriptos, não obstante que ignora factos positivos; bem como ouvio dizer, que apparecera na cidade de Olinda em o dia da entrada do exercito cooperador; e o mais que respeita ao seu voto dado em conselho, isso deve constar das respectivas actas, pois que não assistira a nenhuma dellas.

Em quanto ao réo Agostinho Bezerra Cavalcanti, disse, que lhe constava ter este marchado com parte, ou com todo o seu batalhão, para o sul, a reunir-se á divisão do Ferreira, que se dizia haver chegado á ponte dos Carvalhos; que assignara duas proclamações dirigidas a animar a tropa; mas que nunca ouvira, que elle fosse chefe de motins populares, ou atacasse com injurias a pessoa de S. M. imperial; e antes no dia 22 de Junho conseguira aplacar o furor do povo levantado e disposto a um massacre publico; e ignorando o mais, que diz respeito posteriormente a esta epocha, por quanto estivera elle testemunha occulto desde então.

Emquanto, finalmente, ao réo Francisco de Souza Rangel, nada lhe consta, senão que nas occasiões de movimentos populares elle ahi se achava, bem como os outros, sem que fosse comtudo o promotor delles. E mais não disse por não saber o que ac depois se passou, pela razão já exposta ; e assignou com o coronel interrogante, dizendo nada do costume ; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.---*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante. —*Izidoro Martins Soriano.*

2.ª TESTEMUNHA

José Maria de Albuquerque, natural de Visêo no reino de Portugal, escrivão da camara desta cidade do Recife, estado de viuvo, de idade de sessenta e um annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado, pelo que diz respeito aos réos Frei Joaquim Caneca, Agostinho Bezerra e Francisco de Souza Rangel, si eram cabeças dos motins populares acontecidos nesta praça, ou si com escriptos ou palavras promoviam a desobediencia dos povos ás ordens de S. M. imperial, ou se opppozeram de alguma sorte á entrada do exercito imperial, ou atacaram com improperios á dignidade do imperador.

Disse, que sabe, por ser publico, que o réo Frei Joaquim Caneca escreveu o periodico intitulado *Typhis*, e assistira a um grande conselho, em que fora secretario, para o fim de se não dar posse ao morgado; mas que nunca fallara com elle, e nem sabe delle factos positivos.

Quanto ao outro réo Agostinho Bezerra, sabe, pela mesma razão, que elle era da facção anarchista, que marchara com a sua tropa para o sul; mas que fizera um grande serviço no dia 22 de Junho a favor da praça, fazendo conter a gente que queria assassinar indistinctamente.

Quanto ao terceiro réo Francisco de Souza Rangel, sabe, pela mesma razão, que elle era igualmente um dos que mais figuravam no partido dos rebeldes, e que fizera uma falla na camara, em virtude da qual fora esta demittida; mas que ignora factos praticados por qualquer dos réos, por isso que desde o mez de Abril se retirou para fora da cidade, e la esteve occulto: e mais não disse, nem do costume; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*José Maria de Albuquerque Mello.*

3.ª TESTEMUNHA

José Joaquim de Carvalho, natural da corte do Rio de Janeiro, physico mór da provincia, e primeiro medico do hospital militar, es-

tado de casado, com idade de cincoenta e seis annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado pelo que respeita á conducta dos réos Frei Joaquim Caneca, Agostinho Bezerra e Francisco de Souza Rangel.

Quanto ao primeiro réo disse, que sabe, por ser publico e notorio, que elle era redactor do *Typhis*, e sendo o principal fim de taes escriptos o dirigir a opinião publica, este o fazia certamente de um modo subversivo da boa ordem, procurando com a sua doutrina chamar os povos á desobediencia de S. M. imperial, e sendo quem foi a causa de se não dar execução ao decreto de 25 de Abril, que concedeu uma amnistia e mandou dar posse da presidencia a José Carlos Mairink; e era finalmente o director de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que de per si nada era capaz de fazer: e mais sabe, por ouvir dizer, que o réo se unira á tropa rebellada; que marchou com ella para o interior, o que bem se prova por ter sido achado entre ella.

Quanto ao segundo réo Agostinho Bezerra, disse, que sabe, por ver, que este réo era um dos addidos ao partido do Carvalho, achava-se em todos os tumultos populares, e marchou com sua tropa contra o exercito imperial, fazendo algumas proclamações, em as quaes excitava as tropas á rebellião; mas que sabe ao mesmo tempo, que o réo fizera á nação um serviço no dia 22 de Junho, conseguindo sustar o massacre, que Emiliano com sua gente pretendia executar nos que elle chamava corcundas.

Quanto ao réo Francisco de Souza Rangel, disse, que sabe, por ser constante e notorio, que este era um dos agentes da anarchia, e que figurava nos tumultos populares; e desapparecera com a entrada do exercito restaurador; mas que nunca marchara com tropas; e mais não disse, nem do costume, e assignou com o coronel interrogante; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*Dr. José Joaquim de Carvalho.*

4.ª TESTEMUNHA

Caetano Francisco Lumachi de Mello, natural desta cidade do Recife, escrivão proprietario da mesa grande da alfandega, estado de casado, idade cincoenta annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado pela conducta publica dos réos Frei Joaquim Caneca, Agostinho Bezerra e Francisco de Souza Rangel.

Disse, que, a respeito do primeiro réo, elle testemunha o tem na conta de bom homem e muito amigo da independencia do Brazil; e o que delle se pode dizer consta dos seus escriptos.

Quanto ao réo Agostinho Bezerra, disse, que sabe, por ser publico, que fez um grande serviço no dia 22 de Junho: e nada mais sabe deste.

Quanto ao terceiro Francisco de Souza Rangel, disse, que sabe,

por ver, que é este mui liberal e muito amigo da independencia do Brazil; e mais não disse, e assignou com o coronel interrogants; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*Caetano Francisco Lumachi de Mello.* (9)

5.ª TESTEMUNHA

João Baptista Pereira Lobo, natural desta cidade do Recife, feitor da alfandega do algodão, estado de casado, com idade de cincoenta e tres annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado pela conducta publica dos réos Frei Joaquim Caneca, Agostinho Bezerra e Francisco de Souza Rangel, e da influencia que elles tiveram na rebellião praticada nesta provincia contra a execução das ordens de S. M. imperial e a integridade do imperio.

Quanto ao primeiro, disse, que sabe, por ser publico, que este era um dos que cooperava para se não obedecer ás ordens de S. M. imperial, tanto de palavra, como por seus escriptos, sendo o seu modo de pensar sempre subversivo da boa ordem.

Quanto ao segundo réo Agostinho Bezerra, disse, que sabe, pela mesma razão, que era dos perturbadores publicos da facção dos rebeldes, e marchou para o sul com a sua tropa contra o exercito imperial; mas que ouvira dizer, que elle fizera um relevante serviço no dia 22 de Junho, obstando ao furor do povo, que pretendia matar marinheiros.

Quanto ao terceiro réo Francisco de Souza Rangel, disse, que sabe, pela mesma razão, que elle era do partido do malvado Carvalho, e dos que queriam que se desobedecesse ao governo de S. M. imperial; mas que não lhe consta, que elle pegasse em armas; e mais não disse, e do costume nada, e assignou com o coronel interrogante; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*João Baptista Pereira Lobo.*

6.ª TESTEMUNHA

Antonio Borges Leal, natural da Ilha Terceira, coronel graduado e ajudante de ordens da provincia, estado de casado, com idade de trinta e nove annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado pelos factos, que praticaram os réos Frei Joaquim Caneca, Agostinho Bezerra e Francisco de Souza Rangel, pelos quaes se possa conhecer serem estes os autores da rebellião da provincia, ou que cooperassem de qualquer sorte para ella se effectuar.

Disse, quanto ao primeiro réo, que sabe, por ser notorio e ouvir dizer geralmente, que este já com seus escriptos, já com seus discursos manifestava e aconselhava decidida opposição ás ordens de S. M. imperial, e propagava o seu systema de se rebellarem os povos contra o governo imperial, procurando a scisão das provincias.

Quanto ao seguudo réo Agostinho Bezerra, disse, que sabe, pela mesma razão, que elle era do partido de Manoel de Carvalho, seu amigo intimo, e com os outros cooperava para as desordens publicas, e marchara com o seu batalhão contra o exercito imperial; mas que no dia 22 de Junho dera de si uma idéa mui differente, praticando uma acção muito louvavel, e foi a de impedir o impeto do chefe Emiliano, o qual com gente armada e com machados pretendia assassinar e saquear a cidade.

Quanto ao terceiro réo Francisco de Souza Rangel, disse, que parecia ter influencia em todos os movimentos anarchicos; mas que não lhe consta que pegasse em armas, e só agora fôra preso na tropa dos facciosos, que acompanhou na sua retirada para o centro; e mais não disse, nem do costume, e assignou com o coronel interrogante; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*Antonio Borges Leal.*

7.ª TESTEMUNHA

Manoel José Martins, natural desta cidade do Recife, tenente coronel effectivo, e ajudante de ordens do governo da provincia, casado, de idade de quarenta e nove annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado pela conducta politica dos réos Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Agostinho Bezerra Cavalcanti e Francisco de Souza Rangel, durante o tempo das commoções populares da provincia, e si haviam directa ou indirectamente influido nellas, e na rebellião executada contra o governo de S. M. e a integridade do imperio.

Disse, quanto ao primeiro réo Frei Joaquim Caneca, que sabe, por ouvir dizer geralmente, que era influente nos acontecimentos passados na provincia contra a obediencia devida ás ordens de S. M. imperial; que elle era um escriptor publico, mas que ignora qual fosse o seu systema, por isso que nunca conversara com elle.

Quanto ao segundo réo Agostinho Bezerra, disse, que sabia, por ver, que elle sempre figurava nos levantamentos populares, affixou uma proclamação exhortando os seus soldados para marcharem, como de facto marcharam, para o sul contra o exercito imperial.

Quanto ao terceiro réo Francisco de Souza Rangel, disse, que sabe, pela mesma razão, que elle sempre apparecia e figurava em todas as commoções populares, sendo creatura de Manoel de Carvalho; mas não lhe consta que elle pegasse em armas contra o exer-

cito cooperador; e mais não disse, nem do costume; e assignou com o coronel interrogante; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.— *Conde de Escragnolle*, coronel interrogante. —*Manoel José Martins*, tenente coronel.

8ª TESTEMUNHA

Manoel Correia Maciel, natural desta cidade do Recife, official maior da secretaria da junta da fazenda, estado de solteiro, de idade de cincoenta e um annos, testemunha jurada aos santos Evangelhos, que prometteu dizer verdade.

Sendo perguntado pela conducta publica dos réos Frei Joaquim Caneca, Agostinho Bezerra e Francisco de Souza Rangel, e da influencia que elles tiveram na rebellião da provincia.

Disse, que sabe, por ser publico, que elle primeiro réo era escriptor de papeis, que continham uma doutrina incendiaria, a qual tambem propagava em seus discursos; e era voz constante, que elle aconselhava e tinha parte em todas as medidas adoptadas pelo governo de Manoel de Carvalho; e mais não disse deste.

Quanto ao segundo réo Agostinho Bezerra, sabe, por ser notorio, que marchou com parte do seu batalhão contra as tropas imperiaes; e assignou uma proclamação incendiaria, que elle testemunha vio affixada, e ouvio dizer que era feita por elle: e mais não disse deste.

Quanto ao terceiro réo Francisco de Souza Rangel, disse, que sabe, por ser publico, que elle era influente do partido revolucionario; mas que não lhe consta, que insultasse de palavras a pessoa de S. M. imperial, e nem resistisse com mão armada á entrada do exercito restaurador; e mais não disse, nem do costume; e assignou com o coronel interrogante; e eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator o escrevi.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*Manoel Correia Maciel.*

Manda S. M. o imperador, pela secretaria de estado dos negocios do imperio, remetter á camara da cidade do Recife o exemplar incluso do decreto de 11 do corrente, pelo qual ordenou o mesmo augusto senhor o juramento da constituição do imperio: E ha por bem, que a mesma camara lhe dê prompta execução pela parte que lhe toca. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Março de 1824.—*João Severiano Maciel da Costa.*

Tendo subido a minha imperial presença representações de tantas camaras do império, que formam a maioria do povo brazileiro, participando que o projecto da constituição, que lhes offereci, tem sido approvado unanimemente, e com o mais patriotico en-

thusiasmo, pedindo-me instantemente que haja eu por bem jural-o e mandal-o jurar já como constituição do imperio. E considerando quão justas são estas instancias do leal povo brazileiro pelas incontestaveis vantagens que se seguem de possuir quanto antes o seu codigo constitucional, tenho resolvido, com o parecer do meu conselho de estado. jurar e mandar jurar o dito projecto para ficar sendo constituição do imperio; o qual juramento terá lugar nesta corte em o dia 25 do corrente mez, que para esse fim tenho designado, e fóra della logo que este meu imperial decreto for apresentado ás respectivas autoridades. João Severiano Maciel da Costa, do meu conselho de estado, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço, em 11 de Março de 1824, 3.° da independencia e do imperio.—Com a rubrica de S. M. imperial.—*João Severiano Maciel da Costa.*

Termo de sessão extraordinaria.—Aos seis de Junho de 1824, nesta cidade do Recife de Pernambuco, e paços da camara, onde se achava o juiz presidente, vereadores e procurador abaixo assignados, ahi concorreram os cidadãos de todas as classes convocados pelos editaes affixados por deliberação tomada em vereação de 29 de Maio passado, como consta da acta da referida vereação, e do registro do mesmo edital e certidão do official, que os affixou, havendo tambem precedido cartas de convite ao desembargador chanceller governador da relação e mais ministros della, ao governador das armas, chefes dos corpos, ás repartições da fazenda nacional, alfandegas, intendencia de marinha, erario, ao ouvidor e corregedor da comarca, e a outros cidadãos do corpo litterario e civil; ante os quaes se leu a portaria e decreto em que S. M. I. e C. ordenava o juramento do seu projecto, enviado á esta camara, como constituição do imperio: e sendo aberta a sessão pelo juiz presidente, e posta a materia em discussão, requereram os cidadãos, que primeiramente se lesse o juramento prestado no dia 17 de Outubro de 1822 pelo povo desta cidade; o que sendo annuido e satisfeito, votaram alguns cidadãos por escripto e outros de viva voz; e julgando-se afinal a materia sufficientemente discutida, ordenou o presidente, que todos tomassem seus assentos, e que indicassem por um signal a affirmativa ou negativa do juramento, objecto da presente convocação. O que feito, por unanimidade se conheceu e assentou, que se não deve receber nem jurar o mencionado projecto: 1.° por ser illiberal, contrario á liberdade, independencia e direitos do Brazil; e 2.° por envolver o seu juramento perjurio ao juramento civico prestado, em que se jurou reconhecer a assembléa braziliana constituinte e legislativa. E de como assim se decidio, mandaram fazer este termo, em que assignaram com todos os cidadãos; e eu José Joaquim de Oliveira Maciel, escrivão da camara, o escrevi.—Francisco de Barros Falcão de Lacerda—José Antonio Esteves—Luiz José de Souza—Antonio Joaquim de Mello—José

Bezerra de Albuquerque Montenegro—João Baptista da Fonseca, lente de philosophia—Joaquim Ignacio da Costa Miranda, capitão graduado—Francisco José de Veras—João Borges de Faria—Manoel do Carmo Inojosa—Antonio Coelho de Oliveira—Antonio José Pacheco de Queiroga, alferes da 3.ª guerrilha—Francisco José Marinho—José Francisco Vaz de Pinho Carapeba, commandante do 1.º batalhão de caçadores de milicias—Francisco José dos Prazeres—Joaquim Francisco do Rego—Matheos Carneiro Leão—João Firmino Alves Lima—Quirino Antonio do Espirito Santo—Antonino José de Miranda Falcão—Ignacio Francisco Atahyde—Manoel Euzebio—Antonio Carlos Coelho da Silva—João Francisco Bastos Junior—Luiz José da Silva Guimarães—Alexandre José de Almeida—Justino Miguel dos Santos—Francisco Ludgero da Paz—Frei Joaquim do Amor Divino—James H. Rodgers—Francisco Xavier Cavalcanti—Alexandre de Vasconcellos Galvão—José Francisco de Paula Neves—Bernardo José Martins Pereira—Francisco Muniz da Ponte—Francisco de Borja Catolé—José da Cunha Pereira—Manoel Caetano Borges Uchoa—Leandro José Machado—Agostinho Pereira Pinto—Joaquim José Amancio—José Pacheco de Queiroga—Semeão Gonçalves Ribeiro—Manoel Antonio Ferreira Lopes—Justiniano Antonio da Fonseca—José Maria de Amorim Junior—Antonio de Paula Mello—José Gonçalves de Faria—José Vieira de Oliveira Maciel—Francisco da Silva Falcão—Joaquim Marcelino Machado Junior—Joaquim Clemente de Lemos Duarte—Pedro Ignacio da Cunha—João Nepomnoceno Paes e Mendonça—Rufino José da Silva—Joaquim José de S. Anna e Silva—Rufino José Correia de Almeida—José Alves de Souza Rangel—Joaquim Francisco de Paula—José da Silva Bastos—Emiliano Felippe Benicio Mundurucú—José Machado Freire Pereira da Silva—Agostinho Bezerra Cavalcanti e Souza—Manoel da Boa Hora—Antonio Joaquim de Souza Timbó—Bernardino de Sena Luna—Manoel Raymundo dos Prazeres—Ignacio de Almeida Fortuna, professor de latinidade—Estevão José da Graça—Marcelino de Campos Quaresma—Gonçalo Francisco Martins—Manoel Cavalcanti de Albuquerque—Thomaz José Alves de Siqueira—Miguel dos Anjos Manguinho—João Ignacio Cavalcanti de Albuquerque—João José de Saldanha Marinho—Jorge Acurcio Silveira—Antonio Martins do Rosario—João Hippolyto do Rosario—Antonio José Coelho—Miguel Antonio Pereira de Oliveira—Antonio Joaquim Lima—José Caetano Barboza—José Miguel de Souza Magalhães—Francisco José do Rego—José Francisco do Rego Junior—Joaquim Gregorio Correia Galhardo, escrivão da 3.ª e 4.ª classe da marinha—Pedro José Tavares de Faria—Estanisláo Pereira de Oliveira Junior—Antonio Moreira da Costa—Martinho José de Sapucairana—Antonio Macario de Moraes—José Antonio de Oliveira—Luiz de França Cruz Ferreira—José Soares Lima—Antonio Correia Cabral—Vicente Antonio do Espirito Santo—Alvaro de Luna Freire e Andrade—João Francisco da Cunha—Ignacio Firmo Xavier—Francisco José de Oliveira—Antonio Joaquim Pereira de Brito—An-

tonio Francisco de Castro – Joaquim José Lobato—Manoel Carneiro de Souza Lacerda—José de Paiva Baracho—Luiz de Azevedo Santos—João Baptista e Albuquerque—Joaquim Francisco de Paula Esteves—Antonio Gonçalves dos Santos—Manoel Francisco da Silva—Manoel José Duarte—Semeão Correia de Albuquerque—Joaquim Xavier Ferraz de Campos—O padre Venancio Henrique de Rezende—o vigario Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins—O coadjutor Luiz Carlos Coelho da Silva—Bernardino Rodrigues Ferreira—Luiz José Nunes de Castro—Mathias Carneiro Leão—José Joaquim de Alencastro—Manoel Bezerra Cavalcanti de Albuquerque—Antonio Alves Pimentel—João Nunes da Silva—Francisco Pereira de Castro—Antonio Luiz Vianna—João Pacheco Alves da Silva—João Martins de Faria—Bernardo Ignacio de Azevedo—Bento de Barros Falcão de Lacerda—Francisco Antonio Pereira dos Santos—Martinho de Souza Bandeira—João Francisco de Albuquerque Mello—Antonio José Bandeira de Mello—Manoel Cesario Dias Ferreira—Antonio Elias de Moraes—Vicente Ferreira Gomes—Eloy da Cunha Pereira—José Joaquim da Silva Castro—Vicente Ferreira Mendes Azevedo—Joaquim José Teixeira—Ignacio Pereira de Freitas—José dos Passos Santos—Manoel Jeronymo da Costa Uchoa—José Correia da Silva Lobato—José Elias da Rocha—Francisco Feliciano Rodrigues Sete—José Carneiro Machado Rios—José Joaquim Bezerra Cavalcanti—Vicente Luiz Gonçalves Ferreira—José Ferreira Ramos Junior—Manoel Ferreira de Souza—Antonio Joaquim de Moraes—José Thomaz de Campos Quaresma—Francisco de Souza Rangel—Joaquim José de Abreu Junior—Antonio da Silva Machado—Manoel Antonio da Assumpção e Silva—Manoel Francisco do Nascimento—Semeão Machado Bitencourt e Mello—Rodolpho João Barata—João Dias Martins—Antonio Joaquim Pacheco Torres—Joaquim da Silva Loureiro—Francisco Xavier Pereira de Oliveira—Manoel Firmino de Figueiredo Brito—Luiz José do Bomfim—João Manoel Mendes e Azevedo—José Tavares Gomes da Fonseca—Joaquim da Fonseca Soares de Figueiredo—Angelo da Costa Rosal—Joaquim José de Carvalho—Manoel José da Paz—Joaquim José de S. Anna –Francisco de Campos Bezerra—José Chaves de Araujo—Francisco Raphael Archanjo—Antonio Raymundo da Silva—Manoel Correia Maciel—Francisco Galeno Coelho—Joaquim Francisco Bastos—Mathias Pita da Rocha—Luiz Bernardino Botocudo, tenente coronel graduado—Joaquim José Alves Lima, capitão interino do 2.º batalhão de caçadores—Francisco Antonio Raposo da Camara—João de Deus Cabral—José Apollinario de Faria—Venancio da Trindade Guedes—José Thomaz de Sá Barreto—Manoel Felix de Veras—João Galdino dos Santos Vital—Francisco José Pereira, tenente—José Miguel de Souza Magalhães Junior—Antonio José Quaresma—José Bernardino de Sena—Francisco Antonio Gomes—João Pinheiro Catolé—Francisco Felix da Assumpção—Joaquim de S. Anna—Antonio Francisco dos Santos—Antonio Carlos de Almeida—Vasco Marinho Falcão—José Fran-

cisco de Souza Lima—José Ignacio da Costa Monteiro—Bento José Fernandes Barros—Luiz Rodrigues Sete—Manoel Theodoro—Francisco de Sales Rego e Andrade—Manoel Ignacio Bahia—Antonio Bandeira de Mello—Antonio Joaquim de Mello Pacheco, official da secretaria do governo—Antonio José Pedroso—Luiz Pereira Brandão—Pedro da Cunha e Andrade—Francisco Verissimo Padilha—Feliciano José Pinto Ribeiro—José Affonso Ferreira—Bernardo Pereira da Silva—Luiz Francisco de Paula—Manoel de Souza Rego—José de Souza Ferreira—Francisco Antonio Xavier—Manoel da Cunha e Miranda, escrivão da entrada do algodão—Antonio Ferreira Duarte Veloso—Francisco de Paula Freire—José Conegundes da Silva, guarda do N. da alfandega nacional—José Maria Cesar do Amaral, amanuense da secretaria da junta da fazenda—José Cupertino de S. Rosa—José Pedro Celestino de Siqueira—Jeronymo José da Silva—Antonio Roberto Franco—Joaquim Marcelino Machado Freire, reformado em major graduado—José Ribeiro do Amaral—Antonio Ignacio de Torres Bandeira—Manoel Nunes Ferreira de Albuquerque, coronel do 2.º corpo de cavallaria da provincia do Ceará—Geraldo Antonio da Costa Borges—Lazaro de Souza Fontes—Miguel de Souza Fontes—João Baptista Fernandes—Manoel do Carmo—O porteiro Leandro Dias de Macedo—Januario Alexandrino da Silva Rebello Caneca, cirurgião encarregado da vaccinação.

O voto que Frei Joaquim do Amor Divino Caneca emittio nessa occasião, acha-se consignado nas paginas 40 a 47.

ACTA DO GRANDE CONSELHO EM 7 DE ABRIL DE 1824

Aos sete dias do mez de Abril de mil oitocentos e vinte e quatro, terceiro da independencia, na sala do governo da provincia de Pernambuco, celebrou-se um grande conselho convocado pelo exm. presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, a que assistiram o exm. governador das armas desta mesma provincia, o capitão de fragata Luiz Barroso Pereira, delegado do capitão de mar e guerra commandante da divisão surta neste porto; as camaras desta provincia, a excepção das do Cabo e Serinhãem, e mais corporações civis, militares e ecclesiasticas, e homens bons da capital. O exm. governador das armas disse, que, de accordo com o exm. presidente da provincia, tinha aberto uma correspondencia regular com o commandante da divisão, enviado a este porto para o fim de empossar o capitão mor Francisco Paes Barreto no lugar de presidente desta provincia, para o qual o havia nomeado S. M. imperial; e que não podendo por si só dar cumprimento ás ordens, que lhe foram communicadas pelos officios, que apresentou, fora convocado este conselho para deliberar sobre esta materia, vistas as circumstancias em que se acha a provincia: em consequencia do que se nomeou para presidente do conselho ao padre Venancio Henri-

que de Rezende, e para secretarios Frei Joaquim do Amor Divino, lente de mathematicas, e Antonio Elias de Moraes. O presidente pedio ao capitão de fragata, delegado do commandante da divisão, que declarasse o fim a que vinha á esta provincia, e a força naval do seu commando; o qual tendo declarado, que o objecto da expedição era o empossamento do capitão mor Francisco Paes Barreto na presidencia desta provincia, o presidente do conselho, depois de fazer uma breve exposição do estado da provincia e dos acontecimentos, que tem tido lugar desde o dia 13 de Dezembro proximo passado, propoz como ponto de questão, si não obstante as calamidades e desgraças que estavam sobre nós, pela execração em que a provincia tinha a Francisco Paes Barreto, se devia comtudo dar posse da presidencia, na conformidade da nomeação de S. M. imperial. Depois de haverem fallado por sua ordem os delegados das camaras e corporações ecclesiasticas, civis e militares, e rolando varias opiniões no decurso da discussão, o presidente propoz, si a materia estava sufficientemente discutida; e decidido que sim, propoz se devia dar posse ao presidente eleito. Decidiu-se, que devia ser conservado o actual presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade; primeiro por ser uma pessoa de publica confiança pelo seu decidido patriotismo e bom governo, que tem feito; segundo porque o eleito por S. M. imperial, pelos passos anarchicos e subversivos, que tem dado, promovendo a insubordinação de parte da tropa, acendendo a guerra civil e derramando o sangue pernambucano, a despeito das resoluções de muitos conselhos, que se esperasse a resolução de S. M. imperial, tinha perdido a opinião publica, e contrahido o odio e execração geral da provincia, que de nenhum modo pode ser, senão desgraçada com o seu governo. Que vista a declaração do commandante da divisão, de que não haviam chegado á presença de S. M. imperial as representações feitas a este respeito, e as reclamações da provincia a favor do mesmo actual presidente, e omnimoda exclusão de Francisco Paes Barreto, se mandasse uma deputação de tres membros, civil, militar e ecclesiastico, para apresentar a S. M. imperial todas as participações desde 18 de Dezembro do anno proximo passado, e rogar-lhe haja de confirmar em todo caso o actual presidente, como aquelle que mais merece a confiança publica. Assim se decidio por votos unanimes, com a excepção de um só que vae por escripto, assim como alguns outros. Outro sim, deliberou o conselho, que se declarasse na acta, que assim se decidio depois de haver o exm. governador das armas empregado todos os meios ao seu alcance, para que tudo se fizesse em paz e tranquillidade, a bem dos povos e com respeito e decoro a S. M. imperial. E eu Antonio Elias de Moraes, secretario eleito o escrevi.—Estavam trezentas e dezenove assignaturas.

(Seguem-se no processo os *Typhis* numeros 14, 15, supplemento a este, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26. 28 e 29; os quaes, com os demais da collecção completa, são publicados nesta obra em logar competente. Os do processo, se acham neste avulsos e soltos, sem termo ou declaração alguma de ajuntada.

DEFEZA

Illm. e exm. Sr. presidente, e Illm. Senhores vogaes.—Apparece na respeitavel presença deste integerrimo juizo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, religioso carmelita turonense desta cidade do Recife, preso na cadeia da mesma, pelo imputado crime de rebellião, a dar as razões da sua conducta, e a justificar-se de tão horrorosa imputação. A enormidade da accusação é tão grande, que de per si basta para aterrar o varão mais forte, e o faria temer, si acaso se não lembrasse que eram seus juizes varões brazileiros, cheios de rectidão, e que sabem dar descontos ás fraquezas da humanidade, imitando a piedade e beneficencia do principe magnanimo, que os revestio de tão alta autoridade. Esta idéa consoladora anima ao réo, e lhe aviva os espiritos abatidos, para alçar a tremula voz e fazer chegar ao conhecimento deste juizo os argumentos em que funda a sua defeza, e mostrar a sua constante adhesão e obediencia ao supremo imperante da nação brazileira.

Duas são as fontes, d'onde a intriga e a inimizade pertendem deduzir a ruina do réo; os seus escriptos, que correm impressos, e a marcha que fez desta praça em companhia das tropas, que deixavam a capital na occasião em que nella entraram as tropas de S. M. imperial.

Naquelles pretende-se descobrir doutrinas anarchicas, revolucionarias, subversivas da ordem publica, e excitantes para a destruição da integridade do imperio; e nesta uma acção ou facto demonstrativo de um animo hostil e opposto ás ordens do soberano.

Uma e outra pretenção deve-se qualificar de injustiça, e só apropositada a perder o réo e fazel-o passar por trabalhos e por incommodos, si por felicidade sua não fossem seus julgadores pessoas tão conspicuas por sua philantropia, sua inteireza e odio á malevolencia e á intriga.

Com quanto parecesse ao réo, que as doutrinas dos seus impressos não formam objecto do conhecimento desta commissão, por já estar determinado o tribunal dos jurados, como privativo dos abusos da liberdade da imprensa; comtudo ignorando o réo as ordens imperiaes, de que está escudada a mesma commissão, e que este recto juizo não ultrapassará os termos, que lhe foram prescriptos por S. M. imperial, não hesita dar conta de si nestes artigos, que passa a expender.

O réo propondo-se a escrever o periodico, a que deu o titulo de *Typhis Pernambucano*, nenhum outro fim teve em vistas, que sustentar a independencia do Brazil, a integridade do imperio, a justa liberdade de sua patria, e em ultima analyse os direitos e a gloria do immortal Pedro I, imperador do Brazil. Os principios em que se funda para desempenho deste encargo, são os correntes neste seculo de luzes, adoptados pelos publicistas mais respeitaveis das nações cultas da Europa e America, repetidos nos periodicos da

corte, nos desta provincia, e até confessados por S. M. imperial em muitas occasiões.

Que a soberania reside na nação, que a nação é quem se constitue e por meio dos seus representantes em cortes—dous pontos cardeaes em que rola toda a doutrina do *Typhis*—são duas verdades confessadas por S. M. no decreto de 3 de junho de 1822, no manifesto de 6 de Agosto do mesmo anno aos povos e nações amigas, além de outras occasiões.

Que S. M., depois de ter chamado seus subditos para serem felizes, não lhes pode dizer—não quero que o sejam mais—disse o *Regulador Brazileiro* a face do mesmo throno, sem a menor censura. E' destes principios, pois, que nasce o juizo feito sobre a dissolução da assembléa do Rio de Janeiro, exposto nos numeros 1, 2 e 3 do *Typhis*.

As consequencias da dissolução da assembléa constituinte lembradas no numero 6 são fundadas em se não attender áquella verdade, que S. M. confessou na sua proclamação, a saber, que a opinião publica é a guia, que deve de ter um governo constitucional, e que o monarcha, que ignora ou não attende a esta opinião, precipita-se nos abysmos, e ao seu reino ou ao seu imperio em um pelago de desgraças, umas após outras.

Em nenhuma parte do *Typhis* se acha cousa alguma, que resumbre mudança de governo, nem mesmo scisão da integridade do imperio; porque ainda que no numero 25 se convide aos Pernambucanos a se unirem com as provincias limitrophes, e elegerem um governo supremo, que com sua vigilancia e energia seja o piloto que conduza a nau da patria nas arriscadas circumstancias de ser o Brazil invadido pelos Portuguezes, e S. M. declarar, que se defendesse cada provincia a si mesma, porque elle chamava toda a esquadra para o Rio de Janeiro, isto jámais nunca se deve entender nem alarma para mudança do governo, nem córte na integridade do imperio. Era puerilidade querer formar uma republica de Alagoas, Pernambuco e Parahiba, não só porque em 1817 maior numero de provincias não poderão sustentar esta forma de governo, muito peior agora que estavam as tres provincias chocando-se; mas tambem era uma contradicção palmar com o que se havia dito no numero 18, no principio do qual dissemos, que estamos persuadidos, que os Pernambucanos, mais racionaes que os Hebreus, que comendo no deserto o maná celeste, choravam pelas paneladas de carne do Egypto, não hão de deixar o presente systema constitucional por democracias que já abandonaram. O que se quer dizer é, pois, que se congrassem os partidos internos, que se dilaceram, e acabem-se as questões com Parahiba e Alagoas, e unidas as tres provincias elejam um governo, que disponha das forças dellas para melhor resistirem aos Portuguezes; porque tendo as tres um centro d'onde partam as disposições, ellas poderão sem duvida resistir a expedição portugueza.

Vendo os successos do Rio de Janeiro, oppostos aos sentimentos, que S. M. por muitas vezes manifestou pela independencia do

Brazil, e seu systema constitucional, sempre os attribuiu a outra origem, como em os tres primeiros numeros, á uma facção portugueza que dominava até o mesmo ministerio; muito principalmente quando S. M. em uma proclamação aos Brazileiros confessava ter sido enganado por vezes, e haver demittido do seu serviço aos ministros, que enganando-o, perturbavam a ordem publica, escandalisavam os povos, como succedeu com todos os ministros desde o conde dos Arcos, esperando sempre que S. M. obraria de outra maneira, em sabendo a verdade.

No numero 6 disse o réo: Que mostrava as consequencias da dissolução da assembléa, si os zephiros dos nossos respeitosos clamores não desfizessem as nuvens que rodeando o throno de S. M., o prohibem de ver o sol da razão e da justiça.

No numero 7: Talvez não tenha havido um principe em tão difficeis circumstancias de acertar como o immortal Pedro I, rodeado de tantos egoistas, que procurando unicamente os seus interesses, a sua grandeza e elevação, tudo isto revestem dos interesses do principe e do bem do estado. Não ha intriga de que não hajam lançado mão para prohibir, que a verdade chegue á sua presença; pois estão certos que em S. M. conhecendo-a, ha de seguil-a.

E no 23: Nós esperamos em Deus podermos dizer do imperador, como de Agricola disse Tacito: Tudo o que amamos em Agricola, tudo o que nelle admiramos, subsiste, subsistirá no coração dos homens, na eternidade dos tempos, nos annaes do universo. Muitos heroes antigos, desconhecidos e sem gloria, são sepultados no esquecimento. Agricola por sua historia viverá na posteridade.

Quasi o mesmo havia dito no numero 8.

O respeito e acatamento, com que sempre fallou de S. M., se deve deduzir da totalidade dos seus escriptos, e não de uma ou outra passagem, em que talvez se achem algumas cousas grosseiras, pouco decentes, etc.; por quanto a isto deram lugar o enthusiasmo com que fallava do bem do Brazil, da liberdade de sua patria e gloria do imperio, que tudo se refundia em gloria de S. M., ou da pressa com que foram escriptos algumas vezes seus papeis, sem ter tempo para os corrigir e limar, como aconteceu com alguns numeros do *Typhis*, que foram mandados para a imprensa a pedaços, sem poder combinar o que escrevia em casa com o que já estava na imprensa; do que é testemunha o administrador e officiaes da typographia; e com o seu voto dado na camara sobre o projecto, que escreveu com tão pouco tempo e tanta pressa, que quando chegou á camara já estava o negocio da consulta quasi a acabar-se, e o seu voto tão mal escripto, que lhe custou a ler, não podendo obter da camara, que o levasse para corrigir; e para prova do seu respeito para com S. M. e das esperanças que nelle poz e ainda espera, que não sejam frustradas, offerece o incluso sermão pregado nesta cidade, na solemnidade da acclamação de S. M.; o qual sendo remettido ao mesmo augusto senhor pela camara desta cidade, foi impresso no Rio de Janeiro.

Nunca ao réo lhe veio á imaginação idéa de desmembração

do imperio, nem mesmo a podia suspeitar das intenções do governo de então; por quanto não só não se lembra ter visto papel algum deste genero, como que o convite, que teve para assistir ao grande conselho, que se ia fazer nesta provincia para sua segurança, quando S. M. chamou toda a esquadra para o Rio de Janeiro, é o que offerece impresso.

Que em Pernambuco não se tratou de proclamar o systema republicano e a desmembração do imperio, V. Exc., senhor presidente, o disse aos Cearenses em uma proclamação quasi por estas palavras,---*que sendo Pernambuco o foco da anarchia e dos partidos, não se atreveu a proclamar a confederação como o Ceará.*

O réo escrevia em Pernambuco, onde, por um bando do governo de 14 de Maio de 1823, se publicou o decreto de S. M. imperial, quando principe regente, de 18 de Junho do anno antecedente sobre a liberdade da imprensa; e o que escreveu sujeitando-se a esta lei, nunca pelas autoridades foi julgado subversivo, anarchico e affrontoso á pessoa de S. M., nem opposto aos seus direitos; pois que no dilatado espaço de oito mezes, que durou o seu periodico, nunca foi chamado ao jurado, como devia no caso dos abusos da liberdade da imprensa; assim como não foi chamado a dar conta de sua doutrina e opiniões o redactor do *Conciliador Nacional*, que escreveu muito antes do réo, que---A soberania estava nos povos, (numeros 3, 18,22, 30). Os povos não são herança de ninguem, (numero 40) Deus não quer sujeitar milhões de seus filhos ao capricho de um só,(numero17). Os reis não são emanação da divindade, são autoridades constitucionaes, (numero 1). Não se desobedece ás cortes,quando encontrarem nossos direitos, (numero 3). Os povos tem o direito de mudar a forma de governo, (numero 28). As cortes são superiores ao imperador, (numero 23). Clamando-se ao soberano congresso sobre alguma lei, que delle emanar, a qual contraria seja aos interesses dos povos, si estes não forem attendidos, desfeito está o pacto; cabe-nos então reassumir nossos direitos, (numero 1). Não se deve obedecer as leis prejudiciaes, (ibidem). O povo do Brazil deu por generosidade o throno ao imperador, (numero 18). O governo absoluto, o maior de todos os males, (numero 1).... e outros muitos desta natureza, que seria enfadonho repetil-os. Estas e outras iguaes doutrinas que se ouviram no recinto da assembléa do Rio de Janeiro, correm impressas nas mãos de todos, sem que sejam seus autores reputados anarchicos, revolucionarios e affrontosos a S. M. Logo como se pode attribuir a crime isto mesmo, que disse o réo em seus impressos ?

E' quanto julga o réo sufficiente para descarregar-se do crime de rebelde, pela parte dos seus escriptos; e igualmente julga, que se lhe não deve dar esta qualificação, pela sua fuga para o interior da provincia na companhia de uma tropa, que fugia igualmente da capital tomada pelas tropas imperiaes.

A fugida a que o réo se abalançou para os sertões da provincia, quando entraram no Recife as forças de S. M., nenhuma circumstancia teve, por onde lhe possa competir a qualidade de op-

posição ás ordens de S. M. Esta qualidade de justiça lhe seria adjudicada, si o réo se fizesse militar, tomando armas contra S. M., fazendo fogo ás suas tropas, commandando algum corpo, ou persuadindo as tropas á fuga, em desobediencia a S. M.; mas dizendo o réo altamente, que não haverá pessoa que tal sustente ou prove, está defendido; pois que sendo um proloquio—Auctoris est probare—, não fazendo, nem podendo fazel-o o seu accusador, cahe por terra a accusação, e o réo nada tem a que deva responder.

A fuga do réo nasceu do temor de ser preso; e o ser achado entre a força que fugia, foi uma fatalidade, que não estava nas suas forças o evital-a. O réo havia ha muito recebido cartas do Rio de Janeiro, em que se dizia que elle havia de ser preso pelo seu periodico, e que vinham ordens taes para Pernambuco: estas noticias lhe foram confirmadas por uns officiaes do Pará, que ouviram-n'as do intendente geral de policia daquella corte; e quando V. Exc., senhor presidente, chegou a Maceió, houve quem dissesse ao réo, que V. Exc. trazia recommendações a seu respeito, porque logo pedira ao morgado do Cabo uma collecção do *Typhis*.

Por estas noticias deu o réo; e julgou-se em perigo, entrando desde logo a planejar deixar sua patria e occultar-se, até os negocios tomarem novo rumo, que lhe afiançasse viver tranquillo no seu paiz natal; não foi, porém, tão apressado que se evadisse antes do dia 12 de Setembro.

Chegado este dia fatal, e o réo que tinha amizade ao coronel José de Barros Falcão de Lacerda e outros officiaes de sua divisão, vendo-o tão perto da praça, concebeu o projecto de fazer-lhes uma visita de amizade, e o executou, montando a cavallo sosinho, sem mais companhia de ninguem, e se passou áquelle acampamento, onde felicitando-se com a companhia dos seus amigos, destinou ir ao Engenho Novo a cumprimentar o major Santiago, que havia sido alumno de sua aula de geometria. Nesta jornada soube, que o ponto do engenho S. Anna fora occupado pelas tropas imperiaes; chegou até ao dito Engenho Novo, e soube do Santiago ser verdadeira a nova. Voltou para os Prazeres, e deu conta disto ao Barros. Este fez logo partir para o Recife o pagador das tropas Queiroga com os cofres, e uma escolta; acostou-se o réo a esta, e vindo para o Recife, não o pôde conseguir, por já estar os Afogados occupado pelas tropas imperiaes, e a ponte do Motocolombó cortada. Que lhe restava a fazer? Voltou para os Prazeres; e como o José de Barros destinasse retirar-se d'ahi para Olinda, ficou o réo com elles para que no meio da divisão viesse em segurança para a dita cidade; assim succedeu.

E quando as tropas do Barros, atravessando o Capibaribe, marcharam para a Boa-Vista, o réo procurou a cidade de Olinda, e foi homisiar-se em casa de Wenceslau Miguel Soares, commandante da artilheria, e ahi se demorou até o dia 16 do dito mez, em que Francisco de Barros de Lacerda, filho de José de Barros, lhe communicou em segredo, que se pretendia a sua prisão para se entregar

a V. Exc., e que portanto se occultasse. Aceitou o réo o conselho, e, esperando pela noite, evadiu-se da cidade, e foi para o engenho de Utinga da mata; não se julgando ahi seguro, passou-se a Goiana a procurar seu convento, aonde chegou á meia noite do dia 17; e achando a villa e o convento desertos pela retirada das tropas, que ahi estavam, e medo da entrada das de João Baptista Rego, que se achavam estacionadas em Goiana Grande, ou Cruz das Almas, sahio immediatamente de Goiana com o destino de ir a Larangeiras homisiar-se em casa de João Velho. Partiu para este ponto a maior parte da noite, descansou um pouco, e pondo-se a caminho de manhã, encontrou no de Goianinha alguma gente armada, que debaixo do commando de Manoel Ignacio Bezerra se dirigia a Nazareth do norte; o réo seguio o seu caminho para Larangeiras, onde não encontrou a quem procurava. Destinou-se procurar asylo em Pindoba de Flores, á sombra de Joaquim Cavalcanti. Nesta jornada aconteceu-lhe ao entrar do engenho Poço-comprido de se esbarrar com a tropa do Brejo de Area, commandada pelo capitão França. Não podia ir adiante pela insufficiencia do cavallo e tempo nocturno.

No dia seguinte não pôde o réo prover-se de um cavallo forte para a jornada, e quando estava nesta diligencia, apresentou-se a força de Nazareth, e reunindo-se com a do Brejo, ajuntou-se com a outra companhia do Brejo estacionada na mesma Pindoba de Flores, para onde se destinava o réo, sem se saber da occupação daquelle ponto, e da fuga de Joaquim Cavalcanti.

Nestes apertos nada restava ao réo, que acompanhal-os, até que a fortuna lhe offerecesse alguma evasiva, pois não conhecia mais ninguem por aquellas alturas, que o podesse acolher, e corria risco de ser preso pelas tropas do Rego, que logo occuparam Goiana, e se espalharam por aquelle contorno. Foi, portanto, nesta figura até o ponto do Juiz, na provincia do Ceará, sem jamais achar occasião segura de salvar-se no interior dos sertões; porque logo que constou a retirada das tropas do Recife, as tropas dos Cariris, Rio do Peixe, Icó e Assú as cercaram por todos os lados, e matavam a quantos se debandavam e fugiam das do Recife, e a menor crueldade que praticavam era prendel-os, espancal-os e enchel-os de affrontas.

Logo, porem,que se apresentou o major Lamenha com sua tropa, o réo trabalhou para a capitulação e rendimento, que se effectuou, voltando o réo para esta cidade com outros, escoltados de soldados de linha, que mesmo o pediram ao major Lamenha para segurança de suas vidas.

Desta veridica exposição se vê, que a fugida do réo foi effeito do medo de ser preso, e passar por trabalhos; o que nunca será crime, pois á natureza horrorisa a oppressão; e quem corre e foge não resiste, pois a resistencia é o contradictorio da fuga; menos ir na companhia de taes tropas, porque estas fugiam tambem de medo, e sempre debaixo do pavilhão do imperio, que nem cá deixaram.

Ao depois o réo fez serviços aos povos, por onde marcharam as tropas, aconselhando que não atacassem lugar algum, que fos-

sem seu caminho direito sem offender a quem lhes dava passagem franca; d'onde procedeu na villa de Caicó apparecer uma conspiração de alguns soldados insubordinados, para prenderem o réo e mais alguns, de quem diziam elles, que iam ali sem fazer nada, aconselhando as jornadas por travessias e estradas apartadas das villas, afim d'elles não terem o saque. Demais, o réo persuadiu ao commandante da força, e conseguiu, que se creasse um conselho militar para conhecer dos prisioneiros, e destinar a sua sorte, afim de evitarem-se os assassinios, que os soldados arbitrariamente commettiam; no que correu o réo grande perigo, mas felizmente socegou esta desordem; porque o conselho julgando e soltando o commandante de Malacaxeta, apezar dos ameaços da soldadesca desenfreada, tomou um certo tom de energia, que se restabeleceu a ordem e se evitaram as mortes.

Estes sentimentos de tranquillidade e paz, que mostra o réo, não são agora arranjados para sua defeza; são da sua conducta antiga, pois para tranquillisar as rivalidades, que reinavam nesta provincia o anno passado entre Brazileiros e Portuguezes, escreveu a dissertação que offerece impressa; e no tempo do governo de Manoel de Carvalho acommodou algumas desordens com pessoas até portuguezas, d'onde os que desejavam carnificinas, se desgostaram delle.

E' pois, Exm. Sr., o que o réo nas apertadas circumstancias, em que se acha, pode offerecer á consideração deste juizo em sua defeza, protestando a pureza de suas intenções pela obediencia a S. M. imperial, sem jámais lhe passar pela memoria o detestavel crime de rebellião: fallou dos interesses do seu paiz natal, do imperio do Brazil, e da gloria nacional, a gloria de S. M. imperial, com aquelle enthusiasmo proprio de um Brazileiro, que ama a sua nação, e se horrorisa de ver o melhor dos principes ser illudido por ministros infieis, e que lhe negam a verdade, que elle tanto procura; e abjurando e detestando qualquer palavra ou expressão, que não sendo da magestade imperial, escapou de sua inconsideração no fogo de seu zelo pelas liberdades de sua patria, se recolhe ás abas da piedade e magnanimidade imperial, que tanto mais brilhante apparecerá á face dos homens quanto maior for, e mais grave e horroso o objecto desta virtude, só propria dos grandes principes; recolhe-se finalmente á equidade e patriotismo de V. Exc. e senhorias, que sabendo differençar o engano, o erro e o crime, se gloriam de seguir as pegadas de um soberano, que mais interesse tem em conservar subditos corregidos e voltados a melhor caminho, do que destruir por uma justiça restrictissima homens, que podem prestar algum serviço ao estado, e aos seus semelhantes. (*) *Melius est servare unum quam mile occidere*, dizia o imperador An-

---

(*) Até aqui toda esta defeza é obra do mesmo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca; o resto della é acrescentamento do advogado o padre Caetano José de Souza Antunes.

tonino; e o senhor D. João V na carta regia de 20 de Janeiro de 1745, escripta por Alexandre de Gusmão ao corregedor do crime da corte e casa Ignacio da Costa Quintella, foi do mesmo sentimento. Diz o ministro: S. M. me manda advertir a vossa mercê, que as leis costumam ser feitas com muito vagar e socego, e nunca devem ser executadas com acceleração; e que nos casos crimes sempre ameaçam mais do que na realidade mandam, devendo os ministros executores dellas modifical-as em tudo que lhes for possivel, porque o legislador é mais empenhado na conservação dos vassallos, que nos castigos da justiça, e não quer que os ministros procurem achar nas leis mais rigor do que ellas impõem.—Disse.

Com quatro documentos. O sermão prova amor e adhesão a S. M. imperial; a ode o amor e fidelidade a seu augusto pai, então reinante no Brazil, e aos bons Portuguezes; o terceiro convite e chamamento do governo para o conselho; e o quarto a sua dissertação sobre o patriotismo.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

O primeiro, segundo e quarto destes documentos juntos a defeza, acham-se no 2.º tomo desta obra distinctamente insertos; o terceiro, porém, é este em seguida:

Não é occulta a pessoa alguma a grandeza dos riscos e perigos a que está reduzida não só a provincia de Pernambuco, mas tambem todo o Brazil pelos aprestos da expedição intentada pelo governo portuguez contra o Brazil, para o reescravisar e sugeitar ao seu antigo despotismo; e igualmente o abandono a que nos entregou S. M. o imperador, como elle mesmo declara em suas proclamações e portaria a este governo; e da mesma sorte conhecem todos os homens, que sabem pesar os negocios, que os remedios a estes males evidentes e imminentes estão muito acima das forças e providencias do governo; pelo que se faz indispensavelmente necessario, que as medidas que se houverem de tomar, afim de que tenham a energia e efficacia necessarias, hajam de sahir do prudente conselho e vontade de todos os cidadãos, que por suas virtudes, talentos, representação e respeito dos povos gozam de toda a attenção, e merecem todo o peso. E como V. S. se acha justissimamente nesta classe rara, ordena o Exm. Sr. presidente da provincia, que V. S. se ache nesta praça e cidade do Recife, para no dia 17 do corrente mez assistir ao conselho, que se ha de celebrar na sala do governo, para o fim de se tomarem as medidas competentes. Sala do governo de Pernambuco, 7 de Agosto de 1824.—Illm. Sr. reverendo padre mestre Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.—*José da Natividade Saldanha*, secretario.

Illm. e Exm. Sr.—No dia 29 de Novembro cheguei á frente das tropas dissidentes alojadas no Juiz, sertão do Ceára, distante cento e setenta leguas da capital da provincia. Reconheci o seu campo e força, e preparei-me para a batalha; não foi mister derramamento de sangue: renderam-se, entregando tres peças, armamento e cartuchame, isto por meio da persuasão, como farei extensamente sabedor a V. Exc. quando tiver a honra de dar conta da minha commissão pessoalmente. A sua força seria de quatro centas baionetas de todos os corpos diversos, sendo a minha de cento e cincoenta soldados promptos, e alguns ordenanças. Os soldados e inferiores ficam reunidos as bandeiras imperiaes. Os individuos constantes da relação junta, como julgo mais compromettidos, remetto á presença de V. Exc.; e os mais ficam presos para eu conduzil-os, igualmente o coronel José Victoriano Borba, por estar molesto. Tudo por este norte fica em paz, obedecendo a S. M. I. e C. Deus guarde a V. Exc. Quartel da villa das Lavras, 1 de Dezembro 1824.—Illm. e Exm. Sr. Francisco de Lima e Silva, brigadeiro general e governador da provincia de Pernambuco.—*Bento José Lamenha Lins*, sargento mór commandante da expedição ao centro.

Relação dos presos que marcham para Pernambuco.—José Maria Ildefonso, capitão de artilheria; João de França, capitão de milicias da Parahiba; José Gonçalves, alferes de caçadores; Joaquim José Alves, capitão de caçadores; Lazaro de Souza Fontes, paisano; Felix Antonio Ferreira de Albuquerque, paisano, presidente temporario do Brejo de Areas; Agostinho Bezerra Cavalcanti, capitão do 4.º batalhão de milicias de Pernambuco; Emiliano Felippe Benicio, major graduado de milicias de Pernambuco; Manoel Alexandre Taveira, 2.º tenente de artilheria; Frei Joaquim do Amor Divino Caneca; Frei Antonio Joaquim das Mercês, adoeceu na occasião da marcha; Frei João de S. Miquilina; Padre João Barboza Cordeiro; Antonio do Monte, ajudante e commandante de guerrilha; Padre Ignacio Bento de Avilla; Antonio Carneiro Machado Rios, paisano; Francisco de Souza Rangel, paisano; Francisco José de Veras, paisano; José Vieira, boticario.—Quartel da villa das Lavras, 1 de Dezembro de 1824. —*Lamenha*, major commandante.

No processo estão avulsas as seguintes proclamações, sem termo ou declaração alguma de juntada, e sem que tenham relação alguma com Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que não é, podemol-o asseverar, o seu autor; sendo da penultima autor o muito honrado patriota e sempre homem de bem, padre Venancio Henrique de Rezende, que o declarou pessoalmente ao escriptor do presente, acrescentando, que a escrevera sem que ninguuem lh'a pedisse, e composta a offerecera a Manoel

de Carvalho, que a acceitou e adoptou, e assignada fel-a imprimir e correr.

Habitantes das provincias do norte do Brazil! A providencia, que vela constantemente sobre a nossa felicidade, continúa a encaminhar tudo para que mais facilmente possamos conseguil-a. Não satisfeito S. M. I. e C. de ter despotica e atrevidamente dissolvido a soberana assembléa constituinte e legislativa do Brazil; de ter atacado desta sorte a soberania nacional em as augustas pessoas de seus representantes, procurando assim dividir-nos, e animando o rei de Portugal para vir atacar os nossos lares; depois de nos haver exposto a uma guerra injusta e iniqua, bem que estejamos certos da victoria, agora, Brazileiros! Quem tal pensara! Agora que nos vê expostos ás baionetas e canhões portuguezes, S. M. I. e C. manda reunir todas as suas forças á capital, afim de defender somente a sua pessoa, e desampara aquelles mesmos, que o elevaram ao throno, e que lhe pozeram na cabeça a coroa imperial. Brazileiros! O imperador desamparou-nos; e que nos resta agora? Unamos-nos para salvação nossa; estabeleçamos um governo supremo verdadeiramente constitucional, que se encarregue da nossa mutua defeza e salvação! Brazileiros! Unamos-nos, e seremos invenciveis. Palacio do governo de Pernambuco, 2 de Julho de 1824.—*Manoel de Carvalho Paes de Andrade.*

Pernambucanos, amigos e patricios! Segunda vez apparecem nos nossos mares os infames satelites de um principe perjuro e perfido, para causar-nos hostilidades, e todos os estragos da guerra, e reduzir a patria dos Vieiras e dos Dias, ou a um valongo de chorosos escravos, ou a lastimosa desolação de Jerusalem arrasada por Tito. E quem desafiou os scelerados para tanta iniquidade? A nossa religião, a nossa virtude e a nossa gloria. O querermos observar exactamente aquelles solemnes juramentos, que á face dos sagrados altares, e na presença do Deus vivo, demos de ser um povo independente, e um povo livre; o não querermos passar á posteridade com o indelevel ferrete de escravos, cobertos de ignominia e credores da execração de nossos filhos e seus descendentes; o querermos encher entre as nações livres do universo aquelle lugar, e exaltação para que nos talhou a providencia. Eis o nosso crime, eis a causa da nossa perseguição! Acabam estes malvados de espalhar entre vós proclamas infernaes, recheados de mentiras, de seducção e ameaças. Abri os olhos; reconhecei sua má fé, seus embustes; desprezae suas estupidas bravatas e quixotadas. Lembrai-vos, que elles vem sustentar a ferro e a fogo a causa da iniquidade; as injustas pretenções de um principe, que devendo á magnanimidade generosa da nação brazileira o ser e a existencia politica, lhe correspondeu com o horroroso attentado de dissolver o augusto congresso representante da vossa soberania, pisando com

pé atrevido e sacrilego o vosso poder e magnitude; a ambição de um hypocrita, que com o perverso fim de reduzir-vos ao mais odioso servilismo, tem representado no theatro politico as farças de republicano, de constitucional, apparecendo no ultimo acto um absoluto,um despota e um tyranno; a infidelidade de um mancebo, que havendo jurado em toda solemnidade a soberania do Brazil, e receber a constituição que este lhe desse, por seus representantes, não se corou de perjurar, sem temer a Deus, nem respeitar os homens; a insaciabilidade de um ambicioso, que para firmar no paiz da liberdade um throno othomano, não tem poupado os meios da intriga, da desunião e da guerra civil, e tem feito irmãos amoraveis acabarem seus preciosos dias nas baionetas de seus proprios irmãos; a ferocidade de uma alma contra quem ainda está clamando vingança ao céo o sangue innocente derramado na casa do commercio do Rio de Janeiro, e que por esta fereza innata pretende reinar sobre as ruinas da nossa chara patria, sobre montões de cadaveres daquelles, que pisam sobre os ossos dos companheiros de Nassau. Este o proposito, este o fim destas furias, que nos affrontam e nos ameaçam. Não os temaes, pois; a iniquidade da sua causa é o volcão de sua mesma ruina; o scelerado sempre se abysma na cova que abriu. Deus só protege a justiça e a innocencia; estas estão da nossa parte. Não descoroçoeis, não estaes sosinhos em campo; a causa, porque pugnamos, é a causa de Pernambuco, da Parahiba, do Rio Grande, do Ceará, do Maranhão, do Pará, do Piauhy e do mesmo sul do Brazil. Contra um poder tão formidavel o que pode fazer um punhado de escravos? O valor sempre nasceu da justiça e da razão. Estes poucos e miseraveis soldados, que vem a bordo daquellas embarcações, nem valem mais do que aquelles de quem ha pouco acabamos de mofar e desprezar, nem nós valemos menos. Temos ao sul da nossa provincia tropas aguerridas, que tem destroçado e obrigado á vergonhosa fugida os escravos do tyranno; ahi avançam de Caruarú, Bezerros, Garanhuns, Porteiras, S. Antão, dous mil defensores da liberdade, e da patria, que fazem os servis desapparecerem, como o pó diante dos ventos; ahi marcham em nosso auxilio as veteranas e aguerridas phalanges do general Filgueiras, conquistador do Maranhão e do Piauhy; talvez não se passem muitos dias, que estes intrepidos guerreiros não sejam comnosco a dividirem os trabalhos da campanha e os louros da victoria.

Eia, Pernambucanos, coragem, constancia, soffrimento!

Não ha cousa tão grande, nem tão gloriosa, como a defeza da liberdade. Por ella devemos tudo arriscar, ella nos merece o sacrificio do bem mais precioso. A felicidade que hoje gozam os nossos vizinhos do norte, e ao sul deste novo mundo, não foi comprada, senão á preço das propriedades, de immensas riquezas, de sangue e das vidas. Estes mesmos sacrificios estão agora fazendo com a mais extensa liberdade os sabios Gregos, contra os despotas da Turquia. Vós não sois menos valorosos do que elles; não sejaes menos amantes do que elles da gloria e da immortalidade. A's armas,

Pernambucanos! A's armas! Viva a grande nação brazileira, independente e liberal! Viva a confederação do Equador! Viva o valente povo pernambucano!

Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente.

Brazileiros do norte! Pedro de Alcantara, filho de João VI, rei de Portugal, a quem vós por uma estupida condescendencia com os Brazileiros do sul acclamastes vosso imperador,quer descaradamente escravisar-vos. Que desaforado atrevimento de um europeo no Brazil! Acaso pensará esse estrangeiro ingrato e sem costumes, que tem algum jus á corôa e sceptro, que indignamente empunha, por descender da casa de Bragança na Europa, de quem já somos independentes de facto e de direito? Não ha delirio igual.

Brazileiros do norte! Quando os vosos irmãos do sul acclamaram esse europeo por seu imperador,foi com a clausula expressa de imperar sobre um povo livre, de que elle arteiramente se intitulou com precedencia seu perpetuo defensor. Foi nesta hypothese, que vós seguistes tambem os mesmos passos. Como, pois, esse Iturbide, faltando á principal condição do contracto social, perjurando perante Deus e a nação, e destruindo a soberania do Brazil com mão armada, ainda se atreve a mandar como imperante? Ah! malvado!... Si os papalvos do sul,gelados pelo frio do tropico, não tem valor para te punir n'um cadafalso; si aceitam da tua mão, como graça de um nume, o vil projecto de constituição, que deveriam reputar como um novo insulto, depois da dissolução do congresso; si finalmente querem ser teus escravos, eunuchos, ou bestas da tua sege, desengana-te, sultão, que no sul ficará circumscripto o teu imperio.

Entretanto, vós, oh Brazileiros do norte, habitantes do Equador, gente aquecida pelos raios perpendiculares do sol, vós, em cujos corações arde o fogo da pura liberdade, não soffraes por mais tempo esse réo de lesa-nação, de quem só tendes recebido mal, e nenhum bem; desisti do pacto de obedecer a quem tem violado o mesmo pacto; sustentae vossos direitos; defendei vossa honra; e ostentae o vosso brio, gritando impavido e resolutamente: Não queremos um imperador criminoso, sem fé nem palavra; podemos passar sem elle! Viva a confederação do Equador! Viva a constituição que nos deve reger! Viva o governo supremo, que ha de nascer de nós mesmos!

Maranhão na Typographia Nacional.—Reimpresso no Ceará na Typographia Nacional.

Bento José Lamenha Lins, commandante geral das expedições adjuntas de Pernambuco e da Parahiba etc.

Em nome de S. M. o imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, faço sciente ao chefe das pessoas, que fugiram da provincia de Pernambuco, refugiando-se com violencia e força armada nestes lugares, que achando-se cercado por todos os lados, es-

tando esta provincia, como todas as mais partes do imperio, obediente ao systema constitucional que juramos; preso José Pereira Filgueiras na cidade da Bahia, para onde fugio; morto Tristão e os mais que o acompanhavam; nada mais resta do que furiosa e desesperada resolução de ver massacradas tantas victimas, que ainda a reconciliação e a humanidade podem salvar.

Portanto, escolham; depor as armas immediatamente, passando-se os inferiores e soldados a se alistarem debaixo das bandeiras imperiaes, onde ficam perdoados.

Os commandantes, officiaes e mais pessoas civis e ecclesiasticas serão remettidos á capital de Pernambuco com todo o tratamento, para darem conta de suas conductas ás autoridades competentes.

Do contrario, de hoje em diante a menor hostilidade, que ahi se praticar, será logo rebatida *sem a menor piedade e isenção de sexo ou idade.*

Pelo que ficam o chefe e mais officiaes responsaveis á nação, ao imperador e ao mundo, si por suas más vontades concorrerem para a continuação de tão absoluta resistencia, que lhes pode acarretar a morte e o desprezo geral de seus irmãos brazileiros.

Dentro em duas horas me responderão sobre o exposto, mandando um parlamentario para comigo se entender. Acampamento do Juiz, 28 de Novembro de 1824.—*Bento José Lamenha Lins*, sargento mór commandante da expedicção.

Numero 4.· Só convém o primeiro artigo latamente por ser esta a marcha razoavel, que se deve seguir, a não querer ser victima do furor dos povos, por quem se acham cercados por todos os lados.

O segundo convem, passando-se os inferiores e soldados a se alistarem ás bandeiras do imperio, onde ficam perdoados; havendo toda a *benignidade e agasalho* para os officiaes, empregados civis e militares e mais paisanos, que ahi estiverem encorporados; sendo enviados para suas provincias a se justificarem, *certos de que não vão ser degolados por um sultão*, mas sim alcançar a beneficencia de um imperador constitucional.

Finalmente, nada mais resta do que seguirem ou este partido, ou do contrario serem por vontade rebeldes, recahindo as hostilidades sobre os que regeitarem estas conciliadoras proposições, que serão respondidas em duas horas, findo cujo termo principiarão as mais sanguinolentas hostilidades, e não será isento ninguem do rigor das armas. Acampamento da Vargem Redonda, 29 de Novembro de 1824.—*Bento José Lamenha Lins*, sargento mór commandante da expedição.

SENTENÇA

Vendo-se nesta commissão militar o processo verbal dos réos Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, religioso carmelita turo-

nense, que foi leute de geometria; Agostinho Bezerra Cavalcanti, capitão de granadeiros e commandante que foi do 4.º batalhão de artilheiros Henriques, e Francisco de Souza Rangel, soldado de guerrilha e feitor da mesa da estiva: e o que se acha disposto no decreto a fl. 4 de 26 de Julho deste anno, em que S. M. I. manda, que elles sejam julgados em commissão militar creada por carta imperial de 27 do dito mez e anno, para nella serem mui summariamente processados e sentenciados; sendo esta determinação novamente reiterada,e recommendada a sua execução em outra carta imperial a fl. 8, em que foram explicitamente classificados os individuos, que se deviam reputar chefes da rebellião, e como taes serem propostos na mesma commissão, para ahi serem extraordinariamente punidos; apresentando-se ao mesmo tempo a relação de nomes a fl. 7 de alguns, que deviam entrar neste numero, e vem assignada pelo ministro da marinha; sendo os dous primeiros réos dos nella mencionados: e ultimamente o decreto a fl. 5, pelo qual S. M. I., usando da attribuição do § 35 do art. 179 do tit. 8.º, houve por bem suspender o § 8.º do mesmo artigo.

Mostra-se, pelo que diz respeito ao réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que, tendo-se pronunciado uma notavel divergencia nesta provincia, tendente a fazel-a desmembrar da geral associação do imperio brazileiro e eximil-a da obediencia devida a S. M. I., que por voto unanime da nação reconhecida foi acclamado chefe representativo e defensor perpetuo da mesma nação, figurava o réo nesta facção demagogica como o mais empenhado collaborador daquelle projecto desorganisador, e que mais addido pareceu aos interesses do partido revolucionario, não deixando de lhe dar o maior impulso em todas as occasiões em que se pretendeu dirigir o espirito da provincia; por quanto mostra-se pelo documento a fl. 20 v., que emittira o seu voto em grande conselho para que se não désse cumprimento á carta imperial de nomeação de Francisco Paes Barreto para presidente da provincia; cuja opposição ás ordens de S. M. I. igualmente sustentou para se dar posse ao terceiro nomeado José Carlos Mairink, conforme depõem a testemunha a fl. 21; mostra-se mais contra o réo, que, tratando-se de consultar o voto dos povos sobre a aceitação do projecto de constituição offerecido á nação por S. M. I., não se contentou o réo de dar o seu voto negativo, mas antes tomou a tarefa de o analysar com a maior acrimonia, descrevendo-o com as mais negras côres e fazendo-o apparecer como a obra do despotismo e da tyrannia, dizendo a fl. 28 que o projecto degradava da sociedade de um povo livre e brioso para um valongo de escravos e curral de bestas de carga: e a fl. 26 acrescenta, que S. M. I. tem dado fortes indicios de estar de accordo de unir outra vez o Brazil a Portugal, já pela dissolução arbitraria e despotica da soberana assembléa, e prohibição da outra que havia promettido, já por não querer solemnisar o dia do anniversario da sua installação; o que aliás fez no dia dos annos do rei de Portugal, indo depois a Ilha das Enxadas, onde se achavam as tropas de Portugal, vindas de Montevidéo, e estan-

do ali arvorada a bandeira portugueza; o que sendo expendido pelo réo, que gozava grande influencia entre os povos, não podia deixar de infundir-lhes desconfiança, como effectivamente aconteceu; e dahi a dissidencia das opiniões acerca da adopção do mesmo projecto, que afinal produzio o choque dos partidos, e apparecimento da guerra civil, que tanto sangue e sacrificios tem custado á nação, com risco de perder a sua independencia politica, ainda não consolidada. Mostra-se mais contra este réo, o que elle mesmo confessa em suas respostas, e se prova do documento a fl. 88, que directamente cooperou para que se derramasse o sangue brazileiro, aconselhando a execravel medida de se atacar com guerra offensiva a provincia das Alagoas por se haver conservado fiel a S. M., e haver acolhido e auxiliado a força cooperadora da boa ordem, sendo o que muito contribuio para a criminalidade do réo o que elle publicou no periodico *Typhis* desde a fl. 44 usque 74, á cuja incendiaria doutrina se refere em suas respostas, quando nelle não se observam senão principios desorganisadores da integridade do imperio, e as mais perigosas idéas tendentes a provocar os povos a desobedecer ao governo de S. M. I., procurando fazel-o odioso com attribuir-lhe a machiavelica intenção de plantar o systema absoluto, e sujeitar o Brazil a Portugal; e apresentando em horroroso quadro o estado de todas as provincias, com o que se espalhou o alarma pelas da parte do norte, que as fez estremecer, á vista de que lhes fazia acreditar estarem todas as outras provincias a sacudir o laço da união nacional; e isto causou o desvairamento de uma dellas, a ponto de arvorar o estandarte da insurreição, levando-se pela seductora idéa da projectada confederação do Equador, que com quanto pretenda o réo explical-a por uma justa e legitima colligação das provincias do norte para pôrem carreira á invasão dos Portuguezes, conforme diz em sua defeza a fl. 75, vê-se claramente que é relativa ao systema republicano proclamado a fl. 93 e 94 pelo falso presidente Manoel de Carvalho, de quem se ha provado que o réo era particular amigo e conselheiro. E depondo ultimamente contra o réo o ter-se encorporado e marchado com a tropa rebellada, até o ponto de ser preso pela força expediccionaria do centro; e não lhe podendo aproveitar os documentos juntos á sua defeza, por isso que não justificam a sua conducta subsequente: ponderadas as provas do processo, votaram concordemente os da commissão, que o réo estava comprehendido no § 5. da ord. do liv. 5. tit. 6. e por isto incurso na pena de morte natural estabelecida no § 9; em a qual simplesmente o condemnam, sendo primeiro exautorado das ordens e honras ecclesiasticas: e esta sentença mandam se execute como nella se contém.

Mostra-se, quanto ao réo Agostinho Bezerra Cavalcanti, que tendo-se assignado em todas as actas dos chamados conselhos, tal a de fl. 95, para se não aceitar o projecto de constituição, e pelo que foi convencido de sua negativa nas perguntas a fl. 12, na do ajuntamento anarchico a fl. 87, que depoz a camara desta cidade; na do conselho militar a fl. 88, em que se deliberou atacar com hosti-

lidades a provincia das Alagoas; e sendo este réo um chefe de corpo, que marchou com elle a resistir com mão armada ao exercito imperial, conforme se vê do summario de testemunhas a fl. 19, e o mesmo réo não nega em suas respostas, pretendendo com tudo relevar-se com dizer, que, sendo mandado buscar o resto do batalhão, mui de pensado se deixara ficar na praça, e nenhuma resistencia quizera fazer na Fortaleza do Brum, que elle réo occupava; quando é visto que antes o fizera pela impossibilidade de se tornar a ajuntar com a tropa dos rebeldes, estando já cortada pelo exercito restaurador. E ultimamente prova-se, quanto ao réo, o haver-se encorporado e marchado com a tropa fugitiva até ser preso pela expedição, que foi em seu alcance, como se vê da participação a fl. 90. A vista do que, e ser demonstrado pelo summario a fl. 19, era um dos mais influentes da facção dos anarchistas; unanimente se concordou que estava incurso nos §§ 5. e 9. da precitada ord. do livro 5. tit. 6.; pelo que o condemnam á morte natural; mas que esta sentença se não execute no réo até ulterior decisão de S. M. I. e C., á cuja innata clemencia julgou a commissão que o devia recommendar, em attenção ao que o mesmo réo deduzio em sua defeza a fl. 14, e comprovou com as testemunhas a fl. 97, e mesmo as do summario, e vem a ser o relevante serviço que prestou á nação em o dia 22 de Junho, em que pode obstar por meio das suas praticas e actividade a que se não desenvolvesse o furor do povo levantado em massa, e disposto a assassinar nacionaes e estrangeiros, que julgava terem tido relações com o bloqueio, na occasião em que deste foram expedidos alguns lanchões, que atacaram o registo do Porto, onde mataram algumas pessoas.

Em quanto, finalmente, ao réo Francisco de Souza Rangel, mostra-se pelo summario a fl. 19, que foi soldado de guerrilha, e uma das creaturas do rebelde Carvalho; que assignou em todas as actas dos conselhos revolucionarios, sendo aquelle que, na occasião de ser deposta a camara desta cidade, recitou a falla constante do documento a fl. 87, e foi finalmente aprisionado com a tropa fugitiva. Como, porém, nenhuma destas circumstancias concorrentes induzem a que elle se possa comprehender em alguma das classes designadas na carta imperial de 16 de Outubro; mas antes a seu favor se prova pelo mesmo summario, que não pegara em armas, e nem fizera opposição á entrada do exercito cooperador; e com as testemunhas da sua defeza a fl. 108 confessa o serviço que prestou em acommodar a furia do povo, anarchisado em o referido dia 22 de Junho: nestes termos entendeu a commissão, que semelhante réo não podia ser sentenciado neste juizo, especialmente creado para punir os cabeças da rebellião, devendo ser processado por outra via ordinaria. E assim mandam que se cumpra. Recife em commissão militar no palacio do governo, em 23 de Dezembro de 1824. —*Thomaz Xavier Garcia de Almeida*, juiz relator.—*Francisco de Lima e Silva*, brigadeiro presidente.—*Salvador José Maciel*, coronel de engenheiros.—*Manoel Antonio Leitão Bandeira*, coronel gra-

duado.—*Conde de Escragnolle*, coronel interrogante.—*Francisco Vicente de Souto Maior*, tenente coronel.

PREGÃO

Justiça que manda fazer S. M. I. e defensor perpetuo do imperio do Brazil a este réo Joaquim do Amor Divino Caneca, condemnado em commissão militar a que morra morte natural no lugar da forca, tendo já sido desautorado das ordens ecclesiasticas, pelo crime de sedição e rebellião contra as imperiaes ordens do mesmo augusto senhor.

Certifico que publiquei o réo acima mencionado na igreja do Terço desta cidade, e ao pé da forca da mesma. Recife, 13 de Janeiro de 1825.—O porteiro *Gaudencio de Almeida.*

Certifico, que o réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao logar da forca das Cinco-Pontas, e ahi pelas nove horas da manhã padeceu morte natural, em cumprimento da sentença da commissão militar, que o julgou, depois de ser desautorado das ordens na igreja do Terço, na forma dos sagrados canones ; e sendo atado a uma das hastes da referida forca, foi fuzilado de ordem do exm. Sr. general e mais membros da dita commissão, visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos ; o que de tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do senado desta cidade, o doutor Antonio José Alves Ferreira, arvorado em juiz de fóra. Recife de Pernambuco, 13 de Janeiro de 1825.—O escrivão do crime, *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento.*

Até aqui o processo, mas addicionamos o seguinte officio e a provisão, segundo a qual se fez a exautoração.

Illm. e Exm. Sr.—Tendo ultimado a importante commissão, da qual me incumbio V. Exc. para chamar á ordem e á subordinação a tropa fugitiva desta provincia, é do meu dever referir com mais alguma particularidade a minha marcha neste negocio, deixando de parte algumas notas sobre a policia do centro desta provincia pela ribeira dos rios Capibaribe e Una, e das provincias da Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará até o Juiz, onde ultimou minha commissão. Sahindo no 1.º de Outubro do anno preterito desta capital, dirigi a minha marcha á villa do Limoeiro, onde pelas instrucções, que de V. Exc. recebi, devia fazer frente aos fugitivos, o que não foi applicavel por haverem já adiantado a marcha de cabeça ácima do rio Capibaribe, sem comtudo pararem, apezar de serem continuamente inquietados por gente armada em guerrilhas, por minha ordem mandadas para lhes vedar o transito.

Foi indispensavel deixar na mesma villa do Limoeiro um destacamento, que fizesse conter os povos de toda aquella ribeira, notavel sempre pela anarchia e desordem antes e naquella occasião, deixando tambem ficar a artilheria por não poder avançar ás difficuldades da estrada. O inimigo sempre soffrendo o nosso fogo, precipitadamente caminhava, vencendo todas as difficuldades da estrada; e na altura de Taqueretinga destaquei sobre elle um corpo de duzentas baionetas disciplinadas da cidade da Parahiba, que mais ligeiras lhe retardassem o passo; e por haver necessidade de dar descanso a tropa, e municial-a de viveres, fiz alto, em quanto providenciava o necessario, e attendia ás ordens de V. Exc., o que tudo obtido, fui acampar-me na villa de S. João do Cariri Velho para conhecer da força contraria (que montaria de 800 a mais ou menos baionetas) refrigerar a tropa, e tratar dos doentes pela rigorosa e ardente estação do interior.

Neste em tanto se expediram providencias tendentes a politica subvertida por *magotes de faccinorosos, que abusando do zelo e da honra, em defender os direitos de S. M. I. e C., tudo roubavam, matavam e destruiam.* O inimigo evacuou a villa do Seridó, e apezar de ter eu cortado as aridas travessias da serra da Burburema para lhe tomar a frente, não foi possivel encontral-o; pois na sua marcha seguia direcções tortuosas e retrogradas. E porque eu então havia engrossado as guerrilhas e piquetes, entupido as estradas, fechado o cerco, apartado o gado, o inimigo que se dirigia com immenso trabalho pela estrada dos Cariris Novos, se acampou na fazenda do Juiz.

A sua força era composta de quasi 600 baionetas e tres peças de artilheria, sendo uma de calibre 6; contando eu da minha parte só com 150 homens de confiança e disciplina. Feito o reconhecimento do campo, de parte a parte se patenteavam o calor e a bravura pernambucana. Era mister tentar os meios para evitar a terrivel scena da guerra civil, que de certo, a não ser a reconciliação, que já tive a honra de apresentar a V. Exc., subiria ao seu mais alto cume, e não restaria a gloria do dia memoravel de 29 de Novembro nos fastos do Brazil.

Resta-me agora notar de passagem o estado desastroso, a que está reduzido todo o interior, quer pelas ribeiras de Una e Capibaribe, quer pelo interior da Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará. E' necessario todos aquelles lugares serem muito bem policiados, e por pessoas de reconhecida probidade, mudando a maior parte dos commandantes existentes, organisando os corpos de milicias, que são de ordenanças naquelles lugares, e finalmente estabelecendo destacamentos de tropa de 1.ª linha, para os ministros da justiça com segurança poderem castigar os criminosos. E' o que se me offerece participar a V. Exc. a quem Deus guarde muitos annos. Quartel do Recife, 3 de Janeiro de 1825, 4.º da independencia e do imperio.—*Bento José Lamenha Lins*, sargento mór commandante da expedição do centro.

D. José Caetano da Silva Coutinho, por mercê de Deus e da santa sé apostolica bispo do Rio de Janeiro, e capellão mór de S. M. I., do seu conselho e presidente da mesa de consciencia e ordens.

A todas as autoridades ecclesiasticas, a quem o conhecimento desta pertence: Fazemos saber, que, por parte de S. M. o imperador, nos foi insinuado, que achando-se vagas as sés da Bahia e Pernambuco, cumpria ao serviço nacional e imperial, que nós como bispo mais visinho e mais antigo delegassemos o nosso poder, para que em nosso nome se fizesse o acto pontifical de degradação canonica daquelles ecclesiasticos de ordens sacras, que desgraçadamente houvessem de soffrer a pena de sangue pelo crime de rebellião e de lesa magestade na provincia de Pernambuco; e parecendo-nos em tão lamentaveis circumstancias ser muito conforme com o decoro e immunidade da igreja, que fossem despojados das insignias do caracter sagrado aquelles sujeitos, que se tornassem indignos delle, resolvemos delegar, como pela presente provisão delegamos, nossos poderes, como bispo mais vizinho e mais antigo, ao reverendo padre João Camello, um dos capellães da brigada, que desta corte marcha sobre a dita provincia de Pernambuco, e no seu impedimento aos seus collegas os reverendos Pedro Antonio de Moraes e João Jacques, para procederem ao acto solemne da deposição real e actual degradação daquelles infelizes, que na mesma provincia houverem de ser justiçados por sentença de autoridade para isto constituida. O nosso delegado observará em geral o formulario, que prescreve o pontifical romano, acompanhado por mais seis sacerdotes de sobrepelizes na porta de qualquer igreja parochial; e não podemos deixar de lhe lembrar, que omittindo a lição e a forma da sentença ecclesiastica, que não tem lugar no presente caso, não omitta todavia a ultima deprecação, e uma supplica ao magistrado secular, que está no mesmo pontifical nas palavras—*Domine Judex.*—Passada nesta corte do Rio de Janeiro, sob nosso signal e sello de chancellaria, aos 31 de Julho de 1824.—E eu o padre Francisco dos Santos Pinto, secretario da camara episcopal o escrevi.—*José*, bispo e capellão mór.

XII

APPENDICE CONSTANTE DE NOTAS

APPENDICE

NOTA 1.ª

O illustre deputado o Sr. Dr. Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond foi quem propoz esta lei na assembléa legislativa da provincia, e se empenhou com a mais patriotica energia para fazel-a adoptar, o que conseguio, sem que houvesse a menor opposição ; com o que elle prestou um relevante serviço á provincia, visto que os acontecimentos politicos e as miserias, contidas no presente volume, não se podem subtrahir da nossa historia, que não está escripta ; e em muitos pontos a tradição oral e ainda alguns pequenos escriptos correm com inexactidões enormes e grosseiras injurias e calumnias a muitos patriotas benemeritos.

Em todas as outras occurrencias, relativas a semelhantes assumptos, que tenho suscitado perante a mesma assembléa,o mesmo Sr. Dr. Drummond se me tem prestado com a melhor e mais affectuosa vontade e diligencia.

Agradeço cordialmente tanta bondade e favor.

NOTA 2.ª

O Dr. Antonio Francisco Bastos gosava de grandes creditos em mathematicas ; era engenheiro hydraulico : Frei Joaquim do Amor Divino o chamava seu *mestre sapientissimo.*

O Dr. Bastos deu aula de calculo por determinação do presidente da provincia Manoel de Carvalho Paes de Andrade, em data de 20 de Fevereiro de 1824. Teve praça de capitão de infantaria, aggregado á plana da corte, em 8 de Fevereiro de 1796, por aviso regio, e vencia 20$000 rs. mensalmente de soldo. Passou depois a sargento-mór na mesma clase.

Lembro-me de vel-o na cadeira, circumdado de muitas pessoas adultas e respeitaveis, seus discipulos, entre as quaes o nosso Frei Joaquim do Amor Divino, Frei Carlos, depois bispo de Maranhão, Frei Leandro, Frei José Maria, todos ha muito já presbyteros, e até muitos moços, que davam geometria.

NOTA 3.ª

E' admiravel o numero de sacerdotes, parochos, coadjutores e regulares, que adheriram espontaneamente á revolução de 1817, e a serviram com enthusiasmo, em palavras e obras, em commando de guerrilhas, escriptos e outros assumptos. Foram estes :

Dr. Bernardo Luiz Ferreira, deão ; Manoel Vieira de Lemos Sampaio, conego ; e João Rodrigues Mariz, conego. Estes tres compunham o governo do bispado, *sede vacant.*

Vigarios. Os padres João Cavalcanti de Albuquerque, Antonio de Albuquerque Azevedo, Antonio Jacome Bezerra, Virginio Rodrigues Campello,

José Gomes Chacon, João Barbosa Cordeiro, Manoel Gonçalves Fontes, Verissimo Machado Freire, Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins, Francisco da Costa Medeiros, Ignacio Alves Monteiro, tambem conego, José Ferreira Nobre, Miguel Carlos da Silva Saldanha, Francisco de Sales Coelho da Silva e Pedro de Souza Tenorio.

Coadjutores e outros clerigos. João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, Antonio Pereira, José Martiniano de Alencar, Manoel José da Assumpção, Francisco Manoel de Barros, Francisco Muniz Tavares, José Ignacio de Brito, Antonio Felix Velho, Miguel Joaquim de Almeida Castro, José da Costa Cirne, João Baptista da Fonseca, Ignacio de Almeida Fortuna, Francisco Xavier Garcia, José Felippe de Gusmão, João Gomes de Lima, José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, Antonio José Cavalcanti Lins, Francisco Dias de Oliveira, Venancio Henrique de Rezende, Luiz José Correia de Sá, Carlos José dos Santos, Ignacio Bento, Luiz Carlos Coelho da Silva, e Gonçalo Ignacio de Loyola.

Regulares. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o guardião Frei João Loureiro, Frei Francisco de Santa Marianna, Frei Francisco de S. Pedro, Frei Mercês, Frei João da Cruz, Frei Francisco de S. Anna Brito, Frei José Maria do Sacramento Brayner, Frei João de Santa Miquilina, e o donato Jacintho Luiz de Mello.

De todos esses, dous suicidaram-se, quatro perderam as vidas em patibulos por sentenças de commissões militares, e grande parte dos mais soffreram quatro annos de prisão na cadeia da cidade da Bahia.

Convém ainda saber-se, que houve, alem dos referidos, outros que sendo presos, foram depois soltos, por se não julgarem graves e provadas as imputações criminosas contra elles, ou por lhes ser por algum motivo mais favoravel a sorte.

Uma outra observação ainda nos occorre, em relação a esta revolução de 1817, e é sobre a antiguidade da pretenção á independencia politica da provincia, além do que a este respeito já ponderamos no tom. 1.º das *Biographias*, de pagina 192 em diante.

No anno de 1649, em meio dos estragos e trabalho da guerra com os Hollandezes, que só cessaram pela sua expulsão em 1654, os religiosos de Pernambuco, pertencentes á custodia de S. Antonio do Brazil, solicitaram competentemente a separação desta custodia e sua independencia da provincia de Portugal. Foi o Pernambucano Frei Raphael de S. Boaventura, natural de Olinda, morto pelos Hollandezes na idade de setenta e dous annos, quem redigio a memoria das causas que occorriam para a independencia da custodia. Luctaram os padres independentes por espaço de dez annos constantemente contra a opposição, que lhes faziam os padres de Portugal; e mandaram até dous enviados á Roma e á Portugal, para nessas cortes empregarem todas as diligencias e esforços, a fim de conseguirem a tão desejada separação; que por fim alcançaram. Foi erecta em provincia a custodia de Santo Antonio do Brazil em 1659, com total separação da provincia de Portugal, por breves do summo pontifice, que se podem ver, bem como o que temos aqui relatado, em Jaboatão *Novo orbe serafico*.

Vê-se, pois, que as primeiras manifestações de independencia no Brazil deram-se nos claustros da nossa provincia de Pernambuco, em 1649.

Que bons patriotas não eram os seus padres, que assim preparavam e começavam em sua esphera ecclesiastica o que Pernambuco e todo o Brazil, tarde ou cedo, deveriam realisar, quanto á sua total existencia politica!

Nem é uma opinião absolutamente infundada de que uma tal inspiração de independencia partisse do seculo para o claustro; ou que pelo menos, com a intelligencia, combinação e auxilios daquelle foi que desenvolveu-se e sustentou-se pelo claustro por tantos annos, e com tanta constancia e tenaci-

dade ; porque os padres eram pobres e mendicantes, jaziam na impossibilidade de fazer despezas, e por tão dilatado tempo, com procuradores e enviados á Europa, supprimentos e bullas, etc., e achavam-se até despejados do seu convento de S. Antonio, que os Hollandezes conservaram em fortaleza, em quanto em Pernambuco existiram; e os seculares, que arrostavam todos os perigos das armas em campanha, morrendo e padecendo inauditas calamidades, depredações, incendios, etc., queixavam-se com sobrada justiça das metropoles de Hespanha e de Portugal, que mesmo officialmente os abandonavam ás garras dos inimigos hollandezes; e posto que muitos delles se achavam reduzidos de ricos e opulentos á extrema pobreza, por effeitos da guerra, outros mantinham ainda seus engenhos e fabricas, conservavam seu decente e nobre tratamento, e abundantes meios de subsistencia: podiam muito bem supprir aos bons padres em sua aspiração, e á ella fortemente esporeal-os.

Assim, pois, seria esta independencia ecclesiastica a precursora intencional da independencia politica; e daqui a tradição, de que já fallamos em outro lugar, de que a idéa e intenção da independencia total não era estranha, nem o poderia ser, em tal conjunctura, aos nossos honrados e valentes avós, porém que as circumstancias e os calculos falharam, e lhes foram contrarios.

NOTA 4.ª

Julgamos interessante o extracto, que passamos a fazer, e sua inserção aqui, de uma informação escripta de seu punho, que nos ministrou o senhor Bazilio Quaresma Torreão, a nosso pedido, em 1860, de alguns passos relativos á sua prisão e de seus companheiros em 1817, desembarque, condições da cadeia em que jazeram na cidade da Bahia, qualidade e modos dos alimentos, etc.

" O desembarque, diz o Sr. Torreão, foi um verdadeiro espectaculo para a gente da cidade, que corria ao porto a ver os presos de estado de Pernambuco, aos quaes appellidavam por escarneo de *patriotas*; uns esperavam nas ruas por onde deviam transitar; outros nas janellas, nas calçadas e nos telhados. Aqui era um insulto, ali um sarcasmo... Este, que escreve, recebeu uma cuspinhada de um moço, aliás bem parecido e de gravata limpa, quando subia, em gargalheira, a ladeira da Preguiça, cuja marcha era tanto mais penosa quanto era de mister guardarmos as distancias, sob pena de serem uns suffocados pelos outros. Ainda me lembro, que, no meu *libambo*, era eu o ante-penultimo, sendo o penultimo o fallecido Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, e o ultimo o tambem fallecido coronel Luiz Francisco Cavalcanti de Albuquerque, que levava á guisa de crachá o cadeado que prendia a todos.

Entramos, emfim, á cadea. Aqui principiaram os horrores. Figure-se uma prisão dos tempos barbaros: as paredes esfumaçadas e sem reboco; um pavimento juncado de uma crosta pegajosa; a luz dubia da candeia, d'onde exhalava o fumo de azeite de peixe; a exhalação de centenas de corpos que se não lavavam; tudo isto unido ao ammoniaco cheiro das cloacas; a voz vibrante e emphatica do sota carcereiro, que perguntava e repetia ao escripturario de cada um dos presos o nome, pronome, idade, naturalidade e a profissão que exercia.... tudo isto só póde conceber quem presenciou esta cruel scena!

Terminada esta tarefa, que levou até quasi ao amanhecer, foram os presos separados e mandados, uns para uma grande sala, chamada do oratorio, outros para a sala grande; os de mais polpa para differentes segredos; o res-

to para a enxovia, onde os esperavam outros presos de estado e de justiça, que eram outros tantos espectros. Os que foram para ás salas, foram os menos barbaramente tratados. Os dos segredos foram, além dos martyrios, saqueados e roubados. Era um plano de especulação do carcereiro, o celebre Correia, denominado *Mãos grandes;* por quanto pondo o preso nú no segredo, afim de que, no desespero, não tivesse meio de se enforcar com a roupa, ficavam estas á disposição de serem visitadas e corridas, e de ordinario era achado entre alguma dobra dinheiro, joia e os relogios. Ao desembargador Antonio Carlos foi-lhe roubado pelo carcereiro, além do seu relogio de ouro, cento e doze peças de 6$400, valor naquella epocha, e um annel de brilhantes. (a) Ao fallecido Gervazio Pires Ferreira foram sequestradas pelo *Mãos grandes* duzentas meias doblas: e assim de outros de menos vulto. Quanto aos que tiveram a sorte da enxovia, estes foram mettidos em grilhões. Mas como eram mais os presos do que aquelles instrumentos de supplicio, a malvadeza do carcereiro providenciou esta falta mandando que em cada par de machos fossem mettidos dous presos. (b) Outro genero de especulação do carcereiro, que fazia tirar os ferros e subir para uma das salas de cima ao individuo, que lhe dava ou promettia, por intermedio de seu procurador, uma somma estipulada, segundo a importancia da pessoa em questão. (c) As mesmas transacções eram feitas com aquelles dos presos, que queriam communicar com o seu procurador. Este fallava com o carcereiro, ou o seu sota, o famigerado Castro, (d) precedendo uma carta de empenho, que de ordinario se achava sempre no serralho do carcereiro. Então fazia-se o contracto e quebrava-se a incommunicabilidade, em que se achavam todos os presos.

Neste estado viviam, ou antes vegetavam os presos de Pernambuco na cadeia da Bahia, sem poderem descobrir a sorte, que os aguardava; ignorantes do estado das respectivas familias; ouvindo todos os dias uma noticia aterradora, um dito, verdadeiro ou falso, de Bernardo Teixeira. Esta situação era aggravada pelos diarios e continuos insultos, e sarcasmos do carcereiro, seu sota, e até de seu pequeno filho, (e) joven de dezesete annos,

---

(a) Quando fomos soltos em 1821, e que o *Mãos grandes* nos pedia graça, ninguem o obrigava a restituir os furtos; menos porém o desembargador Antonio Carlos, que tudo dispensou, excepto o seu annel e relogio.

(b) E era tal a malvadeza daquelles carrascos, que obrigavam a dous individuos metterem ambos a perna direita no macho designado; de maneira que quando um avançava, o outro recuava.

(c) Este que escreve, deveu a fractura dos seus grilhões, e a sua ascensão á uma das salas de cima, a cinco peças de ouro, *farpados restos do traquete roto.*

(d) Este Castro, homem matreiro e hypocrita, que, como o morcego, mordia e assoprava, contentava-se com as lambugens do carcereiro, e com alguns pequenos benesses, que recebia dos presos, além de certas traficancias com os guardiões das grades da enxovia. Pôde no fim de alguns annos, realizar uns oito contos de réis em prata, e embarcou com os despojos da humanidade, em 1823, para a cidade do Porto, sua patria; mas ao entrar a barra perdeu-se o navio, indo elle para o fundo do mar, com os oito contos, com tanta baixeza adquiridos.

(e) Este moço, que passava por bom estudante, foi mais tarde para Coimbra, onde foi formado em medicina. Não sei se existe; mas no caso de affirmativa, será hoje menos cruel que então. Na epocha de que fallamos, furtava as chaves dos segredos, e com seus amigos, abria a primeira

de uma physionomia sympathica, e que então estudava humanidades; divertia-se em visitar os segredos e encher de baldões os pobres presos ali reclusos. Mas nada era desesperante como a comida diaria, que se nos dava, sob a inspecção do carcereiro.

O estado assignara para sustento dos presos uma quantia diaria de 400 rs.; esta quantia, multiplicada pelo numero de presos, dava em resultado em cada mez a somma ácima de seis contos de réis, quantia de que o carcereiro, que era encarregado da mantença de suas victimas, não empregava para o fim designado nem metade. Um pão de vintem para o almoço; ao meio dia, dentro de um prato de barro, que por muito uso tinha a cor negra, dous punhados de farinha, ordinariamente chamada de tulha, humedecida com agoa, coroado com tres polegadas quadradas de carne secca, dita do Ceará, ou de vacca moqueada; eis a pitança para cada um dos miseros. (f) Julgue-se da despeza que fazia o carcereiro, e o quanto lhe ficava em beneficio; e não obstante quasi todos os mezes requeria indemnisação de prejuisos. Mais tarde, lá para os fins de 1818, (g) eram pratos brancos, cogulados; um de um pirão viscoso, outro de carne de vacca mal cosida e cheia de ossos. Esta apparente melhora, si a havia em nada prejudicava os interesses do carcereiro.

Por esta epocha alguns dos presos, como o desembargador Antonio Carlos, morgado do Cabo, Francisco José Martins, padre Frei Joaquim do Amor Divino Caneca e mais outros, recebiam furtivamente alguns soccorros de uma alma benefica, recolhida de um convento de freiras da cidade da Bahia, D. Candida, de nome e de espirito, que quizera, si podera, acudir a todos quantos soffriam, mas não cabendo isto em suas posses, limitava-se a certos privilegiados, continuando os outros nas mesmas privações. Em consequencia continuavam os requerimentos de queixas dos presos contra o carcereiro, escriptos pelo desembargador Antonio Carlos, João Antonio Rodrigues de Carvalho e Augusto Xavier de Carvalho, os quaes nenhum resultado obtinham; por quanto dependendo das informações, que colhiam os seus ajudante de ordens, aos quaes o conde confiava esta tarefa, estes (h) mancommonados com o carcereiro, informavam que aquelles requerimentos partiam dos presos de estado da enxovia, quasi todos negros, e alguns escravos. O des-

---

porta, e por entre a grade do interior punha-se a descompor os presos. Entre as victimas de seu passatempo lembra-me o nosso estimavel Felippe Lopes Neto, e o venerando coronel Coelho, conhecido por Pirá.

(f) Si algum não queria comer, ou se queixava, soffria os insultos do carcereiro, ameaçando-o com o calabrote; o que chegou a pôr em execução umas duas vezes no alferes Caninana, e mais outro, de que agora me não lembro. Ainda com dor me recordo do insulto do carcereiro feito ao reverendo padre Jacome, vigario de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife: um dia, por este não querer comer, o sicario taes evoluções fez com o chicote, que fez saltar os oculos do venerando padre.

(g) Por ter sabido de alguns requerimentos de queixas, que, por via da enxovia, os presos haviam dirigido ao conde da Palma, que succedera ao conde dos Arcos. Estes se mandavam informar pelos ajudantes de ordens, que sempre informavam a favor do carcereiro, de quem recebiam presentes.

(h) Entre os cinco ou quatro ajudantes de ordens do conde, que figuravam nesta farça, lembra-me o brigadeiro Boncachiara e o major Joaquim.... Nabuco de Araujo, filho do conselheiro desembargador do Paço Nabuco, que foi mais tarde barão de Itapuam.

pacho era o desprezo dos requerimentos. Era uma teima, á qual deveria cansar, si os presos em requererem, si o conde em desprezar as petições.

Nesta lucta continuavam os presos, quando a Providencia fez que chegasse, nomeado do Rio de Janeiro ajudante de ordens do capitão general da Bahia, o major do estado maior do exercito Ignacio Gabriel Monteiro de Barros, filho do que depois foi visconde de Congonhas de Campos, joven honesto e circumspecto, ainda virgem no manejo da perversidade, a quem alguns amigos dos presos, entre outros o fallecido Barata, preveniram do estado em que se achavam os presos, da má fé dos seus collegas, promptos a desviarem a verdade exigida pelo conde; e lhe pediram que tomasse o negocio debaixo da sua protecção, afim de cortar aquelle nó gordio. O jovem militar com a sua natural bondade prometteo levar o negocio ao cabo.

E com effeito um dia, á hora do jantar, e quando entrava nas prisões a monstruosa comida, recebeu o major um requerimento, o qual apresentou logo ao conde, que lhe disse:

— Não faça caso disto, que é obra de certos negros da enxovia, aos quaes, si continuarem, mando-os um dia metter a ferros, com prohibição de chegarem ás grades.

— Mas, senhor, consta-me que este papel vem de um dos desembargadores ali presos.

— Ah! diz o conde, vossê é dos que não creem sem ver e apalpar? Pois bem, vá desenganar-se por si mesmo.

O major não esperou que o conde lhe repetisse segunda vez a ordem, e partio immediatamente para a cadeia.

A esta hora os presos, (i) ou por instincto ou por inspiração, sabendo do que se passava fóra a respeito delles, suspenderam a comida, ou antes ninguem nella tocou.

No emtanto entrara o ajudante de ordens na sala do carcereiro, onde este se achava presidindo uma lauta mesa, rodeada de convivas, em cujo numero achava-se um dos nossos companheiros. (j) Aqui se estabeleceu um dialogo como se segue, entre o ajudante e o carcereiro.

— Venho da parte de S. Exc. o senhor general examinar a comida dos presos de estado.

— Os presos de estado não passam peior do que eu, como V. S. vê nesta mesa. Quasi todos os collegas de V. S. tem recebido de S. Exc. a mesma commissão, e, desenganados, voltam arrependidos de terem cá vindo. Para prova aqui está um dos presos de estado, que melhor informará a V. S. Diga, senhor doutor....

O nosso collega porém fraco, como era, não trepidou em sanccionar a impostura do carcereiro e disse:

— Sim, senhor, nós não passamos mal!

O carcereiro continuou:

— Sr. ajudante de ordens, tudo isto parte da enxovia, onde conservo os pretos escravos para se não confundirem com os outros de mais consideração nas salas de cima.

(i) Nunca pude descobrir como e por onde aquella noticia pode penetrar áquella hora na cadeia.

(j) Era o nosso companheiro, de saudosa memoria, que pelo seu prestimo de curar mereceu ás boas graças do carcereiro, que o arvorou em medico do seu serralho do Urubú, onde, durante as noites, com elle ia, e tinha portanto a vantagem de passeiar a cidade, além de outros privilegios, isenções e immunidades. Daqui a fraqueza de dizer: Nós não passamos mal.

O major havia desacoroçoado, quando ouvira aquellas palavras do Dr.... mas attendendo áquelle estribilho, tantas vezes repetido, de negros da enxovia, teve receio de algum embuste, e continuou.

— Não obstante, quero fallar aos presos.

— Sr. major, os presos estão todos mal vestidos, e alguns em andrajos, porque não é da minha incumbencia dar-lhes roupa; e como homens bem educados, terão de certo vergonha de, em tal estado, apresentarem-se a V. S.

— Razão demais para que eu os veja e informe a S. Exc., afim de fazer remediar esta falta de vestuario.

— Sr. major, por não querer offender a susceptibilidade de V. S, furtava-me a dizer-lhe, que sendo os presos de estado da jurisdicção da alçada, que os tem em incommunicabilidade, somente por ordem do presidente da mesma é que posso franquear as portas das prisões.

— Sr. Correia, ordeno-o, da parte do Sr. conde governador e capitão general, que me deixe fallar aos presos: aconselho-o que mande abrir as portas; do contrario chamo a guarda, e mando o fazer companhia aos presos.

O carcereiro, que quizera tudo soffrer menos o associar-se aos presos de estado, chamou o seu sota, e mandou abrir a sala grande. Ao entrar naquella sala o major ficou horrorisado, vendo aquelles grupos de cinco e seis homens distinctos, assentados no chão, tendo sobre esteiras ou bancos (k) um prato de pirão e outro de carne, sem mais nada. Levantaram-se todos; e um dos presos, o fallecido Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, sem pedir a palavra, nem fazer o menor exordio, soltou a lingoa e dirigiu uma forte catilinaria ao carcereiro, que o escorchou. Neste interim, este que escreve, ouvindo fortes pancadas na porta de um dos segredos (era o desembargador Antonio Carlos, aos pontapés contra a porta,) disse ao major: " Senhor, está ali batendo o desembargador Antonio Carlos, que quer fallar a V. S. " Aberta a porta do segredo, um novo orador appareceu, que com a sua proverbial eloquencia fez a historia dos nossos soffrimentos, sem esquecer o bloqueio do carcereiro para evitar, que a verdade chegasse á presença do conde. Terminado o sermão, o qual fora todo intercalado de chochas reflexões de algum sacrista, o major, que em todo o tempo que durou aquella scena, nada disse, nada perguntou, fez uma pequena saudação, mandou fechar a porta, e partio a dar conta de sua commissão ao conde, que admirado disse: Os que governam são sempre enganados e mal servidos. (l)

Na epocha da nossa historia, quando o conde da Palma ruminava sobre a quem encarregaria a commissão de dar a comida aos presos de estado, alguem lembrara o capitão Boaventura, como a pessoa mais azada para aquel-

---

(k) De certo tempo em diante, os presos poderam mandar fazer bancos de nove palmos de longo, e nada mais de tres de largura, que lhes serviam de cama, de mesa para jantar, escrever, e mesmo jogar.

(l) Ora bem tarde veio o Sr. conde a saber desta triste verdade! Porque não desconfiou della pela repetição de tantos requerimentos, tão bem lançados, tão bem escriptos? Podiam aquellas peças ser obra de negros e negros captivos? Estas palavras do conde me foram reveladas, ou antes confirmadas, pelo mesmo major ajudante de ordens, então brigadeiro, em 1841, estando eu com elle em casa de seu pae o visconde de Congonhas; então muito nos fez rir a recordação desta scena, da qual tinhamos sido ambos actores. Este general, de saudosa memoria, era sogro do Dr. João Manoel Pereira da Silva, que, com sua esposa, sabem ainda hoje honrar as cinzas do illustre finado.

la tarefa. Em consequencia foi chamado o dito capitão, que gostosamente aceitou a commissão, pedindo apenas um mez para se preparar, e prover-se dos necessarios utensilios de mesa. (m)

Effectivamente oito dias depois de uma entrevista com os presos, vio-se uma procissão de taboleiros, todos cobertos de alvas toalhas, investir a porta da cadeia. Era a nossa comida, que chegava em substituição do pirão *pateta*, com que nos brindava o carcereiro. Constava ella, em uma grande terrina de folha, de uma soffrivel sopa de pão ou de arroz, um cozido com verduras, dous pratos de meio, um grande prato com arrroz, duas garrafas de vinho para oito, além de fructas do tempo, e doce de banana ou goiaba: e isto continuou constantemente, sem a menor alteração, excepto para melhor nos dias extraordinarios. E estes eram frequentes, por quanto o capitão sempre descobria um motivo para acrescentar a mesa, com mais um podim ou uma torta, um prato de arroz de leite ou de aletria. Além das quatro festas do anno, era o natalicio de SS. MM., dos principes, das princezas, do conde da Palma; o anniversario de um acontecimento feliz, ou o dos feitos d'armas de um heroe. Inventava pretexto para nos obsequiar.

Quanto ao almoço, isto era um como que cruel e escandaloso capricho da parte dos presos. Uns contentavam-se com o chá que lhes mandavam; outros, porém, queriam café; estes leite, aquelles chocolate, e alguns, esquecidos do pirão *pateta*, não podiam passar sem um franguinho, uma carninha de grelha. E aquelle paciente homem a todos satisfazia com a sua natural bondade.

Assim se escoaram os ultimos tempos do nosso captiveiro, que para o fim se tornou menos pesado. Não sei si por consentimento de Bernardo Teixeira (n) ou si pela relaxação do carcereiro, (tudo cansa,) já nos communicavamos para fora, recebiamos livros, papel em quantidade: e tinhamos tanto abusado, que o padre José Felippe de Gusmão foi o primeiro que quebrou a balança de Astrea, dando um forte murro nas ventas do juiz da grade de nossa prisão. Finalmente raiou o dia 10 de Fevereiro de 1821, que nos deu a liberdade, tendo sido todos previamente julgados pela relação. (o)

(m) Este é o mesmo que mais tarde, em 1836, tomou parte na rebellião da Bahia, dita *sabinada;* e que tendo por isto respondido a um conselho de guerra, teve a pena de morte. Remettido no emtanto para a ilha de Fernando, ficou sob os auspicios do Sr. Rego Barros, então presidente de Pernambuco, retido na fortaleza do Brum, a titulo de doente, onde foi visitado, obsequiado e mimoseado por todos os Pernambucanos, que tinham estado presos na Bahia; os quaes todos á porfia procuravam-lhe adoçar as magoas, assim como elle o havia feito, quando fora distribuidor da comida na cadeia da Bahia.

(n) Este Sr. Bernardo Teixeira mais tarde, nas cortes de Lisboa, onde era deputado pela provincia do Minho, dizia ao desembargador Antonio Carlos, e ao hoje senador Alencar: Vossês davam-me todos os dias ao diabo; e no emtanto o meu fito era procrastinar o processo, até que o tempo arrefecesse as paixões, e um decreto de perdão mais amplo salvasse a muitos, minorando a pena de outros.

(o) Neste dia o carcereiro eclipsou-se, deixando acephalo o governo da casa. Principiaram então os empenhos e pedidos de perdão, não só dos males que nos causou, mas ainda dos roubos que nos fez. A unica vingança dos presos foi um soberano desprezo de um ente tão immundo: nenhum lhe dirigiu o menor insulto, nenhum lhe pedio contas do dinheiro roubado na entrada dos segredos, excepto um ou outro relogio de ouro, ou

NOTA 5.ª

A' PORTUGAL

ODE

Jam fides, et pax, et honor, pudor que
Priscus, et neglecta redire virtus
Audet, apparet que beata pleno
Copia cornu.

HORAT. CARM. SECUL.

Exulta, Celtiberia,
De Luso fundação armipotente,
Emporio augusto do universo mundo,
Berço dos Castros, Albuquerques fortes;
Lysia formosa, exulta!

Da scythica bipenne
Aos fios cortadores tinja as aras
Rubro sangue do candido novilho;
Os ares brandos enrolados toldem
Pias nuvens de incenso.

Formosos, gratos hymnos,
As aureas azas lucidas batendo,
Ao throno do Eterno igni-vibrante
Teus votos subam com prazer e jubilo,
E do Brazil os votos.

Na brilhante platina,
Abertas por Miron deiradas lettras,
Além dos evos roedores levem

---

esta ou aquella joia; as quaes foram todas restituidas. No emtanto este malvado ainda perseguiu, quanto pôde, os presos da revolução da Bahia, na qual succumbio o general Felisberto Gomes.

Todas estas notas são tambem do proprio punho do Sr. Bazilio Quaresma Torreão, com quem nutrimos sempre affectuosa amizade, e a cujos merecimentos apraz-nos render a mais viva e sincera homenagem.

O dia claro, dia tres de Julho,
O memorando dia.

Oh! dia formoso,
Que á Ulysséa abristo epocha illustre!
Emquanto as jubas sacudir brilhantes
La no cinto celeste o nemeo bruto,
De nós serás lembrado!

Eis, pisa o patrio solo,
Os peitos alegrando, que abafavam
Da mais terna saudade sensitiva,
O augusto João, o pae da patria,
Dos reis claro modelo.

Em prol do povo seu,
Valente Eneas, foge ao Corso fero;
Entrega ao mar voraz e temeroso
A vida cara, a esposa, a mãi e os filhos;
Salva a Europa do perigo.

Da virtude morada,
O peito justo offerece á razão clara;
Corre aos braços dos seus, cordial jura
As leis sacras, que formam luminosos
Anciões veneraveis.

Já lá vai sem turbante
As cavernas buscando da Cimeria
O ferreo, sanguinario despotismo;
O throno occupa dos antigos Turdulos
A verdade e a justiça.

Volvem-se os tempos claros,
Idades de razão, de juro e força,
Em que a sua sustentam dignidade,
Os que aterram de Agar netos impios,
Lusos do campo Ourique.

Eil-as, já como apontam,
Formosos arreboes lançando á frouxo.

A fé candida, a paz, a honra illustre,
O honesto pudor que decorava
As façanhas dos Lusos!

Vejo a industria e as artes,
O pó despindo, que as manchava impuro,
A attenção attrahir da Europa inteira;
O commercio florente acarretar-nos
A abundancia e a riqueza.

A luz alma e fulgente,
Com que a sabia Mnemosyne costuma
As mentes illustrar de seus mimosos,
Do peito luso reflectir perenne
Invejosos reverberos.

Novos Gamas virão
Que os Notos sem temerem procelosos,
Hão de as costas farpar de Adamastores
Com denodadas quilhas; novas syrtes
Passar, novas carybdes.

Os Menezes, (a) e os Limas (b)
Os Silveiras, do Turco mor escandalo, (c)
As Quinas firmarão sobre os destroços,
Das Luas mahometanas descoradas
A' tanto sangue e morte.

Cá do novo hemispherio,
Que banham Amazonas, e o da Prata,
Camarões se levantam denodados,
Os Vieiras, Negreiros, fortes Dias,
Sobranceiros á morte.

(a) D. Jorge de Menezes, que destruiu e entregou ao fogo a cidade de Baroche, e fez muitos estragos em Surrate e outros lugares da India.—*J. Freir. V. de C.*

(b) D. Manoel de Lima, que destruiu a cidade de Antote, e toda a enseada de Cambaya. *Id.*

(c) Antonio da Silveira, de quem as armas do Turco na India receberam a primeira ou a maior affronta. *Id ibid.*

Da gloria o magno templo
As portas já franqueia aos novos Nunes (d)
Aos preclaros Camões, Barros altiloquos,
A' solida virtude e á sciencia.
Lysia feliz, exulta!

NOTA 6.ª

ITINERARIO QUE FEZ FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA, SAHINDO DE PERNAMBUCO A 16 DE SETEMBRO DE 1824, PARA A PROVINCIA DO CEARA GRANDE

São inexcrutaveis os juizos do Altissimo, e incomprehensiveis os seus mysterios! Quantas vezes se frustam aos mortaes as acções mais bem combinadas, e de muito tempo premeditadas! E a quem devemos attribuir o estorvo, que nos embaraça e inutilisa os esforços, que se punham em acção, senão á vontade do Todo Poderoso, que perscrutando os corações e as entranhas do homem, e tendo presente todos os futuros, dirige todas as cousas para o bem e felicidade de suas creaturas! Assim o pensamos nós, e não receiamos ser contradictos pelo philosopho, que reconhece uma causa prima na natureza, a cujo aceno tudo se move, vive e acaba.

Esta verdade, que conhecemos a respeito d'outros, a temos visto realisada em nossa pessoa. Por duas vezes tentamos viajar os sertões da nossa patria, do Brazil, e por duas vezes não vimos o fim dos nossos desejos. Então todas as circumstancias nos favoreciam. O vigor dos annos, a licença dos superiores, o preparo e arranjo para a viagem commoda e segura, a tranquillidade dos povos sertanejos, tudo tinhamos para conseguir nossos intentos; e apezar de tudo isto, por incidentes imprevistos, que naquellas ocasiões attribuimos ao mero acaso, não viemos ao sertão, e ficamos nos patrios lares, ao principio dissaboreados de frustarem-se nossas tenções, depois satisfeitos de não termos soffrido os incommodos, que nos diziam se soffriam por aqui.

Agora, porém, oh! profundidade dos juizos do Altissimo! sem o esperarmos, em continua marcha para o interior, em um tempo improprio, sem dinheiro e sem fato, quando opiniões politicas tem introduzido a discordia entre os homens, que, esquecidos dos laços mais sagrados da natureza, se despedaçam uns aos outros mais barbaramente, do que as mesmas bestas ferozes, que não offendem as da mesma especie; agora que encontramos mil perigos á direita, e dez mil á esquerda, e que por toda a parte encontramos os satelites da morte; agora peregrinos deixamos a chara patria, os lares paternos, os nossos penates, e, qual outro pio Eneas, vamos conhecendo novos lugares, novos povos, novos costumes e ritos. Oh! profundidade dos segredos eternos! Viviamos em descanso em nossa patria, a cidade do Recife de Pernambuco, trabalhando na educação litteraria da mocidade, regendo tres annos a cadeira nacional de geometria elementar, na qual empre-

---

(d) Pedro Nunes, o maior geometra da Hespanha, e um dos maiores, que no seculo XVI floresceram na Europa. *Stockler. Ens. H. das Mathemat.*

gavamos todos os nossos desvelos, para deixarmos á posteridade justa razão de terem saudades dos nossos dias; quando as mudanças politicas do Brazil nos penhoraram para que ajudassemos nossos compatriotas com a curteza de nossas idéas, e deslisando as trevas intellectuaes do povo, reunissemos todos os entendimentos em uma só verdade, que produzisse o bem geral e a felicidade de todos; assim tivemos por meio da imprensa de communicar nossos pensamentos em diversos escriptos, como sejam—Dissertação sobre o que se deve entender por patria do cidadão; Cartas de Pitia ao seu amigo Damão; *Typhis Pernambacano*; *O caçador atirando á Arara Pernambucana*, e outros escriptos inseridos em alguns periodicos. A proporção que nossos trabalhos se estendiam a beneficiar nossos compatriotas, nós caminhavamos ao perigo e á ruina, pois que nossas verdades chocavam os interesses de D. Pedro de Alcantara, principe portuguez, que o Brazil imprudente e loucamente havia acclamado seu imperador.

Por este motivo no Rio de Janeiro o mesmo imperador, o seu primeiro ministro João Severiano Maciel da Costa, o intendente geral da policia e outros deste rancho, olhavam para nós como para uma barreira aos projectos do absolutismo; e, em consequencia disto, fallava-se no nosso nome como de uma pessoa, que devera ser destruida. Isto não nos era occulto, pois que do Rio nos certificavam isto mesmo, e sabia todo o Pernambuco, que nós seriamos umas das victimas da patria, si esta como por fatalidade succedesse cahir nas garras de Açor da liberdade.

Si esta deosa bemfazeja não tivesse borrifado nossa alma dos seus orvalhos saudaveis, sem duvida nós teriamos lançado mão das muitas opportunidades, que tivemos, para nos evadirmos ao perigo; mas para nossa gloria gostamos do encantador nectar da liberdade, e nós votámos no seu altar não vacillarmos um só instante na continuação dos nossos trabalhos, e julgamos indigno do caracter d'um patriota arrepiar a carreira, que tem encetado em serviço da chara mãe patria, (a) a nossa mesma sorte.

Interessados, quanto podiamos, pelo bem do nosso paiz natal, e não podendo fazer um verdadeiro conceito dos negocios da campanha do sul do Recife, projectavamos ir visitar o exercito, que defendia aos *cariocas* o ingresso na capital. e por uma fatalidade o dia que escolhemos para esta visita, foi o dia 12 de Setembro, o mesmo marcado pela perfidia e traição para se abrirem as portas da cidade ao inimigo. Estas foram o ponto do engenho Santa Anna. que sendo o unico por onde os imperiaes se deviam metter no Recife, foi de proposito o menos fortificado; por isso pouco depois de chegarmos ao ponto dos Prazeres, tivemos a infausta nova de ser forçado o ponto de Santa Anna, e se haver o inimigo assenhoreado dos Afogados.

Já neste tempo era-nos cortada a passagem para o Recife, e nos vimos precisados a ficar na divisão e acompanhal-a em toda a sua marcha. Bem que não tivessemos alguma influencia neste corpo militar, comtudo fomos uma parte não pequena para que prevalecesse entre os diversos arbitrios, que ali appareciam sobre o destino que tomaria a divisão, dos quaes a maior parte se dirigia a sacrifical-a ao inimigo, ode que esta marchasse reunida ao atravessar o Capibaribe, para ir retomar a cidade do Recife. Marchamos, emfim, e depois do ataque da Boa-Vista, nos passamos á cidade de Olinda no meio da mesma divisão a prestar-lhe aquelles serviços, que estivessem ao nosso alcance. Prestamos, com effeito, dizendo no particular o que entendiamos e conducente á salvação da patria, e no publico assistindo

---

(a) Por isso esperamos apequedo na sorte da patria.

aos diversos conselhos, que no senado da camara d'Olinda tiveram lugar naquelles dias de perturbação e perigo.

Como que se completassem os fataes dias marcados pela perfidia para a entrega da chara patria, fomos advertidos em segredo, que nos occultassemos, pois que nós eramos procurado com empenho; e como quem nos fez esta advertencia, debaixo da face de amizade, foi o filho do mesmo trahidor Barros, nós entendemos, que, longe de ser aquella revelação um effeito de amizade, era um meio de nos separarem do quartel general, afim de não observarmos, e estorvarmos os perversos planos do trahidor; nós porém lançamos mão do aviso, e tratamos de nos evadir aos perigos; pois que já observavamos toda a officialidade dividida em grupos, fallando em vós baixa, indicando uma secreta manobra.

A' este tempo João Soares Lisboa, que se achava no quartel general de volta da fortaleza do Brum, á que se havia abrigado, escapando-se de Santo Antonio e do Recife, nos communicou haver tido a mesma participação para se retirar, e então a amizade que de muito lhe consagravamos, a identidade do perigo e semelhança de fortuna nos uniu no mesmo arbitrio e plano de salvação; e assim tratamos de nos pormos a salvo, e livres das garras da perfidia; e ajuntando-nos com outros, que já a este tempo fugiam do mesmo perigo, sahimos d'Olinda pelas dez horas da noite no dia 16 de Setembro, em numero, a saber: eu, João Soares Lisboa, Francisco de Souza, o coronel José Antonio Ferreira, o major José Gomes do Rego, o capitão Braga, José Mathias, o irmão deste e um soldado mouco, camarada do Braga.

Nesta forma sahimos de Olinda, passando por todos os piquetes, como ronda do estado maior. Procurando a villa de Iguarassú, e viajando toda a noite, nos veio amanhecer o dia pelo engenho de Utinga; e depois de dormirmos alguma cousa em suas matas, nos aproximamos mais do engenho, e occultando-nos segunda vez nas matas para examinarmos o estado das cousas, sahimos dellas ao meio dia para um cannavial á margem d'um riacho, onde desjejuamos com cannas, e um pedaco de bacalháo com farinha. Daqui fomos a casa de purgar do engenho, para não sermos vistos dos muitos soldados do exereito pernambucano, que ahi transitavam.

Aqui passamos o resto do dia e a noite, praticando sobre o destino que tomariamos; ao principio alguns esperavam sahir de barra a fora na escuna do Meireles, que se achava na Ilha de Itamaracá, e não recebendo resposta do convite que haviam mandado fazer, aquelles tiveram a idéa de sepassarem ao Ceará, procurando Pagehu de Flores. Conhecemos, que naquella noite muito tinha trabalhado o egoismo com alguns dos socios; porque o Cazumbá unido ao José Mathias assentaram em não unirem-se com os outros, e trouxeram ao seu partido o coronel Ferreira. Conhecida esta separação, entendemos ao mesmo tempo, que estes scismaticos olhavam para nós, Rangel e Lisboa, como pessoas de maior perigo e compromettimento, e por esta razão um obstaculo grandissimo para sua salvação; assim assentamos entre nós tres separar-nos delles, e tratarmos da nossa livrança; separando-nos, os deixamos naquelle engenho, não querendo elles ver jámais um só soldado da divisão pernambucana, e nem serem vistos delles.

Neste projecto, na manhã do dia 18, nos dirigimos para o engenho de Caraú, de que é senhor João Nepomuceno Carneiro da Cunha, afim de que ahi, conforme as informações que tivessemos dos negocios de Goiana, tomassemos a deliberação que fosse mais prudente e segura. Em caminho jantamos no engenho Papicú, de que é rendeiro José Carneiro de Carvalho, e á tarde pelas quatro horas chegamos a Caraú, onde demoramo-nos tres quartos de hora; fomos informados dos negocios de Goiana; refrescados da calma com sangrias de vinho, e sortidos de algumas camisas e roupas.

Segundo as informações, que achamos, de que em Goiana se havia feito

uma reunião das forças do Recife, as quaes, unidas ás de Goiana e Parahiba, haviam nomeado um commandante em chefe, e marchavam para o Ceará; assentamos que este era o meio que nos restava para sustentação da causa da patria, e nos salvarmos das garras do tyranno. Portanto, acompanhados de um guia que nos foi dado pelo mesmo amigo Carneiro da Cunha, marchamos para Goiana; e ao sahir do dito engenho, chegaram a elle o major Manoel Machado da Silva Santiago e o ajudante Francisco de Paula Carneiro Leão.

Chegamos á esta villa á meia noite, e foi não pequeno o nosso espanto, quando sem esperarmos a achamos deserta inteiramente. O escuro da noite e o medonho silencio em que estava sepultada a villa, os uivos dos cães, tudo cooperou para nos encher de terror, e nos julgarmos nos maiores perigos. Corremos varias ruas em busca das pessoas do nosso conhecimento, mas tudo foi baldado; porque a ninguem achamos.

Nesta circumstancia deparamos com duas casas, em que por estarem com luz acesa nos fallaram; mas foi para maior embaraço nosso. Em uma, um soldado cheio de maior terror por ver-nos, e talvez suppor-nos inimigos, balbuciava, e nada dizia que fosse coherente; e ainda assim nos informou, que toda a tropa já se havia retirado pela estrada da Conceição. Mas outro, que em outra rua nos fallou, trahiu-nos dizendo-nos, que a tropa tomara a estrada de Goiana Grande: era o mesmo que entregar nos aos *ceroulas* de João Baptista Rego, que já haviam tomado o ponto de Petimbú, e era natural estarem naquellas fronteiras.

Os nossos companheiros, que ignoravam a topographia da villa, e não sabiam e nem podiam conhecer o laço, que nos armava o segundo informante, desconflados do modo trepidante do primeiro, fiaram-se na segurança com que fallou o segundo; e assim assentaram que tomassemos o caminho de Goiana Grande. Ponderamos-lhes o que sabiamos, dirigindo-nos a mostrar-lhes que jámais podia a força de Goiana seguir aquelle destino; mas foi em vão: teimaram os nossos amigos no seu entendimento, e nós por contemporizar seguimol-os; e ao passar pela frente do convento do Carmo, nos dirigimos a elle, para que lá tomassemos informação do estado das cousas; mas tudo foi sem fructo.

O convento estava aberto e as escuras, ainda assim pelo tino, que nos fazia lembrar dos seus arranjos, por termos por annos habitado aquella casa, nos arriscamos a entrar e subir até o seu ante-coro; e por mais que gritamos a chamar quem lá estivesse, ninguem nos respondeu.

Aqui os nossos amigos, que haviam ficado fóra, nos chamaram e fizeram-nos acompanhal-os para Goiana Grande. Sempre tivemos um caracter de contemporisador com os nossos amigos; e fazendo reflexão sobre os trabalhos porque haviamos passado em nossos dias, conhecemos que tudo devia-mos a conselhos alheios; e por este motivo, depois de havermos chegado aos lameirões de Goiana Grande, tomamos a resolução de não nos sacrificar a conselhos sem fundamento algum e inteiramente oppostos á nossa salvação. Por isso, fazendo notar aos amigos, que elles por não saberem as direcções das estradas se illudiram com a apparente segurança do segundo soldado; e que até aquelle momento mesmo nós sempre haviamos padecido por sermos escravos da vontade dos nossos amigos, declaramos que faziamos ponto alli, e começavamos a usar do nosso entendimento; pelo que os não acompanhavamos.

Esta nossa resolução salvou a todos, porque elles, dando peso ao nosso juizo, voltaram comnosco pela estrada da Soledade; e depois de havermos andado o resto da noite, fomos encontrar com a rectaguarda da força duas leguas acima da villa. Aqui já cansados dos trabalhos antecedentes e fatigados do espirito, descansamos em uma casa muito velha; pelo que havia den-

tro suppozemos ser de ladrões ; por este fundamento não houve maneira de conciliarmos somno, e passamos no campo, ora assentados, ora deitados, ora passeando até ao romper d'aurora. Raiando esta, nos pozemos em marcha para chegarmos a Goianinha, onde havia dormido o presidente temporario da Parahiba. A poucos passos fomos encontrando por toda a estrada muitas pessoas do nosso conhecimento, entre as quaes foi o tenente coronel Manoel Ignacio de Mello, que no dia antecedente fora acclamado em Goiana commandante geral daquella força. Da pratica que tivemos com elle, não fizemos bom conceito daquella força, e não julgamos segurança alguma no meio della, por nos ser descripta como uma multidão confusa, sem ordem, sem subordinação e inteiramente anarchica.

Chegamos afinal a Goianinha, e ali achamos o grosso da divisão e um povo numeroso com algumas familias honestas ; comprimentamos o presidente : desde logo fomos aggregados á sua familia, e tomamos quartel na mesma morada.

Goianinha é uma povoação, não pequena, e representa ter algum commercio dos generos de lavouras. Tem uma igreja pequena ; ella e as casas da povoação são de má ou nenhuma architectura ; á excepção de mui poucas, as outras são de palha.

Passamos aqui o dia, e sahimos a tarde com o presidente temporario para o engenho de Cangaú, de que é senhor Joaquim Martins, indo a força para Nazareth. Aqui tivemos a primeira perda daquelle pouco com que sahimos do Recife, isto é, nos furtaram os cavallos da nossa montaria, e fomos providos de outros pelo mesmo presidente.

Sendo hospedados com amizade, passamos aqui a noite, e na manhã seguinte seguimos a nossa marcha. Sahimos de Cangahú depois de refeitos d'um abundante e politico almoço, e fomos passar a calma do dia ao Monte Bello na Larangeira, e jantamos na casa da familia de João Velho, um grande patriota ; o qual não estava em casa. Este sitio foi o mais lindo ponto que haviamos visto. Tem uma casa de campo de sobrado não pequena, em um alto e com um grande pomar de mui bellas laranjas etc., o qual está a borda d'um rio, que corre com boas agoas.

A familia nos hospedou com um farto jantar, depois do qual sahimos, e fomos dormir no engenho do Poço Comprido, havendo passado pelo sitio Larangeira, onde ha um recolhimento de mulheres, que antigamente foi administrado pelo padre José Vieira. Este lugar é uma como pequena povoação, com algumas casas ; a sua localidade, o seu arvoredo e atmosphera, tudo coopera para uma habitação deliciosa e tranquilla, onde o homem pode entregar-se á philosophia e á meditação.

Chegando ao Poço Comprido, ahi encontramos a força da Parahiba, commandada pelo capitão João da França Camara.

Aqui esperamos pelo tenente coronel Manoel Ignacio Bezerra de Mello ; soube-se que elle depois de chegar a Nazareth, onde tinha sua casa, e haver marchado a força adiante, depois que esta chegou ao engenho Morojó, se demittira do commando geral da força por um officio ao major Emiliano Felippe Benicio Mundurucu.

Esta demissão seria bastante para desorientar o plano traçado pela tropa, si acaso não apparecesse nesta occasião o capitão José Victoriano Delgado de Borba Cavalcanti e Albuquerque ; o qual vendo a perturbação, o desconsolo e o perigo de tantas pessoas, se prestou a tudo que podesse. Então a força lançando mão de seu bem conhecido patriotismo, o elegeu seu commandante em chefe ; e marchando para o Poço Comprido, ahi chegou na noite do mesmo dia.

No dia seguinte celebrou-se um grande conselho, composto do governador eleito das armas e presidente temporario da Parahiba, de toda a officialida-

de e das pessoas mais attendiveis pelo seu estado, talento e patriotismo; e tratando-se dos meios necessarios para segurança da causa da liberdade e salvação daquella força e povo, decidiu-se: Que nenhuma capitulação aceitariam do general Lima, commandante das tropas imperiaes, a não precederem a evacuação das tropas do Rio de Janeiro, que occupavam a capital de Pernambuco, e a installação da assembléa constituinte do Brazil em um ponto central do mesmo, onde em liberdade e fora da influencia das armas do Rio de Janeiro, ou em outra qualquer provincia, se podesse discutir e decretar a constituição ou leis fundamentaes do Brazil; pois que de nenhuma forma recebiam constituição alguma, que não fosse feita pelos legitimos representantes da nação brazileira, reunida em congresso soberano: Que tomando-se todas as medidas necessarias para a defeza da liberdade da patria, se levantasse o acampamento, e se procurasse outra posição vantajosa, d'onde podessemos ter communicação com os liberaes das provincias do Ceará, Rio Grande do Norte, interior da Parahiba, divisão liberal de Garanhuns, e especialmente com o general Filgueiras, afim de se combinarem os planos de ataque sobre o inimigo: Que se organizasse uma divisão composta de todos os homens d'armas, que se achavam neste acampamento, a qual divisão se devia denominar—Divisão Constitucional da Confederação do Equador.

No antecedente dia escreveram-se circulares aos commandantes das forças de Garanhuns o capitão mór Luiz Tenorio de Albuquerque, o capitão Lourenço Bezerra Cavalcanti, José de Albuquerque Cavalcanti e Antonio Cavalcanti d'Albuquerque, assignadas por João Soares Lisboa e pelo presidente temporario da Parahiba; nas quaes se dava conta do estado de Pernambuco, do fim da divisão, e se rogava que as forças dos seus respectivos commandos se conservassem estacionadas em qualquer ponto do interior, não só para defenderem os do partido liberal; mas tambem para hostilisarem o inimigo quanto podessem.

Depois da reunião de todas as forças, (b) no dia 23 marchamos para Pindoba de Flores, quatro leguas, á propriedade do capitão Joaquim Cavalcanti, o qual não estava em casa; e ahi encontramos o capitão Leandro Cesar, com uma companhia das forças da Parahiba e uma peça de artilheria.

Foi neste lugar que se organisou a divisão de quatro batalhões, composto o 1.º de todos os corpos de 1.ª linha de Pernambuco e Parahiba, commandado pelo capitão João de Deus; o 2.º composto do batalhão de milicias e de artilheria de Henriques de Pernambuco, commandado pelo major Manoel Joaquim Parahiba; o 3.º das milicias do mato e soldados de guerrilhas avulsos, commandado pelo capitão Francisco Antonio Pereira dos Santos; o 4.º de todas as milicias da Parahiba, commandado pelo capitão João da França Camara; o corpo de artilheria composto de todas as praças desta arma, commandado pelo major José Maria Idelfonso; o corpo de cavallaria composto de todos os officiaes, que não fossem empregados nos batalhões e paisanos que o commandante em chefe quizesse admittir, commandado pelo tenente coronel José da Costa Machado; uma guarda avançada, que era a guerrilha do capitão Antonio Carneiro Machado Rios. A guerrilha do capitão Vicente Ferreira formou a guarda da pessoa do Exm. commandante em chefe; o major Joaquim José Alves, major de brigada; o capitão Antonio do Monte, quartel mestre general; o capitão Lazaro de Souza Fontes, commissario de transporte. Ajudantes de ordens, os majores Agostinho Bezerra Cavalcanti,

---

(b) A força toda, entre os soldados de 1.ª e 2.ª linha, guerrilhas e paisanos com familias, montou a quasi tres mil pessoas.

e Emiliano Felippe Benicio Mundurucu, e tenente José Candido; e José de Sá Barreto, commissario de viveres. Depois deste arranjo, marchamos a 25 para o Limoeiro, em distancia de tres legoas e meia.

Este foi o primeiro ponto em que pozemos em prova nossas forças.

Constava-nos, que por influencia de um frade franciscano, natural da Bahia de todos os Santos, Frei Jeronymo de S. José, capitão de guerrilha, haviam tropas no Limoeiro, vindas do curato do Bom Jardim, para nos prohibirem a passagem. Por este principio contando nós com o inimigo á frente, dispozemos as forças em ordem de batalha; e assim entramos debaixo do fogo inimigo, não nos custando mortos, sim, feridos alguns; e perdeu o inimigo trinta e quatro soldados. O frade. que estava na villa, logo que vio o denodo das nossas forças, foi o primeiro que correu a todo o galope, desamparando os seus; os quaes acharam a salvação na rapidez da fuga.

A villa do Limoeiro, constante de uma só rua muito comprida, tem a igreja matriz ao entrar da dita rua; as casas são de má edificação, a maior parte velhas e de taipa.

O melhor edificio que ali se encontra, é a casa do Inglez Kerne, onde ha uma machina de ferro para descaroçar algodão, bater e ensaccar o mesmo, e para fazer azeite e outras muitas cousas, sendo essa machina de grande preço e de muito valor.

A villa estava quasi deserta de seus habitantes, assim mesmo foi dado o saque, respeitando-se porém aquellas casas, que estavam com seus proprietarios e inquilinos.

Dois soldados da divisão, um do Brejo de Areia e outro de Pernambuco, questionaram sobre vivas á Manoel de Carvalho, e rematou-se a contenda em dispararem as armas um no outro; o do Brejo de Areia, o Pororoca, morreu dahi ha pouco, e o de Pernambuco ainda durou alguns dias, vindo a morrer depois em um logar chamado Tanques.

Nós tivemos seis feridos, entre os quaes o mais notavel foi o major Manoel Joaquim Parahiba, commandante do 2.° batalhão. Dormimos aqui, e no dia seguinte continuamos com a nossa marcha, e fomos a Pedra Tapada, quatro legoas de jornada.

Nesta marcha, quando chegamos ao Espinho Preto, soffremos um pequeno fogo do inimigo, sem porém perda nossa.

Aqui encontrei-me com o padre frei José Pinto, franciscano, que era capellão de Canna Fistula, meia legua adiante. Este padre, inteiramente opposto ao outro, nos hospedou em sua casa; e no dia seguinte nos deu seu jantar, e fez todos os bons officios de amizade.

Daqui escrevemos para Pernambuco ás nossas familias.

Quando a divisão ia em marcha, recebemos um officio de José Francisco de Arruda, commandante da força de Malhadinha, datado de 26 deste mez, do Espinho Preto, requerendo que depozessemos as armas, e offerecendo a protecção de Pedroso; e respondendo-se-lhe, que era puerilidade offerecer-se a protecção de Pedroso á uma divisão, que tinha jurado acabar no campo da batalha, ou sustentar a liberdade da patria, e que ella faria todo o estrago que podesse, si acaso recebesse a mais pequena opposição, finalisou-se a correspondencia com o protesto, que fez o Arruda, de consentir que passassemos em paz; e assim succedeu.

A 28 sahimos de Pedra Tapada, que é um pequeno arraial, constante de poucas casas e uma pequena igreja; fomos jantar á Malhadinha, a tres legoas de distancia.

Malhadinha é uma pequena povoação na borda esquerda do Capibaribe, com uma pequena igreja, cuja architectura e das casas é a commum em todos os matos. A maior parte das casas são de taipa, e mal construidas.

Achamos nesta povoação algumas casas abertas, com alguns generos e viveres, que foram comprados a dinheiro. Demoramos-nos o resto do dia, e na manhã seguinte continuamos com a nossa marcha.

Levantando-se o acampamento, e posta a divisão em marcha fomos jantar a Bataria, legoa e meia de jornada.

Ao chegarmos quasi a este lugar, pela ruindade dos caminhos, quebrou-se a carreta de calibre 6 ; e não havendo meios de a conduzir, foi desamparada depois de se haver encravado e ficar enterrada

Esta Bataria é o lugar da morada de Carlos Leitão, o qual havendo desamparado a sua casa, por ser perseguido pelos *calhambolas*, que depois de lhe matarem um filho, lhe destruiram uma propriedade, nos veio sahir ao caminho em um lugar chamado Xéos ; e ahi nos fez seus cumprimentos, e nos deu todas as informações dos trabalhos e intenções do inimigo ; e que este nos podia atacar no Couro Danta.

Quando estavamos com Carlos Leitão, nos appareceu José Francisco de Almeida e Justino Justiniano, cunhado do commandante em chefe da divisão, que andavam fora das suas casas, pela perseguição e estragos de suas propriedade, feitos pelos *calhambolas*, e iam procurando guarida contra estes scelerados, que tendo a testa o detestavel frade Frei Jeronymo de S. José, commetteram roubos, estupros, mortes, incendios e outros attentados.

Aqui dormimos, e fizemos a nossa marcha na manhã seguinte.

Ou fosse a força do destino celeste, que nos conduzia em conformidade de se executarem seus decretos ; ou fosse puramente o nosso orgulho, que pelas nossas vantagens antecedentes nos fazia deprezar o inimigo, que ia adiante de nós fugindo, nos não soubemos utilisar das advertencias, que nos fizeram os nossos amigos, para nos prevenir contra o inimigo ; porque levantado o acampamento e posta a divisão em marcha, não seguiu aquelle methodo que era racional e prudente para segurança da divisão, porquanto logo depois da guarda avançada, commandada pelo capitão Antonio Carneiro Machado Rios, marchou o estado maior, e depois deste o 1.° batalhão em uma maneira confusa e desordenada.

Além desta primeira desordem, accresceu, que chegando a divisão a Couro Danta, legua e meia de distancia, esqueceram-se todos de ser aquelle o ponto, em que, segundo os avisos, o inimigo pretendia tirar a desforra do Limoeiro ; e assim o satisfizemos com o nosso estrago e perda.

Havia neste lugar uma passagem a mais propria para collocar-se uma guerrilha, que nos podia destroçar de todo, sem receberem damno algum das nossas forças ; porque sendo o caminho apenas capaz de por elle passar um carro, á direita ficava um despenhadeiro para o rio, cuja descida alem de ser ingreme e rapida, estava coberta de arvoredo, e á esquerda corria um lombo de terra da altura de 5 braças, quasi tambem ingreme, coberta no cimo de arvoredo espinhoso, e com umas trincheiras naturaes de pedregulhos ; e este transito teria de extensão bem suas trinta braças, depois das quaes o inimigo havia formado em nossa frente uma trincheira, d'onde nos podia fazer fogo.

Ao chegar a guarda avançada a este lugar, e devendo logo lançar linhas para descobrir o inimigo, não o fez ; porém reconhecendo-o, ou suspeitando o seu commandante, que o inimigo ahi estivesse, tocou a reunião no 1.° batalhão. O commandante deste poz-se em alteração com o capitão da guarda avançada, sobre pertencer a este dar os toques, ou esperal-os da rectaguarda, e disto enfadado o da guarda avançada, adiantou-se, e quando foi a querer deixar atraz o lugar do perigo, rompeu o fogo inimigo na frente, nos lados e no centro.

José Candido, que por sua desgraça ia tambem desordenadamente adiante da guarda avançada, recebeu uma descarga da trincheira da frente,

e cahiu immediatamente morto,cahindo tambem ferido o capitão Carneiro,com tres tiros de chumbo e palanquetas, sem se poder levantar. O governador ferido de chumbo, e não podendo sustentar nas redeas o cavallo espantado, cahiu pela ribeira abaixo entre os inimigos, que occupados em dar descargas para cima, não o viram, ou o reservaram para depois. João Soares Lisboa, que ia igualmente depois do governador das armas, ao apear-se do cavallo para fugir do perigo, foi ferido d'uma palanqueta no vasio direito, que lhe ficou sobre o umbigo, com outra em um braço. Morreram logo um soldado, e pouco depois o valente Manoel de Carvalho, que cahiu e foi dizendo : Adeus, minha patria!

Sahiram feridos vinte, dos quaes morreram depois alguns.

Não se póde dizer a confusão e a perturbação, que appareceu com esta descarga. Com o governador ferido, a divisão não teve quem lhe dirigisse as operações; cada um fazia o que lhe vinha á cabeca, e toda ella entrou a dar fogo desordenadamente para onde quiz, e pelo tempo que lhe pareceu; porque o commandante do 1.º batalhão, que marchou em frente, e devia rebater o inimigo, desamparando o batalhão, se entregou todo a lamentar o ferimento d'um soldado, a quem amava tanto como Virgilio ao cruel Alexis.

Depois desta primeira perturbação e muitas desgraças, deitaram-se linhas pelo rio e ribanceira; e batendo-os, ainda se mataram alguns *calhambolas.*

A divisão fez alto, em quanto se tratava dos feridos e mortos; aquelles foram levados para uma casa, e curados com aquelle cuidado e zelo que permittiam as circumstancias; estes foram enterrados.

João Soares Lisboa, uma das pessoas, cuja falta era mais sensivel, logo que foi ferido, deu os mais claros indicios de não sobreviver a este desastre; foi soccorrido logo pelo facultativo. e por mais cuidado que se lhe applicou, veio a morrer no dia seguinte pelas nove horas da noite, trinta e duas a trinta e tres horas depois de ferido.

A sua memoria é saudosa.

Portuguez de nascimento, era Brazileiro por affeição; decidiu-se pela liberdade do Brazil, e por esta se dedicou a escrever o *Correio do Rio de Janeiro*, unico periodico do Rio, dito pelos Francezes.

Pelo periodico da opposição, pela sua decisão a favor da liberdade, foi degredado para Buenos Ayres, e depois pela intriga dos Andradas oito mezes preso no Rio de Janeiro, para ser degredado por oito annos, sahindo da prisão depois da dissolução da assembléa,por um chamado perdão,dado pelo imperador; e se passou a Pernambuco e trabalhou quanto esteve em seu poder para sustentar a liberdade das provincias do norte, contra o despotismo do Rio de Janeiro; e para melhor se entender o plano da tyrannia escreveu *O Desengano dos Brazileiros.*

O caracter de um homem livre foi por elle sustentado com toda a dignidade até os ultimos paroxysmos da vida, a qual acabou recommendando aos que o rodeavam, que proseguissem na defeza da liberdade. Mostrou toda a coragem, quando encarou a morte; fortificou-se com o Sacramento da penitencia, unico que lhe podia ser administrado: fallou muito pouco nas horas que lhe restavam de vida; mas tudo quanto disse foi solido e conceituoso. Recostado a um amigo e rodeado de outros, quando suppoz que acabava á violencia de uma ancia, disse aos que o cercavam: Morro nos braços da amizade!

Elle soube dar preço a este laço da sociedade.

Morreu afinal o homem livre, aos hombros, e no meio das lagrimas e soluços dos amigos.

Foi enterrado no alveo do rio Capibaribe.

No dia seguinte 1 de Outubro, fez-se um conselho de todos os officiaes

e pessoas de intelligencia, para se tomarem medidas de segurança para a divisão. Nomeou-se um novo secretario para a divisão, e cahiu a nomeação sobre nossa pessoa; elegeu-se um capitão para a guarda avançada, pela molestia do capitão Carneiro, e foi nomeado o capitão Leandro Cesar; determinou-se uma nova forma de marcha, a qual foi irem adiante tres vedetas a explorar o campo inimigo, distante da guarda avançada cincoenta passos, as quaes avistando o inimigo dariam um tiro, e depois marchasse uma guarda avançada sufficiente, commandada pelo capitão Leandro Cesar; depois desta a peça de calibre 6; o 4.º batalhão de caçadores, commandado pelo capitão João de França, e á sua rectaguarda o 1.º batalhão, commandado pelo capitão João de Deus; o estado maior e a sua rectaguarda uma peça de calibre 1, reforçado em 3. A bagagem e depois o 2.º batalhão commandado pelo capitão Antonio Teixeira Brazil com outra peça de calibre 1, e depois de tudo uma sufficiente guarda da rectaguarda para ajuntar os soldados, que ficassem debandados pelos matos e estradas.

Tomadas estas medidas cautelosas, descansamos aqui o 1 de Outubro, occupados nos arranjos necessarios para a conducção dos enfermos, que offereceu algum trabalho, por ser o lugar deserto de habitadores, e as poucas casas que ahi encontramos, alem de desertas de seus moradores, eram de pessoas muito pobres.

Na manhã do dia 2, posta a divisão em marcha, sahimos do Couro Danta em uma marcha de quatro legoas, e fomos tomar quarteis pouco adiante do lugar chamado Topada. O inimigo, que marchava adiante de nós commandado pelo frade bahiano, de que já fallamos, nos quiz obstar a passagem em um lugar chamado Onça. Este lugar é um alto ou ladeira, em cujo cimo havia casa, e onde se achava um presidio feito de toda a gente, que o frade pode conduzir do curato do Bom Jardim e Limoeiro. Sendo de longe avistada esta gente, lhes fizemos fogo de artilheria; e varando-lhe a casa com quatro tiros de peça, os dispersamos; e depois de lhes havermos morto dois em um piquete, que estavam esfolando um boi, continuamos a marcha para a Topada, que é um arraial de muitas casas com uma pequena igreja, em que se viram duas covas frescas, que disseram ser de uns que sendo feridos no Couro Danta, vieram afinal morrer.

Não julgando conveniente a nossa segurança, deixamos o arraial, e nos fomos aquartelar no rio. Nesta marcha, antes de chegar ao arraial, ainda o inimigo nos deu alguns tiros do mato, que nos feriram a dous; e na entrada do arraial nos fizeram fogo, ferindo um soldado; e quando nos quizemos aquartelar, ainda nos fizeram fogo de um serrote, sem porém damno algum da nossa parte.

No dia seguinte 3 de Outubro, levantando-se o acampamento, em lugar de tomar a estrada geral, que se encaminhava para o Brejo da Madre de Deus, seguimos a estrada que rodeia a serra de Taquaritinga para Jaburú, e deste modo não seguimos mais a ribeira do Capibaribe. O inimigo vendo-se illudido, no que pensava das nossas marchas, nos fez alguns estorvos, entupindo-nos as estradas, e fazendo-nos fogo de tiroteio, sem perda no entretanto de nossa parte. Nós, porém, vencendo estas difficuldades, fomos tomar quarteis na Barra Vermelha com uma jornada de tres legoas.

Aqui achamos grande quantidade de feijão. que foi para a divisão não pequeno auxilio, e boa agua.

A 4 levantando-se o abarracamento, com uma jornada de tres legoas e meia, nos viemos acampar na Pedra d'Agua do Monteiro, que é um rochedo aberto pela natureza, onde se conserva agua de chuva, purissima, como em uma cisterna natural. Esta agua era mui pouca, de modo que não chegando para a divisão, alguns beberam lôdo.

Antes de chegarmos a este lugar, passamos pela Cajuvara, um dos pontos

mais pitorescos que haviamos visto. Ao poente está o principio da encosta da serra de Taquaritinga ; ao nascente a vista acha espaço immenso por onde se extenda, por não haverem montes. O céo é lindissimo, o terreno plano e povoado d'um arvoredo, que respira a estação da primavera.

No alto da serra de Taquaritinga vimos pela primeira vez uma carnaubeira, que é uma especie de palmeira de muito uso no sertão. Della fazem cumieiras, frexaes, caibros e ripas. Das palhas, tecem-se esteiras e cordas para diversos usos. Das raizes, além de serem uma especie de salça anti-venerea, se sustentam os porcos e outros animaes. Das folhas se tira cera, e das bruscas, onde se acham os fructos, usam para aquecer fornos.

No dia 5, levantando-se o nosso acampamento, viemos ao riacho de Santo Antonio, em distancia de tres leguas e meia, em cuja marcha soffremos do inimigo grande fogo, sem com tudo haver perda alguma.

Descansamos aqui todo o resto do dia com fazer municio de bocca.

Ao entrar da fazenda, que ahi ha, o 2.º batalhão que vinha commandado pelo capitão Teixeira, por estar doente o seu commandante, o major Manoel Joaquim Parahiba, e que havia pedido para marchar na frente, deu o maior escandalo em não querer avançar para a frente, por se dizer que aqui nos esperava o inimigo com alguma força. Metteu-se o batalhão no lugar da bebida do gado, e, por mais que se tocasse avançada, deixaram-se ficar deitados, a ponto do major Agostinho Bezerra Cavalcanti, ajudante de ordens, assestar uma peça contra elle, e quando ia a fazer-lhes fogo, então se levantaram e marcharam ; mas já o ponto estava occupado pela guarda avançada, commandada pelo capitão Leandro Cesar.

Quando aqui chegamos, alguns homens, que se achavam no alto d'uma pedra, desceram e vieram ter comnosco, e nos deram as primeiras noticias do general Filgueiras ; as quaes foram, que elle se achava no Umarés, e que tendo mandado uma guarda avançada, esta fora batida pelos imperiaes do Rio do Peixe, com perda de mais de cem homens.

Procuraram-se todos os meios de conciliar-se os habitantes deste lugar. Os que nos appareceram foram bem hospedados, e os mandamos fallar com os seus companheiros para se reunirem ; nos affirmaram elles todos, que viriam ter comnosco em boa paz, a não ser um marinheiro, que lhes persuadiu o contrario, pois que tinha muita influencia entre aquella pobre gente.

Sendo preciso municiar a tropa, ficamos aqui o dia seguinte ; e ao romper do dia, o marinheiro com outros da serra nos deram alguns tiros, porém sem offensa.

Em virtude d'um bando que se deitou, passou-se uma revista geral em toda a divisão ; e ahi organisou-se um novo batalhão daquellas pessoas que ou não eram militares, ou officiaes que não tinham corpos, e foi nomeado seu commandante o major de cavallaria miliciana Francisco Antonio Pereira dos Santos.

Quando se estava nesta mostra, chegou ao nosso acampamento um da serra de nome João Francisco, que havia sido cabo de esquadra de artilheria em Pernambuco ; o qual com a falsa de amigo, que se quizera congraçar comnosco, era um verdadeiro espião.

Delle nos servimos para levar um officio a Antonio Pereira de Brito, commandante d'um presidio, que se achava adiante da estrada, estranhando-lhe a opposição, que nos fazia aquelle povo pelas ordens de seus commandantes, e mostrando-lhe nossas intenções nos casos de amizade e inimizade ; e mandou-se-lhe o officio para fazer chegar á presença do capitão Domingos da Costa Romeo, acompanhado de uma proclamação, na qual expondo as intenções da divisão, requeriamos passagem franca para aquella capitania.

Foi o homem, e voltou de noite com a resposta por escripto, que se re-

duzia a dizer que não podia entrar em acommodação alguma com o commandante em chefe daquella divisão sem ordem do seu capitão, a quem remettia o officio do commandante em chefe; e que no entanto suspendessemos nós as hostilidades, que elles fariam outro tanto, e no caso de não quererrmos esperar naquelle acampamento, e marcharmos, elle procederia como até ali, isto é, hostilmente. Assentou-se em reter o tal cabo de esquadra.

Pouco antes deste lugar nos ficou na entrada o carro monchego pela fraqueza, em que estavam os bois; e quando no dia seguinte se mandou buscar, estava arrombado, e os bois fugidos.

No dia seguinte 7 de Outubro, sem esperarmos a resposta de Romeo, nos puzemos em marcha, e com duas leguas e meia de jornada viemos pernoitar ao Riacho dos Canudos, no campo. Nesta jornada soffremos algum fogo do inimigo, e ao entrarmos no campo, em que pernoitamos, um tiro do inimigo nos matou um ajudante de Goiana Manoel Rodrigues Cravo; em vingança desta morte os soldados, que conduziam o *calhambola* espião, o mataram. Levantamos o acampamento de madrugada, ou melhor, na manhã seguinte; e depois de uma marcha de duas leguas e meia, fomos a Carnoió.

Esta jornada foi trabalhosa, porque o inimigo nos havia entupido as estradas com arvores, que derrubaram, sêndo preciso primeiro desembaraçar para passar a artilheria; alem destes embaraços, soffremos alguns fogos de tiroteios. Ha nesta estrada uma passagem estreita, entre duas muralhas de altos penedos, d'onde com qualquer pequena força se podia destroçar um exercito de cherifes; o inimigo não se soube aproveitar desta vantagem, que lhe offerecia a natureza; prova não equivoca de sua estupidez.

A divisão e todo o povo havia padecido na marcha do dia antecedente muita sede e incommodos, por isso não estava habil para marchar no outro dia; pelo que foi preciso descansar aqui, no dia 9, d'onde sahimos no dia 10, e viemos pernoitar em Cravatá. Nesta marcha não encontramos resistencia alguma, em consequencia do officio do sargento mór Amaro da Costa Romeo; em que nos participava haver retirado suas tropas para nos deixar a passagem livre. (c)

Appareceu-nos um *calhambola*, que depois de nos fallar como amigo das disposições dos povos dos Carirys, entrou a seduzir nossos soldados, para irem servir aos Romeos, e pelo que foi fuzilado: era um tenente Antonio Dias Chaves.

Ao sahirmos do Carnoió, atacou-se fogo a casa principal desta fazenda, que era a melhor que haviamos visto nesta marcha, a excepção da de João Velho da Larangeira; e a razão que se allegou para a queima desta casa, foi pertencer Carnoió ao corcunda portuguez João de Oliveira Ramos.

Quando passamos pela povoação de Cabaceira, conhecemos até que ponto chega o odio dos corcundas contra os liberaes, porque todas as casas destes estavam destruidas com os telhados quebrados, paredes abaixo e destruidas desses malvados.

A Cabaceira é uma pequena povoação. Está situada em um alto, compõe-se de poucas casas, e de uma pequena igreja, dedicada a Conceição da Senhora. Seguindo a nossa marcha, fomos pernoitar a Bom Jesus, fazenda de

---

(c) Officiou o commandante em chefe ao capitão, assegurando-lhe a sua passagem pacifica, e requisitando delle duas mil rações para a divisão; e a resposta foi negativa, affirmando algumas pessoas, que isto procedera dos conselhos do padre Galdino.

José Pereira de Castro, homem o peior que nesta digressão havemos encontrado, somitico e miseravel; vencemos tres leguas e meia.

No dia 13 sahimos de Bom Jesus, do Sr. Pereira de Castro, e tomamos quartel no Curral do Meio, fazenda de José da Costa Romeo, legua e meia de distancia; aqui fizemos municio para a divisão para tres dias.

No dia 14 recebemos um officio do general Filgueiras de 18 de Setembro, e neste mesmo dia respondemos-lhe.

No dia 15 fomos pernoitar ao lugar chamado Caifaz, tres leguas de distancia, em Santa Anna, pousando ao meio dia neste lugar, legua e meia de distancia do primeiro. Appareceram aqui algumas ccusas a vender-se, porém com tanta carestia que a farinha foi a 51$200 o alqueire, uma garrafa de aguardente branca por 4$000 rs., bolachas muito pequenas por 60 rs.

Aqui encontramos estradas planas e largas.

As 4 horas da madrugada do dia 16, sahimos daqui, e fomos ao apontar do sol a Timbaúba, legua e meia de jornada, e lugar que toca a estrada geral dos sertões. Dormimos aqui, e passamos mal d'agua, que era lamosa, e de ruim sabor.

Na madrugada do dia 17 pelas cinco horas, sahimos de Timbauba, e fomos tomar quarteis em Olho d'Agoa do Borges, cinco leguas de jornada. Em chegando ao Capitãosinho, que é uma fazenda, prendemos a Manoel José de Almeida, europeo malvado, que deu 100$000 para fomentar a guerra contra os liberaes; o qual querendo evadir-se a prisão, foi fuzilado.

Neste ponto nos foi preciso deixar a estrada geral, que corre por Campina Grande e vae ter ao Embuzeiro, e, tomando a direita uma travessa, fomos pousar ao pé d'uma alta serra, onde achamos um grande tanque com muito boa agua. Daqui sahimos pelas 6 horas da manhã do dia 18, e atravessamos uns serrotes, que bordavam os caminhos como um circulo quasi em distancia d'uma legua, e algumas vezes mais proximos; e jantando em Anna de Oliveira, fomos dormir a fazenda chamada Caianna. Nesta fazenda havia um bom tanque d'agua, bem que algum tanto suja e lodosa.

Aqui mataram um mulato velho do Brejo d'Areia, por supporem-no inimigo.

A 19 sahimos de Caianna, depois das seis horas da manhã, e fomos passar a calma do meio dia ao Lagamar, duas leguas de jornada. A agua, alem de quasi nenhuma, era muito porca e fetida, e de pessimo sabor; as estradas são estreitas, bem que planas. Esta jornada a fiz a pé. Sahimos a tarde, e fomos pernoitar a fazenda Santo Antonio, a duas leguas; a qual fica na estrada geral do Seridó. A agua do riacho, que tem varios poços, é boa em a tirando das cacimbas; o ar aqui é assaz quente.

Aos 20 sahimos as seis horas da manhã, e fomos jantar a Pedra Lavrada, tres leguas. Em distancia de legua e meia, atravessa-se o riacho do Tamanduá, cujo transito é trabalhoso para a artilheria: a estrada é muito pedregosa, e aqui ha uma grande copia de Mina. Tem ahi uma igreja e um açude grande.

Em 21 sahimos de Pedra Lavrada para Malacaxeta, em distancia de quatro leguas. Marcharam o 1.° batalhão e o 2.°, e parte da bagagem; ao chegarmos perto de Malacaxeta quasi uma legua, appareceram alguns tiroteios inimigos da parte do capitão Romeo, que espantando os cargueiros da bagagem, a qual vinha descuidadamente por não presumir-se que fossemos atacados, segundo um contracto que o Romeo tinha comnosco feito por um officio em que nos pedio, que não passassemos por dentro da villa de S. João, que elle dava a sua palavra de não sermos perseguidos pela sua tropa,

mataram a duas pessoas, e levaram com sigo seis cargas, sendo quatro da familia do presidente Felix Antonio, que nellas perdeu o melhor que tinha.

Quando a guarda avançada tomou o ponto da Malacaxeta, appareceram montados tres exploradores do inimigo; os quaes foram mortos.

Prendeu-se o commandante do lugar Manoel Rodrigues por se ter achado ahi o portador de uma carta, que para elle vinha, escripta pelo commandante do Rio de Peixe, Eugenio de tal, determinando-lhe que ajuntasse a sua gente, e marchasse para o ponto de Santa Luzia a atacar-nos.

Com a falta de animaes para conducção, tinha ficado em Pedra Lavrada o resto da bagagem; ficou-a guarnecendo o 4.° batalhão até o dia seguinte ao em que pela manhã,antes do dito batalhão sahir do ponto,foi atacado pelo inimigo, que chegando ahi na vespera em numero de duzentos caçadores, sendo cem de 1.ª linha, e outros cem da 2.ª, e um grande numero de mulatos, esperou a dar o ataque pela manhã. O inimigo recuou por quatro vezes, e afinal achando grande resistencia dos nossos, reduzio-se a dar algumas pequenas descargas de guerrilha. Ouvindo-se do acampamento as descargas, mandou-se-lhe um auxilio, que lhe serviu muito a tempo. Nesta manhã tivemos a perda d'um sargento, que nos morreu. Não se póde saber da perda do inimigo, porém viram-se cahir alguns delles.

A descida da serra Borburema, ainda mesmo nesta estação, é lindissima; apresenta golpes de vista os mais pitorescos e capazes de encantar os olhos do viajante.

Logo que ao acampamento chegou o 4.° batalhão, dirigiu-se a marcha para a fazenda das Almas, duas leguas de distancia, e ahi pernoitamos; e sahindo muito cedo no dia 23, viajamos a povoação da Conceição, tres leguas e meia de distancia. E' uma povoação com sua igreja nova, ainda por acabar; ahi achamos farinha, feijão, milho, aguardente, queijos, etc.

Aqui mora D. Maria José de Santa Anna, senhora de um patrimonio admiravel.

Aqui nos appareceu José Hippolyto da Costa Lins, cunhado do presidente, o qual reduziu a este a deixar no districto de Caicó a sua familia; o que o dito presidente fez, indo conduzil-a para o Remedio na madrugada do dia 24, com o destino de tornar-se para reunir ao exercito; o que assim praticou.

Neste lugar passamos o dia, e sahimos ao entrar da noite; e tendo mal adiantado uma legua com pouca differença, tomamos quarteis no campo em um lugar denominado S. João, provincia do Rio Grande; e sahindo dahi na manhã do dia seguinte, viemos á Samanahú, em distancia de cinco leguas, havendo jantado em o rio, adiante da fazenda Cupubá.

Aqui tivemos noticia de que o Filgueiras se achava no Mariz, com uma grande força.

A 26 sahimos de Samanahú, d'onde na noite antecedente requisitamos do commandante geral da villa de Caicó dois presos nossos, que lá tinham; e chegamos á villa ao meio dia, duas leguas de distancia.

Aqui depois de fazermos oração, e postarem-se as tropas, deram-se vivas á religião, á grande nação brazileira, ao imperador constitucional e liberal, e ao povo liberal da villa de Caicó; e deu-se uma salva de artilheria de sete tiros.

A villa tem uma igreja não pequena, nova e bem paramentada. A casa do vigario é de sobrado e boa; todas as casas são novas e de pedra e cal; e fazendo um como circulo,com um diametro de trezentos passos em uma chã por detraz das casas, o terreno é plano; mas pedregoso. Tem o rio tres grandes poços de boa agua, que nenhum verão por mais forte é capaz de seccar. Achamos alguma farinha, milho e arroz. O capitão Manoel de Medeiros

Rocha, commandante geral, e mais gentes nos receberam bem. O commercio da villa é pouco ou nenhum.

Aqui nos demoramos até o dia 2 de Novembro, por causa dos concertos das carretas das peças.

Em um dos dias da nossa estada aqui, prendeu-se ao major Manoel Joaquim Parahiba, commandante do 2.° batalhão, por falta mui desordenadora da boa ordem; privou se-lhe o commando e entregou-se ao major Agostinho a sua commandancia.

Neste interim tivemos noticia da praça de Pernambuco dada por José Carneiro Machado Rios, que ahi chegou a visitar o irmão, e se dirigiu a suas fazendas.

De Caicó sahimos pois no dia 2 de Novembro pelas sete horas da noite com o luar, e fomos dormr antes do Paschoal, quatro leguas. De manhã sahimos e fomos jantar ao lugar chamado Olho d'Agua do Ferreiro, tres leguas de distancia, aonde encontramos agua mui ruim. Dahi seguimos, e fomos tomar quarteis á fazenda de Caiçara, pertencente a João de Allemão Cisneiro, uma legua de distancia; a estrada é uma travessia de campos, cobertos de matos de jurema; a assentada da fazenda é formosa em um plano vasto e espaçoso, ficando-lhe por detraz da casa o rio das Piranhas, que lhe deixa nesse sitio um lindo poço d'agua muito boa e crystalina.

Nesta jornada deixamos o rio Seridó. Da Caiçara sahimos no dia 4 de manhã, depois de se terem concertado as rodas das peças, tendo apparecido alguns cavalleiros inimigos, dos quaes a guarda avançada matou um.

Depois de passarmos ao través o rio das Piranhas. tomamos a travessa para o riacho dos Porcos; e passando pelas fazendas Lagoa Rachada e Poço da Cruz, viemos dormir á Cachoeira de João Saraiva, morador em Bonaboiú. Pouco antes d'aqui chegarmos, um soldado desacauteladamente batendo com o couce da granadeira no chão, e esta disparando-se, feriu um dos camaradas, passando-o de parte a parte, e matou o cavallo de José da Cruz Gouveia, conselheiro do governo temporario da Parahiba.

Neste dia vencemos cinco leguas de caminho.

Na manhã do dia 5 sahimos do acampamento pelas dez horas da manhã, por motivo de se haver sumido uma junta de bois, que puxavam a artilheria.

E' aqui de advertir. que os soldados artilheiros eram summamente negligentes em pensar os bois, que lhes serviam para puxar as carretas, pois que já era esta a oitava junta, que os ditos soldados deixavam sumir-se; o mais é, que o commandante desta arma o major José Maria Ildefonso, que aliás era um militar completo na sua faculdade, homem probo, honrado, digno certamente de todo o elogio, pelo seu patriotismo, coragem e desempenho de suas obrigações, não deixou de dar alguma occasião a essa negligencia dos taes soldados, porque vendo semelhante deleixo, os não passava a reprehender e castigar, como devia. Viemos, pois, descansar e tomar quarteis em Belém, prefazendo a jornada de duas leguas e meia.

Neste logar commetteu-se um erro militar, formando um acampamento muito vasto defendido com pouca força, como no antecedente.

Aqui fica um arraial de casas muito separadas umas das outras, desembocando nellas a estrada da Cachoeira, a estrada do Patú á rectaguarda.

Neste sitio ha um riacho do mesmo nome.

No dia 6 pela manhã ás nove horas levantamos o acampamento, marchamos para o Patú de fora, que fica a tres legoas de distancia. Demoramo-nos alguma cousa no caminho pelo motivo de se terem destroncado as carretas da peça grande, e armão; legua e meia antes de chegarmos á esse ponto, principia a serra do Patú. a qual é uma cordilheira de montes conicos, uns mais.

outros menos, os quaes se achavam arranjados em figura quasi circular; e a estrada corre parallela quasi á dita serra, de modo que parecendo que da entrada da serra para ella não haverá a distancia de meia legua, com tudo ha a dita distancia para mais alguma cousa.

A estrada em geral não é má, porém tem lugares assentados, de que se podia utilisar com toda a vantagem o inimigo, si o tivessemos.

A fazenda em que tomamos quarteis, é de Manoel Dantas, a qual estava deserta. A situação é assas agradavel, alem de uma vertente de muito boa agua, tinha uma horta bem trabalhada. A casa é a melhor que havemos encontrado no sertão. nova e com muito bons commodos.

Sahimos desta fazenda na manhã do dia 7, e nos pozemos em marcha para o lugar e fazenda Toirões, em distancia de tres leguas. A situação é a mais desassombrada, é rodeada de montes, porém mais apartados e menos altos; tem varias casas, e a do senhor da fazenda é grande e bem fundada para o sertão; porém algum tanto arruinada.

O capitão França, sem ordem superior quiz fazer uma especulação de prisões em sugeitos deste lugar, para nos informar dos negocios; mandou a noite dezeseis homens, commandados pelo capitão Leandro, e no seguinte foram mais algumas pessoas vaqueijar gado, e resultou de tudo perdermos quatro homens, dous mortos, entre os quaes Bento da Gama, e dous prisioneiros. Sabendo deste desastre, marchou o capitão Moreira com sua guarda avançada, e o capitão França com o seu batalhão contra aquelles inimigos, e os pozeram em fuga, fazendo-lhes seis mortos.

Aqui os soldados acharam enterrada na areia do rio uma pouca de louça e um crucifixo.

Sahimos daqui no dia seguinte, depois de se haver tocado fogo em todas as casas da fazenda, por todas pertencerem a um europeo perseguidor dos liberaes patriotas, e malvado em toda a extensão da palavra.

Nesta jornada, que foi no dia 9, houve muita demora por causa de animaes para bagagem; e quando haviamos marchado legua e meia, chegando ao riacho, onde se tinha entrincheirado o inimigo, cuja tropa era combinada de gente de Porto Alegre com quatro companhias do Rio do Peixe em numero de seiscentos a oitocentos homens, amparando-se da boa posição vantajosa, que lhe offerecia a alta borda do riacho, que atravessava a entrada, por onde haviamos necessariamente passar, encontramos inesperadamente um fogo vivissimo; porém a coragem da nossa tropa tudo venceu, foram os inimigos batidos e dispersados, deixando nove mortos e todo o seu trem, constante de cavallos, sellas e dez cargas de farinha, carne, etc. Neste ataque tivemos dez feridos. O inimigo debandou-se por um serrote.

Dahi fomos-nos aquartelar á fazenda dos Tanques, situada em uma planicie com muitas carnaubeiras, oiticicas etc.

Aqui achou-se muito milho, arroz, etc.

No dia 10 sahimos dos Tanques para o Taboleiro do Veigas em distancia de tres leguas e meia, e ahi dormimos no campo.

No dia 11 sahimos de madrugada, e com uma jornada de tres leguas e meia fomos jantar a S. João; no meio do caminho tomamos um *calhambola* por nome Eugenio Gomes, desertor d'um batalhão de Pernambuco, o qual nos deu algumas informações dos negocios do Ceará. Depois de jantarmos, andando legua e meia, dormimos no campo. Aqui nos appareceu para se reunir a nós Manoel Fernandes Port'alegre, cunhado de David Leopoldo.

Levantando-nos deste acampamento, só fizemos uma marcha de legua e meia, e fomos descansar a Passagem Franca.

Aqui ficamos todo o dia, que empregamos em fazer dous mil cartuchos, e concertar-se o carro para melhor conduzir a peça de calibre 6. Depois do

meio dia appareceu-nos um cavalleiro como espião, e mandando nós um piquete da cavallaria explorar o campo, e indo elle até bem perto da fazenda de S. João, perceberam grito d'armas e reboliço de alguma tropa.

Esta fazenda Passagem Franca é do padre Gonçalo Borges, cuja casa deixamos fechada, como a achamos.

Os soldados descobriram um par de malas enterradas na areia da beira do rio.

Estavamos destinados a marchar para a ribeira do Jaguaribe, onde se dizia haver a tropa que bateu a do Tristão, o qual morreu, ficando toda a gente rendida; porém resolvemos afinal tomar a estrada diversa.

Na manhã do seguinte dia 13, sahimos para ir tomar quarteis a fazenda da Cachoeira, propriedade de um *puça* Domingos Rodrigues, morador na serra do Martins, em distancia de tres leguas.

Neste caminho encontramos com um presidio inimigo, que sendo batido, se dispersou, deixando um morto, e levando alguns feridos, ficando-lhes dez cargas de farinha, muito milho e arroz, que tomamos. Daqui por diante fomos sempre encontrando muito boa agua em toda ribeira do rio Apody.

Deixamos a estrada, que nos devia levar a Jaguaribe, e retrocedendo meia legua, tomamos a estrada por detraz da serra do Martins, e fomos dormir á fazenda do sobredito Domingos, denominada Cachoeira. Perto da noite tomaram-se dous *calhambolas*, que vinham sahindo do mato, onde se haviam escondido, os quaes nos informaram de que o ataque que tivemos no riacho, nos foi dado pelos commandantes Sampaio e Pacheco; e que no dia seguinte se ajuntaram em S. João para nos baterem estes mesmos unidos com Eugenio, do Rio do Peixe, Thomaz Alves, do Jardim das Piranhas, districto do Pombal, e José Cavalcanti de Moraes, da Serra de Luiz Gomes.

Na manhã do dia seguinte 14, largamos o acampamento e fomos jantar em Campo Largo, fazenda de Domingos Rodrigues, havendo passado pela Arueira, fazenda d'uma irmã de José Cavalcanti. Encontraram-se uns tiroteios, que disseram ter sahido da dita casa: por occasião disso o commandante do 1.º batalhão mandou pôr a casa em cerco, e sem ordem alguma superior, mandou-a saquear, e fez-se senhor do saque. Achou-se muita rapadura, farinha, etc.

Chegados ao Campo Largo, que dista da sobredita cachoeira menos de tres leguas, achou-se muito milho, arroz, etc.

Pelas 2 horas apanhou-se o vaqueiro desta fazenda, o qual declarou, que aqui havia dormido José Cavalcanti com uma tropa de quasi cem homens, mal armados; os quaes fugiram com a noticia da nossa aproximação, ou ouvindo as cornetas, e pensava que o senhor da fazenda fugira em companhia da mesma tropa.

Esta estrada não é má, é larga e plana, e em poucos lugares com alguns altos, não bous para a artilheria, povoados de catingas de jurema, e corre entre a serrinha de Santo Alberto e o serrote de Jatobá.

Aqui dormimos, e sahindo na manhã seguinte, tocou-se fogo á casa, que era nova, de pedra e cal a frente e repartimentos; foram tambem queimadas algumas casinhas da estrada, dando a isto lugar ou motivo uma carta que ahi se achou de convite, que o tal dono fazia ao commandante para ir-se ali aquartelar, que acharia toda a munição de bocca para a sua tropa, afim de nos impedir a passagem.

Daqui nos encaminhamos á matriz de Páos de Ferro, tres leguas de distancia. A estrada é boa e larga, e meia legua antes de entrar-se na povoação, vêm-se campos muito extensos, povoados de catingas de porco, cujas arvores estavam todas verdes, causando uma vista agradavel.

A povoação consta de quasi trinta fogos, alguns muito separados dos outros. Tem uma igreja matriz, que está reedificando-se em ponto maior. A casa do vigario, que está principiada, é o maior dos edificios profanos, e hade ser boa; as demais são pequenas, e a maior parte de taipa.

Estava a povoação deserta, e as casas fechadas. Ahi passamos a calma, e sahindo a tarde pelas quatro a cinco horas, fomos dormir em um grande campo quasi meia legua adiante. A povoação foi respeitada,em nada se tocou.

Daqui nos acompanharam dous homens voluntariamente.

Levantando o acampamento de madrugada,fomos no dia 16 para o Couto, quatro leguas de distancia, e nos aquartelamos no rio Apody, deixando a estrada, que levavamos para a villa do Rio do Peixe, a qual ia costeando o rio; e tomamos a outra a direita, que nos fez passar separados do Rio do Peixe quatro a cinco leguas. A estrada é boa, sempre aberta, á excepção d'um transito de meia legua, que é fechado, e as catingas mais bastas.

Aquartelamo-nos á borda do rio, onde haviam grandes póços de boa agua.

Aqui roubaram os soldados uma casa, d'onde tiraram rapaduras.

Pelas quatro horas deixamos este acampamento, e fomos aquartelar-nos no campo, em distancia de duas leguas, pouco antes da fazenda chamada Mocambo.

Na manhã do dia 17 marchamos, e fomos passar a calma do meio dia, tres leguas mais adiante,em uma fazenda chamada Antas; e sahindo de tarde, fomos dormir nos taboleiros, em uma travessia pouco antes da Lagoa do Cardoso, deixando por esse meio a estrada geral. Esta travessia é toda de máo caminho, e muito prejudicial a artilheria, que por elle se desmontou quasi toda.

Levantando o acampamento na manhã do dia 18, marchamos cinco leguas e meia, e fomos pernoitar ao Agreste.

Em caminho encontramos na passagem d'um riacho uma guerrilha, que nos fez fogo, matando-nos dous e ferindo a quatro, chegando a ponto de acabarem de matar os ditos dous a facadas, procedido em parte este desastre da má ordem em que ião esses seis soldados da guarda avançada, muito descuidadamente conduzindo um lote de bestas, e muito separados do restante da dita guarda.

Sahimos dahi da fazenda de Agreste a tarde, depois das cinco horas; em distancia de quasi meia legua achamos o inimigo emboscado na mata, o qual servindo-se como de trincheira das barreiras d'um riacho, que beirava a mata, fez-nos um fogo vivissimo, atirando até fechar-se a noite; porém afinal foi destroçado, chegando ao ponto de lhe tomarmos uma caixa de guerra. Ahi contaram-se vinte cadaveres dos mortos do inimigo, e pessoas que no outro dia se entranharam mais pela mata a examinar os estragos, que teria feito a metralha da nossa artilheria, descobriram mais onze cadaveres, que ao todo deve completar o numero de trinta e um, tendo nós somente dous mortos e alguns feridos levemente, a excepção de um só que dahi a dias falleceu. E como fechada a noite não podiamos continuar a marcha, retrocedemos para o mesmo acampamento, cujas casas estando abrasadas pelo fogo, passamos a noite no curral, trabalhando em cartuchame.

Na manhã do dia 19, quando pretendiamos marchar, appareceu-nos o inimigo pela rectaguarda; e sendo perseguido pelas linhas do 2.º e 4.º batalhões, e uma peça de artilheria, fugiu debandado.

Pondo-se em marcha a divisão, quando chegou á Ipoeira, estava ahi o inimigo em grande numero aquartelado junto á casa da fazenda, situada ao lado esquerdo da estrada, no fim de uma grande planicie, quasi a duzentos passos; o qual vendo as nossas linhas quasi a fechar-lhes o cerco, fugiu de-

bandado, deixando cinco mortos. Ahi tomou-se uma carga de malas do commandante Manoel Francisco de Almeida Catanho.

Continuamos a nossa marcha, e fomos passar a calma á fazenda chamada Rio do Peixe, aonde achamos signaes dahi haver estado ha poucos instantes o inimigo, e achamos uma caixa de guerra. Dormimos aqui; de noite depois de extendidas as linhas, o inimigo fez dous tiros sobre o acampamento, um dos quaes matou um animal da guarda avançada. Nesta fazenda nos morreu o alferes Jeronymo da Parahiba, que havia sido ferido no ataque do riacho, ao sahirmos dos Toirões. Esta fazenda dista do Agreste tres leguas.

Aos 20 levantamos o acampamento, e fomos com jornada de quatro leguas á fazenda do Olho d'Agua do Cavallo, propriedade de D. Isabel, viuva e irmã de um tal Hippolyto, que nos foi atacar ao riacho. A estrada era estreita, e de uma catinga muito fechada, onde se tivessemos inimigo, ahi nos podia fazer a fachina; mas nenhum encontramos, só ao entrarmos na fazenda, vimos alguns cavalleiros ao longe, e fóra da fazenda; os quaes fugiram ao toque das cornetas.

Perto da noite indo uns pretos apanhar capim e talos de milho verde, em um roçado fóra dos nossos piquetes, appareceram uns cavalleiros, que deram sobre elles uma descarga, o que motivou a rebate; e mandando-se um batalhão a explorar o campo, nesta diligencia foram os soldados dando pelos matos da estrada repetidos tiros, porém voltaram sem nada encontrar, e no entanto esteve todo o acampamento alerta, até que de todo nos persuadimos, que seriam os donos do roçado, que fizeram aquellas descargas para espantarem os pretos.

Nesta casa achou-se uma farda de official de cavallaria, toda cheia de sangue, a qual se julgou ser de algum official da guarda avançada do Filgueiras, que por ahi tivessem morto.

Aqui morreu-nos um sargento, que foi ferido no ataque do dia 18, no riacho do Agreste.

Sahimos daqui pela manhã a 21, e fomos pernoitar a Umariz, a seis leguas de distancia.

A estrada é má antes da Boa-Vista, por ter alguns fechados de matas e ser estreita. Não achamos resistencia em parte alguma.

Ao entrar em um lugar chamado Joazeiro, ou por outro nome Cajús Novos, encontramos o campo, casa e curral cheios de cadaveres, que se avaliaram em cento e cincoenta; e soubemos que tinham sido da guarda avançada do Filgueiras, commandada pelo capitão Maxy, homem de grande coragem, porém sofrego e imprudente, que não querendo esperar que se municiasse a sua gente, por julgar talvez que o inimigo fugisse delle só pelo seu corajoso aspecto, e não por temer as armas, adiantou-se levando unicamente cada soldado tres cartuchos embalados; mas que aconteceu, que ao chegar aquella fazenda, entretendo-se os soldados a dar o saque na casa, os inimigos que estavam de emboscada, sahindo rapidamente por todos os lados, cercaram-os, e como presentissem que se lhes tinha acabado o cartuchame, carregaram sobre elles com todas as forças, e foram-os matando até a baioneta. A tropa do animoso Maxy resistiu o quanto lhes foi possivel, e tambem derrotou a muitos dos inimigos; porém succumbiu á grande força, e morreu quasi toda, escapando bem poucos. Tal nos contaram a historia desta lamentavel catastrophe.

Continuando dahi a nossa marcha, quando passamos por uma fazenda denominada Cajus Velhos, ou.... deu a guarda avançada com um piquete, sobre o qual fez fogo e despersou-o, sem que elle nada resistisse; e chegando ao alto d'onde se descobre a primeira fazenda do Ceará denominada Boa-Vista, apresentou-se-nos o inimigo na casa da fazenda em não pequeno

numero de pé e á cavallo, extendeu suas linhas; porém depois de tres tiros de peça dispersaram-se todos, e não nos fizeram resistencia. Ao mesmo tempo apresentou-se-nos o inimigo tambem pela rectaguarda, contra o qual marchando o 4.º batalhão, o fez recuar.

Os commandantes, que estavam a frente desta tropa, que se nos apresentou pela vanguarda, eram o presidente do governo temporario do Icó, o padre Felippe Benicio, um dos que mostrou muita satisfação em assignar no Ceará a acta da confederação, e seu irmão o tenente coronel João André.

Ora, é de notar-se, que na occasião do fogo, no ataque do piquete dos Cajus, uma mulher, que ja vinha com dores, desde que o exercito se poz em marcha, pariu uma criança, e depois montou a cavallo, como si tal lhe não tivesse acontecido; e nem por isso soffreu incommodo algum.

Ao passar a nossa bagagem por uma mata, que ha entre a Boa-Vista e Umariz, deram sobre ella um tiro, que matou a Feliciano Barbosa da Silva; o qual enterramos no adro da igreja de Umariz. Soubemos ao depois, por nos contarem dos mesmos inimigos, que elles desenterraram-no, no outro dia, cortaram-lhe as orelhas e o nariz, e pozeram-lhe um páo na mão, exposto ás aves de rapina!....

Em Umariz passamos a noite, e o dia seguinte 22 até depois de jantar, por nos ser necessario refazer-nos de cartuchame. Aqui tivemos o maior trabalho possivel para achar agua para a tropa, por isso que os inimigos retirando-se d'ali, com a nossa chegada, obraram a maldade de aterrar todas as cacimbas.

Sobre a tarde do dia 22 fizemos marcha para irmos pernoitar além do Genipapeiro, fazenda dos carmelitas turonenses, em um alto proximo mesmo a fazenda; a qual está quasi despovoada.

Na manhã do dia 23 levantamos daqui e fomos descansar a Pendencia, fazenda dos mesmos carmelitas, a quatro leguas de distancia. A estrada é em muitas partes má para a artilheria, por ser montanhosa e pedregosa: tem um transito muito fechado, a que chamam a picada. Ahi soubemos haver uma guerrilha emboscada, por participação que nos fez um *calhambola*, que se prendeu. Assim foi: tivemos ahi fogo na frente, e quando este rompeu, rompeu igualmente na rectaguarda, a qual estava defendida pelo batalhão do major Agostinho Bezerra, com uma peça d'artilheria; resistimos sempre, sem parar a nossa marcha, e conseguimos debandal-os de todo, e apenas em todo esse espaço de vivo fogo só tivemos tres feridos e um delles gravemente.

Na Pendencia dormimos, e passamos muito mal d'agua. Sahimos dahi na manhã do dia 24, e fomos dormir quasi meia legua alem da villa de S. Vicente das Lavras, com quatro leguas de jornada.

Antes de chegarmos á villa, o inimigo nos appareceu na rectaguarda, e o capitão França, que marchou cobrindo a rectaguarda, os bateu, e os debandou, fazendo-lhes um prisioneiro; o qual sendo gravemente ferido, não tardou muito a expirar.

A villa estava quasi deserta, e as casas dos liberaes patriotas destruidas, segundo la mesmo nos contaram, pelas tropas do Rio do Peixe, quando por ahi passaram atraz do Filgueiras.

As estradas são largas, porém bordadas de matos, e cheias de altos e baixos pedregosos.

Aqui quebrou-se a carreta da peça da rectaguarda.

E' aqui de notar, que a fome já nos ia perseguindo muito. Um corneta do 4.º batalhão do Brejo de Areia, que era dextro tanto no seu instrumento, como em fazer fogo com uma granadeira na occasião do combate, neste dia se esvaeceu tanto de força em tocar e atirar, que cahiu desfallecido, e quasi expirante acaba a vida, a não ser um companheiro, que advertiu não ter elle

comido todo o dia antecedente, nem este até estas horas, que eram já duas da tarde. Dando-se-lhe, porém, uma pequena refeição, cobrou outra vez alentos e continuou a marcha.

A noite appareceu-nos no acampamento dous *calhambolas*, que nos deram do Filgueiras noticias aterradoras, que induziram aos dous irmãos Francisco de Paula Lima e José Joaquim de Lima a fugirem; e o mais é, que se portaram nesta fuga com muita baixeza e indignidade,pois que levando umas algemas, que souberam tirar ao laboratorio, onde existiam destinadas para megalha, metteram-se nellas como presos, e se foram apresentar ao major Lamenha, levantando nos a calumnia de que nós lhe tinhamos roubado toda a fazenda, que elles andavam por ali vendendo, e que em cima disso os haviamos mettido naquellas algemas, mas que elles tinham achado meios de se escapolirem, para se valerem delle Lamenha. Este, porém, percebendo nelles um não sei que de mentirosos, os mandou presos para o Pombal, onde fomos no regresso encontral-os na cadeia.

O inimigo depois de meia noite tocou corneta muito perto do nosso acampamento, e fez levantar-se a gente, e por-se em attitude de esperar um combate; porém até de manhã nada houve.

No dia 25, logo ao sahir do sol, levantamos o acampamento, e nos pozemos em marcha para ir descansar e pernoitar á fazenda de Santo Antonio, em distancia de quatro leguas. Apenas teriamos andado um quarto de legua, appareceram pela outra parte do rio uns tiroteios a cavallo; sobre os quaes dando a nossa guarda avançada, dispersaram-se. Para chegarmos á sobredita fazenda tivemos de atravessar seis vezes o rio Salgado.

As estradas são largas, porém com montes e valles ruins para a artilheria, e montes famosos para guerrilha. O inimigo não se soube aproveitar desta vantagem, e sómente nos entupio o transito com arvores, derribando-as em um riacho.

Não achamos gado algum nesta fazenda, d'onde sahimos na manhã do dia 26 de Novembro, e fomos dormir á Varzea Redonda,em distancia de cinco leguas.

As estradas sendo largas em geral, são com tudo montanhosas e pedregosas.

Antes de chegar a Varzea das Crioulas, que é uma grande planicie cercada de catingas, pouco bastecidas, ha uma passagem de um riacho, com uns mofumbos bastecidos e bordados por uma grande cerca de páos grossos: nestes mofumbos o inimigo havia postado uma linha de atiradores, fazendo em frente da estrada na passagem do riacho duas grandes e fortes trincheiras. O 1.º batalhão, que neste dia marchou na frente, vendo o lugar proprio para emboscada, deixou de lançar as linhas; e marchando em frente, o inimigo fez-nos fogo dos bamburraes; o 1.º batalhão lhe respondeu com um mais forte e ajustado de artilheria, avançando para a frente, rebateu o inimigo e lhe tomou as trincheiras. O inimigo desamparando o campo, e alguma matulutagem, que estava fazendo, fugiu debandado, deixando cinco mortos, cujos cadaveres avistamos.

Ahi tivemos nós tres mortos, entre os quaes foi o tenente Mafaldo, e um soldado, que estava vestido de couro, o 4.º batalhão a quem fez fogo por engano pensando ser *calhambola*; dous feridos gravemente e um de leve, que foi o tenente Ferreira.

Depois da acção e curativo do Mafaldo, o qual não morreu logo, sim pelas nove horas da noite no acampamento, continuamos a nossa marcha, e nos vimos engasgados em um apertado profundo e estreito, que estava todo atravessado de grandes arvores, que nos deram um trabalho penoso em desembaraçal-o.

Aqui tomamos dous *calhambolas*, um que havia estado no fogo, e de noi-

te fugiu, e outro velho, os quaes nos deram noticias aterradoras sobre o Filgueiras.

Acampamos-nos pelas seis horas no fim da Varzea Redonda, e gastamos a noite em fazer cartuchame.

Na manhã do dia 27 pelas dez horas levantamos o acampamento para irmos descansar ao Juiz, fazenda dos benedictinos de Olinda. Antes d'ahi chegarmos, achamos o caminho entupido com arvores. A estrada é má pelos montes e valles, de que se compõe. Chegamos afinal a mencionada fazenda por uma hora da tarde; gastamos o resto do dia e noite em fazermos cartuchame.

Fizemos proclamação aos Cearenses, mostrando-lhes qual era o aspecto da nossa divisão.

Na manhã do dia seguinte o tenente do 4.º batalhão Antonio José da Cunha, sahindo com mais sete para vaquejar o gado para a divisão, desertou, querendo levar comsigo os companheiros; o que se não effectuou, porque Francisco José Cardoso se lhe oppoz, e trouxe os outros para o acampamento.

Aqui, a falta de gado, vimo-nos obrigados a matar dous bois da conducção das peças.

Estavamos destinados a levantar pela manhã do dia 29 o acampamento, e seguirmos á villa da Missão Velha, e de lá continuarmos para o Crato a bater uma grande tropa de que tivemos noticia, que tinham levantado a bandeira de Portugal, deitando abaixo o estandarte brazileiro, que defendiamos. Eis que pelas quatro horas da tarde observou-se sobre o monte da nossa rectaguarda, em distancia de quasi uma milha, apparecer grande multidão de gente de pé e a cavallo, que logo suppuzemos inimigo.

O commandante da artilheria José Maria Ildefonso fez logo o seu dever, e com a peça de calibre 6 lhes fez tres tiros; e estendendo os nossos batalhões, se foram logo pondo em attitude de combate e em linhas para fazer-lhes o cerco; ainda houveram tiros de fuzil, quando levantando elles uma bandeira parlamentar, mandou-se cessar toda a manobra, e recebemos com toda a urbanidade e acolhimento o parlamentario, que trazia um officio do major Lamenha, convidando-nos a capitular, e aconselhando-nos a não proseguirmos em tão penosa e arriscada marcha; que voltariamos com elle, como irmãos e amigos, ao seio de nossas familias; que encontrariamos no imperador um pai, que nos receberia com clemencia, e não um barbaro sultão.

Este lisongeiro officio illudiu a maior parte da officialidade e tropa, que se rendeu, pensando sincera aquella persuasão dolosa; e assentaram em capitular e voltar para Pernambuco, em companhia do muito sincero e doloso Lamenha.

Com effeito, capitulamos em o dia 29 de Novembro, e fomos para o acampamento do major Lamenha, tendo este a precaução de mandar, que a nossa tropa fosse indo em pelotões por sua vez, afim de a poder desarmar como o fez.

Aqui é de notar-se a indignidade do commandante do 1.º batalhão o capitão João de Deus, o qual sem esperar que se concluisse o ultimo fecho do contracto da capitulação, tratou logo de passar-se com todo o seu batalhão para o acampamento do Lamenha, antes de ter ordem para isso.

Chegados ao dito acampamento, tratou immediatamente o Lamenha de mandar conduzir a todos os officiaes, e mais pessoas de alguma consideração, e os ecclesiasticos que ali se achavam, debaixo de prisão, para a villa das Lavras, até sua chegada na dita villa, que foi dahi a dous dias. Sahimos, pois, do acampamento do Lamenha, em a tarde do dia 29, escoltados, e fomos dormir a fazenda da Varzea das Crioulas, a tres leguas de distancia.

Na manhã do dia 30 sahimos dahi, e fomos chegar ao meio dia á villa

das Lavras, seis leguas de distancia, onde dormimos, e passamos a manhã do dia 1 de Dezembro, em que chegando todo o exercito e o major Lamenha, este fez a selecção que lhe pareceu, assentando serem cabeças os que separou para remetter adiante, e forão, a seu ver, o presidente temporario da Parahiba Felix Antonio, nós, o capitão França, Carneiro, Rangel, José Maria Ildefonso, Frei Antonio Joaquim das Mercês, o major Agostinho Bezerra, o Veras, o Vieira, o major Joaquim José Alves, Emiliano, o padre Ignacio Bento d'Avilla, o capitão Monte, o capitão Lazaro, o capitão Taveira Canelludo,o tenente José Gonçalves,e Frei João. Todos fomos entregues ao major Fonseca por anthonomasia Pastorinha, para nos conduzir a Pernamhuco, escoltados por dezeseis caçadores, um sargento, um alferes por nome Tapiti.

Sahimos assim das Lavras na tarde do dia 1 de Dezembro, e fomos dormir quasi meia legua de distancia, em um lugar denominado Volta, d'onde pondo-nos a caminho na manhã do dia 2, e com uma jornada de seis leguas, fomos jantar a S. Vicente, onde encontramos um homem, que dizia ser casado a quinta vez, e ter trinta e um filhos.

Daqui sahimos pelas tres horas da tarde, e fomos dormir ao Canto do Feijão, a tres leguas de distancia.

Em a manhã do dia 3, sahimos e fomos jantar á Lagoa do Mel, com um caminho de seis leguas. Passamos pela povoação de S. João, onde ha uma igreja por acabar; esta povoação é arruada e cercada de páos entre as casas, e sómente tem casas unidas junto á igreja, e estas mesmas são poucas, que não excedem ao numero de quinze.

A tarde do mesmo dia sahimos da Lagôa do Mel, e fomos dormir á villa de Souza, ou, por outro nome, a villa do Peixe, a seis leguas de distancia.

A villa de Souza é a melhor que hei visto nesta viagem, tem uma boa igreja; tem boas propriedades, formando um quadrado, com uma larga praça no meio. Aqui encontramos a tropa da Parahiba, constando de duzentos caçadores, cem de 1.ª linha, cem de milicias, commandada por Joaquim Moreira Lima.

As estradas são boas, largas, planas, e de taboleiros immensos.

Entramos nesta villa pelas sete horas da noite, d'onde sahimos no dia 4, e fomos jantar em uma fazenda chamada Mariz, a seis leguas de distancia.

Em caminho passamos pela Acauãa, onde mora o padre Luiz José e seu filho, que nos hospedaram o melhor possivel. Aqui almoçamos. A casa da Acauãa é a propriedade melhor das do sertão; tem uma capella pequena e nova, ficando-lhe muito pelo lado esquerdo um bom sobrado, e pelo direito uma grande casa terrea elegante, o que tudo faz um prospecto lindo aos olhos do passageiro.

Sahimos a tarde da fazenda Mariz, e fomos chegar a villa do Pombal pelas oito horas da noite, com uma jornada de quatro leguas. Ahi dormimos.

Esta villa é pequena, a casaria mal construida, sem regularidade; fomos recolhidos á casa da camara, onde fomos por algumas pessoas visitados, entre os quaes o vigario João Vicente Lopes Bandeira, natural de Goiana.

Aqui achamos presos os dous Limas, de que acima já fallamos.

Pelas tres horas da tarde do dia 5 largamos Pombal, e fomos dormir á Cachoeira, a tres leguas de distancia, e dahi sahimos sobre a madrugada do dia 6 pelas quatro horas, e fomos jantar á fazenda de Macapá, a oito leguas de distancia. As estradas não são muito boas por pedregosas, e com altos e baixos, e em uma grande extensão vae acompanhada da serra de Macapá.

Em caminho, a distancia de duas leguas, ha uma grande lagôa chamada dos Patos, cheia de muitos pedaços de muitas pedras, pelo que em tempo de inverno é intransitavel.

Sahimos de tarde, e fomos dormir a fazenda de Santa Gertrudes, a quatro leguas de distancia.

Na manhã do dia 7 sahimos e fomos jantar á freguezia de Patos, em casa do vigario Antonio da Silva Costa, o qual nos hospedou com muita affabilidade, jantando comnosco á mesa, e mais algumas pessoas do lugar; nos obsequiou bastante, e assaz. Dahi sahimos pelas quatro da tarde, e fomos pousar e dormir á Cacimba dos Bois, em duas leguas e meia de distancia.

As estradas são muito boas.

Daqui sahimos na madrugada do dia 8, e fomos ter a fazenda da Conceição do Estreito, fazenda que fica arredada da estrada meia legua para um lado da serra da Borburema; tem uma capella pequena, e muito arruinada; o dono della foi dos homens mais somiticos que hei visto.

Nesta jornada passamos pela chamada Passagem, cuja atmosphera, ventanias, ervas, e prospecto são da praia do mar.

Fizemos neste dia uma jornada de oito leguas, e aqui passamos a tarde e noite.

Na manhã ou madrugada do dia 9, fazendo um caminho de seis leguas, fomos jantar ao Carassá. Subimos a serra da Borburema pelo lugar chamado Estreito do Embuzeiro, que é um corredor entre duas pontas de serra com uma legua de extensão, e de muito máo caminho. A serra na sua maior altura por este lugar é de cincoenta e cinco a sessenta braças; e a sua maior largura de quatro a cinco leguas; a subida não é rapida, porém muito trabalhosa pelas muitas pedras; a estrada em geral é má. De Carassá sahimos á tarde, e, com caminho de duas leguas, fomos dormir á Lagôa do Badalo. Sahimos daqui as cinco horas da manhã do dia 10, e fomos em distancia de sete leguas jantar ao Riacho do Padre.

As estradas não são boas por serem pedregosas.

Aqui dormimos, e no dia seguinte 11 do mez sahimos de madrugada, e fomos jantar a S. Pedro, a oito leguas de distancia; e sahindo daqui de tarde, fomos com duas leguas e meia ao Logrador, indo no dia 12 entrar em Capina Grande a quatro leguas de distancia.

Nesta villa fomos visitado pelo Pita,e outras muitas pessoas de patriotismo e sentimentos liberaes do lugar, que mostraram extremamente consternar-se com a nossa sorte, entre os quaes foi um pardo chamado Manoel Alexandre, cuja generosidade nesta occasião não podemos deixar de mencionar; porque vendo-me e ao Mercês, faltos inteiramente de vestuario, visto que apenas possuiamos uma camisa, uma calça, e veste já rotas, que traziamos vestidos, porquanto toda a nossa fatiota tinha sido carregada pelos *calhambolas*, nas cargas que nos roubaram na descida da Pedra Lavrada, correu á sua casa, e trouxe para cada um de nós duas camisas, dous lenções, e um corte de veste, que nos apresentou vertendo lagrimas, e pedindo-nos que lhe houvessemos de perdoar aquella pequena offerta, que nada mais podia dar, attendida a sua pobreza; mas que o céo era testemunha dos sentimentos internos do seu coração, e de quanto desejava ter naquella occasião para nos offertar, pois lhe causava a maior compaixão possivel o ver em semelhante estado os verdadeiros filhos de sua patria.

Aqui em Campina Grande o nosso conductor, o major Pastorinha, portou-se comnosco malissimamente, pondo-nos sentinellas á porta da cadeia, em que nos metteu, e até dando ordem para não consentir subir lá gente, e separando-se do nosso rancho para ir jantar como lord em casa do commandante; e como mandasse-nos o jantar,foi por todos nós repudiado, porque ainda que presos não tinhamos perdido os sentimentos de homens de bem, para nos sujeitarmos a soffrer indignidades e vilezas. Passamos, pois, sem jantar, tomando apenas uma pequena refeição de bolachas, queijo e vinho, que alguns companheiros mandaram comprar; e com isto nos contentamos.

Pelas tres horas e meia da tarde sahimos de Campina Grande, para ir pernoitar a tres leguas de distancia no Caboclo de Cima, fazenda de Bento

Camporra, onde fomos bem hospedados pelos filhos do dito Bento; os quaes nos mandaram fazer uma boa ceia, e nol-a administraram elles mesmos com a maior urbanidade possivel. No dia seguinte 13 sahimos de manhã do Caboclo, e fomos jantar a povoação do Ingá, a sete leguas.

Aqui ha uma pequena capella.

Passamos em caminho pela povoação denominada Bacamarte, onde ha uma pequena capella e ainda por acabar. A casaria é de taipa.

Ao depois do jantar, sahimos e fomos pernoitar a quatro leguas de distancia na povoação do Mogeiro, em casa de Francisco Antonio Cabral, cunhado do Felix Antonio. No dia 14 pela manhã sahimos do Mogeiro, e fomos jantar á povoação da Serrinha, passando por Itabaiana.

A Serrinha tem uma igreja quasi toda arruinada, e cahida abaixo.

Tivemos nesta jornada um caminho de sete leguas.

Nesta estrada que não é muito boa por ter seus altos e baixos, ha duas leguas muito grandes.

Da Serrinha sahimos pelas tres horas da tarde, e fomos pernoitar a duas leguas e meia no engenho Jardim, cujo dono, que é Antonio Gomes, nos hospedou bem. Na madrugada do dia 15 sahimos dahi,e com uma jornada de seis leguas e meia, fomos chegar a Goiana pelas onze horas da manhã, onde querendo o major Pastorinha ficar, resolveu-se afinal a irmos aquartelar em o engenho de Bujary, a meia legua fora da villa, cuja propriedade pertence ao padre João Alvares de Souza, que nos acolheu muito bem.

Aqui fomos visitados por muitos homens liberaes de Goiana, que de proposito nos foram lá abraçar, e offerecer-nos seus serviços, e nos presentearam com bom peixe para ceiarmos, vinho, queijo, fructas e doce.

Ahi pernoitamos, e sobre a madrugada querendo-nos apromptar para seguirmos a viagem, demos por falta de alguns companheiros nossos, o presidente temporario Felix Antonio, o capitão França, o Emiliano, Veras, o Monte, o Vieira e Frei João de Santa Miquelina.

Ao depois de alguma diligencia, não se podendo descobrir os fugitivos, sahimos ao amanhecer do dia 16, e com viagem de cinco leguas fomos jantar ao engenho denominado Caga Fogo, onde fomos muito bem hospedados pelos donos. As 3 horas da tarde sahimos,e fomos pernoitar a tres leguas de distancia na villa de Iguarassú, onde fomos igualmente visitados por alguns homens liberaes, e bem hospedados na casa da camara, que é um famoso edificio; porém já tem o seu principio de ruina na parede de traz.

Desta villa, que dista de Olinda seis leguas, sahindo pelas seis da manhã do dia 17 de Dezembro, viemos entrar nesta praça do Recife a uma hora da tarde; e sendo conduzidos todos juntos á casa do general Lima, este homem nem comnosco quiz fallar, nem nos consentiu entrarmos, mandando-nos immediatamente conduzir mesmo da rua para os diversos destinos; aos mais enviou para a Fortaleza do Brum, e a nós, por um rol particular, nomeadamente eu, o Rangel, o padre Mercês, o Carneirinho, o major José Maria Ildefonso, o Agostinho e o padre Ignacio Bento, mandou-nos para a cadeia incommunicaveis em um calabouço, que d'antes servia de armario de guardar as cabeças dos enforcados.

Este infernal calabouço tem de comprimento treze palmos, e de largura é tão estreito que um dos companheiros, que era o mais alto d'entre nós, estando deitado tocava com a cabeça em uma parede, e com os pés na outra opposta.

O pavimento deste terrivel lugar estava todo alagado de alcatrão, que tinha derramado um barril rachado, que estava collocado a um dos angulos, de sorte que foi necessario mandarmos ver esteiras grossas para alcatifar; as quaes postas em duas ordens, assim mesmo não foram assaz para impedir que o alcatrão passasse alem, e nos emporcalhasse os corpos.

Este terrivel, estreito, e immundo calabouço é tão tenebroso, que estando nós unidos uns aos outros não nos avistavamos, porque nem um raio de luz por elle entrava, e unicamente por muito favor nos levava o 2.º carcereiro, de vinte em vinte e quatro horas, na occasião do jantar, um rolo, que se acendia unicamente em quanto enxergassemos os pratos, o que acabado, se acabava, e ficavamos envoltos nas trevas desta horrorosa masmorra, e mesmo até por este favor da luz ao jantar foi necessario que um dos companheiros untasse com dinheiro as mãos do dito 2.º carcereiro.

No dia 18 de Dezembro installou-se logo a execranda commissão, e fomos citados para ir responder a ella ao meio dia em vinte e quatro horas, o que senão podendo effectuar no outro dia, que era domingo, deixou-se para segunda feira em diante. Os primeiros, pois, que foram atados a este sanguinario tribunal, fui eu, o Rangel e o Agostinho.

Neste dia 18, chegaram presos dous dos fugidos, o Vieira e o Veras, os quaes foram mettidos no seguro ; e dahi a dias, sendo este ultimo mandado para bordo da embarcação do registro, tornou-se a evadir.

No dia 20 fui eu conduzido perante o assassino tribunal da commissão de que eram membros o general Francisco de Lima e Silva, presidente; juiz relator, Thomaz Xavier Garcia de Almeida; e vogaes,o coronel de engenheiros Salvador José Maciel, o tenente coronel de caçadores Francisco Vicente Souto ; o coronel de caçadores Manoel Antonio Leitão Bandeira ; o Conde de Escragnolle, que foi o meu interrogante.

Fui arguido de ter escripto no meu *Typhis* contra o imperador. etc. ; ao que respondí negando toda a accusação ; 1.º por que nos meus *Typhis* somente a doutrina, que constantemente se achava, era advogar a sagrada causa do imperio brazileiro, por dever de bom filho, amante da patria ; 2.º porque nesse tempo havia liberdade de imprensa, mesmo por um decreto de S. M. I. ; 3.º porque S. M. o imperador mesmo tinha ordenado em uma sua proclamação, que advogassemos a causa do Brazil, ainda mesmo que fosse contra a sua pessoa. O que tudo comprovei apresentando todos os meus impressos, (d) do imperador etc., como se achava em minha defeza, que dei por escripta em o dia 22 do mesmo mez. Com o que julgo, que a commissão julgando este meu processo com olhos de rectidão e humanidade, jámais me poderão sentenciar como incurso em o crime supposto de rebellião, para o qual jámais desejei concorrer, e nem em todo este Pernambuco jámais houve nesta epocha tal imaginaria rebellião. Salvo si representar o povo d'uma provincia ao imperante contra um homem, que não quer por presidente, apontando legitimas razões de sua inhabilidade, é ser rebelde. Salvo si o procurar confederar-se e unir-se com as outras provincias limitrophes para pedir instantemente ao imperador, que cumpra a sua palavra e juramento, que subindo ao throno solemnemente prestou, de permittir ao povo brazileiro o fazer livremente, por meio dos seus representantes em cortes, que elle sem justa causa e incompetentemente dissolveu,uma constituição inteiramente liberal, é rebeldia. Salvo, finalmente, si é ser rebelde o fugir para evitar a morte em companhia de um exercito, que marcha por todos os lugares de baixo da sombra do mesmo verde louro estandarte do imperio dado pelo mesmo imperador, proclamando por todos os termos dos mais interiores sertões vivas ao mesmo imperador constitucional, liberal, etc.

Em o mesmo dia foram responder igualmente á commissão o Rangel e o major Agostinho, e das suas respostas e defezas analogas collige-se o não haverem de sahir comprehendidos em sentença ao menos de pena ultima ; pois

---

(d) E igualmente o manifesto e mais impressos.

não existe o tal imaginario crime de rebellião, de que falsamente se lhes argue.

Até aqui foi este Itinerario todo escripto pelo sabio patriota; e o que segue por outrem no intento de dar a saber o resultado das sentenças sobre estes presos e outros.

Do dia 26 de Dezembro por diante, depois de terem respondido á commissão, o padre mestre Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o Rangel e o Agostinho foram tirados da horrida masmorra dos cabeças, e conduzidos para os quartos de cima na sala livre, porém ficando trancados incommunicaveis, sempre postos em maior allivio por existirem com claridade e mais desafogo; o que nos deixou em boa supposição, de que não seriam sanguinarias as sentenças. (e)

No dia 24, a repetidas instancias de empenhos, foi o Carneirinho passado para cima, e posto em um corredor, posto que incommunicavel; porém já desafogado. Ficaram sempre jazendo no infernal, tenebroso e immundo calabouço os tres presos, padre Mercês, José Maria Ildefonso e padre Ignacio Bento.

Aqui é de notar, que tendo José Maria Ildefonso alcançado tambem um despacho para ser dali tirado, comtado jámais pode conseguir, que o malvado carcereiro Antonio Nunes Vianna o houvesse de mudar; porque não tinha fallas energicas.

Deste modo ficaram todos tres padecendo o martyrio por mais de vinte dias; depois do que foram passados para o seguro, e dahi afinal para a sala livre.

Em o dia 10 de Janeiro, ao depois do meio dia, foi inesperadamente tirado do quarto, em que estava posto incommunicavel,o sempre digno de eterna memoria, o sabio, constante e nunca assas elogiado patriota liberal, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, para ouvir a sua sentença, barbara, sanguinaria e horrendissima, que veio cobrir de luto os bons Pernambucanos, e marcar nos annaes desta provincia uma epocha sempre lamentavel.

Este homem de seculo ouviu sem a maior perturbação a fatal sentença arbitraria, que o destinava a soffrer a pena ultima; ouviu-a sem deixar, d'entre a leitura desta infame e execranda sentença, de fazer ver aos circumstantes a falsidade de algumas aleivosas razões,que nella se apontavam como causal daquelle barbaro e inhumano proceder.

Foi immediatamente mettido no oratorio, onde sem jámais mostrar o menor sobresalto, antes ao contrario animado cada vez mais do espirito de constancia e fortaleza, só proprias de heróes, jámais cessou de fazer praticas sabias, discursos os mais bem demonstrativos do injustissimo proceder dos tyrannos contra o decoro e dignidade das nações e povos livres, e especialmente contra os honrados cidadãos, que procuravam esclarecer e illustrar os povos nos deveres de libertar a sua patria do jugo ferreo da oppressão e tyrannia. Estes sabios discursos eram a constante conversa com que entretinha

---

(e) Entretanto ficaram os outros quatro presistindo na medonha masmorra.

o official asssitente, e as sentinelas, dizendo-lhes por muitas vezes, que elles, que então serviam de apoio ao desposta, não tardariam mesmo a receber a ordinaria recompensa com que esse ingrato costumava tratar desprezivelmente aos proprios, que serviam de sustentaculos de seus indignos caprichos.

Nestes e semelhantes discursos continuou pelo espaço de tres dias, sempre mostrando na serenidade de seu semblante um ar alegre, e intermediando estas patrioticas conversas com algumas historias divertidas; e como lhe trouxessem religiosos franciscanos algum tanto estupidos, e outros que taes manigrepos e barbadinhos, para lhe fazerem a costumada assistencia religiosa, e confortarem com praticas devotas, elle com um ar de dignidade e de prudencia os despediu, dizendo-lhes ficava summamente agradecido ao seu religioso obsequio, porém que por ora não necessitava de instrucções sobre uma materia, de que elle se achava assás instruido; e que, quanto ao dever que tinha a preencher da confissão, elle tinha com quem melhormente confessar-se, que era o seu provincial dos carmelitas turonenses, a cuja religião pertencia, e que o mandaria chamar.

Deste modo despediu a todos estes, e mandou chamar o seu provincial, o padre mestre Frei Carlos de S. José, com o qual se confessou; e recebeu o Sagrado Viatico na manhã do dia 12, não cessando jámais de discorrer, e divertido como d'antes, até a hora de sahir para o patibulo.

No dia 12 ajuntou-se o cabido todo formado de cruz alçada, e juntamenmente religiosos de todas as diversas ordens, para representarem á commissão, que demorasse a execução sanguinaria daquelle sacerdote, até que viesse resposta d'uma supplica, que passavam a dirigir ao imperador; porém esta acção de humanidade e religiosa, em vez de ser attendida, ou ao menos recebida com a devida urbanidade a tão respeitavel corporação, ao contrario foi reputada por aquelles sanguisedentos membros da commissão como um acto de rebellião, e por isso nem quizeram ao menos permittir, que lá entrasse o sobredito cabido, mandando-se pelo Salvador prohibir-lhe a entrada, e despedil-o da porta de palacio, reprehendendo asperamente aos conegos e religiosos por se atreverem a obrar de semelhante maneira, que dava mostas d'uma nova forma de rebellião.

Aconteceu nesse mesmo dia na cadeia uma acção notavel, porque tendo-se elegido a um pardo preso Agostinho Vieira para servir de carrasco, este não só regeitou com a maior constancia dizendo, que jámais o fariam obrar semelhante acto de algoz do padre; mas até soffreu o mais martyrisante tratamento da parte dos soldados, que o carcereiro fez entrar na enxovia para o fazerem obrigar, por que estes deram-lhe com os couces das granadeiras sobre os peitos, que o deixaram por morto, e o dito preso soffreu tudo isto com a maior coragem dizendo, que o matassem muito embora, que elle não ia servir por força alguma de algoz em semelhante acto. O mesmo aconteceu com dous pretos tambem presos, que depois de tocados a couces d'armas, e até postos a ferros, e levados á força para o pé do patibulo, preservaram constantes em não quererem jámais servir de carrascos para enforcarem o padre; o que deu occasião a mudar-se a sentença de forca em sentença de fuzilação.

Na manhã do dia 13 de Janeiro de 1825, dia certamente de magua, luto e pranto eterno, foi esse grande heroe da patria ser barbaramente fuzilado, tendo a coragem de estar elle mesmo a mirar e ensinar ao alcaide como o devia amarrar á columna destinada para o alvo dos fuzis; e querendo principiar a fazer uma ultima pratica demonstrativa de seus patrioticos sentimentos liberaes, foi ali interrompido pelo seu provincial, o qual, como amigo e companheiro affectuoso, lhe pediu que se calasse; o que fez, cedendo á rogativa da estreitissima amizade, que consagrava ao sobredito padre mestre.

Desta maneira acabou-se a golpes de fuzis um sabio patriota, um varão

probo e virtuoso, um heróe pernambucano, por quem Pernambuco eternamente derramará saudoso pranto.

Daqui por diante se foram continuando as sanguinolentas execuções da tyrannica e monstruosa commissão.

No dia 20 de Janeiro seguiu-se a morte do capitão de guerrilha Lazaro de Souza Fontes, que foi enforcado; e a 3 de Fevereiro subiu ao patibulo com igual sentença Antonio Macario.

A 21 de Março, dia da procissão dos Passos de Jesus Christo, pelas duas horas da tarde entrou para o oratorio o major de pretos Agostinho Bezerra Cavalcanti, homem igualmente digno d'um pranto interminavel pelos seus heroicos sentimentos liberaes; o qual sendo de alguma instrucção, e vendo alguns religiosos e clerigos corcundas, que o vinham confortar, despediu-os com urbanidade, e pediu que só queria para seu confessor e assistente o padre mestre Frei Carlos de S. José. Com este se confessou e recebeu como christão o Sagrado Viatico, e subiu ao patibulo, onde foi enforcado, fazendo uma energica e bem tocante falla patriotica, na qual mostrava comprazer-se por ter a morte de heróe da patria, e finalisou o seu discurso rogando aos assistentes tres Ave Marias; uma á paixão de Christo, para que recebesse a sua alma no paraizo; outra pelos seus inimigos; e a ultima pelos martyres da patria.

E' de notar-se, que este homem tinha salvado de serem incendiadas em um certo dia as casas dos commerciantes europeus, contra quem a população se havia raivosamente enfurecido, por cujo não pequeno serviço e rasgo de humanidade e beneficencia todo o commercio fez uma representação á S. M. I. a seu favor. A mesma commissão o julgou tão digno de absolvição, que enviou a sua sentença, recommendada á innata piedade do imperador; e este não só confirmou a sentença de morte, mas até mandou positivamente, que se não demorasse a sua execução; pelo que sem se attender aos dias que a santa religião consagra aos seus mais sagrados mysterios, fez-se-lhe a execução na propria semana da paixão.

NOTA 7.ª

Para a degradação das ordens ao ecclesiastico condemnado, tiram-se-lhe as vestes da ordem, raspam-se-lhe as mãos, desfazem-lhe a tonsura etc. usando-se de certas formulas; as quaes se seguem á rogativa ao juiz secular, quando lhe é entregue o réo, conforme o pontifical romano: *Domine judex, rogamos vos cum omni affectu, quo possumus ut amore Dei, pietatis, et misericordiæ intuitu, et nostrorum interventu precaminum, miserrimo huic nullum mortis, vel mutilationis periculum inferatis.*

Tudo isto se observou com a innocente victima religiosa, conforme a respectiva provisão do bispo do Rio de Janeiro, que ficou inserta á pagina 95.

Mas, tenha passado a sentença em caso julgado, ou não sendo presénte ao acto da degradação o juiz, que a proferiu, que importancia e effeitos póde ter semelhante ceremonia?

No caso de que tratamos, a commissão militar era o juiz, e bem longe estava do lugar e acto da dita degradação; a quem então se dirigia a deprecação?

Ao vento?

Ajuize o leitor sobre tanta mascarada e escarneo contra a desvalida humanidade!

NOTA 8.ª

Concluida a noticia biographica como está, entendemos conveniente dar

na presente nota as tres cartas seguintes, copiadas das originaes, dirigidas por Frei Caneca. Essas cartas, que tivemos em nosso poder, servem para revelar os bons sentimentos religiosos do illustre martyr.

CARTA I

Carlota.

Minha chara afilhada. Recebi o teu bilhete, e ainda que me não disses-ses as tuas afflicções, eu bem as previa!

Esta vida, minha filha, é um tormento para todos que nascem; todos padecem, uns mais, outros menos; uns agora, outros depois: ninguem está isento de padecer. Nesta penalidade certa, não tens outro remedio, que recorrer á Deus, que nos soccorra com a paciencia e fortaleza; e pódes ficar certa, que a bondade de Deus não permitte, que nós, suas creaturas, estejamos sempre em tormentos. Elle tempera os males com os bens. Padecemos hoje, porém amanhã elle nos enche de consolações e desgraças; tudo está, em que nós recorramos á sua piedade, e nos cheguemos á elle com a nossa consciencia livre de culpas e peccados.

Faze por ter paciencia com os trabalhos desta vida.

O nosso cuidado principal, e todo se deve applicar em sermos felizes na outra vida, e isto conseguiremos observando as leis de Deus e da igreja, amando-nos uns aos outros, e perdoando os males, que os outros nos fazem.

Ama a tua Aiaiá, obedece-lhe, e consola-a nas suas afflicções. Ama a teus irmãos, e ao teu proximo; e deixa o mais por conta de Deus, o qual cuida mais dos homens, do que os homens podem pensar.

Si elle sustenta os peixes no mar, as aves no ar, e os animaes nas matas, como não te hade sustentar a ti e a teus irmãos, que elle fez á sua semelhança?

Confia na sua providencia, que não serás enganada. Si a mim me succeder algum mal, si eu te faltar de todo, não ficas ao desamparo; Deus não te poz nesta vida a minha fiusa, nem a de ninguem; Elle é quem te fez, Elle é quem te ha de sustentar.

Eu não sei qual será a minha sorte, mas seja qual for, eu e tu nos devemos conformar com a vontade divina; porque sem ella os homeus não podem nada. Tem paciencia, por tanto, e cuida muito em seres virtuosa, e deixa o mais por conta de Deus.

Elle te abençoe, e te dê fortaleza para supportares os trabalhos da vida, as perseguições. e todos os males, que seguem os mortaes por toda parte.

Teu padrinho que te estima e venera

O mesmo

CARTA II

Joanninha.

Minha afilhada do coração. Recebi o teu bilhetinho, que me deu muitos allivios ás saudades, que eu tinha de vossês todas. Eu sei quaes tem sido as tuas afflicções, e talvez que ellas me ferissem mais do que a ti mesma.

Qual é a pessoa, que neste mundo não padece?

Pouco importa que uns sejam ricos, outros reis, outros imperadores; to-

dos são homens, e basta isto para padecerem; muitas vezes um pobre, e que não tem estas honras do mundo, é mais feliz do que elles. Portanto conforma-te com a vontade de Deus; sem ella os homens nada podem fazer; por mais que elles empreguem todas as suas forças, nada conseguem.

Eu estou aqui, porque Deus assim o quiz; e o que houver de soffrer, é tambem por que elle assim hade querer. Os homens só são instrumentos da sua alta vontade; portanto recorre a Deus, que me dê allivio nas minhas penas, ou esforço para levar com resignação o que elle tem determinado, que eu soffra e padeça. Aqui mesmo hei tido allivios no meu penar; já tive noticias de ti e de teu irmão, o que não podia ter fóra daqui. Já Deus me deu esta consolação, e espero na sua bondade, que me ha de dar outras, si não for neste mundo, será no outro, para onde todos marchamos.

Eu pelo perigo, em que me acho, já nada te posso fazer. Agora só tens por ti a Deus e tua madrinha. Ella agora é tua mãe, ella te faça todo beneficio, pois bem sabes, que tua Aiaiá nada pode fazer-te.

Eu não sei qual hade ser a minha sorte, Deus é quem sabe; porem qualquer que seja, a recebo como vinda de sua mão bemfazeja.

Conforma-te com a sua vontade; e faze todos os esforços para o não offenderes, que d'elle terás todo o allivio, todo o socorro nos teus males. Ama a tua Aiaiá, obedece-lhe, sê-lhe humilde de coração, ama a teus irmãos, consola-os nas suas afflicções; e é quanto deves fazer nesta vida. Deus te abençoe, e te dê boa fortuna. Adeus.

Teu padrinho, que te ama

O mesmo

CARTA III

Anninha.

Minha afilhada das minhas entranhas; porque não me escreveste, como as outras? Porque nunca quizeste aprender. Eu bem te dizia, eu bem te chamava. Já vás sentindo as consequencias do não saberes; ainda estás em tempo de te emendares, trata de te applicares para o fim de saberes.

Ainda que não me dizes como tens passado com os meus trabalhos, eu bem o conheço; e quanto mais nisto penso, mais se me parte o coração; pois eu não sinto o meu estado por mim; porque já estou acostumado com trabalhos, e já tenho vivido bastante para não ter saudades do mundo. Todos os meus cuidados e afflicções são por causa de vossês, por vel-as tão desamparadas de soccorros humanos, bem que logo me consolo, por lembrar-me, que de Deus é d'onde nos vem todo o bem, e que por sua vontade é que os homens fazem beneficios aos outros.

Elle te queira soccorrer com a sua misericordia; elle te dê virtude no coração, para lhe fazeres bons serviços; para amares e obedeceres a tua Aiaiá; para amares a teus irmãos, e teres paciencia com os trabalhos da vida.

Lembra-te sempre que todos padecem, e ningnem è feliz, senão na outra vida. Adeus e o mesmo Senhor te abençoe.

De teu padrinho

O mesmo

NOTA 9.ª

Caetano Francisco Lumachi de Mello nasceu no dia 27 de Novembro de 1773 na freguezia de S. Pedro Gonçalves, da cidade do Recife; e seus paes foram o capitão de milicias Jacomo Lumachi, natural de Liorne, e sua mulher D. Maria da Conceição de Mello Barroso, natural da dita freguezia; avós paternos Caetano Lumachi, e D. Catharina Franciali; e maternos Antonio Gonçalves Barrozo, e D. Maria da Conceição e Mello, natural da freguezia de Serinhãem; bisneto materno de Manoel de Mello de Albuquerque,e de sua mulher Anna Clara Cavalcanti, e terceiro neto de Antonio Feijó de Mello. natural de Serinhãem, cavalheiro da ordem de Christo, e illustre capitão nas guerras da restauração de Pernambuco.

Baptisou-se Caetano Francisco Lumachi de Mello na igreja matriz da freguezia onde nasceu, e foram padrinhos o governador e capitão general de Pernambuco Manoel da Cunha e Menezes, e a viuva D. Maria da Conceição e Mello.

Sentou praça de cadete no regimento 2.º da armada real de Lisboa, e foi cavalheiro professo da ordem de Santiago da Espada, da qual transmutou-se para a de Christo. Obteve a mercê da serventia vitalicia de escrivão da mesa grande da alfandega de Pernambuco, nos termos que manifesta o respectivo alvará. Demittiu-se de cadete, com a permissão de poder usar do respectivo uniforme; e foi nomeado por patente regia sargento mór das ordenanças formadas na commenda de Trossos e Rossos da sagrada religião de Malta, com licença illimitada de tempo para residir em Pernambuco. Foi um cidadão reconhecidamente homem de bem, e merecedor da geral estima e respeito, de que inalteravelmente gosou.

A sua morte acontecida em 1827, foi annunciada nas folhas publicas com muitas expressões de sentimento e elogios bem merecidos á sua conducta publica e vida particular, e até com o seguinte soneto no *Diario de Pernambuco.*

Entretanto que monstros deshumanos
Vivem com a virtude em crua guerra,
Do justo, oh grande Deus! privas a terra?
Quem pode penetrar os teus arcanos!

Lumachi, o bom, no meio dos seus annos
Ao mundo para sempre os olhos cerra!
Dor penetrante subito se aferra
Nos tristes corações pernambucanos.

Mais que altivo epicedio, o geral pranto
Tua morte honrará, varão prestante!
Tu somente, oh virtude, podes tanto!

Tua alma, confundida em luz brilhante,
Gose a presença do tres vezes santo.
A patria te lamenta, o céo te cante!

Illm. e Exm. Sr. Ponho na presença de V. Exc. o requerimento de Caetano Francisco Lumachi de Mello, cavalheiro da ordem de Santiago da Espada, em que pede passagem para a ordem de Christo, que me foi remettido por aviso de 22 de Junho deste anno, para eu informar com o meu parecer. O supplicante é um dos empregados da alfandega desta villa, que tem sempre gosado de uma reputação honrosa; serve ha muitos annos com exactidão e assiduidade, e já teve a honra de servir a S. M. no extincto segundo regimento da armada real, e me consta que desde esse tempo tem tido sempre uma conducta irreprehensivel; pelo que me parece muito digno da graça que implora. V. Exc. com tudo decidirá como mais justo lhe parecer. Deus guarde a V. Exc. muitos annos. Recife de Pernambuco, em 14 de Outubro de 1818.—Illm. e Exm. Sr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal.—*Luiz do Rego Barreto.*

Illm. e Exm. Sr. Ponho na presença de V. Exc. um requerimento do actual escrivão da mesa grande da alfandega deste villa, Caetano Francisco Lumachi de Mello, em que pede a sobrevivencia deste officio para seu filho mais velho, que hoje existe, ou para aquelle que existir, quando se verificar esta mercê, o qual me foi apresentado para eu o fazer subir á presença de S. M. As ordens ultimamente recebidas sobre a divisão futura deste officio, foi que acordaram o supplicante do lethargo, a que uma esperança fundada na bondade com que S. M. tem attendido ás familias dos funccionarios publicos, o tinha levado. O supplicante é um chefe de familia honrado, é homem de costumes irreprehensiveis, tem uma numerosa familia, e tem servido sempre com muita distincção, e com muito zelo.

Nada posso dizer sobre os fins porque deve dividir-se o officio de escrivão da mesa grande; mas posso affirmar que o supplicante se faz digno pelas suas virtudes e seus bons serviços da contemplação de S. M. Deus guarde a V. Exc. por muitos annos. Recife de Pernambuco, em 7 de Dezembro de 1818.—Illm. e Exm. Sr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal.—*Luiz do Rego Barreto.*

André Vidal de Negreiros, do conselho de S. M. etc. quando S. M., que Deus guarde, foi servido mandar por carta de 27 de Julho de 1665, assignada pela sua real mão, ao Sr. conde de Obidos, vice rei, e capitão general de mar e terra deste estado, reformar a todo o exercito que demais da gente paga formou Francisco de Brito Freire nesta capitania, sendo governador della, e que como antigamente se fazia, nomeasse capitães das freguezias, assim para a infantaria das ordenanças, como para a cavallaria; em virtude da qual carta mandou o dito senhor conde vice rei, por provisão sua de 20 de Maio de 1666 se reformasse o referido exercito auxiliar; havendo juntamente por extinctos, e reformados os terços da infantaria das ordenanças e cavallaria, e todos os postos maiores e menores, de que elles se compunham; ordenando-se formasse em cada uma das freguezias capitão da ordenança, conforme o numero da gente que tivesse; e porque com a falta de Jeronymo de Mendonça neste governo ficou suspensa a execução das referidas ordens, e novamente o Sr. conde vice-rei me ordena que, na forma da de S. M., faça a reforma dos terços auxiliares, e proveja os postos da ordenança, como eu tiver por mais conveniente ao real serviço de S. M., dando-me para a fazer toda a autoridade e poder que elrei nosso senhor foi servido conceder-lhe com o mesmo cargo de vice-rei deste estado: e convém nomear capitão mór á Villa Formosa de Serinhaem, e seus termos, em que juntos á pessoa se achem qualidades e requesitos necessarios para bem exercer o dito posto: havendo

respeito a que todas estas e outras boas partes concorrem na do capitão Antonio Feijó de Mello, uma das principaes pessoas desta capitania, e ao bem que tem servido a S. M. fidelissima, que Deus guarde, na guerra proxima desta capitania de dezoito annos a esta parte, procedendo com satisfação nas occasiões de peleja, em que se achou, particularmente na do buraco de Santiago, quando os Hollandezes ahi quizeram fabricar uma torre; nos recontros que teve a sua companhia nas Estancias em que assistiu da villa e Páo Amarello, na da restauração da praça do Recife, acompanhando o seu mestre de campo Francisco de Figueiroa, quando foi render á Tamandaré a praça e fortaleza della: esperando delle que em tudo o que agora lhe tocar se haverá muito como deve á confiança que faço da sua pessoa e merecimento: Hei por bem, em virtude dos poderes que o dito senhor conde vice rei foi servido conceder-me, de o eleger e nomear, como pela presente elejo, capitão mór da Villa Formosa de Serinhãem e seus districtos, para que como tal o seja, use e exerça com todas as honras, graças, franquezas, privilegios, preeminencias, isenções e liberdades, que lhe tocam em razão do dito posto. Pelo que ordeno aos officiaes da camara da mesma villa lhe deem posse e juramento na forma costumada, de que se fará assento nas costas desta, e aos officiaes maiores e menores da milicia o honrem, estimem e respeitem por tal capitão mór, e os cabos, capitães, officiaes maiores e menores, da gente da milicia da dita villa, assim de pé, como da cavallaria, e moradores daquella jurisdicção lhe obedeçam, cumpram, e guardem suas ordens de palavra, e por escripto tão pontual e inteiramente, como si fossem dadas por mim mesmo. E para firmeza de tudo lhe mandei passar a presente sobre meu signal e sello das minhas armas, a qual se registará nos livros a que tocar. O alferes Francisco Dias de Silva fez nesta villa de Olinda, capitania de Pernambuco, aos 21 dias do mez de Abril, Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1667. O capitão Manoel Gonçalves Correa a fez escrever.—*André Vidal de Negreiros.*

Eu a rainha. Faço saber aos que este alvará virem, que tendo consideração a me representar Caetano Francisco Lumachi de Mello, que seu pae o capitão Jacomo Lumachi tivera a honra de me servir com toda a aceitação e prestimo, por espaço de vinte e quatro annos, no posto de capitão de uma das companhias do regimento da cavallaria auxiliar do termo da cidade de Olinda, sendo ao mesmo tempo um dos principaes accionistas da extincta companhia de Pernambuco, que ajudava o estabelecimento da mesma praça, e a pertencer-lhe como filho legitimo, unico herdeiro que presentemente existia do dito seu pae, não só a recompensa dos mencionados serviços, mas tambem o valor de uma sua sumaca, que sendo mandada por ordem do governador, que então era da mesma capitania, José Cesar de Menezes, carregada por conta da minha real fazenda com carnes para o Rio de Janeiro, e desta cidade para Santa Catharina e Nova Colonia do Sacramento, aonde fora levar lenhas, e apresionada pelos Hespanhoes, em cujo tempo se apoderaram da mesma Colonia, ficando por isso responsavel a minha real fazenda á satisfação da dita sumaca, e á quantia de setecentos e quatro mil réis, que vencera de fretes nas referidas viagens, como provava com a justificação, que offerecia: E a requerer-me a propriedade do officio de escrivão da mesa grande da alfandega da sobredita capitania de Pernambuco, com a qual se dava por satisfeito, e renumerado dos ditos serviços, e daquelle avultado credito, de que em tal caso logo desistia para não o repetir mais: A que attendendo e ao que informou o actual governador da mesma capitania, ouvindo o juiz da alfandega della, sobre que tudo respondeu o procurador de minha fazenda, que foi ouvido; e ao mais que me foi presente em consulta

do conselho ultramarino: Hei por bem fazer-lhe mercê, por minha real resolução de 12 de Dezembro do anno proximo passado, tomada na referida consulta, da serventia vitalicia do dito officio de escrivão da mesa grande da alfandega de Pernambuco, debaixo da condição de renunciar a beneficio da minha real coroa a todos os direitos que podesse ter contra a minha real fazenda por dividas, de que fosse credor á mesma. E representando-me o dito Caetano Francisco Lumachi de Mello haver desistido, na conformidade da dita resolução, de todo o direito e acção, que como credor podesse ter contra a minha real fazenda pelos mencionados serviços e dinheiros, pelo publico instrumento lavrado nesta corte em 7 de Janeiro do presente anno, nas notas do tabellião João de Almeida Rodrigues, lhe mandasse expedir os despachos necessarios: a cumprimento do que: Hei por bem fazer mercê da serventia vitalicia do officio de escrivão da mesa grande da alfandega de Pernambuco, visto estar satisfeita com a desistencia, que juntou, a condição com que lhe fiz esta mercê: Pelo que mando ao meu governador e capitão general da referida capitania de Pernambuco, ministros, e mais pessoas que tocar, que apresentando-lhes o dito Caetano Francisco Lumachi de Mello este alvará por mim assignado, registado nas mercês, e passado pela minha chancelaria, lhe façam dar posse da serventia vitalicia do mencionado officio, e lh'o deixem servir e exercitar durante a sua vida, si no em tanto eu não mandar o contrario, e haver o ordenado, si o tiver, e todos os próes e precalços que direitamente lhe pertencerem; e elle jurará na forma costumada, de que se fará assento nas costas deste alvará, que se cumprirá como nelle se contém, e valerá posto que o seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da ord. do livro 2.°, tit. 4.° em contrario. E deu fiança no livro 13 dellas a fl. 42 v. a pagar os novos direitos, que se liquidar dever do rendimento do dito officio, como constou do conhecimento em forma registado no livro 59 do registo geral a fl. 229. Lisboa, 31 de Janeiro de 1799.—*Principe.*

ADVERTENCIA

Com este 1.° volume, que entregamos á leitura publica, temos em meio a satisfação dos nossos compromissos como editores da presente obra.

Pertence, pois, ao dominio de todos pelo registro universal da imprensa a primeira parte da vida e producções litterarias e politicas do patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Pernambucano distincto por suas lettras e civismo.

Este serviço de importancia dupla, que interessa ás lettras e á historia da provincia, deve-se a sua realisação á uma Assembléa pernambucana, que autorisou a impressão da collecção incumbida ao illustrado commendador A. J. de Mello, e á um presidente pernambucano, que a executou em seu ardente amor e interesse patriotico pelo torrão natal.

Depois do vigario Barreto era consequente necessario Frei Caneca.

E sob esta face de apreciação, o governo fecundo do presidente Henrique Pereira de Lucena teria a sua corôa de gloria incompleta, si lhe não juntasse mais essa perola, que a gratidão impunha e a historia exigia.

O presente paga por esta forma ao passado uma divida de honra.

Ao *fiat* de um homem de vontade e compenetrado das necessidades multiplas da vida social, tirou-se do *limbo* uma pagina sublime de dedicação patriotica e de desenlace tetrico, que offerece a historia desta provincia.

Ora, a provincia de Pernambuco, tão opulenta de heroismo, desde os seus aborigenes intrepidos, até as gerações que lhes succederam na vida, havia senão descurado, ao menos descansado de muito na tradição apenas de seus feitos honrosos.

As paginas de sua historia brilhante ficarão, portanto, á memoria dos coevos; e esta, sem a immanencia da historia escripta,

não póde representar para a verdade da historia posteriormente trazida á imprensa outro papel, que não seja o assignalado em Estatistica á vida nomade com relação ao phenomeno do desenvolvimento da população de qualquer paiz.

E assim falham os principios da perpetuação dos factos em sua inteireza historica ; porque é certo, que a tradição longa desencandêa a ordem successiva e integral dos acontecimentos. e dá occasião a obliterarem-se da lembrança elementos, que os determinaram, e circumstancias importantes que os cercaram.

A insciencia da historia moderna da provincia é quasi geral entre nós.

A não ser um ou outro episodio, que a tradição tem consagrado mais vivamente, porem quiçá mais ou menos desvirtuado em si ou nas causas determinantes do acto, quem ha que conheça os movimentos occorridos nesta provincia em 1824, em suas circumstancias ?

Sabe-se, que naquelle anno conflagrou-se a provincia em uma revolução.

Tem-se ouvido confusamente a narração de peripecias, que sensibilisam corações ainda os mais rijos.

Apreciam-se mesmo alguns protogonistas daquelle drama sangrento sob prismas de occasião, e por tanto faceados diversamente e a capricho de quem os modéla

E é tudo, e nada mais se sabe dessa revolução ; por que não teve ella um historiador, como a de 1817 o teve no venerando Monsenhor Francisco Muniz Tavares, descido ha pouco a sepultura.

E os coevos daquellas eras baixam ao sepulcro.

Hontem foi um, hoje segue outro, e amanhãa talvez nem um reste ; porque são tão raros já os que ainda existem, que se podem declinar nominalmente em um instante ; *rari nantes in gurgite vasto.*

E no sudario desses que se vão da vida, envolvem-se os factos historicos da epocha ; e para nós mesmos do presente, que tão perto ainda estamos desse passado, forma-se assim uma nebulosidade difficil de romper na construcção da historia particular da provincia.

A presente publicação, porem, abre sulcos de luz nessa via nebulosa ; e por isso reputamol-a um serviço posthumo prestado pelo finado Commendador Mello á provincia de seu nascimento ;

e pela qual se desvelara e tanto fizera, quer politica, quer socialmente fallando.

A vida de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca compendia aquella quadra politica ; porque, como coryphêo da revolução de 1824, a sua vida sendo historiada, reproduz-lhe todas as phases principaes, que constituem uma pequena historia da mesma revolução.

Esta publiçação interessa, portanto, a todo o paiz, cuja historia geral nella encontra importantes materiaes, uma fonte genuina. e dados exactos de apreciação.

———

Uma ultima palavra ainda.

Em satisfação do que contractámos e para corresponder a confiança do governo da provincia. não temos nós os editores poupado esforços no sentido de apresentar uma edição nitida ; e sendo nisto poderosamente coadjuvados pelo Sr. Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos, sentimo nos levados nesta opportunidade á uma manifestação de agradecimento ao mesmo Sr. Dr., reproduzindo agora, por serem identicas as circumstancias, o que escrevemos por igual motivo quando editámos as obras do vigario Barreto.

Esse agradecimento, que folgamos de consignar nesta mesma obra, resulta do illustrado e officioso concurso, que nos elle prestou na mesma publicação, em proveito da qual dispensou, sem animo de proprio interesse, solicitude e tempo preciosos, sequestrados ao descanso de seus affazeres.

As differentes peças litterarias, que foram fornecidas e haviam sido collegidas, na entrega á estampa achavam-se sem a conveniente organisação methodica e systematica; e os variados escriptos em promiscuidade não guardavam a distribuição por assumpto ou materia analoga, essencialmente precisa á publicação de uma obra do genero da presente, na qual a belleza da forma deve corresponder á da essencia.

Esta lacuna foi preenchida cabalmente pelo Sr. Dr. Witruvio Pinto Bandeira.

Ao trabalho que teve, devem-se a classificação dos escriptos por modo racional, o grupamento methodico das materias com respeito a identidade ou analogia das mesmas, e o alinho material das secções da obra finalmente, dando-lhes assim a nitidez e a regularidade de formas, em que a entregamss ao publico.

Dedicado sempre ás glorias de sua provincia, e constante cultor das lettras patrias, não obstante o trabalho multiplicado que

sobre si pesa na gestão do Thesouro Provincial, cuja Inspectoria exerce, atarefou-se ainda da revisão typographica.

E quem sabe o quanto é enfadonho tal trabalho, só esse lhe apreciará o valor do serviço, prestado em taes condições e por mera graciosidade de um espirito, no qual actuam como principios determinantes aquelles generosos sentimentos.

Esta consignação seja a prova do nosso reconhecimento ao Sr. Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos, cujo trabalho forrou á provincia um dispendio, que deveria ter com o serviço de que elle se encarregou.

OBRAS

POLITICAS E LITTERARIAS

OBRAS

POLITICAS E LITTERARIAS

DE

FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

COLLECCIONADAS

PELO

Commendador Antonio Joaquim de Mello

EM VIRTUDE DA LEI PROVINCIAL N.° 900
DE 25 DE JUNHO DE 1869
MANDADAS PUBLICAR PELO EXM. SR. COMMENDADOR PRESIDENTE DA PROVINCIA

Desembargador Henrique Pereira de Lucena

TOMO II

1.ª EDICÇÃO

RECIFE

TYPOGRAPHIA MERCANTIL

1876

I

POESIAS

COLCHEA

DIRIGIDA AOS PRESOS DE ESTADO NA CADEIA DA BAHIA PELA SR.ª
D. CANDIDA LUIZA DE CASTRO

Os charos Pernambucanos,
De Olinda os filhos mimosos.

Passaram de ser humanos,
Divinos agora são
Dentro do meu coração
" Os charos Pernambucanos.
Desejara que os Bahianos
Os amassem gloriosos,
Para por elles ditosos
Terem lugar no meu peito,
Onde adoro com respeito
" De Olinda os filhos mimosos.

Diversos dos presos responderam áquella Sr.ª, glosando a mesma colchea.

Nisto acompanhou-os Frei Joaquim do Amor Divino Caneca,

cuja glosa aqui consigno, bem como em seguida o faço a outras colcheas, decima e cantata por elle consagradas a mesma protectora.

I

De Castro os dons soberanos,
E as grandes virtudes bellas,
As porão lá nas estrellas
" Os charos Pernambucanos:
De a conhecerem ufanos
Vivem já, e gloriosos
O seu nome, respeitosos,
Quanto o dér o engenho e arte,
Levarão por toda parte
" De Olinda os filhos mimosos,

II

De Castro o alto renome
Balisa não tem prescripta,
Tendo a virtude descripta
" Na doçura do seu nome:
Nem cores tempo consome
Da gloria do peito pio;
Pois regendo o alvedrio
Na idade das paixões,
Nas suas justas acções
" Traz seu maior elogio.

III

Quiz a sabia natureza
Contentar todas as bellas,
Dando a uma olhos de estrellas,
A outra gentil viveza;
Aquella dos labios presa
Traz a toda humanidade;

Esta a generosidade
A faz brilhar novo astro ;
Mas a belleza de Castro
" Excede em toda bondade. "

IV

Foi Judith em fortaleza
Da antiga Bethulia a gloria ;
Na Grecia eterna memoria
Deixou Phryne na belleza ;
Christina lá na frieza
Do pólo fez-se inflammante ;
Amelia na Austria possante
Conseguiu louvor profundo ;
E Castro é no novo mundo
" Da Bahia astro brilhante.

V

Quando as Parcas começaram
Fiar a vida de Castro,
De nova deidade um astro
Logo nella respeitaram.
Por Cloto ao fuso se ataram
Fios de ouro preciosos ;
Lachesis os fez vagarosos
No fatal fuso gyrar ;
Jura Atropos não cortar
" De Lilia os annos formosos. "

VI

Que vivam breves no mundo
Isabeis e outras taes,
Desejam muito os mortaes,
Que dellas tem mal profundo ;

Mas quando allivio jocundo,
Castro é aos desditosos,
Votos voam fervorosos
Aos altos céos dourados,
P'ra que sejam prolongados
" De Lilia os annos formosos. "

VII

DECIMA

Si amor vive além da morte,
Eterno o meu ha de ser;
Si amor dura só na vida,
Hei de amar-te até morrer.

GLOSA

Que um peito, Analia, sensivel,
Desses teus olhos ferido
Não te caia aos pés rendido,
Me parece um impossivel.
Antes só tenho por crivel
Que todo a ti se transporte,
E te preste amor tão forte,
Em teu serviço jocundo,
Que te ame alem do mundo,
Si amor vive além da morte.

Por essa força attractiva,
Que em ti pôz a natureza,
Minha alma d'antes illesa
Já de ti se vê captiva.

De amor n'uma chamma viva
O peito sinto-me arder ;
E si posso hoje prever
Os successos do futuro,
Entre os fogos de amor puro
Eterno o meu ha de ser.

Mais forte que o gordiano,
E' o nó que a ti me prende ;
Fica certa, que o não fende
Da morte o ferro tyranno ;
Por que trazer-te-hei de ufano
No fundo d'alma esculpida,
Ou ao nada reduzida
Deve ser a minha essencia ;
Que nego a sobrevivencia,
Si amor dura só na vida.

Em ambas supposições
Não és de mim separada ;
Que me estaes amalgamada
Da mente nas sensações :
E pois modificações
Só por si não podem ser,
Has de eterna em mim viver,
Si eu tenho uma alma immortal ;
Ou, si ella é material,
Hei de amar-te até morrer.

———

VIII

CANTATA

Amores e graças,
Em doce harmonia,
Celebram o dia
Em que appareceu
A formosa Lilia,
Presente do céo.
Cantemos, Bahianos,
Seus felizes annos.

Com ella a Bahia
Se ufana e gloria,
Porque toda é cheia
De raras virtudes,
Que arrostam valentes
Torpes vicios rudes.
Applaudem seus annos
Os Pernambucanos

Seus olhos divinos,
Como sol, brilhantes,
Os mais penetrantes
São de amor farpões,
Que, quantos encontram,
Rendem corações.
Festejae, humanos,
De Lilia os bons annos.

A formosa Dea
Adorada em Gnido
Deixa o pretendido
Reino da belleza,
Dos labios de Lilia
Vendo o filho preso.
Os fados tyrannos
Respeitem seus annos.

Os deoses do Olympo,
Si tal joia vissem,
Talvez despedissem
A Venus do céo,
Pois Lilia em belleza
A Cypria venceu.
Os deoses sobranos
Respeitem seus annos.

A doce ternura,
Sensibilidade,
Pela humanidade
Terna compaixão
Throno levantaram
No seu coracão.
Aos mortaes os damnos
Reparam seus annos.

Ornou-a Minerva
De idéas infusas,
E as lindas Musas,
Como a Sapho, assento
Entre si abriram
A este portento.
Os vates ufanos
Cantaram seus annos.

Penedos arrasta
Sua voz divina ;
Cantando, ella ensina

Que verificada
Se vê de Amphião
A voz fabulada.
Até inhumanos
Alegram seus annos.

O mundo encantado
De tanta bondade,
Louva a magestade
Dos deoses potentes,
Que a Lilia acordaram
Dons tão eminentes.
Os evos insanos
Respeitem seus annos.

IX

ODE

Sondar não queiras, musa, a luz que em Candida,
Formando um foco, mil virtudes inclytas
Lhe derrama na alma,
E que reflectem nitidas.

Mais que a progenie do engenhoso Dedalo
Serás punida, si tentar a analyse
Das acções, que a illustram,
Tua ousadia tumida.

Seria insania de seus dotes physicos
Querer formar um ramalhete florido,
Deixando as qualidades
Da alma nobre, benefica.

Mão caridosa, que enxugando as lagrimas,
Converte o pranto da innocencia misera
Em risos de ventura,
E' de Amalthea o symbolo.

Si geme o triste desgraçado, pallido,
Soffrendo os ferros sobre os pulsos lividos;
Si a carcomida fome
Chega o seu mal ao apice;

Si encarniçados o traquejam barbaros,
Abjecta prole do infernal Caligula,
A não seres, chegára
O seu tormento ao cumulo;

Si o debil peito do infeliz compunge-se,
E a soccorrel-o a humanidade move-a,
Sem que obste a catadura
Do inexoravel Cerbero;

Teus sentimentos, que se ostentam candidos
Aos semivivos, quebrantados animos,
Ah! quanto horror moderam
Do empestado ergastulo!

Então, quaes sombras fugitivas, lubricas,
Os feios monstros, que opprimiam victimas,
Espavoridos fogem
Ao inflammado Tenaro.

Já negras furias, que adejavam proximas
Aos limiares dos horrendos carceres,
Penetrar não se atrevem
Em seu recinto funebre.

D'aurea esperança aos gemebundos anchora,
O sacrosanto fogo aos semianimes,
Entristecidos peitos,
Tornas em grato jubilo

Oh ! quanto pode um coração magnanimo,
Que, prejuizos espalhando, abala-se,
E arranca o desditoso
Das mãos ferinas d'Atropos !

Salve, dia dos dias mais esplendidos,
Dia em que a mão do grande Jove, fulgido,
Mostrou ao universo
Uma deidade, Candida !

Dia só digno de o cantar os Pindaros,
Que os sons da lyra deduzindo harmonicos,
Elevam as espheras
A's mais subidas orbitas

E' hoje o dia, o nascimento celebre
Desta que um dia na morada olympica
Terá gloria perenne,
Entre coros angelicos.

Os bravos Euros sopeando Hippotades,
Murmure apenas de Favonio o halito ;
E os escarcéos serene
O proceloso pelago.

Sobre as copadas e floridas arvores
Trinem gorgeios mil formosos passaros,
Respirando o perfume
Das flores odorificas.

Tu, que reunes perfeições innumeras,
Pia, modesta, de escutar-me digna-te
Encomios, que não mancha
Negra lisonja esqualida

Assim teus dias, de males incolumes,
Idades contem, e no fim dos seculos
Teu nome venerando
Tenha memoria posthuma. (*)

(*) No 1.º volume acham-se outras poesias do autor, que por opportunidade da narração alli inseriram-se.

II

PRODUCÇÕES DIDACTICAS

BREVE COMPENDIO

DE

GRAMMATICA PORTUGUEZA

ORGANISADO EM FORMA SYSTEMATICA, COM ADAPTAÇÃO A CAPACIDADE DOS ALUMNOS

Poucas regras e muita reflexão
Com uso mui frequente, eis a maneira
Das artes aprender com perfeição.

DUCLOS.

POR

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

IDEAS GERAES DE GRAMMATICA

OU

ORIGEM DAS PARTES DELLA

Grammatica é a arte de reduzir á regras os principios communs a todas as linguas.

As linguas são compostas de phrases, ou de sentenças, ou de orações; as phrases de palavras; as palavras de syllabas; as syllabas de lettras; as lettras ou, o que é a mesma cousa, os sons são os primeiros elementos ou materiaes das linguas.

Nomes—Logo que os homens acharam os sons, isto é, as lettras, cuidaram em inventar palavras para designarem os diversos objectos, que se offereciam aos seus sentidos. Como cada um destes objectos é um ser animado, ou uma substancia inanimada, as primeiras palavras, em que se conveio, foram chamadas—substantivos—isto é, nomes de substancias.

Artigos—Para dispor ou advertir aos ouvintes, afim de tomarem-se os nomes em um sentido individual já determinado pelo discurso, inventaram-se pequenas palavras, para porem-se antes dos nomes, chamadas—artigos.—

Pronomes—Para evitar a repetição das mesmas palavras, quando os mesmos objectos se offereciam no discurso, foi necessario crear outras, que podessem exprimir as cousas, que se queria subentender: dahi a origem dos—pronomes—isto é, palavras, que representam os nomes.

Adjectivos—Fallando-se das cousas, é necessario dizer o que ellas são; foram, pois, ainda necessarias novas palavras para designarem os attributos e as qualidades das substancias: dahi a origem dos—adjectivos—isto é, palavras que se ajuntam aos nomes para mostrar-lhes as qualidades.

Verbos—Para expressar o que as cousas obram, etc. foram necessarias outras palavras que notassem a sua influencia, e as suas diversas operações: dahi a origem dos—verbos—que são por excellencia assim chamados; porque exprimem a existencia, a acção, a condição e a paixão dos seres.

Participios—As circumstancias dos discursos obrigaram os homens a procurar palavras para expressarem brevemente os attributos e as qualidades das cousas, e as suas durações; inventaram então palavras, que significassem como os verbos e terminassem como os nomes: eis a origem dos—participios.—

Adverbios—Considerando eloquentemente as diversas qualidades e acções, se descobriu logo que ellas eram susceptiveis de modificações innumeraveis, e por isso ainda foi necessario inventar palavras para designarem-se essas modificações: chamou-se-lhes—adverbios—; porque ellas se ajuntam aos verbos, afim de dar mais ou menos extensão as suas significações.

Nomes de numeros—A multiplicidade de individuos de cada especie, e a frequencia das acções de uma mesma natureza fizeram buscar para o futuro uma nova sorte de palavras, a especificar de uma vez objectos, causas e effeitos: dahi os—nomes de numeros.—

Preposições—Para denotar as relações, que as cousas tem entre si, e fixar a idéa de uma pela da outra, inventaram novas expressões, chamadas—preposições;—porque ellas precedem os nomes e os verbos.

Conjuncções—Frequentemente as cousas tendo relações remotas, era impossivel referil-as em uma phrase sem o soccorro de certas particulas, que por isso se chamam—conjuncções.—

Interjeições—Emfim, depois de se terem provido de meios sufficientes para designar a natureza, a especie, o numero, os attributos, a influencia, a existencia, as relações e as differentes modificações das cousas, se inventaram outras palavras para exprimir os movimentos subitos d'alma. Estas são as particulas ou as—interjeições,—que são mais ou menos numerosas, segundo o genio das linguas.

E' facil de ver por este detalhe, que a grammatica é fundada sobre nove especies de palavras, cujas origens são tomadas da natureza. Chamou-se-lhes as nove partes da oração; porque effectivamente não se pode proferir alguma palavra, que não pertença a alguma destas especies.

INTRODUCÇÃO

Grammatica portugueza é a arte que ensina a fallar, ler e escrever correctamente a lingua portugueza.

Divide-se em quatro partes: etymologia, ortographia, prosodia e syntaxe.

A etymologia é a primeira parte da grammatica, que ensina a origem das palavras.

A ortographia é a segunda parte da grammatica, que ensina a escrever com perfeição.

A prosodia é a terceira parte da grammatica, que ensina a ler com perfeição.

A syntaxe é a quarta parte da grammatica, que ensina a compor perfeitamente a oração.

Oração é um ajuntamento de palavras, pelo qual exprimimos os nossos pensamentos: consta de nove partes. Artigo, nome, pronome, verbo, participio, adverbio, preposição, conjuncção e interjeição.

Artigo é uma palavra, que se põe antes do nome para o particularisar.

Nome é uma palavra, que dá a conhecer alguma cousa.

Pronome é uma palavra, da qual se usa pelo nome.

Verbo é uma palavra, que significa a acção que alguem pratica ou recebe.

Participio é uma palavra, que significa como o verbo, e termina como o nome.

Adverbio é uma palavra, que se ajunta ao nome e ao verbo, para modificar as suas significações.

Conjuncção é uma palavra que serve de unir ou separar as partes da oração.

Preposição é uma palavra, que se põe antes do nome, para notar as diversas relações.

Interjeição é uma palavra, que significa os movimentos subitos d'alma.

PARTE PRIMEIRA

ETYMOLOGIA

LIÇÃO I

DO ARTIGO, NOME, E GENERO DOS NOMES

Artigo é uma palavra, que se põe antes do nome para o particularisar.

Divide-se em dous—definido, e indefinido.

Artigo definido é o que faz tomar os nomes em um sentido já determinado, v. g: *O, os, A, as.*

Artigo indefinido é o que faz tomar os nomes em um sentido vago, v. g: *Um, uns; Uma, umas.*

Genero dos nomes é a differença de sexo, que elles dão a conhecer ou pela significação ou pela terminação.

Divide-se em dous—masculino, e feminino—que se conhecem pela concordancia dos artigos com os nomes.

São do *genero masculino* os nomes que concordão com os artigos *o, as, um, uns*, v. g: *O homem, um homem.*

São do *genero feminino* os nomes que concordam com os artigos *a, as, uma, umas*, v. g: *A casa, uma casa.*

Chamam-se *communs de dous* os nomes, que ao mesmo tempo concordam com os dous artigos *o, a, um, uns*, v. g: O *guia*, a *guia*, um *guia*, uma *guia.*

Chamam-se *epicenos ou promiscuos* os nomes que concordam com algum dos artigos, *o, um*, ou *a, uma*; mas não exprimem os sexos, v. g: o *morcego*, a *cobra.*

Nome é uma palavra que dá a conhecer alguma cousa, v. g: *mesa, panno.*

Divide-se em dous—substantivo e adjectivo.

Nome substantivo é o que dá a conhecer a substancia da cousa, v. g: *homem, terra.*

Divide-se em dous—proprio e commum.

Nome adjectivo é o que dá a conhecer a qualidade da cousa, v. g: *verde, forte.*

Divide-se em quatro—qualificativo, gentilico, patrio e numeral.

Substantivo proprio é o que significa uma cousa particular, v. g: *Pernambuco.*

Substantivo commum é o que significa uma cousa de uma classe semelhante, v. g: *cidade.*

Divide-se em cinco—abstracto, physico, collectivo, augmentativo e diminuitivo.

Substantivo abstracto é o que significa alguma cousa, que não se pode ver e nem tocar, v. g: *virtude.*

Substantivo physico é o que significa alguma cousa, que se pode ver ou pegar, v. g: *terra.*

Substantivo collectivo é o que significa ajuntamento de cousas da mesma especie, v. g: *exercito.*

Divide-se em tres—total, mutiplicativo, partitivo.

Collectivo total é o que significa um ajuntamento completo, v. g: *tudo.*

Collectivo multiplicativo é o que significa o ajuntamento repetido algumas vezes, v. g: *duplo.*

Collectivo partitivo é o que significa parte do ajuntamento, v. g: *dezena.*

Substantivo augmentativo é o que significa a cousa augmentada, v. g: *santão.*

Substantivo diminutivo é o que significa a cousa diminuida, v. g: *santinho.*

Adjectivo qualificativo é o que significa a qualidade da cousa, v. g: *rouxo.*

Adjectivo gentilico é o que significa a nação, v. g: *Francez.*

Adjectivo patrio é o que significa o lugar do nascimento, v. g: *Pernambucano.*

Adjectivo numeral é o que significa a quantidade.

Divide-se em tres—cardinal, ordinal e distributivo.

Numeral cardinal é o que significa o numero vago, v. g: *um, dous, tres, etc.*

Numeral ordinal é o que significa o numero por ordem, v. g: *primeiro, segundo,* etc.

Numeral distributivo é o que significa o numero por classes, v. g: *de dous em dous, de tres em tres.*

O adjectivo ainda se divide em positivo, comparativo e superlativo, segundo o gráo da sua significação.

Adjectivo positivo é o que significa simplesmente a qualidade da cousa, v. g: *branco.*

Adjectivo comparativo é quando o positivo tem antes de si a palavra *mais,* v. g: *mais branco.*

Adjectivo superlativo é quando o positivo tem ou antes de si as palavras *muito, o mais,* v. g; *muito branco, o mais branco,* ou no fim a palavra *issimo,* v. g: *branquissimo.*

TABOA DOS ADJECTIVOS, QUE SENDO IRREGULARES NOS COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS, PODEM SEGUIR A REGRA GERAL

POSITIVOS	COMPARATIVOS	SUPERLATIVOS
Alto	superior	supremo, ou summo
Antigo	anterior	antiquissimo

POSITIVOS	COMPARATIVOS	SUPERLATIVOS
Baixo	inferior	infimo
Bom	melhor	optimo
Derradeiro	ulterior	ultimo
Externo	exterior	extremo
Grande	maior	maximo
Interno	interior	intimo
Máo	peior	pessimo
Pequeno	menor	minimo
Acre		acerrimo
Amavel		amabilissimo
Affavel		affabilissimo
Amigo		amicissimo
Aspero		asperrimo
Capaz		capacissimo
Celebre		celeberrimo
Chão		chanissimo
Christão		christianissimo
Commum		communnissimo
Defensivel		defensibilissimo
Difficil		difficilimo
Docil		dulcissimo
Facil		facilimo
Feliz	mais	felicissimo
Feroz		ferocissimo
Fiel		fidelissimo
Frio		frigidissimo
Horrivel		horribilissimo
Humilde		humilissimo
Integro		integerrimo
Louvavel		laudabilissimo
Miseravel		miserabilissimo
Nobre		nobilissimo
Pobre		pauperrimo
Sabio		sapientissimo
Sagrado		sacratissimo
Salubre ou saudavel		saluberrimo
São		sanissimo
Vão		vanissimo

LIÇÃO II

DO NUMERO DOS NOMES

Numero é a differente maneira de exprimir a unidade ou a pluralidade das cousas.

Os numeros grammaticaes são dous—singular e plural.

Numero singular é o que mostra uma só cousa; o que se conhece ou pela terminação dos nomes, ou pela concordancia delles com os artigos *o*, *a*, *um*, *uma*.

Numero plural é o que mostra mais de uma cousa; o que se conhece ou pela terminação dos nomes, ou pela concordancia delles com os artigos *os*, *as*, *uns*, *umas*.

Os nomes portuguezes acabam ou nas cinco lettras vogaes, *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, ou nas seis consoantes *l*, *m*, *n*, *r*, *s*, *z;* e fazem o plural por mudanças ou accrescimos de lettras.

Os nomes acabados nas vogaes, fazem o plural acrescentando-se-lhes um *s*, v. g: *casa*, *casas; leque*, *leques; lei*, *leis; bolo*, *bolos; cajú*, *cajús*.

Exceptuam-se os adjectivos numeraes cardinaes acabados nas vogaes, v. g: *trinta*, *sete*, *oito*, etc.

Os pronomes *que*, *se*, *isto*, *tudo*, *aquillo*, *eu*, que faz no plural nós, e *tu*, que faz no plural vós.

Os nomes acabados em *ão*, fazem o plural mudando uns para *ões*, outros para *ans*, e outros para *ãos*, v. g: *feijão*, *feijões; pão*, *pans; irmão*, *irmãos*.

Os acabados em *l*, mudam uns o *l* para *s*, outros para *eis*, *es*, *is*, v. g: *animal*, *animaes; papel*, *papeis; buril*, *buris; facil*, *faceis; pharol*, *pharoes; taful*, *tafues*.

Exceptuam-se *mal*, *consul*, que fazem no plural *males*, *consules*, e *cal*, que não tem plural.

Os nomes acabados em *m*, fazem o plural mudando o *m* para *ns*, v. g: *bem*, *bens; fim*, *fins; som*, *sons; atum*, *atuns*.

Exceptuam-se os pronomes *alguem*, *ninguem*, *outrem e quem*, que não soffrem alteração.

Os nomes acabados em *n*, fazem o plural acrescentando-se-lhes ao singular um *s*, v. g: *roman*, *romans; joven*, *jovens*.

Exceptuam-se *afan*, *abdomen*, *hymen*, *semen*, que não tem plural.

Os nomes acabados em *r*, fazem o plural acrescentando-se-lhes *es*, v. g: *pezar*, *pesares; prazer*, *prazeres; elixir*, *elixires; flor*, *flores; catur*, *catures*.

Exceptuam-se *ambar*, *nectar e ether*, que não tem plural.

Os nomes acabados em *s*, fazem o plural acrescentando-se-lhes *es*, v. g: *canabraz*, *canabrazes; revez*, *revezes; feliz*, *felizes; cos*, *coses; cruz*, *cruzes*.

Exceptuam-se *algemas*, *alviçaras*, *andas*, *andilhas*, *vesperas*, *complectas*, *matinas*, *laudes*, *fauces*, *preces*, *viveres* e outros, que são do plural; e *cahos*, *anus*, *e pus*, que não tem plural.

Os nomes acabados em *z*, fazem o plural acrescentando-se-lhes *es*, v. g: *paz*, *pazes; mez*, *mezes; raiz*, *raizes; atroz*, *atrozes; luz*, *luzes*.

LIÇÃO III

DOS PRONOMES

Pronome é uma palavra, da qual se usa pelo nome.

Divide-se em sete—pessoal, possessivo, reciproco, relativo, interrogativo, demonstrativo e indefinido.

Pronome pessoal é o que exprime as pessoas, que são seis—*eu*, *tu*, *elle* ou *ella*, *nós*, *vós*, *elles* ou *ellas*.

Pronome possessivo é o que exprime a posse de alguma cousa, v. g: *meu*, *minha*; *teu*, *tua*; *seu*, *sua*; *nosso*, *nossa*; *vosso*, *vossa*.

Pronome reciproco é o que faz retroceder a acção do verbo, v. g: *feriu-se*.

Pronome relativo é o que faz lembrar o nome antecedente, v. g: *que*, *qual*, *quem*.

Pronome interrogativo é o que por elle se pergunta alguma cousa com o ponto? v. g: *que*? *qual*? *quem*?

Pronome demonstrativo é o que por elle se mostra alguma cousa, v. g: *este*, *esta*, *isto*; *esse*, *essa*, *isso*; *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, e os seus compostos, v. g: *este mesmo*, *etc.*

Pronome indefinido é o que significa alguma cousa indeterminadamente, v. g: *alguem*, *outrem*, *ninguem*.

VARIAÇÃO DOS PRONOMES

O pronome *eu* muda para *mim*, depois das preposicões *a*, *de*, *em*, *para*, *por*, *contra*, etc. v. g: em lugar de se dizer *a eu*, *de eu*, etc., se diz *a mim*, *de mim*. Muda para *migo*, *nosco*, depois da preposição *com*, v. g: em lugar de dizer-se *com eu*, *com nós*, se diz *com migo*, *com nosco*. Muda para *me*, unido aos verbos, v. g: em vez de *dar a eu*, se diz *dar-me*.

O pronome *tu* muda para *ti*, depois das preposições v. g: em lugar de dizer-se *a tu*, *de tu*, etc., diz-se *a ti*, *de ti*, etc. Muda para *tigo*, *vosco*, depois da preposição v. g: em lugar de dizer-se *com tu* *com vós*, se diz *com tigo*, *com vosco*. Muda para *te* unido aos verbos, v. g: em lugar de dizer-se *dar a tu*, se diz *dar-te*.

Os pronomes *elle*, *ella*, mudam para *se*, depois das preposições, v. g: em lugar de dizer-se *a elle*, se diz *a si*, *de si*. Mudam para *sigo*, depois da preposição v. g: em lugar de dizer-se *com elle*, se diz *com sigo*. Mudam para *lhe*, unidos aos verbos, v. g: em lugar de dizer-se *dar a elle*, *a ella*, se diz *dar-lhe*, etc.

Os pronomes *que*, *qual*, *quem* mudam para *cujo*, *cuja*, etc., depois das preposições, v. g: em lugar de dizer-se *a que*, etc. se diz *a cujo* etc.

LIÇÃO IV

DOS VERBOS EM GERAL

Verbo é uma palavra, que significa a acção, que alguem pratica ou recebe.

Os verbos se consideram quanto ás significações, e quanto as propriedades.

Os verbos, considerados segundo as suas significações, se dividem em activos e passivos.

Verbo activo é o que significa a acção, que se pratica, v. g: *eu amo.*

Divide-se em transitivo, intransitivo ou neutro, relativo e reflexivo ou reciproco.

Verbo passivo é o que significa a acção, que se recebe, v. g: *eu sou amado.*

Verbo transitivo é aquelle, cuja acção passa de um a outro sugeito, v. g: *amo a virtude.*

Verbo intransitivo ou neutro é aquelle, cuja acção fica incluida no sugeito, que a pratica, v. g: *eu durmo.*

Verbo relativo é o que, alem de sua acção passar a outro sugeito, refere-se ainda a um segundo para completar a significação, v. g: *dar o livro a Pedro.*

Verbo reflexivo ou reciproco é aquelle, cuja acção recahe sobre o mesmo sugeito, que a pratica, v. g: *feri-me.*

Os verbos, considerados segundo ás suas propriedades, dividem-se em regular e irregular ou anomalo.

Verbo regular é o que segue alguma das conjugações.

Verbo irregular ou anomalo é o que não segue-as em tudo.

Divide-se em auxiliar e defectivo.

Verbo auxiliar é o que ajuda a compor os outros, v. g: *eu tenho amado.*

São quatro—ser, estar, ter e haver.

Verbo defectivo é o que precisa de algumas vozes, e por isso só se usa nas terceiras pessoas, v. g: *chove.*

Conjugação é a variação de terminação, que modifica a significação dos verbos por modos, tempos, pessoas e numeros.

Divide-se em regular e irregular.

Conjugação regular é aquella, cuja variação segue uma ordem determinada.

Conjugação irregular é aquella, cuja variação segue uma ordem indeterminada.

As conjugações são tres. A 1.ª é dos verbos que acabam em *ar*, v. g: *amar.* A 2.ª é dos verbos acabados em *er*, v. g: *receber.* A 3.ª é dos verbos acabados em *ir*, v. g: *admittir.*

Modos são as differentes maneiras dos verbos significarem; e são quatro—indicativo, imperativo, conjunctivo e infinitivo.

O modo indicativo é o que mostra a acção affirmativamente.

O modo imperativo é o que mostra a acção de mandar.

O modo conjunctivo é o que mostra a acção condicionalmente.

O modo infinitivo é o que mostra a acção indeterminadamente.

Tempos são os espaços, que marcam as acções; e são tres—presente, preterito e futuro.

Presente é o que significa o espaço actual, v. g: *o dia de hoje.*

Preterito é o que significa o passado, v. g: *o dia de hontem.*

Futuro é o que significa o que ha de vir, v. g: *o dia de amanhã.*

Pessoas são os objectos, que figuram na oração; e são tres—1.ª *eu;* 2.ª *tu;* 3.ª *elle* ou *ella*, no singular; 1.ª *nós;* 2.ª *vós;* 3.ª *elles* ou *ellas*, no plural.

LIÇÃO V

DOS VERBOS EM PARTICULAR

CONJUGAÇÃO DOS QUATRO VERBOS AUXILIARES

SER	ESTAR	TER	HAVER

MODOS INDICATIVOS

PRESENTES

SINGULAR		SINGULAR	
Eu sou,	Estou,	Tenho,	Hei,
Tu és,	Estás,	Tens,	Has,
Elle é,	Está,	Tem,	Ha,
PLURAL		PLURAL	
Nós somos,	Estamos,	Temos,	Havemos,
Vós sois,	Estaes,	Tendes,	Haveis,
Elles são.	Estão.	Tem.	Hão ou ha.

PRETERITOS IMPERFEITOS

SINGULAR		SINGULAR	
Eu era,	Estava,	Tinha	Havia,
Tu eras,	Estavas,	Tinhas,	Havias,
Elle era,	Estava,	Tinha.	Havia.

PLURAL		PLURAL	
Nós eramos,	Estavamos,	Tinhamos,	Haviamos,
Vós ereis,	Estaveis,	Tinheis,	Havieis,
Elles eram.	Estavam.	Tinham.	Haviam.

PRETERITOS PERFEITOS

SINGULAR		SINGULAR	
Eu fui,	Estive,	Tive,	Houve,
Tu foste,	Estiveste,	Tiveste,	Houveste,
Elle foi.	Esteve.	Teve.	Houve.

PLURAL		PLURAL	
Nós fomos,	Estivemos,	Tivemos,	Houvemos,
Vós fostes,	Estivestes,	Tivestes,	Houvestes,
Elles foram.	Estiveram.	Tiveram.	Houveram.

FUTUROS

SINGULAR		SINGULAR	
Eu serei,	Estarei,	Terei,	Haverei,
Tu serás,	Estarás,	Terás,	Haverás,
Elle será.	Estará.	Terá.	Haverá.

PLURAL		PLURAL	
Nós seremos,	Estaremos,	Teremos,	Haveremos,
Vós sereis,	Estareis,	Tereis,	Havereis,
Elles serão.	Estarão.	Terão.	Haverão.

FUTUROS CONDICIONAES

SINGULAR		SINGULAR	
Eu seria,	Estaria,	Teria,	Haveria,
Tu serias,	Estarias,	Terias,	Haverias,
Elle seria.	Estaria.	Teria.	Haveria.

PLURAL		PLURAL	
Nós seriamos,	Estariamos,	Teriamos,	Haveriamos,
Vós serieis,	Estarieis,	Terieis,	Haverieis,
Elles seriam.	Estariam.	Teriam.	Haveriam.

MODOS IMPERATIVOS

PRESENTES

SINGULAR		SINGULAR		
Sê.	Está.	Tem.	Ha.	Tu.
PLURAL		**PLURAL**		
Sede.	Estai.	Tende.	Havei.	Vós.

MODOS CONJUNCTIVOS

PRESENTES

SINGULAR		SINGULAR	
Eu seja,	Esteja,	Tenha,	Haja,
Tu sejas,	Estejas,	Tenhas,	Hajas,
Elle seja.	Esteja.	Tenha.	Haja.
PLURAL		**PLURAL**	
Nós sejamos,	Estejamos,	Tenhamos,	Hajamos,
Vós sejaes,	Estejais,	Tenhais,	Hajaes,
Elles sejam.	Estejam.	Tenham.	Hajam.

PRETERITOS IMPERFEITOS

SINGULAR		SINGULAR	
Eu fosse,	Estivesse,	Tivesse,	Houvesse,
Tu fosses,	Estivesses,	Tivesses,	Houvesses,
Elle fosse.	Estivesse.	Tivesse.	Houvesse.
PLURAL		**PLURAL**	
Nós fossemos,	Estivessemos,	Tivessemos,	Houvessemos,
Vós fosseis,	Estivesseis,	Tivesseis,	Houvesseis,
Elles fossem.	Estivessem.	Tivessem.	Houvessem.

PRETERITOS PERFEITOS

SINGULAR		SINGULAR	
Eu fora,	Estivera,	Tivera,	Houvera,
Tu foras,	Estiveras,	Tiveras,	Houveras,
Elle fora.	Estivera.	Tivera.	Houvera.
PLURAL		PLURAL	
Nós foramos,	Estiveramos,	Tiveramos,	Houveramos,
Vós foreis,	Estivestes,	Tivereis,	Houvereis,
Elles foram.	Estiveram.	Tiveram.	Houveram.

FUTUROS

SINGULAR		SINGULAR	
Eu for,	Estiver,	Tiver,	Houver,
Tu fores,	Estiveres,	Tiveres,	Houveres,
Elle for.	Estiver.	Tiver.	Houver.
PLURAL		PLURAL	
Nós formos,	Estivermos,	Tivermos,	Houvermos,
Vós fordes,	Estiverdes,	Tiverdes,	Houverdes,
Elles forem.	Estiverem.	Tiverem.	Houverem.

MODOS INFINITOS

PRESENTES IMPESSOAES

Ser	Estar	Ter	Haver

PRESENTES PESSOAES

SINGULAR				
Ser,	Estar,	Ter,	Haver,	Eu,
Seres,	Estares,	Teres,	Haveres,	Tu,
Ser.	Estar.	Ter.	Haver.	Elle.

PLURAL		PLURAL		
Sermos,	Estarmos,	Termos,	Havermos,	Nós,
Serdes,	Estardes,	Terdes,	Haverdes,	Vós,
Serem.	Estarem.	Terem.	Haverem.	Elles.

PARTICIPIOS DOS PRESENTES (ACTIVOS)

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

PARTICIPIOS DOS PRETERITOS (PASSIVOS)

Sido	Estado	Tido	Havido

O verbo *ser* chama-se substantivo, porque significa a affirmação por si, sem algum attributo.

Os verbos *estar*, *ter e haver* chamam-se auxiliares; porque, unidos aos participios de qualquer verbo, formam os seus tempos compostos, v. g: *nós estavamos deitados; elles tinham fugido; tu havias gritado, etc.*

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Am-ar	Receb-er	Admitt-ir

MODOS INDICATIVOS

PRESENTES

SINGULAR	SINGULAR	
o, as, a.	o, es, e.	o, is, e.
PLURAL	PLURAL	
amos, ais, ão.	emos, eis, em.	imos, is, em.

PRETERITOS IMPERFEITOS

SINGULAR	SINGULAR	
ava, as, a.	ia, as, a.	ia, ias, ia.

PLURAL	PLURAL	
avamos, aveis, avam.	iamos, ieis, iam.	iamos, ieis, iam.

PRETERITOS PERFEITOS

SINGULAR	SINGULAR	
ei, aste, ou.	i, este, eu.	i, iste, io.
PLURAL	PLURAL	
amos, astes, aram.	emos, estes, eram.	imos, istes, iram.

FUTUROS

SINGULAR	SINGULAR	
arei, ás, ará.	erei, erás, erá.	irei, irás, irá.
PLURAL	PLURAL	
aremos, areis, arão.	eremos, ereis, erão.	iremos, ireis, irão.

FUTUROS CONDICIONAES

SINGULAR	SINGULAR	
aria, arias, aria.	eria, erias, eria.	iria, irias, iria.
PLURAL	PLURAL	
ariamos, arieis, ariam.	eriamos, erieis, eriam.	iriamos, irieis, iriam.

MODOS IMPERATIVOS

PRESENTES

SINGULAR	SINGULAR		
a.	e.	e.	Tu.

PLURAL	PLURAL	
ai.	ei.	i. Vós.

MODOS CONJUNCTIVOS

PRESENTES

SINGULAR	SINGULAR	
e, es, e.	a, as, a.	a, as, a.
PLURAL	PLURAL	
emos, eis, em.	amos, ais, am.	amos, ais, am.

PRETERITOS IMPERFEITOS

SINGULAR	SINGULAR	
asse, asses, asse.	esse, esses, esse.	isse, isses, isse.
PLURAL	PLURAL	
assemos, asseis, assem.	essemos, esseis, essem.	issemos, isseis, issem.

PRETERITOS PERFEITOS

SINGULAR	SINGULAR	
ara, aras, ara.	era, eras, era.	ira, iras, ira.
PLURAL	PLURAL	
aramos, areis, aram.	eramos, ereis, eram.	iramos, ireis, iram.

FUTUROS

SINGULAR	SINGULAR	
ar, ares, ar.	er, eres, er.	ir, ires, ir.

PLURAL	PLURAL	
armos, ardes, arem.	ermos, erdes, erem.	irmos, irdes, irem.

MODOS INFINITOS

PRESENTES IMPESSOAES

ar.	er.	ir.

PRESENTES PESSOAES

SINGULAR	SINGULAR	
ar, ares, ar.	er, eres, er.	ir, ires, ir.
PLURAL	PLURAL	
armos, ardes, arem.	ermos, erdes, erem.	irmos, irdes, irem.

PARTICIPIOS DOS PRESENTES (ACTIVOS)

ando.	endo.	indo

PARTICIPIOS DOS PRETERITOS (PASSIVOS)

ado.	ido.	ido.

Ha uma quarta conjugação dos verbos acabados em *or*, que é só do verbo irregular *por*, e dos seus compostos, v, g: *compor*, *dispor*, *propor*, *repor*, *suppor*, *etc*,

A *voz passiva* de todos os verbos se forma do verbo substantivo *ser* com o participio passivo do verbo, que se quer na voz passiva, v. g: sou *amado*, sou *recebido*, sou *admittido*, sou *proposto*.

Os *verbos irregulares* da 1.ª conjugação são *dar*, *ficar*, e os acabados em *car*, *rogar*, e os acabados em *gar*.

Os *verbos irregulares* da 2.ª conjugação são *caber*, *crer*, *dizer*, *fazer*, *ler*, *ver*, e os seus compostos, *poder*, *perder*, *querer*, *saber*, *trazer e valer*.

Os *verbos irregulares* da 3.ª conjugação são *ir*, *pedir*, *seguir*, e os seus compostos, *rir e vir*.

Os *verbos irregulares* da 4.ª conjugação são *pôr*, e os seus compostos, v. g: *compor*, *dispor*, etc.

Os *verbos defectivos* são *acontecer*, *anoitecer*, *aprazer*, e os seus compostos, *aprover*, *feder*, *munir*, *relampaguejar*, *submergir*, *trovejar* e *chover*.

LIÇÃO VI

DOS PARTICIPIOS

Participio é uma palavra, que significa como o verbo, e termina como o nome.

Os participios se dividem em participios do presente ou activos, e participios do preterito ou passivos.

Os participios do presente ou activos são os tempos dos verbos que acabam em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*, v. g: *amando*, *recebendo*, *admittindo*, *transpondo*.

Os participios do preterito ou passivos são os tempos dos verbos, que acabam em *ado*, *ido*, *osto*, v. g: *amado*, *recebido*, *transposto*.

PARTICIPIOS PASSIVOS MUDAVEIS

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Aceitado	aceito	Juntado	junto
Annexado	annexo	Limpado	limpo
Apromptado	prompto	Manifestado	manifesto
Captivado	captivo	Matado	morto
Cegado	cego	Misturado	mixto
Descalçado	descalço	Molestado	molesto
Entregado	entregue	Occultado	occulto
Enxugado	enxuto	Pagado	pago
Escusado	escuso	Professado	professo
Exceptuado	excepto	Quietado	quieto ou quedo
Expressado	expresso	Salvado	salvo
Expulsado	expulso	Seccado	secco
Faltado	falto	Segurado	seguro
Fartado	farto	Sepultado	sepulto
Gastado	gasto	Soltado	solto
Ignorado	ignoto	Sugeitado	sugeito
Infectado	infecto	Suspeitado	suspeito
Inquietado	inquieto	Vagado	vago
Isentado	isento		

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Aborrecido	Aborrido	Escurecido	escuro
Absolvido	absolto	Extendido	extenso
Absorvido	absorto	Incorrido	incurso
Accendido	acceso	Interrompido	interrupto
Conhecido	cognito	Morrido	morto
Convencido	convicto	Nascido	nato
Convertido	converso	Pervertido	perverso
Corrompido	corrupto	Prendido	preso
Defendido	defeso	Resolvido	resoluto
Elegido	eleito	Rompido	roto
Enchido	cheio	Recozido	recoito
Envolvido	envolto	Suspendido	suspenso
Escrevido	escripto	Torcido	torto

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

Abrido	aberto	Extinguido	extincto
Abstrahido	abstracto	Extrahido	extracto
Affligido	afflicto	Frigido	frito
Cobrido	coberto	Imprimido	impresso
Concluido	concluso	Incluido	incluso
Confundido	confuso	Infundido	infuso
Contrahido	contracto	Inserido	inserto
Diffundido	diffuso	Instruido	instructo
Dirigido	directo	Opprimido	oppresso
Distinguido	distincto	Possuido	possesso
Dividido	diviso	Reprimido	represso
Elegido	eleito	Submergido	submerso
Erigido	erecto	Supprimido	suppresso
Exhaurido	exhausto	Surgido	surto
Exprimido	expresso	Tingido	tinto

LIÇÃO VII

DOS ADVERBIOS

Adverbio é uma palavra, que se ajunta ao nome ou ao verbo, para modificar as suas significações.

Os adverbios se dividem quanto ás suas formas, e quanto ás suas significações.

Os adverbios, considerados quanto ás suas formas, são simples ou primitivos, compostos e derivados.

Os *adverbios simples* são *hontem*, *onde*, *sim*, *logo*, *etc.*

Os *adverbios compostos* são *ante-hontem*, *assim como*, *logo que*, *já agora*, *com quanto*, *etc.*

Os *adverbios derivados* são *certamente*, *prudentemente*, *amavelmente*, *etc.*

Os adverbios, considerados quanto ás suas significações, são de quantidade, de qualidade, de tempo, de lugar, de ordem, de perguntar, de affirmar, de negar, de mostrar, de duvidar, de excluir.

ADVERBIOS DE QUANTIDADE

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICACÕES
Adur	apenas	Muito	em muita quantidade
Apenas	com escassez	Quanto	em quanta quantidade
Assás	bastantemente	Quasi	com pouca differença
Acerca	com aproximação	Sequer	ao menos
Mais	em maior quantidade	Tanto	em tanta quantidade
Menos	em menor quantidade		

ADVERBIOS DE QUALIDADE

ADVERBIOS	SIGNIFICACÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICACÕES
Assim	em tal maneira	Quiçá	quem sabe, talvez
Como	em qual maneira	Talvez	acaso

ADVERBIOS DE TEMPO

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICACÕES
Agora	nesta hora	Inda	nesta hora
Ainda	até esta hora	Já	neste instante
Amanhã	dia proximo futuro	Logo	neste tempo
Antes	em tempo antecedente	Nunca	em nenhum tempo
Asinha	depressa	Hoje	no dia presente
Até agora	até esta hora	Hontem	dia anterior ao de hoje
Avante	para o futuro	Quando	no tempo em que
Cêdo	em pouco tempo	Sempre	em todo o tempo
Depois	em tempo subsequente	Tarde	muito depois
Então	naquelle tempo		

ADVERBIOS DE LUGAR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Acolá	naquelle lugar	Dahi	desse lugar
Ahi	nesse lugar	Dali	daquelle lugar
Além	da banda contraria	Daqui	deste lugar
Algures	em algum lugar	Dentro	no lugar interior
Alhures	em outro lugar	Diante	no lugar anterior
Ali	naquelle lugar	Fora	no lugar exterior
Aquem	da banda de cá	La	nesse lugar
Aqui	neste lugar	Longe	em grande distancia
Arriba	no lugar de cima	Nenhures	em nenhum lugar
Atraz	na parte posterior	Onde	no lugar em que
Cá	neste lugar	Perto	em pequena distancia
Cerca	em torno		

ADVERBIOS DE ORDEM

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Aeito	por ordem seguida	Avante	adiante
Afim	finalmente	Antes que	precedentemente
Antes	primeiramente	Primeiro que	antes que

ADVERBIOS DE PERGUNTAR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Até quando ?	até que tempo	Porque ?	qual a maneira
Como ?	de que modo	Quando ?	em que tempo
Como assim ?	de que modo	Quanto ?	que quantidade
D'onde ?	de que lugar		

E assim todos os adverbios que tiverem depois o ponto interrogativo ?

ADVERBIOS DE AFFIRMAR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Assim	desse modo	Pois não	por que não
Deveras	com verdade	Sim	certamente.

ADVERBIOS DE NEGAR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Ainda não	actualmente não	Não	nada absolutamente
Debalde	em vão	Nunca	em nenhum tempo
Nada	cousa nenhuma	Tão pouco	jamais

ADVERBIOS DE MOSTRAR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Eis	tendes, vedes	Eis aqui	vedes aqui
Eis ali	tendes ali		

ADVERBIOS DE DUVIDAR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERRIOS	SIGNIFICAÇÕES
Acaso	casualmente	Porventura	acaso
Aliás	de outro modo	Quiçá	talvez
Bofé	com veras	Talvez	alguma vez

ADVERBIOS DE EXCLUIR

ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES	ADVERBIOS	SIGNIFICAÇÕES
Apenas	escassamente	Somente	sem companheiro
Só	unicamente	Tão somente	" "

Locução adverbial é uma phrase ou palavra, que equivale a um adverbio, ou vice-versa. Exemplos:

LOCUÇÕES	SIGNIFICAÇÕES	LOCUÇÕES	SIGNIFICAÇÕES
Alto	em tom alto	Certo	certamente
Attento	estar com attenção	Conforme	em conformidade
Baixo	em tom baixo	Excepto	com excepção
Barato	por preço barato	Pouco	pouca quantidade
Bastante	em quantidade bastante	Subito	rapidamente
Caro	por preço caro.		

LIÇÃO VIII

DAS PREPOSIÇÕES

Preposição é uma palavra, que se põe antes do nome para no tar as diversas relações.

Dividem-se em duas classes, isto é, umas entram na composição dos nomes e dos verbos, e lhes mudam as significações; outras se usam sós, ou soffrem alguma mudança, que se chama *contracção.*

PREPOSIÇÕES QUE ENTRAM NOS NOMES E VERBOS

PREPOSIÇÕES	SIGNIFICAÇÕES	COMPOSIÇÕES
Ab, abs	ausencia	ab-solver, abs-ter-se
Ante, anti	lugar anterior	ante-por, anti-pathia
Apar	lugar lateral	
Apos	seguimento	
Até	termo, fim	
Com	união	com-posição, com-por
Contra	opposição	contra-hir, contra-bando,
D'antes	antecedencia	
De, di, dis,	privação	de-feito, di-manar, dis-pen-
Desde	extensão	(sar
Entre	lugar medio	entre-ter, entre-mez
Ex, extra	lugar d'onde	ex-por, extra-hir
Im, in,	interior, negação	im-pedir, in-habil
Inter	lugar medio	inter-por, inter-medio
Intro	lugar interior	intro-metter, intro-versão
Junto	união	
Ob	lugar opposto	ob-ter, ob-tenção
Para	fim que se pretende	para-bem, para-fusar
Per	meio	per-mittir, per-feição
Perante	em presença	
Pos	lugar posterior	pos-por, pos-tinha
Pre	precedencia	pre-eminencia, pre-ferir
Pro	lugar onde	pro-metter, pro-curar
Re	duplicação	re-por, re-banho
Retro	lugar opposto	retro-ceder, retro-trahir
Sem	privação	sem-saboria
Sobre	lugar superior	sobre-por, sobre-salto,
Sub	lugar inferior	sub-missão, sub-trahir
Te	fim, limite	
Tras	lugar opposto	tras-passar, tras-lado

PREPOSIÇÕES QUE SOFFREM CONTRACÇÃO

A se contrahe em *ao*, *aos*, *as*, antes dos artigos definidos, v. g: *a o*, *a os*, se diz, *ao*, *aos*, *etc.*

De se contrahe em *do*, *dos*, *da*, *das*, antes dos artigos definidos, v. g: *de o*, *de os*, *de a*, *de as*, se diz *do*, *dos*, *da*, *das.*

Em se contrahe em *no*, *nos*, *na*, *nas*, antes dos artigos definidos, e pronomes, que principiam por vogaes, v. g: *em o*, *em a*, *etc. em este*, se diz, *no*, *na*, *neste*, *etc.*

Por se contrahe em *pelo*, *pelos*, *pela*, *pelas*, antes dos artigos definidos, v. g: *por o*, *por os*, *por a*, *por as*, se diz, *pelo*, *pelos*, *pela*, *pelas.*

LIÇÃO IX

DAS CONJUNCÇÕES E INTERJEIÇÕES

Conjuncção é uma palavra, que serve de unir, ou de separar as partes da oração,

Dividem-se em oito classes—copulativas, disjunctivas, condicionaes, causaes, conclusivas, comparativas, explicativas e adversativas.

Conjuncção copulativa é a que serve de ligar as partes da oração, v. g: *bemassim*, *com*, *e*, *item. outrosi*, *tambem*

Conjuncção disjunctiva é a que separa as partes da oração, v. g: *já*, *nem*, *ora*, *ou*, *quando*, *quer.*

Conjuncção condicional é a que sugeita a condição as partes da oração, v. g: *comtanto que*, *comquanto que*, *salvo si*, *sem que*, *si*, *sinão.*

Conjuncção causal, é a que dá a razão, v. g: *pois*, *porquanto*, *porque*, *visto que*, *que*, significando *a que.*

Conjuncção conclusiva é a que indica o fim da oração, v. g: *assim*, *alfim*, *emfim*, *logo*, *ora*, *pelo que*, *portanto*, *por conseguinte*, *por fim.*

Conjuncção comparativa é a que mostra o gráo de comparação, v. g: *assim*, *assim como*, *bem como*, *como.*

Conjuncção explicativa é a que exprime o modo, v. g: *as ditas.*

Conjuncção adversativa é a que denota a opposição, v. g: *ainda assim*, *ainda que*, *comtudo*, *em que*, *mas*, *porém*, *posto que*, *supposto que*, *todavia*, *etc.*

Além das conjuncções propriamente ditas, toda a palavra, adverbio, phrase adverbial, e outras locuções, que servem de nexo as proposições, podem-se chamar *conjuncções*, v. g: *como quer que*, *a não ser assim*, *tanto quanto*, *emquanto*, *onde quer que*, *mormente*, *certo que*, *si por acaso*, *isto é*, *para assim dizer*, *a saber*, *não obstante*, *toda a vez que.*

Interjeição é uma palavra, que significa os movimentos subitos d'alma.

Umas interjeições exprimem um só affecto, outras varios ao mesmo tempo, e outras pelo uso somente se conhecem as suas significações, segundo a occasião e o tom particular com que são proferidas.

As interjeições dividem-se em dezeseis classes, que são :

Interjeição de riso, v. g : *a, a, a.*
Dita de sobresalto, v. g : *ai, ai.*
Dita de silencio, v. g : *chist, sio, ta, chiton*
Dita de exhortar, v. g : *eia, eia.*
Dita de aversão, v. g : *irra, apre.*
Dita de chamar, v. g : *ó, ó lá, eia.*
Dita de desejo, v. g : *oxalá, ó.*
Dita de dor, v. g : *ui, ai, guai, an.*
Dita de parar, v. g : *ta. ta.*
Dita de animar, v. g : *sus, ora sus.*
Ditas de admirar e de espanto, v. g : *á, ó, ui.*
Dita de attenção, v. g : *ó, siu.*
Dita de mostrar, v. g : *eis.*
Dita de despertar, v. g : *alerta.*
Dita de repulsar, v. g : *fora, apage.*

PARTE SEGUNDA

ORTOGRAPHIA

LIÇÃO X

DA ESCRIPTURAÇÃO

Ortographia é a segunda parte da grammatica, que ensina a escrever com perfeição.

Escrever é representar os nossos pensamentos por meio de duas ordens de caracteres, chamados lettras e pausas.

Lettras são caracteres formados de dous signaes mathematicos, isto é, de um circulo e de uma linha recta, cujos nomes são vozes simples, v. g: *A, a, B, b, C, c, D, d, E, e, F, f, G, g, H, h, I, i, J, j, K, k, L, l, M, m, N, n, O, o, P, p, Q, q, R, r, S, s, T, t, U, u, V, v, X, x, Y, y, Z, z.*

Pausas são caracteres formados dos mesmos signaes mathematicos, cujos nomes são vozes compostas, v. g: *coma ou virgula , semicolon ou ponto e virgula ; colon ou dous pontos : periodo ou ponto final . ponto interrogativo ? ponto admirativo ! viracento ou apostrophe ' asterisco * obelisco ‡ caret ⌣ crotchet ou parenthese () hifen — indice ☞ paragrapho § secção ¶ cotacão " abraço ⁀ ellipse —— reticencia .... accento agudo ´, accento grave `, accento circumflexo ^, til ~.*

As vinte e quatro lettras, que compõe o alphabeto portuguez, dividem-se em duas classes—vogaes e consoantes.

As vogaes A a, E e, I i, O o, U u, Y y, sós ou unidas a uma, ou mais consoantes, formam as syllabas; e unidas a outras vogaes, formam os diphtongos.

As consoantes B b, C c, D d, F f, G g, H h, J j, K k, L l, M m, N n, P p, Q q, R r, S s, T t, V v, X x, Z z. só unidas a alguma vogal formam as syllabas.

Syllaba é o som resultante da pronunciação de uma vogal só, ou unida a uma ou mais consoantes, v. g: *a, ta, tra, tran, trans.*

Diphtongo é o som resultante da pronunciação de duas vogaes juntas.

Os diphtongos são doze *ai, ao, au, ei, eo, eu, iu, oe. oi, ou, ua, ui*; Exemplos *pai, não, causa, leito, céo, feudo, viu, heroe, boi, roubo, guapo, cuidado, etc.*

Escrevem-se lettras grandes somente em tres casos: no principio de qualquer discurso; depois de ponto final, interrogativo e admirativo; nos nomes proprios e de dignidades, de tribunaes, de

sciencias e de mezes. A primeira lettra de cada um verso na poesia deve ser grande.

A escripturação das consoantes dobradas é um objecto sugeito a opiniões. Veja a nota ‡

Coma ou virgula, escreve-se para separar as orações e os nomes distinctos, antes das conjuncções *e*, *nem*, *ou*, etc. e antes dos pronomes relativos, entre os verbos e entre os adverbios.

Semicolon ; escreve-se para dividir um periodo em partes, antes das conjuncções *mas*, *porém*, *nem*, *porque*, *ainda que*, *etc.* e quando uma sentença fica incompleta.

Colon : escreve-se quando se allega sentença de alguem, antes do adverbio *porque*, e da phrase *a saber* etc.

Periodo . escreve-se quando a oração ou o periodo finda em sentido perfeito.

Interrogativo ? escreve-se no fim da oração, pela qual se pergunta alguma cousa.

Admirativo ! escreve-se no fim da oração, que exprime compaixão.

Viracento ou apostrophe ' escreve-se quando se supprime alguma vogal.

Asterisco * escreve-se para referir alguma nota.

Obelisco ‡ escreve-se no caso precedente para mais instrucção.

Caret ⌣ escreve-se em baixo da palavra omittida.

Crotchet ou parenthese () escreve-se para incluir em algum discurso uma idéa particular, para mais intelligencia.

Hifen — escreve-se no fim da linha na palavra partida, para ligar os pronomes aos verbos, para formar de duas palavras uma.

Indice ☞ escreve-se para notar a passagem de algum autor.

Paragrapho § e secção ¶ escrevem-se no principio de um novo discurso.

Cotação " " escreve-se para se apresentar o pensamento de um autor pelas suas mesmas palavras.

Ellipse —— escreve-se para omittir partes do verso ou da sentença.

Abraço ⁓ escreve-se para ligar diversas cousas.

Reticencia .... escreve-se para suspender algum pensamento.

Accento agudo ´ escreve-se para fazer a syllaba longa.

Accento grave ` é inutil na ortographia portugueza.

Accento circumflexo ^ escreve-se para fechar o som das vogaes *e*, *o*.

Til ~ escreve-se para supprir as consoantes *m*, *n*.

PARTE TERCEIRA

PROSODIA

LIÇÃO XI

DA LEITURA OU PRONUNCIAÇÃO

Prosodia é a terceira parte da grammatica, que ensina a ler com perfeição.

Divide-se em accentos e figuras.

Ler é pronunciar as vozes representadas pelas lettras com as pausas, accentos e figuras.

Figuras são certo modo de escrever e pronunciar differente das regras estabelecidas.

Dividem-se em oito: por acrescentamento de lettras, por diminuição, por suppressão, por separação, por mudança, por transposição, por contracção e por dilatação.

As figuras por acrescentamento de lettras são tres: *prothese, epenthese e paragoge.*

Prothese acrescenta lettras no principio do nome, v. g: *alevantar* por *levantar.*

Epenthese acrescenta lettras no meio do nome, v. g: *Mavorte,* por *Marte.*

Paragoge acrescenta lettras no fim do nome, v. g: *martyre* por *martyr.*

As figuras por diminuição de lettras são tres: *apherese, syncope e apocope.*

Apherese diminue lettras no principio do nome, v. g: *sprito* por *espirito.*

Syncope diminue lettras no meio do nome, v. g: *esprito* por *espirito.*

Apocope diminue lettras no fim do nome, v. g: *marmor* por *marmore.*

As figuras por suppressão de letras são tres: *synerese, synalepha e ellipse.*

Synerese de duas vogaes do nome faz uma, v. g: *flauta* por *flauta.*

Synalepha supprime a vogal final do nome, v. g: *d' Oliveira,* por *de Oliveira.*

Ellipse supprime o *m* final do nome, v. g: *co a vida* por *com a vida.*

As figuras por separação de lettras são duas: *dierese e temese.*

Dierese dissolve o diphtongo do nome, v. g: *saude.*

Temese divide um nome em dous, v. g: *pro luxo.*

A figura por mudança de lettras do nome é *antithese*, que muda em *l o r* final do nome, v. g: *amál-o* por *amar o.*

Metathese é a figura por transposição de lettras, que inverte as lettras do nome, *v. g: droba* por *dobra.*

Systole é a figura por contracção, que faz breve a syllaba longa, v. g: *epócha* por *época.*

Diastole é a figura por dilatação, que faz longa a syllaba breve, v. g: *sófa* por *sofá.*

VICIOS DE PROSODIA

Barbarismo dá-se quando se pronuncia breve a syllaba longa e vice-versa, v. g: *telegrápho* por *telégrapho;* ou quando se pronuncia o verbo de uma oração na pessoa incompetente, v. g: *tu sois malvado* por *tu és malvado.*

PARTE QUARTA

SYNTAXE

LIÇÃO XII

DA SYNTAXE E DA ORAÇÃO EM GERAL

Syntaxe é a quarta parte da grammatica, que ensina a compor a oração.

Divide-se em simples ou natural e figurada.

Syntaxe simples ou natural é a recta composição da oração, segundo as regras estabelecidas.

Divide-se em syntaxe de concordancia e em syntaxe de regencia.

Syntaxe figurada é a irregularidade ou suppressão das partes da oração. Veja a nota ‡‡

Concordancia de syntaxe ou *grammatical* é a relação entre as partes da oração ou entre esta.

Divide-se em concordancia regular e em concordancia irregular.

Regencia de syntaxe ou *grammatical* é o poder, que uma parte ou oração tem sobre outra.

Divide-se em regencia regular e em regencia irregular.

Concordancia regular é quando as partes da oração ou esta segue o uso da lingua.

Esta concordancia deve observar-se entre as partes da oração; isto é, entre o sugeito e o verbo; entre o attributo e o sugeito; entre o adjectivo, pronome, e participio e o substantivo; entre as orações parciaes e as totaes; entre as orações subordinadas e a principal.

Concordancia irregular (solecismo) é quando ha discordancia nos mesmos casos precedentes.

Regencia regular é quando as partes regentes precedem claramente as partes regidas (complementos).

Regencia irregular é quando é o contrario pela ellipse.

Oração é uma reunião de palavras, pela qual exprimimos os nossos pensamentos.

Considera-se de tres modos: quanto á construcção, quanto á significação, quanto ao numero.

Quanto á construcção a oração divide-se em directa e indirecta.

Construcção directa é quando o agente precede ao verbo, e este ao attributo. E' simples quando a oração tem somente tres termos—sugeito, verbo e paciente; composta quando a oração

tem muitos sugeitos e attributos ; e complexa quando os tres termos são modificados por accessorios.

Construcção indirecta ou inversa é quando esta ordem é alterada.

Quanto á significação a oração divide-se em principal, absoluta ou independente, e em parcial ou subordinada.

Oracão principal é a que tem o verbo no indicativo.

Oracão parcial é a que tem o verbo no conjunctivo, ou no indicativo ligada a principal por meio de alguma conjuncção.

Divide-se em incidente e integrante.

Oração incidente é a explicativa ou restrictiva do sugeito, ou do attributo de outra oração.

Oração integrante é a do infinito ou do finito, nunca do imperativo, que serve de sugeito ou de attributo, ou de complemento de outra oração.

Quanto ao numero chama-se periodo quando o ponto ou discurso consta de quatro orações parciaes. Chama-se oração periodica quando consta de mais de quatro orações.

LIÇÃO XIII

DA SYNTAXE DE CONCORDANCIA EM PARTICULAR

As partes essenciaes da oração ou phrase são tres : sugeito ou agente, verbo ou nexo, paciente ou attributo.

Sugeito é a palavra, que exercita a acção do verbo.

Verbo é a palavra, que mostra a acção do sugeito.

Attributo é a palavra, que recebe a acção do sugeito, v. g: *Antonio educou a Pedro com todo o zelo.* Veja a nota ‡‡‡

A oração activa muda-se para a voz passiva deste modo: O paciente da activa *Pedro* passa para sugeito da passiva, o verbo *educou* passa para o mesmo tempo e modo da voz passiva, o sugeito da activa *Antonio* passa para paciente da passiva regido pela preposição *por*, o complemento *com todo o zelo* não soffre alteração, v. g: *Pedro foi educado por Antonio com todo o zelo.*

CONCORDANCIA DO VERBO COM O SUGEITO

Todo o verbo concorda em numero e pessoa com o sugeito da oração, v. g: *Antonio ama a virtude.*

Os verbos impessoaes *chover*, *trovejar etc.* tem os sugeitos incluidos em si, v. g: *Chove*, quer dizer *a chuva cahe.*

O sugeito da terceira pessoa se declara, v. g : *Antonio estuda.*

O sugeito da primeira ou da segunda pessoas se occulta, v. g: *Escrevi a Pedro. Mandaste a carta.*

O sugeito da primeira com outro da segunda pessoas de qualquer numero pede verbo na segunda pessoa do plural, v. g: *Eu e tu estudamos.*

O sugeito da segunda pessoa com outro da terceira de qualquer numero pede verbo na segunda do plural, v. g: *Tu e Antonio estudaes com assiduidade.*

Muitos sugeitos da terceira pessoa do singular, ou do plural pedem verbo na terceira pessoa do plural, v. g: *Antonio e os irmãos fugiram.*

Muitos sugeitos de differentes pessoas do singular pedem verbo na terceira pessoa do plural, v. g: *Eu, tu e Antonio marcharemos juntos.*

O relativo *que* pede verbo em qualquer numero, segundo os objectos a que se refere, v. g: *O homem que foi, ou os homens que foram a cidade, etc.*

O collectivo *tudo*, o negativo *nada* e as conjuncções *nem*, *ou*, levam o verbo ao singular, v. g: *As riquezas e os perfumes, tudo desapparece. As riquezas e os perfumes, nada faz a felicidade eterna. Nem a lei nem o castigo intimida ao homem. O ouro ou a prata agrada a todos.*

O infinito *haver* substantivado pede verbo em qualquer numero, v. g: *Podem ou pode haver homens que etc.*

O numeral *um e outro* e o negativo universal *nenhum* com substantivos occultos pedem verbos em qualquer numero, v. g: um e outro, ou nenhum nem outro apparecia ou appareciam; mas com os substantivos claros pedem verbo no numero dos substantivos, v. g: *Um e outro negocio me agrada.*

CONCORDANCIA DO ATTRIBUTO COM O SUGEITO

O attributo sendo substantivo commum concorda em numero com o sugeito, v. g: *Antonio é homem.* Mas sendo adjectivo concorda em genero e numero com o sugeito, v. g: *Antonio é prudente.*

Os infinitos e os participios do presente dos verbos activos tem attributos como si estivessem no modo finito, v. g: *Amar ou amando as virtudes.*

Muitos sugeitos ou attributos, os segundos concordam com os primeiros nas mesmas relações pela identidade do mesmo verbo, do mesmo artigo, e das mesmas conjuncções repetidas, v. g: *A vida e a morte é util e justa.*

CONCORDANCIA DOS ADJECTIVOS COM OS SUBSTANTIVOS

Os adjectivos, pronomes e participios, concordam em genero e

numero com os susbstantivos, v. g: *Homem honrado. Meu livro. Van esperança.*

Muitos substantivos do singular do mesmo ou de diverso genero concordam com os substantivos occultos, *entes, objectos, pessoas ou cousas*, v. g: *As virtudes e os vicios são* (cousas) *oppostas.*

Muitos substantivos de diverso genero e numero concordam com o adjectivo na terminação masculina do plural, v. g: *O pae e as filhas são* (entes) *formosos.*

Si os substantivos exprimem cousas inanimadas pedem adjectivo, ou no numero em que estiver o substantivo mais proximo para com este concordar, ou no plural concordando com aquelles occultos v. g: *A justiça, a lei, o premio e o castigo deve ser respeitado, ou devem ser* (objectos) *respeitados.*

Si os substantivos são de diguidades e officios, os adjectivos concordam com o genero da pessoa a quem se falla, v. g: *Vossa magestade é justo.*

O artigo definido *o* anteposto aos adjectivos para os substantivar é invariavel em genero e numero, v. g: *O bello da funcção era a dansa ou eram as dansas.*

Os adjectivos, participios ou adverbios *excepto, mediante, salvo, não obstante, supposto etc.* concordam com alguns *substantivos* occultos, e não com os que os regem, v. g: *excepto* (o numero de) *algumas pessoas.*

O pronome pessoal *vós*, usado em lugar de *tu*, concorda com o adjectivo no singular, v. g: *vós sereis respeitado.*

CONCORDANCIA DAS ORAÇÕES PARCIAES COM AS TOTAES

As orações incidentes e integrantes, ligadas as totaes pelo relativo *que*, concordam em genero e numero com os sugeitos ou attributos das orações totaes pelas posições immediatas, v. g: *O homem, que ama as lettras, respeita aos homens, que são virtuosos.*

Nas orações integrantes o *que* é invariavel, e ellas concordam com as totaes, entendendo-se sempre o antecedente *isto*, v. g: *Antonio quer que* (isto) *se faça.*

As orações integrantes do infinito impessoal concordam com as totaes por ser o sugeito do verbo regido o mesmo do verbo regente v. g: *Gostarás de ler.*

Si o infinito é pessoal as orações integrantes não concordam com as totaes por ser o sugeito do verbo regido differente do verbo regente, v. g: *Gostarás de leres* (tu).

CONCORDANCIA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS COM A PRINCIPAL

A proposição responsiva concorda com a interrogativa por de

pender do mesmo verbo, excepto na pessoa, v. g: *Quem és? sou Antonio.*

As proposições subordinadas concordam com a principal por meio das conjuncções, adverbios e phrases conjunctivas, v. g: *Antonio, quando se retirou da cidade, entregou aos amigos tudo o que sem trabalho tinha adquirido, sem que alguem o obrigasse a obrar dessa maneira.*

CONCORDANCIA IRREGULAR OU SOLECISMO

Solecismo é a falta de regencia ou de concordancia.

Ha solecismo entre as partes da oração, entre as orações parciaes e as totaes, e entre as orações totaes.

Solecismo entre os termos da oracão dá-se:

Quando se usa de substantivo commum no plural, depois dos adjectivos um e outro, nenhum nem outro, v. g: *um e outro homens etc.*

Quando se usa de verbo no plural depois dos adjectivos cada, cada um, cada qual, v. g: *Cada qual faziam etc.*

Quando se usam, ou se omittem os artigos; os pronomes são unidos aos substantivos, bem como as preposições fóra das regras, v. g: *O pae e mãe. Todo homem. Com successos.*

Solecismo entre as orações parciaes e totaes dá-se:

Quando se usa do relativo *que* em lugar de *o qual*, *a qual*, ou *a quem*, depois de um ou mais substantivos, causando ambiguidade, v. g: *Pedro é homem, que muito estimo, etc.*

Quando se usa dos participios activos com sugeitos differentes, v. g: *Foram a cidade, sendo mandado, etc.*

Quando se usa nas orações integrantes da forma pessoal no primeiro caso, e da impessoal no segundo, v. g: *vens para me veres, e não para te ver, etc.*

Quando se usa do pronome *cujo*, em lugar de *que*, *qual*, *quem*, v. g: *O homem, cujo não conheço*, etc.

Solecismo entre as orações totaes dá-se:

Quando não ha correspondencia entre as conjuncções, e por isso a oração principal não coincide com as parciaes, v. g: Si, em lugar de se usar de *ainda que* ou *comtudo*, se usa de *assim tambem*; e si a oração começa por *assim como*, e acaba por *comtudo*, causando ambiguidade.

LIÇÃO XIV

DA SYNTAXE DE REGENCIA EM PARTICULAR

Regencia regular—Nas phrases ou orações ha partes regentes, partes regidas, e partes que nunca são regidas.

Partes regentes são as que dirigem as significações das outras; que são verbo, adjectivo e preposição.

Verbo rege substantivo, v. g: *Amo a Deus. Escrever cartas. Ensinando aos homens.*

Adjectivo de significação relativa rege substantivo, v. g: *Sugeito ás leis. Dado á instrucção.*

Preposição rege qualquer parte da oração, v. g: *De Antonio. Com eloquencia. Para estudar, etc.*

Partes regidas, (complementos) são aquellas cujas significações são dirigidas por outras.

Os complementos são quatro—objectivo, terminativo, restrictivo e circumstancial.

Complemento objectivo é toda a palavra ou oração, que recebe a acção do verbo (paciente); e se observa:

Quando é pessoa ou cousa personificada, tendo sempre antes a preposição *a*, v. g: *Amo a Deus.*

Quando é pronome ou cousa, não tendo preposição, v. g: *Amo-te. Procuro livros.*

Quando as variações *me, nos, te, vos, se,* se ajuntam aos verbos simplesmente activos, v. g: *José fallou-me.*

Complemento terminativo é toda a palavra ou oração, que termina a significação relativa das palavras regentes, e é precedido das preposições *a, com, contra, de, para, por*; e se observa:

Quando os verbos de significação relativa, tem dous complementos, um objectivo e outro terminativo, v. g: *Dei o livro a Pedro.*

Quando as variações, *me, nos, te, vos, se, lhe, lhes, lha, lhas,* se ajuntam aos ditos verbos, v. g: *Pedro applicou-se ás lettras. Mandou-lhe a carta.*

Complemento restrictivo é toda a palavra precedida da preposição *de,* depois de substantivo commum; e se observa:

Qnando se empregam os pronomes derivados *meu, minha, nosso, nossa, teu, tua, vosso, vossa,* v. g: *Saudades minhas. Razões vossas.*

Complemento circumstancial é toda a palavra ou oração precedida de qualquer preposição, sem ser pedida pela sua significação, e se observa:

Quando depois do verbo substantivo ser, vem relações de lugar, de tempo, de gráos de significação, v. g: *Antonio foi a Olinda o anno passado.*

Quando depois dos verbos adjectivos, vem relações de quantidade, de qualidade, de modo, de fim, meio ou de instrumento, v. g: *Antonio feriu-me com a espada.*

Partes que nunca são regidas, são o sugeito, o verbo e a preposição.

SYNTAXE FIGURADA EM PARTICULAR

Regencia irregular—A syntaxe figurada divide-se em tres principaes figuras, *hyperbato, ellipse e pleonasmo.*

Hiperbato é a inversão dos termos da oração.

Divide-se em cinco—temese, anastrophe, parenthese, sinchise e anacolutho.

Temese é quando se interpõe uma palavra em outra, v. g: *amar-te-hei*, em lugar de *hei de amar-te*.

Anastrophe é quando a palavra composta principia por onde deve acabar, v. g: como no mesmo exemplo.

Parenthese é quando se interpõe a uma phrase ou oração uma palavra ou phrase que forme um sentido distincto.

Sinchise é quando ha confusão de construcção, v. g: *trahir horroroso é da patria crime*, em lugar de dizer-se *o trahir a patria é um crime horroroso*.

Anacolutho é quando ha inconsequencia no discurso, v. g: como no mesmo exemplo.

Ellipse é a suppressão dos termos da oração.

Divide-se em tres—zeugma, syllepse e enalage.

Zeugma é quando á um verbo se referem muitos sugeitos, v. g: *Antonio, Pedro e outros salvaram a patria*.

Syllepse é quando muitos substantivos de diverso genero no singular tem o adjectivo no plural, v. g: *a casa, o sitio, o campo e a horta são deleitaveis*; ou quando muitos sugeitos de diversas pessoas do singular tem o verbo no plural, v. g: *Antonio, tu e Maria passearam hontem*.

Enalage é quando se substitue uma parte da oração por outra, como seja trocando os tempos ou os modos dos verbos, empregando os adjectivos por adverbios, os verbos como substantivos e os participios como verbos, v. g: *o nosso viver* em lugar de se dizer *a nossa vida etc.*

Pleonasmo é a superabundancia de palavras, v. g: *vi com os olhos*, em lugar de dizer-se somente *vi*.

NOTAS

‡ O alphabeto portuguez é muito imperfeito, visto que para formar umas syllabas tem lettras de mais, e para formar outras faltam-lhe lettras; porque adoptaram os homens alguns erros que communicaram a posteridade, e que já estão irremediaveis. Esses erros foram habituarem-nos desde a nossa infancia a pronunciar algumas lettras com sons differentes dos seus naturaes, v. g: a lettra *c* com o som de *k* ou de *q*; a lettra *g* com o som de *j*; a lettra *s* com o som *z*; as lettras *ch* com o som de *q* ou de *x*; as lettras *ph* com o som de *f*.

A lettra *c*, tão necessaria, e de tanta utilidade no alphabeto portuguez, soffre tantas alterações, que se pode affirmar que ella tem um som indeterminado; porque tendo o *c* naturalmente um som brando, semelhante ao de *s*, com ella unida as cinco vogaes podiamos formar as syllabas *sa*, *se*, *si*, *so*, *su*, sem precisarmos de *s*. Mas não succede assim, porque desde a nossa escola nos ensinam a pronunciar *c* com o som de *k* ou de *q*, quando a unimos com as vogaes *a*, *o*, *u*, v. g: *ca*, *co*, *cu*, pronunciamos *ka*, *ko*, *ku*; e somente a conservar o seu natural som de *c*, quando a unimos com as vogaes *e*, *i*, v. g: *ce*,*ci*, pronunciamos *se*, *si*. Ora, isso é um erro imperdoavel, porque si consultarmos a natureza das cousas, veremos, que si a uma criança, quando principia a pronunciar as primeiras syllabas, interrogarmos *c a ? c o ? c u ?* ella rapidamente responderá *sa*, *so*, *su*, e não *ka*, *ko*, *ku*; e era desnecessario pôr uma virgula abaixo do *ç* para conservar o som de *s*, v. g: *ça*, *ço*, *çu*, e pronunciarmos *sa*, *so*, *su*.

A vista disso faço as observações seguintes:

Si a lettra *c* tem o natural som de *s*, deve sempre conservar este som em todas as syllabas; e então se fazia desnecessaria a lettra *s*.

Si a lettra *c* tem o som de *k* ou de *q*, deve conservar sempre este som em todas as syllabas; e então eram desnecessarias as lettras *k*, *q*.

Si a lettra *c* tem o som de *k* ou de *q*, deve conservar sempre este som em toda as syllabas; e não era preciso usar-se de *ch* para produzir o som daquellas lettras.

Si as lettras *ch* tem o som de *k* ou de *q*, devem conservar sempre este som; e não mudar outras vezes para o de *x*, porque desse modo estaremos constantemente ignorando quando convém pronunciar algum desses sons, v. g: a palavra *choro*, escripta com as mesmas lettras, significa *xoro* e *coro*.

Para formarmos as syllabas *fa*, *fe*, *fi*, *fo*, *fu*, temos a lettra *f*, e não é preciso usarmos de *ph*.

Para formarmos as syllabas *ja*, *je*, *ji*, *jo*, *ju*, temos a lettra *j*, que deve pronunciar-se com o som *ge*, e não com o som de *jota;* e para as syllabas *je*, *ji* não é preciso usarmos de *g*, que tem o som de *gue*.

Para as syllabas *gua*, *gue*, *gui*, *go*, *gu*, basta usarmos simplesmente de *g* sem ajuntar-lhe *u*, porque *g* deve pronunciar-se com o som de *gue*, e não de *je*.

Para as syllabas *qua*, *que*, *qui*, *quo*, *qu*, podemos usar simplesmente das lettras *q* ou *k*, e não usarmos umas vezes de *c*, outras de *ch*, outras de *q*, so ou unido com *u* e outras vezes de *k*.

Para as syllabas *za*, *ze*, *zi*, *zo*, *zu*, temos a lettra *z*, e não precisamos usar de *s*, em lugar de *z*, nos termos compostos, v. g: desapparecer; e quan-

do na pronunciação de dous termos o *s* final do primeiro fere naturalmente a vogal inicial do segundo termo, v. g: meus amigos, onde se percebe a syllaba *za*.

Para as syllabas *sa, se, si so, su*, temos a lettra *s*, e não precisamos da lettra *c*.

Para as syllabas *xa, xe, xi, xo, xu*, temos a lettra *x*, e não precisamos das lettras *ch*.

Até aqui tenho mostrado, que o alphabeto portuguez, para formar umas syllabas, tem lettras de mais; agora mostrarei, que, para formar outras, faltam-lhe lettras, como:

Para formar as syllabas *nha, nhe, nhi, nho, nhu*, e *lha, lhe, lhi, lho, lhu*, não temos lettras, usamos do *h* entre as vogaes e as consoantes, porque sem este artificio as consoantes *l, n*, ferindo na pronunciação as vogaes, formam differentes syllabas, v. g: as palavras *minha filha*, sem *h*, fica *mina fila*.

Ora, bem se vê, que estas syllabas são falsas; pois que não ha palavras que principiem por *nh, lh*.

Reprovo, finalmente, o uso de duplicar as consoantes, v. g: bb sabbado, cc accento, dd addição, gg aggravo, ff affeição, ll elle, mm grammatica, nn anno, pp appenso, ss assembléa, ct objecto, sc sciencia, pt escripto; porque demora a escripturação, e de nada serve a pronunciação. Alem disso, si nós fallamos para sermos entendidos, não ha cousa mais miseravel, que fallarmos de modo que ninguem nos entenda; o que assim succederia, si pronunciassemos todas as consoantes duplicadas.

Esta verdade foi reconhecida pelo Sr. Jeronymo Soares Barboza, que depois de dar em sua *grammatica philosophica* grande numero de regras acerca da ortographia, disse finalmente: " Escrevam-se as palavras com tantas lettras, quantas bastem para a pronunciação "

‡‡‡ Ha duas ordens de figuras grammaticaes, a saber: figuras de dicção e figuras de syntaxe.

Figura de dicção é a alteração das palavras, como se vê na ortographia.

Figura de syntaxe é a irregular collocação das palavras, como se vê na syntaxe figurada.

‡‡‡ O paciente da oração chama-se attributo concordado, quando o verbo é o substantivo ser, v. g: *Deus é justo*; e chama-se predicado regido, quando o verbo é adjectivo, v. g: *Deus formou o homem*.

TRATADO

DE

ELOQUENCIA

EXTRAHIDO DOS MELHORES ESCRIPTORES

DIVIDIDO EM TRES PARTES

NA PRIMEIRA, TRATA-SE DO SYSTEMA DE ELOQUENCIA; NA SEGUNDA, DOS PRECEITOS ELOQUENTES COM APPLICAÇÕES EM PROSA E VERSO; NA TERCEIRA, DA VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA

POR

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

PARTE PRIMEIRA

SYSTEMA DE ELOQUENCIA

INTRODUCÇÃO

Eloquencia é a faculdade de significar com deleite os pensamentos por palavras, para convencer e persuadir.

Rhetorica é a arte, que dirige as disposições naturaes do homem no uso da eloquencia.

As partes da eloquencia são seis :

Invenção—que é descobrir os pensamentos mais adequados para o fim, que o orador se propõe.

Disposição—que é o arranjamento dos pensamentos na melhor ordem, a que se propõe o orador.

Elocução—que é a escolha de palavras e sua boa collocação, para exprimir os pensamentos.

Memoria—que é conservar a disposição dos pensamentos, para o orador os apresentar aos ouvintes.

Pronunciação ou declaração—que é declarar aos ouvintes os seus pensamentos.

Acção—que é o gosto, que o orador deve empregar na publicação dos pensamentos.

Os fins da eloquencia são tres: 1.· convencer; 2.· persuadir; 3.· deleitar, isto é, recrear.

Os meios, que o orador emprega, são tres: 1.· instrucção; 2.· moção; 3.· deleite.

Os meios, que a eloquencia emprega, são dous : 1.° pensamentos; 2.° palavras.

As questões em eloquencia são duas: 1.ª universaes, isto é, indeterminadas ou theses; 2.ª particulares, isto é, determinadas, causas ou hypotheses.

Os estados em eloquencia são dous: 1.° de questões; 2.° de discursos; os quaes são de conjectura, de definição e de qualidades.

Os generos em eloquencia são tres: 1.° demonstrativo, isto é, laudativo, theorico, para louvar e vituperar; 2.· deliberativo, isto é, suasorio, para suadir e dissuadir; 3.° judicial, isto é, forense, para intentar a acção em juizo, e defendel-a.

As partes do discurso oratorio são quatro: 1.ª exordio, isto é, proemio,que se divide em exordio—principio, e exordio—insinuação; 2.ª narração; 3.ª confirmação, isto é, refutação; 4.ª peroração, isto é, conclusão.

DO DISCURSO

I

EXORDIO

Exordio ou proemio é aquella parte do discurso, na qual o orador dispõe, como lhe convém, os seus ouvintes, para o escutarem favoravelmente em todo elle.

Exordio—principio é aquelle com que o orador prepara os ouvintes, expondo-lhes clara e directamente o fim, a que se dirige.

Exordio—insinuação é o que por meio de rodeios e indirectamente o orador prepara os ouvintes, para o fim proposto, por ter suspeitas de que o auditorio não lhe será favoravel.

Para o exordio dispor os ouvintes é necessario conciliar a benevolencia, sendo a materia duvidosa, a attenção, sendo a materia baixa, a docilidade, sendo a materia obscura, e a insinuação, sendo a materia vergonhosa ou má.

As partes para o orador conciliar a benevolencia são quatro: 1.ª as pessoas; 2.ª o assumpto; 3.ª as circumstancias das pessoas e do assumpto; 4.ª o discurso do outro orador.

As pessoas, de quem o orador pode extrahir a benevolencia, são tres: 1.ª do proprio orador; 2.ª do seu antagonista, ou dos concurrentes; 3.ª das pessoas dos ouvintes.

A benevolencia dos ouvintes se concilia, louvando-os com moderação, distrahindo suas preoccupações, e condescendendo com seus genios, costumes e opiniões.

O orador concilia a benevolencia da sua propria pessoa, ganhando no conceito dos seus ouvintes a opinião de homem de bem, desinteressado e modesto; e desviando de si toda a idéa de insolencia, malignidade, orgulho e maldade.

O orador concilia a benevolencia do orador, dando demonstrações de que se receia da força de sua eloquencia, e de tudo o que póde fazel-o mais do que elle recommendavel.

Concilia-se a benevolencia por meio do assumpto, fallando com toda a extensão e calor ao coração, e empregando a mais animada linguagem das paixões.

Concilia-se a benevolencia das circumstancias das pessoas e do discurso por meio dos parentes em geral ou amigos; da patria, como pessoa moral; das circumstancias do assumpto—occasião, lugar, opinião publica e exceptação universal.

O orador concilia a attenção dos seus ouvintes, fazendo ver que o assumpto ou o modo de tratar é novo, grande, atroz e importante; interessando-os na materia com esperança do bem, ou receio do mal, ou lisongeando-os; e promettendo-lhes ser breve, e limitar-se somente ao ponto da questão, e não molestal-os.

O orador concilia a docilidade, dando uma idéa summaria, brevissima e precisa do assumpto; e desvanecendo todas as prevenções, que tiverem os ouvintes contra a materia do discurso.

Os vicios do exordio são sete: 1.° vulgar—acommodado á outros muitos; 2.° commum—o de que o orador contrario póde servir-se; 3.° commutavel—o que o mesmo adversario pode converter em sua utilidade; 4.° separado—o que não tem ligação com o assumpto; 5.° transferido—o que segue um meio diverso do commum, 6.° longo—o que não tem a justa proporção; 7.° feito contra as regras—o que não faz os ouvintes, nem benevolos, nem doceis, nem attentos.

II

NARRAÇÃO

Narração (segunda parte do discurso) é aquella parte do discurso oratorio, dedicada para informar aos ouvintes, ácerca do assumpto do mesmo discurso, da maneira a mais adequada ao fim proposto.

A narração póde fazer-se de tres modos: 1.° Por proposição—que é a informação do assumpto, quando elle consta de um só ponto. 2.° Por partição—que é a informação do assumpto, quando elle consta de diversos pontos. 3.° Por narração (restricta)—que é a informação do assumpto com todas as importantes circumstancias.

As virtudes da narração são tres: 1.ª Clareza—seus vicios contrarios são digressões e argumentações. 2.ª Brevidade—seus vicios contrarios são expressões improprias e linguagem apaixonada. 3.ª Verosimilhança.

A narração será clara, si o orador empregar palavras proprias, e não sordidas, deshonestas ou baixas; servir-se de palavras expressivas, não exquisitas ou desusadas; fizer a devida distincção das causas, das pessoas, dos tempos, dos lugares, e das cousas; e usar de uma pronuncia intelligivel.

A narração será breve, si o orador não introduzir em a narração objectos extranhos ao assumpto, e cortar tudo o que não fizer falta sensivel em ordem e clareza.

A narração será verosimilhante, si o orador consultar a boa razão, para não dizer cousas contrarias a natureza; pozer as razões e os motivos antes dos factos; der ás pessoas os respectivos e convenientes caracteres; attender ás circumstancias de lugar, tempo, etc; dispozer o enredo dos incidentes da narração de sorte que de um passe naturalmente a outro; lançar em a narração as sementes das provas; e usar das competentes preparações oratorias.

III

CONFIRMAÇÃO E REFUTAÇÃO

Confirmação ou prova é o discurso, que o orador produz para convencer os ouvintes, illustrando o entendimento.

As provas, para convencer, dividem-se em provas logicas, intellectuaes, ou razões para convencer o entendimento, illustrando-o; e em provas moraes, sentimentaes, ou motivos para persuadir a vontade, movendo-a.

As provas logicas dividem-se em duas: 1.ª Provas intrinsecas—suas especies são exemplos em geral, casos julgados, fama ou opinião publica, titulos ou documentos, juramentos, e testemunhas. 2.ª Provas intrinsecas—suas especies são signaes e argumentos.

Exemplos, em geral provas tiradas da confrontação entre dous objectos, são semelhança, prova derivada da confrontação entre individuos da mesma especie; parabola, semelhança derivada da confrontação entre individuos de differente especie e natureza; exemplo, semelhança derivada da confrontação entre os factos; e autoridade, semelhança derivada da confrontação entre os ditos.

Casos julgados ou sentenças proferidas dividem-se em casos já decididos em cousas analogas; casos já decididos anteriormente; casos julgados em circumstancias anteriores.

Fama ou opinião publica; titulos ou documentos; juramentos; testemunhas; pertence a jurisprudencia dar as suas significações.

Signal ou vestigio sensivel divide-se em necessarios, que tem connexão com a cousa significada; e em não necessarios, que tem connexão remota com a cousa significada.

Argumentos, provas derivadas do bom uso das faculdades intellectuaes, dividem-se em dous: 1.º Argumentos certos, que se dividem em argumentos de certeza, physica, moral, convencional, já provada, não contradicta. 2.º Argumentos meramente provaveis ou criveis, que se dividem em argumento probabilissimo, mais provavel, simplesmente dito.

As provas moraes, sentimentaes ou motivos, tratar-se-hão na peroração.

Refutação é uma parte da prova, na qual o orador destroe os fundamentos, que lhe foram oppostos, ou que podem vir a ser.

Refuta-se em geral de tres modos, ou negando-se a existencia ou possibilidade da cousa contraposta, quando o estado é de conjectura ou de definição; defendendo-se a existencia ou possibilidade da cousa contraposta, quando o estado é de qualidade; refutando-se por translação ou excepção nos discursos forenses, quando o facto controvertido em juizo se não póde negar, nem defender.

Refuta-se em particular de tres modos, combatendo-se todas as provas juntamente, quando ellas são muito fracas ou muito fortes; combatendo-se separadamente, quando a força, que as provas tem,resulta da sua união; combatendo-se pelos mesmos ditos do orador contrario, quando na oração houver expressões contradictorias, alheias da materia, incriveis, excusadas ou a favor do refutante.

Quando a prova em geral do discurso ou da narração constar de differentes partes, deve o orador usar da transição oratoria, que é a passagem, que o orador faz no meio do discurso, de uma materia para outra, pela qual liga naturalmente o assumpto antecedente com o seguinte.

Os argumentos para a refutação são cinco: 1.° sinacolutho, pensamentos enthymematicos; 2.° enlhesmema, syllogismo imperfeito; 3.° syllogismo; 4.° epicherema; 5.° dilemma.

IV

PERORAÇÃO OU CONCLUSÃO

Peroração ou conclusão é a parte do discurso, em que o orador, depois de preparar, de informar os ouvintes, e de os convencer por meio das provas logicas, põe o ultimo remate ao mesmo discurso.

A peroração divide-se em duas partes: 1ª recapitulação, que é parte da peroração, na qual o orador apresenta de novo, mas em um rapido ponto de vista, as principaes provas desenvolvidas na confirmação; 2.ª epilogo, que é a parte da peroração em que o orador, por meios adequados, move e arrebata a vontade dos seus ouvintes acerca do que se tratou na confirmação.

Este é o lugar de usar das provas moraes ou motivos.

As provas moraes ou motivos dividem-se em duas: ethicas ou brandas, que insinuam brandamente, ganham, e são permanentes, e abrangem todos os assumptos; e patheticas, que obram com força e imperiosamente perturbam a alma, produzem movimentos rapidos e passageiros, e só entram em pequeno numero de assumptos.

DA ELOQUENCIA

I

ELOCUÇÃO

Elocução ou phrase, em eloquencia, é a escolha de vocabulos, e sua collocação na oração, propria a dar força e belleza aos pensamentos, para com ella alcançar o fim, a que o orador se propõe.

Elocução grammatical é a simples enunciação de todos os conceitos de espirito, por meio de palavras.

A elocução divide-se em duas: 1.ª elocução ligada ou periodica, que é a em que se trata de uma materia, que demanda ligação de pensamentos, e é propria dos discursos da oratoria remontada, ou de outros quaesquer; 2.ª elocução solta, que é a em que dentro de pouco espaço se tratam assumptos por sua mesma natureza diversos.

Nesta não ha ligação rigorosa de oracões ou de phrases.

A elocução ligada divide-se em tres: 1.ª inciso, que é um sentido fechado em uma oração, de harmonia incompleta e sem conclusão final; 2.ª membro, que é um sentido fechado em uma ou mais orações, de harmonia completa e sem conclusão final; 3.ª periodo, que é um sentido fechado, composto de varios numeros de orações, com harmonia completa e conclusão final.

O ornato da elocucão se considera em cada uma das palavras separadamente; e em suas differentes reuniões formando orações.

As palavras ornadas são as bem escolhidas, as honestas, as mais sublimes, mais polidas, mais sonoras, mais euphonicas, mais acommodadas ao objecto, que se pretende significar, as antiquadas, as innovadas e as derivadas.

As orações ornadas são as expressivas, energicas, sentimentaes, de phrases tropologicas, figuradas, etc.

As propriedades das palavras são de cinco modos: 1.ª as inventadas na sua origem para significar certas e determinadas idéas; 2.ª as que, apezar de proprias, com tudo o uso as tem apropriado a significar outras idéas; 3.ª as consagradas a significar um de muitos, aos quaes é commum uma cousa, como os termos technicos das sciencias e das artes, etc; 4.ª as que sendo communs a muitos individuos, nós apropriamos a um em particular; 5.ª as de uma propriedade verdadeiramente oratoria.

A elocução perfeita dá-se quando as palavras, consideradas separadamente, forem puras e claras; nas suas differentes reuniões forem correctas e bem collocadas; e reunidas ou separadas forem simultaneamente ornadas.

As virtudes da elocução são tres: 1.ª pureza, quando as palavras forem do proprio idioma em que o orador fallar, e adoptadas pelo uso dos escriptores; 2.ª clareza, quando as palavras forem proprias; 3.ª correcção, quando consta de palavras unidas, conforme as regras da grammatica da lingua em que fallar o orador; 4.ª boa collocação, que divide-se em ordem, ligação ou junctura, e numero ou harmonia; 5.ª ornato, tudo o que acrescenta mais luz, força e graça á enunciação já clara e correcta das nossas idéas, feita por meio de palavras.

Os vicios contra a pureza são dous: 1º barbarismo ou peregrinismo, que é o emprego de palavras ou phrases de differente idioma; 2º purismo, que é a affectação demasiada de pureza de linguagem.

Os vicios contra a clareza são dez, e constam de palavras desusadas; de palavras particulares á alguns paizes e lugares; de pa-

lavras homonymas, que debaixo do mesmo nome tem differentes significações proprias; de transposições muito distantes, ou contra o uso; de synchyse, a desordem ou confusão das palavras na oração; de parenthesis extensos; de ambiguidade resultante da má composição; de perissologia, verbosidade van e inutil; de brevidade demasiada; de expressões refinadas, expressões enigmaticas e inintelligiveis.

O vicio da correcção é o solecismo.

A boa collocação divide-se em tres partes: 1.ª ordem, que as palavras devem ter, e pode considerar-se de dous modos, ou quando as palavras, consideradas cada uma separadamente, se não determinam ou de alguma sorte se modificam umas as outras, como são muitos sugeitos, muitos attributos ou muitos accessorios da mesma especie; ou quando,como subordinadas entre si, formam um sentido, modificando-se, determinando-se, explicando-se reciprocamente,como o agente, que dá origem a acção, e esta empregando-se no paciente, etc; 2.ª ligação ou junctura, de que resulta a melodia, que é o aggregado de uma feliz continuação de sons nas palavras, nos incisos, membros e periodos de todo o discurso; sendo que para haver boa ligação e melodia na elocução é necessario, que tenha as virtudes essenciaes da elocução, a variedade e a consonancia; 3.ª harmonia ou numero, que é a união e mistura de palavras, de que resulta uma impressão agradavel no orgão do ouvido.

Para o discurso ser harmonioso são necessarios uma boa escolha de palavras, e uma feliz collocação na phrase.

As virtudes da boa collocação são duas: 1.ª variedade, cujo vicio é a monotonia, isto é, quando na phrase se não evitarem os echos ou o seguimento de palavras, que comecem pelas mesmas syllabas accentuadas com que começam as antecedentes; a repetição seguida de muitos monosyllabos; e a continuada serie de palavras, que terminem nos mesmos consoantes; 2.ª consonancia, cujo vicio é a dissonancia, isto é, quando na phrase se encontrarem cacophatons, quando a primeira syllaba começa por consoante, ou sua analoga em som que seja o mesmo porque começa a syllaba final da palavra antecedente; hiatos ou concurso de vogaes de sons muito abertos e sonoros; e collisão ou o encontro de consoantes asperas.

As fontes do ornato na elocução são duas: 1.ª pensamentos bellos, energicos, nascidos dos objectos ou fielmente imitados e pintados; 2.ª palavras que tomadas pela accepção e maneira extraordinaria, communicam mais graça e força a oração.

As virtudes do ornato são quatro: 1.ª o ser viril, seu vicio é o effeminado; 2.ª o ser forte, seu vicio o molle; 3.ª o ser natural, seu vicio o contrafeito; 4.ª o ser decente, seu vicio o incongruente.

Os vicios do ornato são doze: 1.° cacophaton, quando se usa de palavras, a que separadas ou unidas a intelligencia vulgar liga idéas de obscenidades, de sordidez, ou de qualquer especie de indecencia; 2.° tapeinosis ou baixeza, quando se diminue por meio da phrase a grandeza ou a dignidade do objecto, que se intenta signifi-

car ; 3.° auxesis, quando se dão nomes mui subidos ás cousas pequenas,excepto empregando-se-os de proposito para fazer rir ; 4.° expressões desordenadas, em geral as grosseiras, as tristes, as insipidas e as deleixadas ; 5.° meiosis, quando se cortam na oração palavras, cuja falta faz o sentido imperfeito ; 6.° tautologia, quando se repetem desnecessariamente as mesmas palavras ou orações ; 7.° omeiologia, quando por falta de variedade na phrase o discurso se torna fastidioso ; 8.° macrologia, quando se diz por muitas palavras o que mais facilmente se podia dizer por poucas ; 9.° pleonasmo, quando se usa de palavras superfluas para intelligencia do pensamento ; 10. periarguia, quando se ostenta o pensamento demasiado na elocução ; 11. cacozélon, quando se usa de elocuções que passam os limites do verdadeiro ornato ; 12. cynismo, quando se misturam varias linguas ou dialectos, expressões sublimes com as baixas, as antigas com as modernas, e as patheticas com as vulgares.

Os gráos do ornato são tres : 1.° pinturas, que se dividem em enargueias, pintura dos objectos feita com tal viveza, que parece estar-se vendo ; em semelhança, pintura feita de um objecto por meio de outro familiar da mesma especie, com o qual se confronta ; em parabola, que é a mesma precedente tirada de objectos mais longe, e de natureza diversa ; em imagens,que são semelhanças ou parabolas breves ; em bosquejos, que são representações dos objectos distantes dos olhos, não só com clareza, mas ainda com concisão e rapidez ; em emphase, pintura que dá a entender mais do que as palavras por si declaram ; 2.° conceitos, que são pensamentos ou originaes, ou fielmente imitados da natureza, que tem uma belleza particular, e dão mais graça ou mais força ao discurso, dividindo-se em conceitos fortes e conceitos agudos ou sentenças ; 3.° adorno, que é o que dá ao discurso oratorio maior lustre e belleza, e consiste no acommodado emprego dos tropos e das figuras de elocução.

Os conceitos fortes ou amplificação servem para engrandecer ou apoucar os objectos, e dar mais força ao discurso ; e dividem-se em dous : 1.° amplificação absoluta, que considera o objecto em si mesmo sem relação a outros, e subdivide-se em amplificação por gradação, que descobre differentes gráos de bondade ou de maldade ; em amplificação por via de raciocinio,colligindo da grandeza de uma a da outra ; em amplificação por congerie, amontuando ou acumulando-as todas : 2.ª amplificação relativa, que considera o objecto comparando-o com outro de uma ordem inferior ; e divide-se em comparação de maior para menor, de igual para igual, de menor para maior,

Os conceitos agudos ou sentenças, que são pensamentos delicados, que em poucas palavras encerram um sentido profundo, para dar mais graça ao discurso, dividem-se em tres : 1.° gnomas, que são umas maximas geraes sobre assumpto moral, enunciadas em poucas palavras ; 2.° enthymema, que é o conceito sentencioso, que serve para ornar o discurso oratorio ; 3.° epicherema, que é a sentença, com que se exclama no fim da narração ou prova.

O adorno oratorio divide-se em dous : 1.° tropos, que são a

mudança de uma palavra ou oração da sua significação propria para outra, afim de resultar novo gráo de belleza ou de valentia ao discurso, dividindo-se em tropos para mais vivamente significar e para ornar; em tropos para unicamente significar com maior viveza; em tropos para ornar; 2.° figuras, que são uma forma de elocução apartada do modo commum de fallar, ou do que primeiro occorre a qualquer no estado tranquillo e ordinario da alma; e dividem-se em figuras de pensamento e figuras de palavras.

Os tropos da primeira classe dividem-se em oito: 1.° metaphora, que é a mudança de um nome, ou de verbo, da sua significação propria para outra, ou por falta da propria, ou porque a metaphorica é melhor; 2.° allegoria, que é o tropo pelo qual se mostra nas palavras uma cousa dfferente, da que se tem no pensamento, usando d'outra, que com ella se assemelha; 3.° ironia ou irrisão, que é o tropo, pelo qual se usa d'uma expressão contraria ao pensamento; 4.° metonymia, que é quando se emprega no discurso o nome de um objecto por outro, pela mutua connexão ou de ordem successiva ou coexistente, que um tem com outro em a natureza, ou nas artes; 5.° metalepse, que é quando na elocução se faz uso do nome dos consequentes pelo dos seus ancedentes, ou vice-versa; 6.° antonomasia, que é quando se substitue, em vez do nome proprio de um individuo, outro nome ou expressão, que particularmente o caracterise; 7.° onomatopea, que é quando se emprega uma palavra ou phrase, para imitar o som natural do objecto, que ella quer significar; 8.° hyperbole, que é quando se exagerando alem dos limites da verdade, se engrandece, ou pelo contrario se encurta um objecto fora das suas proporções naturaes.

Os tropos da 2.ª classe dividem-se em dous: 1.° synedoche, que é quando fazemos conceber no espirito de quem ouve, ou lé, mais ou menos do que em seu sentido proprio significa a palavra ou phrase em geral, de que nos servimos; 2.° epitheto, que é quando a elocução ajunta ao nome de qualquer objecto uma idéa accessoria de outro objecto, ou modificando-o, ou ornando-o, ou communicando-lhe mais energia.

Os tropos da terceira classe dividem-se em dous: 1.° periphrase ou circuito de palavras, que é quando se exprime por muitos vocabulos uma cousa, que se diria em um só ou em poucos; 2. hyperbaton ou transposição, que é quando se muda uma palavra do seu lugar proprio e habitual para outro.

As figuras dividem-se em duas classes: 1.ª figuras de pensamentos, que consistem no racional da expressão, e por isso, ainda que se mudem ou transponham as palavras, permanece sempre a figura, dividindo-se em figuras para convencer; figuras para mover; e figuras para deleitar: 2.ª figuras de palavras, que consistem todas, ou no som material, ou na disposição local dos vocabulos, e nellas mudando-se ou transpondo-se as palavras, altera-se a figura; e dividem-se em figuras, que se fazem por acrescentamento de palavras; por diminuição das ditas; por consonancia das ditas; por symetria das ditas; e por contraposição das ditas.

As figuras de pensamentos para convencer dividem-se em oito: 1.ª interrogação, que é quando se faz, não para saber alguma cousa, mas para instar, e intimar mais do que se diz; 2.ª resposta, que é quando perguntando alguem por alguma cousa, responde outra, porque lhe é mais util; 3.ª preterição, que é quando o orador prevenindo, que não quer fallar sobre certa cousa, sem embargo disso o vae dizendo; 4.ª prolepse, que é quando se previne alguma objecção, que se lhe pode fazer; 5.ª perplexidade, que é quando se finge duvida d'onde ha de começar, onde acabar, que cousa hade dizer ou deixar de dizer, e por isso se faz mais crivel, e exercita mais attenção; 6.ª communicação, consulta, que é quando finge que os seus embaraços, deliberações e conselho lhe são communs com outras pessoas; 7.ª suspensão, que é quando depois de ter por algum tempo suspensos os seus ouvintes, fazendo-os esperar cousas menores, ajunta uma cousa maior, e vice-versa; 8.ª permissão, que é quasi a precedente, porém deixa o mesmo orador ao arbitrio dos seus ouvintes e adversarios algumas cousas para elles decidirem.

As figuras de pensamentos para mover se dividem em sete: 1.ª exclamação,que é quando se exprimem os transportes vivos e subitos de qualquer paixão violenta; 2.ª parrhesia,licença, que é quando o orador fingindo fallar livremente, e mais do que parece permittido e conveniente, chega a um fim aonde não parecia dirigir-se; 3.ª prosopopeia, personificação, que é quando o orador introduz ficticiamente a fallar pessoas verdadeiras; ou mais propriamente quando attribue sentimentos, vida e racionalidade á seres, a quem não competem; 4.ª apostrophe, que é quando o orador aparta o discurso da pessoa ou pessoas a quem elle é naturalmente dirigido, para fallar com outras presentes ou ausentes, ou mortas, ou com seres insensiveis; 5.ª hypotyposes, enargueias, representação ocular, que é quando se pinta qualquer objecto tão vivamente, que mais parece ver-se, do que ouvir-se ou ler-se; porque se mostra por partes aos olhos o como foi, hade, ou pode ser feita; 6.ª aposiopese, reticencia, interrupção, que é quando o orador rompe a oração, deixando-a incompleta; 7.ª ethopeia, mimeses, que é quando se retrata os costumes de qualquer pessoa, e que por isso se dirige frequentes vezes a mover os affectos brandos.

As figuras de pensamentos para deleitar são duas: 1.ª correcção, que é quando o orador mostra arrepender-se do que tem dito; 2.ª ananisses, que é quando o orador finge, que se lembra de repente de uma cousa, que lhe ia esquecendo.

As figuras por acrescentamento de palavras são treze: 1.ª reduplicação, que é quando se repete seguidamente a mesma palavra; 2.ª separação, diacope, que é quando repetindo-se a mesma palavra, se mette porém de permeio outra, ou outras differentes; 3.ª anaphora, que é quando se repete a mesma palavra no principio de muitas orações seguidamente, para intimar com mais força ao pensamento, fixando sobre elle a attenção dos que ouvem, ou leem; 4.ª epistrophe, que é quando se repete a mesma palavra no fim de muitas orações; 5.ª anaphora alterada, que é a repetição revezada

das primeiras palavras de differentes orações, correspondendo umas as outras ; 6.ª ploce, que é quando esta mesma correspondencia se dá nas palavras do meio de uma phrase com as do principio, ou fim da outra ; 7.ª epanalepse, que é quando a mesma palavra se repete já no meio de duas ou mais phrases, já no principio e fim dellas ; 8.ª epanodos, que é quando se repete, dividindo as palavras que primeiro se disse juntas, ou já no mesmo sentido, ou ainda em diverso ; 9.ª polyptoton, derivação, que é quando se repetem as mesmas palavras, variando-as pelos seus differentes casos e generos ; 10. anadiplosis, que é quando a palavra ultima de uma oração é a mesma da oração seguinte ; 11. exergasia, synonymia, que é quando se repetem as mesmas palavras, mas repisam-se as mesmas idéas por differentes palavras ou phrases ; polysyndeton, que é quando se empregam muitas conjuncções, ou a mesma muitas vezes ; 13 climax, gradação, que é quando se repete o que já está dito, mas antes de passar a outro grao, pára no antecedente.

As figuras por diminuição de palavras são tres : 1.ª ellipse ou synedoche,que é a subtracção de algumas palavras á oração,as quaes do contexto se deixam assaz entender ; 2.ª asyndeton, que é quando se tiram a oração todas as conjuncções ; 3.ª zeugma, que é quando um só verbo rege muitas orações, o qual se póde pôr no principio, no meio, ou no fim.

As figuras por consonancia são duas : 1.ª paranomasia, agnominatio,que é quando se empregam na mesma phrase duas palavras do mesmo som e de differentes idéas ; 2.ª antanaclasis, que é quando se usa de vocabulos, que levemente alterados significam cousas diversas.

As figuras por symetria são quatro: 1.ª parison,que é quando as orações acabam ou principiam por palavras toantes ; 2.ª omeoteleuton,similiter desinens,que é quando os membros acabam pelos mesmos consoantes ; 3.ª omeoptoton, similiter cadens, que é quando em differentes orações os nomes estão nos mesmos casos, ou os verbos nos mesmos tempos ; 4.ª isocolon,que é quando ha igualdade de membros da phrase, por serem compostas de quasi o mesmo numero de lettras.

As figuras por contracção são duas : 1.ª antithese, que é quando na phrase se contrapõem dous objectos ; 2.ª antimetabole, que é a sentença attribuida a Socrates :—Não vivo para comer, mas como para viver.

II

DO ESTYLO ORATORIO

Estylo é a forma geral da elocução, que predomina em toda uma obra, ou em parte della, e que resulta de certa especie de pensamentos, e da escolha e collocação das palavras convenientes a materia, de que se trata.

O estylo divide-se em duas partes, que são : 1.ª quanto a quantidade, que é o maior ou menor numero de palavras, com que são enunciados os pensamentos ; 2.ª quanto a qualidade, que é a natureza das palavras e a sua disposição na oração.

O estylo, considerado em quanto a quantidade, divide-se em quatro : 1.· atico, que guarda uma justa proporção entre as palavras e os pensamentos, de sorte que na elocução nada sobre, e nada falte, composto de pensamentos finos e delicados, e de uma phrase limada, polida e depurada de palavras e ornatos improprios ; 2.· asiatico, que é o verboso,empolado e vão, excedendo muito a exacta e escrupulosa proporção entre as idéas e as palavras ; 3.· rodio, que é o copioso sem ser redundante e superfluo, forte e nervoso sem ser cerrado e conciso ; 4.· laconico, que é o curto monosyllabico, escuro, enigmatico, faltando o necessario para ser entendido.

O estylo, considerado em quanto a qualidade, divide-se em tres, que são; 1.· tenue ou subtil de Quintiliano, simples ou singelo de Blair, proprio do exordio, participando do apurado ou polido, em que as idéas são ennunciadas com vocabulos proprios, claros e significativos, sem serem acompanhados de ornatos pelo menos exquisitos ; 2.· robusto ou subtil, de Quintiliano vehemente, natural de Blair, proprio da peroração, devendo o natural nutrir o vehemente, que é o que serve-se de toda a sorte de palavras e expressões violentas, animadas,e proprias a dar força e grandeza aos pensamentos, e nelle entra tudo o que a eloquencia põe em acção para despertar o pathetico, como as amplificações, os tropos os mais atrevidos, as hyperboles, as exclamações, as apostrophes e as prosopopeias ; 3.· mediocre ou temperado de Quintiliano, elegante de Blair, proprio da narração, tenue e subtil de Quintiliano, simples ou singelo de Blair, proprio da confirmação, é o que abunda de metaphoras e outros tropos e figuras, de que resulta graça ao discurso.

O estylo, considerado em relação aos tres meios particulares da eloquencia—instrucção, que é o que instruindo os pensamentos, tem simplesmente em vista a enunciação dos pensamentos ; e divide-se em conciso, desenvolvido, forte e fraco—deleite, que é o que recreando a imaginação, attende aos ornatos de que póde ser revestida esta mesma enunciação ; e divide-se em secco, singelo ou simples, polido ou apurado, elegante e florido—moção dos affectos, que é o que movendo e arrastando a vontade, é contemplado como um dos meios mais poderosos, de que se serve a eloquencia para arrebatar e persuadir ; e divide-se em natural e vehemente.

Elegante é o que tem grande pureza e propriedades na escolha das palavras, e que por isso agrada a imaginação e ao ouvido, esclarece o entendimento, ajunta ao merito dos pensamentos tudo quanto póde aformosear a sua expressão, sem os sobrecarregar de ornatos mal apropriados.

Simples ou singelo é o claro e preciso no que diz respeito aos pensamentos, puro e correcto quanto ás expressões, sem que lhe sejam incompativeis a variedade e a força.

Vehemente é o que tem um ardor e fogo devorante, que indica

paixões postas em movimento, uma imaginação excitada, e uma alma forte abalada.

Natural é o que exprime toda a casta de pensamentos com facilidade e singeleza, e que usa de adornos sem affectação.

III

DO USO DOS ESTYLOS

Para o exordio, empregam-se os estylos tenue ou subtil, simples ou singelo, participando do apurado.

Para a narração, os estylos mediocre, temperado e elegante.

Para a confirmação, os estylos tenue ou subtil, simples ou singelo.

Para a peroração, os estylos robusto ou sublime, vehemente ajudado do natural.

IV

DO DECORO

Decoro é a conveniencia ou a exacta conformidade da expressão em geral com os pensamentos, e de ambas estas cousas com as pessoas, que no discurso intrevem, com a materia, de que no mesmo se trata, e com as circumstancias do tempo e da lingua.

As pessoas a quem o orador deve attender, para guardar o devido decoro, são tres: a pessoa do proprio orador; as pessoas dos seus ouvintes; e as pessoas ácerca das quaes versa o seu discurso.

As regras, que o orador deve observar acerca do lugar e do tempo, se aprenderão com uso e pratica.

PARTE SEGUNDA

APPLICAÇÃO DOS PRECEITOS ELOQUENTES

Acção, sexta parte da eloquencia, é o gesto que o orador deve empregar na enunciação dos pensamentos.

Adorno, terceiro gráo do ornato, é o acommodado emprego dos tropos, e das figuras da elocução ; o que dá ao discurso oratorio maior lustre e belleza.

Agnominatio, veja-se paranomasia, figura de palavras por consonancia.

Allegoria ou metaphora continuada, tropo que serve para mais vivamente significar e ornar,dá-se quando nas palavras se mostra uma cousa differente, do que se tem no pensamento, empregando todavia, para designar esta ultima, outra que com ella se assemelhe: Ex : Achilles era um leão.

Os apologos, as parabolas e os enigmas são especies de allegoria.

Amplificação, generos de conceitos fortes, é o que serve para engrandecer ou apoucar os objectos.

Ha duas maneiras de amplificar—absoluta e relativa.

Amplificação absoluta é a que considera o objecto em si mesmo, sem relação aos outros.

Esta amplificação divide-se em tres especies: 1ª amplificação por gradação ; 2ª amplificação por via de raciocinio ; 3ª amplificação por congerie.

Amplificação por gradação dá-se quando o orador faz parecer grandes as cousas pequenas, ou vice-versa : Ex. da Vida do Arcebispo,liv. 3.c. 10*:* " Elle por sua mão, porque não houve outrem que se atrevesse, fere nas portas sagradas, fende, racha, arromba, e entra dentro, desaferra dos altares o delinquente, leva-o preso, carregado de ferros, ao fundo da cadeia publica. "

Amplificação por via de raciocinio dá-se quando o orador engrandece as differentes circumstancias, que tem connexão com as cousas, para dar grandeza a mesma cousa.

1º Da grandeza dos consequentes fazendo inferir a dos antecedentes : Ex. dos Lusiadas, canto VII est. 56 :

Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas e na paz, da gente estranha,
Será tal, que será no mundo ouvido,
O vencedor por gloria do vencido.

2.º Da grandeza dos antecedentes ou das causas, fazendo inferir a dos consequentes ou dos effeitos: Ex. do mesmo poema, canto II. est. 33:

Si a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

3º Entre muitas cousas concomitantes da mesma ordem, diminuindo de proposito alguma, posto que grandes, e pondo-as em uma classe inferior, para da sua inferioridade se conjecturar a superioridade das outras: Ex. do mesmo poema, canto XI. est. 44:

Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

4º Engrandecendo a difficuldade de uma acção, para se inferir dahi a força dos seus agentes: Ex. do mesmo poema, canto VI. est. 60:

Não são vistos do sol do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e de animo tão forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

5º Exagerando a importancia e custo dos meios, para se deduzir a do fim. Lê-se um exemplo em Homero, o qual, para amplificar a belleza de Helena, diz: " Como é bella! Não deve causar admiração, que dous imperios se armassem um contra o outro por seu respeito. "

6º Engrandecendo o instrumento, para se formar conceito da grandeza de quem o traz ou emprega. Assim Virgilio pela grandeza do bordão do cyclope nos faz medir a do seu corpo agigantado: Ex. da Eneid. liv. III. v. 659:

Trunca manum pinus regit, et vestigia firmat.
Rege-lhe a mão, e os passos seus lhe firma
De esgalhado pinheiro a hastea extensissima

Amplificação por ajuntamento ou por congerie se faz accumulando palavras ou orações synonimas, de modo que vão subindo de força: Ex. do sermão de Vieira, part. 7. pag. 5: " O vosso amor proprio pede mais vida, e o seu amor de Deus, e o seu zelo pedia mais perigos, mais naufragios, mais dores, mais martyrios e mais mortes. "

Amplificação relativa é a que sahe fora do objecto, comparando-o com outro de uma ordem inferior ou superior.

Esta amplificação se divide em tres especies: 1ª amplificação de maior para menor; 2ª amplificação de igual para igual; 3ª amplificação de menor para maior.

Amplificação por comparação de maior para menor faz-se tomando um pensamento maior, do que aquelle que intentamos amplificar: Ex. Lusiadas, canto IV. est. 33:

Códro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida:
Este, porque a Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida;
Códro nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leaes fizeram tanto.

Amplificação por comparação de igual para igual dá-se quando o orador, depois de haver proposto um pensamento, ao parecer igual ao que havia tratado, deve esforçar-se por fazer sobresahir aquelle que pretende amplificar: Ex. de Fr. Heitor Pinto, Imag. da vid. Christ. part. II dial. 1 cap. III: " Dormindo Sansão no regaço de Dalila, lhe cortaram sete guedelhas de cabellos, com que ficou privado da sua força, e foi preso dos Philisteos: assim dormindo nós com o pesado somno do descuido, no regaço da falsa confiança, perdemos os sete dons do Espirito Santo, e ficamos fracos, e rendidos a nossos depravados appetites. "

Amplificação por comparação de menor para maior dá-se quando o orador, sahindo fora do objecto de que ia fallando, o confronta com outro, ou com outros de uma ordem inferior, ou igual, ou superior: Ex. de menor para maior de Vieira, serm. part. III, pag. 90: " Si todas as vezes que se embarcava naquelle lago, não se tentava

nelle mais um sopro de vento, que o vosso coração não fluctuasse nas mesmas ondas; como o podereis ter seguro, nem quieto, quando os virdes engolphados naquelle mar immenso, sempre turbulento, onde tantos fizeram naufragio? "

Anadiplosis, figura por acrescentamento de palavras,dá-se quando a palavra ultima de uma oração,é a primeira da oração seguinte: Ex. dos Lusiadas, cant. 1. est. 38. 60:

O regedor das ilhas que eu partia:
Partia alegremente navegando.

Anamesis, figura de pensamento para deleitar, dá-se quando o orador finge, que se lembra de repente de uma cousa, que ia esquecendo: Ex. de Vieira, serm. par. 8. pag: " Agora me lembra uma notavel circumstancia da historia de Malaca, quando havia de partir a armada contra os Achens....

Anaphora, figura por acrescentamento de palavras, tem lugar pela repetição da mesma palavra no principio de muitas orações seguidamente, para imitar com mais força o pensamento: Ex. de Vieira, serm. part. 1. col. 646: " Divertia-os a ambição, divertia-os o interesse, divertia-os a soberba, divertia-os a autoridade e ostentação propria.

Anaphora alterada consiste na repetição revezada das primeiras palavras de differentes orações, correspondendo umas as outras: Ex. de Cicero pro Murena § 22, onde nas pessoas de dous contendores, Murena militar e Sulpicio jurisconsulto, faz parallelo de um general com um jurista: " Tu vigias de noite, para poderes dar resposta aos que te consultam; elle para chegar mais a tempo com o seu exercito ao lugar onde deve conduzil-o: a ti o cantar dos gallos, a elle acordam-no os sons das trombetas; tu pões uma acção em juizo, elle ordena um exercito em batalha; tu acautelas as tuas partes para que não sejam pilhadas, elle toma as medidas para que as cidades ou arraiaes, não sejam sorprendidos; elle possue e sabe a arte de fazer fugir as tropas inimigas, tu sabes como se devem desviar as aguas da chuva; elle tem-se exercitado em dilatar os limites da republica, tu em administrar os seus territorios. "

Antanaclasis, figura de palavra por consonancia, consiste no uso de vocabulos, que levemente alterados significam cousas diversas; taes são as palavras, que pelo simples acrescentamento de preposições mudam de significações: Ex. de Vieira, serm. p. 4. pg. 82: " E que entendimento ou vontade ha tão recta, que não torça de *parecer* por *apparecer*? "

Antimetabole, figura por contraposição de palavras, dá-se quando á antithese se ajunta a figura polyptoton: Ex. a sentença de Socrates: " Não vivo para comer, mas como para viver. "

Antiphrase é uma ironia com que se indicam as cousas funestas, ou vulgarmente denominadas de máo agouro, pelas suas contrarias. Isto deu-se quando el rei D. João II denominou o Cabo das Tormentas Cabo da Boa Esperança.

Antithese, figura de palavras por contraposição, dá-se quando na phrase se contrapõem dous objectos, isto é,contraposição de cada palavra entre si, ou na de duas a duas, ou de orações inteiras: Ex. de Fr. Heitor Pinto. Imag. da vida de Christo. p. 2. dial. 1. cap. 2— De uma a uma palavra: " Não ha no mundo alegria sem sobresalto, não ha concordia sem dissensão, não ha descanso sem trabalho, não ha riqueza sem miseria, não ha dignidade sem perigo, finalmente não ha gosto sem desgosto.—De duas a duas palavras, em Vieira, serm. p. 4. pag. 492: " Vieram gentios, e tornaram fieis; vieram idolatras e tornaram christãos—De orações a orações, em Vieira, serm. p. 1. col. 541: " Antigamente estavam os ministros as portas da cidade, e agora estão as cidades as portas dos ministros. Veja-se tambem nos Lusiadas, cant. 9. est. 93:

Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão a gente;
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.

Antonomasia, tropo, que serve para mais vivamente significar e ornar, é o tropo, pelo qual se substitue, em vez do nome proprio de um individuo, outro nome ou expressão, que particularmente sirva para caracterisal-o.

Ha tres especies de antonomasia.

1º Quando se troca o nome proprio pelo patronimico—dos paes e avós Ex. dos Lusiadas, c. 4. est. 16:

Como? não sois vós ainda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes?

2º Quando se troca o nome proprio pelo que designa as qualidades caracteristicas: Ex. do mesmo poema, cant. 8. est. 5:

Ulysses é quem faz a santa casa
A deosa, que *lhe dá lingua facunda.*

3º Quando, em lugar do nome proprio, se usa de expressões, que distinguem e se assignalam mais dos homens: Ex. do mesmo poema, canto 5. est. 44 :

Aqui espero tomar, si não me engano,
De *quem me descobrio* summa vingança.

Aposiopese, reticencia, interrupção, figura de pensamentos para mover, dá-se quando se rompe a oração, deixando-a incompleta : Ex. dos Lusiadas, cant. 2. est. 41 :

Mas morra emfim nas mãos da bruta gente.
Que pois eu fui.... e nisto de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes.

Outro exemplo do mesmo poema, cant. 7. est. 78 :

Um ramo na mão tinha.... mas, ó cego,
Eu, que commetto insano e temerario.

Apostrophe, figura de pensamento para mover, dá-se quando o orador aparta o discurso da pessoa, ou pessoas a quem elle é naturalmente dirigido, para fallar com outras ou presentes ou ausentes, ou mortas, ou com seres insensiveis.
Ex. 1.º de Cic. pro Ligario § 9 :

Que fazia pois, ó Tubiráo, aquella tua espada desembainhada na batalha de Pharsalia ?

Ex. 2.º de Bernardes, Egloga 1. Lima :

Adonis, si no céo choro se estima ;
Si lá sobem ácima
Suspiros, mensageiros da vontade,

Recebe-os, que te manda a saudade
De quem tão de verdade
Da tua vida chóra o rôto fio.

Ex. 3.° dos Lusiadas, canto 5. est. 38:

O' potestade, disse, sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo,
Este clima, este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

Ex. 4.° de Bernardes. Eglog. 4. Lima:

Plantas, si em vós de amor lembrança mora,
Plantas, já vós amastes, tende magoa
De quem tantas de amor padece agora.

Argumento, prova intrinseca, especie de provas logicas, é uma prova derivada do bom uso das faculdades intellectuaes, por meio de combinações reflexivas.

Os argumentos dividem-se em certos, e em meramente provaveis ou criveis.

Os primeiros se subdividem em argumentos de certezas—physica, moral, legal, convencional, já provada, e não contradicta. Os segundos se subdividem em argumentos probabilissimo e simplesmente provavel.

Asyndeton, figura de palavras por diminuição, dá-se quando se tiram ás orações todas as conjuncções: Ex. dos Luziadas, cant. 10. est. 57:

Abrolhos, ferros mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas e submettas.

Autoridade, especie de provas intrinsecas, é a prova derivada da confrontação entre ditos com ditos.

Auxesis, terceiro vicio opposto ao ornato, tem lugar quando dão-se nomes subidos a cousas pequenas, excepto quando são de proposito para fazer rir.

Baixeza, tapenoses, segundo vicio opposto ao ornato,dá-se quando se diminue por meio da phrase a grandeza ou a dignidade do objecto, que se intenta significar.

Barbarismo, peregrinismo, primeiro vicio contra a pureza, é o emprego de palavras ou de phrases de differente idioma introduzidas no nacional, sem a competente autoridade.

Bosquejos, quinto genero de pinturas, é quando se representam os objectos diante dos olhos não só com clareza, mas ainda com concisão e rapidez: Ex. dos Lusiadas, cant. 2. est. 21:

Não sente, quem a leva, o doce peso,
De *soberbo com carga tão formosa.*

Boa collocação, quarta virtude da elocução, dá-se sempre que na phrase concorrem os requisitos necessarios de ordem, ligação ou junctura e numero ou harmonia.

Cacophaton, como primeiro vicio opposto ao ornato, dá-se todas as vezes que se usa de palavras, a que, separadas ou unidas,a intelligencia vulgar liga idéas de obscenidade, de sordidez, ou de qualquer outra especie de indecencia. E, como primeiro vicio contra a consonancia, tem lugar quando na união das palavras a primeira syllaba começa por consoante ou sua analoga á ultima do nome antecedente: Ex. dos Lusiadas, cant. 8. est. 10, 77:

Tantas batalhas da *nunca cansado.*
Emfim ao *Gama manda*, que direito.

Cacozelon, undecimo vicio opposto ao ornato, é o uso de locuções, que passam os limites do verdadeiro ornato; taes são as palavras ineptas e redundantes, phrases escuras, a collocação molle e effeminada, a affectação pueril de consoantes e de equivocos.

Caracter, ethopea, mimesis, figura de pensamentos para mover, é uma figura, que serve para retratar os costumes de qualquer pessoa, e por isso se dirige frequentemente aos affectos brandos.

Chama-se caracter, quando ella pinta os costumes, paixões e sentimentos em geral; retrato, quando o faz em particular: Ex dos Lusiadas, cant. 4. até 19 e do poema Hyssope, canto 5:

O padre mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordal-os,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado o leva á penca,
Com estrondo se assoa, e dobrado.
D'esturro então sorvida uma pitada,
O habito sacode, aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casula,
E de papo ao Deão assim responde.

Casos julgados, especie de provas intrinsecas, são sentenças proferidas em differentes tribunaes, que o orador pode produzir para provas de seu assumpto.

Cynismo, duodecimo vicio opposto ao ornato, é a mistura de varias linguas ou dialectos, de expressões sublimes com as baixas, de antigas com as modernas, das poeticas com as vulgares.

Circuito ou periphrase, tropo que serve para ornar, é o tropo com que se exprime por muitos vocabulos uma cousa, que se podia dizer com um ou poucos: Ex. dos Lusiadas, cant. 2. est. 37:

Com delgado sendal as partes cobre.
De *quem vergonha é natural reparo.*

Clareza, segunda virtude da elocução, é o uso de palavras proprias para significar idéas certas e determinadas.

São dez os seus vicios contrarios: 1º as palavras desusadas; 2º as palavras particulares de alguus paizes e lugares; 3º as palavras *homonymas*, as que debaixo do mesmo nome tem differentes significações proprias; 4º as transposições muito distantes, ou contra o uso; 5º a desordem ou confusão de palavras na oração, a que se dá o nome de *sinchise*; 6º os parentheses extensos; 7º a ambiguidade resultante da má composição; 8º a verbosidade vã e inutil denominada *perissologia*; 9º a brevidade demasiada; 10. as expressões enigmaticas e inintelligiveis, a que chamam *expressões refinadas.*

Climax, gradação, figura por acrescentamento de palavras, dá-se quando se repete o que já está dito; mas antes de passar a outro gráo, pára no antecedente: Ex. de Cicero pro Sat. Rosc. Amerino § 75: " Nas cidades tem sua origem o luxo; do luxo é consequencia necessaria a avareza; da avareza rompe com impeto a audacia; a audacia é a mãe de todos os crimes atrozes e malvados.

Collisão, terceiro vicio opposto á consonancia, é o encontro de consoantes asperas.

Communicação, consulta, figura de pensamentos para convencer, dá-se quando o orador, fingindo que os seus embaraços, deliberações e conselhos são communs aos seus ouvintes, consulta com elles ácerca do modo, porque se deve haver naquelle caso: Ex. de Vieira, serm. t. 4. pag. 81: " Que tendes por mais duvidoso nestes dous casos? O amor dos inimigos ou o odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amão? "

Conceitos, segundo gráo do ornato, são uns pensamentos, ou originaes ou fielmente imitados da natureza, que dão ao espirito e ao discurso mais força ou mais graça.

Dividem-se em conceitos agudos, sentenciosos ou sentenças, que servem para communicar mais graça ao discurso, e em conceitos fortes, amplificação, conceitos agudos, (veja-se sentenças.)

Conclusão, peroração, quarta parte do discurso, é a parte do discurso com que o orador, depois de preparar, informar os seus ouvintes, e de os convencer por meio das provas logicas, põe o ultimo remate ao mesmo discurso.

Divide-se a peroração em duas partes—recapitulação e epilogo.

Consonancia, virtude da boa collocação, é o som agradavel e harmonioso ao orgão do ouvido, que resulta de uma certa proporção de palavras de sons graves e agudos.

Confirmação, prova, terceira parte do discurso oratorio, é a parte do discurso oratorio, que o orador produz para convencer os ouvintes illustrando o entendimento.

Consulta, o mesmo que communicação.

Convencer, primeiro fim da eloquencia, é patentear pelos meios logicos uma verdade ignorada.

Correcção, figura de pensamentos para deleitar, é a figura com que o orador mostra arrepender-se do que tem dito: Ex. de Cicero na Verrina. 3. § 45: " Cahi aqui imprudentemente, ó juizes, pois elle com certeza o não furtou. Eu quereria não ter dito isto. Porquanto tirará daqui fundamento para se gloriar, e cavalgará nestes potrinhos. "

Decoro, decencia, é a conveniencia ou a exacta conformidade de expressão em geral com os pensamentos, em relação ás pessoas e a materia, de que trata o orador.

Deleitar, terceiro fim da eloquencia, é verter no discurso uma moral agradavel aos ouvintes.

Derivação, polyptoton, figura por acrescentamento de palavras, é a figura que repete as mesmas palavras, variando-as pelos seus differentes casos e generos: Ex. dos Lusiadas, cant. 9. est. 76:

Que mais caro, que as outras dar queria
O que *dêu* para *dar-se* a natureza.

Outro exemplo do mesmo poema, cant. 2. est. 87 :

Ainda que me peze estranhamente,
Em *muito* tenho a *muita* obediencia.

Diacope, separação, figura por acrescentamento de palavras, se faz repetindo tambem a mesma palavra metendo-lhe outra ou outras differentes de permeio : Ex. dos Lusiadas, cant. 2. est. 65 :

Dai velas, disse, *dai* ao largo vento.

Dialogismo, primeira especie de prosopopea ou de personificação, figura de pensamentos para mover, dá-se quando o orador faz fallar ficticiamente no discurso pessoas comsigo mesmas, ou com outras, como vê-se nos Lusiadas, cant. 1. est. 74. 75 e 76.

Dilemma, quinto argumento para refutar, é o argumento que consta de duas proposições absolutas e oppostas ; isto é, um argumento composto de dous enthymemas complexos, cuja intenção é commum a ambos : Ex. de Fr. Heitor Pinto, Imagem da vid. de Christo, p. 2. dial. 3. c. 6 : " Querendo Alexandre Magno despedir um philosopho, que trazia em sua casa, lhe disse estas palavras : Eu, como sou homem, erro como homem ; e tu, sendo philosopho, não me reprehendes, nem avisas de nada. Ou é que entendes meus erros, ou que não os entendes ; si os não entendes, não és sabio ; si os entendes, não és meu amigo, pois me não emendas : por isso daqui te despido, vae te muito embora. "

Discurso oratorio é uma oração periodica e copiosa, em que o orador tendo de persuadir, e sendo-lhe necessario não só provar, mas deleitar e mover,regeita as analyses subtis e metaphysicas ; ama as idéas sensiveis e compostas ; serve-se dos pensamentos e principios communs, revestidos de cores as mais phantasticas e agradaveis ; faz valer a sua autoridade pela expressão dos costumes os mais attractivos, e quando é preciso perturba com as paixões ; seu estylo é claro, porém ao mesmo tempo ornado, rico e variado.

Disposição, segunda parte da eloquencia, é o arranjamento dos pensamentos na melhor ordem, a que se propõe o orador.

Disposição oratoria é a distribuição tanto dos pensamentos em geral, como de cada um em particular, nos seus lugares competentes, acommodado ao fim que o orador se tem proposto.

Dissonancia, vicio opposto á consonancia, dá-se quando da má ligação apparecem cacophatons, hiatos e collisão.

Documentos, ou titulos, especie de provas intrinsecas das provas logicas.

Elocuçao ou phrase, terceira parte da eloquencia, é a escolha dos vocabulos, e sua collocação na oração, proprias a dar força e belleza aos pensamentos, para com elles o orador alcançar o fim, a que se propõe. Suas virtudes são pureza, clareza, correcção, boa collocação e ornato.

Divide-se a elocução em ligada ou periodica e solta.

Elocução grammatical é a simples enunciação de todos os conceitos do espirito, feita por meio de palavras.

Elocução ligada ou periodica é a em que se trata de uma materia, que demanda ligação de pensamentos,e é propria dos discursos da oratoria remontada, ou de outros quaesquer; ou é quando o discurso oratorio consta de ligação de pensamentos, e dos differentes agregados de palavras.

Divide-se em incisos, membros e periodos.

Elocução solta é a que dentro de pouco espaço se tratam assumptos por sua mesma natureza diversos, sem ligação de phrases.

Nesta elocução não ha ligação rigorosa de orações ou de phrases.

Ellipse, synedoche, figura por diminuição de palavras, dá-se quando se supprimem algumas palavras á oração, as quaes do contexto se deixam assaz entender—Adeus. Até logo. Bons dias. Bem vindo: Ex. dos Lusiadas, cant. 3. est. 45:

Elle adorando a quem lhe apparecia,
Na fé todo inflammado assim gritava:
Aos *infieis*, Senhor, *aos infieis*,
E *não a mim*, que creio o que podeis.

Eloquencia é a faculdade de significar com deleites os pensamentos por palavras, para convencer e persuadir.

A eloquencia divide-se em seis partes—inuvenção, disposição, elocução, memoria, pronunciação e acção.

Enargueias, primeiro genero de pinturas, é a pintura dos objectos feita com tal viveza, que parece estar-se vendo.

Ha duas especies: 1ª a com que se pinta a imagem do objecto toda junta em um quadro: Ex. dos Lusiadas, cant. 1. est. 36. 37, quando Jupiter dá o seu parecer no conselho.

Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz medonho e irado.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro.

2ª Especie de enarguciias, é composta de varios quadros successivos, que representam acções praticadas por differentes individuos. Lusiadas,cant. 3. est. 107 e 108, quando el rei D. Affonso IV, soccorre seu genro o rei de Castella.

Emphase, sexto genero de pinturas, é a que dá a entender mais do que as palavras por si declaram.

Ex. 1º dos Lusiadas, cant. 5. est. 3:

Oh lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
E' melhor de descer que de subir.

Ex. 2º do mesmo poema, cant. 2. est. 41:

Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui.... e nisto de mimosa.

Enthymemas, segundo genero de conceitos agudos ou sentenças, é uma forma de argumentação, que serve para ornar o discurso oratorio: Ex. da carta I. do bispo D. Hyeronimo Osorio a el rei D. Sebastião: " Entre pressa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella. "

Enthymema, syllogismo imperfeito, é o argumento que consta de duas proposições, uma das quaes é a controversa, e tem o nome de intenção, por ser a que o orador intenta provar. A outra, que tem o nome de assumpção, por ser a que elle toma para prova da primeira: Ex. Vida de Christo, liv. 6: " Maior poder é o nosso, que o do inimigo; pelejam pela nossa parte a fama e a victoria. "

Epanalepse, figura por acrescentamento de palavras, é a figura com que se repete a mesma palavra já no meio de duas ou mais phrases, já no principio e no fim dellas: Ex. de Vieira, serm. part. 1. col. 644: " Não *vemos* as cousas, que *vemos*, porque não olhamos para ellas. Vemol-as sem advertencia e sem attenção; e a mesma desattenção é a cegueira da vista. Divertem-nos a *attenção*

os pensamentos, suspendem-nos a *attenção* os desejos, roubam-nos a *attenção* os affectos. "

Epanodos, figura por acrescentamento de palavras, é a figura que repete as palavras que disse juntas, dividindo ou no mesmo sentido, ou em diverso:

Ex. de Ausonio ácerca de Dido epigramma, traduc. de Filinto Elisio:

Dido, nas vôdas triste fado corres:
Morre-te um, foges; foge-te outro, morres.

Ex. dos Lusiadas, cant. 8. est. 37:

Olha cá *dous infantes*, *Pedro* e *Henriques*,
Progenie generosa de Joanne;
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De seita a maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Epicherema, quarto argumento para refutar, é o argumento, que consta da intenção, da assumpção,das razões de cada uma dellas, e da connexão ou conclusão, como vê-se na Decada. 5. liv. 2. cap. 9.

Epilogo, segunda parte da peroração, é a parte da peroração, particularmente destinada para o emprego das provas moraes, isto é, das que tem por fim a excitação dos affectos.

Epiphonema, terceiro genero de conceitos agudos ou sentenças, é uma sentença com que se exclama no fim de uma narração, de verso ou de prosa:

Ex. de Souza, vida do Arcebispo, liv. 2. c. 13:

" Tanto damno faz nos conselhos estar suspeitada, senão entendida a tenção de quem preside. "

Ex. dos Lusiadas, cant. 3. est. 33:

Tanta veneração aos paes se deve!

Exordio, proemio, primeira parte do discurso, é quando o ora-

dor dispõe como lhe convém os seus ouvintes, para o escutarem favoravelmente em todo elle.

Divide-se em exordio principio e exordio insinuação.

Exordio principio é aquelle com que o orador prepara os ouvintes, expondo-lhes clara e directamente o fim, a que se dirige.

Exordio insinuação é aquelle que por meio de rodeios e indirectamente o orador prepara os ouvintes, para o fim proposto, por ter suspeitas de que o auditorio não lhe será favoravel.

Epistrophe, figura por acrescentamento de palavras, é a figura com que se repete a mesma palavra no fim de muitas orações: Ex. de Fr. Heitor Pinto, Imag. da vida de Christo, part. 2. dial. 1. cap. 24: " Gastos *largos*, esperanças do mundo *largas*, vaidades *largas*, consciencias *largas*, com apertos e estreitezas se hão de castigar.

Epitheto, tropo que serve unicamente para significar com mais viveza, é o tropo por meio do qual a elocução ajunta ao nome de qualquer objecto uma idéa accessoria de outro objecto, para modificar, ou ornar, ou communicar-lhe mais energia: Ex. dos Lusiadas, cant. 3. est. 83:

A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

Estado é o ponto que o orador deve empregar na publicação dos pensamentos.

Divide-se em estado de questões e em estado de discurso.

Estado de questões é o ponto inventado nas questões accessorias ou accidentaes de qualquer discurso.

Estado de discurso é o ponto final do discurso.

Divide-se em estado de conjectura, de definição e de qualidade.

Estado de conjectura dá-se quaudo o ponto principal do discurso é sobre a existencia ou possibilidade do objecto.

Estado de definição dá-se quando o ponto do discurso é sobre o nome do objecto.

Estado de qualidade dá-se quando se trata das qualidades moraes do objecto.

Estylo é o modo particular, porque cada individuo significa seus pensamentos por palavras ou por escripta.

Divide-se o estylo em quanto a quantidade, em quanto a qualidade, e considerado em relação aos tres fins da eloquencia, istó é, quanto a instrucção, moção e deleite.

Estylo em quanto a quantidade, isto é, o maior ou o menor numero de palavras com que são enunciados os pensamentos, divide-se em attico, asiatico, rodio e laconico.

Estylo attico é o que guarda uma justa proporção entre as palavras e os pensamentos, de maneira que na elocução nada sóbre e nada falte.

Estylo asiatico é o verboso em fallando, e não excedendo muito a exacta e escrupulosa proporção entre as idéas e as palavras.

Estylo rodio é o copioso sem ser redundante e superfluo, como o asiatico.

Estylo laconico é o curto e monosyllabico, escuro e enigmatico, faltando-lhe muitas vezes o necessario para fazer-se entender.

Estylo considerado em quanto a qualidade, isto é, a natureza das palavras e sua disposição na oração,divide-se em tenue ou subtil, robusto ou sublime e mediocre ou temperado.

Estylo tenue ou subtil é aquelle em que as idéas são enunciadas com vocabulos proprios, claros e significativos, sem todavia serem acompanhados de ornatos, pelo menos exquisitos.

Estylo robusto ou sublime é o que serve-se de toda a sorte de palavras e expressões valentes, animadas e proprias a dar força e grandeza aos pensamentos.

Estylo mediocre ou temperado é o que abunda de metaphoras e outros tropos e figuras, de que resulta graça ao discurso.

Estylo considerado em quanto a instrucção é o que instruindo os pensamentos, tem simplesmente em vista a enunciação dos mesmos pensamentos.

Divide-se em conciso, desenvolvido, forte e fraco.

Estylo considerado em quanto a moção é o que movendo e arrastando a vontade, é contemplado como um dos meios mais poderosos de que se serve a eloquencia, para arrebatar e persuadir.

Divide-se em estylo natural e vehemente.

Estylo natural é o que exprime toda a casta de pensamentos com facilidade e singeleza, e que usa de adornos sem affectação.

Estylo vehemente é o que tem um ardor e fogo devorante, que indica paixões postas em movimento, uma imaginação excitada e uma alma fortemente abalada.

Estylo considerado em quanto ao deleite é o que recreando a imaginação, attende aos ornatos, de que pode ser revestida esta mesma enunciação.

Divide-se em estylo secco, singelo ou simples, polido ou apurado, elegante e florido.

Estylo secco ou simples é o claro e preciso, no que diz respeito aos pensamentos ; puro e correcto quanto a expressão, sem que lhe sejam incompativeis a variedade e a força.

Estylo elegante é o que tem grande pureza e propriedade na escolha das palavras, e por isso agrada a imaginação e ao ouvido, esclarece ao entendimento, e ajunta ao merito dos pensamentos tudo que pode aformosear a sua expressão, sem os sobrecarregar de ornatos mal apropriados.

Exclamação, figura de pensamentos para mover, é uma figura,

que serve de exprimir os transportes vivos e subitos de qualquer paixão violenta: Ex. dos Lusiadas, cant. 1. est. 105:

Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminhos da vida nunca certos!

Exclamação em particular é a prova derivada da confrontação entre factos e factos.

Expressões desordenadas em geral, quarto vicio opposto ao ornato, são as expressões grosseiras, as tristes, as insipidas e as deleixadas.

Exergasia, synonymia, figura por acrescentamento de palavras, é a figura com que se repisam as mesmas idéas por differentes palavras, ou phrases synonymas: Ex. da Vida do Arcebispo, liv. 2. cap. 12: " Em se tratando (dos negocios) de Deus, era *raio*, era *corisco*,.... assi *abrasavam*, assi *feriam*, assi *penetravam* suas palavras."

Euphemismo é uma ironia com que dizemos vulgarmente de um homem que morreu, *que passou a melhor vida*: Ex. dos Lusiadas, canto 4. est. 60:

Porém depois que a escura noite eterna
Affonso *aposentou no céo sereno.*

Fama, opinião publica, especie de provas intrinsecas das provas logicas, pertence a jurisprudencia.

Figura, segunda parte do adorno, é uma forma de elocução apartada do modo commum de fallar.

Ha figuras de pensamentos e de palavras.

Figura de pensamentos dividem-se em tres classes: figuras para convencer, para mover e para deleitar.

Figura de palavras dividem-se em cinco classes: figuras por acrescentamento de palavras, por diminuição, por consonancia, por symetria e por contraposição.

Figura de pensamentos para convencer são oito: interrogação, resposta, preterição, prolepse, perplexidade, communicação, suspensão e permissão.

Figuras de pensamentos para mover são sete: exclamação, parrhesia, prosopopeia, apostrophe, hypotypose, aposiopése e ethopeia.

Figuras de pensamentos para deleitar são duas: correcção e anamnésis.

Figuras de palavras por acrescentamento são treze: redu-

plicação, diacope, anaphora, epistrophe, simploce, anaphora alternada, ploce, epanalépse, epanodos, polyptóton, anadiplosis, exergasia e climax.

Figuras de palavras por diminuição são tres: ellipse, asyndeton e zeugma.

Figuras de palavras por consonancia são duas: paranomasia ou agnominatio e antanaclasis.

Figuras de palavras por symetria são quatro: parison, omeoteleuton omeoptoton e isocolon.

Figuras de palavras por contraposição são duas: antithese e antimetabole.

Fontes para o orador conciliar a benevolencia do seu auditorio são quatro: as pessoas, o assumpto, as circumstancias, tanto das pessoas como do assumpto, e o discurso do outro orador.

Phrase, veja-se elocução.

Generos em eloquencia são tres: demonstrativo, deliberativo e judicial.

Genero demonstrativo, laudativo, theorico, serve para louvar ou vituperar.

Genero deliberativo, suasorio, serve para suadir e dissuadir.

Genero judicial, forense, serve para intentar a acção em juizo ou defendel-a.

Gnomas, primeiros generos de conceitos agudos ou sentenças, são umas maximas geraes sobre o assumpto moral, enunciadas em poucas palavras; as quaes ainda não sendo applicadas a um caso particular, podem merecer a approvação.

Dividem-se em quatro especies: já pelo objecto, já pelas suas partes, já pela sua forma e já pela sua extensão.

Gradação, veja-se climax.

Harmonia, numero da phrase, terceira parte da boa collocação, é a união ou mistura de palavras, de que resulta uma impressão agradavel e deleitosa ao orgão do ouvido; e isto acontece quando ha boa escolha de palavras e sua feliz collocação na phrase.

Hiatos, segundo vicio opposto a consonancia, é o concurso de sons muito abertos e sonoros.

Hyperbaton, transposição, tropo que serve somente para ornar, é o tropo por meio do qual se muda uma palavra do seu lugar proprio e habitual para outro:

Ex. de Pindar, ode 30. est. 6.

E a que os olhos me cerca, *triste treva.*

Ex. dos Lusiadas, c. 3. est. 94:

..... que *em terreno*
Não cabe o altivo peito *tão pequeno.*

Hyperbole, tropo que serve para mais vivamente significar e ornar, é o tropo por meio do qual exagerando alem dos limites da verdade, se engrandece ou se encurta um objecto fóra das suas proporções naturaes:

Ex. de Sá de Miranda, carta 5. est. 56: " *Comer-vos-heis aos bocados.*

Ex. da Decada 6. liv. 2. cap. 16, e Lusiadas, canto 6. est. 80:

Vendo ora o mar *até o inferno aberto,*
Ora com nova furia *ao céo subia.*

Hypotyposes, enargueias, representação ocular, figura de pensamentos para mover, é a figura com que se pinta qualquer objecto tão vivamente, que mais parece ver-se do que ouvir-se ou ler-se; porque se mostra aos olhos o como foi ou pode ser feita não em grosso, mas por partes: Ex. dos Lusiadas, canto 2 est. 27:

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antigo lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agua incautamente,
Daqui e dalli saltando o charco soa,
Por fugir do perigo, que se sente,
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem.

Idolopeia, prosopopeia ou personificação, dá-se quando o orador faz fallar o verdadeiro Deus ou Deoses falsos, ou as pessoas já fallecidas, como vê-se nos Lusiadas, cant. 1. est. 24 a 30.

Imagens, quarto genero de pinturas, são umas semelhanças ou parabolas breves: Ex. dos Lusiadas, canto 2. est. 41:

.... E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como c'o orvalho fica a fresca rosa.

Incisos, primeira parte da elocução ligada, é um sentido fechado em uma oração de harmonia incompleta e sem conclusão final.

Interrogação, figura de pensamentos para convencer, é a figura, que se faz para instar e intimar mais do que se diz.

Interrupção, veja-se aposiopese, reticencia.

Invenção, primeira parte da eloquencia, é descobrir os pensamentos mais adequados para o fim, a que se propõe o orador.

Ironia, tropo que serve para mais vivamente significar e ornar, é um tropo em que se usa de uma expressão contraria ao pensamento; alguns chamam irrisão: Ex. dos Lusiadas, canto 7. est. 82 :

Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecem ter eterna gloria!

Isocolon, figura de palavras por symetria, é a igualdade de membros da phrase por serem compostos de quasi o mesmo numero de lettras: Ex. de Vieira, serm. part. 4. pag. 260: " Leva Abraham seu filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira pela espada para lhe cortar a cabeça, manda-lhe Deus suspender o golpe, diz-lhe estas palavras: " Agora conheço, Abraham, que temes a Deus. "

Junctura, veja-se ligação

Juramento, quinta especie de provas intrinsecas, vejam-se provas logicas.

Licença, parrhesia, figura de pensamentos para mover, é a figura pela qual o orador fingindo fallar livremente e mais do que parece ser conveniente e permittido, chega a um fim aonde não parecia dirigir-se: Ex. da oração de Cicero pro Ligario § 7 : " Emprehendida a guerra, ó Cesar, até já feita em grande parte, sem que fosse violentado por pessoa alguma, e só por minha propria deliberação e vontade, marchei a unir-me áquelles exercitos, que se achavam armados contra ti. "

Ligação, junctura, segunda parte da boa collocação, é o aggregado derivado de uma continuação de sons, tanto nas palavras, como nos incisos, membros, e nos periodos, de que consta o discurso.

A boa ligação deve ter as duas virtudes essenciaes da boa collocação : variedade e consonancia.

Macrologuia, oitavo vicio opposto ao ornato, dá-se quando por muitas palavras se diz o que bellamente se podia dizer em poucas.

Meiosis, quinto vicio opposto ao ornato, tem lugar quando se cortam á oração palavras, cuja falta faz o seu sentido imperfeito.

Membro, parte da elocução ligada, é um sentido fechado em uma ou mais orações de harmonia completa, mas sem conclusão final.

Memoria, quarta parte da eloquencia, é conservar a disposição dos pensamentos, para o orador os apresentar aos ouvintes.

Metalepse, tropo que serve para vivamente significar e ornar, é o tropo por meio do qual se faz uso do nome dos consequentes pelos antecedentes ou vice-versa:

Ex. da Eclog. 2. vers. 66, em Virgilio, que querendo significar, que era chegada a noite, designa o consequente pelo antecedente nas palavras seguintes:

Vê como já os novilhos, do seu jugo
Suspenso, para casa o arado volvem.

Ex. do antecedente pelo consequente nos Lusiadas, canto 5. est. 61:

Já Phlégmon e Pyróis vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante.

Metaphora, tropo que serve para mais vivamente significar e ornar, é a mudança de um nome ou de um verbo da sua significação propria para outra, ou por faltar a palavra propria, ou porque a metaphorica é melhor do que a propria.

A palavra folha, que significa a parte de uma arvore, se emprega metaphoricamente para significar a parte de um livro. Um homem acesso em ira, inflammado da paixão. Esplendor do nascimento. Torrente de eloquencia:

Ex. dos Lusiadas, canto 9. est. 70:

Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

Ex. de Diniz, Ode a D. Vasco da Gama epodo 1.

..... E do campo salgado
Com cem remos varrendo immensa parte.

Ex. da Vida do Arcebispo, liv. 2. cap. 30:

" Conversando era tudo *brandura*.... Achavam nelle grandes lettras e sciencia sem *inchação*:
Ex. dos Lusiadas, canto 10, est. 118:

Choraram-te, Thomé, *o Gange e o Indo*

Metonymia, tropo que serve para mais vivamente significar e ornar, é o tropo que consiste em se empregar no discurso o nome de um objecto por outro, pela mutua connexão ou de ordem successiva, ou coexistencia, que um tem com o outro, em a natureza ou nas artes.

Ha cinco especies de metonymias, que são: a causa pelo effeito; o signal pela cousa significada; o inventor pela cousa inventada; o possuidor pela cousa possuida; o continente pela cousa contida.

Da causa pelo effeito: Ex. dos Lusiadas, canto 7. est. 76:

Com o fogo *o diabolico instrumento*
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.

Do effeito pela causa: Ex. dos Lusiadas, canto 9. est. 7:

Diz-lhe que vem de gente carregada,
E dos trovões horrendos de Vulcano.

Do signal pela cousa significada: Ex. do mesmo poema, canto 10. est. 116:

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o rei *se banha logo na agua santa.*

Do nome do inventor pelo seu invento, e do escriptor pelo de seu escripto: Ex. do mesmo poema, canto 7. est. 75:

Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara á gente.

Outro exemplo do mesmo poema, canto 5. est. 96 :

Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sahe á cabeceira.

Do possuidor pelo nome da cousa possuida : Ex. de Diniz. Pindar. Ode 1. epod. 4 :

Como da furia do valente braço,
" Neptuno " proceloso
Todo tremeu medroso.

Da cousa possuida pelo seu possuidor : Ex. da Vida de Castro, liv. 2 :

" Em Diu não descansavam as armas. "

Do continente pela cousa contida : Ex. dos Lusiadas, canto 6. est. 75 :

Não menos gritos vãos ao ar derrama.
Toda a náo de Coelho com receio.

Do contido pelo nome do continente : Ex. do mesmo poema, Egolg. 6 ;

Vós, Nereidas do *sal*, em que navego.

Mimeses, veja-se ethopeia.

Monotonia, vicio opposto á variedade, virtude da boa collocação, dá-se quando ha echos ou seguimento de palavras que comecem pelas mesmas syllabas accentuadas, com que acabam as antecedentes; quando ha repetição seguida de muitos monosyllabos; e quando ha continuada serie de palavras que terminam nos mesmos consoantes.

Motivos, vejam-se provas moraes.

Narração, segunda parte do discurso, é a parte do discurso oratorio, dedicada para informar aos ouvintes ácerca do assumpto do mesmo discurso da maneira a mais adequada ao fim proposto.

As virtudes da narração são clareza, brevidade e verosimelhança.

Os vicios, veja-se esta palavra.

Numero, veja-se harmonia.

Omeiologia, setimo vicio opposto ao ornato, dá-se quando, por falta de variedade na phrase, o discurso se torna fastidioso.

Omeoteleuton, ou similiter desinens, figura de palavras por symetria, dá-se quando os membros acabam pelos mesmos consoantes : Ex de Fr. Heitor Pinto, Imag. da vid. de Christ. part. 1. dialog. 6. cap. 1. " Aquellas pernas que caminhos *andariam ?* aquellas caveiras que imaginações *teriam ?* quão enlevadas nas falsas esperanças do mundo *seriam ?* que castellos de vento não *fariam ?*

Omeoptoton, ou similiter cadens, figura por symetria de palavras, tem lugar quando em differentes orações os nomes estão nos mesmos casos, ou os verbos nos mesmos tempos, já no principio, já no meio, e já no fim da oração : Ex. de Vieira, serm. par. 4 pag. 251. " Não aquella graça, que *deleita*, e *suspende* os entendimentos, senão aquella graça, que *abranda*, que *rende*, que *fére*, que *inflamma* os corações."

Onomatopeia, tropo que serve para mais vivamente significar, e ornar, é o emprego de uma palavra ou phrase, em que se imita o som natural do objecto, por exemplo cacarejar, mugir, sibilar, miar ; ou o som dos insectos,como zunir ; do vento brando,como sussurrar; do regato correndo mansamente, como murmurar ; do papel, ou panno quando se rompe , como rasgar. Lusiadas, canto 1.º est. 89. cant. 2. est. 27. cant. 5. est. 59, cant. 9. est. 54 :

Ornato,quinta virtude da elocução, é tudo aquillo,que acrescenta mais luz, força e graça á enunciação já clara e correcta das nossas idéas, feita por meio de palavras.

As virtudes essenciaes do ornato são quatro : 1.ª o ser viril, 2.ª o ser forte, 3.ª o ser natural, 4.ª o ser decente.

Ha quatro vicios oppostos a estas virtudes, que são : o effeminado, opposto ao viril ; o molle, opposto ao forte ; o contrafeito, opposto ao natural ; o incongruente, opposto ao decente.

Os vicios oppostos ao ornato,vejam-se vicios.

Ordem,primeira parte da boa collocação,que as palavras devem ter, pode considerar-se de dous modos : ou quando as palavras,consideradas separadamente cada uma de persi, não determinam, ou de alguma sorte modificam umas as outras,como são muitos sugeitos, attributos, ou muitos accessorios da mesma especie ; ou quando as palavras subordinadas entre si, formam um sentido,modificando-se, determinando-se, explicando-se reciprocamente, como o agente, que dando origem a acção, esta emprega-se no paciente.

Opinião publica,veja-se fama, especie de provas extrinsecas das provas logicas : pertence a jurisprudencia.

Parábola, terceiro genero de pinturas, é a mesma semelhança tirada dos objectos mais longe, e de natureza diversa : Ex. dos Lusiadas, canto. 2. est. 23 :

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado ;
Ali são seus trabalhos, e fadigas,
Ali mostrão vigor nunca esperado :
Taes andavam as nymphas estorvando
A' gente portugueza o fim nefando.

Parabola, é a prova derivada da confrontação entre individuos de differente especie e natureza.

Paramomasia, agnominatio, figura de palavras por consonancia,é a figura pela qual o orador emprega na mesma phrase duas palavras do mesmo som ; as quaes tem differentes idéas : Ex. de Vieira, serm. part. 4. pag. 421.

" As *magnates* attrahem o ferro, e os *magnates* o ouro."

Paridade de direito,quarta parte dos exemplos em geral,é a prova derivada da confrontação de leis com leis.

Párison, figura de palavras por symetria, dá-se quando as orações acabam ou principiam por palavras toantes, isto é, que do accento predominante até o fim tem as mesmas lettras vogaes ; mas differentes consoantes, como feras, licenças, bellezas, settas.

Parrehsia, veja-se licença.

Partição, segunda parte da narração,é a informação em a narração de um assumpto, que consta de muitos pontos diversos, feita por meio de outras muitas proposições.

Peregrinismo, veja-se barbarismo.

Periargia, decimo vicio opposto ao ornato, é a ostentação de pensamentos demasiada na elocução.

Periodo,terceira parte da elocução ligada,é um sentido fechado, composto de vario numero de orações, com harmonia completa, e conclusão final.

Periphrase, circuito, tropo que serve para ornar, é o tropo com que se exprime por muitos vocabulos uma cousa, que se podia dizer com um, ou poucos : Ex. dos Lusiadas, cant. 2. est. 37.

Com delgado sendal as partes cobre.
De quem vergonha é natural reparo.

Permissão, figura para convencer, é a figura, que tem quasi a mesma origem da communicação,e por meio da qual o orador mostra grande confiança em provar o que pretende : Ex.de Vieira, serm.

tom. 4. pag. 70. "Antes de resolver a questão, disputemol-a primeiro ; e ouvi com attenção o que allegar por uma e por outra parte; porque vós haveis de ser juizes."

Peroração, veja-se conclusão.

Perplexidade, figura de pensamento para convencer, é a figura com que o orador se finge duvidoso donde ha de começar, ou de acabar ; que cousa ha de dizer ou deixar de dizer ; por este modo elle tira ao seu discurso o ar de premeditação, e o faz por consequencia mais crivel, e excita a attenção, pondo em agitação o espirito dos ouvintes por meio destas suppostas duvidas.

Personificação, prosopopeia,figura de pensamentos para mover, é a figura com que o orador attribue sentimento, vida e racionalidade á seres, a quem estas qualidades não competem.

Dividem-se em dialogismo, idolopeia e prosopopeia.

Persuadir, segundo fim da eloquencia, é convencendo, deleitando e movendo, determinar effectivamente a vontade sobre uma acção passada, presente ou futura.

Pinturas, primeiro gráo do ornato, são noções que tem por prototypo a natureza physica ou moral.

Pleonasmo, sexto vicio opposto ao ornato, é o uso de palavras superfluas para intelligencia do pensamento.

Ploce, figura por acrescentamento de palavras, é como a anaphora alterada ; porém esta mesma correspondencia se dá nas palavras do meio de uma phrase com as do principio da outra: Ex. de Paiva de Andrade, serm. part. 2. pag. 396 : " Não se engana quem deseja ser honrado ; mas engana-se quem busca honra entre gente sem honra.

Polyptoton, antimetabole, veja-se derivação.

Polysyndeton, figura por acrescentamento de palavras, é a figura, que emprega muitas conjuncções, ou a mesma muitas vezes repetidas : Ex. dos Lusiadas, canto 3, est. 104.

Viuva e triste, e posta em vida escura.

Ex. de Ferreira, elegia 3 :

Suspira, e chora, e cansa, e geme e sua.

Preterição, figura de pensamento para convencer, é a figura com a qual o orador prevenindo que não quer fallar sobre certa cousa, sem embargo disso a vai dizendo.

Proemio, veja-se exordio.

Prolepse, figura de pensamento para convencer, é a figura de que se serve o orador, quando previne alguma objecção, que se lhe pode fazer.

Pronunciação, quinta parte da eloquencia, é declarar aos ouvintes os seus pensamentos.

Proposição, primeiro modo de fazer-se a narração, é a informação em a narração de um assumpto, quando elle consta de um só ponto.

Prosopopeia, figura de pensamentos para mover, dá-se quando o orador faz fallar seres insensiveis, physicos e moraes, como se fossem dotados de sentimentos: Ex. dos Lusiadas, canto 4. est. 73, 74 e 92:

Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade.

Provas, veja-se confirmação.

As provas para convencer dividem-se em provas logicas e provas moraes.

Provas logicas, intellectuaes ou razões, são destinadas para convencer o entendimento, illustrando-o. Taes provas vem logo depois da narração, e dividem-se em provas extrinsecas e provas intrinsecas ao assumpto sobre que são produzidas.

As principaes provas extrinsecas são os exemplos em geral, os casos julgados, a fama ou opinião publica, os titulos ou documentos, o juramento e as testemunhas. As provas intrinsecas são os signaes e os argumentos.

Provas moraes, sentimentaes ou motivos são destinadas para persuadir a vontade, movendo-a. Taes provas vem logo depois das provas logicas, e dividem-se em provas ethicas ou brandas, e em provas patheticas.

As provas ethicas servem para ensinar brandamente e ganhar a alma; são permanentes, e abrangem todos os assumptos.

As provas patheticas obram com força, e imperiosamente perturbam a alma, produzem movimentos rapidos e passageiros, e só entram em pequeno numero de assumptos.

Pureza, primeira virtude da elocução, dá-se quando na elocução entram palavras do proprio idioma, em que o orador se propõe a fallar, adoptadas pelo uso dos que bem o fallam.

Os vicios oppostos a pureza são o barbarismo ou peregrinismo e o purismo.

Purismo, segundo vicio opposto a pureza da elocução, é a affectação demasiada da pureza de linguagem do orador, sem desviar-se jámais das regras da grammatica, e sem admittir palavras ou phrase alguma, que não seja autorisada pelos melhores mestres da lingua.

Questões em eloquencia são ou universaes, isto é, indeterminadas ou theses; ou particulares, isto é, determinadas ou hypotheses.

Razões, vejam-se provas logicas.

Recapitulação, primeira parte da peroração, é avivar na memoria dos ouvintes a materia inteira do discurso, pondo-lhes diante dos olhos, em um só ponto de vista, todo o assumpto, e fazendo-lhes comprehender a relação de cada uma das partes do mesmo assumpto entre si, e com o todo.

Recreiar, terceiro fim da eloquencia, é o mesmo que deleitar pela expressão de costumes e pelo estylo florido.

Reduplicação, figura por acrescentamento de palavras, é a figura que repete seguidamente a mesma palavra, ou para amplificar, ou para exprimir mais vivamente alguma paixão: Ex. dos Lusiadas, canto 2. est. 61:

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: *fuge*, *fuge*, Lusitano;

Outro exemplo do mesmo poema, canto 3. est. 84:

Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, *Affonso*, os echos, mas em vão.

Resposta, figura de pensamentos para convencer, é a figura pela qual tendo-se perguntado a alguem alguma cousa, responde outra, por que lhe é mais util, como por exemplo perguntando-se: Mataste este homem? tenha-se em resposta: Um ladrão.

Reticencia, veja-se aposiopese, interrupção.

Rhetorica é a arte que dirige as disposições naturaes do homem no uso da eloquencia.

Retrato, veja-se ctopeia, mimesis.

Sarcasmo tem lugar quando a ironia é acompanhada de um riso insultante, com que se escarnece de uma pessoa infeliz, a qual não pode vingar-se: Ex. de Virgilio, Eneida, liv. 12. 359, sobre Turno que depois de haver traspassado com a espada a Eumenes, ainda o insulta, dizendo:

Eis, Troiano, medindo estás com os membros
Campos e Hesperia, a que aspiraste armado;

Taes premios leva, quem ousou tentar-me
Com o ferro em punho; taes muralhas ergue.

Separação, veja-se diacope.

Sentenças, conceitos agudos, são uns pensamentos delicados, que em poucas palavras encerram uns sentidos profundos, e servem para dar mais graça ao discurso.

São tres os generos de sentenças: gnomas, enthymemas e epiphonemas.

Signal, especie de provas intrinsecas, é um indicio ou vestigio sensivel, que tendo sua origem daquella cousa, que pretendemos descobrir, por meio delle vimos ao conhecimento desta.

Semelhança, segundo genero de pinturas, differença-se das enargueias em que nestas se representam os objectos por palavras; e nas semelhanças se representa um objecto por meio de outro familiar da mesma especie, com que é confrontado: Ex. dos Lusiadas, canto 3. est. 134:

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, com a doce vida.

Semelhança, primeira especie de exemplos em geral, é a prova derivada da confrontação entre individuos da mesma especie.

Simploce, figura por acrescentamento de palavras, é a figura que repete a mesma, ou as mesmas palavras, no principio e no fim de muitas orações: Ex. de Vieira, serm. part. 1. col. 638: " *Andais* buscando a honra com olhos de lynce; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que uma porta, que é a virtude, *ninguem atina com a porta. Andai-vos* desvelando pela riqueza com olhos, de um Argus; e sendo que a porta da riqueza não é acrescentar fazenda, senão diminuir cobiça, *ninguem atina com a porta. Andai-vos* matando por achar boa vida; e sendo que a porta direita, por onde se entra á boa vida, é fazer boa vida, *ninguem atina com a porta. Andai-vos* cansando por achar o descanso; e sendo que não ha, nem pode haver outra porta para o verdadeiro e seguro descanso, senão acommodar com o estado presente, e conformar com o que Deus é servido, *não ha quem atine com a porta.* "

Suspensão, figura de pensamentos para convencer, é a figura por meio da qual o orador, depois de ter por algum tempo suspensos os seus ouvintes, fazendo-os esperar cousas menores, do que talvez esperavam,ajunta uma maior, ou vice-versa: Ex. de Cicero na passagem da Verrina 5. § 11. aonde diz aos juizes: " O que seguiria depois? o que pensais vós? talvez espereis um furto, ou alguma nova rapina. Não conteis encontrar sempre as mesmas cousas.... Contai com a maldade mais infame, que imaginar poderdes: excederei todavia a expectação universal. Aquelles mesmos que, por crimes atrozes, até pelo da conjuração, se achavam condemnados, votados ao supplicio e já presos ao pelourinho, eis de repente, em presença de muitos milhares de espectadores, foram soltos e entregues ao bem conhecido seu senhor Leonidas. "

Syllogismo, argumento para refutar, é o argumento que consta de tres proposições, intenção, assumpção, connexão ou conclusão; das quaes a ultima serve para enunciar a relação, que existe entre as duas primeiras.

Synacolutho, argumento para refutar pensamentos enthymematicos, são argumentações formadas de proposições simplices, que contém em si mesmas as suas provas, isto é, nas quaes se apresenta em um só ponto de vista o principio e a conclusão: Ex. de Souza, Vida do Arcebispo, liv. 3. cap. 20: " Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos soldados " e de Freire, Vida de Castro, liv. 2. na falla de Coge Çofar.

Synedoche, veja-se ellypse, tropo que serve unicamente para significar com mais viveza, é o tropo por meio do qual o orador faz conceber, no espirito dos ouvintes ou do leitor, mais ou menos do que em seu sentido proprio significa a palavra ou phrase em geral, de que se serve; e deste tropo se usa empregando o todo pela parte, ou vice-versa; o plural pelo singular, ou vice-versa; o genero pela especie, ou vice-versa; o sugeito pelo attributo, ou vice-versa; o determinado pelo indeterminado, ou vice-versa; a materia pela forma, ou vice-versa; o abstracto pelo concreto, ou vice-versa.

Synonimia, veja-se exergasia.

Tapeinosis, veja-se baixeza.

Tautologia, sexto vicio opposto ao ornato, é a repetição desnecessaria da mesma oração.

Testemunhas, especie de provas extrinsecas das provas logicas, pertencem a jurisprudencia.

Titulos, documentos, especie de provas extrinsecas das provas logicas, pertencem a jurisprudencia.

Transposição, quarto vicio opposto a clareza da elocução.

Tropo, vem do grego, trope-volta, primeira parte do adorno, é a mudança de palavras ou de oração, da sua significação propria para outra, resultando dahi algum novo gráo de belleza ou de valentia ao discurso.

Ha tres classes de tropos:

Tropos,que servem para mais vivamente significar e ornar, como

metaphora, allegoria, metonymia, ironia, metalepse, antonomasia, onomatopéia e hyperbole.

Tropos, que servem unicamente para significar com mais viveza, como synedoche e epitheto.

Tropos, que servem para somente ornar, como periphrase e hyperbaton.

Uso dos estylos, veja-se a primeira parte deste compendio.

Variedades, virtude da boa collocação.

Vicios contra a clareza, segunda virtude da elocução, são as palavras desusadas; as palavras particulares a alguns paizes e lugares; as homonymas; as transposições; as synchyses; os parenthesis extensos; a ambiguidade; a perissologia; a brevidade demasiada; as expressões refinadas.

Vicios contra as virtudes da clareza, virtude da narração, são as digressões e argumentações.

Vicios contra a correcção, terceira virtude da elocução, veja-se solecismo.

Vicios contrarios a elocução, terceira parte da eloquencia, veja-se primeira parte da virtude da elocução.

Vicios contrarios ao exordio, primeira parte do discurso, são o vulgar, commum, commutavel, separado, transferido, longo, feito contra as regras.

Vicios contrarios a narração, segunda parte do discurso, são os contrarios as suas virtudes, isto é, a clareza, a brevidade e a verosimelhança.

Vicios contrarios a brevidade, virtude da narração, são as expressões improprias, linguagem apaixonada.

Vicios contrarios ao ornato, quinta virtude da elocução, são cacophatons, tapeinosis ou baixeza, expressões desordenadas em geral, meiosis, auxesis, tautologia, omeiologia, macrologia, pleonasmo, periargia, cacozelon, cynismo.

Vicios contrarios a pureza, primeira virtude da elocução, são o barbarismo ou peregrinismo, e o purismo.

Vicios contrarios a variedade, virtude da boa collocação, é a monotonia.

Vicios contrarios a verosimelhança, virtude da narração, é a linguagem apaixonada.

Vicios contrarios as virtudes do ornato são o ser effeminado, o molle, o contrafeito, o incongruente.

Vicios contrarios a consonancia, virtude da boa ligação e melodia, são a dissonancia, o cacophaton, os hiatos e a collisão.

Virtudes da boa collocação, quarta virtude da elocução, são a variedade e a consonancia.

Virtudes da elocução, terceira parte da eloquencia, são a pureza, a clareza, a correcção, a boa collocação e o ornato.

Virtudes da narração, segunda parte do exordio, são a clareza, a brevidade e a verosimelhança.

Virtudes do ornato, quinta virtude da elocução, são o sensivel, o forte, o natural, o decente.

Zeugma, figura por diminuição de palavras, dá-se quando um só verbo rege muitas orações; o qual se pode pôr no principio, no meio ou no fim de todas ellas:

Ex. de Arrais, dial. 3. cap. 31:

" O caminho da verdade é unico e simples, e o da felicidade vario e infinito. "

Ex. de Vieira, serm. tom. 4. pag. 211:

" A materia era dos lenhos mais preciosos e cheirosos do Libano, as columnas de prata, o throno de ouro, as almofadas de purpura. "

PARTE TERCEIRA

VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA

I

VERSIFICAÇÃO EM GERAL

O verso portuguez é o ajuntamento de syllabas com accentos em lugares determinados, inventado para exprimir os pensamentos de um modo deleitavel.

A alma do verso é a harmonia, que nasce dos accentos collocados em seus devidos lugares.

A exacta mistura de exercicio e de socego em differentes e proximas porções de tempo, e a reflexão do entendimento desta uniforme e bem regulada variedade, é o que se chama *deleite*.

A observação do entendimento acerca do artificio, proporção e numero das syllabas e dos versos, é o que se chama *harmonia*.

O verso portuguez deve constar de duas até onze syllabas, e os que excederem deste numero, serão prosa, ou dous versos escriptos na mesma linha, bem como os de doze syllabas, que serão de arte maior, ou dous senarios; e por isso o verso portuguez deve medir-se por syllabas, e não por pés, como mediam os Gregos e os Latinos.

Os versos portuguezes se dividem em grandes e pequenos, quer sejam rimados, de consoantes, ou soltos, sem consoantes.

O verso grande deve constar de doze syllabas, e chama-se hendecasyllabo ou heroico.

O verso pequeno deve constar de duas syllabas até dez inclusivamente.

O verso portuguez se considera de tres modos, ou quanto a collocação das rimas ou consoantes, ou quanto ao numero das syllabas, ou quanto ao numero dos pés.

O verso, considerado quanto a collocação das rimas ou consoantes, chama-se:

Inteiro, quando elle tem o accento agudo ou predominante sobre a penultima syllaba: Ex. amado.

Exdruxulo, quando o accento predominante está sobre a antepenultima syllaba: Ex. asperrimo.

Agudo, quando tem o dito accento sobre a ultima syllaba: Ex. buril.

O verso, considerado quanto ao numero das syllabas, offerece diversas especies.

O verso de quatro syllabas chama-se redondilho quebrado, cola, quebrado de lyrico maior: Ex.

Inteiro—Na ribeira,
Exdruxulo—Resto flórido.
Agudo—Bem se mostrou.

O verso de cinco syllabas chama-se hemistichios do verso pequeno. Ex:

Inteiro—Falsos amóres.
Exdruxulo—Nos campos áridos
Agudo—Rosto singular.

O verso de seis syllabas chama-se senario, redondilho menor, lyrico menor. Ex:

Inteiro—Olhos socegádos.
Exdruxulo—Desejados thálamos.
Agudo—Que eu seja infeliz.

O verso de sete syllabas chama-se setenario, italiano, quebrado, heroico menor, quebrado heroico. Ex:

Inteiro—Alli me manifésto.
Exdruxulo—A dama bellissima.
Agudo—De quem me queixarei.

O verso de oito syllabas, chama-se octonario, redondilho perfeito, lyrico maior. Ex:

Inteiro—Formosa mal engraçada.
Exdruxulo—Presidente famosissimo.
Agudo—Tudo pode uma affeição.

O verso de onze syllabas chama-se hendecasyllabo, grande, italiano, heroico. Ex:

Inteiro—As armas e os varões assignaládos.
Exdruxulo—O rosto carregado e a barba esquálida
Agudo—Vasco da Gama, o forte capitão.

O verso de doze syllabas, de arte maior, e o de treze syllabas, trancezes, omittimol'-os por se não usarem. Os hexametros, pentametros, saphicos adonicos, semelhantes aos latinos, só são usados para ostentação de engenho.

O verso, considerado quanto ao numero de pés, chama-se:

Soneto, que é uma composição de quatorze versos todos hendecasyllabos.

Estancia ou ramo, que é uma composição de muitas parelhas de versos ou de tercetos, ou quartetos, de versos hendecasyllabos e setenarios.

Canção, que é uma composição de parelhas de quartetos e de tercetos, formando de duas até quinze estancias, cada uma de nove a vinte e dous versos hendecasyllabos e setenarios.

Canção pindarica, que é uma composição de estancias,ou porções de treze a desesete versos de toda a especie, senarios, setenarios e octonarios.

Canção anacreontica, que é uma composição de parelhas ou de tercetos de pequenos versos e muitos quebrados, com numero indeterminado.

Balada, que é uma composição de estancias de parelhas de sete a onze versos, ou todos hendecasyllabos, ou todos setenarios, ou de mistura destes.

Ode, que é uma composição de estancias semelhantes e curtas, de cinco a oito versos hendecasyllabos e setenarios.

Ode epodaica, que é uma composição de parelhas de dous versos, um hendecasyllabo e outro setenario.

Ode saphica, que é uma composição de estancias de quatro versos; os tres primeiros hendecasyllabos e o quarto quinario.

Copla, que é uma composição de estancias de quartetos de versos hendecasyllabos e de octonarios.

Terceto, que é uma composição de estancias de tres versos todos hendecasyllabos.

Quarteto, que é uma composição de estancias de quatro versos todos hendecasyllabos.

Quintilha, que é uma composição de cinco versos octonarios.

Sextilha, que é uma composição de estancias de seis versos hendecasyllabos.

Oitava, que é uma composição de estancias de oito versos hendecasyllabos.

Decima, que é uma composição de dez versos octonarios.

Redondilha, que é uma composição de estancias de quatro versos, ou hendecasyllabos ou octonarios.

Endecha, que é uma composição de estancias de quatro versos setenarios.

Madrigal, que é uma composição de estancias de seis a onze versos hendecasyllabos e setenarios.

Silva, que é uma composição de versos hendecasyllabos e setenarios de numero indeterminado.

Romance, que é uma composição de estancias de quartetos ou coplas, de versos todos hendecasyllabos.

Vilhancico, que é uma composição de coplas de dous, tres ou quatro versos senarios ou octonarios, com alguns quebrados.

Glosa, que é uma composição de versos senarios com um texto de seis versos, e a glosa de estancias de cinco a dez versos.

Elegia, que é uma composição de estancias de tercetos, de versos hendecasyllabos.

Colchea, que é uma composição de dez versos octonarios sobre um thema, de um ou dous versos da mesma especie.

DAS SYLLABAS E DE SEUS ACCIDENTES

Syllaba é o som de uma vogal com uma ou mais consoantes. As syllabas soffrem algumas alterações no verso, e estas são a *synalepha* e a *syneresis*.

Synalepha ou collisão dá-se quando uma vogal, em que termina a precedente palavra,se absorve pela vogal, ou diphthongo inicial da palavra immediata.

Pode fazer-se synalepha com ou sem apostrophe nos casos seguintes:

Com apostrophe ou signal de elisão na primeira e quarta syllaba, e sem apostrophe na terceira e quinta. Ex: " D'Africa e d'Asia andavam devastando. "

Ha synalepha quando a dicção seguinte principia por *h.* e a antecedente acaba em vogal.

Não ha synalepha nos casos seguintes:

Quando a primeira dicção for monosyllabica, de uma syllaba, com accento agudo, e tambem a primeira dicção seguinte. Ex:

E*á* onde mais abaixo esta do pólo.

Quando houver duas syllabas asperas ou longas. Ex:

A *fé* e o imperio, e as terras viçosas,
Est*a* gente maritima de Luso,
A *outra* gente a quartos vigiava.

Quando os diphthongos precedem as vogaes. Ex:

Se ajunt*ão* em concilio glorioso.

Recebem facilmente synalepha as vogaes de som semelhante *e*, *i*, e o contrario as vogaes *a*, *u*. Ex:

Gozar espera da ultima vontade.
Ditosa, que eu per*di* e *e tu* alcançaste.

Syneresis ou pronunciação conjuncta, que se deriva do grego, e significa ajuntamento de cousas divididas, dá-se quando na mesma dicção se ajuntam duas vogaes para formar uma syllaba. A syneresis no verso é como o diphthongo na prosa.

Ha syneresis nos casos seguintes:

Quando a vogal, em que termina a syllaba, é seguida de outra vogal, em que acaba a palavra.

Quando as duas vogaes terminam as palavras, e o accento agudo está na penultima, como as palavras gloria, (nome) e memoria. Ex:

Onde quer que eu viver com fama e *gloria*.
E tambem as *memorias* gloriosas.

Quando as vogaes estão no principio da palavra, e o accento agudo está na segunda vogal, como a palavra triumphar. Ex:

Dever outro *triumphar* do seu despojo.
Conduzirão *triumphando* gloriosos.

Não ha syneresis nos casos seguintes:

Quando no principio ou meio da palavra uma syllaba acaba em vogal, e for seguida de outra. Ex:

E tambem as memo*rias gloriosas*.

Quando as vogaes estão no principio do vocabulo e o accento está na segunda vogal. Porém quando o accento agudo está na primeira vogal é livre fazer ou não syneresis, como o verbo triumphar. Ex :

Do Eo'o hemispherio está remoto.
Ao grande Eólo mandam já recado.

Quando as duas vogaes estão no meio do vocabulo, como a palavra Oceano. Ex :

Do grande *Oceano* visitando a esposa.

Quando as vogaes terminarem as palavras, e o accento estiver na penultima vogal, como a palavra gloria (verbo) :

Tristão que de ser filho se gloria.

DAS LICENÇAS POETICAS

As licenças poeticas ou figuras são contravenções a certas leis da poesia, destinadas para augmentar ou diminuir os vocabulos, afim de que o verso tenha um numero certo de syllabas.

As figuras para acrescentar as syllabas são cinco : prothese, epenthese, paragoge, dieresis e dialepha.

Prothese acrescenta uma syllaba no principio da palavra. Ex :

Vae *re*pastar teu gado em outra parte.
Apollo, e as nove musas *des*-cantando.

Epenthese acrescenta a syllaba no meio da palavra. Ex :

Invejoso vereis a gráo Ma*vor*te.
No grosso escudo rompe do pa-*gá*no.

Paragoge acrescenta uma syllaba no fim da palavra. Ex:

Da vossa pertinace confiança,
Do sangue d'Aragáo bella Isabel*la*.

Dieresis faz de uma syllaba duas. Ex:

Da soberba *Tui* que a mesma sorte,
Da prime*i*ra com terreno seio.

Dialepha ou separação dá-se quando não se usa da synalepha, ou collisão. Ex:

Exulta-te tu, fama, a gloria alta:
De nome infame, *e de* infame morte.

As figuras, que servem para diminuir as syllabas, são quatro: apheresis, syncope, apocope e syneresis.

Apheresis dá-se quando no principio da palavra se tira uma syllaba. Ex:

Maginação os olhos me adormece.
Por *bobedas* e tectos retumbavam.

Syncope dá-se quando se tira a syllaba no meio do vocabulo. Ex:

No futuro castigo não *cuidoso*,
E depois que o licor *sabroso* toca.

Apocope dá-se quando se tira uma syllaba no meio do vocabulo. Ex:

Porque a fama te exalte e te *lisonge*

Syneresis tem lugar quando no meio do vocabulo se faz a pronunciação conjuncta, e se contrahem as vogaes divididas. Ex :

D'Africa as terras, e *d' Oriente* os mares,
Ao passo que era amante o fez *odioso.*

DOS ACCENTOS NAS PALAVRAS E NOS VERSOS

Accentos são caracteres, que servem de alterar a pronunciação das palavras e dos versos.

Os accentos são tres : agudo, grave e circumflexo.

O agudo ou predominante faz a syllaba longa na pronunciação.

O grave faz a syllaba breve.

O circumflexo produz ao mesmo tempo o effeito dos dous antecedentes.

Trata-se somente do accento agudo ou predominante, por ser o que unicamente tem uso na poesia ; elle tem dous usos, nas palavras e nos versos.

Toda a palavra tem o accento predominante em tres casos :

Na ultima syllaba, quando o consoante é agudo : Ex. *luz*, pod*ér*, capit*ão.*

Na penultima syllaba, quando o consoante é inteiro. Ex. lusi*ta*no, am*a*do, b*e*llo.

Na antepenultima syllaba, quando o consoante é exdruxulo : Ex. p*ros*pero, bel*lis*simo.

Os monosyllabos, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *la*, *le*, *lhes*, *lho*, etc. perdem o seu accento, que fica pertencendo a palavra precedente.

Todo o verso, além do accento, que tem na antepenultima, na penultima e na ultima syllaba, deve ter outro no meio do mesmo verso.

O verso quadrisyllabo só tem accento na penultima. Ex

Assim cham*a*da
Celebr*a*da.

O verso quinario tem accento na primeira, ou na segunda, ou na terceira, ou na penultima. Ex :

Falsos amores,
Nos bellos campos.

O verso senario, além do accento da penultima, o tem na segunda ou terceira syllaba. Ex:

Estrellas e flores,
Entre espinhos e rosas.

O verso setenario, o mais usado depois do hendecasyllabo, pode ter o accento na segunda, ou na quinta, ou na quarta, ou na sexta, ou na penultima. Ex:

O dama delicada,
Nariz, lindo, afiládo,
Vão as serenas agoas,
Vira-se claramente.

O verso octonario, alem do accento na penultima, o pode ter na segunda, ou na terceira, ou na quarta, ou na quinta. Os octonarios que tem accento na terceira, são os mais sensiveis, harmoniosos e elegantes. Ex:

Frauta minha, que tangendo,
Que maior contentamento,
Tristes palavras ao vento,
Canta o segador contente.

O verso hendecasyllabo tem tres medidas:

1.ª Além do accento da decima syllaba, deve ter outro na sexta; e este tem mediana gravidade e compassada melodia, e deleitam sempre sem cansaço. Ex:

E da zona torrada a zona fria.

2.ª Além do accento da penultima, deve ter outro na quarta e

na oitava syllaba. Os versos desta medida são mais sonoros, tem maior sublimidade, e são proprios da poesia lyrica ; mas si se usam frequentemente, fazem-se fastidiosos e molestos ao ouvido, por isso devem-se misturar com os da primeira medida. Ex :

Das delic*a*das sobranc*e*lhas p*r*etas.

3.ª Alem do accento da penultima, deve ter outro na quarta e na setima syllaba. Os versos desta medida, usada entre os Italianos e rara entre nós, são proprios da poesia-phrygia e da versificação dithyrambica, bem como da musica estrepitosa e sonora ; e por isso seu uso deve ser rarissimo. Ex :

As fontes f*r*ias, ribeiras am*e*nas.

Os versos desta medida tem mais suavidade, quando ha cesura. Ex :

Vidas a m*o*ços, trab*a*lhos a v*e*lhos.

DAS LICENÇAS DOS ACCENTOS

Ha duas licenças nos accentos, consistindo a primeira em transferir o accento de uma para outra syllaba, e a segunda em pôr o accento onde antes havia outro.

Estas licenças se fazem nas palavras e nos versos.

As licenças nas palavras são o uso de duas figuras chamadas pelos Gregos e Latinos systole e diastole. A 1ª faz breve a syllaba longa, e a 2.ª faz o contrario ; e por isso são ellas inseparaveis.

A palavra *i*mpia tem accento na primeira syllaba, o qual mudando-se para a segunda, ha ao mesmo tempo systole e diastole. Ex :

D'onde se ouvem bramir feras *i*mpias.

Usa-se das licenças no verso, quando se acrescenta a certas vozes outro accento, alem do que já tinha. Ex :

Levantando o idol*a*tra o Mouro preso.
Que o capitão de Erébo receasse.

DA BOA COLLOCAÇÃO DOS ACCENTOS E CESURAS NO VERSO

Cesura ou partição é uma syllaba em que termina a palavra, a qual succede immediatamente a syllaba,que tem o accento. Quando o verso tem o accento na quarta e oitava syllaba, a cesura se fará na quinta e nona syllaba, o que dará muita gravidade, suavidade e magestade. Ex:

Porque de vossas aguas Phebo ordene
E não de agreste avena ou frauta ruda.

Si a cesura se não poder fazer igualmente na quinta e nona syllaba, se fará em uma ou em outra. Ex:

Vós, tenro e novo ramo florescente,
Vós, o novo temor da maura lança.

Quando o verso tem o accento na segunda, sexta e oitava syllaba, a cesura se fará na terceira e nona, para ficar mais sonoro e constante. Ex:

Cantando espalharei por toda a parte,
Por estes vos darei um Nuno fero.

Quando o verso tem o accento na sexta syllaba, se fará a cesura na setima. Ex:

Por mares nunca d'antes navegados,
Que em perigos e guerras esforçados.

Quanto maior for o numero de accentos no verso, tanto mais bellos e harmoniosos ficarão. Ex:

Cesse tudo o que a Musa antiga canta.
Gente vossa que a Marte tanto ajuda.

Estes versos tem cesuras na segunda, quarta, setima e nona, e tem cesuras nas syllabas precedentes.

Cuidar-se-ha em compor os versos pequenos com palavras de poucas syllabas, para se poder fazer accentos essenciaes ; elles podem ter synalephas nas cesuras com as dicções seguintes.

DOS VICIOS NA COLLOCAÇÃO DOS ACCENTOS

E' vicioso o accento nos casos seguintes :

Quando se põe em syllaba, que nem termina o vocabulo, e nem é seguida de outra verdadeira de palavra. Ex :

Porque o generoso *a*nimo e valente,
A Jaos e Rumes *u*ltimos desmaios.

Quando se põe sobre syllabas debeis ou vogaes de som escuro e fechado. Ex :

Dos que vencem coróas verdadeiras,
Porque o sol s*a*he facilmente.

Quando se põe sobre possessivo ou substantivo, que, em razão da pausa, seja preciso entre elles e a voz adherente pronunciação separada. Ex :

Para a fróta no s*e*u batel ligeiro :
Do verbo na virgem pura encarnado.

Quando se põe sobre relativos ou adjectivos, cuja pronunciação

pode ser inseparavel ; e tambem quando se põe sobre artigos, preposições ou outras particulas. Ex:

Pria para vermos em que parte estão
Cujo pomo contra *o* veneno urgente.

Quando se põe sobre muitas syllabas, tendo o verso successivamente accento na sexta e setima syllaba. Ex:

Fógo, fort*u*na, amór, ar, t*e*rra e ag*o*a,
De *o*uro, r*o*sas, rub*i*s, n*e*ve *e* l*u*z pura.

As palavras proprias para o verso devem ter tres qualidades: bellas no som, nobres em significação, e poeticas.

A primeira qualidade requer, que o som das palavras corresponda a significação do que se intenta exprimir, isto é, si a materia, de que se trata, for grande e magestosa, as palavras devem ser graves, sublimes e altisonas; si a materia for mediana, as palavras devem ser mediocres e brandas; si a materia for humilde e vulgar, as palavras devem ser simples, suaves e naturaes.

A doçura, gravidade, harmonia, belleza, suavidade, aspereza, brandura, sonoridade e formosura dos vocabulos procedem da qualidade e quantidade das lettras, de que elles se compõem.

As palavras em que entram as vogaes *a*, *e*, *o*, são sublimes e sonoras. Ex:

Moradoras gentis e delicadas,
Do claro e aureo Tejo, que meditas.

As que tiverem as vogaes *i*, *u*, são frouxas e baixas.

As em que entra maior numero de vogaes, que de consoantes, são doces. Ex:

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo.

As que tem a lettra *r*, são asperas. Guerra, horror, Turco, cruel, arguto, agreste, são proprias para exprimir cousas estrondosas e medonhas. Ex *:*

Rompendo os ramos vão da mata escura.
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida.

As que tem a lettra *s*, antes de consoantes, são asperas e pouco suaves, sendo proprias para exprimir o sibilante zunido dos ventos, e o murmurio das aguas.

As que tem a lettra *i*, tem som mudo e obtuso. Ex:

..... Tubas soam.
Instrumentos de guerra tudo atroam.

As compridas, ou que se pronunciam com difficuldade, são fracas e vagarosas, como advertido, competidor, experiencia. Ex *:*

Da liberalidade alexandrina,
Segues o gloriosissimo estandarte.

As de muitas vogaes e consoantes são graves e harmoniosas como caverna, fronte, tronco.

As compostas de *m* e *n* são harmoniosas e elevadas.

As que tem *m*, *n*, antes de *c*, *d*, *f*, *q*, *p*, *t*, são graves e magestosas, como encanto, profundo, triumpho, phalange, campo, santo, etc.

A segunda qualidade das palavras exige, que sejam ellas nobres em significação, polidas e não grosseiras nem plebeas, lembrando o illustre Ferreira:

Sirva propria palavra ao bom intento,
Haja juizo, regra e differença
Da pratica commum ao pensamento.

Deixam as palavras de ser nobres por quatro modos:

1º Si forem baixas e grosseiras, como *corno*, ainda que fallando dos animaes; *catar* por buscar, *labutar* por lidar; *ha-de-me* por ha-me-de.

2º Si nella se presentir o som de alguma deshonestidade, ou pela ligação de duas dicções, ex.: *um garfo destes*, em lugar de um destes garfos.

3º Si realmente significam cousas deshonestas, como a palavra *moça* e *amigo*; por quanto a palavra moça o vulgo dá uma significação indecente e baixa, e a palavra amigo offerece a idéa de uma affeição illicita entre dous sexos. Chama-se Aurora a moça de Titão, em lugar de esposa de Titão. Ex.:

Seguem guerreiras damas *seus amigos*.

4.º Si as palavras não forem de significação deshonesta, basta que o pareçam, como as palavras *partes*, *natura*; porque podem ser interpretadas por tropes.

A terceira qualidade das palavras é serem poeticas, isto é, de termos privativos á linguagem poetica e inteiramente apartadas do vulgar.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento
Para onde Alcides poz a extrema meta.

Onde se vê *mil* por muitas; *nadantes aves* por náos; *argento* por aguas prateadas ou escumosas; *Thetis* por mar; *pandas* por curvadas; *azas* por velas; *Alcides* por Hercules; e *meta* por baliza.

Os poetas antes devem usar de termos alatinados, e innovar, e outros, do que empregar termos vulgares proprios da prosa. Ex: *ara* por altar; *cauto* por acautelado; *charo* por amado; *cemento* por alicerce; *copia* por abundancia; *flamma* por chamma; *fuga* por fugida; *mandato* por ordem; *merito* por merecimento; *nauta* por marinheiro; *turba* por multidão, etc.

As palavras devem ser collocadas no verso por meio das transposições das vozes, de modo que nellas se inverta a ordem prosáica e plebea, afim de dar ao verso toda a grandeza e gravidade.

As transposições se farão cuidadosamente, para se não converterem em obscuridade. Ex.:

Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, *armado, forte e duro.*

Armado, forte e duro, que tocam a Marte, parece pertencer a Jupiter.

Bom será collocar algum adverbio ou verbo entre o substantivo e o adjectivo, a maneira dos Latinos; o que dá ao verso nobreza e graça. Ex:

Estava o Padre *ali*, sublime e dino.
Mem Rodrigues, *se diz*, de Vasconcellos.
E de escriptura *dignas* elegantes.

Não se hão de pôr no verso palavras muito compridas e sonoras, para não cahir no vicio da inchação. Ex:

Impossibilidades não façaes,
E a *taurominitana* praia excitam.

Não se usarão de palavras languidas e fracas, para evitar a frouxidão. Ex:

Da juliana má e desleal manha:
Por nós da mesma já cantada gente;
No qual uma rica fabrica se erguia.

Esta frouxidão costuma dar-se nos infinitos dos verbos principalmente regulares, postos no fim do verso. Ex:

Começando-se todos a sorrir,
Facilitando-se pode desprezar,

Entre as vozes communs deve-se misturar algumas exdruxulas e agudas, para dar suavidade ao metro. Ex:

Passada esta *tão* prospera victoria,
Podendo o temor mais gelido e inerte.

As vozes curtas se hão de entresachar com outras mais extensas; porque os versos de palavras muito grandes e poucas em numero são fracos e prosaicos. As palavras devem ter tres ou quatro syllabas, para não ficarem pouco sonoras, como os seguintes.

São offerecimentos verdadeiros,
Que fortissimamente pelejava.

Não se deve usar dentro do mesmo verso de palavras entre si consoantes ou simulcadentes. Ex:

Que a coroa de palma ali coroa,
E com a falta de sangue a vida falta.

Não se deve metter toantes, seguindo-se um a outro. Ex:

Trocastes cada chaga em clara estrella,
Tente peste do mundo tudo entulho.

Não se deve usar de vozes das mesmas lettras no principio e no fim; o que as faz tardonhas e dissonantes: Ex:

Tornai essa brancura á alva açucena.
Anda, canta, galharda, Anarda, amada.

Evitar deve-se a frequente repetição de vogaes e de outras lettras como soantes. Ex:

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo.
Chorou-te toda a terra, que pisaste.

Deve-se evitar o cacophaton, que é quando o principio da dicção seguinte se faz pela mesma syllaba da voz antecedente, formando uma intelligencia mal soante, sordida ou obscena. Ex:

Aquelles, de que estão tão mal seguros;
Da gloria, que jámais Africa ganha.

Deve-se evitar a união de lettras asperas, como *s* com *s*, *z* com *z*, *s* com *z*, *z* com *s*, *r* com *r*, e *l* com *l*, acabando a dicção com qualquer dellas, e principiar a seguinte dicção pela mesma. Ex:

Andas sagaz zombando, lhe diz sempre,
Sahindo vinha, onde co'a luz serena.

DAS RIMAS OU CONSOANTES

Rima ou consoante, que se deriva do Grego *rhythmo*, que quer dizer numero, é uma conformidade de som nas lettras finaes dos vocabulos, desde aquella vogal por diante em que se põe o accento, e não a conformidade de lettras, como alguns entendem; porque os consoantes foram feitos para os ouvidos, e não para os olhos,

Ha consoante falso, e consoante perfeito. O falso pode ser de dous modos, ou tendo conformidade de lettras, e não de som, ou tendo conformidade de som e não de lettras, como estes, Thyestes e podestes; Ceres e poderes; caçadora e fora; nobreza e presa; quieta e meta; e são adoptados como consoantes perfeitos, sem ter as mesmas lettras, passo e espaço; extenso e lenço; princeza e portugueza; acesa e belleza; preso e desprezo.

Consoante perfeito dá-se quando ha conformidade de som e lettras vogaes e consoantes, e por ordem, de sorte que faltando ou sobrando uma lettra, deixa de ser consoante perfeito. Ex. amado, desanimado.

Toante ou assoante, de que usaram somente os Castelhanos e Portuguezes, faz-se quando desde a vogal com accento até o fim do vocabulo ha as mesmas vogaes, ainda que as consoantes sejam di-

versas e em numero desigual. Ex. dar e mal; alma e mata; critico e gratissimo.

As rimas devem ser feitas de palavras, que tenham significação differente, ainda que as figuras sejam as mesmas. Ex :

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Portuguez mandado logo *parte*
A fazer sabedor o rei gentio
Da vinda sua a tão remota *parte.*

Podem ser as rimas das dicções seguintes simplices e suas compostas. Ex *:*

E para tudo emfim buscar *razões,*
Mas eram muito mais as *semrazões,*

Pelas differenças das dicções antepostas. Ex :

Deixas crear as portas o inimigo
Por ires buscar outro de *tão longe,*
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se va deitando *ao longe.*

Não se deve fazer uso do consoante, que for equivoco por accidente, e feito de translação. Ex. *arder* significando queimar, e em outro lugar significando sentir vehemente paixão.

Não se deve mudar os casos no mesmo nome, pondo-lhe differente artigo ou preposição. Ex :

Impressas traz; e como nasceu *dellas,*
Co'ellas vive, e tambem morre por *ellas.*

As rimas se consideram de dous modos, quanto a natureza, e quanto a distancia.

As rimas, consideradas quanto a natureza, são de tres qualidades: inteiras, exdruxulas e agudas, como o são os versos e pelas mesmas razões.

As rimas, consideradas quanto a distancia, ou quanto a sua collocação, se dividem em seis especies: rima proxima; mais proxima; muito proxima; remota; mais remota; remotissima.

Rima proxima é aquella com que terminam dous versos sem interposição de outra rima, como os dous intermedios dos quartetos nos sonetos, e os dous do fim das oitavas.

Rima mais proxima ou encadeada é a que se faz no fim do verso precedente, e no meio do outro immediato; e isto tem lugar por dous modos.

O 1º modo é quando na quarta e quinta syllaba do verso se põe a voz consoante da ultima palavra. Ex:

Que alegre campo, e praia deleito*sa* !
Que saudo*sa* faz esta espes*sura*
A formosu*ra* angelica e *serena*
Da tarde ame*na*.

O 2.º modo é quando a voz do meio do verso, que corresponde a final do precedente, vem cahir na sexta e setima syllaba do mesmo verso. Ex:

Formosa manhã clara e delei*tosa*,
Que como fresca rosa na ver*dura*
Te mostras bella e *pura*.

As composições do 2º modo costumam rematar-se com dous versos de igual consonancia no fim. Ex:

Bem que eu verei mudar a opini*ão*
Pois homens são a quem o esquecim*ento*
Depressa faz mudar o pensamento,

Rima muito proxima é a que se repete dentro do mesmo verso, de sorte que toda palavra rima com a que lhe fica anteposta. Ex:

Outros hasteas de settas delgaçan*do*,
Trabalh*ando*, cant*ando* estão de amores.

Rima remota é a que se faz mettendo quatro versos de permeio entre as vozes correspondentes.

Sampayo tu lá *só*
De mim estás, não das Musas, não do santo,
Fresco, são, e brando ar, que as Graças criam,
Nessa felice terra
Regada da corrente graciosa
De um novo Tibre ou *Pó*.

Rima mais remota é a que entre ella medeiam cinco versos.

Rima remotissima é a que entre ella se interpõem seis versos, como em Cam. ode 2.

As demais rimas, entre as quaes não ha mais que um, dous, ou tres versos, chamam-se rimas de proporcionada distancia.

DO MODO DE ACHAR CONSOANTES

São tres as fontes d'onde se podem tirar os consoantes: alteração, mudança e addição.

A 1ª fonte—alteração—se faz ou nos vocabulos, ou na ordem.

A alteração nos vocabulos se faz acrescentando ou diminuindo as syllabas.

A alteração na ordem consiste em transpor as palavras de modo, que a sua collocação não gere no conceito confusão e escuridade. Por exemplo em lugar de dizer: O Padre sublime e digno, que vibra, estava ali n'um assento, se diz do modo seguinte:

Estava o Padre ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano
N'um assento etc.

A 2ª fonte—mudança—é a substituição de uma cousa por outra; e se faz ou em uma só palavra, ou em toda a phrase.

A mudança de uma palavra se faz de quatro modos: de propria em propria; de propria em metaphorica; de metaphorica em propria; de metaphorica em metaphorica.

1.° De propria em propria. Si se quizer comparar alguma cousa a um campo coberto de flores, se dirá:

Qual campo revestido de boninas.

2.° De propria em metaphorica. Si se quizer dizer de teus annos logrando o commodo ou proveito, se dirá:

De teus annos logrando doce fructo.

3.° De metaphorica em propria. Em vez de dizer-se: A terra oriental que o Indo *rega*, se dirá:

A terra oriental, que o Idaspe *lava*.

4.° De metaphorica em metaphorica. Em lugar de chamar ao corpo miserrima prisão, se dirá prisão terrestre:

Apartada a a*lm*a da pri*são* terrestre.

A mudança de phrase se faz de quatro modos.

1.° Mudando a phrase propria em outra propria. Querendo exprimir, que amor comtigo em medo se muda, se dirá:

Que amor comtigo em medo se converte.

2.° Mudando a phrase propria em metaphorica. Querendo exprimir, que vereis ir navegando, se dirá:

E vereis ir cortando o *salso* argento.

3.° Mudando a phrase metaphorica em propria. Ex:

Que o coração no peito lhe não *cabe*.

4ª Mudando a phrase metaphorica em metaphorica. Ex.:

Que o coração para elle é vaso estreito.

A 3.ª fonte—addição—se faz por sete modos: por interpretação; por appostos; por partição; por adjuncto; por contraposição; por comparação e por interposição.

1.ª Addição por interpretação, synonymia, é uma addição de vocabulo ou sentença, que significa o mesmo que aquillo, a que se ajunta. Ex.:

Notando o estrangeiro o *modo* e *uso*,
Os livros de sua *lei*, *preceito*, ou *fé*.

2.ª Addição por appostos, epitheto, faz-se quando um vocabulo, que não é o proprio nome da cousa a que se dá, se lhe ajunta para o fim de indicar alguma sua propriedade.

Que affeiçoado ao gesto *bello* e *terno*;
Divina guarda, *angelica*, *celeste*.

3.ª Addição por partição dá-se quando algum todo, já nomeado, se divide em partes; e estas se ajuntam á sentença assim dividida. Ex:

Esteja a companhia lusitana
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

4.ª Addição por adjuncto dá-se quando se ajuntam algumas cousas, para significar ou o instrumento, ou o modo, ou outro qualquer accidente, que acompanha a acção. Ex.:

Insana phantasia.
De tentarem o mar *com vela e remo*.

5.ª Addição por contraposição se faz quando se ajunta, ao que fica dito, algum sentido contrario. Ex.:

Tem mais licença e m*enos regi*mento.
Não fiquei homem não; mas mudo e quedo.

6.ª Addição por interposição, parenthese, faz-se todas as vezes em que um breve sentido, que se aparta algum tanto da materia, que se vae tratando, se põe no meio, ou no fim do periodo. Ex:

Eis as lanças e espadas retiniam,
Por cima dos arnezes. Bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,
Uns Mafamede, e outros San Tiago.

METHODO DE ACHAR OS CONSOANTES SEGUNDO BORRALHO

" Para se achar consoantes a qualquer dicção, de que se quer usar, diz elle, com facilidade e de memoria, havemos de tomar dessa dicção as syllabas,em que acha-se o accento predominante para traz, e dahi recorrer ao abecedario das lettras consoantes, e aquella vogal, onde está o accento predominante, acrescentando-lhe um *b*; depois recorrer a outra, pondo-lhe um *c*; e dahi pelas mais consoantes, que se irão multiplicando com as vogaes até tres, quatro, e cinco syllabas; visto que poucas dicções ha de mais syllabas. Assim logo de memoria se achará o consoante, que melhor vier a proposição.

Supponhamos, v. g. que busco consoantes para *aia*, na qual dicção está o accento predominante no primeiro *a*. Acrescentando-lhe atraz um *b*, acho por consoante *baia*, adjectivo que significa cor baia; e não achando mais consoantes pelo *b*, passo ao *c*, e assim acho o consoante *caia*, por caiar, ou *caia*, verbo, por cahir no presente imperativo; e dahi valendo-nos dos compostos e das preposições, acharemos outros consoantes, como o verbo *descaia*. Deste modo iremos recorrendo ás mais lettras consoantes, até acharmos a que melhor convier a consonancia. "

DAS LICENÇAS DAS RIMAS

As licenças das rimas são a alteração da composição das lettras, que formam os vocabulos, e se fazem de quatro modos: por substituição; por transposição; por acrescentamento; por diminuição;

todavia deve-se usar escassamente das licenças, porque a rima deve obedecer a palavra e não a palavra a rima.

A substituição, antithese, faz-se pondo umas lettras no lugar de outras. Ex :

Que qualquer outro bem julgo por *vento.*
Assim que em termo tal por mais que *sento.*

A transposição, metathese, faz-se em uma palavra trocando uma lettra do seu lugar para outro. Ex *:*

Que excedem Rodamanto e o grão *Rogeiro,*
E Orlando, ainda que fora verdadeiro.

O acrescentamento faz-se augmentando na dicção uma ou mais lettras, e opera-se de dous modos : ou crescendo uma syllaba no vocabulo, ou conservando-lhe a mesma quantidade ácerca das syllabas. Ex :

Que se escureça o teu querido *Orjeio,*
Se muda em mais figuras que *Protheio.*

A diminuição faz-se pela subtracção de alguma lettra á palavra, ou conservando-lhe as mesmas syllabas, ou fazendo-lhe perder alguma. Ex *:*

A quem o cego horror sempre anda annexo.
Mas eu de que me queixo ?

DAS VIRTUDES E DOS VICIOS DAS RIMAS

As virtudes das rimas, ou as boas rimas se consideram de tres modos *:* quanto a qualidade das vozes ; quanto a distancia das vozes ; quanto a combinação de umas com outras rimas.

Quanto a qualidade das vozes, a rima deve ser bella, segundo o

estylo e assumpto de que se trata; e para isso devem-se observar tres regras.

1.ª As melhores rimas são as compostas das vogaes as mais sonoras, e que da syllaba do accento por diante forem cheias de consoantes. Ex :

Albuquerque terrivel, Castro forte.
Sublime rei, que não me atrevo a tanto.

Tem mediana gravidade as rimas compostas de vogaes e de consoantes, parte graves e parte sublimes. Ex :

Suspiros inflammados, que contais.
A tristeza com que eu vivi tão ledo :

As mais inferiores rimas são as compostas da vogal *e* mudo, e de *l*, *n*. si tem uma só consoante. Ex :

Onde quer que eu esteja, onde me *vire*,
Quando se envolve o céo, o dia escurece.

2.ª As dicções de duas e tres syllabas são as mais bellas e sonoras para as rimas do verso inteiro ; as de tres e quatro, para o exdruxulo ; porque se perde a consonancia nas palavras sexquipedaes.

3.ª Escolher rimas apropriadas, segundo a materia de que se trata ; porque apezar das vozes serem curtas, bellas e poeticas, não são boas para as rimas proprias e magestosas, nem servem para a canção, e somente quadram a epopea ; e as rimas exdruxulas terminadas em *ura* são naturaes, para representar cousas horridas.

Quanto a distancia das vozes, já se disse que as rimas são divididas em proximas, mais proximas, muito proximas, ou em remotas, mais remotas, ou remotissimas e de proporcionada distancia.

As rimas em que medeiam menor quantidade de vogaes, são suaves.

As rimas proximas são de grande deleite.

As rimas mais proximas são suavissimas.

As rimas muito proximas são insuaveis, molestas e abjectas, e produzem de sua repetição um cansaço e fastidioso estrepito.

As rimas remotas se admittem, quando o assumpto for de grande magestade e elevação.

As rimas mais remotas e as remotissimas são pouco deleitosas, e dão mais desgosto que prazer.

As rimas de proporcionada distancia dão gravidade e doçura, e são as mais bellas e harmoniosas.

Quanto a combinação de umas rimas com as outras, não deve haver semelhança de som entre dous consoantes diversos, postos um ao pé do outro; pois quanto mais differente fôr uma rima da outra, e maior variedade houver entre ellas, será mais grata e mais alternada a consonancia. Ex:

Não, em desvario e phantasia
Cuidar, que em alta noite e solitaria
Fóra da tenda o principe estaria
Successo e novidade extraordinaria.

A diversidade do som entre uma e outra rima não deve proceder só da mudança do genero e numero nos mesmos nomes, e de tempos, modos e pessoas nos mesmos verbos. Ex:

Os Brahmanes se encheram de odio *tanto*,
Que seu veneno os morde inveja *tanta*,
Que particularmente ali lhe desse
Informação mais larga, pois *fazia*
Nisso serviço ao rei, porque soubesse
O que neste negocio se *faria*.

A rima no fim do primeiro periodo deve corresponder em suavidade a do principio e meio, por ex. a harmouia e gravidade dos quartetos de um soneto devem corresponder a dos tercetos.

Os vicios das rimas são diversos, porem os mais notaveis são os seguintes.

Todos os consoantes que dependem das licenças, e que alteram a forma natural dos vocabulos.

As cadencias em que terminar grande quantidade de palavras, isto é, os adverbios em *ente*, os substantivos com a desinencia em *ão*, *ade*.

As terminações dos verbos em *ava*, *ia*, *ara*, *era*, *asse*, *esse*, *amos*, *emos*, *imos*, *ar*, *er*, *ir*, *endo*, *indo*, *etc.*

Toda a rima tomada da ordinaria desinencia dos verbos.

As rimas violentas tiradas ou de epithetos ou de addições viciosas, de particulas inuteis, e de idéas repetidas.

Tudo o que pela força do consoante se pratica, e que, omittido conserva o mesmo pensamento e dá mais belleza ao verso.

DO VERSO SOLTO

O verso solto é aquelle, que, isento de todas as regras e sugeição de rimas, termina livremente naquellas palavras, que melhor agrada ao poeta.

Pode o verso solto ser da mesma sorte, que o rimado; grande ou pequeno, e dividir-se igualmente em inteiro, exdruxulo e agudo.

Deve ser elegante e cheio de harmonia.

A sua elocução deve ser purissima; as expressões vivas; os conceitos nobres; sendo magestosa e maravilhosa nas palavras.

Não deve ter as licenças poeticas.

O periodo não deve ser muito extenso.

Deve ter variedade, de modo que a construcção perfeita termine ora em dous versos, ora em tres, ora em quatro.

Deve ser encadeado de modo que o fecho do periodo não caia jamais no meio, (*) e vá terminar no fim do mesmo verso.

Não deve ter uniformidade, isto é, deve ser ora grave, ora galante, ora vagaroso, ora accelerado, acommodado ás cousas e aos conceitos que exprimem.

A poesia solta pode ser de versos, ou todos hendecasyllabos, ou todos pequenos, de hendecasyllabos e de pequenos.

Podem os versos ser, ou todos inteiros, ou todos exdruxulos, ou todos agudos, ou misturados de todos.

Os melhores poetas tem recommendado os versos soltos para as tragedias e comedias, e para as traducções dos poetas estrangeiros, materias pertencentes ás artes, eglogas, hymnos, silvas, idyllios, panegyricos, etc.

II

VERSIFICAÇÃO EM PARTICULAR

DO SONETO

A palavra soneto é derivada e diminutiva do italiano *souno*, que significa pequeno som ou canto.

(*) Em contrario aos grandes poetas, e até as vezes á belleza e á imitação,

(*Do colleccionador*)

O soneto é uma composição formada de quatoze versos, todos hendecasyllabos ou todos setenarios.

O soneto deve constar de um primeiro pensamento natural, bello, novo e nobre. Este pensamento ou a materia do soneto deve ser distribuida de maneira que o propor seja no primeiro quarteto, o provar no segundo, o confirmar no primeiro terceto, e o concluir no segundo.

A perfeição, graça e harmonia do soneto consiste em que cada parte do soneto deve comprehender alguma parte perfeita do pensamento ; porque é um grande defeito, que o pensamento do primeiro quarteto termine nos versos dos tercetos.

Os quartetos rimam de tres modos :

O primeiro modo, chamado rima fechada, dá-se quando o primeiro verso rima com o quarto, quinto e oitavo. Ex :

Primeiro	hendecasyllabo	.....	A
Segundo	"	.....	B
Terceiro	"	.....	B
Quarto	"	.....	A
Quinto	"	.....	A
Sexto	"	.....	B
Setimo	"	.....	B
Oitavo	"	.....	A

O segundo modo, chamado rima alternada, tem lugar por duas maneiras :

A primeira maneira dá-se quando faz o primeiro verso a consonancia com o terceiro, quinto, setimo ; e o segundo verso com o quarto, sexto e oitavo. Ex :

Primeiro	hendecasyllabo	.....	A
Segundo	"	.....	B
Terceiro	"	.....	A
Quarto	"	.....	B
Quinto	"	.....	A
Sexto	"	.....	B
Setimo	"	.....	A
Oitavo	"	.....	B

A segunda maneira da rima alternada pouco differe da da primeira, e é pouco usada. Dá-se quando o primeiro verso faz consonancia com o terceiro, sexto e oitavo ; e o segundo verso com o quarto quinto e setimo. Ex :

Primeiro	hendecasyllabo	.....	A

Segundo hendecasyllabo..... B
Terceiro " ..... A
Quarto " ..... B
Quinto " ..... B
Sexto " ..... A
Setimo " ..... B
Oitavo " ..... A

O terceiro modo de rimar os consoantes nos quartetos, chamado mixto, dá-se quando o primeiro verso faz consonancia com o terceiro, sexto e setimo; e o segundo verso com o quarto, quinto e oitavo. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " ..... A
Quarto " ..... B
Quinto " ..... B
Sexto " ..... A
Setimo " ..... A
Oitavo " ..... B

Os tercetos ou tem duas rimas, que se chamam rima encadeada, ou tem tres, que se chamam rima terceada.

A rima encadeada dá-se de varios modos:

O 1.° fazendo que o primeiro verso dos seis corresponda ao terceiro e quinto; e o segundo verso ao quarto e sexto: este é o mais suave e seguido. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " ..... A
Quarto " ..... B
Quinto " ..... A
Sexto " ..... B

O 2.° fazendo que o primeiro verso dos seis corresponda ao terceiro, quarto e sexto; e o segundo verso ao quinto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " ..... A
Quarto " ..... A

Quinto hendecasyllabo..... B
Sexto " ..... A

O 3º modo fazendo que o primeiro verso dos seis corresponda ao quinto e sexto; e o segundo verso ao terceiro e quarto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " ..... B
Quarto " ..... B
Quinto " ..... A
Sexto " ..... A

O 4.º modo fazendo que o primeiro verso dos seis corresponda ao quarto; e os outros sejam entre si consoantes. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " ..... B
Quarto " ..... A
Quinto " ..... B
Sexto " ..... B

O 5º modo consiste em que o primeiro verso dos seis corresponda ao quarto e quinto; e o segundo verso ao terceiro e sexto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " ..... B
Quarto " ..... A
Quinto " ..... A
Sexto " ..... B

A rima terceada é travada do mesmo modo, que a rima encadeada.

O 1º modo é que o primeiro verso dos seis corresponda ao quarto, o segundo ao quinto, o terceiro ao sexto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " C

Quarto " ..... A
Quinto " ..... B
Sexto " C

O 2.º modo é que o primeiro verso dos seis corresponda ao quinto, o segundo ao quarto, o terceiro ao sexto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo ..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " C
Quarto " ..... B
Quinto " ..... A
Sexto " C

O 3º modo é que o primeiro verso dos seis corresponda ao sexto, o segundo ao quarto, o terceiro ao quinto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo ..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " C
Quarto " ..... B
Quinto " C
Sexto " ..... A

O 4º modo é que o primeiro verso dos seis corresponda ao sexto, o segundo ao quinto, o terceiro ao quarto. Ex:

Primeiro hendecasyllabo ..... A
Segundo " ..... B
Terceiro " C
Quarto " C
Quinto " ..... B
Sexto " ..... A

A perfeição do soneto consiste em se usar de uma acommodada exactidão de estylo; de palavras breves, de uma até cinco syllabas, que devem ser rarissimas; de vocabulos breves misturados com outros mais breves; de vozes bellas, polidas e poeticas; de rimas proporcionadas ao assumpto, isto é, graves, especialmente nos tercetos, si a materia for sublime; medianas em gravidade e doçura, si o objecto for mediocre; e humildes, si o objecto for da mesma natureza.

Devem-se evitar os versos acrosticos(capoversi em italiano) que são os que significam alguma cousa pelas proprias iniciaes; todas as figuras e licenças poeticas, a excepção da syncope, ou palavras barbaras e insuaveis; os vocabulos extravagantes; as vozes truncadas; as metaphoras ridiculas e baixas; as rimas violentas, ainda que as difficultosas são de grande apreço, assim como as ordinarias e faceis de se acharem são de pouco merito.

Devem evitar-se tambem os toantes ou assoantes, e os consoantes semelhantes em consonancia.

Ha sonetos de resposta, com cola, dobrados, continuos, encadeados. repetidos, retrogrados, agudos, exdruxulos, mixtos, de echo ou reflexo.

O soneto de resposta é o em que se responde a outro.

Usar-se-ha nelle das mesmas cadencias, ou consoantes da proposta, e da mesma distribuição das rimas; porém com novas expressões, novas idéas e novos ornatos.

Não se usará de palavra alguma da proposta, só si for voz equivoca e tomada em outra significação; e nunca da mesma invenção, formulas ou figuras da proposta.

O soneto com cola, com retornello, estribilho ou estrambote, é aquelle a que, além dos quatorze versos, se ajunta um ou mais tercetos ao arbitrio do poeta; o que só convém aos objectos joco-serios, e se faz de dous modos:

1.º Sendo o primeiro verso de cada terceto setenario, e os dous ultimos hendecasyllabos.

2º Fazendo o primeiro verso de cada terceto consonancia com o que immediatamente lhe precede, e os dous ultimos entre si com rimas differentes. Ex:

Primeiro hendecasyllabo	.....	A
Segundo "	.....	B
Terceiro "	.....	B
Quarto "	.....	A
Quinto "	.....	A
Sexto "	.....	B
Setimo "	.....	B
Oitavo "	.....	A
Primeiro "	.....	C
Segundo "	.....	D
Terceiro "	.....	C
Quarto "	.....	D
Quinto "	.....	C
Sexto "	.....	D
Primeiro "	.....	D
Segundo "	.....	E
Terceiro "	.....	E

O soneto dobrado é o que em cada quarteto tem um verso se

tenario, depois dos primeiros hendecasyllabos ; e em cada terceto tambem tem um verso setenario, depois dos primeiros ou segundos hendecasyllabos.

A correspondencia das rimas dos setenarios nos quartetos faz-se sempre com o verso antecedente. Ex:

Primeiro hendecasyllabo	A
Setenario	A
Segundo hendecasyllabo	B
Terceiro "	B
Quarto "	A
Quinto "	A
Setenario	A
Sexto hendecasyllabo	B
Setimo "	B
Oitavo "	A
Primeiro "	C
Setenario	C
Segundo hendecasyllabo	D
Terceiro "	C
Quarto "	D
Setenario	D
Quinto hendecasyllabo	C
Sexto "	D

O soneto continuo é o em que as duas rimas dos quartetos se continuam nos tercetos, e recebe as mesmas travações de consonancia, como o soneto simples.

O soneto encadeado é o em que a ultima dicção do primeiro verso faz consonancia com a primeira do verso seguinte, e assim até o fim dos quartetos ; o que igualmente se pratica nos tercetos. A travação é a mesma do soneto simples. Ex :

Primeiro hendecasyllabo		.....	A
Segundo	"	a	B
Terceiro	"	b	B
Quarto	"	b	A
Quinto	"	a	A
Sexto	"	a	B
Setimo	"	b	B
Oitavo	"	b	A
Primeiro	"	.....	C
Segundo	"	c	D
Terceiro	"	d	C
Quarto	"	e	D

Quinto	hendecasyllabo	d	.....	C
Sexto	"	c	.....	D

O soneto com repetição é o em que igualmente se repete a ultima dicção de cada verso no principio do seguinte, e faz sentido perfeito com as palavras do verso antecedente e com as do seguinte.

O soneto retrogrado é o em que cada verso de per si lido, ou para diante, ou para traz, ou de cima para baixo, ou debaixo para cima, tem um sentido perfeito: isto ou pelo principio, ou pelo meio ou pelo fim.

Este divide-se em dous pequenos versos, o primeiro quinario, o segundo senario; e pode ser acrostico. Ex:

Primeiro	quinario	a....	Senario	.....	A
Segundo	"	b....	"	.....	B
Terceiro	"	b....	"	.....	B
Quarto	"	a....	"	.....	A
Quinto	"	a....	"	.....	A
Sexto	"	b....	"	.....	B
Setimo	"	b....	"	.....	B
Oitava	"	a....	"	.....	A
Primeiro	"	d....	"	.....	C
Segundo	"	c....	"	.....	D
Terceiro	"	c....	"	.....	C
Quarto	"	d....	"	.....	D
Quinto	"	c....	"	.....	C
Sexto	"	d....	"	....	D

O soneto agudo, ou mudo italiano, é o que tem os consoantes todos agudos.

O soneto exdruxulo é o que tem todos os consoantes exdruxulos.

O soneto mixto é o composto de consoantes exdruxulos e inteiros.

O soneto de echo ou reflexo é o em que as ultimas syllabas da dicção antecedente formam a ultima dicção e consoante de cada verso; o que ha de fazer-se no meio, ou no principio do verso antecedente, e variar-se como convier ao poeta. Não se poderá, porém, fazer os echos de palavras inteiras e agudas, e sim de palavras de tres até cinco syllabas.

DA CANÇÃO

A palavra canção, derivada da latina *cantio*, que significa obra metrica, que se canta, é uma quantidade de estancias, forma-

das sobre um thema, e que guardam uma ordem de rimas, de versos e de pontuações em tudo semelhante a primeira. Quero dizer, si esta tiver cinco pontuações e treze versos, dos quaes o primeiro seja pequeno, e faça consonancia com o quarto, todas as outras estancias conservarão a mesma ordem e correspondencia, e somente no fim se fará menor quantidade de versos, chamado remate, que conclua todo o sentido.

Os versos da canção podem ser hendecasyllabos e setenarios, inteiros e agudos, e destes misturados.

Nas canções heroicas de pensamentos graves, as estancias hão de constar inteiramente de hendecasyllabos e um só setenario; quando se procurar gravidade, haverá mais hendecasyllabos que setenarios; si se procurar doçura e deleite, será o contrario, isto é, mais setenarios que hendecasyllabos; de modo que si cada estancia tiver treze versos, deverá ter somente quatro hendecasyllabos.

Si a materia da canção for suave, mediana ou humilde, deverá a canção começar por setenario; e por hendecasyllabo, si o assumpto for grave ou sublime. Terminará cada estancia sempre por hendecasyllabos; porque o verso pequeno na clausura da estancia a debilita, e torna-a cansada.

As rimas da canção devem ser escolhidas e sonoras, si a materia for de deleite e suavidade, para maior gravidade; e não deverá entre dous versos ter outros muitos, que correspondam um a outro em consonancia.

Si o assumpto for grave, se empregará a rima remota para maior magestade, não se fazendo em uma estancia quatro versos consoantes como no soneto; mas se usará da rima proxima em dous versos, para maior deleite.

A cadencia de que se usar na canção, se repetirá para não mostrar falta de invenção e pobreza de engenho. A canção não pode ter menos de duas estancias, nem mais de quinze. Quando cada estancia tiver grande numero de versos, será então menor o numero das estancias; mas si cada estancia constar de nove a doze versos, a canção não terá menos de sete estancias, excepto o remate.

Estancia ou ramo é o ajuntamento de muitas parelhas de versos, ou de tercetos, ou de quartetos encadeados por cadencias semelhantes. Chama-se estancia, ou porque toda a arte para o cantor está na primeira, ou porque dá-se no fim de cada uma d'ellas; o que se conhece por findar o sentido, e porque o primeiro verso se escreve mais para dentro, ou para fora dos outros versos.

A estancia, ou o sentido de uma sentença, não deve passar a outra; deve terminár de tres em tres, ou de quatro em quatro versos; e as outras estancias seguirão o mesmo plano. Isto dará muita perfeição e belleza á canção.

O numero de versos de cada estancia não será menor de nove, e não excederá de vinte e dous. A disposição da primeira estancia fica ao arbitio do poeta, e as outras seguirão exactamente a mesma semelhança na qualidade, numero de versos, e ordem de consoantes.

Cada estancia se divide, tanto no sentido como nos versos, em duas partes: em um ou dous pés, e cauda.

Os pés das estancias se compõem de dous, ou de tres, ou de quatro versos, em cuja distribuição nenhum dos ultimos versos de cada pé deve rimar com o outro, e sim atarem-se, intervindo rima, que faça consonancia com os versos de outro pé; e os pés se devem ligar com a cauda por meio de consonancia.

Na cauda, ultima parte da estancia, as parelhas de versos, ou de tercetos, ou de qualquer outra combinação, devem-se ligar entre si por meio das mesmas rimas, para haver toda a doçura e belleza na canção. Melhor é terminar a clausura da estancia por dous consoantes juntos, como na oitava, para haver uma grave e deleitosa pausa; e esta marcha só se pode alterar nas canções tristes. Na estancia deve-se deixar um ou dous versos desacompanhados, chamado chave, cujo consoante se repete depois nas estancias seguintes, por exemplo os da primeira estancia se repetem na segunda, os desta na terceira, e assim até o fim, de sorte que o primeiro verso da cauda deve fazer consonancia com o ultimo do derradeiro pé. A clausura costuma ser de dous, tres, quatro e rarissimas vezes de cinco versos.

O remate, fecho da canção, que não sendo de absoluta necessidade, é a ultima parte, que conclue inteiramente o sentido, deve ser menor que a metade de uma estancia, por ser uma estancia sem os pés. A disposição das rimas deve ter a mesma qualidade e quantidade de versos da cauda de cada estancia da canção, e a mesma ordem de rimas empregadas na cauda, ainda que ha alguma incerteza no numero de versos, que compõem o remate da canção, e na combinação das rimas. O primeiro verso do remate pode ser ou não acompanhado de rima.

As especies de canção principaes são a pindarica, a anacreontica, a ballada, e a ode.

DA CANÇÃO PINDARICA

Esta canção é a que trata de objectos sublimes, e por isso admitte toda a especie de versos, hendecasyllabos, senarios, setenarios, octonarios, etc, e estes inteiros, agudos ou exdruxulos, e ou todos da mesma qualidade, ou misturados. Ella se compõe de tres partes, a que dão o nome de estrophe, antistrophe, e epodo.

A estrophe, ou balada, é a primeira parte do canto, que o côro bailando em gyro começa a cantar, indo da parte direita para a esquerda; o que se chama conversão ou volta.

A qualidade e a quantidade de versos, e a pontuação na estrophe fica ao arbitrio do poeta; mas costumam ellas não passar de treze ou quatorze versos, sendo estes grandes, e chegar até dezesete, sendo pequenos.

A antistrophe, ou contra-balada, ou retorno, é a segunda parte do canto, em tudo semelhante a primeira, e que o côro repetia indo da parte esquerda para a direita.

A disposição das rimas na estrophe e antistrophe é de tres modos.

O primeiro é correspondendo as cadencias em cada um dos versos da estrophe aos outros da antistrophe; v. g. os primeiros versos destas duas partes deverão fazer consonancia, e assim até o fim, isto somente em cada uma estrophe e antistrophe separadamente.

O segundo é fazendo a dita correspondencia de rimas, não entre todos os versos da estrophe e antistrophe; mas sómente entre alguns versos, e deixando os demais soltos.

O terceiro é conservando entre estas duas partes a semelhança do periodo, a quantidade e qualidade dos versos, a pontuação e a mesma ordem de consoantes.

O epodo, ou estancia, que significa sobre canto, a que os Gregos chamam *itasimo*, e expressa estavel ou grave, é a terceira parte do canto, que se fazia defronte do altar, e que era em tudo dissemelhante e diversa das outras partes.

O epodo pode ser de versos inteiros, ou menor, ou igual aos da estrophe, e de igual quantidade dos da estrophe.

A disposição das rimas no epodo fica ao arbitrio do poeta, comtanto que elle não fique semelhante a estrophe e a antistrophe. Os epodos devem ter entre si conformidade, e serem todos iguaes ao primeiro.

O numero das estrophes e epodos, o que os Gregos chamam periodos, é indeterminado; porem devem estas partes ter uma reciproca travação de consonancia.

DA CANÇÃO ANACREONTICA

Canção anacreontica é a que trata de amores ou de outros assumptos deleitaveis, por meio do estylo facil e corrente, e com poucos e pequenos versos, e de muitos quebrados.

A divisão do sentido, e a distribuição das rimas, numero das pontuações, e a combinação dos versos, ou de parelhas, ou de tercetos, da primeira estancia fica ao arbitrio do poeta; porem todas as demais estancias devem ser em imitação iguaes a primeira.

Esta canção não tem divisão de estrophes, antistrophes e epodos, como a pindarica.

DA BALADA

Balada, que se deriva do verbo italiano *ballare*, bailar, porque

se costuma cantar bailando, é uma canção, que se forma de versos, ou todos hendecasyllabos, ou todos setenarios, ou de ambos. Divide-se em duas partes, isto é, um epodo ou repreza que constitue a cabeça, e uma ou mais estrophes, que constituem o corpo.

O epodo pode constar de dous, tres, quatro, ou de mais versos.

Si constar de dous, podem estes rimar entre si no fim, ou o primeiro com o segundo no meio ; si de tres, um d'elles deve ser solto, e os mais rimados ; si de quatro, podem se variar as rimas, conservando-se sempre a consonancia ; si de cinco, seis, ou de mais combinações de rimas fica ao arbitrio do poeta.

Cada uma estrophe se divide em duas partes. A primeira, chamada mudança, que deve ser duas, e cada uma d'ellas é ou menor, ou igual no numero de versos a segunda, que se chama volta, e deve ser sempre igual em tudo ao epodo. Cada estrophe deve ter ao menos tres pontuações, sendo a primeira depois da primeira, a segunda depois da segunda, e a terceira no fim da volta ; porem si esta for de duas parelhas de versos, deve ter outra pontuação, que termine o sentido.

As mudanças se formam, ou de parelhas de versos, ou de tercetos, ou de quartetos.

Si de parelhas, o primeiro verso deve fazer consonancia com o primeiro da segunda mudança. Si de tercetos, se procede de dous modos : ou o primeiro verso da primeira mudança fazendo consonancia com o segundo da segunda mudança ; o segundo com o primeiro ; e o terceiro com o terceiro : ou fazendo igual consonancia o primeiro verso da primeira mudança com o primeiro da segunda ; o segundo com o segundo ; e o terceiro com o terceiro. Si de quartetos, tambem se procede de dous modos : ou fazendo o primeiro verso da primeira mudança consonancia com o primeiro da segunda ; o segundo com o segundo ; o terceiro com o terceiro ; e o quarto com o quarto ; ou fazendo o primeiro e quarto verso da primeira mudança consonancia com o segundo e terceiro da segunda mudança ; e o segundo e quarto da primeira com o primeiro e quarto da segunda.

Na volta o ultimo verso deve fazer consonancia com o ultimo do epodo, e o primeiro verso da volta rimará com o ultimo da mudança precedente ; entre a mudança e a volta não deve haver terminação semelhante. O primeiro epodo, e a primeira volta hade regularto dos os demais epodos, e voltas.

DA ODE

Ode ou oda deriva-se do grego, e significa o mesmo, que canção composta de versos hendecasyllabos e setenarios. A ode se divide em estancias ou estrophes, que não passarão de oito versos cada uma ; as de dous ou tres versos dão pouco deleite.

As odes de oito versos por estancia devem ter até nove es-

tancias; as de sete, seis e cinco terão doze; e as de quatro e tres finalmente terão maior numero dellas.

A primeira estancia, cuja disposição de rimas é arbitraria, servirá de modelo a todas as outras.

A disposição dos versos na ode de cinco versos, que se chama lyra, porque se pode contar, é que o primeiro, terceiro e quarto versos devem ser setenarios; o segundo e quinto hendecasyllabos.

Na de seis versos dá-se de dous modos. O primeiro modo é que o primeiro, terceiro e quinto versos sejam setenarios; e o segundo, quarto e sexto hendecasyllabos. O segundo modo é que o primeiro e terceiro sejam setenarios; e o segundo, quarto, quinto e sexto hendecasyllabos.

Na de sete versos tem lugar por cinco modos. O primeiro modo é que o primeiro, terceiro e setimo sejam hendecasyllabos; e o segundo, quarto, quinto e sexto setenarios. O segundo modo é que o segundo, quarto, quinto e setimo sejam hendecasyllabos; e o primeiro, terceiro e sexto setenarios. O terceiro modo é que o primeiro, quarto, quinto e setimo versos sejam hendecasyllabos; e o segundo, terceiro e sexto setenarios. O quarto modo é que o terceiro, quarto, quinto e setimo sejam hendecasyllabos; e o primeiro, segundo e sexto setenarios. O quinto modo é que o segundo e setimo versos sejam setenarios; e os demais hendecasyllabos.

As principaes especies de odes são a epodaica, e a saphica.

A ode epodaica é a que, a semelhança dos epodos de Horacio, se forma de dous versos, um hendecasyllabo, e outro setenario; e pode ser de versos soltos ou rimados.

A ode saphica é a que, a imitação dos Gregos e Latinas, se compõe de quatro versos por estrophes, sendo os tres primeiros hendecasyllabos, e o quarto quinario, e podendo ser soltos ou rimados. Quando rimados, fazem consonancia os dous primeiros ou os dous ultimos, e além d'isto a voz, em que terminar a quarta ou quinta syllaba do terceiro verso, fará consonancia com os dous primeiros versos.

DA SEXTINA

Sextina é a canção, que trata das paixões tristes e amorosas, composta de estancias de seis versos, todos hendecasyllabos. E' simples, quando consta somente de seis estancias e o remate, ou epodo, que deve ser de tres versos; e dobrada, quando chega a doze estancias e o remate.

A disposição do sentido não deve passar de uma a outra estancia; terminará de dous em dous ou de tres em tres versos, para fazer duas ou tres pausas em cada estancia.

A distribuição das rimas deve ser tal, que as palavras em que terminarem os seis versos da primeira estancia, que serão soltos, devem precisamente ser repetidas em todas as outras estancias,

comprindo que sejam taes palavras somente de tres syllabas, que signifiquem substancias, e não sejam verbos ; e por isso esta canção é dificil, pouco usada pelos modernos, e muito pelos antigos.

A segunda estancia rimará com a primeira do modo seguinte : O primeiro verso da segunda estancia rimará com o ultimo da primeira ; o segundo com o primeiro da segunda ; o terceiro com o quinto da segunda ; o quarto com segundo da segunda ; o quinto com o quarto da segunda ; e o sexto com terceiro da segunda.

Do mesmo modo a terceira estancia rimará com a segunda, e assim por diante até a ultima. O primeiro verso do epodo, ou remate, rimará com o ultimo da ultima estancia ; e no epodo se repetirão todas as seis palavras,em que terminaram as ultimas estancias, collocando tres palavras no fim dos tres versos, e as outras tres pelo principio ou meio dos outros versos.

DA COPLA

Copla, que vem do termo latino *copula*, é o ajuntamento de quartetos, quintilhas, oitavas e decimas de versos hendecasyllabos ou setenarios, consoantes ou assoantes.

A perfeição da copla consiste em que o sentido termine em cada quarteto.

A ordem das rimas é a mesma das redondilhas.

DOS TERCETOS

Tercetos ou tercia rima, que os Provençaes chamam *serventesios*, é o ajuntamento de tres versos hendecasyllabos inteiros, pelos quaes se podem tratar materias de todo genero. Pelos tercetos se compõem eglogas, satyras, cartas,elegias, dialogos, narrações, vidas e acções de homens, poemas heroicos, assumptos dilatados e magestosos.

O numero dos tercetos não será menor de dez, e não excederá de cincoenta em cada capitulo ou canto. O primeiro verso de cada terceto rimará com o terceiro, e o segundo com o primeiro do seguinte terceto ; e assim se travarão as rimas até o fim, que será um quarteto, cujos versos rimarão o primeiro com o terceiro, e o segundo com o quarto ; porem o sentido findará no terceiro verso.

Não se repetirão as mesmas rimas, por não mostrar pobreza de engenho.

O sentido ficará perfeito em cada terceto sem passar ao outro.

DOS QUARTETOS

Quartetos ou quarta rima é um ajuntamento de quatro ver-

sos hendecasyllabos inteiros, pelos quaes se tratam materias didacticas.

O sentido findará em cada quarteto, cujo numero será menor que o dos tercetos.

A travação das rimas se faz de dous modos: ou rimando o primeiro verso com o quarto, e o segundo com o terceiro; ou estabelecendo igual consonancia entre o primeiro e o terceiro, e entre o segundo e o quarto.

DA REDONDILHA

Redondilha é uma especie de quartetos, que se divide em maior e menor.

A redondilha maior pode ser de versos octonarios e de hendecasyllabos: é a que consta de versos octonarios e setenarios, travados dos mesmos dous modos, como nos quartetos, sendo um ou dous quebrados, que serão de quatro ou de cinco syllabas, e se collocarão onde convier.

A redondilha maior hendecasyllaba é a que consta de quatro versos, sendo os dous primeiros octonarios, o terceiro setenario e o quarto hendecasyllabo.

A redondilha menor é um quarteto de versos senarios, travados como nos quartetos, ou o primeiro e terceiro versos sendo soltos, e o segundo e quarto rimando entre si.

A redondilha menor hendecasyllaba é a que consta de tres versos senarios com o quarto hendecasyllabo, travados com as sobreditas consonancias.

Em todas as redondilhas o primeiro quarteto servirá de modelo a todos os outros em tudo.

DA ENDECHA

Endecha é um quarteto formado de versos setenarios. Chama-se assim por ter menos uma syllaba, que a redondilha.

Divide-se em endecha grande e pequena, e cada umas dellas se subdivide em endecha de redondilha, de romance e hendecasyllaba.

A endecha grande de redondilha imita a redondilha na consonancia e na ordem de rimas; o que se faz de tres modos: ou o primeiro verso concorda com o quarto, e o segundo com o terceiro; ou o primeiro com o terceiro, e o segundo com o quarto; ou o segundo e quarto igualam, ficando soltos o primeiro e o terceiro.

A endecha grande de romance se faz com o terceiro e quarto versos toantes, concordes na assonancia, e o primeiro e terceiro versos dissonantes.

A endecha grande hendecasyllaba se faz com os primeiros ver-

sos setenarios, travados de consoantes ou assoantes, como as redondilhas, e o quarto hendecasyllabo.

A endecha grande pode ter um verso quebrado quinario, o que se chama seguidilhas. Si for de consoantes, se travarão como a endecha grande de redondilhas; si de assoantes, se travarão como a endexa grande de romance.

A endecha pequena de redondilha é um quarteto formado de versos senarios: esta é igual em tudo a redondilha menor.

A endecha pequena de romance é a que tem toantes no segundo e quarto versos, e o primeiro e terceiro sem consonancia.

A endecha pequena hendecasyllaba ê igual em tudo a endecha grande deste nome.

DA QUINTILHA

Quintilha é uma copla de cinco versos, ou setenarios, a que se chama redondilha maior, ou senarios, a que se chama redondilha menor, ou hendecasyllabos, ou quebrados.

Travam-se os versos, ou o primeiro com o terceiro e quinto, e o segundo com o quarto; ou o primeiro com o quarto, e o segundo com o terceiro e quinto, o que é mais seguido; ou como convier ao poeta.

DA SEXTA RIMA

Sexta rima é a composição de seis versos hendecasyllabos, travados o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto, e o quinto com o sexto.

Tambem pertencem a sexta rima as coplas de versos setenarios, ou de redondilha maior; ao que se chama sextilha. A travação de seus versos é arbitraria.

DA OITAVA RIMA

A oitava rima é uma composição de estancias de oito versos hendecasyllabos, travados em consonancia o primeiro com o terceiro e quinto, o segundo com o quarto e sexto, e os dous ultimos iguaes.

E' propria para a poesia epica.

A divisão do sentido deve dar-se de dous em dous versos, tendo ella muita clareza, deleite, suavidade e harmonia; porque a interrupção do sentido no meio ou no principio do verso torna a oitava pouco deleitavel. E quando a sentença não poder terminar deste modo, terá lugar de quatro em quatro; porque uma estancia com uma só clausura se torna cansada e fastidiosa. Cada estancia deve ter o conceito perfeitamente acabado.

O numero das estancias é indeterminado; porém não deve ser

tão grande que fatigue o leitor, nem tão pequeno que o leitor não fique satisfeito.

DA DECIMA

A decima é uma composição de dez versos octonarios, travados o primeiro com o quarto e quinto, o segundo com o terceiro, e em rima diversa o sexto com o setimo e decimo, e o oitavo com o nono.

O sentido deve ficar perfeito, ou de dous em dous versos, ou nos quatro primeiros, e destes deduzir-se o sentido do restante da decima, sem passar este sentido de uma a outra decima.

A decima nada mais é que duas quintilhas, ligadas em consonancia.

DO MADRIGAL

Madrigal, derivado do grego *mandra*, que significa curral de gado, é uma canção, que trata dos amores dos pastores principalmente, e de outros assumptos graves. Compõe-se de seis versos, ou hendecasyllabos, ou setenarios, ou misturado destes.

Os madrigaes não terão menos de seis versos, nem mais de onze, para imitarem ao epigramma, cuja virtude é a brevidade. Os madrigaes constam ou de dous tercetos e um quarteto no fim, ou de dous tercetos e uma parelha de versos, ou de tres parelhas de versos e um terceto.

As primeiras combinações chamam-se estancias ou ramos, e a ultima remate.

Haverá sempre tres divisões de sentido, que terminará em cada estancia, cujo primeiro verso se escreverá mais para fora dos outros.

A travação de consoantes é arbitraria; porém no remate se fará de dous em dous versos.

DA SILVA

Silva é um pequeno poema, formado pelos Italianos de versos hendecasyllabos, e pelos Hespanhoes de setenarios. Trata de todos os assumptos.

A divisão do sentido, a distribuição das rimas e o numero dos versos é irregular; porem uns põem solto o primeiro verso, e os demais rimados de dous em dous; outros rimam os versos de dous em dous.

DO ROMANCE

Romance é uma composição de quartetos ou coplas, em que se tratam assumptos diversos.

Divide-se em heroico e lyrico : o primeiro consta de versos hendecasyllabos ; o segundo de octonarios, ou senarios, ou de redondilha menor.

Romance hendecasyllabo dá-se quando os dous primeiros versos de cada quarteto são octonarios, o terceiro setenario e o quarto de onze syllabas, sendo o primeiro e terceiro versos dissonantes, e só havendo assonancia entre o segundo e quarto.

O romance só deve ter um ou dous consoantes em cada quarteto, e a mesma palavra, que se tiver empregado, só se usará della até dous versos.

O toante pelo qual principiar o primeiro quarteto, deve ser repetido em todos os demais quartetos ; porem com mudança de lettras. Cada quarteto deve fazer um sentido perfeito.

DO VILHANCICO

Vilhancico ou vilhancete é uma canção, antiquissima entre os Hespanhoes, composta de versos octonarios, senarios, ou misturados com quebrados de cinco syllabas :

Divide-se em cabeça, pés e retornello ou estribilho.

A cabeça ou lettra é uma copla de dous, tres ou quatro versos inteiros, ou de quebrados. Si a cabeça se formar de dous versos inteiros, estes concordarão entre si ; si de tres, os dous ultimos rimarão ; si de quatro, ou corresponderá o primeiro ao quarto, e os dous medios entre si, ou corresponderá o primeiro ao terceiro e o segundo ao quarto.

Quando a cabeça se compozer de versos inteiros e de quebrados,si de tres, o medio será quebrado, concordando com o terceiro ; si de quatro, será quebrado o segundo, só,ou o segundo e o quarto com a consonancia de redondilha.

Si a cabeça for de tres versos, o primeiro da primeira mudança concordará com o segundo da segunda mudança ; e o segundo da primeira mudança com o primeiro da segunda. O primeiro da volta com o ultimo da segunda mudança, e o segundo com o do retornello. No caso de haver quebrados, serão somente o segundo e o sexto.

Si a cabeça for de quatro versos, o primeiro concordará com o quarto, e o segundo com o terceiro ; e a mesma concordancia se fará nas duas mudanças, e a volta será semelhante aos dous ultimos da cabeça.

Si for de versos terceados, as mudanças tambem o serão ; e a

volta será semelhante aos dous ultimos da cabeça. Si com dous versos quebrados, serão estes o segundo e o quarto; e nos pés o segundo, quarto e sexto.

Os pés são uma copla de seis versos. Os dous primeiros chamam-se primeira mudança; os dous segundos segunda mudança; os dous ultimos volta.

O retornello ou estribilho é a repetição da copla ou cabeça, cujos ultimos versos se fazem de dous modos, isto é, ou repetindo os mesmos ultimos versos sem mudança na volta; ou guardando somente a consonancia com differentes palavras.

DA GLOSSA

Glossa, nome grego, que significa romance, é uma copla em que se explica alguma breve sentença, que se propõe por um, dous ou tres versos de toda a qualidade, chamados texto.

Quando o texto é de um verso, este terminará a glossa; e quando de dous, ou estes terminam a glossa, ou se collocará o primeiro verso no quarto da glossa, e o segundo no ultimo da mesma; o que se chama colchea.

Na glossa nunca se usará de alguma consoante do texto.

As glossas podem ser feitas em quintilhas,em redondilhas maior e menor, e em decimas; e sendo o texto de versos grandes,estes sempre se collocarão no fim das quintilhas, decimas, sonetos, oitavas, quartetos etc.

TABOAS SYNOPTICAS

DO SYSTEMA RHETORICO

DE

FABIO QUINTILIANO

SEGUNDO O COMPENDIO DE

JERONYMO SOARES BARBOZA

TRABALHADAS POR

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

AOS ALUMNOS DE ELOQUENCIA

A experiencia propria de trinta e dous annos de applicação ás lettras, e as observações de seis annos de regencia das cadeiras de rhetorica e poetica, philosophia racional e moral, e geometria sobre o aproveitamento meu, e dos que me tem ouvido lições nesses diversos ramos, me hão persuadido de que, por mais intelligencia que tenham os que estudam nas respectivas Faculdades, nunca n'estas fazem os progressos fructuosos, que se desejam, senão quando comprehendem o systema geral da doutrina, e conhecem com clareza todas as suas partes, e as subdivisões d'estas.

As idéas, que se adquirem das cousas, fóra d'este golpe de vista geral e systematico, (a) são idéas destacadas, que não apresentam a relação natural, que umas tem com outras; as quaes não só não dão aos que se applicam, isto que se chama systema scientifico, unico fim dos trabalhos litterarios, como tambem são o que forma os charlatães e os pedantes, que só servem na sociedade de martelar as cabeças aos sabios com seus destemperos e impertinencia, e de desacreditar as Faculdades.

Para evitar, pois, este flagello da republica litteraria, e cooperar quanto estivesse em minhas pequenas forças, para vosso adiantamento e bem da sociedade, nas horas que pude roubar ao meu descanso dos trabalhos, que tem estado á meu cargo, redigí e ordenei estas Taboas, que vos apresentam o systema de eloquencia, segundo o compendio de Jeronymo Soares Barboza, jubilado na cadeira de rhetorica e poetica do collegio das artes da Universidade de Coimbra, compendio não só digno do seu grande autor, como tambem aquelle pelo qual se deve ensinar rhetorica em todas as escolas do imperio portuguez, em conformidade da carta regia de 7 de Dezembro de 1802.

Fugi de persuadir-vos, no entretanto, que só pela comprehensão e intelligencia d'estas Taboas vos tornareis grandes rhetoricos, e ficareis habeis á fallar e escrever com eloquencia (b).

Não sendo estas Taboas mais do que um como esboço na pintura, ou esqueleto em physiologia, deveis estudar muito o vosso compendio, para então verdes as materias desenvolvidas, tratadas na sua extensão natural, e de uma maneira fructuosa. " Trabalhai de dia e de noite, forcejai uma e outra vez, fazei cada um assim um talento, um uso, um methodo particular (c) " para então poderdes tratar dos vossos negocios e dos da patria com a grandeza dos Demosthenes e dos Ciceros.

Valete.

(a) Comp. tom. 1 fol. 2. not. a.

(b) A eloquencia demandã um grande trabalho, um estudo continuo, muito exercicio, uma experiencia larga, uma prudencia consumada. Comp. tom. 1. fol. 20.

(c) Comp. lib. 2. Cap. 14 Art. 2. §. 4.

TABOA I

Na eloquencia se considera liv. 1º

- Definição, cap. I.
- Si é arte, e de que classe, cap. 2. 4.
- Uso e abuso, cap. 3.
- Que mais contribue, arte ou natureza? Cap. 5.
- Origem, cap. 6.
- Historia, cap. 7.
  - Entre os Gregos, art. 1.
  - Entre os Romanos, art. 2.
- Partes, cap. 8.
  - Invenção, (nos tres generos).
  - Disposição, Tab. XIII.
  - Elocução, Tab. XIV.
  - Memoria.
  - Pronunciação, Tab. XXV.
- Officios, cap. 9.
  - Ensinar.
  - Mover.
  - Deleitar.
- Instrumentos, ib.
  - Natureza.
  - Arte.
  - Exercicio.
- Materia, cap. 10.
  - Questões
    - Determinadas hypotheses
      - Estados Cap. 12.
        - Conjectura, (facto)
        - Qualidade.
        - Definição, (direito.)
      - Generos Cap. 13.
        - Demonstrativo, Tab. II
        - Deliberativo, Tab. III.
        - Judicial, Tab. IV.
        - → Pragmatico. e epiditico
      - Pensamentos
        - Logicos, Tab. VI. (Razões).
        - Ethicos. Tab. IX.
        - Sentimentos, Patheticos. Tab. X.
        - Movimentos.
        - → 1º meio de persuadir.
      - Palavras, (elocução) 2.º meio de persuadir.
    - Indeterminadas, (theses) cap. 2.

TABOA II

No genero demonstrativo se consideram cap. 14.

- Proemio, art. 1. § 1.
- Provas, § 2.
- Officios,
  - Louvar.
  - Vituperar, art. 2. § 6.
    - Magnanimidade da natureza.
    - Virtude propria.
    - Inventos.
- Materia, art. 2.
  - Deoses § 1.
  - Homens, ib.
    - Em 3 tempos § 1.
      - Antes delles, § 2.
        - Patria.
        - Oraculos.
        - Paes.
        - Antepassados.
      - Da sua vida, ibid.
        - D'alma, § 4.
        - Do corpo, § 3
        - Dos bens extrinsecos, ibid
      - Depois da morte, § 4.
        - Monumentos do engenho
        - Filhos.
        - Cidades fundadas.
        - Leis.
        - Artes.
- Estado Art. 3 § 3.
  - Coisas inanimadas
    - Cidades, § 1.
      - Fundadores.
      - Acções publicas.
      - Antiguidade.
      - Cidadãos.
    - Obras.
      - Magnificencia.
      - Utilidade.
      - Formosura.
      - Autor.
    - Regiões, § 2.
    - Ditos, ibid.
    - Acções, ibid.
    - Cousas de todo genero.
      - Belleza nos
        - Maritimos.
        - Planos.
        - Amenos.
      - Utilidade nos.
        - Saudaveis,
        - Ferteis.
- Observações, art. 2 § 7.

TABOA III

No genero deliberativo (suasorio) se consideram, cap. 15

- **Officios.** — Suadir / Dissuadir. — Art. 1. § 1.
- **Partes.**
  - Proemio
    - Nas orações publicas.
    - Da nossa pessoa.
    - Daquelle que discorda.
    - Da materia mesma.
  - Confirmação
    - Por meios
      - Ethicos
        - Autoridade do orador
        - Exemplos.
      - Logicos
        - Honesto.
        - Util.
        - Facil.
  - Narração
    - Nas publicas.
    - E com certos affectos.
- **Materia**
  - Proposição. Honesto. Util. Facil. — § 5. 6. 7.
  - Comparação
    - D'entre duas cousas uteis, § 7.
    - Do honesto a util, § 6. 7.
    - Do fim com os meios.
- **Estados**
  - Conjectura
    - Sobre a possibilidade.
    - Sobre o successo.
    - Tempo.
    - Lugar.
    - Modo.
  - Qualidade
    - Indeterminadas.
    - Determinadas.
- **Decoro de**
  - Pensamentos a respeito.
    - Um ou muitos.
    - Sexo, idade, dignidade, costumes.
  - Quem delibera. Quem suade. — Art. 2. § 1. 2.
  - Do estylo. 3.

TABOA IV

No genero judicial se consideram, cap. 16.

- Officios
  - Accusar.
  - Defender.
- Partes
  - O que seja, cap. 1.
  - Proemio
  - Narração, Tab. V.
  - Provas, Tab. VI.
  - Refutação Tab. XI.
  - Peroração Tab. XII.
- Officios
  - Uso, art. 3.
  - Estylo, art. 4.
- Benevolencia
  - Autor da causa.
  - Patrono adverso.
  - Litigante.
  - Adversario.
  - Juiz.
  - Causa.
  - Adjuntos
    - Penhores
    - Particularidades.
    - Amizades
    - Regiões.
    - Cidades.
- Attenção
  - Externas
    - Tempo.
    - Lugar.
    - Habito.
    - Opinião
    - Fama dos juizos.
    - Expectação do povo.
  - A mesma accão.
- Docilidade.

TABOA V

Na narração se devem attender, cap. 2.

- Necessidade. Lugar. — Art. 1.
- O que seja? art. 2. § 1.
- Especies
  - Toda por nós, § 2.
  - Toda pelos adversarios.
  - Mixta.
  - — Art. 3.
- Virtudes
  - Clara, art. 2. § 2.
  - Breve, ibid. § 3.
  - Crivel, ibid. § 4.
- Vicios Art. 4.
  - Digressão, § 2.
  - Apostrophe, Prosopopeia, — § 3.
  - Argumentos, § 4.
  - Affectos, § 5.
- Estylo.
  - Em cousas pequenas
    - Summa diligencia nas palavras
    - Composição dissimulada,
    - — Art. 3.
  - Em materia grande
    - Figuras não poeticas.
    - Affectos moderados.
    - Alguma sentença breve.
    - — § 3.
- Peso da autoridade de quem narra.

TABOA VI

A prova, cap. 3.

- Começada
  - Proposição, cap. 3. § 1.
    - Nem sempre necessaria, § 2.
    - Algumas vezes util, § 3.
    - Simples — § 4.
    - Duplice — § 4.
    - Multiplice — Divisão
      - Quando se deve usar. — Cap. 4.
      - Como se deve fazer. — Art. 2.
  - Inartificial
    - Prejuizos, § 2.
    - Rumores, § 3.
    - Tormentos, § 4.
    - Escripturas, § 5.
    - Juramentos, § 6.
    - Testemunhas, § 7.
- Sua excellencia, cap. 6.
- Signaes, cap. 7.
  - O que são, § 1.
  - Necessarios, § 2.
  - Não necessarios, § 3.
- Logica, cap. 5.
- Artificial, cap. 6.
- Argumentos, cap. 8.
  - O que são, cap. 8. § 1.
  - Certos, § 2.
  - Criveis de tres generos.
  - Tiram-se de
    - Pessoas.
    - Causas.
    - Lugar.
    - Tempo.
    - Faculdades.
    - Modo.
    - Definição.
    - Genero.
    - Especie.
    - Differença.
    - Propriedade.
    - Remoção.
    - Principio.
    - Incremento.
    - Summa.
    - Semelhantes.
    - Dissemelhantes.
    - Contrarias.
    - Repugnantes.
    - Consequentes.
    - Efficientes.
    - Effeitos.
    - Acontecimentos.
    - Adjuntos.
    - Comparação.
  - Uso, Tab. VII.
- Exemplos, Tab. VIII
- Ethica, Tab. IX
- Pathetica, Tab. X

TABOA VII

No uso dos argumentos attende-se a.... cap. 10.

- Natureza, art. 1.
  - Quaes são os mais fortes. } § 1.
  - Nestes se deve instar. }
  - Os fracos devem-se unir, § 2.
  - Algans devem-se ajudar, § 3.
  - Nem com todos se deve argumentar, § 4.
  - Devem por-se onde pede a condição da causa, § 5.
- Formas.
  - Enthymema, art. 2.
    - De consequentes. } § 1.
    - De pugnantes. }
  - Epicherema.
    - De tres partes, § 2.
    - A ordem dellas, § 3.
  - y llogismo, § 4.
  - Uso dellas, § 5.
- Estylo, art. 2. § 6.

TABOA VIII

Exemplos ou paradigmas, cap. 9.

- Exemplo proprio
  - O que seja? Art. 1. § 1.
  - Semelhante. } § 3.
  - Dissemelhante. }
  - Contrario.
  - De menor para maior.
  - De maior para menor
  - De fabulas.
    - Poeticas.
    - Esopicas.
- Semelhança, art. 2.
  - O que seja? § 1.
  - Abraça a analogia, § 4.
  - De direito.
    - Semelhante. } § 3.
    - Dissemelhante. }
    - Contrario. }
- Parabola § 2.
- Autoridade dos } Art. 5.
  - Deoses.
  - Gentes.
  - Povos.
  - Sabios.
  - Cidadãos respeitaveis.
  - Poetas illustres.

TABOA IX

Na prova ethica se considera...cap. 13.

- Excellencia, art. 1.
- Definições, § 1.
- Differença das patheticas, § 2.
- Seu uso, § 3.
- Sua comprehensão, § 4.
- O que sejam, § 5.
- Difficuldade da sua expressão, § 6.
- A quem são decentes, § 8.

TABOA X

Na prova pathetica se considera.... art. 3.

- Objecto, § 1.
  - Ira.
  - Medo. — Activo. / Passivo.
  - Iracundia. — Activa. / Passiva.
- Amplificação, § 3.
- Os meios.
  - Phantasias.
  - Enargueias.
  - Persuasão propria.

TABOA XI

Na refutação se deve examinar.... cap. 9.

- O que disse o adversario, art. 1.
  - Proprio — Negar. / Defender. / Transferir.
  - Externo causa á — Impertinente. / Tocar de passagem. / Menor do que diz o adversario.
  - Manejo dos
    - Muitas. / Cada uma de persi. — § 2.
    - Refutaveis, § 3.
    - Os estados. / Semelhantes. / Exemplos. — § 4.
- Como as disse, art. 2.
  - Usamos — Das mesmas palavras do adversario. / Das nossas mais brandas. — § 1.
  - Nos servimos das cousas communs, § 2.
- Vicios.
  - Passar tudo em silencio, § 3.
  - Responder a todas as palavras, § 4.
  - Cuidar demasiadamente de tudo, § 5.
- Qual é a sua ordem, § 6.
- Os esforços que se empregam, § 7.

TABOA XII

A peroração da-se... cap. 12

- Nas cousas (Recapitulação) art. 1. — Que se repetem
  - Com summa brevidade.
  - Com algum peso.
  - Com sentenças aptas.
  - Com figuras.
- Nos affectos (Epilogo) art. 2.
  - Conciliar o Juiz.
  - Apartal-o do adversario.
  - Excitar affectos
    - Mostraudo o objecto atroz
      - O que se fez.
      - Quem fez.
      - Contra quem.
      - Com que animo.
      - Em que tempo.
      - De que modo.
    - Commiseração
      - Excitar
        - Dignidade.
        - Grandes estudos.
        - Cicatrizes.
        - Nobreza.
        - Merecimentos dos maiores.
        - Causa do perigo.
        - Soffrimento.
        - Idade.
        - Sexo.
        - Penhores.
        - Prosopopeia.
      - Aplacar, §. 7.
  - Acalmar os affectos.
  - Apresentar á vista todas as forças da causa.
  - Uso dos affectos / E quaes se devem evitar. — art. 3.

TABOA XIII

Na disposição se attende... cap. 14.

- O que seja?
- Geral, art. 1. — Mudavel
  - Conforme
    - Accusação
      - Composta, §. 2. 3.
      - Simples, §. 4. 5.
- Economica, art. 2.
  - Não se pódem dar todas as regras, §. 1.
  - Sua necessidade, ibid.
  - Em que consiste a disposição, §. 3.
  - Depende dos
    - Talentos.
    - Estudos.
    - Applicação.
  - Como se devem ligar as partes miudas do discurso.

TABOA XIV

Na elocução se considera.... liv. 3.

- Difficil. / Excellente. } Prolegomenos, art. 2.
- As suas causas geraes, art. 3.
- Latina. / Emendada. } Cap. 2, primeira parte da eloquencia.
- Clara
  - Em cada uma das palavras. } Propriedade, que é de cinco modos, cap. 3.
  - Em muitas palavras.
    - Sem obscuridade, art. 2.
      - Nas palavras } Segunda parte da eloquencia
        - Apartadas do uso.
        - Familiares á certas regiões.
        - Technicas das Faculdades.
        - Homonymas.
      - No periodo } Segunda parte da eloquencia
        - Muito longo.
        - Muito vagaroso.
        - Parenthese.
        - Ambiguidade.
        - Multidão de palavras.
        - Summa brevidade.
        - Synchise.
  - Em todo o discurso, § 3.
- Ornada, Tab. XV.
- Figurada, Tab. XIX.
- Collocada, Tab. XXI.
- Acommodada, Tab. XXIV.

TABOA XV

A elocução ornada é..... cap. 6.

- Excellente, art. 1.
- Virtuosa, art. 2.
- Nas palavras separadas:
  - Proprias.
  - Das synonymas as proprias da materia.
  - Das proprias as antigas.
  - Formadas de novo.
  - Transferidas.
- Nas palavras juntas:
  - Provavel.
  - Seus vicios:
    - Cacophaton.
    - Tapenosis.
    - Auxesis.
    - Meiosis (Ellipse)
    - Tautologia.
    - Omeiologia.
    - Macrologia.
    - Pleonasmo.
    - Periergia.
    - Cacozelon.
    - Hypotiposes.
  - Pinturas:
    - Enargueias: Evidencia. / Descripção.
    - Semelhanças.
    - Parabolas.
    - Imagens.
    - Bosquejos.
    - Emphases.

    — 1.º grão do ornato.
  - Conceitos:
    - Fortes:
      - Deinosis.
      - Sublimidade.
      - Phantasia.
      - Exergasia.
      - Epixergasia.
      - Enargueias.
      - Picante.
      - Acrimonia.
      - Amplificação
        - Nas palavras.
        - Nas cousas por: Incremento. / Comparação. / Raciocinio. / Congerie.

      — 2.º Grão do ornato.
    - Agudos, Tab. XVI.
- Nos tropos, Tab. XVII.

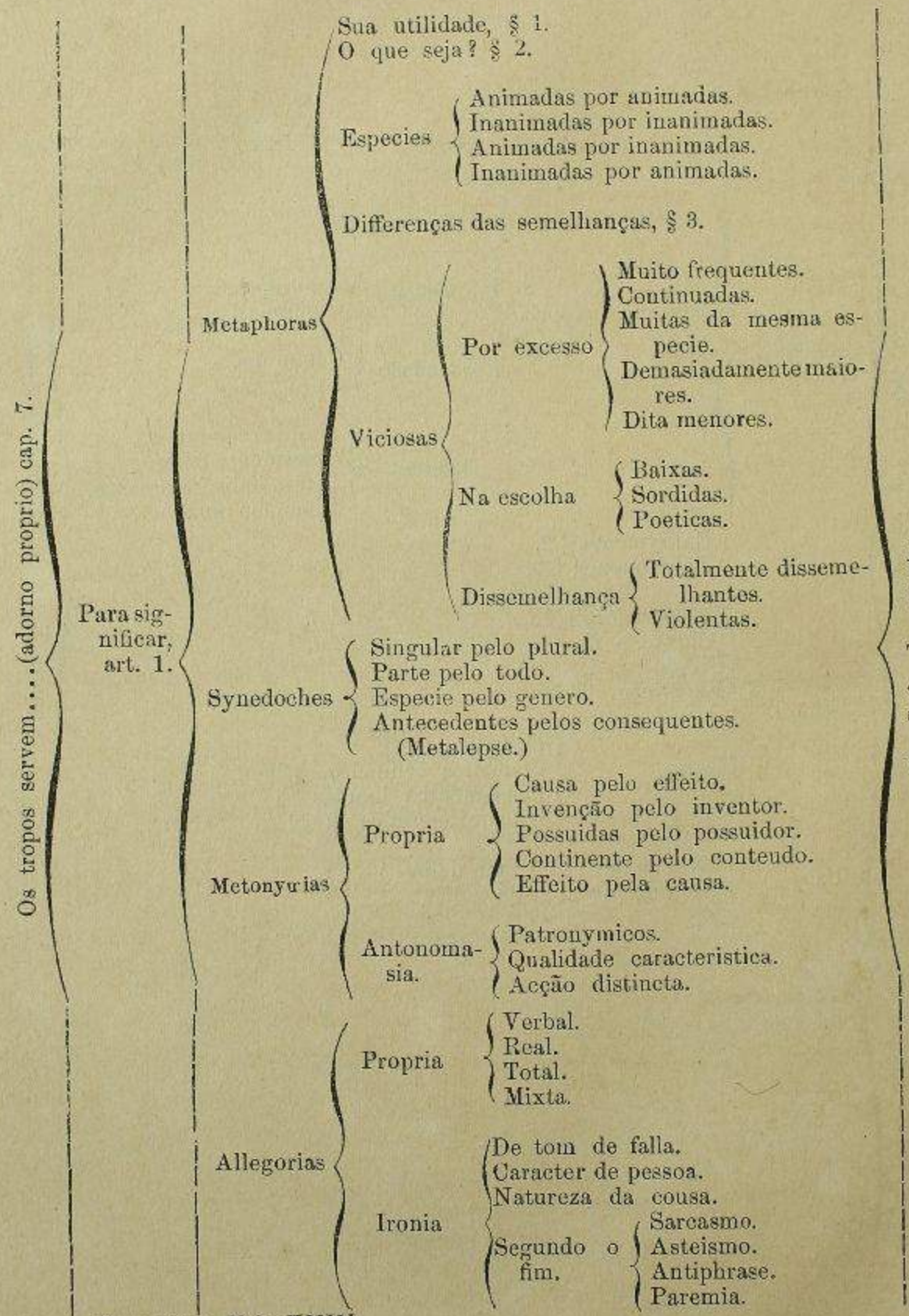
TABOA XVI

Segunda parte do 2º grão do ornato.

As sentenças são.... cap. 6.

- Antigas (gnomas) art. 1.
  - Sentença propria
    - Objecto: Relativa á cousa. / Relativa á pessoa.
    - Partes: Simples. / Composta.
    - Formas: Não figuradas. / Figuradas.
    - Extensão: Communs. / Apropriadas.
    - Defeitos: Muito frequentes. / Claramente falsas. / Ditas indiscretamente. / Ditas por qualquer.
  - Enthymema, § 2.
  - Epiphonema, § 3.
- Novas
  - Inesperado, § 4.
  - Allusão, § 5.
  - Ficção, § 6.
  - Repetição, § 7.
  - Vicios.
    - Equivoco, § 8.
    - Conceitos refinados, § 9.
    - Pensamentos ineptos, § 10.
    - Ditos exagerados, § 11.
- Uso: Nem se deve só tratar dellas. / Nem desprezal-as de tudo. — Art. 2.

TABOA XVII


Os tropos servem....(adorno proprio) cap. 7.
Para significar, art. 1.
Metaphoras
Sua utilidade, § 1.
O que seja? § 2.
Especies
Animadas por animadas.
Inanimadas por inanimadas.
Animadas por inanimadas.
Inanimadas por animadas.
Differenças das semelhanças, § 3.
Viciosas
Por excesso
Muito frequentes.
Continuadas.
Muitas da mesma especie.
Demasiadamente maiores.
Dita menores.
Na escolha
Baixas.
Sordidas.
Poeticas.
Dissemelhança
Totalmente dissemelhantes.
Violentas.
Synedoches
Singular pelo plural.
Parte pelo todo.
Especie pelo genero.
Antecedentes pelos consequentes.
(Metalepse.)
Metonymias
Propria
Causa pelo effeito.
Invenção pelo inventor.
Possuidas pelo possuidor.
Continente pelo conteudo.
Effeito pela causa.
Antonomasia.
Patronymicos.
Qualidade caracteristica.
Acção distincta.
Allegorias
Propria
Verbal.
Real.
Total.
Mixta.
Ironia
De tom de falla.
Caracter de pessoa.
Natureza da cousa.
Segundo o fim.
Sarcasmo.
Asteismo.
Antiphrase.
Paremia.
3.° Grão do ornato.
Para ornar, Tab. XVIII.

TABOA XVIII

- Tropos para ornar...Art.
  - Epitheto
    - Oratorio
    - Poetico
    - Seu uso, §. 2.

    (Oratorio, Poetico) §. 1.
  - Periphrases
    - Por necessidade.
    - Para ornar.
    - Viciosa-perissologia.
  - Hyperbaton
    - Proprio.
    - Anastrophe.

    (Proprio, Anastrophe) §. 2.
    - Seus motivos, §. 1.
  - Hyperbole, §. 1.
    - Dizendo mais do que succedeu.
    - Engrandecendo.
    - Seu uso, §. 2.

    (Dizendo mais do que succedeu.)
      - Por semelhança.
      - Por comparação.
      - Por certos signaes.
      - Por metaphoras.
      - Uma sobre outra.

TABOA XIX

- Figuras (schemas) são . . . cap. 9.
  - O que seja, § 1.
  - Sua differença dos tropos, §. 2.
  - Sua utilidade.
  - De pensamentos (Dianeias).
    - Para provar
      - Interrogação.
      - Resposta
        - Propria.
        - Subjecção. (Prolepse)
      - Preoccupação.
      - Perplexidade.
      - Communicação.
      - Suspensão.
      - Permissão.
    - Para augmentar os affectos
      - Exclamação.
      - Parrhesia-licentia.
      - Prosopopeia.
      - Apostrophe.
      - Hypotypose.
      - Reticencia-aposiopesis.
      - Ethopeia-meimesis.
    - Para deleitar
      - Correcção-metanea.
      - Duvida-aporia.
      - Anamnesis.
  - De palavras [Lexeos] Tab. XX.

TABOA XX

As figuras de palavras (Lexeos) são...cap. 9.

- Grammaticaes
  - Seu fundamento
    - Autoridade.
    - Antiguidade.
    - Uso.
    - Alguma razão.
  - Uteis.
  - Seus meios
    - Trocando-enalage.
    - Acrescentando-pleonasmo.
    - Tirando-ellipse.
    - Transpondo-hyperbaton.
  - Seus vicios.
    - Trocando-solecismo.
    - Acrescentando-perissologia.
    - Tirando-meioses.
    - Transpondo-synchise.

  §. 2.

- Rhetoricas.
  - Por acrescentamento.
    - Reduplicação.
    - Diacope.
      - Epistrophe.
      - Simploce.
    - Anaphora
      - Anaphora alterada
        - Ploce.
        - Epanalepse
      - Polyptoton.
    - Derivação.
    - Anadiplose.
    - Synonymia-exergasia.
    - Polysyndeton.
    - Gradação.
  - Por diminuição
    - Synedoche-ellipse.
    - Asyndeton.
    - Zeugma.
  - Por consonancia
    - Paranomasia.
    - Antanaclase.
  - Por symetria
    - Parison.
    - Omeoteleuton.
    - Omeoptoton,
    - Isocolon.
  - Por contraposição
    - Antithese
      - De uma palavra á uma palavra.
      - De duas á duas.
      - De oração á oração.
      - Distincção-paradiastole.
      - O correlativo separado do seu opposto
      - Antimetabole.

Seu uso, §. 4. 5, e 6.

TABOA XXI

A collocação (compositio) consta de.... cap. 10.

- Sua utilidade.
- Sua antiguidade.
- Suas especies. { Solta. / Periodica.
- Ordem, art. 2.
  - Nas palavras separadas. { Oratoria. / Natural. / Grammatical. / Chronologica.
  - Nas palavras juntas.
    - Directa.
    - Inversa
      - Harmonia. { Para procural-a. / Para disfarçal-a. / Seus vicios.
      - Sentido. { Para dar mais força. / Para dar mais clareza.
- Melodia (Junctura.)
  - Nas palavras
    - Sem os vicios.
      - Dissonancia { Cacophaton. / Hiatos. / Concurso de consoantes asperas.
      - Monotonia
        - Echos.
        - Continuação de { Monosyllabos. / Syllabas breves. / Ditas longas. / Mesmos casos. / Consoantes. / Mesmas partes da oração.
    - Nos incisos—commata.
    - Nos membros—cola.
    - Nos periodos—ambitus, circunductio, conclusio.
  - Compasso (numero) Tab. XXII.
  - Viciosa. { Effeminada. / Monotona. / Violenta. / Asiatica. } Art. 5, § 3.

TABOA XXII

- O compasso (numero) de.... art. 4.
  - Poetico (Metro) § 1.
    - Pés, § 2.
      - Spondeo.
      - Pirricheo, vv. (Periambo).
      - Jambo, v.
      - Choreo, v. (Trocheo).
      - Dactylo, vv.
      - Anapesto, vv.
      - Amphibraco, v. v.
      - Amphimacro, v. (Cirtico)
      - Bacchio, v.
      - Palimbacchio, v.
      - Trocheo, vvv. [Tribraco]
      - Molosso.
      - Sua natureza differente, § 2.
      - Seu uso, § 3.
  - Oratorio Rhythmo
    - O que seja, § 1.
    - Sua differença. { Do metro, ibid. / Do pé.
    - Rhythmos proprios.
      - Especies, § 1.
        - Par..... { Spondeo. / Pirricheo. / Dactylo. / Anapesto. / Amphibraco
        - Sexcuplo..... { Critico. / Bacchio. / Palimbacchio.
        - Seu uso..... { Jambo. / Choreo. / Trocheo. / Molosso.
      - Seu uso..... { No principio. / No fim. / Nas clausuras, § 3. / Sua economia, § 3.
    - Formas periodicas. { Incisos, § 1. / Membros, § 2. / Periodos § 3. / Seu uso (harmonia) Tab. XXIII.

Meios de que usa para dar harmonia a oração, § 2. I.

Seu uso. { Nas clausuras dos periodos. / No meio / No fim. } delles.

TABOA XXIII

A harmonia dá-se .... art. 5

Nas formas periodicas.

- Conforme ás cousas: Asperas para asperas. / Brandas para brandas.
- Conforme ao modo: Acrimonia. / Instancias. / Calor. — Membros. / Incisos.
- Partes do discurso: Narrações,—membros. / Proemios. / Lugares communs. / Amplificações. / Epilogos. — Periodos.
- Generos: Historico. Uma encadeação de orações. / Demonstrativo. Numeros profusos. / Deliberativo. Differente collocação. / Judicial.

Nos elementos das formas periodicas.

- Lugares: Sublimes. / Graves. / Ornados. — Syllabas longas. / Palavras espaçosas. — Dactylos. / Peões.
- Lugares brandos. Vozes vagarosas.
- Lugares asperos. Jambos.
- Argumentos. / Divisões. / Ditos galantes. — Syllabas breves.
- Epilogos. Palavras vagarosas, mas menos sonoras.

Segue a natureza da pronunciação.

TABOA XXIV

Elocução decorosa e apta, cap. 11.

- Sua importancia, § 1.
- Sua differença do util, § 2.
- Dá-se
  - Nas palavras.
  - Nas cousas.
    - No louvor.
      - Da eloquencia.
      - Das proprias virtudes.
- Absoluta
  - A nós quando fallamos de nós.
    - Sem arrogancia.
      - Disfarçada ou ironica.
      - De tom decisivo ou de autoridade.
      - No gesto.
    - Com confiança.
      - Na voz.
      - No procedimento proprio.
      - Nos talentos proprios.
  - A pessoa.
    - Que falla.
      - Sua idade.
      - Profissão.
      - Dignidade.
      - Costumes.
    - De quem se falla.
    - Perante quem se falla.
    - Contra quem se falla.
- Relativa
  - Ao tempo.
  - Ao lugar.
    - Quantidade
      - Attico.
      - Asiatico.
      - Rhodio.
  - A materia.
  - Aos estylos
    - Qualidade
      - Subtil—Convencer.
      - Grande—Mover.
      - Mediano—Attrahir.
      - Seus tons e gradações.
      - Differentes conformidades.
        - Generos.
        - Causa.
        - Partes da causa.
      - Suas modificações.
      - Seus vicios.

TABOA XXV

Pronunciação dá-se..... art. 50 § 2.

- Na voz.....
  - Proemio.
    - Branda.
    - Modesta.
  - Narrações.
    - Cheia.
    - Expressiva.
  - Lugares communs.
    - Corrente.
  - Descripções.
    - Diffusa.
  - Epilogos.
    - Abatida.
    - Quebrantada.
- No gesto.— Amoldado aos sentimentos que queremos exprimir.

III

DISSERTAÇÃO POLITICO-SOCIAL

DISSERTAÇÃO

SOBRE O QUE SE DEVE ENTENDER POR PATRIA DO CIDADÃO, E DEVERES DESTE PARA COM A MESMA PATRIA (*)

Hoc tamen opus in acceptum ut referas, nihil postulo: non est enim tale, ut in arce poni possit, quasi illa Minerva Phidiæ.

Cicer. Paradox. I

INTRODUCÇÃO

Sendo dado ao homem o entendimento para, ao favor de suas luzes, saber marchar nos diversos caminhos da vida, e ser-lhe um como fio de Ariadne no intrincado labyrintho do mundo, quem poderá duvidar, que não sendo este bem formado com as idéas das cousas humanas, cahiremos em erros e absurdos ?

Com effeito, as idéas falsas e inexactas, que fizermos das cousas sociaes, produzirão infallivelmente juizos falsos, incoherencias, crimes, attentados, perturbações da sociedade e a sua ruina afinal.

Isto não só o mostra a razão, como, para desgraça da humanidade, o comprova a experiencia diaria desde os mais remotos seculos.

E si em alguma parte produz effeitos prejudiciaes e funestos a imperfeição das idéas, é sem contradicção na moral e nos costumes dos povos ; por isso em uma republica bem constituida o primeiro cuidado do governo, a respeito dos cidadãos e subditos, é procurar illuminal-os com as luzes das sciencias, artes e officios, dispartindo esta tarefa aos cidadãos mais sabios e eruditos, não se poupando a gastos por maiores ; pois está assentado entre todos, que *um povo ignorante é um povo selvagem e bárbaro.*

(*) Esta dissertação foi escripta nos primeiros dias do anno de 1822, quando por aqui ainda não haviam apparecido certos papeis, em que se encontram algumas idéas nella consignadas ; e não sahiu logo a luz por falta de Typographia no paiz.

Pelo que vem a fazer um serviço, não para ser desprezado, á republica aquelle cidadão, que toma sobre si intruir o povo de seu paiz, ainda que a sua obra não seja a maior e a mais perfeita, que a instrucção admitte; porque sendo todos por um direito natural obrigados a prestar quanto podem a seus semelhantes, a ninguem jamais foi dado em crime o não prestar mais do que póde. Por isso com summa razão disse Hesiodo, segundo traz L. Desprez a Epistola II de Horacio.

„ *Incipe, dimidium facti est cœpisse ; supersit.*
„ *Dimidium ; rursum hoc incipe et officies.*
„ Principia, que tens metade feito ;
„ Falta outra metade ; principia,
„ Que te fica o negocio assim perfeito ;

o que depois repetiram Horacio, Epistola II, Livro 1 v. 140, Nasão, citado pelo abbade Gouget no discurso sobre o renovamento dos estudos, e outros muitos.

E quando os negocios são grandes e arduos, só com o tental-os se adquire um justo titulo ao respeito e a gloria, como além de outros, entre os quaes Quintiliano na parte *De inventione*, disse o nosso excellente poeta Antonio Diniz da Cruz, Canto II, soneto 9.

....nas emprezas arriscadas
Basta só para gloria o emprehendel-as.

E', portanto, levado do sincero desejo da perfeição dos meus compatriotas, e afim de evitar para o futuro as ruinosas consequencias de idéas inexactas e falsos juizos, que para desgraça deste ameno, fertil e rico paiz foram a maior, por não dizer a unica, causa da luta escandalosa entre os Portuguezes indigenas de Pernambuco e os Portuguezes europeus nelle estabelecidos, que eu, a despeito da minha insufficiencia, tomo esta pequena tarefa de nas horas vagas de meus deveres publicos elucidar uma materia, em que vejo não se pensar com a devida rectidão.

Fallei da amenidade e riqueza deste paiz; e si aos que se acham n'esta provincia de Pernambuco nada é preciso dizer, pois estão ao facto da sua fertilidade e riqueza, aos que estão fóra delle nada mais direi, que a abreviada descripção que do mesmo faz o autor do poema Caramurú, que não é Pernambucano, no Canto VI, estancia 75 ·

A oito gráos do Equinocio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa:
A pingue caça, a pesca, a fructa grata,
A madeira entre as outras mais preciosa;
O prospecto, que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o erro se escuse á meu juizo
Pensando, que alli foi o paraizo.

Do que tenho dito, já se deixa ver, que eu não escrevo para os homens lettrados; sim para o povo rude, e que não tem applicação ás lettras.

E por que não procuro ambicioso o nome de escriptor, não se me dá que hajam Zoilos e Frerons, que me mordão; os quaes comigo perdem o seu tempo, porque si para minha desgraça me atacasse a mania de querer obter um juizo do respeitavel publico, não o procuraria dos que vivem actualmente comigo, sim da justiceira posteridade; pois tenho muito presente o apophtegma de Nasão, Livro III, Epistola IV de Pont:

Scripta placent a morte fere, quia ledere vivos,
Livor et inviso carpere dente solet;

e dizer no seu prefacio Mr Gorse, autor do novo poema *Sapho*: " Heureusement les decisions des contemporains ne sont pas des arrêts pour la posterité. "

Assim, o meu fim é dizer ao povo o que entendo ser-lhe util, e do modo que julgo a proposito; e nenhuma recompensa exijo, pois que ninguem me encomendou o sermão.

I

MOSTRA-SE QUE A FALSA IDEA, QUE SE TEM FEITO DA PATRIA DO CIDADÃO, TEM SIDO UMA DAS MAIORES CAUSAS DA RIVALIDADE ENTRE OS EUROPEUS ESTABELECIDOS NO NOVO MUNDO, E OS INDIGENAS DELLE.

Sabe todo mundo, que os Inglezes naturaes dos Estados Unidos na America eram rivaes dos Inglezes europeus; e que esta rivalidade cresceu tanto de ponto, pelos gravames da metropole,e de seus mandatarios, que depois de uma luta aturada, sanguinaria, e tanto mais dolorosa quanto entre dous ramos da mesma familia,chegaram finalmente a sacudir o jugo, que lhes pesava sobre a cerviz, e reivindicando sua liberdade natural, proclamaram a independencia.

Quem ignora, que esta mesma rivalidade tem desmembrado a America Hespanhola da sua metropole européa?

E haverá, por derradeiro, quem ouse negar, que este espirito de rivalidede traz inquietos em todo Brazil os Portuguezes europeus, e os Lusos indigenas do mesmo Brazil?

E' tão publica e seria esta como inimizade, a despeito de muito poucos de uns e outros liberaes, e isentos de prejuizos, que parece impossivel congraçarem-se os animos discordes, e amando-se cordialmente, darem-se mãos reciprocas, e reunirem as forças para o bem geral e commum.

Este máo humor se tem extendido, por ventura mais em Pernambuco, do que em outro nenhum ponto do Brazil; pois deixando de parte cousas mais apartadas de nós, o anno de 1710, das perturbações civis d'esta provincia data a epocha do seu maior desenvolvimento; e desse tempo para cá, tem-se visto, por vezes, apparecer e occultar-se, bem como os phosphoricos pyrilampos nas trevas da noite; até que por ultimo se mostrou com toda ostentação e ufania em 1817, e ainda hoje vai minando e solapando, quanto pode, as bases da sociedade.

Estes os factos, que nos apresenta a historia desta quarta parte nova do mundo, sobre os quaes reflectindo a razão, tem descoberto, que se não tem sido o motivo unico desta indisposição, ao menos lhe tem sublimado a acrimonia a falsa idéa, que se tem feito da patria do cidadão. Porque tendo-se commumente por patria do cidadão unicamente aquelle lugar, em que se viu a primeira luz do dia, os Europeus transplantados na America, não amando o paiz, em que estão estabelecidos, nem olhando os seus naturaes como seus irmãos compatriotas, empregam todas as forças em extra-

hir d'ella as possiveis conveniencias, ainda mais do que um inquilino costuma fazer no predio, que arrendou, e ou nada prestam aos Indigenas de amor e bons officios, ou pelo irracional paisanismo lhes preferem em tudo outros Europeus, como elles, e daqui nascem as injustiças, preterições, e atrasamentos, que os Americanos tem soffrido dos Europeus. (1)

Tanto é verdadeiro este pensar, que um grande numero d'elles, depois de adquirirem riquezas na America, a deixam desamorosamente, como quem nenhumas relações sociaes houve com ella, e vão consumir com suas chamadas patrias europeas as riquezas, que ellas não lhes foram capazes de dar, gastando em beneficio de ingratas madrastas o sangue, que extrahiram da mãe amorosa, que os acolheu, alimentou, e encheu de beneficios. (2)

E aquelles que, depois de adiantados em riquezas, se deixam ficar na America, por via de regra são os avessos de um Guilherme Penn, que, na Pensilvania, não só disse aos naturaes " Eu não vim roubar-vos vossas esposas, nem os vossos bens, nem tão pouco lançar-vos fóra dos vossos rios, ou fazer-vos meus escravos ; sim, vim a rogar-vos paz e amizade " (3) como tambem se portou de maneira que foi reputado por um Deus, ou de uma carne e sangue diverso do dos outros humanos ; o qual, para eterna memoria do seu amor e fraternidade com os naturaes, chamou a cidade que fundou Philadelphia, isto é, cidade de pessoas unidas entre si por um amor fraternal (4)

Por outro lado os naturaes do Novo Mundo, levados do mesmo erro, encaram aos Europeus, n'elle estabelecidos, como extranhos ao seu paiz, meros desfructadores de sua fertilidade e riquezas, sem nenhum interesse pelo seu augmento physico e moral, ingratos áquelles que os acolheram e adiantaram, e com quem se

---

(1) Basta ler a Historia Philosophica e politica dos estabelecimentos e commercio dos Europeus nas duas Indias, para nos certificarmos desta verdade; e este comportamento europeu não melhorou do tempo do abbade Raynal para ca, antes foi em augmento no andamento do tempo *Vid. Ant. Vieira, serm.* 4. *part. serm. da Visitação de Nossa Senhora.*

(2) Anda correndo impressa a supplica, que alguns commerciantes europeus da Bahia de Todos os Santos fizeram ao supremo congresso, pedindo tropas para aquella cidade, fazendo elles o transporte a sua custa ; e acrescentando, que no caso de não ser do assenso do supremo congresso metter tropas naquella cidade, demorasse então o celebre e façanhoso Madeira na mesma cidade por seis mezes, emquanto elles apurando o que possuiam, se passam para Portugal, cujas eram aquellas casas. Provará isto o que nós dissemos ? Igualmente os despachos dos governadores das armas para todo Brazil, recahidos sobre Europeus unicamente, não será uma prova do mesmo lote ? Si hoje que Portugal carece do Brazil, e a quem para engodar proclamou união e fraternidade, se vê isto ; o que se não viu nesses annos atraz ? *Vid. Veira, citad. supr.* § 7.

(3) Soares, Novel. Mor. 34.

(4) Id. Ibidem.

enlaçaram pelos vinculos dos casamentos de suas filhas, e como taes credores do seu resentimento e odio; e d'este choque de opiniões e de affectos tem procedido os escandalos entre estas duas ramificações do mesmo tronco.

Si esta razão podesse ser falsa por um momento relativamente a toda America, e demais o Brazil, jamais poderia ter a menor falha em respeito de Pernambuco, porque desde o já memorado anno de 1710, sempre assim pensaram, e sempre coherentes com o seu pensar obraram os Lusos europeus e os estabelecidos nesta provincia, tratando os Indigenas della, não como irmãos e compatriotas, não só negando-lhes o direito aos lugares e empregos uteis da nação, como até reputando-os inhabeis para os mesmos do seu paiz natal; e o ser Pernambucano foi o ferrete da indignidade e inaptidão na sua patria e fóra della no reino.

Para elles não houveram mitras, nem houveram becas. e muito menos bengalas, apezar de seu talento para as sciencias e artes, (5] e apezar mais que tudo daquelle valor militar, que os fez o terror da Hollanda e a admiração do mundo universo, valor sempre o mesmo em todas as occasiões, que se tem offerecido em todo Brazil. (6)

---

(5) Que os Pernambucanos são habeis para as sciencias e artes, é cousa, que ninguem pode pôr em duvida, porque de todo o tempo elles nunca cederam o passo aos Portuguezes europeus, e sempre foram nellas tão bons como estes, conforme aos seculos, em que as sciencias em Portugal tinham maior ou menor solidez; e deixando por ora alguns Pernambucanos, que em todos os ramos tem sido tão bons como os Portuguezes europeus dos seus tempos, como faremos vêr na "Bibliotheca Pernambucana", que pretendemos dar á luz, lembramos os seguintes, que são bem conhecidos: Antonio Francisco Bastos, doutor em mathematicas; Manoel de Arruda da Camara, doutor em medicina, e philosopho naturalista, nascido em Piancó na Parahiba; o P. M. Fr. Leandro do Sacramento, licenciado em philosophia, lente de botanica e agricultura na Academia Militar do Rio de Janeiro, socio da Academia da Russia, e outras da Europa, e director do Horto Botanico das plantas exoticas da Lagoa de Sousa; o Mestre Fr. Pedro de S. Marianna, lente de calculo na mesma Academia do Rio de Janeiro; o desembargador Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque; Luiz Alves Pinto, musico de profissão, de quem disse um grande geometra, que foi uma desgraça não ter educação e ensino nas sciencias exactas, porque assim mesmo havia empalhado com M. Rameau de França; e tendo escripto uma arte de musica, e mandando-a imprimir, acabou os seus dias sem o gosto de a ver impressa; mas cahindo ella, não sei como, nas mãos dos Francezes, a imprimiram, e se estão utilisando della; Angelo Besouro, ourives de profissão, o qual, não obstante não ter sahido de sua patria a estudar, obrava com tanta perfeição e delicadeza, que as suas obras em nada cediam ás mais perfeitas da India e China: deste genio verdadeiramente grande teve conhecimento de muito perto o excellentissimo conde D. Antonio Manoel de Menezes, que não cessava de admiral-o, etc. etc.

(6) Quem haverá, que tendo alguma lição da historia de Pernambuco, duvide da nossa asserção sobre o caracter guerreiro e valor militar dos Per-

O ser Pernambucano foi uma prova indestructivel dos maiores crimes e attentados ; e o ser natural de Portugal uma justificação e prova de innocencia, ainda naquelles casos, em que uns e outros obraram de mãos dadas.

---

nambucanos, e seus serviços em todo o Brazil? Eis aqui um golpe de vista rapido sobre a historia militar desta provincia, que offerecemos áquelles que não tem lido.

Os Pernambucanos fizeram uma boa parte da gente, que no anno de 1567, debaixo do commando de Men de Sá, governador do estado geral, foram ao Rio de Janeiro lançar fóra daquella provincia aos Francezes, que lá se haviam estabelecido.

Contra os mesmos Francezes, estabelecidos no Rio Grande do Norte, marcharam debaixo do commando do seu governador Manoel Mascarenhas Homem, por ordem do governador geral do estado, D. Francisco de Souza no anno de 1597 ; contra os mesmos, que se haviam estabelecido no Maranhão e sublevado o gentio daquelle continente, marcharam e operaram debaixo de commando de Jeronymo de Albuquerque Maranhão, natural de Olinda, no anno de 1614, e no seguinte commandados por Alexandre de Moura, que acabava de capitão mor governador de Pernambuco, em sete navios e dous caravelões foram 900 Pernambucanos a sustentar aquella conquista do Maranhão, no qual havendo morrido a 11 de Fevereiro de 1618 o primeiro conquistador e governador Jeronymo de Albuquerque, foi seu successor no governo e façanhas militares seu filho, Antonio de Albuquerque, que ao depois foi governador da Parahiba do Norte.

Destes Pernambucanos, levados ao Maranhão por Alexandre de Moura, foram mandados uma parte debaixo do commando de Francisco Caldeira Castello Branco ao Grão Pará; e foram os terceiros,que entraram naquelle rio, depois de Francisco de Arelana e Luiz de Mello da Silva, os quaes nelle se não demoraram. ficando então aos Pernambucanos a gloria de serem os povoadores daquella provincia. Segunda vez foram ao Pará debaixo das ordens de Jeronymo Fragoso de Albuquerque,sobrinho do já dito Jeronymo de Albuquerque Maranhão.

No anno de 1638, commandados pelo conde de Bagnoulo, D. Luiz das Rochas, soccorreram a Bahia de Todos os Santos, contra quem indo Segismundo com 38 velas e muita força, poz em cerco, e sem duvida, a não ser o exercito de Pernambuco, a Bahia teria passado pelas desgraças, que soffreu em 1624, quando foi entrada pelo Hollandez, o qual mandou preso para Hollanda o seu governador Diogo de Mendonça Furtado ; e ao depois pela esquadra, commandada pelo general Pietre Petit, que sem resistenciaentrou a barra até Tapagipe, e dentro do mesmo porto fez presa em dezesseis navios com sua carga de 3,000 caixas de assucar, e em seguida tomou mais quatro navios, e fez encalhar quatro ; e ao depois tomaram os mesmos Hollandezes em 1637 a cidade de Sergipe d'El-Rei, pois Segismundo levantando o cerco, pela muita defeza, que achou, se retirou para Pernambuco.

No de 1695 bem mostraram o que eram na destruição da repubica dos Palmares, na proviocia das Alagoas, governando Pernambuco Caetano de Mello e Castro.

No de 1700,pela occasião da guerra,que tinhamos com Hespanha e França, foram mandados para o Maranhão, governando esta provincia de Pernambuco D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre ; no de 1735 foram para Colonia do Sacramento ; no de 1737 expulsaram da Ilha do Fernando de Noronha aos Francezes, que lá se haviam estabelecido, sendo governador

Isto se viu no luctuoso anno de 1817, não só nas coarctadas dos Lusos europeus accusados de adherencia áquella nova ordem de cousas, como nos juizos das commissões militares de Pernambuco e Bahia, e autos de devassa da alçada sobre aquelle acontecimento politico. (7) Porque como os Lusos europeus, estabelecidos em Per-

---

deste Pernambuco Henrique Luiz Pereira Freire; no de 1774 foram expedidos para a Ilha de Santa Catharina, occupada pelos Hespanhoes; no de 1809 para Cayanna, pela ruptura com a França; e ultimamente no de 1817 para Montevidéo.

O que nada obstante, sabe todo Pernambuco, e se recorda com dor, que os seus naturaes militares até quasi cincoenta annos a esta parte, si tantos ha, nunca chegavam a capitães de infantaria, e que foi uma grande admiração chegar a tenente coronel Pedro de Mello da Silva; e o sabio e benemerito Jeronymo Mendes da Paz, apezar de seus serviços militares e de muitos annos em uma cadeira de mathematicas, nunca póde empunhar a bengala de coronel do seu regimento, acabando os seus dias no meio dos desgostos pelas injustiças que soffria; e o primeiro brigadeiro, que tivemos, foi o defuncto José Peres Campello; e ainda Deus conserva os dias ao Dr. Antonio Francisco Bastos para prova da opposição, que os Europeus faziam aos Pernambucanos, e preferencia, que sobre elles davam aos seus Europeus; porque vindo despachado em tenente engenheiro civil desta praça Antonio Bernardino Lagos, só com um exame de geometria elementar no collegio dos nobres, e certidão de matricula no anno segundo mathematico, foi promovido rapidamente pelo ex general Caetano Pinto de Miranda Montenegro em capitão, sargento mór, e finalmente graduado em tenente coronel engenheiro, afim de que por este titulo tivesse a preferencia ao dito Dr. Bastos, que era sargento maior engenheiro hydraulico, e tivesse as obras das pontes, como teve, das quaes deitou abaixo a formosa do Recife, que ainda se acha por construir desde 1815, para perpetua memoria da sciencia daquelle engenheiro protegido pelo governo contra o direito e a justiça do outro.

(7) E' uma cousa bem sahida, que os Portuguezes europeus envolvidos na revolução de 1817 a maior razão que davam, para se relevarem da adherencia áquella nova ordem de cousas, era que elles eram Europeus, e que si prestaram serviços, foi com medo dos Pernambucanos.

Diz-se que o desembargador Marques, que serviu de auditor de guerra na commissão militar neste Pernambuco, dissera, quando se sentenciou o padre Antonio Pereira de Albuquerque e Mello, que aquelle Padre devera morrer, porque *era um Pernambucano que manejava muito a lei.*

A commissão militar da Bahia tendo sentenciado a morte o Dr. Manoel José Pereira Caldas, casado, e estabelecido ha muitos annos neste Pernambuco, o recommendou á piedade d'El-Rei por *ser natural do Minho.*

O juiz da alçada Bernardo Teixeira Rodrigues de Carvalho mandou, que o depositario geral desta praça pagasse da fazenda do Padre Antonio Jacome Bezerra 362$000 rs. dos gastos, que fizeram na Bahia os presos de estado, só por ser dito Antonio Jacome muito Pernambucano; porquanto El-Rei pagou todos os gastos que fizeram os presos de estado em toda aquella causa, e o dito Jacome foi o unico a quem dito juiz da alçada perguntou si o *pae e avô eram Pernambucanos*, e sabendo que sim, concebeu-lhe um odio novercal, pelo que não se desdourou de *furtar-lhe aquella quantia.*

Nova maneira de acalmar o odio!

Gonçalo Marinho de Castro, brigadeiro de artilheria desta praça, e

nambuco, não o tinham por sua patria, não se julgavam susceptiveis de obrar e fazer sacrificios pelo bem e melhoramento de um paiz, que olhavam como um apanagio, que lhes concedeu a natureza, só por ser conquistado pelas armas de Portugal, ou melhor pela falta de sciencia militar e instrumentos bellicos dos seus primeiros habitadores. (8)

Ainda temos as orelhas atroadas das muitas vezes, que ouvimos aos Lusos europeus dizerem, que não eram patriotas de Pernambuco; e não tem sido possivel esquecermo-nos do odio e da infamia, a que elles pertenderam, mas em vão, reduzir o sagrado nome de *patriota* (9)

Ainda nos estão bem presentes as providencias dadas pelo ex general Luiz do Rego Barreto para acalmar a tempestade, que sem duvida se ia levantar pela exprobação, que aos indigenas de Pernambuco faziam os Lusos europeus de haverem aquelles sido *patriotas*, e estes não; vimos em S. Salvador, e aqui temos em nossas mãos, peças chamadas poeticas de Portuguezes europeus estabelecidos no Brazil, nas quaes os Pernambucanos são tratados com a maior indignidade por amarem o seu solo natal, e terem para com elle aquelles honrados sentimentos, que obrigaram aos Lusos europeus a fazerem a actual revolução, dirigida a melhorar a nação portugueza, degradada do seu antigo esplendor e grandeza.

E a vista de todos estes factos, e destas mesmas expressões dos Lusos europeus, poder-se-ha dizer, que aventuramos o nosso con-

---

nella estabelecido ha muitos annos, disse ao Padre Francisco Dias, que se queria relevar da imputação que lhe fizeram de seguir aquella nova ordem de cousas, e mudança de governo, que *bastava ser Brazileiro para ser criminoso.*

São, ha poucos annos, mortos nesta praça dous Europeus, que vindo á este paiz buscar fortuna, e tendo-a achado, diziam á bocca cheia, *que aborreciam seus proprios filhos, só porque eram Pernambucanos*

E estes eram os sentimentos da generalidade dos Europeus aqui estabelecidos.

(8) Quem o duvida? Si os Indios tivessem a disciplina militar dos Europeus e seus instrumentos bellicos, Duarte Coelho Pereira teria fundado as villas de Iguarassu e de Marim em Olinda? Assim mesmo quanto lhe custou o seu estabelecimento?

Só Duarte Coelho, quarto donatario deste Pernambuco, escreveu *Memorias diarias da guerra do Brazil;* as quaes tratam dos oito primeiros annos dellas.

(9) Sim, *sagrado nome de patriota.* E qual será o nome mais digno deste epitheto? " *Patriote* est le titre, que nous meriterons, lors que sans fraude, sans ambition, sans orgueil, nous consacrerons nos veilles, et nos talents á la gloire du bien publique " *Caracciol.* Le Langag. de la Raison. c. 10. " Point de noblesse, donc point d'illustration hereditaire: je ne vondrois pas meme donner aux grands hommes le nom de noble, mais le nom d'illustre, de bien faicteur de la patrie, de grand patriote, nom sans doute bien plus honorable " Rey Regis tom. 2. fl. 342.

ceito, quando dizemos que da falsa idéa, que se ha feito da patria do cidadão, tem procedido esta rivalidade entre os Lusos europeus estabelecidos no Brazil e os seus naturaes, bem como entre os outros naturaes da Europa, climatisados na America, e os naturaes desta ?

Si estas provas não tem força, quaes são, e onde estão as que requerem os espiritos difficeis de contentar ?

Quererão porventura demonstrações euclidicas ?

Não são sem duvida para estes negocios.

II

MOSTRA-SE O QUE É A PATRIA DE UM CIDADÃO

Patria é uma palavra grega, que, na sua accepção primitiva, significa familia, nação.

Assim a define Agostinho Calmet, no seu Diccionario Biblico ; (10) e é neste sentido que disse o Psalmista rei : " Vinde, patrias das gentes, presentear ao Senhor " (11) isto é, como explica o mesmo Calmet : " Familias estrangeiras das gentes, vinde presentear ao Senhor. " (12)

Foi neste sentido, que Ovidio Nasão chamou á Cesar, pae da patria, (13) pai, cuidado e salvação da patria ; (14) e Roma livre á Cicero, como diz Juvenal. (15) Isto é, *da nação romana, do povo*

---

(10) Patria Græce est familia, natio. *Vid. Schrevelliu Lexic Græco-Latin.*

(11) Afferte Domino, patræ gentium. *Psalm.* 95.

(12) Familiæ gentium exteræ venite oblaturæ Domino sacrificia. *Dic. Bibl. verb.* patria.

(13) Parce, Pater patriæ, nec nominis immemor hujus
Olim placandi spem mihi tolle tui.

Trist. Lib. 2. *v.* 181.

(14) O Pater, o patriæ cura, salus que tuæ.

Id. ibid. v. 574.

(15) ..... Sed Roma parentum ;
Roma patrem patriæ Ciceronem libera dixit.

Satyr. 8 *v.* 241. *& seq.*

de Querino, e não daquelles lugares particulares, em que nasceram Cesar e Cicero.

Esta accepção é obvia nos escriptores latinos, (16) francezes, (17) italianos (18) e de todas as demais linguas, cujas citações omittimos por brevidade, afim de trazermos os de casa, que por serem europeus devem de merecer mais attenção e estima dos seus compatriotas.

Os que tiverem folheado alguns livros portuguezes, não terão por cousa nova esta accepção da palavra patria, pois ella é tão vulgar, que nos podiamos forrar á citações, si não quizessemos de alguma sorte autorisar o nosso sentimento; por isso offerecemos as seguintes, que temos á pello.

De Camões nos Lusiadas, Canto V estancia 99:

As musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda illustre e bellica fadiga.

---

(16) Pretendiamos aqui trazer as citações, mas ellas são tão vulgares e obvias, que julgamos superfluidade de trabalho.

(17) Seconde moi, Dieu de la raillerie,
Je veux berner les sots de ma patrie.

Dūnciad. Cant. 1.

Ta patrie est par tout, grand Roi, je le sais bien
Oú peut de tes etats le bonheur legitime
Exiger ton soutien.

Rousseau, Lib. 4. *Od.* 5.

(18) Grands arbitres, dit il, des querelles des rois
Est ce ainsi, que votre ame aux perils aguerrie
Soutient sur ces remparts l'honneur, et la patrie.

Depreaux, Ep. 4.

De Barros, na Decada III, livro 6 cap. 3 :

Pois por honra de sua patria em os fins da terra poz (Jorge Alves) aquelle padrão de seus decobrimentos.

Do Dr. Gregorio de Almeida, na Rest. Prodig. de Portugal :

Com tudo desejo, que o leitor a veja com olhos benevolos e coração portuguez, para que lhe agrade como restauração da patria.

Do mesmo, na mesma Obra :

Confesso, que o coração portuguez e o amor da patria me metteram a penna na mão.

De Jacintho Freire, na Vida de Castro fl. 128 :

Esta é a benção, que nos deixaram nossos mairoes : morrer gloriosamente pela lei, pelo rei e pela patria.

De Francisco Dias, na Elegia I :

Consagrarei somente meus conceitos
A's virtudes, á patria, á clara fama.

Em todos estes exemplos, e em outros muitos, que por brevidade omittimos, se vê claramente, que a palavra patria é tomada na accepção de gente ou nação.

Outras vezes se toma a palavra patria pela *provincia*, de que somos naturaes. Assim o diz o mesmo Calmet no lugar já citado. (19)

Neste mesmo sentido disse Salustio, citado por Servio no verso 384, do 1º liv. da Eneida de Virgilio, que *a Hespanha era a sua antiga patria*, (20) onde se deve notar o—antiga.

Colombo, depois de dizer ao velho da Ilha de S. Domingos,

---

(19) Patria usurpatur et de regione, unde traximus originem ; et de urbe, unde sedem habemus.

Dic. Bibl. verb. patria.

(20) Hispaniam sibi antiquam patriam dixit.

que a Italia era o imperio, em que elle viu a primeira luz do dia, acrescenta :

Mas pede a minha gloria que a teus olhos
O distincto esplendor da patria mostre (21)

O Gama, fallando ao rei de Melinde, depois que descreve a Europa, e chega a Portugal, falla deste modo, segundo Camões, Canto 3, estancia 21 :

Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual si o céo me dá, que sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.

Em nenhuma destas duas accepções se entende a palavra patria para o caso em questão ; pelo que cingindo-nos ao intento dizemos, que *patria* não só é a cidade ou lugar em que nascemos, mas aquelle em que estamos estabelecidos.

Não é nova esta definição, ella data da mais remota antiguidade.

Facciolati define patria a cidade ou lugar em que nascemos ; (22) e ao depois encostando-se á autoridade de Cicero, acrescenta, patria tambem é o lugar em que nos vae bem. (23)

O padre Agostinho Calmet a define da mesma sorte. Patria se toma, não só pela região em que nascemos, mas tambem pela cidade em que fixamos a nossa morada e estabelecimento. (24)

Lemos em Quinto Cursio, na Vida de Alexandre,(25) que a patria de um varão forte é todo lugar, que elle escolheu para sua morada. E nos diz no seu Theatro Critico (26) o padre Mestre Frei Bento Jeronymo Feijoo, varão distincto por muitos titulos, mormente em lettras, que este apophtegma é de muitos sabios gentios.

---

(21) Colombiad. Chant. 2.
(22) Patria, urbs, sive locus, in quo nati sumus. Calep. V. patria.
(23) Patria est ubi bene est. Ibid.
(24) Veja-se a nota 19.
(25) Patriam esse ubicunque vir fortis sedem elegerit. Lib. 6. cap. 4, § 13.
(26) Tom. 3. Discurs. 10. § 8. *Vid. Ovid. I. Fast.* 493.

E nos diz Plutarcho, (27) que Alexandre Magno, vencendo os Persas, fez que os soldados macedonios se casassem com as donzellas persianas, afim de que tivessem o mundo por patria, os arraiaes por fortaleza, por paisanos os bons, e por estranhos os máos.

O grande orador e philosopho romano, Cicero, é o mesmo que na sua costumada eloquencia, respondendo ao reparo que havia feito Pomponio Attico d'elle chamar *patria* a Arpino, (28) quando até ali sempre dera este titulo a Roma, disse : " Eu em verdade julgo,que não só aquelle, (Catão) mas tambem todos os municipes (29) tem duas patrias, uma de natureza, outra de direito de cidadão. Assim aquelle Catão tendo nascido em Frescati, (Tusculo) foi recebido na cidade do povo romano. E bem como elle sendo Tusculano por natureza e Romano pelo direito de cidadão, teve duas patrias, uma de lugar e outra de direito; assim eu julgo e chamo patria aquella em que nasci, e aquella em que fui recebido. " (30)

Deste sentimento não discorda M. F. Quintiliano, pois que deixou escripto, que um homem para ser cidadão, era preciso ou ter nascido cidadão, ou haver sido feito. (31).

Assim por derradeiro pensaram todos os sabios e grandes homens; e sinão tivessemos fitos os olhos na brevidade desta dissertação, apresentariamos uma cadeia não interrompida de autoridades, de todos os seculos, desde os mais illuminados da Grecia e Roma. D'onde se conclue, que um homem nascendo em um logar, a que se chama patria de natureza, pode ter outra patria de direito, ou porque foi admittido nessa outra ao direito de cidadão, si elle é de nação differente; ou porque ness'outra estabeleceu a sua morada e vida, quando a segunda patria pertença á sua mesma nação ; como se deve entender dos Portuguezes europeus estabelecidos em Pernambuco, que tem uma patria de lugar, a saber aquella em que viram a primeira luz do dia, e Pernambuco que escolheram para habitação, e onde tem formado estabelecimentos.

---

(27) Ut mundum pro patria, castra pro arce, bonos pro cognatis, malos pro peregrinis agnoscerint. *Plutar. apud Feij. citat.*

(28) Arpino, cidade de Lacio nos confins do Samnio, hoje chamada *Arraial da Terra do Trabalho*, no reino de Napoles, distante de Soria 4000 passos para o sul; do monte Cassino 9000 para a parte boreal; do rio Liris (*Garilano*) 2,000 ; de Aquino 11,000. E' situada em um alto oiteiro, junto ao rio Febrono; e é patria de Cicero, Mario, Plinio, Plauto.

(29) Municipes, habitadores dos municipios, que eram aquellas cidades da Italia, que tinham suas leis particulares, mas os seus cidadãos, pelo direito de cidade, podiam conseguir em Roma todos os empregos dos Romanos, os mesmos magistrados, e as mesmas honras. *Juvencio a Sat.* 8. *v.* 236 *de Juvenal. Vejas. Epith. da Historia lusitan. Cap.* 5.

(30) Lib. 2. de Leg. c. 2.

(31) Ut sit civis quis, aut natus sit oportet, aut factus. Lib. 5. cap. 10. E Caperoner explicando este mesmo sentimento, acrescenta : *Si nempe natus extraneus, jus tamen civitatis impetravit, et civitate donatus fuit.*

Nem se diga jámais, que isto são meros ditos, que nunca tiveram uma pratica juridica e legal, por que não só é de direito das gentes, como se pode ver no Barão de Puflendorf, na sua obra immortal de direito da natureza e das gentes ; (32) mas tambem lançando um golpe de vista rapido sobre a historia dos povos, veremos que a este direito deram um uso frequentissimo todas as nações antigas, o adoptaram, e ainda o praticam todas as actuaes, sem exceptuar mesmo o nosso Portugal, como veremos mais abaixo.

Os Gregos o praticaram sempre, e não ha pessoa alguma que lendo a Cornelio Nepote, o ignore; porque este nos conta na vida de Pomponio Attico, (33) que sendo este pelas suas virtudes honrado pelos Athenienses ao ponto de lhe levantarem uma estatua, não quiz elle usar do beneficio de cidadão, que aquelles lhe haviam conferido, porque pelas leis romanas perdia-se o foro de cidadão romano, aceitando-o em outra parte. (34)

E haverá quem ponha em duvida este direito romano ?

Abramos a sua historia e veremos, que destruida Alba, (35) inimiga capital dessa capital do mundo, os seus habitadores foram passados para Roma, gosaram do direito de cidade, e os seus principaes entraram no senado ; (36) veremos, que Tranquillino, quinto rei dessa nação, era Etrusco de nascimento e Grego de origem, (37) e Servio Tulio era Latino ; (38) Cicero e Mario, naturaes de Arpino, eram Romanos pelo direito de cidade; (39) por este mesmo direito eram Romanos S. Paulo, natural de Tarso, (40) Archias, poeta de Antiochia, (41) Gavio Cosano, que foi açoitado e crucificado por Verres, (42) e Valerio Procìllo, Francez, que foi mandado por Cesar de embaixador a Ariovisto, rei dos Francos. (43)

E o mesmo Cicero, na causa de Gavio, exclamou contra Verres; *Oh doce nome da liberdade! Oh eximio direito da nossa cidade! Oh lei porcia e leis sempronias!* (44) Não foram somente estas as

---

(32) Liv. 8. cap. 21.

(33) Cap. 3.

(34) O mesmo Cornelio Nepote no lugar citado, e Cicero pro Cæcin. cap. 34. *Quum ex nostro jure duarum civitatum nemo esse possit, tum omittitur hæc civitas, quum is receptus est in aliam.*

(35) Alba era uma cidade do Lacio, mais antiga do que Roma, e que distava della 14,000 passos, fundada por Ascanio, pouco depois da destruição de Troia ; hoje della só se acham ruinas, mas della se levantou Albano, com o titulo de principado. *Despres. ad Horat. Ep. 7. lib. 1.*

(36) Millot H. Uuniv. Tom. fl. 175.

(37) Idem ibid.

(38) Idem ibid.

(39) Cicer. Lib. 2. de Leg. cap. 2.

(40) Act. Apostol. cap. 22.

(41) Cicer. pro Arch. poet. § 63.

(42) Cicer. in Verr. Lib. 5. §§ 61, 62.

(43) Cæsar. de Bel. Galic. Lib. 1. cap. 22.

(44) Cicer. in Verr. Lib. 5. § 63.

leis, que regularam este negocio em Roma ; sim tambem as apuleia, (45) cornelia-mucia, (46) papia, (47) licinia, (48) servilia, (49) e as das Doze Taboas. (50)

Por um semelhante direito, S. Nicoláo, natural de Santo Angelo, é cidadão tolentino pela habitação naquella cidade; e o grande Antonio, Portuguez,é patriota de Padua, nada obstante ser nascido em Lisboa. (51)

Por um igual direito, João Vaz de Almada, nascido em Portugal, é cidadão de Inglaterra, que o acolheu na sua desgraça; e como tal veio a este reino de Portugal, na figura de embaixador do rei de Inglaterra, a negociar o casamento de D. Beatriz, chamada a—Rica Dona ; (52) e o celebre Duarte Brandão, mandado pelo rei de Inglaterra a este reino a armar cavalheiro da Ordem da Jarreteira a D. João II, apezar de ser nascido em Lisboa, não estava naturalisado Inglez ; e por este titulo, e seu valor não occupou na Inglaterra muitos lugares, e até o generalato de uma grande esquadra na guerra contra a França ? (53)

Qual é o Portuguez tão hospede na historia da sua nação, que ignore, que desnaturalisando-se deste reino pelas injustiças do rei D. João I, se naturalisaram Hespanhóes Lopo Vasques e Gil Vasques ? E como a Hespanhóes por direito D. Henrique II, rei da Hespanha, fez aquelle conde do Bomsuccesso, e deu a este as villas de Roa e Mansilia ?

Não seguiram o exemplo destes, João Fernandes Pacheco, Egas Coelho, João Affonso Pimentel, D. Paio Peres Correia, D. Pedro Alves Pereira, D. Martins Annes, o principe Ruy Gomes da Silva e outros muitos, ou desgostosos do reino, (54) ou seguindo as facções dos Hespanhóes?

E podiam elles ser admittidos, como foram, aos lugares, premios e postos sem serem patriotas da Hespanha pelo direito de cidade ?

Isto é mais claro do que a luz do dia.

Mas poder-se-ha dizer, que em Portugal não reina o mesmo direito ? Disto é sabedor qualquer curioso, que tiver lançado os

---

(45) Sobre esta lei e as demais aqui citadas,lea-se o Indiculo das Leis,de que falla Cicero, extrahido das collecções de Hotomano, e de Ernesto, que vem no quarto tomo das obras de Cicero *ad usum Delfini*.

(46) Idem.

(47) Idem.

(48) Idem.

(49) Idem.

(50) Idem.

(51) Manoel Bernardes, Nov. Florest. tom. 1.

(52) Duarte Nunes de Leão, Descripção de Port. cap. 87.

(53) Idem ibid.

(54) Idem ibid.

olhos sobre o Repertorio das leis da monarchia ; porque não ha procurador algum de causas que ignore a existencia da resolução de 30 de Maio de 1643, do aviso regio de 15 de Julho de 1671, decreto e aviso regio de 24 de Maio de 1762, e decreto de 2 de Julho de 1777. (55)

E quantos não são os estrangeiros, que de presente se acham naturalisados Portuguezes, e occupando lugares e empregos entre nós ?

A multiplicidade de exemplos nos dispensa de apontal-os.

E abicando ao porto, que demandamos, á quem tinha por patria João Fernandes Vieira, quando, na restauração deste Pernambuco, se sacrificou a si, ás suas riquezas, e a todos os seus ? A cidade do Funchal, que o viu nascer, e mal lhe deu o berço ; ou a Pernambuco, que o acolheu, e lhe deu esposa e estabelecimento ?

Respondam ao quesito o grande poeta Antonio Diniz da Cruz na sua Ode Pindarica, feita á este heroe, e o historiador francez da Historia do Brazil.

Aquelle diz assim na Estrophe 4 :

O estrago lastimoso
D'aurea sorte, de prospera riqueza,
Não move, não suspende na ardua empreza
O coração brioso ;
Não immensos soldados
De arrogantes victorias carregados :
Que genio grande, á quem virtude anima,
Captiva a patria, a vida não estima.

O segundo, no tomo 5. da dita Historia, que anda já vertida

---

(55) Pela resolução de 30 de Maio de 1643 os estrangeiros são inhabeis, por via de regra, para as commendas ; mas com dispensas, havendo serviços relevantes, podem obtel-as

Pelo aviso de 15 de Julho de 1691 não sendo os estrangeiros naturalisados, não devem as camaras provel-os em officios.

Pelo decreto de 22 de Abril, e aviso de 24 de Maio de 1762 os estrangeiros nascidos em dominios de França ou Castella, casados, e domiciliados nas provincias do reino, foram admittidos á naturalisar-se, requerendo na corte as cartas de naturalisação em quarenta dias.

Pelo decreto de 2 de Junho de 1774 os estrangeiros, que se naturalisarem, serão declarados isentos de direitos novos e velhos, emolumentos e assignaturas na mesa do desembargo do Paço, conselho da Fazenda, e ainda do feitio das provisões, fazendo-se-lhes tambem gratuitamente na secretaria da Junta do Commercio a justificação da identidade de pessoa.

em vulgar, liv. 33. fl. 55, tratando da restauração de Pernambuco, feita pelo dito João Fernandes Vieira, diz: *A consideração e o credito, de que gosava* (João Fernandes Vieira) *entre os vencedores* (os Hollandezes) *e as suas mesmas riquezas o importunavam: não cuidava em mais nada do que em libertar a sua patria.*

De tudo isto, que levamos expendido, resulta, que tendo muitos cidadãos duas patrias, uma de lugar e outra de direito, os Portuguezes europeus estabelecidos em Pernambuco, só pelo facto de nelle virem habitar e estabelecer-se, são legitimos compatriotas desta provincia, e ella sua patria de direito; e como taes devem de ser reconhecidos pelos indigenas de Pernambuco, e amando-se fraternalmente, mostrarem que são cidadãos de um mesmo foro e direito, uma só familia de irmãos legaes, sem jamais se distinguirem pela futil, prejudicial e insubsistente diversidade de solo natal, detestando e alongando de si a mal entendida paixão de nação ou paisanismo.

III

MOSTRA-SE QUE A PATRIA DE DIREITO É PREFERIVEL A PATRIA DE LUGAR

Depois de estar solidamente estabelecido e provado, que muitos homens tem duas patrias, uma de lugar e outra de direito, vem por uma consequencia bem natural saber-se qual d'ellas é preferivel á outra; e no caso de se chocarem, uns com outros, os interesses de ambas, por qual d'ellas nos devemos decidir, e quaes interesses portanto sustentar e defender.

A autoridade, a razão e os exemplos são as fontes, em que devemos beber a solução do problema; e levando adiante estes tres pharóes, sem receio algum de errar, dizemos, que a patria de direito se deve de preferir á patria de lugar, e que os bens daquella devem levar de vencida os d'esta.

Seja Cicero o que marche á frente dos que escudam a nossa asserção.

Sim, este grande philosopho é o mesmo que não duvidou dar preferencia á patria de direito sobre a de lugar, apezar de confessar, que tambem esta lhe merecia uma notavel caridade. " E' necessario,disse elle, que prestemos mais caridade áquella, (Roma) na qual está o nome da republica e cidade universa; pela qual devemos morrer, e á qual nos devemos entregar todos; e em quem devemos pôr, e como consagrar tudo quanto é nosso, ainda que não são entre si muito diversas as doçuras d'aquella, que nos gerou, e as da que nos recebeu. Assim, eu nunca negarei, que esta (Arpinas) é minha pa-

tria, ainda que aquella (Roma) seja maior, e n'ella esta (Arpinas) se contenha. " (56.)

Ainda que Roma fosse a capital do universo, a grande cidade, que tanto se elevava sobre Mantua,quanto os altos cyprestes aos lentos viburnos ; (57) aquella cidade celebre pela sua belleza,pelos seus campos, seus fructos,sua formosura, humanidade de seus habitantes, dignidade de sua republica,magestade de seu senado ; (58) com tudo Arpinas era uma deliciosa ilha na cidade de Arpino,no reino de Napoles, distante de Roma setenta milhas, rodeada de dous rios, Fibreno, e Liris (Garigliano) que a tornavam amenissima e saluberrima. Ilha tão linda, tão formosa, que levou os olhos a Tito Pomponio Attico,aquelle que por muitos annos havia habitado em Athenas, que excedia a todas as outras cidades na antiguidade, na humanidade e na doutrina, e cnde se achavam todos os primores das sciencias e artes ; (59) ilha, que tanto arrebatou a este grande homem, que chegou a dizer, que se não fartava de vel-a ; que se não importava com as magnificas casas de campo, os pavimentos marmoreos, os tectos assobradados ; mas que os lindos Nilos e Euripos (60) d'agua eram parte para que se elle admirasse de Cicero poder estar em outro lugar ao sahir de Roma. (61)

E tantas razões não foram bastantes para Cicero deixar de dar preferencia á Roma sobre Arpinas ? Sim, mais que tudo isto pesava o direito de cidade, que Roma havia concedido á Cicero ; direito tão grande, que quando se tratava de Roma, elle se esquecia de Arpinas, aquelle ninho natal, á que elle se recolhia, quando queria vacar á si mesmo, entregando-se á philosophia, á leitura e á escripta ; aquella cidade, em que elle tinha a sua estirpe antiquissima, os seus penates, a sua geração, e muitos vestigios dos seus maiores. (62)

E si assim não tivesse respondido o orador, quanto não seria ingrato para com aquella cidade, que o havia recebido no seu seio, que o havia condecorado com o direito de cidadão, que o havia adiantado, que lhe dera esposa, possesões e diguidades ?

Quanto não seria elle contradictorio comsigo mesmo, havendo ensinado, que a gratidão era a virtude, não só a maior de todas, mas tambem a mãe de todas ellas, e aquella que elle desejava ter mais que todas as outras ! (63)

---

(56) Lib. 2 de Legib. cap. 2.
(57) Virgilio Eclog. 1.
(58) Cicer. Orat. 1. post redit. § 1.
(59) Vid. Desprez. ad Horat. Satyr. lib. 2. Sat. 7. v. 14. La Croix. Geograph. Mod. tom. 2. De la Grec. art. 2.
(60) Cic. 2. de Leg. cap. 3.
(61) Cicer. 2. de Leg.
(62) Cicer. 2 de Leg. § 1.
(63) Cicer. pro Plane. § 33 vid.

Esta decisão de Cicero foi tanto aceita á Attico, que não só a não contradisse, como, nada obstante o seua rrebatamento por Arpinas, mostrou difficuldade e repugnancia em consentir, que Cicero ainda assim chamasse *patria* a Arpinas, que lhe deu o berço. " Parece-me cousa deshonesta, que seja tua patria tambem esta, que te gerou :" (64) no qual sentimento sem duvida seguia Pomponio ao florentissimo interprete de Homero, Eusthatio, o qual diz, que patria é não aquella cidade, em que o homem nasceu, sim aquella em que foi criado; de modo que aquelle que não foi tal, isto é, que não foi educado no lugar em que nasceu, mas d'elle se apartou, a este a tal cidade ou lugar o perdeu, e elle não tanto a deve de ter por patria, quanto áquella, que o sustentou. (65)

E' uma observação feita sobre Cornelio Nepote, Salustio, Livio, Plinio e outros grandes homens, *Romanos pelo foro de cidade*, que não só nunca preferiram á Roma os seus municipios, (66) nada obstante muitos serem cidades celebres, (67) como até nenhuma palavra disseram sobre suas patrias, sabendo-se por outro meio, que o primeiro era *Circumpadano*, o segundo *Amiternino*, o outro *Patavino*, e o ultimo finalmente *Veronense ;* e de Livio disse um defensor: " Na verdade Livio não quiz ser Francez ou Veneziano, tendo obtido Roma por outra patria, pelo direito de cidade, principalmente sendo familiar de Augusto, e sogro de um cavalheiro romano. " (68)

Juvenal mofa e chincalha dessas patrias municipaes, ora chamando-lhes "areas municipaes", ora aos seus edis, como os de Ulubras, em que foi educado Augusto, "grosseiros e mal asseiados edis da deserta Ulubras ; " (69) outra vez sem rebuço algum, atacando o mesmo Cicero, diz " este homem novo, este vil Arpinas, agora cavalheiro municipal de Roma ; " (70) e o que é mais, o mesmo Cicero, escrevendo á Rufo, lhe dizia : " Habita, meu Rufo, essa Roma, e vive n'essa luz; porque toda outra peregrinação, o que eu pensei

---

(64) Cic. de Legib. 2. cap.

(65) *Hæc est patriæ definitio : patria enim urbs est quædam, in qua quis post ortum eductus est. Adeo ut qui talis non sit, sed post ortum patria sit privatus, is urbe hujusmodi exciderit, neque tam eam habeat patriam, quam illam, quæ ipsum deinceps aluit.* Esta é a traducção latina da passagem grega de Eusthatio, trazida por Huecio na sua Demonstração Evangel. prop. 9. cap. 10 § 1. para sustentar, que Jesus Christo nascendo de paes nazarenos, se devia chamar Nazareno, nada obstante ser nascido em Belem.

(66) Veja-se a nota 29.

(67) Como Athenas, de quem já fallamos, e Antiochia, de quem diz Cicero, pro Archia, poet, § 8. *Primum Antiochiæ (nam ibi natus est, loco nobili, celebri quondam urbe, liberalissimis que studiis affluenti) cœleriter antecillere omnibus ingenii gloria contigit.*

(68) Laurent, Pignor. na epistola 49 á Balthazar Bonifacio, que vem no tomo ö das obras de Tito Livio da edicção de Pavia.

(69) Satyr. 10. v. 102.

(70) Satyr. 8. v. 235. & seq.

desde menino, é obscura e sordida para aquelles, cuja industria em Roma pode ser illustre. (71)

Os mesmos sentimentos achamos entre os modernos, não só extranhos, como domesticos.

E' notavel o que á este respeito escreve o P. M. Feijoo no seu X. Discurso do Theatro Critico, tomo 3. Eis aqui: " La Patria, á quien debemos estimar sobre nuestros particulares interesses, la acreedora a todos los obzequios possibles, es aquel cuerpo de Estado, donde debajo de un gobierno civil estamos unidos con la coyunda de unas mismas leyes. Assim Espanha es el objecto propio del amor del Espanõl, Francia del Francez, Polonia del Polaco. Este se entiende quando la transmigracion a otro paiz no los haga miembros de otro Estado, em cuyo caso este debe prevalecer al paiz donde nacieron. " (72)

Assim tambem sentiu, e disse a respeito de Lisboa, sua patria, o famoso Dr. Duarte Ribeiro de Macedo, um dos sabios mais respeitaveis de Portugal no seculo. XVII, (73) em uma canção a D. Rodrigo de Menezes, reforçando o seu dito e sentimento com o exemplo de Hercules.

Foi minha patria a inclyta Ulyssea,
Sempre triumphante, e sempre victoriosa;
E si é sorte ditosa
Ter por patria uma corte,
Tive ditosa sorte;
Mas ah! que mal aponta,
Meu Senhor, o que conta,
Ficção, que vejo escripta,
A patria nobre por primeira dita;
Si a patria nos despreza,
Quem do lugar, em que nasceu, se preza?

Em Thebas nascimento glorioso
Teve Hercules valente,
E de Thebas ausente
Foi da sorte mimoso,

---

(71) Lib. 2. familiar. epist. 12.
(72) § 6.
(73) Legationibus, & negotiorum gerendorum peritia Eduardus Riberius de Macedo. Epitom. Histor. Lusitan, Cap. 11. Alphonsus 6.

Assistido dos deoses nas emprezas,
Teve fama e riquezas ;
O que nunca tivera,
Si no lugar, em que nasceu, vivera.

Note-se aqui aquella expressão, "foi minha patria," que parece significar, que já não era.

Basta de autoridades, passemos ás razões.

E' verdade, que ha no nosso coração um não sei que, como diz Cicero, (74) e uma certa cousa occulta na nossa alma e sensibilidade, que o lugar, em que nascemos, nos seja mais agradavel do que outro qualquer ; é verdade, como nos lembra o marquez de Caraccioli, (75) que nós renascemos ao aspecto da patria ; que todos os prazeres da nossa primeira infancia voltam á nossa memoria e nos causam uma satisfação incrivel ; e que se amam até as mesmas pedras da patria Porém, conforme diz Cicero, (76) como o homem não se deve reputar cercado de alguns muros, nem popular de algum lugar determinado, e sim cidadão de todo mundo, como si este fora uma cidade ; ou, como se expressa um celebre geographo de nossos dias, (77) os homens, bem como as arvores e as plantas, devem pertencer á todos os paizes, pede a razão que nós olhemos toda terra como um lugar de desterro, á fim que nos acostumemos á todo lugar, á que nos levar a Providencia ; e quer a mesma razão, que quando impellidos de circumstancias imperiosas, deixamos o berço natal, toda nossa sensibilidade, toda nossa ternura, predilecção e serviço se dirijam e encaminhem, com preferencia ás demais republicas e reinos, áquelle lugar, que, por um secreto impulso da Providencia, escolhemos para nossa morada e estabelecimento ; porque, como diz o já citado Feijoo, (78) esta obrigação de amar a patria, e procurar-lhe bens, não nos vincula á republica, porque nascemos em seu districto, sim porque compomos sua sociedade. " Assi, continua o mesmo, el que legitimamente es transferido a otro dominio distinto de aquel en que ha nacido, y se avencida en él, contrahe, respecto de aquella republica, la misma obrigacion, que antes tenia á la que le dió cuna, y la debe mirar como patria sua. "

O ser natural de um paiz é o effeito de um puro acaso, (79) mas ser cidadão de um lugar, em que não nascemos, é uma acção

---

(74) 2. de Leg. C. 1.
(75) Le Langag. de la Raison. C. 10.
(76) 1. de Legib. 23.
(77) Mantelle Geograph. antiq. Italie.
(78) Tom. 3. Discurs. 10.
(79) Rey Regis tom. 2. fl. 76.

do nosso arbitrio, é uma obra da nossa escolha, um facto, que, mais do que outro qualquer, prova o ser e a existencia da liberdade, a mais digna qualidade do homem, e que o distingue plenamente das bestas.

O lugar, em que nascemos, é patria forçada; e aquelle, de que somos cidadãos, é patria forçosa.

Aquella nós a temos muitas vezes, muito apezar da nossa vontade; esta nós não podemos deixar de ter e obedecer-lhe, porque espontaneamente lhe demos direitos sobre o nosso ser e liberdade.

Aquella é mãe por accidente, esta é mãe por affecto.

Quando o fado cego nos fez filhos daquella, o mais que nós eramos, não passava de um ser intermedio dos vegetaes e irracionaes; estavamos muito aquem do ser de homem, onde nada nos era attribuido á louvor ou vituperio. Esta é nossa mãe, quando somos aquillo, para que sahimos das mãos da Providencia; quando pensamos, quando obramos, quando tomamos o lugar que nos pertence na ordem dos entes, quando só tendo a Deus acima das nossas cabeças, toda a creação está debaixo dos nossos olhos; o poder da nossa razão, não satisfeito com os acanhados limites dos tres reinos, animal, vegetal e mineral, do globo terraqueo, extende o seu sceptro sobre as nuvens, olha para o passado, conhece o presente, e adevinha o futuro; regula os movimentos dos astros; e parecendo querer levantar o véo aos segredos do Creador, mostra a sua elevação e magestade, mostra que somos homens.

Nem todos os homens tem patria de lugar, mas não ha um só, que não seja cidadão de algum ponto da terra, e que deixe de ter patria de direito.

Os que nascem sobre as ondas do oceano, não tem patria de lugar, mas estes mesmos tem patria de direito.

Nunca pessoa alguma deixou o solo natal, se não por que as circumstancias physicas, moraes ou politicas delle se oppunham ao seu bem, e a sua commoda e feliz existencia; ao mesmo tempo que se escolhe a habitação e estabelecimento em um logar, porque a doçura do seu clima, a temperatura da sua atmosphera, cooperam para a conservação da nossa saude, e para extensão e felicidades dos nossos dias; a fertilidade do seu terreno, a riqueza do seu commercio adianta a nossa substancia, extende as nossas possessões; o caracter moral do seu povo, seus costumes, seus ritos, sua religião, suas leis, a forma do seu governo são compativeis e analogos ao nosso caracter, ao nosso modo de pensar a nossa moral e opiniões religiosas e politicas.

E só quando fóra do paiz natal se não encontram estas commodidades da vida, e estes prazeres analogos a nossa educação e systema de vida, é que vemos os Scythas, segundo testifica Ovidio, (80) fugirem das delicias de Roma para as asperezas do seu paiz gelado;

---

(80) Citado por Feijoo no Disc. 10. § 2.

os Laponios desprezarem as maiores conveniencias de Vienna, e suspirarem voltar ao seu pobre e rigido continente; e viver sempre afflicto e melancolico, no meio de Pariz, o selvagem do Canadá. (81)

E neste parallelo, quem haverá que, a não estar fóra do senso commum á todos os homens, hesite decidir-se pela patria de direito?

Em que balança, por mais fiel que seja, pesará mais a patria da casualidade, do que a da escolha?

Desafio os espiritos mais justiceiros, e appareçam.

Si o simples accidente de nascer em Portugal exige dos Portuguezes europeus affecto e caridade para com os lugares do seu nascimento, á que piedade não tem direito Pernambuco, que os acolheu, sustentou e os honrou? " Grande é, com effeito, disse Cicero, (82) aquella communidade, que se adquire pela dadiva e recepção mutua dos beneficios; os quaes, por isso que são mutuos e gratos, enlaçam com uma firme sociedade aquelles entre quem se praticam. "

Que direitos tem a mãe sobre o filho, que expoz, e á quem negou todos os officios que lhe impoz a natureza?

E quanto não deve este áquella alma caridosa, áquelle coração terno e benevolo, que o recolheu, que o criou, educou, e á quem deu tudo quanto possuia?

Manes do grande d'Alembert, respondei, quem mais vos mereceu na ordem dos affectos, na ternura e nos bons officios de filho, madama de Tencin, que vos deu o ser, e vos expoz, e negou o ser de mãe, ou a vidraccira caridosa, que vos recolheu, educou e se desvelou toda por vós? (83)

Esta resposta a achamos em Voltaire, dada por Cassio á Bruto, na Morte de Cesar act. 3 scen. 2:

Que importa, que um tyranno, que um escravo
De amor com negra fraude detestavel
A Servilia illudindo te gerasse?
Deixa lá da mãe tua o hymeneo.

---

(81) Feijoo. tom. 3. Discurs. 10. § 2.

(82) I. de Offic. § 17.

(83) João Le Rond d'Alembert foi filho natural de Destouches Canon, e de madama de Tencin, que expondo-o, o fez passar por todas as desgraças, á que ficam sugeitos estes infelizes entes, e deveu a sua vida e educação á uma vidraceira, que o recolheu e criou; porem madama de Tencin sabendo que elle muito moço já era uma aguia em geometria, o fez vir a sua casa, e depois de muito acaricial-o, lhe descobriu o mysterio da sua natividade, porem D'Alembert espantado gritou: *Que me dites vous lá, madame? Ah! vous n'etes qu'une maratre; c'est la vitriere qui est ma mere.*

Os erros, que indiscreta fez á furto :
Teus costumes formou Catão, só a elle
Por pae tens o dever de o conhecer ;
Toda alma co'a virtude a Catão deves.

Só um louco rematado, ou um espirito prejudicado e irracional, não será penetravel aos raios desta verdade. Os que o contrario pensam, e obram coherentes com o seu pensar, são monstros, que não se devem classificar entre os homens ; pois que não havendo cousa tão propria do homem, como ser obrigado, não só pelo beneficio, como mesmo pela significação da benevolencia, não pode haver cousa tão deshumana, tão cruel, tão fera, como obrar de maneira que pareça, já não digo indigno, mas sim delle vencido. (84)

Estes taes nada menos são do que a cobra da Fabula. (85)

Que horror !

Nem jamais se diga, que aqui não ha mais do que uma especulação dos espiritos, e pura metaphysica escolastica. Tem-se visto praticado no mundo muitissimas vezes.

O memoravel Scipião africano, quando viu que Roma lhe era ingrata á tantos serviços gloriosos, á tantos sacrificios feitos pelo seu bem e magestade, cheio de indignação a deixou dizendo : "Patria ingrata, não possuirás os meus ossos ! " (86)

E assim succedeu, pois que morrendo em Literno, (87) para onde se havia voluntariamente desterrado, mandou que seu corpo fosse ahi mesmo sepultado, afim de que a ingrata patria lhe não fizesse o funeral. (88)

O resentido Coriolano não só a deixou, pelas suas injustiças, como que á testa dos Volscos a poz na maior consternação ; e a teria sem duvida levado á ultima ruina, si não foram tão efficazes as lagrimas de Veturia, sua mulher, e de Volumnia, sua mãe. (89

Sertorio, depois de grande orador e general romano, fugindo ás proscripções de Sylla, se fez rei dos Lusitanos ; e á sua frente pelejou suas pelejas contra Roma, vencendo a Pompeo, Metelo e outros generaes. (90)

De quem se lembrava Nasão, quando desterrado no Ponto Eu-

---

(84) Cicer. pro Planc. 33.
(85) Phedr. lib. 4. Fabul. 15.
(86) Camões, Epist. 1.
(87) Chamada hoje *Torre de Pabria*, cidade de Campania, cujos muros são lavados do rio Literno (le Lagno) ; ainda ha pouco se via o monumento sepulcral deste Scipião. *Mantelle, Geog. Antiq.*
(88) Tit. Liv. lib. 38. c. 33.
(89) Tit. Liv. lib. 2. Dionis. lib. 8.
(90) Tit. Liv. lib. 92. Ladvocat. Diccion. Histor. verb. Sertorio.

xino, enlanguecia de saudade pela cara *patria*, e rogava aos deoses lhe permittissem ao menos ser enterrado na *patria terra*? Sem duvida, nunca poz o pensamento em Sulmona, (91) que lhe foi de berço, sim todo se perdia pela Roma, que lhe conferia o foro de cidadão romano.

E si o discretissimo Ullysses prefere, como diz Cicero, (92) os calvos rochedos de Ithaca (93) á immortalidade, que lhe offereceu Calypso, e aos regalos de Feacea, não foi tanto pelo amor ao solo natalicio, pois, como bem nota um sabio moderno, (94) esta ternura era muito pueril para o mais sabio dos Gregos, quanto porque naquelle lugar tinha a patria de direito; pois que ali tinha a propriedade do reino, tinha o senhorio dos vassallos, tinha a fiel Penelope, tinha o caro Telemaco.

Coge Çofar não era de nação albanez? Mas por quem se offerece elle a si, a seus filhos e a sua fazenda? Por quem se sacrifica, e por quem morre no cerco de Dio?

Por Albania, na Italia, que o viu nascer, ou por Cambaya, em que se havia naturalisado? (95)

Bernardotte, principe real da Suecia, que direitos defende, os de França, que lhe deu as fachas, ou os da Suecia, que o condecorou com o foro de cidadão, com o principado e com a releza?

Isto é patente a todos.

E quantos destes exemplos podiamos nós citar em todos os tempos, e em todos os povos; os quaes provam á todas as luzes, que no pensamento e acções dos homens a *patria de direito* deve de ser preferida á *patria de lugar*? Paremos porem aqui, porque a verdade, para ser estabelecida de uma maneira inabalavel, não exige mais do que uma prova cheia de deducção, energia e evidencia, e a multiplicidade de razões, de ordinario nada mais produz do que uma inculca de erudição intempestiva. Portanto, em vez de procurarmos mais argumentos, que esteiem uma verdade posta fóra de

---

(91) *Quantum erat, o magni perituro parcere Divi*
Ut saltem patria contemplarer humo.

Trist. lib. 3. Eleg. 3.

Cum patriam amisi tunc me periisse putavi,
Et prior, et gravior mors fuit illa mihi.

Idem. ibid.

(92) Cicer. de Orat. c. 44. 2. de Legib. 1. 3. de Offic 26.

(93) Ithaca, ilha do mar jonio, hoje chamada *Val de Compare*, entre a Cephalonia ao ocaso, e as Echinadas ao oriente, patria de Ullysses. *Desprez. ad Horat lib. 2. Satyr. 5.*

(94) Feijoo. tom. 3. Discurs. 10. §. 7.

(95) Jacint. Freir. de Andr. Vid. de Cast. lib. 2. fl. 128.

toda duvida, passemos a mostrar os deveres do cidadão para com esta mãe commum.

IV

NO QUAL SE MOSTRAM OS OFFICIOS DO CIDADÃO PARA COM A PATRIA

Ninguem desenvolve melhor os affectos e deveres do cidadão honrado para com a patria, do que Cicero, não só em outros muitos lugares, como na oração recitada no senado, á volta do seu desterro; e quem o tomar por guia na piedade para com a patria, marchará seguro sem perigo de errar. (96)

" A patria, diz elle, é a cousa mais jocunda de todas as do mundo; (97) é preferivel á todos os demais officios do homem; (98 o seu amor encerra em si todos os amores. De todas as sociedades nenhuma ha mais grave, nem mais cara, do que aquella, que cada um de nós tem com a republica. São caros os paes, são caros os filhos, os parentes e os familiares; mas todas as caridades de todos abraçam e encerram em si uma só patria. (99) "

Este é o mesmo sentimento de Planco, quando escrevendo ao mesmo Cicero, lhe dizia: " Podes ficar persuadido, que tudo quanto eu poder obrar com as forças, prover com o conselho, mover com a autoridade, tudo isto será em serviço da republica. " (100)

" Não se pode encontrar, disse Quinto Curcio, (101) cousa mais cara, do que a patria do cidadão. "

Os verdadeiros patriotas devem, por tanto, empregar todas as suas forças no augmento, lustre e gloria, tanto no physico, como no moral, da patria; obedecer promptamente, e de bom grado as ordens dos governos e autoridades constituidas, sem examinar as razões das ordens, porque de outro modo não alcança o merito da obediencia. (102)

---

(96) A leitura das Obras de Cicero é o meio mais facil do convencimento desta verdade; porem si é preciso a autoridade de alguma pessoa respeitavel na republica das lettras, lea-se o prefacio de Voltaire a sua Tragedia *Catilina ou Roma salvada.*

(97) Cicer. Orat. 1. post. redit. § 1.

(98) Idem de Offic. lib, 3. cap. 23.

(99) Idem de Offic. 1. c. 27.

(100) Familiar 1. lib. Ep. 4.

(101) Lib. 5. cap. 15. § 13.

(102) *Il merto di ubbedir perde chi chiede*
La ragion del commando.

Metast. Cat. Act. 1. Sen. 2.

Devem de trabalhar com todo desvelo no adiantamento do bem publico, e preferil-o ao seu commodo particular. Nada olhar como vantajoso para si, que o não seja tambem para a republica, mostrando-se commodos e obrigados mutuamente entre si; tudo finalmente, como dizia outr'ora o philosopho Ariano, "que si as mãos e os pés tivessem razão, e quizessem estes membros do corpo cumprir com a ordem natural das cousas, nenhum movimento fariam, nenhuma vontade teriam, que se não reportasse ao bem de todo corpo." (103)

Devem de ser reunidos para promover o bem publico e da patria, pois com razão nos diz um historiador de Roma, (104) " que pela concordia as cousas pequenas crescem, e pela discordia as maiores se aniquilam. " Igualmente reunidos para rebater o mal, e arredal-o para longe. " (105) " Quando o perigo é commum, explicou-se a razão pelo orgão de Tito Livio,(106) cada um deve prestar o presidio, que está em suas faculdades, para se livrarem delle.

Desenvolvamos estas idéas geraes, e demo-lhes algum detalhe.

O homem, esse ente que a natureza creou para entender e obrar, (107) nasceu para a sociedade dos outros homens (108); por isso elle não só, não é somente seu, pois, como diz Platão, (109) no seu nascimento tem uma parte a patria, a outra os amigos; mas tambem, como diziam os estoicos, elle nasceu mais para os outros homens, do que para si mesmo,afim de que se prestassem mutuamente utilidades e beneficios; (110) por isso nada lhe deve de ser mais antigo, do que a publica necessidade. (111) Vivendo com todos os seus compatriotas com igualdade e justiça, porta-se com a dignidade propria do homem, sem abjecção e vileza, e detestando a soberba, só quer para a republica as cousas tranquillas e honestas; (112) estima em mais a saude de seus cidadãos, do que a propria vida. (113)

Por isso, quando pede o bem da patria, as nossas cogitações, as nossas palavras, as nossas acções, os talentos, as riquezas, as possessões, todos os bens externos se devem prestar; nada se deve preferir á publica necessidade. (114)

Ao bem da sua republica consagrou Alceo as immortaes odes,

---

(103) Puffendorf. Jur. Nat. lib. c. 7.
(104) Salust. Bel. Jugurt. fl. 65 da edicção de Veneza de 1756.
(105) Puffendorf. Jur. Natur. lib. 8, cap. 6.
(106) Tit. Liv. lib. 5.
(107) Cicer. de finib. 2. cap. 13.
(108) De Legib. 1. 24. *Vid. Raynal H. P. e Philos. lib.* 19 *cap.* 107, *Puffendorf. lib.* 2 *c.* 2. § 7 *et seq.*
(109) Offic. 1. 7. 43.
(110) Vid. Not. supr.
(111) Id. de Offic. 1. § 43.
(112) Idem de Offic. 1. § 34.
(113) Cicer. pro Sext. § 20.
(114) Veja-se todo livro 3 dos Officios de Cicero.

que o elevaram a cima de Sapho; pois que nenhum descanso deu á lyra, senão depois que expulsou da sua patria Pittaco, Mirsillo, Magalagiro, seus crueis oppressores. (115)

Assim tambem praticou um Cicero na causa de Roma; elle mesmo o diz nas Assembléas dos Romanos: " Eu me sacrifiquei todo, a mim e as minhas fortunas, pela vossa salvação, ocio e concordia. (116)

Estes foram os sentimentos que arrojaram ao grande Camões para immortalisar o Gama e mais heróes da patria, e immortalisar-se com elles; assim o disse elle no seu primeiro Canto, estancia 9 e 10.

.....Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

Si é necessario para o bem da republica, que perdoemo-nos os aggravos particulares, as inimizades, os odios, qual será o cidadão racional, o patriota honrado, que largando as redeas ás suas paixões, tenha em menos o bem da sociedade, e se entregue ou á vinganças privadas, ou fique reduzido á uma apathia e indifferença?

Quem?

Não julgo achar entre homens estes abortos, e si lanço os olhos sobre os sentimentos dos grandes personagens, que mais mereceram no conceito da posteridade, vejo que são todos unanimes no esquecimento das injustiças particulares.

Metastasio nos apresenta o rigido Catão dizendo á Emilia, na scena 5, acto 1 do seu Catão:

De todos quando ao bem util se torna
Das privadas offensas o perdão,
A' todas é justiça dar de mão.

---

(115) Horat. lib. 2. Od. 13. Quintilian. lib. 10. cap. 1.
(116) Orat. 1. post. redit. ad Querit. § 1.

Ao embaixador de Porsena, que queria tirar partido do desgosto, que o senado de Roma havia dado á Tito e seus companheiros, Tito responde nesta substancia na tragedia de Bruto por Voltaire, acto 2. scena 4 :

O peito tenho franco e sem refolho ;
Do senado ultrajado, assás direito
De aborrecel-o tenho ; e o aborreço ;
Mas prompto o braço offereço á seu serviço,
Quando a causa commum nos chama ás armas.
No peito de seus filhos Roma extingue
Das rixas e querellas o veneno ;
Vencendo-nos a nós, vamos unidos
Só a vós combater por inimigos.

E á Cassio disse Bruto contra Cesar na tragedia de Voltaire Morte de Cesar :

Meu sangue com o teu uno p'ra sempre,
A nós hoje por um outro adoptados
De Roma a salvação, o patrio bem
Parentes cordiaes nos ha formados.

E á estatua de Pompeo, na mesma tragedia, acto 2. scena 4 :

Promettemos, Pompeo, á teus joelhos
Fazer tudo por Roma, por nós nada ;
Pelo Estado, que em nós se apresenta,
Viver unidos, combater, morrer.

O bem e a salvação da patria exige de nós humiliações ? Não é absono da dignidade do homem e da honra do cidadão humilharmo-nos ; devemos dobrar o joelho ainda diante dos tyrannos, e comprar por este modico preço a salvação da republica : " Um

bom Romano, disse Fulvio á Catão, um bom Romano defende o justo, e se emprega todo pela publica paz. (117) Assim o fez a Esther na presença de Assuero, para desmanchar os planos ruinosos de Aman contra os filhos de Jacob; (118) assim tambem nos nossos dias nos exemplou o virttuoso bispo de..... aos pés do malvado e detestavel Loison, general francez. (119)

São caros os nossos irmãos; nascidos do mesmo ventre, formados pelos mesmos paes, educados com as mesmas maximas, nos mesmos costumes e usos, tem com nosco laços estreitissimos, e relações amoraveis; mas si é util ao bem da republica a effusão do sangue fraterno, a mão que o derrama, é a mão do justo e do virtuoso patriota.

Assim Timolonte livra a Corintho da tyrannia á preço da vida de Timophanes, seu irmão (120)

Não tem mais preço o sangue e vida dos filhos na estima de um virtuoso pae patriota, si se trata do bem da republica.

Alegra-se a mãe dos Machabeus com a morte delles pelas leis patrias. (121)

Fulvio, filho de um senador, foi mandado matar por seu proprio pae por estar comprehendido na conjuração de Catilina. (122)

O mesmo mandou fazer aos seus dous filhos, em sua propria presença, na praça publica, Lucio Junio Bruto, por haverem conspirado contra a republica. (123)

Porem si o pae tenta contra a patria, si pretende escravisal-a, entregal-a ao inimigo, destruil-a? Que dever fica ao filho, que lhe está ligado nos mais estreitos laços de piedade?

E' esta questão ventilada por Cicero, no seu terceiro livro dos Officios; (124) e Cicero, aquelle que acabava de dizer, que era muito conducente á patria ter cidadãos pios para com os paes, (125) é o mesmo, que decide a questão, dizendo: " O filho rogará ao pai para que desista do attentado; si nada aproveitar, o deve aconselhar, até mesmo ameaçar; por derradeiro, si o negocio se encaminhar á destruição da patria, prefira-se a salvação da patria á conservação do pae. "

Esta resolução é conforme á doutrina do mesmo Cicero, já acima trazida; e della não desdiz Tito Livio, quando escreve, que " o cidadão virtuoso tem a republica em maior preço, do que os paren-

---

(117) Metast. Catão Act. 2, Scen. 2.
(118) Esther. 15. 1.
(119) Historia do governo francez em Portugal.
(120) Cornelio Nepote, Timoleont. § 1.
(121) 2 Machab. cap. 8.
(122) Salust. Crisp. Bel. Catilin. pag. 93 da edicção de Venesa.
(123) Ladvocat. Diccion. Hist. verb. Brutus. *Vid. Voltaire* Brutus Act. 5 Scen. 7 e 8.
(124) Cap. 23.
(125) Id. ibid.

tescos particulares (126) E é por ultimo uma consequencia da proposição seguinte, na qual ninguem hesita.

Por mais apertadas, que sejam as relações do cidadão para com outro particular, todas estas cedem aos deveres primarios do cidadão para comsigo mesmo.

A conservação da sua vida e existencia é o primeiro dever do homem, e tão sagrado que a deve de sustentar á expensas da vida do injusto aggressor, si outro meio não resta.

Esta mesma vida elle a deve sacrificar á conservação e bem da republica ; e é desta maneira que elle se faz charo á patria, e credor da immortalidade. " No deixar por causa da republica aquellas cousas, de que não nos podemos separar sem grande dôr, é que se mostra, que a patria nos é chara, e que preferimos a sua salvação á caridade de todos os nossos, " disse Cicero ; (127) e ássim o praticou um infante de Portugal, de quem canta Camões na estancia 52, do Canto 4 :

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado ao Sarraceno se entregava :
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava ;
Por não se dar por elle a forte Ceita,
Mais o publico bem, que o seu, respeita

Nesta acção conformando-se Fernando com o que já havia, ha muito antes, dito o Venusino : " que o varão bemaventurado não temia morrer pelos caros amigos, e pela patria (128)

---

(126) Tit. Liv. lib. 24. *Vid. Voltair.* La Mort. de Cesar. Act. 3. scen. 2.

(127) Cicer. pro domo sua. § 37.

(128) *Non ille (beatus) pro charis amicis,*
Aut patria timidus perire.

Hor. Carm. lib. 4. Od. 9.

Neste artigo é unanime o sentimento de todos os philosophos, dos mais famigerados poetas, e dos mais generosos varões do universo.

" Não ha maior doçura e gloria do que morrer pela patria; á estes, dignos da immortalidade, a virtude lhes apresenta caminhos arduos; (129) despreza a turba do povo, e deixando a terra humida, se sublima ás espheras com voo rapido, cantou o Venusino. (130)

Pela patria morrer qual será o homem de bem, que duvide, si a sua morte lhe é util? (131) E' cousa preclara dar a vida pela patria, (132) repetio o mesmo Cicero. Este é o mesmo sentimento de Tirteo, que em mais de um lugar escreveu: " que a morte pela patria é formosa, honrosa e esplendida." (133) " E' certo, disse um escriptor moderno, (134) que acção mais generosa e recommendavel se não pode fazer do que offerecer-se corajosamente pela salvação dos outros. " Lucio Floro afinal, escrevendo a guerra catilinaria, rematou nesta substancia: " Catilina foi achado longe dos seus entre os cadaveres dos inimigos, com uma morte formosissima, si a tivera recebido pela patria. (135)

E que de vezes se não tem visto no estadio do mundo estes valorosos athletas?

Que de vezes?

Morrer pela patria e por suas leis juram os valentes soldados de Machabeo, excitados pela sua oração. (136)

Que para evitar a ruina do imperio se sacrificou á morte Lucio Tuberão, pretor de Roma, nos conta Plinio naturalista. (137)

Não teme a voragem do fóro romano o denodado Curcio, e para

---

(129) *Dulce, et decorum est pro patria mori.*

Hor. lib. 3. Od. 2.

(130) *Virtus recludens immeritis mori*
Cœlum, negata tentat ire via;
Cœtus que vulgares, et udam
Spergit humum fugiente penna.

Idem ibid.

(131) Cicer. 1. offic. § 57.
(132) Id. Ep. ad Atic. lib. 3. ep. 2.
(133) Citado por Luiz Desprez ao v. 13. da Od. 2. do liv. 3. Hor.
(134) Soave, Novel 25.
(135) *Catilina longe a suis inter hostium cadavera repertus est, pulcherima morte si pro patria sic concidisset.* Luc. Flor. B. Catil.
(136) 2. Machab. cap. 8. v. 21:
(137) Plin. Natur. fl. 166.

aplacar a ira dos deoses, nelle se abysma, tendo no coração mais fogo pela patria, do que via no volcão. (138) Com igual valor, e mais justificada razão, para salvar Torino do poder dos Francezes, com braço imperterrito toca fogo á mina o immortal Pedro Micca, preferindo o amor da patria á ternura dos innocentes filhinhos, que recommendava ao rei. (139)

Foram levados do patriotismo, que os Decios entre os Romanos, e entre os Gregos Codro se entregam inermes aos inimigos, e se deixam matar pela salvação da republica ; por isso sobranceiros á morte, vivem para a eternidade: " Codro, disse o Lyrico, (140) não temeu morrer pela patria ; e o nosso Camões no Canto IV, estancia 33 :

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida ;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida :
Este, porque a Hespanha não temesse,
A' captiveiro eterno se convida ;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

Por isso com toda a razão Catão uticense lança em rosto á Cesar o demasiado amor, que tinha á vida, quando pedia a patria que lh'a sacrificasse, como lê-se em Metastasio, Cat. acto 2, scena 10 :

Amas a vida tanto, e ós Romano ?
Em tempo mais feliz, aos avoengos
Nossos chara não foi, em tanto extremo ;
De Curcio te recorda, e Decio á fronte
De valentes soldados ; vê na ponte
Horacio, e o forte Scevola nas aras ;

---

(138) Ladvocat. Dicc. Hist. verb. Curtius
(139) Soave, Novel. 25.
(140) Carm. lib. 3. Od. 17. Virg. eclog. 5.

Nas aguas de Cremera arrebatadas
Vê cheios de suor, de sangue tintos,
Tresentos Fabios n'um só dia extinctos.

Mas a vida de um tyranno (141) não será acima do bem e existencia da republica? A vida de um tyranno não é mais ponderosa, do que a do irmão, do filho e do pae; do que a propria vida.

Si a morte do tyranno é o preço da felicidade da patria, que razão haverá para que se desampare o bem da republica?

Derrame-se o sangue tyrannico sobre o altar da liberdade, e a mão do justo, que abriu as veias á coroada victima, é digna de offerecer o incenso mais puro e aceitavel á divindade; e ficando o sacrificador sobranceiro á morte e ao tempo, a patria lhe entoará hymnos, lhe levantará altares.

Assim o sentiu e contra Cesar suadiu Cinna aos Romanos opprimidos, conforme Corneille, acto 1, scena 3 do Cinna:

Eis, amigos, lhes diz, o feliz dia,
Que deve coroar nossos designios;
Nas nossas mãos o céo de Roma a sorte
Collocou; de um só homem a simples perda
A patria salvação dará oppressa;
Si de homem deve ter o nome aquelle,
Que nada tem de humano; um cruel tigre
Dos Romanos ao sangue insaciavel;
Quem lhe vingue não ha a morte, ou queira

---

(141) Este nome *tyranno* ao principio oi tomado em boa parte, para significar o rei, o principe; e é neste sentido que Virgilio chama a Eneas *tyranno*, quando no livro 7. da Eneida disse: *Pars mihi pacis erit dexteram tetigisse tyranni* "; e Nepote no fim da vida de Milciades nos ensina, que os habitadores de Chersoneso chamavam tyrannos áquelles, que tinham um dominio perpetuo. Porem no progresso do tempo, crescendo a malicia, começaram a reinar reis soberbos, injustos, e este nome foi dado somente áquelles, que por insolencia abusavam das forças do imperio, e não governavam por leis justas, sim por força e a seu arbitrio. Seneca diz desta forma: " *Tyrannus factis a rege distat, non nomine. Species ipsa fortunæ, ac licentia par est; nisi quod tyranni ex voluptate sæviunt, reges ex causa, et necessitate.* De Clement. lib. 1. cap. 2.

Outro jugo nos pôr da escravidão;
E Romanos seremos verdadeiros,
Si seus ferros quebrarem nossas mãos.

Assim contra Cesar requereu Catão uticense de sua filha Marcia, segundo Metastasio, Cat. acto 3, scena 12:

Si queres que minha alma socegada
A' morada fatal se passe, jura
Ao indigno oppressor da patria e mundo
Eterna colera, e rancor profundo.

Esta foi a mesma decisão, que Cicero deu contra Phalaris, tyranno de Agrigento; a qual por ser interessante, á trazemos por extenso: " No que diz respeito á Phalaris é muito facil o juizo, porque com os tyrannos nós não temos nenhuma sociedade, antes um puro apartamento; porque não é contra a natureza despojarmos, podendo ser, áquelle a quem é honesto matar; e todo este genero pestifero e impio se deve exterminar da communhão dos humanos. Porque, bem como se cortam alguns membros do corpo, si elles não só começam a não ser animados do sangue, e ter um como espirito, mas tambem damnificam as demais partes do corpo; assim tambem esta ferocidade e crueldade de fera, revestida de figura humana, deve de ser separada da como humanidade commum do corpo. " (142)

Os Gregos tributavam honras divinas aos que matavam os tyrannos, assim nol-o deixou escripto o mesmo Cicero, na oração por Tito Annio Milão, (143) e testemunha ter elle visto em Athenas, e outras cidades da Grecia sacrificios, cantos, hymnos dirigidos a immortalisar os nomes de taes varões. (144)

E com quanta razão não o faziam?

Si o bom cidadão e o virtuoso se deve sacrificar pela causa da patria, quanto mais o tyranno, em cuja vida não ha fé nenhuma, e nenhuma affeição? Nem firmeza alguma de benevolencia pode ser

---

(142) De Offic. 3. cap. 6.
(143) Cap. 19.
(144) Vid. not. supr.

perduravel, onde todas as cousas são suspeitas e solicitas, e onde não tem a amizade domicilio algum. (145)

Não dissente disto o mesmo Seneca, porquanto disse : " Pois que? Tambem não costumam matar os reis? Porem é quando assim o exige a utilidade ; e os tyrannos só tem no coração fereza e crueldade. (146)

De tudo isto se conhece, que não ha cousa alguma no cidadão, que se não deva propor ao bem da patria ; e tudo se deve sacrificar á conservação, lustre e gloria da republica.

Talentos, pensamentos, palavras, obras, tudo é da republica.

Riquezas, propriedades, honras, lugares, em tudo tem um direito inalienavel a patria.

Por mais estreitas, que sejam as nossas relações com os outros cidadãos em particular ; por mais apertados e indissoluveis, que pareçam os laços da natureza, o braço da patria sabe tudo decepar, com mais violencia do que o de Alexandre ao nó de Gordio.

Quando geme a patria, ao vagido dos filhos, ás lagrimas da esposa, ao lamento dos paes, a tudo se cegam os olhos, se ensurdecem os ouvidos do justo patriota ; o coração cheio de piedade á patria, não reserva lugar algum aos outros affectos ; calcão-se as outras paixões, e só falla o patriotismo.

Si a patria faz troar a sua voz imperiosa, o patriota não hesita, não se demora, marcha com pé firme e ousado, e coração imperterrito ; não muda a côr do rosto ao aspecto dos volcões, dos cadafalsos ; penetra os abysmos, quebra os bronzeados gonzos do Tenaro ; não teme o pallido Orco, nem as crueis Eumenides ; impõe o Pelio sobre o Ossa, e sobre o Pelio o frondoso Olympo, si for preciso escalar o proprio céo ; e segundo Garção, ode 5 :

Em severos costumes ensaiado
Preza mais a innocencia, do que a vida ;
Fiel a patria, ao principe, aos amigos
Acaba, como vive.

V

NO QUAL SE RECAPITULA O QUE FOI EXPENDIDO NAS PRECEDENTES SECÇÕES

Querendo assignar-se uma origem á rivalidade, que, desde o

---

(145) Cicer. de Amicit. 15.
(146) Seneca citado por Desprez na Od. 17. do liv. 3 de Heracio.

descobrimento e povoação do novo mundo, ha reinado entre os Europeus nelle estabelecidos, e os seus indigenas, e que foi parte para se libertarem do jugo europeu os Estados Unidos na America Septentrional e os Hespanhóes da parte occidental da America meridional, e que tem dado tantos desgostos e choques entre uns e outros em todo Brazil, mormente nesta provincia de Pernambuco, depois de maduras reflexões sobre muitos factos e expressões menos regulares de uma e outra parte, concluimos, que si acaso não foi a unica fonte, ao menos tem sido uma das principaes a falsa idéa, que uns e outros hão formado da patria do cidadão.

Porque tendo uns por *patria* unicamente aquelle lugar, em que viram a primeira luz do dia, se julgam desonerados de procurar o augmento physico e moral do lugar que habitam, e em que estão climatisados, assim como tambem do amor, e mais affectos justos aos naturaes do paiz; e por isso não tem feito á America aquelle bem, que podiam, e estava em suas mãos; e os Americanos levados do mesmo erro, e escandalisados deste comportamento dos Europeus, olham para elles como estrangeiros ao seu paiz, sem relações algumas para comsigo, meros desfructadores da sua fertilidade, abundancia e riquezas; e antolhando-os como ingratos e inimigos, lhes tem desaffeição, se descontentam delles e até os chegam a aborrecer.

E que de males se não tem seguido deste choque, e como inimizade?

Que de males?

A historia desta quarta parte do mundo nos offerece as costas da America, e muitos pontos do interior lavados no sangue europeo e americano; unidas no mesmo tumulo em pacifico silencio as ossadas daquelles irmãos, que em vida eram discordes e inimigos; familias desoladas, cidades destruidas, campos talados, e por toda parte indeleveis signaes do ferro e do fogo; uma retrogradação na população, ignorancia nas sciencias, paralysia no commercio, e estanco nas riquezas; e nações que podiam já ter tocado o cumulo da sua perfeição e grandeza, pelos infinitos recursos, que lhes liberalisou a natureza, e pelo prolongado decurso de tres seculos, ainda estão em um principio tão acanhado, como não se viu povo algum, por mais desfavorecido da natureza.

Por isso fizemos ver, que a *patria* do cidadão não só é o *lugar em que elle nasceu*, como tambem *aquelle em que elle fez a sua morada e fixou o estabelecimento*; ou levando as cousas ao seu justo rigor, que a *patria* não é tanto o lugar em que nascemos, quanto aquelle em que fazemos uma parte, e somos membros da sociedade.

Isto provámos com as mais ponderosas autoridades de escriptores antigos e modernos, como Eusthatio, Cicero Attico, Quinto Curcio, Quintiliano, Ovidio, Calmet, Facciolati, Feijoo, Diniz, du Champ; com o direito das gentes, exposto por Puffendorf, e sustentado pela pratica dos Gregos, Romanos e de todas as nações actuaes, e expressamente com o direito patrio, como se vê dos muitos decretos, resoluções e avisos; e finalmente pela practica das

personagens mais respeitaveis de todas as nações, mormente portuguezas.

Pelas autoridades mais respeitaveis dos escriptores antigos e modernos sustentámos, que na collisão de nos havermos de decidir por uma das *patrias*, é a de *direito*, que no nosso conceito merece a preferencia.

Isto tambem sustentámos por argumentos de razão, tirados da casualidade da *patria* de lugar, e da escolha da de direito; do tempo, em que temos aquella, sem duvida quando ainda nenhumas acções podemos ter, que nos sejam imputaveis, e esta quando já tudo fazemos e obramos como entes racionaes, como homens; da necessidade ou indispensabilidade da *patria* de diretto, ao mesmo tempo que se pode não ter a de lugar; e finalmente da gratidão, que se deve á *patria* de direito, pois que ella nos subministra todos os auxilios e commodos para nossa existencia e bem ser; com a pratica de personagens lustrosas e de primeira nota, como Scipião Africano, Coriolano, Sertorio, Ovidio, Ullysses, Coge Çofar, e Bernadote.

Por ultimo fizemos ver, que nascendo o homem para a sociedade dos outros seus semelhantes, elle é mais dos outros, que de si mesmo, pelo que tudo quanto existe no homem, que seja bem physico ou moral, se deve applicar ao beneficio da sociedade, e ao feliz ser da republica. E dando á caridade aquella ordem, sem a qual ella deixa de ser racional e justa, provámos, que na opposição dos deveres de cada um cidadão para o commum, e os particulares, as relações particulares, ainda as mais proximas e estreitas, como de pae, filho, irmão devem desapparecer, quando é necessario salvar-se a patria e libertal-a do despotismo e escravidão: e sustentaram inabalavelmente nossas decisões a razão mais clara e evidente, a autoridade dos mais celebres philosophos e poetas antigos e modernos e afinal a pratica sempre constante de personagens conspicuas na historia do genero humano.

Pelo que estamos intimamente persuadidos, que chegámos a primeira parte do fim, que nos propozemos; assim como conhecemos, que a segunda não conseguiremos em toda sua extensão, não só porque o erro que combatemos é universal, e se acha profundamente arraigado pela dilação de tres seculos de uma posse pacifica dos corações, e escoltado de paixões taes, que fecham as portas da alma ás luzes da razão, como porque no meio das actuaes circumstancias de Portugal e Brazil, que tem indisposto de modo os animos dos Europeus e Brazileiros, que parece, que fazem capricho de se não reconciliarem, ou não leem escriptos desta natureza, ou quando os leem, é levando comsigo a desconfiança de que se quer illudil-os ou se pretende, que deixem uma cousa que devem de ter por timbre e glorioso pundonor.

Porem si acaso nos muitos milhares de Europeus e Brazileiros, que nos podiam ler, conseguirmos a conversão de dous individuos, teremos isto por uma grande ventura, e daremos parabens á nossa

sorte, porque lucramos dous homens para o reino da razão, e por consequencia para a virtude.

Praza ao supremo motor de tudo, que escruta nossas entranhas, e conhece perfeitamente o nosso coração, praza á Deus, repetimos, que succeda, como desejamos.

IV

ORAÇÕES SACRO-APOLOGETICAS

SOBRE A ORAÇÃO (*)

Em 14 de Fevereiro de 1823 na capella da Veneravel Ordem Terceira do Carmo do Recife de Pernambuco.

Vigilate et orate, ut non intretis in tentationem.
Vigiai e orai, para que não caihaes em tentação

MATH. 26.

Eis aqui um dos preceitos mais racionaes e justos, que nos deu o Divino Mestre, quando, já proximo a nos deixar, previa toda a cadeia das tentações, que nos sobreviriam, e bruxuleava todos os perigos, porque devia de passar a debil e fragil humanidade.

(*) Frei Joaquim do Amor Divino Caneca publicando este sermão, precedeu-o das seguintes palavras ao publico :

A estupidez e o fanatismo, em que são insignes alguns charissimos irmãos da Veneravel Ordem Terceira do Carmo deste Recife, fizeram que elles se escandalisassem pharisaicamente da doutrina deste sermão, á despeito da sua pureza e orthodoxia, e á despeito mais que tudo do estylo simples e claro, que de proposito se empregou, para que a doutrina interessante podesse por este meio calar aquelles troncos desseccados, e produzir os fructos salutiferos, que se intentava.

A isto se ajuntou um certo receio de outros, que tendo sempre vivido á custa da piedade christã, previam a sua perda e descredito, si o pregador continuasse a estrada, que principiava abrir, por cujo motivo conjurando as forças, assentaram destruir o inimigo, que julgavam levantar-se contra elles, distribuiram os postos, dividiram as tarefas, destacaram o seu prior para ir denunciar o pregador ao seu provincial, e espalharam outros por lojas de retrozeiros, cafés, tabernas e quitandas ; e todos sem temor de Deus, sem consciencia, sem honra, nem receio de serem convencidos de calumniadores, desacreditaram ao pregador, assacando-lhe proposições falsas, puerilidades e aleives, que atacavam a sua religião, moral e doutrina ; e como estes desalmados miseraveis não tivessem direito á crença dos seus ouvintes, que o não foram do pregador, pela sua conhecida ignorancia e falta de probidade, para darem algum peso ás suas estupidas accusações e calumnias, pozeram á sua testa dous ecclesiasticos, o seductor do seu commissario, e mais um clerigo façanhoso desta praça, da mesma farinha, e seu condigno irmão delles.

Sim, que preceito mais sabio, mais justo, mais indispensavel?

Que impio poderá pôr em duvida a necessidade da sua pratica?

Não conheceria o Verbo Eterno a extensão das forças da natureza humana?

Não conheceria a Sabedoria increada a efficacia das tentações, que tinham de combater o homem nesta terra de miserias e tormentos?

Não conheceria o Esplendor da luz eterna a obscuridade do nosso entendimento, a fraqueza da nossa vontade, e a sua propensão para o mal, muito principalmente depois que o peccado do primeiro pai famulento mais imperfeita tornou aquella essencia, que sahira das mãos do creador apta para viver em perfeição e santidade?

Longe, senhores, longe do nosso entendimento estas impias cogitações.

Jesus Christo, pela sua infinita sabedoria, conhecia exactamente o quanto nós podiamos por nós mesmos, para que não precisassemos dos auxilios celestes; por isso elle, querendo levar-nos áquella gloria, que nos comprava a preço de seu sangue, não se negou á dar-nos todos os meios necessarios para este fim; por isso nos lembrou a oração, como um meio indispensavel para a salvação, dizendo-nos: " Vigiai e orai, para não cahirdes em tentação, *vigilate et orate, ut non intretis in tentationem.* "

O pregador vendo a sua honra abocanhada por esta cafila, depois de se haver defendido diante do seu reverendissimo provincial á face do mesmo prior accusador, e ter immediatamente entregado ao seu prelado o sermão em questão, da mesma forma em que estava no borrador, e como o havia pregado, offerece gratis ao respeitavel publico o mesmo sermão, afim de que este juiz imparcial lhe faça justiça, e ao mesmo tempo conheça qual é a religião e a moral daquelles espertalhões, que, por meio de suas intrigas, tem tornado aquella veneravel confraria deserta dos homens honrados e verdadeiramente pios, ao ponto de ninguem querer mais ser prior, e elles ficarem, quaes outros Benjamins, lobos devoradores, que de manhã comem a preza, e de tarde dividem os despojos. (Genes. 49. v. 26.)

Todo o cidadão tem um dever natural de propugnar pela sua honra.

O Espirito Santo nos disse, que *o nome bom era melhor que muitas riquezas* (Prov. 21. 1.); e o Salvador Jesus Christo, que dos homens tudo soffreu, sem se defender, não se pôde conter, quando os Phariseus lhe disseram, que elle estava endemoniado; acodiu logo, e lhes disse: *Eu não tenho o demonio. Eu honro a meu pae, e vós me deshonraes.* (Joan. 8. 19.)

E este dever tanto mais pesa na consciencia do homem de bem, quanto é mais sublime a sua jerarchia e publicas suas circumstancias.

A copia do Sermão Vigilate, et orate etc. Eis aqui um dos preceitos etc. abaixo transcripta, excepto a introducção do discurso até á nota 1, está conforme com o original, que me foi entregue pelo autor, e fica em meu poder. Attesto o exposto por me ser requerido. Carmo do Recife, 19 de Fevereiro de 1823.—*Fr. Carlos de S. José*—Provincial.

Não é, portanto, da necessidade della, que eu tenho de fallar-vos; esta está estabelecida pela imposição do preceito; lembrar-vos-hei unicamente o que deveis fugir nas vossas orações, e o que deveis obrar, afim de que bem oreis, e possam vossas supplicas alcançar do Eterno os bens, que lhe rogais.

Attendei-me, que eu serei breve, e a materia é da primeira importancia.

Para que as nossas acções sejam reputadas boas, e dignas de premio, é necessario que não só a materia, sobre que ellas versam, seja boa, justa e licita, mas tambem que as nossas intenções, os meios, que empregamos, e todas as demais circumstancias, que as revestem, sejam boas e conforme o prescripto pelo legislador. (1) Por isso, sendo a oração, segundo nos ensina a theologia christã, uma effusão do nosso coração na presença de Deus, para lhe explicarmos as nossas necessidades, e pedirmos o seu soccorro nas nossas calamidades; ou, como mais laconicamente diz S. João Damasceno, *uma petição á Deus das cousas decentes*, *petitio decentium a Deo*, como poderá Deus ouvir-nos, e nós obtermos delle as cousas injustas, as criminosas, as irrracionaes, e mesmas peccaminosas, como por desgraça nos ensina a experiencia quotidiana de muitas pessoas, que, já pela cegueira do entendimento, já pela mesma malicia e corrupção do coração, o fazem?

Quando Jesus Christo por tantas vezes nos afiançou a attenção de seu Eterno Pai ás nossas deprecações; quando nos afiançou o despacho dos nossos requerimentos, dizendo-nos em S. Matheus, cap 26: "Todas as cousas, que pedirdes na oração, cheios de fé, recebereis, *omnia quæcumque petieritis in oratione credentes, accipietis*," não foi isto absolutamente de qualquer cousa, que pedissemos, nem de qualquer modo; sim quando pedissemos em seu nome; *quodcumque petieritis patrem in nomine meo, hoc faciam.* (Joan 14.)

E será, portanto, pedir em nome de Jesus Christo o pedir cousas indignas da divindade, da magestade e gloria do Eterno? Cousas oppostas a nossa verdadeira e solida felicidade?

Como poderemos alcançar da sua liberal misericordia cousas affrontosas á sua lei, aos seus exemplos? Como alcançaremos delle a satisfação das nossas paixões desregradas, e a ruina do nosso proximo?

Querer isto é uma detestavel impiedade; e tanto mais criminosos nos fazemos, quanto temos o arrojo de levantarmos vozes contra o céo, para nos queixarmos de nos não conceder o que lhe pedimos: *Não se pede em nome do Salvador*, disse Santo Agostinho, *aquillo que se pede contra a salvação, non petitur in nomine salvatoris, quidquid petitur contra rationem salutis.* (Tract. 102. in Joan.)

---

(1) Esta proposição não vem no original, mas por ella principiou o seu discurso o pregador, como deverão lembrar-se todos que o ouviram.

Para que as nossas orações não sejam tachadas de imprudentes, como a dos filhos de Zebedeo, que pedindo a Jesus Christo os primeiros assentos no reino dos céos, ouviram da bocca do Salvador, *que não sabiam o que pediam*, *nescitis quid petatis*; para que as nossas preces alcancem acolhimento e despacho da misericordia divina, e não sejam reprovadas, como as dos Hebreos, quando contra a ordem do Senhor marcharam a combater os Amorrheos, (Deuter. 1. 45.) devem as nossas orações de ser justas em si, quanto a materia, sobre que versam; devem de ser justas da nossa parte, isto é, feitas por nós livres de culpas e em santidade; e justas finalmente quanto as circumstancias do tempo e do lugar.

Fóra destes pontos, em que se deve estribar a nossa oração, não esperemos, nem que Deus se dobre ás nossas vozes, nem se condoa da nossa miseria.

Justas em si.

Sim, o Divino Mestre faltaria ao seu dever, si impondo-nos a obrigação de orar, não regulasse a nossa oração, conhecendo pela sua infinita sabedoria quanto eramos incapazes de por nós mesmos conhecermos o que nos era necessario para a eterna salvação. Não, não teve falha o Mestre Divino. " Entre as demais admoestações e preceitos, que nos deu Jesus Christo tendentes a salvação, tambem nos deu o de orar; elle mesmo nos deu a forma; elle mesmo nos admoestou e instruiu no que deviamos pedir: inter cætera salutaria monita et præcepta Christus etiam orandi, ipse formam dedit, ipse quid præcaremur monuit, et instituit. " Assim disse S. Cypriano (De orat. dom.), e nós o achamos no Evangelho.

Nas sete petições da Oração Dominical ou Padre Nosso, elle resumiu tudo que nos era necessario nesta vida, e util para alcançarmos a outra; e não se pode conhecer bem algum para nós temporal ou eterno, que ali não vejamos comprehendido pelo divino Salvador, e na ordem, que lhe compete, segundo a sua gravidade, e excellencia. Portanto todas as nossas orações, cujo objecto se não comprehender em algum daquelles artigos, e na ordem ali estabelecida, são injustas, são impias, indignas dos ouvidos do Eterno, e dos seus despachos.

Tudo neste mundo deve servir á santificação do nome de Deus; tudo deve obsequiar á sua altissima vontade; nada se deve eximir de prestar materia ao seu esplendor e gloria.

Os céos narram a gloria de Deus, e o firmamento annuncia o seu poder.

Os montes na elevação de seus cabeços, os valles na sua profundidade, os mares no furor de suas ondas, os ventos na impetuosidade dos seus sopros, os monstros nos abysmos das aguas, os animaes no fundo dos bosques, as aves na tenuidade dos ares, o homem sobre a terra, os pensamentos do nosso entendimento, as decisões da nossa vontade, os movimentos do nosso coração, todas as acções do nosso corpo nenhum outro fim tem, que a gloria do Creador.

Este é o primeiro fim de toda creação; e uma vez, que do que

pedimos a Deus se não póde seguir a sua gloria, não esperemos que elle attenda aos nossos gemidos e clamores.

Que mais temos nós que pedir á Deus alem do reino dos céos, o pão quotidiano temporal, o perdão das nossas culpas, a isenção das tentações, a livrança de todo mal ?

Si algum de vós é capaz de assignar alguma cousa, das que carecemos para nosso bem nesta e na outra vida, que se não comprehenda aqui, appareça.

A satisfação das nossas paixões cegas, dos nossos affectos turbulentos, dos nossos appetites carnaes, as injustiças contra o nosso proximo, as vinganças delles, os seus males, com que se apraz o nosso odio, acaso honrarão á divindade, darão gloria á magestade do Eterno, e serão decentes á sua misericordia ?

E como então ousamos incommodar o céo com as nossas supplicas sobre estas materias, e blasphemamos contra a justiça divina, quando nos não despacha á contento ?

Oh impiedade !

Oh cegueira !

Nós receberemos impreterivelmente os beneficios supplicados, diz S. João Chrysostomo, (Homil. 24. in Math.) quando as cousas que pedirmos, não só for decente a Deus o dal-as, como conveniente a nós o recebel-as ; por isso não estando neste pé o negocio da oração, não são deferidos os nossos requerimentos. E, como diz Santo Agostinho, nesta mesma negativa consiste a maior misericordia de Jesus Christo, o qual não só se mostra Salvador, quando faz o que pedimos, mas tambem quando não faz; porque o que elle vê, que se pede contra a salvação, então se mosta Salvador não o fazendo. (Trat. 35 in Joan.)

Esta a justiça, que devem ter nossas orações, quanto ao objecto, sobre que ellas versam ; e nada menos justas devem de ser da parte dos oradores. Quero dizer, que para a nossa oração ser feita de um modo, que seja do agrado de Deus, e delle obtenha um bom despacho, é indispensavelmente necessario que oremos em simplicidade de coração e pureza de consciencia.

E' tão natural esta necessidade, que eu me devera dispensar de proval-a ; mas dir-vos-hei quatro palavras, unicamente para lembrar-vos aquillo que vós muito bem sabeis.

Sim, acaso vos podeis persuadir, que nós cheios de crimes, immundos pelos nossos peccados, infames pela sociedade com o demonio, possamos ser attendidos do Todo Poderoso, e tenhamos valia, para que elle abrindo o thesouro de suas graças, as espalhe sobre nós, e nos encha de seus beneficios ?

Ohquanto é indigno da divindade este pensamento !

Si os peccados nos tornam inimigos de Deus, indignos de sua presença, como, cobertos de culpas, queremos ser attendidos e despachados ? Queremos que Deus nos ouça nas nossas orações, e não queremos nós ouvil-o nos seus preceitos ? (Gregor. in 6. Ps. Penit.)

E julgamos que Deus, que esquadrinha, e penetra os nossos

corações e vontades, haja de ouvir vozes levantadas do meio dos homicidios, dos furtos, dos adulterios, das calumnias? Vozes repercutidas e aniquiladas pelos clamores do innocente, do calumniado, da matrona infamada, do homem de bem injuriado, do justo finalmente perseguido?

Isto, meus irmãos, não condiz com a justiça do Eterno, aquelle que ouve a vóz do sangue de Abel, que clama da terra ao céo.

Aquelle que ora, e pecca, diz um Padre, (Oper. Imp. sup. Matth.) não roga a Deus, sim mofa delle.

Como então nos hade beneficiar aquelle a quem não obedecemos, aquelle a quem affrontamos, aquelle finalmente de quem mofamos, desprezando-o para seguir ao seu inimigo?

Um filho digno é que alcança favores do pae, um amigo de outro amigo, um servo fiel de seu Deus.

Aquella arma poderosissima da oração, como lhe chama S. João Chrysostomo, (Homil. 1. 30 de Genes) aquellas riquezas inexhaustas, aquella mãe, fonte e raiz de todos os bens, não se acha na mão do peccador, nem em poder do impio.

Aquelle que aparta as suas orelhas para não ouvir a lei do Senhor, dizem os Proverbios, (cap. 28) a sua oração é execravel na presença de Deus, *qui declinat aures suas, ne audiat legem, oratio ejus erit execrabilis.*

A oração efficaz só se encontra nas mãos do justo.

Os olhos do Senhor, diz o Psalmista rei, os olhos do Senhor estão postos sobre o justo, e os ouvidos attentos ás suas preces, *oculi domini super justos, et aures ejus in preces eorum* (*Ps.* 33.)

A oração do justo é a chave do céo; sobe a sua deprecação, e desce logo a misericordia de Deus.

Orou Antiocho a Deus, e orou tambem Elias; mas aquelle mesmo céo, que foi como de bronze ás vozes de Antiocho, esteve á disposição e arbitrio de Elias. Aquelle não consegue a misericordia que intentava; este fecha o céo e abraza a terra com fome; e quando quer, o abre, e faz chover sobre a terra a abundancia, a vida e a alegria.

E porque?

Porque Antiocho era um malvado, um impio, como diz o 2.. Livro dos Machabeos, cap. 9, *orabat Antiochus scelestus ad Deum, a quo misericordiam non erat consecutus*; ao passo que Elias era o homem de Deus, *homo Dei*, o zelador da honra e nome de Deus, um prodigio de virtudes.

Por estas razões é que a oração de Moysés destroe os Amalecitas; Suzana se livra da calumnia dos velhos lascivos; Judith vence a Holofernes; Tobias obtem tudo que deseja.

Muitas vezes pedimos, nos diz S. Thiago Apostolo, v. 43, e não alcançamos o que pedimos, porque pedimos mal, *petitis, et non accipitis eo, quod male petatis.* Este *mal pedir* refere-se á ordem das petições, ao tempo, e as demais circumstancias. Quando nas nossas orações não pedimos primeiro as graças celestes, os bens espirituaes, para ao depois passarmos aos bens terrenos, como fez Isaac na

benção de Jacob, e nos ensinou Jesus Christo : " Procurai primeiramente o reino de Deus, e a sua justiça, e todas as demais cousas vos serão acrescentadas, *quærite primum regnum Dei, et justitiam ejus, et hæc omnia adjicientur vobis* ; (Lucas 12. 31.)" porem seguimos a ordem inversa, pedindo a saude corporea, a abundancia das riquezas, a affluencia dos bens terrenos, como fez o mesmo Isaac na benção de Esaú, e commummente fazemos todos. Pedimos mal e não alcançamos o que pedimos, *petitis, et non accipitis eo, quod male petatis.*

Si as petições imprudentes, como a dos filhos de Zebedeo, não são deferidas, como o serão as más petições ? Aquellas, em que se dá a preferencia aos bens terrenos sobre os celestes ; em que a utilidade eterna é posposta a temporal ; em que Deus deve ceder o lugar ao mundo ?

Si isto não fosse bastante para vosso conhecimento, bastava lançardes os olhos sobre a ordem das petições do Padre Nosso.

A santificação do nome de Deus, o goso do reino dos céos, a satisfação da vontade eterna tomam os primeiros e os mais distinctos lugares na ordem das petições, e os bens temporaes vem depois destes. Pois si esta é a ordem das cousas, segundo a sua natureza, si esta é a determinação do Divino Mestre, que nos ensinou a orar, como perturbando a ordem natural das cousas, e desobedecendo ao legislador, queremos ser attendidos, e bem despachados ?

Vós não podeis negar, que Deus deve negar-nos o que lhe pedimos desta maneira.

A outra razão, que tambem aparta de nós a attenção e misericordia de Deus, é o máo tempo em que lhe dirigimos nossas preces.

O máo tempo !

Pois ha máo tempo para recorrermos ao Pae celeste a pedir-lhe suas misericordias ?

Sim, ha.

O santo orará a Deus, disse o Psalmista rei, em tempo opportuno, *orabit ad te omnis Sanctus in tempore opportuno.* (*Ps.* 41.)

Orará em tempo opportuno, e alcançará de Deus os favores, que intenta, o ministro que nas horas em que deve despachar e fazer justiça ás partes, ás deixa ficar nas escadas dos tribunaes, para se ir entregar á uma fervorosa oração ?

Orará em tempo opportuno, e será bem attendido o general, que devendo defender a patria, repulsar o injusto inimigo, recolhido nos templos, elevado em extasis, deixa ao relento a vida de seus compatriotas, a sua propriedade, a liberdade da nação ? (2)

Orará em tempo opportuno, e alcançará as graças celestes o pae de familia, que em vez de procurar a subsistencia para si, sua mu-

---

(2) Quando os Hebreus venceram os Amalecitas, Moysés orava sim no monte ; porem Josué, que era o general, estava na campanha com a espada na mão. Exod. 17.

lher e filhos, gasta a manhã pelas igrejas, devorando (3) quantas missas encontra, a tarde por confrarias assistindo a sermões, todo entregue á vias-sacras, disciplinas e outras obras de supererogação ? (4)

Orará em tempo opportuno, e será bem despachada a matrona, que em lugar de imitar a diligencia, o cuidado e o arranjo economico daquella dos Proverbios, gasta todo um dia murmurando a pequena coroa das dores, ou outras devoções desta estofa, deixando a monte o penso do marido, a educação dos filhos, a regencia das escravas e mais familiares, e toda a casa á matroca, arruinados todos aquelles negocios, que estavam a seu cargo ? (5)

Orará em tempo opportuno o mancebo, que em lugar de se applicar ás sciencias, ás artes e aos officios, que o tornem util á sociedade, prestadio ao estado, e membro digno de uma republica, se entrega á am ocio pio, á carolices e hypocrisias, e quasi sempre ao terrivel fanatismo ?

Orará, finalmente, em tempo opportuno todo homem, que em lugar de empregar suas forças para dar inteira conta de si naquelle emprego e estado, em que o collocou a providencia na sociedade civil ou na igreja, gasta o tempo, que lhe é destinado para seus deveres, em peregrinações, romagens, visitas á altares privilegiados, á festejos de santos, e outras cousas, que vulgarmente se tem por aquella oração, que nos é prescrevida pelo Divino Mestre ?

Não, meus irmãos, nenhum destes ora em tempo opportuno; nenhum delles é justo, e de nenhum esta chamada oração é aceita do Deus Eterno, nem favorecida de seu filho Jesus Christo.

Não, meus irmãos, não é preciso para orardes a Deus roubardes o tempo ás vossas obrigações; podeis harmoniar facilmente a satisfação dos vossos deveres com o cumprimento do preceito da oração.

Para tudo ha tempo, disse o Espirito Santo, pela penna do Ecclesiaste, cap. 3, e todas as cousas passam debaixo do céo conforme o tempo, que lhes foi prescripto.

Ha tempo de plantar e tempo de colher; tempo de edificar e tempo de destruir; tempo de rir e tempo de chorar; tempo de orar e tempo de cumprir com os nossos deveres.

---

(3) As pessoas que na capella dos charissimos tivessem visto um delles, nos trespassos do seu fanatismo, commungando espiritualmente em todas as missas, que alli se dizem, isto é, estando lá de seu lugar abrindo a bocca, mastigando, engolindo e fazendo as demais acções physicas que se fazem, quando effectivamente comemos, e isto na occasião em que os sacerdotes consomem a sagrada synaxes, conhecerão a propriedade deste termo aqui. e que isto é pincelada de mestre.

(4) Aqui, aqui, aqui é que me doe.

(5) Este quadro foi pintado a vista de certa familia desta praça, cuja mãe fazendo todas as desordens aqui lembradas, gabava-se entretanto ao pregador e a mais alguma gente, que por dia rezava doze, dezeseis e as vezes vintes coroas das dores.

Para se orar de um modo aceitavel a Deus, e que nos alcance suas graças, não é preciso gastar uma manhã, uma tarde, um dia, basta um instante, em que nos prostremos humildemente diante de sua augusta magestade, e em espirito e verdade lhe roguemos os bens de que carecemos; e para lhe rogarmos as graças que necessitamos, não é preciso essa alluvião de livros de piedade com que espiritos orgulhosos, hypocritas e fanaticos quizeram extender ao infinito o simples negocio da oração.

O Divino Mestre estabeleceu o Padre Nosso, que é quanto basta.

Não ha na sociedade christã uma pessoa, por mais abastada em bens, por mais avançada em annos, por mais desoccupada em empregos civis, que deva passar todo o dia e toda a noite entregue somente á meditações, á jaculatorias, á elevações de espirito, á arroubamentos e outras obras de supererogação.

O homem nasceu para a sociedade, e é todo dos outros homens; e sempre tem deveres que encher para com seus semelhantes, quer com officios corporaes, quer com actos intellectuaes; (6) e estes deveres são primarios, os quaes se não devem deixar por uma mal entendida oração e piedade. São Domingos de Gusmão, quando inventou a devoção do rosario, foi para se occupar com aquellas meditações nas jornadas que fazia de umas para outras cidades, de umas villas para outras, de uns para outros lugares, a que ia pregar aos povos, combater as heresias e defender os dogmas da fé catholica. (7)

Portanto, meus irmãos, a oração, que nos preceituou o Mestre Divino, como um meio indispensavel para obter a graça da conversão, para continuarmos na ordem da justificação, para perseverarmos na graça e alcançarmos as virtudes, deve de ser feita como vos hei dito.

O seu objecto, o que nella pedirmos, deve de ser justo e santo, glorioso para Deus que nos concede, e util para nossa salvação; deve de versar primeiramente sobre os bens celestes, para então descermos aos terrenos, e do mundo.

Devemos dirigir a Deus os nossos votos, depois de nos purificarmos das nossas immundicias peccaminosas por meio da confissão sacramental, e pela penitencia; porque diz o evangelista São João cap. 9: "Nós sabemos que Deus não ouve aos peccadores, mas si algum lhe dá culto, e faz a sua vontade, a este Deus o escuta."

Deve de ser a tempo, que não nos obrigue a faltarmos com os nossos deveres na sociedade civil, na igreja e no estado, que temos; por quanto nem todo o tempo é proprio para satisfação das nossas pensões, mas Deus se acha em todo tempo.

---

(6) Lea-se a Epistola de S. Paulo a Tito.

(7) Esta passagem vem no original, porem na occasião do sermão escapou da memoria do pregador, que quando veio a lembrar-se, já não era tempo proprio.

Os Hebreus no Sinai viram a gloria de Deus de manhã; (Exod. 167.) Adão e Eva no Paraizo fallaram a Deus pouco depois do meio dia; (Genes. 3. 3.) Daniel de tarde; (Daniel 8. 26.) Samuel já de noite; (Reg. c. 3. 3.) as virgens prudentes a meia noite; (Math. 25. 6.) os Apostolos no mar de Theberiades na quarta vigilia; (Marc. 6. 46.) Jacob ao romper da aurora; (Genes. 32. 26.) David em todo tempo. (os Psalmos.)

E si quereis um exemplo da mais perfeita oração, vede o mesmo Jesus Christo no horto de Getsemani.

Prostra-se com o rosto em terra, e diz:

" Meu Pae, si é possivel, passe de mim este calix; todavia não se faça nisto a minha vontade, mas a vossa. Pae meu; si este calix não pode passar, sem que eu o beba, faça-se a vossa vontade. "

E terceira vez foi orar, dizendo as mesmas cousas. (8)

---

(8) Este paragrapho é como está escripto no original, porem não foi senão como um apontamento do que na occasião do sermão dizia o pregador; o qual então no pulpito fez uma pequena paraphrase da oração de Christo no horto, e com ella cerrou o discurso.

NA SOLEMNIDADE DA ACCLAMAÇÃO DE D. PEDRO D'ALCANTARA EM PRIMEIRO IMPERADOR DO BRAZIL.

MANDADA CELEBRAR PELO SENADO DA CIDADE DO RECIFE A 8 DE DEZEMBRO DE 1823, NA MATRIZ DO CORPO SANTO, COM ASSISTENCIA DA JUNTA PROVISORIA, RELAÇÃO, CLERO, NOBREZA E POVO.

Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.
Maria, mãe de Jesus Christo.

MATH. I. v. I.

Excellentissimos senhores !

E' tanta a fragilidade da humana natureza, que por mais reflexão que façamos sobre os fins das nossas acções, sobre a escolha dos meios mais apropriados, seguros e efficazes, sobre o conhecimento e remedio dos estorvos e obstaculos, que podem occorrer da parte do tempo, do lugar, das pessoas e mais circumstancias, que as revestem externamente, sempre ellas trazem comsigo o cunho da imperfeição, e o signal de obras dos homens, creaturas imperfeitas em si mesmas.

Quando vejo o illustrissimo senado desta villa escolher e determinar o dia de hoje para solemnizar a acclamação do muito alto e muito poderoso principe, o Senhor Dom Pedro de Alcantara, em imperador constitucional do Brazil, não posso deixar de olhar este arbitrio, como uma nova prova do tino ajuizado e prudencia esclarecida, com que este respeitavel corpo se tem sabido conduzir nas perigosas crises do tempo, sem nada perder da sua dignidade e honra ; mas ao mesmo passo, seja licito ao ministro do santuario reprehender um desacerto do alto da cadeira da verdade, mas ao mesmo passo vejo-me obrigado a reconhecel-o em falha e erro, quando me escolheu a mim para orgão de seus sentimentos religiosos e politicos, e interprete do patriotismo e gratidão do generoso povo, que elle representa em dia tão plausivel.

O dia é aquelle em que a esposa do Cordeiro sem mancha, quero dizer, a santa igreja, cheia de jubilo, celebra o augusto mysterio da Conceição Immaculada daquella creatura venturosa, que, descendendo de Abrahão e de David, foi escolhida antes de todo

creado para ser mãe do Verbo Eterno, e nosso redemptor, Jesus Christo; *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Mysterio ineffavel, que sendo o primeiro, e o maximo dos de Maria, foi o ultimo mandado venerar pela santa igreja, afim de que a christandade, encarando-o primeiro, se não deslumbrasse com o extraordinario esplendor de tanta luz; mysterio de que lançou mão a santidade de Clemente XI, para debellar as heresias, destruir os erros e falsas doutrinas, que contaminavam a igreja no principio do seculo passado; (1) mysterio sob o qual a mãe de Jesus Christo, imperatriz do céo e da terra, é a protectora da monarchia portugueza, defensora dos tres reinos, Brazil, Portugal, e Algarve, pela devota eleição do senhor rei D. João IV, quando libertando a patria, sacudia o jugo da tyrannia hespanhola; (2) mysterio, finalmente, sob cujos auspicios a magestade do senhor rei D. João VI acabou de instituir nas margens do Janeiro a ordem militar da Conceição.

Que dia mais adequado á solemnidade da acclamação de sua Magestade em imperador constitucional do Brazil? Sua Magestade, aquelle principe justo, magnanimo, incomparavel, que tocado dos nossos males passados e das injustiças presentes do congresso lisbonense a nosso respeito, e querendo collocar-nos naquella graduação, para que nos destinou a Providencia, no meio das nações e do orbe, quebrou de uma vez os infames grilhões, que o velho e estonteado Tejo, no seu mais exaltado orgulho, forjava ao colossal Amazonas e ao rico Prata; e não dando tempo aos inimigos da justiça, os despotas constitucionaes do congresso, a urdirem novas tramas, com a rapidez do raio, tocou aquelle ultimo termo politico, que nos dá a liberdade, afiança a reintegração dos nossos direitos postergados, assegura a nossa felicidade e preconiza a nossa gloria.

Que prudencia!

Solemnizar a elevação do Brazil á uma categoria maior do que aquella, que nos queriam roubar, no dia da mais excelsa solemnidade da protectora do mesmo Brasil!

Festejar a liberdade da patria dos ferros do despotismo no dia, em que a igreja canta os epinicios á padroeira da mesma patria pela sua liberdade dos grilhões da culpa paterna, e vencimento glorioso do despota infernal!

Acrisolar a pureza do gaudio civico com a santidade do prazer christão!

Unir o temporal com o eterno; a religião com a natureza; e mostrar-se ao mesmo tempo christãos mais devotos e pios, e cidadãos mais patriotas e justos!

---

(1) Potentissimam opem in tot, tantis que, quibus premimur, Christianae Reipublicae, et Catholicae Ecclesiae necessitatibus, quantum nobis exalto conceditur, promereri jugiter satagamus, Clem. XI. apud. Vedor.

(2) Epitom. Lusit. Hist. Ann. 1646.

Que prudencia!

Que inconsideração, porém, entregar uma causa de tanta importancia em mãos tão fracas e inhabeis, quaes as minhas!

Os Agostinhos, os Chrysostomos talvez tremeriam neste empenho.

A Conceição intemerata de Maria, que objecto!

A acclamação do principe real em imperador, que assumpto!

Que destreza não é necessaria ao orador christão para que, na exposição deste mysterio, o ardor da devoção não o faça transpor os termos da fé dogmatica; e o silencio da revelação não esfrie as chammas da piedade!

Que tento! Que medidas! Que segurança!

Louvar a exaltação do principe em imperador, preconizar felicidades á nação, que o eleva, esperar venturas para os povos, que lhe obedecem, encher-se por este titulo e procurar que os outros se encham de uma alegria festiva e transcendente, que arreceiado procedimento!

Que passo aventurado, quando estamos ouvindo troar os oraculos da parcialidade, da justiça do despotismo, naquelle senado augusto, que foi aberto para reimpossar os cidadãos dos seus direitos, para pesar a todos na balança da patria, e para a gloria da grande familia, que, não cabendo nas margens do Tejo, atravessou o Atlantico, e veio occupar o vasto Brazil e gozar de suas preciosidades!

Que perigo! Que temerario arrojo!

Como compaginar em um discurso regular materias tão heterogeneas e desvairadas?

Como amalgamar em uma oração de um modo suave a Conceição de Maria, e a acclamação do imperador?

Eu tremo, senhores, todas as vezes que encaro tão grande onus, e vos confesso, que elle pesa mais sobre os meus hombros, do que nos do propheta a mole de Damasco e de Babylonia. (3) Si o illustrissimo senado tivesse a virtude de dar-me com a nomeação a sufficiencia, eu já vos fallaria com o desembaraço e a coragem do propheta Isaias, depois que seus labios foram purificados no fogo do altar; (4) mas, não se verificando esta hypothese, nada me resta que recorrer ao Pai das luzes, para dar-me as de que necessito.

Sim, Deus eterno, que julgastes conducente á gloria do vosso Unigenito, que aquella, de quem elle havia de nascer, não fosse contaminada do peccado do primeiro prevaricador, porem resurgisse brilhante e pura das trevas da culpa; as sombras, que abafando o meu entendimento, não me permittem achar a vereda, que devo se-

(3) Isaias 17. 1. 13. 1.
(4) Isaias 6. 6.

guir, dissipae-as com um raio da vossa luz; tocae o meu coração com o fogo da caridade, afim de que em minhas palavras e em todo meu discurso só falle a religião e a razão; afim de que se não escandalise a fé, nem se dôa a piedade, nem se atropelle a justiça, e afinal se illumine e edifique o vosso povo, o povo de acquisição, que me escuta.

Enlaçando entre si os sentimentos, que hoje nos devem animar quanto á religião e á politica, na piedade christã e na republica civil, nossos corações se devem inundar da mais affluente alegria, e do mais completo jubilo pelo grande interesse, que reina nos dous objectos da presente solemnidade: a Conceição intemerata da imperatriz do céo e da terra, e a acclamação do imperador constitucional do Brazil.

Maria, sendo, por um dom especial da redempção de Jesus Christo, concebida em graça, livre de todas as manchas, que contaminavam os demais filhos dos homens, assegurou á humanidade todas as suas felicidades, quanto aos bens eternos: primeiro ponto. Sua magestade imperial, fundando o imperio constitucional do Brasil, por um dom particular de justiça e prudencia, estabelece um governo das maiores vantagens para o Brazil, quanto aos bens temporaes: segundo ponto.

No primeiro rememoramos a gloria da humanidade tendo uma filha, sobre quem não extendeu a sua autoridade o inimigo infernal, o principe das trevas; no segundo a gloria da sociedade, que deve ao imperador Pedro I ver quebrado e reduzido a pó o sceptro de ferro,com que o despotismo, tyranno da razão e da justiça desde os mais remotos seculos, tem avassallado o universo.

Em ambos achamos a nossa felicidade inteira e completa, e a fonte caudal do mais racional prazer e do mais duravel contentamento.

Quem é esta, que vem marchando, como a aurora, quando se levanta, dissipando as densas trevas da noite e abrindo as portas aos resplandores dos raios; formosa, como a lua na sua plenidão; escolhida, como o sol no seu esplendor; terrivel, como um exercito bem ordenado, posto em campo?

Quem é esta?

Assim por gosto, e não por ignorancia, perguntou o esposo dos cantares (5) dez seculos antes que o mundo absorto admirasse a pureza e a magestade de Maria, mãe de Jesus Christo. *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Oh! quanto não é digno das complacencias do Eterno ter creado

---

(5) Cap. 6. v. 36.

a virgem de Sião, sem aquelle indigno ferrete, com que o primeiro pae marcou toda a sua posteridade ; sobranceira aos ferros em que o mesquinho e insidioso Satanaz prisionava os filhos do famulento Adão, que elle mesmo havia seduzido e precipitado !

Que cousa mais digna da satisfação do Omnipotente ver frustradas as esperanças, affrontando o orgulho do principe das trevas, do caudilho dos reitores do seculo, que ousando alçar-se contra o seu Creador, blasonava imperar despoticamente sobre todas as creaturas terrestres !

Que jubilo para as jerarchias celestes verem chegar aquella hora feliz, em que começou a ornar com seus raios seu proprio oriente aquella creatura, que havia sido concebida na mente eterna, antes que os montes a alta fronte erguessem, antes que os mares fossem bridados para susterem o seu furor e não passarem os termos, que lhes foram prescriptos! (6)

Que exuberante prazer para o mundo, vendo apontar brilhante a estrella de Jacob, (7) que vinha afugentar as trevas, que sahindo do Eden, enlutaram todo o orbe, e suffocavam seus habitadores !

Igreja santa, depositaria da verdade, vós assistida pelo espirito de luz, descestes ás tribus de Jacob ; que quando foi concebida a Virgem sacratissima, então foi todo mundo illuminado ; alegraram-se os archanjos ; exultaram todos os santos ; e congratulou-se todo o universo. (8)

Ainda hoje este oraculo consolador é repetido na effusão dos corações mais pios de um a outro pólo, desde o berço do sol ao seu feretro, em toda parte, onde é reconhecido e adorado o santo nome do Supremo Architecto do Universo, onde é apreciada a redempção de seu Unigenito Jesus Christo.

Foi illuminado todo o mundo, não com essa luz material, que se desprega do sol, dos outros astros, ou está espalhada no espaço ; sim com aquella luz espiritual, que adornava a alma do primeiro vivente ao sahir das mãos do Eterno Feitor, quando o amassou do barro damasceno, e lhe inspirou o sopro da vida, (9) que o fez ser o unico dos seres creados, que trouxe a imagem e semelhança do Creador. (10)

Illuminou-se todo mundo, porque todo elle jazia nas trevas da mais negra e medonha noite da morte.

Sim, transportae-vos em espirito aos primeiros dias da natureza ; penetrae o portico soberbo de Eden ; vede os funestos effeitos, os horrorosos negrumes, que espalhou pela infeliz humanidade

---

(6) Proverb. Cap. 8.
(7) Numer. Cap. 24.
(8) Offic. hus. die.
(9) Genes. Cap. 2.
(10) Id. Cap. I. 16, 27, 9. 6.

aquelle braço soberbo, que extendendo-se ao fructo defeso, chegou até o céo, e fechou as suas portas a todos os seus descendentes.

Que obscuridade!

Que confusão!

Elle via cahirem de romania sobre si, e sobre a sua posteridade, as consequencias de sua desobediencia e soberba.

Aquelle, que podia não morrer, ficou sugeito á impreterivel necessidade de acabar seus dias, depois de os passar no meio dos suores, dos trabalhos, rodeado de dores, debulhado em pranto. (11)

Aquelle entendimento, que partia com Deus a gloria da creação, sendo o artifice dos nomes para as essencias, que Deus havia extrahido do nada, (12) já não pode distinguir entre a suave face do bem e a feia catadura do mal; já fica sugeito a ser illudido, de momento a momento, pelo espirito das trevas, que, independente delle, o não podia enganar.

Aquelle coração, que fora creado para mover-se ao compasso do entendimento, descompassa a sua marcha; desvia-se das suas estradas; recalcitra aos seus dictames; já deseja contra o seu espirito; (13) e o homem vê nos seus membros uma lei, que contradiz á lei da sua mente. (14)

Aquelles, que cobertos da graça do Creador, viam sem se envergonharem a sua innocente nudez, não podem jámais encaral-a sem pejo; e com tanto que tenham artificios para se defenderem das vistas reciprocas, se occultam á voz do Eterno, que os chama. (15)

Já, finalmente, lhes declara a mais cruel e perigosa guerra a indomavel concupiscencia, mãe fertil de todas as propensões perversas, de todos os vicios, e de todos os crimes. (16)

Que horrorosa metamorphose!

Que perda!

Que dor!

Mas consolai-vos, almas pias, fructos desgraçados e pecos de um tronco arido e corrupto; consolai-vos!

O dragão vermelho, que com a sua cauda arrastou a terceira parte das estrellas do céo, e as fez cahir sobre a terra, (17) não alardeará suas victorias.

Ahi vem a mulher forte, que ha de esmagar a cabeça da serpente antiga; (18) ahi se apresenta a rainha do Apocalypse, a quem

---

(11) Id. cap. 3.
(12) Genes. cap. 2.
(13) Galat. cap. 5.
(14) Roman. 7. 23.
(15) Genes. cap. 3.
(16) Jacob. cap. 1.
(17) Apocalyps. 12.
(18) Genes. cap. 3.

o sol serve de manto, a lua de supedaneo, e as estrellas de coroa (19)

Ella, sim, veio e estabeleceu a salvação e a fortaleza; fundou o reino do nosso Deus, e o poder do seu Christo.

Sim, foi concebida Maria Santissima, e a sua Conceição, como conta a igreja, annunciou o gosto a todo mundo; porque della nasceu o sol de justiça, Jesus, o Christo do nosso Deus. Foi concebida Maria, e ficou plantada a estirpe bemaventurada, a raiz santa, de que brotou o suspirado fructo de benção.

Que catastrophe!

Que mudança venturosa para a humanidade, até ali aturada com as scenas precedentes!

Enxugai, enxugai as lagrimas, captivos de Babylonia; despregai dos salgueiros essas citharas sonoras, e entoai os canticos do Senhor, que não podieis entoar na terra alheia! (20)

A luz de Israel foi mandada para illuminação das gentes? (21) Jesus, que nasceu de Maria, cheio de graça e de verdade, revelou á terra aquelles mysterios, que bebera no seio do Padre; infundiu nos corações dos homens uma força augmentada de uma admiravel mansidão, capaz de arrostar com todos os satelites de Satanaz, com todo o poder das trevas.

Que mudança nos trouxe aquelle instante memorando, em que a virgem de Sião, a mãe de Jesus Christo, passou da delineação na mente do Eterno a ter um lugar na ordem das creaturas, a unir-se com nosco nos estreitos laços da fraternidade!

Pode um coração christão sentir, mas esse mesmo não pode expressar.

Ah! que titulo mais justo para se abysmar o nosso coração em um mar de delicias e de glorias!

E' um sentimento natural em todos os homens quererem, que aquelles, que são de sua classe, tenham as mais distinctas perfeições e os mais assignalados privilegios; porque a gloria do todo reverbera sobre cada uma das suas partes, e a todas illumina.

Que gloria a nossa vendo, que quando o nosso mais insolente e orgulhoso inimigo nos affrontava do seu captiveiro e dos seus ferros, se affrontava a si mesmo de resurgir clara e brilhante, do amargo e tempestuoso mar, aquella nuvem que se diffundiu, em chuvas de consolação e vida, sobre a faminta Samaria? (22)

Que goso jocundo vendo, que ao passo que todos os corações se contrahiam e melancolisavam, no meio da borrasca medonha, que aterrava a natureza, appareceu o formoso iris, signal do concerto entre Deus e os homens, que reanimou os espiritos abati-

---

(19) Apocalyps. cap. 12.
(20) Psam. 136.
(21) Luc. cap. 2. 32.
(22) 3. Reg. cap. 18. 44.

dos, e os encheu da esperança consoladora de zombarmos um dia do leão rugidor pelos seus inuteis esforços? (23)

Quem jámais foi indifferente á impotencia do inimigo, e ao estanco dos males que o infelicitam?

Na ausencia delles consiste a nossa felicidade.

Ah! que novo brilho, e que esplendor não adquiriram da Conceição de Maria a sua natividade sobre a terra, a sua apresentação no templo, a sua maternidade, em conceber e dar á luz ao filho do Omnipotente, o seu triumpho nos céos!

Quanto não é lisongeiro ver, que as dignidades da vida de Maria não foram jámais inficionadas do máo cheiro da fonte corrupta e mortifera?

Que ella não sentiu jámais a dor acerba de ser, antes de mãe de Deus, sua inimiga?

Que os raios do seu diadema jámais foram contrastados de sombra alguma original?

Como seria completo e glorioso aquelle festejo do empyreo, em que a suprema imperatriz, elevada acima das celestes jerarchias, recebeu as adorações dos anciões do Apocalypse, si acaso ella houvesse sido um momento vil escrava de Satanaz, parto espurio da culpa, e não filha legitima da graça?

Corações pios, accessiveis ás impressões da perfeição, do bem e da virtude, entregae-vos ás doces e mimosas agitações, que produzem as recordações de tanta pureza e excellencia da nossa nunca assaz louvada co-redemptora; exultae, e cantae ao Omnipotente as acções de graças por tantas, que fez a mãe de Jesus Christo; e entregae-vos aos maiores transportes, e não temaes exceder os justos limites da razão.

Sim, estes são os sentimentos, que devemos nutrir,quando alumnos do christianismo, filhos de uma religião santa, pura e immaculada, solemnisamos seus mysterios, abraçamos sua piedade, e, unidos aos choros dos Levitas, fazemos retumbar as paredes do santuario com os canticos da terrestre Jerusalem ao Senhor Deus dos exercitos, ao seu Unigenito Jesus Christo, e a sua esposa, mãe de Jesus Christo. *Maria,de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Esta a nossa piedade, este o nosso arroubamento, como religiosos; passemos a ver o nosso guadio, como cidadãos patriotas, pela acclamação de sua magestade o imperador constitucional do Brazil.

Mais uma pouca de attenção, que serei breve.

Quer fosse a propensão, que o homem herdou da natureza, para procurar outro homem e viver em sociedade, evitando as in-

---

(23) Apocalyps. 20.

commodidades e o enojo da solidão; (24) quer uma encadeação necessaria das cousas, dimanada do amor conjugal entre estes e seus filhos; (25) quer fossem as necessidades da vida, e o desejo de fazel-a commoda e agradavel; (26) quer a prudencia de por-se acoberto dos males, que se podiam temer dos outros homens; (27) quer finalmente outras causas, que ainda não lembraram aos philosophos e publicistas, o que obrigou aos primeiros pais de familias a renunciarem a independencia do estado natural, e irem formar as sociedades civis; estabelecidas estas, não se dirigem a outro fim, que o bem da especie humana, sua existencia commoda e feliz, o augmento e perfeição de suas faculdades physicas e moraes.

Eis porque a salvação do povo é a primeira e a maxima das leis; a fonte, d'onde se derivam todas as outras; e o ponto de apoio, que sustenta os movimentos e equilibra a marcha de toda a machina politica.

A este fim se instituiram os governos, que vigiassem sobre o bem dos povos no interior das cidades, e fóra dellas repulsassem os males, que lhes procurava a ambição dos conquistadores, e outros oppressores injustos. Por isso, com a maior sabedoria disse o grande Platão: " que o povo não foi feito para bem de quem o governa, sim os governantes foram instituidos para bem do povo, *non populus causa gubernatoris, sed gubernator causa populi fit* (28)

Este fim, santo e augusto, é o que tem conduzido os homens a estabelecerem as diversas formas, já simplices, já compostas, do governo, que se tem visto no mundo desde o berço do genero humano.

Este fim, quando, por desgraça da sociedade, se não tem podido conseguir debaixo de uma hypothese, foi a mola real, que moveu os povos para sacrificarem tudo, profano e sagrado; empreenderem e executarem as mais funestas revoluções, afim de arraigarem aquelle governo, em que julgavam estar o caminho do bem, da felicidade, e a estrada da gloria.

Para obter este fim, é que Athenas, depois de quatro seculos de pura monarchia, encarando a liberdade, estabeleceu um governo, em que o simples cidadão igualava o primeiro magistrado. (29) Roma principiando em reinado, experimentou á custa dos maiores sacrificios consules, decemviros, tribunos militares, dictadores e imperadores; os cantões suissos sacodem o jugo dos Austriacos; (30)

---

(24) Puffendorf. le Droit. dela nat. e des gens. liv. 2. cap. 3. § 15.
(25) Ind. ibid. lib. 7. cap. I. § 5.
(26) Id. ibid. § 6.
(27) Id. ibid. § 7. La Brenjer. car. tom. 2. cap. 10.
(28) Apud. l'Acteur des les Notion. Clair. sur les Gouvernemens.
(29) Notion. Clair. sur les Gouvernemens tom. 2.
(30) Manual. Chronolog.

Hollanda a tyrannia de Felippe II; (31) Portugal a do IV; os Estados Unidos na America se separam da sua metropole europea; França é uma nova Roma; e de presente se acham com as armas nas mãos povos em todo universo.

Tanta é a grandeza, e o preço da publica saude!

Esta é a felicidade, que tendo diante dos olhos o magnanimo principe o Senhor D. Pedro I, ao travez de todos os perigos, que lhe podiam sobrevir, hora a hora, dos interessados nos nossos males, o abalançou á ouvir os nossos votos, receber nossos offerecimentos e acclamar-se imperador constitucional do Brazil.

Que facto nos apresenta a historia de tanta justiça, de tão incommensuravel interesse, e tão credor do reconhecimento e gratidão dos homens!

Sim, aqui tendes a fonte da nossa excelsa ventura, e o fóco ardente do esplendor e gloria do Brazil, em toda a face da terra.

Quem jámais será tão estonteado, que medindo a vasta extensão do nosso continente; penetrando as minas inexgotaveis de ouro; vendo nossos diamantes,que tem feito esquecer os de Soulempour na India, os de Sucadan em Borneo, e os rubins que obscurecem os de Ceylão; atravessando os multiplicados rios, que dando morada a peixes infinitos no numero, formosos á vista, mimosos ao paladar, fecundam, quaes outros Nilos, os terrenos por onde extendem suas correntes; seus bosques, productores de madeiras preciosas e uteis na architectura naval e civil, povoados de quadrupedes de toda especie, de aves as mais raras e formosas; seus campos cobertos de immensidades de plantas medicinaes, uteis na tinturaria, nas manufacturas, nas artes, no commercio; seu solo adubado de saes taes, que podem rivalisar com as producções mais particulares de outros paizes; o genio de seus naturaes, emprehendedor,claro nas sciencias, astucioso na artes, valente na guerra; quem haverá, que tomando o peso á estas vantagens, ouse avançar, que o Brazil não recebeu da providencia as proporções para ser, si não o primeiro, ao menos um dos primeiros imperios do universo?

Quem?

Os nossos irmãos em Portugal, os regeneradores da nação lusitana.

Porem que se vos dá a vós, generosos Brazileiros, que se vos dá, que os corypheos do congresso lisbonense, no azedume do seu odio, digam, que não se importam, que nós nos degolemos uns aos outros, e que nos queriam mandar cães de filla?

Que se vos dá, que seus apaniguados, escriptores venaes, pertendam com rasgos de suas pennas representar-nos ainda capazes de continuar nos grilhões de tres seculos, e desabem seu paisanismo em desvarios desta estofa?

Os mesmos Portuguezes de outra idade, os estrangeiros de

---

(31) Manual chronolog.

outras nações, o immortal Pedro I, não podendo negar-se á luz da clara verdade, aos dictames da justiça, nos vingam assaz das suas affrontas, dos seus ferros e baldões,uns invejando a nossa sorte, outros broxuleando a nossa ventura,outro finalmente pugnando pelo nosso bem, sacrificando-se todo para dar-nos o assento condigno no templo da memoria.

Trezentos annos, já não digo de infancia, sim de uma vil escravidão, ainda não succedeu a povo nenhum do globo, por mais desfavorecido da fortuna e natureza. O velho e acanhado Portugal não quer que o seu captiveiro, na sugeição á Hespanha, passe o termo do dos Israelitas em Babylonia; e, pelas injustiças e tyrannias dos ministros de Felippe I e III, sacudiu o jugo, e acclamou um rei natural.

Este mesmo velho, pelos atrazamentos em que se viu nos treze annos da côrte no Rio de Janeiro, cuida seriamente na sua melhora, procura o seu adiantamento e restituição ao antigo esplendor.

E seria o Brazil condemnado a ser sempre escravo, sempre espesinhado, e sem aquelle assento para que o talhou a Providencia?

Tres seculos de um tirocinio barbaro e cruel já infamam a nossa sensibiliidade, já menoscabam a nossa honra.

Chegou, bem que com passos muito lentos, a nossa virilidade; não devemos mais amamentarmo-nos.

Transbordaram os vasos da nossa paciencia; chegaram ao seu pincaro as injustiças de Portugal; apresentou-se o nosso libertador. Não podemos nem devemos renunciar a nossa liberdade,dar de mão ao nosso adiantamento, nem deixar de abraçar a protecção que nos offerece o maior dos principes, o mais poderoso dos monarchas, o mais cordial e interessado dos nossos amigos.

Injustiças de Portugal!

Será uma blasphemia?

Não, senhores; lançai um golpe de vista sobre a nossa historia, vós não podereis encarar sem indignação as tyrannias do soberbo Tejo.

O Brazil no tempo do rei D. Sebastião era reputado por um estado tão espaçoso, e de tanta importancia, que muitos fidalgos e pessoas de muita prudencia e conselhos representaram áquelle monarcha, que se passasse para elle, e mandasse povoar com todas as forças de Portugal; (32) mas que succedeu?

Foi tratado tanto de menor, que em tres seculos (33) de povoação e desfructação, ainda não teve uma universidade, ao mesmo tempo que a America Hespanhola, desde o anno de 1551 até o de 1628, contava quatro, a do Mexico, a de S. Domingos, a de Quito, a de Guatemala. (34)

---

(32) D. Gregor. de Alm. Rest. Prodig. de Port. Part. 1. cap. 38.
(33) O Brazil foi descoberto a 24 de Abril de 1500.
(34) Man. Chronolog.

Ainda não teve uma universidade, sendo aquelle riquissimo paiz, que, segundo faz ver a todo mundo o grande Raynal, (35) nos sessenta primeiros annos das minas descobertas, isto é, até o anno de 1756, mandou para Portugal só em ouro mil novecentos e vinte milhões de cruzados; e dahi para cá não tem sido menos caudal a torrente das riquezas.

Tão mal tratado, ou tratado com tanta injustiça, que o eloquente Vieira, (36) pregando na presença do marquez de Montalvão sobre os máos governos dos ministros reaes, a quem comparou com as nuvens, dizia: " Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da linha, onde diz que tambem refervem as consciencias, e, em chegando á Bahia, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar e encher-se por meios occultos, mas sabidos; e ao cabo de tres ou quatro annos,em vez de fertilizarem a nossa terra com a agua,que era nossa, abrem as azas ao vento, e vão chover a Lisboa, e esperdiçar a Madrid ; por isso nada lhes reluz ao Brazil, por mais que de nada lhes monta; e nada lhes aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é que a agua, que por lá chovem, e esperdiçam as nuvens, não é tirada da ubundancia do mar, como n'outro tempo, senão das lagrimas do miseravel e dos suores do pobre; que não sei como atura já tanto a constancia e fidelidade destes vassallos! "

Tão maltratado de então para cá, que.... Mas aonde me conduz o espirito da verdade e o patriotismo?

Acaso deverei eu fazer a triste descripção dos nossos males, do nosso atrazamento debaixo do governo tyrannico de Portugal, pelo dilatado espaço de tres seculos?

Deverei repetir o esquecimento generoso das nossas feridas passadas; a nossa cordialidade e bom gazalhado na transmigração da côrte para o nosso territorio?

Acaso rememorarei o infame plano de servilismo tramado acintemente pelos novos despotas constitucionaes do congresso lisbonense, depois que o immortal Pedro I com sabedoria os comprehendeu, e com verdade os manifestou aos governos e nações amigas? Quando este heróe, com uma magnanimidade acima de toda exageração, tomou á peito o remedio das nossas desgraças, e a prevenção daquellas, que apontando nas margens do Tejo, já iam enlutando o horisonte brazilico?

Não, não ousarei de certo; contentar-me-hei sómente com annunciar-vos o immortal Pedro I. como o anjo de Isaias, convidado a vir á terra, que estava além dos rios da Ethiopia, á soccorrer o povo terrivel, depois do qual não ha outro, e libertar a gente, que

---

(35) Histor philos. do com. e estabel. dos Europ. nas Duas Ind. tom. 2 lib. 9 cap. 43.

(36) Past. Sext. serm. da visita de Nosso Senhor.

estava continuamente em esperanças, e continuamente pisada e esmagada. (37)

Sim, foi este o principe appellidado pelo Propheta para nos dar a liberdade e a salvação.

Assim o devemos esperar da sua justiça e magnanimidade, e da forma do governo, com que vai reger seus povos, os netos de Cabral.

O que falta ao grande Pedro para na fundação d'este imperio fazer obscurecer a gloria dos Nabucos, dos Cyros, dos Alexandres?

Que tiveram os Carlos, os Fredericos, os Pedros, que desejemos no nosso principe, para que o seu nome encha toda a terra?

Luzes de entendimento?

Os seus manifestos são oraculos de sabedoria.

Espirito vasto?

O colossal projecto, que concebe e pratica, mostra quanto elle é sem limites.

Experiencias nos negocios arduos?

A sua natural penetração ajudada dos subditos fieis, que veem a luz, e lhe arredam as trevas, suppre o numero dos annos, que commummente se exige para a prudencia.

Terreno espaçoso e abundante em recursos?

Qual dos imperios antigos e das potencias modernas pode competir com o nosso territorio na sua extensão, na riqueza dos seus montes, dos seus valles, dos seus rios?

Povos aguerridos?

A França diga, repita a Hollanda, os prodigios de valor, que fizemos na nossa infancia?

Governo liberal e creador, que desenvolva a virtude no ocio da paz, e no furor da guerra?

O imperio constitucional, ou é uma concepção de uma intelligencia acima da dos mortaes, ou é uma dessas verdades sublimes, com que nos costuma presentear o acaso, ou, si nasceu da reflexão, é a obra prima da razão, e o maior esforço do entendimento humano no artigo—politica.

Imperio constitucional?

Collocado entre a monarchia e o governo democratico, reune em si as vantagens de uma e de outra forma, e repulsa para longe os males de ambas. Agrilhôa o despotismo, e estanca os furores do povo indiscreto e voluvel.

O imperador podendo fazer todo o bem aos seus subditos, jámais causará mal algum, por que a constituição com sabias leis fundamentaes e cautelas prudentes tira ao imperador o meio de afrouxar a brida ás suas paixões, e exercitar a arbitrariedade.

E' nesta hypothese que o homem vive em um completo gozo de todos os seus direitos naturaes e sociaes, exercita na sua maior

---

(37) Cap. 18.

plenidão o doce e inapreciavel dom da liberdade, e si acaso perde d'esta alguma porção, é porque a seu beneficio outra igual porção perdem os seus concidadãos.

E' nesta forma de governo que o cidadão se lisongea de encontrar, quer no exercito, quer nos tribunaes, quer no ministerio, só amigos, só irmãos, só iguaes sem nada ver acima de si, que a lei e o merecimento por ella protegido.

Aqui é que a alma, parte mais nobre e essencial do homem, alardêa a sua nobreza, enche-se de um racional orgulho, eleva-se com dignidade, desprega constantemente sua energia, e se entrega sem violencia ao enthusiasmo do amor da patria, emulando a gloria dos Pompeos, dos Regulos, dos Catões.

E' neste governo que se nos franquea a estrada da felicidade e o sublime portico do templo dos heróes.

E' este o centro da força e da união, sem o qual, como sabiamente disse o grande principe. não poderemos conservar nossas fronteiras e limites naturaes, e perderiamos, como machinavam as côrtes de Lisboa, tudo quanto haviamos ganhado, á custa de tanto sangue e cabedaes. Sem este braço forte, que valorosamente sustenta o leme do estado, a não da nossa republica, arrebatada pelo fluxo e refluxo do euripo do congresso, seria o ludibrio das suas vertigens, e quebrando-se nos medonhos cachopos da anarchia, da guerra civil, do servilismo, infamaria o Atlantico com o seu naufragio.

Debaixo deste imperio constitucional, que abate o despotismo, ruina das sciencias, das artes, dos costumes, da razão, da liberdade, veremos o genio brazileiro apresentar prodigios em todo genero.

A marinha terá os seus Gamas; a guerra seus Albuquerques; a milicia seus Louvois; as finanças Soulys; a astronomia Galileos; as sciencias Monteiros, Newtons, Franklins; o parnaso Camões, Barros, Vieiras.

E porque o genero humano é tudo, quanto se quer que elle seja, unindo-nos com os sabios, artistas, capitalistas e emprehendedores, a quem o grande Pedro abre nossos portos, offerece amizade e acolhimento, poderemos apresentar ao mundo o que nunca pôde a Azia, e Europa, uma nação, de quem o mundo se ouse honrar.

Qual será o coração, que se dilate em um ambito sufficiente para conter a alegria, que deve produzir a todo Brazileiro um facto tão estupendo, um successo tão util e tão glorioso!

Que causa mais relevante, mais decorosa e de mais interesse para os habitadores desta verdadeira terra da promissão!

De uma parte, quebrados os ferros indignos, que nos rouxeavam os pulsos; enfatuados os entendimentos, que nos forjavam novos; destruidos os planos ruinosos; esmigalhado o colosso da sua soberba; voltadas as settas contra os mesmos que as brandiam e atiravam; e elles dizendo: " Os meus pensamentos se desvaneceram, sendo verdugos do meu coração—*Cogitationes meæ dissipates sunt*,

torquentes cor meum. (38) Da outra, a aurora da felicidade levantando-se formosa e risonha, já se divisando uma mole immensa de solidos e duradouros bens, a clamorosa fama embocando o dourado clarim para espalhar pelo universo o nosso nome, com assombro de todos os povos, desde os Samoyedas até os Patagões, do Japão até a California.

Que golpe de vista mais lisongeiro e tocante!

Si o grosseiro bosquejo, de uma mão inexperta, ja nos offerece alguma cousa esplendida, que faria si eu soubesse combinar as tintas, desdobrar as côres, contrastar as sombras com as luzes, collocar as figuras e aperfeiçoar o quadro?

Sem duvida, nenhum coração, ainda o mais ferrenho, se poderia eximir dos movimentos do prazer, nem dos extasis de alegria neste dia de tanto esplendor.

Oh! dia venturoso, dia privilegiado, claro, digno de seres contado entre os dias eternos, tu ficarás marcado em nossa memoria por seculos de seculos! Em quanto houverem sobre o globo Pernambucanos, tu passarás de geração em geração; os pais dirão a seus filhos, e estes aos seus, que no dia em que a santa igreja celebrava a Conceição intemerata daquella formosa roseira de Jericó, que nos deu a flôr mimosa e fragrante, Jesus Christo; que no dia em que se viu sobre a terra a mysteriosa casa de Salomão decorada do admiravel peristylo de sabedoria, de entendimento, conselho, fortaleza, sciencia, piedade e temor de Deus, foi o mesmo em que o valoroso e constante povo pernambucano, pelo orgão do seu illustrissimo senado, assistido da excellentisma junta provisoria, da sabia e justiceira magistratura, de um e outro clero, dos bravos netos dos Vieiras, dos Negreiros, dos Camarões, dos Dias, do respeitavel corpo da nobreza, dos cidadãos benemeritos de todas as classes, lembrado do que diz o Psalmista, que *debalde vigiam os que guardam a cidade, si o Senhor a não defende*, cheio da maior piedade, transportado de gosto, solemnisou a acclamação em imperador constitucional do Brazil do muito alto e muito poderoso principe, o senhor D. Pedro de Alcantara, invocando a protecção da mesma excelsa Senhora.

Oh! Virgem sacratissima, immaculada, pura, sem mancha de culpa alguma paterna, debaixo deste glorioso predicado, vós sois a defensora do nosso reino, sede de hoje em diante do nosso imperio, para que seja elle puro de tudo, que se oppozer ao bem do vosso povo e á gloria do vosso filho. Alcançai-nos o espirito de sabedoria, e justiça para as nossas côrtes brazilicas; vida, saude e rectidão para o nosso imperador e sua imperial familia; bom conselho para seus ministros; valor para seus cabos; patriotismo illuminado para seus povos, afim de que seguindo sempre as veredas da justiça, da verdade e da honra, formemos uma nação tal, qual

(38) Job. Cap. 17. 11.

de Roma dizia Marcial: " Deusa das terras, senhora das gentes, um imperio, ao qual nenhum seja igual, e nem mesmo segundo. "

Terrarum Dea, Gentium que Roma,
Cui par est nihil, et nihil secundum.

POLEMICA PARTIDARIA

I

RESPOSTA A'S CALUMNIAS E FALSIDADES DA ARARA PERNAMBUCANA, REDIGIDA POR JOSE FERNANDES GAMA, PRESO NA CORTE DO RIO DE JANEIRO

Talvez as negras producções de um genio ardente e malfazejo, recheadas de mentiras atrozes, e insolentes calumnias, producções de um coração ensopado na mais mortifera peçonha, não mereçam resposta aos olhos das pessoas de bom senso, que olham para ellas como para as investidas de um cão damnado, ou para os rugidos de uma fera acorrentada. Todavia, as linguas virulentas julgar-se-hiam autorisadas a mentir impunemente, si a *Arara*, ou *Carasuja*, como outros chamam, ou José Fernandes Gama, ficasse sem retorno. E bem que esta ligeira correcção não aproveite muito a tal *Arara*, porque, como lá dizem, cavallo velho não toma andares; ella pode servir de exemplo a outros que taes, e esclarecer aquelles que julgarem do merecimento da *Arara* pelo esplendor da sua plumagem.

A ella!

" Os indignos manifestos, que deram esses pertinazes de quererem renovar em Pernambuco em 1822 as mesmas scenas de horror, com que tinham ensanguentado as ruas do Recife em 1817, despertaram os povos da provincia; os quaes, unindo-se para evitar uma repetição tão funesta, deposeram com effeito um governo tão suspeito. "

Que desavergonhamento!

Que desaforada mentira!

Mentes, *Carasuja*! Foste tu, teu sobrinho e companhia que ensanguentaram estas ruas, promovendo, como promoveste, a anarchia e a guerra civil, por cuja causa estás na gaiola. Uma das maiores difficuldades, que jámais intriguistas tem encontrado, foi a deposição da primeira junta: já o primeiro projecto traçado em Olinda se havia desconcertado; e para o conseguir foi necessario, que tu com teu sobrinho fizesses crer aos inexpertos que era vontade do imperador, que ella fosse deposta, attribuindo algumas duvidas, que o governo havia posto ao desejo dessa decantada republica, com que individuos sem recursos procuram tapar a bocca aos patriotas, quando pelo contrario todas as oscillações procediam de que escreveste tu, teu sobrinho e mais alguns dahi do Rio, e dis-

seste, quando aqui chegaste, que o ministerio era corcunda, e que queria fazer o imperador, então principe, absoluto, e que em breve ia abaixo.

Ora, agora diz-me quem não temeria, vendo que nomes tão respeitaveis, que sós valiam exercitos, e cuja universal reputação acreditava a causa, estavam nessa situação?

O caso é, minha *Carasuja*, que a tal gracinha verificou-se.

Custou uma *bernarda* para que não tivesse o seu effeito.

Isto posto, só tu podias, e outros como tu, ver de máo olho conducta tão circumspecta.

Estes povos choram hoje os effeitos da sua boa fé. Os que foram por ti illudidos, e os que o não foram, unidos agora, salvaram a patria; porque Pernambucanos nunca estão desunidos, quando a patria periga.

E agora?.... Adeus, minha *Carasuja*!

Dizes mais: " Por quanto não já só por promessas, mas sim tambem por ameaças, foram os agricultores, vulgo matutos, obrigados a votar uns a favor do seu capitão mór, outros do chefe do seu batalhão; muitos do senhor de engenho, de quem eram lavradores, e em cujas terras moravam; e finalmente quasi todos impellidos, ou pelo terror da punição, ou pela esperança da recompensa. Eis aqui sem a menor duvida a eleição dos membros da junta provisoria do actual governo da provincia de Pernambuco, á excepção, etc. "

Esta oração deve ser feita pela passiva, tenaz *grammatição*.

Os homens do mato vem para as eleições com a melhor boa fé do mundo. Na praça é que elles vem achar as panellinhas armadas por ti e por outros da tua estofa; ouviste, *Carasuja*? Aqui é que elles se ligam para chamar á ordem as eleições, vendo as cabalas tramadas por aquelles que d'antemão se estão arranjando para irem de deputados.

Esses matutos moram mui distantes uns dos outros; por isso só elles são o verdadeiro orgão da publica opinião, que deve de ser muito grande para se extender tão longe.

E' a razão porque tu não tiveste muitos votos, apezar do ajuste com certa pessoa para trabalhar um para o outro; porém o tal amigo logrou-te: já sabes?

Si os homens do mato são menos versados neste conhecimento do mundo, o que se segue é que por isso mesmo são menos velhacos, menos tratantes, porem mais probos, mais honrados e mais briosos do que tu.

Sabes que no Rio pára uma carta de certa pessoa, que confessa a promessa, que tu e os teus, minha *Carasuja*, lhe havias feito do posto de tenente coronel de 1.ª linha, para cooperar na deposição do governo, e do modo porque o haviam feito assignar um papel a prol de José Candido, que foi comtigo a Olinda, quando esses matutos na maior paz elegiam deputados, ameaçal-os com ferro e fogo, si não elegiam novo governo; o que elles não quizeram cumprir, e

deu motivo a retirarem-se os eleitores de ambas as comarcas, e a causar nas eleições esses transtornos, e essas irregularidades, que todos sabem. Foi por semelhantes desaforos aos deste teu paragrapho, que tu foste enxotado da casa da camara do Recife, quando pela repugnancia dos eleitores se tratava da eleição de um governo temporario, querendo tu que fosse fixo, feito por um punhado do Recife, tendo sido o outro feito pelos representantes da provincia.

Lembra-te que foi por taes insultos, que aquelle joven Sebastião de Barros Franco, capitão de artilheria miliciana de Serinhaem, te quiz fazer saltar os miolos pelas paredes do templo, tanto o havias precipitado, quando na matriz do Sacramento se elegiam deputados pela camara do Recife.

Lembra-te mais....

Porém para que? Quem não tem vergonha todo o mundo é seu, *inveterate dierum malorum*! Si foras vivo no tempo de Susana, era mais um motivo para aquella virtuosa matrona.

" Quatro matutos, dizes, cuja instrucção não passa (e nisto são quasi todos mestres) de pedirem nas execuções vista.... de braganhas de cavallos, etc. etc. "

Que melgueira, minha *Carasuja*, descobri-te eu agora. !

Não queres tu que os homens do mato, ricos proprietarios, e que compõem a numerosa nobreza da provincia, tenham parte no governo! Bravo!! Queres tu com o teu automato Paula Gomes, Ludgero, João Francisco Bastos, e outros *sans culottes* dessa ordem governar, para riscarem Pernambuco das cartas geographicas!! Porém o povo pernambucano é visivelmente protegido pela mão poderosa do Ser supremo.

Agora é que eu me convenço do que eu duvidava crer: que tinhas tu e teu sobrinho sido o redactor das exoticas Instrucções, que a tua pupilla camara de Olinda deu aos deputados. Olha, não precisamos mais prova; confrontemos este teu paragrapho com o artigo segundo daquellas Instrucções: os principios, os dogmas, os desejos, a pratica, tudo são taes e quaes, minha *Carasuja*.

A grande raiva que tens tu e os teus desses matutos, nasce de que não podes colher um olho de couve com tanta lagarta.

O mato fazendo a grande força e riqueza da provincia, e o seu grande peso, infallivelmente sua justa preponderancia ha de desmantelar esses castellos de vento, que tu vives armando.

Tem paciencia; chora na cama, que é lugar quente. Procura aninhar-te em outros montes, que nestes!....

" .... Paisano (o intendente Manoel de Carvalho) inteiramente despido de honra, porque tem extraviado cabedal immenso do imperio na exportação do páo Brazil, em que temerariamente negocia;.... que teve a animosidade de responder a certa pessoa, que lhe pedia certa modica quantia para continuar sua viagem no serviço do imperio, que dos cofres do thesouro da provincia não se podia dispender dinheiro algum em razão dos gastos, que se es-

tavam fazendo com os arranjamentos da republica pernambucana etc. "

Dize o que quizeres do honradissimo Manoel de Carvalho: aves como tu, que nem fallas, nem cantas, não são capazes de fazer a menor quebra na honra e na probidade daquelle intendente interino. Si elle nunca serviu em armas, nem em lettras,nem em fazenda, como tu dizes; assim mesmo tem sido infinitamente melhor do que os outros, que só tem tratado de enriquecer-se, e de atrazar a fazenda publica, e é o melhor que se pode achar.

O Narigão, o Siqueira, o Banco de areia.... oh! meu Deus, que abysmo!

No que dizes de Manoel de Carvalho, mentes, mentes; nem és capaz de o provar. Até tens o descaramento de dizer, que nunca elle viajou, senão quando no anno de 1817 fugiu para escapar da forca. Embusteiro! Queres que te aponte as viagens que tem dado para Lisboa, para os Estados Unidos, e para....? Ora, não quero que tenhas esse gosto.

Asseveras que sabes, que ali se furta: que maravilha! Que haverá de máo, que José Fernandes Gama não saiba! Tu sabes como se fazem os males todos, e o praticas; o que não sabes é que Manoel de Carvalho faça isto, que sabes como se faz, e mentes despejadamente. Mas que se pode esperar do infame traductor da arte amatoria? do infame corruptor da mocidade, que lhe fora confiada? daquelle que sendo mestre de grammatica nas Alagoas, foi por sua irreligião accusado ao Santo Officio?

Não póde respeitar a honra dos homens o impio, que não reverencia a divindade.

Essa certa pessoa a que alludes, é talvez algum improbo do teu lote: é aquelle, bem o conhecemos, que indo em epocha anterior despachado para o erario do Piauhy, passando por Pernambuco, aqui se deixou esquecer do seu destino, estando de regabofe, como acontece a todos que aqui bebem do nosso Lethes, o Bebiribe. Quando se quiz retirar, pediu á junta da fazenda 600$000, que nunca mais foram pagos, e pelos quaes a mesma junta levou da côrte um grande repellão. Agora tornando a passar por aqui o tal amigo, quiz a mesma gracinha: como era bonito! Porém reinava já outro planeta, negou-se-lhe.

Eis aqui a historia e origem da fabula, que referes, *Carasuja.*

Então estava o tal heroe mettido comtigo de pés e cabeça; e eis aqui o serviço do imperio, a republica, e outras historias de caipora. Comer á barba longa; encher á tripa forra; servir mal a nação; graval-a com augmentos de ordenados; e, quando Deus quer, roubal-a; e os mais que os soffram.

Eis aqui porque quando da outra vez estiveste ahi no Rio de Janeiro, em um plano que destes sobre cousas da alfandega do algodão, exigias para o juiz um ou dous vintens por sacca. Sabes quanto isto te rendia? Sabes: eu tambem sei. Para te fazerem calar foi preciso arranjar-te mais uns 200$000, sendo para isso

preciso illudir-se, como se illudiu, a esse Manoel de Carvalho como presidente da junta da fazenda.

E' o crime, que com razão lhe podes imputar.

" A qual (junta do governo) devendo ter sido abafada por Pedroso. "

Que tal a *Arara* ou *Carasuja*! Visto isso queres que as juntas todas sejam abafadas por Pedroso, e ao teu aceno; e isto sem respeito ao imperador, a quem se deve recorrer em caso de malversação dos governos.

Como não dirias tu a Paula Gomes, que não seguisse o partido criminoso dos companheiros, quando estes queriam abafar Pedroso por sua insubordinação!

Claro está, minha *Carasuja*, que eras tu e os outros teus confrades bernardistas vasados.

Tudo tens machinado para seres membro do governo.

E's em extremo pertinaz! Não te lembras que na casa do senado se gritou solemnemente—*fora Gamas* (1) *fora familia de Gamas*?

Que queres tu agora? Já os Pernambucanos rasgaram o véo com que tu, genio do mal, espirito immundo, os cegavas. O feitiço voltou contra o feiticeiro. Adeus, minha *Carasuja*; bem te podes aninhar em outros montes; cá desta parte não formas rancho.

Vejamos agora que bicadas atiras a carta do benemerito Francisco Paes Barreto, membro do governo, dirigida ao Padre Venancio Henrique de Rezende.

" E' verdade, dizes tu, que entre a gente ordinaria foram presos igualmente quatro ou cinco negociantes. Mas por ventura seus nomes vinham referidos no rol?. .. No fim da lista estavam escriptas estas palavras—e alguns mais que suspeitos forem.—Destas se serviram. "

Ora, muito bem. Está a emenda peior do que o soneto. Visto isso, e o mais dos autos, a lei não é igual para todos! Pode-se ser preso arbitrariamente em não sendo negociante! Eis ahi tens como, querendo desculpar Pedroso, deitas as manguinhas de fora, e denuncias quaes são os teus principios. Mas emfim são principios teus? Arbitrariedade, despotismo, insubordinação e nenhuma segurança pessoal, *durum est tibi contra estimulum calcitrare;* por isso approvas que o estouvado Pedroso annuisse aos votos de uns poucos de revoltosos contra a legitima autoridade do governo civil.

Sim, essas prisões, a que se refere a carta do morgado, foram o resultado das tuas machinações; e por isso procuras desculpar-te

---

(1) Perdoem-me o Sr. deputado Caetano Maria Lopes Gama, cujas virtudes respeito muito, e seu irmão o Sr. Padre Mestre Frei Miguel Lopes, a necessidade em que me vejo desta citação.

a ti e a Pedroso com o abuso, que das ultimas palavras do rol fez essa pobre gente, que tu mesmo havias induzido.

Sim, tu mesmo os induziste; porque tu és o mesmo que, quando governava esta provincia o exm. Caetano Pinto, lhe officiaste pedindo faculdade para, á titulo de contrabando de algodão, prenderes a quem quizesses; e pedindo o prudentissimo governador os factos positivos, respondeste que eram cousas de segredo.

Que tal! Parece-se ou não isto com aquillo? Máo fim tu tenhas, peste!

Mas a mesa da Inspecção deu uma informação de ti, que te obrigou a ires rebolindo para o Rio.

Foi assim que tu insinuaste a Reginaldo e outros que requeressem a junta passada para correr casas de suspeita, e pedindo o governo a lista dessas casas, vispora! foram-se. Que querias tu mais elles? Um breve para fazerem uma invasão geral no sagrado asylo das familias!

Embusteiro!

E's um genio malfasejo, um espirito diabolico.

Incorregivel!!

" Ah! malvado! (continuas) quão dignos sois de um severissimo exemplo!.... homens facinorosos por natureza, criminosos por educação etc. "

Chama-lhes, antes que te chamem. Mal haja, minha *Carasuja*, quem te apanhou no laço, podendo fazel-o á espingarda! Mas para que serve carne de Arara?

Só tua fofa plumagem dá-te algum valor, apezar da tua má cara.

Este paragrapho só diz o que tu és: teus innumeraveis factos o comprovam.

" Finalmente (dizes ainda) conclue o autor a sua carta desfazendo-se em elogios ao Padre Venancio. "

Mentes, *Carasuja*! Aquella carta fecha com um ligeiro cumprimento, e obsequiosa cerimonia.

"-Não illuda (o morgado) o publico: não diga—todos os bons—porque estes excluirão justamente o tal Venancio. "

Com effeito, não podiam ser para isso melhores os que gritaram na camara de Olinda contra o Padre Venancio!

Alguns como tu, Gamboa, e outros estão presos pelas suas ribaldarias. Olhemos para as assignaturas da acta, tiremos a miseravel camara, e desta nem todos; tiremos o deputado Fortuna; tudo o mais, oh meu Deus, que gente! Sempre é gente que lançou esta provincia na tristissima alternativa de parecer, ou de entrar em uma guerra civil, para lhes dar cabo da pelle.

Fallemos sem rebuço. Tu disseste e teu sobrinho no Rio de Janeiro, que vinha buscar cada um o seu diploma; mas como, apezar de haveres tu e elle turvado as aguas, podesses apenas pescar noventa e quatro votos, e sabe Deus como, foi preciso excluir o Padre Venancio, de que tu não gostas, nem elle, para assim evitar

o risco da sorte com Manoel Maria Carneiro da Cunha, que tambem teve noventa e quatro votos.

E isto o que prova?

Que nem tu prestas, nem essa tua boa gente, senão para armar barulhos. Os bons elegeram o Padre Venancio, e sustentam a dignidade da sua eleição. E tu, monstro de ingratidão, já te não lembras, que esses a quem agora chamas máos, só teriam de envergonhar-se, si é que as almas nobres se podem envergonhar, de haver feito o bem, só teriam de envergonhar-se, torno a dizer, de se haverem fintado para soccorrer-te, quando por teu máo caracter Luiz do Rego mandou-te para o Rio amarrado. Mas é regra antiga, que os beneficios geram ingratos.

Ah! *Carasuja*, rei dos ratos, assim pagas aos teus bemfeitores? Elles são agora, como o camponez da fabula, que aqueceu no seio uma serpente, para depois pical-o com mortifero dente. Como não tem havido nessa ilha, onde resides, uma cobra, que te engula! Talvez estejam ellas occupadas com os habitantes do ilhote visinho, quando acabarem voltarão sobre o seu rei.

" A apuração nas camaras é a exclusão de tudo que está em contradicção com a lei; é depurar as qualidades do eleito; é lançar fora, bem como no caso dos vereadores, etc. "

Perverso, quando dictaste á camara a resposta para a relação, não disseste, que em um caso extraordinario e todo novo, como este, não regulam leis ordinarias? Que as Instrucções eram a unica lei, a qual não deixava a relação nenhum direito de ingerir-se neste negocio? Muito bem. Como agora vás buscar a ordinaria lei dos pelouros, que nada tem de commum com os deputados?

No caso dos vereadores, é nas camaras que se fazem as eleições, a que ellas presidem, sendo de barrete: ali se recolhem os votos, ali se verificam as qualidades, que a lei requer; e ali finalmente se apuram. Mas, no caso em questão, os collegios eleitoraes fazem tudo. As camaras sommam os votos, que encerram as listas dos deputados das differentes comarcas. Aliás para que esses collegios eleitoraes? Bastava que os eleitores, em um dia aprazado, remettessem suas listas ás camaras respectivas, e estas para a capital; e com isto se poupava aos povos incommodos e viagens ociosas.

E', portanto, claro que o espirito das Instrucções era que a camara sommasse os votos ja qualificados nos collegios eleitoraes, para evitar que homens de trinta, quarenta, cem, duzentas e mais leguas, viessem reunir-se com tanto detrimento na capital.

De mais, como póde a camara da capital com os seus homens bons conhecer os eleitos de uma tal distancia? Ora, minha *Carasuja*, não sejas tola: a remessa das listas todas para a capital quer dizer ficarem guardadas no archivo do senado, e nada mais.

" Saiba-se mais, que este Venancio teve no collegio do Recife quem o accusasse de inimigo da causa ao presidente. "

Isto é fabuloso: tal nunca succedeu. O que tu disseste foi— este vae por pobre—quando se leu o nome do Padre Venancio.

Estes e outros insultos, que naquella respeitavel assembléa lançavas á proporção que appareciam nomes, que não eram dos da tua sucia, rendeu-te aquelle *autem genuit* do joven capitão de Serinhaem.

" Não vivia este Venancio declamando contra o systema do Brazil? Não lançou a primeira pedra, na celebre decantada patriotica? Não era gervasista de chapa? Não disse na *Gaseta Pernambucana* n. 10, que temeu e desconfiou muito dos negocios do Brazil? "

Mentes! Dizer que desconfiava dos negocios do Rio de Janeiro, não é declamar contra o systema; é receiar algum desaguisado.

E porque escreveste tu e teu sobrinho do Rio, e preconisaste quando aqui chegaste, que o Exm. José Bonifacio, e o ministerio eram corcundas; que queriam que o principe, hoje imperador, fosse absoluto; e que estavam para ir abaixo?

Então era, ou não era para temer.

E' o que o padre Venancio allegava nessa mesma *Gaseta Pernambucana* como causal dos seus receios, e que tu maliciosamente calas.

Verificou-se, ou não a tal prophecia?

Si quizeres, eu me obrigo a provar tudo quanto digo. Em uma palavra, ias tu, teu sobrinho e companhia com estas e outras cousinhas, que eu ca sei, dando com a causa em vasa-barris; e então dizes, que o Padre Venancio declamava contra o systema!

Perdida a confiança em o Exm. José Bonifacio, e no ministerio, não eras tu, nem teu sobrinho, que a haviam de achar.

E' verdade que o Padre Venancio foi dos installadores da Sociedade Patriotica Pernambucana. Mas *quid inde?* Porque teu sobrinho, Ludgero, João Alves Dias Vilella. etc. etc. não a gostavam, segue-se que fosse ella má? Não de certo. Antes é por isso mesmo que ella era boa. Porque quem quizer a bondade, ou malicia de qualquer cousa, não tem mais que procurar a opinião destes: a contraria é o resultado que se procura.

Assim é da verdade ou falsidade de qualquer objecto.

Não se cansem mais os logicos e os moralistas: este é o melhor criterio, que se tem descoberto.

" Que importa, dizes tu, que elle diga no *Maribondo* n. 3., que a republica no sentido dos Latinos é *respublica*, dos Francezes *la chose publique*, dos Portuguezes o *negocio publico*. Si elle acaba ali, mesmo dizendo com um descaramento inaudito, que bem ignorante, e brutal era o povo romano, quando instituiu o seu governo consular, que ainda assim durou mais de sete centos annos? Si elle acrescenta mais, que os Americanos Inglezes, desde que proclamaram a sua republica, tem provado que o seu governo é o melhor de todo o mundo "

Primeiramente sendo aquella questão de mera theoria, a opinião que o Padre Venancio emittisse, lhe não podia formar culpa, porque as opiniões politicas são livres, quando ellas senão encaminhem a perturbar a ordem e tranquilidade publica.

Que aquellas asserções do Padre Venancio não tendem ao transtorno da ordem, é claro; por isso que elle as enuncia para mostrar o perigo da proposição pratica enunciada pelo redactor do *Maribondo* no seu n. 1, no qual respondendo ao *Filarete*, diz: *Nós não somos inimigos de republicas*; *talvez será o governo que convenha ao Brazil.*

Não ha duvida que esta proposição é pratica e muito positivamente applicada ao Brazil, e na presente conjunctura soberanamente perigosa.

E', portanto, que o Padre Venancio induz os exemplos acima para provar, que a ignorancia, a que recorre aquelle redactor,é uma especie de pannos quentes, que em nada melhoram o perigo da sua proposição nunca emittida; porque quando os Americanos dos Estados Unidos do Norte proclamaram a sua independencia, uma praga de escriptores pretenderam sustentar, que elles se não podiam governar por si, e muito menos com uma republica ou democracia. Mas aquelles povos tem provado ser este o unico governo, que lhes convinha; que é o que quer dizer – *ser o seu governo o melhor do mundo*,—quando mesmo o padre Venancio fallasse da forma do governo, porque já elle havia dito acima, que o melhor governo é o que melhor quadra ás circumstancias de um povo qualquer.

Quanto mais, em segundo lugar, que tenho principios para saber, que o padre Venancio ali falla da ordem e bons resultados da sua administração bem dirigida, o que ainda ninguem se atreveu a negar. Não é, pois, aquella asserção motivo nem da mais leve suspeita para que o padre Venancio fosse excluido da deputação. Cumpre, pois, minha *Carasuja*, estares caladada: o teu máo genio tem-se feito assas conhecido.

Consola-te com o teu destino, que é filho das tuas más obras.

Si não sahiste nem membro do governo, nem deputado, é porque és um sevandija, e ainda aqui em Pernambuco está fresca a memoria de quando andaste ás bicadas com o *Cangulo*, e elle comtigo, de dia no meio da ponte do Recife por causa de uns papeis, que lhe havias furtado; e porque sempre tens mettido a desordem e a desavença nos lugares que tens occupado.

Lembra-te que no livro da inspecção do algodão está lançado um não sei que de tua propria lettra, que deu motivo a se mandar separar de todo as duas repartições, da inspecção e da alfandega do algodão; porque tu o que queres é governar a torto e a direito onde te não compete, não prestando tu nem para seres governado.

Lembra-te que ias ficando ahi preso no Rio, quando Luiz do Rego te mandou por haveres affixado de dia em teu nome um edital, como si para isso te tivessem as leis dado confiança.

Agora quero dar-te um conselho, proprio da humanidade do meu coração, que se extende aos mesmos irracionaes: ouve. Si te soltares da gaiola, não venhas mais cá por estes montes; porque os matutos apanhadores de *Araras* estão dispostos a não pegar mais nenhuma, e leval-as a chumbo; porque gritam muito: dizem que

hão de matal-as, em vendo-as, e tirar-lhes as pennas para enfeitar os pretos no dia do Rosario.

Adeus, minha *Carasuja*, passa por la muito bem, que por ca já não ha quem coma *Araras*.

Um Matuto.

II

O CACADOR ATIRANDO A ARARA PERNAMBUCANA EM QUE SE TRANSFORMOU O REI DOS RATOS JOSE' FERNANDES GAMA

Furioso por não poder vingar-se
Caboré roga aos céos, que ali o mudem
Tambem em veloz ave, por que possa
Em Tyé, inda em passaro tornado,
Seu aggravo vingar, como deseja.

ELPINO. METAMORPHOSE.

I

Quem jámais esperou, no seculo das luzes, que mofa de bruxarias, nigromancias, magicas brancas, buenadichas, uma metamorphose tão revoltante, como esta do rei dos ratos em Arara, e Arara.... ?

Custa-me sempre ouvir, que Cadmo se converteu em cobra, Progne em andorinha, apezar da semelhança dos costumes destes animaes com os das taes pessoas; mas quiz Deus, que sem andar por terras alheias, em nossa mesma casa, vissemos uma do maior lote, o rei dos ratos convertido em Arara!

Com effeito, a distancia de um animal a outro é tamanha, que me parece que retrograda a natureza, e voltam a nossos lares os dias do cahos, em que o Sulmonense nos apresenta os corpos animaes mudando de antigas formas para novas figuras; e por mais combinações que hei feito, sahiu-me em ultimo resultado, que hoje é possivel a mudança, não de rei dos ratos para Arara, de um salto, sim gradualmente de rei dos ratos para morcego, de morcego para coruja, e de coruja finalmente para Arara, para ter uma tal qual naturalidade na degradação da mudança, porque o contrario revolta todo o bom senso, mesmo nas metamorphoses; assim como revolta todo entendimento o que retine esta infernal Arara; pois das cousas brancas faz negras, das justas injustas, das reaes impossiveis, dando a tudo mudanças as mais inesperadas e incomprehensiveis.

E como isto é um monstro horrendo, ineffavel, assolador deste bello paiz, façamos nelle o mesmo, que Hercules no porco de Erymantho, Perseo no monstro de Andromeda, e Rogerio na orca marinha; atiremos-lhe não com chumbo de munição, pois que a este ella é impenetravel, sim com palanquetas, que de uma vez livrem a humanidade desta voragem da honra, maculador da virtude, e abysmo de todos os vicios.

Qualquer pessoa que ler os dous primeiros numeros deste infame periodico, vê logo ao primeiro lançar de olhos, que este Pernambucano degenerado á nenhum outro alvo atira que a infamar sua patria com as mentiras mais atrozes e imprudentes, ou para deste modo não serem eridos os depoimentos das testemunhas na devassa, a que se procedeu, pelos attentados seus, e da sua sucia, ou no caso de não achar evasiva ás penas e castigo que merece, ter ao menos a barbara e gamistica satisfação, e desforço de enxovalhar a tudo. Como, porem, fosse necessario ter um ponto de apoio, em que equilibrasse a sua incendiaria machina, lança mão da imputação da moda, de quererem os que não são Gamas e seus adherentes estabelecer uma republica em Pernambuco.

Si olhamos para este negocio pelo que toca a materia, não passa de uma puerilidade perdoavel ao entendimento dos homens prudentes; mas como esta imputação pode illudir aos simplices, e servir aos velhacos para causarem perturbação, e o modo com que este patife apresenta esta caraminhola, é tal que não ha desaforo que o emparelhe, se faz credor de que lhe respondamos, e usemos com elle de uma phrase tão acre como as suas calumnias e ataques.

Dize, malvado, si nós quizessemos republica, quem nos impediria de o fazer?

Seria o medo do Rio de Janeiro?

Receiariamos ver nossos portos bloqueados por suas esquadras?

Temeriamos algum desembarque de suas tropas aguerridas?

Far-nos-hião mudar a côr do rosto os seus generaes de Austerlitz, de Marengo?

Pensas que ignoramos o estado dessa provincia, que tomara ella ter forças e ventura para reunir os diversos partidos, que a dilaceram, para acalmar os desgostos, que reinam nella pelos actos de despotismo, o mais revoltante, que ali aparecem diariamente com deportações arbitrarias de pessoas as mais liberaes, com a devassa aterradora contra republicanos e carbonarios, com a prisão dos deputados, com a escravidão da imprensa; para destruir as desconfianças de S. Paulo e Minas; e para reunir a Cisplatina, que ainda se não declarou?

Si em 1817 fomos tão arrojados, que não tememos todo o Brazil, e todo Portugal reunidos, e proclamamos uma republica, como agora o deixariamos de fazer por medo de menos de um terço desse inmigo de outr'ora?

Responde, estupido revolucionario: responde. Mas como has

de responder, si estás retinindo da perna que te quebrei com esta palanqueta?

Si acaso tomassemos esta resolução, nós não nos viriamos sós em campo, e a braços com esse Rio e suas adherentes do sul; porem sem duvida teriamos mais provincias com que dividir o trabalho, e a refrega, do que essas do sul; e em um tal caso, essas mesmas antarcticas haviam ver-se com agua pela barba para se conservarem constitucionaes, pois que dentro em si nutrem infinitos republicanos e carbonarios, como provam as devassas abertas contra estes, e os presos já feitos.

Si estiveste aqui em 1817, e viste o nosso estado de fraqueza nos negocios bellicos e nos conhecimentos, e comparando-os com os de agora, quizesses fallar com sinceridade, ao menos uma vez na tua vida, confessaras que a differença é de 1 a 100.

Si o nosso actual estado não é o mais respeitavel na guerra, com tudo está muito acima do de 1817. Temos tropas, não estrangeiras, que militando unicamente por soldo, são venaes, são traidoras; sim tropas indigenas, que defendem seus lares, seus filhos, suas mulheres, suas propriedades, sua liberdade, sua patria, por cujo motivo cobrirão primeiro com os cadaveres o lugar em que nasceram, que arrastem os grilhões do captiveiro. Nas nossas fortalezas já não se vêm muralhas cahidas, peças sem reparo, sem palamenta, sem munição, como algum dia; temos baterias artilhadas e municiadas em todos os pontos do desembarque.

Porque então és basbaque e estupido; como não mettes em linha de conta estes e outros dados indispensaveis, para não avançares puerilidades, que desafiam o riso ao mais austero Harpagão?

Recebe n'outra perna esta palanqueta. Retine agora, e remeche-te só com as azas e bico; já estás mudando de figura; já estás uma Arara sem pés, logo serás sem pés, nem cabeça.

Conhecimentos!

Sim, é verdade, que a revolução de 1817 não arraigou, nem deu fructos maiores; porem podes negar, que causou bens, que não são para ser desprezados?

As sementes do liberalismo, que ella semeou, se tem desenvolvido de um modo incomprehensivel.

Hoje não ha homem do sertão mais interior, que deixe de conhecer a dignidade do homem, seus direitos, seus deveres, sua liberdade; e a origem do poder dos que governam. Todos sabem que os homens não são rebanhos de ovelhas para passarem de uns governantes a outros pelos titulos de herança e propriedade; todos sabem que como os governos foram instituidos para bem dos povos, e não estes para desfructação do governo, uma vez que o governo não felicita os povos, estes pela lei suprema de sua salvação e felicidade, podem mudal-os, e escolher outro qualquer, em que julgarem estar a sua conservação e melhoramento. Estes principios são inauferiveis de seus corações, não só porque as luzes tem dissipado as trevas, que sustentavam o despotismo, como porque vêm toda Europa, toda America com as armas nas mãos para estabelecerem

governos, que julgam os proprios para sua feliz existencia ; portanto não esperes, que a massa da provincia, composta dos agricultores, obrem o mesmo que em 1817. Naquelle tempo estavam todos ás cegas, e por isso adoravam a Deus nos céos, e o seu rei na terra, e temiam mais o rei da terra do que o dos céos; hoje está tudo pelo avesso: adora-se a Deus, temem-se as leis, obedece-se ao imperante racionalmente, e ninguem está pelo despotismo ministerial.

Eis a prova.

Um certo liberal temporario dessa côrte, que, contradictoriamente ás suas doutrinas e procedimentos neste Pernambuco, Bahia e Lisboa, por isso que lhe pesa mais na sua estima a elevação da sua familia, as fitas, as veneras e outras patifarias desta estofa, fez espalhar por esta provincia um chuveiro de cartas seductoras, alliciando a varios para certa adhesão ao despotismo desse ministerio, e para aceitarem a constituição, que elle lá fizer com seus apaniguados, tocando a uns pelo lado do temor e pelo fraco da nobreza, e a outros com promessas, tem conseguido um effeito contrario ; suas cartas tem sido apresentadas, e votadas a uma bem merecida execração.

Tal é o inabalavel patriotismo dos Pernambucanos !

Tu dizes que o governo é democratico, que a camara o é tambem ; que a sociedade patriotica é, bem como um circulo do Recife, os matutos do Cabo, e todos aquelles que defendem a estes, e são inimigos de Pedroso, e da sua santa irmandade; logo por estes principios são os corpos de 1.ª linha, e da 2.ª, a excepção de alguns poucos de soldados e officiaes irreflectidos; são as guerrilhas; é o cabido, e camara de Olinda, intendencia, alfandega, e de mais estações; são tambem todos os habitantes do mato, porque seus eleitores nomearam, contra tua vontade, este governo, e o sustentam e defendem ; logo quaes são os que, separados estes, ficam para verdadeiros amigos de S. M. I. e Constitucional ? *Audite, insulæ, et attendite, populi de longe !* Ouvi, oh ilhas, e dai-me attenção, oh povos de longe ; vede pela conta de José Fernandes Gama, os verdadeiros amigos, que S. M. I. Constitucional tem em Pernambuco ; vede José Fernandes Gama, seu irmão, seus sobrinhos (2) Ludgero, Paula Gomes, Marinho Padilha, Quintella, José Candido, Caninana, João Ricardo, Custodio, Lanoia, Soares, Jacintho,—*De patifes infames corja porca, e outros por quem ha muito espera a forca.*

Ora, agora dize-me com sinceridade, esta cambada de homens perdidos, sem credito, e a maior parte delles a fabula do povo pelos

---

(2) Os que conheeem o reverendíssimo Padre Mestre Fr. Miguel Lopes, e seu irmão o illustre deputado Caetano Maria Lopes Gama, logo vêm que aqui não são comprehendidos.

seus maleficios é que *faziam barreiras* aos empestados protheos de 1817? Pois si todos os bons subditos do imperador, como tu e a tua santa confraria, foram presos e inhibidos de depor; os malvados (todos os que não são os lembrados acima) estão serrando de cima, porque ficaram em liberdade, qual é a razão pela qual se não tem posto em pratica a *romanesca democracia*, que por tantas vezes se tem inventado, esse crime dos *caiados*, *que era tão publico e tão notorio*?

Leva agora esta palanqueta na aza; já estás de aza cahida: retine agora, ave do cocyto, retine; ainda tenho cheio o polvorinho. Vai retinindo, emquanto carrego o bacamarte.

Quem foi que nos obrigou a seguirmos o Rio de Janeiro?

Foi algum direito, que reconhecessemos em o Rio de nos ser superior, e nossa capital?

Foram as suas forças, a *ultima razão dos Estados*, na opinião *de um liberal aristocrata*?

Foram as resmas de papel dos corypheos do despotismo?

Não foi unicamente nossa vontade? E a vontade de sermos felizes?

E não será este o laço, que nos deve unir áquella provincia?

O juramento que no 1.º de Junho do anno passado demos de seguir essa provincia, a missão dos nossos deputados ás côrtes soberanas brazilienses, terão mais força do que o juramento que esse mesmo Rio deu de estar pela constituição que se fazia em Portugal, do que a missão dos seus deputados as côrtes daquelle reino?

Si o Rio fizer comnosco, o que Deus não permitta, o mesmo que Portugal fez com o Brazil, que se segue daqui? Estou vendo, que devemos levar a espiga, e sugeitar o pescoço á canga. Estou vendo, que tu e os teus, e mais algum Sancho Pança farão de Pernambuco a sua Barataria.

Lembra-te, pois, embusteiro, que o que nós juramos foi, que *não tendo nascido para escravos, jamais nos sujeitariamos ao despotismo ministerial, qualquer que elle fosse, e podesse reviver; que protestavamos não sacrificar os interesses desta provincia, e pelo contrario sustental-os á força de armas, contra qualquer, que os pretendesse invadir.*—

Sabe que, fundados neste juramento,nada temos que temer dos conluios desse Rio, porquanto não sendo a constituição, como deve ser, o que por desgraça já vai principiando, nós faremos ver ao mundo todo, que os filhos dos Vieiras, dos Dias, dos Negreiros, dos Camarões sabem desempenhar com denodo sua palavra, e observar religiosamente a santidade do seu juramento.

Sabe, portanto, que não proclamamos uma republica, porque não queremos; e não queremos, não por temor de nada, sim porque esperamos ser felizes em um imperio constitucional; porquanto, no caso opposto, succederá entre Pernambuco e o sul o mesmo que S. M. I. e Constitucionl disse a seu pai na carta de

22 de Setembro do anno passado, que succederia entre o Brazil e Portugal, isto é, que Pernambuco será escravisado, mas os Pernambucanos não.

Não supponhas, embusteiro visionario, que isto é opinião de um ou outro cidadão, ou do governo; e nem que o governo tem partido grande ou pequeno. Este é o cordial e verdadeiro sentimento de toda provincia, desde o mais illuminado cidadão praciano até o mais simples matuto. Nem em Pernambuco ha partido do governo; e governe quem governar, seja nobre ou mecanico, rico ou pobre, sabio ou ignorante, da praça ou do mato, branco ou preto, pardo ou caboclo, só ha um partido, que é o da *liberdade civil e da felicidade da patria*; tudo o que não for isto, ha de ser repulsado a ferro e a fogo.

Esta munição te despennou o costado!

Anda, bem feito!

Não val o estupido argumento de que usas, para fazer criveis hoje idéas e projectos republicanos em Pernambuco, porque existem na provincia pessoas, que obraram a favor desta forma de governo em 1817. Naquelle tempo, é verdade, quizemos uma republica, por ser a maneira que nos lembrou de nos livrarmos da escravidão, em que gemiamos; mudaram-se porem as circumstancias, e achamos um meio de sermos felizes; não ha razão para pretendermos a pratica e execução daquelle antigo plano.

Tambem S. M. I. e Constitucional, quando principe regente do Brasil, na sua proclamação aos habitantes desse Rio, que principia *Quando a causa publica*, lhes disse: *Sede constitucionaes perpetuamente; não penseis em separação, nem levemente; si isso fizerdes, não conteis com a minha pessoa, porque ella não autorisará senão acções que sejam baseficadas sobre a honra da nação em geral, e a minha em particular* — Ao depois, porque se mudaram as circumstancias das cousas, mudou S. M. de opinião e de sentimentos; aceitou a defesa perpetua do Brazil, proclamou a sua independencia, e gritou com todos os Brazileiros — *De Portugal nada, nada; não queremos nada.*

Si fosse atttendivel essa caraminhola de querermos hoje republica, porque a quizemos em 1817, muito mal estava Pedroso, teu forte e teu Achiles, e cuja defeza te é de todo interesse; porque é a tua mesma. Pedroso em 1817 foi um dos cabeças daquella revolução; Pedroso na casa do erario quiz atravessar com a espada, e matar a José Luiz de Mendonça, porque este fizera a moção de se estabelecer um reino constitucional, em lugar de uma republica, como agora é constitucional e não republicano?

Responde agora, embusteiro safado e sem vergonha; responde, si és homem!

Tu bem sabes deste facto, como agora dizes—*Si Pedroso fosse como elles* (o governo) *democratico*?

Quem te disse, insolente calumniador, que a massa da provincia aborrece a republica ou democracia, e só se pacificará, quando vir o governo obediente ao imperador?

A massa da provincia aborrece e detesta todo governo arbitrario, illiberal, despotico e tyrannico, tenha o nome que tiver, venha revestido da força que vier. A massa da provincia só se ha de pacificar, quando vir que as côrtes soberanas não estabelecem duas camaras; que não dão ao supremo chefe do poder executivo voto absoluto; e que elle não tem a iniciativa das leis no congresso; quando vir a imprensa livre; estabelecido o jurado; o imperador sem o commando da força armada; e outras instituições, que sustentem a liberdade das instituições, que sustentem a liberdade do cidadão e sua propriedade, e promovam a felicidade da patria; fóra disto, a massa da provincia, á semelhança de S. M. I. e Constitucional, gritará—*Do Rio nada, nada; não queremos nada.*

Não sabes combinar como Pedroso, vindo por emissario das cortes de Lisboa, ao depois fez prender cento sessenta e dous Europeos. Que culpa temos nós, que a tua penna venal não saiba combinar aquillo que combinou admiravelmente o teu perverso entendimento, e tuas palavras simoniacas? Não prendeu Pedroso os cento sessenta e dous homens? Prendeu. Não disse o Pedroso a muitas pessoas no mesmo dia em que embarcou, *que não queria saber do Rio de Janeiro, que em Portugal havia muita gente boa, muito homem grande, e muito boas intenções sobre o Brazil?* Disse, e ainda estão vivas as pessoas a quem elle o disse.

Demais, o interesse que pelo perdão, e de José Marianno, tomou o deputado Miranda, a falta de opposição de todo o congresso a esta moção, as negociações entre Pedroso e Luiz do Rego, como elle mesmo me disse, a rapidez da sua soltura contra o costume do congresso, a sua promptificação repentina e atropelada missão para Pernambuco, os agradecimentos deste e de seu companheiro José Marianno ás cortes, como refere o *Astro*, provarão alguma cousa?

Provam, meu grammatico empirico.

O que se segue daqui é que o bom do homem mudou de arbitrio e opinião, o que succede a cada passo a homens de outra tempera, havendo persuasões de algum velhaco, ou reluzindo algum interesse, quanto mais áquelle estonteado, que, na minha opinião, nenhuma imputação merece de quanto faz; porque é mero automato, que sempre obra a ultima cousa para que o aconselham, mormente tendo ás orelhas um passaro agoureiro, como tu.

Agora esta miuçalha levou-te as pennas do uropigio. Já estás desrabado, quero ver como agora governas os teus vôos.

Podes negar, que Pedroso andava em uma roda da mais vil canalha desta praça? Lê o *Conciliador Nacional* ns. 10 e 11. Elle fez-se irmão da irmandade do Livramento, assignando-se, dizem, *Pedro da Silva Pedroso, pardo do Recife.* No dia da festa da Estancia, indo a tarde áquella Igreja uns membros do actual governo, acharam a Pedroso em uma das palhoças, rodeado de pretos e pardos, comendo, bebendo e ouvindo cantar, com uma negra sentada no seu collo; e vendo aos provisorios, alem de apertar com elles para que to-

massem assentos, lhes disse entre outras parvoices: *Sempre estimei muito esta cor, é a minha gente.*

Na noite do dia 8 de Janeiro, quando elle mandou tocar a rebate até nos sinos, e andou pelas ruas ameaçando até um cão se encontrasse, foi que essa immunda e vil canalha, que lhe fazia a corte, e o conduzia a todos os attentados, tirando todas as bridas ao seu desavergonhamento, clamou: *Morram os caiados! Para que não apparecem elles agora, que os haviamos de fazer em postas.* Isto não será dar azas aos peralvilhos e canalha para os insultos, que soffreram os cidadãos desta praça?

No dia 22 de Janeiro, no meio de quem e de que modo fez elle a sua ovação nesta praça? Como veio elle dos Afogados para o Recife? Não sabes? Pois cá estavas, e devias saber; mas já que finges ignorar, lê o *Conciliador Nacional* n.º 11. Este periodico te deve merecer todo credito, porque não é obra de algum protheo de 1817, nem de anarchista, gervazista, patriotico, nem de algum de Cefas, ou de Apollo, é um teu parente, escriptor coevo, ocular e imparcial. Isto quer dizer deu ou não deu azas aos mulatos e negros para insultarem aos brancos? (3) Quanto mais te queres expurgar dos crimes de perturbador da paz publica, e inimigo de tua patria, mais te encravas. Com quem haviam elles desabafar os ca-

---

(3) *Senhor Redactor.*—Tendo eu feito imprimir e correr um papel intitulado *O Caçador*, consta-me por pessoas fidedignas e interessadas na boa harmonia dos cidadãos, que alguns senhores pardos e pretos receberam escandalo daquelle papel, uns pelos termos escabrosos—*mulatos e negros*—de que se usa ali, outros pela generalidade da proposição—*Deu ou não azas aos mulatos e negros*?—E como julgo andar aqui mão de intrigante, pondo, lá para seus fins, veneno onde não ha, dirijo-me a Vm. para que se digne inserir na sua primeira folha esta minha declaração.

Refutando eu as calumnias da *Arara Pernambucana*, e tendo de citar suas passagens, o meu dever era citál-as pelas mesmas palavras da *Arara*, como fiz; pelo que não é admissivel o escandalo; pois que fora desta exigencia, eu uso de outra phrase mais decente, como se vê na passagem da festa da Estancia.

O segundo escandalo não tem mais solido fundamento do que o antecedente, e procede sim da falta de reflexão; por quanto ainda que pareça aquella proposição comprehender a todos os senhores pardos e pretos; comtudo, como vem depois de se fallar duas vezes dos peralvilhos, que faziam a côrte ao Pedroso, e o conduziam a desordens, só a estes é que se deve referir a proposição, e á mais nada; pois esta é a regra da mais escrupulosa hermeneutica; por quanto o contrario era ser eu um calumniador despejado de muitos e muito honrados e distinctos cidadãos em virtudes e patriotismo, e demais offensor gratuito de não poucos, a quem devo amizade, agasalho e respeito: o que se não pode, e não deve-se crer sem motivos e provas da primeira claridade e relevancia.

Deus guarde a pessoa de Vm. como lhe deseja o seu respeitador—*Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.*

(Extrahido de um impresso.)

lumniosos aggravos, que tu imprudentemente dizes, que elles tinham dos patrioticos, senão comtigo! *Loquela tua manifestum te facit*,—morreste como peixe pela boca.

Quebrei-te uma aza.

Para que és improbo e malvado calumniador? Tu sabes qual era o espirito e os fins da sociedade patriotica; e quaes os seus membros, para estares a avançar proposições calumniosas contra pessoas que não conheces?

As pessoas que se reuniram para esta assembléa são tão cheias de uma luminosa philantropia, que se sacrificavam todos ao bem de sua patria, sentimentos estes, que tu nunca és capaz de conceber, porque é cousa que não conheces a virtude e a honra. Fallas com tanta indignidade, sem duvida resentido de não seres nella admittido. Lê o officio desta sociedade de 17 de Julho do anno passado á junta provisoria, e a resposta desta do dia seguinte, e conhecerás quanto és malvado, e que por seres a deshonra de Pernambuco, e sua infamia, assentas que todo mundo é como tu: *a um estomago damnado nenhum comer parece bem.* Achaste um meio muito apto para te fazeres immortalisar, e viveres na eterna memoria dos homens. Emquanto houver no globo terraqueo este paraizo terreal, tu viverás na nossa execração, bem como na dos Romanos os Grachos, os Melios e os Manlios.

Sevandija grammaticão, qual é a tua logica? Como tendo um entendimento tão atilado para ladroeiras e calotes de toda especie, não te corres de querer provar esses phantasmas de republica, que só existindo na tua desencabrestada cabeça, attribues á junta e á camara e a todos, que tem a fortuna de não ser Gamas, com as proclamações da mesma junta e camara? Não foi necessario, que se derramasse essa negra calumnia, de que lançaste mão para illudires a populaça voluvel e irreflectida, derrubares o governo, tomares o leme da patria, e conduzil-a afinal ao mais desastroso naufragio?

Tanto se conheceu o perigo e os fins a que te propunhas, que não foi só o governo e a camara do Recife os que proclamaram para abrir os olhos aos povos; proclamou a camara de Olinda, a de Páo d'Alho, a de Serinhaem, e o cabido e todos os cidadãos probos collaboraram para que fosses tu e teus consocios desmascarados, e se sustentasse sem perder-se a não da patria contra os teus sopros infernaes.

Esta é a dor, que te faz arrebentar.

Arrebenta, demonio incubo e succubo; vai-te para as areias gordas, deixa-nos em paz; não tens ahi nessa ilha das Cobras uma cascavel, uma Naja, uma Chersea, que te faça acabar estes tempestuosos dias? Nisto nada perde o genero humano, e muito ganha a sociedade.

Eu te chamei atilado para ladroeiras e calotes de toda especie. Não avancei cousas improvaveis: quando quizeres, eu estou prompto para te provar tudo o que aqui articulo, porém para que já de agora tu saibas, que eu te conheço, lembro-te o furto do cavallo de estribaria do teu hospedeiro de Tamandaré na jornada, que fizeste

para as Alagoas, que emprestando-te o cavallo, por ver que não podias viajar no enphtysicado grypho, em que ias,não só te ficaste com o cavallo alheio, como pondo ao teu bemfeitor de ladrão, mandaste espancar-lhe o negro; lembro-te tambem aquelle furto das pipas de aguardente nas mesmas Alagoas, pelo qual sendo demandado, foste condemnado em juizo.

Não quero aventurar proposições, e pois examinarei si tambem foste socio naquelle furtozinho da igreja dos Barbadinhos, de que foi juiz o ouvidor Barroso; eu o examinarei.

Anda, agora quebrei-te a outra aza, e já vás mudando para nova figura; só tens agora tronco e cabeça. Espera, já te furo o papo.

Quaes são, calumniador, os dous, a quem o governo chamou para assessores, dando-lhes o ordenado mensal de 200$000? Quaes são? Entendo que fallas dos dous benemeritos deputados da Bahia, Barata e Coutinho, a quem o governo chamou para assistirem a umas sessões extraordinarias sobre os attentados e despotismos de Pedroso. Como é que o governo lhes deu 200$000 mensaes, si mandou á junta da fazenda não continuasse a dar-lhes as mesadas, que lhes dava por conta da sua provincia? Não te pejas d'esta calumnia? Mas seria isto um milagre, ter vergonha e pejo um homem com a tua cara.

A natureza costuma, de ordinario, gravar no nosso corpo os signaes dos sentimentos do nosso coração; assim viram os Romanos no seu Claudio, e os Francezes no nariz aquilino, face cadaverosa, e olhos scintilantes de Bonaparte.

D'esta praça todos os cidadãos, exceptos os Gamas, e seus confrades, que não chegam a um centesimo da sua população, são anarchistas, inimigos da causa do Rio de Janeiro, como tu dizes; porém tu mesmo asseveras, que *o mais que te admira é veres n'esse mesmo Rio a pluralidade dos anarchistas de Pernambuco:* olha em que risco está essa côrte com a *pluralidade* d'elles! Mas noto que essa *pluralidade* não passa de dous, e esses clerigos; logo, aqui o mais que póde haver de anarchistas é um *sed hæc quid sunt inter tantos?* O que faz um anarchista em Pernambuco, uma praça ou provincia tão populosa?

Logo, contra quem se dirigiram os teus trabalhos, os teus suores, dos teus parentes e apaniguados?

Logo, todas estas cavallarias que obraste, e pelas quaes queres recompensas do imperador, são meras soalhas, são quixotadas e pelejas com moinhos de ventos: *mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo.*

Como te via tão senhor do novo systema politico de animaes caiados, que conheces os seus generos, especies e variedades, queria pedir-te, que me classificasses ou dissesses onde arranjas aquelle sugeito, que, emquanto empenhava por grossas sommas as joias de *Sinhazinha*, e lhe mandava as hollandas, as caças e as pedras, era um grande homem, um heróe, um Deus; e ao depois um malvado, insolente, denunciado e perseguido, quando não qniz mais cevar a

avareza do Vespucio; assim como aquelle teu condigno cunhado... Mas não, não te pergunto, porque o primeiro é cousa de sigillo, e o segundo já me lembro, que não póde entrar n'aquelle teu artefacto, porque o systema é para os caiados, e o tal é caiador por todos os quatro costados.

Atacas, indigno, cidadãos probos com as mais atrevidas e insolentes alcunhas, com epithetos de *debochados*, *immoraes*, *pedantes*, *etc.* Esta é a phrase da perdição. Mas, para que não fiques sem uma bala n'esse papo, a que nada empapa, oh abutre do Caucaso, pergunto-te quem traduziu a Arte de amar, de Ovidio, para uso da innocencia, que lhe foi entregue para ensinar-lhe o latim e bons costumes, que moral tem?

Quaes são os seus costumes?

Um impio, que, pelos seus desaforados ataques á divindade, foi accusado ao Tribunal da Fé, e penso que chegou a habitar as coxias do Santo Officio; um protheo, que, com o Mouro, é Mouro, e logo depois é Judeu, si lhe é preciso calotear um Judeu; d'ahi a pouco protestante com o protestante, calvinista com o calvinista, e afinal um utim, que, em um barbaro portuguez, dizia—comer, beber e f...., toda religião estar boa—um monstro d'esta qualidade tem religião, tem moral, tem bons costumes, tem probidade, tem moral, tem nada?

Oh, quanto te cansas e suas em te inculcares por *homem honrado!!!*

Até n'isto, pedante, mostras a tua ignorancia.

A *honra* não é outra cousa mais que o conceito, que os homens fazem das nossas virtudes; por isso, quando essas virtudes são reaes, é a *honra* verdadeira; e falsa, quando as virtudes não passam de suppostas; de modo que póde um homem ser virtuoso e justo, e não ser *honrado;* e, ao revéz, póde ser *honrado*, sem ter virtudes, nem justiça. De uma e outra cousa estão cheias as historias de exemplos. Logo, quanta não é a tua imprudencia em te chamares—*honrado!* Que conceito pensas tu que de ti faz a sociedade?

Indigna e detestavel a sociedade em que tu fôres *honrado.*

O conceito que de ti tem feito toda aquella em que tens existido, é de um *velhaco*, *irreligioso*, *immoral*, *debochado*, *sacrilego*, *perjuro*, um monstro, emfim, de quem fogem os homens *virtuosos e de bem, e amantes da justiça.*

Não te vanglories, nem queiras sustentar a tua these com o teres aqui alguns, que te seguem, e te acham bom; porque esses são teus amigos, e basta. E demais, não ha cidade alguma, como já notou Tito Livio lib. 45, na qual se não encontrem algumas vezes homens improbos, e sempre uma multidão, e populaça imperita; o que não constitue a sociedade geral, nem determina a moral, os costumes e o caracter nacional.

E si queres entender, com a populaça ignorante, por cidadão *honrado* um homem descendente de fidalgos e nobres, ainda é peior o teu projecto e imperdoavel a tua philaucia.

Essa lingua colubrina, com que tão cruel e despejadamente costumas dilacerar a honra, a virtude e a probidade bem mostra a tua origem carbonaria, bem nos faz recordar, que foi batida na forja de um espadeiro, que tiveste por avô materno, e que foi temperada nas labaredas d'aquella immunda fornalha para abrazar todo o mundo.

Esse genio sagaz, velhaco e aladroado, e que sabe praticar mais maneiras de furtar do que as que escreveu Vieira, foi a unica luctuosa testamentaria, que te ficou pela morte do imcomparavel Pedro Fernandes Gama, que não podendo subsistir do nobilissimo emprego de avaliador do juizo, enganava aos matutos nos requerimentos que lhes fazia, e atropellava as viuvas ricas d'esta praça com dividas falsas dos defuntos maridos.

E' d'estes dous illustrissimos troncos, descendentes de Raja-Abrahemo, Nazameluco, Raez Xarafo, Xeche-Hamed, Mocrim, Guazil-Cabrito, Rei de Caulau, Pacem, Jamapatão, Samory, d'aquem e d'além mar, senhores de Guiné, Marrocos, Tunis, é d'aqui, digo, que procedeu a grande fidalguia, pela qual te pertence o morgado de Porto de Gallinhas, o ducado de Tacaruna e Cabanga, o condado do Becco de Camalahú e do Marisco, e o senhorio da Amirueira. E sendo, como és, tão baixo por natureza e procedimento, de que modo, ou por que bruxaria te transformaste em cavalheiro da ordem de Christo?

Não posso comprehender este galão immenso!

Perdôe Deus a quem com esta venera te deu um salvo-conducto para caloteares aos simples e matutos, e andares por lugares d'onde te apartavam teus vicios, teus crimes, tuas indignidades.

Agora esta munição te descocurutou.

Lá vai por esses ares o vaidoso pennacho, com que adornavas a famosa cabeça. Como já estás outro! Já te vás metamorphoseando no que deves ficar.

Pernas quebradas, azas cahidas, papo furado, cabeça pellada, dorso e uropigio escalavrado, ainda arquejas? Ainda retines? Este demonio tem folego de gato. Olhem como se vai remechendo! D'aqui ha pouco está uma hydra de Lerna!

Não esperei por esta, senão teria benzido as palanquetas; mas vá mais esta minudencia, que talvez aquillo só sejam espiritos animaes de rabo de lagartixa.

Talvez te metamorphoseaste em Arara, porque como te picas de lettrado, quererás imitar o Horacio, que esperava mudar-se em cysne, e ficar immortal. Pedante, deixa estes fumos; conhece o teu lugar; lembra-te, que não passas de um grammaticão de burros. Que estudos tens tú? Qual foi a sciencia a que te applicaste? E em que fructificaste? Pois o verter latim, e isto muito mal, constitue homem de letras? Essa decantada traducção da Arte de amar, que de borracheiras não tem? Foi ahi, ou aonde que traduziste—*Inanibus oculis—com os olhos cheios de nada?* Como concebes o *nada*, para d'elle encheres esses olhos? *Olhos cheios de nada!* Que diabrura! Manda-me aquella lyra, que tú fizeste

ao rei D. João VI n'esse Rio de Janeiro, monumento eterno da tua pedantaria e ignorancia; manda-m'a, que eu a quero apresentar ao publico com a sua competente analyse.

Mas para que eu me canso com outras producções tuas, si esta *Arara* dá panno para mangas? Basta lêl-a para se conhecer o nada do seu autor na sua lingua crioula. Como já levo muita escripta, forço-me por ora ao que tú mereces; não faltará occasião em que te falle de espaço.

Vamos a findar esta escopetada.

Oh! já não boles! Já estamos livres d'esta desgraçada Arara. Acaba, monstro da ornithologia; deixa em paz tua patria, envergonhada de te haver dado o berço! Monstro de ornithologia? Sim, tú não és uma simples Arara; tú és um monstro na classe das aves; tú és um aggregado de tudo quanto ha de máo n'esses animaes.

E's uma Arara na crueldade e lingua bifida; abutre no fetido e gosto pela podridão; condor na voracidade; falcão no bico negro e aguçado; gavião na audacia; môcho nos máos agouros; pavão no orgulho; cuco na ingratidão; e para acabar de uma vez o teu retrato, debaixo da figura de Arara, és um diabo, inda é pouco, és um archi-diabo.

Deixa de ser Arara, e fica, como d'antes, rei dos ratos, nome que te impozeram desde pequeno pelas astuciosas ladroeiras infantis.

Feliz este Pernambuco, oh cavalleiro de industrias, Quixote pernambucano, feliz este Pernambuco, si visse fóra de si para todo o sempre

A virulenta Arara, suja e porca,
E outros, por quem ha muito espera a forca.

II

Não é a primeira vez que os homens dão golpes em falso, e marchando a um termo, resvalam n'outro.

Já o sabio Boileau immortalisou o abade *Cotin*, contra sua esperança: assim eu querendo riscar da memoria dos Pernambucanos o infame rei dos ratos, que nos carceres da ilha das Cobras se transformou em *Arara*, tive o inesperado desgosto de vel-o correr todo mundo nas boccas das granadeiras de 1050 caçadores pernambucanos, afora o numeroso batalhão, que do Rio de Janeiro se destacou pelas provincias do sul, mormente por Sabará.

Quem tal pensara!

Não ha mais remedio.

Vive, pois, *Arara* infernal, vive na posteridade; mas vive a par dos espurios Melios, dos Erostratos, dos Plistenes, dos Theodo-

sios; vive para fazeres sombra e contraste nos quadros dos homens de bem, dos filhos da virtude, e dos amantes da honra.

Os homens honrados da tua familia ha muito já deviam ter arrancado dos seus nomes o alcunha de *Gamas* pela infamia e excecração que lhe tens adquirido com teus crimes, teus deboches, tuas indignidades.

Por cousas menores do que teus altos feitos, vio Roma a familia de Marco Manlio arrancar de seus nomes este appellido.

Vive na posteridade, porem morre para nós. E porque tens a vida mais tenaz do que a da *escolopendra* (piolho de cobra) que atassalhado em pedaços, se reproduz em tantos animaes, quantas as secções, pois ainda retines depois de tanto estrago, vai este ultimo tiro ao coração, que te leve á morte, e ao inferno; e afim de que se não fruste este santo e saudavel proposito, vai a palanqueta bemzida pelo commissario dos santos lugares, com todas as mandingas de *Joaquim de Abreu*, e imprecações da celebre *Anhaguiará*, senhora dos demonios (Castriot. Lus. lib. 7. cap. 52.)

Antes, porém, de disparar a granadeira, alimpo a pedra dizendo-te, que em nada sinto o teres dito gratuitamente tanto mal de mim, antes e depois do combate do *Caçador*; porque ha muito sigo a maxima lembrada pelo redactor do *Correio do Rio* n. 13, *que obter elogios dos malvados é ficar marcado com o ferrete dos seus crimes.* A quem prodigalisavam seus louvores os Catilinas, se não aos Lentulos, aos Cetegos, e aos Vargonteios? O meu retrato de mortecor feito por ti é a prova mais evidente, que tem o publico, de que não sou como tu, e que sou o teu antipoda: é quanto basta para ser o maior homem do mundo.

Cumpre mais advertir ao publico, que tu dizes no teu n. 5, que não te oppões a que um escriptor publico, sendo atacado por outro em pontos de honra, se considere obrigado a desforçar-se igualmente, mas que deve o seu desabafo dirigir-se contra quem primeiro com ponta de penna dura o sangrou. Ora eis aqui uma maxima, que esclarece admiravelmente um calcanhar. O *Caçador* sahiu ao publico a 27 de Junho deste anno, e tu na tua segunda *Arara*, que sahiu logo depois de 3 de Março, entre as raizes do *germen democratico*, *que por vezes tem querido reproduzir-se, gosando indignamente do soberano indulto*, pozeste *o pedante infatuadissimo Frei Joaquim Caneca.* No teu n. 3, que sahiu logo depois, o teu correspondente—*Açoite de democratas*—o *Bandalho* (4) tinha posto entre os capatazes do anno de 1817, a quem insulta, affronta e ataca com a indignidade propria daquelle *Bandalho*, ao Frei Joaquim Caneca. Demais já me havia dito pessoa de probidade, que vira o meu nome

---

(4) Todas as vezes que usar deste termo, quero por elle significar por excellencia *Bernardo José da Gama*, porque *Bandalho* quer dizer má cousa... uma cousa bandalha, uma cousa que não pode deixar de ser bandalha, afinal Bernardo José da Gama.

em quinto lugar do Memorial dos que deviam de ser expatriados daqui, offerecido ao imperador pelo *Bandalho.*

A vista disto,estava o *Caçador* no tempo de sahir a livrar a humanidade dos teus retinidos infernaes. Igualmente, por isso que no *Correio do Rio* de 13 de Agosto n. 11 tu não te esqueces de mim, e me chega ás mãos o teu 5.° numero, em que me fazes a poda ao teu modo, julgo estar outra vez com o direito de te responder a ti, e mais a elle.

Por agora vai esta *parva quantitas* para não quebrares o jejum.

Para o *Bandalho* estou batendo um pão-de-lot, com seus confeitos de sandalo, pois como desembargador merece cousa mais fina, e eu não quero que elle me lance em rosto falta de delicadeza com um *Bandalho* de golilha.

Já estou de pé atraz, arma ao rosto, camarão engatilhado; foge que te mato, foge; la vai a palanqueta. No teu n.° 5.° atacas o governo desta provincia; indignamente calumnias a junta passada, mormente a Gervazio Pires Ferreira; insultas os dous ministros de estado lusitanos; queres intrigar-me com S. M. I. e Constitucional, invertendo contra sua sagrada pessoa os argumentos de que usei para destruir tuas calumnias; te esforças por interessar as provincias do imperio na tua prisão, como si fosses o Washington, o Franklin do Brasil; e finalmente derramas sobre a minha pessoa todo o fel da tua lingua viperina,com as affrontas e indignidades proprias do teu caracter, natureza e corrupção; e pretendes evadir-te á infamia da tua baixeza, querendo-te fazer filho do sol de S. Bento, e neto da lua de Muribeca.

Quem lê aquelle hediondo papel, logo diz isto é producção de um scelerado infame, de um Gama, de um *cachorro*, (5) que por desesperado a tudo se abalança da bem merecida masmorra, que ha muito o esperava, e está como o Amphytrião de Camões, que dizia :

Oh ira para não crer,
Em que minha alma se abraza,
Que me faz endoudecer,
E não me ajuda a romper
As paredes desta casa !

E fica persuadido, que esses mais de vinte *documentos famosos*

(5) Eu te chamo *cachorro* pela decencia publica, porque ca no meu coração fico te chamando outra cousa, que principia por C . . . . que tu bem sabes, e eu não quero dizer.

e admiraveis (pelas tarjas) não te relevam dos crimes de *qualidade e de alta traição.*

Quem te mandou te transformares em *Arara* estouvada para cahires na esparrella?

Porque te não contentaste com a sorte de *rei dos ratos?*

Não eras rei? Não ias roendo tuas saccas de lã, teu cavallinho, quando podias, e o mais com que Deus te ia ajudando?

Agora *chorar na cadeia, que é lugar quente;* e vamos ao que mais importa.

Por mais que dês ao mofino chinó, por mais tratos que dês ao diabolico miolo, não poderás jamais dizer com o Vanadoro de Camões (Filodem.):

Que eu em sangue e em nobreza
O claro céo me extremou;
E a fortuna me dotou
De grandes bens e riqueza,
Que sempre a muitos negou.

E a evasiva do riquissimo, nobilissimo, afamadissimo—*ferros velhos*—do Porto é ideal e ridicula: eu tenho em meu poder a tua arvore genealogica.

Em segundo lugar, em que cabeça poderá entrar, que tivesses no Porto essas riquissimas, nobilissimas senhoras, tuas primas, *mui coradas e mui alvas, amigas daquellas cousas que tem as cabeças calvas*, e não desses lá um saltinho, para lhes roeres tudo que ellas tivessem; quando de Lisboa roeste a irmandade do Sacramento daqui quatro contos de reis, e depois que de la vieste, andaste ás bicadas com o Cangulo por uns papeis velhos, de que esperavas roer o resto, que deixaram as traças, e moveste a teu irmão um vergonhosissimo libello, em que ambos sahiram de ladrões?

Em que cabeça poderá entrar este absurdo?

E' mais facil que o sol esfrie, que a neve abraze, do que tu não roeres tudo quanto roer-se possa; tu és capaz de roer dahi mesmo o que está no concavo da lua.

Pois a pureza de teu sangue! Tem seu peso!!! Que entendes, cachorro, por *sangue puro?* E's o primeiro philosopho que deu com esta melgueira. Oh que favo de mel na bocca do leão! Na especie humana se reconhecem cinco variedades, á saber a *caucasiana*, que comprehende os Europeus, á excepção dos *Laponios* e *Finnoes*, e se extende na Asia até o rio Obi, e na parte septentrional da Africa; a *mongolia*, que na Europa são os *Finnoes* e *Laponios*, e na America os *Esquimáos e Groelandios;* a *americana*, que occupa toda America, á excepção dos *Groelandios* e *Esquimáos*; a *negra* toda Africa, excepto a parte septentrional; e a *malaia* as

ilhas do mar do sul, as Mariannas, Filippinas, Molucas, o Sonda e Malaca.

A primeira tem a pelle *branca*; a segunda *amarelada;* a terceira cor de *cobre*; a quarta *negra*; a ultima *morena*: e estas mesmas cores se vão alterando tão suavemente, que se passa de uma para as outras insensivelmente.

Esta é a primeira differença das variedades; a segunda é deduzida do angulo facial, dos traços do rosto e figura da cabeça.

Pergunta-se, qual destas differenças é mais perfeita?

Qual dellas é mais pura?

O mais que se pode dizer é que a *caucasiana*, por causa de aproximar-se mais ao recto o seu angulo facial, se chega mais ao bello ideal, e ao gosto dos Europeus; mas isto é gosto, é capricho, e capricho dos Europeus, e não realidade.

O mais a que tem chegado os esforços da philosophia e observação é conhecer, que não só na especie humana, mas tambem nos outros animaes, á proporção que o angulo facial se chega ao recto, se augmenta o entendimento do animal.

Os philosophos, medicos, naturalistas, anatomistas, todos assentam em que os homens não fazem mais do que uma especie; e resumindo tudo que se tem dito a este respeito, as causas das immensas variedades, que se notam em todos os povos da terra, procedem do *clima*, da *nutrição* e dos *costumes*; e acrescenta M. Bomar no *Dicc. Hom.*, que se pode olhar o clima local ou respectivo, pela differença de temperatura, como a causa primaria, e quasi unica da cor dos homens. Adianta mais o sabio abbade Nanton, que as variedades da cor se notam nos licores essenciaes do corpo humano, e sobre tudo na membrana reticular; que estas differentes gradações dependem immediatamente de um principio oleoso, o qual colora mais ou menos estes licores, e a membrana reticular, segundo o diverso gráo do calor local.

Os factos confirmam estas opiniões, e não havendo um só que procure o principio desta differença no sangue, por que não devem, conclue M. Bomar no tom. 9 a fl. 222, que a brancura e negrura não passam de uma variedade accidental nos climas quentes, que se confirma e se destroe por uma serie de gerações nos climas extranhos.

Como pois, cachorro, te queres tu differençar dos que não tem a pelle caiada, como a tua, por teres um sangue mais puro do que elles? Tu és tão miseravel em conhecimentos, que eu por estar certo de que é clamar em deserto o fallar-te em cousas,que não forem do 7. do Decalogo, não entro em detalhes sobre isto; basta que outros me entendam.

Eu disse que não deviam procurar o principio das differenças no *sangue*, porque, com licença dos philosophos, o sangue é um fluido encarnado composto de tres substancias, o *soro branco*, o *soro vermelho*, ou a parte colorante, e a materia *fibrosa*, ou o principio *mucoso*, segundo M. de Hain.

Estas partes são geraes no sangue das variedades da especie

humana, e não se pode jamais dizer, si a variedade *caucasiana* tenha mais *soro* ou menos *colorante*, ou igual *fibrina* á da *malaia*, *negra* ou *mongolia*, e *americana*.

A propriedade de se condensar a parte *sorosa*; a que tem a *mucosa* de se separar, quando o sangue não é mais agitado, e de ficar fluida ao ar atmospherico; a *inflammabilidade* do sangue, quando se tem evaporado a fleugma, a de dar o pyrophoro, não são privativa e exclusivamente de uma ou outra variedade, sim proprias de toda especie: nem podia ser de outro modo.

Em que consiste, pois, a differença do teu sangue ao do negro?

Só si o teu tem mais alguma dose de oxydo de ferro, ou melhor de cascalho do riquissimo—*ferros velhos*—do Porto.

Si a pureza do teu sangue consiste em não ser vermelho, como o dos outros homens, sim em ter a côr branca, sejas *puro* embora; ninguem te inveja a extravagancia: ficarás classificado entre os vermes e insectos.

E si, para não correres parelhas com outro algum no *puro sangue*, não queres proceder d'onde os demais procedem, vai aggregar-te aos Indios do Maduré, cujo rei se jacta de descender em linha recta dos *asnos*, a quem reverenciam com o maior acatamento religioso, persuadidos que as almas de toda sua nobreza se passam para os *asnos*; e penso não estar muito fora de villa e termo este pensamento pela semelhança, que acho entre os teus costumes e temperamento, e o dos *asnos*. O zurro desagradavel, a indocilidade, a rebeldia, a teima excessiva, a insensibilidade aos açoites, a ardencia extremosa de Venus, que faz morrer a muitos logo depois do coito, tudo se acha em ti em um gráo não pequeno.

Então, meu Ze-Fernandes, estás contente? Já não és *nobre* e *fidalgo* no reino do Maduré, e para que ainda retines? Só te resta uma classe em que possas figurar acima de tudo, que é grande no mundo, que vem a ser o haveres nascido de alguma daquellas eguas, de que falla Virgilio na *Georgica* liv. 3. v., e diz Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal* cap. 29, que haviam perto de Lisboa, as quaes como vinha o verão, e ventavam os ventos favonios, que são os zephyros, pondo-se com os rostos fronteiros, concebiam delles sem ajuntamento de macho, e pariam cavallos tão ligeiros, como os mesmos ventos; o que é muito analogo á ventosa branquidade com que impas, e a rapidez com que roes na honra, na probidade, na virtude e na fazenda de teus semelhantes.

Infere-se do exposto, que é estupida a tua basofia de branco, e que pelo lado do sangue não és mais *puro* que o Samoyeda, o Chinez, o Kalmoulk, o Housouana, o Noolk; que o negro de Guiné; que o da Nova Zelandia.

Pelo lado do comportamento, além do que já disse no meu primeiro combate, ahi te apresento esse espelho, em que te vejas. E' a informação que te deu o bispo D. José Joaquim, quando quizeste ir a Lisboa.

Será tambem o bispo *vadio*, *mulato*, *debochado*, *patife*, *democratico*, *revolucionario* ?

Por esta face ta serias um homem benemerito, muito honrado, um fidalgarrão da primeira plana na Georgia, *onde as pessoas de qualidade exercitam o emprego de carrasco, e onde bem longe de se reputar infamia, como no mais restante do mundo, antes é um titulo muito glorioso para as familias a impudicicia de suas filhas.* Bomar, *Dicc.* tom. 7. fl. 106.

Que inculca despejada a da tua boa educação!

Qual será o homem desta praça, que se lembrando da tua infancia, te não reconheça um *Cherubim* ?

Quem se lembrando da tua vida na aula do Machado, te não possa dizer, a maneira de Salustio a Cicero, á face do senado romano: " Por ventura são incognitos os teus factos e os teus ditos ? Desde a tua puericia não viveste de maneira, que não julgaste cousa alguma injuriosa ao teu corpo, uma vez que désse no gosto a outro ? Essa grammatica parda, que aprendeste na escola do Machado, não foi com perda da tua pudicicia ? E' para admirar que a vendas com tanta maldade, quando a adquiriste com tanta torpeza ? Não tens sempre vivido um Priapomanes, mais intemperante do que Apricio, mais interesseiro do que um Nero, um Heliogabalo, que tiravam lucro do serralho ? Mette a mão na consciencia, e vê se te fallo verdade. Si fores tão insolente que o negues, tens contra ti o testemunho de todo Pernambuco, de todas as Alagoas, e de todos os lugares, em que tens vivido. "

Calumniador, Gervazio creou alguma cadeira de geometria, e m'a deu em premio de algumas pregações ?

Não te pejas de uma calumnia desta natureza, e á face deste Pernambuco ?

Esta cadeira foi creada pela rainha D. Maria I no anno de 1796, e dada ao meu sapientissimo mestre o Dr. Antonio Francisco Bastos; e pela passagem deste para a de phoronomia, foi dada ao Dr. Joaquim Ignacio de Lima, depois deste a José Maria de Vasconcellos; e porque nenhum destes veio para o despacho, foi dada ao Azedo, que tambem não deu lições; e vagando pelo crime, e ausencia deste, fui eu nella provido. Como então creou Gervazio a cadeira de geometria ? Fizeram-me algum favor em proverem-me nella ?

Em Fevereiro de 1817 pedindo eu ao general Caetano Pinto de Miranda Montenegro a substituição desta cadeira, elle me respondeu, que se estava completando um anno depois do recebimento do aviso regio do provimento de José Maria de Vasconcellos, e que esperasse eu mais um mez até dous, que si não apparecesse o Vasconcellos, me daria a propriedade. O general tinha algum conhecimento de mim; elle ahi está, vê modos de saber delle a verdade deste facto.

Era eu algum homem novo, desconhecido nesta praça ?

Não teria sufficiencia para geometria elementar ?

Cinco annos em que li nesta praça rhetorica e poetica, philoso-

phia racional e moral, e geometria a todo mundo que se quiz aproveitar de minhas fracas idéas, gratuitamente, como podem, alem de outros, dizerem os reverendissimos P. P. M. M. do Seminario João Rodrigues de Araujo, e Manoel do Monte, que ouviram muitas lições de geometria, não eram motivos mais que bastantes para se me dar uma cadeira?

Demais, eu estava provido na cadeira de geometria da provincia das Alagoas, quando vindo aqui buscar o meu fato, fui pedido ao governo para me não deixarem sahir daqui, e me occupar nesta mesma cadeira. Tanto favor recebi do governo, que, antes escandalisado por saber que me queriam pôr no Seminario, e aqui o meu mestre Frei Miguel Joaquim Pegado, sem este querer semelhante cousa, deixei ficar na secretaria o despacho para a provisão, por muitos dias, e tratava de retirar-me, quando a instancia dos meus amigos tirei a provisão.

Como então ousas com tanto desavergonhamento calumniar a Gervazio, e a mim!

Confessas, indigno, que me não conheces; porem que te dizem ser eu filho de dous *pardos comedidos*. Sem duvida foi o que resultou das inquirições *de genere*, que me andou tirando o teu digno irmão Pedro Americo da Gama. Si eu podesse apresentar as tuas e as delle, sem tocar em certas pessoas, muito teria o publico, que admirar, e de que se rir.

Que lagartões! Que malhados de Jacob! Que enxertos de variedades! Que hybridas mulinas! Splanzain e Koelreuter não fizeram tantas combinações nos animaes e nos vegetaes. Basta dizer-se que a arvore de tua genealogia não é arvore de tronco e ramos vegetaes; é arvore do zoophyto *antipathes ilex*—de Lynneo.

Os naturalistas bem me entendem.

Mas vamos á resposta categorica.

Eu sou filho de *Domingos da Silva Rabello e Francisca Alexandrina de Siqueira*. Meu pai é bem conhecido n'esta praça. Todos sabem, que elle é dos ruivos de Fóra de Portas, familia que, n'isto á que chamas pureza de sangue, é tal que tú, ainda passando por duas destilações, não pódes jámais emparelhar; pelo que já vês que não sou Gama, sou *ruivo*. Minha mãi é filha de Pedro José de Siqueira e de Clara Alves de Torres.

Pedro José de Siqueira, por signal, irmão de Francisco José de Siqueira, o cego ruivo do pateo da Penha, era natural de Lisbôa, filho de Francisca Alexaudrina, conhecida na sua visinhança no Bairro Alto pela *ruibaca*, em consequencia de ser extremamente ruiva. Logo, não sou Gama, sou *ruivo*.

Minha avó, Clara Alves de Torres, era filha de Antonio Alves da Costa Dantas e Maria Pereira da Assumpção. Antonio Alves da Costa Dantas, por signal tio do padre José Dantas, e Fr. Antonio da Natividade Dantas, carmelita turonense, bem conhecido n'esta praça, era natural de Elvas, no Alemtejo. Pelo que já vê todo o mundo, que eu não sou Gama, sou Dantas.

Maria Pereira da Assumpção era filha de João Baptista Pereira

e Maria*** João Baptista Pereira era natural do Porto, d'onde vindo ao Brasil procurar fortuna, na fórma do louvavel costume de nossos *claros avós, que aqui chegaram em jaleco e ceroulas*, se casou nos sertões do norte com essa Maria***, e se achava morador em Olinda, contando a filha já dezeseis annos, quando em 1710 os mascates d'este Recife se romperam com a nobreza de Olinda, e nos causaram as desgraças que se sabem.

Não posso subir mais acima com esta exposição, porquanto as perturbações, guerras e massacres d'aquelles tempos infelizes, destruiram os monumentos de outras cousas de consequencia, quanto mais as noticias de uma familia, que, não descendendo dos Machucas, dos Queixadas, dos Caiporas, não tinha o seu pedaço de couro de anta com os nomes escriptos de seus maiores, Piratibás, Pagés, Carnipecabás. Mas é ponto de fé pia, que essa Maria das Estrellas havia de ser alguma Tapuia, Potiguarí, Tupinambá, senhora de muito *mingáo, tipoias, aipi e macacheira ;* e tambem si foi alguma rainha *Ginga*, nenhum mal me faz; já está á porta o tempo de muito nos honrarmos do sangue africano.

Advirto mais a ti, e á tua bipede e commitante caterva, que Antonio da Costa Dantas, quando se casou com minha bisavó Maria Pereira da Assumpção, já das primeiras nupcias trazia dous filhos, Manoel do Nascimento e Luiz de Souza; dos quaes o ultimo se casou com uma negra de nome Feliciana, da qual teve muitos filhos, que tão briosos foram que se casaram com brancos, dos quaes ainda existem por aqui alguns descendentes, e talvez....

Com esta historia diante dos olhos, póde o pantalão do cavalleiro cossaco, teu dignissimo irmão, não incommodar a tanta gente, como incommodou pelas minhas inquirições.

As provanças d'esta genealogia não são *documentos famosos* e *admiraveis*, como os appensos á tua devassa, nem como as tuas inquirições para ordens menores, que nada provam, porque todos sabem que tens o caracter da gente da India, que provam a seu favor tudo quanto querem, apezar do mais publico demerito, e tambem contra os outros, quando lhes parece, não obstante a mais patente virtude; como a D. João III, rei de Portugal, dizia Lopo Vaz, que a gente da India era tão má, que disseram do grande Affonso de Albuquerque, que era p...., e o provaram, sendo elle varão tão honesto, que não diria criado algum seu, que lhe viu a ponta do pé. *Asia* de Conto, Decad. 4, liv 6, cap. VII.

D'aqui já vês, *Arara* do inferno, o negrume da tua calumnia, com que tu pretendes atacar-me. Eu não precisava de dispensa alguma para professar em minha corporação. Antes lá está em aberto o protesto, que ella faz a todos de os lançar fóra, logo que se provar que elles teem casta de Mouro, mulato, Judeu, ou outra infecta nação. Ouviste cantar o gallo sem saber aonde. Tive uma dispensa apostolica, dada pelo nuncio de Portugal, o cardeal Pacca; mas foi dispensa de idade para me ordenar aos vinte e dous annos, como succedeu, o qual breve deve de estar no archivo da minha provincia, ou livro dos breves.

Já vês tambem, que me não compete a qualidade de *cabra*, por que só a teria, si acaso estivesse condecorado com o distinctivo generico d'esta pecora—*cornua concava*, *sursum versa*—, de que tanto te adornas, como diz muita gente: valha a verdade.

Depois d'este exposto, poderás deixar de ser um insolente, um desavergonhado, um patife, um cachorro?

Dizes que ataco homens honrados e familias. Que calumnia! Pois é insultar homens honrados repetir o que dizem de publico, e o que corre impresso de dous malvados, que só têm empregado os seus dias em calotear os outros, em intrigar, infamar, perder, e levantar-se a lugares e a conveniencias ás expensas dos interesses, felicidade e honra de sua patria?

Em que parte do mundo são honrados uns que taes?

Infame povo, em que tu fosses honrado!

Não corre impresso n'esse Rio de Janeiro o manifesto de Manoel de Freitas Pacheco? Não está no livro da porta d'este governo a informação que vai abaixo copiada?

Não consta do *Maribondo* n. 4, que na matriz da Boa-Vista se fez uma parede para que não sahisse eleitor Gama nenhum? Não consta do *Conciliador* n. 6, que para proceder a junta eleitoral da freguezia de Santo Amaro de Jaboatão se foi buscar contra as instrucções um vereador de Olinda, só afim de não presidir um Gama, *que não era mais nem menos que Pedro Americo da Gama?* Não corre impressa, antes do *Caçador*, a *Resposta* ás calumnias e falsidades da *Arara Pernambucana*, onde se apresentam ao mundo inteiro teus crimes, tuas sedições contra as autoridades, governos, e tua patria? Não retumbou o senado d'este Recife do grito—*Fóra Gamas, fóra Gamas, não queremos Gamas?* Não correm impressas as *Reflexões de um Pernambucano, que não soffre desaforos*, relativas ao teu sobrinho B. J. G?

E homens d'este calibre são honrados?

Ataca-se a honra de alguem, quando, estando n'este o odio publico, se falla de seus maleficios publicos?

Acaso tu e os teus cantaram já a palinodia, se envergonháram do que hão obrado contra os homens, contra a sua patria, para lhes perdoarmos o passado?

Não estás, da escuridão d'esse carcere, calumniando, infamando e desacreditando as pessoas mais respeitaveis nas tuas *Araras?*

Não está fazendo o mesmo o teu sobrinho *Bandalho*, na sua *Memoria* sobre a união de Pernambuco com o Rio; na apocrypha *Representação* ao governo d'esta provincia, que attribues a Jacintho Severiano Moreira da Cunha, e n'outros escriptos?

Quem jámais poderá soffrer, de sangue frio, que esteja a sua patria dando seis mil cruzados a um *Bandalho*, para este estar a arruinal-a e perdel-a?

Não andará agora um dos teus procurando assignaturas para um papel, que infama esta provincia em toda a parte do mundo; papel que fingindo um grande zelo pelo bem do Brasil, só se encaminhava a prender o deputado Barata, e depois d'este ao inten-

dente de marinha, para se dar este lugar a um dos teus parentes? Outro, o Scipião em Numancia por dar mais peso a esta perfidia, não procurou reimprimir uns numeros da *Idade de Ouro*, que desacreditavam ao dito deputado Barata? Não entraram n'este projecto alguns dos teus parentes, e não estavam planejados exterminios, prisões e desgraças para os teus patricios?

Ah, malvado! e ousas dizer, que se atacam homens honrados!

Os Catilinas, os Lentulos, os Vargunteios são honrados?

A tua obrigação era contestares o que todos dizem de ti, e não augmentares os teus crimes, e a execração publica com novas calumnias.

Tu não és uma *Arara*, tu és uma *Celeno*, a principal das harpias, a quem o Mantuano chama—*Furiarum maxima*—, uma Celeno, que nas Estrofades só fallou para desgraça dos Troianos.

Ora leva, *Arara* infernal, esta palanqueta no coração, e acaba de uma vez para socego da virtude, da probidade e da honra. Tu não és feito para viveres entre homens, tu foste gerado para os infernos; vai ser conselheiro de Plutão, ou vai tocar os foles de Vulcano; tal lá te encontres com o nobilissimo e riquissimo—*ferros velhos*—, e então herdarás as suas immensas riquezas de cascalho, carvão e ferragem.

Tu me fazes dar credito á doutrina dos demonios incubos e succubos. Tu não és filho de Pedro Fernandes Gama, tu és filho de algum diabo incubo, mas não qualquer diabo, sim do diabo mais feio, mais rabudo, mais abodejado, mais levado de todos os diabos, do leviathan de Isaias.

Tu me ameaças com páo, ferro e chumbo, e te esqueces do heroico denodo em 1817? Pois por este denodo eu não temo os teus caipiras d'aqui; bem os conheço e já os trago de olho; e muito menos a ti, pois ainda me lembro do mal que sahiste da Gaticanea com o Cangulo na ponte do Recife; e da tragedia que representaste ahi n'esse Rio com os caixeiros de Francisco Xavier Pires, na qual, apezar de seres o protogonista, condecorado com o habito de Xispo, o teu nobre chinó, não podendo resistir á tempestade dos murros, supapos e vaivens, quebrando as amarras, foi á garra.

Acaba de uma vez, ave do Cocyto, deixa-nos em paz. Tu não és homem, não: és infernal; és peior que o diabo; emfim, tu és José Fernandes Gama, o pai do mal.

Exm. e Rvm. Senhor director geral.—Diz José Fernandes Gama, professor regio da Boa-Vista, que elle necessita de ir á côrte a seu requerimento perante S. Magestade, e porque o não póde fazer sem licença de V. Exc. por um anno e meio, attentas as moncões do comboio, e sem deixar um substituto na sua cadeira, pago á custa do supplicante, e por V. Exc. approvado.—N'estes termos—P. a V. Exc. Rvm. se digne conceder ao supplicante a licença que pede, com a faculdade de deixar substituto para fazer as suas vezes. —E. R. M.

Como o supplicante pretende ir para Lisboa, é necessario que leve tambem as provas do seu serviço.

Tem sido todo o empenho do supplicante e dos seus socios, que com tudo não passam de quatro ou cinco, viver onde quizer, como quizer, e como lhe parecer sem superior, nem fiscal, que vigie sobre as suas obrigações, e sobre a sua moral. Estando por substituto da cadeira de grammatica da villa das Alagoas, tendo noticia de que o Exm. bispo nosso antecessor mandava tomar conhecimento da sua irreligião e immoralidade, fugiu para Lisboa, onde conseguiu enganar a mesa de consciencia, então directoria dos estudos, para lhe dar a substituição de uma segunda cadeira de grammatica para Olinda, não obstante não haver nella necessidade, como é notorio. Isto mesmo nos confessou o supplicante, que com todo o empenho nos requereu a passagem para a cadeira do lugar da Boa-Vista, que então se achava vaga, temendo que a dita cadeira de Olinda se extinguisse, ou por não ser necessaria naquella cidade, ou por não ter o supplicante provisão regia confirmada por sua magestade; mas logo que de nós conseguiu nova provisão para o dito lugar da Boa-Vista (a qual somos obrigado a confessar, que foi um tributo, que pagamos á novatice, pois que ainda não tinhamos todo o conhecimento do supplicante, mais do que aquelle que constava dos affectados papeis que nos apresentou) passou a mancumonar-se com alguns dos substitutos de Olinda e do Recife, para fazerem, como fizeram, varios requerimentos contra nós, e sem nome, uns pela junta da fazenda desta villa, outros directamente á nós, para ver si nos aterravamos com o supposto nome de corporação de todos os professores regios desta capitania, e por mais que lhes mandamos que assignassem as suas petições para sabermos a quem, e como deveriamos deferir, não foi possivel; até que pelas averiguações á que fizemos proceder, e que a seu tempo poremos na presença de S. Magestade, viemos a descobrir, pelo que pertence ao supplicante, que logo que viu, que pelo nosso edital de 26 de Fevereiro deste anno ficava sugeito, assim como todos os mestres, a ser fiscalisada a sua moral pelo seu respectivo parocho, na forma das leis regias, sobre as escolas menores, e principalmente pela de 6 de Novembro de 1772, não houve pedra que o supplicante e seus socios não movessem para mandarmos riscar do nosso edital a dita clausula; e vendo que nada conseguiam, passaram a fazer odiosa a nossa directoria, e como prejudicial e pesado ao bem publico o estabelecimento do nosso Seminario, e a nova reforma dos estudos como desnecessaria, ainda quando elles se acham na maior relaxação, como é notorio, e o faremos ver a S. Magestade. Esta relaxação não tem sido tanto pela innata propensão, que o homem tem para o descanso, quanto pela fama que o supplicante e seus socios tinham feito espalhar de que os professores nesta capitania são impunes, ou que ao menos não podem ser castigados, nem ainda mesmo pelos seus delictos sem uma ordem expressa de S. Magestade; e o supplicante pela sua má conducta temendo ver-se muitas vezes nas circumstancias de réo, teve logo o cuidado de tirar em seu nome, quando es-

teve em Lisboa, uma certidão da mesa da commissão no anno de 1792 de um facto acontecido no tempo, em que era director geral o Exm. principal Almeida em 1764, pelo excesso de um ministro contra um professor regio, cuja certidão o supplicante deu ao seu socio, que se diz professor de rhetorica, para com ella nos impor em um requerimento, que nos fez. Finalmente, apezar de todas as cabalas do supplicante. e de seus socios, pelas ditas averiguações á que nos vimos obrigados a proceder para descobrirmos os mascarados anonymos, que por toda parte nos insultavam, fazendo-nos parecer injustos, e em consequencia desacreditar-nos no meio dos nossos diocesanos, viemos tambem a descobrir que o supplicante não contente de ter escandalisado esta terra com as perversidades dos seus costumes, praticados na dita villa das Alagoas, onde primeiramente tinha sido substituto, e na cidade de Olinda, d'onde sahiu ultimamente, passou a traduzir em portuguez para instrucção da mocidade a infame obra, que ainda mesmo entre a gentilidade, que tributava cultos á sensualidade, causou tanto horror que apezar dos grandes creditos de que na côrte dos Cesares gosava o poeta seu autor, foi este degradado para os lugares mais remotos do imperio romano. Esta descoberta nos encheu de indignação, mas quando ao tempo em que iamos a dar remedio ao contagio, o supplicante nos pede licença para ir para Lisboa. Desde já o havemos por excluido da substituição da cadeira de grammatica do bairro da Boa-Vista, de que se acha encarregado, e este mesmo nosso despacho lhe poderá servir de guia para requerer os passaportes competentes, ficando advertido de que em quanto não for para fora desta capitania, se deverá comportar como bom cidadão; porque do contrario será castigado com as penas que merecem os seus delictos. Palacio do Recife, 27 de Maio de 1799.—*Bispo.*

CARTAS DE PITIA Á DAMÃO

I

ANALYSE DOS CINCO PRIMEIROS NUMEROS DO DIARIO DO GOVERNO, REDIGIDOS PELO PADRE QUINTELLA

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

Tacit. 1. Histor.

Meu caro Damão.—As circumstancias em que te vejo, ignorando inteiramente quanta cousa vai pelo labyrintho deste Recife, ainda mais intrincado do que o de Creta, onde os minotauros,que cada dia resurgem, pretendem devorar os mais acautelados e prudentes Thesêos, me incitam a remetter-te a carta junta de um certo sucurujuba a um dos redactores de periodicos desta praça, na qual analysando os cinco primeiros numeros do *Diario do Governo*, redigidos pelo Padre Quintella, que bem conheces, lhe põe o bucho ao sol. Não fico pela justiça da analyse em toda sua extensão, bem que em uma grande ou na maior parte della elle está de accordo comigo ; e como tu não abraças o *gato por lebre*, para julgares da razão ou sem razão da censura, acompanham a esta os ditos cinco numeros analysados. Estimarei em muito que me respondas com franqueza, pois assas me praz ouvir teus discursos.

Eis aqui pois a carta.

" Senhor Redactor.—Constando-me, que nesse Recife havia sahido um periodico *Diario do Governo*, pedi ao meu procurador me remettesse os numeros já publicados ; e quando esperava um papel serio, que com circumspecção me referisse as operações e trabalhos da junta provisoria a beneficio e melhor arranjo dos povos entregues á sua custodia e regimen, passei pela semsaboria de perder o tempo com a sua leitura ; adquiri um enojo, que me tem tirado a appetencia á comida ; e até conceituei desvantajosamente dessa junta provisoria. E para desonerar-me deste fardo, que tanto me opprimia, tomei o arbitrio de lhe escrever ; pois não havendo neste deserto com quem desabafar, só por este meio mudaria do meu estado incommodo.

Com effeito, não se póde conceber como a junta provisoria se

lembrasse do Padre Quintella para entregar-lhe uma tarefa, que a podia comprometter, e desacreditar a provincia.

Sempre se entendeu o redactor de um governo pelo orgão dos seus sentimentos, e expositor das suas opiniões; logo que conceito farão as outras provincias do Brazil, a côrte do Rio de Janeiro, Portugal, todo o mundo, da junta provisoria de Pernambuco, quando virem correr debaixo do seu consentimento os taes *Diarios*, que por ventura continuarão?

Bem empregado lhes seja para saberem conhecer as pessoas e se aproveitarem da experiencia alheia. Não deviam ignorar o que se disse do *Relator Verdadeiro*, que redigiu os trabalhos dos provisorios passados; e que este mesmo Quintella já deu a costa com o seu *Maribondo*; e lá diz o proloquio portuguez—Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.—Vamos porém ao que importa.

Lendo-se o 1.° numero do *Diario*, o que se antolha é um escriptor com uma corcunda maior do que a de Atlas, que sobre as espaduas sustenta a machina do mundo. Elle desapprova a supposta nullidade, a que ficou reduzido El-rei D. João VI de Portugal; desapprova a conta exacta, que de sua conducta devem dar aos povos os governos provinciaes, e o querer cada cidadão ser um pequeno rei; e ainda que em alguma destas cousas elle tenha a sua tal qual razão,com tudo tem logo a desgraça de sustentar uma these boa por argumentos mentirosos; porque o caso do soldado perdoado pelo rei é falso, e tal cousa não se passou como elle quer imbutir. O general Sepulveda sabendo que os corcundas queriam lançar mão daquelle facto, para armar a intriga entre o rei, o congresso e a tropa, foi de proposito fallar a El-rei; e procurando occasião, lhe contou o succedido com o soldado para prevenil-o, e El-rei nada disse a este respeito, e o soldado soffreu a pena justa do seu attentado.

Ao depois diz: " Nunca em tempo algum Portugal vio o despotismo em seu pincaro,como no tempo da sua republica constitucional; porque a constituição causou muitos descontentes, entre os quaes ha muitos daquelles que com o seu cabedal sustentaram o exercito libertador da patria, captiva de Napoleão. "

Então queria uma mudança na nação, digamos assim, de dentro para fora, como fazem ás sibas ou polvos os pescadores, e não queria descontentes?

A isto já respondeu sufficientemente o abbade de Medrões no seu *Cidadão Lusitano Constitucional*; por isso vamos a outra cousa, que é quando se doe tanto, e se horrorisa do despotismo da republica constitucional de Portugal, nos apresenta no seu 2.° numero o projecto de constituição politica para o Brazil, extrahido do *Correio Brasiliense* de Setembro do anno passado, no qual projecto se vê o fundamento, e a base do maior despotismo, jamais pensado; porque o simples arbitrio do rei, quer racional, quer não, faz inutilisar os trabalhos e os suores dos representantes das nações, na proposição, discussão e approvação das leis, e estes mesmos trabalhos e suores de todo o conselho de estado. E este é o mesmo senti-

mento, e opinião do redactor do *Diario*, porque não fazendo sobre este projecto a menor reflexão, o approva com o seu silencio, mórmente quando vemos que elle ainda não ajuntou á sua folha cousa alguma de outra, que não seja para fortalecer ou autorisar a sua opinião; e tanto é isto assim, que no seu 3.° numero a razão que dá de não conceder ao imperador o veto absoluto, *si estivesse em seu poder, não era por temer que isto concorresse para a escravidão do Brazil;* do que trataremos adiante. N'outra qualquer logica, que não seja a particular do bom redactor, isto é uma contradicção palmar e escandalosissima; porém o Padre Quintella é moralista; e, posto que em um calcanhar, casa estas cousas admiravelmente.

Diz n'este mesmo numero, que *em Pernambuco se forjavam noticias do Rio de Janeiro ainda peiores do que as de Portugal, pelo affinco com que os inimigos da causa pretendem bandear os povos*, e que *andam cartas anonymas, em que o fel da calumnia ennegrece as intenções do nosso defensor, e indispõe os animos mais pacatos.* E' verdade que d'aquella côrte vieram cartas para esta praça, que pintaram os negocios politicos com tintas de morte côr; e essas são as noticias do Rio, que corriam por aqui; mas por isso mesmo não eram forjadas aqui taes noticias, e dizer-se o contrario é a calumnia mais negra que se póde conceber; e demais, é fazer a praça e provincia odiosa ao imperador, como elle redactor continua no seu numero 5, narrando estupidamente o aleive, que, diz elle, levantaram ao imperador de haver dado uma bofetada no Padre Francisco Ferreira Barreto.

Sem duvida, o redactor tem o fito em algum cruzeiro pelo zelo com que defende o augusto nome de S. M. I. e C.; porque não se póde dizer jámais que seja o amor da verdade, que o faz fallar contra os seus concidadãos, em materia tão grave por ser dirigida a pessoa tão sagrada; porque tal verdade nunca existiu, a saber, que as noticias más do Rio de Janeiro fossem forjadas aqui; e nem essa indiscreta graçola da bofetada se ouviu, senão da bocca de algum rapaz chocarreiro para mortificar os estupidos admiradores e destemperados panegyristas do tal joia Francisco Ferreira Barreto, que esperava, em chegando á côrte, ter gasalhado no paço imperial, por um soneto que fizera á magestade do imperador, por signal que como seus narizes.

Em segundo lugar, inimigos da causa do Brazil em Pernambuco? A' excepção de alguns Lusitanos, que por um mal entendido paizanismo quereriam que o Brazil nunca se desunisse de Portugal, só afim de que este não desapparecesse da linha das nações européas, não ha em Pernambuco inimigo da causa do Brazil, ou por outro modo, *não são inimigos da causa do Brazil essas pessoas que o bom do redactor quer inculcar;* ha sim em Pernambuco gente acautelada, dos quaes, uns por terem já levado na cabeça, outros pela experiencia alheia, não dão pelas primeiras cousas, mormente quando ellas se apresentam sem toda a claridade.

Os Pernambucanos, sem o esperar, viram S. A. R. ficar no Bra-

zil, contra o decreto das côrtes lusitanas, e apparecer o de S. A. R. de 16 de Fevereiro de 1822, convocando o conselho de procuradores geraes das provincias; e quando ainda se não havia organisado este conselho, apparece, remettido ás camaras, e não ao governo da provincia, o outro decreto de 3 de Junho do mesmo anno, convocando as côrtes constituintes legislativas do Brazil; ainda se não principiava a dar execução a este novo decreto, eis se não quando o senado do Rio de Janeiro, por uma virtude hoje desconhecida, previa a vontade de todo o Brazil de acclamarem a S. A. R. em imperador constitucional; immediatamente é S. A. R. acclamado em 12 de outubro, e coroado em o 1.º de Dezembro. Nos interstícios d'estes diversos successos, nenhumas embarcações appareciam, que noticiassem os factos intermedios, que deveriam unir naturalmente os anneis d'esta cadêa, e quando se recebem participações particulares, por via de regra foram taes, que se não podia fazer idéa alguma clara das pretenções e da marcha rapida, que levava aquella corte em tão novas mudanças. Então, o que queria o redactor e o seu conluio? Quereria que estivessemos a devorar tudo que apparecesse, sem exame, sem idéas claras, e com o risco de vermos nossas costas infestadas das esquadras de Portugal, e todos perdidos? Só si fossemos como elle, uns novos Saturnos.

Eis aqui os inimigos da causa do Brazil, que ha em Pernambuco, a quem este copiador de portarias quer ferir.

No 2.º numero não diz uma só palavra de sua casa, e enchendo a folha de cousas alheias, impinge uma peça á junta provisoria, e zomba-zombando vai desfructando o ordenado de 2.º official da secretaria sem ter o menor trabalho.

No 3.º numero apresenta uma passagem do *Reverbero Constitucional Fluminense*, e escrevendo cinco paragraphos, nelles são mais as bestialidades do que as palavras. " Negaria o veto absoluto ao imperador, não porque temesse que um tal veto arrastasse comsigo a escravidão do Brazil"; pois como concebe este Sully o veto absoluto? Porque razão o veto absoluto não póde produzir a escravidão no Brazil? Será porque elle julgue o imperador incapaz do veto?

Si pelo raciocinio deste copista de portarias os deputados em cortes podem fazer leis injustas, porque, segundo o conhecimento que elle tem do coração humano, que Metastasio! o homem póde obrar mal contra si mesmo, quando fascinado pelas paixões, não attende aos dictames da razão; quanto mais o imperador?

Porque bruxaria em um congresso de cem homens de diversos caracteres, opiniões e interesses, poderiam elles ser fascinados de paixões, e obrar contra si mesmos, e um só homem não póde ser fascinado para obrar contra os outros?

Demais, o que é que nos apresenta a historia antiga e moderna, e a experiencia quotidiana? Aquillo que sem duvida o miseravel entendimento do redactor não póde conceber.

Não é concebivel ao redactor como um imperante denegue a sua sancção a uma lei, que felicita o seu povo, pois a felicidade

de um rei nasce da felicidade dos seus subditos; porém desde as mais remotas idades vemos isto praticado em todo mundo. Nero e Caligula em Roma, Dionysio em Corintho, Phalaris em Agrigento, Sardanapalo em Babylonia, não viram que a felicidade dos seus vassallos era a sua felicidade? Como, nada obstante este conhecimento, foram inimigos dos seus povos, seus algozes, seus tyrannos? Felippe IV e Fernando VII em Hespanha, Luiz XVI na França, Carlos I na Inglaterra, D. João VI em Portugal ignoravam, talvez, que a felicidade de seus subditos era a sua felicidade? Como então levados de suas paixões, não attenderam aos dictames da razão, e deram a seus subditos motivos para revoluções com perda dos seus estados?

Estou vendo, que esta verdade—a felicidade de um monarcha é a felicidade de seus povos—é uma descoberta moderna, que o genio divino do redactor achou entre os canhenhos da secretaria do governo de Pernambuco.

Já daqui se deixa ver, que o veto absoluto é o germen da arbitrariedade, o foco do despotismo, e a fonte da escravidão do Brazil.

Depois, si o actual imperador pelo seu caracter natural, pelas luzes do seculo, pela lição da historia, e finalmente pela experiencia quotidiana, é incapaz de abusar de um tal poder, a constituição, que lança os fundamentos da monarchia, deve acautelar os males futuros, e não determinar somente para o tempo de agora; mormente quando não se póde contar com uma felicidade igual a presente de termos imperantes como este; muito principalmente quando, por desgraça da humanidade, vemos todos os dias realisado o que ha muito cantava o Lyrico latino, livro 3, Ode 6:

Ætas parentum pejor avis tulit.
Nos nequiores, mox daturas
Progeniem vitiosiorem.

No 4.° numero, nas quatro palavras que ali poz de sua casa o Padre Quintella, o mais notavel que se encontra é a boa grammatica parda do segundo paragrapho—*Quando a patria dos Martins, dos Ribeiros, dos Mendonças e outros, cujo sangue espalhado, bem como o de Gomes Freire em Portugal, não fez mais do que sazonar a sua independencia, ella jamais tornará a ser o patrimonio* etc. Aqui ha uma oração intermedia, que principia em *cujo sangue*, e acaba em *independencia*. Tirada esta intermedia, reduz-se a principal a esta—Quando a patria dos Martins, dos Ribeiros, dos Mendonças, e outros, ella jámais tornará a ser etc.—Ou tire fora o Padre Quintella o *quando*, ou si lhe deu no goto esta particula, então bote abaixo os seus Sanches, e os seus Perisonios, e veja lá como ha de arranjar esta construcção em lingua de branco.

Eis-nos, senhor redactor, a braços com o numero 5.° do *Diario*. Que peça! Que pedaço de pelotica! Quero ver um varão tão apathico,que, vendo este infame papel, senão encha da maior indignação. De proposito aquellas miseraveis linhas foram lançadas para suavisar as indignidades, que os dous apaniguados do redactor, Barreto e Gama, acabaram de praticar no Rio do Janeiro contra seus concidadãos e provincia.

Desembrulhemos esta moxinifada.

Senhor redactor, o *Diario do Governo* não é destinado a fazer apologias de particulares, muito menos de sediciosos : isto é comprometter o governo, e fazel-o odioso. Em segundo lugar, quaes são os anarchistas, os carbonarios, os inimigos da causa do Brazil, que eram inimigos do Barreto, por elle proclamar pela união da nossa provincia com as do sul ?

E quaes foram as proclamações do Barreto? Appareção. Qual é o papel do Barreto, quer manuscripto, quer impresso, em que elle trate desta materia? *O Relator Verdadeiro*? E' menos verdade, que la venha alguma cousa sobre este objecto.

Que credito de sciencia e patriotismo gosava elle aqui, para que podesse conseguir alguma cousa? Antes bastaria elle se encarregar de advogar esta causa, para ella se perder, e ser reputada má.

Sciencia! Onde foi elle adquiril-a? Herdaria do pai a veia cabalina? Adquiriria na Arcadia nocturna do Pateo de S. Pedro, onde embrulhado na tarrafa do capote, como o reverendo Caninana, Cafelefele, Tibiró, e Coroia, desenrolando as linguas viperinas, tudo dilaceravam, ou profano ou sagrado ?

Dar-lhe-ia alguns conhecimentos a guerra sonetaria com Deodato, Abreu, Baptista, e Josino?

Quem tem sciencia diz: " O despotismo é um dos monstros physicos, com que a natureza persegue a humanidade ", como se lê em um sermão no Corpo Santo o anno passado?

Quem tem sciencia põe Constantinopla na Russia, e querendo provar com a autoridade de um geographo moderno,que os caracteres moraes dos povos são deduzidos da atmosphera, que respiram, correndo os diversos povos da terra, depois de dizer que o Francez é alegre, porque respira uma atmosphera pura, clara ; o Inglez melancolico, por uma razão inversa, o Allemão, Polonez etc. etc. etc., desaba em dizer que o Mahometano é isto, aquillo e aquillo outro? Qual é a atmosphera mahometana que dá aos que a respiram o caracter, que elle deu aos Mahometanos?

Isto é de quem tem sciencia ?

Quem tem sciencia escreve aquelle indigno *Relator Verdadeiro ?* Leia-se a este respeito a carta do Caneca de 17 de Dezembro de 1821 mandada ao mesmo ; o *Semanario Civico* da Bahia ; *o Astro da Lusitania;* e um dos periodicos do Rio de Janeiro.

O soneto feito a Luiz do Rego, reimpresso agora, está em tudo conforme com os exemplares impressos no tempo do mesmo Rego : como então inimigos gratuitos alteraram seus versos? Este lhe foi

pedido para prova da imprensa do Rego; e por quem lhe foi pedido aquelle outro ao mesmo Rego, que o mesmo Barreto andou repartindo no dia da Conceição na igreja dos militares? Este segundo é menos escandaloso, do que o primeiro?

Que pensa o Padre Quintella? Que por isso que este segundo não sahiu reimpresso, não existe este documento da adulação, e venal bestimativa poetica do seu Achiles?

O para que o Padre Barreto quiz ir ao Rio de Janeiro de deputado supplente, ainda que já agora podiamos dizer, com tudo deixamos ao tempo a revelação deste segredo da abelha; por ora só dizemos, que não ha pessoa alguma desta praça que ignore o que elle por si e seus apaniguados fez para ser deputado em as cortes de Portugal, e contou tanto com a efficacia de suas intrigas, que chegou a apromptar o farnel para a viagem; bem como ninguem deixa de saber o que elle outra vez fez por si, e por seus Josés Candidos, Quaresmas e outros desta relé para ser expulso da deputação o Padre Venancio, e irem subindo os outros até lhe chegar a posta do rabo, ainda que é ruim de esfolar. Estou persuadido que o redactor escreveu isto, não para se ler em Pernambuco, sim fóra delle, onde não são conhecidas as façanhas do Padre Xico. Com effeito—Padre Xico é moleque rabudo!

Benemerito o desembargador Bernardo José da Gama, a quem a causa do Brasil no norte deve tanto quanto ao Exm. Sr. José Bonifacio no sul!

Que blasphemia!

Que indignidade!

E' até onde póde chegar a ignorancia, o descaramento e o desaforo do Padre Quintella!

Que fez aqui o Gama pela causa do Brasil? Fez tudo quanto podia lembrar a um ambicioso descarado de indignidades, intrigas, motins e seducções para deitar a baixo a junta provisoria, e elle por-se na cadeira de presidente, acommodar seus parentes e adherentes, e empolgarem todos na fazenda nacional.

Que lindo não foi o prospecto dos novos funccionarios, que deviam dar as cartas n'esta malfadada provincia! O Exm. Bernardo José da Gama, presidente; Antonio Elias de Moraes, secretario; Rei dos Ratos, Ludgero, Paula Gomes, João Francisco Bastos, membros da junta; Pedro Americo, thesoureiro do erario; alfandega, intendencia, trem e mais estações teriam iguaes reformas.

Desde o Rio de Janeiro este desembargador não dispunha, e apontava estas jarrochas com seus papeis, e instrucções mandadas a seus parentes, e aos amigos d'estes? E depois que chegou aqui, não foi que ardeu toda esta praça em intrigas, em queixas contra a junta provisoria? Qual foi o Gama que faltou no dia 17 de setembro passado no senado para eleição do governo temporario?

Elles mesmos espalhados por entre o povo pedindo nomeassem ao dito desembargador para presidente, não passaram pelo des-

gosto e vergonha de ouvirem gritar—Fóra Gamas, fóra Gamas, nada de Gamas, por que são....!

Quem póde negar este facto publico na casa da camara? Leia-se o manifesto do 1.º de Junho de 1822 de Manoel de Freitas Pacheco; appello para o que elle acabou de praticar no conselho de estado no Rio de Janeiro, como consta do *Pernambucano* n. 9.

A benevolencia do Gama é da mesma laia da do redactor, cuja philaucia miseravel chega a tanto que já se julgou com meritos para deputado, e parece que chegou a tomar algum semicupio.

Igualar Gama ao Exm. José Bonifacio é emparelhar Catilina com Catão.

Não se exige dos *mascates* mais que neutralidade! Que politica de redactor! Neutralidade entre homens da mesma nação, que vivem no mesmo paiz, entre dous partidos diametralmente oppostos, e quando não se pode deixar de tomar algum! Quem lhe disse, ao redactor, que Pernambuco, o Brazil e o imperador só exigiam dos Lusitanos neutralidade?

O imperador?

Não. Leia-se a sua proclamação aos Brazileiros, que principia: A nossa patria está atraiçoada; elle ahi nos diz: Aconselhae aos que este systema não seguem, que se retirem; e na portaria de 21 de Junho de 1822 manda ao governo provisorio, e a todas as autoridades, que quando informarem sobre a justiça de qualquer pretenção, informem tambem sobre a adhesão dos pretendentes á causa da união e independencia do Brazil, por ser nas actuaes circumstancias indispensavel conhecer-se escrupulosamente as pessoas que se votam com sinceros sentimentos a favor da causa sagrada da reunião e independencia do reino do Brazil.

O mesmo disse n'outra portaria do mesmo dia, mez e anno, sobre os pretendentes militares; o mesmo vemos no decreto de 18 de Setembro de 1822, e nas Instrucções para as eleições dos deputados cap. 2 § 6. cap. 4. § 2.

Tambem Pernambuco, não. Porque não só o cabido tem mandado por muitas vezes os parochos, que preguem a suas ovelhas o respeito e aferro ao grande systema constitucional (pastoral de 4 de Março de 1823) como se tem clamado por vezes, que se mandem retirar da provincia os corcundas, e o mesmo governo já mandou portarias para evacuarem o paiz João Antonio de Castro, Antonio José da Silva, José Antonio Ferreira, José de Medeiros, por serem inimigos da causa do Brazil. Mas, diz sem duvida o Padre Quintella, o ser *neutral* não é ser inimigo. Que diz, meu loiro? Dê ca o pé. Não só é ser inimigo, como é peior do que inimigo: entende?

Quando dous partidos se oppõem diametralmente, como agora, *A sugeição do Brazil a Portugal, ou A independencia do Brazil*, a justiça está somente de uma parte. E aquelle homem que abraçar o partido injusto, sempre o fará debaixo da face de bom e de justo, e nisto mostra que é accessivel aos encantos e attractivos da jus-

tiça, e que abraçaria o realmente justo, si a sua justiça lhe fosse apresentada de um modo mais claro e forte.

O *neutral* nem abraça a virtude e a justiça apparente, nem real; o que o torna peior do que o injusto.

O que se decide por um partido injusto, para o sustentar arrisca sua pessoa, os seus, sua fazenda e tudo que lhe pertence; si é feliz, compra a sua felicidade á expensas dos mais custosos sacrificios, e si perdeu a demanda, fica bem castigado com as perdas, que fez; o *neutral*, por isso que sempre segue o partido vencedor, ganha tudo sem arriscar nada; e porque nem sempre o partido vencedor é o justo, o *neutral* é um malvado, que está disposto a abraçar, e de facto abraça, a injustiça e o crime, attendendo unicamente ao seu commodo, sem nada se importar com o bem, nem com o mal da sociedade. Por isso com toda razão se louva a disposição testamentaria daquelle rei de França, que supprimindo uma rebellião de seus vassallos, determinou ao Delphim, que premiasse todos os vassallos que lhe foram fieis, perdoasse aos rebeldes; porém que mandasse matar ou destruisse a todos os *neutraes*.

Pois como estão galantes aquellas fallas de S. M. I. com o Gama e Manoel Ignacio!

Ha cousa que mais desafie o enojo do homem grave e sisudo?

Pois, Sr. Padre Marinho, no caso de ser aquillo verdade, Vmc. não achou outra maneira mais digna da magestade de um imperador para annunciar aquellas honrarias, que elle se dignou fazer aos deputados? Não se lembra que vai muita differença do fallar de um heroe, e divindade ao de um pae senhor, e capadocio?

Pois Vmc. tem razão para saber escrever, porque para isto chucha 260$000 de substituto de rhetorica, sem lhe custar uma só palavra na cadeira. E já que vai comendo esse honorario de bobis a Nicolau, ao menos quando escrever, mostre a sua bestimativa rhetorica. Vmc. não fez dramas? E para affrontar e deshonrar seus patricios não fez aquelle *patriotismo amarrado*, que lhe rendeu a substituição da cadeira em questão? Como ignora aquella regra tão sabida de Horacio, Poet. v. 185 e seguintes:

> Comtudo, nunca á scena cousas venham,
> Que só la detraz della lugar tenham;
> Antes da vista muitas cousas tira,
> Que feitas fora, o autor depois refira?

Pois aquillo que se diz para o theatro applique para estes casos *servatis servandis*; alias largue a penna, não infame mais sua patria, não commetta o governo. Pese o caso, e veja que lhe é

melhor nunca sahir da classe dos lambe-torcidas, do que andar feito um Apuleo ás avessas. (1)

Ui! senhor redactor, que me enganei. Agora advirto que fallei no Padre Marinho, devendo fallar do Quintella; emende esse lapso inadvertido da penna.... Porém não, deixe ir assim mesmo, que tanto val uma cousa quanto outra. Sim, um escreve, mas o outro assigna.

Já estou melhor, senhor redactor, rarefez-se o enjoo; já tenho fome.

Adeus, que vou virar á sua saude, si publicar esta analyse, uma botelha do Madeira, que

Alimenta, aviventa,

Contenta, e sustenta.

Cabanga, á meia noite do dia 12 do terceiro mez do segundo anno da independencia do Brazil.—*Sucurujuba* "

Recebe os meus votos sinceros de amizade e respeito.

Recife de Pernambuco, 17 de Março de 1823.

Pitia.

---

(1) Apuleo representava um homem debaixo da figura de um burro; o redactor do *Diario* é um burro debaixo da figura de homem.

II

SOBRE A PASTORAL DO CABIDO DE OLINDA DE 4 DE MARCO DE 1823

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão.—Eis aqui com a cara á banda aquelle nosso amigo, que tinha dito tanto mal do santo cabido de Olinda, tratando-o de *corporação inutil por nada fazerem, e prejudicial, porque consomem da fazenda nacional uma avultada quantia, que podia ser applicada a fins mais uteis á igreja e ao estado*: quero ver agora o que diz aquelle zangado Erasmo.

Já sahiu o santo cabido com a sua pastoral de 4 de Março de 1823, reprehendendo os parochos por *permanecerem tranquillos no meio dos terriveis furacões politicos com a mesma firmeza, mudez e indifferença do rochedo, que no meio do Atlantico é por todos os lados batido das insoffridas ondas.* Os parochos das tres freguezias da praça estão vendendo azeite as canadas, porque a pastoral é só com elles. O santo cabido, que tambem nos *furacões politicos* conservou sua bocca caladinha, carrega com toda falta sobre elles; e fazendo quarta parte, não só quer deitar o lado fora do varejo da censura, como, impiedade! inculca-se de mais a mais por muito zeloso do bem das ovelhas, e amigos dellas em Jesus Christo.

Que espertalhões!

Para isso não são elles ineptos e *achacados*, como lhes chama o Dr. José Rebello Torres. Bem la diz o proloquio, que *mais sabe o tolo no seu, do que o avisado no alheio.*

E' bem verdade, que os parochos tem em primeiro dever pregarem ás suas ovelhas a verdade, illuminal-as nas trevas da ignorancia, persuadirem-nas no amor mutuo, paz e concordia, e isto muito principalmente em tempo de perturbações e commoções politicas ou religiosas, em que se devem sacrificar no todo pelo seu rebanho; porém é igualmente uma verdade incontestavel, que nas actuaes circumstancias o santo cabido, não só não tem menos obrigação do que os parochos de curar as ovelhas, como que tem a pri-

meira, ou que são os primeiros que deviam fallar aos povos por suas pastoraes e por seus sermões, e *mostrar-lhes, que era o maximo da calumnia o boato assoalhado por genios crueis, e la para seus fins, de que as autoridades politicas pretendiam estabelecer uma nova ordem e mudança de governo.* Por quanto ainda que, fóra da vacancia da sede, o cabido não seja mais que um cortejo decoroso dos bispos, e esteja tanto abaixo dos parochos, que só pelo titulo de conegos nem entram na jerarchia ecclesiastica ; com tudo, no actual ensejo, por isso que exercita uma parte da jurisdicção episcopal, estão acima dos curas, e fazem de primeiro pastor ; por isso antes que os da segunda ordem, devem zelar o bem, a paz e a salvação do rebanho, e por elle sacrificarem-se todos, e serem os primeiros no exemplo, para então vir a proposito a *chamada pastoral.*

Ora, visto que por se não quererem ver em apertos com Pedroso e seu rancho, ou por falta de um zelo sincero e effectivo do rebanho, ou por outro qualquer principio, que não está ao nosso alcance, emmudeceram, sem se lhes dar dos *ais* do Propheta.*porque se havia calado* ; o que lhes restava fazer era metterem a viola no sacco, para que lh'a não fizessem em cacos, e não virem fanfarrões, inculcando um zelo muito alambicado, vendo um argueiro nos olhos dos outros, sem enxergarem a tranca do seu, suppondo, finalmente, que este bispado, que o Brazil, e que todo mundo, á que chegar a sua *chamada pastoral*, se compõe de *ineptos e achacados.*

Quando o immortal bispo de Beja D. Frei Manoel do Cenaculo viu começarem de grassar por Portugal impressos, que espalhavam proposições perigosas, fontes caudaes de erros na fé, corruptoras dos bons costumes, e germens da libertinagem, não ficou mudo espectador do mal e do perigo, como o santo cabido de Olinda ; aparou a sabia penna, e por ella fallou ao seu povo na sua preciosa obra *Piedade christã*, sem azedar-se contra os parochos por não terem pregado aos seus freguezes ; e o mesmo fez em nossos dias o bispo do Pará D. Manoel de Almeida de Carvalho na sua pastoral, logo que lhe chegaram as primeiras noticias da nossa revolução de 1817.

Assim tem obrado outros muitos pastores de tempos mais remotos, e de outras nações.

Assim é que devia de obrar o santo cabido de Olinda ; mas que fez o cabido ?

Nada.

Com effeito, muito antes de Setembro passado viu o santo cabido os inimigos da ordem, e os interessados na mudança do governo civil, *la para seus fins*, calumniarem por toda parte os membros daquella junta, com dizerem que ella nem seguia Portugal, nem se decidia pelo Rio de Janeiro, por quererem fundar uma republica ; o cabido sabia tanto das verdadeiras intenções daquella junta, quanto sabe agora das desta ; e que fez o cabido?

Ficou caladinho!

Foi a junta abaixo por esta improba facção, levantou-se um governo intruso; membros do legitimo, e cidadãos de todas as classes presos, injuriados ás portas mesmo do cabido; a guerra civil rota; e o cabido?

Caladinho.

Os demagogos dos sediciosos, que ainda não tinham consumados seus planos, urdem novas perturbações, esgrimem as mesmas armas da calumnia contra a provisoria actual, procura-se com toda energia o seu baque; e o cabido?

Caladinho.

Viu o cabido a guerra civil abrir a lice; derramar-se o sangue precioso de irmão pela mão do mesmo irmão; e o cabido?

Caladinho.

Viu os povos divididos entre o erro e a verdade, vacillantes sem saberem que estrada seguir; a intriga e a calumnia correndo com a rapidez do raio, levando os estandartes da revolta até o mais interior do bispado; os cidadãos probos calumniados, consternados, trementes, e esperando a cada momento pelo seu degoladouro sobre os altares do interesse e da ambição; e o cabido?

Caladinho!!!

Oh! Sempre infeliz rebanho! Desgraçadas ovelhas, a quem estes guardas extranhos mugem duas vezes por hora, e só sabem extrahir a substancia ao gado, e o leite aos cordeiros!

Foi o nosso estado realmente aquelle descripto pelo Propheta nos seus threnos, *em que a lingua dos que mamavam, pela sede ficou pegada ao seu paladar; os pequeninos pediam pão, e não havia quem lh'o repartisse.* E agora, agora que nos topes appareceu o santelmo, é que troveja e relampeja o Sinai, e apparece o santo cabido cheio de colera e azedume contra os parochos, que não fizeram o seu dever, delle cabido!

Oh! impostura!

Oh! hypocrisia!

E por este procedimento, meu Damão, onde classificaremos o santo cabido de Olinda? Entre os *bons pastores, que dão a vida pelas suas ovelhas*; aquelles que sacrificam a vida temporal de propria vontade e sem constrangimento para apascentarem o seu rebanho, para o vivificar, para livral-o dos lobos; ou *entre os mercenarios, que não são pastores, e cujas ovelhas não são proprias; por isso quando veem apparecer o lobo, fogem e desamparam-nas, e o lobo achando-as indefesas, as rouba e as dispersa*? Deixando ao cabido a escolha do seu respectivo lugar, contentamo-nos somente com lembrar-lhe, que com a sua *chamada pastoral* deram cincas, e sem advertirem lavraram a sua propria sentença, como já succedeu a David com o adulterio com Betsabeth.

Porém, meu Damão, que mais querem as ovelhas?

Os conegos não se consternaram sobejamente com os successos de 22 de Fevereiro até 2 de Março? Por muitas vezes lagrimas de dor e de afflicção não lavraram suas enrugadas faces?

Parece-me estar vendo repetida a trepidação de Jerusalem,

quando Heliodoro foi tirar os thesouros do templo, em que os sacerdotes vestidos de suas estolas se prostraram diante do altar; o summo pontifice Onias, pallido, desfigurado, mostrando na face a consternação do coração, se achava rodeado de homens, de mulheres e de virgens. Oh! que dor! Que de lagrimas não verteu o santo cabido: coitado!

Sem duvida são como o redactor do *Maribondo*,que disse ao Padre Venancio, que os presos de 1817 foram passar bem na Bahia, e não padeceram como elle, que ca ficou liberto, e no meio das baixezas a Luiz do Rego; tinha o seu coração feito em pedaços, pelo mal que passavam aqui as familias dos presos. Coitado do bomzinho do *Maribondo*! E nada menos coitado do santo cabido!

Eu por mim, meu Damão, dava credito ao santo cabido; mas ha neste Recife gente tão difficil de contentar, tanto pedreiro livre e captivo, tanto herege e libertino, tanto judeu de rabo, que dizem que aquella dor, aquelle sentimento, aquellas lagrimas, aquella consternação do cabido são fabulosas; 1.° porque, a serem reaes, deveriam ter produzido o seu natural effeito de empregarem, como estava em seu dever, todos os esforços para a tranquillidade de suas ovelhas; o que não fizeram; 2.° porque parece, que elles,os senhores conegos, ou de plano detestam a veracidade de Epaminondas, ou para obsequiarem a todas as laias usam muitos das restricções mentaes. Porque, a mesma *chamada pastoral*, dizem, que *por muitas vezes tem com ternura recommendado, e mesmo rogado em Jesus Christo aos parochos, que preguem a moral evangelica, os principios da caridade, da maior das virtudes, o amor reciproco dos homens, o respeito e aferro ao grande systema constitucional, e ás autoridades constituidas.*

De todos os papeis do cabido, que eu sei, o unico em que se diz alguma cousa sobre este objecto, bem que com uma differença notavel, é a ordem do mesmo cabido de 10 de Dezembro do anno passado sobre a collecta, e mais nada. Ora, *uma vez* não são *muitas vezes*; e penso, que este modo de contar é errado na arithmetica de todos os povos da terra; e tambem porque em seu officio de 21 de Julho do anno passado ao provincial do Carmo deste Recife diziam, que, por accordo da junta provisoria com elle, pediam ao provincial promptificasse um capellão para Fernando de Noronha; e dirigindo-se aquelle prelado á junta provisoria, esta ignorava inteiramente esta *mão forjada* do cabido, e com elle nada havia accordado.

Ora, isto em portuguez castiço, ou legitimo de Braga, *é mentir*, cousa inteiramente indigna de um Terra nova, quanto mais de gente sagrada em um papel publico, e ao prelado maior de uma corporação; e pela regra do cesteiro que faz um cesto, etc., não é digno de crença o santo cabido de Olinda.

E aqui mesmo temos um argumento desta verdade. Elles disseram aos parochos, que *si se demorassem um só instante na execução do seu ministerio*, (de pregar) *os removeriam das igrejas.* São passados milhões de milhões de instantes, nenhum pastor

tem dito as suas ovelhas meia palavra, que seja ; e o cabido ainda não removeu a ninguem ; ergo....

E no caso de que elles tivessem já mandado aos parochos, como dizem, era mister que primeiro elles pregassem para então extranharem aos parochos, e terem com elles essa demonstração ameaçada. Porém não consta a ninguem que desde o deão até o porteiro da massa, conego algum haja dito do pulpito ao povo meia palavra que seja, sobre estes objectos ; e julgamos que o santo cabido de Olinda não tem em Pernambuco tanto que fazer, quanto S. Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, o qual nada obstante carregar com o peso do governo da igreja universal no pontificado de seu tio o santissimo padre Pio IV, e o tão gravoso governo da sua diocese, não se acreditou dispensado de pregar por si mesmo a palavra de Deus ao seu povo.

N'essa *chamada pastoral* mostram uma grande adhesão ao systema constitucional, quando contradictoriamente no já citado papel sobre a collecta vem só com textos da Escriptura—*O que resiste ao chefe da nação, resiste á vontade de Deus. O que resiste aos mandamentos de Deus, adquire a perdição. Por mim os imperantes imperam, não ha poder que não emane de Deus*,—querendo renovar a sediça doutrina de que a soberania vem immediatamente de Deus, e não dos povos ; doutrina falsa, e que tantos damnos tem causado ao universo.

Ah ! Que pretende o cabido com aquellas intempestivas proposições ? Bem se deixa ver, que devendo se limitar aquelle papel somente ao que diz respeito ás orações pelo imperio, aquella superabundancia nada menos é do que um rebate contra a sabia e verdadeira doutrina do presente seculo das luzes ; um esteio dos corcundas, e interessados nas monarchias absolutas e despoticas ; e uma porta franca para a discordia das opiniões, e fomento da guerra civil ; e um passo retrogrado para serem sepultados nas trevas da *ignorancia* e manietados segunda vez nos ferros do despotismo.

A vista daquelle papel, meu charo Damão, eu tremi, por ver que pode nos ser muito prejudicial ; porquanto bem sabes que mesquinhez de luzes é a do nosso povo, e o respeito religioso com que elle olha para os ecclesiasticos, mormente parochos e conegos.

Não sabes o facto de Iguarassú com o capitão José Maria Ildefonso ? Este official achava-se naquella villa, quando aqui deu-se a ruptura entre a junta provisoria actual e Pedroso. O official procurou alliciar as gentes daquelle lugar a virem sustentar o governo,e quando havia ajuntado alguma,se apresentaram dous homens armados de espingardas, e praticando com o official sobre este objecto, depois de ouvil-o, respondeu um, cheio de fogo: " Esta espingarda só se ha de disparar nos inimigos de Pedroso, porque o Padre José Rebello Torres, que é doutor e conego, que não mente, me disse que Pedroso tem razão " ; e lá se foram os dous caiporas ameaçando o céo e a terra, e o official ficou conhecendo o formidavel partido do

Pedroso, e levantou mão do empenho. Portanto não se deve desprezar aquelle papel do cabido. E' um papel manhoso, *latet anguis in herba*; é um papel velhaco, que corre em nome do senado ecclesiastico, que na presença dos simplices, ignorantes e fanaticos representa uma corporação de sabios e virtuosos.

Portanto, meu charo Damão, faze um serviço a humanidade, e dá gloria a Deus, abrindo os olhos a esse pobre povo, em que vives. Dize-lhes, que a soberania não vem immediatamente de Deus, sim dos mesmos povos, como até confessa o mesmo imperador no seu decreto de 3 de Junho do anno passado; dize-lhes, que esses textos da Escriptura santa, que traz o cabido ao seu papel da collecta, não se entendem á lettra, de modo que se persuadam, que Deus mandando fazer determinadamente taes e taes sociedades civis, investira os seus chefes de um poder, que os povos não tinham, e que portanto não deixou aos povos a faculdade de escolherem quem os governe, e do modo que julgarem conducente á sua felicidade, relativamente ás circumstancia do tempo e lugar; não, não entendam assim. Essas autoridades santas se dirigem unicamente a fazer a soberania mais sagrada e respeitavel, e com fundamento no direito divino; porque nascem do direito natural dos povos.

Multiplicando-se consideravelmente o genero humano, conheceram os homens pela lei da razão recta, que só se attenderia á ordem, conservação e augmento da mesma especie humana, segundo á lei natural, por meio das sociedades civis; e como Deus fosse o autor d'quella lei, deveria ser considerado tambem como o autor das sociedades civis, e por consequencia do poder soberano, sem o qual se não podiam conceber estas sociedades.

E' da razão recta, que fallou pela bocca de um publicista, por todos respeitado, que a Deus se devem attribuir não só aquelles estabelecimentos feitos immediatamente por sua ordem, mas igualmente aquelles que foram feitos pelos mesmos homens, conduzidos pelas luzes da rectarazão, para se desonerarem dos deveres, que lhes impõe a lei natural, conforme as conjuncturas do tempo e lugar.

Deste principio, e de ser Deus o autor da lei natural, é que se entende ter Deus mandado manifestamente fazer as sociedades civis, e mais nada. Quero dizer, que não se deve deduzir, que Deus haja determinado, que se faça esta ou aquella sociedade debaixo desta ou daquella forma de governo, tirando dos povos e nações a escolha do seu governo, e o poder de que são investidos os governantes,e a faculdade de mudarem quando julgarem de razão para seu melhoramento, e feliz existencia.

Nesses textos da Escriptura trazidos pelo cabido, e em outros, como—*Devemos orar pelos reis, e por todos os que estão em dignidades—Todo homem esteja sujeito ás autoridades superiores; porque não ha potestade que não venha de Deus; e as que ha foram ordenadas por Deus*—, qual será a forma de governo civil que se não comprehenda?

A monarchia, a aristocracia, a democracia, todas são potestades ; todas vem de Deus ; todas são ordenadas por Deus ; a todas se deve de obedecer, e por todas se deve de orar.

E da maneira que Deus é o instituidor na monarchia, o é tambem na aristocracia e democracia, ou puras, ou temperadas.

E a unica consequencia que d'aqui se deve tirar é, que Deus approva toda e qualquer forma de governo, que as nações hajam de estabelecer para melhor encherem os deveres da lei natural ; bem como quando se trata da escravidão Deus manda *aos servos e escravos, que obedeçam a seus senhores temporaes,com temor e tremor,na sinceridade de seus corações* ; com o que jámais se pode provar, que Deus mande positivamente estabelecer a escravidão.

Esta, meu Damão, é a verdadeira intelligencia, que se deve dar ás allegações do cabido ; intelligencia conforme a razão recta, fundada no direito da natureza, que é o direito de Deus, digna da sabedoria e justiça divina, sustentada pelos homens mais sabios e virtuosos dos seculos illuminados, e finalmente praticada, podemos dizer, desde o berço do genero humano.

Ameaçam aos parochos com expulsão das igrejas, e queixas ao imperador, si elles não pregarem. Bem como da segunda ameaça ninguem duvida, assim tambem da primeira duvida muita gente bôa, e dizem que a tanto não chega essa fracção de jurisdicção episcopal, que elles excercem ; e que si tal fizerem, é somente pelo novo principio de jurisprudencia estabelecida em Pernambuco, depois da Independencia do Brazil, a saber : *Tudo se pode fazer sem autoridade inteiramente ; ou ultrapassando os limites da que se tem, com tanto que se diga das victimas do despotismo, que não adoptavam a causa do Brazil,e não pregavam pelo systema do Rio de Janeiro.*

Mas, porem, que mal vai ao cabido em ir extendendo a sua autoridade ? Tolos serão os que se deixarem cavalgar. Ora, si frades do Carmo e de Santo Antonio se deixassem levar do terreiro de patacão, com que veiu o cabido, quando lhes pediu capellães para Fernandes de Noronha ; isto é , como *ordinarios, e delegados d'El-rei constitucional, em qualidade de Grão Mestre da cavallaria, e ordem de Nosso Senhor Jesus Christo*, e dessem os capellães, que já não teria feito o cabido ? Sabe Deus o uso que elles davam aquelle obsequio, que lhes concederam os do Carmo de entrarem em sua igreja de cruz alçada, e com todo estadão cabidal.

O certo é , que elles não mettem prego sem estopa, e que até com seus mesmos clerigos aproveitam todos as occasiões de extenderem sua autoridade ; eis a prova.

Morreu a mãi do defunto deão Manoel Xavier Carneiro da Cunha ; e apresentando-se o seu parocho, o de S. Pedro de Olinda, para officiar, e levar ao sepulcro a sua ovelha, foi lançado fóra deste direito pelos conegos, e um destes foi o que officiou, pelo novo principio de direito cabidal, privativo de suas senhorias de Pernambuco, isto é,—*mãi de conego não é ovelha de parocho.*

Não valeu, meu Damão, ao parocho nem digesto, nem instituto, nem decretaes, nem concilio, nem nada.

Esteve o negocio em tal calor, que si o parocho por medroso não se acommoda, como José do Egypto com Zoleica, largando-lhe a capa, havia sem duvida algum desaguisado, porque cada conego já estava um coral de vermelho; houve espectador curioso que lobrigou em algum a boca escumando, e um bater de dentes.

Assim, senhores parochos, preguem, ou senão.... ou se não.

Parece-me, meu Damão, que teràs embicado no uso constante que hei feito da *chamada pastoral*, e estarás dizendo la com teus botões—*Pois não é pastoral?* Com éffeito aquillo não é uma carta pastoral d'aquellas, que os bispos costumam mandar aos seus diocesanos para reforma dos costumes, para illustral-os na fé, ou moral, para prevenil-os de alguns erros e perigos, e finalmente sobre algum objecto do seu ministerio. Ainda que objecto era para uma pastoral, com tudo o modo exotico com que foi tratado, fez com que aquillo não seja uma pastoral; o estylo impuro, barbaro; e a linguagem anti—portugueza, e a construção anti-grammatical, mostram que o seu minutador é de algum reino da estranja.

Si o cabido não estava ao facto da natureza de uma tal peça, porque não leu as epistolas de S. Paulo, as pastoraes do immortal pispo de Béja D. Frei Manoel do Cenaculo, as de D. Frei José Fialho, as de D. Frei José Maria de Araujo, e outros bispos nossos, que devem estar exaradas nos livros da camara episcopal, para fazerem suas pastoraes em forma, e não virem com um bando, ou o que aquillo é, e chamaram-lhe pastoraes?

Aquelle papel é tão miseravel, tão provocador a riso até pelos erros crassos na parte grammatical, que por vezes me tenho querido persuadir, que é apocrypho, e que alguma mão inimiga pregou aquelle rabicho ao cabido; mas o silencio deste, e a falta de reclamação contra uma tal perfidia, como prudentemente fez o senado deste Recife no seu *Esclarecimento*, contra a calumnia de José Mariano na sua *Exposição ao Publico*, me persuadem que a pastoral é do mesmo cabido.

Notarei algumas das suas faltas e puerilidades, deixando ao leitor reflectido outras, e as suas razões.

Que modo de allegar com Ezechiel, Daniel e S. João?

Quantas cousas disseram estes contra os impios, que não se podem acommodar aqui á força do maior torcedor?

Não pelo modo do castigo, porém pelo da pena eterna. Então pena eterna não é castigo?

Os successos do dia 22 nos consternou. Que figura será esta?

O respeito e aferro ao grande systema constitucional e ás autoridades constituidas. E' um hyperbato pueril, com a mudez e indifferença do rochedo.

Tanta mudez e indifferença no meio de tanto marulho. E' uma repetição a mais insulsa, apezar do trocadilho entre *mudez e indifferença.*

Estas e outras muitas cousas, que deixo ao leitor daquella in-

comparavel peça, fazem que seja uma insoffrivel basofia a de suas senhorias, quando uma dellas disse, que *os redactores do Recife não se atreviam a tocar no santo cabido, porque sabiam que lá havia gente sabia.*

A sabedoria, meu Damão, se mostra nos escriptos, e a do santo cabido é a que vês; mas, porque vem a talho de fouce, não quero perder esta nota. O cabido pediu aos religiosos capellães para Fernando de Noronha, como *ordinarios e delegados de El-rei constitucional em qualidade de grão mestre da cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo*, e o sabio bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho demonstrou na sua allegação juridica, impressa em Lisboa em 1804, que eram do padroado da coroa, e não da ordem militar de Christo, as igrejas, dignidades e beneficios dos bispados do Cabo de Bojador para o sul, em que se comprehendem os bispados de Cabo Verde, S. Thomé, Angola, Brazil, India, e até a China.

Este papel, que anda pelas mãos de todos, e, segundo me dizem, ha muitos no Seminario de Olinda, ainda não chegou ás mãos do santo cabido; pelo que ainda escrevem o que vês.

Ora, si neste artigo, que lhes toca tanto de perto, se acham tão atrazados, o que serão em outros pontos?

Santo Deus! Que miseria!

Afinal, meu charo Damão, a *celebre pastoral* do cabido escandalisa a todo homem de bom senso, e justiceiro. Os conegos, em quanto vivo o bispo, não tem obrigação de pregar, é verdade; todo o seu officio é resarem no coro as horas canonicas, por isso recebem da nação as suas respectivas prebendas, e as distribuições quotidianas, quando assistem áquellas horas, a que ellas são additas; porém, em sede vacante,como se enfronham de primeiro pastor, devem pregar, e ser os primeiros em pregar, não só pelo principio de substituirem nos officios do bispo defunto, como porque la disse o Apostolo, que *Deus deu a sua* Igreja uns para apostolos, outros para prophetas, outros para evangelistas, outros finalmente para pastores e doutores; de modo que não se póde ser pastor, sem ser ao mesmo tempo doutor; não se póde governar, sem ao mesmo passo pregar.

Basta seculo e meio de impostura, basta!

A nação vai a ser reformada em todas as classes, não deve ser isento da reforma o santo cabido. Não convém termos homens sustentados a tanto custo,só para andarem embonecados de roquetes custosos, murças de seda, anneis nos dedos, veneras de Christo ao peito, e nas cabeças solideos, que nem ao santo Lenho tiram. Não se deve sobrecarregar a republica de *dignidades ventosas e ocas*, como lhes chamam os canonistas. Não devem occupar as cadeiras do senado ecclesiastico homens que se vão honrar com ellas; elles é que as devem honrar.

Quando o homem serio vê estes senhores com todos os signaes externos dos talentos e merecimentos, porém sem a realidade, em vez de respeital-os, dá uma caquinada, e diz com a raposa da Fabula: *Oh quanta species, cerebrum non habet!*

Sem duvida, meu Damão, quem leva toda a culpa deste arauzel é algum vigario ou coroado, porque o santo cabido não póde comprehender como um leigo se importe com isto, e saiba mais das obrigações delles, do que elles mesmos. Pois saiba o cabido, que aqui ha mais do que um José de Barros Sujo, que sabia mais da constituição do bispado do que todo o cabido junto; e saiba que não é a primeira vez que os leigos se mettem, não só nos negocios ecclesiasticos, como até nos da fé.

Quem eram Prospero e Hilario, que tanto trabalharam contra a heresia semipelagiana, defenderam a graça, e o seu doutor?

A excepção de um, que não nasceu para conego, e soffre estas senhorias para ajuntar um thesouro de merecimentos para com Deus, nenhum dos outros responde a este quesito.

Peguem da penna, escrevam e mostrem seus talentos; dêm tambem alguma cousa a ganhar ao bom do Pinches, e não estejam feitos uns mandriões sem nada utilisarem a humanidade. Lembrem-se do Lutrin de Despreaux, e do Hysope de Diniz, e não queiram dar materia a novo canto.

Adeus, meu Damão, recebe os votos sinceros de amor e respeito, que te offerece o teu amigo

Pitia.

III

SOBRE OS PROJECTOS DESPOTICOS DO MINISTERIO DO RIO DE JANEIRO

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

Tacit. l. Histor.

Meu charo Damão.—As tuas cartas ora me fazem rir, ora me mortificam; porque são tantas as cousas, que te dão no goto sabel-as, e tudo ao mesmo tempo, que fico embaraçado sobre a escolha dos sugeitos.

E', portanto, preciso tenha alguma digestão no que exiges de mim. Pediste-me informações sobre as prisões do 1.° de Janeiro, procuradas por Jacintho Moreira Severiano da Cunha; e igualmente das perturbações de 22 de Fevereiro; quando já te havia escrevinhado algumas linhas tendentes a estes dous objectos, eis que recebo a tua, na qual pedes o meu conceito sobre o espirito do ministerio do Rio de Janeiro tocante a liberdade braziliense, e queres este ultimo negocio com preferencia aos demais. Por esta vez suspendo a penna daquelles primeiros, e tratarei do ultimo; mas é isto sem exemplo.

A materia é arriscada, mas escudado com a liberdade, que S. Magestade Imperial e Constitucional deu nas pessoas dos procuradores geraes a todos os Brazileiros *para advogarem a causa do Brazil da forma ha pouco jurada, ainda que seja contra a sua pessoa*, direi o meu pensar, que todo se funda nos documentos, que tenho á mão; e si não for em toda claridade, deves attribuir ao pouco atilado do meu entendimento, e inexacto expressar.

Uma devassa aterradora contra republicanos, aberta naquella corte, e mandada abrir aqui, no Maranhão, e n'outras provincias; um negro bando de infames *espiões* de todas as classes; uma nova *sucia* de malvados, debaixo do titulo impostor e religioso de apostolos; a instituição da nova ordem do Cruzeiro, com que se tem engodado aos fofos, e premiado a indignos; cinco *Andradas* nas côrtes, dos quaes dous são ao mesmo tempo ministros e secretarios de estado, e todos aristocratas orgulhosos; o soberano congresso ater-

rado com mais de vinte mil baionetas, que o rodeam; a desordem mettida em muitas provincias por emissarios do ministerio; muitas *ordens e decretos*, que, apezar de cohonestados de motivos especiosos, são no fundo encaminhados a enfraquecer as provincias, e ao mesmo tempo pôr o Rio de Janeiro em um pé respeitavel e temeroso; o tribunal da policia mais desaforado do que nunca; tudo isto, e outras muitas cousas, que por brevidade calo, são os motivos que tenho para te dizer, que estamos enganados; que não temos *constituicão* liberal, santa e digna do Brazil; que os deputados foram mandados testemunhar mudamente o que faz o ministerio e seu conluio, e assignar a *papeleta* de Carlos VIII aos Florentinos; e que si já e já, attendendo aos nossos verdadeiros interesses, nos não encaminhamos a S. M. I. e Constitucional, representando-lhe pelas nossas camaras e governo, que, em desempenho da sua *sagrada palâvra de sacrificar a sua propria vida pela saude e felicidade da nação*, deve pôr o supremo congresso em estado de obrar com liberdade e desassombrado, para então poder fazer uma constituição, que seja aceitavel ao Brazil, fazendo apartar da côrte as innumeraveis baionetas, que terrorisam o congresso, tirando as pastas aos dous Andrades deputados, protegendo os homens liberaes e honrados, e os amantes da liberdade e grandeza do imperio, dando á imprensa toda a liberdade digna destes tempos; nos havemos de ver na possivel collisão de ou arrastar mais pesados e mais vergonhosos grilhões do ferro de Sorocaba, ou ver nossas costas lavadas do nosso sangue, e os nossos campos estrumados com os nossos ossos, para produzirem saborosos fructos ao colono despotico e impio.

O ministerio, habil em astucias, e temendo escandalisar os povos com cousas maiores, tem procedido muito de manso; e levando sempre a mira no fim de plantar a arbitrariedade no Brazil, referendou o decreto de 16 de Fevereiro de 1822, de modo que os ministros de estado tivessem assento e voto no conselho dos procuradores geraes. Isto desagradou a muita gente de olhos abertos, e todos conheceram quanta agua no bico trazia este assento e voto dos ministros de estado.

Na corte escreveu-se contra este decreto, e se fez ver na *Malagueta*, que isto era um meio do ministerio poder descobrir o sentimento das provincias, e tomar então aquella estrada que julgasse a proposito para seus fins; e aqui a nossa junta provisoria não foi tão cega, que deixasse de conhecer o laço que se armava ás provincias; e nada obstante as razões especiosas da portaria de 27 de Maio do mesmo anno á nossa junta provisoria, e de uma *analyse*, que appareceu impressa no Rio de Janeiro sobre as reflexões da *Malagueta*, ficou sempre em todos a mesma desconfiança, e sempre esperavam pelo fructo daquella semente, que se figurou tão boa; e por desgraça nossa não foi frustado o que se esperou; porque fez ver o tempo, que assim como houve razão para os ministros de estado entrarem naquelle conselho, tambem agora

prevaleceu a mesma, ou outra igual para serem ao mesmo passo deputados em côrte, e estarem com as pastas do ministerio!

Que golpe de mestre!

Que passo tão bem seguro para o despotismo ministerial!!

Ah! meu caro Damão, estamos á borda do precipicio; e si os braços da *cautela* e *do valor* nos não sustentarem, cahimos no abysmo insondavel da *arbitrariedade ministerial;* e então adeus Pernambuco, adeus Brazil; e ficaremos o escarneo de Portugal, e a fabula do mundo.

Tudo foi dar-se aquelle primeiro passo, que era mais dificil. Acostumados os deputados com aquelle exemplo, perderam o horror á trama, e não lhes custou ver entre si homens, que formavam a legislação para elles mesmos a executarem.

Bastava, ou bastou mudar as settas em grelhas, dizendo-se como em Maio do anno passado: *Si os ministros de estado tem pelo decreto assento e voto no conselho, longe de ser esta prerogativa, como receia a junta, um meio de resuscitar o antigo despotismo ministerial, é antes um providente recurso que habilita os procuradores a requererem dos ministros, face á face, as razões de qualquer medida tomada ou proposta, a rebaterem directamente seus argumentos e a convencerem-n'os da falsidade de seus principios, ou da sua má fe*; bastou dizer-se isto, ou quasi isto, para todos se convencerem, apoiarem as razões do ministerio, e se honrarem muito de ter no seu gremio homens extranhos, monstros em politica, officiaes do governo, amalgamados em representantes da nação.

Que principio tão monstruoso! E quaes serão as consequencias?

Que se deve esperar desse congresso?

Oh! das côrtes, alerta! Eia sus, gente forte e sabia; coragem! Não queiraes perder a confiança de vossos constituintes, com passos de laxidão e cobardia!!!

As objecções, que a nova junta provisoria fez áquelle decreto, e a franqueza com que se pronunciou com S. M. I. e Constitucional deram a conhecer ao ministerio, que nós podiamos oppor uma barreira ás suas sinistras pretenções, e inutilisar ou muito difficultar os seus projectos; por isso não julgou meio mais proprio e abreviado de se ver sem esse estorvo do que a mudança da junta. Por cujo motivo nos enviou perturbadores da nossa paz e tranquillidade, que achando no povo voluvel e sem reflexão alguma desconfiança da junta por esta impoliticamente haver feito monopolio dos seus passos para com Portugal e o Rio de Janeiro, sopraram o fogo, que occultamente minava, e fizeram arrebentar prematuramente a explosão do 1.º de Junho do anno passado; e dahi até Fevereiro fugiu de nós a paz e a ordem, e levantaram suas tendas a intriga, o desassocego e a desordem; e si acaso os homens honrados não se tivessem proposto, ao travez de todos os perigos e trabalhos, a sustentar a provincia proxima a abysmar-se, ou estariamos nos horrores da anarchia e estragos da guerra civil, ou, dominados pelos scelerados apostolos, veriamos arrastando cadeias os homens pro-

bos, sepultados em hediondas masmorras honrados paes, familias desoladas, mães deshonestadas, filhas prostituidas, e toda a provincia sustentando sobre suas ruinas o throno do despotismo ministerial.

O primeiro ministro de Portugal em 1817, para plantar a paz e a ordem no Porto, prende, devassa, enforca e degrada; o primeiro ministro do Brazil, para se sustentar no seu throno de ferro, manda perturbar Pernambuco, depor os governos, premia os demagogos, e enche a ordem do Cruzeiro de indignos Lauristons: Pombal é um malvado, Andrada é um santo.

Oh tempora! Oh mores!

Daqui procedeu suppor o primeiro ministro,que o Menezes nos tinha conduzido á adherencia ao Rio,nada obstante a sua pequenhez e o seu nada,e por ahi ter-nos em menos conta do que d'antes, como dizem muitas cartas da côrte; o que combina com os ameaços,que nos fez um irmão do dito ministro de que *deveriamos receber a constituição que elles nos quizessem dar, senão por bem, á força, que é a ultima razão dos estados.* E como póde muito bem succeder, que o tal senhor ameaçador queira ter a gloria de ser o que nos venha apresentar a *constituição ministerial*, por caridade o advirto, que si de tal o encarregarem, dê sua desculpa para não vir, porque talvez diga com o Sulmonense— *Quantum erat o magui perituro parcere Divi ut saltem patria contumularet humo.*

Devassa aterradora!

Sim, meu charo Damão, uma inquisição politica se abriu na côrte, e mandou-se abrir aqui e no Maranhão contra republicanos, carbonarios, etc.; pelos quaes entendem todos os homens, que não pensam como o ministerio. Foram no Rio presas mais de trezentas pessoas, que povoam ainda a cadeia, Ilha das Cobras e Lage; outros foram deportados para fóra do Brazil; e outros querendo escapar a esta proscripção de Sylla, emigraram de sua patria, e foram procurar refugio e gasalhado em terra alheia.

Aquelles mesmos que mais haviam trabalhado para a independencia do Brazil, e acclamação do nosso adoravel imperador, já com seus escriptos, já com suas acções, foram perseguidos, expatriados e presos, sem lhes valer a alta representação de *procuradores geraes das provincias*, nem o sagrado caracter de *deputados.*

Quem lê, meu charo Damão, a resposta a carta do *Amigo da ordem*, inserta no *Diario do Governo do Rio*, numero 112,não póde deixar de encher-se de uma indignação contra um ministerio, que sacrifica á sua ambição e ao seu systema othomanico a vida, a virtude e a honra de seus concidadãos.

Sem duvida estarás dizendo la comtigo: *E' possivel que Brazileiros, que homens reputados por patriotas, e que se mostravam tão interessados pelo bem do seu paiz, sejam agora os primeiros verdugos de seus compatriotas, os oppressores de sua mesma nação, os tyrannos de sua patria?* Não só é possivel, como é o que estão nossos olhos vendo, e nossas orelhas ouvindo. Aquelle *ad quid mortalia pectora cogi auri sacra fames* do Poeta não o entendas só

da avareza; entende-o de toda e qualquer paixão, que forma o caracter particular de cada um dos homens; entende-o da ambição, da lascivia, do orgulho e desejo de dominar.

De ordinario combate-se o despotismo, porque está nas mãos dos outros, e em chegando ás nossas, tudo nos é licito, tudo podemos, e levamos a rojões quanto se oppõe ao furor dos nossos affectos, e a nosso ponto de honra; e nésta cega carreira nos não lembram o baque de um Pombal em Lisboa, nem a morte de um Prina em Milão. Não nos lembramos que os ministros cahem de cima dos assentos, e debaixo dos golpes da *desesperação* e da *vingança*; fica porém o povo, a nação, a patria.

Bem certo de que o despotismo não póde suster-se e progredir nos lugares, em que é licito ao homem dizer com franqueza seus sentimentos, o ministerio, por meio da perseguição contra os escriptores liberaes e patrioticos, tolheu a liberdade á imprensa, e destruiu o vehiculo, por onde se podia instruir a nação de seus verdadeiros interesses, e apontar-lhe os abysmos, em que lhe podiam submergir a sua felicidade,a sua honra e a sua gloria. Calaram-se todos os escriptores de peso, não fallou o *Periquito*, não viajou mais o *Correio*, nem ardeu a *Malagueta*; e ficaram dando as cartas,á sombra de protecção e instrucções do ministerio, um *Diario do Governo*, um *Regulador Brazileiro*, um *Espelho Ustorio*, escriptos subversivos da felicidade do Brazil, da liberdade da nação, e esteios do despotismo ministerial.

E agora que, afiançado na abertura do soberano congresso, e de ordem de S. M. I. e Constitucional,torna o redactor da *Malagueta* a lançar mão do arado desamparado, para no campo da illustração publica semear o trigo das verdades, e arrancar o joio das arbitrariedades, e se dirige a S. M. I. e Constitucional, mostrando-lhe as manobras machiavelicas do ministerio para se conservar despotico com compromettimento do imperador, e risco da causa do Brazil, succedeu.... que horror! cahe-me a penna da mão!.... quem tal esperava no tempo da liberdade, na capital do Brazil, á vista do seu perpetuo defensor, á face do supremo congresso!.... succedeu que entrando cinco assassinos pela casa do redactor, o deixaram por morto, com dous dedos cortados, tres cutiladas na cabeça, e todo mais corpo passado de feridas, e massado a páo, afogado em seu proprio sangue, e alguns de sua familia e dous amigos, que com elle estavam, tambem espancados e feridos!

Que attentado!

Em que ponto do globo, em circumstancias iguaes ás nossas, se obrou um feito tão monstruoso e revoltante, como este?

Por muitas vezes orou Seneca com a maior liberdade no tempo de Caligula, e sua morte no de Nero não foi em circumstancias identicas ás nossas, e assim mesmo teve uma especie de justiça; e si as Filipicas de Cicero lhe mereceram a morte, foi nos tempestuosos tempos de Antonio, quando não havia um imperador justo, liberal, que mandasse defender a causa da patria, inda mesmo *contra sua propria pessoa*.

Este monstruoso facto não será, meu Damão, não tem todas as apparencias de irmão uterino daquella morte atraiçoada, feita em um cidadão de S. Paulo, que defendia a sua honra e de sua familia, ultrajada e ferida por um dos Andradas ?

Quem tal pensava !

E' além de toda esperança, que não querendo nós soffrer a escravidão do despotico ministerio de Portugal, o orgulho de sua nobreza, as injustiças dos seus becas, venhamos arrastar os grilhões forjados por uns Paulistas, e quatro peões fidalgos do Rio ! Mas não, Deus que vigia sobre a boa fé dos humanos, e do alto dos céos vê a sinceridade de nossos corações, e a pureza dos nossos sentimentos, não permittirá jámais que sejamos opprimidos e esmagados ; elle nos lembrará meios, e nos dará valor para desorganisarmos os planos dos perversos, e a infatuação dos malvados conselhos de Achitofel não foi privativa dos tempos de David.

Aconselharam ao nosso adorado imperador, que formasse um batalhão de Suissos para guarda de sua pessôa. Pois S. M. carecia ser guardado por tropas estrangeiras ? E guardal-o de quem ? Dos Brazileiros ? Não ha contradicção tão palmar a tudo que S. M. I. e Constitucional tem dito, e feito pelos Brazileiros. Qual é o papel, dos que correm impressos, feito por S. M. I. e Constitucional, do qual se não veja quanto S. M. está certo do amor, amizade e adhesão que lhe tem os Brazileiros ? *Tendo-me sido confirmada por unanime consentimento e espontaneidade dos povos do Brazil a dignidade e poder de regente deste vasto imperio ;* (2) *Apenas os puros votos, e amor geral dos briosos Brazileiros me collocaram no throno constitucional da America austral ;* (3) *Elle (o povo brazileiro) foi unanime em escolher-me para seu defensor perpetuo, honroso cargo que aceitei, e que saberei desempenhar a custa de todo meu sangue* ; (4) são palavras deS. M. I. e Constitucional.

Podem haver expressões mais terminantes do que estas de S. M. sobre o affecto dos Brazileiros ? E que motivos tem havido para que S. M. desconfie dos Brazileiros ?

Esta creação, além de odiosa, porque traz comsigo preferencia, emulação, e choque entre este corpo e os batalhões do paiz, é impolitica, porque produz a desconfiança nos Brazileiros ; e da desconfiança á insurreição o ascenso é muito pequeno e facil ; e seja qual for o fim, que teve em vista o ministerio nesta creação, as provincias todas se tem desgostado muito deste passo do ministerio, e estão alerta.

O escandalo,que nisto recebeu o Brazil, se tem augmentado com a instituição da nova Ordem do Cruzeiro, e a installação da sociedade secreta com o titulo de *Apostolado.*

---

(2) *Decreto do* 1.° *de Agosto de* 1822.
(3) *Proclamação de* 8 *de Janeiro de* 1823.
(4) *Proclamação de* 21 *de Outubro de* 1822.

Esta é o club de *aristocratas* servis, que protegem, procuram e propagam por todos os meios a escravidão do Brazil, comtanto que elles tambem tenham seus escravos, a quem pisar. Com tal furor se levanta das margens do Cocyto esta praga de gafanhotos devastadores, que tem levado á sua ultima ruina todas as outras sociedades, maçonica, keporotica, etc.; tem chegado a penetrar o santuario do soberano congresso, e contaminado seus membros ao ponto de nos darem espanto as pessoas, que são indiciadas desta confraria; trazem espiões, que pesquisam, vigiam e denunciam ao ministerio todos os que julgam inimigos, não da causa do Brazil, sim do despotismo ministerial por não pensarem do mesmo modo, que elles.

Que liberdade é a nossa, si temos a lingua escrava!

Que perigo!

Como escapar, si o Bryareo do despotismo tem cem mãos, armadas de ferro, fogo, venenos e dos instrumentos da morte?

Aquella ordem, sobre ser uma decidida prova do mais escandaloso despotismo, como se tem feito ver na *Analyse do Decreto* da sua creação, impressa na Bahia, é um engodo para ajuntar ao partido aristocrata desolador os homens vãos e fofos, e os sevandijas, que, não tendo virtudes e probidade, se querem distinguir da sua classe pelos retalhos de fitinhas e pedacinhos de metal; e eu espero que para se aggregarem tambem os hypocritas, se crie uma nova ordem da Senhora; que tragam uma de chumbo no chapeo, como Luiz XI de França.

Tu bem sabes, meu charo Damão, que os homens se deixam levar mais das exterioridades, do que da essencia das cousas; e que pesam no conceito dos sevandijas as fitas, as veneras, os placaes mais, do que as virtudes e os merecimentos; querem antes parecer bons, do que serem-n'o.

Vae ver a quantos não tem furado os olhos as decorações de José Candido?

Quantos não estariam desejando ter occasiões de apresentar serviços a José Bonifacio, para lhes vir um Cruzeiro?

Olha para os trabalhos do Marimba. A que fim se dirigem os seus escriptos apocryphos?

Vae ver de que comichões não tem ralado certos corações padreticos os dous habitos do *Bicudo*, e o despacho de *Despregador regio*?

Meu charo Damão, o ministro não é mole, nem se perde por tolo; conhece o fraco dos homens, e vai com elles a tirar todo partido.

Aquella justiça que nos fez S. M. I. e Constitucional, quando nos chamou *Pernambucanos intrepidos, defensores da liberdade brazilica*, tem sido de morte para os corypheos do despotismo; pelo que não tem perdido meio algum de nos pôrem em estado de fraqueza: querem tirar-nos o dinheiro á força, e dividir-nos.

O ministerio mandou-nos ordem para que não só mandassemos para aquella côrte mensalmente 35:000$000, quando o rei D.

João de Portugal estava no Rio, mas tambem mais de dous milhões atrazados, que deixaram de ir para aquella cidade, por deverem ir para Portugal, para onde se havia passado o rei; e que igualmente recrutassemos gente para um batalhão de seiscentos homens, que devia marchar para aquella côrte, a servir na artilheria naval.

Querem o negocio mais claro?

Que beneficios estes para Pernambuco!

Quem será tão estupido, que não enxergue aqui a trama do ministerio para nos enfraquecer?

Não é occulta a pessoa alguma a desolação em que ha estado esta provincia desde 1817.

As casas ainda maiores ficaram de rastos com os sequestros para a fazenda real, com os roubos dos ministros sequestrantes, com os dinheiros gastos na Bahia pelos presos, que lá tinham, com o atrazamento da agricultura e parada de seus negocios; a emigração de muitas pessoas para paizes estrangeiros, o estanco do commercio, as subscripções e donativos para obras publicas escorchados por Luiz do Rego, as suas expedições para Pitimbu, os roubos dos Soares, Mermes, Uchoas, Coutinhos, os embarques e regressos das brigadas do Rio de Janeiro e Bahia; as expedições para a Bahia, a emigração de muitos Europeus, que levaram o seu e o alheio; o embarque e remessa dos batalhões do Simões e Algarvios; todas estas despezas, e outras da provincia tem exgotado os particulares e o publico, de modo que o thesouro publico em Abril passado só havia em moeda pouco mais de 1:000$000.

Como então se ha de mandar para o Rio mensalmente 35:000$000 e mais atrazados?

Primeiramente d'onde se ha tirar o dinheiro para as despezas actuaes, que são grandissimas com a creação de novos corpos e preparos bellicos; pois estamos com guerra aberta com Portugal,e não devemos de estar a dormir?

E agora com estas joias, que nos chegaram da Bahia, que hão de ser sustentadas, e regressar para Portugal?

Depois, quantas não são as necessidades internas do paiz?

Quererá o ministerio que fiquemos, como estavamos no tempo do rei de Portugal? Essa era boa, devemos-nos esquecer das necessidades dos que ganham o dinheiro, para o escancearmos aos zangões do Rio de Janeiro, para vermos gastar só com a capella imperial 17:000$000!

E' bem verdade, meu charo Damão, que como ha gastos, que faz o Rio de Janeiro, os quaes se dirigem a beneficio e segurança de toda a nação, todas as provincias, que percebem o beneficio, devem passar tambem pelo gasto; mas isto é para nas occasiões desses gastos entrarem todas com a sua quota parte proporcionalmente a suas finanças; mas nunca se deve, dar nem um real mensal, annual ou triennalmente a tom de tributo, por quanto nós não somos Turcos, cujo imperante é senhor proprietario dos trabalhos e propriedade dos seus vassallos. Cada um de nós é senhor proprietario

do que possue, e do que adquire pelos seus trabalhos ; essa parte que disto, que é seu, dá para o thesouro publico por meio dos tributos, impostos, & a dá para as necessidades publicas da nossa provincia ; e quando estas não absorvem tudo, que damos, o excesso não é de ninguem, nem de nenhuma outra provincia, é desta, deve ficar no seu cofre, e reservar-se para se empregar quando houverem causas extraordinarias, e não se mandar para parte nenhuma.

E' desta forma que a nação se faz rica, poderosa e temida.

Quando cada uma das provincias do imperio tiver o seu thesouro cheio, todo o imperio está rico e respeitavel, e as provincias não tem nada que receiar do ministerio despotico ; mas não é o mesmo quando as provincias se acham desfalcadas de riquezas, e o thesouro da capital riquissimo, porque então ou é empregado em superfluidades, com que nada utilisa a nação, ou com esse mesmo dinheiro o ministerio nos faz a guerra, e nos escravisa. Portanto é despotica a portaria ou ordem que veio sobre o dinheiro ; é um tributo, e pesadissimo. *Toda especie de tributo publico*, diz o abade Mauri a fl. 233, *desagrada o povo, e não pode jamais existir algum, que não projudique parcialmente a liberdade ou a propriedade dos cidadãos* ; e M. Rainal, no tomo 3°. fl. 552, que o tributo e o imposto é a prova do despotismo, ou aquillo que mais de pressa ou mais de vagar conduz a elle ; que as imposições das taxas foi a mais importante das usurpações, que os soberanos fizeram, e cujas consequencias tem sido as mais funestas. A imposição que poz Aristides sobre toda a Grecia, para sustentar a guerra contra a Persia, foi tão moderada, que os que contribuiram a chamaram—a feliz sorte da Grecia.

E nós poderemos dizer o mesmo de 35:00$000 mensaes para o Rio de Janeiro ?

E' da mesma estofa a portaria para o batalhão de artilheria naval.

De primeiro, esta provincia, desde a povoação do Brazil, tem sido a mais acabrunhada de todas na perda de gente ; porque de seculo em seculo tem tido uma revolução, que lhe tem consumido muitos centenares de pessoas, e ainda não houve uma questão no Brazil, para que ella não désse soldados,como se vê das nossas historias, e o aponta o autor da *Dissertação sobre a patria* ; e depois que o rei de Portugal veio ao Brazil salvar-se das unhas de Bonaparte, mandou para Cayenna oitocentos homens, que ainda andam por lá derramados ; perto deste mesmo numero para Monte-vidéo ; uma companhia de artilheria para o Rio de Janeiro;seiscentos agora para a Bahia ; defende a ilha de Fernando de Noronha com uma guarnição de cento e cincoenta homens ; como pode agora mandar seiscentos para o Rio ?

Todos sabem, que a população da provincia não é proporcionada ao seu terreno ; que a nossa agricultura está em um grande atrazamento com estes seiscentos aqui ; como ficaremos sem elles ?

Em segundo lugar, que vão fazer ao Rio de Janeiro ? Tem o Rio alguma briga com alguma potencia ? Portugal podia man-

dar a qualquer outro ponto do Brazil ; mas nunca para o sul, e agora a nenhum. O mappa do exercito completo do Rio de Janeiro em Setembro do anno passado apresentou mais de vinte mil homens de 1ª,. e 2ª. linha,fora o batalhão de Suissos. Que faz, pois, tanta gente em armas acantonada na cidade ? Não pode de um numero tão superfluo detropas tirar-se seiscentos para a artilheria naval ? E' preciso manda-los buscar a Pernambuco, que se acha tão desfallecido de gente ?

Não é preciso ser muito atilado, para conhecer os fins do ministerio nesta medida.

Quem deixa de conhecer, que a maxima é enfraquecer as provincias,ao mesmo tempo que se ajunta toda a força no Rio, para d'ali se despedirem expedições para toda parte, e se subjugar o Brazil com os mesmos Brazileiros ? Os ministros do Rio enganam-se muito, quando assentam que os povos são tão toupeiras, que não são capazes de ver estas espertezas grosseiras. Demos, porem, que podiamos dispensar, sem notavel damno, esses seiscentos homens ; porque razão não deveriam elles ser applicados á nossa marinha, e artilheria naval ?

Cada provincia deve ter a sua, e proporcional ás suas necessidades, e não estar a fiusa da do Rio. Quando Pernambuco, Rio Grande, Ceará, Maranhão e Pará se virem com um bloqueio na barra hão de mandar dar parte ao Rio, para então vir de lá o auxilio que quizerem, e no tempo que lhes parecer ?

Estamos com o exemplo da Bahia diante dos olhos.

Que tempo gastou o Rio em mandar Delamare, e o que fez elle ? Não deixou entrar os batalhões de Portugal, e não foi causa de augmentar suas forças o Madeira ? E que castigo teve elle por esta perfidia ou fraqueza ?

Quantos tempos se não esperou por Cokrane ?

E que tempo não teve o Madeira para fortificar-se, e depois que chegou, não deixou entrar cinco embarcações para a Bahia, e elle posto atraz do morro ? Si Madeira quizesse estar acabando de assolar aquella cidade, quem o teria prohibido ? Si Madeira tivesse temido aquelle bloqueio, se teria retirado levando tudo quanto quiz, quer profano, quer sagrado ?

Peiores que estes hão de ser os outros auxilios, que o Rio mandar ás provincias, as quaes serão o ludibrio de seus inimigos, si não tiverem uma marinha sua, cuja guarnição e tripolagem defendam seus lares, seus filhos, suas esposas, sua propriedade e sua patria.

Os povos conhecem estas verdades, e estão desconfiados, querendo descobrir uma mão forjada entre o ministerio, Delamare, Labatut,e ontros ; e dizem que o ministerio quer dar com o imperio do Brazil em vasabarris.

Ah ! meu charo Damão,agora lembro-me daquillo de Camões— *uma nuvem, que os ares escurece, sobre nossas cabeças apparece.* Não sei que phantasma *robusto e valido* me aterra e faz tremer. Si os negros fados permittissem, para nossa desgraça, que se effec-

tuasse isto, para que o ministerio nos vai empurrando, penso que viremos a ser preza de aventureiros ousados, e ficará o imperio brazileiro peior do que o dos Persas, depois da morte de Alexandre, que sendo retalhado entre os seus generaes, ficou em reinos, mas reinos poderosos, como o Egypto nas mãos de Ptolomeo, Babylonia e Syria nas de Seleuco, Cassandro com a Macedonia e Grecia, e Antigono a final na Asia.

Em todos os papeis que correm impressos, quer sejam feitos por S. M. I. e Contitucional, quer dirigidos a elle pelos povos e seus representantes, ou se vê ás escancaras, ou se dá a entender, que a constituição do imperio ha de ser feita pelo soberano congresso, representante da nação, e não pelo imperador.

Quando os procuradores geraes das provincias do Brazil representaram a S. M. I. e Constitucional, então principe regente, *que era necessaria a convocação de uma assembléa luso brazilica, que investida daquella porção de soberania, que essencialmente reside no povo deste grande e riquissimo continente, constituisse as bases sobre que se devesse erigir a independencia, que a natureza marcara, e de que estava de posse*; *S. M. I. e Contitucional reconhecendo a verdade e a força das razões, que lhe foram ponderadas, houve por bem mandar convocar uma assembléa constituinte e legislativa* (5). *Redobrou-se ainda muito mais o seu prazer por ver, que as idéas dos povos coincidiam com as suas puras, sinceras e cordiaes intenções* (6) *Quiz ouvir o pensar dos procuradores geraes das provincias a respeito da situação politica do Brazil, por lhes pertencer a elles este negocio, como inteiramente populur* (ibi.) *Então elle* (o povo do Brazil) *foi unanime na firme resolução de possuir uma assemblea legislativa sua propria, de cuja sabedoria e prudencia resultasse o novo pacto social, que devia rege-lo*, proclamou S. M. I. e Constitucional, aos Portuguezes a 21 de Outubro de 1822. *Mandei convocar uma assembléa constituinte legislativa, que trabalhasse a bem de sua solida felicidade. Hei de defender os legitimos direitos, e a constituição futura do Brazil, que espero seja boa e prudente, com todas as minhas forças, e á custa de meu proprio sangue, si assim for necessario*, disse elle aos governos e nações amigas (7). E no dia da abertura do supremo congresso, todo transportado em jubilo, exclamou: *Afinal raiou o grande dia para este vasto imperio, que fará epocha na sua historia. Está junta a assembléa para constituir a nação. Que prazer! Que fortuna para todos nós!* (8)

De todas estas expressões tão terminantes, e ditas á face do céo e da terra, se conhece que a constituição brazilica ha de ser

---

(5) *Decreto de 3 de Junho de* 1822.
(6) *Falla de 2 de Junho de* 1822 *ao conselho dos procuradores geraes.*
(7) *Manifesto de 6 de Agosto de* 1822.
(8) *Falla ao soberano congresso.*

feita,não por S. M. I. e Constitucional, sim pelo soberano congresso dos nossos deputados.

E para que se tirasse á *velhacada* as armas com que podia manejar, imbutindo talvez que o fazer constituição era ver o que dictasse o ministerio e subscrever a tudo, S. M. I. e Constitucional declarou com a maior clareza do mundo, que a assembléa coustituinte e legislativa meneando o leme da razão e da prudencia, evitaria os escolhos, que nos mares das revoluções apresentam França, Hespanha e Portugal ; marcaria as partilhas dos poderes ; firmaria o codigo da nossa legislação, e o aplicaria ás nossas circunstancias : que os representantes do Brazil haviam de marcar os direitos, sustentar os do Brazil, e consagrar os verdadeiros principios da monarchia representativa do Brazil ; declarar o supremo imperante ; cortar as cabeças ao despotismo e anarchia ; responsabilisar os empregados e funccionarios publicos ; regularisar a fazenda publica, sua administração economica ; instituir as leis civis e criminaes ; legislar sobre a tropa, sobre os cultores das lettras e sciencias, a final fazer tudo. (9)

Isto disse S. M. I. e Constitucional que fariam as côrtes, e nem outra cousa poderia querer jamais o Brazil. Basta, pondo de parte outras muitas provas, ver-se a vontade do Brazil expressa na falla, que á S. M. I. e Constitucional fez o presidente do senado da camara do Rio de Janeiro, no dia 12 de Outubro, em que foi acclamado imperador constitucional.

Estes são os factos publicos, admissiveis no Brazil, e dignos da sua honra e dignidade. Como então se assoalha no Rio de Janeiro, que o soberano congresso não é superior ao imperador, que não tem tal soberania de poder, que este está todo devolvido ao imperador, só pelo acto da acclamação, e que o poder, que tem os deputados, é uma pequena fracção, que lhes communicou o imperador ?

Só um aristocrata orgulhoso e servil, que queira engrandecer-se á sombra do despotismo, é que terá -o desavergonhamento de avançar tão detestaveis proposições.

Disse, que *outra cousa não podia querer o Brazil*, porque os Brazileiros são menos briosos, do que os portuguezes ? Estavam em peiores circunstancias do que estes, para se sujeitarem a cousas de tanto opprobrio ? Estariam doudos rematados, para fugirem de uma escravidão, e se arriscarem a outra ? Elegeriam deputados com tantos trabalhos, e os mandariam com tantos gastos á côrte somente a receber a constituição, que aprouvesse ao ministerio ? Os mesmos deputados seriam de sentimentos tão baixos, que se honrassem do officio de correio ?

Para isto bastava que viesse Delamare no *Monte de Ouro* todo embandeirado, correndo os portos do Brazil, e entregando o

---

(9) *Manifesto do 1.° de Agosto de* 1822.

cartel do despotismo, que seria immediatamente aceito, e posto sobre as corôas das cabeças, si não houvesse algum *Caponi*, que pondo-o em farelos, dissesse : *Faites battre vos tambours, nous ferons sonner nos cloches. Voilá ma reponse. Dizei a quem vos mandou, que a nossa resposta é que toque ao seu rebate, e nós tocaremos ao nosso.*

Isto o Brazil entende, isto vê o Brazil, que praticaram Inglaterra, França, Hespanha, Portugal, os Estados-Unidos, a America Hespanhola ; e S. M. I. e Constitucional declarou mesmo, que os Brazileiros, que verdadeiramente amão ao seu paiz, jamais tiveram intenção de se sujeitarem a uma constituição, em que todos não tivessem parte, e cujas vistas fossem de os converter repentinamente de homens livres em vis escravos. (10)

Na verdade, meu Damão, assim se deve entender das intenções liberaes, puras e sinceras de S. M. ; mas os seus ministros, ou esse que minutou aquella falla para S. M. recitar, sempre teimoso em ir com a sua adiante, e nunca esquecido de não perder occasião de semear suas opiniões detestaveis, introduziu naquella falla tres porposições, que muito tem revoltado os espiritos, e atemorisado o povo.

1.ª *Ellas* (medidas legislativas) *nunca pareceram que foram tomadas por ambição de legislar, e arrogando um poder no qual somente devo ter parte.*

2.ª *Que com a minha espada defenderia a patria, a nação, e a constituição, si fosse digna do Brazil e de mim.*

3.ª Ultimamente *Espero que a constituição que façaes, mereça a minha imperial aceitação.*

Aqui vêm todos como vão subindo gradualmente, e se vão desenvolvendo os sentimentos, que o astuto ministro tem querido plantar em S. M. I. e Constitucional contra as intenções puras, liberaes, e sinceras do seu augusto coração.

Vejamos isto por partes.

Quanto a primeira, que parece moderada pela expressão *parte do poder legislativo*, é falsa em toda sua extensão. Si S. M. ha de ser o chefe do poder executivo, como ha de ter parte na legislação ? Isto é um monstro em politica. Já lá se foi o tempo dos prestigios, hoje os espiritos não podem digerir estas proposições tão fortes ; já se acabou o tempo de *fazel-as, e batizal-as.*

O Brazil é que eregiu o throno, e nelle assentou S. M., e o assentou debaixo da condição impreterivel de estar pela constituição, que o Brazil lhe desse. Como então ha de ter S. M. parte no poder legislativo ? S. M. I. e Constitucional não foi que separou o Brazil de Portupal, foi o Brazil mesmo, que, pela lei suprema de sua felicidade, se separou de Portugal, e com esta separação declarou do modo mais solemne e effectivo, que não haviam

---

(10) *Falla na abertura das cortes.*

mais para elle casas de Braganças, nem direitos de successão, heranças, nem nada de Portugal, e que ia constituir-se como bem quizesse.

Ajuntou-se para formar o seu pacto social. Neste pacto é que se deve determinar a forma do seu governo, e escolher a *pessoa* a-quem porão á sua testa para executar o que determinarem os seus representantes. Está claro, que podendo este executor ser chamado de fora da nação brazilica, ou tirado do seu seio, na primeira hypothese o executor, qualquer que elle fosse, nenhuma parte teria no poder legislativo ; na segunda não tem outra parte maior, do que outro qualquer cidadão do Brazil ; e só neste ponto de vista é que se póde dizer que S. M. I. e Constitucional tem parte no poder legislativo. Mas o que se quer inculcar naquella expressão é cousa diversa, falsa, perigosissima e inadmissivel, como attentatoria contra a soberania nacional.

Se quer inculcar que S. M. por ser acclamado imperador antes de haver constituição, quando esta se faz, elle tem parte na constituição, não como um outro cidadão já representado pelos deputados, mas sim com um quarto, um terço, uma metade, ou outra semelhante parte do poder supremo, não já comprehendida naquelle das côrtes soberanas : é falso, falso, falso.

O poder soberano é indivisivel, elle está todo essencialmente na nação, e por commissão ou delegação nas côrtes soberanas, ás quaes já abrangem aquella mesma parte, que tocava a S. M. I. e Constitucional não por ser principe regente do Brazil, nem da casa de Bragança, nem finalmente por ser o successor do throno portuguez, sim unicamente por que aceitando os nossos convites, desprezou e abjurou ser Portuguez, e se naturalisou Brazileiro; o que si não fizesse, e regressasse para Portugal, nós nos teriamos constituidos como quizessemos, e posto á nossa frente quem nos parecesse, como tem feito em semelhantes circumstancias todos os povos do mundo, desde os mais remotos seculos.

Portanto aquella expressão, sobre superflua, é temerosa, e uma guarda avançada do despotismo ; pois quer dividir uma cousa indivisivel por sua essencia moral ; e nós não estamos no tempo, nem nos costumes e idéas dos Espartanos, que depois da morte de Aristodemos dividiram a soberania entre dous reis, que governavam ao mesmo tempo a mesma cidade ; e parece-nos que no sentido se póde applicar a este caso aquella maxima do sabio Mauri, a saber : *Todo homem que sabe calcular as consequencias dos principios politicos, deve abjurar uma patria, onde os legisladores são magistrados.* Portanto ser S. M. I. e Constitucional o primeiro magistrado da nação, e ao mesmo tempo legislador, não se entende, nem é admiravel no estado actual das luzes da Europa.

Demais, a acclamação de S. M. em imperador constitucional não foi outra cousa, que uma previa e antecipada declaração do Brazil sobre a pessoa, que escolheriamos para principe nosso, ou chefe do executivo, quando fizessemos o nosso pacto social, e não se lhe conferiu outro poder mais do que aquelle, que se lhe fazia indispen-

savel para convocar as cortes, e determinar provisoriamente aquellas cousas, que eram mister existir e arranjar-se para bem da nação, antes que esta se ajuntasse em còrtes; o que não só declararam algumas camaras, quando foram consultadas a este respeito, como reconhece S. M. mesmo.

A segunda proposição, isto é, de S. M. *defender a constituição, que for digna do Brazil* e de S. M., é o degráo medio para aquillo que tanto tememos. Parece querer insinuar que póde haver uma constituição, que sendo digna do Brazil, o não seja tambem de S. M. Pois póde o chefe de uma nação ter outra dignidade, que não seja a dignidade da nação?

Um monarcha não tem outra felicidade, que a felicidade do seu povo; um monarcha é grande, respeitado e temido, quando a sua nação é grande, respeitada, honrada e temida.

A felicidade, a grandeza e honra não é de uma ou outra parte da nação, é do todo; porém não se póde conceber constituição digna do Brazil, sem que o seja tambem do imperador. E si, caso negado, se póde formar uma constituição, que sendo digna do Brazil, deixe de ser para com o imperador, então deverá sempre S. M. defendel-a, e a sua honra ceder á honra do Brazil; pois que essa foi a sua promessa mais de uma vez, e a sua palavra deve de ser efficaz e não illusoria.

Eis as suas promessas:

Prometteu que daria sua vida, para que no Brazil existisse um systema liberal dictado pela prudencia. (11) Caso unico em que a constituição póde ser digna do Brazil.

Tem ardentes desejos de cooperar com todas as suas forças, para que este tão rico, tão grande e tão abençoado reino do Brazil venha a ser em breve tempo um dos reinos constitucionaes mais felizes do mundo (12). Isto succederá com a constituição digna do Brazil.

Não se tem poupado, nem se poupará a trabalho algum, por maior que seja, comtanto que delle provenha um seitil de felicidade para a nação. Esta só póde vir de uma constituição digna do Brazil.

A todo custo, até arriscando a propria vida, si preciso for, desempenhará o titulo, com que os povos deste vasto e rico continente em 13 de Maio do anno preterito o honraram, de defensor perpetuo do Bazil. (13). *Elle finalmente pela sua nação estava prompto de sacrificar a propria vida, que a par da salvação da patria é nada.*

E o mesmo na falla ao exercito, na entrega das bandeiras.

Que promessas mais solemnes, mais justas, mais decorosas ao Brazil?

---

(11) *Proclamação A nossa patria etc,*
(12) *Carta de 15 de Junho de 1822 ao governo provisorio da Bahia.*
(13) *Falla as córtes.*

E ellas ou devem de ser effectivas, aceitando S. M. I. e Constitucional a constituição, que fizer o Brazil, que pela sua justiça e prudencia felicite, augmente e glorifique o Brazil, porque neste caso não póde deixar de ser digna de S. M. I., ou devemos concluir que as palavras do ministro discordam das intenções puras, liberaes e sinceras do coração de S. M., compromettem-no com os povos, e arriscam o imperio.

A terceira proposição *: Espero, que a constituição que façaes, mereça a minha imperial approvação*, choca mais do que as outras antecedentes, e, a meu ver, é o manifesto mais decisivo das intenções do ministro; pois que não se determinando o que aceitará S. M., pode S. M. regeitar toda e qualquer constituição, dizendo que não é digna de sua imperial aceitação; e eis todos illudidos, e frustrados os trabalhos do soberano congresso. E porque só S. M. é quem ha de saber o que é digno da sua imperial aceitação, apresentar-nos-ha o ministerio uma cousa, que la quizer, á feição de suas conveniencias, para subscrevermos e obedecermos, realisando-se na nossa escravidão a fabula do cavallo, que pedindo ao homem ajuda para vingar a injuria, ficou delle cavalgado.

De mais, parece querer inculcar, que a aceitação imperial é de tanta essencia para a constituição, que si S. M. I. e Constitucional não der a sua imperial aceitação, não teremos constituição.

Este negocio está com summa clareza e verdade discutido pelo deputado Antonio Carlos de Andrada, debaixo do nome de *Philagiosetero* nas suas reflexões sobre o decreto de 18 de Fevereiro de 1831, impressas na Bahia de Todos os Santos; o qual finalisa a sua explicação do fim e força da sancção regia nas leis constitucionaes dizendo: *Não precisa a nação pedir a sua creatura* (o imperador) *o que é de direito seu.*

Esta verdade não deixa o ministerio de conhecer, e no emtanto faz S. M. dizer o contrario ao congresso, afim que este para constituir a nação va consultar o ministerio sobre o que será do agrado de S. M.

Machiavelicos ministros, quanto vos enganaes! O Brazil está com os olhos abertos, lobriga as vossas tramas, e conhece os vossos laços. Vós cahireis, e a liberdade do Brazil sustentará eternamente o seu imperial pavilhão.

Ah! meu charo Damão, que tenebroso futuro se me antolha!

Quanto temo ver a chara patria sepultada em um abysmo insondavel de males!

O ministerio si não retrogada na carreira, em que vai, subjugando o soberano congresso com os seus terrores, com as suas suggestões, e levando mão das suas arbitrariedades de devassas, prisões, expatriações, não respeitar a liberdade dos povos, a segurança das vidas e pessoas dos cidadãos; si não consentir que fallem os escriptores, vehiculo da opinião publica, afim que os deputados possam conhecer os sentimentos e a vontade dos seus constituintes, para constituirem a nação de uma maneira digna do seu caracter brioso, e da riqueza do seu solo, está tudo perdido.

Nenhum povo, depois de saborear a liberdade, se dispõe a sugeição absoluta: *E toda força*, disse S. M. I. e Constitucional, (14) *toda força é insufficiente contra a vontade de um povo, que não quer viver escravo; e os ferros são apparatos dos fracos e facciosos.* (15)

Os povos se acham descontentes do ministerio de José Bonifacio; olham para cada um dos que nos mandam como um espião, um intrigante, um satelite do despotismo; e deste conceito de que ninguem os arranca, não será isenta a sagrada pessoa do bispo. O povo desta praça acaba de dar um *Agradecimento* aos redactores pelo bem que hão feito com as suas doutrinas liberaes e justas; a provincia da Parahyba já havia feito o mesmo á *Sentinella da Liberdade*; e, segundo hei ouvido, as camaras da provincia se dirigem agora ao imperador e ao soberano congresso, explicando-se sobre o despotismo do ministerio.

Deus queira illuminar-nos e fortalecer-nos para conhecermos as estradas da rectidão, e marcharmos por ellas.

Adeus, meu charo Damão, aceita os officios do teu amigo *usque ad aras.*

Pitia.

---

(14) *Proclamação aos Portuguezes a 21 de Outubro de 1822.*
(15) *Proclamação aos Brazileiros—A nossa patria está ameaçada.*

IV

SOBRE O ESPIRITO ANTI-CONSTITUCIONAL, REVOLUCIONARIO E ANARCHICO DO REGULADOR BRAZILEIRO

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão.—Li, como tu, a carta do mestre Sampaio, ex-redactor do *Regulador Brazileiro*, ao deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, inserta no *Diario do Governo* do Rio de Janeiro de 17 de Junho deste anno, n. 132; e não foste tu só, que te escandalisaste daquelle hypocrita. Eu fui tocado do mesmo desejo de desmascarar o impostor, pelo que lhe havia escripto a carta, que abaixo verás; como porém queres saber o que penso da justiça ou injustiça do deputado, e os trabalhos, que me rodeiam, não me dão tempo para nada, respondo-te com a remessa da tal carta.

Eil-a, pois, e della colherás o meu voto.

Sr. ex-redactor do *Regulador Brazileiro*.—Lendo eu o n. 132 do *Diario do Governo* desse Rio, de 17 de Junho deste anno, achei nelle a sua carta dirigida ao illustre deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, sobre ter dito aquelle deputado á face da soberana assembléa legislativa, que *o Regulador Brazileiro fora causa das revoluções de Pernambuco*, exigindo Vmc. do mesmo apresentasse *testemunhos, extrahidos do mesmo Regulador, que sejam oppostos á instituição de um governo monarchico constitucional, afim de que não seja tachado o deputado de despota, e Vmc. apresentado a seus compatriotas e posteridade com um caracter equivoco.*

Este é com effeito o timbre de uma alma nobre, que zela o seu bom nome, e quer viver na estima dos vindouros.

Ainda que o illustre deputado, na sua carta de 26 de Julho do mesmo anno, haja satisfeito a sua petição, que talvez se dirigisse á uma contestação apparente, desejando Vmc., no fundo do seu coração, que o deputado lhe não desse ouvidos, nem resposta; com tudo, como me hajam tocado tambem os effeitos da sua doutrina, julgo-me com o direito de dirigir-lhe estas quatro linhas em demons-

tração da justiça, com que o deputado o julgou causa das revoluções de Pernambuco.

Como Vmc. mesmo naquella carta apresenta o preciso da sua doutrina regulatoria, julgo ser bastante responder aos diversos artigos delle, para dar inteiro cumprimento ao meu empenho.

Diz, pois, Vmc. que não sustenta o despotismo, por ser inimigo desta besta feroz; que não é cliente, nem partidario dos máos ministros, como os Richelieus, os Mazarinos, sim louva os bons, como Sullys, Turgots etc.; que com os escriptos do celebre Rabaut e de Norvins ataca a democracia; sustenta a monarchia constitucional, segundo o plano dos melhores publicistas do seculo XIX; com as autoridades de Benjamin Constant, de Loujuinais, Blackstone etc. mostra as vantagens de uma segunda camara tão popular como a primeira; reprova leis de sangue, sanccionadas pelos mesmos, que as promulgavam, e das quaes foram victimas os mesmos legisladores; fundado nas autoridades dos deputados, publicistas e oradores da assembléa de França, clama pelas attribuições devidas ao augusto chefe da nação, em cujo nome se exercita o poder executivo.

Esta a quinta essencia da sua doutrina regulatoria, a qual contrariando, sustentarei que o deputado não foi despota naquella proposição, que emittiu; por quanto o mais, que ha naquella carta, é uma carrada de palavrorios e basofias, que se encaminham a impor a quem o não conhece; portanto á ella.

A constituição não deve de ser a melhor possivel, porque é necessario ser um Deus para desempenhar um plano difficultoso; mas uma constituicão acommodada ás circumstancias moraes dos povos e ao systema da sua educação politica, disse Vmc. no seu n. 1.° (16)

A primeira parte da proposição, ainda que offereça muito que se diga sobre a sua frivolidade e inepcia, com tudo eu a deixo passar por agora, e lançarei mão da segunda, que pertence á questão.

Estas circumstancias moraes dos povos, e systema da sua educação politica relativamente ao Brazil, ou se podem entender das actuaes do Brazil, ou das futuras, que elle póde ter; neste segundo caso, nem Edipo poderá entender o que Vmc. quer dizer, nem applicar ao Brazil esta sua doutrina, e só os anginhos lhe poderão responder; no segundo, digo, o systema da nossa educação politica, desde a povoação do Brazil até agora, ha sido o systema do servilismo, da escravidão, do governo absoluto, despotico e tyrannico; logo devendo acommodar-se á este systema a nossa constituição, o que é que prega Vmc.?

O que planta com esta doutrina?

Para que cousa previne os povos?

Que thema dá aos representantes da nação?

Parece-me, que os mais idiotas responderão—*o despotismo.*

---

(16) Fl. 22.

E então só por este preludio de sua doutrina regulatoria, não dá Vmc. uma prova incontestavel de amar o despotismo, sem temer a ferocidade desta besta?

Demais, não foi isto um alarma, que Vmc. gritou aos corcundas, aos realistas puros, para se levantarem contra os constitucionaes, e empregarem todas as suas forças em estabelecer aquella forma de governo, em que lhes era facil elevarem-se pelos usados meios das monarchias absolutas?

Tanto foi que a experiencia, pedra de toque de todas as theorias, para a nossa infelicidade, nol-o mostrou neste Pernambuco. Nós que aqui estivemos, jámais nos poderemos esquecer das pessoas, que collaboraram para a explosão de 16 de Setembro do anno passado, fonte caudal das nossas inquietações, perigos e desgraças; tambem não ignoramos os fins a que se propuzeram taes senhores.

Os periodicos, com que autorisavam suas pregações, foram os seus reguladores, que se inculcavam como texto em politica, mormente por serem as doutrinas da côrte, publicadas debaixo dos auspicios do ministerio.

Ora diga-me, Sr. mestre Sampaio, esta sua proposição excitaria a desconfiança entre os povos e a côrte do Rio?

Poder-se-hia suppor, que no Rio haviam intenções sinistras na factura da constituição, e contra a liberdade dos povos e sua felicidade?

Eu confesso, quanto a mim, que o seu *Regulador* foi o que me metteu o judeu no couro, e me fez bruxolear o despotismo ministerial mais devastador e detestavel, do que aquelle de que haviamos fugido. Me fez ter por verdadeiras as informações do ministerio, que por aqui espalhou Bernardo José da Gama, chegando dahi; e penso, que isto não foi privilegio meu exclusivo.

Quando aqui se espalharam seus folhetos, todos os entenderam exactamente; e esta intelligencia produziu seus naturaes effeitos, segundo os animos dos seus leitores. Os que desejavam a felicidade do Brazil, sua liberdade e uma constituição, que fechasse as portas á ambição, ao nepotismo e á intriga, attendesse aos talentos, ás virtudes e aos merecimentos, tremeram de medo, e começaram a mal olhar o ministerio, e desconfiar das côrtes futuras. Outros que ambicionavam subir, e não tinham outra escada, que a arbitrariedade e as paixões dos ministros, animaram-se, planisaram; e para pôrem em pratica suas phantasias, chocaram-se com os primeiros, romperam-se; e dahi principiou a luta desastrosa, que ainda se não acalmou, e nos inquieta.

E que recompensa merece Vmc. por estes bons serviços feitos á causa sagrada do Brazil, com a divergencia das opiniões, e desconfiança para com o ministerio?

Não sabe?

Pois eu lhe digo, uma *roufle alleman*, roda de páo entre nós.

Não attribua esta demonstração, que faço com Vmc., á acrimonia de meu genio, ou falta de constitucionalidade em mim; reco-

nheça antes o facto de David com Natan: é sentença de Vmc. mesmo.

Merecem páo todos os que quebrantam os sagrados deveres de um cidadão ; todos os que procuram dissolver os laços sociaes, que ligam os homens; todos finalmente que excitam a desconfiança entre os povos e o governo, disse Vmc. ao Philarete (17)

Que bella constitucionalidade a de Vmc. !

Como se combina esta proposição com aquell'outra tambem sua: *E' a lei que falla, é a lei que condemna o cidadão. Que systema mais bello !* fallando do constitucional. (18)

Que proposição mais anarchica, revolucionaria e horrivel !

A epocha da chegada dos seus papeis aqui coincide com a da desenvoltura do chamado *batalhão ligeiro.* Neste foram por muitas vezes vistos os apaniguados dos que trouxeram seus folhetos, aquelles que se encarregaram de os vender; e os mesmos, que os trouxeram, dirigiram as bernardas.

E não será isto arvorar e fazer tremular a *bandeira negra da anarchia?*

Quem o duvidará?

De mais, estes foram os mesmos sentimentos e as mesmas expressões do celebrão Menezes, pessoa do seu intimo conhecimento e emissario dessa côrte, quando aqui seduziu a moços indiscretos contra a junta provisoria, dizendo-lhes por vezes: *Já que o governo não quer dar por nada, resta aos senhores militares puxarem pelos chanfalhos.*

Isto se fez em Pernambuco,e agora ahi nessa côrte soffreu desgraçadamente o Malagueta os effeitos daquella sua maxima.

Talvez que si os Fluminenses e as mais provincias tivessem adoptado o mesmo systema, (de levar a páo) *ellas hoje se vissem livres de monstros, que diariamente procuram devorar sua existencia politica.* (19)

E que se espera daqui, Sr. *Regulador* ?

Que se fará nas provincias, quando a côrte dá estes exemplos ?

Que constitucionalidade a do Rio ?

E' esta a *corte philosophica e imperial ?*

São estes *os philosophos que na corte de Postdam rodeiavam o grande Frederico* ? (20)

E' esta *a sã philosophia, verdadeira amiga dos reis e dos povos, que Vmc. tanto inculca no ministerio ?*

Devemos confessar, que é muito má casta de philosophia, essa que leva á chicote, e manda matar os escriptores publicos, que pugnam pela liberdade da nação no tempo da liberdade da im-

---

(17) N. 4. fi. 44.
(18) N. 5. fl. 56.
(19) N. 4. fl. 44.
(20) Sent. do P. de Assuc. D. R, 1 de Julho de 1823.

prensa; parece-me que não consta, que os Richelieus, (21) os Mazarinos, com quanto despotas fossem, tivessem uma philosophia tão forte, quanto essa, que Vmc. súa camisas em exaltar; sem duvida estas boas noites foram mais pesadas do que os bons dias, que com um murro deu um criado ao grande marechal de Turenne,o qual respondeu ao cumprimento com o maior sangue frio, dizendo: *Amico, la mano vi peza forte; un'altra volta ricordivi di calcar meno; io vi consiglierei quindi innanzi a dar il buon di colla voce piuttusto che coi gesti*—(22) Amigo, a mão vos pesa muito; outra vez não carregueis tanto; de hoje em diante, tomai o meu conselho, dai os bons dias antes de palavras, do que com acções.

Outra origem de partidos, choques, divergencia de opiniões, desconfiança do ministerio, temor do imperador e sustentaculo do despotismo foi a sua doutrina do *veto absoluto*, expendida no n. 6., nada obstante Vmc. querer sustental-a com as autoridades de Montesquieu, Blackstone, Lalli-Tolendal, etc. Primeiramente não tendo esta attribuição uma bondade absoluta e geral, que a fizesse applicavel á todo qualquer systema politico, por ser saudavel em uma hypothese, daqui se não devia esperar o mesmo effeito nas nossas circumstancias, que são inteiramente diversas daquellas, em que os publicistas o julgaram necessario; ao depois querendo Vmc. plantar e persuadir o *veto absoluto*, e não se lembrando de freio algum para os abusos desta attribuição, tem sem hesitação alguma pregado o despotismo e a tyrannia.

Os publicistas todos tem fallado de monarchias já constituidas debaixo de certos systemas, monarchias já com existencia potitica, onde tudo estando já feito, só se tratava de fazer simplesmente algumas *reformas mais urgentes*; outras são monarchias, como a ingleza, onde ha um freio para o abuso desse *veto*, e um contrapeso á

---

(21) No tempo em que o cardeal de Richelieu foi ao lugar de ministro, os grandes da França usurpando a autoridade, que lhes fora confiada, tinham voltado contra o principe e contra o estado as mesmas forças do estado, despedaçado por facções; e o que fez Richelieu, foi, como diz Marmontel—Lors que le cardinal de Richelieu,ce genie hardi et vaste, ramena les grands sous l'obeissance du prince, et les peuples sous la protection de la loi - por tanto não está na ordem, em que Vmc. o colloca. O cardeal Mazarino, que lhe succedeu no lugar,teve os principios do seu ministerio muito felizes; os successos das armas francezas lhe adquiriram muita gloria; porém ao depois os grandes invejosos da sua elevação excitaram guerras civis desde 1649 até 1652, o perseguiram; elle cedeu á perseguição, e se retirou do reino; quando voltou em 1653, foi para prestar os maiores serviços. O trado de paz da Ilha des Faisans é um chefe de obra em politica. O cardeal era doce e affavel; um dos seus principaes talentos era conhecer bem os homens; pensava, que a força não devia ser empregada senão na falta de outros meios, e sabia tomar sempre o caracter das circumstancias, como se expressa o abbade Ladvocat. Diccio.; portanto não é o que Vmc. diz.

(22) Soav. Nov. 30.

sua preponderancia. Nós porém estamos fóra destas circumstancias; em nós nada se acha feito; agora é que começamos a constituir-nos; a nossa existencia politica principiou no dia 3 de Maio passado, como sabia e justamente disse o imperador na abertura da assembléa: *Dignos representantes da nação brazileira, é hoje o dia maior, que o Brazil tem tido; dia em que elle pela primeira vez começa a mostrar ao mundo, que é imperio, e imperio livre.*

E' innegavel, que por isso que declaramos a nossa independencia e separação de Portugal, estamos no caso dos Anglos-Americanos, de quem disse Vmc.: *Os Anglos-Americanos, na sua insurreição contra a Inglaterra, quebraram todos os laços que os ligavam a Grã-Bretanha; entraram em sua independencia natural; não tinham poder algum, para sustentar, e por assim dizer estavam nas circumstancias de criar tudo; e por isso a convenção de cada um dos estados não devia attender á mais nada, que a pluralidade dos suffragios de seus membros.* (23)

Em segundo lugar, o urdume das duas partes do corpo legislativo, ambas com o direito igual de se impedirem mutuamente, tramadas entre si pelo poder executivo, que tambem fica tecido com ellas, e a falta de um patrimonio permanente, e da propriedade do chefe da nação, faz na Inglaterra que o *veto* concedido ao monarcha não possa tyrannisar a nação, nem opprimir a liberdade politica do cidadão, *aquella tranquillidade de espirito, que provem da opinião em que está cada um da sua segurança.* (24)

Entre nós, porém, não ha freio algum externo, que possa parar ou destruir os excessos do *veto*; e as virtudes, o civismo e a constitucionalidade do actual imperador, ainda que fossem um motivo de se lhe conceder esta regalia, ellas não passam por geração, nem herança aos seus successores; e a constituição não é somente para o fim da sua vida, sim para a vida da nação, que deve ser por seculos de seculos.

E si, como diz Vmc., *a justiça exige que os principes da natureza dos Titos e Marcos Aurelios não sejam privados do direito de conhecerem e de examinarem a compatibilidade ou incompatibilidade das leis com as circumstancias dos povos*; (25) a mesma justiça pede que se tirem aos Caligulas, aos Neros e aos Tiberios, e aos seus validos Sejanos e Macrons, todas as occasiões de tentarem contra a liberdade dos cidadãos e felicidade dos povos; e é este *o direito fundamental, de que as monarchias não podem ser despojadas por convenção alguma, e que mais de uma vez tem salvado as nações*, que não deram a gozar a seus principes esta prero-

---

(23) N. 8. fl. 103.

(24) Montesq. Ep. L. 41, 11, cap. 6,

(25) N. 4. fl. 39.

gativa; e é não concedendo esta attribuição, que a assembléa constituinte e geral encherá o seu *objecto, que é, como afirma o grande Vatel, desviar de cima do estado tudo quanto se oppõe ao direito da sua conservação, e ao adiantamento da sua prosperidade.* (26) Logo *o veto absoluto* nas hypotheses, de que fallaram os citados autores, ainda que seja necessario e util, e *apezar de arriscado, não se deve negar ao supremo chefe do poder executivo, e seja a maior garantia da liberdade civil*; (27) com tudo não terá entre nós a mesma qualidade por serem diversissimas as circumstancias.

Esta é a mesma doutrina de Vmc. quando disse: *Julgarão* (os representantes) *obrar com muita sabedoria, imitando a conducta de povos reputados os mais habeis, sem se lembrarem que tal regulamento, tal uso saudavel á uma nação, é ou póde ser pernicioso á outra?* (28)

Verdade eterna, a qual tendo diante dos olhos o deputado Antonio Carlos de Andrada, que tem querido dar as cartas nesse congresso, sendo consultado na Bahia de Todos os Santos sobre a forma do governo, propria do Brazil, respondeu sem hesitar que " a velha Europa não supporta outra constituição que não seja a *monarchica*, por estar muito avançada em civilisação, tendo ordens e classes muito distinctas; por formarem estas classes corporações exclusivas, com um espirito peculiar; por terem uma nobreza poderosa, que se julga de melhor condição, que as demais partes da nação; por ter ministros do culto publico com pretenções exageradas, e poderosos pelas suas possessões; e que o Brazil podia esperar, e tal, vez só devia adoptar um *governo federal*, pouco mais ou menos como o dos Estados Unidos da America; por ser uma nação assaz nova; por não ter propriamente classes; porque a sua nobreza não passa de uma *pueril vaidade* de individuos que não formam corpo; porque o seu clero é de nenhuma monta, pela falta de riquezas e luzes; e muito principalmente attendendo-se a que o Brazil não faz propriamente uma nação, mas quasi tantas quantas as provincias, distinctas em caracter peculiar, e sempre inimigas e rivaes. "

Como, porém, no fundo, na essencia da cousa, o *veto absoluto* seja o rochedo inabalavel, em que se edifica a vertiginosa cidade da *monarchia absoluta*, que nos causou males incalculaveis no dilatado espaço de tres seculos, Vmc. pregando-o, prega uma doutrina perigosa, servil, anti-constitucional, revolucionaria, que sustentando o partido dos puros realistas contra os constitucionaes, divide as

---

(26) N. 2, fl. 14.

(27) Sent. do P. de As.

(28) N. 2, fl. 14.

opiniões, excita as lutas, põe as provincias em desconfiança do imperador, do seu ministerio, e dessa côrte.

E não será isto despregar a *bandeira amarella* do apostolado contra a *verde* da nossa independencia e liberdade ?

Tanto isto é verdade, que Vmc., depois da publicação do seu n. 7, na assembléa geral maçonica foi accusado de *espalhar doutrinas vertiginosas, que fariam grande mal á causa do Brazil, porque desconfiariam as provincias*, (como ainda desconfiam) *que no Rio de Janeiro, onde se publicavam taes idéas, haviam projectos de se installar o antigo despotismo ;* (29) e Vmc. reconhecendo, que taes doutrinas *podiam ser prejudiciaes á desejada união das provincias do Brazil*, disse que *estas ideas eram de uma correspondencia respeitavel, a que Vmc. não póde faltar ; prometteu emittir no seu periodico outras ideas politicas, de cuja prestabilidade estivera sempre persuadido ;* (30) ratificou com juramento esta promessa, na memoria ou oração, que recitou na seguinte sessão da mesma sociedade maçonica.

Então, Sr. mestre Sampaio, daria o seu *Regulador* occasião as revoluções de Pernambuco ?

Obstine-se agora em negar, como ahi se obstinou em se não retractar, nada obstante ser convencido de mentiroso e malvado.

A declamação, que Vmc., acostado aos deputados, publicistas, e oradores da assembléa de França, bota pelas demais *attribuições devidas ao augusto chefe da nação, em cujo nome se exercita o poder executivo*, labora no mesmo vicio dos seus clamores pelo *veto* ; e ainda que não merecia outra resposta, porque *o Brazil proclamando a independencia, offereceu a coroa e o sceptro ao immortal defensor de seus direitos, e elevando-o de cima do altar formado por todos os corações de seus filhos ao throno da primeira monarchia constitucional da America*,(31) não tem que trilhar as obliteradas pegadas da velha Europa, que nos deve servir de pharol, e escarmento nas attribuições indiscretas,dadas aos monarchas ; com tudo nos offerece occasião de fazermos uma reflexão sobre o aggregado de attribuições, que Vmc. exige para o imperador.

Vejamol-as.

Vmc., apezar de dizel as uma a uma nos seus diversos numeros, as resume todas no seu n. 34, (32) " dizendo (*calumniosamente*) que os votos dos homens de bem, dos ricos proprietarios, dos artistas, de todas as classes, emfim, são que elle (*o imperador*) seja como deve de ser por direito considerado, como parte integrante do poder legislativo ; que além da camara representativa, haja outra

---

(29) Resp a cart. do Amig. da Ord. fl. 3.
(30) Ibid. fl. 10.
(31) N. 1. fl. 14.
(32) Fl. 522.

camara de moderação, ambas com iguaes regalias; que o imperante tenha o direito de approvar ou improvar as leis, porque estão convencidos, estarão sempre, e *pugnarão* teimosamente em defeza do seu juizo, que este direito, bem longe de ser offensivo da liberdade, é a antemuralha, que os defende de qualquer arbitrariedade tentada pelo corpo legislativo, pela influencia das paixões sempre temiveis nos congressos, ou sejam ou não numerosos; " e as torna repetir na *Sentinella do Pão de Assucar*, contra a deste Pernambuco, dizendo-lhe: *E' bom modo de respeitar ao imperador dizer, que se lhe não dê nem veto, nem direito da iniciativa das leis, nem consinta em duas camaras, nem se deixe á sua disposição a força armada.*

Com effeito, Sr. mestre Sampaio, poucos homens se hão de encontrar, que o igualem em liberalidadade; tem as mãos muito abertas, porém do que não é seu, nem da santa communidade do Seraphico. Uma tal generosidade só se póde encontrar naquelles, que fizeram deixação das grandezas e possessões mundanas,que não possuiam; naquelles, que tomaram por timbre *nihil habentes et omnia possidentes*, que se traduzio veridica e energicamente *quem não tem vergonha, todo mundo é seu.*

Veto absoluto, iniciativa das leis, disposição da força armada, duas camaras!

Apre! Quem tem esta minudencia, é constitucional!

E que ha além disto, para ser absoluto?

Isto é constituir o imperio do Brazil pelo Almanack da Turquia.

São estas *as attribuições devidas ao imperador, este o respeito, a que de forma nenhuma se deve faltar?* (33)

São estas *as medidas de consideração e respeito, que Vmc. espera,que o congresso estabeleça para serem applaudidos com os mais vivos transportes?* (34)

São estas *as attribuições devidas ao augusto chefe do poder executivo, nas quaes si não concordarem os representantes, farão a Vmc. desconfiar muito da futura sorte do Brazil?* (35)

E' este *o estado constitucional, no qual o Brazil mostrará a lei, encadeando o despotismo, contendo as arbitrariedades, impondo silencio ás paixões, e fazendo apparecer em toda a sua extensão os direitos dos povos?* (36)

Todos vêm, que si isto se constituir, Vmc. não ha de perguntar *onde está a fatal cabeça de Medusa?* (37)

---

(33) N. 3. fl. 27.

(34) Ibid.

(35) N. 4. fl. 39.

(36) N. 1, fl. 10.

(37) N. 4. fl. 42.

E porque todos vêm que *não é assim que se mata Casosa ;* que não é assim que *foge o despotismo, desapparece e vae-se batido pelas phalanges das idéas liberaes* ; (18) tremeram e tremem ainda os constitucionaes, e os corcundas bruxoleando a sua felicidade, tomam gaz, chocam-se, inquietam a praça e pertubam a provincia.

Continuarei

Pitia.

---

(38) Ibid.

V

OFFERECENDO A CONTINUAÇÃO DA RESPOSTA AO EX-REDACTOR DO REGULADOR BRAZILEIRO

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão.—Por mais diligencia, que appliquei na copia da minha carta ao mestre Sampaio, ex-redactor do *Regulador Brazileiro*, não pude vingar todo trabalho, porque o Correio estava a fechar a mala, e eu não desejava, que a falta de lettras minhas te desse algum cuidado mortificante, por isso t'a remetti truncada ; agora tens o resto, e ajuntando a primeira parte com esta, farás então um juizo completo do meu sentimento sobre aquelle escripto, cuja *orbita parabolica* não pôde chegar ao seu *vertice*, porque mal tendo dito periodico principiado o *ramo ascendente*, descahiu sobre o odio e execração de todos por ter o despotismo por *directriz*.

Agora eu te estou vendo o *Manoel Gomes* de Garção, que o *nariz encrespando, perguntava que fabulas são estas?* Sim, tu agora perdendo o serio do nosso Harpagão Luiz da Veiga Pessôa, á cujo semblante irrisivel um poeta nosso deu esta gaitada de elogios.— A vossa *cuja feição, é uma feição tão cuja!!*..—despontas duas pregas do semblante, e dás a tua risadinha sardonica pela má applicação da geometria. Então, que pensas ? geometria é só para borrar com giz a pedra, como diz o bom Padre Marinho ? A geometria terá um fim tão ridiculo, como o da philosophia na bocca de um padre mestre do Rio de Janeiro, que dizia á seus discipulos : *Rapazes, estudem philosophia ; estudem. Philosophia é cousa muito bôa ; quando não sirva para nada, serve para atrapalhar. Quem sabe seu pedaço de philosophia, atrapalha o outro muito bem ?* Não, meu Damão : a geometria tem o fim mais sublime, que se póde considerar, e os usos mais proveitosos e de maior gloria para a humanidade.

Pela geometria conhecemos evidentemente a existencia do Supremo architecto do universo ; pela geometria admiramos a

sua infinita sabedoria no systema da creação, a sua providencia no andamento regular da natureza; pela geometria domamos a furia do oceano, dirigimos a força dos euros, penetramos os abysmos, e subimos aos astros; ajustamos os impulsos do nosso coração com os dictames da recta razão; proporcionamos os trabalhos ás nossas forças, os remedios ás molestias, as penas aos delictos, os premios ás virtudes; pela geometria equilibramos os movimentos das grandes massas das nações, regularisamos o valor dos povos e seu enthusiasmo.

Todas as cousas, em que não entram a regoa e o compasso da geometria, são desregradas e descompassadas, são monstruosas.

Por falta de geometria é que o nosso governo não conhecendo a gravidade especifica dos negocios civis e politicos, nem a relação d'elles entre si, não sabe equilibrar as forças dos diversos agentes sociaes, desencaixa de seus lugares as molas da sociedade, vai quebral-as, e reduzir tudo a poeira.

Por falta de geometria é que o bom mestre Sampaio, não ponderando a grandeza e a força de cada uma das attribuições, que puerilmente requer no imperador, nem a sua travação, diz as asnidades, que se encontram nos seus desgraçados folhetos, já hoje destinados ao pasto das traças, e á venda dos cominhos.

Sim, elle quer no imperio brazilico *duas camaras*, *veto obsoluto* para o imperador, *iniciativa* das leis, e a direcção da *força armada*; e eu depois de fallar geralmente deste monstro de attribuições, descendo ao particular, lhe escrevia.

Vmc. leu ou ouviu dizer, que na Inglaterra o *poder executivo* tinha o *veto absoluto* para se defender, e fazer parar as emprezas do corpo legislativo, e prohibir que este seja despotico; leu ou lhe disseram, que em algumas republicas antigas o *poder executivo* propunha os negocios; que na maior parte das potencias europeas o poder executivo tem a seu arbitrio a força armada; querendo então constituir no Brazil um imperador, que fosse maior, que todos os principes do universo, reunindo em si todas aquellas attribuições, que os de mais possuiam separadamente, ajuntou em um só imperante *veto*, *iniciativa de leis*, *disposição do exercito*: e ainda não satisfeito com esta parva quantitas, tempera o acepipe com o sainete das *duas camaras*!

Que monstro! O de Horacio não é mais extravagante.

Si Vmc. tivesse pesado estas diversas idéas, que a dente de cão pilhou na leitura dessa alluvião de autores, que ostenta e basofeia ter lido, e estudado; si Vmc. as tivesse combinado, conheceria que nada obstante cada uma dessas attribuições serem admissiveis e justas, de companhia com as de mais partes dos seus respectivos systemas, arrancadas de seus lugares, e travadas entre si, como faz Vmc., não são combinaveis ou equilibram suas forças, e não tem andamento, ou si teem algum, é irregular, descompassado, vem acabar por fim com quebra de alguma das peças, sem se conseguir a liberdade politica do cidadão, e a felicidade dos povos, unico alvo de todo e qualquer systema politico.

Quando o poder executivo tem o *veto absoluto*, não necessita da iniciação das leis, ou proposição dos negocios ; porque como sempre póde desapprovar as resoluções do corpo legislativo, pòde regeitar as decisões das propostas, que elle quer que não façam.

E' claro, que nenhum imperante, a excepção de não querer divertir-se e mortificar com trabalhos inuteis o corpo legislativo, lhe ha-de propor cousas, que elle executivo não queira estatuir ; e si o legislativo por si mesmo propuzer, discutir e o resolver, o imperante esbarrando-lhe o *veto absoluto*, tem conseguido o seu intento de que se não estatua o que elle não quer : logo é uma sobejidão a regalia da *iniciativa* das leis.

Si em algum tempo o poder executivo teve a iniciativa das leis, foi quando não estava revestido do *veto absoluto* ; e naquellas republicas antigas, o povo em massa debatia e resolvia os negocios, por isso então, como diz Moutesquieu (39), era muito conforme com a razão e natureza das cousas, que o *poder executivo* propozesse os negocios, e os debatesse e resolvesse com o povo, afim de que nas resoluções não houvesse alguma confusão extranha. Esta regalia, com o *veto* dado ao imperante, torna frustraneas as duas camaras, e gravosas empecem o systema, destroem a liberdade, e estabelecem a tyrannia.

O imperador, nesta hypothese, só ha de propor aquillo que bem quizer, na esperança de que a resolução ha de confirmar o que elle tiver no coração. A primeira camara discute o negocio, e resolve ; passa á segunda, esta esmiuça e esmerilha a materia, tira o ultimo resultado, e offerece ao imperador; o qual não achando-o conforme ao que desejava, só com dizer—*Não quero*—destroe e aniquilla os trabalhos de tantos, que compõem as duas camaras.

Que bello !

Será isto ter o *poder executivo* influencia no *legislativo ?*

E' desta maneira que o imperante é *parte integrante* do poder legislativo ?

Todos vem, que não. Neste seu systema o imperante, e só elle, é todo *poder legislativo.*

Então legislativo e executivo ao mesmo tempo ?

E será deste geito imperador constitucional ?

E' desta forma, que *são divididos, e concentrados nos verdadeiros limites de suas naturaes e politicas attribuições, como exige o systema constitucional, aquelles poderes que antigamente estavam unidos nas pessoas dos reis ?* (40)

E haverá neste seu systema liberdade ?

Parece-me, que não. Assim o diz Montesquieu : " Quando na mesma pessoa, ou no mesmo corpo de magistratura, o poder

---

(39) Esp. Leg. tom. 1. fl. 231.
(40) N. 3. fl. 21.

legislativo está unido ao executivo, não ha liberdade ; porque pode-se temer, que o mesmo monarcha, ou o mesmo senado faça leis tyrannicas para elle as executar tyrannamente. " (Esp. leg. lib. 11 cap. 6).

Parece-me, que não haverá uma só pessoa, por mais falta de luzes, que diga, que neste seu plano a vontade do imperante está circumscrivida de alguns limites, e tem direcções determinadas a seguir ; que o seu poder tem barreiras, que não deve ultrapassar ; e que elle não possa dizer : *Sic volo, sic jubeo, stat pro ratione voluntas.*

Assim como não posso comprehender, que Vmc. apresentando ao mundo inteiro estas *congesta que eodem non bene junctarum discordia semina rerum*–apresente muito desencalmado e cheio de si o entendimento de M. Pages : " *Um contracto, pelo qual os homens se reunissem para se sugeitarem a um poder illimitado, incerto e arbitrario, não seria um momento de loucura? Homens, que confiassem o cuidado da sua conservação a uma vontade, cuja latitude e direcção não fosse determinada, não quereriam sua conservação, porque evidentemente se exporiam a ser sacrificados.* (41)

Cem ou mais homens, que hão de compor as duas camaras, levados de suas paixões, arrastados do espirito de partido, esquecer-se-hão da felicidade dos povos, e pódem legislar em damno d'elle ; um só homem não tem paixões, não tem caprichos. Que maravilha !

Qual será aquelle, que esteja isento de dizer *homo sum, nihil humanum a me alienum puto ?*

E' necessario ser um Deus para se julgar sobranceiro ás paixões humanas, e não, como diz Vmc., *para desempenhar um plano difficultoso* (42) (expressão injuriosa a ideia da divindade) ; porque mais difficultoso, do que o plano de uma monarchia constitucional, é o de uma confederação, e nós o temos visto desempenhado na Suissa, Allemanha, Hollanda, e agora nos Estados-Unidos da America, sem serem um conselho de deoses os depositarios do poder executivo.

Além da camara *representativa*, outra camara de *moderação* para examinar, pesar e apurar os trabalhos da primeira ? Muito bem. Mas como não são anjos os que devem formar esta camara, sim homens tão frageis, como os da primeira, tão apaixonados como elles, os seus pensameutos não tem o cunho da infallibilidade, nem os seus trabalhos estarão isentos das pechas da injustiça, parcialidade e sem razão, por cujo motivo deve haver outra camara, que decante os resultados da segunda, faça separação entre o ouro da bondade e as terras e mais corpos heterogeneos dos erros e defeitos ; pois que Vmc. ainda os suppõem tão suscep-

---

(41) N. 34, fl. 534.
(42) N. 3, fl. 22.

tiveis d'elles, que podem ser approvados, ou não pelo imperante ; e por este principio iriamos em um progresso ao infinito !

Que systema tão complicado, e por tanto tão embaraçoso !

Duas camaras igualmente populares !

Por agora vá, para embair os leitores de seus folhetos, e para que os povos não arrepiem com a lembrança dos males passados, soffridos da nobreza ; ao depois uma nobreza nova, uma camara popular, um pralamento de nobres. Meu mestre Sampaio, quem não o conhece, que o compre, não só a Vmc., mas tambem a sua Pythonissa.

Querendo-se encher as duas camars, a onde se hão de arranjar os barões, viscondes, condes, marquezes, grandes patentes militares, e essas outras cousas, que por ahi se vão creando a tanta pressa, sem se dizer por agora o para que ? A resposta é bem facil de dar-se : n'aquella camara, que estiver mais proxima ao imperador ; e ahi temos a segunda camara de facto não *igualmente popular*, ainda que o seja de direito ; ahi temos uma nobreza nova creada para sortir a camara, e o instituto, que em algumas nações se admittiu, para cortar por males, entre nós fonte de males e de incommodos.

Em muitas nações o primeiro parlamento, ou camara foi admittida para se destruir o governo feudal ; e de muitos pequenos senhorios fazer-se uma só monarchia.

A Inglaterra até Egbert, em 801, constava de sete pequenos reinos, e a França era um governo federativo até Luiz XI., (43) por isso era justo, que aquelles pequenos senhores fossem indemnisados com honras, distincções e uma representação exaltada ; mas nós, que não temos essa nobreza, esses senhores, esses regulos, para que havemos ter duas camaras ? Para que havemos de por-nos na precisão de crear uma nobreza, e passarmos pelos incommodos, que ella costuma em toda parte do mundo trazer á humanidade, mormente a *nobreza nova ? Asperius nihil est humili, qui surgit in altum.* Eis aqui como aquillo, que em uma parte se estabeleceu para remediar males, entre nós será uma fonte caudal delles.

Não olhemos para o material dos estabelecimentos, tratemos de descobrir a sua razão e seus fins.

Dirá sem duvida Vmc., que isto não se contem no que Vmc. avançou ; e que eu sou um visionario. E' verdade, que não fallou senão em *duas camaras igualmente populares*, mas tambem eu não sou visionaaio, sou previdente, e conheci tanto o laço, que me não enganei ; pois Vmc. no seu segundo quarto da *Sentinella* no alto do Pão de Assucar, tirando a mascara de todo, apresentou sem rebuço a camara dos pares, e até hereditaria, sustentando-a

---

(43) Fenel, 319.

com a autoridade de Mr. Chabullon, dizendo *em um tal governo* (mornachico representativo) *deve haver uma camara de senadores, porque é da sua essencia. Não póde haver monarchia representativa sem a indispensavel creação d'uma camara alta, nem esta póde existir sem que seja hereditaria*; e ao depois para suavisar os animos emprega seus esforsos em mostrar polida e affavel a pouca nobreza, que temos, os bispos com sciencia e virtudes, os padres com caracter de probidade, sem darem estes corpos nada que temer; e que não são camaras aristocraticas; e que nesta camara, sendo admittida, hade ter entrada todo cidadão benemerito.

Velhaco, servil, escravo, não te pejas, não te corres de tantas contradicções!

Assim abusas da boa fé dos homens!

O poder executivo com a direcção da força armada!

Que perigo, que risco para a liberdade!

Para que o *poder executivo* não opprima a nação, é necessario que as tropas, que se lhe confiam, sejam o povo, e tenham o espirito do povo, como foi em Roma até o tempo de Mario, diz Montesquieu (44); é necessario, ou que o exercito não seja permanente, ou que aquelles, que se empregam no exercito, tenham bens para responderem da sua conducta aos de mais cidadãos, e não sirvam mais do que um anno, como foi em Roma; ou sendo permanente, muito pricipalmente naquelles lugares, em que os soldados são da infima classe da nação, é necessario, que o *poder legislativo* os possa dimittir, quando julgar á proposito; é necessario, que elles habitem com os demais cidadãos, que não tenham campo separado, nem quarteis, nem praça de guerra.

Fora desta circumstancias, a força armada sempre foi o instrumento da tyrannia, assim nos mostra a historia desde a estabilidade deste corpo no estado.

Os nove mil homens de cavallaria, e dezeseis mil de infanteria, que Carlos VII. de França deixou ficar permanentes, depois da expulsão dos Inglezes, si foram a origem do abatimento da nobreza, do augmento da monarchia, da liberdade nacional no exterior do reino, tambem no interior foram o instrumento da escravidão civil.

Espalhados os soldados por diversas praças fortes do reino, debaixo do pretexto de cobrir as fronteiras das invasões inimigas, foram na realidade para conter, e opprimir os vassallos.

Os officiaes, os commandantes e os governadores foram instrumentos sempre armados contra a mesma nação. Elles deixaram de se olhar como cidadãos do estado, votados unicamente á defeza dos bens, e direitos do povo. Elles não conheceram no reino senão o rei, prestes a degollar em seu nome seus proprios pais e seus irmãos.

---

(44) Esp. Leg. lib. 11. cap. 6.

Em fim a milicia nacional não foi mais que a milicia real. (45)

Esta invenção de Carlos VII, funesta a seus vassallos, prejudicou com o seu exemplo a liberdade de todos os povos da Europa; e prejudicará a nossa, si a força for entregue a direcção do *poder executivo*, muito principalmente em quanto se sustentar a detestavel maxima da *obediencia cega do soldado em todas e quaes quer circumstancias;* ou elle for definido *uma machina de fazer fogo.*

Destas considerações se deduz, que a nossa constituição ficará reduzida a dar-se ao imperante um poder, que o colloque na linha dos antigos reis da Europa, ou dos despotas da Asia, e a crear-se e sustentar-se uma nobreza, que ha de reflectir sobre o desgraçado povo todos os males, todos os vexames e peso, de que para se livrar elle tem feito tantos sacrificios.

E para uma doutrina, como esta, poderão ser indifferentes os orgulhosos, os aristocratas, os corcundas? Deixarão elles de a sustentar, fazer proselytos, e perturbar a sociedade? E os de Pernambuco serião os mais ineptos e temerosos?

O deputado estava ao facto dos successos desta praça, sabia muito bem quaes eram os seus leitores, os apostolos do seu evangelho politico, quaes os Catilinas e os Lentulos, que tentavam contra a patria.

Isto não succederia, si aquelles que tiveram a desgraça de o ler, o fizessem com attenção, e comparassem entre si os seus diversos numeros; porque então conheceriam a vacillação dos seus principios, e a contrariedade de suas opiniões.

Qual será o homem que lendo o que Vmc. advertio aos representantes sobre os regulamentos e usos uteis a uma nação, e prejudiciaes a outra, se não escandalise, quando o vir (46) dizer, que o imperio do Brazil *deve de ser uma monarchia verdadeiramente constitucional, segundo o espirito politico da Europa?*

Então o Brazil é Europa?

O clima do Brazil, a sua posição geographica, a extensão do seu territorio, o caracter moral de seus povos, seus costumes, e todas as demais circumstancias, que devem influir, conforme os mais sabios publicistas, na factura da sua constituição, são as mesmas, que as das potencias constitucionaes da Europa, para que o espirito da constituição deste seja o mesmo que o das constituições daquellas?

O que ha de haver nessa constituição, que seja proprio do Brazil?

Que publicista que é Vmc.!

Que imperio nos quer dar? O espirito europeu e o corpo brazileiro!!

Sr. mestre Sampaio, a nossa constituição ha de ser brazileira

---

(45) Raynal, Liv. 29.
(46) N. 34, fl. 522.

no espirito e no corpo. O nosso imperio ha de ser brazileiro por dentro e por fóra; não queremos imperios hypocritas, que mostrem uma cousa no exterior e tenham outra no interior, como Vmc., que por fóra é um religioso, e por dentro é um diabo.

O espirito da Europa é o espirito do servilismo e da escravidão, que se tem mostrado por infinitas vezes em todos os estados europeus, e agora em Portugal, Hespanha e França, a despeito de poucos individuos verdadeiramente liberaes, que não apparecem na alluvião dos escravos; e quando, por uma fatalidade inconcebivel, acordam do lethargo e sacodem um jugo, é para se sugeitarem a outro mais pesado e vergonhoso. Mudam-se os actores, porém fica a mesma peça no theatro.

Si lemos a Mr. Raynal, elle nos diz, que quando no tempo de Carlos VII de França, epocha notavel na revolução da Europa, o povo sahiu da tyrannia feudal, foi para cahir debaixo do despotismo dos reis; e cerra o discurso com este epiphonema: *tanto o genero humano parece nascido para a escravidão!* O historiador philosopho, fallava só da Europa; porque do Brazil elle diz o avesso.

Os Brazileiros, descendemos dos primeiros indigenas deste continente, e dos Europeus transplantados nelle. Dos primeiros diz o historiador: *As idéas de dependencia e de submissão, que entre nós* (Europeus) *derivam da idéa de um Ser supremo, são incognitas á estes povos atheus. Elles não concebem, que hajam homens assaz audaciosos, para quererem commandar aos outros. Ainda menos imaginam, que hajam homens assaz loucos, para quererem obedecer* (47) Os segundos foram homens, que por isso mesmo que eram feridos pelas leis, (48) deixaram ver um espirito de independencia, de insubordinação e de liberdade extrema. Destes elementos se formaram os Brazileiros, que sempre conservaram o mesmo espirito de seus progenitores, que se tem mostrado em todas as epochas.

E' disto uma prova a grandissima difficuldade, que encontrou na Bahia de Todos os Santos Thomé de Souza, depois de 1549, em sugeitar a ordem homens que haviam sempre vivido na anarchia; a vida independente, em que sempre estiveram os Paulistas até o anno de 1717; a restauração de Pernambuco do jugo hollandez; a prisão e remessa para Lisboa do governador Jeronymo de Mendonça Furtado no anno de 1666; a confederação de Pernambuco, Itamaracá e Parahiba contra Sebastião de Castro, Caldas e seus apaniguados do Recife em 1710 e 1711; os successos desta capitania contra Luiz do Rego Barreto; e ultimamente o que succedeu em todo Brazil, quando em 1647 a côrte de Lisboa pretendeu dar a liberdade aos caboclos contra os interesses de seus senhores, como

---

(47) H. Phil. e Pol. Lib. 9, cap. 30, fl. 139.
(48) Ibid. cap. 28.

nos conta o escriptor da *Geographia Moderna*, dizendo: (49) *O espirito da independencia, que se manifestou de uma a outra extremidade da colonia, fez conhecer á corte de Portugal, ainda então vacillante,que não lhe era permittido querer tudo o que era justo.* Tudo isto dá bem a conhecer, que o espirito do Brazil não é servil; detesta a escravidão, combate o despotismo, e arrisca tudo pela liberdade.

Como então quer Vmc. uma constituição para o Brazil conforme *o espirito politico da Europa?*

Que liberal, que é Vmc. ! ! !

Meu mestre Sampaio, basta dizer-lhe com a expressão de um deputado dessas cortes: *Idéas velhas não podem reger o mundo novo.*

Vmc. no seu numero 34, já citado, defendendo a opinião do seu amigalhão e confrade, Bernardo José da Gama, em cujo louvor súa immenso, tacha de republicana a opposição, que o Padre Venancio Henrique de Resende, hoje deputado, fez a influencia do poder executivo no corpo legislativo; e depois de aconselhal-o para que mude de idéas e ajunte suas luzes aos amigos da patria (como Vmc.); e depois de ameaçal-o *apostolicamente* com ruinas e morte, apresenta (a pagina 533) a doutrina de Mr. Pagés, que fundamenta as idéas do dito padre, na sua carta inserta no n. 1 da *Gazeta Pernambucana.*

Dirá agora que traz a doutrina de Pagés, porém que a não segue?

Então para que traz o tal extracto?

Não será como sustentaculo de suas opiniões regulatorias, como fez com os outros?

Notemos de passagem, que o Sr. mestre Sampaio allega de falso contra o Rezende; e si isto succede com uma *Gazeta*, que anda pelas mãos de qualquer bicho banana, o que não terá Vmc. feito naquelles livrinhos, que são raros, e que para Vmc. lel-os, chegou a tirar o pão da bocca, e jejuar jejuns de trespassos? Não eu que acredite nos seus extractos e allegações. Confessou na assembléa geral maçonica, como já notamos, que a doutrina do *veto* e *sancção regia*, exposta nos seus ns. 6 e 7, não era sua, sim de uma correspondencia respeitavel, a que não póde faltar; e que as idéas sobre este objecto, a que dava a prestabilidade, eram outras; prometteu não continuar com as da correspondencia; jurou cumprir com esta palavra; ao depois tomando erva de rato, damnou-se, e continuou a sustentar a mesma pregação, mormente no seu n. 34 e até na immortal *Sentinella* do Pão de Assucar.

Que menino!

Que volubilidade!

Que caracter!

---

(49) Tom. 10, fl. 287.

E é este o brazilico Lock, que apparece nesta epocha para regular em politica a Lusitania e o Brazil!

Respondendo ao Philarete (50) diz, que os dous ou tres Fluminenses,que finge não conhecer, que por missão do ministerio perturbaram Pernambuco e foram causa das nossas inquietações, *se fizeram dignos da execração de seus compatriotas; e que si soubesse quem eram*, (que innocencia) *lhes queria dar o devido desprezo, de que se fez credora a sua conducta*; ao depois pensando que estavamos esquecidos destes seus sentimentos, diz ao mesmo Philarete: *Quer Vmc. apresentar como criminosos os que procuraram esta união*, (a de Pernambuco com as provincias do sul) *que compatriota que é Vmc.!* (51)

Já dentro de oito dias, no seu entender, o procedimento dos Fluminenses mudou de conducta execravel para uma acção de virtude, para um lance de patriotismo!

Apre com tal moralista! Como está prompto no *secundum quid quod concedo, secundum quod quid nego!*

Seria um nunca acabar, si eu pretendesse apresentar todas as divergencias e contrariedades de doutrina, que se acham nos seus desastrosos, desgraçados, inconstitucionaes e revolucionarios folhetos; por isso aqui suspendo a penna.

Atira-se com unhas e dentes contra aquelles, *que cobriram de raivosa espuma o Correio Braziliense, quando appareceu com o projecto de duas camaras, com o jus da sancção e improvação das leis*, (52) querendo dar peso áquelle projecto por ser apresentado por aquelle escriptor. Impostor!

Pensa Vmc. que ignoramos a historia do tal projecto?

Pensa que não sabemos, que elle foi remettido dessa mesma côrte para a Inglaterra, afim de que vindo de lá, parecesse merecer attenção, e ser como a bussola que dirigisse o congresso braziliense?

Ha pouco acaba de chegar dessa mesma côrte a noticia do saque da gorda lettra a favor do *Correio Braziliense*, como premio de haver transcripto aquella peça em seu periodico.

A' outros, á outros. Nós, meu padre, o conhecemos bem, e enxergamos as suas tramas de encomenda.

O Brazil deseja a paz; (53) porém Vmc. é mesmo o que induz á guerra, além de outros esforços, com aquelle alarma aos *homens de bem, aos ricos proprietarios, aos artistas, e a todas as classes* (54) Não foi isto excitar, e prevenir os povos contra as deliberações do soberano congresso?

---

(50) N. 4, fl. 49.
(51) N. 5, fl. 64.
(52) N. 6 fl. 523.
(53) N. 34, fl. 527.
(54) N. 34, fl, 523.

Demais, de que lugar são esses, que *hão de pugnar sempre teimosos em defeza do seu juizo* ?

Serão de todo o Brazil, ou os desse Rio somente ?

De todo Brazil, nego redondamente ; porque não só Vmc. não apresenta um só documento, que sirva de provança a esta sua frivolidade, como tudo que tem apparecido nas provincias, desde a Bahia para o norte, é opposto a tudo que Vmc. tem pregado de lá de dentro do cenaculo ; e portanto todas as provincias desde a Bahia até Pará *hão de pugnar teimosas pelo seu juizo*, que é diametralmente opposto ao que Vmc. escreve.

Desse Rio e mais sul tambem não ; porque, á excepção de Vmc, e seus confrades do cenaculo da *Guarda velha*, á excepção dos *Andradas* e seus valentões caipiras, á excepção dos patetas, como esse *Atalaia*,á excepção dos servis, como esse *Espelho concavo*, que tudo representa ao revez e no ar, á excepção dos alugados, como esse *Nocturnario do governo*, a excepção finalmente dos infames e execraveis corcundas, como Menezes, Gordilhos, Berquós e Rochas, que são muito poucos á respeito dos verdadeiros patriotas, dos liberaes sensatos e homens honrados, ninguem mais ha de defender e pugnar teimosamente pelo seu juizo, e pelo seu plano desorganisador e despotico.

Grande é, com effeito,a inculca, que faz Vmc. da sua probidade, honra e patriotismo ; de não ser orgão do ministerio, sim da razão da justiça, da liberdade constitucional ; de não escrever comprado ! Mas, por felicidade de Pernambuco e do Brazil, Vmc. já não impõe a ninguem. Vmc. hoje é conhecido em todo Brazil, em todo mundo por um escriptor incoherente, contradictorio, venal, fautor do despotismo, servil, sem caracter, immoral, vendido aos *apostolos*, digno de desprezo e credor da publica execração.

Corre por todo mundo impresso o *Manifesto* do cidadão Domingos Alves Muniz Barreto, no qual Vmc. no theatro da intriga desempenha grandiosamente a farça de um falsario, calumniador, convencido judicialmente de mentiroso, e de um malvado execravel ; corre tambem impressa por todo mundo a *Resposta* á carta do *Amigo da Ordem*, na qual a fl. 11 se diz ironicamente : *Porém o reverendissimo padre mestre, que é homem de caracter firme e dotado de todas as virtudes moraes e christãs, como é publico e notorio* ; corre tambem impresso o cartaz de 7 de Julho de 1823, no qual Vmc. é mostrado ao universo pelo corypheo dos *Apostolos* da guarda velha, apostolos do erro, do servilismo, da anti-constitucionalidade, da escravidão de sua patria.

Vmc. é aquelle mesmo, que está tão altamente convencido da sua má conducta e descredito nessa côrte, sua patria, que por esperar não ser acreditado sobre os sentimentos honrosos, que (diz) o conduziam á escrever, pretendeu prevenir o desprezo dizendo : (55)

---

(55) N. 10.

Talvez que alguns não nos achem mui virtuosos para avançarmos esta proposição, que nos dias mais celebres de Roma, apenas seria proferida por um e outro Romano. Nós o mostraremos ao publico, e a metempsycose terá novos proselytos.

Teve com effeito novos proselytos, e Vmc. foi in capite libri; mas a metempsycose na mythologia de Sião, e a alma que se infundiu em Vmc.,foi da terceira classe, das que acreditam aquelles povos, que é uma alma vinda dos infernos, como judicialmente se provou na devassa de Novembro do anno passado.

Sabe-se já, que no cenaculo apostolico Vmc. foi escolhido para escrever contra a *Sentinella da Liberdade* em Pernambuco; e já se ouviram aqui os seus dous primeiros gritos de alerta do *Pão de Assucar*; porém Vmc. perde o seu trabalho e tempo. Ninguem o crê, a sua voz é a *voz de quem clama no deserto;* e si Vmc. estivesse mais perto, desfructaria os effeitos das suas maximas de levar-se a *páo os que perturbam a sociedade*; e veria sem duvida repetido o caso de S. Estevão (56)

Portanto, Sr. mestre Sampaio, não lhe faço a supplica do abbade Bruté ao philosopho de Freney, porque Vmc. já não está em estado de correcção; está de todo perdido e desacreditado. A sua alma debochada já não é accessivel, como diz o grande Tacito, a sentimento algum honesto, *sed animo per libidinem corrupto nihil honestum inerat*; e ainda que já chegou o tempo de mudar de tope, e cantar a palinodia, porque afinal os *homens do triumpho, que os elevou, cahiram no limo de sua nullidade, e talvez ainda debaixo dos punhaes que favoreceram sua elevação*; com tudo não é mais acreditado, porque é um *perjuro*, e basta.

Escreva para todo mundo, menos para Pernambuco, pois para nós Vmc. é um advogado de causas más, é um novo Aristophonte, é um novo Labieno. Berre muito embora com todas as suas fauces, com todas as grossas cordoveas, com toda a fortaleza do seu corpo gladiatorio; berre, que de cá bradarão pela liberdade, não uma, sim muitas sentinellas, e cada uma dellas, qual o intrepido de Asas, morre, mas não desampara o seu posto.

Não admittimos mais imposturas, conhecemos o despotismo, havemos de decepal-o. Primeiros de todos os Portuguezes, concebemos a idéa de sermos livres, começamos a saborear as doçuras da liberdade, e para a defendermos e conserval-a, aventuramos afoutamente o amor da vida: *somos indomaveis, e ainda nos jactamos de pisar sobre os ossos dos companheiros de Nassau.* Adeus, Sr. mestre Sampaio.

Eis aqui, meu charo Damão, o que havia escripto ao tal redactor, limitando-me ao que julguei mais a proposito responder; por quanto, fora destes pontos, tudo mais que se encontra no seu periodico, ou são cousas que não pertencem a questão, ou algumas

---

(56) Act. Ap. cap. 7, v. 56.

frandulagens de tão pouco preço, que ficam muito abaixo de uma resposta, muito principalmente porque me lembro, que, segundo o direito das gentes nas pelejas navaes, o rendimento da capitania de uma esquadra, arrasta com sigo o rendimento de todos os demais vasos, ainda que sejam mais em numero, e de bordo mais alteroso, que os do inimigo.

Si algumas doutrinas não estiverem em toda luz, não me eximo de lhes dar maior e mais claro desenvolvimento.

Recebe meus votos de amizade, pois sou o teu amigo

Pitia.

VI

SOBRE A CARTA DE JOÃO BAPTISTA DE ARAUJO PITADA, INSERTA NO ESCUDO DA LIBERDADE DO BRAZIL N. 7.

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão.—Quando já estava a concluir a resposta ao teu quesito sobre as *sociedades secretas* de Pernambuco, atravessou-se comigo um João Baptista de Araujo Pitada, tenente da marinha braziliana, com uma carta, inserida no n. 7. do *Escudo da Liberdade do Brazil*, na qual me tachava de *pouco exacto, menos logico, prevenido e menoscabador da reputação até hoje illibada de lord Cockrane, sem os conhecimentos precisos para poder avaliar as acções daquelle illustre almirante*, por aquillo que eu a seu respeito avancei na minha terceira, que te dirigi sobre os projectos despoticos do ministerio do Rio de Janeiro, tocantes á liberdade braziliense, esperando o tal *Pitada*, que *eu, por uma averiguação mais exacta e menos prevenida dos factos de lord Cockrane, fizesse o devido reparo á injustiça, que fiz de os avaliar tão mal, e lhe fizesse antes os elogios, que as suas mui abalisadas qualidades merecem.*

Como o tal *Pitada* não se deva demorar aqui por muito tempo, pois a sua presença sem duvida deve dar alma á guerra naval da nossa liberdade, e é de justiça que elle va satisfeito no que exige de mim, julguei acertado responder-lhe primeiro, porque a tua resposta sempre vai a tempo; e para de tudo sempre dar-te inteira conta, o que eu disse ao tal *Pitada* foi pouco mais ou menos nesta substancia.

Que ao mesmo tempo que me edificava com o zelo delle na defeza da honra do seu commandante, que elle gratuitamente julgava nodoada nas poucas palavras, que naquella minha carta escrevi, não podia deixar de notar a sua ligeireza na leitura daquelle papel, a falta total de hermeneutica na intelligencia, e de mais a mais a sem cerimonia maruja com que altera as proposições, as en-

venena, e pretende mostrar-me odioso aos meus compatriotas e ao mundo todo, como um homem injusto e de máo humor.

Ora, meu Damão, por felicidade não conheço este homem, e nesta ignorancia está muita gente comigo, tanta é a sua figura e representação! Mas seja quem for, a sua bem lançada carta mostra, que o unico alvo a que elle atira é de ver correr todo o mundo estampado em lettra redonda " João Baptista de Araujo Pitada, 2.° tenente da marinha braziliense "; porque, fóra deste ponto de vista, a sua carta não lhe faz muita honra; porque quando elle me tacha de prevenido contra o almirante, é elle o que mostra a maior prevenção a favor do lord, e contra mim.

Vamos ao negocio.

Dirigindo-se aquelle artigo da minha carta a mostrar a insufficiencia dos auxilios navaes mandados pelo ministerio do Rio de Janeiro á Bahia de Todos os Santos, nos dous bloqueios que aprestaram para ali, tudo quanto se disse foi relativo a este ponto, sem se dever torcer o que ali se avançou para outra qualquer cousa; pois outra cousa não preceitua a mais exacta hermeneutica.

Naquella carta, depois de se trazer o exemplo do bloqueio encommendado a Delamare, que a unica cousa que fez foi dar os mais fortes indicios de trahição á causa da independencia, ou de manobra secreta do ministerio, se disse: " Quantos tempos se não esperou por Cockrane? E que tempo não teve o Madeira para fortificar-se? E depois que chegou, não deixou entrar cinco embarcações para a Bahia, e elle posto atraz do morro? Si o Madeira quizesse estar acabando de assolar aquella cidade, quem o teria prohibido? Si Madeira tivesse temido aquelle bloqueio, se teria retirado, levando tudo quanto quiz, quer profano, quer sagrado? "

Tudo isto é relativo a insufficiencia da esquadra, dada pelo ministerio ao lord, para bloquear um porto defendido, como diz o mesmo *Pitada*, por uma esquadra infinitamente superior á do lord.

Em que se nodoa aqui a conducta até hoje illibada do lord?

Pois o lord ficou desacreditado por se não bater com uma esquadra infinitamente superior á sua?

Si se batesse, tão longe estava de ter daqui algum louvor, que antes seria digno de toda a censura.

Já que o *Pitada* se inculca tão vasto na historia nautica das nações, mostre-me qual foi o general de mar que se bateu com um inimigo infinitamente superior a si? Ou qual foi aquelle que, por se não bater, fosse censurado, e perdesse sua boa fama?

Quando algum em circumstancias desproporcionadas se aventurou e teve bom exito, jamais ficou isento da pecha de temeridade; pois que devendo a prudencia ser a bussola que governe todos os negocios, muito principalmente os da guerra, a esta prudencia não estão sugeitas, nem devem entrar como principio no seu calculo as duvidas da inconstante fortuna.

E a quem se deve dar em culpa o não se bater o lord com João Felix, por falta de uma esquadra igual a deste, ou ponco inferior?

Todos diriam a quem o mandou; todos responderão ao ministerio,que conhecendo perfeitamente a insufficiencia das forças entregues ao lord, o menos que fez foi o risco de perder gente, vasos e o dinheiro que se gastou; por quanto mais que tudo isto, foi o compromettimento das armas brazileiras, mormente na primeira acção que offereciamos aos Portuguezes.

Protesto altamente, á face do céo e da terra, que a respeito de lord Cockrane, dos officiaes da sua esquadra e de todos que compõem a marinha brazileira, digo o mesmo que o grande Tacito daquelles, cuja vida historiou: *Mihi Galba, Oton, Vitelius, nec beneficio, nec injuria cogniti.* E depois deste protesto, prosigo, que o caso daquelle bloqueio nada tem com a conducta até hoje illibada do almirante, para o que o *Pitada* arrasta o negocio, como quem quer metter á cara a conducta de toda a vida do lord, afim de que as acções valorosas sirvam de egide ás fracas, si as tem. De principio acho nesta expressão do *Pitada* não sei que obscuridade, que me faz não entender de que conducta falla o *Pitada*, si da vida do lord em Inglaterra, quando militar commerciante, ou si daquella que teve depois que, deixado o continente, se lançou aos mares a arrostar com as ondas, affrontar-se com os ventos, e combater com os monstros marinhos.

Depois, dado e não consentido, que o não bater-se elle com João Felix, e o apartar-se para detraz do morro, deixando entrar o porto da Bahia só de uma vez cinco embarcações, fosse não o resultado natural da insufficiencia das suas forças, mas fraqueza e cobardia, que tem isso com a conducta do lord?

Só uma cabeça esmiolada, que não conhece a natureza do homem, a extensão da fraqueza humana, o que são affectos, virtudes e vicio, é que poderá dizer, que essa acção infama e nodoa a conducta illibada do lord. Ou me ha de conceder, que o lord é um Deus, ou que não o sendo, não está sobranceiro ao effeito das paixões humanas.

Sabem todos, a excepção do *Pitada*, que os nossos affectos nascem do modo com que concebemos os objectos externos, que nos rodeam.

Sabem todos, que estas diversas maneiras de conceber o bem e o mal das cousas dependem do nosso temperamento, do estado de luz do nosso entendimento, das circumstancias em que nos achamos, e do lado porque consideramos as cousas; e porque estas circumstancias mudam a cada passo, e a mesma cousa póde ser considerada por diversas faces, a mesma cousa póde hoje produzir em nós um affecto, e amanhã um contrario; de maneira que um general, que em umas certas circumstancias se figurou um bem de uma acção, e julgou faceis os meios de conseguir este bem, e de o conservar, enche-se de confiança e de valor; e si olhando para a mesma acção como um mal, e os meios de o evitar difficeis ou impossiveis, padece temor, desconfiança e desesperação.

E em uma e outra cousa mostra que é homem, isto é, que não é Deus.

Além disto, a ninguem, a excepção do *Pitada*, é occulto, que uma ou outra acção, conforme a lei, ou contraria a ella, não constitue virtude nem vicio; por que este é o habito de obrar contra a lei, e aquella o de proceder debaixo da lei; nem uma só acção boa destroe o vicio, bem como uma má não aniquila a virtude. Logo, si fosse fraqueza o retiro do lord para o morro, isto não destruia a sua fortaleza, coragem e intrepidez tão solidamente adquiridas por tantos factos, narrados pela deosa de cem boccas, e nem lhe está mal em não ser Deus, isto é, sobranceiro ás paixões humanas, nem mesmo heroe, isto é, obrar cousas acima das forças ordinarias da natureza humana. Logo, finalmente, não vem a proposito a conducta illibada do lord, para se justificar aquella acção, que na opinião do *Pitada* censuramos.

O fallarmos com um homem, que inculca entender da historia dos homens, nos dispensa de offerecermos exemplos de varões corajosos, que tiveram occasião de mostrar o fraco da humanidade.

O *Pitada* ignorante e maliciosamente altera as nossas proposições, quando por duas vezes escreve, que nós asseveramos, que o lord com a sua esquadra só estivera atraz do morro: todos bem vêm que da nossa proposição só se conclue, que o lord estivera atraz do morro no tempo da entrada das embarcações, e que a do *Pitada* quer dizer, que o lord nunca sahira do morro, o que é falso.

E' para notar, que o *Pitada* se metta a fallar em logica, e lá na sua maruja supponha, que os adverbios *so e somente*, que elle ajuntou á minha proposição, não influam na sua verdade, ou falsidade. Pois saiba o *Pitada*, que para se alterar o sentido de uma proposição não é preciso ajuntar-se-lhe de fora cousa alguma, como elle fez; basta muitas vezes mudar-se o lugar de uma só palavra, de uma oração, como nesta: *So o Pitada sabe logica maruja*, que tem as mesmas palavras que esta outra: *O Pitada sabe so logica maruja*.

O sentido da primeira é diversissimo do da segunda, procedendo isto da mudança do adverbio so; porque na primeira quero dizer, que, além do *Pitada*, ninguem mais sabe a endiabrada *logica maruja*; e na segunda quero dizer, que o *Pitada*, alem da logica maruja, nada mais sabe, isto é, não sabe navegação, não sabe pilotagem, não sabe nada da sciencia da guerra, nada de bloqueios, não sabe ler, nem entende impressos, e por tanto é juiz incompetente em tudo, que não for a tal *logica*.

Que eu não podia affirmar, que o lord estivera somente atraz do morro, sabem todos que me conhecem; porque tendo eu, e conservando a collecção de todos os periodicos do paiz, havia de ter lido na *Sentinella da Liberdade* de 3 de Maio, n. 9, que o paquete inglez chegado da Bahia aqui no primeiro do dito mez dera noticia da chegada da esquadra do lord áquelle porto, e da acção que houve com a esquadra do Madeira: e que eu não podia confundir o morro com a barra, saiba o *Pitada*, porque não só lhe posso dar quantas

pitadas quizer de geographia, como até um cornimboque inteiro; e demais estando eu naquella cidade para cima de quatro annos, sei muito a posição do morro.

Que pensas, meu Damão, serão estas as unicas alterações e falsidades em que cahiu o *Pitada*?

Não cuides tal.

Elle escreveu aquella miseravel carta com a mesma attenção com que leu a minha.

Vamos adiante.

Querendo desculpar a entrada das cinco embarcações, apezar do bloqueio braziliense, além de outras futilidades, diz que a esquadra do Madeira era infinitamente superior á do lord; ao depois declara que esta era de cinco embarcações, do que logo fallaremos, e a lusitana de quinze velas.

A differença entre as duas é de dez embarcações.

Olha, que arithmetico! Já o numero dez nos seus olhos é numero infinito!

Manes de Cavallieri, de Newton, dos Bernoullis, de Euler, de Lambert, vinde admirar este novo infinito, descoberto pelo tenente *Pitada!*

Só por esta palavrinha, segundo o exemplo de Plutarco, que para conhecer do caracter dos homens não exige mais que uma acção, uma graça, uma palavra, avanço que o tal *Pitada* é um official de marinha feito muito á pressa, pois mostra que nem da porta da aula saudou o calculo differencial e integral; só se aprendeu o calculo em alguma academia d'aquelle povo, de quem falla Mr. de la Condamine, que explicando o numero tres por este signal tão pouco commodo—*Poellarrarroxincourac*,—não lhe era facil contar acima de tres; e portanto o numero dez lhe seria infinito.

Outra seja dizer o *Pitada*, que a acção entre as duas esquadras foi a 4 de Maio; o que é falso, porque o paquete inglez, que chegou aqui no 1°. do mez de Maio, e assistiu áquella acção, não podia adevinhar o que succederia a 4, para contar com todas as circumstancias.

Esta outra, ainda que pequena, é notavel em um official, que tendo a honra de servir na esquadra do commando do lord, estava nas circumstancias de poder narrar com todo conhecimento os factos d'aquelle digno almirante; e é dizer o *Pitada*, que, depois de sahirem do morro, o almirante esteve no bloqueio por espaço de dous mezes; porque sendo o corte da linha portugueza a 4 de Maio, e a estada atraz do morro de oito dias; e succedendo a larga e retirada do Madeira a 2 de Julho, faltam, ainda dando suas ensanchas ao calculo, dez dias para dous mezes.

D'onde se segue, ou que o *Pitada* não tem todo conhecimento dos factos do lord, ou que não sabe a arithmetica, ou que tem tomado teiró com o numero dez.

Quando eu escrevia isto, chegou-me o *Marimba* com suas reflexões do costume, e disse-me: *Quem sabe si a retirada para de-*

traz do morro, além de ser para se correr mais uma bateria á nau D. Pedro, seria tambem para se refazerem algumas obras mortas que se estragaram ? Achei natural o reparo, porque quando se chegam a ferir soldados, em uma peleja naval, os vasos não deixam de soffrer algum estrago. Tanto chego a aborrecer os boletins francezes, pela constante occultação, ou diminuição das pêrdas dos exercitos, e exageração de vantagens, quanto me satisfaço de ler o grande João de Barros pela verdade, singeleza e imparcialidade, com que nas suas Decadas narra o bom e o máo exito das acções portuguezas na Asia !

Pretende o *Pitada* defender o bom cruzeiro da Bahia com o exemplo de outros bloqueios, que por mais rigorosos e apertados, deixaram entrar embarcações. Naquelles bloqueios podiam haver, uma ou muitas razões, que livrassem de imputabilidade os bloqueantes, e não haver na Bahia. A obrigação do *Pitada*, era mostrar, que o lord nunca desamparou, como devera, a barra ; que dirigiu de tal geito o negocio, que sempre houve uma, duas ou mais embarcações na barra ; que quando umas navegavam ao norte, outras cruzavam para o sul ; e que não andavam todas ao norte, ou todas ao sul, atraz da nau D. Pedro, como os cadelos ás catingas da mãe, ficando a barra franca, quando se faziam em algum destes bordos ; ou que nunca se amarou tanto, que ainda cruzando, perfeitamente désse ás embarcações liberdade de entrarem. Mostre que houveram cerrações, ventos rijos, tempestades e outras cousas, que não estando ao alcance das forças e prudencia humana, foram parte para aquelle successo.

Saiba, portanto, o *Pitada*, que os exemplos não são razões sufficientes para justificarem os factos ; sim, estes são bons ou máos, justos ou injustos, louvaveis ou dignos de reprehensão, segundo são firmados em razão de peso, ou especiosas.

Diz o tal *Pitada*, que o porto da Bahia estava defendido por uma esquadra infinitamente superior á do lord ; está comigo, que o Madeira nenhum medo teve á esquadra do lord, por isso largou daquelle porto, levando quanto quiz de profano e sagrado ; e só o tacha de imprudencia, porque com uma capitulação sacrificaria sim alguns vasos, mas não perderia tanto quanto lhe ha tomado o almirante ; ao depois escaranfunchando o meu raciocinio, diz que não é razoavel e logico, quando digo que o Madeira deixou aquella cidade só porque quiz, e que eu devera dizer, que si o porto não fôra bloqueado, o Madeira ainda estaria assolando aquella cidade.

Eis a *logica maruja do Pitada.*

Pois póde dizer-se bloqueado, por cinco embarcações taes e quejandas, um porto defendido por uma esquadra infinitamente superior ?

Pois uma esquadra, como a do Madeira,que teve todo o tempo e dinheiro para se aprestar ; que, além de todo tempo e dinheiro para se aprestar, que, além dos petrechos e munições que encontrou na Bahia, recebeu por duas vezes de Portugal sortimentos na

expedição dos mil e quinhentos homens, e nos cinco navios, que de uma só vez entraram, podia ter medo de cinco velas de menos bordo, das quaes as mais fortes vieram fazer obras, e artilhar-se atraz do morro ?

Então a esquadra do Madeira era esquadra de mostrar, não de bater ?

O *Pitada*, que viu uma e outra, e tem todos os conhecimentos para ajuizar deste negocio, confessa, que a do Madeira era infinitamente superior a brazilicnse ; logo si todas as vezes que a lusitana quizesse sahir-se ao mar, poderia parar diante della uma esquadra infinitamente inferior ?

Figura-se-me ver repetido aquelle quadro de Garção, Satyra primeira :

Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,
Insolentes cachorros da cidade,
Que ora lhe ladram, ora lh'os açulam,
Mal lhes volta o focinho arreganhado,
E o liso agudo dente, que branqueja,
Qual a fouce da morte os intimida.

Este é o raciocinio fundado nos principios do mesmo *Pitada*, vamos ver se nos enganamos: Chegou o lord, avistou-se com João Felix, bateu-se com elle, cortou-lhe a linha, e fez-lhe um fogo vivissimo. O lord teve oito feridos, o Madeira oito mortos, alguns feridos, como diz a *Sentinella* já citada ; logo João Felix recolheu-se a reparar os estragos, ainda que não consta officialmente ; o lord tomou abrigada no morro, para correr mais uma bateria a náo, e artilhar outra embarcação.

E' tal por tal ; só com a differença de serem os oito do Madeira mortos, e os do lord feridos ; mas para isso houve uma razão bem natural, a qual é como a flotilha do lord era infinitamente inferior á esquadra lusitana, nenhum vulto fazia diante della, e era quasi impossivel acertar-se em um objecto tão imperceptivel ; por isso no meu entender os Lusitanos são os lynces mais agudos,que se conhecem ; pois que na imperceptibilidade de tão delicados atomos, feriram a oito. Em segundo lugar, o lord, depois de corrida a bateria á nau, e artilheria a outra, sahiu ao mar com navios *mais veleiros*, mas não consta que ousasse abalroar com o Madeira, ocorrendo occasião para isso na sahida deste, nada obstante terem melhorado os navios do lord, ter elle na primeira acção tão bom exito, que ao mesmo tempo que levantava sua flotilha, desfallecia a do Madeira ; e nada obstante finalmente o terror com que este fugia, e

o embaraço em que se achava para manobrar oitenta e quatro embarcações, que o acompanhavam.

Eu, a ser almirante e cavalleiro de minha pessoa, lançava mão desta occasião para conseguir o mais brilhante triumpho; não esperdiçava este degrão para subir ao templo da memoria. Levasse-me a fortuna embora, fazia minhas sobrancerias; atacava sempre. *Morra a dama e fique a fama.*

Mas nem todos entendem nas mesmas cousas pela mesma face; por isso a frota braziliense só tomou embarcações mercantes e de transporte, e nem uma de guerra; e o Madeira nos mares brazilicos fez o mesmo, que Jorge de Albuquerque na India, quando sahiu de Bintão para Malaca, que pouco se importou com o capitão do mar, que El-rei de Bintão mandou nas suas costas com algumas lanchas, ladrando atraz delle, a ver se lhe podia derramar algum navio manco. E ainda que sejam em utilidade do lobo, que não ousando atacar de frente o pastor e os rafeiros, vai após do rebanho, a ovelha que se transmalhando aqui, elle a empolga, e a outra que se despenhando acolá, elle a devora; com tudo este proceder não faz muita honra a sua valentia e sanha.

Si não houvesse nada mais que estas reflexões, estava demonstrado, que o Madeira evacuou a Bahia porque quiz; mas digamos mais duas palavras.

Tendo Madeira tomado muitas embarcações, que passavam de norte a sul, e do sul ao norte; havendo varrido todo o maritimo desde a Bahia até aqui, e até bloqueado nossa barra; tendo recebido fornecimento de bocca e de guerra, e mil e quinhentos homens ás mesmas barbas de Delamare, e só de uma vez cinco embarcações carregadas no tempo do bloqueio de Cockrane, com uma esquadra infinitamente superior á deste, poder-se-ha dizer, que elle não devia contar com mais algum auxilio, ou remettido por Portugal, ou de outro qualquer modo adquirido, para abandonar aquella cidade, em consequencia dos rigores do bloqueio, como disse o lord no seu officio de Julho á nossa junta provisoria?

Respondam os homens imparciaes.

Parece-me, que si houve alguma razão de aperto, alem da discordia entre os commandantes portuguezes das forças navaes e terrestres, foi unicamente o assedio do exercito braziliano terrestre, que pouco a ponco lhe ia causando perdas, e dava mostras de um ataque geral; o que o Madeira quiz evitar, na certeza de que não se sahiria tão bem do conflicto em terra, quanto no mar, apezar das perdas de alguns transportes, com que sempre contou.

Até aqui, meu Damão, respondi ao *Pitada*, segundo as noticias que havia daquelle negocio; porém averiguando os factos com mais circumspecção, como me aconselha o *Pitada*, avanço que este amigo é um falsario e mêntiroso, quando assevera, para desculpar a cobardia do bloqueio braziliense, que a flotilha do lord constava de cinco velas; porque havendo aquelle bloqueio sahido do Rio de Janeiro a 2 de Abril, a nossa junta provisoria recebeu uma portaria do ministro da guerra de 28 do mesmo mez, a qual

corre impressa, participando-lhe que as embarcações de guerra do imperio, que *cruzaram* na altura da Bahia de Todos os Santos, e suas forças eram as seguintes: nau D. Pedro I, setenta e quatro peças; fragatas Ypiranga,cincoenta e duas peças, Carolina,quarenta e quatro peças, e Nertorlei, quarenta peças; corvetas Maria da Gloria, trinta peças, e Liberal, vinte e duas peças; bergantins Guarany, doze peças, e Escuna Real, quatorze peças; escunas Leopoldina, dezoito peças, Rio da Prata, dez peças, e Independencia ou Morte, dezoito peças; burlotes Luiz e Catharina.

Ora, sendo a esquadra braziliense de onze embarcações de guerra, e dous burlotes, e a lusitana de quinze, não era a lusitana infinitamente superior á do lord, e portanto nenhuma evasiva tem este por se não ter batido, e muito menos para deixar entrar de uma vez cinco embarcações de refresco ao inimigo. Porque si para baterem-se duas esquadras fosse preciso igualdade no numero dos vasos, nunca teria havido no mundo uma só campanha naval.

A respeito dos grandes serviços, que o lord tem feito á causa da independencia e liberdade do novo mundo, só para argumentar digo, que o lord se não offereceu voluntario e gratuito á este empenho, sim por convite e premio dos do novo mundo; e ninguem poderá jamais avançar decididamente, que quando as riquezas do lord chegarem a certa conta de milhões, que elle la sabe, elle se abalará do lugar em que fixar a sua morada, ainda que todo mundo novo e o velho fique dependente e escravo. E como não sou Deus para penetrar as entranhas dos homens, e os refolhos dos corações, não me metto a decidir o programma—*Si o lord Cockrane ajudou a causa da liberdade e independencia do novo mundo pelo amor que tem ao bem da especie humana, ou por não ser convidado pelos despotas para sustentar a tyrannia e a escravidão*—muito principalmente quando vemos os Suissos venderem seu sangue e sua vida indifferentemente á justiça dos povos, e aos caprichos dos reis; e não sei o que me está maliciando o coração presago sobre a causa, que defenderá o lord no caso que succedesse uma certa questão no Brazil; por isso acinjo-me ao proloquio portuguez: *Não gabes teu boi sem passar o rebentão.*

Sobre os conhecimentos que requer em mim o *Pitada*, para poder ajuizar das acções do lord, não sei si é saber o que é *singradura*, *barquinha*, *rebojo*, *sotavento*, *barlavento*, *bussola*,*rosa dos ventos*, *meridiano magnetico*, *declinação*, *abatimento*, *loxodromia*, *absides*, *paralaxe*, *anomalia*, *quarto de reducção*, *quarto inglez*, *oitante*, suas construcções, seus usos, etc. etc. A serem estes, parece-me que apezar de não ser da profissão, comtudo poderemos dizer mais alguma cousa, que o tal *Pitada*, que pelo que mostra dá bem bons indicios de não resolver problema algum de navegação, fóra do meio do *quarto de reducção*, porque si o chamarem para os calculos trigonometricos e algebricos, ha de ficar, como dizia o outro do gato, *pasmavit gatus, mestus que ficavit olhando.*

Aqui tens, meu charo Damão, mais palavra, menos palavra, o que eu respondi áquelle amigo. Tambem foi por apanhar-me de

pachorra, porque fóra desta occasião duvido muito, que lhe responda a outra qualquer cousa com que elle venha; porque tenho muito que fazer para estar nutrindo a ociosidade de mirmocophagos.

Adeus, e este te livre destas pitadas de *bahiano calundu*, que é peior do que aquelle, de quem dizia o Garção:

Quaes as portas de Jano aferrolhadas,
Onde presa mugia a guerra dura,
O entupido nariz o embate atura
Do teimoso vaivem das más pitadas.

Eu sou teu amigo certo e antigo

Pitia.

VII

SOBRE A DOUTRINA ANTI-CONSTITUCIONAL E PERIGOSA DO CONCILIADOR NACIONAL N. 34

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão.—Segunda vez previno aos teus desejos, e te vou fallar de uma materia, em que por ca se tem discorrido differentemente, quero dizer-te da doutrina do *Conciliador Nacional* n. 34.

Sim, a doutrina deste n., relativa a aristocracia e reunião das diversas regalias no chefe do poder executivo, não só está em contradicção com as idéas actuaes, como com as mesmas do *Conciliador* em outros numeros, e de mais é sophistica, perigosa e opposta ás obrigações de um escriptor publico, em tempo de crises politicas.

E' um dever do cidadão, que escreve, dirigir a opinião publica, e leval-a como pela mão ao verdadeiro fim da felicidade social (n. 1.); e nos tempos de publicas commoções o cidadão, que toma a seu cargo escrever para o publico em circumstancias taes, deve procurar, quanto couber em suas forças, trazer todos os partidos á amizade, estabelecer a harmonia social, de que depende a felicidade dos estados(ibid.): foram as maximas com que o redactor principiou os seus trabalhos de conciliar a nação. E depois que se abriu o congresso soberano no Rio de Janeiro, não se esqueceu de dizer: "E' este o tempo opportuno, em que os escriptores devem de ser incansaveis em dirigir a opinião publica, e todos os Brazileiros cooperar para termos uma constituição liberal, que decepe de uma vez as cem gargantas ao despotismo, que tantos males nos tem causado " (n. 18.) Quanto não estava no dever do redactor ser o primeiro que com a pratica vigorisasse a sua pregação! Mas infelizmente não succedeu assim.

Como tambem nos deixámos empestar da epidemia, que nesta epocha atacou a muita gente, e estamos bem persuadidos de que *o*

choque das opiniões produzirá a verdade (n. 20, 21); e o mesmo redactor requer, que quem não estiver pelo seu pensar, escreva e defenda o que elle julga erro; pois isto é ter liberdade de imprensa (n. 27) e já elle mesmo usou deste direito contra a *Segarrega*, *Pernambucana e Sentinella*, nós aceitamos a liberdade; e o facto de fazer tambem gemer o prelo com os nossos rascunhos, é uma prova de que não somos menos iguaes do que o escriptor da carta aos Pisões, que disse: *Et hanc veniam petimus, damus que vicissim.*

Como um escriptor publico, mormente patricio, deve dizer a verdade, e abrir os olhos aos seus concidadãos (n. 16), e não ha verdade, que possa ser prejudicial (n. 25), dizemos imparcialmente o bom que achamos naquelle periodico, e o mal que nelle descobrimos, ficando aos leitores o direito de sentenciar com justiça.

E' innegavel, que naquelle periodico se encontram enunciadas as maiores verdades, dignas dos direitos dos povos, da justiça do Brazil, os fundamentos da constituição, que nos deve felicitar, e ao mesmo tempo terriveis aos despotas, e seus flagellos e morte.

A soberania dos povos é sustentada com rigor (n. 3, 18,22, 30); os povos não são herança de ninguem (n. 4); Deus não quer sugeitar milhões de seus filhos aos caprichos de um só (n. 17); os reis não são emanações da divindade, sim autoridades constitucionaes (n. 6); os reis não são paes dos povos, antes os povos são paes dos reis (n. 1); o povo apezar das côrtes, fica com o poder soberano para alterar e suspender as côrtes (n. 3); não se desobedece ás côrtes, quando encontrarem nossos direitos (ibid); si a assembléa legislativa falta ás condições do pacto social, fica dissolvido o contracto, e as provincias com direito salvo de cassar as procurações aos deputados, e nomear outros (n. 25); os povos tem o direito de dissolver a forma de governo (n. 28); as côrtes são superiores ao imperador (n. 23); a obediencia ao soberano congresso deve ser razoavel (n. 1); um congresso póde ser faccioso (n. 3) e oppressor (n. 4); clamando-se ao soberano congresso sobre alguma lei, que delle dimanar, a qual contraria seja aos interesses dos povos, si estes não forem attendidos, desfeito está o pacto; cabe-nos então reassumir nossos direitos (n. 1); não se deve obedecer a leis prejudiciaes (n. 4); o povo do Brazil deu por generosidade o throno ao imperador (n. 18); no systema constitucional a lei é quem governa (n. 15); o governo constitucional é o melhor para o Brazil (n. 25); a constituição deve dar cabo do despotismo (n. 61); o governo absoluto,o maior de todos os males (n.1); entre povos que querem ser irmãos, não devem haver morgados (n. 4.); os grandes são vermes subtis, que vão roendo a liberdade (n. 15); nobreza hereditaria, prejudicial ao Brazil (n. 19); os aristocratas tudo voltam em seu proveito contra todas as classes da sociedade (n. 20); a camara alta inteiramente prejudicial (ibid.); ataca a aristocracia em geral (n. 25 e 29) e particularmente o partido aristocrata do Rio de Janeiro (n. 16 e 17); estabelece a igualdade social (n. 15 e 21); e diz afi-

nal que não se deve retrogradar da carreira da honra. (n. 5).

Deste golpe geral de vista sobre o *Conciliador* se conhece, que o seu redactor está ao facto dos principios geraes, os mais proprios das actuaes circumstancias do Brazil; e era para desejar, que elle os apresentasse de uma maneira, que os seus leitores não podessem deixar de attender, e se aproveitassem destas verdades, como succede ao que fita os olhos no sol no seu zenit, que não póde deixar de vel-o; mas é muito dessaboroso, que o faça com tantos refolhos, que a maior parte dos seus leitores não haja reflectido, nem attendido a estas verdades. Além disto, descobre-se no redactor um terror panico de dizer as verdades, que mostra uma bem visivel contrariedade com o protesto, que no n. 3 fez, *de dar a vida pela verdade.*

Descobre-se, de mais, um certo plano traçado de se amoldar a todas ás circumstancias, como quem abre muitas estradas, para se evadir nos apertos; pois que os numeros citados vem como intercalados com outros, em que afrouxa a doutrina, ou se entretem o povo com o que lhe não interessa, ficando os leitores ignorando qual é o caracter do redactor.

Havendo dito altamente, que o Brazil por um puro acto de generosidade elevou ao throno imperial o senhor D. Pedro I, no n. 12 avança, que *o principe subiu ao throno por gosto, e ultimo conselho de seu pae;* no que parece pôr em duvida a legitimidade da soberania do Brazil, a que só e unicamente deve o imperador o throno, em que se acha.

Os ns. 11 e 12, empregados nas jeremiadas pelo rei e rainha de Portugal, além de improprios das actuaes circumstancias do Brazil, que apresenta objectos de toda monta aos maiores espiritos, são de summo perigo; porque figurando aquelles monarchas com uma virtude, que nunca tiveram, como, apezar dos seus papeis hypocritas, sempre se conheceu, e os recentes successos de Portugal mostram a todas as luzes, excitando a compaixão pela virtude perseguida, e as saudades por imperantes que haviam sido nossos, rompem a unidade de sentimentos sobre a nossa separação de Portugal e independencia.

Parece não ser muito alheio da razão attribuir-se em parte a taes numeros os desvarios que tem apparecido, mesmo em Brazileiros, depois dos ultimos successos de Portugal.

A palavra caracter, meu Damão, além das diversas accepções, que tem nas sciencias, artes e officios, em moral significa aquella disposição habitual da nossa alma, pela qual somos mais vezes conduzidos a obrar, e de facto obramos acções antes de um genero, do que do genero opposto. Assim, o homem que perdoa muito poucas vezes, ou nunca perdoa, é de um caracter *vingativo.* O homem que quasi sempre, ou mais vezes faz a vontade de seus semelhantes, do que lhes nega o que delle exigem, é de um caracter *contemporisador.* De sorte que a palavra caracter só de per si significa uma cousa abstracta, que póde ser boa ou má, e é aplicavel assim aos vicios, como ás virtudes.

Da falta de equilibrio, diz Mr. Duclos, entre o espirito do homem e o seu caracter, procede a maior parte da falta dos homens e loucuras na sua conducta. Cicero, por exemplo, era um grande espirito, porém uma alma fraca ; por isso foi um grande orador, mas homem de estado mediocre.

Nada se encontra de mais pernicioso na sociedade, do que o homem sem caracter, isto é, cuja alma não tenha uma disposição mais habitual do que outra. Nós nos confiamos do homem virtuoso, e desconfiamos do velhaco ; mas o homem sem caracter é alternativamente ora uma cousa, ora outra, sem que possamos tel-o por amigo ou por inimigo. Eis a razão porque se louva a lei de Solon, que reputava infames aquelles, que não tomavam algum partido nas sedições populares.

Quem se poderá fiar de um homem, que tem a natureza do amor, de quem disse Camões, elegia 6 :

Nunca nelle a firmeza permanece ;
Si nos dá gosto algum, muda-se logo ;
Já chora, ja se ri, ja se enfurece ?

E' neste entendimento de *caracter*, que avançamos não descobrir caracter no redactor ; porquanto o vemos em uma continua variedade de sentimentos, e as vezes contradicções visiveis sobre os mesmos objectos.

No n. 6 não póde recusar aos Goianistas a gloria de haverem sido os primeiros, que deram o impulso á liberdade de sua patria, penhoraram suas vidas, seus bens e sua honra, para estabelecerem em Pernambuco um governo constitucional, creado pela vontade dos povos ; dahi a seis numeros *a junta de Gervazio foi feita no meio dos partidos, que retalhavam a provincia.*

Não sei combinar um governo creado pela vontade dos povos com os partidos, em cujo meio foi feito. Estou que a primeira proposição é a verdadeira, pois coincide com o que do mesmo objecto disse o *Relator Verdadeiro*, escriptor coevo, e testemunha ocular.

Deu-se começo a eleição, e sem os mais pequenos vislumbres de coacção, em plena liberdade e socego procedeu-se á votos. E' difficil, e de todo impossivel pintar o enthusiasmo e jubilo expressivo dos povos na installação da exm.ª junta provisoria (n. 1), disse este escriptor.

Avança o *Conciliador*, que a junta de Gervazio, eleita entre partidos, *era impotente para reduzir as cousas ao seu verdadeiro andamento, e por isso teve a fraqueza de consentir por algum tempo o sempre detestavel batalhão ligeiro* (*n.* 12), havendo já dito : *Em verdade devemos confessar, que a exma. junta foi um tanto descuidada em dar logo as providencias, antes que chegassem* (o bata-

lhão ligeiro) *a taes excessos* ; *mas é igualmente verdade, que acudiu com energia, prendeu e fez summariar os amotinadores, e ficou restabelecida a tranquillidade publica* (n. 5).

Não ha contradicção tão palmar ! Como é impotente uma junta, que, logo que vem ao conhecimento do mal e do perigo, acode com energia, prende e restabelece a ordem e tranquillidade publica ?

Demais, sabem todos, que a junta não tomou em consideração o batalhão ligeiro, emquanto elle se reduzia aquelles limites descriptos e louvados pelo redactor no n. 5· ; assim como a epocha, em que foi escripto o n. 12, explica a razão da medonha pintura deste quadro, do *autem genuit* das desordens de Pernambuco (n. 11, e 12) e d'aquellas defezas, que se acham desmentidas e contrariadas pelos mesmos defendidos, alem de outros impressos, no *Regulador Brazileiro* n. 34, e *Memoria* sobre as causas da união do Rio com Pernambuco.

E'para extranhar-se, que no n. 12 exigindo-se uma authenticidade relevante para se votar á execração publica os homens em materias melindrosas, apresentasse o tenente coronel Ferreira e Aleixo por cooperadores na deposição da junta gervazica, sem a relevante authenticidade, e documentos de peso, para se retractar ao depois no n. 15. Bem como dizendo neste mesmo n., que " personalisar é nomear pessoas para seu desdouro, o que não fez, nem tinha tenção de fazer " não seguiu esta maxima, quando disse, que " o famoso Luiz Pereira Vianna, por uma protecção á franceza ao capitão mór Domingos Bezerra Cavalcanti, lançou mão de tres engenhos, que este possuia ", sem ter aquelles relevantes fundamentos de notoriedade, que exige para os outros escriptores (n. 13), vendo-se na triste conjunctura de ser apresentado ao publico como homem de pouco exame, e nenhuma averiguação no que escreve, como se vê na *Pernambucana* n. 10.

Estas, meu Damão, são algumas das divergencias, que se encontram naquelle periodico, das quaes deixo muitas para não ser prolixo ; porem o que mais me tem chocado, a mim e a todos, é o n. 34, no qual acho tanta cousa, que a mesma abundancia me torna pobre e indeciso sobre aquella materia, porque principiarei.

Vá, portanto, a primeira que se objecta, isto é, a qualidade da constituição, que o redactor esboça para o Brazil.

Debatendo o redactor as puras *democracias*, que julga impraticaveis, e igualmente as *aristocracias*, que denomina *decidido prejuizo á felicidade dos povos*, deseja uma constituição, que aproveite e reuna o que tem de melhor os tres governos conhecidos ; isto é, que tenha um pouco de democracia, de aristocracia e de monarchia, e julga que esta constituição *é verdadeiramente liberal, porque contentando a todas as classe, não prejudica a nenhuma.* E', com effeito, á primeira vista agradavel este prospecto, e o redactor teria mettido uma lança em Africa, si nada mais adiantando, deixasse aos pios leitores cavar os fundamentos, e extender os detalhes ; mas por sua desgraça esqueceu-se do que havia

dito ao *Sentinella*, que *em qualquer escripto, alem da lettra, todos procuram o espirito* (n. 15); pelo que dizemos primeiramente, que é falsa a idéa que elle apresenta da *democracia*, que diz querem estabelecer pessoas de um *temperamento irritavel.*

Nas puras *democracias* ha clases, ha distincções nascidas da industria e propriedade; e como estas classes são da natureza, não podem ser destruidas por nenhuma forma de governo, e nem jámais nestas relações podem os homens ser nivelados.

Os publicistas, ainda de temperamento o mais irritavel, não podem, á excepção do estado de loucura, projectar semelhante absurdo. O que querem os homens pensadores, racionaes e justos é destruir as personalidades, isto é, que se não beneficie mais ou mortifique menos a Pedro, do que a Paulo, por ser aquelle duque, marquez, conde, visconde, barão, infanção, rico homem, e este não; ou porque o avô daquelle foi pé rapado, (57) e sua avó foreira de S. Bento, e este ainda não matou tres cascaveis, para formar um escudo, como os antigos dos Heduos.

Em todas as *democracias*, antigas e modernas, pezar de que todos os cidadãos, qualquer que seja a sua estirpe, seus talentos, suas virtudes, seus merecimentos, sejam iguaes diante da lei; comtudo sempre as autoridades, e os mesmos povos prestaram mais estima e acatamento ao sabio, do que ao ignorante; ao proprietario, que enriquece o estado, do que ao trapilha ocioso, que consome os fructos do trabalho alheio; mais ao virtuoso, do que ao perverso, ao velhaco, ao trapaceiro.

Em toda e qualquer forma de governo, Bastos não se deve nivelar com Lagos, Filinto Elysco com Josino, Vieira com frei Leocadio, Gervazio com Theotonio, Fernandes Vieira com Calabar, Catuzadas com o capitão mor dos ilhéos, S. Thereza com Delmonse; porque o contrato é querer destruir a natureza das cousas.

Os homens, nada obstante, nascem livres, com igualdade de direitos quanto á conservação da sua vida e commodidades, e á tudo que deve aperfeiçoar o seu ser; comtudo apparecem sobre a terra differentes em talentos espirituaes e corporaes. Uns tem cinco, outros tres, outros um; estes se desenvolvem, e lucrão cen-

---

(57) *Pés rapados.* Este epitheto, que alguns Lusitanos, por ignorancia dão aos Brazileiros, como para injurial-os, está tão longe de affrontar aos Pernambucanos, que antes deve excitar-lhes os mais nobres sentimentos.

Quando nos annos de 1710 e 1711 houveram as sedições em Pernambuco entre os *mascates* europeus do Recife e a *nobreza* de Olinda, os sectarios dos mascates se apellidavam *Tundacumbe, cipós e Camarões*, e os nobres e seus sectarios *pés rapados;* porque quando estes haviam de tomar armas, se punham logo descalços e á ligeira, para com menos embaraço as manejarem; e assim eram conhecidos por dextros nellas, e muito valorosos, pelo que na Historia de Pernambuco o alcunha *pés rapados* é synonymo de *nobreza.*

to por um ; aquelles duplicão o que receberam ; alguns o sepultam na terra ; este tem a sciencia das linguas ; aquelle a das curas ; aquelle outro as prophecias ; certos a interpretação dos sermões ; Pedro é apostolo ; Paulo doutor das gente.

O que se quer nas *democracias* é que nellas reine o espirito da republica de Laor, e Kachemira, onde sendo o soberano um livro collocado sobre um throno, com uma espada, um escudo e um punhal, por este symbolo conheçam os quatro magistrados eleitos annualmente pelos seus cidadãos, que a lei pune, protege e commanda igualmente os cidadãos e os chefes.

Este exemplo, trazido pelo redactor, mostra, que a *democracia* tão pura, quanto esta, não é *impraticavel* ; pois que elle mesmo affirma, que ella tem feito deste povo os homens mais virtuosos e bravos de todo o Indostan.

Por tanto, sendo falsa, como é, e horrorosa a idéia que dá o redactor da *democracia*, com isso não fez menos, que excitar o odio e a indignação dos benemeritos pelos seus talentos, virtudes, e industria contra os democratas de um temperamento irritavel, que os quizerem nivelar com os sem talentos, cobertos de vicios, e dignos da execração da patria. O que se opõe de frente ao espirito do seu periodico, que tendo por epigraphe— *Queremos admoestar e não morder, ser util sem offender*—mais de uma vez tem produzido no povo desgostos, divergencias de opiniões, e perigos.

Meu Damão, para não suppor, como alguns, no redactor outros fins, que lhe sejam pouco airosos e decentes, me lembro d'aquella sentença do mesmo redactor, que *nem sempre bons sentimentos andam a par do bom juizo ; e homens ha que desejando fins justos, não lhe sabem applicar os meios* (*n.* 2).

Em segundo lugar, sendo o principio da *democracia* a *virtude*, e parte desta a *justiça distributiva*, é inteiramente falso, que nas *democracias* se nivele a *virtude* com o *vicio*, o merecimento com o demerito, os talentos com a ignorancia, a industria com a ociosidade. Esta igualdade, e ainda a preferencia do vicio sobre a virtude, é só propria das *aristocracias* e monarchias, quer temperadas, quer absolutas. Isto nos ensina a razão, e nos confirma a historia dos povos, que tem povoado este planeta.

Em que *democracia*, por mais platonica, Antonio Bernardino Lagos, que chegou aqui de tenente engenheiro civil com um exame de geometria elementar no collegio dos nobres, e certidão de matricula do 2.º anno, havia de ser não só nivelado, mas ainda preferido ao doutor *Antonio Francisco Bastos*, lente da universidade de Coimbra, o primeiro geometra do Brazil, o maior sabio da Nova Lusitania, engenheiro hydraulico, e sargento mor do corpo de engenheiros ?

Qual seria o magistrado, mais democrata, que fizesse o que fez Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que pisou aos pés a lei, a razão e a justiça, para atrazar *Bastos* e adiantar *Lagos* ?

E' sem duvida por estar o redactor convencido desta verdade,

que avançou, *que bem lhe parecia, que o Brazil se constituisse em republicas federaes, a maneira dos Estados-Unidos da America Septentrional* (n. 3).

Tendo em muitos numeros mostrado os males incalculaveis, que tem causado aos povos, os estorvos que offerecem ao andamento dos governos saudaveis, e as ajudas que sempre hão dado ao despotismo, os grandes, os titulares, os aristocratas ; e dando parabens ao Brazil pelo estado de colonia, em que esteve por tres seculos, e do qual o unico bem que tirou foi o de não ter em si *esta especie de viboras ;* e dizendo altamente, que a fidalguia, propriamente dita, é sempre um mal e um verdugo dos povos, quando é hereditaria ; quer que entre em linha de conta na futura constituição a *pueril vaidade* dos Albuquerques, Cavalcantis, Lins, Barros, Mellos, Regos, Machados, Wanderleys, Barretos, Cunhahus, e esses outros que sempre estão a incommodar o mosteiro de S. Bento com certidões de nobreza, brazão de armas, foros, etc. Todos os homens, que sabem pesar as cousas, conhecem que estas alcunhas de Pernambuco, e outras desta laia em todo Brazil, significam uma cousa que nenhum parallelo tem com a nobreza europea ; que os fidalgos do Brazil não formão corpo, são uns individuos isolados, não constituem classe distincta ; pois que todos os dias se estão a confundir e identificar-se com outras familias, onde não se diz meu avô foi capitão mor da *Jacoca*, meu pai mestre de campo do batalhão de *Cimbres*, meu tio no decimo quarto grão transversal juiz ordinario de *Pilão Arcado*.

E que cousa esta de tanta monta, na intelligencia do redactor, para se não poder deixar de attender-lhe na factura da constituição, a fim de que esta tenha seus dous dedos de *aristocracia* !

Si estas frivolidades se devem tomar em consideração, bem estavamos nós ; porque estas differenças, que umas familias querem ter das outras, não é de mais peso do que as pretenções de preferencia dos conegos aos parochos, e a sublimidade da confraria do Sacramento sobre a de S. José da Penha.

Os homens que leem, e não abraçam o gato por lebre, sabem que este orgulho do Brazil data o seu maior desenvolvimento do anno de 1755, em que, depois de infinitos estorvos, tiveram afinal seu saudavel effeito as muitas leis portuguezas para a liberdade dos caboclos; estes foram realmente livres, declarados cidadãos, e poderam aspirar a todos os cargos e honras.

Então começou cada um procurar por todos os meios ter nas suas veias algum globo do sangue das Paraguaçus, dos Arcosverdes, e de outras altas princezas das palhiças aldeias do Brazil ; outros foram beber nas aguas furtadas de conquistadores do Maranhão, sem mesmo se importarem que estes fossem *filhos do crime em obscura noite* ; outros, que no Brazil não achavam estas cascas de alho, saltavam as duas mil leguas do Atlantico, e os mirrados ossos dos primos de Cosme de Medicis e de Mauricio de Nassau (admiro a diligencia e legalidade das inquirições) foram o barro damasceno, de que se amassou esta nova especie afidalgada, que deve de ser

attendida impreterivelmente na constituição do imperio, esquecendo-se o redactor, que toda esta hombridade do Brazil anda pouco mais ou menos pelo que são osPaulistas, de quem disse o Arthur de Garção:

Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando congonha me aturdiam
Com a fabulosa illustre descendencia
De seus claros avós, que de ca foram
Em jaleco e ceroulas.

Logo virá tempo em que o Brazil verá resurgir de cada calugi fidalgos de primeira ordem, que hão de pôr engasgado o redactor para os attender nas legislaturas seguintes.

Hoje é a maior infamia e indignidade ter um cidadão no seu vigesimo avó uma subtil porção do sangue africano, como já o foi dos caboclos, e de ordinario o que tem maior dose a regorgita sobre os outros: quando se destruir a escravidão dos Africanos, muita gente terá de provar, que descende do rei de *Congo*, duques de *Benguela*, e sovas de *Loanda*; e o redactor ha de ver-se com agua pela barba para acommodar estes novos fidalgarrões.

Não lhe quero estar na pelle.

Todos os dias estamos vendo estes filhos do sol do Japão, netos da lua actual, sectarios encarniçados daquella maxima do Lyrico Latino *et genus, et formam, regina pecunia donat*, ao travez dos seus carunchosos e irrisorios pergaminhos, enlaçarem-se com aquelles que poucos dias antes nos offereciam de porta em porta alhos, cebolas, marcas de botões, linhas de Oeiras, renunciando de facto as cavallarias de direito; e o bom redactor assenta, que si na constituição brazilica se não attender ao seu orgulho, hão de haver choques, insubordinação, anarchia e afinal ruina do Brazil.

Vê la, meu Damão, si estes homens estão dispostos a desprezar estes titulos, e tem o afferro, que diz o redactor, aos principios *aristocraticos*, e mostram não querer entrar de repente em uma *democracia*. Não seria, mas parece, que este n. 34 do *Conciliador* não foi obra de fancaria, sim de encommenda!

A vista desta abjuração, que fazem diariamente os fidalgos de seus fumos, será difficil reduzil-os á philosophia do major Saboia, que sendo neto do duque de *Lionne*, só se lembra desta excellencia ducal, quando toma posse de alguma casa.

Sendo este o espirito da nobreza e aristocracia braziliense, vê todo mundo que o *Conciliador* ou olha para as cousas muito de carreira, ou quer fazer algum partido para fins, que Deus sabe; porque a ninguem jámais póde illudir a fisga por onde se quer evadir sobre a consideração, que pretende dar a *aristocracia*, voltando-a de *politica* para *natural*, pois que a differença que elle põe entre os Ca-

valcantis, Albuquerques, Mellos, etc. aos sapateiros e alfaiates não é em quanto aquelles são proprietarios, e estes não ; porque neste entendimento elle faria a confrontação, não entre familias, que se picam de nobres, e os artistas, sim entre as familias ricas e pobres, entre os sabios e os ignorantes, entre os homens de bem e os debochados ; confrontaria os Costas, Costas Soares, Casados Limas, Carneiros do Rosario, Xavieis Carneiros, Monteiros, Bastos, Ferreiras Portugaes, Carvalhos, Pinhos Borges, com pobres,mendigos e ignorantes.

Seja a ultima nota, pois já te levo uma escripta prolixa, e devo observar o preceito *Nequid nimis*, o parallelo entre o presidente dos Estados Unidos na America, e um rei ou monarcha constitucional. Este parallelo, bem que ao primeiro lançar de olhos pareça encaminhar-se a outro fim,comtudo não é assim na realidade. Isto traz agua no bico. E procurando nós o espirito do parallelo, além da lettra, concebemos que se dirige a fazer as partes do imperador na pretenção de ficar dirigindo a força armada contra a torrente de todos os pensadores e escriptores liberaes, que para evitarem o despotismo e segurança á liberdade nacional, são de accordo que as côrtes soberanas constituintes e legislativas não lhe devem conceder aquella attribuição, ou lh'a concedam de feição, que não possa haver abuso desta regalia.

Sim, não se deve conceder ao imperante esta regalia, e as razões, além de outros autores antigos e escriptores do tempo, se acham expendidas nas minhas cartas III e V ; por isso aqui só ventilaremos a impropriedade da semelhança.

E', com effeito, verdade que o presidente dos Estados Unidos é electivo, tem o poder executivo, dá todos os empregos e officios, é generalissimo do exercito de *mar* e *terra*; porém nada obstante é o presidente dos Estados Unidos muito differente do imperador do Brazil, dirigindo este a força armada, como o redactor parece querer.

O presidente dos Estados Unidos é electivo, mas não vitalicio, como o *Zumbi* da republica dos Palmares, na provincia das Alagoas ; sim, é temporario. O imperador é hereditario, e o seu poder eterno na sua descendencia, quando o presidente dos Estados Unidos não passa o acanhado termo de tres annos. Os Estados Unidos são uma *federação* de muitas republicas ; independentes umas das outras, ao mesmo passo que o Brazil é uma monarchia.

Então estas tres differenças não serão de algum peso no conceito do redactor ?

Só na opinião dos interessados no absolutismo é que ellas deixarão de avultar.

Primeiramente o governo triennal do presidente dos Estados Unidos lhe tira a occasião de abusar da força armada, para escravisar a nação ; pois que não póde planisar, effectuar o projecto e desfructar os resultados de um plano tão monstruoso e revoltante contra tantos povos espalhados por tão vastos territorios, e tão praticos na liberdade. Além disto, o presidente, com quanto se ache

revestido de um poder grandissimo, está dentro da maxima fundamental da politica, isto é, que *em toda magistratura a grandeza do poder deve de ser compensada pela brevidade da sua duração.*

Não está no mesmo presupposto o imperador, que ainda que lhe falte o tempo para gosar o fructo da sua usurpação, deixa ficar successores, que a desfructem; do que nos dão a cada passo exemplos as historias das nações.

Depois, da mesma parte da força armada se acham inconvenientes e estorvos, para que no estado federativo não possa o chefe do poder executivo empregal-a a seu proveito e commodo; por quanto o exercito sciente que aquelle magistrado não dura além de quatro annos, e não podendo contar com os mesmos sentimentos nos successores, não tem que esperar delle, que o faça obsequiar á sua vontade, favorecer seus projectos, e sustentar a sua tyrannia.

Que barreira finalmente não acha o presidente na forma federativa dos Estados Unidos!

Na confederação póde sim escravisar-se uma republica, mas todas as outras a defendem, e fazem a guerra ao oppressor. Aquelle que se quizesse levantar em usurpador, por mais forças que empregasse em seduzir os povos, não seria igualmente acreditado em todos os outros estados confederados. Si elle se fizesse muito poderoso em um, espantaria todos os outros; os quaes se acautelariam contra elle, e lhe cavariam a ruina. Subjugando o presidente uma parte da confederação, aquella que estiver livre ainda póde resistir-lhe com forças independentes daquellas, que elle tiver usurpado, e opprimil-o mesmo antes que o usurpador se tenha acabado de estabelecer.

Accresce mais a tudo isto a pequenhez da força armada, de que póde abusar o presidente, e a grandeza das forças populares, que offerecem aos passos do oppressor barreiras impertransiveis. O exercito regular de mar e terra não passa acima de oito mil seiscentos e oitenta e oito homens, comprehendidos neste numero seiscentos e vinte e seis officiaes, o estado maior e o corpo dos engenheiros. Porém as milicas nacionaes, soldados do povo, e que tem o espirito do povo, como requer Montesquieu, para se não poder opprimir a nação, são oitocentos mil homens. (Revista Encyclop. tom 9 f. 175.)

Eis a natureza da confederação, que,além de outros,se póde ver em Montesquiem; natureza em tudo diversa da monarchia.

Ao mesmo tempo que a *virtude*, principio fundamental das republicas, faz que na federação os diversos estados confederados se opponham aos projectos do oppressor, a *honra* nas monarchias apresenta aos monarchas infinitos braços, que o sustentem no despotismo e tyrannia; pois que este é o meio mais facil de se conseguirem as *distincções* e *preferencias*, unico alvo da *honra*.

Nas monarchias as provincias são fracções de uma só nação, e subjugada a côrte, o coração do estado, tudo está subjugado, muito principalmente, quando sendo o exercito um só, e todo dependente do poder executivo, para seus adiantamentos e accessos, e as suas

fracções provinciaes devem de obedecer aos chefes, que a côrte lhes enviar. Daqui se deixa ver, que sendo differentes as circumstancias do presidente dos Estados Unidos, e do imperador constitucional do Brazil, de nada val o exemplo daquelle para se poder admittir neste, como parece querer inculcar o redactor, o commando da força armada; e as materias politicas não são declamacões oratorias, onde os exemplos, semelhanças e parabolas desiguaes tem applicação, e sustentam os chefes. Daqui tambem se segue, que quem prega uma tal doutrina *segue partido que não é o da grande causa do Brazil*, e que nos quer *introduzir á cunha os costumes e legislação ingleza*, como extranhou o redactor aos figurões do Rio de Janeiro.

Aqui tens, meu charo Damão, o que eu penso da doutrina do *Conciliador Nacional.*

Elle nos offerece doutrinas verdadeiras, tendentes a sustentar a causa da patria; mas expõe-nas de uma maneira tão encapotada, que bem pouco fructo tem feito no povo, para quem se escreve. Ao depois, intermediando estas e outras doutrinas, ou oppostas, ou gravemente differentes, falta ao fim do periodico, que em lugar de conciliar as opiniões divergentes e os animos discordes, tem azedado os espiritos, causado desgostos e schismas; pelo que o deves ler com aquella cautela, que exige a prudencia para os escriptos perigosos.

Si estas considerações te não agradarem, tens o remedio á mão, lê o *Conciliador*, e verás que te falla verdade e te ama— o teu amigo.

Pitia.

VIII

SOBRE A EVACUAÇÃO DO CONVENTO DO DESTERRO DE OLINDA, FEITA PELOS FRADES MARIANOS

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão.—Escrevendo no primeiro seculo do christianismo o grande Tacito a vida de Germanico, expurgada das alterações com que o haviam feito os antigos, acaba com este epiphonema: Tanto os factos mais importantes são duvidosos, uns dando por certo qualquer ouvi dizer, outros desfigurando de proposito a verdade; e a posteridade se julga bem instruida! *Adeo maxima quoque ambigua sunt, dum alii quoquomodo audita procompertis habent, alii vera in contrarium vertunt; et glicit utrumque posteritate.* Isto succede em todos os tempos, em todos os lugares, e com todos os acontecimentos. Por isso não admira que te chegassem tão alteradas as noticias do despejo, que do convento do Desterro de Olinda fizeram os frades marianos no dia 29 de Setembro deste anno.

Aqui mesmo, onde teve lugar aquelle successo, é para maravilhar o que se diz da moralidade daquella acção, máo tratamento aos padres, roubos, que padeceram, e outras cousas desta natureza.

Cada um assaca o seu aleive, ou acredita a outro, que diz ter sido testemunha ocular; e assim vão-se propagando mentiras e falsidades, que tornam aquella acção menos agradavel aos olhos da justiceira posteridade.

Para prevenir este conceito, e tu seres illustrado, passar-te-hei a contar o succedido de um geito proprio da mais exacta averiguação, e extreme de toda falsidade; e quando passar essa linha, que tiro, ou é calumnia, ou ignorancia dos expositores.

Antes de chegar a esta praça o governador das armas, brigadeiro Joaquim José de Almeida, se haviam recebido cartas de pessoas fidedignas, residentes na côrte do Rio de Janeiro, que descreviam o caracter deste homem; noticiavam ser elle confrade da so-

ciedade secreta intitulada *Apostolado*, a qual se encaminhava á escravidão do Brazil, querendo para o imperador attribuições taes, que nos punham em circumstancias peiores, do que as em que estavamos na sugeição a Portugal; que elle trazia instrucções do ministerio para acabar, até á aleive, com todas as pessoas que pelo seu liberalismo e valor em dizer a verdade, e pugnar pelo bem da patria, eram estorvos ás pretenções dos *servis*.

Estas informações foram-se verificando com a visita, que o homem fez ao general Labatut no reconcava da Bahia, que ao depois foi preso por trahidor; com a desapprovação que dava aos escriptores e outras pessoas, que elle tinha por resolutas; com uma intempestiva proclamação, que fez á força armada, aleivosa, incendiaria; com os convites e seducções a varias pessoas em jantares, unido com officiaes da Bahia, destinados para o Piauhy, e isto depois que se soube do acontecido na cidade de Port'alegre e Campos de Goitacazes; com a entrevista, que se disse haver tido com o coronel Francisco de Albuquerque e Mello, governador das armas da Parahiba do norte, por cujas instrucções secretas duas companhias daquella cidade se haviam insurgido contra o governo politico, querendo reempossar no governo das armas ao mesmo Albuquerque Mello, que além de se demittir voluntariamente daquelle governo, o fora por um conselho de todas as autoridades e povo daquella capital, rematando esta tragedia em arvorarem a bandeira portugueza, e acclamarem rei do Brazil ao de Portugal; e finalmente com a revista que intentava fazer das tropas do interior, quando em cinco mezes de estada na praça não tinha feito um só officio dos da sua inspecção, nem mesmo revista ás tropas.

Havia-se reunido nesta praça um grande numero de Lusitanos, expulsos das outras provincias da Bahia para o norte, e mesmo das villas interiores desta.

Estes, aggregados aos Portuguezes da praça, que sempre desejando a união do Brazil com Portugal, se alegraram com os successos daquelle reino em Maio passado, deram que cuidar ao povo sobre o perigo em que se achava, conservando em seu seio tantos inimigos. Fallou-se de publico por toda parte deste perigo; praticou-se com os membros da junta; os periodicos foram incansaveis em mostrar o abysmo e pedir providencias. Mas não sei porque fatalidade a junta era insensivel a tudo, e chegou a tal ponto esta apathia, que se entendeu ser a mesma junta *apostolica* e interessada na conservação dos nossos inimigos.

Nestas circumstancias fez o povo aquillo, que cada um costuma fazer, quando achando-se em perigo imminente, ou lhe ha de succumbir, ou obrar por si o que outros deviam obrar por elle. Os militares prenderam na fortaleza do Brum ao *governador da Barataria*, Joaquim José de Almeida; e por um conselho do povo, camara e deputações dos corpos militares, foram demittidos do governo politico o presidente e secretario, a quem se imputavam as faltas de providencias para segurança da provincia, e que haviam

escandalisado a mesma com algumas arbitrariedades e ameaças estouvadas.

Dado este passo, tratou-se com mais seriedade de outras pessoas, d'onde nos podiam vir males. Fallou-se em se lançarem fóra os empregados lusitanos, os religiosos barbadinhos italianos e os theresecos de Olinda; e tão publica e activa foi a attenção que se deu a estes ultimos pelas razões abaixo expendidas, que por duas vezes circulou o boato de terem sido lançados fóra daquelle convento. Não se verificando, porém, esta fama, e julgando-se inteiramente perigosa a assistencia daquelles padres neste paiz, no dia 29 de Setembro muitas pessoas do Recife e de Olinda, dirigindo-se ao convento do Desterro, procuraram ao seu prior e communidade, e fazendo-lhes ver, que as conjuncturas do Brasil e Portugal não eram compativeis com a demora delles em Pernambuco, os convenceram de deixarem aquella casa, e se retirarem para Portugal; e concedendo-se-lhes guardar e levar comsigo quanto fosse peculiar a cada um, nessa mesma tarde despejaram elles o convento, passando-se para o de S. Francisco de Olinda, e daqui, nessa mesma noite, para o de S. Francisco do Recife, onde ainda existem.

No seguinte dia, sabendo-se no Recife, que estavam cheios os desejos de todos, muitos cidadãos de todas as classes representaram ao governo aquelle acontecimento, e pedindo houvesse de ultimar aquelle bem principiado, fazendo embarcar, quanto antes, para Portugal, e dando áquelle convento a applicação, que fosse mais apropriada ás necessidades da patria.

O governo officiou ao intendente da marinha para tratar da passagem dos padres, e do resto dos soldados lusitanos, prisioneiros do Cockrane; e determinou ao ouvidor pela lei da cidade de Olinda fosse inventariar os bens daquelle convento, e lhes desse um administrador idoneo. Cumpriu o ouvidor as ordens, e quando a 5 de Outubro principiava o inventario, apresentou-se o prior daquelle convento e um outro frade com um despacho do governo para lhe entregarem o que fosse de sua fatiota.

Tudo fez o ouvidor.

O prior, depois de receber quanto disse ser seu, e nisto não achar falha alguma, fez toda força de vela para ir á rouparia, com pretextos especiosos. Não o conseguindo,entrou em negociações com os que haviam ficado no convento na sua ausencia, para lhe deixarem passar occultamente certas sommas de dinheiro, que elle dizia ter deixado escondidas; e não sendo mais feliz nesta pretenção, porque deu-se de tudo conhecimento ao ouvidor, resolveu-se a dar a inventario o dinheiro escondido, porque lhe disseram que neste caso se lhe facultaria um terço. O interesse obrou nelle o que não pode a probidade: tomou a chave da ucharia, e acompanhado de um, tirou de baixo do cofre, que estava aberto, cheio de baratas, um sacco com 160$000, e entregou ao ouvidor; procurou outras chaves,que elle conhecia, dirigiu-se ao throno da capella maior, e depois de *apanhar-se la em cima*, mandou buscar uma luz pelo que o havia acompanhado. Cahiu o tal na corriola, foi pela luz, e quando

chegou, disse o prior que haviam furtado o dinheiro, que ali elle escondera; e como houvesse ficado com o ouvidor de assistir a todo inventario, immediatamente tratou de se retirar, sem acceder a mais nada, acrescentando que ficavam 300$000 em cobre na dispensa; mas tendo-se isto por falso, e que se dirigia a infamar as pessoas que haviam ficado no convento, requereu-se ao ouvidor, que não o deixasse sahir sem examinar a verdade da sua declaração: assim se fez, e nada se achou!

Mostrou-se-lhe que aquella declaração era fabulosa, dirigida a distrahir a attenção dos inventariantes do verdadeiro lugar, em que estava o dinheiro; a unica resposta que deu foi appellar para o juizo final, que era o mesmo que responder *Esgueva* (58), e retirou-se dizendo, que voltaria áquella casa acompanhado dos senhores do governo.

No terceiro dia do inventario, dous daquelles frades apresentaram ao ouvidor um despacho do governo para se lhes entregar o seu fato; entregou-se-lhes; e indo o escrivão inventariante dar-lhes alguma roupa, que pediam, achou na rouparia, á vista delles, dous saccos de dinheiro de prata com 148$000 um, e outro com 128$000, com seus respectivos bilhetes, escriptos de lettra do prior, e de poucos dias. Continuou-se com o inventario, que já se concluiu, mas ainda se não deu administrador áquella casa.

Eis a historia deste despejo, como realmente succedeu; agora passarás a ver as razões que tiveram em vista para elle, e dellas farás o justo conceito. Ellas são as seguintes:

1.ª Porque estando nós em guerra aberta com o rei de Portugal e sua nação, não deviamos ter entre nós os vassallos daquelle rei inimigo, quaes os padres, que não só são vassallos do rei de Portugal por haverem nascido naquelle territorio, como porque na sua profissão religiosa fazem voto de obedecer aos decretos dos pontifices, e tambem as ordens e determinações dos reis de Portugal, e trabalharem com todas as forças para que sejam filhos obedientes da igreja, e subditos fieis dos reis. *Ita obsequentes esse volumus summorum pontificum decretis, regum que nostrorum jussi, et sanctionibus, ut non tum servetur, imo etiam in singulos dies magis, magis que confirmetur clarum nomen, bona que fama, qua semper viguit congregatio nostra cum scilet in finem, ut obedientes ecclesiæ filii simus, regum que fideles subditi*—Const. p. 1. cap. 5. de obedient § 2.

O que é de tanto perigo, que em todas as nações, que se declaram inimigas, o primeiro passo que se dá, para a segurança interna e externa, é mandarem sahir reciprocamente dos seus estados os vassallos da contraria, como, deixando de parte exemplos de outras nações e os mais antigos de Portugal, basta lembrar o rei

---

(58) O rei de Portugal D. João II, não querendo despachar certo requerimento injusto, mandou escrever no despacho—Esgueva—que não significava cousa alguma.

de Portugal D. José I, que rompendo-se com o pontifice Clemente XII, mandou por seu decreto do 1 de Agosto de 1760 sahir do seu reino os vassallos do papa, e chamou os seus vassallos, que estavam nos estados pontificios; e assim estiveram até o anno de 1770, em que Clemente XIV se compoz com a côrte de Lisboa, mandando de nuncio para Portugal o arcebispo de Tyro Innocencio Conti; e ainda nos estão bem frescas as lembranças do quanto trabalharam para oppressão de Portugal, na invasão dos Francezes, o conde de Novion e outros Francezes, apezar de expatriados da França, e no serviço de Portugal. E fallando de cousas mais chegadas a nós, não nos podemos esquecer de que no anno de 1615, quando Alexandre de Moura e Jeronymo de Albuquerque lançaram fóra do Maranhão os Francezes ali estabelecidos, debaixo da conducta de Daniel de la Tauche, senhor de la Revadiere, foram tambem expulsos os vinte *barbadinhos francezes*, que ali tinham fundado um convento.

2.° Porque não estando taes padres enlaçados em Pernambuco por vinculos matrimoniaes ou de commercio, nenhuma razão tem plausivel para que perdendo o affecto á sua patria, e a obediencia ao seu monarcha, se votem seria e efficazmente á causa do Brazil; e sua magestade imperial e constitucional, e com elle todo o Brazil só querem no imperio pessoas, que se votem com sinceros sentimentos a favor da causa da reunião e independencia do reino do Brazil, como se vê da portaria de 21 de Junho, decreto do 1.° de Setembro de 1822, decreto de 14 de Janeiro de 1823, e proclamação *A nossa patria está ameaçada.*

3.° Porque o meio do juramento civico e naturalisação, pelo qual os estrangeiros se fazem subditos do imperio, não é applicavel áquelles padres, nem estes se pódem utilisar delle; porque os padres não são cidadãos desembaraçados, como os seculares, que podem a seu arbitrio naturalisar-se onde bem quizerem, sim religiosos, que fazem voto de obedecer ao seu geral, vassallo de Portugal, e aos decretos e determinações dos reis de Portugal; voto que elles não podem por sua vontade relaxar; voto cuja virtude os acompanha até a morte; voto que só deixa de obrar em sua consciencia, quando declarada nulla sua profissão.

Pelo que, apezar de qualquer juramento civico, que elles tenham dado ou hajam de dar (que todo é illusorio e insubsistente) são real e indissoluvelmente subditos daquelle geral, vassallo de Portugal; e elles mesmos vassallos de um rei inimigo, obrigados a executarem suas ordens, determinações e insinuações em tudo, que lhes determinarem a prol da sua nação, e em damno do Brazil. O que é de tanta importancia e consideração, que os escriptores mais sabios e a historia nos tem mostrado, que são outros tantos vassallos do papa, espalhados por todo mundo, aquelles religiosos que tem o seu geral em Roma; accrescendo mais o ter-se conhecido, que os corpos que enxertados em uma monarchia fazem voto de fidelidade a outro monarcha, não tem adherencia alguma ao principe do estado, em que se acham.

Este foi o motivo porque os monges de França, que faziam voto de fidelidade ao papa, causaram tantos damnos e males á sua mesma nação, no tempo da liga, como tudo se póde ver na *Encyclopedia Franceza*, verbo *caracter*.

4.· Porque os padres havendo fundado aquelle convento com as esmolas e donativos dos Pernambucanos, tendo-se sempre sustentado a expensas dos mesmos, e conservando hoje um fundo de 12:890$000, que trazem a juros nesta praça, fundo dado pelos Pernambucanos, como consta de seu livro do Tombo, ainda lhes não retribuiram cousa alguma por tantos beneficios: pois nunca lhes ensinaram sciencia alguma ou arte, nem catechisaram o gentio, nem fizeram feito de publica utilidade.

Na historia de Pernambuco se acha, que vindo ao Brazil os jesuitas em 1540, os carmelitas observantes em 1580, os franciscanos em 1585, os benedictinos depois destes, e ultimamente os de S. Felippe Nery, todos estes regulares foram incansaveis na conservação e catechese do gentio, penetraram os sertões mais interiores, padeceram martyrio, aldearam indios, fundaram missões, que depois passaram a vigararias, acompanharam expedições militares para conquistas, ajudaram os libertadores de Pernambuco nas campanhas contra os Hollandezes, e correram todos os perigos ao lado dos que se sacrificaram pela patria e pelo estado; e destes marianos o que se encontram são argumentos de ociosidade, desfructação e ingratidão!

Achamol-os na Bahia de Todos os Santos abrindo em 1697 o seu magnifico templo, fundado pelas riquezas daquella antiga capital, sem nenhuma correspondencia util aos seus bemfeitores habitantes daquella provincia; e neste Pernambuco lançados fóra do Hospicio do Pilar, em Fora de Portas, pela sua ingratidão para com o seu hospedeiro e bemfeitor, o capitão mór João do Rego Barros, provedor da fazenda real.

Accresce a este principio de ingratidão, a antiga inimizade, que sempre professaram aos Pernambucanos, e que no tempo presente manifestaram da maneira mais escandalosa: e até mesmo a opposição á independencia e liberdade do Brazil.

Primeiramente nunca julgaram os Pernambucanos dignos de entrar em sua congregação, tendo a ousadia de os affrontar de malcriados, viciosos e indignos do seu instituto, como se vê da provisão regia de 18 de Agosto de 1727 (59)

---

(59) Provisão extrahida do Livro I de registros das ordens regias da camara de Olinda, á pag. 164 verso.

D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem, e d'alem mar, em Africa senhor de Guiné, etc: Faço saber aos officiaes da camara da cidade de Olinda, que se viu o que escrevestes em carta de 22 de Agosto do anno de 1725, representando-me que os religiosos marianos de S. Thereza não queriam aceitar noviços filhos da terra, com o pre-

Em segundo lugar, constantes na sua desaforada teima, mandavam aceitar noviços em Portugal seus patricios pobres e miseraveis, para, depois de lá educados e ordenados, virem para o Brazil, sendo todo o gasto feito com estes trapilhas, desde a sua entrada em Portugal até chegada ao Brazil, á custa dos conventos do Ultramar, como consta do decreto do seu capitulo geral, inserto á nota abaixo. (60)

Em terceiro,desde o anno de 1817, tem dilacerado o bom nome e a honra dos Pernambucanos, dizendo que *o rei de Portugal não lograria socego, em quanto não cortasse as cabeças a todos os Pernambucanos;* e outros barbarismos deste lote, como estão promptas a attestar muitas pessoas de probidade, e mesmo religiosas ; e no tempo do malvado Luiz do Rego, alem de outros serviços prestados áquelle despota contra os Pernambucanos reunidos em Goia-

---

texto de que quem quizesse ser religioso havia vir tomar o habito a Portugal, com grande detrimento desses moradores, e que isto mesmo diziam os religiosos de S. Bento, porém por ordem que tiveram minha e do seu geral convieram em os aceitar, supposto não apparecer a dita ordem por ser muito antiga; e que isto mesmo deviam obrar os ditos padres religiosos marianos, me pareceu dizer-vos que tenhaes entendido, que a repugnancia, que os ditos padres mostram em não aceitarem os filhos dos moradores dessa terra, nasce da má criação que elles lhes tem dado, cheia de tanta liberdade e vicios, que não é possivel acommodarem-se com a regra, que professam os ditos padres marianos ; e que assim para se facilitar aos que os recolhem nos seus conventos,convem muito que lhes dêm outra disciplina, e os criem no amor de Deus, e com taes virtudes que justamente mereçam que os recolham na sua religião ; e por este meio cessará a queixa, que fazem della, e se escusará de virem a Portugal os que houverem de ser religiosos, e tambem irem para lá os que forem de lá, evitando-se a despeza que se faz nos seus transportes, e no mais que é dado a semelhante estado. El rei nosso senhor o mandou por Antonio Rodrigues da Costa, e o Dr. José de Carvalho e Abreu, conselheiros do seu conselho ultramarino,e se passou por duas vias. Dionysio Cardoso Pereira a fez em Lisboa occidental, aos 18 de Agosto de 1727. O secretario André Lopes de Lara a fez escrever.—Antonio Rodrigues da Costa—José de Carvalho e Abreu.

(60) Decreto do capitulo geral dos carmelitas descalços, celebrado no convento dos Remedios de Lisboa, extrahido do livro dos decretos do convento do Desterro de Olinda, pelo tabellião José Mauricio de Oliveira Maciel.

Frei Francisco de Santa Anna, secretario do capitulo geral dos carmelitas descalços, celebrado neste convento dos Remedios de Lisboa a 20 de Julho de 1787. Certifico, e dou fé, que no mesmo capitulo se fizeram as seguintes declarações: Primeira determinou o capitulo, que o convento do Porto fosse casa de noviciado, em que se educassem vinte noviços, os quaes depois de estudarem no reino, fossem para os conventos do Ultramar ; e como elles se hão de aceitar sem dote, os mesmos conventos ultramarinos pagarão a proporção os gastos das comedorias e vestuarios, ficando commettido ao nosso definitorio arbitrar quanto devem pagar os sobreditos conventos, e tomar as medidas e providencias a este fim.

na, fizeram do seu convento trem militar, em que se guardou a munição de guerra.

Em quarto, porque agora o governo provisorio expediu uma portaria de 12 de Setembro ao ouvidor pela lei da comarca do sertão para remetter preso para esta cidade o frade thereseo, Frei Bernardo de Santa Thereza, por espalhar doutrinas subversivas e contrarias á causa do Brazil (*Diario do Governo* n. 33) ; fazendo o mesmo no Limoeiro o outro thereseo, Frei José de S. João Baptista, como attesta o reverendo coadjutor desta freguezia do Sacramento, que acaba de chegar daquelle lugar ; procedimento este identico ao que tem tido os da Bahia de Todos os Santos desde 1821.

Em quinto, porque proclamando-se naquella cidade o governo constitucional, os thereseos foram os que não acompanharam o jubilo publico com luminarias e outros signaes ; pelo que foram reprehendidos pelo governo. Ao depois foram os que deram ao commercio daquella cidade o máu exemplo de offerecerem ás côrtes soberanas portuguezas um requerimento assignado por todos elles, pedindo tropas para aquella cidade e a conservação do Madeira, até os commerciantes poderem levar dali seus capitaes e fundos ; e ultimamente sahindo de todas as encoporações religiosas daquella cidade muitos individuos para o exercito, delles não só não sahiu siquer um, como que (diz-se) o seu prelado com outro de outra encorporação, tambem Lusitano, foram ser commensaes do Madeira.

Em sexto, porque perdendo agora as encorporações religiosas do Brazil as casas e hospicios, que tinham em Portugal, comprados com seu dinheiro, á mais forte razão devem os padres perder os que tem aqui, que são fundados com as riquezas do mesmo Brazil ; o que é em tudo conforme ás ordens de S. M. I., que não só manda sequestrar os bens dos vassallos de Portugal, como que acaba de dar o mais notavel exemplo fazendo (diz-se) sequestrar, e arrematar um pouco de gado, que tinha no Rio de Janeiro sua augusta mãi, por ser rainha de Portugal.

Em setimo, porque a contra revolução de Portugal e Hespanha, feita em grande parte pelos frades contra as constituições daquelles reinos, nos adverte o perigo evidente e imminente que corremos, tendo em nosso seio inimigos tão encarniçados dos Brazileiros, e tanto mais temiveis quanto mais occultas são as minas, que nos cavam nos segredos dos confessionarios, no meio de um povo que olha para os confessores, mormente revestidos de hypocrisia, como oraculos do céu, e os mais probos directores das consciencias.

As quaes razões de justiça, precaução e reciprocidade tanto mais attendiveis se fazem aos Brazileiros, quanto maior tem sido o zelo, que Portugal ha mostrado em diversos tempos pelo seu bem e segurança, despedindo de si, e empregando toda actividade em ver supprimida a companhia de Jesus, da qual alguns membros foram comprehendidos na conspiração contra a pessoa do seu rei, e lançando fóra do Maranhão e do Pará, e tomando-lhes seus con-

ventos e patrimonios, os frades mercenarios por serem de uma religião de Hespanha, nada obstante se haverem introduzido naquellas provincias com o tacito consentimento do governo portuguez.

Estas as razões em que se fundaram os patriotas, que trabalharam naquelle despejo ; passemos aos sentimentos desta praça sobre este objecto.

Seria um dos maiores milagres visto sobre a terra o concordarem todos os homens em um sentimento sobre o mesmo sugeito.

Os diversos gráos de luz intellectual de cada um, o maior ou menor exame das cousas, as diversas faces porque pode ser considerada uma mesma, o espirito de partido, o egoismo que prefere o commodo pessoal ao mal commum, o fanatismo e a hypocrisia, são as fontes das opiniões quanto a este successo ; mas já o tempo vai produzindo o effeito de reduzir os diversos entenderes ao centro da justiça.

Nesta concordam as autoridades, os homens de luzes, os cordatos e verdadeiros amantes da sua patria, e é quanto basta ; porque fóra disto, só restam frandulagens populares, e algum que nascendo para espivitar a lampadas, e consoar aparas de hostias, pela costumada cegueira da fortuna traja galões, cinge espada, tirando os postos aos benemeritos, desamparando a patria, quando delle exige os serviços para que lhe adiantou soldos, gratificações e cavalgaduras ; o qual por isso é juiz incompetente.

O reverendo deão da Sé de Olinda, varão bem conhecido pelo seu profundo saber e interesse pelo bem do seu paiz natal, qualificou de justa aquella evacuação, como me participou um prelado regular. E nem podia de ser assim ; pois que á testa do reverendissimo cabido officiou á junta provisoria, requisitando a administração d'aquella casa, pelo costume entre Portuguezes de administrar o ordinario as casas desamparadas pelos regulares, como succedeu com os templarios, jesuitas e mercenarios : o que sem duvida não intentaria o reverendissimo cabido, si naquelle acontecimento lobrigasse resquicio de injustiça e iniquidade ; porque neste caso, de um certo modo, se envolveria n'ella com a procurada administração, muito principalmente quando vemos, que não fez outro tanto com o hospicio de Jerusalem, que sendo tambem casa regular, e ficando desamparada pela morte do seu commissario, veio a cahir nas mãos dos franciscanos.

Daqui se deixa ver, que o conceito do governo ecclesiastico foi, e é a favor do successo.

O mesmo digo do governo politico.

Por quanto,logo que a excellentissima junta teve conhecimento d'elle, determinou ao intendente de marinha, que, como já disse, tratasse da passagem para Portugal, para os padres e os prisioneiros de Cockrane ; mandou inventariar os bens daquelle convento, e dar-lhes administrador idoneo ; e aos requerimentos dos thereseos, que calumniosamente diziam haverem sido muito insultados, e pediam a restituição do convento, só deferiu mandando-lhes

dar o que fosse de facto de cada um ; e ainda os conserva retidos em S. Francisco, e me dizem que vão ordens ao capitão mor do Limoeiro para fazer apprehensão na esmola, que tem tirado o Frei José de S. João Baptista, o escravo do convento, que o acompanha, e remettido para baixo a embarcar com os outros.

Não posso, nem sei combinar este proceder com a desapprovação, que dizes deu a junta áquelle negocio, tratando-o no officio a S. M. I. por obra de homens irreflectidos ; porque as razões allegadas mostram, que são filhas da reflexão e prudente cautela e justiça : e á sua evidencia é que se renderam os frades, e não á força de armas, que não houveram, á excepção das espadas de alguns militares, que sendo parte de sua compostura e adorno, só prestaram este officio

Dizem-me que o *governador da Barataria*, em um dos seus lucidos intervallos, na Fortaleza do Brum, fora o que lembrara aquella evacuação ; fóra deste houve o já dito assignado de pessoas que não podem ser tratadas por inquietas e anarchistas.

De mais, tenho sido ocular testemunha da approvação geral, de ecclesiasticos e leigos, de homens particulares e dos primeiros empregos, e de diferentes classes ; não sei o que falta para dizer-se que este facto está rubricado com o sello da geral e publica approvação. Elle tem por si a universalidade moral, á qual não dá quebra o voto de um biltre, de um hypocrita, de um fanatico, de um improbo, que só approva aquillo em que pode empolgar alguma perdiz.

Só me resta observar-te uma cousa sobre a falta, que disse o prior houvera do dinheiro.

O convento tinha um grande e segurissimo cofre, onde segundo o prescripto na constituição, part. 2. cap. 11. , se devera pôr todo e qualquer dinheiro, quer do commum do convento, quer dos religiosos, quer extranho, com assento nos livros respectivos, tendo uma chave o prior, e as duas os consiliarios, sem os quaes não se podia tirar nem o dinheiro para o gasto quotidiano.

O convento tinha quatro sacerdotes ; no entanto o cofre vasio de dinheiro, e cheio de baratas, e o dinheiro espalhado pela célla do prior, ucharia, rouparia, e por outros lugares como pretendeu embutir o prior. Supponhamos, que lhe tinhão roubado todo dinheiro : em que tribunal seria elle acreditado, quando dissesse, que o havia espalhado por tantos lugares ? A sua obrigação era executar á risca o estatuto da lei, e não ficava responsavel pelo resultado. Sem duvida os seus prelados, á julgarem-no, cahiriam sobre elle com todo vigor das constituições.

Ao depois, porque principio accusa elle os lugares exquisitos, e não supponiveis, onde se não acha dinheiro, e se esquece da rouparia, em que o havia posto ha poucos dias ? O facto de se achar o dinheiro na rouparia e ucharia é uma prova incontestavel de que os que ali ficaram não deram cata ao convento, porque pode dizer-se, que esse dinheiro estava á mão. Depois o prior e seus

companheiros, acharam tudo, que lhes pertencia, como consta do seu recibo. (61)

O prior assistiu aquella parte do inventario, em que se tratava da prata e ouro do convento, e nada achou falto; logo é mais claro que a luz do meio dia, que nada dali se extraviou.

Si o prior, como disse, poz o dinheiro no throno, elle o levou comsigo, para o que teve toda commodidade, ficando sosinho lá todo tempo, porque illudindo a outro, o fez ir por uma luz; e porque logo que desceu do throno, tratou de safar-se do convento, não accedendo a mais nada, e quando havia ficado com o ouvidor de assistir a todo o inventario.

Estou persuadido, que o prior matreiro poz o ramo em uma parte, e vendeu o vinho na outra; e que aquella revelação, que no dia do despejo fez, de ter um pouco de cobre escondido, foi certamente um astucioso engodo, que lançou aos que assistiram ao despejo, para que lhe concedessem, como de facto concederam, levar o dinheiro, que tinha na sua célla; sagacidade e velhacaria esta propria do espirito desta corporação, que chega a ser tal, que um observador atilado e prudente, querendo dal-o a conhecer, metteu dous jesuitas em um alambique para destilar um thereseo.

Aqui tens, meu charo Damão, a alhada e o enredo dos bons padres thereseos.

A vista do que levo expendido, faze o teu conceito, na certeza de que o succedido não foi diverso, do que te narra o teu amigo.

Pitia.

---

(61) Attesto, em como achamos todos os trastes pertencentes ao nosso uso, o que affirmo, e juramos in verbo sacerdotis. Frei José de S. Elias,, prior; Frei Manoel Reis; Frei Manoel das Neves; Frei Manoel da Visitação.

Este mesmo frade recebeu os moveis do seu companheiro, Frei José da Santa Maria, que estavam trancados em seu bahu, e mais vinte sete camisas de panno de linho, dez ceroulas, doze lenços, sete fronhas, doze toalhas, uma de mesa, um colchão, um travesseiro, seis talheres, restos de fazenda preta, e branca de habitos, e um habito novo, como consta de seu recibo, reconhecido pelo tabellião Maciel, e que não vai por extenso por não caber nesta folha.

IX

SOBRE AS SOCIEDADES SECRETAS DE PERNAMBUCO

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. I. HISTOR.

Meu charo Damão.—Chegou afinal a vez de te fallar sobre as sociedades secretas de Pernambuco, o que com tanta instancia me rogavas.

Foram peccados suspender a penna dessa escripta, para empregal-a na resposta ao *Pitada*, por que logo sobreveiu uma cousa, e outra cousa; e si agora me não faço teso, tão cedo te não desvendavas da ignorancia que te cegava, e ficavas com a cabeça cheia de minhocas, bem como a maior parte da gente, que não lê, nem trabalha por illustrar-se.

Eis-me em lida com gente terrivel, com ignorantes, fanaticos, hypocritas, sebastianistas, e esses afinal, que muito se tem doido no fundo do seu coração de verem tirar-se das armas e escudos do imperio os castelos, os dinheiros e as chagas das armas portuguezas, dizendo que em todo reino christão ha chagas nas armas e nos escudos; e que tiradas das nossas, é destruir a religião, porque Jesus Christo appareceu no campo de Ourique ao D. Affonso Henriques, e lhe deu as suas chagas por armas.

Esta innocencia pia está muito abaixo de uma resposta sisuda.

Quando, depois de outros mais antigos, o Padre Antonio Pereira de Figueiredo conseguiu estabelecer a existencia deste facto portentoso, isto nada tinha com nosco; só era de peso para os Portuguezes. A nossa terra é aquella de que falla o propheta Isaias, cap. 18; terra, *cimbalo de azas, além dos rios da Ethiopia*; nós somos *aquelle povo temivel, que manda embaixadores por mar e em vasos de junco sobre as aguas.* Completou-se o tempo prescripto para *sermos pisados aos pés e servirmos de pasto ás aves dos montes, e alimarias da terra.* Estamos na occasião de *levarmos nossos presentes ao Senhor dos exercitos.* Não temos cousa alguma com castellos, dinheiros e chagas de Portugal; podemos escolher as ar-

mas, que bem quizermos, como tem feito todos os povos da terra, antigos e modernos.

Si houvesse obrigação de trazer por armas alguma cousa sagrada ou sobrenatural, e eu fosse consultado sobre este objecto, o meu voto era, que em campo vermelho tivessemos um pé humano branco, em memoria do apostolo S. Thomé, que, como se diz, andou por aqui pregando aos indios, e de si deixou um signal, que é a pegada de seu pé, em uma pedra na borda do rio Jaboatão,como nos conta a chronica dos franciscanos.

Este facto não é menos verdadeiro do que a *apparição* de Christo no campo de Ourique; do que o *escudo*, que cahiu do céo em Roma, no tempo de Numa Pompilio; do que as flores *de lis*, que cahiram do céo, dos Francezes: nem finalmente do que o *auriflamma*,que desappareceu depois que os reis da França usaram delle contra os christãos.

E eram mais proprias estas armas, do que as do Prestes João das Indias, que são um *crucifixo negro com dous azorragues negros em campo de ouro*.

D'onde se vê, que o senhor Portugal não deve ter muito orgulho pelas suas chagas mandadas figurar nas armas, porque nem só vemos que outras nações tem tido iguaes privilegios, como até corporações particulares, e cousas maiores, como os carmelitas o escapulario dado a S. Simão Stock por Maria Santissima, e os franciscanos as mesmas chagas de Christo impressas no seu patriarcha; Santa Rita de Cassia o cravo da cruz, e Santa Thereza a lança do cherubim; e por tanto os que se arrepiam da destruição das chagas nas armas do imperio, acommodem-se e não me façam guerra; acommodem-se, ainda que eu faço delles menos conta, do que o grande Metastasio dos que na estrada da gloria, depois de mil insultos, lhe despedaçavam com os dentes o luminoso manto, uma vez que a candida verdade, extendendo-me o valente braço, me diga como áquelle o sabio Bion:

.....*Ah non coviene*
Co si di tema vil pingere il volto,
Si la mia man ti guida, e ti sostiene. Presida aos meus discursos a pura verdade, que ao vil profano vulgo dou as trancas.

Vamos, meu charo Damão, ao que importa.

Muito me tenho satisfeito da attenção que applicas na leitura dos meus papeis, pois não tresmalhas cousas que outros julgam de nenhuma monta.

Tão attentamente lessem seu breviario certos ecclesiasticos, que, além do espirito nenhuma parte ter naquella obra, as palavras vão de tal maneira pronunciadas, truncadas, diminuidas e acrescentadas, que duvido que Deus mesmo construa aquelle latim! Mas deixemos estes bons homens na sua opinião de fazerem obras meri-

torias, e de se salvarem com aquelles louvores engrolados ao primeiro ser do universo; porque si tivessemos delles algum resentimento, bastava-nos invocarmos os manes do sabio Erasmo, que tanto varejou os fanaticos e os hypocritas.

Queres que te informe sobre as sociedades secretas de Pernambuco, suas especies, seu espirito e opinião do povo a seu respeito.

Tanto tem, já não digo de curioso, sim de interessante este negocio para um homem, que vive nesta sociedade politica, quanto de insufficiente a pessoa á que te encaminhas,para te illuminar; porque não tendo eu deste sujeito outras idéas,que as subministradas por alguns papeis, que sempre devem occultar muitas cousas pela perseguição,que se move ás taes sociedades, hei de fallar muito, fallar sem exactidão, e expor-me ao riso dos que estiverem ao facto da realidade. Mas como nenhuma criminalidade descubro em um homem, que diz, urgido por um amigo, o que entende em uma materia, sem o fim de catechisar, satisfaço ao teu desejo.

As sociedades, pois, que ouço dizer haverem em Pernambuco são a *Maçonaria*, *a Jardineira ou Keporotica*, *o Apostolado e a de S. José ou Beneficencia.*

Estas tres ultimas são mais modernas nesta provincia, e até ha entre ellas uma de poucos dias. Tambem destas mesmas ultimas nada acho na historia em que possa fundamentar os meus discursos; e o que eu disser é apanhado de conversas familiares com pessoas, que julgo lhes pertencerem, e que fazem como a *Galathea* de Virgilio, que jogando as maçães a *Dametas*, fugia para os salgueiros, desejando porém que a visse antes.

A *Maçonaria*, *Jardineira* e *Beneficencia* inculcam propor-se a fins justos, tendendo ao melhoramento da especie humana e sua conservação; e nenhuma envolve negocios de religião ou politica. Porém o *Apostolado* é todo e puramente politico; porque o seu fim é constituir o imperio do Brazil de um modo que eu direi.

Lia eu o *Conciliador Nacional* de 16 de Setembro do anno passado, n. 5, e nelle topei com certas palavras, que procurando entendel-as, me conduziram ao conhecimento da existencia da sociedade *Jardineira* em Pernambuco. As expressões foram, que *os nossos deputados deviam levar instrucções da provincia, afim de que não fossem meros andabatas, aquelles mesmos que devem ter olhos muito abertos sobre os interesses de sua patria.* E pouco depois: *Ah! que felices seriamos, si no Rio de Janeiro se ajuntasse uma assembléa de eforos brazileiros, que de accordo com o nosso amavel Theopompo promovessem os interesses do Brazil sobre os fundamentos da amizade de ambos os mundos!*

Ainda que eu tivesse lido na historia de Sparta, que o rei Theopompo, quasi cento e trinta annos depois de Lycurgo, fundador desse reino, para pôr um freio ao senado, imaginara o estabelecimento dos *eforos*, cinco magistrados eleitos pelo povo com o direito de annullar, prender os senadores, de os sentenciar á morte, e com uma autoridade tão formidavel, que extendendo-se aos reis,

os podiam prender e suspender de suas funcções, até que um oraculo ordenasse o seu restabelecimento ; comtudo não podia acommodar esta idéa de *eforos*, em toda sua extensão, ao caracter e officios dos deputados brazilienses ás côrtes soberanas, para com o imperador, então principe regente, muito principalmente não esperando do redactor daquelle periodico tanto valor, para uma semelhante allegoria. Em segundo lugar, não tinha eu por applicavel aquelle modo de reger Sparta, nascido da união entre os *eforos* e Theopompo, á factura de uma constituição, que devendo ser feita unicamente pelos deputados, nella não devia ter parte o principe, *estatuindo* ; porque, fóra destas circumstancias, era pueril e inadmissivel : portanto lancei-me a julgar, que aqui havia mysterio.

Isto que eu percebia nos *eforos*, não succedia igualmente com os *andabatas*, cuja significação apezar de eu ignorar, com tudo lobrigava, que queria dizer *cousa que não enxerga*, *cousa cega*, pela contraposição em que se achava com *aquelles que devem ter olhos muito abertos* ; e não podendo por mim, nem com o auxilio dos meus canhenhos magicos, tirar-me deste embaraço, acostei-me a certo amigo, que me declarou serem estes termos *andabatas e eforos* technicos da sociedade *Jardineira*.

E aqui tens o primeiro passo para vir no conhecimento da existencia desta sociedade em Pernambuco.

Dando com este fio de Ariadne, já me não foi muito difficil entrar e sahir do labyrintho, em que me achava, na intelligencia do *Conciliador* ; e não se contentando com isto a minha curiosidade, passou adiante, e vim a saber que esta sociedade *Jardineira*, nada obstante o empenho de seus propagadores em lhe darem uma antiguidade religiosa e respeitavel, data a sua existencia de muito pouco tempo, e tem por patria Coimbra, sendo instituida para reformar a *Maçonaria*, bem como ha succedido em muitas encorporações religiosas, das quaes vemos aqui os frades antoninos e barbadinhos—reformas dos franciscanos ; e os turonenses, e os marianos—reformas dos carmelitas observantes.

Ella tem seus fundamentos regulatorios, ou bases fundamentaes. Usa de um ceremonial determinado na recepção dos seus adeptos, e elevação dos socios aos seus differentes gráos e dignidades, como fazem as religiões mendicantes monachaes e equestres na admissão dos pretendentes e profissão de seus noviços ; usa de certos symbolos, allegoricos e significativos de virtudes moraes e sociaes. Os irmãos ou confrades se conhecem mutuamente por certos signaes e palavras, com que tambem dão a saber o seu estado de vexame e perseguição, para serem soccorridos dos seus companheiros. O seu fim é unicamente o soccorro da humanidade opprimida pelos revezes da céga fortuna, ou das injustiças da tyrannia, por meios que sejam compativeis com a obediencia ás leis, e respeito ás autoridades constituidas, sem jámais nada se importar com a consciencia dos socios, relativamente ao modo de prestar obediencia, acatamento e adoração ao supremo autor da natureza.

Este esboço do espirito desta sociedade tranquillisou o meu, que levado do argumento popular de que só *o vicio é que se esconde, e temendo a luz procura habitação nas trevas da noite, no fundo das cavernas*, eu fugia de taes sociedades, e temia ao aspecto daquelles que eram indiciados de membros dellas. Porém é tal a probidade de quem assim me informou, que me não deixa lugar á menor duvida; e pelo modo com que me fallou, fiquei na persuação de que elle pertence a *Kyporotica*.

Informou-me ainda, que haverá dous annos, pouco mais ou menos, que se plantou aqui o primeiro *jardim*; o qual se tem ramificado em outros muitos por toda provincia, comprehendendo em si pessoas de todas as classes, distinctas por seu saber e probidade.

Ora, si é, como eu creio, este o espirito da sociedade, que prospecto mais encantador!

Quanto não é ella estimavel!

Porque razão se lhe ha de fazer opposição, e pretender aniquilal-a?

Não ha maior incoherencia e injustiça!

Só porque não faz suas cultivações no meio da praça da Polé, ou do Commercio, ou Ribeira do Peixe, para que todo mundo va ver quaes são os seus socios, o que fazem, quaes os seus fundos, com quem distribuem seus officios de auxilio, devem ser tachados de immoraes, improbos, inimigos do christianismo, revolucionarios, republicanos e conspiradores?

Não ha maior puerilidade e injustiça.

Por este principio deveriam ser criminados dos mesmos vicios e attentados todos os paes de familias, porque quando regem suas casas, tratam de seus negocios, e doutrinam seus filhos e domesticos, não abrem as suas portas, e franqueiam até o seu retrete a todos os outros da sociedade.

A vista disto, assento eu que a ignorancia quasi extrema do povo, os prejuizos politicos e religiosos, em que tem sido criado o Brazil, ha tres seculos, são os motivos que ha tido esta sociedade, como outras, para se não entregarem ás vistas dos que elles chamam *andabatas*; e eu penso, que a prudencia, que preside aos trabalhos desta sociedade, logo lhe ha de aconselhar e desvendarem-se; pois que já vejo o povo com algum principio de melhora, e chegando-se ao rego da razão, e estrada da verdade.

O fanatismo dos ministros do culto publico, o interesse que elles tiram da insipiencia do povo, e o temor que elles tem de que destas sociedades, que elles não ignoram, ou esperam se componham de pessoas de doutrina, saiam as luzes para o povo, e com conhecimento de sua impostura percam o dominio das almas fracas e as offrendas do altar, são os motivos delles empregarem todas as suas forças para incutirem terror no povo contra estas sociedades, calumniando-as umas vezes de anti-religiosas, outras de anti-politicas, e attribuindo-lhes injusta e estupidamente os males da socie-

dade ou republica, nascidos de outras causas, que nenhuma relação tem com as sociedades secretas.

Tanto isto é assim, que até elles tem ousado atacar os mesmos governos supremos, logo que as determinações destes chocam real ou apparentemente os seus interesses.

Vimos a um missionario barbadinho, no meio desta praça, á face das autoridades civis e militares, do alto da cadeira da verdade, chamar *tratados hereticos* o tratado de amizade e commercio, que a côrte do Rio de Janeiro em 1810 fez com o gabinete inglez; atacando desta feição o governo portuguez, e açulando os povos, por uma maneira tão escandalosa contra a suprema autoridade.

Ora, si isto succede em cousa de tanto peso e ás escancaras, que não terão feito avaros filhos de Eli nas conversas particulares, nos tribunaes da penitencia, contra as sociedades secretas, que elles olham como fontes de sua ruina e descreditos?

Eis,meu charo Damão, o que te posso dizer da *Jardineira*; passemos a outra.

Sim, venha á juizo o *Apostolado.* Da origem desta irmandade, nada mais sei do que aquelle pouco, que vem no *Conciliador Nacional*, n. 17, e isto mesmo sei pela leitura daquelle periodico, pois não tive a fortuna daquelle redactor de conversar com esse *tutumqueba* do Rio de Janeiro, que passou por aqui, e fallou em *Sophos*, *Syndolphos*, *principe da Tijuca*, e outras cousas medonhas e de máo agouro, ainda que por outro lado estimei não gosar esta entrevista; porque segundo o meu temperamento, havia ficar assombrado toda minha vida, como já me succedeu na puericia; porque dizendo-me um pequeno do meu tope, que na missa o padre fallava em *sabaot*, concebi-lhe tal medo, a esta palavra, que o maior poder do meu Chiron não pôde conseguir de mim, que ajudasse a missa até mancebo feito.

Quanto á qualidade desta *sucia*, penso ser o que diz a *Sentinella da Liberdade* em Pernambuco, n. 47, isto é: *um club de corrompidos ou estupidos aristocratas, propagadores da malvada fé da monarchia absoluta, despotismo e tyrannia atroz, dirigida a conservar um ramo da dynastia de Bragança,absoluto e arbitrario, afim de sermos açoitados com ferros e ossos dos nossos antepassados, que por fracos tanto soffreram.* Parece-me ser este o fim deste ironico *Apostolado*, por quanto o redactor da *Sentinella* deve de estar ao facto deste negocio,pois se diz que foi convidado para esta companhia, e outros que chegou a entrar, porém que sabendo o que era, julgou-se desonerado da promessa previa, que havia feito de guardar segredo, por estar firme, como verdadeiramente é, que ainda um juramento solemne sobre cousas contrarias á justiça, não liga a ninguem; porque Deus, que é o fundamento do juramento, não póde ser chamado para sustentar a promessa da iniquidade.

Em segundo lugar, as informações, que nos deram do Rio de Janeiro, onde se acha o primeiro cenaculo dessa *caravana*, se compadecem com a exposição da *Sentinella.*

A vista do que, assim como penso, que este *Apostolado* são os mesmos *Cavalheiros da Santa Cruz*,de que falla a *Malagueta Extraordinaria*, n. 2.', tambem estou persuadido não serem os *Irmãos da Rosa Cruz*, que segundo o marquez Caraccioli, *á imitação das academias, quizeram fazer uma sociedade particular, ajuntando mil prejuizos, só afim de se fazerem pessoas unicas no universo; admittindo todos os sonhos sobre a pedra philosophal e medicina universal, acreditavam chegar um dia á esclarecer o mundo todo*, sociedade esta sobre a qual vi um poema epico em francez, intitulado *Rosa Cruz.*

Nenhum homem jámais se póde persuadir, que na epocha da independencia do Brazil houvessem Brazileiros tão degenerados, que se associassem para tanta impiedade contra sua patria e nação; mas afinal o tempo mostrou a realidade do facto.

Existe no Rio de Janeiro esta sociedade, reunida por um horrivel juramento, que sendo na substancia o mesmo que o de Catilina na conspiração contra Roma, talvez só se difference em não ter a execravel bebida *vino sanguinea.* Existe esta sociedade, com o distinctivo de um *laço amarello*, que não satisfeita de outros proselytos, tem ousado, oh desgraça! tem ousado entrar o portico sagrado da assembléa, e corre de plano naquella côrte, que nos seus diptycos conta alguns deputados. Mas lá estão *aristocratas*, cujc plano sempre foi servirem de degraus aos despotas, comtanto que vissem tambem abaixo de si outros escravos; lá estão *togados* que por via de regra são, na expressão de Antonio Carlos (Philagiozetero,) *servos da coroa, satelites declarados da arbitrariedade, e procuradores, que se não atrevem a levantar a voz em defeza de seus espesinhados constituintes.*

Que desgraça!

A personalidade na causa publica, disse o sabio Marmontel, (De la gloire) *é um crime de lesa humanidade. O homem que sacrifica ao seu repouso a felicidade dos homens, é de todos os animaes o mais cruel; tudo se deve reunir para destruil-o.*

Esta impia cabala tem destinado escriptores, que contradigam as doutrinas liberaes, salutiferas ao Brazil, defensoras de seus direitos, e assento de sua gloria futura. Um destes assalariados é o infame redactor do anti-constitucional *Regulador Brazileiro*, e hoje escriptor da *Sentinella do Pão do Assucar* contra a *Sentinella da Liberdade* em Pernambuco. Ella tem despachado emissarios para todas as provincias do imperio, para conduzirem os povos aos malvados intentos de seus corrompidos corações.

Por aqui passou A. T. encarregado de fallar a certas pessoas, que se julgavam necessarias; a vinda deste *Weishaupt* foi annunciada, e os caminhos aplainados por cartas de um Andrada, que recommendava o ouvissem, pois vinha encarregado de negocios do imperio; penso que fez alguns proselytos.

Cartas de pessoas fidedignas e amantes da causa publica, que naquella côrte andam a pista dos inimigos do Brazil, nos annunciaram, que os governadores das armas, despachados para aqui e Ala-

goas, eram do *cenaculo*; e que portanto tivessemos olho aberto e attento sobre o nosso. O procedimento do daqui confirmou e verificou as previas imformações, como já te lembrei na minha VIII carta.

Os adeptos, feitos sem duvida pelo já citado, tem querido engrossar a conspiração, fazendo novos sectarios· Contou-me pessoa de credito, que foi despejadamente convidado por um destes para que se aggregasse ao *cenaculo*, dizendo-lhe o convidador que se *deixasse de aerios patriotismos, cada um cuidasse em seus adiantamentos, que fizessemos a vontade ao imperador, o qual nos havia recompensar. Que mais queria vossê*, dizia o tal solicitador, *do que um habito do cruzeiro? Que mal me vai a mim se fizerem barão?*

Ah! meu Damão, que Pernambucano!!!

Graças ao tempo, que arredou dos nossos olhos o veu seductor, que nos impedia conhecermos taes egoistas!

O tempo, meu Damão, que arruina as pyramides de Memphis, que derruba os colossos de Rhodes, e não consente por muito espaço a mascara da hypocrisia e as farças da impostura, nos fez ver, que a ambição, a vangloria e o sordido interesse não são exclusivamente proprios dos Sejanos, dos Catilinas, dos Vasconcellos; e que os Brazileiros são homens de carne e osso, accessiveis á paixões vergonhosas. O tempo nos está mostrando, que dos tenebrosos tumulos dos Mottas, Barretos, Pereiras e outros monstros, que dilaceraram as entranhas da patria, e venderam o bem e a vida de seus compatriotas, pelo seu commodo e interesse pessoal, tem sahido os genios da trahição, da impiedade, os espiritos do mal e da ruina para dessolarem nossa chara patria. E' necessario, portanto, que este patricida, que tu bem conheces, mude de conducta, tome juizo e imite aquelles de seus antepassados, que bem mereceram á patria pelo sacrificio, que lhe fizeram de sua fazenda, de sua casa e de sua vida; e não siga as pegadas dos outros, que por um procedimento contrario mereceram o odio e execração dos seus compatriotas.

Nós temos diante dos olhos a historia das revoluções de Pernambuco em 1710 e 1711; e podemos, no caso de não haver emenda, dar á nossa penna o azedume da de Aretino, tão formidavel aos principes da Europa.

Quando eu pela pesquiza diligente, á que me entreguei, concluia ser fabuloso o boato de estarem *apostoladas* as pessoas, que dizes, e a existencia do retrete para a celebração das paschoas destes impios; quando eu me persuadia que os *apostolos do absolutismo* não seriam tão desmiolados, que projectassem levar avante esta *catilinada*,attendida a indignação, em que se achava o povo contra elles, e esperando que com a prisão do governador das armas, que devia ser algum *principe da Tijuca* se despersariam as ovelhas, e se amontariam os rafeiros, mormente tendo á vista a deposição do presidente Maranhão, que corôou seus desvarios com o brinde (conta-se) ao *Apostolado*, bem que dissesse não saber o que isto era; apparecem, meu caro Damão, movimentos que eu attribuo aos esforços deste

conspiração, porque são conformes ao seu espirito, e tem uelles figurado pessoas indiciadas desta confraria; e me confirmam no conceito de que com a mudança dos Andradas, não se fez mais do que mudar os actores, ficando a mesma peça no theatro.

Pernambuco, a cidade do refugio dos homens honrados, o baluarte da liberdade, o viveiro dos martyres brazilicos, a bussola das provincias arcticas, a muralha impertransivel aos Tartaros do sul, formidavel aos *absolutos* do imperio, indomavel ás forças externas, Pernambuco deve baquear pelo schisma, pela intriga, pela guerra civil.

Assim accordam os scelerados nos seus clubs nocturnos; e o brigue inglez *Perola*, que chega do Rio de Janeiro, é a fatal boceta de Pandora, que derramou entre nós a desconfiança, a intriga e a perturbação.

Trabalham os genios do mal, ferve a obra, e tudo cheira á desgosto, á inimizade e á ruina.

Apparece circulando toda a praça uma representação assignada por militares, na qual se procura a sahida dos deputados ás côrtes soberanas, que aqui se achavam, por ser util a sua presença no congresso soberano do Rio de Janeiro; espalha-se o boato de que o benemerito tenente coronel José de Barros Falcão, com a tropa do seu commando, não devem entrar na patria a descansarem no seio de suas familias dos trabalhos da campanha; se diz que vai ser expulso da provincia, por perturbador da sua paz, o capitão Francisco José Martins, e por ser mais razoavel e justo que vá mostrar o seu patriotismo a beneficio de sua patria, falta inteiramente de militares. Ali se assoalha que o 3.º batalhão da 2.ª linha, protesta não tomar armas, quando a patria os chamar, por estarem escandalisados dos brancos; diz-se á bocca cheia, que a junta provisoria é quem insinuou a representação sobre os deputados, como já fez com a outra de Julho passado sobre as instrucções aos deputados, que se achavam no Rio; que os mesmos membros da junta não só pediam, como que mandavam assignar, dizendo aos que repugnavam, quedo contrario ficava o governo compromettido; que a opposição a entrada do Barros era feita pelos commandantes dos batalhões, e esquadrão da cavallaria, aquelles por lhes fazer sombra o Barros, e á este o Tota.

O povo se escandalisa de querer a tropa encher-se de um espirito pretoriano, e levar a dianteira em negocios, que são da sua inspecção.

Voam por toda parte outros boatos desta natureza, que azedam os espiritos e arruinam a sua união e concordia; e tão intrincada é esta teia, meu charo Damão, que nenhum homem, por mais atilado e penetrante, póde desmanchal-a, decepar a hydra capitosa da intriga, e dar com o ordimalas malvado, que semeia a discordia e a ruina.

No meu conceito a representação sobre os deputados é uma vergonhosa intriga, dirigida unicamente contra a *Sentinella da Liberdade*, manejada com astucia por *mão fluminense*, afim de arran-

car daqui este opposítor aos planos dos *absolutos* do Rio, e tambem nossos; e admiro a simplicidade e a candura dos nossos compatriotas, que ha tempos á esta parte se mudam a todo vento de doutrina, e estão a cahir em todas as corriolas, que por final os hão de submergir em um abysmo de males.

Quando eu esperava, que o tempo confirmasse o meu entender, e mostrasse que eram pretextos as razões allegadas, e que se havia de acabar o zelo da tropa com a retirada da *Sentinella*, deixando ficar aqui por toda eternidade os outros deputados, não me quizeram dar este gosto.

Crueldade! já se me declarou, que o alvo era o mesmo *Sentinella*.

Acho toda razão no escandalo, que o povo tem recebido de se querer a tropa intrometter neste negocio.

O fim a que se propõe a milicia, é outro muito distante destas cousas: não lhe competem os negocios politicos.

A tropa, ou se considera como tal, ou não; no segundo caso, considerada como uns poucos de membros da sociedade, e arranjados pelos tres estados da nação, clero, nobreza e povo, a officialidade faz parte da nobreza, e os que não são officiaes se arranjam no povo, e todos são cidadãos; de união com os outros compete-lhes os conhecimentos e decisão dos negocios civis e politicos; mas quando no primeiro caso formam a classe militar, são empregados da patria, por ella assalariados para sustentar a tranquillidade interna, coadjuvando as autoridades na execução das leis, e a repulsar o inimigo externo, que ataca a liberdade da cidade, a sua propriedade, e ameaça a dissolução e a morte; e por tanto nenhuma ingerencia tem nos negocios civis e politicos. A sciencia que lhes compete, é a da arte militar; não lhes está mal não serem philosophos, medicos, jurisconsultos, estadistas.

Infeliz a patria, em que o soldado é philosopho!

As suas virtudes são a fortaleza no corpo, o valor n'alma, a paciencia nos trabalhos, a vigilancia na campanha, a continencia nos costumes, a fidelidade á patria, a subordinação aos chefes. Quando, passando desta linha de demarcação, pretendem influir nos negocios civis e politicos, são despoticos, obstruem os vasos vitaes da sociedade, empecem o andamento regular das suas molas, são inimigos da patria, e temerosos aos seus concidadãos.

Quanto á insuflação do governo sobre os que engendraram a representação, nada sei dizer; pois que nenhuns principios tenho pro, nem contra. Mas reflicto que seria uma indigna tramoia, e mesmo aleivosia, si insinuaram no particular, para figurarem no publico, que obravam requeridos.

Não está, porém, no mesmo presupposto o acolhimento, que dizem ter dado o governo á prohibição da entrada do Barros; esta fama é calumnia, por quanto não só o governo requisitou ao da Bahia as tropas pernambucanas, estacionadas naquella provincia, como se vê do *Diario do Governo* n. . . ., como officiou particular-

mente ao mesmo Barros, para que no caso de opposição daquella junta á sua retirada, a fizesse mesmo sem consentimento della.

Para que se infama de uma maneira tão indigna a honra do 3.° batalhão?

Que males tem elle recebido da patria para ser surdo á sua voz, quando os chamar em sua defeza? Perderiam aquelles nobres sentimentos, que tanto os distinguiram contra os Batavos, e os mascates do Recife em 1710 e 1711?

Que bens tem tido os brancos de que não hajam participado os pardos? Que males tem padecido estes, em que lhes não hajam feito companhia aquelles? Quando a patria careceu dos braços e sangue de seus filhos, ao lado dos pardos não lhe deram seus braços e seu sangue os brancos e os pretos? Quando aquelles lavaram de suas lagrimas os ferros do despotismo, não correram tambem a fio as lagrimas destes?

Antes os brancos tem padecido mais do que os outros Pernambucanos nas maiores tempestades de Pernambuco.

Nas sedições do seculo passado entrando todos na refrega, somente sobre os brancos vieram os flagellos e os raios; as masmorras foram cheias das pessoas mais respeitaveis de Pernambuco; muitos deram os ultimos alentos nas prisões; outros amontaram-se aos mais embrenhados matos e longinquos sertões; e viram-se carregados de ferros e remettidos para Portugal, o coronel Leonardo Bezerra Cavalcanti e seus dous filhos, o major Bernardo Vieira de Mello, com um filho e seu irmão o commissario geral Manoel Cavalcanti Bezerra, o capitão André Dias de Figueiredo e seu irmão tenente coronel, o licenciado José Tavares de Hollanda, o capitão João de Barros Correia, o capitão Cosme Bezerra Cavalcanti e outros.

Não consta das nossas historias, que nessa occasião chegassem aos pardos os males, que aos Pernambucanos procuravam os mascates sustentados pelo malvado governador Felix José Machado, ouvidor Bacalháo e syndicante Christovão Soares Reimão; e no fatal anno de 1817, dos assassinios praticados pela infernal commissão militar, nenhum recahiu sobre os pardos!

Logo que escandalos lhes tem dado a patria, para se negarem ao seu serviço?

Nos commodos do paiz não tem entrado na partilha com os brancos e pretos? Nas promoções não tem tido todos aquillo que lhes tocava? Não foram chamados ao serviço activo, e não acham-se encorporados aos batalhões da primeira linha suas companhias? Não tem estado sempre na estima e amizade das juntas provisorias e das pessoas mais gradas da provincia aquelles, que se tem distinguido no seu comportamento civil e militar?

Que prova mais publica de estima e amizade, do que a promoção do bacharel José da Natividade Saldanha em auditor de guerra, logo ao saltar aqui?

Que lugar não é este?

Não estão pendentes de seus labios as sortes de tantos brancos, de tantas pessoas honradas e illustres ?

A vista destes factos innegaveis e publicos, não é uma intriga perversa, que se tem querido plantar entre os Pernambucanos, para os desunir, e serem então vencidos e destruidos ?

Não é isto manejo de *mão fluminense*, que procura motivo de metter aqui dous ou tres batalhões, afim de nos escravisarem e fazerem repetir as dolorosas scenas de 1817, e do Rodeador ?

Meu charo Damão, si nós não attentarmos os nossos verdadeiros interesses ; si nós não acabarmos esta zizania, que a mão inimiga do malvado *Apostolado* tem semeado entre nós, seremos todos victimas, nenhuma côr ficará exceptuada ; e si houverem traições, o que Deus não permitta, os oppressores, logo que se tiverem por seguros, se descartarão dos trahidores : esta tem sido constantemente a marcha dos tyrannos, como encontramos a cada pagina da historia da humanidade.

Eis o que te posso dizer do *Apostolado*.

Passemos a outra.

Dos *Carbonarios*, de que me fallas, julgo não haver aqui ninguem, com quanto diga certa pessoa que o é, e que entrara em Lisboa ; por quanto certo membro de uma dessas sociedades, á qual dando toda prestancia, aborrece as demais, e fazendo guerra á todas, anda á sua piogada mais farejador, que um sabujo, disse-me que o tal gabolas falta á verdade, e é impostura a sua fanfarrice de carbonario.

A de *S. José*, ou *Beneficencia*, penso ser uma,que ha poucos dias se principiou, por alguns mancebos, para fins puramente moraes. Desta o que me consta é, que uns poucos de moços, por um bom germen de moral, fizeram entre si um ajuste de não frequentarem certos lugares, em que se ajuntavam pessoas tachadas de immoralidade, e fugirem de companhias desacreditadas ; influindo estes louvaveis sentimentos em outros, vieram a chegar a um numero tal, que fez preciso unirem-se de um modo estreito e fixo, e dar uma face regular a companhia.

A este fim era indispensavel um nome, uns estatutos, e um ceremonial ; mas como ainda não tivessem pessoa sufficiente para desempenho desta precisão, estão como no ar, sem solidez alguma ; de modo que, tendo ao principio tomado o nome de *Beneficencia*, o deixaram pelo de *S. José*, e fundindo em um mesmo cadinho as lithurgias *maçonica* e *jardineira* (sem duvida la ha membros destas), apresentam um prospecto exotico e monstruoso, que me faz lembrar de certo philosopho de *apostilla*, que se não satisfazendo com os systemas de *astronomia* conhecidos, e mettendo no alambique da sua ardente cabeça o de *Copernico*, *Gallileo* e *Ticho-Brahe*, destilou uma cousa, que lhe dava inteiramente no goto, e a inculcava a todo mundo como o verdadeiro e real systema da criação.

Parece-me, que esta *mancebia*, debaixo da direcção de um homem habil, poderia ser escola de bons costumes ; poisque o conhecimento que tenho de alguns, que me dizem ser da confraria, me faz

persuadir disto. O vulgo, porém, *gente indomavel, animos estultos, nascidos para perfidos tumultos*, que sem nada examinar, quer de tudo decidir, já quer pôr a bocca nesta gente, e pretende persuadir-nos, que ali se tramam cousas injustas e perniciosas ; e não tardará muito, que lhes não ponham o rabicho do tempo, quero dizer, o projecto da *republica*, que ha tanto querendo parir, ainda o não fez : sem duvida quando o feto apparecer, já ha de vir até com o dente queiro, ou ha de ser como o filho da montanha, que atroava o mundo com gemidos.

Estas, meu Damão, são as sociedades, de que te posso fallar por agora ; as outras, com as minhas reflexões sobre todas, ficarão para a seguinte ; no entanto só me resta renovar-te meus antigos protestos de amizade e respeito.

Eu sou o teu amigo.

Pitia.

X

SOBRE A SOCIEDADE MACONICA EM PERNAMBUCO.

Rara temporum felicitas, ubi sentire quae velis, et quæ sentias dicere liceat.

TACIT. 1. HISTOR.

Meu charo Damão — Pedindo á S. Jeronymo Marcella, nobre matrona romana, que lhe expozesse o que era o *ephod bad*, e o *teraphim* dos Hebreos, lhe disse o santo doutor : *Vós pensaes, que eu possuo a cadeira dos Phariseos, para todas as vezes que se questiona das palavras hebraicas, me escolherdes por arbitro, e juiz da lide?* (*lib.* 1. *Ep.* 44). Isto, que o santo doutor dizia das palavras hebraicas, te digo eu a ti das materias, sobre que me tens consultado.

Não te importa, que ellas sejam alheias da minha profissão, ou superiores a minha fraqueza, ou não as tenha eu estudado previamente, o que queres é ser instruido ; e assentas, que posto este principio, ou eu devo de adevinhar, ou por força se ha de verificar a meu respeito o *nolite cogitare quomodo, vel quid loquamini.* Fica, pois, certo de que essa promessa do Salvador é relativa aos negocios da fé e vida eterna, e ás occasiões, que lá sabe o mesmo Salvador. Pelo que, não havendo eu praticado a maxima *oportet studuisse, et studere*, heide cahir em muitas falhas, porque nem sempre tenho tempo e commodidade de ler, e ruminar o que leio ; e estou pela opinião do que disse, que *saber as cousas mal, é peior do que não sabel-as.*

Eis o meu estado quanto ás sociedades secretas.

Para te satisfazer aos desejos, atropellei meus trabalhos, dei quatro voltas ao miôlo ; e assim mesmo sabe Deus quantas couzas disse, e hei de dizer, que sejam objecto de riso aos que forem dessas confrarias. Mas como tu queres, que eu seja um veneravel Beda, que em todas as materias deu suas pennadas, vou comtigo ; e quem não achar verdade e exactidão no que hei dito e hei de dizer, tem á mão o remedio, mostre-me a verdade, que lhe ficarei assaz obrigado ; pois seguindo diversa estrada de

vendo precedido aos *Kacideanos*, destinados a guardar o templo de Salomão, e que foram o principio dos *Essenios*, não admira que estes tenham uma economia de seus collegios, alguns ritos semelhantes aos das lojas maçonicas.

Passando-se do oriente ao occidente, ella foi-se conservando até o tempo de Theodoro imperador, em que a abolição dos ritos gentilicos fez um choque terrivel em todo o imperio, e as associações secretas foram abolidas por um decreto do imperador; o qual não obstante, os antigos mysterios foram occultamente observados até que com o favor das circumstancias dos tempos appareceu na Europa a sociedade commerciante dos *franc-maçons* ou architectos, que foram protegidos pelos bispos de Roma, e alguns principes da Europa, para fabrica das grandes obras de architectura, quer profanas,'quer sagradas, que se admiram em toda a Europa.

Este favor lhes deu occasião de se estabelecerem na Escocia, e na Inglaterra, onde floresceu no reinado de Henrique VI. Daqui se passou a França, onde padeceu suas alterações; ao depois foi introduzida nas Indias Orientaes, Americas, Allemanha, Africa e outras muitas partes, que causaria enfado nomear.

Mas, ao mesmo tempo que a *Franc-maçonaria* florescia nestes lugares, os negros fados lhe decretavam o soffrimento de perseguições em outros; e aquella mesma Roma, que outrora havia acolhido a sociedade dos architectos, e depois de utilisar-se de seus conhecimentos, os havia desconhecido, agora os persegue por uns mal fundados ciumes de imperantes despoticos, e profunda suprestição de alguns padres.

E' o douto Berti, que na sua *Historia Ecclesiastica* nos ensina, que principes podendo suspeitar, que nesta sociedade, a que os Francezes chamão *Des franc-maçons*, e os Italianos *Dé liberi muratori* se machinasse contra a republica e os prelados da igreja, que houvesse algum fomento de vicios e erros, Benedicto XIV, e Clemente, XIII pontifices romanos, e Carlos, rei das Duas Sicilias, a proscreveram com leis rigorosas, fundadas naquella sentença do Evangelho que já citei sobre a *Jardineira*, desconfiando muito do segredo impenetravel, que ellas professavam, lembrando-se que dos escondrijos dos *Prescilianitas* sahira o impio axioma — *Jura, perjura, secretum pandere noli*, jura e perjura, mas não reveles o segredo — E' digno de ler-se em o já citado Berti a maneira porque elle se explica sobre os motivos desta prohibição (tom. 2. Brev. Hist. Ecl. pag.) Estes motivos da Italia, que não são de forma alguma indecorosos aos *franc-maçons*, foram os mesmos que obrigaram aos Estados Geraes da Hollanda a fazerem a mesma prohibição no anno de 1735, trazida pelo redactor da *Atalaia* do Rio de Janeiro n. 2; e como a malicia daquelle redactor os supprimiu, só a fim de fazer mais solido o seu argumento contra esta sociedade, que cordial e gratuitamente aborrece, nós as trasladamos aqui da *Encyclopedia Ingleza*.

Diz, pois, o decreto do governo, que *posto que nada se haja*

descoberto nas praticas da irmandade, nem prejudicial aos interesses da republica, nem contrarias ao caracter de bons cidadãos, com tudo a fim de prevenir alguma má consequencia, que se poderia originar de taes associações, julgaram ser prudente abolir as assembléas dos franc-maçons. A prohibição não vingou, e sendo os *franc-maçons* accusados ao governo e examinados, tiveram o mais glorioso triumpho de serem ao depois protegidos pelo mesmo governo ; e o mesmo *Atalaia* se esquece do que diz uma penna sabia : — *Quando uma vez se acende a chamma da persiguição, raras vezes se limitam os seus estragos ao ponto, em que tiveram origem. O exemplo de uma nação é seguido como excusa á respeito da conducta da outra. E semelhante a tempestade em um deserto arenoso, os seus effeitos são damnosos em proporção do seu progresso* — Esta é a razão, porque a perseguição chegou a Allemanha, França, Suissa, Escocia e até finalmente em Portugal, principiada na Ilha da Madeira por D. José da Costa Torres, bispo do Funchal.

A constancia, porem, dos *franc-maçons*, fundada na pureza de seus costumes, e a consciencia pura de crimes, os fizeram arrostar a todos os perigos, até que finalmente chegou o tempo da bonança ; e sendo ao depois livres de perseguições, não só continuaram nos seus trabalhos, nos lugares antigos de suas sedes, como estabeleceram novas lojas em outros lugares, e instituiram *escolas de caridade* na Allemanha, Dinamarca, Suecia, para educar os filhos dos *franc-maçons*, cuja pobreza os privava desta vantagem.

Em Berlim foram educados nas bellas-lettras, e n'alguns ramos das mathematicas ; e o duque de Brunswik premiava aos que se distinguiram. Em Eisenack se fundaram muitos seminarios desta natureza a expensas dos *franc-maçons*, e pouco tempo depois haviam setecentos meninos instruidos nos principios das sciencias e doutrina christão. Em 1771 formou-se em Cassel um estabelecimento desta especie, no qual eram educados os meninos até que podessem ganhar a vida. Em 1773 as lojas de Dresde, Leipsick e Gorlitz levantaram em Frederikstad um seminario de educação para os meninos de toda qualidade. São publicos os grandes serviços, que ella presta a humanidade na Inglaterra ; não são menores os que da *Franc-maçonaria* recebem actualmente os Estados-Unidos na America.

Eis a resposta da pergunta, que faz o pateta do *Atalaia* :

Que templos tem eregido a Maçonaria ?

Que hospitaes fundado ?

Que seminarios estabelecido ?

Que bemfeitorias rusticas e urbanas feito, para a causa da religião, patria, e humanidade ?

Este redactor dá mostras de ter lido algumas cousas, mas não sei como lhe haja escapado a *Encyclopedia Ingleza*. Por falta de ignorar a lingua ingleza, parece-me que não é. Sem duvida será porque tendo medo ao nome de *franc-maçon*, a que elle chama *pavoroso e de pessimo agouro*, não quer ler nada, que seja a seu

favor ; mas neste caso é juiz incompetente por prejudicado. *Todos os homens, que opinão de cousas duvidosas, devem de ser isentos do odio, da amizade, da ira e da misericordia*, disse Cesar ao senado de Roma na causa de Catilina.

Sobre a negativa do *Atalaia* a respeito dos serviços dos *franc-maçons* do Rio na causa da nossa independencia, elles lá o leem, elles que se defendam, que o podem fazer melhor do que eu, que estou tão longe desses lugares, em que elles obraram.

Meu Damão, si lanço um golpe de vista sobre a historia desta celebre irmandade, te affirmo que nos seus diptycos se acham os nomes dos sabios mais respeitaveis de todas as classes, de religiosos os mais pios, de ecclesiasticos de todas as jerarchias, sem exceptuar o mesmo pontificado, dos grandes do seculo desde barões até imperadores ; e dos impressos do Rio de Janeiro vemos, que são dignitarios desta irmandade ministros de estado e grão-mestre o nosso adoravel imperador. Pelo que *aposto* com o Atalaia, *que o soberano não ignora a natureza e a pratica de taes companhias, e nem se admitte nellas segredos incompativeis com a ordem civil e segurança nacional* ; por tanto desmoronaram-se todas as machinas do *Atalaia* contra a *Maçonaria*, fundadas no mysterioso segredo *maçonico*, e na ignorancia do governo sobre tal sociedade.

Quando li os numeros 2.º e 3.º do tal *Atalaia*, pensei ter diante dos olhos a defeza de Antonio Firmiano, feita pelo Lobato da Bahia, escriptor da grande tragedia *Berenice*. Nunca vi um desencabrestamento semelhante de entendimento, nem um furor tão canino em um velho ; parece-me que o seu fim é somente descompor. Vejo no homem realizado aquillo do Horacio : *Trazem mil bens os annos quando crescem, muitos assim nos levam, quando descem.*

Nos lugares, meu Damão, em que esta irmandade tem exercicio publico, quem jámais se horrorisou do nome de *franc-maçon* ? Antes se procurou com toda gana e anhelo aggregarem-se a esta sociedade. Assim o diz o marquez de Caraccioli (cap. 31.), o qual escandalisado do amor, com que os homens se decidem por esta sociedade, que elle põe na classe das que se propõem ao goso de si mesmo, com as ordens da *Esperança, e da Felicidade*, diz : *Querem antes confessar-se franc-maçons, e observar os seus estatutos, por mais ridiculos que possam ser (elle os ignorava de certo) do que se dizerem philosophos christãos. E' sem duvida cousa bem singular ver os discipulos de uma religião toda caridosa não se contentarem della, e abraçar a seita dos franc-maçons, que se louva como uma sociedade estabelecida para se prestarem muitos serviços.*

Além do que eu tenho lido sobre esta irmandade, viajei em 1821 com M. Boissy, Francez de nação, capitão de navio *L'Indien*, varão maior que sexagenario, e veneravel de uma loja franceza, que tinha mais de cem annos de installação, o qual me mostrou o seu diploma, d'onde constava ter visitado um numero grandioso de

lojas, em toda a Europa ; e de companhia com Brancfort, commerciante portuguez, estabelecido na Hollanda, o qual andava viajando o Brazil,deram-me da *Maçonaria* informação tal, que me serviu de guia para poder fazer desta sociedade o conceito, que hoje faço, entre tantos escriptos, que a infamam, e que a defendem.

Tive em meu poder um discurso, recitado em uma loja *maçonica* na recepção de uns adeptos, que era um parallelo entre a moral do Evangelho, e os preceitos *maçonicos*, póde-se dizer, que os estatutos *maçonicos* são extractos do Evangelho.

Pelo que tanto me acommodo com o Caraccioli sobre a impossibilidade do segredo *maçonico*, attendidos os diversos caracteres, opiniões e temperamentos de tantos socios, quanto me separo delle na sua opinião sobre a caridade *maçonica*, quando diz : *que se veem milhares de maçons finarem no meio das precisões sem tirarem auxilio algum de seus irmãos, ainda que elles se gabem de serem caridosos.*

Primeiramente parece-me muito exagerada esta expressão. Em segundo lugar, podem haver taes circumstancias, que atem as mãos aos *franc-maçons* em uma ou outra occasião, sem que jamais dahi se possa concluir contra a beneficencia da *Franc-maçonaria* : bem como contra a sua moral, apezar de haverem, como diz o mesmo Caraccioli, *entre os franc-maçons bebados, namorados*, etc., ou segundo o *Atalaia*, hajam *nella entrado muitas pessoas marcadas por immoralidade, ou conducta doble*, porque qual será a sociedade, na qual por maior diligencia que se applique na escolha de seus membros, não sejam admittidos homens immoraes ?

Temos diante dos olhos as encorporações religiosas, que, por mais austeras que sejam, tem nutrido em seu seio monstros infames, sem que dahi se possa concluir contra o seu espirito e conducta relaxada; a qual só se dá, quando em uma encorporação se commettem os crimes impunemente, o que ainda se não provou da *Maçonaria*; a qual, segundo me consta, tem *codigo penal*, e córta de si os membros, que são gangrenados, e não, como diz o *Atalaia*, que por sentenças dos grãos mestres e accordos dos seus socios constituidos em dignidades superiores se dispõem das vidas dos que presumem adversarios aos seus designios. A prova mais authentica desta calumnia é ter vivido, e viver ainda em Lisboa sem o menor incommodo, o famoso e façanhoso José Agostinho de Macedo, que não satisfeito de tanto mal, que ha dito em geral da *Franc-maçonaria*, agora acabou de atacar determinadamente a muitas pessoas na sua *Tripa Virada.*

Quaes serão as pessoas por mais pacificas que soffressem um insolente furioso, como este apostata ?

Depois lembremo-nos, que um Deus, que penetra as entranhas dos homens, na escolha de doze, achou um que o negou, outro que o trahiu, e os demais fugiram na occasião do perigo.

Pelo que quando o total da *Maçonaria* enche os seus deveres, não se dá dos discursos dos visionarios e dos patetas. O louvor e o vituperio não mudam a essencia da *Maçonaria.*

E' este o conceito que eu faço desta sociedade.

Esta sociedade, pois, se acha aqui estabelecida ha muitos annos, e se tem propagado por toda provincia. Tem soffrido uma opposição teimosa da parte dos ignorantes, fanaticos e hypocritas, mormente *clerigos* tumbeiros,e dos *frades* exorcismadores de diabos e benzedores de quebranto. O povo conduzido por taes mestres, que de puerilidades, incoherencias e monstruosidades não pensa á respeito destes homens ? Excitam a maior compaixão ao philosopho e ao homem sensivel. O que succedeu na morte de um official da marinha, Carvalho, foi o espelho em que se viu limpamente a estupidez e a ignorancia deste povo.

Morreu o Carvalho, e antes do seu transito mandou dizer ao intendente da marinha, que elle era *maçon*, queria ser enterrado com as decorações do seu gráo na ordem, e que seus irmãos o acompanhassem a sepultura. O intendente affixou editaes, participando este negocio aos que fossem *maçons*. Ahi temol-a boa. Vê tu la, meu Damão, que cousas não haveriam !

Assanharam-se os ecclesiasticos, discipulos de Bosumbeau, os irmãos da *apainha*, os procuradores de causas, os *capadocios*, os capotes, os *paes senhores*, e toda esta boa gente, que pisando aos pés os deveres mais sagrados da religião, de subditos e cidadãos, contam com o céo só porque trazem pendentes do pescoço os *bentinhos do Carmo*, ou cingido o *cordão de S. Francisco*, e ficaram tão arrepiados, que eu sempre esperei alguma sedição, daquellas que costumava fazer *Barabas* em Jerusalem.

Que de extravagancias se não ouviu da bocca desses taes ?

Uns pretendiam que o cadaver estivesse fedendo a enxofre do inferno ; outros que o diabo ao lado do morto espirrando, saltando, bodejando, fizesse esgares e caretas horriveis ; outros outras visões deste lote. Qual, porém, não foi a sorpreza, quando em lugar destas esperanças, acharam o homem condecorado de um avental e insignias, em que estavam esculpidas a *cruz* de Jesus Christo, o vexilo do christão,o estandarte da igreja e figuras emblematicas de virtudes ! Quando souberam pela confissão de um sacerdote, que assistiu ao homem nos ultimos paroxysmos, que elle era catholico romano, filho obediente da igreja, de uma consciencia pia e morigerada, e que morrerra soccorrido dos sacramentos da igreja !

Muito póde, meu Damão, a ignorancia ; e muito mais si é soprada da hypocrisia e fanatismo. Ha muito que escreveu uma penna philosophica : *Tout ce qui a l'air de mystère, tout ce qui est hors de la portée de l'intelligence et de la çonception du vulgaire, est a ses yeux ou sacré ou profane, ou abominable, isto é, tudo que tem ar de mysterio, tudo que está fora do alcance e concepcão do vulgo, é aos seus olhos ou sagrado, ou profano, ou abominavel.*

Foi por estes motivos, e pela demasiada curiosidade de algumas senhoras allemães, que pretendiam de seus maridos e adoradores a manifestação dos segredos da ordem, que ellas inflammando o animo de *Maria Thereza*, imperatriz rainha, obtiveram a ordem de mandar sorprender todos os *maçons* das lojas de Vienna no tempo

em que estivessem congregados em loja; o que não surtiu o desejado effeito, por acudir o imperador José I, que era elle mesmo *maçon*, e declarar-se por fiador á rainha da boa conducta de seus irmãos, e mostrou ás senhoras e aos seus amigos, que as accusações contra a ordem eram falsas e diffamatorias; pelo que temendo os *maçons*, amigos da igreja de Roma, outras perseguições, se refundiram em uma reforma debaixo do nome de *Mopsos*, admittindo nella as mulheres.

Não só a ignorancia tem dado azo para a calumnia e perseguição dessas sociedades, como tambem o resentimento de alguns, por serem dellas expulsos, e o de outros, por não serem admittidos. Do primeiro caso nos offerecem um terrivel exemplo os mesquinhos templarios, ordem tão respeitavel por todos os titulos; os quaes sendo accusados por dous indignos membros, que tinham sido expulsos e castigados, acharam na avareza e barbaridade de Felippe Formoso a sua ruina e a sua aniquilação, com tanto estrangulamento da justiça, horror da humanidade e escandalo do mundo universo. Do segundo temos o exemplo em casa, com a opposição e calumnias feitas contra a *Sociedade patriotica* por pessoas, que procurando ser nella admittidos, não conseguiram o seu intento, apezar de não ser esta sociedade secreta; pois havia manifestado ao governo a sua installacão, e os seus fins, e foi acolhida pelo mesmo governo e animada para continuar nos seus trabalhos, como tudo se vê de dous officios insertos na *Cegarrega* de 6 de Agosto de 1822. n. 15.

Destas considerações se conhece, que a *Maçonaria* não é opposta ao christianismo, nem tem cousa alguma com as differentes formas do governo, pois que se acha estabelecida e florescente em nações republicanas, aristocratas e monarchicas; o que tudo é contrario as illações do pateta do *Atalaia*, que, segundo o temperamento de todos os velhos, se adianta em memoria do que leu, e perde o raciocinio da idade viril.

Eis o que eu penso, meu charo Damão, da *Franc-maçonaria*.

Depois de te haver dito o que sabia das sociedades secretas de Pernambuco, extrahido do que hei lido e ouvido, devo desempenhar a palavra, que te dei, de fazer algumas reflexões sobre ellas. Dos assumptos, que tem chegado as minhas mãos, o marquez de Caraccioli é o que tem dito alguma cousa em geral sobre as sociedades differentes no *Goso de si mesmo*. Não fallando este autor com a exactidão, que delle se esperava, ainda assim é menos escandaloso do que o charlatão do abbade Barruel nas suas *Memorias sobre o Jacobinismo*, nada obstante dizer o autor das *Reflexões* sobre a conspiração de Lisboa de 1817, que Barruel *melhor que ninguem profundou a historia de todas as seitas secretas*.

O voto deste escriptor é de nenhum peso; basta ler o que elle respondeu sobre a *Maçonaria* aos redactores do *Investigador Portuguez*, para se conhecer que é um visionario, sem criterio nem tino; pois confunde o maçonismo com o illuminismo.

Apresenta a *Weishupt* Spartacus supremo, legislador e chefe

dos Illuminados, e de todos Pedreiros Livres; e faz uma tal mixordia de bom e máo, falso e verdadeiro, causas e effeitos, que enjoa ao estomago mais forte.

Como é que podia Barruel profundar a historia de todas as seitas secretas sem ser socio de todas ellas, como elle não era?

Neste caso,os discursos são fundados em informações arbitrarias, e as consequencias,portanto, inconcludentes. E aquelles que, debaixo da conducta deste pedante, escrevem sobre estas materias, não fazem mais do que copiarem-se uns aos outros e darem com os narizes nos mesmos sedeiros; pois que la diz o proloquio portuguez: *A cabra vai pela vinha, por onde vai a mãe, vai a filha.*

Que esophago de peixe, que ventriculo de avestruz, que succo gastrico não é necessario para se devorar e digerir o que engole e digere, o bom do autor das reflexões na sua *Resposta* á analyse critica *do Investigador*?

Querendo este escriptor desembaraçar-se da objecção dos redactores,que era preciso ficarem reduzidos a patetice tantos homens grandes em lettras, dignidades e virtudes,que condecoram a *Maçonaria*, corta o nó gordio, dizendo, que podendo responder com o que diz o seu forte, o seu *achiles* Barruel, que em " algumas lojas mais conspicuas do maçonismo se dá a alguns adeptos necessarios, mas por sua perspicacia temiveis, uma certa beberagem, chamada *agua tophana*,que applicada em certa dose embota o juizo,em dose mais subida termina a existencia das pessoas, que lhes desagradam ; com tudo acha mais natural dizer, que muitos desses figurões, que ennobrecem o catalogo da seita, já nasceram patetas, e conseguintemente muito bem dispostos para engulirem todas essas petas, com que os ladinos veneraveis e os velhacos irmãos rouleurs, ou alistadores, os quizerem illudir e embaçar. *Risum teneatis, amici* ?

Nasceram patetas o principe Edwino, irmão de Athelstan, o primeiro rei ungido dos Inglezes, Henrique Chicheley, arcebispo de Canterbury, Henrique VI de Inglaterra, Elias Ashmole, sabio antiquario, Santo Albano, protomartyr de Inglaterra, Santo Agostinho, o fundador da cathedral de Canterbury, João Lock, que escrevendo ao conde de Pembroke, remettendo-lhe um manuscripto de Henrique VI sobre a *Maçonaria*, encantado do que ella era, dizia ao conde: *A primeira vez que for á Londres, irei ser maçon, si me admittirem.*

Nasceram patetas outros tantos reis e principes inglezes, lords, prelados e sabios, que apparecem na *Bibliotheca maçonica*?

Nasceram patetas o barão d'Holbach, d'Alembert, Turgot, Condorcet, Diderot, La Harpe e Lamoignon, o chanceller, como traz o *Atalaia* n. 2.°?

Nasceram patetas tantos homens extraordinarios, imperadores da Allemanha, principes, prelados, cardiaes, sabios de todas as nações europeas, de uma e de outra America e do Brazil?

Quantos *maçons* se não encontram no congresso soberano do Rio de Janeiro, e são patetas de nascimento?

E' desta maneira que se apresenta ao universo o celebre escrip-

tor *Respondão*. Desta estofa são tambem os argumentos, que elle emprega para demonstrar a malignidade da *Maçonaria*, sua obra a revolução franceza, e a sua influencia na conspiração de Lisboa.

Que patetão !

Voltando-nos ao geral, diz o marquez de Caraccioli, tratando das differentes sociedades, que " o amor proprio, sempre habil em nos seduzir, imaginou sociedades diversas, que cada um quiz abraçar para adquirir credito ; que os encantos de um nome singular, a novidade de uma seita original, o prazer finalmente de fazer uma classe á parte, ganharam homens de todas as condições e de todos os lugares ; que os prejuizos da educação e os interesses das familias desappareceram para engrossar uma torrente de novas paixões, que todas de concerto formaram cabalas. "

E' de véras este fallar muito inexacto, e esta uma origem muito injuriosa á muitas sociedades. Ao menos algumas,das que eu te tenho fallado, não merecem este conceito ; porque si os Francezes pelo seu termo *cabale* entendem o mesmo que nós pelo nosso *cabala*, á saber, *conspiração de pessoas todas reunidas para máo fim*, isto só se póde verificar a respeito do *Apostolado* ; por quanto as outras, *Jardineira*, *Beneficente* e *Maçonaria*,não tiveram esta origem, nem se propõem a taes fins, como temos feito ver.

E si acaso aquelle escriptor teve razão de assim pensar sobre algumas sociedades antigas, não deixa de ser injusto, quando quer medir a todas pela mesma bitola. Para seu juizo ser ajustado, seria preciso, que elle entrando em cada uma dellas, conhecesse o seu espirito, o seu fim e os meios que se empregam para o conseguir, muito principalmente, quando cada uma dellas, mormente as de que tratei, se escondem ás vistas daquelles, que não são da sua grei ; e as noticias, que resumbram fóra, além de muito poucas, e de cousas accidentaes, são alteradas e inexactas, e as mais das vezes falsas.

Dos escriptos deste autor sobre este artigo se conhece, que elle fallava apaixonado e escandalisado de ver o concurso dos homens para a *Maçonaria*. Do qual diz que é " ridiculo não prestar a seus irmãos pelo respeito de uma religião, em que se tem nascido, para o fazer em attenção de uma ordem,que se escolhe por capricho ; e que é cousa bem singular não se contentarem os homens de uma religião, que é toda de caridade, (a christã) para se satisfazerem e abraçarem uma seita, que se inculca feita para se prestarem officios reciprocos ; " (a *Maçonaria*). Daqui se conhece, que o escandalo, que toma o escriptor, não passa de julgar superflua a *Maçonaria*, visto já haver o *christianismo*, que obriga aos homens á mesma caridade.

Mas como a *Maçonaria* não se opponha aos fins do *christianismo*, nem o faça abjurar,antes tenha os mesmos, que mal vem a sociedade, que os homens se prestem mutuamente por dous titulos, pela caridade christã e pelos preceitos do maçonismo ?

Si este principio valesse, deveriamos não ter admittido, ou destruir as religiões monachaes e mendicantes, as ordens equestres; por que, para sermos honrados e virtuosos nesta vida e adquirirmos a salvação na outra, não precisamos mais do que observar os preceitos

do Evangelho, e não é necessario praticar os conselhos; pois o fim destas corporações é aspirar a maior perfeição pela pratica dos conselhos evangelicos. Logo si a sociedade, só para que hajam homens perfeitissimos em virtudes e sciencias, tem passado por tantos dispendios na fundação e conservação de tantas religiões, tem perdido tantos entes, que podiam nascer de tantos cidadãos e cidadãas; por que ha de se oppor á companhias, que prestando os mesmos officios de caridade e soccorro, não sobrecarregam a republica com despendio e nem desfalcam nos seus membros?

De mais, sabemos todos, que nada obstante todos os christãos estarem obrigados á caridade, com tudo como a devem prestar na occurrencia das occasiões,e careça ter um espirito muito aceso nella, para não deixar escapar alguma, são menos as vezes que cumprem este dever isolados, do que estando em uma encorporação, que procura, pesquiza de proposito estes meios de se exercitar, e faz com que os tibios senão differencem dos mais zelosos,e todos beneficiem a humanidade, que nada se deve importar com que o beneficio lhe seja conferido pela caridade christã, ou pelos preceitos *maçonicos ou keporoticos.*

Finalmente a rivalidade, que ha entre as diversas religiões, e é motivo porque os christãos só recebam beneficios de outros christãos, e os judeos de outros judeos, os calvinistas, mahometanos, scismaticos,lutheranos e etc. dos da sua seita; na *Maçonaria*, porém,na *Jardineira,na Beneficencia*, em que não se tratando da differença do culto ao supremo autor da natureza, se unem todos em um só ponto, o christão recebe soccorro e auxilio de todas as seitas, e vice-versa: é maior a beneficencia, e nisto não se offende a religião de Jesus Christo; a qual sendo a apuração da lei natural, não prohibe a seus filhos de receber a caridade de algum seu semelhante.

Tambem pouco peso acho na reprovação destas sociedades pela sua multiplicidade. Porque sendo o homem mais sensivel, do que espiritual, se deixa levar mais das exterioridades; e estas nos agradam ou desgostam, conforme o nosso temperamento. Portanto é necessario, que hajam sociedades desta natureza, em que todos achem cousas, que se coadunem com suas circumstancias; é necessario que hajam muitos caminhos para chegarmos ao mesmo fim. Isto vemos na classe das sciencias, nas quaes ha diversos systemas, diversos methodos,diversos compendios para se aprenderem as mesmas cousas; vemos tambem nas religiões monachaes todas dirigirem-se ao mesmo fim da maior perfeição, porém debaixo de diversos ritos, costumes e economias, todas alheias dos negocios do seculo, mas tendo umas a subsistencia certa por patrimonios, como bernardos, benedictinos, carmelitas; outras com o incommodo de pedirem diariamente a caridade dos povos, como os franciscanos; outras entregues a Divina Providencia, como os caetanos.

Isto mesmo observamos na milicia: todos os corpos, que a compõem, dirigem-se a tranquillidade interna da patria e á defeza dos inimigos externos, mas as armas são diversas; vemos infantes, caçadores, artilheiros, cavalleiros e dragões. Portanto tudo é que estas

diversas sociedades se encaminhem aos fins, que eu tenho exposto, e não aos fins de malignidade e ruina; porque, como diz um escriptor, " os prejuizos de um homem isolado podem facilmente destruir-se, porém quando elles são reduzidos a systemas em uma sociedade, que se forma para os acreditar, está tudo perdido. "

Aqui tens, meu charo Damão, o oriente em que se termina a minha vista sobre as sociedades secretas. Encher-me-hei de um prazer infindo, si estas poucas palavras forem parte para que tu, deixando a estrada do povo rude, lances fóra os prejuizos da má educação, e sejas um homem racional e prudente.

Aproveito-me desta occasião para te renovar os meus protestos de amizade.

Teu amigo.

Pitia. (*)

(*) Todas essas cartas foram dadas á estampa na typographia de Cavalcanti & C.ª, no anno de 1823. tendo-o sido a primeira a 17 de Março.

(*Nota do Revisor*)

XIX

O TYPHIS PERNAMBUCANO

I

(QUINTA FEIRA, 25 DE DEZEMBRO DE 1823)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

Quando a náo da patria se acha combatida por ventos embravecidos; quando, pelo furor das ondas, ella ora se sobe ás nuvens, ora se submerge nos abysmos; quando, levada do furor dos euripos, feita o ludibrio dos mares, ella ameaça naufragio e morte, todo cidadão é marinheiro; um deve sustentar o timão, outro pôr a cara ao astrolabio, ferrar o panno outro, outro alijar ao mar os fardos, que a sobrecarregam e afundam, cada um prestar a diligencia ao seu alcance, e sacrificar-se pelos seus concidadãos em perigo.

Firme neste principio, eu levanto a voz do fundo da minha pequenhez, e te fallo, oh Pernambuco, patria da liberdade, asylo da honra e alcaçar da virtude! Em ti floresceram os Vieiras, os Negreiros, os Camarões e os Dias, que fizeram tremer a Hollanda, e deram espanto ao mundo universo; tu me deste o berço, tu ateaste no meu coração a chamma celeste da liberdade, com tigo ou descerei aos abysmos da perdição e deshonra, ou a par da tua gloria voarei á eternidade.

Acorda, pois, oh Pernambuco, do lethargo em que jazes! Attenta os verdadeiros interesses, vê o perigo; olha o medonho nevoeiro que se levanta do sul, e que se vai desfechar em desastrosa tempestade; amaina os traquetes, põe-te a capa; barlaventeia das intrigas, segue o rumo da união, que:

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem,
Ao pólo chegarás aonde brilha
A luz da eterna fama.

Chama aos teus lares a deosa da concordia, açoutada pelos latégos da fofa ambição, do interesse sordido e da ignorancia.

O teu *Typhis* te apontará as cycladas, os bosphoros, as syrtes; te notará os perigos até onde se extender o horisonte da sua vista; elle subirá o mais elevado tope da tua gavea sem mudar a côr do rosto.

Rompamos por entre os maiores perigos, demandemos o norte da *Independencia ou Morte*; temos um seguro santelmo *no immortal Pedro I.* Com os olhos fitos nelle, sustentemo-nos na borrasca, que nos luzirá a bonança risonha; trabalhemos com soffrimento e coragem.

Não se nutre a virtude do descanso,
Ardnas emprezas, rispidos trabalhos
Em nobre coração de immortal gloria
Acendem claro lume.

RIO DE JANEIRO

Amanheceu nesta côrte o luctuoso dia 12 de Novembro, dia nefasto para a liberdade do Brazil e sua independencia; dia em que se viu com o maior espanto, representada a scena de 18 de *Brumaire*, (8 de Novembro) em que o despota da Europa dissolveu a representação nacional da França; dia em que o partido dos chumbeiros do Rio de Janeiro pôz em pratica as tramoias do ministerio portuguez, e conseguiu illudindo a candida sinceridade de S. M. I., dissolver a suprema assembléa constituinte legislativa do imperio do Brazil.

Para desgraça deste imperio realisaram-se os temores dos que sabiam pesar o perigo da força armada nas mãos de um principe joven, rodeado de lisongeiros sem caracter, inimigos encarniçados do Brazil; verificaram-se todas as previdencias do espirito presago do *Sentinella da Liberdade*; e o augusto e sagrado recinto dos representantes da grande nação brazileira, as duas horas da tarde do já dito dia 12 de Novembro, foi atacado pelo esquadrão de cavallaria de Minas e batalhão de caçadores de S. Paulo, duas peças de artilheria montada, postadas em frente do edificio, os botafogos com murrões acesos, a cavallaria com as carabinas engatilhadas, tudo em um ar ameaçador e hostil.

Depois deste apparato, entrou na ante-sala das sessões o brigadeiro Moraes, que intimando á assembléa o decreto, que vae abaixo transcripto, foi esta dissolvida, sahindo immediatamente os seus membros, cheios de consternação e terror, e vendo, ao sahir do

paço, serem presos seus companheiros Antonio Carlos de Andrada, Martim Francisco, Montezuma, Belchior, Vergueiro; e pouco depois em suas casas Rocha e seus dous filhos, e José Bonifacio.

Julgamos a proposito forrarmo-nos á exposição do terror, assombro e desgosto do povo daquella capital, e de todos os verdadeiros constitucionaes, quer naturaes do Brazil, quer de Portugal, bem como o prazer immenso, que conceberam os chumbeiros, e os servis mesmo do Brazil, olhando para este aborto, como a mais completa e gloriosa das victorias. Elles andam referidos por muitos impressos, e nós devemos consagrar o nosso tempo e trabalho a cousas mais uteis; e como nada poderemos fazer, a menos que não seja a vista de documentos, eil-os pois aqui:

Primeiro decreto.—Havendo eu convocado, como tinha direito de convocar, a assembléa geral constituinte e legislativa por decreto de 3 de Junho do anno proximo passado, afim de salvar o Brazil dos perigos que lhe estavam imminentes; e havendo esta assembléa perjurado do tão solemne juramento, que prestou á nação, de defender a integridade do imperio, sua independencia e a minha dynastia: hei por bem, como imperador e defensor perpetuo do Brazil, dissolver a mesma assembléa, e convocar já uma outra na forma das instrucções, feitas para a convocação desta, que agora acaba, a qual deverá trabalhar sobre o projecto de constituição, que eu lhe hei de em breve apresentar; que será duplicadamente mais liberal, do que o que a extincta assembléa acabou de fazer. Os meus ministros e secretarios de estado de todas as differentes repartições o tenham assim entendido, e façam executar a bem da salvação do imperio. Paço, 12 de Novembro de mil oito centos e vinte e tres, segundo da independencia e do imperio. Com a rubrica de S. M. o Imperador.—*Clemente Ferreira França—José de Oliveira Barboza.*

Segundo decreto—Tendo chegado ao meu conhecimento, que por desvio do genuino sentido das expressões, com que se qualificára de perjura a assembléa legislativa do Brazil no decreto da data de hontem, que a dissolveu, se interpretavam aquellas expressões como comprehensivas da totalidade da representação nacional; e desejando eu que se conheça, que jámais confundi os dignos representantes do generoso povo brazileiro com a conhecida facção, que dominava aquelle congresso: hei por bem declarar, que fazendo a justa distincção entre os benemeritos, que sempre tiveram em vista o bem do Brazil, e os facciosos que anhelavam vinganças, ainda á custa dos horrores da anarchia, só estes se comprehendem naquella increpação, como motores, por sua preponderancia, dos males que se propunham derramar sobre a patria. Os meus ministros e secretarios de estado o tenham assim entendido e façam publicar. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de No-

vembro de mil oito centos e vinte tres, segundo da independencia e do imperio. Com a rubrica de S. M. I.—*Francisco Villela Barboza.*

Proclamação.—Brazileiros! Uma só vontade nos una: continuemos a salvar a patria.

O vosso imperador, o vosso defensor perpetuo, vos ajudará, como hontem fez, e como sempre tem feito, ainda que exponha sua vida.

Os desatinos de homens allucinados pela soberba e ambição, nos iam precipitando no mais horroroso abysmo. E' mister, já que estamos salvos, sermos vigilantes, qual Argos. As bases, que devemos seguir e sustentar para nossa felicidade, são independencia do imperio,integridade do mesmo e systema constitucional. Sustentando nós estas tres bases sem rivalidades, sempre odiosas, sejam porque lado encaradas, e que são as alavancas, como acabastes de ver, que poderiam abalar este colossal imperio, nada mais temos que temer.

Estas verdades são innegaveis, vós bem as conheceis pelo vosso juizo, e desgraçadamente as ieis conhecendo melhor pela anarchia.

Si a assembléa não fosse dissolvida, seria destruida a nossa santa religião, e nossas vestes seriam tintas em sangue.

Está convocada nova assembléa. Quanto antes ella se unirá para trabalhar sobre um projecto de constituição, que em breve vos apresentarei. Si possivel fosse, eu estimaria que elle se conformasse tanto com as vossas opiniões, que nos podesse reger, ainda que provisoriamente, como constituição.

Ficai certos, que o vosso imperador a unica ambição que tem, é de adquirir cada vez mais gloria, não só para si, mas para vós, e para este grande imperio, que será respeitado do mundo inteiro.

As prisões agora feitas, serão pelos inimigos do imperio consideradas despoticas. Não são. Vós vedes que são medidas de policia, proprias para evitar a anarchia, e poupar as vidas desses desgraçados, para que possam gosar ainda tranquillamente dellas, e nós de socego. Suas familias serão protegidas pelo governo.

A salvação da patria, que me está confiada como defensor perpetuo do Brazil, e que é a suprema lei, assim o exige.

Tende confiança em mim, assim como eu a tenho em vós, e vereis os nossos inimigos internos e externos supplicarem a nossa indulgencia.

União, e mais união, Brazileiros! Quem adheriu á nossa sagrada causa, quem jurou a independencia deste imperio é Brazileiro. —IMPERADOR.

E' de um direito natural e inalienavel de qualquer cidadão, seja qual for a forma do governo, em que se vive, o exame e o juizo dos factos publicos, sem que sirva de egide a alguem a graduação, a classe, a jerarchia e a autoridade; e este direito é tanto mais sa-

grado, quante a acção praticada toca os direitos primarios de um povo, de uma nação; e S. M. I. se acha tão penetrado desta verdade, que no dia 13 fez baixar o seu segundo decreto, em que declara, que a qualificação de perjura, que o primeiro impoz á assembléa geral constituinte e legislativa, não se devia entender da *totalidade da representação nacional do generoso povo brazileiro*, sim da *facção dominante do congreso.*

Usando, pois, deste juro, nos propomos a examinar si aquelle decreto dissolutorio da assembléa constituinte estriba sobre factos e razões dignas do arbitrio, que se tomou, e que justifiquem uma medida tão extraordinaria, e acima da esperança de todo o Brazil, America e Europa. Farejaremos a fonte desta monstruosidade, e faremos por acertar com o seu fim, para que saibamos o rumo, que se deve tomar em demanda do porto da salvação e goso de uma solida felicidade.

O decreto de 12 de Novembro, que em nome de S. M. I. se apresentou á assembléa, deu por causal da dissolução da assembléa o ter ella *perjurado do juramento tão solemne, que prestou á nacão, de defender a integridade do imperio, sua independencia, e a dynastia de S. M.* Com verdade este foi o juramento, que prestaram os deputados, ao tomarem assento na soberana assembléa; e para que não haja algum principio de duvidar-se, eis aqui a integra do mesmo juramento: *Juro cumprir fiel e lealmente as obrigações de deputado na assembléa geral constituinte e legislativa braziliense, convocada para fazer a constituição politica do imperio do Brazil, e as reformas indispensaveis e urgentes, mantida a religião catholica, apostolica, romana, e a integridade e independencia do imperio, sem admittir com outra alguma nação qualquer outro laço de união ou federação, que se opponha a dita integridade e independencia, mantido outrosim o imperio constitucional, e a dynastia do senhor D. Pedro, nosso primeiro imperador, e sua descendencia.* (*Diar. da As.* n. 1.)

E faltaram os deputados á este juramento com factos, ou o fosse por dolo, ou por culpa, como era indispensavel, para serem qualificados de perjuros á face de todo mundo? E' o que jámais se não conclue dos trabalhos, assentos, decisões e decretos da soberana assembléa.

Correm impressos por todo mundo os *Diarios* desse augusto congresso, e da leitura delles não ha uma só pessoa, que possa estar pela asserção do decreto, antes pelo contrario se conhece, que a assembléa observou com toda religiosidade a santidade de seu juramento. Porque sendo tres os pontos cardiaes do juramento, *integridade e independencia do imperio, sustentação da religião catholica, apostolica, romana, conservação do senhor D. Pedro e sua dynastia no throno do Brazil*, qual é, já não dizemos o decreto da assembléa, sim os esforços desta, para se reunir o novo imperio do Brazil ao velho reino de Portugal, e dividil-o não só com aquelle reino, mas com qualquer outra nação, para assim dissolver-se a sua integridade, aniquilar-se sua independencia, e retro-

gradarmos da liberdade, que gosamos, para a escravidão, em que gememos por mais de tres seculos ?

No projecto da constituição, disse a commissão delle encarregada : *O imperio do Brazil é um e indivisivel ; e se extende desde a foz do rio Oyapock até trinta e quatro gráos e meio ao sul* (Tit. 1.º art 1.) Enumerando parcialmente as provincias, que abrange este territorio, disse no artigo 2. : *Comprehende as provincias do Pará, Rio Negro, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe d'El-Rei, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Goyaz, Mato Grosso, as Ilhas de Fernando de Noronha e Trindade, e outras adjacentes, e por federação o Estado Cisplatino;* e no artigo 3.º acrescentou: *A nação brazileira não renuncia ao direito que possa ter á algumas outras possessões não comprehendidas no artigo segundo.*

Qual é a parte do territorio do Brazil, que não foi aqui comprehendida ?

Qual é a parte do Brazil, que foi cedida a Portugal ou outra qualquer nação, pelo que se rompesse a integridade do Brazil, e a assembléa perjurasse ?

Qual foi o resultado dos debates da assembléa a este respeito, que desse occasião a dizer-se, que nada obstante ser este o voto e sentimento da commissão, com tudo fez o contrario a assembléa, e perjurou ?

A discussão do projecto principiou no dia 15 de Setembro, sob a presidencia do barão de Santo Amaro, e o que se venceu ? Venceu-se na sessão de 17, que passasse o primeiro artigo : *O imperio do Brazil é um e indivisivel.* E sobre *a independencia* deu o congresso soberano a conhecer seus sentimentos, quando na causa das negociações do gabinete portuguez com o braziliense, commettidas ao conde do Rio Maior e á Luiz Paulino, resolveu, que *se não admittam negociações algumas ulteriores do governo de Portugal, cujos capciosos e machiavelicos designios são assaz conhecidos, sem a indispensavel base preliminar do authentico e expresso reconhecimento da independencia e integridade do imperio do Brazil.*

Quem haverá, portanto, que a vista da resolução da assembléa sobre este primeiro e principal objecto das procurações da nação brazileira aos seus deputados, e do juramento destes na assembléa, avance, que esta trahiu aos seus constituintes e perjurou ?

E não é pura e realmente gratuita esta parte da causal para a dissolução da assembléa ?

Mas á quem attribuiremos esta incoherencia ? A S. M. I. e Constitucional ?

Não por certo.

A sua consciencia religiosa, o seu juramento de procurar e defender ainda á expensas do seu sangue e vida a felicidade do Brazil, e sua adhesão e amalgamação com os nossos sentimentos, a prompta execução que dava aos decretos da assembléa, tudo nos

prova, que S. M. I., deixado unicamente aos dictames da sua alta razão e aos movimentos do seu justo coração, não julgaria applicavel a este caso o seu direito constitucional de dissolver a assembléa, quando esta marchasse contra o fim para que foi convocada.

(Continuar-se-ha)

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

II

(QUINTA FEIRA 1.° DE JANEIRO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

RIO DE JANEIRO

Já fizemos ver no nosso 1.° numero, que a soberana assembléa constituinte legislativa do Brazil não *perjurou do solemne juramento, que prestou á nação*, quanto á primeira parte do seu juramento, isto é, relativamente á *integridade e independencia* do Brazil; agora mostraremos que igual consequencia tira o raciocinio em respeito da *religião, e da conservação de S. M. e sua dynastia no throno do Brazil.*

Dizendo o decreto precitado de 12 de Novembro, em geral, que a assembléa havia perjurado, a proclamação declarou, *que si a assembléa não fosse dissolvida, mas sim continuasse nos seus trabalhos, seria destruida nossa santa religião, e as nossas vestes tintas em sangue.* Esta asserção revolta mais o nosso entendimento, do que nós o podemos dizer; pois que não só se acha em contradicção com os factos, mas tambem com os principios da religião, que professamos.

Os deputados haviam jurado *manter a religião catholica, apostolica, romana*; e o projecto da constituição disse: *A religião catholica, apostolica, romana é a religião do estado por excellencia e unica mantida por elle*; (art. 16) e a liberdade de consciencia admittida no projecto só se extendia ás communhões christãs, sendo apenas toleradas as outras religiões além da christã; assim se vê nos artigos 14 e 15, por estas mesmissimas palavras: *A liberdade religiosa no Brazil só se extende ás communhões christãs, todos os que as professarem podem gosar dos direitos politicos do imperio. As outras religiões, além da christã, são apenas toleradas, e a sua profissão inhibe o exercicio dos direitos politicos.*

Da confrontação destes documentos se vê, que os da commis-

são não faltaram ao juramento que deram de manter a religião catholica, apostolica, romana, pois que declaram, que *ella é a unica mantida pelo estado;* e não foi de opinião contraria ou diversa toda assembléa, pois que não só nada decretou contra isto, como que antes na discussão do preambulo da constituição, por proposição do deputado Silva Lisboa, decretou que antes do preambulo se pozesse o additamento *Em nome da Santissima Trindade*, expressão em que se confessa o primeiro, o maior mysterio da nossa crença.

Onde está aqui o perjurio?

Não ha vista de lynce que possa descobrir traços alguns dessa blasphemia.

O perjurio, quer em direito natural, quer no civil, quer no canonico, *é a violação do juramento, praticada ou por dolo, ou por culpa*, perjurium jurisjurandi violatio dolo, culpa ve admissa. Ora, si a soberana assembléa prometteu manter a religião catholica, apostolica, romana, e não faltou á promessa, como então *perjurou?*

Dizer-se na proclamação, *que si a assembléa não fosse dissolvida, seria destruida a nossa santa religião*, em que principio se estriba? Como se póde isto entender? Póde-se tirar esta consequencia dos artigos 14 e 15, em que se admitte a liberdade religiosa? Póde-se combinar com a natureza e essencia da nossa santa religião?

Quem não vê, que quem quer que aconselhou, e por ventura constrangeu a S. M. I. a assignar a proclamação, lançou mão deste especioso pretexto para illudir os povos rudes, e suavisar o escandalo, que receben toda nação na dissolução dos representantes da sua suberania, e defensores dos seus direitos inalienaveis e imprescriptiveis?

Pois a reunião dos diversos cultos em uma mesma nação destroe a religião catholica?

Si este é o pensamento, é um pensamento nada pio, que ataca de frente a essencia do christianismo, e opposto inteiramente a toda historia da igreja.

Porque privilegio cada uma das outras religiões ha de ter a virtude de alterar, mudar e aniquilar o christianismo, estando de companhia com elle, e não se deve conceder á este uma igual força e efficacia? E' da fé mais orthodoxa, que Jesus Christo, filho do Eterno, declarou, que subindo sobre o madeiro da cruz para resgatar o genero humano, havia de attrahir a si todo mundo; logo debaixo desta palavra poderosa, que não mudará, ainda que se mude a terra e os céos, deve-se esperar, que a communicação do christianismo com as outras seitas, opere a mudança dellas, as converta e attraia ao seu gremio. Antes este é um meio efficaz de extender o christianismo, e adquirir mais pureza aos seus professos.

De outra maneira se não destruiu o polytheismo e a idolatria.

Carece ser inteiramente hospede na historia ecclesiastica para se conceber um pensamento tão revoltante; carecia que não exis-

tissem no globo terraqueo o imperio da Allemanha, o reino da Inglaterra, a federação dos Estados Unidos e outros povos, em que a religião catholica, apostolica, romana vive de companhia com os outros cultos, para se esperar dos Brazileiros um assenso cego á taes asserções.

E' uma observação feita por todos os homens lettrados, que naquelles paizes, em que ha liberdade religiosa, os catholicos romanos são adoradores mais ardentes e respeitosos dos seus sagrados mysterios, os observadores mais exactos de seus deveres, e os cidadãos mais virtuosos, e de uma moral mais pura.

Está promettido por Jesus Christo, a summa verdade, que *as portas do inferno não hão de prevalecer contra a sua esposa,a santa Igreja*, indefectibilidade esta ha muito predita pelos Prophetas, Isaias, Ezechiel, Daniel, repetida em S. Matheus na 1.ª Epist. aos Corinthios, aos Ephesios e a Thimotheo, sustentada pelos padres, e acreditada não só pela christandade, como até por todos os hereges, quanto ao seu estado interior; e em relação ao exterior e local, está demonstrado, que se não póde destruir pelo concurso no mesmo territorio com os outros cultos. *A igreja*, diz S. João Chrysostomo, *está sustentada por raizes mais firmes, do que o proprio cèo. Ecclesia firmioribus, quam cælum ipsum radicibus defixa hæret.*

Como, pois, seria destruida a nossa santa religião ?

Podia-se esperar da facção dominante da assembléa, que vencesse o estabelecimento do jesuitismo do Japão ?

Isto era affrontar cruelmente a maioridade da representação nacional, que tanto se esforçam por não offender e escandalisar.

Conclue-se, pois, destas reflexões, que tambem neste artigo não perjuraram os deputados do solemne juramento, que prestaram á nação.

Vejamos a religiosidade de sua consciencia sobre a terceira parte do juramento, a saber, a *conservação do senhor D. Pedro, e sua dynastia no throno imperial do Brazil.*

Juraram os deputados *manter o imperio constitucional e a dynastia do senhor D. Pedro I e sua descendencia.* Este juramento foi religiosamente guardado; pois que uma só cousa se não apresenta em contradicção com elle; antes no projecto da constituição se vê o desempenho mais authentico, no que se decretou nos artigos 153 e 154: *O senhor D. Pedro, por unanime acclamação da nação, actual imperador e defensor perpetuo, reinará para sempre, emquanto estiver no Brazil. Da mesma maneira succederá no throno a sua descendencia legitima, segundo a ordem regular de primogenitura e representação, preferindo em todo tempo a linha anterior ás posteriores; na mesma linha o gráo mais proximo ao mais remoto; no mesmo gráo o sexo masculino ao feminino; e no mesmo sexo a pessoa mais velha á mais moça*; e no artigo 139, *a pessoa do imperador é inviolavel e sagrada.*

Destes assentos da commissão do projecto, que se estava discutindo, que cousa se deprehende, que désse motivo a entender-se,que

a assembléa constituinte intencionava excluir do throno do Brazil ao senhor D. Pedro e sua dynastia?

Não ha um só documento fidedigno, que nos deixe entrever este horroroso e execravel intento. Logo parece ao raciocinio uma imputação arbitraria e gratuita a de querer a assembléa, que não imperasse no Brazil o senhor D. Pedro e sua dynastia; e que não se póde jamais avançar, que os deputados perjurassem do solemne juramento prestado á nação, concluindo-se em ultimo resultado ser inconstitucional e attentatoria da soberania da nação brazileira a dissolução da assembléa constituinte e legislativa, visto se não verificarem os principios trazidos para uma medida tão além das esperanças do Brazil, das Americas e de toda Europa, e que tem introduzido em todos os animos o maior descontentamento e temor de serem conduzidos ao mais sanguinario absolutismo e escravidão.

Mas como é isto combinavel com os sentimentos de S. M., emittidos na sua imperial falla do throno no dia 3 de Maio do anno passado, e na proclamação aos Brazileiros pelo attentado da cidade de Portoalegre?

Nestas duas peças mostra S. M. o maior interesse pela liberberdade constitucional do Brazil e felicidade de seus povos; detesta o *despotismo quer de um, quer de muitos;* qualifica de *attentado*, de *absurdo escandaloso*, de *crime digno do mais severo castigo* a definição, que fez aquella cidade, do veto absoluto a favor de sua imperial pessoa. O certo é, que combinando entre si estes dados, não sabemos que pensar neste abstruso negocio, pois que o laconismo dos decretos e proclamação, a reserva temerosa, que encontramos nos impressos do Rio, não nos dão a luz necessaria para podermos ajuizar definitivamente; cobre-se nosso entendimento de uma nuvem densa, que nos abafa e suffoca; e por isso reservamo-nos para quando a atmosphera se achar menos carregada de negrumes, ou soprando algum suão, ponha em mais calma as ventoinhas inconstantes do Rio de Janeiro.

PERNAMBUCO

A providencia parece olhar com attenção para esta provincia e havel-a tomado debaixo da sua tutela.

Outra cousa não nos deixa a pensar a recordação dos perigos, que ella tem corrido e do modo quasi miraculoso, porque ella se tem livrado dos horrores da anarchia e estragos da guerra civil.

Lancemos os olhos sobre as diversas provincias do Brazil, em que se tem luctado pela liberdade natural, e a expulsar o jugo portuguez, que concordaremos todos em que Pernambuco é o que tem

partilhado o quinhão menos amargo, comparativamente á Bahia opprimida pelo Madeira, Maranhão por Fidié, e ao Rio de Janeiro no massacre da Praça do Commercio.

Aqui anda o dedo de Deus, mil graças lhe sejam dadas!

Desde o ministerio de José Bonifacio, que se tem querido alterar a paz,que principiavamos a gosar. Expellido Luiz do Rego, e remettidos para seu reino os batalhões portuguezes, emissarios fluminenses esteiados por Pernambucanos intrigantes e estolidos trabalharam para o successo do 1.° de Junho do anno passado. Orgulhosos por um lado os promotores deste passo precipitado, e por outro temendo uns as vistas penetrantes do presidente Gervasio, que ameaçavam uma reforma nos abusos das diversas estações publicas, outros ambicionando lugares, em que satisfizessem suas paixões, com os olhos outros nas recompensas do ministerio, tanto intrigaram, tantas pedras moveram, que viram coroados seus intentos com a deposição daquella primeira junta provisoria; e o governo temporario, que se lhe seguiu, composto na maior parte dos facciosos, abriu o estadio da guerra civil, pregando que era um attentado contra a soberania do povo e direitos dos novos eleitos a pretenção dos provisorios, que se queriam sustentar nos lugares, de que haviam sido expoliados; e fazendo marchar tropas para Olinda, prenderam e encarceraram com a maior indignidade áquelles mesmos, que por uma mal entendida constitucionalidade não haviam dissolvido os partidos, quando pequenos e fracos.

Acalmou-se, porém, a borrasca com a eleicão de nova junta, feita com tanto soborno, que dias antes da sua eleição foram preconisados todos os eleitos, dos quaes alguns collaboraram para a deposição da passada.

Os novos eleitos, que em acinte dos cidadãos pracianos foram tirados do mato, por serem mais em numero os eleitores deste, que os da praça, não gosaram, póde-se dizer, um só dia da confiança publica; porque a insciencia que reinava em todos elles e falta de experiencia dos negocios politicos e civis, em tempo de tantas difficuldades, os alvos ambiciosos, que se tiveram em vista, foram parte para que nada mais se esperasse delles que desacertos, injustiças e perturbações.

O tempo tudo justificou, e elles mesmos tiveram a franqueza de confessar sua inaptidão para o governo e impossibilidade de conduzir ao porto da segurança a náo da republica, nos seus manifestos de 1 de Janeiro, e de 22 de Fevereiro 1823. Não se repetiu desta vez o caso de Cincinato, que tanto sabia conduzir a charrua nos campos, como sustentar o timão do estado entre os senadores, e brandir a espada contra os Equos e Volscos; pois que sendo a regra geral, que trate dos ventos o navegante e o lavrador dos bois, o mundo não conta, nem se governa por excepções.

Houve por algum tempo uma calmaria, que trouxe aos espiritos alguma tranquillidade; porém soprando ao depois um terral mais forte, eis-nos todos dando diversos bordos, conforme os rumos das paixões particulares.

Pedroso que havia sido o achilles dos facciosos, ou enfadado de obedecer á sugeitos, que elle julgava abaixo de si em conhecimentos, ou soprado por outros interessados na mudança do governo, ou finalmente por ambição de governar militarmente a provincia, fez taes despropositos, arbitrariedades e opposições á marcha descompassada e tortuosa da junta, que atacando-a com duas peças de artilheria, a dissolveu, procurando cada membro della a salvação no mato, *tão ligeiro que não posso dizer qual foi primeiro.*

Sete dias de uma perfeita e total anarchia, pois que não houve uma autoridade na praça, sem haver um roubo, um assassinio ou outro qualquer maleficio no meio de uma soldadesca insubordinada e desenfreada, e de uma canalha exaltada, é de véras um bem raro milagre, muito principalmente quando vimos aquelles mesmos soldados, que no dia 22 de Janeiro se haviam reunido ao governo para o sustentarem contra Pedroso, e de repente mudando de intenções, o foram buscar em triumpho aos Afogados, com a mesma inconstancia o desampararem na praça, e desertarem para o governo, que reunido no Cabo fazia marchar os batalhões milicianos sobre a praça.

Esta borrasca tomou um aspecto aterrador, e a náo da republica viu-se tocando os baixos, e naufragar.

Bateram-se os irmãos com os irmãos, os paes com os filhos; derramou-se o sangue pernambucano pelos mesmos Pernambucanos.

Foi preso o Pedroso e seus satelites; e a junta que devia ser a primeira destruida, ficou triumphante, para progredir nos males da sua patria; mas a necessidade e o aperto fez escolher d'entre os males o menor, e porque se esperou que o duro martello da experiencia abrisse aquellas cabeças de pedra e cal, e as fizesse seguir outra estrada. Mas almas de lama, espiritos ferrenhos, impenetraveis á luz da razão,corações fofos,cegos de philaucia, assentaram que o interesse, que os homens bons e amantes da ordem tomaram por elles, procedia de serem elles *bem feitos de corpo*, ou darem muita honra á Pernambuco governando-o, apezar dos seus desvarios e aberrações. Por isso foram outros tantos animaes do Apocalypse, que marchavam cada um para onde os impellia o impeto do seu espirito.

Appareceu então o nepotismo mais escandaloso, atropellando a justiça, e produzindo desgostos, queixas, murmurios e desuniões.

Com a chegada aqui de Antonio Telles, alliciações de Antonio Carlos, e vinda de Joaquim José de Almeida, alguns dos membros tomaram attitudes oppostas á liberdade e constitucionalidade do Brazil. Fizeram-se *apostolos*, diz-se; e houve delles quem procurasse proselytos despejadamente; entraram a desgostar-se do *Sentinella da Liberdade* e de outros, que fallavam em constitucionalidade do Brazil. Appareceu uma protecção visivel aos Portuguezes, nossos mortaes inimigos, e opposição aos patricios; e quando se esperava que a provincia melhorasse nos arranjos militares, para rebatermos nossos inimigos externos, se viu com espanto nos *Diarios*

do mesmo governo a suppressão e extincção de dez guerrilhas, das quaes a da Prata foi destruida pelo despotismo do seu commandante, e a d'Agua Preta por passar o seu commandante para capitão da cavallaria.

Que disposições tão bem dadas la para seus fins!

A tanto chegou a arbitrariedade desta junta, que pela volta para Garanhuns do capitão mór deste lugar, autor da revolução de Garanhuns, criminoso na devassa de Pedroso, e preso nesta praça, se vê no *Diario* do mesmo governo n. 39 dizer com toda verdade um queixoso dos despotismos da junta: *Eu adoro a omnipotencia desta autoridade benefica, para quem não ha leis, mais do que a impulsão da sua beneficencia, e que póde derrogar, abrogar, dispensar, interpretar, reformar, em uma palavra, aniquilar.*

Navegando assim estes argonautas com os pannos infunados, não suspeitaram naufragio, quando o povo previdente dos males do absolutismo, que elles e seus apaniguados lhe procuravam, lhes deu a bordagem, e prendendo ao governador das armas, ainda por uma erronea condescendencia, se contentou com a expulsão do presidente e secretario, esperando que a queda destes fosse de escarmento, para se fazerem n'outro bordo os que ficaram.

Erro, que tem sido fatal por muitas vezes.

Quando a gangrena de um membro influe nas acções do corpo inteiro, não se adquire a saude decepando aquelle membro; todo corpo está gangrenado: e nos negocios moraes accrescem á este principio as consequencias do orgulho dos que ficam. E' esta a occasião, em que se póde dizer com toda justiça *ou tudo ou nada.*

(Continuar-se-ha)

Cautela, união, valor constante.
Andar assim é bom andar.

Boa viagem.

III

(Quinta Feira, 8 de Janeiro de 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Cam. cant. 5.º

São passados quinze dias, que trazemos entre as mãos o astrolabio para conhecermos a longitude e latitude dos negocios politicos do nosso imperio, e não nos tem sido possivel descobrir uma só estrella ; tudo são carrancas, escuridões, nevoeiros ; tudo são tempestades do Capricornio.

Está em conjuncção a politica com a astronomia.

No entanto que se não entornam as aguas da amphora, que despejem as nuvens, e as rarefaçam, vamos continuando com o exame dos maleficios, que sobre nós lançou o formidoloso Escorpião.

Depois de se ter demonstrado nos numeros antecedentes a falsidade do motivo, que a perversa facção portugueza teve a habilidade de empregar para illudir e violentar a S. M I á acabar com a soberana assembléa constituinte braziliense, arriscando desta feição a integridade do imperio com a desconfiança e insurreição das provincias, e abrindo ao Brazil os abysmos da anarchia e guerra civil, fazia-se frustraneo dizer uma palavra, que fosse, sobre o de mais conteudo nos decretos, proclamação e manifesto de 16 de Novembro ; mas como em um negocio o mas monstruoso dos modernos tempos não se deve omittir o maior esclarecimento, nós empregamos ainda algumas reflexões, para que elle fique na maior luz, que lhe póde dar o nosso fraco entender.

Disse-se no primeiro decreto, que *a assembléa havia perjurado ;* e no segundo se declara, que no que se disse no primeiro *só se quiz comprehender os facciosos do congresso, que anhelavam vinganças, ainda a custa dos horrores da anarchia ; e não aquelles benemeritos representantes do generoso povo brazileiro, que sempre tiveram em vista o bem do Brazil.* Parece-nos que aqui se encontra um d'aquelles casos, em que a triaga applicada para cura, é o veneno corrosivo, que apréssa mais a morte do enfermo.

Com que, por uma facção de tres até cinco homens, se dissolve uma assembléa constituinte, onde, segundo dizem os impressos do mesmo Rio, *a maioria, e uma grande maioria era san e composta de homens moderados, e bons patriotas ?*

Uma assembléa composta de oitenta e quatro deputados, entre os quaes haviam muitos de igual sciencia a dos chamadas *facciosos*; muitos inimigos dos *Andradas*, que acintemente combatiam suas opiniões ; que tiveram o valor e efficacia de fazer com que elles não levassem á bocca todos os bocados, que anhelavam ? Não ha uma prova mais convincente desta verdade, do que a leitura dos *Diarios da Assembléa.* Elles nos mostram, que as maiores victorias dos Andradas foram em quanto elles estiveram no ministerio, onde adquiriram inimigos, que lhes fizeram rosto depois da sua queda.

Que especie de justiça pode haver em dissolver-se uma assembléa de oitenta e quatro deputados pelos desmanchos de tres até cinco ?

Só por este lado se vê a monstruosa arbitrariedade deste arbitrio.

Depois, que objecto tinham diante dos olhos os chamados *facciosos*, mormente os Andradas !

Acaso o seu intento se encaminhava a não estabelecer, e manter-se algum dos tres pontos cardeaes do juramento, que a assembléa prestou a nação ?

Jámais tal cousa se pode, sem calumnia, avançar.

E' mais claro, que a luz do meio dia, que os Andradas collaboravam para que a nossa constituição não fosse tão liberal, quanto o Brazil o desejava ; para que houvesse uma maior parte a aristocracia, do que era admissivel no Brazil, e na qual elles partilhasem o maior quinhão. E innegavel, que elles nos direitos magestaticos arrumavam as cousas com tal sobejidão para S. M., que faziam ao Brazil temer pela sua liberdade, pelo que haviam incorrido no desagrado da nação ; mas que tivessem a perversidade de intentar, que o Brazil voltasse segunda vez á união e escravidão a Portugal ; que odiassem a religião catholica, apostolica, romana ; que concebessem a execravel idéa de tentar contra a pessoa de S. M. e do seu desthronisamento, não haverá força de eloquencia e seducção, que o possa persuadir.

O *Diario da Assembléa*, volume 1.º n. 6. pag. 29 nos apresenta a sua eloquente falla, em que o Antonio Carlos, entre outras cousas a favor de S. M., disse : *A nação elegeu um imperador constitucional, deu-lhe o poder executivo e o declarou chefe hereditario ; nisto não podemos nós bolir. Oque nos pertence é estabelecer as relações entre os poderes,de forma porem que se não ataque a realeza. Si o fizermos, será a nossa obra digna do imperador, digna do Brazil, digna da assembléa.* E na resposta, que deu ao conde de Subserra, que o alliciava para cooperar na união do Brazil com Portugal, disse : *Si fosse possivel conseguir-se o que para quem conhece o Brazil é cunhado com o sello da mais completa impossibilidade, nunca seria eu o instrumento para tal obra ;*

os meus principios politicos, a minha declarada adhesão ao meu paiz, o juramento, a que estou ligado, seria de sobra para se não esperar de mim se não opposição á quanto resumbre á união com Portugal. Sentimentos dignos de um Brazileiro, que acaba a sua carreira politica como um heróe do Brazil ! ! !

Estamos com muitas pessoas no conhecimento do orgulho, ambição e philaucia dos Andradas, e a alguns conhecemos de perto ; vemos algumas contradicções de suas opiniões e doutrinas ; já os verejamos com a nossa penna grosseira, e lançamos as primeiras linhas de uma folha — *Antonio Carlos refutado por si mesmo* — ; do que se deixa ver que não intentamos a sua apologia por espirito de partido, e podemos dizer em toda verdade com Tacito ; *Mihi Galba, Otho, Vitelius nec beneficio, nec injuria cogniti.* Logo o partido ou facção, que tivesse em vista esta independencia e integridade do Brazil, e a conservação do throno do senhor D. Pedro I.,° e que se sacrificasse para estorvar todos os planos e esforços contrarios, é facção criminosa, perjura, alarmante, de anarchia, e por tanto um motivo sufficiente para a dissolução da assembléa ?

Não é este o primeiro negocio do Brazil, o qual será lavado em sangue antes que arrastre novos ferros de Penela e Thomar ?

Não foi isto mesmo o que jurou S. M., quando aceitou o throno, que erigiram os Brazileiros, e generosamente lhe offertaram ?

E' necessario não se ter em conta alguma a opinião dos homens, e ser insensivel aos estimulos da boa fama, para se apresentar ao universo absurdos desta estofa, e com a impavidez dos que fizeram a S. M. assignar estes papeis.

Não se póde conceber uma protervia igual, nem uma mais impia falta de acatamento ao nome e honra de S. M. ! ! !

Quanto mais se lêem, se confrontam, se combinam essas peças, que correm em o augusto nome de S. M., tanto mais se conhece que a perversa faccão portugueza, que fez esta subversão, depois da existencia d'ella, é que tem andado em busca de uma pega, de que lance mão para cohonestar e suavisar este horrendo attentado: a prova e o sustentaculo deste pensamento é a mudança, declinação e vacillação dos motivos allegados para isto.

No primeiro decreto, a assembléa é indistinctamente caracterisada de *perjura ;* no segundo perjuram unicamente a facção dominante do congresso, que anhelavam vinganças, ainda a custa dos horrores da anarchia; no primeiro decreto a assembléa perjurou geralmente sobre toda a materia do seu juramento ; na proclamação o forte dos motivos é a destruição da nossa santa religião, e a guerra civil, e nem uma só palavra sobre a integridade e independencia do Brazil ; e no manifesto nada de religião, e os motivos especiosos desta monstruosidade são a falta de uniformidade nos verdadeiros principios, que formam os governos constitucionaes ; o estremecimento da harmonia dos poderes divididos, que faz a sua força physica e moral ; a pretenção da retirada de toda ou da maior parte da tropa para longe da cidade, ficando o governo sem vigor e energia ; ataques ao governo executivo ; e outros desta natureza,

tudo rematando em ser S. M. ameaçado em certos periodicos com os exemplos de Iturbide, e Carlos I na ruina da patria, sendo o primeiro e certo alvo a augusta pessoa de S. M., e a despeito desta serem recebidos e exaltados pelos seus satelites os chefes do nefando partido ao sahirem da assembléa.

Oh meu Deus! Quem se entende com esta vacillação, com esta mudança e inconstancia de razões! Quem se persuade destes horrores?

E com quanta facilidade se avançam cousas de tanta monta, e contra tantas pessoas, que não obstante não serem soberanas, com tudo tem um direito inalienavel á sua boa reputação e honra sobre seus sentimentos religiosos, seus conhecimentos scientifiicos, sua moral e conduta!

Donde se tiram os indicios de projectos tão execraveis? Quaes os exames e resultados comprobatorios? Pois só porque o presidente Maciel da Costa arteiramente, contra o regimento interno do congresso, levantou a sessão, e talvez foi dizer a S. M. que houveram muitos *apoiados* da parte do povo, que esteve mostrando-se muito apaixonado, se concluiu, que se pretendia atacar a augusta e inviolavel pessoa de S. M., e executar-se o nefando e sacrilego regicidio?

Ao mesmo tempo que o nosso coração se aperta dentro do peito horrorisado disto, que lemos, o nosso entendimento se atira a persuadir-se,que em nenhuma outra presidencia se incendiariam as materias, que surdamente haviam combinado os Portuguezes, inimigos encarniçados do Brazil e invejosos da sua futura gloria, que a do Sr. Maciel da Costa. Este horroroso sacrilegio, para não ser posto em toda luz e evidencia, será de menos importancia, do que o dos Portuguezes contra o seu rei D. José I., os dos duques de Vizeu e de Bragança contra El-rei D. João II?

A idéa do regicidio, ao mesmo tempo que horrorisa, e não cabe no entendimento braziliense, é familiar nos espiritos portuguezes, que tem dado os mais nefandos exemplos, como além dos traduzidos acima, o de Domingos Leite, que se vendeu aos Castelhanos para matar ao rei D. João IV; e si acaso houveram impios, que em taes abysmos se quizessem precipitar, a presumpção deve de recahir sobre aquelles, que já se acham affectos e avezados a isto, e não contra outros, que em todo tempo só deram provas de fidelidade, amor e mais estreita adhesão aos seus soberanos. Lembremo-nos do *nunca assás louvado Amador Bueno da Ribeira*; lembremo-nos de todo Pernambuco na expulsão do jugo hollandez, e da Bahia na acclamação do rei D. João IV.

E' tambem difficil de entender se neste caso a falta, em que estava toda assembléa, da uniformidade dos verdadeiros principios constitucionaes.

Supponhamos, que nas discusões das materias appareciam opiniões as mais democraticas e mesmo revolucionarias, são estas as que decidem das obras da assembléa, ou resultado das decisões?

E quaes foram estas, que tendessem a destruir o governo constitucional, abraçado e jurado pela nação ?

Nenhuma das decisões, que fez a assembléa até a sua dissolução, merece ter esta qualificação ; e si ha, porque se não mostra ?

Era este um dever de quem faz uma accusação.

Só si houveram pelo congresso algumas cousas que se não escreveram, e nós, por não estarmos no theatro destas scenas, as ignoramos ; mas por isso mesmo que senão escreveram, nada damos pela sua gravidade e as reputamos minudencias e frandulagens indignas de uma attenção seria.

E como estamos persuadidos, que nem o grão kan da Tartaria tem direito a fé de seus escravos em materia de facto sem provas positivas, não nos podemos persuadir deste desconjuntamento da assembléa, mormente quando S. M. I. no seu manifesto do 1.° de Agosto de 1822 é o mesmo, que diz aos Brazileiros: *Está acabado o tempo de enganar os homens. Os governos, que ainda querem fundar o seu poder sobre a pretendida ignorancia dos povos.... tem de ver o colosso da sua grandeza tombar da fragil base, sobre que se erguera outr'ora.*

(Continuar-se-ha.)

PERNAMBUCO.

Seguindo o fio da exposição do nosso golpe de vista geral sobre Pernambuco, depois da installação da junta provisoria, que substituiu a de Gervazio, dizemos que, depois que foram demittidos o presidente Maranhão e secretario Padilha, os perigos da provincia cresceram na razão inversa dos membros da junta. Reduzida esta, que constava de sete membros, á um triumvirato, em que o maior numero era inficionado de uma hombridade fanfarona, foi muito facil aos absolutos do Rio de Janeiro conseguirem seus antigos projectos de tirarem desta provincia as pessoas, que podiam ou por escripto, ou por acções offerecer embaraços ás pretenções premeditadas do systema absoluto e escravidão do Brazil.

Com a chegada do facinoroso Martins, que dizem haver trazido novas instrucções secretas ao governo ou ao seu vice-presidente, obscureceu-se o nosso horisonte, sopraram ventanias fortes. O pro-presidente do governo foi o que abriu o odre dos ventos, que lhe foi enviado do Rio de Janeiro, que ia custando á provincia o mesmo estrago da frota de Ullysses.

Qual não foi o perigo dos Pernambucanos, entregues á um governo, que queria comprar fitas, placaes e baronias á peso da ruina e perda de seus concidadãos ! Quando viram a aleivozia, a baixeza e indignidade, com que estes Runes entregaram aos seus

crueis e sanguinarios inimigos o deputado Barata, e ao capitão João Mendes Vianna, atropellando as leis da justiça, da hospitalidade, e mesmo da gratidão! Quando viram o biltre de um *Capixabá* correr desenfreiado por essas ruas, ameaçando o céo e a terra; Portuguezes, que vivem do nosso dinheiro e que vieram a ter figura nesta terra hospitaleira e generosa, requerendo contra Pernambucanos; ordens de prisão contra o deputado Carvalho e o intendente da marinha; trinta rações promptas na *Independencia ou Morte* sem ser pela respectiva Estação da intendencia; uma corja infame dos mais despreziveis patifes, infamando e tornando odiosas ao publico, nos mais insolentes e virulentos pasquins, as pessoas que pretendiam destruir e irem diariamente dar ao bom do pro-presidente conta destes patrioticos serviços e receberem delle a approvação!

Oh meu Deus, e coube nos valentes e briosos corações pernambucanos tanto soffrimento, tanta apathia!

Pernambuco, eu o vi as bordas do abysmo!

Os Pernambucanos, passado o momento do pasmo, já afiavam os alfanges para vingar suas affrontas e destruirem seus indignos oppressores, de modo que *nem para os odiar lhes restasse o nome.*

Goiana arvorou a bandeira da revolta, e esta ia á ser geral.

Os infames já não podiam supportar dentro dos peitos as pulsações dos corações corrompidos; de dia escoltados, de noite mudando de aposento, para se não saber onde guardavam as aborrecidas e odiosas vidas.

Tudo apontava para um futuro desastroso, quando a providencia apartando estas nuvens medonhas, mudou a face do nosso horisonte. A chegada das nossas valentes tropas, conduzidas a campanha e a victoria pelo prudente e corajoso coronel José de Barros Falcão, e o desembarque inesperado dos nossos deputados ao congresso soberano constituinte e legislativo do Brazil, foram os favonios, que nos sopraram a suspensão dos males e a tranquillidade.

(Continuar-se-ha)

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, ó bom andar.

Boa viagem.

IV

(Quinta Feira, 15 de Janeiro de 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Cam. cant. 5.º

RIO DE JANEIRO.

Tão grande foi o volcão, que fez a sua explosão nesta capital do Brazil, que quanto mais se reflecte sobre elle, tanto mais nos horrorisa e faz tremer os corações mais intrepidos ; e Deus queira que nós, na analyse de sua natureza e consequencias, não tenhamos a mesma sorte que Plinio no exame do Vezuvio ; porem que se segue d'aqui ? Um novo acto do despotismo, que a facção portugueza contra os Brazilienses se esforça em estabelecer no Brazil para melhor poder conseguir seus fins perversos ; e quanto á nós, acabaremos gloriosos no nosso officio de mostrarmos aos nossos compatriotas os perigos, que bruxoleamos, afim de que se possam prevenir e acautelar.

Reflectindo, pois, neste transtorno infando, conhecemos, que os seus autores, por mais que hajam dado volta aos infernaes entendimentos em busca de pretextos, que desculpem e cohenestem o seu attentado, não pódem jámais escurecer a verdade, nem fugir ao severo juizo do publico, nem forrar-se á infamia e execração dos homens justos, do tempo presente e da posteridade.

Quanto se não tem esforçado essa *cafila portugueza* para illudir os povos ?

Não ha meio, de que elles não tenham lançado mão.

A confusão na chronologia dos factos, que tiveram lugar n'aquella corte, tem sido empregada de proposito, afim de que pareçam consequencias aquillo que foi realmente a origem daquelle cataclysma da arbitrariedade ; mas a verdade despontando os grossos involucros em que ha sido embrulhada, se vai manifestando, pouco a pouco.

As sete horas da noite, do dia 10 de Novembro, marchou a tropa de primeira linha para o Campo da acclamação com S. M. a frente, e a artilheria com murrões acesos; e as dez horas continuou a marcha para S. Christovão, e d'ahi foram chamadas as outras, de modo que por este facto é que entrou o povo a inquietar-se, a temer e encher-se de horror.

Vendo a assembléa esta trepidação da cidade, decretou então no dia seguinte a sessão permanente até restabelecer-se a tranquillidade publica; e o manifesto, invertendo tudo, diz que para se conseguir os fins horriveis, premeditados pela facção anarchica, se pretendeu e conseguiu a sessão permanente com o especioso pretexto de que não convinha levanta-la sem estar restabelecida a tranquillidade; e que para esta se conseguir é que S. M. havia mandado previamente marchar a tropa para o campo de S. Christovão: seria preciso, que fossem os Brazileiros mais cegos, do que Hypséa, para não enxergarem as astucias e contrariedade desta exposição.

Si a retirada das tropas, sua marcha de toda noite, em toda face hostil, foi a fonte do terror e desasocego da capital, como as tropas foram chamadas para fora, afim de tranquillisar-se a capital?

A sessão permanente foi para se empregarem os meios, que se julgassem a proposito do socego e segurança publica; mas, na intenção dos malvados, era encaminhada a romper a revolução, a guerra civil e a anarchia. Nós faremos ver, que, no caso de não dar-se este pretexto, sempre se dissolvia a assembléa.

Não é a primeira vez que a malignidade lança mão dos seus proprios crimes para destruição daquelles a quem odeia. Quando toda tropa seduzida, exaltada pela facção portugueza, estava na maior insubordinação á soberana assembléa, e marchava para dissolvel-a, dizia o officio do ministro do imperio, que ellas estavam em toda subordinação e respeito ás autoridades constituidas e firmemente adherentes ao systema constitucional. Ora dai lá credito á ministros de estado, como o Exm. Sr. Francisco Vilela Barboza!

Diz o manifesto, que a assembléa não cuidou da tranquillidade publica, nem deu remedio algum á este mal da perturbação. Que remedio daria a assembléa sobre a marcha das tropas e aquartelamento em seus respectivos quarteis: e isto poderiam fazer as cortes, as cortes, que eram desdenhadas, insultadas e mesmo ameaçadas pelos commandantes portuguezes das mesmas tropas?

E' isto uma cousa, posta fora de toda duvida, e marcada com o sello da verdade.

Não exigiu a assembléa todos os esclarecimentos necessarios para se obrar com sabedoria e prudencia em negocio de tanta importancia?

E que se pode colher das respostas por escripto e verbaes dos ministros de S. M.?

Alem da indeterminação e vacillação ardilosa, foi que aquelle negocio das tropas era semelhante ao de Portugal contra as côrtes daquelle reino, e que estes acontecimentos do Rio não eram eventuaes.

Querem mais clareza ?

Consta até de impressos, que não tem sido contestados, que foram chamados officiaes e insinuados para pedirem as cabeças dos Andradas, porque foram applaudidos pelo povo em menoscabo da presença de S. M. I.; e que esta foi a origem do chamado escandalo da tropa, que se communicou a assembléa para ser remediado.

E é uma pedra de escandalo não dar a assembléa remedio a este mal! Que malignidade! Que grosseira impostura!

Houve na assembléa quem se lembrasse de fazer separar da tropa para fóra da cidade alguns officiaes portuguezes, a quem se attribuia a exaltação da tropa; mas nem isto passou de uma medida proposta, e nada se venceu. Logo não está em toda verdade a razão trazida no manifesto de se querer pôr a S. M. sem *o necessario vigor e energia*; e os successos seguintes põem em toda luz a futilidade e insubsistencia deste pretexto.

Dissolveu-se a assembléa, que era quem, como se pretendeu inculcar, perturbava a côrte; prenderam-se e expatriaram-se os *facciosos*; voltou S. M. para o paço da cidade, onde existiam os satelites dos *facciosos*, que tramavam contra sua imperial pessoa; porque razão não voltaram as tropas para a cidade, afim de defenderem a S. M. e lhe darem *vigor e energia*, antes regressaram para as planicies de S. Christovão, e até foram prohibidas de communicarem com a cidade e seu povo?

Si houvesse o projecto inculcado de revolução, que melhor occasião do que esta?

Si *o primeiro alvo certo* era a pessoa de S. M., estamos persuadidos, que, a ser verdade o execrando projecto de tentar-se contra sua vida, estando S. M. indefeso, não podia escapar aos malvados e impios furores dos regicidas, mormente dispondo elles de uma coragem e resolução acima de toda prova, e que se não devera acalmar, nem destruir com as prisões dos deputados; pois que seriam descobertos os conjurados, e passariam pelos mais crueis castigos. E nestes casos, tudo é *ter-se passado o Rubicon*, porque sempre se continua na marcha, esperando da fortuna o exito da empreza; e nos ensina a historia, que as conjurações, que sendo descobertas, não continuaram, foram aquellas que não estavam na proximidade e imminencia, que o manifesto dá a dos *facciosos* da assembléa, como foram a de Catilina contra Roma, a de Pisão contra Nero. Logo se conclue, que a idéa deste attentado foi uma ficção damnada dos que quizeram conduzir a S. M. á esta desordem; e que S. M. está realmente enganado e sacrificado pelos impios, que o abordam.

Pede a ordem da materia, que mostremos quanto foi verdadeira a declaração do ministro dos negocios do imperio de que *aquelles acontecimentos não eram eventuaes*, sim o resultado de planos combinados para a dissolução da assembléa.

Só quem de nenhuma sorte se tem importado com esta regeneração do Brazil e sua grandeza futura, com os trabalhos da augusta assembléa tendentes a este grande fim, é que deixará de confessar a existencia de um plano concertado pela alcatéa portugueza

contra a independencia do Brazil, ou para o estabelecimento do absolutismo asiatico.

Lancemos um golpe de vista rapido sobre tudo, que precedeu á explosão, que não poderemos negar a convicção á força dos factos.

A inacção, em que ficou o ministerio, de não enviarem embaixadores ou agentes aos diversos gabinetes da Europa, em um tempo em que a santa alliança queria dar cabo de todas as constituições do universo e reduzir todos os povos á escravidão; a prohibição do curso da moeda com o cunho do imperio; as portarias do ministro Caetano Pinto ao governo provisorio de Pernambuco, para se proteger aos Portuguezes,ainda com castigo dos Brazileiros, e do ministro de guerra ao governo da Bahia de Todos os Santos, para servirem nos corpos do Rio os soldados portuguezes, prisioneiros do Cockrane; a apathia dos mesmos ministros para com as accusações, que já de voz, já pela imprensa, se fazia dos seus crimes, violencias e injustiças, quando trabalhava um congresso, destinado a reformar abusos, e dar ordem aos negocios, fazendo sahir aquellas tropas, que haviam servido contra Pernambuco e Bahia, e manchado as mãos sceleradas no sangue brazileiro, servindo no mesmo imperio; a expulsão de muitos Brazileiros benemeritos dos seus empregos, para estes serem dados á Portuguezes indignos; a reintegração em seus lugares, e entrega de suas propriedades á Portuguezes, que não querendo adherir a causa do Brazil, emigraram para Portugal, tomaram armas e serviram a favor daquelle reino; o massacre do honrado Pernambucano Francisco Antonio Soares, em desacato e acinte á soberana assembléa, por tomar em consideração o outro massacre do cidadão David Pamplona, feito pelos chumbeiros, officiaes da artilheria montada, Lapa e Moreira; o despejo e protervia com que estes assassinos se gloriam pela imprensa de seus insultos; a impunidade em que elles ficaram, illudindo-se despejadamente a toda côrte e aos Brazileiros; todas estas cousas eram provas de que a independencia do Brazil era olhada como precaria e palliativa, e na ordem politica outros tantos prognosticos de tempestade contra a assembléa, bem como na ordem natural o são de grande procella a agitação do mar, o fragor das ondas, o ronco das praias, o remontado vôo das garças, e as exhalações nocturnas.

Davam peso á tudo isto o desdem, o menoscabo e as ameaças affrontosas, com que os officiaes portuguezes tratavam a assembléa soberana; a qual de nenhum dos corpos militares, nem tribunaes da côrte, a excepção da camara da cidade, recebeu felicitações; bem como ser a assembléa ameaçada com ferro, fogo, e uma contra revolução semelhante a de Portugal, si não reconhecesse o poder dictatorial do imperador, e isto no *Diario do Governo* do Rio, vol. 2 n. 52; assim como a missão de Luiz Paulino e do conde do Rio Maior a côrte do Rio a tratar com o ministerio braziliense; a fiança, que o rei de Portugal deu aos seus vassallos,de mandarem commercios ao Brazil sem receio de nada perderem; as alliciações do conde

de Subserra ao deputado Antonio Carlos para trabalhar na reunião dos dous hemispherios, portuguez e brazileiro.

A vista de tudo isto, quem haverá, que se anime a dizer, que não haviam planos concertados, como confessou o ministro de estado, para recolonisação do Brazil e estabelecimento do absolutismo, e portanto para dissolução da assembléa, unico obstaculo, que tinham a *alcatéa unitaria e matilha portugueza*, que preconisavam esta procella, deixando aos leitores as reflexões, que são precisas para elles serem desenvolvidos e postos em ordem methodica de formar o plano concertado, de que fallamos? E tambem alguns destes factos já se acham desennovelados em muitos impressos, e nem a pequenhez da nossa folha admitte este desenvolvimento.

Não havia no Rio de Janeiro uma só pessoa de tino, que se podesse persuadir, que esta assembléa era a que havia de constituir o Brazil; e o mesmo se pensou nas provincias pelas noticias, que se tinha da côrte. Os mesmos deputados, e com elles todo o Rio esperaram pela explosão ao principio nos annos de S. M.; ao depois no dia em que a assembléa mandasse apresentar a S. M. as primeiras leis, sem precisar da sua sancção; e porque lá por certas razões de estado não se deu á execução o projecto nefando, ficou reservado para a primeira occasião, que o tempo mostrasse. E isto era tão publico no Rio de Janeiro, que apparecendo o caso do cidadão David Pamplona, todos assentaram que era chegada a epocha da dissolução do congresso; e alguns deputados do norte tiveram aviso de pessoas de probidade de que se effectuava desta vez o projecto do club portuguez, até com a morte dos deputados Andradas, Carneiro da Cunha e outros, e foram rogados para não irem ao congresso naquelles dias, assim como ao depois para se embarcarem logo para suas provincias; pois que se tinha assentado pelos malvados de os sorprender e massacrar, quando estivessem juntos em casa de um delles, como costumavam amigavelmente.

A qualidade das pessoas, que mais figuraram e appareceram nesta scena, a saber, Berquós, Gordilhos, Almadas, Moraes, dá um novo peso a todas as reflexões antecedentes; e ha mesmo quem tenha querido, por ventura sem nota de injustiça, achar uma mancommunação no presidente da assembléa, o Sr. Maciel da Costa, por ser aquelle que sendo mandado a assembléa como o *achilles* dos propugnadores das attribuições imperiaes, principiou o desempenho da sua encommenda por querer sustentar, que S. M. possuia o throno do Brazil pelo direito de seus antepassados, levantou a sessão do dia 10 contra o regulamento interno da assembléa, e acabou seus augustos trabalhos, premiado com a pasta dos negocios do imperio.

O Sr. Maciel da Costa é Braziliense, o que nada obstante tem tido, como se julga, uma grande parte nessas scenas contra os deputados, que se horrorisaram da sua oração no congresso soberano, o Rio de Janeiro e todo Brazil, que o vê no ministerio empregando seus raros talentos a favor de um successo, que ameaça a ruina da sua nação.

Sustentam igualmente a existencia deste proposito da facção portugueza as doutrinas e opiniões espalhadas por muitas provincias, mormente no Rio de Janeiro, todas coherentes com o desastroso successo, como entre outras sejam a proclamação aos soldados do Madeira pelo Lima, commandante do exercito pacificador da Bahia, de 28 de Março do anno passado; o celebre *Regulador Brazileiro*; a *Sentinella do Pão de Assucar*; as correspondencias do *Diario do Governo* do Rio, assignadas—o Bom Cidadão—T. F. G. e G. P. T.; e os premios dados ao reimpressor da *Tripa Virada*; e até o conhecimento e predição que muitos Portuguezes desta praça, que não seriam só os desta, fizeram da dissolução da assembléa, e chegada dos nossos deputados.

Parece-nos termos satisfeito a nossa promessa de fazermos ver, que a dissolução da assembléa era negocio tratado e combinado ha muito pelo chumbismo; resta-nos descobrir o alvo, á que ella se destinou, e as suas consequencias, o que reservamos para os numeros seguintes.

PERNAMBUCO

Desesperando o nosso triumvirato de mais illudir a provincia com os tramas do Rio de Janeiro, e já nada esperando das recompensas promettidas, pois outros serviços relevantes foram premiados,no estylo dos Bosires e Dionysios, com prisões,exterminios e por ventura com o cadafalso, vendo-se incursos no odio geral, e publica execração, e esperando por momentos o estampido do volcão, que os engulisse, largaram com dôr intensa a relé, em que haviam empolgado as unhas recurvas, deixaram o desgoverno, levando a alma partida de remorsos, e tendo diante dos olhos, para sua eterna confusão, o busto da patria atraiçoada.

Convocou-se um grande conselho composto do clero, nobreza, povo e chefes militares; e celebrando-se uma sessão extraordinaria a 13 de Dezembro, em que serviu de presidente o Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, por falta morbida do pro-presidente Barreto, expoz que se achando a provincia bandeada, e ameaçando a guerra civil, havendo um corpo reunido em Goiana, que annunciava não cessaria sem que se mudasse de governo, não havia outro remedio, para as publicas calamidades, que a demissão deste, pelo que foi demittido com seus companheiros; e passando-se a eleger um precario, na forma da carta de lei de 20 de Outubro de 1823, sahiram eleitos, para presidente, o Exm. Sr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade, varão patriota a toda prova; para secretario, o Dr. José da Natividade Saldanha; conselheiros, os Srs. Dr. Bernardo Luiz Ferreira, Dr. Manoel Ignacio de Carvalho, Dr. Francisco Xavier de Brito, Bento Joaquim de Miranda Henriques,

o Rvm. parocho Luiz José Cavalcanti Lins, e o Exm. deputado Felix José Tavares de Lyra,

Tambem se elegeu por acclamação para o governo das armas o Exm. coronel José de Barros Falcão, chegado victorioso da expedição da Bahia contra Madeira.

E com esta eleição acalmaram-se os ventos, que por toda parte estavam soprando a desgraça e a ruina desta deliciosa provincia.

Novo argumento de que a providencia, por rasgo de sua bondade, com um braço nos faz chegar as bordas do abysmo para conhecermos os perigos, e com outro nos sustenta e nos retira do precipicio.

Bençãos infinitas, e graças perennes lhe sejam dadas !

Talvez não seja possivel á esta provincia uma escolha, que mereça mais a publica confiança; pois que felizmente vemos nestes illustres varões de mãos dadas a sabedoria, a prudencia e o zelo patriotico mais acrisolado. O que tudo se viu estampado nos seus primeiros arbitrios, tendentes á segurança interna da patria, e prevenção contra os males, com que nos amedrontam as tempestuosas cerrações do Cruzeiro do Sul, e em outras providencias, que constam do *Diario* n. 43 ; e esperavamos de suas virtudes civicas e moraes, não termos occasião de sermos contradictos pelos nossos amados concidadãos.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

V

(QUINTA FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

RIO DE JANEIRO

Ainda que nos nossos numeros antecedentes hajamos tocado nos fins, a que se dirigiu a *facção portugueza* do Rio de Janeiro na dissolução da soberana assembléa constituinte legislativa do Brazil, com tudo o fizemos superficialmente e de passagem, reservando para um numero particular a indicação e demonstração deste proposito; o qual devemos ter muito em vista, e olhar para elle, como a nossa estrella do norte, a fim de que a náo do estado não vá infamar nossos mares com o seu naufragio.

Dos successos de Portugal e do Brazil, se conhecem dous fins nos da dissolução da soberana assembléa constituinte; um impossivel, attentas as circumstancias actuaes daquelle reino e deste imperio; outro acima das forças da *facção portugueza*; o qual si a facção pretende levar avante, virá a parar na desmembração do imimperio e total ruina da mesma *facção*.

Fallo da *recolonisação* do Brazil, e da sua *escravidão interna*, ou estabelecimento nelle do *systema absoluto*.

Basta lançarmos as vistas sobre os esforços de Portugal, mesmo antes da queda da sua constituição, e manobras de alguns ministros do Rio de Janeiro, e alguns movimentos, que tem apparecido nas provincias, suscitados por Portuguezes, para conhecermos, que aquelle reino e seus emissarios espalhados pelo Brazil não podiam deixar de empregar todas as suas forças de intriga, seducção e alliciação, para que dissolvesse a soberana assembléa constituinte; pois que subsistindo esta, e continuando em seus trabalhos, jámais se poderia verificar o projecto monstruoso do velho Tejo.

Seria concebivel a possibilidade de retrogradar o Brazil da es-

trada da liberdade e independencia, que havia proclamado, por cansado de arrastar em tres seculos os grilhões do infame e vergonhoso captiveiro, e por haver tocado a idade da sua virilidade e epocha da sua emancipação, tendo juntos e reunidos em um só lugar e corpo os representantes da sua soberania, os defensores dos seus direitos, os oraculos dos seus sentimentos, os directores do seu espirito e de suas forças ?

Todos conhecem, que não reina a mesma impossibilidade no caso opposto ; porque não havendo um centro commum, á que se refiram todas as vontades, e d'onde partam as direcções das marchas seguras, ficavam as provincias isoladas, tomando cada uma seu rumo differente, e por isso aptas á serem subjugadas, uma após outra, vindo rematar o negocio na escravidão de todas. O cordel triplicado é difficil de romper-se ; mas não subsiste a mesma difficuldade, quando os ramaes estão desacochados e separados.

Por este principio não havia outro meio mais a proposito para seus fins, do que a dissolução da assembléa, que era o mesmo que atacar a independencia do Brazil na viscera da sua vitalidade.

Por se esperar esta dissolução, e com ella a reunião do Brazil com Portugal, é que os ministros de estado do Rio de Janeiro, não se importando com tantos clamores contra suas injustiças, arbitrariedades e patronato, não deram bordo algum para o norte da reforma, e foram seguindo o mesmo rumo tortuoso, como quem não era responsavel ao soberano conselho e suprema autoridade do Brazil.

Porque se esperava unir o Brazil á Portugal, é que se mandou sobr'estar o curso da moeda, com o novo cunho do imperio, e a assembléa constituinte era tratada com desdem e affronta pelos chefes chumbeiros dos corpos da côrte, e mesmo ameaçada com dissolução e morte no proprio *Diario do Governo*, e se fizeram todos aquelles acintes e insultos aos Brazileiros, que resumidamente notamos no nosso antecedente.

De nenhuma importancia deve ser a acommodação, que ao principio se deixou ver do executivo para com a assembléa, por quanto por outro lado o que o tempo foi apresentando prova sem replica, que no Rio de Janeiro se seguia o mesmo plano, que em Portugal, de se estar por tudo, que a assembléa soberana decretasse, para deste modo se distrahir a mesma assembléa, illudirem-se os povos, ganhar tempo e poder-se melhor aproveitar a primeira conjuncção, que se apresentasse de favoravel.

Na mesma ordem está a demissão do ministerio no dia 10 de Novembro. Bem que se queira inculcar esta demissão como uma medida propria para se conseguir a tranquillidade publica, que de proposito se havia perturbado, com tudo salta aos olhos de todos, que estão ao facto destes negocios, que foi uma das peças do *ariete*, que a *facção unitaria* jogava contra o Brazil, para melhor conseguirem a illusão do mesmo, e os fins de seus inimigos. Os Portuguezes e seus apaniguados fizeram pé atraz, para ao depois atacarem com mais violencia e melhor exito. Por este motivo na no-

meação dos novos ministros e secretarios de estado não se viu um só Portuguez, afim que por este meio se podesse remediar a desconfiança de que se pretendia a união dos dous hemispherios.

Esforços inuteis, e que já não illudem a quem se acha escarmentado, pela dura experiencia das tramas portuguezes!

Esta é a illação que se tira da combinação dos factos expostos, illação que nos deve pôr a todas de vigia contra a diligencia dos unitarios, apezar da sua hypocrisia e juramentos de adhesão á causa da independencia ; pois estamos vendo, que muitos daquelles, que foram mais promptos em prestar o juramento civico, são os mesmos que cobertos desta egide tem trabalhado e minado surdamente a causa da nossa liberdade,como desgraçadamente tem apparecido em todas as provincias ; pois, vassallos até os ossos do rei de Portugal, tem neste seculo dado uma pratica exacta ao antigo proloquio : *Regis ad exemplum totus componitur orbis.* Aquelle rei jurou, rejurou e perjurou. Os que são seus vassallos de coração em todo o Brazil juram, rejuram e perjuram ; e estão a espera do favor das circumstancias, para então nos darem em que entender e cuidar.

Não se deve, portanto, ter por absurdo nem mesmo paradoxo, que a facção portugueza tivesse em projecto a união do Brazil com Portugal,e o estabelecimento do systema absoluto no mesmo Brazil.

Uma cousa é consequencia necessaria da outra ; porque como se poderia procurar a união do imperio com aquelle reino, ficando o imperio constitucional, quando o reino, que devera ser a metropole, estava absoluto ?

E' concebivel,que os Portuguezes que pretendem, bem que estolida e inutilmente, serrar de cima e cansar-nos os olhos ao pó da serradura, procurem uma união federativa, para que cada uma das nações federadas tenha sua constituição particular, e, segundo ellas, o Brasileiro e o Portuguez se contente cada um com os bens e vantagens do seu paiz natal ?

Não, por certo.

A pedra do escandalo é pela independencia ficarem estes reduzidos a irem cavar as minas de ferro de Penela, as de chumbo de Aremenha, e as de estanho de Lafões, porque já o caduco Tejo não rola mais as antigas arcias de ouro, tão decantadas pelos poetas.

Este negocio, porém, não está sómente na ordem de uma illação ; temos provas positivas e terminantes.

O decreto de 12 de Novembro, a proclamação de 13, e o manifesto de 16, nos offerecem materia mais que sufficiente para assim concluirmos. No decreto se diz, *que está convocada uma nova assembléa, que deve trabalhar sobre um projecto de constituição, que em breve se ha de apresentar, duplicadamente mais liberal do que o que se discutia na assembléa dissolvida* ; e na proclamação declara S. M., que *si fosse possivel, elle estimaria que o projecto se conformasse tanto com as nossas opiniões, que nos podesse reger, ainda que provisoriamente, como canstituição.* Eis aqui o centro, a que se dirigem todos os raios dos esforços da facção portugueza ; ou o

ponto de apoio, em que se estriba a alavanca de Archimedes, com que os unitarios e absolutos pretendem suspender e derribar a independencia do Brazil.

Deixando, pois, de parte outras reflexões,que nos occorrem neste ensaio, só nos contentamos em perguntar: Uma assembléa, que trabalha sobre um projecto de constituição offerecido por S. M., seria uma assembléa soberana constituinte, representativa da soberania do Brazil? Parece-nos e a muita gente limpa, que ella não passará de um mero conselho ou côrtes, como as de Lamego, Santarem, Torres-Vedras, Elvas e outras de Portugal, que não foram mais que um ajuntamento de supplicantes, tirados das tres classes, clero, nobreza e povo, sem a mais leve sombra do poder legistativo, quanto mais constituinte.

E é esta a natureza e qualidade, que deve ter a representação nacional, que forma o pacto fundamental da nossa sociedade?

E' da essencia da representação nacional a escolha das materias, que devem formar o objecto do pacto social; porque sò a nação é á quem toca e pertence estatuir. E em 1818 acaba de sustentar verdadeira e energicamente um escriptor portuguez, contra os redactores do *Investigaor Portuguez* na Inglaterra, que as côrtes de Lamego e as de mais de Portugal nunca tiveram o poder legislativo, como as camaras dos pares e communs da Inglaterra, só porque os soberanos foram sempre os que propuzeram ás côrtes as materias das ordenações das leis.

E não é esta a natureza das segundas côrtes convocadas, as quaes são apenas chamadas para trabalhar sobre o projecto, que S. M. lhes houver de apresentar? Mas isto é de todo opposto aos sentimentos de todo Brazil, e contradictorio a tudo que S. M. ha dito na sua falla do throno, na proclamação aos Portuguezes de 21 de Outubro de 1822, e em todos os de mais papeis relativos aos direitos do Brazil.

De duas uma, ou a assembléa de novo convocada pode transilir os limites do projecto, que se lhe offerece, mudar, alterar o conteudo nelle, ou não. Si póde, então é frustrado o tal projecto, e não passa de um rodeio artificioso, para não termos tão cêdo constituição, e vivermos mais que precariamente, sem norte, a que nos dirijamos, e sem fundamento, que sustente a nossa liberdade politica, e consigamos a prosperidade e grandeza,para que nos detalhou a benefica mão da providencia. Na segunda hypothese, lá vai por esses ares a soberania da nação brazileira, aquella soberania tantas vezes confessada por S. M. I. e C., e a quem S. M. deve o throno augusto, em que se senta, o sceptro de ouro, que impunha, e o diamantino diadema, que o coróa.

E como S. M. na proclamação de Agosto do anno passado nos disse — *Confiai no vosso imperador e defensor perpetuo, o qual nem quer alheias attribuições, nem deixará jámais usurpar as que de direito lhe devem competir*—temos este novo argumento de que S. M. foi coacto a assignar os decretos e proclamações, e está inteiramente illudido pelo *bando* portuguez, que abusando da candura e docili-

dade de um principe,que foi talhado para escurecer a gloria dos Lycurgos e Pedros-Grandes, lhe tem dado uma grande quebra no seu nome; pois ainda no caso de por este meio alcançar algum bom successo, se deve diminuir do merecimento aquillo, que se deve á violencia.

A quantos principes os ministros e conselheiros tem fechado o templo de Memoria, a que tinham direito pelos seus talentos naturaes ?

Assim se refere dos reis de Portugal D. João III e D. Felippe II ; e de D. Sancho II nos deixaram escripto os historiadores, que *era de condição piedoso, sem malicia e facil em crer o que lhe diziam. Fora um dos melhores reis, que governaram este reino, si tivera melhores conselheiros.*

Depois qual será a natureza do projecto offerecido por S. M. ? *Duplicadamente mais liberal do que o desprezado*, diz o decreto. E' muito prometter, ou prometter muito ! ! ! *Heu nihil invitis fas est quemquam fidere Divis !*

Todos sabemos, que não é S. M. quem promette ; e porque não queriamos tanta felicidade junta, nos lembramos do conselho de Marmontel : " Disconfiai de todo aquelle que pretende fazer os homens mais felizes do que elles não querem ser. E' esta a chimera dos usurpadores e o pretexto dos tyrannos."

E si nos é licito usar aqui das lições, que nos dá a historia, devo dizer, que nas cartas constitucionaes e projectos de constituição, dadas pelos respectivos imperantes, as vantagens dos povos e sua felicidade costumam avultar muito pouco, ou são um nada ; e por isso mesmo que foram dadas por elles, quasi nunca são cumpridas, porque o legislador fica com o direito de interpretrar, alterar e obrigar a lei, quando lhes dá na vontade, como nas côrtes de Santarem, celebradas em mil quatro centos e cincoenta e um, D. Affonso V de Portugal respondeu aos procuradores dos povos, que lhe estranhavam mudar as leis feitas em côrtes sem o consentimento das côrtes: *Respondemos,que nossa tenção è de cumpridamente mandarmos guardar nossas ordenações e leis ; e acerca da mudança d'ellas sem côrtes, nosso proposito é de as não mudar, senão quando o caso o requerer.*

Occorre mais perguntar a quem se ha de commetter a redacção do tal projecto ?

Parece muito natural suppôr-se que áquelles mesmos, que já em mil oito e vinte e um, pelo decreto de 18 de Fevereiro, foram nomeados para a commissão da junta de côrtes da quasi constituição para o Brazil ; pois que a maior parte d'elles existem n'aquella côrte e aos lados de S. M. I. Mas ha ! que por entre as nuvens dos trabalhos dos taes senhores,no tempo do governo portuguez,de suas maximas politicas e seus sentimentos emittidos na assembléa dissolvida, lobrigo as lagrimas das pleyades que choram a nossa escravidão e os estragos do absolutismo !

Cautela e mais cautela ; attenção e mais attenção, oh ! Pernambuco !

O *cisco*, que o *pampeiro do sul* empurrava para o norte, se vai engrossando ; as definições de Portoalegre, a poeira, que em Campos levantou o façanhoso Moraes, os ensaios de Minas-Geraes vão tomando corpo e nos vão cegando. Temos caso infeliz ! Temos trabalho ! Temos absolutismo ! Temos escravidão !

Diz a proclamação, que S. M. *estimaria, si fosse possivel, que o projecto se conformasse tanto com as nossas opiniões, que nos podesse reger, ainda que provisoriamente, como constituação.* Eis a nuvem medonha, que se levanta sobre nossas cabeças ! Eis a primeira e unica razão para a dissolução da assembléa !

O projecto é a unica constituição, que se pretende dar ao Brazil: e para não arrepiarmos, nos pretende illudir a *facção absoluta* com *o provisoriamente. Hostis habet muros, tulit alto a culmine Troia.* Virg. c. 2. 290 ; o inimigo estreita o assedio, aproxima os aproxes, já bate ás portas, e o Brazil, qual outra Troia, tomba do elevado cume da sua gloria.

Este *provisoriamente* explica todo o enigma, quer dizer que em quanto se não faz a constituição, se governe o imperio pelo projecto. Logo não se pretende convocar segunda assembléa ; e o que diz o decreto de 12 é illusorio. Porque si a assembléa deve de trabalhar já e sem perda de tempo,não vem á proposito o *provisoriamente ;* e isto quando sobre o projecto é que devem de versar os trabalhos da assembléa.

Como se comprehende, que trabalhando a assembléa sobre o projecto, depois do trabalho, não haja constituição, e fique o projecto servindo de constituição provisoria ? Ao menos nós ainda não cahimos bem nesta intelligencia.

E quando teremos constituição feita pela nação ?

Nunca, nunca, nunca.

E que imperio então vem a ser o Brazil ?

Imperio projectado, e não imperio constituido, e por isso nunca imperio : e um imperio tal em que ordem deve de ser collocado entre as potencias ?

Será uma potencia de primeira ordem ? Será de segunda ? Nem de uma, nem de outra ordem. Será potencia *nullius diocæseos*, por que até hoje é incognita a ordem das *potencias projectadas.*

Todos vêem que no decreto se diz, que o projecto da constituição hade ser apresentado a *assembléa ;* na proclamação se declara, que elle hade ser apresentado aos *Brazileiros*, e immediatamente se mette á cara a idéa de servir o projecto de *constituição provisoria.*

Esta declinação,que se vai fazendo da mesma cousa,com o additamento do *provisoriamente*, bem mostra o ardil que se tem armado, para que não hajam mais cortes constituintes. E o que succederá é que, formado o projecto, hade ser remettido ás camaras para fazerem reflexões suas para a reforma ; ao depois, apezar de que as camaras não tenham representação alguma,e não sejam mais do que corpos elegidos pelas villas e cidades para administrarem suas rendas com certas attribuições, e tudo que é representação esteja con-

centrado nas cortes, e nellas somente, e em mais ninguem, dir-se-ha que são superfluas as cortes ; porque já a nação explicou a sua vontade pelos orgãos das camaras : e nisto vem a parar a constituição do Brazil.

E será isto o que S. M. prometteu aos Brazileiros no manifesto do 1· de Agosto de mil oito centos e vinte dous ?

Alli S. M. prometteu do modo mais positivo, que o congresso soberano, representativo do generoso povo brazileiro, era quem havia de fazer a constituição do imperio. Lêa-se este monumento da sabedoria, da constitucionalidade de um principe, que se sacrificou todo pelos Brazileiros ; e conheça-se que a sua grande alma illuminada não tem parte alguma nos decretos e proclamações em questão; appellemos para o mesmo senhor,passados estes momentos de illusão, engano ou coacção, em que se acha pela *alcatéa unitaria, e matilha absoluta.*

(Continuar-se-ha)

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem. (*)

(*) Este numero traz a data do anterior, quando pela periodicidade do jornal devera ser de 22 de Janeiro. Isso induz a crer ter havido algum descuido typographico, tanto mais quanto o numero subsequente é datado de 29 de Janeiro, offerecendo assim um lapso quinzenal, em vez do periodismo ordinario de oito dias, que fora tomado para a publicação do *Typhis*.

(*Nota do Revisor.*)

VI

(QUINTA FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

Já se achava impresso o nosso numero antecedente, quando nos chegou ás mãos o decreto imperial de 13 de Novembro do anno passado, em que se crea o conselho de estado, que deve fazer o projecto da constituição, e tratar tambem dos *negocios de maior monta*.

Muito nos satisfizemos da sua leitura; porque nelle achámos manifesto aquillo que, concebido no silencio do nosso gabinete, tinhamos avançado naquelle numero, por ventura com escandalo de alguma gente; a saber, que o projecto havia de ser encommendado talvez áquelles, que em 1821 foram nomeados pelo decreto de 23 de Fevereiro para a commissão da junta de côrtes da *quasi constituição do Brazil*; e que o projecto, apezar de se dizer ao principio, que seria apresentado á nova assembléa, ao depois aos Brazileiros, havia por fim de contas ser offerecido ás camaras das provincias, para fazerem suas reflexões para a reforma.

Uma e outra cousa se vê naquelle decreto!

Os nomeados no decreto de 23 de Fevereiro de 1821 para a junta de côrtes foram, presidente, marquez de Alegrete; deputados, o barão de Santo Amaro, monsenhor Almeida, Luiz José de Carvalho e Mello, Antonio Luiz Pereira da Cunha, Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, João Severiano Maciel da Costa, Camillo Maria Tonellet, João de Souza de Mendonça Corte Real, José da Silva Lisboa, Marianno José Pereira da Fonseca, João Rodrigues Pereira de Almeida, Antonio José da Costa Ferreira, Francisco Xavier Pires, José Caetano Gomes; procurador da corôa, José de Oliveira Botelho Pinto Mosqueira; secretarios, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, Manoel Moreira de Figueiredo; e os que hoje formam o conselho de estado, para *a factura do projecto e tratamento dos negocios de maior monta*, são os ministros e secretarios de estado, João Severiano Maciel da Costa, Clemente Ferreira França, Luiz José de Carvalho e

Mello, Francisco Villela Barboza, João Gomes da Silveira Mendonça, Antonio Luiz Pereira da Cunha, os conselheiros da Fazenda barão de Santo Amaro, (José Egydio) José Joaquim Carneiro de Campos, e Manoel Jacintho Nogueira da Gama.

Estamos a espera do projecto, para vermos a sua duplicada liberalidade. Ao tempo, descobridor das mais subtis tramoias, fica reservado o confirmar ou refutar a nossa previdencia da marcha, que o negocio ha de seguir.

E deixando aos nossos leitores as reflexões, que admitte o decreto ultimo, no que diz respeito ás *observações das camaras, ao quando se hão de reunir os representantes da nação em assembléa, e aos negocios de maior monta*, nos contentamos com notar, que na proclamação imperial aos Brazileiros, que principia *não poucas vezes vos tenho feito patente a minha*, remettida á este governo por portaria de 8 de Agosto do anno passado, se diz, que *algumas camaras das provincias do norte deram instrucções aos seus deputados, em que reinava o espirito democratico*; *que era um absurdo democracia no Brazil*; *e que não era menor absurdo o pretenderem ellas prescrever leis aos que as devem fazer*; e agora pelo decreto citado de 13 de Novembro do anno passado, *as camaras hão de fazer sobre o projecto as observações, que lhes parecerem justas, e as apresentarão aos respectivos representantes das provincias, para dellas fazerem o conveniente uso, quando reunidos em assembléa.*

Quem não vos conhece, facção portugueza absoluta, que vos compre!

Si não tivessemos em vista a maxima lembrada, e posta em pratica por Montesquieu *de se não esgotar de tal maneira um assumpto, que se não deixe nada a fazer aos leitores*, nós fariamos ver, que o novo fim, á que S. M. se propõe na proclamação de 16 de Novembro de *ambicionar gloria cada vez mais para si e para o Brazil*, é uma outra prova de que se pretende estabelecer no Brazil, não um imperio constitucional, sim uma monarchia absoluta, e mostrariamos que as differentes bases não constitucionaes, que se tem lembrado na proclamação de 16 de Julho, *a saber, os sagrados direitos da segurança individual, da prosperidade e da immunidade da casa do cidadão*; e na de 16 de Novembro *independencia do imperio, integridade do mesmo e systema constitucional*, apezar de se prometter que serão mantidas religiosamente, são proposições ocas de sentido, da mesma natureza, peso e observancia, que a da lei mental de D. Duarte, rei de Portugal, sobre a successão das filhas nos bens da corôa; porque todas as vezes que fôr dos interesses dos mandarins Berquós, Gordilhos, Almadas e outros desta farinha, hão de ser esquecidas, interpretadas e abrogadas, bem como succedeu com a dita lei mental a respeito do celebre João das Regras, seu inventor. No entanto, porém, que deixamos *á cada um abundar em seu juizo*, passamos a indiciar aos nossos concidadãos, que não são lettrados, as consequencias, que se tiram deste tempestuoso turbilhão, si os zephiros dos nossos respeitosos clamores não desfizerem as nu-

vens, que rodeando o throno de S. M., o prohibem de ver o sol da razão e da justiça.

Sendo o throno, que o Brazil levantou e jurou sustentar e defender, um throno constitucional, segue-se, que si acaso se tem projectado de não haverem côrtes constituintes, e que fiquemos reduzidos ao absolutismo de Portugal, serão as provincias do imperio desmembradas, aniquilar-se-ha o imperio, e ficará o Brazil exposto á ser presa de aventureiros ousados.

Não ha pessoa lettrada, que não conheça este perigo; todos o prevecm, todos o temem, e no mesmo recinto da assembléa o disseram com o seu valor conhecido os senhores *Alencar e Montezuma.* Este á face do mesmo ministro do imperio declarou, que *Deus nos livrasse, que a tropa do Rio de Janeiro fizesse ali a respeito da assembléa o mesmo, que a tropa de Portugal, porque em breve ficaria o imperio reduzido unicamente ao Rio de Janeiro*; e aquelle, que *si o poder executivo, por ter a força armada á sua disposição, quizesse dissolver a assembléa, ficasse na certeza de que qualquer attentado, da parte do executivo contra a assembléa, dissolvia o imperio, e por consequencia o titulo de imperador.*

Verdade eterna, que não poderá ser contradicta por força alguma de seducção, nem esterilisada pelos estragos das armas; porque, como mesmo confessa S. M., *toda força é insufficiente contra a vontade de um povo, que não quer ser escravo.* (Proclamação de S. M. I.)

Pois é concebivel, que o Brazil sacudisse o jugo portuguez, quebrasse os ferros de Thomar para arrastar os de Sorocaba?

Arredamos para longe de nós o dominio portuguez só por ser portuguez, ou porque elle se oppunha á nossa felicidade e á nossa liberdade politica, e nos prohibia de representarmos no universo aquella scena, para que nos talhou a providencia?

E este augusto fim poderemos conseguir por meio de um *projecto,* que sirva de constituição provisoria?

Poderemos desfructar os dôces fructos da liberdade, que já temos principiado a gosar, sem termos representação nacional, sem assembléa soberana, que nos constitua de um modo digno do genio livre dos Brazileiros, do seu caracter brioso e da riqueza do nosso solo?

Quanto vos enganaes, infames aduladores, que seduzis o melhor dos principes! Retrocedei na estrada, que principiastes bater.

O Brazil ha de ser livre da escravidão externa e interna; nem ha de sugeitar-se mais ao orgulho e predominio portuguez, nem ás arbitrariedades do systema absoluto, com que lisongeaes ao imperador para vossos interesses particulares.

Sem representação nacional, sem côrtes soberanas, que ellas mesmas formem a nossa constituição, não ha imperio. Debaixo desta condição impreterivel é que acclamamos a S. M., e S. M. o jurou tambem da sua parte. Si por vossas tramas S. M. faltar ao seu dever, e não celebrar já e já as côrtes soberanas, está dissolvido

o pacto, e o Brazil seguirá o seu destino ao travez da mais sanguinolenta guerra. Será melhor, que a não do estado seja uma não opitergina do que render-se ao valor de algum Pompéo.

A segunda consequencia da dissolução da assembléa, si ella não for sem perda de tempo reunida, é a evaporação da *liberdade politica*, que proclamámos, e porque nos temos sacrificado.

A liberdade politica é, como diz Montesquieu, De l'Esp. des Lois lib. 2. cap. 6., aquella tranquillidade de espirito, que gosa o cidadão, nascida da opinião, que tem cada um da sua segurança. Para que esta exista, é necessario que o governo seja tal, que um cidadão não possa temer outro cidadão, e jámais esta se póde encontrar e gosar naquelles estados, em que se acham depositados nas mesmas mãos os dous poderes, legislativo e executivo; pois póde-se temer que o mesmo soberano não faça leis tyrannicas para elle as executar tyrannamente. E não se reunindo outra vez immediatamente a assembléa dissolvida, ou convocando-se uma que não seja mais que um mero conselho, que trabalhe sobre um corpo de leis imposto á uma ássembléa, que por si mesma, em consequencia da soberania da nação, que representa, não escolher as materias que devem formar o objecto do pacto social, não ficam reunidas nas mesmas mãos os poderes legislativo e executivo?

E não se hão de seguir todas as consequencias do absolutismo?

Que barreira haverá contra os ataques, que o executivo fizer aos direitos da nação?

Quem fará suspender a propensão do executivo para a tyrannia? Não temos uma muralha da China contra as correrias dos Tartaros.

Quem punirá as arbitrariedades do ministerio e seus officiaes?

Qual será o cidadão, que possa contar com a segurança da sua vida, da sua propriedade, da sua honra?

Lancemos os olhos sobre as monarchias absolutas, e veremos quanto são precarias, insufficientes e illusorias as leis sobre estes artigos; veremos, que todas as vezes que apraz aos soberanos, não ha lei alguma, que esteja isenta de ser interpretada ao seu gosto delles, e mesmo abrogada, ficando o cidadão indefeso. Para fugirmos estes males e outros infinitos, que tanto tem pesado sobre nossas cabeças no dilatado espaço de tres seculos, é que proclamámos o imperio constitucional, e levantámos um imperador. Bem como não podia a assembléa constituir outra forma de governo, assim não estamos obrigados a receber alguma, que não seja a proclamada.

Estamos com as armas nas mãos para defendermos a S. M. e a nós contra os inimigos externos, morreremos todos neste empenho; e as devemos voltar contra aquelles internos, que nos quizerem obrigar a seus caprichos; *porque S. M. mesmo não tem direito de se oppor á constituição, porque depois de haver chamado seus subditos para gosarem da liberdade, elle não póde dizer: Não quero que sejam livres.* Verdade esta tão evidente, que não póde escapar ao cégo lisongeiro do *Regulador Brazileiro*, n. 8. fl. 104.

Ou imperio constitucional, ou nada.

Segue-se, em terceiro lugar, que propondo-se S. M., como deve para desencargo de sua consciencia para com Deus, desempenho de sua palavra aos seus subditos, e legitimo direito á honra e gloria a face dos principes e nações do orbe, propondo-se, dizemos, a convocar já e já a assembléa constituinte, que forme o nosso pacto social, e sem a qual não ha imperio, jámais deve de ser celebrada na cidade do Rio de Janeiro; a sua séde deve de ser em um lugar, onde se não ache uma força armada, que sendo seduzida, como a daquella côrte, possa mostrar o seu valor marcial contra os paes da patria, inermes e inoffensivos, de modo que senão tirem mais áquelle amphitheatro os seus representantes,vingadores dos seus direitos e agentes de sua felicidade; nem estes lá irão, porque estão persuadidos que senão devem sacrificar pela patria, quando do seu sacrificio se não pódem esperar bens alguns, e a felicidade dos seus concidadãos.

Tambem não se devem convocar côrtes compostas de outros deputados, que os eleitos para a assembléa, que foi dissolvida. Por quanto a força, porque se dissolveu aquelle congresso, não lhes tirou o direito de formar a constituição, que lhes foi outorgado pelos povos, e nem estes lhes pódem cassar a commissão,que lhes deram, porque elles cumpriram exactamente com os seus deveres, e zelaram quanto estava em suas forças os direitos e bem de seus constituintes.

A vista disto, se deve entender, que,confessando S. M. que a totalidade da assembléa era de dignos representantes do generoso povo brazileiro, a convocação de novos deputados se atira a acabar com estes; o que se não póde concluir com aquelles, ou porque se não espere achar outros da mesma sufficiencia, ou porque os novos, vendo o fim desastroso da primeira assembléa, não tenham valor de sustentar e defender os direitos da nação, e se deixem levar das influencias da *facção portugueza*, que á todas as luzes pretende no Brazil estabelecer o governo arbitrario e caprichoso.

Cerramos estas reflexões, lembrando aos taes senhores Portuguezes e seus apaniguados do Brazil, que *os governos arbitrarios andam sempre cercados de receios, e temerosos da conducta dos povos opprimidos; e si estes não gosam dos encantos da felicidade, aquelles não tem repouso em suas vigilias, e sonhando reacções, inventam quantas estratagemas lhes suggere o systema de reger povos pelo terror dos supplicios e dos ferros*, como disse sabiamente o illustre deputado Rodrigues de Carvalho.

E nesta terrivel conjunctura, os povos para se defenderem arriscam com o denodo, que produz a desesperação, o amor da vida, e acabam com a aniquilação dos governos.

PERNAMBUCO

Chegou afinal o dia 8 de Janeiro, marcado pelo governo temporario para se elegerem novos deputados para a nova assembléa constituinte, segundo o decreto de 17 de Novembro passado, e presidente e mais junta governativa para a provincia, segundo a carta de lei de 20 de Outubro do mesmo anno passado; e o resultado deste ajuntamento é o que consta do seguinte:

TERMO DE ELEIÇÃO DO PRESIDENTE, SECRETARIO E MEMBROS DO CONSELHO DO GOVERNO PROVISORIO DA PROVINCIA, ELEITO PELO COLLEGIO ELEITORAL DAS COMARCAS DESTA CIDADE DE OLINDA E DO RECIFE

Aos oito dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e vinte e quatro, terceiro da independencia do Brazil e do imperio, nesta cidade de Olinda em a catedral della e santa sé, onde se achavam congregados o illustre senado da camara desta mesma cidade e os eleitores de parochias, que foram convocados para a factura do novo governo, pela demissão do governo provisorio, tratada em conselho de 13 de Dezembro do anno proximo passado, e tambem para a eleição de novos deputados para o congresso constituinte e legislativo, na conformidade do decreto de S. M. I. e Constitucional de 17 de Novembro do mesmo anno, e proceder-se a eleição do presidente e secretario, em consequencia da representação que fez o collegio eleitoral a S. M. I., ponderando justos motivos, que obrigavam a dita eleição, cuja representação será encaminhada pelo senado, ficando registrada no mesmo senado; e feitas as formalidades do estylo, sahiram eleitos para presidente o Exm. Manoel de Carvalho Paes de Andrade, para secretario o Bacharel José da Natividade Saldanha, para conselheiros o Dr. Bernardo Luiz Ferreira, o Dr. Manoel Ignacio de Carvalho, o Dr. Francisco Xavier Pereira de Brito, o Padre Manoel Silvestre de Araujo, Manoel Paulino de Gouveia e o Padre Domingos Alves Vieira. E quanto a factura dos novos deputados, foi decidido por uma unanimidade de votos, que se não elegiam; porque tendo esta provincia já eleito aquelles, que deviam fazer e firmar o pacto social e a legislatura nacional, e não tendo ainda estes concluido esta soberana commissão, e nem prostituido o seu caracter, era contrario á dignidade e decoro desta provincia nomear novos, e mesmo contrario á direito, porque os procuradores, depois de se fazerem senhores do negocio, não podiam ser expulsos senão por prevaricação ou suspeição, o que não existia nos dignos deputados desta provincia; e porque tambem o facto da

dissolução do congresso não era dissolutivo dos direitos dos povos em conservarem os seus mesmos representantes, tendo antes em sustentação da sua dignidade o testemunho respeitavel de S. M. I. em decreto de 13 de Novembro do anno proximo passado, em que altamente confessa,que, á excepção de alguns deputados, em todos os mais brilhavam as qualidades de verdadeiros representantes do grande imperio brazilico. Ficou recolhida ao archivo deste senado a pauta das eleições, para a todo o tempo constar; e fez-se este termo em que se assignaram este dito senado, e o todo mais corpo eleitoral. Eu José Mauricio d'Oliveira Maciel, escrivão da camara o escrevi.

FALLA DO ILLUSTRE, DEPUTADO HENRIQUE DE REZENDE, NA SESSÃO DE 5 DE NOVEMBRO, DEPOIS DO SR. MONTEZUMA E OUTROS

Depois de eu ter sustentado a minha emenda contra os ataques de um illustre deputado, cujos argumentos parece-me que ficaram de todo destruidos, não pensei, que teria mais precisão de fazer novas explicações. Mas o Sr. Montezuma de novo a torna combater. Eu não me farei cargo de muitos de seus argumentos, porque julgo estarem respondidos naquella outra occasião; só responderei á um, que elle agora apresenta como novo.

Diz elle, que o meu additamento envolve desigualdade e injustiça. Eu quizera, que o nobre deputado considerasse, que ha desigualdade e injustiça desde que o projecto diz, que *a religião catholica é a religião do estado, e a unica manteuda por elle.* Porque todos os que professam as outras communhões christãs, são membros do estado, e para elle trabalham, vindo elles desta forma a manter a religião catholica, em quanto os catholicos em nada concorrem para a mantença das outras communhões; visto que o estado nada concorre para ellas.

E' esta uma desigualdade e injustiça, que eu já reconheci em outra occasião. Mas é necessario conceder-se este particular favor ao catholicismo, para que conheçam os povos o cuidado, que esta assembléa toma em garantir e proteger a religião do estado, mesmo com uma apparente injustiça e desigualdade para com outras.

E' o caso do meu additamento; é mais uma garantia e protecção prestada ao catholicismo, até para desenganar os timoratos de que com estes artigos se não autorisa a apostasia, que é de que elles tremem, na consideração de que seus filhos poderão aberrar da religião, em que seus paes os haviam educado.

Além do que, nenhuma injustiça e desigualdade ha para com as outras communhões; porque estas nenhum direito tem á esta particular protecção e garantia. Ellas são extranhas, e só agora se irão

introduzindo; a religião catholica, porém, tendo sido até agora a unica, que os Brazileiros professam, por isso é a religião do estado, e a unica que tem direito á esta particular protecção e garantia.

Voto pois ainda pelo meu additamento.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim é bom andar.

Boa viagem.

VII

(QUINTA FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

RIO DE JANEIRO

Afinal entornou o sol as aguas da amphora, e rarefazendo as nuvens, que estavam carregadas, nos deixou entrever o estado politico da côrte do Rio de Janeiro.

Tudo se sabe, porque a cabala portugueza, julgando o exito do negocio pelos principios, depondo a mascara da hypocrisia, faz uma especie de garbo de seus fins malignos, e nos deixa ver, que o rico Prata e o gigante Amazonas devem dirigir suas caudalosas correntes aos acenos do caduco Tejo.

O Brazil está sentenciado no synhedrio do chumbismo á que receba a lei da fabulosa filha de Ullysses. Mas quanto se enganam estes vandalos! O Brazil jurou independencia ou morte, o Brazil religioso mostrará ao universo inteiro, que elle sabe pesar e guardar a santidade do seu juramento.

Chegou do Rio de Janeiro no dia 30 de Janeiro passado o navio *François* com alguns passageiros, impressos ministeriaes e outros papeis; e de tudo se conhece o estado deploravel daquella infeliz cidade.

Talvez o quadro de Roma no tempo de Tiberio, descripto por Tacito, não explique o estado desta nova Babylonia.

Não se falla mais em constituição, e o maior dos crimes de estado é não se fallar e louvar o projecto redigido pelos decemviros. Os homens probos, constitucionaes, ricos proprietarios, tudo que é gente de bem está aterrado e abatido; ninguem ousa dizer palavra fóra daquellas que sahem do circulo do chumbismo. As prisões estão cheias de victimas; insultam-se do modo mais indigno aos Brazileiros; e diz uma carta de pessoa fidedigna, que se trata com

acceleramento toda sorte de trahições contra as briosas e liberaes provincias do norte.

Talvez não tenha havido um principe em tão difficeis circumstancias de acertar como o immortal Pedro I, rodeado de tantos egoistas, que procurando unicamente os seus interesses, a sua grandeza e elevação, tudo isto revestem dos interesses do principe e do bem do estado. Não ha intriga, de que não hajam lançado mão para prohibir, que a verdade chegue a sua presença; pois estão certos, que em S. M. conhecendo-a, ha de seguil-a, e elles passarão pela dor de se verem enganados em suas opiniões, feitos o desprezo e a fabula do povo.

Appareceu afinal o projecto, que se prometteu duplicadamente mais liberal do que o discutido na dissolvida assembléa, e appareceu forjado em menos de um mez.

E' muito trabalhar!

Esta pressa nos indica, ou que ha de ter muitas falhas e imperfeições, ou que já estava alinhavado de antemão. Por maior que seja a doutrina dos collaboradores do projecto, elles não estão na esteira dos Locks, dos Hamiltons, nem em circumstancias mais vantajosas, que as dos redactores do desprezado; e ao mesmo tempo todos os senhores decemviros encarregados de muitos negocios do primeiro porte do imperio, e em tempos de tantas perturbações, perigos e estorvos, *celeritas improvida et cæca est.*

Obras de muito menos entidade, mas que aspiravam a perfeição, levaram muito mais tempo aos escriptores. A *Smyrna* de Cinna gastou nove annos em ser escripta; a *Olympia* de Isocrates dez; o *Espirito das Leis* de Montesquieu vinte.

Não queremos com isto dizer, que tanto tempo levasse o projecto, porque seria um absurdo; só queremos notar, que não se deve ser tão calvo, que appareçam os miolos. O projecto já foi feito para não ser discutido, e passar como constituição eterna do imperio do Brazil. Na segunda hypothese prova a facção unitaria, que ha muito ella cavava a ruina da assembléa; e as razões allegadas para este aborto, são pretextos para cohonestar esta desordem, e acommodar os povos com esta quasi constituição.

Appareceu o projecto, e sendo remettido por portaria de 17 de Dezembro ao senado da *muito leal e heroica* cidade do Rio de Janeiro, este a 20 affixou editaes, em os quaes communicava á todas as classes de cidadãos, que tendo elle lido e examinado o dito projecto, não achára reflexão alguma a fazer, antes encontrara uma prova não equivoca do liberalismo de S. M., de seu ministerio, e de seu conselho de estado; que nestes termos, por julgar o senado ser conveniente á felicidade publica, e por evitar o grande intervallo de tempo, que estariamos sem uma lei, que nos regulasse; vendo ao mesmo tempo, que não poderá haver uma constituição mais liberal do que esta, apresentada por S. M., do projecto, porque então seria a destruição do systema monarchico constitucional, e que não podia ser menos liberal, porque então encontrando a vontade geral dos povos, estes a não quereriam aceitar, e ultimamente vendo, que

a nova assembléa geral constituinte e legislativa nada mais poderia fazer, do que aceitar este projecto, ou, discutindo-o, fazer outro no mesmo sentido, mas por outras palavras, no que levariam pelo menos dous annos, correndo risco a segurança publica, porque poderia apparecer a anarchia, e além disto outras nações não nos achando constituidos, não reconheceriam nossa independencia ; resolveu, que, dous dias depois de affixados os editaes, se pozessem na sala do senado dous livros, em um dos quaes se assignassem os cidadãos, que quizessem se jurasse o projecto, que *para sempre* devera ficar como constituição do imperio do Brazil, e n'outro os de sentimento contrario.

Quem não vê em tudo isto aquillo mesmo, que nós bruxoleamos nos nossos numeros antecedentes ?

Quem haverá, que deixe de conhecer neste edital a minuta ou a influencia dos mesmos, que redigiram o projecto ? E que o senado *muito leal e heroico* não fez mais do que assignar de cruz ?

Quem deixa de enxergar a má fé e a perfidia, com que se tem tratado o primeiro negocio do Brazil, a sua independencia e liberdade interna ?

Poderá haver uma affronta mais solemne a todo Brazil, do que a que lhe faz o senado *muito leal e heroico*, quando diz, que *a assembléa constituinte e legislativa não poderá fazer mais que repetir o mesmo, que traz o projecto por outras palavras ?*

Felizes, e mil vezes felizes os decemviros, que absorveram em si toda sabedoria, toda prudencia e toda sciencia politica de todos os Brazileiros ! Desgraçado Brazil, que, illuminado por estas dez luminarias grandes, vaes a cahir nas horrorosas obscuridades do antigo cahos ; pois que cada uma dellas está muito proxima do seu occaso !

A assembléa constituinte não poderá fazer mais do que aceitar o projecto. E' verdade, porque a nova assembléa convocada não é constituinte e representativa da soberania da nação ; é um conselho, que não tem voto decisivo em nada ; é um congresso de supplicantes, que pedem e não determinam, que aceitam e não estatuem ! A facção portugueza, sempre attenta aos seus interesses, só queria que as camaras fizessem ao projecto suas observações, para que os deputados na assembléa fizessem dellas o uso competente ; o senado *muito leal e heroico* dispensa a assembléa do trabalho dos exames e debates, e quer que o projecto se jure já como constituição.

As camaras, como já disse, não são representantes dos povos ; representam sim pelos povos, e para isto é preciso que os ouçam primeiro. O senado *muito leal e heroico*, esquecendo-se manhosamente da sua natureza e do seu officio, inverte a ordem das cousas, vota primeiro sobre o projecto, e quer que os cidadãos de todas as classes se louvem no seu juizo delle.

A *facção portugueza* se contentava, que o projecto fosse adoptado como constituição provisoria ; os que tinham em dever oppor-se á esta monstruosidade, deitam a barra adiante ; o senado

muito leal e heroico quer, que o projecto sirva de constituição do imperio do Brazil para sempre.

Que perfidia! Que indigna adulação! Não foi tão servil, quanto este, o senado de Roma no tempo de Tiberio!! Parece-me estar vendo no presidente do fluminense o da Dolabela do romano.

Fazem-se no Rio preparativos para rebater a expedição portugueza de dez a quinze mil homens, que vem, debaixo do commando de Beresford, de Silveira e de Luiz do Rego, conquistar o Brazil. *Risum teneatis, amici?* Caberá no Brazil tanta gente? Ou ainda haverá Portuguezes, que queiram vir ao Brazil fazer a guerra, quando delle sahiram tão escalavrados? Si elles não poderam sustentar os pontos, de que estavam senhores, poderão esperar pisar segunda vez nosso solo, e sustentar-se nelle? *O peixe já sangrado desconfia, si vê surgir a isca á tona d'agua.*

E' mais natural, que o apertado recrutamento, a que se procede naquuella côrte, distribuição do exercito em quatro brigadas, marchas para diversos pontos, como para defeza, sejam meios de distrahir a attenção do povo do negocio da dissolução da assembléa para a defeza commum, e evitar-se assim o effeito certo da fermentação, em que estava a tropa e o povo, e tambem para se não dar a devida attenção á approvação do projecto, que é nada menos que o cartel de Carlos VIII aos Florentinos.

E si, com effeito, a loucura dos Portuguezes tem sido tão exaltada, que projectem esta expedição, pensam muitos ser de accordo com a *facção unitaria* do Rio; e que estes movimentos do Rio se dirigem a proteger o desembarque dos Portuguezes, mormente quando se diz que todas as forças devem ser destacadas para a praia de Sepitiba, ficando a barra indefesa, e o mesmo se deve cogitar dos batalhões, que devem destacar para a Bahia e Pernambuco; e nós não deixamos de dar peso e attenção a este conceito, pois que vendo, que tendo tido a *facção unitaria* a habilidade de fazer faltar-se a todas as promessas e juramentos feitos aos Brazileiros, só não ha de ficar em seu pé o decreto do 1.º de Agosto de 1822; pois que sem a derogação deste nós havemos tingir nossas ondas do sangue portuguez, como elles tingiram as do seu Betis com o sangue mouro no tempo de D. Sancho I.

Fizeram-se os eleitores nas freguezias da Candelaria, Santa Anna, S. José, Santa Rita, SS. Sacramento do Rio de Janeiro, e das suas listas apresentadas nos *Diarios do Governo* daquella côrte se vê, que sahiram por eleitores quasi todos os ministros de estado e conselheiros. Parece-nos isto uma mão forjada, porque apresentando-se estes senhores nos collegios eleitoraes para a eleição dos deputados, hão de attrahir a si todos os votos, e ao depois, assentados na assembléa, que reforma farão ao seu projecto?

Todo homem ama mais aos partos do seu entendimento, do que os seus proprios filhos.

Uma igual armadilha descobre muita gente no emprego, que se tem feito de alguns deputados para presidentes das provincias; porque não se pódem esquecer da deputação dos Portuguezes, que

o Junot mandou a Bayonna a cumprimentar Bounaparte, que sendo Portuguezes de nascimento, eram Francezes nas opiniões e nas obras; e cá dos nossos sabemos,que alguns applaudiram a dissolução da assembléa, desfechando em risadas, e outros foram no dia seguinte ao beijamão por esta grande victoria, quando toda cidade estava abysmada em dôr e terrorisada.

BAHIA

Chegando á essa cidade em o dia 12 de Dezembro os seus deputados Calmons, e sabendo-se da dissolução da assembléa, a tropa e o povo commovido e assombrado deste funesto acontecimento, e julgando-se trahido pelos Portuguezes, e que se tratava de reescravizar o Brazil á Portugal, dividiram-se em bandos, e tomaram dos seus inimigos uma pesada vingança por tres dias, sem haver quem désse quartel aos Portuguezes, nem forças no governo para obstar a torrente, que se havia despenhado com todo furor, quasi verificando-se o que na assembléa preconisou o illustre deputado Henrique de Rezende.

No dia seguinte ajuntando-se um grande numero de cidadãos de todas as classes, e indo a casa da camara, a fizeram convocar pelo toque de sino. • Junta esta, representaram que era preciso serem chamados os deputados, vindos do Rio, para darem a causa da sua retirada, antes de acabarem os seus trabalhos; compareceram estes, e dando a conta, que já todos sabem, requereu o povo, que o presidente da camara representasse ao governo, em nome do mesmo povo, que convocase um conselho composto dos cidadãos de todas as classes constantes de uma relação, que apresentaram para que nelle se tratasse da segurança da provincia e traquillidade da cidade. Tudo se fez; e foi assignado o dia 17 para o conselho.

Chegado este dia, reunia-se o conselho composto do governo, camara, empregados publicos, ecclesiasticos e civis, militares, cidadãos virtuosos, illustrados e zelosos da causa publica, e de commum accordo tomaram as medidas necessarias para manter a ordem e tranquillidade da provincia em vinte artigos, todos cheios de prudencia, segurança e zelo patriotico pelo bem da provincia e Brazil.

Entre estes artigos, depois de mostrarem a sua *profunda magua* pela dissolução da assembléa constituinte e legislativa, esperando que S. M. satisfizesse, como cumpria á sua alta dignidade, boa fé e constitucionalidade, os juramentos que elle e todos os Brazileiros prestaram, fazendo medrar o regimen constitucional, requereram:

Que com a maior brevidade apresentasse S. M. o projecto da constituição duplicadamente mais liberal, que o da extincta assembléa, para que as camaras interpondo o seu juizo e transmittindo-o aos deputados das respectivas provincias, seja por estes approvado.

Que S. M. jámais deixe de desempenhar a sua imperial palavra de que nada queria de Portugal, e que por consequencia não consinta, nem soffra, que alguem se lembre de confederação com aquelle reino; pois que a união é absolutamente impossivel.

Que S. M. não confiará os grandes cargos do imperio á subditos nascidos em Portugal, bem como os demais despachos civis e militares.

Que o tribunal dos jurados fosse restabelecido para a liberdade da imprensa, como foi creado em 1822.

Que S. M. haja por bem de obstar ao mal certo, que deve resultar do decreto de 24 de Novembro do anno passado, que manda conhecer devassamente dos ultimos acontecimentor daquella côrte, e do edital do intendente geral da policia de 24 do mesmo, que admitte denuncias em segredo.

Que S. M. se dignasse restituir os deputados presos e expulsos do Brazil ao seio das suas provincias respectivas, tendo ao mesmo tempo consideração pelo deputado eleito Barata, cujas asserções immoderadas eram mais filhas do seu patriotismo exaltado, do que da maldade do seu coração.

E declarando ao governo, que se não désse posse á subdito algum nascido em Portugal, que viesse despachado para aquella provincia, sem que primeiro se désse parte a S. M., afim de que o mesmo senhor houvesse de revogar o decreto, declararam afinal, que aquella provincia era constantemente firme nos principios da monarchia constitucional, que tem proclamado e jurado.

Dos assentos deste conselho se vê: 1.º que por aquella cidade tambem vogava o conhecimento da pretenção dos chumbeiros quererem unir o Brazil á Portugal. E então devemos fazer a vontade ao Sr. Estevão de Rezende, intimada no seu edital de 17 de Novembro de 1723? Tratar como irmãos inimigos encarniçados, que não cessam de empregar todas as forças para opprimir-nos, isto nunca foi admissivel em politica; o preceito do Evangelho, que manda amar os inimigos, é la para outras cousas, e n'outras occasiões e circumstancias: 2.º que o voto daquella respeitavel provincia, a primogenita de Cabral, antiga côrte do Brazil, é que os deputados approvem ou não o projecto da constituição, estribados nos votos das camaras, o que se oppõe de frente ao edital do *muito leal e heroico* senado do Rio de Janeiro.

A nobreza e generosidade de seus sentimentos, quando roga pela restituição ao seio de suas respectivas provincias dos deputados presos e expatriados, e reclama a contemplação de S. M. sobre o deputado eleito Barata, é uma bofetada para as provincias de S. Paulo e Minas, que sem mais exame, sem reflexão, só levadas de um espirito de vingança e de servilismo, se gloriaram da dissolução da assembléa, unico liame, que enlaçava as provincias do imperio, e pela

prisão e exterminio dos seus deputados, a quem appellidam de monstros.

A sua supplica para que S. M. desvie as desgraças, que produzirá no Rio de Janeiro o decreto de 21 de Novembro passado, ensina as demais provincias a não extenderem seu zelo e patriotismo á peripheria dos seus termos unicamente, sim a todos os demais ramos da grande familia brazileira.

O seu protesto de ser firme constantemente nos principios do regimen constitucional é um proclama, pelo qual declaram a todo Brazil e mundo inteiro, que não admittirão outra forma de governo ao travez de todos perigos.

Assim obra um povo patriota, que não é servil, e que prefere a morte á escravidão!

PERNAMBUCO

Neste numero, que não pôde sahir quinta feira passada por adoecer o compositor typographico, e não termos um substituto para aquelle trabalho, traziamos um artigo, que nos parecia interessante a provar a inepcia e má fé de certos besouros, que na capitania mór do Cabo, e por aqui andavam zunindo disparates e sandices sobre a legalidade do actual governo, illudidos talvez por algum Confucio asiatico, com o fim sem duvida de turvar as aguas para pescarem grosso. Mas levantando-se agora um terral, algum tanto frio, la das bandas do Cabo, voltamos para ali as nossas vistas, e deixamos o que estava feito para quando alguma rajada nos fizer tomar aquelle rumo.

E' o caso.

Foi S. M. I. servido, depois da renuncia, diz-se, de Gervazio Pires Ferreira, Manoel Zepherino dos Santos e Pedro de Araujo Lima, nomear para presidente desta provincia a Francisco Paes Barreto; mas, por felicidade da provincia, quando este patricio por conhecer a sua inaptidão para o governo, de sua propria vontade havia convocado um conselho de cidadãos de todas as classes, e expondo na sua presença por seu procurador as razões, que lhe assistiam para elle e seus companheiros não continuarem a reger o leme da patria, se demittiram do governo. E para que o corpo social não ficasse acephalo, sem haver quem regulasse os movimentos dos membros, elegeu-se um governo temporario, que duraria em quanto não chegasse presidente nomeado por S. M., ou o collegio eleitoral elegesse outro.

Como, porém, não apparecesse presidente algum nomeado por S. M. e o collegio eleitoral se tivesse reunido a 8 do passado Janeiro, nomearam o governo actual, e officiaram a S. M., dando-lhe conta de haverem procedido a esta nomeação pela necessidade em que

se achava a provincia, apezar de correr o boato de estar nomeado por elle Francisco Paes Barreto, por não ser este capaz de sanar os males da provincia, antes mais os exacerbaria pela falta de opinião publica, em que infelizmente havia incorrido; e que como temiam pelo desastroso successo da dissolução da assembléa constituinte não se intentasse restabelecer o antigo despotismo, haviam escolhido pessoas de sua confiança; portanto esperavam de S. M., que não só lhes não extranhasse este procedimento, como que lhes desse sua omnimoda approvação, sem a qual não poderia socegar a provincia.

Apparece agora o morgado officiando ao Exm. presidente, e camaras do Recife e Olinda, e requesitando se lhe dê a posse de presidente politico. Não ha uma ambição tão desmarcada! Nem um tão impertinente e desloucado empenho! Estará o negocio em circumstancias de se deferir ao morgado? Parece, que, a excepção do pretendente, de seus apaniguados, todos os de mais Pernambucanos responderão decididamente que *não.*

O negocio está affecto á S. M. I.

Não ha, portanto, na provincia autoridade, que o possa accelerar antes da decisão imperial sem crime de attentado. S. M. suppunha capacidade no morgado, por isso o elegeu. Não se verificando esta, ainda fóra do caso actual, deverá suspender-se *a execução da graça*, e dar-se-lhe parte, como succede todos os dias em qualquer despacho, por que não é de esperar de S. M. caprichos, sim justiça, rectidão, ordem, nem que ponha a testa de uma provincia em a crise actual pessoas,que em lugar de conservarem a bôa ordem dos negocios, a tranquillidade do povo e sua felicidade, lhe causem a desordem, perturbem a paz e procurem a ruina da provincia S. M. pensou que o morgado, como membro da junta affonsina, eleita em Setembro de 1822, segundo o decreto de 3 de Setembro de 1821, que determinava no § 3.º—*Serão nomeados os membros das juntas provisorias entre os concidadãos mais conspicuos por seus conhecimentos, probidade e adherencia ao systema constitucional*— estava nas condições da lei, e por isso digno da presidencia do governo; mas nada disto se verificou em toda aquella junta, como todos sabem, por consequencia S. M. está enganado; por isso, uma vez que conheça o engano, devemos esperar de sua justiça, que faça recolher a sua carta imperial.

A incapacidade para o governo do morgado é tão publica, que elle mesmo a tem confessado em seu manifesto de 10 de Janeiro, e em officio de 14 de Fevereiro de 1822, e na sessão extraordinaria de 13 de Dezembro do anno passado; e o secretario da junta affonsina, José Marianno, o disse de toda junta no seu manifesto de 22 de Fevereiro de 1822.

A dura experiencia de quinze mezes de seu governo não admitte objecção; pois que as monstruosidades, arbitrariedades, patronato aos nossos inimigos, o nepotismo a bem de seus parentes, attentados contra os mais sagrados direitos dos cidadãos, o ostracismo de muitas pessoas probas desta praça, estorvado felizmente por um dos triumviros, a horrorosa sessão de 26 de Novembro do anno pas-

sado, em que se decretou a prisão do intendente da marinha, hoje Exm. presidente, e do deputado Carvalho, e todos aquelles que, como elles diziam, tramavam a deposição daquella junta, não se podem negar por força alguma de eloquencia.

Sendo esta inaptidão para o governo natural e inseparavel do morgado, póde ser aniquilada e substituida por talentos de sciencia, de valor, de discrição, indispensaveis para se bem governarem os povos, só porque S. M. o nomeou presidente ?

Parece-nos, que não.

S. M. póde de um peão fazer um fidalgo, de um escudeiro cavalheiro, como Bonaparte a Lauriston, que havendo seis mezes antes sido pagem, foi condecorado com o habito da Legião de Honra ; porém dar juizo a quem não tem, não pode de certo.

Póde S. M. dar padrões de tensas, titulos de barões, viscondes, condes, marquezes e duques ; porém dar sciencia a um tolo, valor a um cobarde, virtude a um vicioso, honra a um patife, amor da patria a um trahidor ; fazer de um Plisthense um Affonso de Albuburque, de um Nireo um D. João de Castro, de um Calabar um Fernandes Vieira, de um Christovão Paes Barreto um João de Barros Rego, não póde S. M.

Como, finalmente, os caminhos de S. M. não são os do capricho, sim os da verdade, da justiça, da honra ; e os fins a que elle se propõe, a paz dos povos, a felicidade dos seus subditos e a gloria do imperio ; e estes bens não se podem conseguir, presidindo em uma provincia, onde ha muitos homens de lettras e vastos conhecimentos, homens faltos d'elles, nem tendo a frente de povos guerreiros, e em crises de uma guerra aberta com uma potencia, que, se empenha toda em esmagar-nos, homens cobardes, que com quatro gritos de Pedroso, desamparam seus companheiros no governo, e, por verem dous murrões acêsos, fogem do seu posto e embrenham-se pelos matos, e em lugar de alimentarem a paz dos povos e apertarem os laços de união, os retalham com partidos, semeam a discordia e arriscam a provincia ; deve-se sobrestar na execução da carta imperial, atè que S. M. melhor informado nos dê um presidente digno do lugar, digno da nossa confiança.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

VIII

(QUINTA FEIRA, 19 DE FEVEREIRO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PERNAMBUCO

"A *nossa força consiste mais na intimidade da nossa união, do que no numero dos nossos soldados: desunidos seremos sempre fracos, quando unidos ficaremos invenciveis.*" Assim fallou a verdade pela bocca de um illustre deputado da nossa soberana assembléa constituinte. Esta proposição não admitte replica: a recta razão a tornou em theoria, e a experiencia com a pratica lhe tem grangeado um vigor indestructivel.

A' braços, como estamos, com a *facção portugueza*, que não dorme em querer levar adiante os seus fins desastrosos, devemos formarmo-nos em esquadrão cerrado contra esta *cafila* maligna, que não se contentando de ter transtornado a nossa representação nacional na côrte do Rio de Janeiro, traz emissarios e apaniguados por todas as provincias do imperio para trabalharem no mesmo plano, intrigando, dividindo as opiniões, e fazendo chocarem-se as forças umas contra as outras.

Concentrados todos em um só pensamento de *justiça*, reunidos os sentimentos em um só desejo da *independencia externa e liberdade politica*, dadas as mãos entre nós, e com as provincia nossas limitrophes, na firme esperança de que hade raiar o dia, em que o nosso augusto imperador, rompendo a venda que o cega, dará acceso á luz da verdade, que lhe encobrem a mais insolente adulação e o desenfreiado egoismo dos aulicos, faremos baquear o orgulhoso colosso portuguez, e seremos a salvação dos nossos irmãos brazileiros. Seremos benemeritos da patria, com um inauferivel direito á sua gratidão, ao seu respeito e aos seus elogios, digno premio da virtude, e unico estimulo dos corações nobres. *Contempta fama, virtutes contemnuntur.* (Tacito.)

Longe de nós o chamado *espirito de corporação* ou de reserva, pelo qual cada classe da sociedade pretende conseguir o fim particular, a que se propõe, isoladamente de todas as outras, sem se quererem alliar em reciprocos laços, fóra dos quaes já mais se póde conseguir o fim geral e commum.

Este espirito tem sido fatal por muitas vezes á humanidade ; e a historia, mormente da França no tempo da Liga em 1512 contra Luiz XII, nos apresenta desastrosos exemplos, que devemos ter sempre diante dos olhos, para evitarmos as mesmas calamidades.

O governo politico, a magistratura, o povo, a tropa e o clero, todos devemos estar ligados de feição, que um não possa ser arrastado por algum furacão, a menos que não leve á rojões com sigo todos os outros. Talvez não haja uma tempestade, por mais furiosa, que possa destruir uma tão estreita e apertada união ; o que não succederá, si desunidos pretendermos resistir ao astuto e manhoso inimigo, que nos quer supplantar.

Os Curiacios de Alba, emquanto juntos, venceram os Horacios de Roma ; mas logo que se separaram, cahiram debaixo dos golpes d'aquelle mesmo, que lhes havia dado as costas.

Quando insta o perigo commum, devemos esquecer-nos dos desgostos e querelas particulares ; pôr o fito unicamente na conservação e salvação da patria.

O risonho busto da patria tem bastante alegria para varrer dos corações de seus filhos a sombra das tristezas, e melancolias particulares.

N'este sentido fallou Tito ao embaixador de Porsena, que queria tirar partido dos desgostos, que lhe havia dado o senado de Roma :

Quando a causa commum nos chama ás armas,
No peito de seus filhos Roma extingue
Das rixas e querelas o veneno ;
Vencendo-nos á nós, vamos unidos
Só á vós combater por inimigos.

(*Volt. Brut.*)

Quantas não teem sido as desgraças pelas discordias entre os habitadores de uma praça, de uma cidade, e navegantes n'uma náo ? Lembramo-nos da sempre memoravel a bordagem da fragata *Cysne*, cujos officiaes não dando a tempo noticia ao seu commandante da vela inimiga, que apparecia, pela discordia em que andavam, tiveram o justo castigo da sua desunião, acabando todos debaixo dos sabres argelinos.

Uma das fontes das discordias entre os homens e suas desuniões é a falta do verdadeiro amor da patria, e não termos mais que amor de nós mesmos, adornado das roçagantes roupas do patriotis-

mo. Todos se julgão capazes de tudo, e de ordinario com preferencia aos de mais.

E' necessario que sejamos sinceros o justiceiros. *Nem tudo è para todos , nem todos são para tudo.* A natureza não deu a todos os seus filhos os mesmos talentos, nem no mesmo gráo; e nem a fortuna repartiu com mão igual as mesmas commodidades e meios para se desenvolverem os talentos e lucrarem.

Por isso nem todos tem os mesmos direitos ás mesmas cousas.

Todos os cidadãos são obrigados a adquirir virtudes christãs, moraes e civis, e são máos cidadãos aquelles que as não possuem. Mas tambem, por se ter estas virtudes communs, não se está no direito de aspirar áquelles empregos, que exigem talentos maiores, e virtudes mais sublimes.

Um cidadão, por ser bom pai de familia, esposo fiel, amigo leal, economico de seus bens, não está por isso sò na ordem de governar a náo da patria.

Este empenho exige conhecimentos maiores, que não estão na posse de todos.

Fallando na nossa phrase allegorica, é preciso uma astronomia politica, uma pilotagem, uma manobra, um espirito presago de ventanias e tempestades, uma prudencia afinal, que conheça o fim geral da sociedade, e os particulares de suas diversas partes, uma sabedoria, que escolha os meios mais apropriados e eficazes, e uma fortaleza que lhes dê a pratica e applicação.

O varão que se conhece vasio destes principios, mormente si a grande mestra dos homens, a experiencia, o tem convencido da sua impotencia, si acaso nutre em seu peito um verdadeiro amor da patria, não deve encarregar-se de officios superiores á seus talentos ; e deve depôl-o, si o onus lhe foi imposto por outros.

Que exemplo mais imitavel, que o do marquez de Montalvão, na Bahia de Todos os Santos, que conhecendo pela acção, que perdeu, contra os Hollandezes, lhe faltava a arte militar, entregou a campanha ao conde de Bagnuolo, e militando debaixo de suas ordens, como soldado, alcançou a victoria ?

E' desta feição que obram os verdadeiros filhos da patria, e que se não incham com os sopros da ambição e avareza.

O espirito do nosso amor para o commum é bem explicado pelo propheta Jonas, quando disse aos da náo, em que navegava para Tharsis : *Si por meu respeito se commoveu toda esta tempestade, alijae-me ao mar, para que deixeis de perigar.*

Sem este espelho de desinteresse, de justiça, de generosidade, não poderemos jámais attender seriamente ao bem da nossa patria, á sua grandeza e gloria ; sem uma perfeita união seremos com facilidade rotos e desbaratados ; unamo-nos, pois, em um só pensar, em um só querer.

Um denso e inrompivel véo cubra para sempre os desgostos particulares, as semsaborias, os odios ; perdoemo-nos mutuamente ; e façamos uma hoste terrivel a *facção portugueza*, para não sermos de todo perdidos.

De todos quando ao bem util se torna
Das privadas offensas o perdão,
A' todas é justiça dar de mão.

(*Metast. Cat.*)

PARAHIBA DO NORTE

Nessa provincia,perturbada por vezes por alguns Europeus, unidos á Brazileiros, tem apparecido uma energia não pequena pelo bem da segurança publica ; e os tramas mais manhosos dos inimigos da nossa independencia tem sempre abortado pela vigilante cautela daquelle povo, que detesta a escravidão, debaixo das ordens de um governo energico e prudente.

Logo que lhes constou o desastroso acontecimento da dissolução da soberana assembléa constituinte e legislativa do Brazil, não foi inaccessivel ao choque electrico, que abalou todo imperio ; sentiram, e sentiram bem no fundo d'alma esta desgraça, ha muito planejada pelos chumbeiros do Rio de Janeiro. E porque esta *cafila* soberba traznos seus patricios espalhados pelo Brazil diligentes emissarios, fomentadores de seus perversos sentimentos, e propagadores do systema absoluto, a Parahiba vigilante deu mão de presos a todos os Portuguezes,que ali se achavam de morada á traficar ; e para que neste descarte de oitos e noves não apparecesse algum vislumbre de parcialidade ou injustiça, convocou a 16 de Janeiro um pleno conselho, composto de cidadãos de todas as classes, no qual tratando-se deste objecto e propondo-se os seguintes quesitos, resolveram do modo que aqui se vê-se.

1· Perguntou-se, que destino se devia dar aos Europeus solteiros, que se acham presos ? *R. que deviam ser todos deportados para fóra do Brazil.*

2· No caso de deverem sahir para fóra do Brazil, para que parte serão deportados ; e quem deveria pagar a passagem dos que forem pobres, e não tiverem meios de satisfazel-a ? *R. que fossem deportados para Portugal, pagando os ricos a passagem á sua custa, e á custa do erario a dos pobres.*

3· Si João Antonio Gonçalves, a favor de quem apparece uma assignatura de noventa pessoas brazileiras, pedindo a sua conservação, deve no sobredito caso ser exceptuado ? *R. que era invalida a assignatura, tanto por ter sido alcançada por subornos etc., como por ser falsa toda a allegação ; e que em consequencia devia ser deportado como os outros.*

4· Si no sobredito caso devem ou não os Europeus solteiros relaxar-se da prisão, prestando fiança, e marcando-se-lhes um prazo razoavel para ajustarem suas contas, e se prepararem ? *R. que mesmo para evitar vinganças particulares e insultos se conservem na*

prisão até o dia do embarque, dando-se porem licença para entrarem francamente n'ella as pessoas com quem elles quizessem ajustar suas contas, etc.

5· Si os Europeus casados, que estão presos, ou em homenagem, devem regressar para suas moradias, recommendando-se aos commandantes de policia, que vigiem sobre elles ? *R. que ficassem de homenagem na cidade, e que se mandassem vir para ella todos os outros casados, de que houvessem iguaes crimes,até que summariados fossem expulsos.*

6· Si no caso de serem lançados para fóra da provincia os Europeus solteiros, que se acham presos, devem sahir tambem todos os solteiros, que se acham espalhados pela dita provincia ? *R. que devem sahir todos sem excepção.*

7· Si os Europeus solteiros, militares, frades e clerigos devem entrar no artigo antecedante ? *R. que os militares, que se tivessem distinguido em acções positivas a favor da nossa independencia, e com especialidade na guerra da Bahia,ficassem residindo entre nós ; e os demais todos igualmente deportados. Que os clerigos e frades europeus, que não tivessem praticado algum attentado contra a nossa causa, ficassem ; e os que ao contrario tivessem machinado, ou por factos positivos a ruina do Brazil, pregando, aconselhando de publico alguma má doutrina á isso opposta, ou de quem se presumisse com razões muito provaveis, que tramavam occultamente alguma revolta etc.,fossem immediatamente deportados com o mesmo destino dos acima.*

E tudo isto se passou a executar.

ARTIGOS DA CONSTITUIÇÃO QUE SE ESTAVA DISCUTINDO NA ASSEMBLEA DISSOLVIDA, VENCIDOS ATE' A SUA DISSOLUÇÃO

Em nome da Santissima Trindade

A assembléa geral constituinte e legislativa do imperio do Brazil, depois de ter religiosamente implorado os auxilios da Sabeboria Divina, conformando-se aos principios da justiça e da utilidade geral, decreta a seguinte constituição :

TITULO I.

Do territorio do imperio do Brazil.

Art. 1· O imperio do Brazil é um e indivisivel, e o seu territorio comprehende.

Art. 2· As provincias do Pará, Rio Negro, Maranhão, Piauhi, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe d'el-Rei, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Minas Geraes, Goyaz, Mato Grosso ; as Ilhas de Fernando de Noronha e Trindade, e outras adjacentes ; e por confederação o Estado Cisplatino.

Esta ultima parte ficou adiada até se receber do governo as informações necessarias sobre o estado de cousas de Montevideo, para então se poder tratar d'esta federação. Ainda o governo não tinha dado as informacões até o dia da dissolução da assembléa.

Art. 3· A nação brazileira não renuncia ao direito, que possa ter á algumas outras possessões, não comprehendidas do art. 2·

Art. 4· A constituição mantem a divisão actual do territorio, e para a futura far-se-hão novas creações ou divisões, segundo pedir a necessidade do serviço, e o commodo dos povos.

Mas ficou subsistindo o additamento do Sr. Vergueiro para se tratar d'este artigo,quando se arranjasse o systema de administração.

(Continuar-se-ha)

FALLA DO SR HENRIQUE DE REZENDE NA SESSÃO PERMANENTE DE 11 DE NOVEMBRO, AS DUAS HORAS DA MADRUGADA,PARA O DIA 12

O que è esta assembléa ? O que é o imperador? Ambos escolhidos da nação, ambos encarregados de fazer a sua felicidade, e de curar da tranquillidade e segurança publica.

O imperador se acha em campo armado, cercado de baionetas e de boccas de fogo. E isto o que inculca, senhores ? Que a patria está em perigo, e que não ha tranquillidade na capital.

Elle mesmo diz, que conserva aquella attitude para obviar desordens. Pois então,quando o chefe da nação está vigilante, á frente das tropas, esta assembléa não bade estar em sessão, e os Srs. deputados hão de ir dormir ás saus casas ?

Não.

Esta assembléa deve estar vigilante, em quanto o imperador estiver n'aquella posição.

Em quanto o perigo durar, devemos cooperar com o chefe da nação no restabelecimento do socego publico ; e devemos conservar-nos em sessão permanente até que a ordem esteja restabelecida.

E peço a palavra para quando se tratar da materia.

O maior premio, que se póde prestar á virtude, não é outro que o seu reconhecimento, e a confissão daquelles que gosam de seus beneficios.

Não aspira a outra gloria o cidadão benemerito, que a sobrevivencia na memoria da posteridade ; e nós seriamos muito pouco patriotas, si deixassemos fenecer no pó do esquecimento os nomes daquelles nossos patricios e concidadãos, que pelo desempenho de seus deveres se tem feito credores da nossa consideração e estima.

Entre muitos compatriotas, que pela sua probidade, zelo e fidelidade nos lugares, que lhes confiou a patria, tem um direito a nossa perenne lembrança, apparecem com distincção o juiz interino da alfandega, Caetano Francisco Lumachi de Mello, e o escrivão da receita geral, Miguel Archanjo Monteiro de Andrade. Ambos dignos dos empregos, que occupam ; ambos merecedores de que a nossa tosca penna se exercite em dizer d'elles duas palavras,em prova da satisfação que havemos recebido na leitura do *resumo da importação e exportação* desta nossa provincia, que acaba aquelle de apresentar ao publico pela imprensa, e do *mappa geral*, que este pela mesma via da typographia offereceu ao publico sobre o rendimento, numero de caixas e mais volumes de assucar, que se exportaram desta provincia.

Um e outro impresso, alem de satisfactorios á curiosidade de todos os cidadãos, são de summa utilidade ; pois dão a todos idéas claras das finanças provinciaes adquiridas por estas duas grandes vias, e enchem aquelle direito inalienavel, que tem todo cidadão de saber o estado das forças pecuniarias do seu paiz, mormente na fórma de governo adoptada e proclamada pelo Brazil, em que o governo não é mais que representativo da nação, a qual não deve ignorar o estado dos seus negocios.

Das observações demonstrativas do primeiro se conhece, que ainda que aquella repartição não esteja no apuro de sua administração, como temos ouvido á pessoas conhecedoras daquella economia, com tudo sempre aquelles rendimentos tem sido annualmente em um progresso notavel, e que com qualquer reforma, sustentada por um juiz tão restricto como o actual interino, virá a ser aquella estação, senão a primeira, ao menos uma das primeiras alfandegas do imperio ; no entanto, porém, que o governo não põe suas vistas sobre esta repartição, espera a patria do Sr. juiz interino, que desenvolvendo mais a sua intelligencia e actividade, por si mesmo decepe aquelles estorvos, que obstão ao maior adiantamento dos rendimentos da provincia.

Portanto, prestemos o tributo devido de estima e consideração aos Srs. Lumachi e Monteiro d'Andrade

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

IX

(QUINTA FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PERNAMBUCO.

Quanto mais precisamos de união e identidade em sentimentos e opiniões, tanto mais o genio do mal nos pretende inquietar e destruir !

Ao mesmo tempo que é uma desgraça não concordarem todos os homens em um mesmo plano, quando se trata da sua felicidade, é tambem a cousa mais natural e propria do entendimento e coração humano. Si todos os homens concebessem as mesmas idéas das cousas ; si elles as contemplassem pelo mesmo lado ; si encaminhassem-se todos aos mesmos fins; si tivessem as mesmas paixões, os mesmos gostos, os mesmos interesses, como seria verdade o que o Persio, o Horacio e outros muitos tem dito das variedades dos gostos humanos, e suas inclinações ?

Como se desviariam da mesma derrota, para andarem a bordejar ora ao norte, ora ao sul, ora a leste e ora a oeste? Ainda se não encontraram dous navegantes, que sahindo do mesma porto, para o mesmo lugar, seguissem a mesma escala. O mesmo capitão Cook toma diversos rumos, e não toca os mesmos lugares nas tres viagens, em que circula o globo da terra.

Seria um aborto do genero humano si Pernambuco fizesse nesta parte uma excepção. Então podiamos dizer, que não sendo amassados os Pernambucanos do mesmo barro damasceno, haviam cahido do concavo da lua ou outro algum planeta sobre esta plaga da terra. Os Pernambucanos são homens, como outros quaes quer, sugeitos á paixões, dotados de fragilidades, e movidos cada um por seu estimulo diverso ; uns com a penetração de Lynce, outros com a cegueira de Hypsea ; estes com o patriotismo de um Catão, aquelles

com a perfidia de um Catilina; quaes adevinham como Mopso, taes espiam como Echion ; temos Cezares, temos Pompeos, temos tudo que é bom, e temos tudo que é máo. Somos homens sugeitos á tudo que é dos homens.

E' por estas razões, que apezar dos energicos esforços de Pernambuco para chegar á Colchida da felicidade, em que conquiste o aureo velocino da independencia e liberdade, não lhe tem sido possivel fazer uma viagem toda de bonança, e tem de dissolver as exhalações terrestres, que levanta um *Martins*, e deslisar as nuvens maritimas, que lá na Ilha de Fernando de Noronha engrossa um *Salgueiro*.

Si em alguma classe da sociedade é necessaria a subordinação e obediencia aos superiores, e o rigor da disciplina, é na classe militar. O caracter do soldado destinado para as cruezas de Marte, munido do ferro, que a patria lhe põe entre as mãos para defendel-a, o torna terrivel e temeroso aos seus concidadãos e de summo perigo para a sociedade, mormente quando o soldado tirado da ultima classe do povo não tem costumes, e olha para sua profissão como uma salva-guarda dos crimes e attentados.

A historia do universo está cheia de funestos exemplos dos abusos da força armada ; o Rio de Janeiro nos deu um estrondosissimo, e o nosso Pernambuco não tem sido isento destas irregularidades,

O esquadrão de cavallaria nos tem apurado a paciencia, principalmente depois que foi commandado pelo capitão Francisco José Martins, e achou apoio no passado triumvirato.

Entregues á mais escandalosa e perjudicial relaxação, não poderam sustentar por muitos dias a disciplina, á que os quiz chamar o major Tota; e colligando-se entre si na noite do dia 12 do passado Janeiro, desertaram do quartel em numero de quasi trinta soldados acompanhados de um cabo e dous anspeçadas, tendo primeiro arrombado os caixões da munição, e indo d'ella bem providos, procuraram ao dito Martins, que se achava no engenho velho do Cabo, á titulo de licença.

Constando a deserção, o excellentissimo governo politico e o commandante das armas tomaram as mais energicas e promptas providencias ; destacaram logo para o lugar dos Afogados um presidio, que prohibisse a continúação da deserção, e mandaram perseguir aos desertores por duzentos e doze homens,commandados pelo major Bento José Lamenha Lins. O major fez a sua marcha com tanta rapidez,contra a esperança dos desertores,que constando-lhes estar na Ponte dos Carvalhos os que os perseguiam, deixavam a companhia do Martins, que os tinha amigavelmente acolhido e rogado ao commandante das armas pela volta dos soldados para o Recife,porem debaixo do commando d'elle Martins, e se passaram á provincia da Alagôas.

Varios foram os discursos sobre este successos, e apezar de que o Martins no seu officio de 13, e carta de 16 de Janeiro ao commandante das armas se houvesse mostrado isento de influencia para esta desordem, com tudo todas as pessôas, que conheciam de

perto este Cerebelita,e sabiam o quanto se havia doido de ficar sem o commando do esquadrão,e dos planos e encomendas do Rio, que lhe faltavam executar para então condecorar seu nobre e altivo peito com o Cruzeiro do Sul, foram pertinazes no pensamento de que elle fôra o autor, conselheiro e fomentador d'aquella deserção.

Não se enganaram, porque tudo constou do officio de 24 de Janeiro do governo das Alagoas, no qual declaravam ao nosso, que lá se achavam vinte tres soldados do esquadrão da 1. linha, os quaes haviam desertado com a protecção do capitão Francisco José Martins, de quem levaram uma carta para o tenente coronel Jacintho Paes de Mendonça, na qual certificava o Martins, que os taes soldados se retiravam, porque Pernambuco estava a proclamar o systema democratico, e que esperasse por elle e outros officiaes ; carta que foi remettida pelo tenente coronel Mendonça áquelle governo e lida pelo Exm. Muniz Tavares, segundo constado officio. deste de 24 de Janeiro ao Exm. presidente Carvalho.

Por este motivo, e em consequencia de ter aquelle esquadrão sido em todo tempo instrumento do desassocego publico, e não dar esperanças de reforma e utilidade á provincia, se julgou conveniente ser extincto, como foi, encorporando-se os seus officiaes e soldados aos outros corpos da praça ; e o bom do Martins estando recolhido a fortaleza do Brum, teve a habilidade de illudir ao commandante d'aquella fortaleza, que o levou a sua casa para arranjar seus negocios, e de volta d'esta fugiu vergonhosamente, deixando aquelle official compromettido, e sugeito á um conselho de guerra, por suppor que tinha probidade quem nunca soube o que ella era.

Este novo Fouché dizem estar lá para o Cabo, feito um dos Urdemalas, que aconselham ao morgado para procurar loucamente a presidencia do governo da provincia, com á esperança de ser o governador das armas.

Que militar ! Que capitão para conduzir a sua companhia ao perigo e a gloria ! Nem no imperio do Monomotapa, em que as tropas são de mulheres, se encontra um official como Martins.

Tambem, deixando partidos, não acho nesta acção do capitão *ligeiro* cousa alguma vergonhosa ; porque muita gente bôa tem fugido. Moreau foi grande e inimitavel nas retiradas, e o duque de Placença, Le-Brun, quando a Hollanda fez o seu levantamento, não esteve lá por pontos de honra militar, á frente das autoridades francezas, correu mais ligeiro que um viado.

Em quanto esta fria neblina do Cabo se vai desfazendo pelo calor dos amantes da ordem e tranquillidade, e pela adhesão constante das nossas tropas ao seu dever de se não intrometterem nos negocios politicos, voltemos as nossas vistas para

ILHA DE FERNANDO DE NORONHA.

Nessa Ilha, que em tempos mais remotos ha estado por duas

vezes em mão dos nossos inimigos de outra'ora, os Francezes, se levantou uma cerração, que de modo escureceu a sua atmosphera, que nos não deixa ver com clareza os sentimentos politicos da sua guarnição; antes parece querer arrastar terceira vez os ferros do captiveiro.

Ainda que a sua total dependencia desta praça, a respeito de gente, mantimentos e soldos, seja sufficiente razão para não recearmos males de consequencia no negocio da nossa independencia, com tudo não devemos olhar para ella com indifferença, a fim de que a faisca desprezada não levante o incendio. Basta lembrarmo-nos que alterando-se o patriotismo d'aquella guarnição, e esfriando o amor pela liberdade da patria, temos mais este estorvo á santa causa, que propugnamos; e não convem desprezal-o, quando estamos a cortar por todas as cabeças da hydra do corcundismo.

A 3 de Janeiro passado chegou o barco *Bandurra*, vindo d'aquella Ilha, e com elle a noticia de umas extravagancias corcundaticas do seu commandante, o major de artilheria José Bernardo Salgueiro; as quaes nos fazem duvidar do patriotismo d'aquelle official e sua adhesão á causa do Brazil.

E' bem verdade, que o deleixo das juntas provisorias passadas em não mandarem para aquella Ilha bandeiras do imperio, foram occasião de apparecer mais visivelmente o caracter d'aquelle official; mas este descuido em outra qualquer pessoa, que não fosse de taes sentimentos, produziria o effeito contrario, como succedeu com os officiaes e empregados d'aquella Ilha. Estes, vendo que em nenhuma das fortalezas e reductos havia bandeira imperial, e, nada obstante já se haver proclamado ha mais de um anno a nossa independencia, ainda se usava da *bandeira portugueza*, isto é, bandeira de *uma nação inimiga*, de accordo com o comandante Salgueiro, formaram uma bandeira imperial, para se arvorar na forta dos Remedios no anniversario da acclamação de S. M.

Na vespera desse dia foram todos ao quartel do commandante e lhe offereceram a bandeira, com um proclama, proprio da solemnidade, para se ler ás tropas. O governador ou commandante os recebeu com agasalho, e igualmente a offerta; mas nas costas d'elles, atacado do espirito do corcundismo, como antigamente Saul do espirito maligno no meio dos melodiosos sons da harpa de David, fez chamar a sua presença o tenente Cortez, e abrindo-se com elle, lhe declarou, que não arvorava tal bandeira imperial, e mandou rasgar o proclama ,encomendando-lhe que fosse acommodar aos officiaes e empregados, offerecendo-lhes, si fosse necessario, de quatrocentos a quinhentos mil reis.

O official deu execução á encommenda. Apezar de não conseguir dos officiaes e empregadas o desistirem do projecto, não se arvo rou no dia seguente a bandeira imperial.

O governador ao depois, chamando á consulta unicamente quatro offiiciaes, a dous dos quaes seduziu com conselhos, obteve a decisão de que se arvorasse a bandeira portugueza; o que sabendo-se, foi motivo para que os patriotas por meio de uma repre-

sentação, na qual assignaram os mesmos dous officiaes do conselho, obstassem á este attentado. O governador contemporisou, e cedendo ás circumstancias, fingiu mudar de opinião ; porem no dia 23 de Outubro appareceu um soldado do primeiro batalhão com um assignado, em que se pedia a bandeira portugueza, procurando subscriptores ; accusado ao governador o soldado, e vindo á sua presença, foi convencido d'aquella sediciosa alliciação ; mas o resultado foi o governador louvar ao soldado, e arvoral-o em sargento ; e no dia seguinte fazendo ajuntar a frente do quartel toda guarnição da Ilha, mesmo os destacamentos das fortalezas e reductos, lhes fez uma oração recheada de mil sandices contra a bandeira imperial, por ser feita de retalhos de fazenda, e não ter benção, e conseguiu da guarnição pedirem a bandeira portugueza, por ser a verdadeira, e a bandeira do seu soberano (*o rei de Portugal*), e contradictoriamente acabou a patuscada com *vivas ao imperador* : e a frente da guarnição foi arvorar a bandeira portugueza na fortaleza dos Remedios.

Devendo esta ovação ser applaudida por algum brodio, mandou-se dar gratis aos soldados muita aguardente, sendo o sainete desta festa bacchanal sarcasmos, pecuinhas e insultos aos officiaes e empregados.

Depois disto, em um dos lucidos intervallos, conhecendo o bom do governador o seu perigo, e querendo inhabilitar de deporem contra elle os offendidos, por denuncias dadas por pessoas de seu seio, de que o pertendiam assassinar, fez abrir devassa, em que juraram os mesmos denunciantes, e tudo que era soldado immoral e debochado, rematando a tragedia em prisões de uns, e ameaços contra outros.

O governo da provincia deu a devida attenção a este negocio, e acaba de mandar render aquelle official pelo coronel Luiz de Moura Accioli de Miranda Henriques.

Conhecíamos o Salgueiro desde 1817, e nunca demos muito pelos seus sentimentos liberaes ; mas em verdade não esperavamos, que, depois de ter o Brazil proclamado a sua independencia, tendo á sua frente o senhor .D Pedro I., o nosso Salgueiro fosse um sebastianista, que esperasse pela volta do governo do rei de Portugal, e que preferisse a obediencia á um rei, que nos tinha causado tantos males, á de um imperador, que se havia sacrificado por nós, e dava a esperar toda sorte de bens, toda grandeza, e levar-nos ao templo da gloria. Mas a final são gostos, e lá disse o poeta : *Trahit sua quemquam voluptas.* Que lhe faça muito bom proveito !

WASHINGTON, 2 DE DEZEMBRO DE 1823.

Abrindo-se nesta cidade o congresso para a nova legislatura, James Monroe, presidente daquella republica, dirigiu ás camaras do congresso, immediatamente depois da sua abertura, uma eloquentis-

sima mensagem, da qual extrahimos as seguintes passagens, por estarem em relação com os nossos negocios.

" Nós somos por necessidade mais proximamente interessados nos successos deste hemispherio, (*americano*) e isto por motivos bem conhecidos ao observador judicioso e imparcial.

O systema politico das potencias alliadas (*europeas*) é absolutamente differente do systema da America. Esta differença provem da que existe em seus respectivos governos.

Quanto ao nosso systema estabelecido á custa de muito sangue e immensos thesouros, sustentado e aperfeiçoado pela sabedoria dos nossos mais illustrados cidadãos, e á sombra do qual temos gosado uma felicidade sem exemplo, toda familia americana está unida em sentimentos para defendel-o.

Nòs devemos, entretanto, em obsequio e franqueza da boa intelligencia, que reina entre os Estados-Unidos e aquellas potencias, declarar, que nós consideraremos qualquer attentado da sua parte, para extender este systema (*europeu*) a alguma parte deste hemisphero, como perigoso a nossa paz e segurança.

Nós jámais nos intromettemos, e nem é da nossa politica fazel-o, com as colonias ou dependencias de alguma nação europea ; porem devemos declarar, que quanto aos governos, que tem declarado e sustentado a sua independencia, e cuja independencia nós reconhecemos, por muitos motivos e justos principios, jámais poderemos ver a ingerencia de alguma potencia europea com o fim de oprimil-as, ou de alguma maneira decidir do seu destino, senão como um manifesto quebrantamento da amizade e boa intelligencia para com os Estados-Unidos.

Nós decláramos a nossa neutralidade na guerra entre aquelles novos governos e a Hespanha no momento em que os reconhecemos ; e nisto temos persistido e persistiremos, em quanto não houver um motivo, que no parecer das competentes autoridads deste governo peça uma mudança de politica da parte dos Estados-Unidos para a sua segurança.

Os ultimos acontecimentos de Hespanha e Portugal provam bem claramente, que a Europa se acha ainda em estado de convulsão. Este facto é incontestavel,nem carece de uma prova mais evidente, do que haverem as potencias alliadas tomado o expediente de por algum motivo, que convem ao seu systema, intrometerem-se nos negocios internos da Hespanha, pelo meio da força.

Até que ponto uma tal ingerencia debaixo dos mesmos principios será levada, é uma questão, que interessa á todos os povos independentes, cujos governos differem dos d'aquellas potencias, ainda mesmo as mais remotas, e seguramente nenhum é mais interessado do que os Estados-Unidos.

A nossa politica de não nos intromettermos com os negocios internos da Europa, por nós adoptada logo no principio das guerras, que tanto e por tanto tempo tem agitado aquella parte do globo, permanece ainda da mesma sorte em toda sua força.

Esta politica nos tem ensinado a considerar o *governo de facto*

como governo legitimo para nós, cultivando amigaveis relações com elle, sustentando sempre essas relações por meio de uma politica franca, poderosa e firme, submettendo-nos sempre ás justas reclamações de qualquer potencia sem soffrer injurias de nenhuma.

Quanto, porem, á este continente, as circumstancias são claras e absolutamente differentes.

E' impossivel que as potencias alliadas possam extender o seu systema politico á algum ponto d'elle, sem ameáçar a nossa paz e felicidade ; e nem mesmo alguem póde crer, que os nossos irmãos do Sul, deixando-os obrar por si mesmos, adoptem o systema europeu.

E', pois, impossivel, que nós soffiramos indifferentemente um tal intromettimento.

Si reflectirmos na força comparativa e recursos da Hespanha, relativamente aos novos governos da Amecica, e a distancia entre aquella e estas, evidentemente veremos, que ella jámais poderá reconquistal-os. Entretanto, a verdadeira politica dos Estados-Unidos pede, que deixemos decidir a questão entre ambas as partes, esperando que as outras nações sigam o mesmo systema. "

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

X

(QUINTA FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

PERNAMBUCO

O primeiro dever do homem, para viver tranquillo e conseguir a verdadeira felicidade, é, segundo o philosopho, conhecer-se a si mesmo—*Nosce te ipsum*. Por falta deste conhecimento, nós nos precipitamos em muitos abysmos.

Para não trabalharmos em vão, e gastarmos o tempo precioso sem utilidade, devemos tomar o conselho do Lyrico latino... *Fazei seria reflexão, qual os hombros peso esperem poder supportar, qual soffrer não querem.*

Si um, que não é Atlas, quizer pôr sobre o costado a machina celeste, hade por força esmichar e ficar esmagado debaixo de tão desmedido peso.

O que não for tão monstruoso, quanto Polyphemo,como deixará de afogar-se, si pretender vadear o oceano ?

Aquelle que não calculando os gastos, que requer o edificio, que planeja, metter mãos á obra, ver-se-ha na indispensavel necessidade de a deixar em meio, servindo de fabula ao viageiro, que lhe dirá : *começou a edificar e não pode consumar.*

Eis o caso do morgado na presidencia desta provincia.

Por não conhecer exactamente suas forças, ou não querer dar pelo sufficiente conhecimento que dellas tinha, e deixar-se levar dos conselhos de *Aristippo* natalense, do capitão *Ligeiro*, e do *Confucio* asiatico e outros, passou pelo disgosto de ser terceira vez excluido da presidencia procurada.

E pelo que ouvimos e vimos, esperamos, que mil vezes será excluido, si mil vezes intrigar para sentar-se na cadeira de Moysés ; por quanto, ainda que a tenham occupado escribas e phariseus, com tudo as conjuncturas actuaes da nação não dão a esperar a volta d'es-

ses dias de uma obediencia cega, atravez dos prejuizos e ruina da sociedade.

Celebrou-se, no dia 21 do passado Fevereiro, o conselho dos procuradores das camaras da provincia para se decidir, si acaso depois de haver-se affectado á S. M. I. e C. o negocio da presidencia politica do morgado, dever-se-hia dar ouvidos á chicana, com que elle argumentava, e dar-se-lhe a posse, que tão ambiciosa e sofregamente procurava; e por unanimidade de votos foi da sua pretenção excluido.

E' já o terceiro juizo, que tem o morgado contra si: isto é já muito!

Desgraçado o homem, que chega a incorrer no desagrado geral, e por ventura execração de sua patria!!

Por outro tanto, e muitas vezes por menos muitos tem deixado os maiores interesses dos paizes, que habitavam, e os lugares que occupavam. Sirva de exemplo o cardeal Mazarino, quando cedendo á perseguição dos grandes da França, deixou o lugar de ministro de estado, e sahiu do reino em 1649.

E será o morgado tão importuno, que trate ainda de semelhante negocio? Estamos persuadidos, que si o morgado fosse deixado ao seu unico entender e obrar, não se arriscaria a passar pela sem-saboria de se vêr reprovado pela presidencia, feito o acipipe da multiloquencia e ociosidade.

Praza ao céo, que esta lhe sirva de escarmento para conhecer os seus verdadeiros amigos, e separal-os dos que costumam, como lá dizem, *tirar a sardinha com a mão do gato.*

Queremos ver, que cataplasma emoliente lhe põe agora algum de seus conselheiros sobre o odio, com que lhe ficou a provincia e mesmo algum dos amigos, que lhe restavam.

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

No dia 10 de Fevereiro passado reuniu-se, na casa da camara d'essa cidade, um grande conselho de cidadãos de todas as classes, convocados pelo edital do senado de 4 do mesmo mez.

E assistindo tambem o presidente politico, o Sr. Vianna, resolveram abraçar o projecto de constituição, offerecido por S. M. I. e C., como lei fundamental para o imperio do Brazil, sem ser precisa a sua decisão e approvação pela assembléa geral constituinte, como S. M. havia determinado no seu decreto de 13 de Novembro do anno passado; porque no tal projecto se achava bem regulada a divisão dos poderes, e se garantia e a assegurava a liberdade e prosperidade do Brazil.

Que inconstancia a d'essa cidade!

Quando sobre ella inclino minhas vistas, parece-me descobrir o *Estreito de Negroponto*, cujas aguas fervidas no espaço de vinte e quatro horas fazem sete enchentes, e outras tantas vasantes ; ou, como diz Livio, a maneira dos ventos inconstantes, correm já para uma, já para outra parte, como uma caudalosa torrente, que se despenha de alcantilado monte.

O povo dessa cidade, no dia 13 de Dezembro, exaltado em excesso com a noticia desastrosa da dissolução da assembléa constituinte, lança uma acta na camara, pela qual se desligava da obediencia ao imperador, si já e já não restabelecesse a assembléa dissolvida ; e determina que se ponham em estado de rebater todas as pretenções do Rio de Janeiro, e etc. ; e por tres dias entregue a uma formal anarchia, espanca, fere e mata Portuguezes. No dia 17, quando mal eram passados cinco dias, ajuntando-se de novo na sala do palacio do governo, mandam aspar a primeira acta, por não se compadecerem com a dignidade e decoro da provincia as expressões pouco reflectidas, que nella se escreveram ; e lavram outra mais moderada, na qual exigem de S. M. apresentasse immediatamente o projecto da constituição duplicadamente mais liberal, como havia promettido, para que, depois de examinado pelas camaras, fosse approvado ou não pelos deputados das provincias em assembléa constituinte, de novo convocada. Chega, porém, o marechal Felisberto Caldeira, e, depois de certas conferencias, ajunta-se de novo um conselho a 10 do passado Fevereiro, e assentam de jurar o projecto como constituição fundamental do imperio, sem ser precisa a discussão pela assembléa, e muito respeitosamente rogam a S. M., que por sua alta bondade se digne mandar jurar já e já, e observar o projecto como constituição do Brazil.

Que inconstancia ! Que contradicção !

Parece-me ver naquella cidade as nuvens sem agua do Apostolo, que se movem com qualquer vento de doutrina.

Ora, sêde lá juiz com taes mordomos !

Quem poderá afiançar a constancia neste ultimo assento ! Nós, com effeito, nada damos por elle, muito principalmente quando consta, que elle foi o resultado das diligencias do marechal Felisberto contra o voto do povo ; o qual, como diz uma carta de pessoa de probidade daquella cidade, *está animado de bons e nobres sentimentos, e nos primeiros dias da desastrosa nova da dissolução da assembléa, foi extrema a sua exaltação, e só se ouvio um grito geral de independencia, constituição, ou morte* ; e apezar da cabala marotal, muito pouca gente tem assignado este assento.

Aqui vemos verificado o que dos ajuntamentos dos povos disse o orador de Roma na oração pro Planco : *Quod fretum, quem euripum tot motus, tantas, tam varias habere creditis agitationes, comutationes, fluctus, quantas perturbationes, et quantos œstus habeat ratio comitiorum ?* Não ha mar, não ha euripo, que tenha tantos movimentos, tantas e tão varias agitações, mudanças e ondas, quantas perturbações e quantas calmarias os commicios e ajuntamentos do povo.

Si nestes diversos ajuntamentos só entrasse a classe do povo, nada admiravam estas mudanças, pois que a volubilidade e o amor da novidade é, como diz o Venusino, o caracter essencial da populaça; a qual hoje lança por terra e despedaça as estatuas, que hontem levantou aos seus bemfeitores e aos seus heróes. Mas que tenham assim obrado homens, que pelos seus talentos, sua doutrina e suas acções pareciam estar sobranceiros ao povo, nos faz ou chorar com Heraclito a loucura e inconstancias dos homens, ou dellas nos rirmos com Democrito.

Um destes, que a 12 de Janeiro escrevia para esta cidade: *O novo projecto de constituição já aqui* (na Bahia) *appareceu, mas não duplicadamente mais liberal, como se nos promettia.... Si este projecto, depois de padecer pelo mesmo conselho de estado algumas emendas e additamentos, fosse exposto á approvação dos povos, o negocio seria breve e igualmente legal; pois que pouco importa, que elle seja dado pela asssembléa ou pelo imperador,* (*) *uma vez que os povos conservam, e mostram a sua suberania dizendo—queremos, porque nos convém*—; no conselho de 10 de Fevereiro não lembrou uma só emenda, e additamento digno da sua doutrina, e votou para que se jurasse já e já, como constituição eterna do imperio do Brazil, o projecto, e para que não houvesse mais assembléa constituinte, que o discutisse.

Si esta contradicção enoja aos homens racionaes, não os chocam menos as razões futeis, e as proposições falsas, que ali se emittiram para sustentar, que se não deviam celebrar mais côrtes constituintes. A vista dellas, podemos dizer com Persio: *Quis iniquæ tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?* Uma das razões foi porque *de ordinario as assembléas constituintes são focos de sedições, e grandes males tem causado ás nações*, e pretendeu-se sustental-a com exemplos de algumas assembléas, vindo afinal cahir na do Rio de Janeiro.

Sobre esta já nos nossos numeros antecedentes dissemos quanto basta, a respeito das de outras nações fallaremos de uma por todas.

Não tem havido corpos deliberantes mais celebres, do que as assembléas *constituinte e convencional* da França.

Ellas foram as mais agitadas pelas paixões de seus oradores, as mais divididas pelos partidos, e postas nas circumstancias mais difficeis e tempestuosas; e com quanto as pinte de côres carregadas e medonhas Lacretelle, os resultados das suas deliberações não foram inuteis e damnosas aos Francezes. Apezar de todas estas dificuldades, diz Bonin na sua *Revolução Europea* fl. 101, ellas lançaram os primeiros fundamentos, uma das leis, e outra da gloria nacional: e todos sabem, que si os estados geraes da França de 1789 não fizeram todo bem, que se desejava, foi unicamente pelas terriveis opposições, que lhes offereceram o rei, o clero e a nobeza.

---

(1) Lea-se o nosso numero 5.

E poder-se-ha dizer do Brazil, que esteja em circumstancias identicas ás da França no tempo da sua revolução?

Não ha cousa tão facil e util para impor a multidão, do que allegar de falso, ou com alterações, mormente si se tem ido ás universidades.

Muitas pessoas ficaram, como tomadas do lobo e estupefactas, quando receberam esta nova; mas nós descobrimos nella a confirmação do deploravel estado daquella cidade, descripto por um seu natural, sabio observador e digno patriota. Dizia, pois, elle a 13 de Janeiro deste anno: *Ao computo de tantos males, e de um porvir funesto, reina a maior apathia e indifferentismo, e cada um cuida em reconcentrar-se á tratar de seus privativos interesses, como si nesse abrigo do egoismo podessem ficar fóra do contacto das calamidades publicas. Entretanto, não vejo um Moysés, que nos tire deste terrivel estado de anarchia, e que nos conduza ao desejado fim, porque devemos anhelar. Em uma palavra, desta provincia nada se póde esperar de congruente; tudo é vacillação, inconsequencia e divergencia de opiniões; não ha senão um odio desatinado contra Portuguezes, e uma anciedade para lhes abarcar todo seu commercio, e monopolizar as mercadorias, e de obter honras, distincções e empregos;* e mais adiante comparando o estado da Bahia com o de Pernambuco, acrescenta, *summamente me agradou a conducta que nesta conjuncção tem seguido essa provincia,* (Pernambuco) *ella é consequente e condigna de um povo livre. A Bahia pelo contrario tem aberrado dos verdadeiros principios constitucionaes, e atarantada e sem tino divaga, como impellida por oppostos empurrões, que recebe, querendo-se pegar a tudo, como um doente, que desesperado da sua cura, faz todos os remedios que lhe ensinam.*

Já esperavamos por este resultado, quando vimos os periodicos daquella cidade *Echo da Patria e Independencia Constitucional*, depois de muitas cerimonias para dizer o seu voto sobre a acceitação do projecto, desabaram ambos em que se devera jurar já e já, como constituição do imperio, sem ser discutido por assembléa constituinte. Logo entendemos, que a *facção felisbertina* tinha deste modo mandado aplainar os caminhos, e predispor o povo para não extranhar a proposta.

Assim fez no Rio de Janeiro o *conselho dos decemviros*, quando quizeram apresentar no projecto o *poder moderador*. Sahiu o veneravel Beda dos antoninos fallando no *poder moderador*, e desejando que no projecto elle fosse comprehendido; e ao depois chorou de prazer por terem os redactores do projecto acertado com aquelle poder, que lhe foi revelado, quando em sua oração mental se viu arrebatado ao quarto céo.

Esta velhacaria grosseira dos periodistas bahianos, vendidos a *facção felisbertina*, não illudiu a ninguem; e escandalisou a todos o miseravel e insolente argumento, em que se fundou o *Echo da Patria*, para dar tão bom conselho.

Quiz o Sr. *Echo*, que se approvasse o projecto *nemine discrepante*, só porque o senado do Rio de Janeiro o approvou, mandou

ao povo subscrever ao seu voto, pediu a S. M. que queria jurar, e o jurou finalmente. Apage! Com tanto servilismo!

Pelo que vejo, quer o Sr. *Echo* fazer depender do Sr. *Lucio e companhia* do Rio a sorte do imperio do Brazil!

Esta ainda está peior, do que aquella do mesmo *Lucio e companhia*, quando disseram, que a nova assembléa constituinte não poderia fazer mais que repetir o mesmo, que se disse no projecto, por outras palavras, porque entre os redactores do projecto haviam homens de muitas lettras, sabios em politica; e no senado do Rio quanta gente ha desta qualidade?

Então á estes é que deve ficar entregue a sorte do Brazil?

Porque razão o senado do Rio deve de ser a bussola do Brazil, ou, como Vmc. diz, deve servir de guia a todas as demais provincias, mormente em negocios de tanta monta?

O senado do Rio tem tanto direito para nos dar a lei, como o de *Meracugepe* nessa Bahia, e o da *Jacoca* na Parahiba do norte.

Antes ha uma razão ponderosa, pela qual nunca deve o Brazil lembrar-se do senado do Rio para seguir seu exemplo, apezar do seu estrepitoso alcunha *de muito leal e heroico*; a qual é, que este senado é a mais escrava de todas as camaras das provincias do imperio; é o senado, que nunca obra com liberdade pela immediata influencia do ministerio, por estar cercado de baionetas da *facção portugueza*, e no meio dos chumbeiros. Só se elegem camaristas aquelles, que quer o partido dominante; e depois de eleitos ou assignam de cruz as minutas, que lhes são transmittidas pela *facção portugueza*, ou redigem seus trabalhos debaixo da sua influencia e auspicios.

Basta lançarmos os olhos sobre os factos, que hão tido lugar naquella côrte, desde que se trata da causa do Brazil, para não duvidarmos desta asserção.

Si as camaras se illudirem com o terreiro de patacão *do illustrissimo senado da muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro*, é que ellas hão de cahir em corriolas.

De mais, quanto não é o despejo do Sr. *Echo*, quando avança que o senado do Rio foi quem nos deu a *independencia, o imperio e o imperante!*

Eis uma valentia, que eu invejo.

Como olharão para esta proposição as provincias do imperio?

Si essas provincias não achassem justiça e conveniencia em se separarem de Portugal, e tratarem da sua emancipação; si não tivessem, cada uma de per si, proclamado a sua independencia, e acclamado em imperador constitutucional o senhor D. Pedro, haveria independencia? Haveria imperio? Onde estaria o *senado da muito leal e heroica cidade?*

Talvez, que o navegante ao atravessar a altura de vinte e tres gráos de latitude antarctica, dissesse como antigamente de Troia: *Hic est locus, ubi Troja fuit.*

Qual foi, já não digo a provincia, sim a cidade ou villa, que

acclamou ao senhor D. Pedro imperador constitucional, porque o senado do Rio o tivesse feito ?

Não consta de acta nenhuma, em que se tratou destes negocios ; antes o que sabemos é, que muitas camaras tem tomado tal teiró com o senado do Rio, que basta qualquer negocio vir tangido por elle, para se julgar logo uma má cousa, desconfiarem da sua justiça, e ficarem com a pulga atraz da orelha. Já tenho ouvido applicar-se ao senado do Rio aquillo, que do de Roma disse Catão :

.....Il senato.
Non e piu quel de pria, di schiavi é fatto.
Um vellissimo gregge.

E este é o senado, que os Srs. Bahianos do conselho de 10 de Fevereiro seguiram *more pecudum* !

Desgraçada provincia ! De que te servem os profundos conhecimentos de muitos de teus filhos, si elles degradando-se daquelle nobre e racional orgulho, que dão ao nosso coração as luzes das sciencias, se deixam levar das pequices de lisongeiros e egoistas, sacrificando os verdadeiros interesses de sua patria, a nobreza e soberania de sua nação !

Um destes, em quem se punha toda esperança, a 30 de Janeiro escrevia para esta : *E' de lamentar que não possa eu em tão arduas circumstancias desempenhar o conceito, que de mim se faz, porque o numero dos pirús é aqui extraordinario* ; e dez dias depois foi o pirú de maior roda que se apresentou no conselho !

O vanas hominum curas ! O pectora cæca !

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XI

(QUINTA FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

CARTA QUE O MARECHAL FELISBERTO CALDEIRA BRANT-PONTS ESCREVEU AO SR. FRANCISCO MUNIZ TAVARES

Illm. Sr. Muniz Tavares.—Aqui cheguei a 30 do passado, na minha digressão para Londres, aonde conto chegar nos primeiros dias de Abril; e grande foi o meu pezar por não encontrar o nosso collega o Rvm. Venancio, e muito maior ainda por não poder tocar em Pernambuco. Em taes circumstancias, recorro á V. S. como bom patriota, para que dirija a opinião desses Srs. do Recife, que se deixam seduzir com theorias do bello ideal.

Nenhuma constituição ainda se fez perfeita, todas tem mais ou menos defeitos; porque tal é a partilha da triste humanidade. O projecto offerecido pelo imperador, além do conselho provincial dos vinte e um, que V. S. e seus companheiros se não atreveram á conceder no outro projecto, produz o grande bem de se installar neste mesmo anno a assembléa geral, sem a qual não ha garantia.

Já saberá, que as provincias do sul adoptaram este projecto como constituição do imperio, e da acta inclusa verá, que o mesmo fez a Bahia. Creio, que Pernambuco nada póde fazer de melhor, do que seguir o mesmo exemplo, começando por installar o morgado do Cabo na presidencia, para que S. M. I. o nomeou, deixando o Carvalho retirar-se com mais algum outro demasiadamente compromettido; porque escapam assim ao castigo, e carregando com toda culpa, deixam a seus patricios livres de devassas, etc. etc.

O marquez do Maranhão está aqui a chegar, e seguirá logo para Pernambuco, aonde temo se renovem as desgraças de 1817, si V. S. e outros patriotas de igual saber e virtude não aproveitarem

o tempo para remediar despropositos, commettidos por espiritos exaltados.

Aqui tambem houve muita gente, que, no nomento de saber da dissolução da assembléa, deu por páos e por pedras; mas houve espiritos rectos, como Calmon, Lino e outros, que souberam remediar, fazendo riscar e borrar quanto se havia escripto nos dias anteriores a 17 de Dezembro.

Aceite V. S. este parecer de um Brazileiro, que só quer a independencia do imperio, e dê-me noticias suas para Londres,na certeza de que sou de V. S. amigo e obrigado criado.—*F. C. Brant Ponts.* —Bahia 14 de Fevereiro de 1824.

REFLEXO'ES A' CARTA ACIMA

Qual será o Pernambucano, digno deste nome, que possa ler sem indignação os atrevimentos, as insolencias desse impostor ?

Sempre foi atrevida e imprudente a ignorancia e a philaucia !

O que é, que tem feito Pernambuco, depois da presidencia do Exm. Carvalho, que seja um crime, objecto de devassas, digno de castigo, e de que se repitam as scenas de 1817 ?

O morgado não foi o mesmo, que, por estar inteiramente convencido de haver perdido a opinião e estima publica e a força moral, e por ver a provincia dissidente, parte com as armas na mão, e outra parte proxima a tomal-as, e aberto o estadio da guerra civil, convocou um conselho a 13 de Dezembro, composto de cidadãos de todas as classes, e na presença delles se demittiu do governo ?

Que se devia, pois, obrar em taes circumstancias ?

Ficar a provincia sem governo, entregue cada um a si mesmo e n'uma perfeita anarchia ?

Parece, Sr. marechal, que isto ninguem quereria. Logo se devera, como fez o conselho, eleger um governo temporario, até que o collegio eleitoral da provincia, em que ainda existe a delegação dos povos, elegesse outro ; até que S. M. I. providenciasse. A forma desta eleição não devera ficar ao arbitrio nem do conselho, nem do collegio ; não haviam guias na provincia, que remediassem estes casos ; o decreto de 3 de Setembro de 1821, das côrtes de Lisboa, já não valia para nós ; só tinhamos a carta de lei de 20 de Outubro do anno passado ; e cingindo-se o conselho e collegio, quanto poderam, á esta carta de lei, elegeram o actual governo.

Onde está aqui a illegalidade da eleição e o crime, que merece ser devassado e punido com as scenas de 1817 ?

Illegalidade, dissemos nós ! Sim. O Sr. marechal, como encarregado de negocios diplomaticos, deve de saber alguma cousa de direito, bem como que as leis só abrangem a marcha ordinaria das cousas, e que são bem poucas as occasiões, em que se praticam todos os apices do direito ; que como o espirito e fim das leis são a boa ordem e conservação da sociedade, uma vez que se enchem

estes fins, tudo é legal, nada obstante faltar-se a uma ou outra circumstancia accidental. A isto é que se chama *acto valido*, porém *illicito*.

E' verdade,que a lei mandava, que o presidente e secretario fossem eleitos por S. M.,mas cá não estava S. M. para os eleger, ou determinar. Que se seguia daqui ? Não se elegeria a ninguem? Ficava a provincia como ? Como a tinha deixado o morgado. Que ! caspite !

A execução mais aproximada possivel desta mesma lei foi procurada e praticada pelo collegio eleitoral no dia 7 de Janeiro.

Que attentado, que crime, que desobediencia ás leis e ao imperante commetteu aqui o collegio eleitoral para se repetirem as scenas de 1817 ?

Havia por aqui alguma carta imperial a favor de alguem, a cuja obediencia se faltasse, sem razões attendiveis e ponderosas ?

Mal corria um fraco boato, de que S. M., sem duvida enganado, havia eleito um homem, que mesmo se demittira por se julgar inepto, e cuja continuação na presidencia abysmaria a provincia na mais desastrosa guerra civil. Que crime houve aqui, em não se dar pelo boato ? Ora, diga-nos por favor, Sr. Felisberto.

Depois que appareceu a carta imperial, que crime se ha commettido em representar a S. M. I. e Constitucional as razões attendiveis, que temos para se não entregar a provincia ás mãos do morgado ?

Qual é a lei que qualifica de crime a suspensão de uma ordem, em quanto se offerece aquem a deu materia relevante, que a embaraça, difficulta ou a torna damnosa.

Isto é uma pratica diaria em todos os tribunaes, em todas as classes e em todas as repartições.

Não é mesmo do direito do imperio, que se possa ir com embargos de obrepção e subrepção a qualquer ordem, decreto, determinação imperial.

Não tem dito S. M. que se advogue a causa do Brazil, ainda que seja contra mesmo sua augusta pessoa ?

E será crime advogar a causa da patria contra a pessoa do morgado ?

Não tem confessado S. M I. e Constitucional, á face do mundo inteiro,que tem sido enganado; mas que conhecendo o engano, ha de fazer justiça, estabelecer a ordem, e acabar com os enganadores ?

Como então poderá ser crime mostrar-se com o devido respeito e acatamento a S. M., que houveram homens que o enganaram e que o pozeram na triste circumstancia de dar um passo, em que se arrisca o bem ser da provincia.

Em todos esses factos, que culpa ha commettido o Exm. Carvalho ?

Foi elle que se elegeu a si mesmo no conselho do morgado de 13 de Dezembro ? Antes sahiu eleito fóra de toda a expectação.

No collegio de 8 de Janeiro foi elle que se reelegeu, ou os quinze eleitores ? Quem teve lá procuradores, que com o maior despejo an-

daram pedindo votos, o Carvalho ou morgado ? Digam os que assistiram áquelle acto.

No conselho dos procuradores das camaras, todos á carga cerrada votaram contra o morgado; o mesmo succedeu nos dous conselhos militares ; e em todas estas occasiões que crimes commetteu o Exm. presidente actual para ser com *mais algum demasiadamente compromettido ?*

As cousas que mais tem chocado ao ministerio do Rio de Janeiro, por Pernambuco não fazel-as, são a negativa do dinheiro, do páo brazil, dos soldados para a armada imperial, e a expatriação de João Mendes Vianna ; em que tempo porém foi isto negado ?

Si as razões allegadas para esta negativa não foram justas e attendiveis, e isto se deve reputar em crime, que culpa tem o actual presidente para ser elle, *e mais algum demasiadamente compromettido* expatriado ? Carregarem com a culpa, para não haverem devassas e se repetirem as scenas de 1817 ?

Sim, já entendemos. Como a junta passada, de que foi membro o morgado, e ao depois pro-presidente, não fez o gosto ao ministerio, é necessario que vá agora ao presidente para emendar a mão. Já entendemos.

Que crime se tem commettido em se não tratar do projecto da constituição ? S. M. ainda se não dignou dirigir-se a esta provincia sobre este objecto, como fez ao senado do Rio em portaria de 17 de Dezembro de 1823.

Os officios do senado *da muita leal e heroica cidade* ás camaras do Recife e Olinda, são algum titulo legitimo e competente, que nos obrigue a tratar desta materia ?

E teremos commettido alguma falta por não darmos attenção á uma ingerencia e intromettimento impertinente ?

Que males nos podem vir d'aqui ?

S. M. em sua alta sabedoria e constitucionalidade respondeu a representação do senado do Rio, que lhe pedia mandasse jurar o projecto como constituição do imperio : *Eu sinto não poder immediatamente dar uma resposta definitiva, por ser por ora esta provincia unicamente a representante. Espero, porem, que os mesmos desejos appareçam em outras ; e logo que estes se patenteem da mesma maneira, expedirei as ordens necessarias para jurarmos o novo pacto social.* Quem falla deste geito ha de mandar-nos esquadras bloquear-nos, alçadas devassar e carrascos enforcar-nos, por se não ter adoptado um projecto de constituição, que ainda nos não foi apresentado por quem devia ser ?

Algum dia se fizeram contractos ou pactos com as baionetas aos peitos ? Bastava um tal meio para ser tudo nullo, e nòs não ficarmos obrigados a nada, e termos o direitos de sacudir fóra com a oppressão, uma vez que nos favorecessem as circumstancias.

Em S. M. e no seu ministerio e conselho ha mais sabedoria, mais justiça e mais constitucionalidade, do que de fanfarrice e philaucia no Sr. Brant, apezar de ser nisto extremoso.

Estas e outras insolencias d'aquelles, que querem para S. M.

aquillo, que elle não quer, nem lhes encommendou, é que tem introduzido nos povos desconfiança á respeito dos puros e constitucionaes sentimentos de S. M. Si esta carta impudente chegasse á augusta presensa de S. M., estamos persuadidos, que o tal Sr. Brant não havia de ficar muito airoso.

Para que nos ameaça o marechal com o lord Cockrane?

Era melhor, que viesse o mesmo marechal repetir em Pernambuco as scenas de 1817, porque sem duvida nós lhe responderiamos com as de 1821 da rua das Mercês na Bahia, em que S. Exc., para escapar ao capitão Velloso, correu de gatinhas uma boa parte della, repetindo naquella cidade a heroica acção de Bonaparte, quando trepou o monte do Grão S. Bernardo na Suissa, só com a pequena differença de Napoleão subir de gatinhas um monte insubivel até então ao esforço humano, e S. Exc. andar de gatinhas onde andam as crianças em pé. O imperador francez pôde subir aquellas immensas alturas com toda artilheria, o Sr. marechal mineiro não se póde pôr de pé com o peso dos galões, com as fitas, com as veneras!

Desgraçada Bahia, que déste ouvidos áquelle, que, havendo por teu beneficio passado do estado de Unus ao de Cresso, a recompensa que te deu, foi derramar o sangue precioso de teus filhos, e agora lançar-te os ferros do mais ignominioso captiveiro.

Desgraçada Bahia!! Mais desgraçado Pernambuco, qne até ha de vir lá não sei donde um centurião para ti insultar!!

Esta carta insolente e incendiaria, que, cahindo em mãos de pessoas de um patriotismo real e desinteressado, não merece mais do que desprezo, por degraça de Pernambuco teve do Sr. Muniz Tavares um uso inteiramente opposto ás bôas esperanças e confidencia, que se fazia de seus sentimentos, com risco manifesto e imminente da patria.

Communicada á pessoas interessadas na presidencia do morgado para seus adiantamentos e conveniencia, á par das seducções do *Aristippo* natalense, teve a virtude de alterar os sentimentos patrioticos dos majores do 1°. e 3°. batalhões e outros officiaes, e formar-se assim uma conjuração, que podia custar á esta provincia rios de sangue, si a providencia sempre attenta na nossa conservação e bem ser não nos désse meios de conhecer o perigo, para se obstar a tempo a sua voragem.

Sendo o intento dos seductores e seduzidos entregar o governo da provincia ao morgado, cobriram este perverso fim com a capa da adopção do projecto da constituição e seu juramento,inculcando pertencer á força armada um artigo proprio unicamente dos direitos dos povos e suas municipalidades, por cujo motivo o Exm. commandante das armas, na tarde do dia 5 deste, convocou um conselho da officialidade da primeira e segunda linhas; o qual não podendo decidir a final sobre a proposta nessa tarde,foi difirido para a manhã do dia seguinte, e então se resolveu, que este negocio pertencia exclusivamente ás municipalidades, e que a força armada, como um corpo passivo, nenhuma ingerencia devia ter n'elle.

Já é a segunda vez que nesta praça o corpo militar faz esta declaração da sua incompetencia para os negocios politicos, e deseja a patria, que elle se conserve com firmeza nesta verdade; pois, alem de ser esta da essencia da classe militar, já tem sido declarada mais de uma vez por S. M. I. e Constitucional.

Não temos forças para arredar do Sr. Muniz Tavares o labéo de ter sido o autor e mais activo influidor d'esta desordem; o que sentimos no fundo do nosso coração. Os argumentos são sem replica. Até se tem considerado como uma das peças da catapulta para derrubar o actual governo

A PERNAMBUCANA N.º 26.

Com effeito, poucos papeis se encontram tão incendiarios, quanto essa folha. A maior parte das cousas, que alli se encontram, são todas proprias, umas para desacreditar o governo, fazel-o perder a opinião publica, e serem aceitos os perversos planos da discordia e egoismo; outras atacam de frente o actual systema da independencia e liberdade do Brazil.

A mysteriosa admiração do redactor sobre terem havido em vinte e dous dias nove assassinios dentro da curta extensão de menos de tres milhas, comprehendida esta praça,não engana áquelles que veem por seus proprios olhos, e descobre o fim do redactor, nada obstante a ficção arteira, com que quer descarregar o governo actual destes successos pelas providencias, que ha dado aos commandantes da policia; por quanto a observação, com que acaba aquelle cabeçalho da folha, *de se multiplicarem os males, e augmentarem-se os faccinorosos de dia em dia*, tira de todo o véo á malignidade, com que se escreveu aquelle incendiario periodo.

Não sei si é bem feita a reflexão de certa pessoa sobre a pachorra do redactor em estar, sem grangear a vida, contando os assassinios,os dias e as milhas do terreno,para se sahir ao publico com essa, depois de haver protestado no seu nº 23 de apresentar somente cousas dos outros sem nada pôr de sua casa.

Depois disto, parece não ter o redactor toda razão para notar essas desgraças no tempo do actual governo, não só porque o redactor está acostumado com ellas, pois sendo natural da Parahiba, ali ha a povoação de *Itabaiana*, *Pedrasdefogo* e outros lugares famosos por essas desventuras quasi diarias, como tambem porque aqui nos governos passados houveram muitas desgraças d'essas, succedidas no *Espinhopreto*, estrada do *Manguinho*, *Covadaonça*, e outras que seria enfadonho contar. A vista do que *latet anguis in herba*. Isto traz agua no bico.

Quanto a nós perguntamos: Esses roubos feitos nos assassinios seriam para se ajuntar ao *dinheiro do erario*, *ao páo brazil*, para ir tudo no *cavallo de páo?* Ora isto é máo, si for a beneficio de um só. Seria bem bom, que se repartisse por todos nós, como succedeu

aos vinte milhões, que a Inglaterra emprestou a Portugal ; os quaes logo ao receberem-se, se evaporaram entre o patriarcha Pamplona e Silveira ; eu ao menos não lhe havia achar espinha.

Muitos tem dito, que essa folha foi de proposito redigida em desforço da carta circular ás camaras, que dizem ter sido do deputado Carvalho, na qual se varejava o club da rua da Gloria, em que dizem fazia uma das primeiras personagens o redactor. Ora, isto é uma puerilidade e desmarcada vingança, que no nosso pensar se não coaduna com os sentimentos, que sempre conhecemos no redactor, que nos parece não tel-os ainda abandonado.

No meio de muitos e differentes discursos, que havemos ouvido sobre essa folha, a nossa reflexão é que o nº 23 sahiu a 23 de Dezembro do anno passado, quando se esperava mudança do presidente no collegio eleitoral de 8 de Janeiro ; o nº 25 a 11 de Fevereiro, quando já havia ficado reelcito o Exm. actual presidente, e o morgado esperava, pela diligencia macha, que fazia, tomar as redeas do governo ; e o nº 26 no 1º deste Março, quando se contava de certo com a explosão da mina, que vinha abysmar a provincia com desforços pessoaes, vinganças e outras indignidades malignas ; *quis potest capere, capiat* : para o bom entendedor poucas palavras bastão.

Quizeramos e Deos o sabe com que ardor, que de nós fugisse a malvada furia da intriga, e nos unissemos todos para a defensão commum ; mas estamos muito desconfiados de gosarmos desta ventura, porque o espirito do mal emprega todas as forças para nossa ruina. Seus satelites não descansão, estão sempre em perenne atalaia, trabalhando com vigor ; uns de publico com estupidas proclamações volcanicas, tendentes a desacreditar diante da população ignorante os dous chefes,politico e militar, e o conselho e outras pessoas, de quem elles receião uma efficaz opposição ; outros em segredo elaboram *fogos dormentes e fogos gregos*, que abrazam até debaixo d'agua.

Deos nos acuda, já que nem a razão, nem o patriotismo, nem a gloria do nome pernambucano são efficazes para nos conciliarem, e vivermos em harmonia e boa amizade.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

(SEGUNDA FEIRA, 15 DE MARÇO DE 1824.) (*)

CORRESPONDENCIA

Um camponeo, a quem a camara do seu districto, não confiada em seus conhecimentos, mas em suas boas intenções, consulta, si se deve ou não adoptar o projecto offerecido pelo imperador ; e não querendo em negocios politicos proferir erros reprehensiveis, faz os seguintes quesitos.

1°. Si em alguma parte do mundo, ha povos constituidos sem reunião de congresso ?

2°. Si, no caso da negativa, onde existe o poder legislativo ; si no congresso, ou no executor ?

3°. Que governo é aquelle, em que a lei é offerecida, ou dada pelo imperante ?

4°. Si estamos obrigados a receber uma lei ou jurar um projecto, sem reunião de côrtes, como governo representativo ; e si a falta desta execução nos induza a algum crime, ou desobediencia penal ?

RESPOSTA AOS QUESITOS ACIMA.

O senhor camponeo, que, na que companhou os *quesitos*, se intitula por modestia *camponeo ignorante*,podia bem dispensar-nos de rascunharmos estas linhas, si quizesse ter o trabalho de recordar-se, além de outros escriptos magistraes, que correm por mãos de todos, das cartas de Pitia a seu amigo Damão,numeros III e V,e os nossos numeros antecedentes ; mas como todo mundo se apraz de fugir com o corpo ao trabalho, e não querendo sobre si a responsabilidade, tirar a sardinha com a mão do gato, se dirigiu ao nosso fraco entender para nos ouvir, e nós para obsequiarmos a um homem, que nos

(*) E' um supplemento dado ao n° XI

fez a honra de procurar-nos, dizemos o que entendemos sem,o intento de querermos fazer proselytos—*cada um abunde em seu juizo.*

Não podendo deixar de notar a generalidade e indeterminação da maior parte dos *quesitos*, respondemos:

Ao 1°. Si pela expressão *povos constituidos*, se quer entender *povos cujo governo seja o constitucional representativo*, como o de Inglaterra, e o que foi adoptado em Portugal, Hespanha, os Estados Unidos, e o que temos proclamado no Brazil, não ha em parte alguma do globo da terra *povos constituidos sem congresso ;* pois que é da essencia desta forma de governo a representação nacional,ou congresso.

Si, porém, por *povos constituidos* se pretente entender *povos que estando reconhecidos independentes por outros, tem uma constituição ou lei fundamentaes*, sempre os houve,e ainda os ha sem congresso, como se vê em toda a Europa, Asia, etc.

Ao 2°. Como o segundo *quesito* labora na mesma indeterminação ou obscuridade do 1°, a sua resposta admitte diversos casos.

Dizemos, então, que si aqui se entende o *quesito* do governo representativo constitucional, o poder legislativo reside no *congresso*, porque é essencial e caracteristico desta forma de governo o residir nos representantes da nação, que é a soberana, o poder de fazer as leis, não competindo aos imperantes outra cousa mais do que approvar ou reprovar as leis feitas pelos representantes da nação, e isto com as modificações, que se estabelecem no pacto social.

E si acaso se toma na segunda intelligencia acima, pode estar o poder legislativo nas mãos do executivo.

Ao 3°. Como sempre professamos clareza nas questões, que a exijão, permitta-se-nos deduzir mais de cima a resposta.

O poder soberano, isto é, aquelle que não reconhece outro acima de si, existe na nação. Este poder, que se dirige a procurar a conservação da nação e sua felicidade, se exercita em formar as leis, e executal-as ; quando elle se emprega na factura das leis, chama-se *legislativo ;* e quando em fazel-as effectivas, *executivo.* Quando o executivo se propõe a fazer executar as leis, que dizem respeito aos negocios externos da nação,chama-se propriamente *executivo*, o qual trata das cousas, que dependem do direito das gentes, isto é, de fazer a paz ou a guerra, de enviar ou receber embaixadores, de estabelecer a segurança ou prevenir as invasões ; e chama-se *judiciario*, quando trata de cousas,que dependem do direito civil, isto é,poder, que pune os crimes ou julga das differenças dos particulares, ao que tambem alguns dão o nome de *poder executivo do estado.*

A vista dessa distribuição do poder soberano de uma nação, se diz um povo constituido em forma representativa, quando o poder de fazer as leis está nos representantes da nação, o poder de executar as leis,que tem relação com o direito das gentes, nas mãos de um homem, a quem se dá o nome de imperante, e o poder de tratar das differenças dos particulares nas mãos de outras, que formão o corpo judiciario.

Pelo que o governo, em que a lei é dada ou offerecida pelo im-

perante, é o monarchico absoluto ; pois é a forma de governo, em que se acham depositados nas mesmas mãos o poder de fazer as leis, e o de executal-as, como foi antigamente, e agora é em Portugal, Hespanha, e Russia, etc. ; forma de governo esta uma das mais prejudiciaes e oppostas á liberdade politica dos povos ; pois que o imperador faz as leis, que quer, e as executa, como lhe parece, sem o cidadão poder contar com a segurança de sua pessoa,de seus bens, de sua honra, etc. como nos attesta a historia das nações, e nós o experimentámos por tres seculos.

Ao 4º. Como este *quesito* se dirige determinadamente a nós, que temos proclamado e jurado sustentar o governo monarchico constitucional representativo, dizemos, que não estamos obrigados a receber uma lei ou jurar um projecto, que ha de servir de uma constituição do imperio, sem estarmos representados devidamente em côrtes soberanas constituintes. Porque residindo a soberania na nação, como atè S. M. I. e Constitucional tem por muitas vezes confessado a face do universo, e sendo unicamente a nação a que se deve constituir, só ella usa de um direito seu inauferivel na escolha das materias,que sejam o objecto do pacto social,ou immediatamente ou pela mediação de seus legitimos representantes em côrtes, ou si tem commettido a alguem a esboçar o projecto da sua constituição, este sempre deve de ser discutido e approvado em côrtes constituintes ; pois só ahi é que ha representação nacional.

De mais, como o throno que nós erguemos, e offerecendo a S. M., elle si dignou acceitar, foi de baixo da forma constitucional representativa, o que não se verifica sem côrtes soberanas constituintes, nem S. M. I. e Constitucional pode transilir estes limites, nem nós sermos obrigados a adoptar outra forma de governo. O que é tanto verdade que S. M. I. e Constitucional, quando prometteu apresentar um novo projecto de constituição duplicadamente mais liberal, foi logo declarando que elle devia ser discutido em novas côrtes soberanas constituintes.

Nem tem cousa alguma com nosco os exemplos do Rio de Janeiro e Bahia, para nos induzirem a fazer outro tanto ; porquanto tendo nós proclamado a nossa independencia e separação de Portugal, e acclamado a S. M. em imperador constitucional, muito por nossa livre vontade, e não por sermos parte do Rio ou Bahia, nem seus pupilos, nem seus palhaços, só temos de nos entender com S. M. I. Constitucional, conforme as promessas e juramentos d'elle e nossos, e fugirmos da imitação daquellas provincias, que a todas as luzes tem aberrado dos verdadeiros principios constitucionaes.

Nisto não commettemos crime nenhum, nem desobediencia penal, porque *pena* suppõe um *crime*, e crime suppõe a violação voluntaria de uma lei ; e a unica lei, que ha aqui a observar-se religiosamente, é o juramento, que prestámos, de sustentar e defender o regimen constitucional. O que é tanto verdadeiro e indubitavel, que S. M. não mandou provincia alguma jurar o projecto, e nem nos dê occasião de esperarmos que o mande a sua alta razão, sua justiça e sua constitucionalidade.

Isto é o que nós pensamos sobre este objecto, salvo sempre outro melhor juizo, e sem querermos ter a ousadia de fazer partido.

E ainda nos explicamos com esta franqueza, por estarmos firmes em o principio de que *é livre á cada cidadão, sem jamais incorrer no crime de sedicioso, anarchico e revolucionario, o dizer os seus sentimentos sobre qualquer materia antes d'ella estar determinada, estabelecida por aquelles, que para isso tem legitimo poder e autoridade.*

XII

(QUINTA FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PERNAMBUCO.

Antes de lermos a historia desta provincia do seculo passado, nunca esperámos, que o *Cabo de Santo Agostinho* se fizesse celebre nos seus negocios politicos.

Pensavamos, que elle correria parelha com o *Breton*, na entrada do golpho de S. Lourenço, e o da *Florida* no golpho do Mexico,na difficuldade de ser vencido o seu grande focinho pelos navegantes que o atravessam ; porém depois que nos veio ás mãos a historia das nossas revoluções e sedições do seculo passado, mudámos de conceito ; porque vimos, que a mudança que fez este promontorio do nome de *Cabo da consolação*, que lhe impoz o seu descobridor *Vicente Pinson*, tinha influido muito no caracter de seus habitantes, pois que d'ali sahiram os *Paes Barretos* e outros, que unidos aos mascates do Recife por cadeias de prata e ouro, foram os flagellos de seus patricios, os algozes de seus proprios parentes e a *desconsolação* da sua patria.

D'ahi em diante sempre nos tremeu o coração, temendo que a malignidade do seculo presente não quizesse repetir aquellas antigas scenas ; e por desgraça veio a realisar-se o nosso temor com a presidencia politica do morgado.

Todos tem sentido o choque desagradavel do frio terral, que d'ali tem soprado desde Dezembro passado ; e Deos sabe si acaso se repetirão as suas rajadas, e com que effeito. Elle nos queira acudir com o seu calor almo e creador, para não enregelarmos na zona torrida.

Bem diziamos nós no nosso numero antecedente,que os satellites do espirito do mal não descansavam e estavam sempre em perenne ata

laia, trabalhando com vigor para levarem ao fim os seus planos ruinosos ás expensas do sangue de seus concidadãos e felicidade de sua patria.

Talvez algum dos nossos leitores suppuzesse falta de exactidão e verdade nesta asserção; o documento, porém, que vamos apresentar de um senhor oriundo do Cabo,destruirá o menor vislumbre da desconfiança, e dará peso ao nosso escripto.

Quando nos disseram, que o Sr. *Bernardino de Sena Lins* era um dos conjurados mais temiveis e ruinosos, nada demos por esta noticia, e desfechámos em risadas; porque, apezar de não sermos *Lavater*, com tudo não achámos na sua physiognomia indicios criveis de um entendimento astucioso e arteiro, e de um animo valoroso e resoluto. Agora, porém, vemos que o Sr. *Lins* sempre faz alguma cousa pela penna; pelo que merece, que o governo e os amantes da ordem não o tratem tanto de menor, e lhe deem seu peso, pois muito bem póde intrigar e seduzir a populaça do mato, como queria fazer ao honrado patriota, sargento-mór Manoel de Barros Wanderley Lins, na seguinte

CARTA

Illm. Sr. Manoel de Barros Wanderley Lins.—Tenho nesta occasião a participar-lhe noticias minhas e de minha mulher, que passamos com saude; mas eu pouco tranquillo com os movimentos desta praça, pois não se pode entender a maxima dos governantes e certos individuos aventureiros, que tramam a guerra civil entre seus habitantes.

Os officiaes da primeira e segunda linha, a mór parte, tinham assentado jurarem o projecto da constituição offerecido pelo nosso imperador, para prevenir os horrorosos males que contra nós nos ameaçam; e logo que pozeram em execução, para abrirem caminho ás camaras annuirem, por estarem coactas com as ameaças, que lhes mandaram fazer,até romperem folhas dos livros, que foi preciso comprar-se outro, tem-se feito tal barulho, e se oppozeram, que ia havendo mil desgraças. Mas a tropa, como quem sustenta os direitos da nação, fizeram jurar voluntariamente os que quizeram, e fazer-se a camara do Recife pôr editaes para todo o cidadão assignar, e officiar as outras de fóra,pois ella antes disto mandando affixar os mesmos editaes, foram rôtos, e insultada a mesma camara.

Ora, as vistas de certo ranchinho é fazer a nossa desgraça com o nome do imperador, mas rompeu-se o véo, ficando esta praça inda em desordem; porque se julga não sahirá ao prelo o que discutiram os officiaes e os editaes e as ordens para as outras camaras.

E' certissimo, que o imperador toma medidas energicas contra Pernambuco; e,pouco poderá tardar,Rio de Janeiro,Minas,S. Paulo, Rio Grande, Bahia, Alagoas, Parahiba annuirão o projecto; só Pernambuco quer se separar.

Dizem, que hoje sahiu uma proclamação do presidente, fazendo vêr, que não quer republica; mas não querem os homens estar por isto. Dizem,que logo que se não obedece ao imperador em nada,e que com seu mesmo nome se lhe quer fazer a guerra,o que quer dizer isto, é o que se tem aqui passado; e como sei que lhe mereço algum conceito, não quero deixar de lhe expôr, ficando a sua deliberação o calcular melhor.

Minha mulher se recommenda a Illm. Sra. D. Rita e a vm., e eu como seu obrigado sobrinho e amigo—*Bernardino.*

P. S. Minha tia D. Francisca me pede lhe rogue, afim do Sr. juiz de orphãos não metter em partilha o trapiche, para não complicar questão futura; por isso lhe rogo este favor.

Reconheço verdadeira a lettra e nome da carta retro e supra ser de Bernardino de Sena Lins.—Recife, 12 de Março de 1824. Estava o signal publico do tabellião *José Francisco de Souza Magalhães.*—Está conforme—*Manoel Paulo Quintela*, official maior da secretaria.

OFFICIO DO SARGENTO-MOR, MANOEL DE BARROS WANDERLEY LINS

Hoje pelas onze horas do dia, perante o meu capellão o reverando Manoel de Sousa Barboza e o capitão Thomé de Gouveia Cavalcanti, recebi a carta inclusa de Bernardino de Sena Lins, morador nessa praça, que remetto a V. Exc., para me aclarear o seu conteudo, que inteiramente ignoro; pois não desejo em tempo algum incorrer na pena de seduzido.

Deos guarde a V. Exc. muitos annos.—Quartel do Engenho Carrapato de Serinhãem, 9 de Março de 1824. Illm. e Exm. Sr. presidente Manoel de Carvalho Paes d'Andrade.—*Manoel de Barros Wanderley Lins*, sargento-mór encarregado do commando da freguezia.

Reconheço verdadeira a lettra e signal supra.—Recife, 12 de Março de 1824. Em testemunho de verdade o tabellião publico *José Francisco de Souza Magalhães.*—Está conforme—*Manoel Paulo Quintela*, official maior da secretaria.

Si na apresentação d'esta carta ao respeitavel publico, nós seguissemos unicamente os dictames da nossa consciencia, e fallassemos ao povo desta praça, nada mais fariamos do que transcrevel-a, pois sua simples leitura é mais que bastante para se conhecer a minucia desta *conjuração* e o desprezo que ella merece; pois que o Sr. *Lins* é o quarto na ordem dos homens de lettras d'aquella sucia; e talvez o de maior probidade. Mas como a nossa folha ha de chegar

ás mãos de pessoas, que não havendo estado aqui, poderão dar pela existencia dos factos accusados na dita carta, diremos alguma cousa sobre ella.

Esta carta não é outra cousa mais, que uma cambada de mentiras as mais grosseiras,de sandices e ridicularias nojentas,e que põem em toda luz o caracter do escriptor.

Diz este amigo, que *a maior parte dos officiaes da primeira e segunda linha tinham assentado jurar o projecto da constituição.* Que calumnia ! Onde é que se ajuntaram os officiaes para esta combinação ? Em que dia fizeram este assento ? Onde elle existe ? Antes o contrario se via na tarde do dia tres, em que o commandante das armas chamou o conselho consultivo. Os da segunda linha foram quasi todos de opinião contraria ; nos da primeira, appareceram muito menos votos, como se verá do impresso delles, que está a sahir.

E' preciso estar-se inteiramente despejado de vergonha, para se não ter rubor de mentir tão de plano e de se calumniar sem temor da reconvenção.

Diz mais, que *os officiaes pozeram em execução o juramento do projecto para abrirem caminho ás camaras annuirem, por estarem coactas com ameaças, que lhes mandaram fazer.* Cada proposição, cada mentira. Onde e quando os officiaes juraram o projecto ? Mal andavam os do concluio fazendo proselytos, quando se soube d'elle, e não chegou a parir a montanha ; como então os officiaes pozeram em execução o juramento do projecto ? Só si não podendo fazel-o com a bocca, fizeram no coração.

Quaes foram as *camaras ameaçadas ?* Nomeie uma que seja o tal Sr. que escreve cartas, para ser acreditado. Diga quem as foi ameaçar ; diga para não passar por um indigno falsario.

As tropas fizeram jurar voluntariamente os que quizeram. Que bestialidade ! Quantas contradicções ! O juramento foi dado pelos que quizeram e voluntariamente,e obrigados pelas tropas. Este homem está doudo ? Ou que diabo tem ?

As tropas fizeram a camara do Recife pregar editaes. Diga a camara si é verdade. As tropas obrigaram a camara com as armas na mão, ou sem ellas ? Foi esse successo de noite ou de dia, e em que dia foi essa grande facção das tropas ?

Estes eram os bons desejos do Sr. *carteiro* e seu rancho, e como é natural a todo homem crêr com facilidade aquillo que quer, o Sr. *Lins* deu por feito aquillo, que só existia na sua phantasia.

Não sabiamos nós, que, alem do capitão *Ligeiro*, tinhamos mais aqui esse *Cerebelita.* Uma das leis desses loucos,quanto as palavras, *é fallar muito e para isso ter sempre na memoria uma provisão de contos bons ou máos.*

Quando è que *foram rotos os editaes da camara ?* Quando, em que lugar e por quem *foi a camara insultada ?* Si a camara não affixou editaes, como foram estes rotos ?

Bem vezes temos nòs dito, que a cousa mais facil, que ha, é ser

um homem mentiroso. Basta abrir a bocca, e deixar correr o que lá tiver dentro.

Donde consta ao Sr. Bernardino, que a *Parahiba já annuiu o projecto?* Sem duvida foi d'aquella cartinha d'aquelle amigalhão da nossa patria, que dizem se apresentou na sessão, em que V. S. e companhia decretavam a ruina da patria, o exterminio de seus patricios, e o rateio dos quarentos contos. Pois fie-se V. S. e companhia no amigo da carta e no *criado das vestaes*, que hão de tirar bom sêbo.

A respeito de Alagoas, Minas e S. Paulo, em quanto vm. não provar positivamente, todo o mundo o terá por um visionario e embusteiro.

Enjoados de tanto e tão descarado mentir, cerravamos estas reflexões com outra, que nos parecia mais util á sociedade, sobre a gente que se entrosou para esta *catilinada*. Mas por motivos que de novo occorreram, a reservamos para o numero seguinte.

CONTINUAÇÃO DOS ARTIGOS DA CONSTITUIÇÃO VENCIDOS NA ASSEMBLEA CONSTITUINTE DO BRAZIL, PRINCIPIADOS NO NOSSO NUMERO OITAVO.

TITULO SEGUNDO

Do imperio do Brazil

CAPITULO I

Dos membros da sociedade do imperio do Brazil.

Art. 5· São cidadãos brazileiros :

1· Todos os homens livres habitantes no Brazil e nelle nascidos.

2· Todos os Portuguezes domiciliados no Brazil antes do dia doze de Outubro de 1822, que expressa ou tacitamente se tiverem ligado á sociedade brazileira.

3· Os filhos de pais brazileiros, nascidos em paizes estrangeiros, que vierem estabelecer domicilio no imperio.

4· Os filhos de pai brazileiro, que estivesse em paiz estrangeiro em serviço da nação, embora não viessem estabelecer domicilio no imperio.

5· Os filhos illegitimos de mãi brazileira, que tendo nascido em paiz estrangeiro, vierem estabelecer domicilio no imperio.

6· Os libertos, que obtiveram a sua liberdade por qualquer titulo legitimo.

7· Os filhos de estrangeiros nascidos no imperio, com tanto que seus pais não estejam em serviço de suas respectivas nações.

8· Os estrangeiros naturalisados, qualquer que seja a sua religião.

Art. 6· Podem obter carta de naturalisação :

1· Todo estrangeiro de maioridade, domiciliado no imperio, uma vez que n'elle possua capitaes, ou bens de raiz, ou estabelecimentos de agricultura, ou aliás exercite algum ramo de commercio e industria, ou finalmente que tenha feito algum serviço, que se julgue importante á nação. O estrangeiro, que adoptar por filho um Brazileiro, tendo domicilio ; e o que casar com Brazileira, tendo maioridade e domicilio. O que vier ensinar bellas artes e sciencias, tendo maioridade e domicilio.

2· As pessoas nascidas fóra do imperio e de pai que perdeu a qualidade de cidadão brazileiro, tendo maioridade e domicilio no imperio.

3· Os filhos de mãi nascida no Brazil e pai estrangeiro,nascidos em paiz estrangeiro, que tiverem preenchido os quesitos exigidos no § antecedente.

(Continuar-se-ha)

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.—Espero dever-lhe o obsequio de inserir na sua folha d'amanhã a inclusa nota, cuja publicação muito importa ao esclarecimento da verdade.

Sou, com a maior estima e consideração, seu muito certo respeitador—*João Guilherme Ratcliff.*—Sua casa,9 de Março de 1824.

" *Sr. Manoel Clemente do Rego Cavalcanti.*—Constando-me por pessoa, a quem vm. o communicou, que um artigo inserto na sua folha do primeiro do corrente, numero vinte e seis, debaixo do titulo de *correspondencia,* bem que sem nome da pessoa a quem é dirigido, nem da que o dirige,e por isso digno do profundo desprezo que merecem escriptos anonymos, e sobre tudo de semelhante natureza, se entende comigo, espero que vm. para repellir de si a reconvenção de caviloso, charlatão, falsario, anti-christo politico e emissario infernal, com que o tal anonymo pretende denegir-me, haja de declarar o seu nome, e exigir delle a prova legal e authentica de que o escripto a que allude, e por cujo motivo o seu *apostolico* zelo me applica tão galantes quanto honrosos epithetos, escripto de que ate ignoro a existencia, é obra minha, sob pena de não declarando o primeiro, nem produzindo a segunda, retorquir-lhe, e

com usura, com tudo quanto vm. quiz, pela designação que fez do meu nome, me fosse applicado.

" Sr. Manoel Clemente, os meios tortuosos e tenebrosos são sempre os do calumniador e do cobarde. Aquelle que obra bem e estribado no testemunho de sua consciencia, mostra-se, apresenta-se francamente á censura publica.

" Guardo o resto para quando apparecer a declaração e prova, que reclama, e porque insta em abono da verdade e defeza propria.—*João Guilherme Ratcliff.*—Rua do Queimado nº 24, 2º andar, aos 9 de Março de 1824.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XIII

(QUINTA FEIRA, 1 DE ABRIL DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PERNAMBUCO

A sciencia do governo sempre foi a mais dificil das emprezas dos homens,em tempos de tranquillidade e entre um povo de costumes fixos e virtuoso ; em quadras porém de effervescencia, e quando os homens vacillantes em moral se não dirigem a norte nenhum certo, é sem duvida acima das forças humanas.

Os diversos e encontrados interesses dos homens,molas de suas paixões e affectos, são outras tantas correntes oppostas, que batendo violentamente á não do estado, tiram ao piloto o conhecimento da manobra, que devia empregar, para que não succeda naufragio e ruina.

Por mais que se metta em consideração as circumstancias do tempo, do lugar, do genio do povo, dos seus conhecimentos, de suas inclinações, falham os calculos, desmoronam-se os edifficios, inutilisam-se os trabalhos, e só se colhe o conhecimento de que se não acertou e que o coração do homem é um abysmo insondavel e um mysterio que se não sabe entender.

Muitas vezes as medidas energicas produzem o melhor effeito, outras exacerbão o mal e arruinam.

Aqui a brandura adoça os animos, e estes seguem o trilho da verdade e da justiça ; alli é incentivo para novos crimes.

Em tudo se encontram embaraços, difficuldades e engasgos.

E' nessas difficilimas circumstancias, que se tem visto os que governão a nossa provincia e patria.

Tendo só em vista levar com segurança a não do estado ao porto da salvação e da felicidade, não lhes ha sido possivel fazer uma viagem de bonança ; porque os diversos sopros do egoismo, da am-

bição, da avareza, do interesse, do desforço e outras indignas paixões, que se tem levantado lá do Cabo de S. Agostinho e cahido sobre esta praça, nos tem feito bordejar já á um, já á outro rumo, sem podermos obter a paz e a felicidade, porque tanto anhelamos.

Desde muito que nós clamamos contra a discordia, que mãos fluminenses tem plantado entre nòs e se esforçado para d'ella tirarem copiosa colheita; ha muito que nos afflige a energia do morgado do Cabo e de seus satelites, para satisfazerem as intenções sinistras do Rio de Janeiro contra Pernambuco.

Não temos guardado silencio sobre os attentados da *facção munistica*: tudo isto nos tem causado afflicção e desgosto. E quando contavamos com paz e socego, fundados nos protestos da força armada em se não intrometter nos negocios politicos, nos vimos illudidos e em perigo; porque os majores Lamenha e Seara, fazendo seus calculos sediciosos na noite do dia dezenove deste, chamaram secretamente soldados dos seus dous corpos ás armas,em numero de quasi duzentos, e na madrugada seguinte foram postar-se na rua do Collegio e Palacio, destacando sentinellas avançadas, presidios nas pontes do Recife e Boa-Vista, para não consentirem sahir pessoa alguma para fora da praça.

O Exm. presidente Carvalho vendo neste movimento dos dous batalhões a realidade da denuncia, que se lhe fizera na noite antecedente, e que elle havia communicado ao Exm. commandante das armas, para obrar de acoerdo com elle, sahiu de sua casa, e apresentando-se á face dos sediciosos, extranhou-lhes aquelle movimento contra todas as leis e os juramentos, que por duas vezes haviam prestado de se não intrometterem nos negocios politicos; declarou-lhes, que *si o fim daquelle passo tão precipitado e revoltoso era a sua presidencia, elle cedia immediatamente d'ella e sem a menor repugnancia, logo que assim fosse do beneplacito do povo, que lhe havia entregue o leme da patria e que pela paz publica estava resoluto a fazer os ultimos sacrificios.*

No meio das respostas incoherentes e desassisadas dos dous majores, ouviu-se a insolente voz de um biltre alferes Bernardino, que requeria, que o presidente devia ser preso; e eis que avanção alguns soldados com a baioneta calada e cercão ao presidente. A' esta scena acode o Exm. José de Barros, e querendo reduzir os sediciosos ao seu dever, foi desobedecido e insultado, e sem mais demora foi o presidente levado para a fortaleza do Brum pelo dito Bernardino e major Seara, sendo indignamente affrontado pelo primeiro.

A' esse tempo já se achavam reunidos na fortaleza das Cincopontas o segundo batalhão em numero de seiscentas praças, muitos soldados do primeiro e terceiro, as guerrilhas de Santo Antonio, Boavista e Jequiá, e um povo numerosissimo armado. Mandou então o segundo batalhão uma deputação de tres officiaes aos sediciosos, perguntando-lhes o que pretendiam com aquelles movimentos, requisitando a soltura do presidente e declarando-lhes, que si já e já

não se recolhiam aos seus quarteis, soltando o presidente, marchavam a medir as armas e reduzil-os á poeira.

Este acontecimento inesperado, pois contavam os sediciosos com o ordinario costume das revoluções,que principiando muito fracamente, vão engrossando com o concurso do povo irreflectido e voluvel, produziu o effeito do raio. Já temem,já vacillam,e não ha outro partido a tomar, que o retirar-se ; pois tambem recebem officios do commandante da artilheria, em que se requisitam as mesmas cousas, com identicos ameaços.

Então o Exm. José de Barros convocou um conselho militar para deliberarem sobre este objecto ; e determinando, que se levantassem os officiaes, que haviam tramado essa sedição, appareceram unicamente seis e o sargento-mór engenheiro de Portugal Antonio Francisco de Hollanda Cavalcanti,que pouco antes estava á paizana a frente dos sediciosos ao lado do facinoroso Manoel Clemente do Rego Cavalcanti, redactor da *Pernambucana*, do numero 23 em diante. E examinando o mesmo Exm.Barros por que ordem se havia prendido o presidente, responderam os dous majores, que não fôra preso, sim recolhido a fortaleza do Brum, para forrarem a sua pessoa de algum insulto e ataque particular.

Ahi assentaram os militares, que nem ficasse de presidente o Carvalho, nem o morgado, sim o primeiro conselheiro Dr. Manoel Ignacio de Carvalho, até S. M. I. decidir esta questão.

E' muito para notar-se, que este arbitrio versa na opinião dos apaniguados do morgado, desde que este poz em scena a sua intrigante pretenção ; e conclua o leitor qual seria o resultado desse vice presidente, seu estado morboso e o caracter perjuro dos facciosos.

Quando se estava a fechar esta sessão, chegou a noticia da soltura do presidente e sua estada em Olinda ; e appareceu nas faces dos sediciosos os remorsos da consciencia, o temor, a trepidação e a desesperação ; sahiram apressadamente, cada um para onde o impellia o impeto do espirito; e o commandante das armas passando-se para a fortaleza das Cincopontas á participar ao povo e militares, que o presidente era o Dr. Manoel Ignacio, o povo gritou em seu furor : *Trahição, trahição; só queremos por presidente a Carvalho !* E apertaram ao Exm. Barros a ponto d'este achar difficuldade em retirar-se,rogando que se acomodassem e ficassem tranquillos, que o presidente seria o Carvalho,

Então duzentos homens commandados pelo major Silva, as guerrilhas e todo povo marchou para Olinda, para o lado do presidente ; ao mesmo tempo que os cabeças dos sediciosos, Lamenha e Seara, com perto de outros duzentos soldados do primeiro e terceiro batalhão, fugiram para o Cabo, levando comsigo uns seis centos mil réis dos batalhões, e indo por todo caminho perdendo gente com a deserção dos soldados para o Recife.

O Exm. presidente, na manhã do dia seguinte, voltou para o Recife como em triumpho, acompanhado de um povo numeroso, da camara da capital, dos caçadores do segundo e as guerrilhas, no

meio dos repetidos vivas a elle, ao commandante das armas e ao imperador.

Foi lisongeiro este espectaculo para os homens bons, e ao mesmo tempo de morte para os perturbadores da paz e interessados na presidencia do morgado.

Ainda que a opposição do segundo batalhão, o interesse do brioso e justiceiro povo, o zelo impreterrito das guerrilhas foram mais que bastante para aniquilar os illudidos sediciosos e dissolver o iniquo conluio, que sacrificou uma mocidade de tão boas esperanças e digna de melhor sorte; com tudo a soltura do presidente deu o golpe mortal nos malvados, e dissolveu seus planos ruinosos.

Ella se deve á coragem dos Srs. Bazilio Quaresma Torreião, secretario de artilheria, e tenente João Rodrigues Campello, que com tanta destreza souberam executar as ordens do seu chefe Wencesláo Miguel Soares Carneviva. Elles souberam predispor os animos da guarnição do Brum de tal geito, que em lugar de lhes fazer fogo, viu-se que tomando as armas,marcharam em sua guarda e defeza.

Louvor e mil graças lhes tributa a patria, livre dos horrores ameaçados.

Não é menor a divida, em que se acha a provincia, para com o illustre senado de Olinda, pelo interesse que em toda essa conjuração tem tomado pela tranquillidade publica, mormente na convulsão militar.

Logo que ouviu o estampido da procella, reuniu-se nos seus paços, consultou sobre os meios de obstar o mal e restabelecer a ordem. Officiou a todas as camaras do districto, communicando-lhes a explosão do volcão, a prisão do presidente da provincia, e rogando-lhes que se dessem ás mãos para restabelecer-se a paz, e se evitarem as calamidades, que ameaçavam a patria. Receberam em seu seio o presidente, sempre ao seu lado, até que foi restituido á esta praça.

Estamos persuadidos que outro tanto fariam as outras camaras, si fossem presentes á esta scena; pois em todas, a excepção da do Rerife, existem cidadãos distinctos pelo seu patriotismo, e amor da ordem, e obediencia ás autoridades constituidas.

Não sem razão exceptuamos d'este proceder tão regular o senado do Recife; elle se fez digno da censura publica pela criminosa apathia e indifferença,que mostrou em tanto e tão imminente perigo, em que se viu o povo, de quem é orgão e interprete. Bem que ali hajam pessôas, a quem não deve tocar esta censura por seus sentimentos, com tudo são arrastadas por aquelles, que vieram do Rio para aqui em commissão do ministerio andratico, e outros que iam todos os dias tomar as lições de sedição á casa do abbade de Syéiés.

Propostos a mostrar aos nossos compatriotas os perigos, que se lhes abrem, e apontar os lugares donde lhes vém as procellas, não podemos deixar de fallar nos desgraçados patricios, que tramaram a subversão da patria, e a perda da nossa corajosa officialidade.

Estes fingidos Sinões, que attendendo unicamente seus interesses pessoaes, não cederam de abusar da simplicidade, inexperiencia

e ambição de tantos mancebos amaveis, perderam o direito á nossa generosidade, e se pozeram no caso de Catilina, de cuja conjuração disse o orador de Roma: *Non est jam lœnitatis locus, severitatem res ipsa flagitat.* Não se deve já usar de brandura, a horrivel facção requer todo o rigor da severidade, muito principalmente quando vemos não ser a primeira vez, que elles nos procuram calamidades.

Esses impios tem sido Francisco Muniz Tavares, Jeronymo Vilella Tavares, Thomaz Xavier de Almeida, Manoel Clemente do Rego Cavalcanti, Felipe Nery Ferreira, Antonio Francisco de Hollanda Cavalcanti, e etc. Isto é declarado pelos mesmos, que, sendo desgraçamente seduzidos, se acham hoje perdidos e desamparados; nós fomos testemunhas oculares de algumas destas declarações.

Cada um destes empregou o esforço, que estava em seu poder.

Duas reflexões fazemos sobre as pessoas que se conjuraram para nossa perda: uma sobre a sua insufficiencia para darem conta da mão; outra sobre os fins a que se dirigiram nestes attentados.

Para melhor conhecermos o fundamento da primeira, lembremo-nos do que diz o grande Tacito sobre estes e semelhantes negocios, a saber: Aquelles, que deliberam sobre uma grande empreza, devem examinar si ella é util ao estado, gloriosa a si mesmos, prompta, ou pelo menos facil na execução, *omnes, qui magnarum rerum consilia suscipiunt, æstimare debent, an quod incohatur, reipublicæ utile, ipsis gloriosum, aut promptum effectu, aut certe non arduum sit.* E estavam na ordem de pesarem estes negocios os revolucionarios acima? Tinham elles os conhecimentos sufficientes para se sahirem com successo de suas pretenções?

O primeiro homem de lettras desta sucia é Thomaz Xavier, natural do Rio Grande, cuja doutrina consta da resposta do Barata a este bacharel corrente in juribus; o segundo é o padre Muniz, ex-professor de latim do Cabo; o terceiro Jeronymo Vilella Tavares, Bahiano, ex-estudante de anatomia até o tratado dos musculos exclusive, e ex-cirurgião do partido privado do Cabo; o quarto Bernardino de Sena Lins, Portocalvense, autor da carta, que trouxemos no nosso numero antecedente; o quinto Manoel Clemente do Rego Cavalcanti, ex-copista das *Gazetas* dos outros na celebre *Pernambucana*, desde o numero 23 em diante, e além disto sabe o que é chumaceira, fueiros, cambão, boi do coice, sobrecana, esporão etc.; outros são, como diz o Vieira, *uns estorninhos criados á mão, que só palram e descantam o que lhes metteram no bico.*

Eis aqui as grandes cabeças, que deitaram a perder tantos mancebos de esperança, e queriam perder a nossa patria.

Sobre os fins a que elles se propunham, podemos dizer alguma cousa, deduzindo do que diz o mesmo historiador phisolopho, que se deve attender, naquelle que aconselha alguma facção, que risco elle corre em vêr seguidos os seus conselhos, e, no caso do bom successo, sobre quem reverte a maior gloria da facção, *simul ipse, qui suadet, considerandus est adjiciat ne consilio periculum suum; et si fortuna*

cæptis affuerit,cui summum decus acquiratur. Lançemos um golpe de vista sobre os sacrificios, que tem feito estes sediciosos.

Por sua felicidade são tão miseraveis, que nada possuem para arriscarem cabedal. Uns não souberam conservar aquillo, que outros ganharam; estes nunca adquiriram; aquelles não herdaram; est' outros sempre tendo vivido á beneficencia alheia, querem sustentar os tenebrosos dias de uma vida nociva,*e executarem o malevolo plano de se engordarem á custa da provincia e do suor de seus honrados habitantes.*

Que possue o Bahiano *Vilella Tavares* para perder e arriscar nessa luta a prol de uma causa justa ?

A sua arte, as suas traficancias, nem para comer lhe dão, como elle mesmo confessa ; tem sempre andado ás costas do seu honradissimo cunhado Joaquim José da Silva Castro.

Que uso deu este vadio á mezada, que o cunhado lhe mandou dar na Bahia no tempo da sua prisão ? Faz vergonha dizel o.

Que fazendas, que fundos possue o abbade de Syéiés ?

A provincia dando-lhe seis mil cruzados no Rio, tirados do suor do cidadão honrado, da bocca das viuvas e dos orphãos ; e elle comprando decorações de dignitario do Cruzeiro por mais de trezentos mil réis, para condecorar seu altivo peito, e bandear-se com os Andradas para a ruina do Brazil.

Quaes são os fundos e capitaes do famoso *Manoel Clemente do Rego Cavalcanti ?* Com quantas assignaturas tem elle entrado para o Banco ? Quaes são os seus estabelecimentos e propriedades, além das girias, espertezas e velhacarias, em que é um genio sublime ?

Ainda se não metteu, ou tramou assuadas e sedições, das quaes não tirasse grosa lãa para aquecer os tortos ossos mirrados do frio da sordida pobreza O seu falso patriotismo em Goiana contra Luiz do Rego, além das vantagens occultas, lhe rendeu dous contos de réis, para em dous mezes gastar em Lisboa, quando foi dar um recado ás cortes, e figurar n'aquella capital de *Pippo, principe de Calandrone.*

Sendo procurador da Parahiba, na côrte do Rio de Janeiro, dizem seus patricios, que gastou em um anno para mais de quinze mil cruzados, não mencionando os que houve, de levar a salva das luvas de S. M., na ceremonia da sua corôação.

Comprando ao estado por quatro contos de rs. a typographia fiada,a tem desfructado tres annos, sem ainda ter feito um só pagamento ; e por falta destes aos respectivos officiaes, é que elles desertam.

Preso na cadeia da Bahia pela revolução de 1817, em que representou de um republicano furioso, teve a felicidade de achar o immortal Joaquim Martins, de Cangahu, que por alguma amizade ao pai, sem esperar d'elle paga, lhe mandou dar todo dinheiro, que fosse preciso para sua sustentação e livrança. Mas qual foi o uso, que teve esta lettra pia e generosa ? Todos viram que o *esfuziote* tirou o seu ventre da miseria, comeu a tripa forra, bebeu á grandes

sorvos, fez fato para muitos annos, armou-se de uma numerosa e escolhida livraria para as traças estudarem, sustentou um grosso gagáo *per alium ;* e depois de solto, deu os paucões naquella cidade, e metteu em um chinelo os mais abastados e ricos.

Pedindo em 1821 a certa pessoa desta praça a quantia de duzentos mil rs. por poucos dias, ainda até hoje nem dinheiro,nem ao menos uma pequena satisfação. Que heróe ! Que malandrino ! Quem se póde pôr a barba com elle ?

Expulso da sua provincia, como dizem os seus patricios, por trahidor, e ameaçado a páo pelo proprio pai, veio aqui arranjar com outros *apostolos* meio de viverem á tolan ; e constando-lhe que o governo se lembrava da typographia e ia haver o seu valor, lançou mão do negocio do morgado para se ver livre do formidavel inimigo, que exigia a divida do estado esperando que o morgado pela obrigação em que lhe ficava,o deixasse ir roendo aquelle ossinho, e emquanto não apparecesse relé mais gorda, em que empolgasse as recurvas e insaciaveis unhas.

Si lemos em Salustio o retrato de Catilina, e comparamos este conspirador romano com o nosso *itabaiano*, vemos que o espirito perverso d'aquelle inimigo da sua patria se reproduziu neste sceleRado, que se quer escudar com o nosso dinheiro contra as settas da furiosa pobreza, favonear seus vicios e encobrir,bem que inutilmente, a sua indigna perversidade com algum Cruzeiro do sul, á expensas do sangue pernambucano.

Os outros da *conjuração munistica* são bem conhecidos n'esta praça.

O quadro dos sentimentos desse grupo de sediciosos não é mais lisongeiro, que o das suas riquezas.

Thomaz Xavier é bem retratado pelo Barata, no já citado folheto.

Felippe Nery Ferreira, este nosso patricio, que sempre havia gosado uma bôa nomeada pela sua conducta regular, e que em 1817 adquiriu nova estima pelo seu patriotismo, e foi uma das victimas da patria, que correu todos os perigos de seus compatriotas sempre com a dignidade propria do homem ; aquelle a quem Pernambuco, com a eleição em membro da primeira junta provisoria, quiz dar um testemunho da consideração, que lhe tinha, e cuja deposição do governo tocou a sensibilidade pernambucana, tem sido abocanhado geralmente de formar planos de ambição e de vaidade, á expensas da paz e liberdade da provincia.

Fomos difficeis em persuadirmo-nos d'esta fama. Mas a voz geral de que o ajudante Costa, primeiro diligenciador da prisão do deputado Barata, era para com o Sr. Nery Ferreira outro Telemaco para com Mentor, ao lado da participação de pessoa de credito, que ouvira ao mesmo Costa ter-se encarregado d'aquelle negocio por conselho do tal Sr. Nery Ferreira, nos fez inclinar a balança da persuasão para a bacia do *sim*. N'esta actual refrega,em que tem corrido evidente perigo a náo da patria,depõe pessoa da facção, que se decidiram a essa rebellião pelo peso que deram as cartas do tal se-

nhor, lidas no club do Hospital ; nas quaes além da persuasão para o rompimento,se dava por succedida na Parahiba do Norte a aceitação e juramento do projecto de constituição de S. M. I. Esta fama, feita universal,adquiriu toda força com a frequencia dos conjurados em casa do tal Sr. Nery Ferreira ; os quaes, a não estarem nos mesmos sentimentos, fugiriam d'elle, como fizeram de outras muitas pessoas.

A vista do que, não somos injustos,nem temerarios, quando dissemos, que o tal Sr. Nery Ferreira foi um dos collaboradores da actual rebellião, que arrisca a patria a abysmar-se em um diluvio de males ; pois *a opinião,os boatos e as vozes publicas são os elementos dos periodistas, os quaes estão autorisados a fazer até supposições e deduzir corollarios.* Tempora mutatur,et nos mutamur in illis !

O *Muniz* põe o tope conforme domina o rei ou a liga ; é tudo para todos ; com os bons elle é um d'elles ; com os máos tem uma chicana de moral, que lhe subministra defeza para todos os attentados.

Em Março de 1817, na bocca do Quartel d'esta praça, vestido a cleriga, com um punhal alçado contra tudo, contra o rei, faz questão d'este heroismo republicano ; nas côrtes de Lisboa chora como Magdalena pela sua chara patria, e acaba assignando a constituição portugueza, pela qual o Brazil perde quasi tudo ; no Rio de Janeiro, com um tom dictatorial, diz : *Si o monarcha julgar,que a constituição que fizemos não merece a sua approvação,siga o que a sua consciencia lhe dictar ; prefira antes deixar de reinar entre nós, faça o que a prudencia lhe aconselhar, em tanto que nós vamos tambem fazendo aquillo de que somos encarregados ;* ao depois, bandeado aos Andradas, só faz puxar para o arrocho.

Membro da commissão do projecto da constituição, assigna absolutamente o que fizeram os Andradas ; ao depois imprime uma certa especie de apologia, na qual se desculpa de não o ter feito com restricções.

Chega aqui, pinta de mortecôr os negocios do Rio de Janeiro, mostra os perigos, que corriamos com as pretenções d'aquella côrte, persuade a união, viaja ás Alagoas para unir os sentimentos dos povos na causa commum ; volta para o Recife,e abrindo a boceta de Pandora, semêia males, planta a discordia, suscita a guerra civil, e emprega todos os talentos de seducção para que se jure como constituição do imperio o projecto do imperador ! !

Quem entende este homem ?

Anda este batel ao pairo, até dar vistas de algum deado ou mitra !

Manoel Clemente é aquelle trahidor, que de mãos dadas com o celebre padre *Soledade* e outros desligaram ao imperador do juramento previo á constituição, que o Brazil fizesse. Fonte manancial do absolutismo,que se quer sustentar a força d'armas ; procedimento tão revoltante, que este *liberal* se julgou penhorado a satisfazer a sua provincia e compatriotas, dizendo ao principio, que não teve valor para deixar de assignar aquelle parecer por ser sorprendido

com a presença de S. M.; e voltando para a provincia teve a cautela de trazer impressos daquelle parecer acotados manuscriptamente á margem pelo mesmo *Soledade*,dizendo que o que elle assignou, não foi o que se imprimiu, sim, na forma das cotas á margem. E depois que julgou haver-se destruido o resentimento dos escandalisados, batia nos peitos, basofiando de ter feito muito bem em assignar o parecer, como se imprimiu, porque não era um servo de sua provincia, que fora ao rei dar um recado ; sim, que a provincia se louvara nos seus conhecimentos e consciencia.

Que insolente ! Fingia á cada momento este *esfuziote* estar apar das vistas e dados do imperador, e dos tramas do Rio de Janeiro contra Pernambuco e provincias do norte ; e protestava não podel-as explicar se não passados tres mezes, nem depois deste tempo ficando no Brazil, e nem talvez sahindo deste para fora, aterrorisando assim aos ignorantes e simplices para melhor arranjar suas trahições ; ao mesmo tempo que dizia aos mais resolutos, que o imperio do Brazil era um edificio desaprumado, que se não sustenta por mais escóras que se lhe appliquem, porque toda ruina vinha da *pedra angular*, que era necessario lançar fóra. Entenda quem puder esta incendiaria allegoria. Ao depois prega á bocca cheia, que se devia obedecer cegamente ao imperador, mande o que mandar aquelle imperador, que elle tanto insulta na sua *Pernambucana* numero 23, quando, além de outras cousas, diz : *depois de concluido o enorme e horroroso attentado*, da dissolução da assembléa, *sahia pelas ruas acompanhado de mais de seiscentos moleques descalços, dando-lhe repetidos vivas.*

Eis o Franklin do Brazil, que quer decidir da sua sorte !!!

Não só a união destes com os demais entrados nesta catilinada prova identidade de sentimentos, como que temos factos positivos de todos elles, que sustentam serem todos do mesmo calibre, homogeneos em qualidades moraes, em principios politicos, em perversidade de fins, e impossibilidade de fazerem sacrificios pela salvação da patria.

A vista desta exposição, que não haverá um só Pernambucano, que a tache de menos verdadeira e exagerada, reflicta o publico si esses homens estavam na ordem de decidirem da nossa vida, da nossa propriedade, honra e gloria ; si elles em perturbações e sedições, que tem movido, tinham em vista o bem da patria, ou os seus interesses privados.

Ha muito corre de plano nesta praça,que os Portuguezes,tendo á testa Elias Coelho Cintra, offereceram quarenta contos de rs. aos que trabalhassem para lançar-se fóra o Exm. presidente Carvalho, afim de que cessasse a explusão dos Portuguezes. Não damos por certa esta fama, porém não podemos deixar de descobrir um estimulo muito efficaz para que esses conjurados se encarregassem da subversão da ordem publica,e ruina da patria,pois que todos estavam no ensejo de se aproveitarem desta minudencia,a qual traria comsigo mais alguns proes e precalços de confirmações de patentes,fivelas de Cru-

zeiros, officios e negociações com o dinheiro nacional, e outras cousas desta natureza.

São esses os nossos patriotas por excellencia, e que chamam a todos os outros facciosos, malvados, patifes e infames, porque se não unem com elles para as suas conbinações.

Que patriotismo ! Que amor do bem publico !

Só si elles assentam,que só elles constituem a patria, e que portanto o seu bem, a sua commodidade é o bem e commodidade da patria, como em Metastasio disse Catão uticense :

.....*E Roma*
Non sta fra quelle mura, elle é per tutto
Dove ancor non é spinto
Di gloria e liberta l'amor natio :
Son Roma i fidi mei, Roma son io.

" No recinto não é d'aquelles muros
" Que se encontra de Roma a grã cidade,
" Encontra-se da gloria e liberdade,
" Onde o amor apresenta os fogos puros ;
" Eu só, e os meus ficis em sentimento
" A cidade de Roma represento.

Si um só intrigrante, em um estado livre e de costumes formados, póde afugentar os cidadãos virtuosos dos lugares da administração, introduzir n'elles homens perversos e injustos, e perturbar a ordem publica,como disse o abbade Mably a M.Adams,plenipotenciario dos Estados Unidos da Hollanda, *de quels detours, de quelles ruses perfides n'est pas capable l'ambition d'un intrigant* ? (Epist. 3.), como não poderão tantos intrigantes, que se deram ás mãos para esta desordem, levando cada um a mira em sua conveniencia e interesse ? Quando se combinaram todas as classes ? Quando alguns ainda gozavam uma especie de estima publica ? Quando fallavam a uma mocidade idiota, exaltada, e que por uma promoção rapida aos postos militares ambicionavam outros maiores ? Quando trabalhavam em uma epocha em que nada tinha, que temer do governo ministerial, que não só deixava impunes, como premiava os crimes, uma vez que eram perpetrados para se conseguirem os seus fins perversos ?

Foi um milagre não levarem a patria á ultima ruina.

Eis uma nova prova da attenção do Eterno a nosso respeito.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim é bom andar.

Boa viagem.

XIV

(QUINTA FEIRA, 8 DE ABRIL DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

PERNAMBUCO

PROCLAMAÇÃO DO COMMANDANTE DA FRAGATA NITHEROHY, SURTA EM PERNAMBUCO.

Habitantes de Pernambuco! Os horrores da guerra civil, que estão imminentes sobre vós, chegaram ao conhecimento do nosso augusto imperador e perpetuo defensor, e nesta qualidade elle se apressou a enviar-me com alguma força maritima, e me autorisou para declarar-vos, em seu augusto nome, que occupando-se unicamente da tranquillidade e prosperidade de seus subditos, é indispensavel, que as autoridades constituidas, cuja nomeação compete ás suas attribuições, devem ser recebidas e collocadas no seu effectivo exercicio, logo que se apresentem com seus legitimos titulos; ficando porem com tudo salvo aos seus subditos o direito de petição, ao qual sempre attenderá, uma vez que seja dirigido pelos principios da justiça e da razão; pois que o contrario desta marcha não póde deixar de acarretar a anarchia e a guerra civil, o maior de todos os males, que se conhecem na ordem social.

E' por isso, briosos e fieis Pernambucanos, que eu não reconheço e nem reconhecerei nesta provincia outro presidente, que não seja o Illm. e Exm. Sr. Francisco Paes Barreto, nomeado por S. M. o imperador, a cuja presença não chegaram até agora essas reclamações, que os papeis publicos inculcam ter-lhe sido dirigidas, inculca talvez calculada com o fim de vos illudir e enganar.

Entrai, pois, no conhecimento dos vossos deveres, e utilisai as forças, que estão a minha disposição, para o fim de proteger a vossa industria e commercio, e então entoaremos todos o hymno universal.

Viva a religião !
Viva o imperador constitucional !
Viva a grande familia brazileira !

Bordo da fragata Nitherohy, 1 de Abril de 1824. *João Taylor*, capitão de mar e guerra, commandante da divisão nacional e imperial, surta em Pernambuco.

REFLEXÕES A PROCLAMAÇÃO ACIMA.

Chegamos a maior altura do mar, que navegamos em demanda do aureo velocinio da nosssa liberdade, e uma tempestade horrisona nos quer abysmar de todo.

Eia, Pernambucanos, cada um á seu posto ; sustentemos a náo da patria, que se acha em perigo ! Ella irá á garra, e quebrar-se-ha nos cachopos, si um não tomar o timão, outro a driça, este metter o panno nos rinzes, aquelle encarar nos astros com o oitante, estoutro descobrir as carybdes e as scyllas.

Sopram contra nós os ventos do engano, do terror, da mentira, do despotismo.

Esta é a occasião, em que se desfecha a procella, que ha muito nós vos prediziamos.

Nada resta a esperar.

Esta proclamação nada menos é que uma inesperada e inconsecebivel declaração de guerra, que faz o pai aos mais dignos filhos ; o imperante aos subditos ; o defensor perpetuo aos protegidos.

Diz a proclamação, que S. M. conheceu que *estavam imminentes sobre nós os horrores da guerra civil, si acaso as autoridades por elle constituidas não forem recebidas.* Isto é o avêsso da verdade ; porque, si for recebido o morgado, constituido por S. M., então é que se hade levantar a guerra civil entre nós, que nos hade dilacerar horrorosamente.

Um homem ignorante em tudo, além da intriga, que não conhece os direitos dos seus semelhantes, nem os deveres do monarcha ; um homem, que assenta, que os povos são rebanhos de ovelhas, criados para bom passar dos reis, que os póde matar e esquartejar a seu prazer, que satelite da morte não é para o povo, a quem governa ?

Um homem, que assenta, que os imperantes são senhores natos do genero humano, e que este deve a sua vida á graça de seus senhores ; que a felicidade dos povos consiste em consentirem os imperantes, que elles respirem o ar atmospherico, que barreira póde achar para não escutar ordens impias e destruidoras, que receber de um ministerio despotico ?

Um homem aristocrata até os osos por espirito de familia, que tem para si, que *morgado* é titulo de nobreza, e que, por esta

pequice, póde calcar a todos, espesinhar, machucar, poderá não sacrificar a provincia aos interesses do ministerio ou despotismo, uma vez que lhe acenem com um retalho de fita azul, uma rozeta de metal ; uma vez que lhe dêem uma farda de lacaio, um nome de moço fidalgo, ou de pagem da taboa ?

E os povos desta provincia no seculo de hoje, em que as luzes lhes tem feito conhecer a verdade das cousas, a vileza e indignidade dessas ninharias, inventadas pelos despotas no tempo da barbaridade, poderão soffrer de bom grado um papelão deste calibre, e quererão em silencio soffrel-o, sem apresentarem uma macha e energica opposição ? Poderão conter-se sem se chocarem, sem verter seu sangue, sem haver cruenta guerra ?

Um homem, que já se demittiu do governo por ver a falta de respeito, em que cahiu, o odio dos povos, a reprovação do grande, do pequeno, do ecclesiastico, do militar, do paizano ; contra quem se declarou o collegio eleitoral da provincia, as camaras, a tropa e todo povo, e que ainda vai a correr para escapar ao furor dos soldados, poderá governar a estes mesmos, sem praticar vinganças, satisfazer seus odios, sem que a mais encarniçada guerra civil desole este bello paiz, e o cubra de luto ?

São estes os horrores, que S. M. deve de ter diante dos olhos, para não mandar-nos um tal presidente.

E' bem verdade, que pela concessão das côrtes soberanas brazileiras, S. M. I. tem a attribuição de eleger presidentes para as provincias ; mas é unicamente para attender ao bem e a felicidade dos povos, e não para causar-lhes ruinas com as suas nomeações.

Os governos são instituidos para conservação dos governados, e não para sua destruição. S. M. só deve ter em vista a razão, a justiça, a paz e a felicidade nacional, e não affeições particulares. Um imperador tem muito com que recompense serviços pessoaes, ou testemunhe predilecções particulares, e distinga a seus validos, sem precisar do sacrificio da paz dos povos, e seu bem ser.

Neste espirito é que o Brazil nomeou ao senhor. D. Pedro de Alcantara seu imperador constitucional com aquellas attribuições, que as côrtes soberanas lhe concedessem ; as quaes todas ainda se não sabe quaes são, por que havendo S. M. dissolvido a assembléa soberana, como sabemos, só as segundas côrtes é que o hão de declarar, e no entanto que ellas se não celebram, tem S. M. o dever em consciencia de governar-nos tomando por bases do seu governo *a independencia da nação brazileira, integridade do imperio, systema constitucional, segurança individual, prosperidade, e immunidade da casa do cidadão*, como diz o mesmo senhor nas suas proclamações de 16 de Julho e Novembro do anno passado.

A obediencia constitucional, unica que nós jurámos, e que estamos obrigados a prestar, tem seus limites, como S. M. mesmo confessa na sua portaria de 8 de Abril de 1823. Esta exclue as ordens, decretos, leis, avisos e mais determinações, que manifestamente trazem comsigo damno, ruina e destruição da sociedade, como esta eleição do morgado, cujos damnos não são puramente theoricos,

sim de experiencia de mais de anno do seu governo passado ; e por isso não estamos obrigados á obedecer cegamente, sim pelo direito de petição. que é direito constitucional, devemos com todo respeito e mais profundo acatamento representar a S. M. os damnos, que se nos segue desta nomeação, para S. M. prover neste negocio, como já fizemos, embora diga a proclamação, que ainda não chegaram á presença de S. M. as reclamações, de que fallam os papeis publicos.

Jámais se pode dar credito a esta asserção.

E' inconcebivel o não haverem ainda chegado á presença de S. M. as reclamações da provincia sobre a presidencia do morgado.

Segundo a relação do official maior da secretaria deste governo, que fica em nosso poder, as embarcações, que levaram ao ministerio os officios deste governo, entre os quaes se mandaram as reclamações sobre o négocio do morgado, foram sumaca *Carolina*, a 12 de Janeiro deste anno, galera *Minerva*, em 19, uma fragata ingleza, a 6 de Fevereiro, brigue *Triumpho da Inveja*, a 4 de Março, sumaca *Conceição, e S. Antonio*, a 18, brigue *Solon*, em 27 do mesmo. Em todas essas occasiões o governo tem dado conta dos successos da provincia, a proporção que elles foram apparecendo. Tem chegado á presença de S. M. os papeis dos outros negocios, e só não chegaram as *reclamações !* Os officiaes dos correios d'aqui, e do Rio tirariam as *reclamações ?* Ou os portadores abririam as malas ?

Si não chegaram á presença de S. M. é unicamente porque os ministros, que as receberam,e tinham em tenção fazer-nos esta, não as entregaram a S. M. ; por quanto como previam, que S. M. conhecendo ser um direito inauferivel dos povos o de *petição*, e attendendo á justiça, que nos assiste, havia deferir-nos, não lhe deram a conhecer os successos de Pernambuco e fingiram-se desentendidos, a fim de que esta medida não parecesse arbitraria, caprichosa e despotica.

Consta-nos, que esta não é a primeira vez, que se tem este procedimento com os povos. Ha pouco succedeu o mesmo com a representação da camara de *Itú*, na provincia de S. Paulo, de que foi abafada a acta sobre o projecto da constituição, porque ia de encontro com os assentos do senado do Rio.

Ora, como *S. M. sempre attenderá ao direito de petição dos povos, sendo dirigido pelos principios da justiça e da razão*, como felizmente estão as nossas *reclamações*, devemos confiar e esperar da justiça e constitucionalidade de S, M. que nos attenda, não queira ver nosso sangue derramado, nossa patria desolada ; por isso julgamos necessario, que se mandem segundas vias, e terceiras, e por um procurador, afim de que não levem o inculcado descaminho das primeiras ; e se não trate entretanto do empossamento do morgado, por quanto como já não é problematico o mal, que nos vem deste successo em uma só hora, aconselha a razão, a justiça, a tranquillidade dos povos, a salvação da patria, que se previnam antes

os males, do que se curem depois de succedidos.

Ha muito que já esperavamos por esta atrocidade, segundo nos participaram do Rio de Janeiro ; e pelo principio, que o negocio leva, damos todo credito as noticias que tinhamos.

Ns Rio se sabe, que o ministerio mandava ir presos para lá o Exm. Carvalho e mais uns trinta e tantos dos mais resolutos Pernambucanos, em cujo numero nos classificavam. Em verdade, em nossa consciencia, não nos achamos dignos de tanta honra ; mas que se ha de fazer, si o despotismo do ministerio pôz os pés na garganta á razão, á justiça e á constitucionalidade ?

Conta-se, que, depois desta primeira barcada, irá segunda dos officiaes dos corpos, para serem substituidos por officiaes portuguezes ou brazileiros da *facção unitaria*, para aqui sustentarem o plano do partido portuguez, que espera dar o ultimo golpe na nossa independencia, e em todo norte do imperio, sendo Pernambuco desolado ; e sabe-se, que foi escolhido o morgado para instrumento desta atrocidade, por ter dado a amostra do panno com a prisão do Barata e João Mendes.

Isso pensa, falla e escreve o povo do Rio de Janeiro ; e, por nossa desgraça, já começa a verificar-se o *vox populi, vox Dei.*

Que injustiça mais escandalosa !

Porque razão devemos de ser bloqueados ?

Somos criminosos, somos rebeldes ?

Quaes tem sido as ordens exequiveis do Rio, que não recebecem o mais exacto cumprimento ? E aquellas, que cruzavam os interesses da patria, com que respeito não foram suspensas ? Antes o actual governo tem dado execução a muitas, que estavam na secretaria paradas e cobertas de poeira.

Quem obra assim, merece bloqueio ?

Qual é a provincia que tem merecido mais a S. M., do que Pernambuco ?

Nós temos feito tudo, que hão feito as outras provincias, uma vez que não transeliram os termos da justiça, da liberdade nacional e da honra do Brazil. Baixezas, vilanias, servilismos, indignidades, nem se devem exigir de ninguem, nem são cousas imitaveis, nem se acham no caracter pernambucano.

Si em nós tem havido alguma demora em algumas cousas, isto é procedido do nosso apartamento d'aquella côrte, do peso, que a prudencia aconselha se tome nos negocios, principalmente os de maior monta, e por isso que a marcha pouco franca e arteira do ministerio passado nos causava desconfianças ; e por isso mesmo, que custamos mais a decidir-nos, quando o fazemos, somos constantes e obstinados, e si não mais capazes do que qualquer outra provincia do imperio, ao menos a nenhuma inferiores em defendermos os direitos nacionaes, os de S. M., e procurar a sua gloria, derramar nosso sangue no serviço da patria, d'elle, e de todo Brazil. Desde Cayenna até Montevideo são bem poucos os pontos, em que esgrimindo-se as armas para sustentar os direitos magestaticos, aprol destes não se tenha derramado o sangue pernambucano.

Quando S. M. I. e Constitucional se dignou ficar no Brazil, dizendo *como é para bem de todos, e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico*, os Pernanbucanos existentes n'aquella côrte foram os primeiros de todo Brazil, que se apresentaram a S. M. I. congratulando-se d'aquella resolução, e protestaram em nome de sua provincia toda adhesão, união, e sacrificio por S. A. R.; e ainda até hoje esta provincia não fez frustranea a palavra de seus filhos.

Quaes demonstrativos dos sentimentos pernambucanos para com S. M. I. e Constitucional, que pòde apontar o ministerio, que nos faça credores deste tratamento ?

O coração nos treme, quando em nossas combinações prevemos a serie de funestas consequencias, que d'ahi se pódem deduzir.

CABO DE SANTO AGOSTINHO.

Chegando a esse fóco de desordens os dous batalhões de sombra, animaram de tal maneira o morgado e seu rancho, que no dia 22 instalaram na villa do Cabo o seguinte governo : presidente, o morgado; vice presidente, Luiz Francisco de Paula; conselheiros, Doutor Bernardo Luiz Ferreira, Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, José Carlos Mayrink, Doutor Manoel Ignacio de Carvalho.

Fizeram uma promoção militar, em que haviam postos de todo calibre sem haverem soldados ; e aos que haviam, assignaram o soldo de meia pataca, em quanto estivessem fóra da praça, e começaram a dar ordens para as quatro partes do mundo. Officiaram ao commandante das armas e commandantes dos corpos, para que se unissem ao morgado ; bem como aos commandantes de reducto de Portodegalinhas e da guerrilha de Nazareth, chamando-os a si com as munições de guerra e bocca ; e começaram a dar vistas de se quererem fortificar n'aquelle ponto.

Em quanto, porem, estes loucos no seu furor bacchanal estão representando neste presepio de sombras, cheio cada um de si pelo seu accesso, galgos de fome, e com a sella na barriga, souberam, que marchavam contra elles os majores Arruda e Pitanga, levando comsigo, além dos soldados do primeiro e segundo batalhões, os bravos Goianistas, commandados pelo capitão Francisco Gonçalves, a guerrilha de Itamaracá e parte do batalhão miliciano de Iguarassú ; e não estando por mais nada, cavalgam os ligeiros gryphos, e vão por essas estradas a todo trote, procurando a provincia das Alagoas.

As tropas, que os perseguiam, por mais rapidas que fizessem suas marchas, jámais os poderam alcançar; porque, além dos faccio-

sos levarem de avanço um dia, oito leguas de caminho, e uma maior velocidade pela espada do medo, que os picava sobre os rins, tiveram a lembrança de picar todas as pontes, que encontravam no caminho, para demorar o inimigo.

O celebre Moureau não fazia retiradas tão seguras, como o morgado a sua fugida para o *Junco*. Para isto não foi elle tolo. O mais estupido animal, que se conhece, é o lhama ; mas este mesmo tem seu instincto para zelar a sua conservação : Deus não desampara a ninguem.

Quão inconstantes não são as cousas humanas !

Quão varias as suas vicissitudes !

Com que rapidez se destruiu a camara optica do governo *cabistico ?*

Foi um governo de rosas. Mal abriu a corolla, logo se desfolharam as petalas ; e podem dizer com o outro. *Nos quoque floruimus, sed flos fuit ille caducus. Flamma que de stipula nostra, brevis que fuit.*

Florescemos tambem, mas nossa flor
coitada ! não durou .
De palha foi a chamma, e o brilho seu
depressa se acabou.

S. M. I. pelas informações do morgado na cartinha minutada por Thomaz Xavier, (que logo faremos publica), esperava, que a *esquadra invencivel*, quando aqui chegasse, acharia a praça em sitio, e o morgado montado á cavallo com a espada na mão, como Bonaparte na tomada de Abouckir, escumando de raiva. Chega a divisão naval de *duas fragatas*, achou a praça livre, e toda provincia dansando a fôfa, e o morgado atolado nos charcos do *Junco*, como as rans de Esopete, quando pediram rei a Jupiter, e este lhes mandou uma serpente.

Agora deve S. M. I. desconfiar do morgado, e assentar firmemente, que lhe falta a veracidade de Epaminondas, que nem por brinco mentia; e si o visse, com seus proprios olhos é impossivel, que deixasse do nos dar toda razão em não querermos ser governados por um homem, que tem a habilidade de com palavras quasi portuguezas fallar uma giria africana.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XV

(QUINTA FEIRA, 15 DE ABRIL DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

Quando nos propuzemos á ajudar os nossos compatriotas, em crise de tanto perigo, com as nossas fracas idéas e mal alinhavados discursos,nos persuadimos que o publico certo d'aquella maxima,que trouxemos no nosso numero XIII que *a opinião, os boatos e as vozes publicas são os elementos dos periodistas, os quaes estão autorisados até a fazer hypotheses ou supposições e deduzir corollarios,* não exercitaria sobre nós a sua censura, por termos personalisado nossos compatriotas, quando por suas acções se achavam comprehendidos nos termos daquelle principio verdadeiro, e seguido pelos mais moderados e honestos varões, que se hão proposto a este genero de escripta ; pois que neste caso nem ha detracção, nem calumnia da parte do escriptor, que só fez seguir a fama publica.

Como, porèm, nos consta, que algumas pessoas, ou por confundirem os officios de um periodista com os de um magistrado de justiça, ou talvez por uma demasiada predilecção em graça de algumas pessoas, tem qualificado de muito carregada e talvez injusta a descripção,que n'aquelle mesmo numero fizemos do Padre Francisco Muniz Tavares ; nós em abono da nossa imparcialidade e defeza da nossa moderação, offerecemos ao publico as seguintes cartas do mesmo Muniz Tavares, que foram interceptadas no sul, e uma ao Exm. presidente Carvalho, afim de que o mesmo publico imparcial nos faça justiça.

Illm. Sr. Lamenha Lins, sargento-mór commandante do primeiro batalhão de caçadores, estacionado no engenho velho do Cabo.— Amigo e Sr.—Sinto que fossem por emquanto baldados os seus esforços. A *canalha* ainda impera ; mas quão ephemero será o seu imperio !

Eu retiro-me para o Rio, porque já não posso supportar tantos desvairados.

E' necessario que vossê e o seu illustre collega, o Sr. Seará, façam-me favor de *attestar* o quanto eu tenho trabalhado, desde que cheguei da côrte do Rio de Janeiro, á bem desta provincia, aconselhando com esforços a união e respeito ao imperador, execução ás suas ordens, e sustentação da monarchia constitucional, fazendo vêr as utilidades, que resultam da adopção do projecto de constituição offerecido pelo mesmo imperante.

Desejo, que com a maior brevidade remettam-me essas attestações, entregando ao morgado, para que logo despache o portador á trazer-me.

No Rio farei o que está da minha parte, para que o seu nome e do Sr. Seara, e de toda officialidade appareça com aquelle brilhantismo, que merece.

Adeus. Determine-me suas ordens, e conte que sou seu amigo certo.—*Francisco Muniz Tavares.*

P. S. O Sr. Seara queira receber esta carta como sua. Recife, 20 de Março.

Illm. Sr. Dr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz de fóra da cidade do Recife etc. Engenho velho do Cabo.—Illm. amigo e Sr.—Já não posso supportar a *canalha*, tenho determinado partir já e já para o Rio de Janeiro, e até para não ser testemunha de vêr esses mesmos, que se fingem hoje liberaes, accusando uns aos outros, e commettendo baixezas e indignidades.

Para partir, julgo que me fará muito á bem, para *meus arranjos*, uma attestação sua, declarando o quanto tenho trabalhado para o restabelecimento da ordem de Pernambuco, pregando a sustentação da monarchia constitucional, respeito ao chefe supremo, e execução ás suas ordens.

Espero merecer-lhe este favor, e que me remetta com toda a brevidade, determinando-me juntamente o que quer, que eu faça á seu respeito naquella côrte.

Eu estou por ora occulto.

Adeus. Conte com a sinceridade do seu amigo e venerador—*Francisco Muniz Tavares.*

Recife, 20 de Março.

Illm. e Exm. Sr. Francisco Paes Barreto, digno presidente da provincia de Pernambuco. Engenho velho do Cabo.—Morgado amigo.—Esta terra está inhabitavel. Eu não pretendo demorar-me n'ella muitos dias, tenho determinado ir já para o Rio de Janeiro, e espero,que vossê com a maior brevidade possivel mande-me uma attestação, affirmando o ter eu trabalhado, desde que cheguei a Pernambuco, para a sustentação da monarchia constitucional, e respeito de-

vido ao augusto imperador, não cessando de pregar a paz e tranquillidade.

A *canalha* está agora dominando com imperio ; porém julgo que esta dominação não durará.

Cartas fidedignas affirmam, que a esquadra está á chegar, trazendo comsigo dous batalhões, e quatro ministros do Rio de Janeiro.

Si vires, *que lá posso ser util*, manda-me dizer, certo de que, si me não agarrarem, eu hei de ir *solapando-os*.

Deus queira, que os soldados ahi tenham firmeza, e que as camaras deixem de obedecer ao *governo intruso*, para não ser mais dilacerada esta pobre provincia, a quem amo de veras.

Adeus. Recommenda-me a Sra. D. Thereza, teu sogro e mais familia.

O mesmo pedido de attestações faço a Thomaz Xavier, e aos commandantes dos corpos ; e espero que tudo venha quanto antes ; porque amanhãn trato de tirar passaporte.—Teu amigo certo.—*Muniz Tavares*.

Recife, 20 de Março.

Exm. Sr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade, etc.—Exm. Sr.—Os meus amigos, sabendo da minha proxima partida para o Rio de Janeiro, aconselharam-me, que não fizesse sem que primeiro, pelo meu comportamento acertado, desvanecesse a impressão tristissima, que ali fez a minha viagem ás Alagoas ; porque do contrario podia soffrer alguma prisão até justificar-me : o que abracei, attendendo igualmente ás cartas, que mesmo do Rio escrevem-me, nas quaes participam-me, que se espera por mim preso, e a V. Exc. e a outros.

N'estes termos, tenho determinado retirar-me por alguns dias para casa do meu amigo Francisco de Paula Cavalcanti, até ver em que param estas cousas, que tanto me amarguram.

Participo isto a V. Exc., para ficar certo, que *não sigo partidos;* só quero a ordem e tranquillidade da minha patria.

Sou com toda a consideração de V. Exc. attento venerador.—*Francisco Muniz Tavares*.

S. C., 30 de Março.

(Estas cartas se acham reconhecidas, por proprias do padre Muniz Tavares, pelo tabellião José Francisco de Souza Magalhães.)

OBSERVAÇÕES ÁS CARTAS ACIMA.

Si acaso nós dessemos todo vôo ás nossas reflexões sobre estas

cartas, sem duvida encheriamos dous numeros da nossa folha ; por que o succo das cartinhas está na razão inversa do seu tamanho. São cartinhas de ouro, que dos metaes é o que em menor volume tem maior peso. Porém, tendo muito em vista a paciencia do respeitavel publico, mormente em cousa tão desagradavel, só nos lembraremos daquelles pontos principaes,que dão mais nos olhos de todos.

Seja, portanto, o primeiro o decoroso tratamento de *canalha*, que o ex-deputado Muniz dá a todos aquelles que não adheriram a sedição, que elle formou em Pernambuco. Vejamos, porém, quaes são estes, e si lhes compete esta qualificação.

São o presidente e todo o seu conselho, o commandante das armas, commandante de corpos, e officialidade da primeira e segunda linhas, a excepção daquelles poucos rapazes, que foram para o Cabo, o corpo do clero, as camaras, os eleitores de parochias, os empregados publicos de todas as estações, os republicos, e varões probos, em fim todos aquelles que desde 8 de Janeiro regeitam ao morgado, e pugnam pela presidencia do actual presidente. Ora, Exm. Sr., tire V. Exc. esta gente da provincia de Pernambuco, e veja o que fica para não ser canalha : *apparent rari nantes in gurgite vasto.*

Apparece V. Exc., mais V. Exc. e outra vez V. Exc., o Cocó, o Ranheta,o Facada e Frugenio Caveira, e toda essa gente que ouvia V. Exc., como os peixinhos a Santo Antonio.

E o mais é, que eu nada tenho com que lhe retruque; porque me lembro do que disse Juvenal, Satyra XIII :

Rari quippe boni; numero vix sunt totidem, quot
Thebarum portæ, vel divitis ostia Nili.

Raros são os homens bons, bem como raras
As portas são de Thebas, ou do Nilo
Abundante ; e limoso os gorgomilos.

A *canalha* de qualquer lugar é a parte mais infima do povo, pela sua qualidade, pelas suas occupações, pelos seus vicios, pela falta de educação honesta : é a *infima plebe* dos Latinos,cuja approvação detestava Horacio : *non ego ventosæ, plebis suffragia venor.*

N'estas idéas desde a infancia, chamava eu *canalha* os filhos de baés, regateiras, scorsos e outras que taes da rua da Madragoa, Curral de Valadares, etc., que viviam de sordidas chanfanas, sem idéas de virtude, satisfeitos de seus vicios, ou aquelles homens, que, estando fóra destas ciscumstancias, se foram metter nesses deboches. Porém a varões distinctos pela sua origem, sua abundancia pecuniaria, seus talentos, educação, empregos e sentimentos honrosos, a flôr da provincia a final, nunca chamei nem esperei que alguem, alem de S. Exc., chamasse *canalha*.

Vêde lá, Pernambucanos, como vos trata o Exm. Muniz!

Nas cartas confessa o Exm. Muniz, que, desde que chegou do Rio, tem trabalhado a bem da provincia com esforços,aconselhando a união, respeito ao imperador, execução ás suas ordens, etc. Todos sabem, que esses conselhos foram dados aos que romperam com a guerra civil para a presidencia do morgado, e que esses foram militares e parte da força armada ; ora, compare-se este successo, filho dos seus conselhos, com o que nos diz o mesmo Exm. Muniz, que não é *canalha*, na sua carta de 14 de Março, inserta na *Pernambucana*, numero 28 : *Tenho fallado aos que me consultam, declarando-lhes juntamente, que a força armada não deve ter nisto a menor ingerencia.*

Si o Exm. Muniz lhes fallava nessa phrase, e foi a alma de sedição, como os seus alumnos da força armada fizeram o que sabemos ?

Ainda se poderia dizer, que, apezar do rompimento dos militares, elle não o approvou, si acaso não o vissemos na sua carta ao Lamenha dizendo *sinto, que fossem por emquanto baldados os nossos esforços.*

O Exm.Muniz,que por duas vezes tem sido deputado em côrtes, deve saber, que não se dirigindo S. M. aos chefes de batalhões para empossarem ao morgado na presidencia, sim ao governo existente na provincia e a camara da capital, ninguem, além desta e aquelle, tem direito de punir por a execução das ordens imperiaes, muito principalmente empregando meios tão violentos,como o das armas,e tão perigosos, que produziram a guerra civil. E em verdade são criminosos de sedição os que fizeram esta desordem ; e elle Muniz o cabeça, que, segundo as leis do imperio, tem pena de morte.

Concorda este comportamento do Exm. Muniz com o que elle disse na assembléa do Rio de Janeiro, na causa do Pedroso, *que odiava cordialmente as revoluções, porque amava muito a liberdade?* (Ses. 21 de Maio) e com o que elle nos respondeu na já citada carta na *Pernambucana*, querendo defender-se de influidor de desordens ?

Retirou-se para Suassuna *até ver estas cousas em que paravam, para certificar ao presidente que não seguia partidos ;* medida muito prudente e louvavel, assim fosse ella verdadeira ; mas por desgraça do Exm. Muniz, que não è *canalha*, na carta ao *morgado amigo*, escreveu com sua propria mão, que é pena não ser de um bispo, *si vires que lá posso ser util, manda-me dizer, certo de que, si me não agarrarem, eu hei de ir solapando-os.*

Então, Exm. Sr., V. Exc. não segue partido ? E que ia fazer lá no Cabo, si podesse ser util ? A vista disto, poderá alguem dizer, que V. Exc. segue partido ? Parece-me, si V. Exc. não mandar o contrario, que pode-se dizer, que V. Exc., é não só um grande partidario do morgado, como o autor, influidor do partido, que por elle se declarou.

V. Exc. nas côrtes do Rio de Janeiro, na defeza do padre Venancio, disse : *Em todo o tempo é licito ao cidadão suspeitar, mormente quando para isto tem alguns dados; o que não é licito, è con-*

vocar partido com estas suspeitas, a fim de se transtornar a ordem publica. Parece que o caso em questão está mais acima de suspeita, e que desta vez V. Exc. não nos ha de appellidar de precipitados, sem hermeneutica, e acrimoniosos. Ora, como o que V. Exc. queria aqui, e para que tanto trabalhou e deitou a perder a tanta gente, é o mesmo que quer o ministerio do Rio, e para que despachou emissarios para as provincias, julgo que devo dar credito á uma carta de pessoa muito fidedigna do Rio de Janeiro, datada de 9 de Janeiro, a qual diz por estas mesmissimas palavras: *Corre aqui que Muniz Tavares foi d'aqui comprado... cautela com elle* !

Com effeito, devemos tel-a, mormente quando S. Exc., que não é *canalha*, protesta ao *morgado amigo*, que, si o não agarrarem, os hade ir *solapando* ; por tanto o governo que se deixe de indolencia e patriotismo mal entendido, cuide mais na segurança publica, e mande agarrar a S. Exc. para não ir *solapando* ; pois que a guerra occulta é mais terrivel do que a publica, muito principalmente quando o inimigo, debaixo de uma catadura pacifica, palavras afeminadas e cheias de doçura, maneiras geometicas, feitas á regoa e compasso, representa de homem de paz, amante da ordem e interessado pelo bem commum, sendo no interior o avesso de tudo isto.

Lea-se no Virgilio, AEneid. cant. 2. v 57 et seq. , os fingimentos e as maneiras de Sinon, para persuadir aos Troianos a introducção nos seus muros do cavallo recheiado de inimigos, e veja-se si acaso não estamos em caso identico. O *Prosequitur pavitans, et ficto pectore fatur*, que disse o poeta daquelle seductor, parece que foi escripto a vista da pessoa de S. Exc. ; e si acaso se não tomarem medidas energicas á seu respeito, havemos de dizer sem remedio como os Troianos.

Et si fata Deúm, si mens non læva fuisset,
Troja nunc stares, Priamique arx alta maneres.

" Si aos decretos fataes da divindade
" Não se unisse dos homens a demencia,
" Existira de Troia alta cidade,
" Onde Priamo teve a preeminencia. "

Parece que ninguem poderá duvidar do patriotismo e amor, que S. Exc· tem á sua patria, a quem ama deveras, e cujas perturbações tanto o amarguram, quando se vê ao dito senhor procurando mesmo attestações de seus serviços para *certos arranjos seus.*

Os verdadeiros patriotas sacrificam talentos, fazenda e vida pelo bem do seu paiz, para lhe procurarem a paz, a tranquillidade, o augmento physico e moral, sem mais outro fim que a gloria de terem assim obrado.

Fóra deste ponto de vista, são mercenarios, que obram por ganancia e para tirar partido.
Ama-se muito pouco a patria, quando para servil-a se pedem salarios, disse o abbade Mably a M. Adams, plenipotenciario dos Estados-Unidos na Hollanda.

Si pedisse S. Exc. as attestacões para relevar-se de imputações, mostrar sua conducta regular, justa e illibada, era isto uma cousa muito propria do homem probo, que se vê calumniado ou infamado; porem para procurar *certos arranjos*, faz o negocio mudar muito de natureza, e, em lugar de ser um procedimento airoso, serve de deshonra e descredito, muito principalmente quando corre de plano, que ainda S. Exc. estava no Rio de Janeiro, quando para aqui escrevia á amigos, que contava com a mitra de Pernambuco, porque lh'a prometteram, rogando-lhes que por emquanto se calassem.

O certo é que S. Exc. não podia ser despachado nem para as armas, nem para a magistratura, nem para as lettras, nem quereria, que seus augustos trabalhos fossem recompensados com vigararias e conesias, porque, na sua opinião, essas minucias e frandulagens são para *canalha* e moleques *rabudos*. S. Exc. como varão de tomo, de alta prosapia, de virtudes altas, foi talhado para sellar seus papeis com o *annel do pescador—Fiat voluntas tua.*

Deus lhe encha os seus desejos.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XVI

(QUINTA FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PERNAMBUCO

Na luta, em que se achava o commandante da divisão naval de *duas fragatas*, surtas no lamarão deste porto, João Taylor, para fazer empossar na presidencta da provincia Francisco Paes Barreto, prender o Exm. Carvalho, actual presidente, e outras pessoas, querendo para esta iniquidade a cooperação do Exm. commandante das armas, José de Barros Falcão, se julgou que este negocio era de uma natureza e entidade, propria para nelle ser ouvida toda provincia, visto estar na presidencia o Exm. Carvalho por voto da mesma provincia por muitas vezes emittido. Assim o mesmo presidente Carvalho fez convocar um grande conselho, composto do Exm. commandante das armas, camaras da provincia, corporações civis, militares, eclesiasticas, corpo litterario e homens bons da capital; e para elle sendo convidado o commandante da divisão naval, para que presenciasse e se desenganasse de que a expulsão do morgado da presidencia nomeada e a conservação do actual presidente não era effeito de uma facção desorganisadora, como dizia o morgado, sem o voto geral de toda a provincia, annuiu o dito commandante naval, mandando por seu delegado o capitão de fragata, Luiz Barroso Pereira.

Teve lugar o conselho no dia aprazado, 7 do corrente, e reinando a paz e a melhor ordem, depois de proposta a materia, discutida, e posta á votação, havendo-se antes lido toda a communicação entretida pelo commandante naval e o das armas da provincia, por unanimidade de votos, a excepção de um só, decidiu-se:

Que devia ser conservado o actual presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, primeiro por ser uma pessoa de publica

confiança pelo seu decidido patriotismo e bom governo, que tem feito ; segundo, porque o eleito por S. M. I. pelos passos anarchicos e subversivos, que tem dado, promovendo a insubordinação de parte da tropa, acendendo a guerra civil, e derramando sangue pernambucano, a despeito das resoluções de muitos conselhos,que se esperasse a resolução de S. M. I., tinha perdido a opinião publica e contrahido o odio e execração geral da provincia, que de nenhum modo pode deixar de ser senão desgraçada com o seu governo.

Que, vista a declaração do commandante da divisão de não haverem chegado á presença de S. M. I. as representações feitas a este respeito, e as reclamações da provincia a favor do mesmo actual presidente e omnimoda exclusão de Francisco Paes Barreto,se mandasse uma deputação de tres membros, civil, militar e ecclesiastico, para apresentar a S. M. I. todas as participações desde 13 de Dezembro do anno proximo passado, e *rogar-lhe* haja de confirmar em todo caso o actual presidente, como aquelle que mais merece a confiança publica.

Participado este resultado ao commandante naval pelo presidente do conselho, o Rvm. Sr. Padre Venancio Henrique de Rezende, a resposta que teve a provincia da parte do commandante naval, bem fóra de sua expectação, foi declarar-se o porto do Recife e os de mais adjacentes bloqueados pelo seguinte

MANIFESTO.

Pernambucanos ! Pela proclamação que fiz circular entre vós, pela correspondencia que entretive com vosso governador das armas, e pelas cartas que escrevi ás camaras de Olinda, Iguarassú, Goiana e Limoeiro, conhecereis sem duvida a força das instrucções, com que aqui me apresentei, e os meios de moderação, que empreguei até hoje, para bem de restituir a tranquillidade á provincia, chamar os espiritos exaltados á um centro de unidade e de razão, e fazer respeitar as attribuições e ordens de S. M. o Imperador. Mas a essa marcha de conducta franca, leal e moderada correspondeu o conselho, que hontem teve lugar entre vós, com o inaudito accordão de negar a posse ao presidente nomeado por S. M. I., e pedir a conservação do actual, com exclusão de outra qualquer pessoa.

E quem poderá acreditar, que seja voto unanime do povo pernambucano uma resolução ainda não vista na historia dos povos civilisados ?

Quem acreditará, que um povo, até hoje tão zeloso do seu credito e reputação, faça saber ao Brazil e ao mundo inteiro, que entre elle só ha um homem capaz de o governar ?

Que vergonha ! ! !

Que mais poderia fazer o imperador para vos dar uma nota da sua estima,do que nomear-vos para presidente a um homem que sendo

eleito por vós para membro da junta governativa, passou depois a presidir por tanto tempo a essa mesma junta ?

Que mais podia fazer do que nomear para governador das armas o mesmo official, a quem vós havieis confiado esse importante cargo ?

Desenganado, pois, de que uma facção revolucionaria e desorganisadora tem illudido a uns, e aterrado a outros com as suas ameaças, eu passo com bastante dôr do meu coração a empregar as medidas hostis, que as minhas instrucções me determinam, assegurando-vos que tomando o maior interesse pela prosperidade do Brazil, minha patria adoptiva, lamento a calamidade, que vai experimentar este bello paiz.

Declaro, portanto, desde já o porto do Recife e todos os mais adjacentes em estado de perfeito bloqueio, até que o decoro da nomeação de S. M. I. seja respeitado e as suas ordens cumpridas, ou, para melhor dizer, até que o brioso povo pernambucano sentindo o preço de sua dignidade offendida, ponha termo a injuria com que se tem coberto, e deixe de puxar o carro de triumpho desse intruso presidente. Com tudo, porém, para dar ainda prova decisiva das intenções que me animam a favor de vós, consentirei na sahida dessa embarcação, em que se diz tem de ser enviada á côrte do Rio de Janeiro a deputação, de que faz menção o accordão do conselho, sem que por esta excepção se entendam alteradas as medidas hostis, que são as necessarias consequencias de um bloqueio.

Permitto tambem, satisfazendo as intenções de S. M. I. de manter a paz com as nações amigas e alliadas, que todos os navios estrangeiros, que tiverem começado a carregar antes da publicação do presente manifesto, possam sahir dentro do prazo de oito dias ; depois do qual, só poderão sahir em lastro, ficando com tudo sujeitos uns e outros a serem registrados na sahida pelo bloqueio do meu commando.

Dada a bordo da fragata *Nitherohy*, surta no lamarão de Pernambuco, em 8 de Abril de 1824.—*João Taylor*, capitão de mar e guerra, commandante de divisão nacional e imperial.

REFLEXÕES AO MANIFESTO ACIMA

Indecisos nos achamos sobre o conceito, que devemos fazer do caracter do commandante da força naval, *João Taylor ;* porque comparando o presente manifesto, seus officios a diversas camaras desta provincia, ao commandante das armas, ao major Pitanga, com a carta de 2 de Fevereiro, que lhe foi deitada a bordo, quando estava no Rio de Janeiro, achamos uma manifesta contradicção.

N'aquella carta se dizia : *Entre os vossos nacionaes actualmente*

em serviço nosso,haveis merecido, por vossa conducta, particular estima e consideração; e se fazia uma grande differença entre M. Taylor e os *de mais commandantes, que são piratas.* E este conceito feito no Rio de Janeiro, apezar de concordar com o que se diz do mesmo Taylor, chamando a sua *conducta franca, leal e moderada ;* comtudo pedece não pequena falha, comparado com o seu proceder aqui. M. Taylor, si obrasse com *franqueza, lealdade e moderação*, devera ter outra conducta, quando em chegando aqui, achou a provincia fóra d'aquellas circumstancias, que calumniosamente se assoalhavam no Rio de Janeiro ; nunca devera usar do engano, seducção, perfidia e injustiça.

Que bôa fé póde haver da parte de M. Taylor, quando tendo convindo em mandar um seu delegado ao conselho de 7 deste, furtivamente despachou emissarios para o sul e norte, com cartas ás camaras, nas quaes, alem de querer seduzil-as com argumentos pueris á obediencia cega ás ordens do imperador, chamava a seu bordo deputações das camaras, para conferenciar com ellas, assegurando-lhes que ganhariam mais em uma hora de conferencia, do que em muitos dias de correspondencia ; e isto antes que se celebrasse o conselho de 7 !

Daqui se vê, que essa conferencia não podia versar sobre o direito, que tem S. M- para nomear presidentes ; porque ninguem duvida disto, e todos sabem que as côrtes lhe concederam essa attribuição. A questão é outra, a saber, si recahindo o exercicio d'este poder sobre pessoa tão manifestamente prejudicial, se deve receber cegamente ?

Não se póde comprehender um ataque mais solemne ao systema constitucional, que S. M. tem tão profundamente gravado na sua alma, do que a affirmativa deste problema.

Não haverá força de raciocinio, por maior, que possa convencer homem algum, a não ser um bronco ; pois a todas as luzes é isto diametralmente opposto á intenção das côrtes, á justiça e constitucionalidade de S. M., que outro fim, além do bem dos povos, jámais pode ter.

Excluido, pois, esse fim das conferencias, sobre que versariam ellas ? Não lembram outros, que a promessa de algumas fivelas do Cruzeiro, ou ameaços de reduzirem tudo a pó as forças da divisão nacional.

E esta conducta será de boa fé e franca ?

Depois; o officio do Pereira da Cunha, emissario do sul, ao major Pitanga, no qual se assegurava o empossamento do morgado, e seu reconhecimento por toda provincia, provará boa fé da parte dos que advogam esta causa ?

Nunca o engano e a mentira foram as armas da justiça. Esta só tem por esteio a verdade, a candura e a franqueza.

Como se póde suppôr boa fé da parte de um official, que havendo dado sua palavra de honra ao commandante das armas e camara da capital de esperar pela resulta do grande conselho do dia 7, nesse mesmo dia, antes de saber a resolução do conselho, con-

tra todo o direito das gentes, declarou aos consules das nações estrangeiras, aqui residentes, que se achava este porto em bloqueio ?

Esta acção em inglez, francez e outra qualquer lingua do universo chama-se aquillo a que nós damos o nome de *perfidia* ; poder-se-ha dizer do homem perfido, que tem boa fé ?

Será boa fé haver o commandante Taylor dito ao morgado, que apartasse immediatamente de si os corpos, que o acompanhavam, e proclamado aos soldados, que se retirassem para seus quarteis, e estar reunindo forças na Barra Grande ?

Será justiça da parte de M. Taylor consentir, que fosse uma deputação a S. M. I. participar-lhe as circumstancias da provincia, apresentar-lhe as reclamações desta, visto não ter recebido as outras, e estar hostilisando a provincia ?

Está a lide pendente, e estamos em requerimentos ; e, antes de resolução final, já somos punidos, e punidos com um bloqueio ?

Nem na jurisprudencia de Alger isto deixa de ser injustiça.

Como então alardea o commandante de *conducta franca, leal e moderada ?*

Chama M. Taylor *inaudito o accordão do conselho em negar a posse ao presidente nomeado por S. M., e pedir a conservação do presidente actual, com exclusão de outro qualquer; e diz que esta resolução não foi ainda vista na historia dos povos civilisados.* Não esperavamos, que M. Taylor fosse tão hospede na historia, mormente a de nossos dias.

Como nos chama para factos, com factos lhe responderemos. Os decretos imperiaes de hoje não vem de uma fonte mais legitima do que os reaes, quando estavamos unidos a Portugal ; e tanta obediencia se deve ao decreto, que destina um homem para um officio pequeno, quanto ao que nomea o outro para general, presidente e etc. Desde que Portugal foi monarchia, sempre se viu em todas repartições ficarem temporariamente suspensos e muitas vezes sem effeito muitos decretos e ordens regias, porque não eram applicaveis ás circumstancias ; viram-se muitos despachados não gozarem dos seus despachos, e não lhes darem cumprimento. Agora mesmo no tempo do imperador do Brazil, que alluvião de factos desta qualidade se não encontram ?

Na Bahia de Todos os Santos foi preso pelos mesmos que lhe obedeciam, e deposto do commando do exercito o general Labatut, nomeado e mandado para aquella campanha por S. M., e o governo nomeou para substituir o seu lugar o coronel Lima. O ministerio do Rio de Janeiro ardeu com isto, e nomeou para o commando do exercito o brigadeiro Moraes, que chegando a Bahia, recebeu immediatamente a posse do commando, ordenada pelo Lima ; e já tinha dado a primeira ordem do dia, quando, por uma representação dos commandantes dos corpos da primeira linha, recebeu ordem do governo para entregar de novo o commando ao Lima ; executou a ordem sem demora, e retirou-se para o Rio de Janeiro, onde se vociferava contra Felisberto Gomes Caldeira, como autor de todas essas desordens. Pouco depois apparece a rusga contra o Lima, o qual

sabendo que havia de ser deposto no dia 12 de Outubro, previne este successo, e se demitte do governo das armas ; o qual cahiu nas mãos de Felisberto. E apezar de que no Rio de Janeiro se soubesse, que este havia manejado a intriga para estes movimentos, fez o gosto aos Bahianos ; e foi Felisberto confirmado por S. M. I. no commando das armas.

Em todos esses factos, foram os Bahianos julgados rebeldes ?

Esquiparam-se bloqueios contra elles ?

Passaram a soffrer as hostilidades, que estamos soffrendo ?

Serão os Bahianos os Benjamins do Brazil, e nós seremos os Cains ?

E despachado governador das armas do Ceará o brigadeiro Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, chega a Pernambuco, participa o seu despacho áquella provincia ; esta o regeita, e elle daqui mesmo volta para sua patria. S. M. sabe da falta de obediencia do Ceará ás suas ordens, declarou-os rebeldes ?

Mandou-lhes bloqueios, mandou-lhes Taylores, Ypirangas, Nitherohys ?

Si não quizessemos ser breves, podiamos citar outros muitos factos desta natureza, dos quaes se prova, que o presente caso do morgado não é mais do que um pretexto, que o ministro procurou para encobrir a má vontade,que ha muito nutre contra Pernambuco.

E' miseravel o argumento, de que usa o Taylor, para nos fazer aceitar o morgado, e ficarmos muito obrigados a S. M. I., a saber, por ser o morgado aquelle que já foi eleito por nós para membro da junta passada, e ao depois foi pro-presidente. Si a nossa eleição passada, feita só pelos eleitores, antes do homem dar-se a conhecer, tem algum peso, maior deve dar-se a actual repulsa e exclusão ; porque é feita por eleitores, procuradores de camaras, conselhos militares, clero, corpo litterario, republicos e cidadãos bons por muitas vezes ; e isto depois d'elle dar-se a conhecer em um anno de governo como membro, e pro-presidente.

Não faz mais honra ao Sr. Taylor o outro argumento, com que nos quer excitar a revolta, tocando-nos pelo lado da honra, por pedirmos a conservação do actual presidente com exclusão de outro qualquer.

Primeiramente note-se, que parece não ser a mesma cousa pedir a S. M. a *confirmação do actual presidente em todo o caso ;* e pedir a mesma confirmação *com exclusão de outra qualquer pessoa.*

Depois, que rebeldia ha em pedir-se, a quem pòde dar, cousas inda mesmo injustas ?

O *pedir* è muito diverso do *estatuir* : si nós tivessemos *estatuido* ou decretado não querer, ou não aceitar outro qualquer, que não fosse o Exm. Carvalho, isto era outra cousa. Nós porém *pedimos*, que se nos confirme aquelle presidente.

Em terceiro lugar, que vergonha nos pòde resultar daqui ?

Queremos dizer com esta nossa petição,que não ha outras pessoas que nos governem bem,além do Carvalho? Esta logica é nova, sem duvida é da mesma escola, que cursou o Pitada ? Os deputa-

dos das camaras no conselho de 21 de Fevereiro deste anno disseram, que o actual *presidente foi eleito na sessão extraordinaria de 13 de Dezembro passado, como uma das pessoas, que melhor podia defender os direitos da provincia, tão gravemente ameaçados.* Já daqui se vê, que na provincia se acham muitas pessoas capazes de governar ; e como o actual presidente è uma dessas capazes, tem confirmado a nossa esperança, não ha razão para que se não confirme ; por quanto a mudança para outra tambem capaz não passaria de uma puerilidade ou capricho, como tambem porque mostra a experiencia, que a mudança amiudada dos governantes sempre atraza o andamento da machina social ; pois que é quasi impossivel,que o successor siga o plano do succedido.

Depois, *affronta e injuria* nos faz o Sr. Taylor, quando diz, que *não reconhece, nem reconhecerá nesta provincia outro presidente, que não seja Francisco Paes Barreto.*

Então ha só na provincia Francisco Paes Barreto ?

Ainda antes de se elle dar a conhecer, quem avançasse esta proposição, não deixava de merecer a qualificação de um louco rematado, quanto mais depois de estarem todos ao facto da sua capacidade pela experiencia !

E não é nada este protesto do Sr. Taylor !

Devemcs estar-lhe bem obrigados.

(Continuar-se-ha.)

Cautela, união, valor constante.
Andar assim é bom andar.

Boa viagem.

XVIII (*)

(QUINTA FEIRA, 13 DE MAIO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

O principio deste seculo tem sido empregado em politica: constituições, e seus projectos occupam todos os espiritos.

Não ha quem não queira dar suas rajadas sobre formas de governos, suas vantagens e seus damnos.

Ha poucos dias lemos uma carta de certo *caturra*, que pelo nome não perca, na qual extranhava elle á um official de grande patente desta praça não ter o official e outros Pernambucanos adoptado o projecto de constituição offerecido pelo imperador; e dando por causal deste procedimento não haverem esses Pernambucanos lido e entendido o projecto, metteu-se o tal *semiscarunfio* da carta a mostrar o projecto a cousa mais util e decorosa ao Brazil. Como conheciamos de perto esse fidalgo, seus talentos, sua applicação, não podemos suspender o frouxo de riso; e veio-nos á memoria a anedocta de certo marinheiro, que pedindo a um ministro de Goiana provisão para advogar naquella villa, deu por sua sufficiencia juridica *o ter morado em Lisboa defronte de um lettrado.* O nosso homem, *como veio do Rio de Janeiro, onde se fez o projecto*, tinha quanto bastava para só elle entendel-o, e penetrar sua bondade com vista mais aguda, do que a de lynce.

Desgraçada humanidade, que não possas deixar de soffrer estes *inhames*!

Deixemos, porém, esse pobre *moço*, perdoemos-lhe esta fanfar-

---

(*) Na collecção deste periodico faltava o n. XVII, que vae omittido nesta secção por não ter-me sido possivel preencher essa lacuna. Esta falta é originaria, e não consequente de posterior descaminho; visto que achavam-se brochurados todos os numeros, aqui insertos, sem indicios de subtracção ou algum descaminho.

(*Nota do Revisor*)

rice de politico, bem como outros lhe perdoaram a vil e negra ingratidão, com que atacou de malvados, rebeldes e indignos a seus bemfeitores, que formaram, e lhe remetteram uma subscripção de sete mil e tantos cruzados, para acommodarem os seus destemperos e loucuras ; vamos ao que mais importa.

Essas novas legislações, que correm por todo mundo, endoudecendo os homens, tem padecido diversa fortuna e fado.

Umas, como a da republica de Colombia, vão engrossando raizes, produzindo saborosos fructos, e dando esperanças de que em breve tempo virão seus povos a hombrear com os Estados Unidos.

Outras, podadas de dia em dia, estão arvores do estio, desfolhadas e seccas,qual a de França nas mãos do agricultor Luiz XVIII; que, aconselhado por tres ministros, por decreto de 3 de Novembro do anno passado dissolveu a camara dos deputados, com sensação não pequena e desordens de todo reino.

Outras, por fim, depois de juradas, rejuradas por seus respectivos reis, e perjuradas, lançadas por terra, estão nas boticas e lojas de especiarias embrulhando cominhos, caparrosa, cevada, etc.

Que desgraça !

Não tem sido mais fortunosos os projectos de constituição do Brazil.

O dos Andradas, depois de tres mezes nas forjas de Lemnos, sahiu com muito *caputmortuum* ; mettido no laboratorio da assembléa, ainda não havia soffrido a primeira trituração, quando abrazando-se a atmosphera, rebombando em trovões, e desfechando raios, veio um, que pôz em cacos *cupelas*, *tubos-ferruminatorios*, *balanças*, *tegulas-docemasticas*, *fornalhas*, e escangalhando tudo, deixou os Stalhios, Bergmans, Sagios e Froucrois mais estupefactos e aterrados, do que os frades do compadre Matheus, espancados pelo Padre João de Donfort.

O do Severiano, como mais delicado, e por isso mais fragil, não deve de passar pela *cupulação*, de medo que o bismutho vitriscivel dos debates da assembléa constituinte não reduza á escorias os metaes superiores e inferiores daquella mistura ; por isso anda por certas mãos delicadas, querendo-se que os poves o abracem, jurando na fé dos padrinhos, isto é, do senado muito leal e heroico.

Por ora ainda não sabemos em que virão parar as alcovitices dos adelos, porque no norte do Brazil, que é maior e mais povoado do que o sul, ainda não foi aceito ; e o espirito geral das camaras, é o mesmo da de S. José de Mipibú, que declarou, *que no projecto, a excepção de poucos artigos, todos os demais são de encontro com os principios adoptados, e por isso nada delle executariam* ; e no sul do imperio este negocio está tão descozido, que o *Grito da Razão*, n. 18, todo interessado na sua adopção, diz, que *quasi todo sul o tem adoptado.*

Parece-nos, que temos aqui os desposorios de Peleo e de Thetis, em que a discordia, por não ser convidada para aquelle brodio, lançou entre as deosas o pomo de ouro com a inscripção *pulchriori*, para a mais formosa.

O Rio quiz ser a mais linda das provincias, arrebatando logo o pomo do projecto, enganada sem duvida pela formosura do frontespicio, e sem lhe occorrer, que podia muito bem ser, como as maçães da Pentapole, encantos dos olhos por fóra, e cheias de cinza por dentro. As provincias do norte não querendo ser juizes em causa propria, reclamam fortemente um Páris, isto é, uma assembléa constituinte.

Em quanto ellas vão bradando vigorosamente, nós persuadidos de que os Pernambucanos mais racionaes, do que os Hebreos, que comendo no deserto o maná celeste, choravam pelas paneladas de carne do Egypto, não hão de deixar o presente systema constitucional por democracias, que já abandonaram, e igualmente para fazer a vontade a muitas pessoas, que ouvindo fallar, nunca viram, offerecemos o seguinte

PROJECTO DA LEI ORGANICA, QUE DEVERIA REGER PROVISORIAMENTE A REPUBLICA PERNAMBUCANA, PROCLAMADA A 8 DE MARÇO DE 1817, EM QUANTO SE NÃO FORMASSE A SUA CONSTITUIÇÃO

O governo provisorio da republica de Pernambuco, revestido da soberania pelo povo, em quem ella só reside, desejando corresponder a confiença do dito povo, e conhecendo que sem formas e regras fixas e distinctas o exercicio das funcções, que lhe são attribuidas, por vago, inexacto e confuso, não póde deixar de produzir choques e dissenções, sempre nocivas ao bem geral e assustadoras da segurança individual, fim e alvo dos sacrificios sociaes, decreta e tem decretado:

1.° Os poderes de execução e legislatura estão concentrados no governo provisorio, em quanto se não conclue a constituição do estado, determinada pela assembléa constituinte,que será convocada assim que se encorporarem as comarcas, que formavam a antiga capitania, e ainda não tem abraçado os principios da independencia.

2.° Para o exercicio da legislatura haverá um conselho permanente,composto de seis membros escolhidos pelo governo d'entre os patriotas de mais probidade e luzes em materias de administração publica, e que não sejam parentes entre si, até segundo gráo canonico.

3.° O governo e conselho assim reunidos formarão a legislatura propriamente dita, e a decisão da pluralidade dará existencia aos actos de legislatura, ou decretos, que serão assignados pelo governo só, sendo porém passados em conselho á pluralidade; o que se declara, pena de insanavel nullidade, e ninguem dever-lhe dar a devida execução.

4.° As sessões da legislatura continuarão todos os dias, á excepção dos consagrados ao culto divino. Ellas começarão as seis horas da tarde, e durarão por todo o tempo, que a discussão e con-

clusão dos negocios propostos o exigir. Serão presididos pelos cinco membros do governo, um cada semana; o qual mal se assentar, guardar-se-ha o mais inviolavel silencio, estando todos attentos ao que se proprõe e opina, não interrompendo uns aos outros, mas oppondo-se, mal findar algum de fallar, as objecções, que se tiver contra a opinião emittida. Nas ditas sessões escreverá as deliberações o secretario do interior....

5.· Os projectos de lei,depois de propostos, ficarão sobre a mesa pelo espaço de seis dias, para dar tempo a que os membros os meditem, e se apromptem para a discussão; para cujo fim em trabalhando a imprensa, serão impressos e distribuidos por cada membro.

6.· Cada membro opinará com plena liberdade e igualdade, e pela opinião, que emittir em conselho, ninguem será increpado, e menos perseguido.

7.· Serão membros do conselho, além dos seis, de que elle se compõe, os secretarios do governo, o inspector do erario, e o bispo de Pernambuco, e na sua falta o deão.

8.· Para o exercicio do poder executivo cream-se duas secretarias, uma para o expediente dos negocios do interior, graça, policia, justiça e culto, outra para o expediente dos negocios da guerra, fazenda, marinha e negocios estrangeiros. Os patriotas, nomeados para estes empregos, nomearão os officiaes, que carecerem, e farão subir ao governo para sua approvação.

9.· O despacho dos negocios, pertencentes ás duas secretarias, far-se-ha todos os dias das nove horas da manhã em diante, e durará o tempo preciso para sua ultimação.

10. Parecendo ao governo ouvir o conselho sobre medidas, que deva tomar na parte executiva, convocal-o-ha; e as sessões neste caso se farão fóra do alcance dos ouvidos curiosos, para não abortarem negocios, que dependem de segredo.

11.· Pelos actos do governo, que minem a soberania do povo e os direitos dos homens, e que produzam desharmonia entre os differentes membros da republica, serão responsaveis os governadores, que os assignarem, e os secretarios, por cuja secretaria forem passados; e não devem por esse motivo ter execução sem a previa assignatura do secretario respectivo. Os secretarios pódem ser logo accusados; os governadores, porém, só findo o seu tempo de serviço.

12.· Para a boa administração, arrecadação e comptabilidade das rendas publicas, crea-se um inspector do erario, a quem é sugeita toda a repartição, e que só depende do governo, de quem recebe ordens, pela secretaria de fazenda. E ordena-se que a receita e despeza das rendas se publique cada anno por via da imprensa.

13.· A administração da justiça na primeira instancia fica a cargo de dous juizes ordinarios, que serão eleitos, em cada cidade e villa, pelo povo do seu destricto na forma estabelecida; e as eleições serão remettidas ao collegio da justiça, de que abaixo se faz menção, para approvação das pautas. A um delles pertencerá o expediente crime e de policia, ao outro o das contendas civeis, e

bom regimen dos orphãos e engeitados. Não terão salario algum do publico, nem cousa alguma das partes pelo desempenho de suas funcções, contentando-se com o respeito, que lhes resulta do exercicio dos seus cargos. Delles se aggravará e appellará em direitura para o collegio de justiça. Serão os inquiridores, distribuidores e contadores do seu juizo, tudo gratuitamente.

14.· São extinctos os ouvidores e corregedores das comarcas, e igualmente os juizes de orphãos nas villas aonde os ha, por serem commettidas suas attribuições aos juizes ordinarios

15.· Crea-se na capital do governo um collegio supremo de justiça,para decidir em ultima instancia as causas civeis e crimes. Será composto o dito collegio de cinco membros litterados, de bons costumes, prudentes e zelosos do bem publico.

16.· Serão pagos os membros do collegio pelo erario, sendo-lhes vedado receber salario algum, assignaturas ou próes das partes, que perante elles requererem, afim de evitar as concussões.

17.· Farão cada anno dous membros do collegio supremo de justiça a visita dos julgados do estado, e conhecerão das omissões e commissões dos juizes ordinarios, para se lhes dar a devida pena. Terão estes juizes ordinarios uma ajuda de custo do governo, além do salario e aposentados á custa das comarcas ou municipalidades.

18.· Os magistrados, uma vez empregados, não pódem mais ser removidos, senão por sentença, em pena de suas prevaricações.

19.· O collegio de justiça deverá apresentar ao governo, pela secretaria da justiça, os planos tendentes ao melhoramento desta repartição e reforma dos abusos nella introduzidos.

20.· Para decisão dos crimes dos militares em ultima instancia crea-se uma commissão militar, composta de quatro membros, dous do collegio de justiça e dous officiaes generaes, e na sua falta coroneis. A commissão será presidida pelo general das armas.

21.· As leis até agora em vigor, e que não estão ou forem abrogadas, continuarão a ter a mesma autoridade, emquanto lhes não for subrogado um codigo nacional, e apropriado ás nossas circumstancias e precisões.

22.· A administração das comarcas, ou municipalidades continúa no pé antigo.

23.· A religião do estado é a catholica romana. Todas as mais seitas christãs de qualquer denominação são toleradas. E'-lhes, porém, vedado o invectivar em pulpito e publicamente umas contra as outras, pena de serem, os que o fizerem, perseguidos como perturbadores do socego publico. E' prohibido a todos os patriotas o inquietar e perseguir a alguem por motivo de consciencia.

24.· Os ministros da communhão catholica são assalariados pelo governo, os das outras communhões, porém, só o podem ser pelos individuos da sua communhão. E basta que haja de cada communhão vinte familias n'uma povoação, para o governo conceder-lhe á sua instancia a erecção dos lugares publicos de adoração e culto de sua respectiva seita.

25.· A liberdade de imprensa é proclamada, ficando porém o

autor de qualquer obra, e seu impressor sugeito a responder pelos ataques feitos á religião, á constituição, bons costumes e caracter dos individuos, na maneira determinada pelas leis em vigor.

26.· Os Europeus entre nós naturalisados e estabelecidos, que derem prova de adhesão ao partido da regeneração e liberdade, são nossos patriotas, e ficam habilitados para entrar nos empregos da republica, para que forem habeis e capazes.

27.· Os estrangeiros, de qualquer paiz e communhão christã que sejam, pódem ser entre nós naturalisados por actos do governo, e ficam habeis para exercer todos os cargos da republica, uma vez assim naturalisados.

28.· O presente governo e suas formas durarão sómente em quanto se não ultimar a constituição do estado. E como póde succeder,o que não é de esperar,e Deus não permitta, que o governo para conservar o poder, de que se acha apossado, frustre a justa esperança do povo; não se achando concluida a constituição no espaço de tres annos, fica cessando de facto o dito governo, e entra o povo no exercicio da soberania, para o delegar a quem melhor cumpra os fins da sua delegação.... "

Parece-nos que este projecto está truncado, ainda que em poucas cousas.

Até aqui se entendia o manuscripto, que nos foi communicado, e parava em mão de uma pessoa de lettras; si podermos descobrir o que suppomos faltar-lhe, por termos algumas especies do que lemos em 1817, não deixaremos em silencio.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XIX

(QUINTA FEIRA, 27 DE MAIO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

A nenhum dos nossos numeros foi mais apropriada a nossa epigraphe, do que á este. Por toda parte vemos cerrações, nevoeiros e tempestades, que nos mettem medo.

O Rio de Janeiro é a *Lipara* do nosso tempo, donde sahindo os furiosos ventos, tem suscitado tempestades em todo o Brazil. Desde a foz do Rio da Prata até o Amazonas, não se vê mais que dissenções, choques entre o absolutismo fluminense e a liberdade brazilica ; e os papeis ministeriaes do Rio a dizerem a todo mundo, que tudo está em paz, e que não ha novidade !

O *Argos* de Buenos Ayres,de 31 de Janeiro deste anno, numero 5, disse, que o *imperador do Brazil começava a bambalear com alguma seriedade*, só pela falsa noticia de que Pernambuco e Bahia se haviam separado do Rio de Janeiro, e pelo grande effeito, que no Rio de Janeiro, apezar do zelo redobrado, que despregava a policia, produziu o proclama manuscripto, que ali circulou em nome do general da Bahia ; que dirá hoje se lançar suas vistas agudas desde S. Paulo até o Ceará Grande ?

O Barata, das prisões de Santa Cruz, e José Bonifacio, do mar de Vigo, estão vendo cumprirem-se as suas dolorosas prophecias.

Depois da dissolução da soberana assembléa constituinte do Brazil, que até o *Constitucional* de França chama *arbitraria*, tem apparecido por toda parte o espirito republicano,que,sendo da indole dos Brazileiros, se acommodaria, si acaso vissem estabelecer-se o governo constitucional. Mas como se tem querido plantar o absolutismo por meio de estratagemas e de terror, os povos conhecendo o engano,e ciosos de sua liberdade, vão apresentando por toda parte aquella opposição, que é propria de suas circumstancias.

S. Paulo, vendo os seus filhos mais respeitaveis arrancados do seio de suas familias, deportados para o Rio de Janeiro, e que o mi-

nistro Severiano declarou ao padre Feijó, que S. M. receava a sua presença na sua patria pela grande influencia que lograva, sobre aquella provincia, se mostra inquieto e perturbado ; e apezar do juramento do projecto do Rio,está com os olhos fitos,dizem cartas de pessoas respeitaveis, naquella provincia, que arvorar o pavilhão das estrellas sem corôa, para fazer outro tanto.

Nada obstante as perturbações e estrictas ordens da presidencia, Minas Geraes conhecendo, que era um pretexto, para se não attender á dissolução da assembléa e divertir os animos, a inculca que se fazia de uma expedição do impotente Portugal contra o Brazil, recusa tirar dos seus penosos trabalhos os tres mil braços, que o ministerio pedia para consumir-lhes as forças nas fachinas de Sepitiba ; e a sua é tal, que o Rio levanta contra ellas uma bateria, como as grandes muralhas da China contra os Tartaros : e o alto preço a que estão elevados todos os generos de primeira necessidade naquella côrte, entendem todos um effeito do bloqueio, que tem interposto as provincias do interior.

O quadro do Rio de Janeiro, traçado pelo *Argos* de Buenos Ayres até 17 de Março, pelo *Constitucional* de França, *Estrella Brazileira* e a *Pernambucana*, e muitas cartas particulares, é o mais medonho possivel ; e justifica a ligeira pincelada,que demos no nosso numero VII.

A desapprovação universal do povo fluminense a respeito da dissolução da assembléa soberana, se vê na *Pernambucana*, numero 23; as desordens e o espirito,que appareceu depois deste facto horroroso, nos refere o *Argos*, numero 5. ; o qual, alèm do que já citamos, diz : *Um club com infinitas ramificações, que circulam o mesmo imperador, trabalha activamente para preparar de um modo seguro a deposição de S. M.*

Este escriptor sustenta as suas asserções, não só com cartas particulares de pessoas de toda respeitabilidade, como com o que diz a *Estrella Brazileira*,numero 30, tão empenhada em mostrar regular e creador o governo de S. M. I., e que tudo gosa de paz, a saber—"as actuaes circumstancias não são, nem desesperadas, nem aterrantes ; porém são graves. Chegou o momento, em que o homem de bem, o pai de familia digno deste nome não póde envolver-se na capa do egoismo e da indifferença,e em que deve em consciencia cumprir com todos os deveres que lhe impõe sua posição na sociedade. O bem dos negocios publicos, a conservação da ordem, o sustentaculo do throno, que nos protege, e a salvação da patria assim o exige."

Que o espirito,que ali apparece,é o republicano,se manifesta dos esforços dos escriptores, que naquella côrte trabalham debaixo dos auspicios e influencias do ministro.

A *Estrella Brazileira* sua camisa em desacreditar e infamar de republicano o governo de Pernambuco, e ameaça grandes males e ruinas aos lugares, que se deixarem illudir dessas idéas. O *Diario do Governo* está em continuas declamações contra o systema democratico ; inculca as memorias de Mr. Ferrieres, Mad. Roland, Mr. Riousse, que mostram os horrores das revoluções politicas, as insti-

tuições de direito por M. Masabiau, *nas quaes se mostra a impossibilidade dos estabelecimentos republicanos, attendida a civilisação dos povos*, nada obstante ter á vista os Estados Unidos na America do Norte, os novos governos da do sul, Cantões Suissos; e finalmente com os escriptos d'aquella mesma côrte, em um dos quaes se diz: *E' opinião minha, que no Brazil não ha meio termo entre o absolutismo e o republicanismo. E como este se acha estabelecido e arranjado nas duas Americas, tenho para mim, que o Brazil hade seguir por força natural a marcha do seu continente; visto que o governo desvairou do caminho encetado em 23 de Maio, e 3 de Junho de* 1822.

Appareceu o projecto dado por S. M., e os *constitucionaes patriotas*, correspondentes do *Argos*, vendo as maneiras, que se empregaram para ser approvado, e pedido o projecto para que se jure, contando-se de duas a tres milas signaturas, por maioria do povo daquella cidade,que se compõe de cento cincoenta mil habitantes, o deram por insubsistente; e na sua correspondencia ao *Agros*, em que tratavam dos successos das constituições da Europa e America, perguntam ao seu correspondente,que lugar terá esta constituição projectada pelo imperador no naufragio das constituições? E o *Argos*, remettendo-os para o artigo *Brazil* do mesmo numero, responde: "O dia 9 de Janeiro foi o dia, em que o presidente do illustre senado da camara da capital se appresentou em deputação ao imperador a pedir-lhe,que promulgasse sua constituição como lei fundamental do Brazil.

" O *Diario do Governo*, de 10 de Janeiro, traz as harengas do presidente e um detalhe das grandes demonstrações, que em consequencia se fizeram em dita capital; porém podemos assegurar, que quantas cartas havemos visto d'aquelle lugar estão conformes, em que aquelle dia foi o de maior luto para o Janeiro, pois em uma povoação tão dilatada, apenas houve reunião por curiosidade, no lugar publico da ceremonia, de quatrocentas a seiscentas almas, nenhuma das quaes pronunciou um só *viva*.

" As demonstrações estiveram reduzidas á *comparça cortezan*, e a fogos das baterias, que sempre se fazem por ordem da praça.

" O Janeiro está em um alarma, que promette fataes consequencias."

E mostra este perigo pelas violentas medidas, que tem tomado a mesma côrte, constantes dos seus *Diarios*.

Chega o dia fatal de 25 de Março, assignado para o juramento do projecto,e a desapprovação é manifesta da maneira a mais decidida e perigosa.

Os Fluminenses vendo posta em pratica a doutrina do agente do Brazil, *Correia da Camara*, em Buenos Ayres, que em 1823 pregava nas companhias, que o *mais solido era, que um tyranno com uma constituição feita por elle mesmo em uma mão, e a espada núa na outra, se offereça para mandar a um povo, que quer leis e liberdade*, concebem o pensamento de atacar fogo ao theatro, tentando contra a pessoa de S. M.; e apezar das providencias e cautelas, que se tomaram, em consequencia das denuncias no momento,apezar dos

trabalhos das tripolagens de duas fragatas francezas com suas bombas, apparecem por todo edificio chammas tão devoradoras, que em menos de duas horas reduzem tudo a cinzas, como refere o mesmo *Diario do Governo*, numero 68; e repetiram os Fluminenses a desesperada resolução dos Russos contra Bonaparte no incendio de Moscow.

O aspecto da Bahia de Todos os Santos não é nada lisongeiro para os imperiaes, e se aproxima o mais possivel á uma revolta completa.

Na gazeta franceza o *Constitucional*, de 15 de Março d'este anno, se lê o seguinte artigo: " O governo da Bahia enviou dous commissarios ao imperador,para lhe fazer conhecer quanto se deplorava na Bahia a necessidade, em que se achou S. M., de dissolver a assembléa legislativa, e para lhe communicar ao mesmo tempo, que *esse governo lhe seria fiel em quanto S. M. fosse constitucional.* Estabeleceu-se uma policia na Bahia, e as classes baixas estão geralmente mais tranquillas. Apparece, entre tanto, segundo cartas particulares, que *a opinião publica se tem muito pronunciado contra o imperador.*"

Este espirito, apezar de se ter querido suffocar pelo partido absoluto, como já fizemos vêr no nosso numero X, com tudo elle tem apparecido sempre que se offereceu occasião, como já notamos no supplemento ao nosso numero XV, e agora tem tomado maior consistencia e merece mais attenção. Chegando á este porto no dia 15 deste a fragata franceza *Magicien*, espalhou-se a noticia de que, querendo o governo da Bahia embarcar na fragata brazileira *Ypiranga* tropas para fazer aqui um desembarque, as tropas se levantaram, recusaram embarcar, desobedeceram ao governo; e ficava a cidade em uma completa anarchia, muito principalmente pelas noticias, que chegaram dos movimentos inesperados de Sergipe d'elRei, de não obedecerem as ordens ministeriaes, que se dirigiram sobre remessas para o Rio das sobras do erario e do embarque das tropas disponiveis contra Pernambuco.

A provincia das Alagoas, antiga parte da provincia de Pernambuco, unida com elle nas mais estreitas relações de parentesco de seus habitantes,e educada no mesmo seminario episcopal de Olinda a sua mocidade, é fóra da natureza que deixe de ter os mesmos costumes, os mesmos usos e os mesmos sentimentos liberaes, que Pernambuco. Escravisada, porém, pelos Mendonças, pequenos bachás e feitores do partido portuguez, tem sido o divertimento destes espurios, que a seu bel prazer conduziam os governos para onde queriam.

O actual provisorio abriu uma perseguição encarniçada a todas as pessoas liberaes, e protegendo e acolhendo a quantos Portuguezes eram expulsos das outras provincias; consentiu, que em seu territorio o morgado do Cabo em suas proclamações désse vivas a *união da antiga familia portugueza;* e tomou attitude de seguir cegamente as ordens ministeriaes, sacrificando os povos ao absolutismo dos mandões do rei.

E qual é o seu estado ?

O mais desgraçado,o da anarchia e guerra civil. Batida por todos os lados de suas mesmas tropas e de alheias, apresenta uma campanha dolorosa ao homem sensivel, e de terror para os imperiaes, contra quem se dirigem todas aquellas machinas, como interessados em que se plante ali o absolutismo, e se adopte o projecto de constituição, planta que nascida na Europa, já mais se poderá climatisar no Brazil.

Pernambuco, *o povo mais energico e livre de toda a America Portugueza*, no conceito do *Argos* de Buenos Ayres, *defensores da liberdade brazileira*, na expressão do imperador, não tem decahido dos juramentos prestados á face de Deus e dos homens de derramarem a ultima gota de sangue antes que arrastem novos grilhões do captiveiro.

Conhecendo no monstruoso projecto do Severiano o laço mais astucioso contra a credulidade brazilica, e uma carta mais affrontosa do que aquella, que Carlos VIII de França apresentou aos Florentinos em 1494, e que teve o desgosto de vêl-a despedaçar pelo valoroso patriota Pedro Caponi, expulsa de si o morgado, satelite do ministerio ; está com as armas na mão, defendendo a sua liberdade, e soccorrendo aos seus irmãos Alagoenses e Parahibanos, que pugnam pela sua, sem se importar com as bravatas do pirata Taylor, commandante da divisão naval de uma fragata velha e remendada.

Parahiba, vendo nos primeiros passos do apostolo da escravidão, Felippe Nery Ferreira, o fim a que se encaminhava este imperial, interceptando a communicação com Pernambuco, soccorrendo ao pirata João Taylor,não espera que adiante a marcha, em que ia ; toma as armas.

Quatro villas no interior elegem um novo governo de sua confiança, e marcham contra o apostolo.

Na cidade um conselho militar o depõe do governo politico, e obriga a trocar a bengala de presidente pela sacola de guardião serafico. Sem duvida si nos arroubamentos de seu espirito não subir ao quarto céo,como Paulo,sahirá daquelle averno com novas chagas feitas a ferro e fogo.

Rio Grande, com quanto pouco volumoso que seja esse ponto no mappa geographico do Brazil, o espirito dos seus habitantes não desdiz do caracter liberal e valoroso dos povos seus conterraneos ; e quanto maior é o desfavor das suas circumstancias, mais excelsa é a sua coragem, e ardente o amor pela liberdade.

Já não podemos dizer, como antigamente, *que de Nazareth não sahe cousa boa.*

Quando o mariola Agostinho Leitão de Almeida, secretario daquelle governo, seduzindo a camara da capital,fal-a seguir do modo mais indigno as pegadas do servil senado do Rio, affixando o mesmo edital deste, e como elle adoptando a carta absoluta do projecto ministerial, as camaras do interior, tendo na sua vanguarda a de S. José de Mipibú, offerecem uma barreira imper-

transivel á enxurrada do absolutismo ; declaram altamente, que, a excepção de alguns artigos do projecto, todos os de mais são de encontro aos principios constitucionaes adoptados, e que portanto nada delle executariam ; separam-se em sentimentos da da capital ; officiam as de Olinda e Recife, requisitando os seus votos nesse negocio, e protestando seguir a sorte de Pernambuco na paz e na guerra , e fazem estagnar os projecto dos servis em quererem interceptar a correspondencia com Pernambuco, e romper os laços, com que sempre estiveram estreitamente unidas.

Ceará, talvez não tenha havido entre as provincias do imperio do Brazil uma que tanto se chocasse com o aborto politico da dissolução da assembléa soberana, quanto a do Ceará Grande.

A camara de Campomaior sobre o rio Quixeramobim foi a que deu o alarma para defeza da liberdade,e todas as de mais, como a do Aracaty, Icó, Crato, Montemor, etc., e a mesma junta do governo, foram concordes em resistirem aos esforços do ministerio do Rio para plantar o absolutismo ; e com muita pequena differença assentaram todas no mesmo que a de Quixeramobim, que declarou ter o imperador decahido do throno do Brazil, em proclamarem uma republica, si elle não convocasse já novas côrtes constituintes, em lugar tudo fóra do Rio de Janeiro : declararam a sua união indissoluvel com Pernambuco e mais provincias do norte, para restabelecerem o systema constitucional abandonado pelo imperador.

Tendo noticias, que fôra escolhido para presidente daquella provincia Pedro José da Costa Barros, aquelle de quem se disse do Rio de Janeiro, que *serviu de páo de cabelleira, quando se armou a tramoia para o imperador não prestar o juramento previo, antes de acclamado imperador* ; *e que dos presos da bonifaciana elle mais outro foram os unicos, que logo tiveram a cidade por homenagem, e ia sempre ás palestras do* Apostolado, *onde jurou sacrificar seus paes, mulher e filhos, e tudo em bem do seu Christo e seus apostolos*, o tiveram por um emissario do ministerio,e se dispozeram logo para se descartarem delle, uma vez que pozesse em pratica aquillo que se dizia.

Não se enganaram em seus pensamentos, nem enganaram aos outros com suas palavras ; pois que chegando esse *apostolo* e principiando logo com as suas pregações, nas quaes ousou avançar, que o *imperador é a fonte de todo poder*, elles fecharam os ouvidos a ellas, como os Judeos ás de Santo Estevão, e derrocaram o monstro da cadeira da presidencia, formando um governo temporario, debaixo da presidencia de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe ; e se dispõem para resistirem a toda e qualquer aggressão da parte do ministerio do Rio, protestando seguirem a sorte de Pernambuco, quer no bem, quer no mal.

Deste golpe geral de vista, sustentado por factos constantes de impressos e manuscriptos de pessoas da maior respeitabilidade, se conhece, que a tendencia do Brazil é para o governo democratico; a qual seria sopitada, si em cambio se lhe désse o regimen constitucional representativo ; que esse espirito é indomavel, nos mostra a

historia, e bem a seu pezar o experimentou Frederico Barba Ruiva, apezar dos seus grandes esforços contra a Lombardia ; que o Brazil com os olhos abertos está firme em que a soberania reside na nação e não no imperador, que é creatura sua.

O espirito do Brazil e seus sentimentos são oppostos inteiramente ao projecto offerecido pelo imperador. Logo não é dito livremente, que a maioria da nação brazileira tenha adoptado e pedido o famoso projecto do Severiano; e por tanto não estava em tempo de ser jurado

E si o ministerio de S. M. teimar em querer a força, que se jure semelhante carta constitucional, arrisca a S. M. a perder sem fallencia o imperio do Brazil ; porque não só as provincias do norte, que não são de menos consideração do que as do sul, estão resolutas até a effusão do seu sangue a não arrastarem vergonhosos grilhões, procurados por sua mesma escolha, como que as mesmas do sul estão por instantes a declarar-se, apezar do juramento delle por S. M., e umas poucas de pessoas no Rio e na Bahia , muito principalmente quando se vê com o maior escandalo, que S. M. no juramento, que prestou, não fez menção da independencia do Brazil, desta maneira: " Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade e indivisibilidade do imperio ; observar e fazer observar como constituição politica da nação brazileira o presente projecto da constituição, que offereci, e a mesma nação aceitou, e pediu que fosse desde logo jurado como constituição do imperio ; juro guardar, e fazer guardar todas as leis do imperio, e prover ao bem geral do Brazil, quanto em mim couber."

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XX

(QUINTA FEIRA, 3 DE JUNHO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

Quando o celebre Jacques Cook, sahindo de Detford a 30 de Julho de 1768, no navio *Endeavour*, para correr pela primeira vez o mundo, *e observar a passagem de Venus sobre o disco do sol*, chegou ao Rio de Janeiro; e achou governando aquella provincia um homem de taes conhecimentos, que não entendendo esta observação, deu conta para a côrte, que o Cook fora observar *a estrella do norte ao travez do polo do meio dia.*

Esta anecdota, que deu aos Inglezes e a toda Europa motivo para grandes gargalhadas e chincalhação do governo portuguez, que punha nas conquistas governadores dessa estofa, parece-nos que explica de alguma sorte o estado, em que nos achamos.

Nós queremos uma cousa natural e racional, como *a passagem de Venus pelo disco do sol*; e o ministerio fluminense quer de nós uma inintelligivel, irracional e impossivel, como *a estrella do norte ao travez do polo do meio dia.*

Nòs queremos um imperio constitucional; e o ministerio um *absoluto.*

Nós queremos uma constituição feita pela nação soberana; o ministerio um projecto feito por elle, que não tem soberania.

Nós queremos côrtes, que nos constituam, como é da natureza das cousas, e S. M. confessou, annuiu e jurou; o ministerio nos quer constituir sem côrtes, contra a natureza do systema adoptado e jurado, e contra os sentimentos, confissão e juramentos de S. M.

Nós, como racionaes, queremos jurar uma constituição, com conhecimento do que juramos, livremente, sem coacção, para o juramento poder ligar-nos; o ministerio quer que abjuremos a razão, o dom mais precioso, que recebemos do Creador, e que nos differença dos demais animaes, que a natureza creou propensos para a terra e sugeitos aos appetites do ventre; e que juremos o projecto, porque o senado do Rio o qualificou de obra prima em politica, e

que o juremos com um bloqueio na barra, fazendo-nos todas as hostilidades.

Nós queremos dar um juramento, que nos una indissoluvel e eternamente com o nosso chefe supremo, por um dever de consciencia; o ministerio quer que juremos com os labios, obrigados da fome, da miseria, e com o medo das baionetas do Rio e boccas de fogo de João Taylor; e que, quando cessar a oppressão, declaremos, que nada fazemos do que jurámos, porque o juramento dado por uma coacção tão escandalosa, revoltante e deshonrosa á dignidade de S. M. I. não nos obriga, e nem S. M. tem direito algum de nos chamar á sua observancia; pois estamos em caso identico ao do viandante atacado pelo salteador, que, pondo-lhe a faca aos peitos, diz *ou a bolsa ou a vida.*

Nós fiados na boa fé, que em 1822 inculcava o Rio de Janeiro, nos unimos com elle e demais provincias, para formarmos um imperio, e termos uma constituição formada em nossas côrtes soberanas. Mas sendo nós enganados do modo mais indigno, nos vimos sem representação nacional; e agora apparece este despotismo de se querer, que juremos um projecto, que não foi feito nem aceito pela nação soberana em suas côrtes constituintes, e isto fechando-se-nos a barra com um bloqueio, e estragando-se-nos com a fome!

Eis um caso identico ao dos Carthaginezes, que, enganados pelos consules Marcio e Manilio, se desarmaram; porque *Roma*, diziam os consules, *se encarrega da vossa defeza*; *obedeçei.* Ao depois appareceu a perfidia dos Romanos declarando-lhes, que Carthago devia de ser destruida. A desesperação reanima aos Carthaginezes, e lhes dá valor. Matam cruelmente os senadores, que aconselharam a entrega das armas; a prata, o ouro, as estatuas, os vasos substituem o lugar do ferro e do cobre: as mulheres cortam seus cabellos para cordas das machinas. Os Romanos são rechassados, e sua frota reduzida á cinzas por meio dos burlotes.

Nós, si não tivessemos o interior da provincia desembaraçado, que jámais nunca poderemos estar nas circumstancias de Samaria, cercada por Benadab, onde as mães comeram seus proprios filhos, nem de Turin, cercada pelo conde de Arcout em 1640, que foi vitualisada pelo engenheiro *Bergamasqua*, por meio das bombas, que cheias de farinha lançava dentro da cidade por cima do campo do conde, nem finalmente nas de Manteia, cercada pelos Francezes em 1797, onde a guarnição comeu todos os cavallos da cavallaria, já estamos acostumados a soffrer privações, perdas de fazenda, e estragos pela dôce liberdade.

Na guerra com o Hollandez, além de outros muitos incommodos, perdimentos, estanco do commercio e fomes, os mesmos Pernambucanos tocaram fogo nos seus cannaviaes, para tirar ao inimigo a esperança do despojo; e no seculo passado este Recife, cercado tres mezes pelo interior, com um exercito poderosissimo, chegou a fome a tanto, que se comia mariscos com assucar; e não se rendeu.

E a historia está cheia de exemplos dos effeitos desastrosos da desesperação!

Nós queremos uma constituição, que afiance e sustente a nossa independencia, a união das provincias, a integridade do imperio, a liberdade politica, a igualdade civil, e todos os direitos inalienaveis do homem em sociedade; o ministerio quer, que á força de armas aceitemos um phantasma illusorio e irrisorio da nossa segurança e felicidade, e mesmo indecoroso ao Brazil, como nos vae mostrar o *Argos de Pernambuco*.

Para se plantar esta arvore da escravidão, é que se tem escolhido á dedo os presidentes das provincias do Brazil, muito principalmente de Pernambuco, e se tem empregado os meios mais astuciosos e estragadores da publica felicidade, e feito com nosco o que dos Tartaros disse um sabio escriptor: "Foi necessario servir-se da força militar para violentar, ou dos baixos meios da corrupção para comprar a obrigação, que o Tartaro contrata com o seu principe, promettendo ir onde lhe ordena, vir quando o chamasse, matar todo aquelle que lhe fosse indicado, e conduzir-se como uma espada."

O meio, de que se tem valido o ministerio para subjugar as provincias, mormente Pernambuco, tem sido introduzir a discordia, e conservar os partidos, trazer os animos e os sentimentos sempre em divisão e choque.

Desde a expulsão de Luiz do Rego Barreto, em tantas discordias, que hão apparecido em Pernambuco, ou não tem declarado de que parte estava a razão, e castigado os criminosos, como, conservando no seu enthusiasmo gervazistas, pedrosistas, affonsinos, morgadistas, carvalhistas, tem esteiado as discordias e divisões dos cidadãos, ou, quando se tem abalançado a dizer alguma cousa, é tão precaria e ambiguamente e com contradicção tão palmar, que ficam os espiritos vacillantes, e quando se decidem á alguma cousa positiva, vão sempre esbarrar-se com outras expressões e declarações do ministerio, que com qualquer *quid quod ou quod quid* qualifica de crime o que antes havia louvado como justo.

Entre outros muitos argumentos desta verdade, escolhemos os seguintes:

Primeiro a portaria do ministro da guerra, Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, de 24 de Setembro de 1822, na qual diz o ministerio, que *S. A. R. louva a espontanea resolução e firmeza, com que o brioso povo e brava como generosa tropa da boa provincia de Pernambuco, animados dos exaltados sentimentos de patriotismo, fidelidade e nobreza d'alma, fizeram pôr em execução o decreto de 3 de Junho daquelle anno sobre a convocação da assembléa constituinte do Brazil, como o primeiro passo glorioso da independencia e liberdade constitucional*; mandando á junta provisoria *fizesse constar ao povo e tropa o seu real agradecimento, assegurando-lhes que S. A. R. approvará sempre todos os actos que se praticar tendentes a firmar e apertar em indissoluvel laço a grande união brazileira e a sua independencia constitucional.*

Outro seja o decreto de 24 de Abril deste anno, pelo qual S. M. I. nomea para presidente desta provincia a José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, *por ter chegado á sua imperial presença a bem decidida existencia dos dous partidos da capital da provincia, que lutavam entre si sobre a presidencia do morgado e do Exm. Carvalho*, autorisando, além do eleito e autoridades competentes, *a todos e quaesquer particulares, para que cooperem para execução destas suas ultimas ordens, promettendo amnistia perfeita, e total esquecimento do passado aos que assim se conduzissem, e aos que adherirem á causa da independencia e integridade do imperio.*

Na portaria diz o ministro, que S. M. louva ao povo e tropa o terem por seu patriotismo, fidelidade e nobreza d'alma feito pôr em execução o decreto de 3 de Junho para a convocação da assembléa constituinte do Brazil. O ministro Francisco Vilella Barboza, em 11 de Novembro do anno passado, disse a assembléa constituinte, que S. M. declarou a tropa do Rio, que ella era inteiramente passiva, e que não devia ter influencia alguma nos negocios politicos; e S. M., na proclamação de Agosto do mesmo anno, qualificou de absurdo as deliberações que tomou a tropa de Portoalegre sobre o veto absoluto. Na portaria acima diz o ministro, que S. M. approvará todos os actos, que tenderem á independencia constitucional do Brazil; no decreto se promette amnistia perfeita e total esquecimento do passado aos Pernambucanos, que nada tem feito, que não se dirija a sustentar a independencia e liberdade constitucional, como se póde provar a todas as luzes.

Seriamos infinitos, si tomassemos á peito mostrar as contradicções dos papeis ministeriaes, que tem feito os povos andarem sempre vacillantes, inquietos e sem principios fixos para obrar, tendo por justiça hoje a mesma cousa, que amanhã se declara vicio; mas no entanto sobre o decreto de 24 acima diremos duas palavras ao nosso leitor.

Esse decreto tem algum fim secundario, que não póde deixar de ser util ao ministerio, e por consequencia de encontro ao bem e paz da provincia; porque tendo vindo ao eleito uma carta imperial, em que elle é nomeado presidente, e outro ao governo existente para lhe dar a posse, é contra o estylo vir mais esse decreto ao povo.

O decreto sustenta sempre a ignorancia ficticia, em que está S. M. dos factos de Pernambuco, que se lhe communicaram competentemente, sem duvida para metter no esquecimento o objecto principal da representação do collegio eleitoral de 8 de Janeiro, a saber, o restabelecimento da assembléa constituinte; suppõe dous partidos chocando-se na capital da provincia, quando o negocio é de toda provincia, como já se tem feito ver.

O decreto abre uma porta franca para todos os crimes e attentados, quando convidando a todos e quaesquer particulares para collaborarem na execução das ordens imperiaes, não lhes marca os meios, deixando aos malvados e ambiciosos as occasiões de encobrirem seus odios e vinganças e interesses particulares com a capa

da causa publica, como desde 1817 se tem visto em todo Brazil, não exceptuando mesmo Pernambuco.

O decreto que se dirige unicamente ao caso particular da presidencia de um homem, confunde e vislumbra os entendimentos com a causa publica da independencia e integridade do imperio.

E será isto sem algum fim?

Até o dia 25 de Março todos os papeis de S. M., proclamações, decretos, manifestos, juramentos, a primeira cousa, que apresentavam á nação, era a *independencia* do imperio do Brazil; no dia 25 dito não apparece a *independeneia* no juramento, que deu S. M., ao projecto; e os emissarios de S. M. como João Taylor só nos mettem á cara *integridade* do Brazil, e nada de *independencia*. E desta maneira andamos sem saber a quantas, vendo sómente o constante afinco do ministerio em querer-nos fazer esquecer o ponto principal do nosso pleito, a *independencia*, como já fizeram com as segundas côrtes constituintes, que tantas voltas deram ao exame do projecto, que, só pelo voto do senado do Rio em o adoptar, se mandou suspender a eleição dos deputados.

No meio de todo este baruiho apparece um novo estratagema do ministerio, para mais dividir-nos, e pôr-nos discordes uns dos outros.

Apparece em 13 de Dezembro passado o projecto promettido por S. M. I.; e por portaria de 17 é remettido a camara do Rio para o examinar e propor ao povo; e com a mesma data vão portarias a outras camaras, e a outras provincias. Mandam a Bahia de Todos os Santos, e como Pernambuco havia declarado pelo seu collegio eleitoral de 8 de Janeiro, " que não elegiam novos deputados para a nova assembléa constituinte, porque tendo já eleito aquelles, que deviam fazer e firmar o pacto social e a legislatura nacional, e não havendo estes concluido esta soberana commissão, nem prostituido o seu caracter, era contrario á dignidade e decoro da provincia nomear outros, e mesmo contrario á direito, porque os procuradores, depois de se fazerem senhores do negocio, não podiam ser expulsos senão por prevaricação ou suspeição; e porque tambem o facto da dissolução da assembléa não era dissolutivo dos direitos dos povos, protestando altamente resistir corajosamente ao antigo e sempre detestavel despotismo, que receavam se queria de novo restabelecer ", saltaram por Pernambuco, e foram ao Rio Grande do Norte, querendo com este artificio obter a aceitação de provincias de pouca monta, para ao depois com a supposta maioria dellas opprimir Pernambuco.

Agora, porém, depois do Rio e Bahia haver jurado o projecto, recebem as camaras do Recife, Olinda e Goiana as segundas vias da portaria de 17 de Dezembro, para se discutir o projecto, e ao mesmo tempo o decreto de 11 de Março para se jurar; porque a maior parte das provincias o tinham adoptado e pedido.

Que homem por mais simples, a não ser o servil *Independente Constitucional da Bahia*, deixa de ver a doblez, o estratagema e a má fé do ministerio fluminense?

Nunca se dirigiu a Pernambuco sobre este objecto, e como o quer obrigar a jurar o projecto, para que o escandalo não seja maior do que já é, manda as segundas vias da portaria.

E que pretende o ministerio ?

Si acaso se deve discutir o projecto, para ser adoptado ou não, visto ainda não se haver tratado deste negocio, que vem fazer o decreto, que o manda jurar ? E si acaso, em virtude do decreto, se deve jurar sem fallencia, como se manda discutir e offerecer ao arbitrio dos povos ?

Não se vê, que isto é o mesmo que pedir-se uma esmola, pondo-se uma pistola aos peitos do esmoler ?

Porque razão se não havia mandar a Pernambuco discutir este ponto em tempo habil, como as demais provincias ?

Ainda que Pernambuco fosse menor, do que Sergipe d'el-Rei, uma vez que não foi convidado em tempo habil ao exame da materia do pacto social, assentem no que quizerem as outras provincias, Pernambuco não adquire por isso obrigação alguma; pois é bem sabido aquelle proloquio de direito *quod omnes tangit, debit ab omnibus approbari*, o que a todos toca, todos o devem approvar.

E nessas cousas basta não ser convidado um só individuo, que tem direito a uma escolha ou assento, para este ficar nullo *ipso facto* ; e si houvesse alguma razão, para que Pernambuco não fosse chamado competentemente para este negocio, seria preciso sob nullidade insanavel,que precedesse uma accusação, uma defeza e uma sentença condemnatoria; pois que é de um direito natural inalienavel, imprescriptivel, que, como se explica o cardeal Maury, *o ultimo dos cidadãos,recolhido a sua humilde choupana,não deve de ser lançado fóra della sem um juizo legal.*

Eis aqui o que nós queremos, a saber,*a passagem de Venus pelo disco do sol*, quando o ministerio quer *a estrella do norte ao travez do polo do meio dia.*

PARAHIBA DO NORTE

Já principiaram nessa provincia as hostilidades entre os seus proprios filhos pelo bispado do apostolo Felippe Nery Ferreira.

O dia 24 do passado abriu o amphitheatro aos combatentes.

O corpo de tropas,que o Nery tinha em villa do Pilar, composto de soldados da primeira linha, milicias, ordenanças e quantos assassinos, ladrões e malfeitores haviam nas cadeias da cidade, que todos podiam chegar a quinhentas pessoas, precedidos de duas peças de artilheria, debaixo do commando do moço coronel Estevão José Carneiro, amanheceu nas immediações de Itabaiana, onde se achava o governo temporario da provincia, eleito pelas villas do interior, defendido por mais de mil e quinhentas pessoas de guerra.

Ao aspecto dos Nerys ou servis, os liberaes tomaram aquellas posições, que julgaram convenientes; e depois de alguns tiros da artilheria inimiga sem effeito, rompeu o fogo de uma e outra parte ás nove horas da manhã com o maior encarniçamento de ambos os lados. Os servis conhecendo, que eram estragados em todos os seus pontos, e que a sua artilheria de pouco lhes prestava, fizeram uma suspensão de armas ; e, acenando com lenços brancos, gritaram *paz, paz, paz*!

Suspendeu-se tambem o fogo nas linhas dos liberaes, e d'ambas as partes entraram a abraçar-se amigos e parentes.

O capitão França dos servis procurou ao tenente Manoel Virginio da Silva, e abraçando-se com elle amigavelmente, o levou aos seus, onde foi aleivosamente morto com um tiro de pistola.

Esta perfidia foi o alarma para os liberaes, que avançando ao inimigo,o obrigou pelas quatro horas da tarde a retirar-se em grande confusão, deixando uma peça de artilheria, que foi desprezada pelos liberaes, e o campo cheio de cadaveres. Ao outro dia desamparou a villa do Pilar, e retirou-se para a cidade, levando quatorze redes de enfermos, que devem ser pessoas principaes, e causando por toda ribeira roubos, affrontas e insultos de toda a especie.

A perda de ambas as partes foi de cento e treze mortos, sendo dos liberaes vinte e tres homens, entre os quaes são de eterna saudade o tenente Manoel Virginio, joven de toda confiança e de valor experimentado nas campanhas da Bahia, e o tenente Fabricio, da segunda linha, de uma coragem temeraria.

A perda do inimigo foi a maior parte de caçadores da primeira linha.

Os liberaes,além desta perda, soffreram o saque de uma parte de Itabaiana, que com toda a barbaridade lhe deu, em quanto os outros estavam entretidos nas armas, o corpo de ordenanças commandado por João Baptista Rego, pae do famoso Manoel Clemente.

Quem nasceu para homem de bem, o ha de ser por força ; porque cada um segue a força da sua estrella.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XXI

(QUINTA FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PERNAMBUCO

Le monde va de pis en pis, o mundo vai de mal á peior, disseram os Francezes,quando, lançados fóra do Rio de Janeiro por Mem de Sá, governador da Bahia, no principio do anno de 1567, vieram com quatro náos sobre Pernambuco, e apoderando-se do Recife, foram batidos e expulsos daqui por Duarte Coelho de Albuquerque.

Outro tanto podem dizer os fautores do projecto ministerial, com que se pretende constituir o imperio do Brazil.

Ate agora bem poucas pessoas,mormente de Pernambuco,conheciam os artificios do ministerio,para se adoptar, pedir e jurar o projecto como constituição do imperio; de presente tudo é pelo avêsso.

Sabe-se quaes, e quantas são as camaras do sul, que cahiram no laço; e quaes as que sustentam os direitos de seus povos, e a dignidade da patria. Sabem-se os meios, que se tem empregado para se illudirem os povos; e que um d'esses é a falsa e sophistica causal,que dá o decreto de 11 de Março d'este anno para se jurar o projecto, a saber, *por ter subido á imperial presença representações de tantas camaras do imperio, que formam já a maioria do povo brazileiro.*

Conhecem todos, que esse decreto foi exarado nesta forma, para que indo ao sul, as suas provincias julgassem, que esse numero de camaras, que formam a maioria do povo brazileiro, é composto das camaras do norte com algumas do sul; e no norte do imperio, se julgasse, que essa maioria resultava de todo o sul do imperio, e da camara da cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, unica desse lado, que seguiu em tudo os passos da camara *muito leal e heroica.*

Conhecem todos esse artificio do ministerio, porém já ninguem

se deixa albardar, porque não havendo no norte mais que uma só camara, que, illudida pelas diligencias do celebre secretario do governo do Rio Grande,que,segundo dizem,já de lá fugiu,não fez mais que ser o echo do senado *muito leal e heroico ;* e no sul, tendo-se pronunciado contra o projecto muitas camaras de Minas Geraes, de S. Paulo e de outras provincias, como é que a maioria do povo brazileiro tem adoptado e pedido o projecto ministerial por constituição do imperio ?

Isto vêem os caroaveis do projecto,e dizem lá com seus botões : *Le monde va de pis en pis. Irra ! O mundo vai de mal a peior* ; *nós esperavamos, que nunca se dèsse pela tramoia, que tudo estivesse em silencioso segredo, e que quando a scena chegasse a peripecia, apparecesse o corvo estupefacto, e a zorra da raposa desfructando o manteiguento queijo; porém os malvados liberaes foram tão activos e furões, que tudo souberam, e se forraram dos males. Irra ! O mundo vai de mal a peior !*

A causal é *sophistica*, por quanto pretende estabelecer, que ainda sendo verdadeira a maioria do povo brazileiro, que adoptou, e pediu o projecto, o resto do Brazil deve sugeitar-se ao voto da maioria.

Esta proposição não é verdadeira absolutamente, e no nosso caso é falsa.

A maioria dos votos de uma sociedade obriga aos restantes, quando a sociedade está formada, estabelecida, e já tem uma lei, que a regula ; e não quando os homens, sendo convidados para formar uma sociedade, estão em debates sobre este artigo, porque neste caso, ainda que o maior numero assentem em uma cousa, o restante, que repugnam, e não se ajustam, retiram-se, e não são obrigados a sugeitar-se á opinião da maioria, porque não são socios daquella sociedade.

Nós estamos sim *independentes*, mas não *constituidos*. Ainda não formamos sociedade imperial, senão no nome ; por isso ainda que a maior parte das provincias de facto tivesse pedido jurar e jurasse o projecto, daqui senão seguia, que as outras, uma que fosse, e essa a mais pequena, se devia sugeitar ao voto da maioria ; porque ainda não estava no circulo da sociedade imperial.

O Brazil só pelo facto da sua separação de Portugal, e proclamação da sua independencia, ficou de facto *independente*, não só no todo, como em cada uma de suas partes ou provincias ; e estas independentes umas das outras.

Ficou o Brazil *soberano*, não só no todo, como em cada uma das suas partes ou provincias.

Uma provincia não tinha direito de obrigar a outra provincia a cousa alguma, por menor que fosse ; nem provincia alguma, por mais pequena e mais fraca, carregava com o dever de obedecer a outra qualquer por maior e mais potentada. Portanto podia cada uma seguir a estrada, que bem lhe parecesse ; escolher a forma de governo, que julgasse mais apropriada ás suas circumstancias ; e constituir-se da maneira mais conducente á sua felicidade.

Quando aquelles sugeitos do *sitio do Ypiranga*,no seu exaltado enthusiasmo,acclamaram a S. M. I., e foram imitados pelos aferventados Fluminenses, Bahia podia constituir-se *republica* ; Alagoas, Pernambuco, Parahiba, Rio Grande, Ceará e Piauhy *federação* ; Sergipe d'elRei *reino* ; Maranhão e Pará *monarchia constitucional* ; Rio Grande do Sul *estado despotico.*

No meio d'essas possibilidades, o Rio pelo poder *soberano*, que tinha no seu territorio, acclamou a S. M. imperador constitucional ; e então S. M. não ficou mais do que imperador do Rio de Janeiro. As outras provincias, ou seduzidas pelos emissarios do Rio, ou por seu mesmo conhecimento,esperando que nesta forma de governo podiam achar a felicidade, a que aspiravam, foram-se chegando muito de sua vontade aos negocios do Rio, acclamando a S. M. imperador constitucional ; com o que nada mais fizeram que declarar, que se uniam todas para formar um imperio constitucional,e que S. M. seria o seu imperador.

Daqui se conhece, que duas são as condições da união das provincias com o Rio de Janeiro, a saber, que *se estatua imperio constitucional, e que S. M. seja o imperador ;* de modo que si o Rio de Janeiro quizer cousas fora ou contrarias á qualquer destas duas condições, está desfeita a união,que mal se achava esboçada ; e cada provincia liberrima para pelo seu poder *soberano* no seu territorio proclamar e estatuir aquella fórma de governo, que bem quizer, como fez o Rio, proclamando imperio constitucional.

Si o Rio quizer imperio constitucional, porém não sendo S. M. o imperador, sim algum Brazileiro, ou outro qualquer principe estrangeiro, está dissolvida a união das provincias ; si porém quizer a S. M. imperador, porém com um imperio absoluto, governando S. M. por aquellas bases intellectuaes, *independencia do imperio,integridade do mesmo systema constitucional, sagrados direitos da segurança individual, da propriedade, e da immunidade da casa do cidadão,* sem uma constituição, dada pela nação, acabou-se a união ; fica cada provincia sobre si, *independente e soberana,* pois que a sua união foi annunciada e baseada no *conjuncto indissoluvel* das duas condições, *systema constitucional, e S. M. imperador.*

Já se deixa vêr, que os effeitos da falta do cumprimento dessas duas condições são os mesmos, si acaso o imperador fôr o que as embarace, contra o voto das provincias, como desgraçadamente succedeu com a dissolução despotica e á força d'armas da soberana assembléa.

S. M. dissolveu a assembléa constituinte, que era quem havia de encher a primeira condição da união ; e só por este facto ficou de todo desfeito o laço da união, que se havia principiado a dar, e só se concluiria, quando se ultimasse a constituição, quanto mais, que o ministerio tem querido, por meio da força, que se jure um projecto, no qual se não vê mais do que um systema oppressor da liberdade dos povos, onde se não garante a independencia do Brazil, se mofa da bôa fé dos povos ; pois que jurando S. M. a integridade do imperio, pode contradictoriamente ceder, alienar, e

trocar parte do territorio do mesmo imperio, e pelo monstruoso poder moderador dissolve a camara dos deputados, representantes do povo, ficando em seu uso a dos senadores, apaniguados do imperador; um projecto, em que o imperador, sem attender, nem esperar o consentimento da assembléa geral, faz a paz e a guerra, qualquer liga defensiva,e offensiva,e dispõe a seu bel prazer da força armada de mar e terra,ao mesmo tempo que não se póde dar o prasme imperial ás decisões dos concilios e lettras pontificias,sem previo consentimento da assembléa geral; um projecto, pelo qual se crea a classe da nobreza, em todas as nações a oppressora dos povos, e o sustentaculo da tyrannia; um projecto, em que as provincias, para a menor cousa das que lhes são uteis, dependem inteiramente do ministerio e do imperador; um projecto,finalmente,da maior deshonra para todo Brazil.

Pelo que, está dissolvida a promettida e não consummada união das provincias; e por esta razão cada uma reintegrada na sua independencia e soberania.

E por estes principios foi,que o povo da praça do Recife, reunido nos paços do conselho por edital da camara no dia 6 deste, assentaram de não adoptar, nem jurar o tal projecto feito pelo ministerio, apezar de se ter jurado no Rio de Janeiro, e capital da Bahia, e ser pedido por algumas villas do sul; e por se lembrarem, que o juramento, agora exigido á forçad'armas, envolvia perjurio do juramento, que prestaram, de adoptar e obedecer á constituição feita pela assembléa soberana constituinte, e de resistir ao despotismo ministerial, qualquer que elle fosse, e podesse reviver, e de sustentar á força d'armas os interesses da provincia contra qual quer que os pretendesse invadir.

O que sendo o espirito geral das provincias, que se vão declarando com espanto dos servis ou imperiaes, fal-os dizer no meio da sua indignação: *Le monde va de pis en pis.* Irra! O mundo vai de mal a peior.

PROJECTO DA CONSTITUIÇÃO DO MEXICO, EXTRAHIDO DO CONSTITUCIONAL DE FRANÇA, DE 14 DE FEVEREIRO DESTE ANNO.

Estes são os pontos principaes do projecto para a constituição do Mexico:

" A nação mexicana se compõe das provincias comprehendidas no territorio do antigo vice-reinado, chamado Nova Hespanha, no da capitania geral de Yucatan, e no das jurisdicções geraes de leste e de oeste.

" A nação mexicana é soberana, e a soberania é essencial á nação.

" A religião do estado é e será sempre a religião catholica romana ; o exercicio de toda outra é prohibido.

" As partes integrantes da União Mexicana são estados livres, soberanos e independentes.

" Elles se compõem actualmente de Chiapas, Cranjuato, Sonora, Sinaloa, e das duas Californias, Chihuahana, Durango, e o Novo Mexico, Coahuila, a Nova-Leon, o Texas, o Novo Santander, Mexico, Mechoacan, Oajaca,Pueblo de los Angelos, Trascala, Queretaro, San-Luis-Potosi, Tabasco, la Vera-Cruz, Xablisco, Yucatan, e Los-Zacatecas.

" O poder supremo da confederação se divide em poder legislativo, executivo e judiciario ; e a legislatura em um senado, e uma camara de representantes.

" Cada estado deve de ter dous senadores.

" O numero dos representantes varia, segundo a população.

" Os poderes assignados ao congresso são quasi os mesmos da constituição americana.

" O poder executivo deve de ser confiado, por um tempo limitado, á um cidadão,que terá o titulo de presidente da Confederação Mexicana.

" Suas acções, e suas prerogativas são semelhantes ás do presidente dos Estados Unidos ; porém ellas são modificadas por certos objectos, e estendidas por outros.

" O poder judiciario è constituido, como na America do norte.

" As constituições dos differentes estados se aproximam por seus principios da constituição federal ; e não poderão ser ratificadas, senão quando esta ultima tiver sido sanccionada.

" As restricções á soberania dos estados são quasi traduzidas litteralmente do texto da constituição dos Estados Unidos.

" A forma republicana é garantida a cada um dos estados.

" As dividas e as obrigações,contractadas antes da adopção do projecto da constituição, ficam á cargo da confederação ; e ellas serão classificadas e liquidadas, segundo as leis, que o congresso prescrever."

Sr. redactor.—Cada vez me convenço mais, que as melhores theorias são as vezes bem más para legislação, e para reger os homens ; e creio que neste mundo tudo vai, e deve ir de facto, e nada de direito. Ora, dito isto assim, parecerá por ahi, que eu sou o homem dos paradoxos. Eu mostraria, pela historia do mundo, que o não sou ; porém o simples caso, que passo a referir, é quanto basta.

Eu estava firme neste principio, que quando dous partidos se chocam, e vão ás mãos, tendo acabado a lucta, é preciso lançar um véo sobre o passado, para evitar as perseguições, a que sempre aspira o partido vencedor ; porque as opiniões são de sua natureza in-

tolerantes. E por isto, quando o Sr. Montezuma apresentou na extincta assemblèa um projecto de decreto para serem destituidos os empregados da cidade da Bahia, que serviram ao Madeira, eu tive a simplicidade de oppor-me, e de combater quanto pude essa lei, que não passou. Eu alleguei miseravelmente, que não podendo uma familia inteira desertar para o Reconcavo,era forçoso que o seu chefe, que lhe servia de arrimo, ficasse com ella, e no gozo daquelle emprego, que era talvez o unico meio de sua subsistencia ; que em tal caso era da natureza das cousas fazer tudo, quanto o Madeira mandava que se fizesse ; que muitos o fariam com a peior vontade ; e que mesmo naquelle lugar fariam muito aprol da causa do Reconcavo. Produzi outras muitas razões, que, juntas ás de outros deputados, deram com o tal projecto em terra.

Mas quanto o Sr. Montezuma tinha vistas mais agudas, e penetrantes !

Bem que elle conhecia esses empregados !

Nunca de um máo Mouro um bom christão.

Que succedeu, pois ?

Os defensores da patria, e os que tinham no Reconcavo servido os lugares ali necessarios, os perderam em beneficio daquelles, que ficaram com o Madeira, e que em recompensa tem sempre conservado o maior odio concentrado contra os bravos do Reconcavo. Vis escravos, elles só mudaram de senhor, e não de servilismo. Esses monstros, esses ingratos, esses infames conservam no fundo do coração os mesmos sentimentos, que professavam debaixo dos olhos do Madeira contra aquelles,que concorreram para que fossem exterminados os vandalos do territorio da Bahia.

Quanto o Sr. Montezuma tinha vistas penetrantes ?

Arranjados agora em torno desse eunuco que preside a Bahia, que conducta tiveram elles com nosco ? O Exm. presidente desta provincia o Sr. Manoel de Carvalho mandou a Bahia o brigue *Barata*, pedindo a junta da fazenda daquella cidade, que o mandasse carregado de farinha para as nossas tropas ; não era um favor : aquella provincia deve muito mais de sessenta contos de réis a esta de soccorros prestados. Mas que desgraça ! Não se lembrava o nosso presidente,que elle pedia a empregados da Bahia farinha para tropas, que tinham sacudido d'ali para fóra o Madeira, bem apezar daquelles mesmos empregados ?

Que fizeram elles ?

Disseram que não davam farinha,porque constava, que Pernambuco ia ser bloqueado.

Ah ! hypocritas, que, debaixo da esfarrapada capa de zelo, encobris mal o vosso odio ! !

Monstros ! Perfidos ! Ingratos ! E era a vós que competia negar-nos o soccorro, antes mesmo do bloqueio declarado ?

Sabieis já que os Pernambucanos haviam resolvido em o grande conselho de 7 de Abril, que se não désse posse ao morgado ?

Infames realistas, corcundas emperrados, o odio e a vingança tem sido sempre a vossa partilha !

Generosos Bahianos, eu separo a vós dos vossos empregados, e destes mesmos eu admitto alguma excepção. Fallo em geral com esses sarnas dos estados, com essas sanguesugas, que se nutrem do sangue do povo, e que se não querem misturar com elles, com essas plantas parasitas, que se alimentam da substancia de outras arvores, que ellas matam.

Sim, Sr. redactor,eu fallo com os empregados,e não com o povo da Bahia. Si elles tivessem carregado logo o brigue, elle teria vindo muito a tempo. Porém pessoas particulares o carregaram já tarde á sua custa ; e o desaforo praticado pelo insolente commandante do brigue *Bahia*, provocou os acontecimentos dos dias 1 e 2 de Abril. Eram os empregados que ali diziam,quando arribou a *Flor do Guadiana*,vindo do Rio de Janeiro : "Tanto Pernambucano junto é vento empestado."

Sr. redactor, não tenho palavras bastantemente fortes para significar tudo quanto concebo de ruim e de perverso nesses empregados, que formam na Bahia uma especie de povo differente dos Bahianos.

Elles negaram aos Pernambucanos, que ali se foram refugiar por occasião da invasão de nossa provincia pelos Hollandezes, o povo os fez receber ; e elles salvaram a Bahia a custa mesmo da preciosa vida do grande Rebellinho, sacrificado pela caprichosa ignorancia do então governador da Bahia.

Quanto vos devemos, governadores da Bahia ! ! !

Elles mandaram aqui prender o nosso heróe Vieira, por estar debellando os Hollandezes. Elles mandaram em 1817 suas tropas devastar os nossos campos, desolar nossas familias, e destruir nossas propriedades. Elles mandaram soccorro ao despota Rego para estragar os Afogados, e mandaram sahir dentro em tres dias os nossos enviados, que reclamavam ao menos que não soccorressem a Luiz do Rego, e nos deixassem só com elle : não se podia pedir menos cousa. Elles nos negaram um boca do do pão quotidiano !

Generosos Bahianos, vós sois optimos, sois nossos irmãos, nossos amigos ; mas vossos governos, vossas juntas de fazenda tem sido sempre pessimos, tem sempre sido nossos inimigos.

E então, Sr. redactor, tudo deve ir de facto ou de direito ?

Não teria sido melhor que passasse aquelle projecto do Sr. Montesuma ?

Não fui eu bem simples em defender esses monstros, esses ingratos empregados da cidade da Bahia com tontices theoricas, esses empregados que no tempo do Madeira chamavam rebeldes aos patriotas do Reconcavo, que riam-se quando no theatro se mofava dos nossos defensores, e que batiam palmas quando se diziam os maiores improperios contra o nosso imperador, que elles chamavam dos cabras ? Mas agora elles se fingem muito Brazileiros, e até se fazem puramente imperiaes.

Pernambucanos de todas as gerações futuras ! Maldição eterna, execração eterna, peste, fome , e guerra eterna a todos os go-

vernos, a todos os empregados, a todos os perús de roda ou sem ella da cidade da Bahia!

Elles tem sempre sido vossos inimigos.

As excepções, que se possam apontar, confirmam cada vez mais a regra.

Elles negaram agora um bocado de pão quotidiano aos vossos defensores, quando uma secca violenta talava os vossos campos!

V. H. R.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim é bom andar.

Boa viagem.

XXII

(QUINTA FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

PERNAMBUCO

Ainda que escrevendo do actual estado de Pernambuco, relativamente aos seus negocios domesticos e externos, não possamos dizer com o Camões....

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento,

....porque seria preciso, que elle gozasse de uma tranquillidade absoluta; com tudo, comparativamente á outras provincias, e mesmo ao seu estado antecedente, podemos avançar, que elle vai bolinando com mais tranquillidade e paz, do que outras muitas provincias, e do que elle mesmo antes de agora.

Duas cousas inquietavam Pernambuco dentro em si, a saber, juramento do projecto ministerial e mudança de presidente politico; por ora estão removidas estas duas fontes de desassocego e fermentação. E' portanto natural, que os espiritos se tranquillizem,e se encaminhem a tomar forças, para as empregar em tempo habil e mais opportuno; pois que é de presumir, que os inimigos gratuitos de Pernambuco não retrogradem da estrada, que encetaram, de sua perseguição, para o que são uteis estes intersticios, pois até é um proloquio portuguez *emquanto o páo vae e vem, folgam as costas.*

Sendo o unico intento do ministerio do Rio de Janeiro, que se jurasse o seu projecto no Brazil, tinha tomado todos os arbitrios tendentes a este fim; e um delles foi pôr nas presidencias das pro-

vincias pessoas de sua facção, pois estava bem certo da influencia, que tem no povo um presidente, ainda que máo, muito principalmente quando os povos não são tão resolutos, como os do Ceará; do que nos dá um exemplo presente a Bahia, que nada obstante o grande fogo da liberdade, que lhe abraza o peito, comtudo não sabemos porque brucharia se tem conservado na sua presidencia o Vianna, bachá de tres caudas, inimigo antigo e declarado da sua propria patria, e agora o instrumento mais servil do ministerio, para agrilhoar seus compatriotas, com o juramento do affrontoso projecto do Severiano.

Por este principio foi que o ministerio do Rio conturbou-se com a noticia da presidencia do Exm. Carvalho, e tratou logo de intrigar e mover todas as pedras para o lançar fóra.

Nomeou ao morgado para presidente, porque sabia o que tinha neste varão de tomo para atrocidades; sabendo porém da opposição, que se lhe fez, antes que la chegasse a nossa deputação, e elle se visse obrigado a deixar cahir a mascara da ignorancia do estado de Pernambuco, com que queria illudir-nos, e então deferisse ás nossas supplicas, despachou ao Sr. José Carlos Mayrink da Silva Ferrão. O povo conheceu o laço, que se lhe armava: e por mais que o arteiro ministro quizesse dourar a pilula, com as especiosas razões de se acabarem os partidos, que se chocavam, e adquirirem a tranquillidade e paz, que não tinham, lembradas no decreto de 24 de Abril, o povo não quiz engulil-a, e vendo que esta paz, que o ministerio nos deseja, e tanto nos mette á cara, desde a demora no Rio de Pedroso e os mais Pernambucanos que o acompanharam, é uma paz falsa, como aquella de que falla Jeremias (6. 14) dizendo *E curavam as chagas da filha do meu povo com ignominia, dizendo* paz, paz, *quando não havia paz;* uma paz, como aquella que proclamaram em Itabaiana os facinorosos soldados do Nery, para no meio della, e nos enlaces dos abraços, matarem perfidamente o valoroso tenente Manoel Virginio da Silva, ficaram todos inquietos e descontentes das novas medidas ministeriaes; e quasi em todos os grupos se contava com approvação o descarte dos Cearenses com o seu presidente imperial Pedro José da Costa Barros.

Tudo isto talvez pesando o Sr. Mayrink, depois de mostrar algum dezejo de dar cumprimento as ordens imperiaes, teve o valor de resistir ás petições do Rio de Janeiro e instancias do Exm. Carvalho para aceitar a presidencia; e querendo seriamente a tranquillidade de Pernambuco se demittiu decisivamente da presidencia pelo seu nunca assaz louvado officio de 26 do passado; e por este lado pacificaram-se as desconfianças, e vão correndo as aguas com alguma mansidão.

Praza aos céos, que a nossa *Eolia*, patria dos chuveiros, prenhe de furiosos astros, não para os ventos luctadores, e estrondosas tempestades! Praza aos céos,que o *grande Eolo*, da excelsa fortaleza, lhes abrande com o seu sceptro os animos, e tempere as iras, para que não revolvam os mares, as terras, o céo profundo, e varram tudo pelos ares!

Por outro lado tambem o negocio vai morno.

A provincia estremeceu com a dissolução da assembléa constituinte. E porque S. M. prometteu *imperialmente* celebrar outra, mandando-a logo convocar, determinou a provincia não eleger novos deputados, para que os primeiros eleitos em nova constituinte côrte examinando o projecto, que S. M. promettia dar duplicadamente mais liberal, do que o da assembléa dissolvida, e fazendo-lhe as addições e mutilações, que julgasse á proposito, sustentassem sempre a soberania da nação, dizendo *apezar de que não compete ao imperador dar projectos, comtudo nós aceitamos este, porque nos convém*; porém, vendo-se illudida nos seus pensamentos e esperanças, resentiu-se, exaltou-se, e se poz de atalaia contra os agentes do ministerio.

Eis senão quando apparece o decreto de 11 de Março, para se jurar o projecto, e ao mesmo tempo a portaria de 17 de Dezembro, para se discutir.

Uns tres camaristas, esquecidos de que as camaras não tem representação alguma, e que só representam pelo povo,sem mais ouvirem aos cidadãos, de quem eram orgão, arrogaram-se o direito de decidir de materia de tanto peso, só por si, no dia 19 do passado.

Consta ao povo esta usurpação escandalosa de seus direitos. Procuram os paços do conselho em o dia 25, depõem os vereadores por absolutos, arbitrarios e prejudiciaes aos seus interesses delle, e nomeam outros de sua confiança; os quaes, depois de empossados em seus respectivos officios, fixam editaes no dia 29, convocando ao povo, e convidam por cartas as pessoas de todas as classes e estações, para no dia 6 deste deliberarem sobre o negocio do projecto.

Celebrou-se o conselho, e se decidiu por totalidade de votos, que se não désse á execução o mencionado decreto de 11 de Março deste anno; porque o *projecto, além de ser uma carta imperial, na qual se estabelecia o mais detestavel despotismo, que esta cidade havia jurado repulsar com todas as forças, viesse elle d'onde viesse, era offerecido por quem não tinha autoridade para o dar; por quanto sendo uma attribuição essencial da soberania da nação a escolha e arranjo da materia do pacto social, era esta escolhida e apresentada pelo imperador, que sendo creatura da nação, não tem soberania, e deve portanto receber da nação a constituição, que esta lhe der; acrescendo mais, que este juramento envolvia perjurio do juramento civico prestado por esta mesma cidade no dia 17 de Outubro de 1822, o que se oppunha de frente á religião catholica apostolica romana, que professa este povo; e aggravando-se ainda mais estas razões pelo meio despotico, violento e tyrannico, de que usou o imperador, para extorquir esta adopção e juramento, o de um bloqueio, que nos portos da provincia tem feito e está fazendo todas as hostilidades.*

Desta maneira ficou esta praça algum tanto tranquilla, e espera-se, que as demais camaras serão concordes no mesmo pensar, pois a nenhuma são occultos estes principios de justiça, em que se estribou este povo livre e religioso; e as luzes espalhadas por toda

provincia já não permittem,que se jure na fé dos padrinhos. Todos leem o projecto, todos o entendem, todos o combinam e conhecem o máo daquelle cartel da escravidão; e já não pegam as labias dos servis seductores, que por toda parte tem espalhado o ministerio, interessados na sua adopção.

Disto é prova mais que bastante a carta seguinte, que nos foi mandada de Quixeramobim, pedindo-se-nos, que a insiramos na nossa folha, com algumas reflexões.

" Illm. Sr. Miguel José de Queiroz.—Meu amigo e Sr. do meu affecto. Cuidará V. S., que eu me tenho esquecido da sua amizade? Não, senhor, nem era possivel, por que sempre fui e sou grato aos que me mostram affeição.

" Depois da minha batalha com Manoel Ignacio, entraram novos trabalhos por toda a parte, e eu, que no meio delles busquei o systema do homem honrado, encerrei-me, e evitei correspondencias, até que vim para esta côrte. E' verdade, que isto aqui é um céo aberto, não ha intrigas, ainda que bem se tratou de as começar; mas não succedendo o mesmo nessa provincia, não sabia se a minha linguagem iria causar incommodos a alguem. Sei o que são sertões: não ha tolerancia, todos hão de seguir um systema; fallar é um crime, e até o é receber uma carta de quem prega moderação.

" Agora, porém, que vae presidente dessa provincia Pedro José da Costa Barros, espero que as cousas tomem outro tom, ainda que os homens dessa provincia olham para Pernambuco como seu guia, e meia duzia de homens ahi imperam mais despoticamente do que fez Manoel Ignacio. Eu tenho amor verdadeiro a essa provincia, e lamento em meu coração, que os seus habitantes corram atraz de sombras, deixando objectos reaes.

" Que desgraça!

" O caso é que as provincias do sul estão unidas, hão de abraçar a constituição, hão de ser reconhecidas pelas nações, e as do norte, si não seguirem outro systema, hão de ser muito desgraçadas. Queira Deus que eu me engane.

" O Brazil não conhece o bem, que tem no imperador. Oxalá que todos fossem tão constitucionaes, como elle é, e a prova é a constituição, que acaba de dar, com a qual estes povos estão contentissimos.

" Os máos cidadãos queixam-se da dissolução da assembléa, mas porque se não queixa a Inglaterra e a França, aonde o rei tem esse direito?

" E que fará o imperante, quando o corpo legislativo abusar e quizer levar a nação ao precipicio, como alguns malvados da nossa assembléa o quizeram fazer?

" Havia deixal-a ir para diante, para succeder no Brazil o que succedeu em França, e depois vir alguma nação extranha escravisar-nos?

" Mas ha muita gente, que pensa que o Brazil póde tudo; o que é effeito da ignorancia.

" Estou nomeado presidente de Santa Catharina, para onde pretendo ir até ao meiado do que vem; ali em nada o posso servir,mas sendo muito provavel, que não me demore por ali muito tempo, porque, na falta de gente, talvez me nomeem para algum dos lugares da assembléa, que se ha de organisar, poderei aqui servir de procurador de qualquer requerimento que V. S. tenha.

" Pregue, meu amigo, a paz, a obediencia á lei, sem o que não ha constituição, e por tanto nem socego.

" Oxalá que as provincias do norte imitem as do sul, e tudo irá bem, e Deus assim o permitta.

" Deus o guarde como lhe deseja—Seu amigo e criado obrigado.—*João Antonio Rodrigues de Carvalho.* Rio 28 de Dezembro de 1823. "

As observações a esta carta faremos no nosso numero seguinte:

———

INDICAÇÃO FEITA NAS CORTES SOBERANAS CONSTITUINTES DO RIO DE JANEIRO PELO SR. DEPUTADO MANOEL CARNEIRO DA CUNHA, SOBRE O BATALHÃO DE SUISSOS, CREADO PELO IMPERADOR CONSTITUCIONAL

Quando os povos do Brazil desenganados das lisongeiras promessas do congresso portuguez, e ao mesmo tempo feridos na parte mais essencial de seus sagrados direitos, principalmente por a revoltante e fratricida medida da missão das tropas barbaro-lusas, ou luso-barbaras para ensanguentar seus pacificos lares, onde uma primavera eterna, e a prodiga natureza convida o estrangeiro, e lhe outorga todos os meios e commodos de um progressivo estabelecimento, declararam sua independencia, acclamando com o mais vivo enthusiasmo o Sr. D. Pedro de Alcantara, que se dignou ficar entre nós, não duvidaram que Portugal se esforçaria para sustentar seus pretendidos direitos, e reconquistar suas antigas colonias, d'onde resultava sua consideração politica. Mas certos de seus copiosos recursos, e firmes na heroica resolução de defenderem sua causa, jámais se poderiam lembrar, que lhes seria mister a creação de corpos estrangeiros, a excepção de alguns habeis officiaes, para se constituirem independentes.

Si as Americas do sul e do norte precisaram deste triste e perigoso recurso, é porque tinham de luctar contra inimigos poderosos; porém o Brazil não está nas mesmas circumstancias, porque é vasto e rico, graças a providencia, Portugal pequeno e pobre.

Quando os Suissos, depois do celebre e glorioso acontecimento,

operado pela virtude milagrosa da flecha de Guilherme Tell, defendiam sua independencia nos Alpes, pelejaram com o denodo e bravura dos soldados de Leonidas nas Termopylas; porém não apresentaram o mesmo ardor e coragem, quando combateram em favor de outras nações, a quem mercenariamente serviam; e as legiões romanas, logo que foram compostas de maior numero de estrangeiros, perderam aquelle espirito marcial, de que antes eram animadas.

Sr. presidente, um soldado sem patria não póde ter o mesmo interesse, que tem aquelle que defenda ao mesmo tempo o chefe, que sua nação tem escolhido, sua liberdade, sua honra, sua propriedade, sua consorte, seus filhos, seus parentes e amigos, e o paiz em que viu pela primeira vez a luz do dia, e provou o dôce prazer da existencia.

Todavia, não é de minha intenção censurar a medida, que tomou S. M. na creação da legião de estrangeiros, de que trato; porque estou certo, que a julgou util e necessaria, seguindo o exemplo das duas Americas no começo de sua emancipação. Mas não tendo, ao meu ver, esta medida preenchido o fim para que foi tomada, produz um effeito contrario, e que póde vir a ser funesto, que é introduzir o ciume e rivalidade pelo augmento de soldo entre a tropa nacional, em cujo patriotismo, adhesão e disciplina deve sómente confiar a nação e seu augusto chefe.

Lá estão denodadamente derramando o seu sangue por um e outra os bravos filhos da heroica Olinda, da briosa Parahiba, da rica Bahia e do fertil Rio de Janeiro, esses martes brazileiros, que não deporão as armas, emquanto tremolarem no mais remoto ponto do imperio bandeiras lusitanas. Além disto, consta-me, que S. M. I. se tem affligido com a extrema impericia dos officiaes, que a mor parte delles nunca foram militares.

Por todos estes fortes e justissimos motivos julgo conveniente a extincção de semelhante corpo: 1.° porque não me posso capacitar da necessidade de sua existencia; 2.° porque recebendo mais soldo, do que recebem os soldados dos corpos nacionaes, ha de necessariamente resultar desta preferencia o descontentamento; e 3.° porque encontra a opinião geral lançando maiores desconfianças sobre as provincias, que já vivem assombradas.

Em consequencia de tudo o que tenho expendido, offereço a presente indicação, que, no caso de ser tomada em consideração, será remettida a commissão de guerra para redigir um projecto, firmando minha opinião com a maxima politica do publicista Bonin, que diz: " Nenhum corpo de tropas estrangeiras deve ser admittido no territorio d'um estado livre sem o consentimento dos representantes da nação.

Foi apoiada e approvada e remettida a competente commissão. A indicação ou proposta foi concebida nos mesmos termos, em que foi redigido o projecto com pouca differença.

Sr. Redactor.—Nas leis platonicas era um crime a neutralidade, e, segundo o meu modo de pensar, era bem justa essa lei ; porque eu assento, que quem não é por mim, é contra mim. Ora, não me dirá porque razão os ministros da relação não foram ao conselho, que convocou esta camara a respeito de se admittir ou não o projecto de constituição, que nos quer dar o imperador, e mandou que se jurasse ?

Eu sei, que o escrivão da camara convidou a todos por um officio.

Pois a negocios desta monta se mostram neutros, e torcem o corpo os senhores desembargadores !

Na crise presente é muito necessario sabermos de que naipe são esses meus senhores, de que rancho são, si do alecrim ou da mangerona.

Eu assento, que sempre serão do alecrim ; porque é mais facil de um corvo nascer um cysne, do que a gente da santa irmandade, como lhe chamou Lesage, ser liberal.

O systema liberal não convém á estes amigos, porque lhes encurta o elasterio da teia legal ; e não podendo elles estiral-a, e extender a vara, secca-se a lavoura, e se lhes diminue a colheita.

Senhor *Typhis*, V. M. como um piloto experimentado, que tanto me gaba Ovidio, veja que com arte é que se rege e conduz a porto seguro a náo da republica : cautela com essa gente, que não metta a a pique a sua náo.

Portanto ponha o seu oculo de observação e mira nestes malandrinos, diga o que entender e faça as suas reflexões sobre o procedimento destes thaumaturgos, que entre nós empunhám a vara de Astrea, porque desejo muito saber si é bem fundado o meu reparo ; e com isto obrigará muito a um seu patricio e constante leitor.

Recife, 12 de Junho de 1824.

Tiririca.

NOTICIA ESTRANGEIRA

Na *Gazeta de Lisboa* de 14 de Abril, n. 90, se vê o seguinte artigo :

" Lisboa 13 de Abril. Repartição do estado maior general. Quartel general no Paço da Bemposta,em 12 de Abril de 1824. Ordem do dia.—S. A. o Sr. infante D. Miguel, commandante em chefe do exercito, manda publicar as instrucções abaixo transcriptas, que S. M. mandou observar na organisação da força expedicionaria, que ora se destina para o Ultramar, " e vem as instrucções.

Apezar de que nessa gazeta se não diga determinadamente o lugar do Ultramar, para onde se destinam essas forças, comtudo

pensam muitas pessoas, e até já anda nos impressos da Europa, que ellas se destinam ao Rio de Janeiro a disposição de S. M. I., para se realizar o plano da santa alliança de reunir o Brazil a Portugal.

Dificilem rem postulati.—Aqui torce a porca o rabo.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XXIII

(QUINTA FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

RIO DE JANEIRO

A 2 de Maio chegaram á côrte do Rio de Janeiro os nossos deputados, e acharam S. M. fóra da cidade; e depois de sua volta, houveram dous conselhos de estado sobre o destino, que se daria a deputação.

Era fóra de toda expectação o que constou dos votos, que lá appareceram!

Uns opinaram, que fossem presos os deputados; outros, que se mandassem retirar sem audiencia; outros, que fossem sim ouvidos, mas sem o caracter de deputados; a final venceu-se, que fossem ouvidos como taes, porém em uma audiencia ordinaria, depois do despacho dos requerentes.

Teve,com effeito,lugar esta audiencia no dia 14 do mesmo Maio, e S. M. não se dignou attendel-os com aquelle bom gasalhado, que costuma liberalisar a todos, e que era de esperar da magnimidade e generosidade de um principe. Respondeu-lhes, que *já se havia determinado a final sobre os negocios de Pernambuco, do qual só a cidade do Recife lhe era desobediente;* e querendo um dos deputados fallar á este proposito,o mandou S. M. calar de uma maneira, que dá azos á acrimonia e maledicencia do *Portuguez.* Rogaram então os deputados licença de se retirarem, e S. M. lhes tornou no mesmo theor: *Quanto antes.* O que fizeram dahi a cinco dias, passando por todos aquelles despachos e gastos, que são do estylo para com homens particulares.

Os desfavores do principe são dolorosos aos subditos, quando fundados na razão e justiça, servem de norte ao corpo da nação; mas não assim, quando a nação pensa de differente maneira, e obra coherente ao seu pensar, como felizmente succedeu aos nossos depu-

tados, que foram acolhidos e bem agazalhados de um grande numero de Fluminenses honrados, e muitas pessoas da maior respeitabilidade.

Como nos lembramos, de que já se fallou aqui de haverem passado por cousas iguaes uns procuradores do Ceará Grande e Pará, que foram a côrte do Rio com partes dos successos de suas provincias ou requerimentos, não se devem vangloriar os senhores imperiaes, por este máo recebimento dos procuradores da liberal provincia de Pernambuco. Isto não é merecimento da provincia, é gosto de S. M.; o qual logo será indemnisado com honrarias. Nós esperamos em Deus podermos dizer do imperador, como de Agricola disse o Tacito : *Tudo o que amamos de Agricola,tudo que nelle admiramos, subsiste e subsistirá no coração dos homens, na eternidade dos tempos, nos annaes do universo. Muitos heróes antigos, desconhecidos e sem gloria, são sepultados no esquecimento ; Agricola por sua historia viverá na posteridade.*

Passando agora aos negocios propriamente daquella côrte, nos dizem cartas e informações verbaes, dignas de toda crença, que reina ali o maior descontentamento geral, muito principalmente depois do juramento do projecto da constituição, que foi jurado por tão pouca gente, que, para se obrigar á jurarem-no, ninguem pode requerer cousa alguma por menor, sem que apresente certidão do escrivão da camara de o haver jurado.

Que bello modo de obrigar ao povo ao juramento da constituição, que o povo pediu !

Que tributo a prol do escrivão !

Este fica com a bolsa cheia, aquelle vasio de liberdade.

Está tudo em ordem natural. *A morte de um é a vida do outro.*

No dia 3 de Maio, anniversario da abertura da assembléa, que, por decreto desta sanccionado por S. M., era dia de grande gala, S. M. se achou fóra da cidade ; e porque lá diz o antigo proloquio *regis ad exemplum totus componitur orbis*, os ministros de estado fizeram como os convidados para as bodas, de que nos diz São Lucas, que todos á uma começaram a escusar-se,dizendo o primeiro: *Eu comprei uma quinta, e é-me necessario ir vel-a; rogo-te, que me deis por escusado ;* o outro : *Eu comprei duas juntas de bois, e vou fazer prova dellas; rogo-te, que me deis por escusado ;* o terceiro : *Eu casei, e por isso não posso ir lá.* E assim, cada um ministro foi para seu lado ; e quando o povo esperava vêr a côrte de gala, se achou com um *gallo, e gallo das trevas.* Mas no dia 13, anniversario dos annos do rei de Portugal, isto é, de um rei nosso inimigo, e que está em guerra aberta com nosco, S. M. deu beijamão no paço, e a tarde foi com toda a côrte a ilha das Enxadas, onde estava aquartellada a tropa portugueza, que veio de Montevideo, e onde nesse dia se arvorou a bandeira partugueza, com escandalo da cidade ; e lá deu beijamão,

Muita gente tem olhado para este ultimo successo como uma prova da união, que se procura do Brazil com Portugal ; nós, lem-

brados dos juramentos *imperiaes*, pensamos, que os soldados portuguezes, verdadeiros estrangeiros no Brazil, fizeram no Rio o mesmo, que os Inglezes, Francezes e outras nações, nos portos estrangeiros, quando solemnisam os annos dos seus respectivos imperantes; bem certo, que não achamos uma igual evasiva para o beijamão, que de veras foi um garrote para quem tem tomado á peito a sustentação da seria adhesão de S. M. á independencia do Brazil; porque, por mais que argumentemos com os juramentos e promessas de S. M., nos gritam todos, que *palavras não adubam sopas*; *que os factos provam mais, do que as palavras, quer pronunciadas, quer escriptas; e que estamos todos enganados.*

Que nos resta a fazer? *Sio, calem-se!*

OBSERVAÇÕES A' CARTA DO SR. JOÃO ANTONIO RODRIGUES DE CARVALHO, TRAZIDA NO NOSSO NUMERO ANTECEDENTE.

Conhecemos muito o Sr. Carvalho, e lhe somos muito obrigados. Nossos pensamentos, nossas palavras e nossas acções se empregarão em acções de graças, sempre que a nossa gratidão não encontrar a razão, a justiça e o amor da patria. A patria está acima das mais estreitas e naturaes relações com os nossos semelhantes. A sua felicidade, o seu augmento e a sua gloria nos merecem o primeiro lugar nos officios da justiça distributiva.

Este é o nosso symbolo de moral.

Que a corte do Rio de Janeiro esteja um céo aberto e sem intrigas, é uma asserção do Sr. Carvalho, que não tem exactidão alguma.

Consta dos periodicos estrangeiros, do *Diario do Governo* daquella côrte, de muitas cartas, bem que particulares, com tudo fidedignas; consta finalmente de informações verbaes de pessoas vindas d'ali, que tudo é pelo avêsso; que o Rio de Janeiro é um *inferno*, e bem *inferno*.

Como pode ser um *céo aberto* o lugar, em que a espionagem traz todos os cidadãos inquietos, desconfiados; o pai temendo ao filho, o irmão ao irmão, e o amigo ao mesmo amigo?

O lugar, em que se fazem deportações arbitrarias, sem processo, sem culpa formada, e por titulos pueris, como soffreu a provincia de S. Paulo nos seus mais dignos filhos, por se *suspeitarem de correspondentes dos Tamoyos, e por terem influencias em a sua patria?* E tudo isto depois de se jurar um projecto de constituição, que se inculca pelo garante da quinta essencia da liberdade constitucional?

O lugar, em que as pastas do ministerio tem andado de Hero-

des para Pilatos, sem haver quem as queira ! *Oh tempora ! Oh mores !*

O lugar, em que os militares das mais altas patentes estão a demittir-se do serviço, em que podiam adiantar-se, e preferem a vida particular de roceiros á publica de militares, ou trocam a farda de marte pela sobrecasaca de paizano ?

A idéa, que os mesmos pagãos faziam do *céo*, e os christãos, illuminados pela revelação, é da habitação da paz, da tranquillidade, da ordem, da justica, como em estylo poetico disse Balthazar Estacio :

Fonte inexhausta de prazer eterno,
Deleitoso jardim, monte florido
De puras assucenas semeado,
Onde pasta o rebanho immaculado
Do Divino Pastor sempre seguido.

Esta idéa não se póde casar, ainda com um chuveiro de dispensas de Roma, com o estado do Rio de Janeiro, depois da dissolução da assembléa constituinte.

Talvez o Sr. Carvalho tome aqui a palavra *céo* na significação, em que Virgilio (1 Georg.) e Cicero a tomaram, a saber, pelo *ar*, dizendo este ultimo *Penetret, et dividat omne hoc cælum, in quo nubes, imbres, ventique coguntur, quod et humidum, et caliginosum est propter exhalationem terræ*, (1. Tuscul.) que é o que ali se observa : ventos, chuveiros, nuvens, tempestades. A não ser assim, então aquella expressão é ironica.

Não se verifiou a esperança do Sr. Carvalho, relativa ás mudanças dos sertões com a presidencia de Pedro José da Costa Barros. Ficaram peiores para os imperiaes : o Pedro foi fóra, seus apaniguados presos, e toda provincia se declarou contra o projecto, despotismo do ministerio, e aggressões de S. M. contra a soberania nacional.

Já lá vai Piauhy deitando as manguinhas de fóra.

E não é natural, que Maranhão e Pará sigam o mesmo exemplo, mormente quando se vê, que os redactores do projecto o engendraram de feição apropriada para a reunião do Brazil á Portugal, e estabelecer-se aqui o absolutismo asiatico ?

E si esta *parva quantitas* do Brazil se arrumar á uma banda, não hade produzir algum effeito lá na outra, muito principalmente quando é sem questão, que as provincias do sul se não tem satisfeito com a chamada constituição,pois que muitas das suas camaras, tem umas querido reforma, outras feito observações, outras declarado não abraçal-a.

Todas as villas e cidades do sul, que se tem declarado pelo projecto, vem nos *Diarios do Governo* do Rio sem excepção de uma

só, ao mesmo passo que se não faz memoria das que se hão opposto aos laços do ministerio.

Basta comparar este numero com o das cidades e villas, que traz a Corographia Brazilica, que não são todas, para se vêr, que as seduzidas não fazem a maioria d'ellas, quanto mais de todo Brazil ; logo é dito livremente, que *as provincias do sul estão unidas*, e muito mais livremente, que *ellas hão de ser reconhecidas pelas nações.*

Que tem os reconhecimentos das nações com a forma interior dos governos das outras ?

Que lhes importa á ellas as constituições mais ou menos liberaes ou despoticas das outras ?

Não ha puerilidade mais ridicula !

Os estados europeus são monarchicos, os americanos federados e republicanos, os asiaticos despoticos, e não são todos reciprocamente reconhecidos ?

O que querem as nações, é que as outras sejam soberanas ou de facto ou de direito, para então terem com ellas relações politicas, sem lhes importar, que a sua soberania seja exercitada d'esta ou d'aquella maneira.

Os Inglezes, os Americanos do norte reconhecem todos os novos governos da America do sul, sem embirrarem em que Columbia seja pura republica ; o Mexico federação, e outras outra cousa, e já protestaram quebrar as ventas á santa alliança, si tiverem a ousadia de se virem metter nas questões destes governos com as suas outr'ora metropoles.

E dada a hypothese, que a forma do governo do Brazil influisse para o reconhecimento das nações, ha toda probabilidade, que os nossos limitrophes inglezes e castelhanos, com quem temos mais necessidade de união, não acharão conveniencia alguma em reconhecerem um imperio no meio de si, e um imperio absoluto, segundo o phantasma do projecto, que ameaça os governos representativos, bem como succede na Europa, que não admitte novas republicas no meio de si pelos mesmos perigos.

Igualmente pueril e futil é o ameaço de que *virão nações estrangeiras conquistar o Brazil, si se demorar por mais tempo sem uma constituição.* Porque não vieram ate agora em tres annos, pois estavam em melhores e mais faceis circumstancias ?

Esta asserção não sò é visionaria, como nenhum fundamento tem na historia antiga e moderna.

Quando houver algum conquistador, que se queira apoderar do Brazil, ou de alguma parte sua, hade deixar de fazel-o por estar o Brazil constituido pelo projecto ? Antes pelo projecto está tudo conquistado e perdido ; porque como pelo projecto póde S. M. I. por meio do seu ministerio ceder, trocar o territorio do imperio, uma vez que se apresente algum novo Villegaignon ou Tola, um Mauricio de Nassau ou outro algum valentão destes bloqueiando o Rio de Janeiro e ameaçando algum desembarque, o ministerio para se não vêr em apertos lhe cede logo o Rio Grande, Santa Cathari-

na, Pará, Maranhão ou outra qualquer provincia arredada do Rio, e o valentão, pondo o pé em terra, agora o verás.

De mais, as nações antigas, conquistadas por Alexandre e Xerxes, não estavam constituidas ao seu modo, e esse motivo foi bastante para se forrarem aos estragos de suas armas ?

Totila, Atila e outros conquistadores do norte, que deixando seus reinos, vieram conquistar os alheios, não os acharam constituidos ?

Os Mouros conquistaram a Hespanha constituida ; Portugal os povos da India e Africa ; os Hollandezes e Francezes o Brazil ; e estes ultimos em nossos dias quasi toda a Europa, quando toda ella tinha constituições.

Que tem, pois, as constituições dos estados,para elles não soffrerem as aggressões dos ambiciosos ?

Em terceiro lugar, qual foi a nação da Europa, que pelas desordens da França, nascidas dos erros das suas assembléas legislativas e constituintes, a escravisou ?

O negocio foi dado todo pelo contrario. A França foi a que esmagou e escravisou toda a Europa, e deu um exemplo fatal á todo mundo do quanto póde uma nação, quando se enthusiasma pela liberdade e quer sacudir o jugo da escravidão e despotismo.

Além de ser um allegado inexacto, que na Inglaterra e França o rei tenha o poder de dissolver a assembléa legislativa, é muito mal applicado o exemplo ao Brazil.

Na Inglaterra o rei póde dissolver a camara dos communs, e na França a dos deputados ; mas nem uma nem outra é a assembléa legislativa, que ali se compõe da camara dos communs e dos pares, e aqui da dos senadores e deputados : isto só é mudar uma parte da assembléa e não dissolver a assembléa.

De mais, esse exemplo não é applicavel a assembléa brazilica, porque esta era constituinte e legislativa ; e é o absurdo maior de todo mundo, que houvesse, haja e haverá um rei, imperador ou outro qualquer governante, que tenha o direito de dissolver a assembléa constituinte da sua nação.

Isto ou se póde dizer por ignorancia do que é assembléa constituinte, o que se não deve suppôr no Sr. Carvalho, ou por estratagema para enganar os sertanejos, a quem suppõe muito simples ; e aponte o Sr. Carvalho um só exemplo deste monstro na historia do universo.

Muito mal advoga o Sr. Carvalho a causa do imperador, quando sustenta a sua constitucionalidade pelo projecto ministerial, que elle offereceu e mandou jurar.

Si esta carta não é obra de encomenda, nós vacillamos sobre o conceito, que faremos dos conhecimentos politicos do Sr. Carvalho ; porque para se conhecer, que o tal projecto, afora alguns artigos das disposições geraes, é a peior cousa, que tem apparecido no Brazil, nesse genero, não é mais preciso, que ter olhos para lêr, e o senso commum para combinar.

Nós diremos alguma cousa a esse respeito nos nossos numeros

seguintes; por ora basta lembrarmos, que pelo art. 178 *é só constitucional o que diz respeito aos limites e attribuições dos poderes politicos, e aos direitos politicos e individuaes do cidadão.*

Que bico d'obra! *Quis potest capere, capiat.* Para o bom entendedor poucas palavras bastam.

Sr. redactor.—Pela fuga do juiz de fóra desta cidade, Thomaz Xavier Garcia d'Almeida, passou a exercer esta vara o vereador mais velho da camara desta mesma cidade, e restaram em effectividade dous vereadores, e o procurador. Foram estes demittidos pelo povo, que logo elegeu outros, e mais um vereador para servir em quanto durar o impedimento do mais velho; que, como já disse, está no juizado, ficando por este modo a camara completa.

E por que me consta, que doutos jurisconsultos e curiosos praxistas assoalham, que na lei não está a eleição do vereador para servir no impedimento do outro mais velho, que ora é juiz; rogo a vm. queira inserir a presente no seu periodico, e por meio della envido aos Srs. advogados desta praça, e a outras quaesquer pessoas, que opinam contra a eleição do vereador no impedimento do que está de juiz, á que produzam até o quarto numero do seu periodico, depois do em que esta vir a luz, as razões em que, para assim o dizerem, se fundam, afim de que se evitem repetições de actos, que os mestres da lei classificam de erroneos, sob pena de serem tidos por ignorantes no assumpto.

De vm. attento venerador.—*Antonio Joaquim de Mello.*

Recife, 30 de Maio de 1824.

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Dias antes da sahida dos nossos deputados do porto do Rio, haviam ali chegado noticias da Bahia; mas como foram dirigidas ao governo, não se póde saber ao justo o que era.

Ainda assim o que respirou fóra do ministerio, que sempre é muito diminuido, quando não lhe faz conta, foi que na Cachoeira houveram movimentos politicos; que para aquella villa se havia passado o batalhão dos Periquitos; e que continuavam a passar outros corpos.

Este embryão, bem que não nos dê idéas claras do estado daquella cidade, comtudo é uma nova prova do que referimos no nosso numero 19 sobre o espirito da tropa e povo d'aquella cidade; e talvez seja a verificação do que d'ella disse a seguinte carta ingleza, que damos aqui traduzida.

" Bahia, 27 de Abril de 1824.—Ha poucos dias vos escrevi, dizendo por escripto quanto se podia dizer. Agora sou um pouco mais extenso sobre materias politicas, por ter portador seguro; e desejaria, que tivesseis a mesma cautela com a vossa de 17, que rerebi ao fazer desta.

As duas proclamações, que me mandastes, tem corrido toda cidade; eu as podia ter vendido, si quizesse, por mais de oito mil réis cada uma.

O povo aqui é todo a favor de Pernambuco, e falla muito de publico.

Na primeira occasião espero receber uma bôa porção de papeis publicos. Estou persuadido, que em um mez este lugar se declarará do vosso partido, pois já tem para isso feito varias tentativas, e cada dia engrossa mais o partido.

Quasi todas as cartas portuguezas, e papeis vindos desse lugar, são abafados pelo governo. Taylor tomou-me as gazetas, que eu trazia.

Uma embarcação, que ha poucos dias chegou de Lisbôa, dá noticia de que se ficava ali apromptando uma expedição para ajudar ao imperador a subjugar o Brazil.

Esta noticia exaltou grandemente o animo do povo."

Finalmente pessoas vindas daquella cidade attestam, que se não verificou a sahida do batalhão para a Cachoeira; porém que a effervescencia no povo vai em augmento, e em muito boas disposições para fazerem o seu dever.

Deus lhes dê mais coragem, que justiça lhes não falta.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XXIV

(QUINTA FEIRA, 1 DE JULHO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.·

PERNAMBUCO

Para não sermos comprehendidos no caracter de *novelista*, que, segundo Theophrasto, *é aquelle homem que arranja á seu capricho discursos e factos cheios de falsidade*, (cap. 8.) temos deixado de fallar das nossas forças estacionadas ao sul e ao norte da provincia; por quanto, apezar de correrem algumas noticias, com tudo não eram officiaes; pois não havendo ainda aqui typographias volantes, não pódem as forças ter os boletins por onde participem suas operações. Agora, porém,já podemos communicar ao respeitavel publico o que se ha passado nas fronteiras.

O dia 6 do passado foi o dia marcado pela columna do sul para o ataque do inimigo. O tenente coronel Ferreira,commandante desta, querendo atacar o inimigo em todos os pontos, dividiu a sua columna em quatro secções, das quaes uma, commandada pelo tenente coronel do 10.· batalhão, composta de uma companhia de caçadores, o batalhão 10.· de milicias, e duzentas ordenanças commandados pelo capitão mór Manoel de Barros, e uma peça de artilheria de calibre 3, marchou de Almecega a demandar Porto Calvo; a segunda secção, debaixo do commando do major Arruda, composta de uma companhia de caçadores, e duas guerrilhas, marchou do engenho Jundahy ao Gamella,um quarto de legua a rectaguarda do inimigo; a terceira, commandada pelo major Pitanga, composta do 2.· batalhão,dirigiu-se a tocar o flanco esquerdo do inimigo; e a quarta, composta de uma peça de calibre 6, outra de calibre 3, do 1.· e 3.· batalhões de caçadores, debaixo do commando do tenente coronel Ferreira, marchou pela praia a sahir em frente das trincheiras do inimigo.

A primeira e segunda secções, embaraçadas pelas grandes chuvas,e máo estado dos caminhos,não poderam alcançar os pontos des-

tinados ; a terceira tocou o flanco esquerdo do inimigo, porém sendo conduzida por estradas differentes das que se haviam marcado aos guias, nada pôde fazer pelo fogo, que soffreu, de um reducto do inimigo, e apenas pôde bater-se com os desertores do 1.º batalhão, e retirar-se sem mais perda, que um soldado extraviado, e o tenente Almeida ferido em uma perna, matando porém alguns ao inimigo ; a quarta marchou sem impedimento até avistar as fronteiras inimigas, depois de haver desalojado um piquete do inimigo e tomar a sua posição, onde soffreu, sem damno mais que um soldado ferido em um pé de um bala rasa,grande fogo do brigue *Bahia*, que se achava fundeado em linha com a trincheira do inimigo.

O major Arruda na continuação da sua marcha, pelas dez horas da noite do dia 7, encontrou-se no engenho Marrecas com uma guerrilha do inimigo, a quem bateu e dispersou, assenhoreando-se do campo, e matando alguns ao inimigo, tendo porém tres feridos, comprehendendo um alferes de Goiana.

Na madrugada do dia 8 o 2.º batalhão de caçadores, com summa facilidade, desalojou o inimigo de uma fortificação, que havia principiado o dia antecedente ; o qual fugiu precipitadamente para dentro das trincheiras, deixando no campo duas caronadas de calibre 9, duas caixas de cartuchame, pás, machados, uma corneta, oito mortos, entre os quaes um official de milicias ; e levando o tenente coronel engenheiro Conrado Jacob,gravemente ferido, ficando dos constitucionaes um soldado morto.

Depois disto, os constitucionaes construiram na praia um reducto, d'onde bateram com pouco successo, pelo pequeno calibre de suas peças,o brigue *Bahia*; pelo que mandando buscar a Tamandaré peças de calibre 12, com ellas o fizeram pôr-se ao largo, depois de algum estrago, e ser mudo espectador dos estragos do morgado e sua sucia de desertores.

Por officio de 28 do passado, temos a noticia de que, pretendendo o inimigo no dia 25 atacar a divisão constitucional por todos os pontos até pela rectaguarda, fizeram aprestar quatro lanchões com gente armada e peças de artilheria, e um official de ordenanças da divisão constitucional com alguns soldados sustentaram o ponto com bastante fogo,até que, avisada a divisão, marchou tomando os arrecifes de maré secca. Sendo porém percebida pelo inimigo, este não se quiz expor á prova das suas forças, e deitou a fugir precipitada e vergonhosamente, perdendo um dos maiores lanchões com peças e gente, e só escapando dous soldados inglezes, que se acham presos.

O inimigo atacou igualmente pela vanguarda, e sorprendendo as sentinellas, matou-as, e apossaram-se do campo e trincheiras, que tinham perdido ; porém o 2.º batalhão retomou as trincheiras com a perda de tres mortos, e tendo doze feridos, e dos inimigos ficaram mortos quarenta e tres. Julga-se ter sido esta força de Jacuipe, o qual já ficava em sitio.

Depois destes successos, tem sempre havido pequenos choques com perda maior do morgado ; e bem que estas ultimas noticias

não venham por participações officiaes, com tudo todas concordam em que tem sido arrasada uma grande parte da trincheira inimiga, tomando-se ao morgado alguma artilheria, ficando este na extremidade ou de render-se, ou morrer ás baionetas constitucionaes; pois que já a fugida lhe é impraticavel. E é de esperar, que os trezentos e setenta e oito homens do 2.° batalhão, que para lá marcharam a 25 do passado, só tenham que ver o lugar em que foi Troia.

Reservando para o nosso numero seguinte os successos e operações das nossas forças dirigidas sobre Alagoas e Parahiba do Norte, passamos aos acontecimentos, que tiveram lugar nesta cidade desde o dia 22 do passado em diante.

Achava-se ha tres mezes nas nossas aguas, contra sua expectação, o gotoso alfaiate (*Taylor*) commandante da remendada e esburacada Nitherohy, desenganado de que os Pernambucanos não morrem de caretas.

Tinha aprendido por experiencia, que as suas intrigas e perfidias, bem que protegidas por alguns Pernambucanos degenerados e corruptos, não haviam produzido os resultados, com que contava o servil ministerio do Rio de Janeiro.

Sabia o alfaiate, Inglez renegado, que, apezar de termos forças destacadas contra o morgado, Alagoas e o Nero da Parahiba, mandavamos o resto do 2.° batalhão para a Barra Grande a acabar de uma vez com o *Catucá* do morgado, e estavamos por dias, com o apromptamento do brigue *Independencia ou Morte*, a ir-lhe pagar a seu bordo o feitio da casaca, que nos elle havia cortado.

Pretendeu estorvar a sahida da tropa, e, por generoso, não querer a paga, que deviamos, que sem duvida seria do principal e juros. E para não chegar esse *dies magna et amara valde*, projectou tocar fogo na embarcação do Registro, e, cortando-lhe as amarras, fazel-a intrometter-se entre as outras do Mosqueiro para abrazal-as, causando assim a perturbação na cidade, o desespero no povo, e a insurreição contra o governo.

Para este fim despachou tres escaleres, guarnecidos de gente armada e providos de materias incendiarias.

Os escaleres, nas trevas e escuridão da noite do dia 22, acharam opportunidade de entrarem a barra sem serem vistos da Fortaleza do Mar; porém quando se foram prolongando com o arrecife, a sentinella do Registro, que os sentiu, chamou-os á falla. Vieram, e dizendo serem *amigos*, a sentinella, que sobre miliciana, era bisonha, sem dar parte ao commandante da guarnição, nem chamar estas ás armas, mandou atracar.

Que mais queriam os aggressores?

Atracaram, e, depois de apanhar-se lá de cima, entraram de cortar na sentinella e guarnição, da qual a maior parte dormia; e então acordando, travou-se em uma não pequena lucta com os aggressores.

Ouviram-se em terra as vozes e os tiros. Acudiu a guerrilha de Fora de Portas, e fazendo fogo sobre os aggressores, bem como a Fortaleza do Brum com mosquetaria, os obrigaram a desamparar

o seu plano e fugir,apertando o remo quanto poderam, levando comsigo dous soldados da guarnição, que,dizem, mataram fóra da barra e os lançaram ao mar, depois que viram alguns dos seus feridos; e deixaram no Registro baldes de polvora e outras materias incendiarias machados e tres soldados da guarnição, gravemente feridos.

O povo, que se havia ajuntado ao toque de rebate, exaltado em seu furor com os estragos, que viram nos soldados, e não podendo satisfazer a vingança nos aggressores, voltou-se contra aquelles, que entenderam ter com elles mais estreitas relações,e julgava como mancomunados, quaes os Portuguezes de terra; e começou a matar nelles.

Ter-se-hia repetido o massacre de S. Bartholomeo, si os Exms. presidente e commandante das armas, correndo ás ruas, não tivessem suspendido a carnagem, promettendo-lhes tomar todas as seguranças, contra estes que se julgavam inimigos internos.

Nesta desordem era natural envolverem-se alguns estrangeiros, pois o povo via, que seus males lhes vinham de Inglezes, que estavam a soldo da Brazil; e assim affrontaram de palavras e ameaços a alguns estrangeiros, o que tudo deu occasião as duas proclamações do governo do dia 25.

Desapprovando inteiramente estas desordens, e querendo que os nossos compatriotas tragam sempre suas paixões bridadas, para não produzirem os seus costumados effeitos, não podemos deixar de fazer justiça ao mesmo povo, quando vimos reduzir-se á ordem só com a presença dos Exms. presidente e commandante das armas.

O povo se achava gravemente offendido das perfidias de alguns Portuguezes,daquelles mesmos em quem mais confiava; o povo se via ameaçado indignamente por alguns, que esperavam um momento de segurança para desabafarem seus odios aos Brazileiros; o povo via estrangeiros ao soldo do Brazil, feitos os instrumentos do despotismo; o povo ouvia dizer-se, que em Portugal se achavam tropas francezas promptas a invadir o Brazil, e que no Rio de Janeiro uma esquadra franceza estava á disposição do imperador, que é olhado como o primeiro e maior inimigo dos Brazileiros. Era isto mais que bastante para n'outra qualquer nação, em uma tal conjunctura, haverem horrorosas desgraças; mas o caracter de doçura dos Pernambucanos, a par da presença e fallas do presidente e commandante das armas, suspendeu os effeitos e estragos da vingança.

Prenderam-se os commandantes da Fortaleza do Mar e Registro, que ao tempo da abordagem do Registro se achavam fora de seus postos; demittiram-se do serviço publico os Portuguezes, que eram mais suspeitos; e assim pouco a pouco se restabeleceu a ordem e a tranquillidade. E o medo que aos Portuguezes fazia estarem occultos, com suas lojas fechadas, e o commercio parado, se acabou de todo com a suspensão do bloqueio no dia 29 do passado pelas proclamações do imperador de 10 do passado, das quaes fallaremos no nosso numero seguinte:

COMMUNICADO

BASES PARA A FORMAÇÃO DO PACTO SOCIAL, REDIGIDAS POR UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE LETTRAS

Sendo o fim de toda a reunião dos homens em sociedade a conservação dos direitos naturaes, civis e politicos, estes direitos devem ser a base do pacto social; e o seu reconhecimento e declaração devem preceder á constituição, a qual lhes serve de fiador.

Art. 1.· Os direitos naturaes, civis e politicos do homem são a liberdade, a igualdade, a segurança, a propriedade e a resistencia á oppressão.

2.· A liberdade consiste em poder fazer tudo, com tanto que não seja contrario aos direitos de outro. Assim, o exercicio dos direitos naturaes de cada um homem só tem limite naquillo que assegura aos outros membros o goso destes mesmos direitos.

3.· A conservação da liberdade depende da submissão á lei,que é a expressão da vontade geral. Tudo o que não é prohibido pela lei, não póde ser impedido, e ninguem póde ser obrigado a fazer o que ella não ordena.

4.· A todo o homem é livre manifestar os seus sentimentos e a sua opinião sobre qualquer objecto.

5.· A liberdade da imprensa, ou outro qualquer meio de publicar estes sentimentos, não póde ser prohibido, suspenso nem limitado.

6.· A igualdade consiste em que cada um possa gosar dos mesmos direitos.

7.· A lei deve ser igual para todos, recompensando ou punindo, protegendo ou reprimindo.

8.· Todos os cidadãos são admissiveis a todos os lugares, empregos e funcções publicas. Os povos livres não conhecem outros motivos de preferencia, senão os talentos e virtudes.

9.· A segurança consiste na protecção concedida pela sociedade a cada um cidadão, para conservação da sua pessoa, dos seus bens e dos seus direitos.

10.· Nenhuma pessoa deve ser chamada a juizo, accusada, presa nem detida, senão nos casos determinados pela lei, e segundo as formas que ella tem prescripto. Outro qualquer acto, exercitado contra um cidadão, é arbitrario, e por consequencia tyrannico.

11.· Aquelles que solicitarem, expedirem, assignarem ou fizerem executar esses actos arbitrarios, são réos de culpa, e devem ser punidos.

12.· Os cidadãos,contra quem se intentar executar iguaes actos, tem o direito de repellir a força pela força; mas todo o cidadão chamado ou embargado pela autoridade da lei, e nas formas pres-

criptas por ella, deve instantaneamente obedecer, e tornar-se-ha criminoso si resistir.

13.· Deve ser severamente reprimido pela lei todo o rigor, que se obrar contra um homem, que ainda se não verificou ser culpado, posto que se possa assegurar da sua pessoa para conhecimento do crime,que se lhe imputa.

14.· Ninguem deve ser punido, senão em virtude de uma lei estabelecida, promulgada anteriormente ao delicto, e legalmente applicada.

15.· A lei que punir os delictos commettidos antés della existir, será um acto arbitrario. O effeito retroactivo dado a lei é um crime.

16.· A lei não deve decretar senão penas restrictas e evidentemente necessarias á segurança geral. Ellas devem ser proporcionadas aos delictos e uteis á sociedade.

17.· O direito da propriedade consiste nisto, em que todo o homem seja senhor de dispor á sua vontade de seus bens, dos seus capitaes, dos seus rendimentos e industria.

18.· Nenhum genero de trabalho, de commercio e de cultura póde ser prohibido a cidadão algum. Elle póde fabricar, vender e transportar toda a especie de producção.

19.· Todo o homem póde entrar no serviço de outro pelo tempo que quizer, porém não póde vender-se, nem ser vendido. A sua pessoa não é uma propriedade alienavel.

(Continuar-se-ha)

Sr. redactor.—São bem teimosos estes reiunos!

Elles são incansaveis em desacreditar os principios liberaes, e para isso usam sempre de má fé e de argumentos, que menos relações tem com a verdade dos principios. Muitas vezes tem um muita razão na demanda que traz em juizo, seus inimigos o sabem, mas o pobre homem decahiu da causa, ou pela venalidade do juiz, ou pelo falso depoimento de testemunhas peitadas, ou por trapaçarias do escrivão, ou por uma entrega da parte de seu proprio patrono; os inimigos, para o desacreditarem, gritam á velhacaria, porque o homem perdeu a demanda e muitas vezes por um mero interlocutorio.

Foi assim, que o redactor da *Estrella do Brazil*, para desacreditar a causa da independencia da ex-America Hespanhola, tão justa como a nossa, súa camisas em referir uma victoria ganhada pelo general reiuno Canterac sobre o general Santa Cruz, republicano; e o ex-liberal redactor da *Gazeta Pernambucana* não foi desleixado em copiar esse artigo da *Estrella*.

Que tem essa victoria com a justiça da causa?

Tem muito para os seus fins, que são fazer crer ao vulgo, que os liberaes vão batidos em toda parte.

Essa victoria foi brilhante, mas segundo seus mesmos relatores reiunos, ella nada tem de decisivo. Foi talvez o resultado das traições do presidente Riva-Agnero.

Todos sabem, que a America do Sul está toda livre: Buenos Ayres, Chili, Columbia, Mexico e outras provincias não tem um soldado hespanhol. Ha apenas uma guarnição de trezentos no castello de S. João de Ulloa, e no Perú a muito arrebentar poderá haver cinco a seis mil homens reiunos: e em contraposição á *Estrella* e á *Pernambucana* eu passo a transcrever os seguintes artigos da *Gazeta Nacional*, de Philadelphia, de 5 de Janeiro; e do *Constitucional*, de Março.

" O presidente libertador, general Bolivar, fez uma entrada triumphal na cidade de Lima, na qual occasião houve um geral e enthusiastico regosijo.

" Um congresso se reuniu, e elegeu-se um presidente.

" O general Bolivar foi nomeado ao supremo commando de todos os exercitos do Perú, até que os Hespanhóes sejam de todo lançados do territorio daquella importante secção do sul da America.

" A maior alegria se manifestou, e todos descansando sobre os talentos e principios do chefe columbino, antecipam já promptos e completos successos. "

O *Constitucional*, de 19 de Março, traz a seguinte correspondencia de Panamá.

" Noticias do Perú annunciam, que este paiz tem estado em perigo.

" Riva-Agnero, o idolo do povo, presidente da republica no Perú, tinha trahido sua patria, e se correspondia com os Hespanhòes; mas Bolivar, o genio da liberdade, o penetrou; e Agnero, assim como todos os seus complices, tem sido capturados, e estão agora presos em Guayaquil.

" Tudo parece reviver, e tomar um novo aspecto.

" Teretagle foi nomeado presidente da republica, mas o commando civil e militar está nas mãos de Bolivar, que tem um poder illimitado para a continuação da guerra.

" As outras noticias do Perú são muito satisfactorias.

" Nossas tropas tem destruido muitos destacamentos inimigos.

" O Libertador tem agora debaixo das suas ordens quinze mil homens, e o general Sucre tem cinco mil: elle vae dar um grande golpe, e não se póde duvidar do seu successo. "

Então, Sr. redactor, é ponta ou cabeça?

Os redactores da *Estrella* e da *Pernambucana* não sabem disto?

Sabem, mas elles são reiunos!

Mas fiquem certos, que as ex-Americas Hespanholas estão tão perdidas para Hespanha como o Brazil para Portugal. Fernando VII sem recursos, porque na Europa ninguem está disposto a emprestar dinheiro a um máo pagador, já consente, são palavras do *Constitucional*, que se pronuncie em toda Hespanha o terrivel nome de côrtes; pois que só ellas poderão fazer aquillo, que a impotente camarella é incapaz de fazer.

Como, pois, poderá ella tentar cousa alguma contra a America do Sul ?

Qualquer que seja a forma de governo, que ella adopte, a independencia é certa, porque os interlocutores, que pretendiam representar em Verona um novo drama, recolheram-se aos bastidores, tendo a Inglaterra e Estados Unidos gritado *fora, fora*, quanto mais que uma planta chamada Iturbide não se póde aclimatisar no terreno daquelles estados.

E' pois, Sr. redactor, para metter raiva á *Estrella e á Pernambucana*, que rogo a Vmc. queira dar lugar no seu periodico a estas poucas linhas de um seu

Amigo Liberal.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XXV

(QUINTA FEIRA, 8 DE JULHO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

PROCLAMAÇÃO

Pernambucanos ! Chegou o momento, em que o véo da impostura, com que os demagogos, inimigos do imperio e da vossa verdadeira felicidade, vos tem até agora fascinado, vai cahir por terra.

Para illudirem vossa boa fé, inflammarem vossa imaginação, e poderem arrastar-vos cegamente á systemas politicos reprovados pelas lições da experiencia, absolutamente incompativeis com a vossa actual situação, e em que só elles ganhavam, separando-vos da união geral de todas as provincias, indispensavel para a consolidação e segurança da nossa independencia, fizeram-vos crêr, que uma facção vendida á Portugal dirigia as operações politicas deste imperio, para submettel-o ao antigo dominio dos Portuguezes, e ao despotismo do seu governo.

E tal foi a impressão, que no espirito dos povos incautos, e zelosos da sua nascente liberdade, fez esta atrocissima calumnia, que, apezar de tantas, tão publicas e tão decisivas provas do contrario, ainda hoje não estão totalmente desassombrados.

Chegou o momento, em que essa illusão vai de todo dissipar-se.

O governo portuguez, dominado sem duvida por alguns ministros ambiciosos ou ineptos, desconhecendo ou desprezando a feliz opportunidade, que lhe offereciam nossa moderação e prudencia, para negociar com este imperio uma paz vantajosa e solida ; e tal vez arrastado ainda do antigo habito de dispor despoticamente da sorte deste povo, achou mais curto e mais efficaz o meio das armas, e, segundo as ultimas gazetas de Lisbôa, preparava-se ali uma expedição, que devia partir em breve para este paiz.

O imperio vai pôr-se em armas para repellir tão injusta, como

inutil aggressão; e o vosso imperador, e perpetuo defensor, fiel ás obrigações, que com vosco contrahiu, vai mostrar a frente das briosas tropas brazileiras, que este glorioso titulo, de que tanto se lisongea, não é titulo vão; que, perfeitamente identificado com o povo brazileiro, ha de seguir a sorte deste, seja qual fôr; que seus interesses, sua felicidade, sua gloria são e serão sempre os interesses, a felicidade e a gloria deste brioso povo; que, emfim, não embainhará a espada, em quanto a mais pequena parte do imperio não for igualmente independente e livre.

Pernambucanos, que precioso tempo perdido!

Que immensas despezas feitas para libertar-vos das terriveis manobras da demagogia revolucionaria e anarchica, que tem desolado tão bellas provincias!

Que seria do audacioso inimigo, que hoje nos ameaça, si nossos esforços tivessem marchado constantemente reunidos? Si, em lugar de terdes enfraquecido com divisões internas esse ponto tão interessante do imperio, vos tivesseis reunido ao centro commum de união, como as outras provincias?

E ousaria o inimigo a tacar-nos, si não contasse com as vantagens da vossa fatal desunião; e si desde o Amazonas até o Rio da Prata lhe offerecessemos um corpo solidamente upido, e uma resistencia igual e habilmente calculada debaixo de um plano bem combinado e geral?

Não, de certo.

Assim, pois, ignorando o ponto, a que se dirigirão as forças inimigas, e sendo da mais imperiosa necessidade pôr a capital do imperio á abrigo da invasão, como aquella de quem depende essencialmente a salvação de todas as provincias, e sendo para isso indispensavel reunir neste porto todas as nossas forças maritimas, que magua não sente meu paternal coração vendo, que, em lugar de augmentar sufficientemente a que se acha estacionada nesse porto, para vos ajudar a defender-vos contra o inimigo externo, sou obrigado a retiral-a tambem?

E, todavia, não deveis desanimar, Pernambucanos! Acabem os odios e dissenções internas, que vos dividem e dilaceram; reunivos de coração e vontade, para defeza commum, e achareis em vosso mesmo seio e no vosso valor infinitos recursos contra o inimigo externo, que não póde sustentar-se muito tempo nestas remotas regiões. Nada de capitulação com tão injustos aggressores; e contai de certo, que, desaffrontada a capital, a qualquer outro ponto, a que o inimigo dirija seu ataque, lá irão nossas forças de mar e terra em seu soccorro.

Pernambucanos! Valor, constancia e sobre tudo união interna entre vós, e o inimigo succumbirá.—IMPERADOR.

REFLEXÕES A' PROCLAMAÇÃO ACIMA.

E' necessario ao homem do seculo presente, que se vê subdito de um imperio, como o do Brazil, ter nascido debaixo do signo de Capricornio para vêr, ouvir e calar, e não se dar por entendido na subversão geral de todos os direitos sociaes, e na irrisão que ha tres annos se tem feito despejadamente de uma nação magnanima, valente, e generosa.

A paciencia de um Job está muito áquem do nosso soffrimento.

S. M. pelo muito amor, que tem aos Brazileiros, como diz em seus papeis, sempre ha querido apartal-os de todos os perigos,a que se podem arriscar ; e um delles, que mais cuidado lhe tem custado, é a mudança da forma de governo ; pelo que não tem perdido occasião de nos martelar a cabeça com demagogias, demagogos, anarchias, anarchicos e outros nomes assim feios e medonhos, para que fujamos daquellas cousas, de que S. M. não gosta. Inda agora principia a sua proclamação por uma descompostura formal aos demagogos, que querem arrastar os Pernambucanos á systemas politicos, reprovados pelas lições da experiencia, e absolutamente incompativeis com a nossa actual situação ; e diz que agora cahiu por terra a mascara com que estes velhacos que açulam o povo, calumniando o pobre e innocente imperio do Brazil de ser regido por uma facção portugueza, que o pretende unir a Portugal.

Com effeito, é a mais negra das calumnias !!!

E' innegavel, que em todo o Brazil existe uma bem visivel fermentação para se mudar a forma do governo, e que talvez não esteja muito arredado de nós o momento, em que se vêja tremular em todo o Brazil outros pavilhões differentes dos actuaes *Luzo-Brazileiro*, e que esta mudança trará com sigo a consequencia infallivel de S. M. se retirar para sua patria natural, e perder o amor escripto, que tem a adoptiva. Mas pergunta a nossa curiosidade : Quem tem dado occasião ao desenvolvimento desses desejos do Brazil ?

Parece-nos, que não seremos calumniadores, si respondermos : *O governo de S. M.*

Logo, além de injustos os queixumes de S. M., quando apartados dos ministros, contra quem se deve levantar, se encaminham aos demagogos de Pernumbuco, são perigosissimos ; por quanto é de um direito inauferivel de todo homem repulsar a calumnia, a qual, quando nada faça de maior, indispõe os animos, e faz aos povos obrarem como os companheiros de Ullysses,que taparam os ouvidos, para não ouvirem os enganosos cantos das sereias na passagem do mar de Caprea.

O Brazil tinha e tem todas as proporções para formar um *estado federativo.* A grandeza do seu territorio, as diversissimas riquezas do seu solo, os diversos caracteres dos povos, que o habitam, que fórmam outras tantas nações differentes, quantas as suas

provincias, a simplicidade de seus costumes, que os habilitam para a pratica das virtudes republicanas, a falta das classes salientes da nobreza européa, a impotencia do seu clero, o genio da liberdade, que presidiu na formação desses povos pelos seus antepassados europeus e indigenas, a sua localidade entre governos republicanos, e de mais a mais a desoladora e vergonhosa escravidão, em que se acham por tres seculos, tudo isto cooperava para que lançando fóra o jugo portuguez, aborrecessem os Brazileiros para sempre *testas coroadas*, e procurassem um governo o mais livre possivel pois é do coração do homem lançar mão de um extremo, quando se desonera de outro.

Esta verdade, a excepção dos redactores do *Diario do Rio*, e seus comprados correspondentes, ha mezes a esta parte, conhecem e confessam todos os philosophos e publicistas, que tem pensado e escripto sobre o Brazil , a cuja citação nos poupamos por serem vulgares.

Moderando,porém, os Brazileiros estes impulsos para uma pura democracia, e esperando serem felizes em um imperio constitucional, proclamaram esta forma de governo, e entregaram-se todos ás intenções, que o imperador fingia ter para com o Brazil ; conhecem afinal, que estavam illudidos, e que S. M. por factos, que tem chegado inda além da Taprobana, pretende lançar-lhes novos e mais vergonhosos grilhões.

Que lhes resta a fazer ?

Deixarem-se entregues ás illusões ?

Beijarem respeitosamente agradecidos os ferros, que se lhes lança, e pendurarem no templo da memoria este novo anathema da escravidão ?

Parece-nos isto incompativel com o caracter brazileiro, ajudado das luzes do seculo, mormente em Pernambuco.

Para isto conhecerem os povos, para disto se resentirem, e apresentarem uma resistencia macha,não é preciso,que hajam demagogos ; cada um tem dentro em si esta força sensitiva, o genio da liberdade bafeja todos os espiritos, e fortalece todos os corações.

Si quem se lembra, e conhece os manejos do governo de S. M. e suas intenções oppressoras para com o Brazil,e se abalança a resistir-lhe, é *demagogo ;* então toda nação brazileira é *demagoga ;* e estamos no caso dos doudos de Sá de Miranda, que ficando-o por serem molhados de uma chuva de Maio, foi preciso a um, que por casualidade não foi molhado, metter-se na mesma agua para viver entre os outros.

E' necessario, repetimos, que S. M. para viver em uma *nação demagoga*, o seja tambem, isto é, que reconheça a soberania nacional, que se deixe de legitimidades absurdas, que se lembre, que o titulo de imperador, pelo qual a nação só declarou,que elle havia de ser o chefe do poder executivo, lhe foi conferido por graça, não de Deus, sim da soberana e generosa nação brazileira ; è necessario mandar queimar em praça publica, pelo executor de alta justiça, o projecto da constituição, como se fez em França com os livros here-

ticos dos jesuitas, e em Portugal com a carta de D. Clemente, bispo de Cranganor, contra o santo officio pelo assassinio do Malagrida ; é necessario, que S. M. veja acommodado e sem fazer bulha reunir-se outra vez a nação brazileira, para formar o seu pacto social, e receba a constituição, que esta lhe der ; porque de outra sorte é viver o tigre com os cordeiros, os gryphos com cavallos, e os esfaimados cães com as timidas corças ; queremos dizer, é impossivel S. M. viver no Brazil.

Esse resultado conheceram, e previram todos os homens, que pensavam sobre os negocios do Brazil.

Os periodicos estrangeiros ha muito que o annunciam,e elle vai de todo a verificar-se.

O Times e Chronicle, disseram : *Não é difficil prever, que, tendo S. M. trahido os seus juramentos, e enganado as esperanças do povo, o resultado dessa conducta será o restabelecimento de uma republica, e o embarque de S. M. para Europa.*

O *Correio Francez* pensou em conformidade com estes, quando disse : *Acredita-se que quando as provincias receberem a noticia da reacção*, a dissolução da assembléa, *tomarão, principalmente as do norte, medidas energicas, e talvez mesmo romperão todas as relações com o Rio de Janeiro.* Ao depois : *A conducta do imperador nesta circumstancia é tanto mais extraordinaria, quanto elle sabia, que ha algum tempo Bahia e Pernambuco estão em um estado de agitação muito temeroso. Não se pode duvidar, que quando a nova dos acontecimentos chegar ás provincias, ellas proclamarão uma republica.* Mais adiante : *E' muito provavel, que as provincias do norte proclamarão a republica e convirão em estabelecer um congresso na Bahia ou em Pernambuco.* E fallando do Rio de Janeiro : *Nas sociedades particulares, onde se podia arriscar o fallar livremente, a conducta do imperador foi severamente vituperada pelos negociantes inglezes, e pelos mais illuminados Brazileiros, que previam as consequencias funestas, que ella teria.*

O *Argos*, de Buenos Ayres, a *Aurora*, de Montevidéo, o *Portuguez*, da Inglaterra, finalmente todos os que fallaram do Brazil, previram a queda do seu governo imperial, e as suas consequencias ; e são tão uniformes, que parece que se copiaram uns aos outros.

Esses escriptos correm todo o mundo, e são lidos por todos, como então são os demagogos de Pernambuco, que tem indisposto os povos contra o imperador ? Como são elles os que querem a mudança do governo, e a divisão do Brazil, porque só elles ganham nella ?

O ministro dos negocios do imperio é o mesmo, que na sua portaria de 11 do passado ao governo desta provincia diz, que *S. M. está limitado a dispor unicamente dos recursos da provincia do Rio de Janeiro.* Então já as outras provincias do sul não estão unidas ao Rio de Janeiro, e não soccorrem a S. M. com seus recursos.

Quem operou essa metamorphose ?

Eis uma cousa que nós não entendemos.

As provincias do sul haviam congratulado e felicitado a S. M.

pela dissolução da assembléa constituinte ; todas adoptaram, pediram e juraram o projecto ; estavam todas satisfeitas,e perfeitamente unidas ; agora já nenhuma presta auxilio a S. M., e em uma crise de tanto perigo.

Que ha feito da imperial cidade de Ouro Preto, da fidelissima villa de Sabará, imperial cidade de S. Paulo,villa Bella da Princeza, e outras cidades e villas desses nomes bonitos e heroicos ?

Foram os demagogos de Pernambuco, que as revoltaram, calumniando o governo de S. M. ?

Bem diziamos nós, que todo Brazil está *demagogo ;* e que tal não estará o Rio de Janeiro !

Não ha cousa tão revoltante,como dizer S. M.,que *elle está identificado com o povo brazileiro; que a sua gloria, seus interesses, sua felicidade são os mesmos do Brazil; e que elle é fiel ás obrigações, que contrahiu com o Brazil !*

Como tem S. M. desempenhado o titulo de defensor perpetuo do Brazil, titulo em que S. M. poz toda a sua gloria ? Oh desgraça ! A primeira occasião, que se offerece de cumprir com esse dever, torce S. M., foge á defeza, e nos deixa em desamparo, entregues unicamente á nossos recursos : quem tal pensára !

Teve S. M. forças, teve vasos para nos mandar bloquear, causar-nos tantas hostilidades, fomentar tantos partidos, fazer derramar tanto sangue, gastar-se tanto dinheiro, e estragar-se tanto a provincia, e isto em um tempo de paz ; e agora que vê os perigos imminentes, trata unicamente de sua pessoa, desampara-nos, entrega-nos á nossos recursos, energia e valor !

Que trahição ! Que perfidia !

E ainda dirá S. M. que é nosso defensor perpetuo ?

Defensores desta qualidade, são defensores ?

Qual será o homem,que tendo os miolos onde Deus os poz, trate, se lembre e queira defensores, que não defendem ? Os defensores são para o tempo dos perigos, e si S. M. não serve para esses, menos para os de paz e tranquillidade. Não queremos defensores de *mostrar*, sim de *defender*. Até è um proloquio portuguez *amante que não dá, e faca que não corta, que se perca pouco importa.*

Eis o systema dos *legistimos* :

Olham para os povos como rebanhos de ovelhas, destinadas á sua carnificina. Emquanto não vem perigo,tosqueiam-lhes a lã, mugem-lhes o leite, bebem-lhes o sangue, e comem a carne ; em apparecendo o lobo, deitam a fugir, e as entregam á voracidade inimiga, e depois que este se ausenta farto da colheita, voltam os cobardes a se regalarem de novo com os restos, que desprezou o inimigo, ou não pôde carregar.

Assim já fez Fernando VII de Hespanha, e D. João VI em Portugal, e D. Pedro I no Brazil.

Fernando, depois de entregar a sua nação á deminação franceza com a sua visita a Bonaparte em Bayonna, e terem os Hespanhoes a custa da tanto sangue e sacrificios resgatado a perdida li-

berdade, voltou para o reino agradecido summamente ao seu povo por tanto heroismo; e o pago que lhes deu foi oprimil-os, masacral-os, degradal-os, e praticar nelles os mais inauditos horrores.

D. João de Portugal havendo com o seu governo devastador arruinado o povo, de qne elle não era digno, na occasião do perigo, salva sua pessoa e sua familia, fugindo para o Brazil, recommendando aos seus desgraçados povos, que aceitem em seu seio, e hospedem caridosamente os proprios inimigos. E sendo estes lançados fóra, unicamente pelo valor e pelos recursos daquelles valentes povos, voltou para o seu meio para os perseguir, degradar e estrangular.

O imperador D. Pedro, coherente com o systema dos imperantes, fiel aos exemplos da familia, agora que trata somente de sua pessoa, desampara os povos, e já protesta procural-os segunda vez, depois que se vir desassombrado do medo dos Portuguezes, e quando as provincias pelos seus proprios recursos, e a custa de seu sangue, tiverem repulsado o inimigo, que sem duvida vem negociado com elle para a união intentada.

Que nova defensão!

E cahirão os Brazileiros nos mesmos laços dos Castelhanos e Portuguezes? De nada lhes servirão esses exemplos tão frisantes? Nem tirarão fructo algum da experiencia alheia?

Não permitta o céo, que o Brazil, mormente as provincias do norte, hoje desamparadas pelo seu defensor, deem a patada, que já deram os Pernambucanos no tempo do rei D. João IV de Portugal.

E' necessario ser em moral o que são os *Otahicianos* nos actos naturaes, para, a face do Brazil e do mundo, se avançar, que *é uma calumnia, que uma facção portugueza dirige as operações do imperio para submettel-o ao antigo dominio dos Portuguezes, e ao despotismo do seu governo.*

Qual será o homem, que estando ao facto dos successos do Rio de Janeiro, depois da retirada para Portugal do rei D.João VI, que lêia esta asserção sem indignar-se?

Basta lembrar, pela pequenhez desta folha, a correspondencia entre S. M. e os agentes do governo portuguez Luiz Paulino, conde do Rio Maior e Vieira, que nada obstante a ficticia molestia de um e a imcommunicabilidade dos outros, sabe todo Rio, que elles tiveram conferencias nocturnas com S. M.; os esforços do Severiano, quando deputado, para sustentar a legitimidade do imperador; e o desejo daquelle ministro, que disse a um dos nossos deputados, que se devia unir o Brazil a Portugal para ter o imperio gente para os grandes empregos, e porque S. M. não havia de ser imperador de cabras e negros; basta finalmente lançar os olhos sobre o projecto da constituição, que mandou jurar, que foi todo amoldado á esse fim.

Tão publico é este projecto de reunião, que os mesmos periodicos estrangeiros fallam delle com a maior clareza.

Por todos basta citar o *Times* e *Chronicle*, nos quaes se vê, que das cartas do Rio de Janeiro de 26 de Novembro do anno passa-

do se conhece, que o novo imperador do Brazil tem inopinadamente tirado a mascara, e adoptado medidas, que não deixam mais duvida sobre a sua intenção de sugeitar segunda vez o Brazil ao dominio de seu pai, e de conservar elle mesmo a soberania como um monarcha absoluto ; e Fernando VII de Hespanha nas cartas, em que pede aos imperadores da Allemanha e Russia, e rei da Prussia e Inglaterra auxilio para reconquistar suas antigas possessões da America, acrescenta, que os Brazileiros tem manifestado desejos de reentrar na obediencia do seu antigo soberano.

Por tanto, oh Brazileiros, acordai e attendei aos vossos verdadadeiros interesses !

A patria está em perigo, e vós no mais atraiçoado desamparo.

O titulo de defensor perpetuo, que ao principe D. Pedro deu o estado maior do Rio de Janeiro, não vos afiança defeza alguma, como acaba o mesmo augusto senhor de declarar nas suas prolamações e portarias;e um titulo dado somente para decencia magestatica, tem tanta realidade,como o de Nabucodonosor, *rei de todas as gentes,de todos os povos e nações de qualquer lingua,que habitam a terra*, ou como o dos reis portuguezes, *rei de Portugal, Brazil e Algarves, d'aquem e d'além-mar em Africa,senhores de Guinè,do commercio e navegação da Asia, Persia e India.*

O imperador não vos quer defender ; só trata de si, e vos entrega ás baionetas e canhões portuguezes.

Seja nosso defensor aquelle, que á nossa frente corra os mesmos perigos, que nós, ou morra com nosco, ou nos salve com sigo. Assim obraram os habitantes da capitania dos Ilheos, quando em 1595 atacados pelos Francezes,e desamparados pelo seu capitão-mór, elegeram por seu cabo e capitão-mór para sempre o pobre mameluco Antonio Fernandes, por alcunha o *catusadas.*

Eia, Pernambucanos ! A não da patria está em perigo, cada um a seu posto, unamo-nos com as provincias limitrophes. Escolhamos piloto, que marce a não ameaçada de imminente e desfechada tempestade ; elejamos um governo supremo, que nos conduza á salvação e a gloria. Debaixo de um tal governo energico e patriota, não devemos desesperar ; debaixo dos seus auspicios, venceremos ; e si esperarmos pelo defensor que nos abandona, morreremos todos.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim é bom andar.

Boa viagem.

XXVI

(QUINTA FEIRA, 15 DE JULHO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.·

CONTINUAÇÃO DAS BASES PARA FORMAÇÃO DO PACTO SOCIAL, PRINCIPIADAS NO NUMERO XXIV

20.· Nenhuma pessoa póde ser privada da menor porção da sua propriedade sem seu consentimento, só no caso de haver necessidade publica, e esta legalmente contestada, que o exija evidentemente e debaixo de uma justa e previa indemnisação.

21.· Nenhuma contribuição poderá ser estabelecida, senão para utilidade geral, e para soccorrer as necessidades publicas. Todos os cidadãos tem o direito, pessoalmente ou por seus representantes, de concorrer para o estabelecimento das contribuições.

22.· A instrucção elementar é necessaria a todos, e a sociedade a deve prestar igualmente a todos os seus membros.

23.· Os soccorros publicos são uma divida sagrada da sociedade, e pertence á lei determinar a sua extensão e applicação.

24.· A segurança destes direitos repousa na soberania nacional.

25.· Esta soberania é uma, indivisivel, imprescriptivel e inalienavel.

26.· Ella reside essencialmente no povo inteiro, e cada um cidadão tem o direito igual de concorrer para o seu exercicio.

27.· Nenhuma reunião parcial de cidadãos, nenhum individuo póde attribuir se a soberania, nem exercer autoridade alguma, nem preencher qualquer funcção, sem uma delegação formal da lei.

28.· Não póde existir segurança, onde os limites das funcções publicas não são claramente determinados pela lei, e onde a responsabilidade de todos os funccionarios publicos não é segura.

29.· Todos os cidadãos são obrigados a concorrer para esta segurança e a dar força á lei, quando são chamados em seu nome.

30.· Os homens reunidos em sociedade devem ter um meio legal de resistir á oppressão.

31.· Ha oppressão, quando uma lei viola os direitos naturaes, civis e politicos, que ella deve afiançar.

" Ha oppressão, quando uma lei é violada pelos funccionarios publicos na sua applicação aos factos individuaes.

" Ha oppressão, quando os actos arbitrarios violam os direitos dos cidadãos contra expressão da lei.

" Em todo o governo livre o modo de resistencia á estes differentes actos de oppressão deve ser regulado pela lei.

32.· Um povo tem sempre o direito de rever, reformar e mudar a sua constituição. Uma geração não tem o direito de sugeitar ás suas leis as gerações futuras, e toda a herança nas funcções é absurda e tyrannica.

ASSENTO QUE SOBRE O JURAMENTO DO PROJECTO
DA CONSTITUIÇÃO SE TOMOU NA CIDADE DE OLINDA PELOS CIDADÃOS
DE TODAS AS CLASSES, REUNIDOS NOS
PAÇOS DO CONCELHO DAQUELLA CIDADE, NO DIA 17 DO MEZ
DE JUNHO PROXIMO PASSADO

" Aos 17 dias do mez de Junho de 1824, nesta cidade de Olinda, casas da camara della, onde se acharam o juiz presidente interino, vereadores e procurador, comigo escrivão abaixo declarado, pelo dito juiz presidente foi presente aos cidadãos de todas as classes, que presentes se achavam, a portaria de 17 de Dezembro de 1823, que incluia o projecto da constituição, organisado no conselho de estado sobre as bases offerecidas por S. M. I. e Constitucional, e outra de 13 de Março deste anno, que incluia o decreto de 11 do mesmo mez, em que o mesmo augusto senhor manda jurar o mesmo projecto como constituição do imperio, as quaes foram recebidas em 22 de Maio debaixo de uma só subrescripta, com a indicação de 2.· via. *Unanimemente* foi dito por todos,que presentes se achavam, que não tendo comparecido todo o numero dos convidados em grande maioria, claro era o grande desgosto, em que todos se achavam nas actuaes circumstancias, de jurar o mesmo projecto na presença de um bloqueio no porto da provincia, e juntamente attendendo ás noticias, que se haviam obtido, de que em algumas provincias, em que se jurou o mencionado projecto, tem sido este o motivo de desuniões intestinas. *Accordaram,que se representasse com a devida submissão á S. M. I. e Constitucional, para que o dito augusto senhor haja de dar as providencias necessarias, para se poder obter um pacto social verdadeirament constitucional e de geral contentamento.* E de como assim accordaram, mandaram os mesmos officiaes lavrar este termo, em que se assignaram com os que presentes estavam; e eu Luiz José de Sampaio, escrivão da camara, o escrevi.—Com quarenta assignaturas.— "

Não é preciso ser um genio em penetração para conhecer o espirito do povo da cidade de Olinda, capital da provincia de Pernambuco, a respeito do negocio da liberdade do Brazil. A acta acima é mais que bastante para dar a conhecer a desapprovação daquella cidade, a respeito do juramento do projecto.

Em uma cidade, em que ha um Seminario, o primeiro e o maior de todo o Brazil, pelas cadeiras de linguas franceza, latina e grega, rhetorica, historia universal e geographia, philosophia racional e moral, e historia natural, historia ecclesiastica, theologia dogmatica e pratica, geometria, musica, desenho e primeiras lettras, e pelos habeis professores destas sciencias e artes; em uma cidade, em que ha um cabido, um clero sufficiente, um regimento de artilheria, a cabeça de uma comarca, que traz comsigo a morada de tabelliães e advogados, e outros empregados publicos, habitada de um povo, que não deixa de ser numeroso, sendo este convocado por editaes, e por oitenta cartas do senado a pessoas particulares para este adjunto, é para notar, que só apparecessem quarenta pessoas para tratar deste objecto.

Tanta foi a desapprovação, que mostraram os que lá não foram!

E os mesmos que appareceram, não podiam fallar com mais decisão. Limitaram-se unicamente á dous artigos: desapprovar o *projecto em questão, como productor de dissenções intestinas; e exigir providencias, para haver um pacto verdadeiramente constitucional, e de geral contentamento*; as quaes providencias não são outras, que a celebração de novas côrtes constituintes, no que são coherentes com o assento do collegio eleitoral de 8 de Janeiro e com o assento do povo do Recife de 6 de Junho passado.

Os que não são de Pernambuco attribuirão a outro principio, que a desapprovação, a fugida do povo e convidados dos paços do concelho; porém será unicamente por não saberem os costumes dos Pernambucanos nesses casos. Estes, quando occorrem negocios desta natureza, e elles os approvam, concorrem todos em um numero grandioso; e quando desapprovam, tratam de resto, e ninguem apparece, apezar dos mais instantes convites.

Para que se não diga, que nós estamos improvisando, citaremos, deixando outros mais antigos, dous factos bem modernos.

Quando foi convidado o povo desta cidade do Recife para dar o juramento civico de 17 de Outubro de 1822, de adhesão e união á causa geral do Brazil, no qual *juraram reconhecer e obedecer a assembléa braziliana constituinte e legislativa, e defender a patria, suas liberdades e direitos, até vencer ou morrer*, ajuntaram-se e juraram mil seiscentas e cincoenta e cinco *pessoas*; e quando se tratou da acclamação do senhor D. Pedro de Alcantara em imperador constitucional do Brazil, só se ajuntaram quarenta e cinco *pessoas*, e estas mesmas juraram, que como a medida, de acclamar o dito augusto senhor em imperador constitucional, tomada pelos povos do Rio de Janeiro, e por elles transmittida ás mais provincias do Brazil, não só era necessaria, como indispensavel á segurança do

Brazil, por *competir só ao rei constitucional os attributos do poder executivo*, e que por isso manifestavam ser sua livre vontade e a de todo povo em geral desta provincia desligar-se para sempre de Portugal, por ter sido por elle sempre cruelmente offendido em seus direitos; e *por ser livre a qualquer parte integrante de alguma nação, que muda o seu pacto social e forma de governo, separar-se, si as condições do novo pacto não forem reciprocas,ou lhe não agradarem*, protestavam ser uma nação independente e livre, á custa da propria vida. E disseram mais, que sendo a acclamação do mesmo augusto senhor uma consequencia necessaria e infallivel da independencia do Brazil, e um justo premio merecido á sua real resolução de ficar no Brazil *garantindo os seus direitos*, acclamavam, reconheciam e obedeciam ao dito senhor como imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

Trazemos tambem aqui este juramento para mostrar ao *achiles* do ministerio despotico e unitario do Rio de Janeiro, *José da Silva Lisboa*, o espirito de Pernambuco sobre os actuaes negocios, e a sua constante coherencia em todos os seus passos; e perguntar-lhe, si tambem naquelle tempo eram os tramas e os ameaços carvalhaes,que faziam o povo pensar, fallar e obrar desta maneira, como dos actuaes assentos de concelhos e mais ajuntamentos do povo diz esse *Tartaruga* no infame *Rebate Brazileiro* contra *o Typhis Pernambucano*, cuja refutação, bem como a do miseravel *propugnador* José Paulino de Almeida e Albuquerque, sahirão brevemente na continuação das cartas de *Pitia á Damão*.

Forte matilha de gosos rabugentos e nivadores!

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Embora o degenerado Bahiano *José da Silva Lisboa* achincalhe as nossas prophecias no seu nogento *Rebate Brazileiro*, não são os ladrados desse rabugento sabujo, que destroem as nossas predições.

São cousas muito differentes *não prognosticarmos futuros verdadeiros e não sermos acreditados*

Que póde existir a primeira sem a segunda, nos prova a Cassandra dos Troianos, que prognosticando aos seus patricios todos os seus males, que ao depois se verificaram, por uma lei dos fados não era acreditada; que nós temos o dom de adevinhar, prova o que dissemos nos numeros V e VII sobre as mudanças, que o imperador daria gradualmente ao negocio do projecto, que havia promettido, as quaes sahiram ao pintar, de modo que bem podemos chamar áquelles numeros *historia do futuro*, como a primeira do Vieira.

A outra seja o que dissemos dos Bahianos no nosso numero X.

Ali, observando nós as mudanças daquella cidade sobre a materia da dissolução da assembléa soberana, e projecto de constituição, que tiveram lugar nos dias 13 e 17 de Dezembro do anno passado, e a 10 de Fevereiro deste, dissemos: *Quem poderá afiançar a constancia neste ultimo assento? Nós com effeito nada damos por elle.* Agora, apezar de *Lisboa*, verificou-se o nosso sentimento.

Consta do *Grito da Razão* n. 38, que o presidente da provincia da Bahia, o celebrão *Vianna*, a 14 de Junho passado convocara um conselho, de quasi quarenta homens, afim de que elle presidente com melhor conhecimento da causa podesse tomar justas e adequadas medidas, para pôr a provincia á coberto da invasão, que Portugal pretendia fazer no Brazil; que o tal conselho tem excedido muito dos limites de um conselho consultivo; que, além de se arrogar o poder deliberativo, se tinha metamorphoseado em assembléa legislativa, mandando ao presidente, e até mesmo com escandalo do juramento, que prestaram, se tem mettido a discutir a constituição, que ha pouco juraram. Persuade o redactor ao presidente, que usando da parte do poder moderador, que lhe compete, como delegado do poder executivo, dissolva o conselho pelos perigos, que corre a provincia com essa assembléa deliberante, apezar de ser composta de varões conspicuos e patriotas, e ter feito cousas boas.

Então, Sr. *Lisboa*, nós adevinhamos ou não?

Já a Bahia não vai mudando do accordo de 10 de Fevereiro?

Não dissemos nós, que aquelle assento foi filho da cabala *felisbertina*, e contrario ao espirito daquelle povo liberal e brioso?

Dê as mãos á palmatoria e confesse, que somos propheta; e fique certo, que ao travez das intrigas do ministerio do Rio de Janeiro, que o tem comprado para sustentar arbitrariedades e despotismos, o carro triumphante da liberdade vai indo seu caminho, e talvez não esteja muito arredada a epocha em que o vigoroso grito desta deosa bemfazeja, alçado na antiga capital do Brazil, faça *Balthazar perturbar-se em grande maneira, mudar-se o seu rosto, e os grandes da sua corte ficarem sobresaltados; veremos sem duvida Pharaó entrar a cavallo no mar, com suas carroças, o Senhor voltar sobre elles as aguas do abysmo, e os filhos de Israel caminharem a pé enxuto pelo meio delle*; pois, como disse S. Paulo aos Corinthios, lembrado pela *Gazeta* extraordinaria da Providencia, capital de Rhode-Island, em 24 de Agosto de 1765, em iguaes circumstancias, *onde está o espirito do Senhor, ahi está a liberdade.*

ACAMPAMENTO DA COLUMNA LIBERAL NO ANTUNES

Por officios de 9 e 10 deste, do tenente coronel Ferreira, commandante das forças liberaes estacionadas na Barra Grande, se sabe,

que no dia 8 do mesmo houve um novo ataque contra os desertores fortificados naquella estancia; o qual não teve o resultado, que se esperava, a saber, a decisão final desta luta, apezar de começar o fogo as cinco horas da manhã com encarniçamento de parte a parte, perdendo os liberaes vinte e dous mortos, setenta e nove levemente feridos, e dezesete extraviados, dos quaes muitos já se tem recolhido ao acampamento, e espera-se appareçam a maior parte, por se terem perdido no mato.

Todas as vidas perdidas nesta acção e nas antecedentes são de um grande preço, e merecem nosssas lagrimas; porém se fizeram credores de uma particular dor e saudade o capitão Francisco Gonçalves da Silva,o tenente João Vicente, o alferes José Eleutherio, o cadete José Joaquim de Oliveira Maciel, e José de Campos Bezerra.

Esta desgraça é uma nova prova do quanto é necessaria a disciplina na tropa, e a obediencia restricta ás ordens dos chefes nas facções militares.

Varias causas houveram para se não conseguir o fructo, com o qual se contava de certo, segundo as circumstancias da columna liberal e dos inimigos; porém por principal se deve ter a falta de execução das ordens, que se havia dado ao capitão Francisco Gonçalves,commandante do 1.º batalhão. Este official, de uma coragem decidida, afastando-se das instrucções, que havia recebido, não seguiu a estrada que lhe fora marcada; pelo que não só não pôde alcançar o ponto, que devia atacar, como que vendo-se cortado pela rectaguarda, morreu na sua defeza e do batalhão, que com bastante custo se retirou, debaixo do commando do sargento mór de brigada João Francisco de Mello.

Este successo não só fez que o ataque não fosse geral na trincheira inimiga, como que incutiu um certo temor panico nos soldados do 2.º batalhão, que ultimamente marcharam daqui; dos quaes uns, incluidos mesmo alguns officiaes, por recrutas, outros por de pouca idade, e outros por nunca terem ouvido zunir o pelouro, desampararam o seu commandante Pitanga, que esteve ao ponto de ser prisioneiro: os commandados pelo capitão Joaquim José Alves se conservaram a frente do inimigo sem avançarem, fazendo fogo sem ordem.

O 3.º batalhão foi o que avançou, até tocar a direita da trincheira do inimigo; conservou a sua posição sempre em ordem, mas não pôde entrar a trincheira por falta de apoio.

Desses mesmos do 2.º batalhão, os que foram commandados pelo tenente João Vicente avançaram furiosamente a trincheira do inimigo, debaixo da qual cahiu morto este official, digno das lagrimas da patria. O cadete José Joaquim de Oliveira Maciel, joven de grandes esperanças, estando enfermo, não se quiz aproveitar da dispensa do ataque; o patriotismo que lhe abrasava o peito, não lhe consentiu perder uma occasião, em que se podia cobrir de gloria; mesmo enfermo, marchou ao conflicto, e entregou á patria a vida, que lhe devia. *Quanto é formoso morrer pela patria!*

Muito se tem distinguido nesta campanha o tenente coronel

Santiago, os majores Pitanga, Arruda e Santiago, o tenente Mendanha e outros, e alguns officiaes inferiores.

Ainda que até a data dos officios não se póde saber a perda do inimigo, comtudo quatro horas de fogo, e o encarniçamento, com que se bateram, não podiam deixar de lhes causar igual ou maior estrago; ainda assim se observou do nosso acampamento um grande numero de negros,conduzindo cadaveres em padiolas e redes de doentes. Logo saberemos o verdadeiro resultado do inimigo.

Muitas pessoas tem notado a resistencia do inimigo, e a difficuldade, que se tem encontrado em rendel-o, suppondo que elle se acha com grandes forças. Mas é necessario, que se não esqueçam de que tendo o inimigo todo tempo e commodidade, se fortificaram o melhor que poderam e em lugar de toda vantagem, o que é quanto basta, para que um pequeno numero de soldadss resista á grandes exercitos e bem disciplinados, como já succedeu na India, quando sendo D. João Mascarenhas cercado na Fortaleza de Dio por vinte e oito mil infantes e dez mil de cavallos, commandados por Coge-Çofar, Rumecão, Juzarcão e outros cabos tão habeis, que nada deixavam a invejar aos melhores generaes da Europa, nunca pôde ser rendido, apezar de ter a Fortaleza arrasada, os Portuguezes em lugar de muros defenderem suas mesmas ruinas, o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria, os mantimentos uns corruptos pelo tempo, outros pela qualidade nocivos. (Jac. Freir. And.)

Demais, os que restam naquellas fronteiras, depois dos grandes estragos, que hão tido, e deserções de soldados, e daquelles mesmos paizanos, que se lhes haviam aggregado, agora pelejam já nos termos da desesperação por se lhes não aceitar a capitulação, que offereceram; e mais que tudo são Pernambucanos, que se batem com outros Pernambucanos.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XXVII

(QUINTA FEIRA, 29 DE JULHO DE 1824)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.

O demonio do *corcundismo* é de todos os espiritos das trevas o mais maligno e prejudicial aos filhos da razão e da lei ; e apossando-se dos corações, é mais tenaz e dificil de ser expellido, do que o demonio *mudo* do Evangelho,que não pôde deixar o possesso pela efficacia dos Apostolos.

Este ainda se rendia ao jejum e oração, o do *corcundismo* nem pelo jejum, nem pela oração sahe do *corcunda* : é uma furia, que torna desgraçado o homem,que lhe abriu entrada em sua alma

Pela idéa, que fazemos desse demonio, nos persuadimos que ainda não houve um *corcunda*, que se convertesse sinceramente. O mais a que chegam, é contemporisar e acommodar-se temporariamente ás circumstancias ; porém o córculo ou o grêlo da semente dessa arvore do Averno só está a espera da mais pequena humidade para se desenvolver, e frutificar.

Outra qualidade descobrimos nós naquelles, que por desgraça se deixaram possuir desse espirito tentador ; a qual é a perda total do pejo e da honestidade.

Ainda se está por encontrar um *corcunda*, a quem se fizesse a face vermelha por incoherencias e contradicções no modo de pensar, por vilanias, baixezas e indignidades nas acções ; e esta insensibilidade do espirito passa tambem ao corpo, pela união d'alma com o corpo ; os quaes, como dizem os metaphysicos, se influem reciprocamente.

Temos visto *corcundas*, cujo couro é uma coura d'anta, ou costado do corcodilo, (jacaré) onde não entra ferro, nem chumbo, nem vento máo ; e si por algum incidente milagroso,alguma bala benta os penetra, elles tem a virtude dos vermes de se reintegrarem : a carne se chega logo, a ferida cicatriza,o membro cortado renasce,e o bruto engorda, remoça, e fica são, como um pêro !

Porque não havemos de ser *corcunda*, para termos boa saude !

Não ha cousa tão linda, como ver um *corcunda* apresentar-se por essas ruas, fresco, nedio, adamado, e muito senhor de si, depois de haver na noite antecedente, servido de estante de musica aos liberaes desentoados, que só sabem cantar solfa de *fá bordão !*

De ordinario, fazem do linguarudo Bartholomeo da Parahiba, que por seus altos cantos levou em uma noite uma tremenda sóva, e no outro dia se apresentou ao respeitavel publico, cheio de polvilhos, e cumprimentando a todo mundo ; donde resultou fazer-lhe um mirão, que assistiu a tragedia, o seguinte epigramma :

Amigo Bartholomeo,
O mundo admirado está
Do pouco, que se vos dá,
Do muito, que se vos deu.

Parece-nos, talvez nos enganemos, que foi por alguma influencia desse espirito maligno, que o Sr. corregedor Francisco José de Farias Barboza, na audiencia de 20 deste corrente mez, mandou publicar, e que se cumprisse, como um alvará qualquer, lei, ou decreto ordinario o projecto de constituição, offerecido pelo imperador do Rio de Janeiro.

Esse phenomeno inesperado chocou o auditorio, e daqui ha passado o choque electrico para toda cidade, de modo que as fibras da attenção pernambucana, para o corpo dos magistrados, que estavam algum tanto frouxas, se reanimaram, e se entesaram ; e está sobre cada um desses senhores cada olho tão vidrado, que mette medo !

Os advogados, que se achavam presentes, foram logo a mão ao ouvidor ; e delles, Antonio Elias de Moraes pediu vista daquella publicação e execução, com suspensão. Sendo esta denegada pelo ministro, o advogado aggravou para a relação.

O ministro vendo-se em talas com esse principio, e pesando talvez a inconsideração deste passo, dirigiu-se ao Exm. presidente com o seguinte officio :

Illm. e Exm. Sr. Presidente.—Estando este juizo da ouvidoria na posse de receber da chancellaria-mór do imperio os alvarás, decretos e provisões, hontem recebo um masso de papeis do correio desta provincia,e continha o dito masso seis exemplares do projecto da constituição politica do imperio brazileiro ; e como fosse estylo publicar-se nas audiencias os ditos alvarás e decretos, e remetter-se para as camaras cada um dos ditos exemplares, foi hoje publicado o projecto da constituição politica, de que remetto a V. Exc. um exemplar.

Por ora V. Exc. me não tem prohibido semelhante publicação,

e não me tem ordenado cousa alguma semelhante, e por isso continuei na publicação, filha do estylo e pratica.

A publicação nada influe em o cumprimento, ou não cumprimento do que contem os ditos exemplares ; mas si V. Exc. assenta, que elles não devem ser publicados, estando em tempo de se não remetter os outros, que existem em meu poder, queira V. Exc. determinar o que devo fazer.

Deus guarde a V. Exc., por muitos annos.—Recife, 20 de Julho de 1824. Illm. e Exm. Sr. Presidente do governo desta provincia. —*Francisco José de Farias Barboza.*

Essa medida tomada pelo ouvidor é tão extraordinaria, que nunca passou pela imaginação a alguem, attendidas as actuaes circumstancias do imperio e provincia ; e mais extraordinarios ainda os motivos, verdadeiramente pretextos, trazidos para aquella publicação e execução, sobresahindo a tudo isto a evasiva do remedio,que o ouvidor applica ao mal por elle mesmo causado.

Primeiramente emparelha o ministto *alvarás*, *decretos e provisões* com a *constituicão* politica de um estado.

Que monstruosidade !

Estamos persuadidos, que um procurador de causas jámais poria na mesma linha cousas tão distantes em todas as suas relações. Uma *constituição* é a vontade geral da nação, que crea o poder executivo, lhe dá attribuições,e lhe marca as maneiras de pôl-as em pratica e fazel-as effectivas ; o *alvará*, *decreto* e *provisão* são a vontade particular do executivo ; *uma* é a acção soberana do creador, os *outros* são os actos subalternos da creatura ; o executivo, podendo annullar, abrogar e destruir, a seu bel prazer ; o *alvará*, *decreto* e *provisão* não póde jámais tocar com mãos sacrilegas a sagrada arca da *constituição*, conservando a vida e a existencia. A *constituição* versa sobre o direito politico da sociedade, o *alvará*, *decreto* e *provisão* dizem respeito ao direito civil. O objecto da *constituiçao* é o mais geral e primario da nação,o seu effeito é de uma duração eterna, supposta a mesma vontade geral ; o *alvará*, *decreto* e *provisão* tem por objecto cousas particulares, de uma duração temporaria, e dependente da vontade limitada e mudavel do executivo.

Basta lêr as definições de *alvaras*,*decretos* e *provisões* nos diccionaristas, nos jurisconsultos, nas ordenações do reino de Portugal, (lib. 2. titulo 38 e seguintes) para se conhecer quanto foi monstruosa a comprehensão, que fez o ouvidor, da *constituição* no geral de *alvarás*, *decretos* e *provisões*, para se julgar com direito de a promulgar.

Santo Deus,á que mãos estão confiadas a fazenda, vida e honra da sociedade ! ! !

Depois, o ouvidor conservando á papeleta o nome de projecto, diz que por não ter do governo ordem, para não publicar estas e

outras cousas semelhantes, seguiu o estylo e o uso, em que estava a ouvidoria.

Com effeito, devemos ter dó desta innocente *innocencia* do ouvidor ; pois, para não publicar o ouvidor a papeleta em o actual ensejo de Pernambuco, lhe era mister ordem previdente do governo?

Não viu o ouvidor tratar-se deste objecto no dia 6 de Junho, nos paços do concelho desta cidade, e ser o projecto regeitado pelo povo por não ter o cunho da soberania nacional, em consequencia de vir de uma fonte incompetente, por ser destruidor da liberdade nacional, e um manejo arteiro e insidioso a favor da escravidão do Brazil ?

Não viu serem estes os mesmos sentimentos da cidade de Olinda no dia 17 do passado ?

Esta circumstancia tinha bastante peso para o fazer vacillar sobre a promulgação da papeleta, e dirigir-se ao governo, antes de dar esse passo inconsiderado e perigoso, como fez ao depois.

Para que fim se publicam as leis ? E' para ficarem unicamente na publicação, ou para terem effeito ?

Si o povo já havia declarado, que não queria saber de tal projecto, como o havia de abraçar e executar ? Logo a sua publicação era ociosa e superflua, si não lhe quizermos dar a qualificação de maliciosa e premeditada.

A outra proposição, que aventura o ouvidor, e revolta a qual quer, que só tem o senso commum, é que a *publicação nada influe no cumprimento ou não cumprimento do que contem os ditos exemplares.*

Isto, além de ser uma heresia em jurisprudencia, offerece uma contradicção palmar ao procedimento do ouvidor naquella mesma occasião.

O ouvidor estava tão persuadido da necessidade do cumprimento, imposta pela publicação do projecto, que mandou,que elle se publicasse e executasse ; e quando o advogado Moraes pediu vista com suspensão,o ouvidor lh'a denegou,o que deu motivo ao aggravo para a relação. Como agora diz o ouvidor, que nada influe no cumprimento da lei a sua promulgação ?

Então, senhor ouvidor, em que ficamos ? a proclamação da lei influe ou não influe na sua execução ? O que é que ensina a razão ? O que é que nos ensinam os jurisconsultos ? O que é que nos ensina a pratica das sociedades ?

Tudo quanto bebemos nestas tres fontes nos attesta, que V. S. está em erro, ou que pretende illudir ao governo em cousa tão elementar, que até não haverá procurador de causas de protocollo debaixo do braço que a ignore.

Deixando o tratamento polemico desta questão, improprio da natureza do nosso escripto, á beneficio do povo, sò nos contentamos com lembrar, que em qualquer forma de governo,quando isto que se chama *lei*, chega ao estado de ser promulgado, já não está dependente da vontade dos que obedecem, para ser ou não executado e cumprido.

Ora, como não possamos suppor o ouvidor em ignorancia de uma cousa puramente elementar, que até os estudantes de Larraga sabem de côr e argumentando,e nada se faça sem uma razão sufficiente, parece-nos, que esse passo do ouvidor não póde ter outra, que uma deliberação muito de proposito tomada, para por esse meio se *introduzir*,como lá dizem, por modo de *osga*, o bom do projecto, que não póde ser pelos legitimos.

Talvez não fosse esta a intenção, mas a isso nos persuadem o tempo,em que o ovidor consultou ao governo,que foi já fóra de todo o tempo, quando já havia obrado ; o motu proprio, porque obrou, pois não teve ordem positiva para aquillo, visto que della não faz accusação no seu officio ; e a rapidez da acção, que recebendo do correio o masso dos papeis em um dia, logo n'outro os deu á execução, sendo até então tão demorado e indifferente aos negocios da sua patria, que ainda não quiz assistir á tantos conselhos, que aqui se ha celebrado, para se tratar da segurança, liberdade e felicidade da sua patria e do Brazil inteiro, mais escandaloso ainda do que os seus outros companheiros em magistratura, *os senhores da relação.*

As vezes cahem do bico da penna cousas,que se não podem deixar de tratar, como agora os *senhores ministros da relação.*

Com effeito, não se póde soffrer em consciencia termos aqui uma relação que come, bebe, veste e subsiste da fazenda publica e particular desta provincia, sem tomarem os taes senhores menor interesse pelo bem, segurança e felicidade do povo, de quem tiram subsistencia.

Membros desta sociedade, somente para desfructarem as vantagens da sociedade, sem jámais acompanharem os socios nos riscos e perigos, em quanto julgadores na primeira classe da sociedade, e parte della ; sem porém lhes importar, que essa sociedade se salve ou se perca : não ha desigualdade tão desvantajosa para a provincia !

Tem-se visto esta provincia em crises de todo perigo, precisando da direcção daquelles, que se dizem mestres da lei ; tem sido os senhores ministros convidados para com suas luzes dirigirem os negocios á melhor e mais justo exito, e ainda não houve um só que se apresentasse. Ficam logo todos doentes, e apenas passa o perigo, eil-os tão sãos, como um pêro.

Inda agora ultimamente,convidados para o dia 6 de Junho tratarem da adopção do projecto, que succedeu ?

Talvez não se espere.

Tres dias depois de celebrada a camara extraordinaria, responderam ao senado, que haviam recebido o seu officio de convite.

Que tal é esperteza ? Que tal a mangação ?

Illustrissimos senhores da relação, fallemos claro, *non potestis Deo servire, et mamonæ;* dous proveitos não cabem em um sacco. De duas uma, ou Vv. Ss. percebendo desta provincia todos os commodos e toda subsistencia, devem se interessar pela sua felicidade, dirigir os provincianos com suas luzes,mostrar-lhes a verdade,fazer-

lhes a justiça, correr os mesmos perigos que elles, ou do contrario não devem ser nossos concidadãos para nos desfructarem.

A neutralidade e o indifferentismo, que Vv. Ss. teem mostrado em tantos negocios, não se deve soffrer, nem tomar a bom paladar. Hão de estar Vv. Ss. vendo-nos á braços com tantos perigos, e lá mettidos somente comsigo, muito caladinhos, á espera de *pôrem o tope conforme dominar o rei ou a liga?* E então entrarem na maior parte dos fructos sem nada haverem arriscado? *Dulcia non meruit, qui non gustavit amara.*

Ledo e José Clemente no Rio de Janeiro, Luiz Manoel na Bahia, Luiz Francisco de Paula no Aracaty, Paraizo na Parahiba, Joaquim Marcelino de Brito no Ceará, e outros em outros lugares se tem mettido nos negocios desses povos, arriscando-se com os mesmos povos, e sò Vv. Ss. em Pernambuco se hão de estar embalando na rêde da indolencia, no alvergue do egoismo?

Só Vv. Ss. não hão de fazer o sacrificio do menor dos seus commodos, já porventura arranjado o plano de se sahirem bem no máo exito de Pernambuco, preparando-se para dizerem, que tanto não seguiram os facciosos, que sendo convidados por elles, os trataram de resto, não appareceram nos seus ajuntamentos, que se viram rodeados de boccas de fogo e baionetas caladas, por cujo motivo não poderam sahir da provincia dissidente e rebelde, como além de outros já fez o Sr. Ozorio, quando disse a junta passada,que por ameaços e pasquins foi que não levou ao cabo os segundos jurados do Barata?

Portanto, illustrissimos senhores, ahi vem o dia 17 de Agosto, em que se deve tratar da segurança da patria; não estejam desta vez Vv. Ss. doentes.

Não queiram por sua honra verificar o que dos ministros disse um, que o era tambem,e conhecia perfeitamente o espirito da classe, a saber, que são servos da corôa, satelites declarados das arbitrariedades, magistrados extranhos aos lugares,que nada sympathisam com os seus moradores.

FALLA DO SR. HENRIQUE DE REZENDE NA ASSEMBLEA CONSTITUINTE, AS CINCO HORAS DA MANHÃ DO DIA 12 DE NOVEMBRO DEPOIS DE ALGUNS SENHORES.

Sr. Presidente! Da leitura do officio do ministro é evidente, que a actual desordem é pretextada sobre abusos de liberdade de imprensa.

Eu reconheço,que tem havido bastantes abusos. Eu tenho deixado de assignar por isso a muitos periodicos, que eu tinha empenho de assignar; mas reparo, que tendo todos elles abusado, só se refere

o officio aos dous periodicos *Tamoyo e Sentinella da Praia Grande;* porque não falla esse officio nos outros ?

E' que esses offlciaes só se dão por offendidos desses dous ?

Mas esses abusos lhes davam direitos a particulares vinganças em menoscabo da lei ? Então todo mundo está no mesmo caso, e nós mesmos seriamos obrigados a commeter os mesmos attentados.

Não foi esta assembléa atacada em uma correspondencia, que vem no *Diario do Governo* numero 52 do volume II ? Não se ameaça nessa correspondencia de levar a assembléa a ferro e fogo, e com uma contra revolução semelhante a de Portugal ?

E que fez a assembléa ? Appellou por ventura aos povos ? Chamou-os ás armas ? Não : ella confiava, que o Brazil sustentava a assemblèa dos seus representantes, e por isso nenhum peso deu aos ditos de um homem.

A vista disto, Sr. presidente, como é possivel que esses Srs. se propuzessem a uma vingança particular ?

Como não usaram dos meios legaes ?

Si elles se não importavam com a harmonia e união com os Brazileiros,como é possivel que se não lembrassem dos seus irmãos, derramados por todas essas provincias, para os não exporem a uma scena tão horrivel ?

Como é possivel,que o chefe da nação tomasse uma attitude,que parece hostil, cercado de baionetas e boccas de fogo, e de munições de guerra, sem se lembrar da desordem, que isto vai causar nas provincias ?

Diz o ministro no seu officio, que as tropas estão em perfeita subordinação ; porque pois foi preciso retiral-as para ali, a fim de que a assembléa possa estar em liberdade ?

Sim, ellas são subordinadas : os chefes, os chefes que as conduziram, esses sim alguma cousa intentam.

Si o governo de S. M. entende, que isto não occasionará algum desaguisado, eu lhe declaro desde já, que no momento mesmo em que chegar a noticia ás provincias da posição terrivel e ameaçadora, em que se acha S. M. e dos motivos disso, romperá immediatamente uma noite de S. Bartholomeo.

Já não está nas mãos de ninguem remediar tamanhos males nas provincias. Aqui, sim,pode o governo, que tem força,remediar , e a assembléa cooperando com elle, fará tudo que estiver ao seu alcance para conseguir a tranquillidade publica : mas as provincias estão mui longe, nossos remedios lá chegarão mui tarde.

Sr. presidente ! Requeiro que se diga a S. M., que, para bem da felicidade, da paz e da segurança do imperio do Brazil, immediatamente se dissolva aquella tropa, fazendo-a recolher á seus quarteis, e fazendo retirar para longe da capital os corpos, que elle achar que deram principio a esse motim. Do contrario, Srs., de nenhum modo podemos deliberar com liberdade ; e é de absoluta necessidade declarar ao governo, que a assembléa vai mudar a sua séde.

Sim, Srs., digamos um saudoso adeus ao povo do Rio de Ja-

neiro, que nos tem sempre aqui ouvido com tanta bondade ; deixemos cheios de saudade a este povo, e vamos para um lugar, onde melhor passamos tratar da sua felicidade e do Brazil inteiro.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

XXVIII (*)

(QUINTA FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1824.)

Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

CAM. CANT. 5.º

A *teima* é um vicio, quando se trata de permanecer constante em cousas falsas, más e illicitas. Fóra porém deste circulo, ella é uma virtude necessaria á sociedade, e ao bem dos homens; ella forma o caracter do cidadão, o torna digno de respeito, que não merece o homem voluvel e superficial; e quanto mais profundas, claras e exactas são as idéas, que fazemos das cousas, mais forte é o assenso, que damos aos conceitos, maior é a teima.

Sendo nós inteiramente doceis ás vozes da razão e da justiça, para mudarmos nossos assentos, quando não temos toda luz e exactidão nos nossos juizos, somos tambem *teimosos* e pertinazes, e nem nos importa, que nos leve a fortuna, si felizmente apprehendemos o amago das materias, combinamos em forma nossas concepções, e tiramos as justas consequencias.

Nem Pilatos nos leva de vencida na inflexibilidade: *o que escrevemos, escrevemos.*

Por este principio jámais nos poderemos retractar do conceito, que havemos feito do *liberalismo* das provincias do norte do Brazil.

Temol-as julgado, e ainda julgamos incapazes de albardar os enganos e seducções do ministerio fluminense, para estabelecer o despotismo no paiz da liberdade.

Pódem por algum tempo os povos illudidos dar aos despotas algum motivo de prazer, pódem, não o negamos; mas tambem dizemos, que isso será victoria do momento, e que ao depois a razão com as suas luzes, a natureza com os seus impulsos farão o monstro

(*) Destes vinte e oito numeros, foram os dous ultimos publicados na Typographia Nacional, tendo-o sido os demais na de Miranda & C.ª

(*Nota do Revisor*)

fugir espavorido para Portugal, para Hespanha, para Napoles, apezar dos Severianos, dos Lisboas, dos Sampaios e outros da mesma farinha, filhos ingenuos da escravidão, e defensores natos do servilismo.

A Bahia, illudida pelos Viannas, Caldeiras, Calmons e outras gralhas apavonadas, eclipsou o esplendor do seu espirito liberal, e se gloriou de ser escrava; mas ao depois agarrando fortemente da calva e veloz occasião, recobra o seu vigor, suspende os passos, e triturando o projecto *macielico*, está mostrando a grande escoria de que se compunha, e esperamos que faça ver, que naquella mistura se encontram muito poucas priscas de metal, que se aproveitem.

Nem todas as provincias pódem ter um vigor como Pernambuco, que tem sempre dito e obrado o mesmo, que disse desde o principio; o que deu motivo ao *Constitucional* de França para dizer, que a *cidade do Recife é a unica do Brazil, que tem apresentado uma opposição macha e vigorosa aos planos do despotismo.*

Sendo esta asserção verdadeira no geral, não tira, que em Pernambuco hajam corcundas maiores do que os da ilha deste nome.

Ha aqui uma das estações publicas, para a qual se fosse mandado o *Marcos Mandinga* do Barata, bem poucos seriam os funccionarios, que não merecessem levar quatro arrochos, para se endireitarem, muito principalmente o seu thesoureiro, que, além de factos antigos, depois da tomada dos dous brigues no Porto de Pedras, tem feito bem bons serviços ao *rancho da carqueja.*

Louco! Mal sabe elle que já andam muitos olhos fitos em suas acções, e que si continuar nos seus cochichos, lhe chegará a sua vez de se arrepender sem remedio. Senhor thesoureiro, *cautela, união, valor constante*: si não tomar este rumo, Vmc. vai a praia, e quebra as ventas nos cachopos, e não poderá dizer *lesto a virar.*

Esse espirito liberal, que em Pernambuco se tem desenvolvido energicamente, não tem deixado de o fazer em outras.

Consta-nos, por noticias fidedignas, que a provincia do Rio Grande, depois daquellas declarações parciaes de suas camaras, se tem entendido com a do Ceará, dando ás mãos para se enlaçar com ella na causa da commum liberdade e systema da confederação; e que o mesmo declarara o governo do Piauhy ao do Ceará.

Do Maranhão lemos no *Constitucional*, de França, de 12 de Maio, um extracto do *Globe and Traweller*, no qual se diz, que por cartas do Maranhão de 19 de Março se sabe, que naquella provincia tem apparecido perturbações serias.

O commandante militar, que temia o estabelecimento de um governo republicano, havia feito prender o presidente e secretarios da junta; mas as tropas, compostas na totalidade de Brazileiros, recusaram obedecer as ordens do commandante, o qual foi preso e remettido para o Rio de Janeiro.

Lá deu o Burgos com os burros n'agua!

Quando acabavamos de ler e transcrever este artigo, recebemos os *Diarios do Governo*, do Ceará, até o n. 12, e no de quarta feira 2 de Junho lemos o officio de 19 de Maio do governo do Ceará, em

resposta de um de 23 de Fevereiro do governo de Maranhão; no qual tratando o governo do Ceará sobre a união das provincias do norte, para resistirem aos planos do despotismo, diz: *Temos Pernambuco, Parahiba e Piauhy; temos tudo ao norte da Bahia para fazer-se uma barreira invencivel aos progressos do despotismo tão ardiloso em suas maneiras, quanto hoje nós somos atilados em as mallograr.* E uma carta de pessoa fidedigna do Ceará, de 20 de Junho, a outra desta praça, diz: *Os passos do liberrimo Ceará foram seguidos pelas provincias de Piauhy, Maranhão e Pará, lançando todas fóra os presidentes e secretarios remettidos pelo Rio.*

O Ceará tem tomado uma attitude, que mostra a sua decisão energica contra os planos do Rio de Janeiro, e qualquer aggressão externa.

Tendo o juiz de fóra do Aracaty (*) feito a brejeirada de mudar dos sentimentos, que havia mostrado na sessão daquella camara de 9 de Fevereiro, com a chegada do presidente Pedro José da Costa Barros, fazendo com que as camaras do Aracaty, em sessão de tantos de Abril, e de S. Bernardo, em sessão extraordinaria de 8 de Junho, pedissem ao imperador fizesse jurar por todo imperio o projecto da constituição, foram as camaras reprehendidas pelo governo, as actas aspadas, o juiz de fóra demittido do serviço e expulso da provincia com o seu socio Felippe Mena Calado da Fonseca; bem como expulsos dos empregos, cargos e postos todos os Portuguezes, que os serviam. Estabeleceram um deposito de farinhas e mais legumes, arsenal e paiol de polvora, para servirem no caso da invasão, na villa de Montemor Novo; mandaram apromptar ás estradas da capital para o interior carros machêos, para transporte dos petrechos militares.

Toda mocidade reduziu-se a aprender o manejo das armas, dando-lhes o mais attendivel exemplo o seu presidente Araripe em campo, a exercicio diario de fuzilaria no campo, e de artilheria na Fortaleza; o mesmo se tem praticado com os ordenanças, sendo os que não tem armas de fogo obrigados a aprender o exercicio do arco e flechas, devendo ter cada um vinte e quatro e dous arcos.

Crearam uma junta de commissão para tratar da agricultura, e outra da defeza e segurança da provincia, a qual dividindo a costa em diversas partes, tem em todas posto presidios, que prohibam o desembarque aos inimigos externos; e mandaram vir de Inglaterra um preparo de artilheria, de que já estão de posse, de vinte e seis peças de artilheria de diversos calibres de 9 até 32, duas mil e quinhentas balas, onze mil e duzentas libras de metralha, oitocentas granadeiras, cincoenta pares de pistola, trezentas e cincoenta espadas de cavallaria, trinta e duas mil pederneiras, quinhentos ternos

---

(*) Ao depois desembargador Luiz Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque.

(*Nota do collecionador.*)

de cartucheiras, quinze barris de chumbo,trezentos e setenta e cinco barris de polvora, e outros utencilios proprios para defeza, no caso de invasão.

Estabeleceram estafetas que levassem duas vezes por mez as communicações até o Pará.

Quem lhes ministrou, aos Cearenses, planos tão bem concertados, providencias tanto a tempo e cautelosas?

Qual tem sido a provincia do Brazil, que tem desenvolvido tanto liberalismo e despregado tanta energia?

Que exemplo mais imitavel aos povos do Brazil?

Pernambuco mesmo deve fitar os olhos no Ceará, e confundir-se.

Ali alçou o primeiro grito a liberdade, e o seu echo fez estremecer o coração do imperio. Os aulicos do Rio enfiaram, e o despotismo, com a bocca ensanguentada, está a ver o seu throno derrubado por momentos, qual a estatua de Nabuco, cujos pés de barro não poderam sustentar os diversos metaes da sua mole.

Iguaes são as noticias, que temos do Pará.

O mesmo espirito se desenvolveu nessa provincia desde o mez de Outubro do anno passado,depois que o scelerado Inglez Remflet, commandante do brigue *Maranhão*,para sustentar o partido dos corcundas ou imperiaes, fez fuzilar no convés do navio *Chocalho* a duzentas e cincoenta e seis Paraenses.

Lemos no *Constitucional*,de França, de 27 de Abril, um extracto do *Courrier*, no qual se conta,que as novas trazidas a Inglaterra pelo navio *L'Hebe* eram, que todos os Inglezes, que estavam naquelle porto, foram obrigados á partir a pressa para a Ilha Barbada, havendo o capitão do dito navio recebido carta do vice-consul inglez, participando-lhe, que a vida e propriedades dos Inglezes não estariam em segurança, depois da partida da fragata *l'Imperatrice* e do brigue *Maranhão*, que iam a dar á vela; e que o mesmo governo local recusara garantir a salvação desses estrangeiros.

No mesmo *Constitucional*, de 30 de Abril, lemos, que uma embarcação de Cayenna, chegada ao Pará, fora obrigada a dar á vela, sem poder vender a sua carga, por haver apparecido ali uma revolução. O capitão deste navio pretendia, que as ruas do Pará estavam innundadas de sangue. O governador de Cayenna, dizia-se ter enviado um brigue e uma galeota em soccorro das pessoas, que quizessem pôr-se debaixo do pavilhão francez.

Estes successos são uma parte do que nos conta summariamente o *Diario do Governo*, do Ceará, n. 6, e n'um extracto da *Gazeta do Maranhão* do modo seguinte:

" Os independentes do Grão Pará, com as tropas e seu illustre bispo, retiraram-se á Cametá, e lá fortificados das tribus corajosas dos indigenas sitiaram a cidade, occupada pelos Europeus e Inglezes. Foi por entre raios de fogo, que os nossos bravos recobraram a capital da mais vasta das provincias do Brazil, levando diante de si a carnagem e o sangue, em retorno das atrocidades, que sobre elles haviam exercitado nossos implacaveis inimigos. Espalhou-se

o horror por toda parte, e os inimigos fugiram em uma embarcação para as Martinicas, sahindo em cata delles dous navios de guerra. Chegam aqui, (Maranhão) effectivamente gentes do Pará, e annunciando-se a vinda de uma embarcação com Europeus, o governo (do Maranhão) mandou ordem a Fortaleza para não passar da Ponta da areia (baixos da barra) e remetter com elles os Europeus suspeitos para a Europa. "

Porém como provam esses successos um espirito liberal, e união com as demais provincias de norte do Brazil, nos perguntam os *endemoniados ?*

Oh geração mais perversa e má, que a dos Genezarenos ! Pois não vêdes, que aquelle horrendo massacre foi feito pelos infames Inglezes, á soldo do imperador, combinados com os Portuguezes, seus patricios, e o governo d'então do Pará, valongo de seus escravos ?

Não vêdes, que o imperador nenhum castigo deu áquelles monstros, antes retendo nas prisões do Rio o conego Campos, presidente escolhido pela tropa, deu uma approvação tacita áquella carneceria, revoltou toda provincia, que tomou a vingança por suas mãos, e repetiu em seu furor o massacre de S. Bartholomeo em França ?

Esperaes, que, depois de uma tal demonstração da parte daquelle povo, haja este de lembrar-se do defensor perpetuo, que longe de os defender, antes approva os seus males, e os estragos, e deixando impunes os monstros, castiga os innocentes ?

Si os Paraenses, quando se propozeram á essa vingança, tivessem em vista o ficarem ainda na obediencia e reconhecimento do imperador, estavam todos perdidos ; eram credores de grandissimos castigos, pois que sabiam muito bem, que a vingança privada é prohibida por todas leis. Logo, quando se fizeram justiça por suas mãos, só com esse passo deram a conhecer, que não temiam a nenhuma autoridade sobre si, de quem podessem receber a punição ; e como por si sós não podiam lutar com as forças de S. M., nada lhes restava que unir-se á confederação das provincias, que se iam declarando contra o absolutismo, como testificam as noticias que allegamos.

Então, Srs. *endemoniados*, que dizem a isto ?

Ainda que a Parahiba do norte não esteja de todo tranquilisada, para fazer apparecer com mais energia o espirito liberal, que anima os povos daquella provincia, com tudo a retirada fugitiva do novo Nero com os demagogos imperiaes, que introduziram a ruina naquelle povo, é já um preludio de que brevemente veremos surgir uma nova ordem de cousas, que hade curar tantas chagas domesticas, e sustentar a vida a todo Brazil.

A convenção entabolada na villa Nova do Conde (Jacoca) a 15 do passado teria trazido a paz áquella provincia, si não fora o couce do ilheu Joaquim José Luiz, que imitando a Judas na perfidia, o não quiz seguir na desesperação.

Não é para admirar, que deste geito pagasse aos extranhos o

acolhimento, a amizade e os adiantamentos, que lhe deram, quando em 1817 desconheceu, e prendeu seus proprios patricios e socios naquella revolução ! O trahidor uma vez,é trahidor toda sua vida. De ordinario esses desgraçados, inaccessiveis a um verdadeiro arrependimento, acabam os destestaveis dias como o Iscariotes, *qui laqueo se suspendit.*

Como, porém, o corpo social daquella provincia se ache sem os membros grangrenados, que lhe causavam a morte ; as pessoas de consideração e probidade emigrassem da cidade para não serem o joguete do Tapiti e sua quadrilha desenfreiada ; o pro-presidente tenente coronel Alexandre Seixas, vassallo do rei D. João VI,tenha tanto credito e bonhomia na cidade, que já assim mesmo se revoltou Mamanguape, e se ache elle quasi isolado,como avestruz no deserto, procure acommodação com as forças auxiliadoras da Feira velha e com o governo de Pernambuco ; e finalmente como as tropas natalenses estejam de marcha para soccorrer os liberaes das porvincias,nada ha mais que receiar de entraves daquella provincia á causa da liberdade do Brazil, e á confederação do Equador, muito principalmente quando consta, que já se acham em marchas para as immediações daquella cidade as valentes tropas do Ceará.

ACAMPAMENTO DA COLUMNA LIBERAL NO ANTUMES.

O inimigo sabendo, que o major Pitanga sahira com a terceira parte da força para cortar o passo aos ladrões, que intentavam passar além do rio *Una*, por se haver seductoramente debandado a columna da direita, commandada pelo tenente coronel Sebastião dos Oculos ; e ao mesmo tempo que se expediram para aquella campanha novas forças terrestres, debaixo do commando do corajoso capitão Carapeba, e por mar dous brigues para lhes prohibir a fuga, tentou dar um assalto geral para experimentar a fortuna, antes que se effectuasse a reunião das forças liberaes, e lhe fosse mais impraticavel algum exito.

A este fim chamou para o acampamento a força, que tinha em Jacuipe, constando de quatro centas praças, a maior parte caboclos, deixando alguns para entreter o Pitanga.

Neste proposito, ás duas horas da tarde do dia 17 do passado, sahiu de sua trincheira em numero acima de sete centos e cincoenta praças,e atacou a nossa linha em geral com uma furia não esperada; e si não encontrasse uma maior intrepidez em quasi cento e sessenta liberaes, de certo passaria a columna liberal por algum enxovalho, e destroço.

Nova prova de que não é o numero dos soldados, que adquire as grandes victorias ; sim o valor e a disciplina. Desde os Hebreos na livrança do captiveiro dos Madiatinas, conseguida por trezentos soldados de Gedeão, nada obstante constar o seu exercito de trinta

e dous mil combatentes, até nós, ainda esta verdade não soffreu falha alguma.

O combate durou tres horas com encarniçamento de parte a parte. Depois deste tempo o inimigo apresentou a mais inesperada cobardia, retirando-se desordenadamente, deixando o campo coberto de mortos e feridos, e perdendo, dizem,cinco officiaes, Leitão, Muniz, Cruz, Innocencio e Mayer, e quatro feridos,Lamenha, Seara, José Joaquim, etc.

A nossa perda foi diminuta, comparativamente á do inimigo, pois constou de onze mortos e trinta e tres feridos, a maior parte gravemente.

Si a conduta de toda a columna liberal fosse igual a do 3°.batalhão, que sobre a praia sempre occupou o ponto de maior perigo com desmarcado denodo, talvez que o inimigo não voltasse mais para os seus covis ; mas vozes de espanto dadas no 3°. batalhão por alguns officiaes, que cobardemente fugiram do fogo, introduziram nos soldados um terror panico, de modo que esteve a acção quasi perdida. Na batalha dos tres imperadores, sendo os Russos, já vencedores, incutidos de um terror panico, cederam o campo da batalha, e a victoria aos Francezes, já vencidos.

Os cobardes autores desse temor, tenentes Manoel Cavalcanti de Mello e Antonio Luiz Vianna e o alferes Camillo de Lelis,levaram baixa com infamia, e foram presos para bordo do brigue guerra *Constituição ou Morte.*

Houveram muitos officiaes dignos de um notavel elogio no nosso acampamento, dos quaes fallaremos no numero seguinte ; pois que a imparcialidade e justiça nos prescreve o varejo do vicio e dos erros, bem como o louvor da virtude e dos acertos.

Não podemos cerrar este numero sem reflectirmos sobre o deleixo e falta de patriotismo da maior parte dos empregados publicos, no perigo evidente e imminente da patria.

Assentam esses senhores, que em indo lá para suas repartições ás horas do costume,e fazendo aquelles officios ordinarios em tempo de paz, tem cumprido com seus deveres, e não são obrigados a mais nada ; e que a defeza da patria e delles mesmos deve ficar confiada unicamente aos militares da primeira e segunda linha. Senhores empregados publicos, entendamo-nos ; as obrigações de Vmcs., na crise actual, não se limitam unicamente áquelles deveres dos seus despachos, no tempo de paz.

Quando a patria está em perigo, todo cidadão é soldado ; todos se devem adextrar nas armas para rebater o inimigo aggressor. Não é bastante que Vmcs., na occasião do aperto maior, saiam de suas casas com algumas pistolas ou facas, ou outras quaesquer armas, sem disciplina, sem ordem e sem chefe habil nos negocios de guerra; um tal estado só póde causar a confusão e a desordem.

O tempo é de atropello, devem Vmcs. atropellar tambem a economia de suas acções.

O governo e junta da fazenda publica já não podem lêr a enormidade de requerimentos para augmento de ordenados,e Vmcs.

não só não tem augmentado o seu zelo pelo bem da patria, como mesmo nos deveres dos seus lugares não tem adiantado nada.

Consta, que as diversas estações estão muito mal administradas; as escripturações atrasadissimas; tudo em geral em confusão vergonhosa ; porque a maior parte de Vmcs. gastam horas e horas em apararem pennas, e outras tantas em estarem a pintar lettras, e outras a praticar sobre materias fóra de suas obrigações.

O primeiro official da secretaria do governo teve ordem para fazer cartas de convite, para as pessoas que deviam compôr um dos conselhos passados, e muito pouca gente assistiu ; porque o bom do official deu por desculpa ter-se seguido,depois da ordem,um domingo, que era dia feriado, no qual elle por ser muito religioso não trabalhava ; e o governo foi inteiramente indifferente por essa indolencia.

Os militares estão atropellados em seu serviço, pois que assim pedem as conjuncturas actuaes ; e só Vmcs. querem permanecer na marcha morosa, e em grande parte vadia de seus officios.

Não pode ser.

Comparemos a nossa conducta com a da provincia do Ceará, onde tudo está em agitação, tudo aprende o exercicio de mosquetaria e artilheria, sem exceptuar mesmo o seu patriota presidente, e confundamo-nos.

Portanto, senhores empregados, ás armas, ás armas. A patria está em perigo ; é quanto basta.

Cautela, união, valor constante.
Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

ADVERTENCIA DO REVISOR

Por mais cuidado empregado na rectificação das provas, não foi possivel expurgar no todo esta obra de erros typographicos em sua impressão demorada e composição custosa, e especialmente pela forma e pelo estado dos escriptos, que a constituem.

Não importa agora, porém, saber si foram elles devidos ou á revisão mesma, ou á não execução da corrigenda respectiva, não verificada na ausencia de uma prova ultima sobre o prelo.

O certo é que a existencia alludida é real. Mas tambem esses erros não passam de incorrecções orthographicas de facil alcance, e de haver em algumas palavras escapado a presença de typos de caracteres differentes; o que evidentemente não influindo na essencia desta publicação, pode-se prescindir de erratas.

Os leitores supprirão taes erros com toda competencia.

Nesta publicação não ha addicionada materia alguma á collecionada pelo commendador A. J. de Mello, por contracto com a provincia.

Procurou-se haver, é verdade, quaesquer outros escriptos que não fizessem parte da collecção, e por ventura existissem em poder d'alguem, para que, addicionados á mesma collecção na respectiva impressão, assim se chegasse ao complemento do fim desta obra, em homenagem ao pensamento commum do legislador, que lhe autorisou a publicação, e do administrador que a executou.

Nada obteve-se.

Foram inuteis todos os esforços neste sentido.

Da *Historia de Pernambuco*, a que allude o commendador A. J. de Mello á pagina 18 do 1.º volume, quem ora traça estas linhas, muito antes desta publicação sahir do limbo, soube de um parente mui proximo do finado Fr. Caneca, que existia o respectivo autographo, e tinha-o elle mesmo em seu poder.

Verdadeira preciosidade, cujo destino ignorava-se ha longos annos, segundo o dissera o commendador Mello, no lugar citado, aquelle conhecimento occasional afigurou-se de um *eureka* á pessoa, a quem fora elle dado em conversa acerca do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Assim, quando incumbido da revi-

são desta obra pelo Exm. Desembargador Henrique Pereira de Lucena, procurou opportunamente, em lembrança da anterior affirmação, haver do referido parente o manuscripto para incluil-o nesta publicação; mas a isso recusou-se elle sob pretextos inconciliaveis com os sentimentos de patriotismo, de amor proprio e de caridade christã até.

Vingava-se da geração coeva áquelles tempestuosos tempos e sangrentas luctas, que a historia consigna, sobre a presente geração, que eregia á victima politica um monumento honroso na divulgação das proprias obras, testemunho vivaz da injustiça dos seus contemporaneos, e sobre as futuras, que nenhuma solidariedade podem ter em factos preexistentes, e ás quaes portanto se não deve recusar o direito de conhecer e apreciar o passado.

E, assim,quando effectivamente exista esse manuscripto, pode-se considerar como perdida a alludida composição; a qual jámais será dada á estampa.

Singular parricidio!

Já em fim desta publicação, houveram-se duas poesias não comprehendidas nella; uma das quaes é variante da producção poetica da pagina 52 do livro primeiro. Taes poesias hão tido curso sob denominação de *Hymno de Fr. Caneca.*

Não devendo ficar esparsas, por isso incluem-se em seguida.

I

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração:
A patria robou-m'o todo;
Marilia que chore em vão.

Marilia, pede a teus filhos,
Por minha propria abenção,
Morram, como eu, pela patria;
Marilia que chore em vão.

Apenas forem crescendo,
Cresçam co'as armas na mão,
Saibam morrer, como eu morro;
Marilia que chore em vão.

Defender os patrios lares,
E' dever do cidadão.
Quando exhalem pela patria ;
Marilia que chore em vão.

II

Para defender a patria
Menino homem se faz,
Em dando a vida por ella ;
Morrendo, não peno mais.

De que me serve viver
Entre suspiros e ais ?
Si vivo, vivo penando ;
Morrendo, não peno mais.

Inda que eu queira, não posso
Existir entre os mortaes.
A morte serve de allivio ;
Morrendo, não peno mais.

Oh ! morte, porque não vens
Findar meus dias fataes ?
Si vivo, vivo penando ;
Morrendo, não peno mais.

Occupando-se ás paginas 47 e 48 do 1.° volume o commendador A. J. de Mello das razões, que determinaram o finado Fr. Caneca a dar á estampa o *Typhis*, indica ter sido a sua publicação iniciada em 25 de Dezembro de 1824 e a respectiva existencia haver-se prolongado até 12 de Agosto do anno seguinte, manifestada na publicação de *vinte nove numeros*.

Estes, declara-o o mesmo commendador A. J. de Mello, o leitor os achará em sua totalidade nesta obra.

Na assignalação, porém, do nascimento e vida do *Typhis* jornalismo ha um evidente lapso de penna, na parte rela[illegible]

annos indicados, que são os de 1823 e de 1824, e não os de 1824 e 1825, como vê-se dos proprios numeros do periodico, e resulta da interrupção deste pela sahida para o Ceará em 16 de Setembro de 1824 do seu redactor, e do fuzilamento do mesmo em 13 de Janeiro de 1825.

Estes dados colhem-se desta mesma obra.

E, pois, em presença da autoridade, que escreveu a noticia sobre Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca como prefacio á collecção de seus escriptos, só a causa assignada póde ter motivado esse anachronismo.

Quanto a existencia dos vinte nove numeros do *Typhis* como parte desta obra, cabe repetir com relação ao numero XXIX o que ficou notado a pagina 538 deste volume a respeito do numero XVII, isto é, que á collecção do *Typhis* faltaram esses dous numeros, cuja ausencia não foi possivel supprir.

Esta falta dupla, como ali já se disse, parece ser originaria, e não consequente de posterior descaminho, resultante da via dolorosa por onde andaram os autographos, desde a perda delles até a sua invenção feliz em uma barrica, como annunciaram os jornaes desta capital.

Todos os numeros, que fazem a materia da secção ultima desta obra, estavam brochurados; e nada revelava, que os faltos tivessem sido subtrahidos depois de colleccionados integralmente.

Os numeros originaes do *Typhis* pôde-se reproduzir, sem maior damnificação material dos exemplares respectivos.

Isso foi recommendado muito especialmente aos senhores compositores, para que se podesse, ultimada a reimpressão, recolher os mesmos exemplares ao archivo do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* como offerta mui preciosa.

Essa intenção vai ser realisada.

O *Instituto Archeologico* terá assim em seu archivo a unica collecção talvez existente daquelle periodico, ainda que falha de dous numeros.

Alli serão lidos no proprio original.
